

**Discurso educacional contemporâneo:
inventário analógico**



Julio Groppa Aquino

Julio Groppa Aquino

**Discurso educacional contemporâneo:
inventário analógico**

DOI: 10.11606/9786587047164

· FEUSP

São Paulo

2021

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Common* indicada.



Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

Faculdade de Educação
Diretor: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira
Vice-Diretor: Prof. Dr. Vinício de Macedo Santos

Direitos desta edição reservados à FEUSP
Avenida da Universidade, 308
Cidade Universitária – Butantã
05508-040 – São Paulo – Brasil
(11) 3091-2360
E-mail: bibfe@usp.br
<http://www4.fe.usp.br/>

Catálogo na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

A657d Aquino, Julio Groppa
Discurso educacional contemporâneo: inventário analógico /
Julio Groppa Aquino. -- São Paulo: FEUSP, 2021.
5.965 Kb; PDF

ISBN 978-65-87047-16-4 (E-book)
DOI: 10.11606/9786587047164

1. Discurso educacional 2. Inventário 3. Arquivo I. Título

CDD 22. ed. 37.01

Ficha elaborada por: Nicolly Leite – CRB-8/8204

Para a Sandra Corazza,
presença inextinguível.

SUMÁRIO

<u>PRÓLOGO</u>	<u>7</u>	MEMÓRIA	169
<u>GRANDEZAS</u>	<u>14</u>	COTIDIANO	172
ZERO	15	REALIDADE	175
DEZENAS	18	UTOPIA	178
CENTENAS	21	PÓS-MODERNIDADE	181
MILHARES	24	GERAÇÕES	184
MILHÕES	27	BEBÊS	187
TUDO	30	CRIANÇAS	190
NADA	33	MENINOS/MENINAS	193
METADE	36	JOVENS	196
MUITO	39	ADULTOS	199
POUCO	42	MAIS VELHOS	202
BASTANTE	45	FAMÍLIA	205
NENHUM	48	FILHOS	208
SUFICIENTE	51	PAIS	211
INSUFICIENTE	54	MEU PAI	214
IDEAL	57	MINHA MÃE	217
MÁXIMO	60	<u>EMERGÊNCIAS</u>	<u>220</u>
MÍNIMO	63	SÉCULO XXI	221
AUMENTO	66	TECNOLOGIA	224
DIMINUIÇÃO	69	MÍDIA	227
GANHO	72	TELEVISÃO	230
PERDA	75	COMPUTADOR	233
EXCESSO	78	CELULAR	236
FALTA	81	INTERNET	239
EXAGERO	84	REDES SOCIAIS	242
DÉFICIT	87	VIRTUAL	245
DESPERDÍCIO	90	GLOBALIZAÇÃO	248
EXCEÇÃO	93	NEOLIBERALISMO	251
TODOS	96	DINHEIRO	254
NINGUÉM	99	MERCADO	257
MUITOS	102	MARKETING	260
POUCOS	105	CONSUMIDOR	263
MAIORIA	108	EMPREENDEDORISMO	266
MINORIA	111	TERCEIRIZAÇÃO	269
QUALQUER UM	114	ONGs	272
<u>DURAÇÕES</u>	<u>117</u>	RUA	275
TEMPO	118	CIDADE	278
VIDA	121	PERIFERIA	281
SOBREVIVÊNCIA	124	FAVELA	284
NASCIMENTO	127	POLÍCIA	287
MORTE	130	POVO	290
PRESENTE	133	ELITE	293
PASSADO	136	CLASSE MÉDIA	296
FUTURO	139	RACISMO	299
PROGRESSO	142	COTAS	302
OBSOLESCÊNCIA	145	NEGROS	305
NOVIDADE	148	INDÍGENAS	308
MESMICE	151	POBRES	311
RÁPIDO	154	PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	314
DEVAGAR	157	MULHERES	317
URGÊNCIA	160	HOMOSSEXUAIS	320
HÁBITO	163	VÍTIMA	323
SURPRESA	166	HERÓI	326
		SAÚDE	329

DOENÇA	332	INJUSTIÇA	510
CORPO	335	ÉTICA	513
CÉREBRO	338	MORAL	516
SEXO	341	VALORES	519
DROGAS	344	REGRAS	522
CRISE	347	CIDADANIA	525
CAOS	350	DIREITO	528
BAGUNÇA	353	AUTONOMIA	531
PROBLEMA	356	IDENTIDADE	534
DIFICULDADE	359	PESSOAS	537
NECESSIDADE	362	PARTICIPAÇÃO	540
INUTILIDADE	365	COMUNIDADE	543
PREJUÍZO	368	POPULAÇÃO	546
CORRUPÇÃO	371	SOCIEDADE	549
RISCO	374	CULTURA	552
AMEAÇA	377	HUMANIDADE	555
PERIGO	380	RELIGIÃO	558
VIOLÊNCIA	383	DEUS	561
TRAGÉDIA	386	BÍBLIA	564
MILAGRE	389	CLÁSSICOS	567
ESCÂNDALO	392	UNIVERSIDADE	570
ABSURDO	395	ESPECIALISTAS	573
MARAVILHA	398	OFÍCIO	576
HORROR	401	RIGOR	579
INCRÍVEL	404	IMPROVISO	582
HORRÍVEL	407	TALENTO	585
LUXO	410	ESTILO	588
LIXO	413	ESFORÇO	591
IMPOSSÍVEL	416	COMPROMISSO	594
CÂNONES	419	OBRIGAÇÃO	597
BRASIL	420	RESPONSABILIDADE	600
BRASILEIROS	423	VOCAÇÃO	603
GOVERNO	426	POSTURA	606
POLÍTICA	429	PAPEL	609
PODER	432	TAREFA	612
ESTADO	435	MISSÃO	615
SISTEMA	438	GESTOS	618
MODELO	441	PENSAMENTO	619
CAPITALISMO	444	INTELIGÊNCIA	622
BUROCRACIA	447	CURIOSIDADE	625
DEMOCRACIA	450	CONSCIÊNCIA	628
DITADURA	453	CRÍTICA	631
REVOLUÇÃO	456	INFORMAÇÃO	634
ESQUERDA	459	OPINIÃO	637
IDEOLOGIA	462	A FAVOR	640
POESIA	465	CONTRA	643
LIBERDADE	468	CONSENSO	646
IGUALDADE	471	EQUÍVOCO	649
DESIGUALDADE	474	MENTALIDADE	652
DIVERSIDADE	477	INCERTEZA	655
ESTEREÓTIPO	480	CRENÇA	658
EQUIDADE	483	POLÊMICA	661
DISCRIMINAÇÃO	486	SEM SENTIDO	664
INCLUSÃO	489	VERDADE	667
EXCLUSÃO	492	MENTIRA	670
CONVIVÊNCIA	495	RETÓRICA	673
CONFLITO	498	BOBAGEM	676
TOLERÂNCIA	501	ERRO	679
PRECONCEITO	504	PARADOXO	682
JUSTIÇA	507	CONTRADIÇÃO	685

MITO	688	PAIXÃO	866
TABU	691	VERGONHA	869
SEGREDO	694	SOFRIMENTO	872
MISTÉRIO	697	PRAZER	875
SABEDORIA	700	CULPA	878
IGNORÂNCIA	703	DESCULPA	881
PARADIGMA	706	IMAGINAÇÃO	884
MODISMO	709	FANTASIA	887
INOVAÇÃO	712	SONHO	890
TRADIÇÃO	715	ILUSÃO	893
MUDANÇA	718	IMPRESSIONANTE	896
REPETIÇÃO	721	ESPANTO	899
CRIATIVIDADE	724	INSPIRAÇÃO	902
MEMORIZAÇÃO	727	FRUSTRAÇÃO	905
EXPERIÊNCIA	730	SATISFAÇÃO	908
REPRODUÇÃO	733	MOTIVAÇÃO	911
TRANSFORMAÇÃO	736	CHATICE	914
PROGRESSISTA	739	INTERESSE	917
CONSERVADOR	742	PRESSÃO	920
PROMESSA	745	INSEGURANÇA	923
SALVAÇÃO	748	VONTADE	926
PROIBIDO	751	SENSIBILIDADE	929
PERMITIDO	754	SOLIDARIEDADE	932
AUTORIDADE	757	HUMILDADE	935
AUTORITARISMO	760	ORGULHO	938
SILÊNCIO	763	DIGNIDADE	941
BARULHO	766	HUMILHAÇÃO	944
DIÁLOGO	769	EMPATIA	947
RESPEITO	772	CARINHO	950
DESRESPEITO	775	AMIZADE	953
PROTEÇÃO	778	ADMIRAÇÃO	956
ABUSO	781	AGRESSIVIDADE	959
AJUDA	784	CONFIANÇA	962
COMPETIÇÃO	787	DESESPERO	965
PROTAGONISMO	790	ESPERANÇA	968
ABANDONO	793	PESSIMISMO	971
VALORIZAÇÃO	796	GENEROSIDADE	974
DESVALORIZAÇÃO	799	TRANQUILIDADE	977
DESAFIO	802	ANSIEDADE	980
RESISTÊNCIA	805	ÂNIMO	983
LUTA	808	TÉDIO	986
FORTE	811	CORAGEM	989
FRACO	814	MEDO	992
AFETOS	817	PACIÊNCIA	995
SUBJETIVIDADE	818	PREGUIÇA	998
PERSONALIDADE	821	ESTRESSE	1001
INDIVIDUALISMO	824	VULNERABILIDADE	1004
AUTOESTIMA	827	ANGÚSTIA	1007
BEM-ESTAR	830	CANSAÇO	1010
FELICIDADE	833	SOLIDÃO	1013
EMOÇÃO	836	CULMINÂNCIAS	1016
BELEZA	839	CREDENCIAIS DOS/AS	
ALEGRIA	842	DEPOENTES	1025
TRISTEZA	845	ÍNDICE ONOMÁSTICO	1075
HUMOR	848	ÍNDICE REMISSIVO	1106
AMOR	851	FONTES	1143
ÓDIO	854	POSFÁCIO	1214
ENCANTAMENTO	857		
DESEJO	860		
SEDUÇÃO	863		

PRÓLOGO

O trabalho que ora vem a público resulta de uma empreitada que se estendeu por toda a última década. Mais especificamente, trata-se de um dos desdobramentos do projeto de pesquisa, sob minha responsabilidade, referente à bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, no triênio 2015-2017.

O *delay* em relação à sua publicação deve-se ao fato de que a execução do referido projeto prolongou-se por mais três anos após o prazo previsto para seu encerramento. Saiba-se, igualmente, que o estudo iniciou-se alguns anos antes de sua submissão à agência de fomento. Mostra disso é a publicação de um artigo, já em 2013, contendo reflexões sobre uma pequena parte do material investigado, a título de estudo-piloto do que viria, mais tarde, a constituir a pesquisa propriamente.¹

Conforme se constatará nas páginas seguintes, o escopo analítico da empreitada consistiu em pôr em marcha, mais uma vez e quiçá de modo desassombrado, a discursividade multifacetada e dispersiva que cadenciou o campo educacional no Brasil durante as últimas quatro décadas, responsável por contornar as experiências possíveis que aí tomaram lugar.

Para tanto, fez-se necessário constituir um *corpus* documental capaz de contemplar, com certas razoabilidade e suficiência, a multiplicidade esfuziante das ideias pedagógicas em circulação no País. Daí a escolha da imprensa periódica educacional como fonte do estudo, uma vez que as revistas de divulgação, de cunho não acadêmico, sustentaram-se, durante décadas, não apenas como locus privilegiado de reverberação dos ditames discursivos da época, mas também como veículo efetivo de disseminação de determinadas racionalidades e das obrigações a elas inerentes – para muito além, admita-se, de seu propósito confesso de difundir informações com vistas a uma maior qualificação de seu público-alvo: os profissionais da educação nacional.

De pronto, o arquivo constituído suscitava algumas perguntas-chave: quem eram as *autoridades* às quais foi atribuída a prerrogativa de *instruir* os/as

¹ AQUINO, J. G. Pedagogização do pedagógico: sobre o jogo do *expert* no governmentamento docente. **Educação**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 201-209, maio/ago. 2013.

educadores/as? Quais eram seus principais focos de interesse, suas diretivas, suas admoestações? Em suma, qual horizonte discursivo tais forças discursivas empenhavam-se em antecipar?

Mediante a exigência de um recorte investigativo factível do universo empírico em questão – muitas outras entradas nesse arquivo teriam sido possíveis, ressalve-se –, o estudo ocupou-se das entrevistas concedidas por uma gama de expoentes do campo pedagógico e, algumas vezes, de outros campos afins, os quais figuraram de modo destacado – em geral, na abertura das edições – em 10 diferentes revistas. São elas: *Carta* (em suas duas versões: *Carta na escola* e *Carta Fundamental*); *Educação*; *Nova Escola*; *Presença Pedagógica*; *Profissão Mestre*; e *Pátio* (em suas quatro versões: *Pátio*, *Pátio Educação Infantil*, *Pátio Ensino Fundamental* e *Pátio Ensino Médio Profissional e Tecnológico*).

O arquivo em tela engloba 1.165 entrevistas envolvendo 896 depoentes, subdivididos/as em 304 estrangeiros/as (ou brasileiros/as radicados/as no exterior) e 592 brasileiros/as (ou estrangeiros/as radicados/as no Brasil). A diferença entre o número de entrevistas e o de depoentes deve-se às múltiplas aparições de uma mesma pessoa em diferentes entrevistas, seja em revistas distintas ou, em alguns casos, na mesma revista.

O intervalo temporal recoberto pelo estudo contempla desde a primeira entrevista registrada (no número 5 da então recém-lançada *Nova Escola*), em 1986, até o conjunto daquelas publicadas no final de 2019, perfazendo o total de 34 anos. Importante ressaltar que se privilegiou a modalidade da publicação em papel; algumas vezes, mais tarde, de modo concomitante à sua versão *on-line*. É o caso de *Nova Escola*, que deixou de ser veiculada de forma impressa no final de 2019, de modo análogo às duas outras publicações congêneres ainda em circulação: *Educação* e *Presença Pedagógica* (rebatizada em 2019 como *Presença Pedagógica em Sala de Aula*).

Isso significa que, no referido intervalo de tempo, as seguintes revistas foram descontinuadas: *Carta na escola* e *Carta Fundamental* (cessaram em 2015), *Profissão Mestre* (cessou em 2016), *Pátio* (cessou em 2010), assim como *Pátio Educação Infantil*, *Pátio Ensino Fundamental* e *Pátio Ensino Médio Profissional e Tecnológico* (cessaram em 2018).

Em face da profusão e da densidade do material coletado, fez-se necessário organizar as informações, primeiramente, via a criação de determinadas categorias calcadas nas temáticas aludidas de modo prevalente nas entrevistas. Uma vez selecionadas tais categorias, elas desdobravam-se, logo em seguida, em subcategorias que, por sua vez, reclamavam novas subcategorias, atingindo uma configuração de fato panorâmica do arquivo, não obstante labiríntica e, não raras vezes, obstaculizadora do pensamento. O detalhamento convertia-se, paradoxalmente, em anteparo do olhar.

Como se pode deduzir, tratou-se de uma empreitada sisífica, uma vez que, por meio do recurso da categorização temática, perfazia-se uma espécie de redundância narrativa do que já estava ali prefigurado. Mais ainda, os esforços organizativos acabavam propiciando um conjunto de noções meramente especulares de um território a perder de vista, sem contanto serem capazes de proporcionar um efeito destrinçador daquela massa de dados ainda espessa.

Disso derivou a lenta gestação de outro tipo de endereçamento à prolixidade estanque – quando disposta em termos temáticos – da discursividade em tela. Urgia experimentar uma alternativa mais movente e, porventura, capaz de desestabilizar a forma como o material insistia em figurar; algo análogo, guardadas as proporções, a outras duas iniciativas já levadas a cabo.²

Daí a emergência de uma segunda investida no arquivo, doravante em favor de certa inventariação da discursividade em tela, a reboque da seguinte definição sumária:

Inventariar significa somente escolher, recolher, nomear, numerar, classificar e deixar à disposição. Esta concepção do inventário, como gesto burocrático, pressupõe, no entanto, o seu oposto: uma outra escritura, superior, na qual a elaboração depende de algo além dessa simples reunião de elementos.³

Esse *algo além*, é forçoso reconhecer, não se daria sem uma resoluta virada procedimental. No caso, em vez de categorias temáticas calcadas em uma configuração longitudinal dos enunciados, era preciso criar um modo – em diagonal, mais precisamente – de enfeixar as proposições dos/as depoentes, com

² AQUINO, J. G. Total, totais. **Sala Preta**, São Paulo, v. 7, p. 91-102, 2007; AQUINO, J. G. Fragmentos de um discurso sobre a infância. In: RESENDE, H. (org.). **Michel Foucault: o governo da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 165-197.

³ PIMENTEL, L. **O inventário como tática: a fotografia e a poética das coleções**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014, p. 27.

vistas a uma remontagem mais exógena dos vetores discursivos aí em operação. Trocando em miúdos, era preciso desalojá-los do cerco representacional, liberando-os de uma pretensão à univocidade e, assim, dando azo aos tantos acontecimentos que eles guardavam.

Para tanto, nada restava senão dar um passo para trás: em vez da formulação de categorias interpretativas gerais, a alternativa que se impunha era a de isolar um conjunto de termos/verbetes específicos, os quais permitiriam, esperava-se, uma visibilidade mais alargada do que ali se passava.

Impossível não mencionar a interlocução, naquela altura, com um conjunto de iniciativas taxonômicas heterodoxas: desde *Fragmentos de um discurso amoroso*,⁴ passando por *A bíblia do caos*⁵ e o *Dicionário do Diabo*,⁶ até *A vertigem das listas*⁷ e, de modo lato, *As cidades invisíveis*.⁸

Como articulá-las ao aqui-agora investigativo? Sabia-se que se tratava de operar em uma chave tal de indeterminação, sem, no entanto, recorrer à ficcionalização do que estava ali sobejamente documentado. Restava, assim, mobilizar alguns recursos classificatórios afins àqueles ali em voga. A saber:

Enciclopédias, coleções, listas e inventários são, portanto, indissociáveis e se entrelaçam de maneira intrínseca, não obstante suas diferenças enquanto procedimentos de classificação. Se a lista significa uma relação de nomes de pessoas e coisas, circunscrevendo-se predominantemente à esfera da palavra, da inscrição simbólica, o inventário é mais genérico, por abranger tanto os nomes quanto as coisas, constituindo uma espécie de levantamento exaustivo dos itens que integram um dado conjunto ou acervo. [...] O inventário pode incluir listas e coleções. Coleções e inventários podem ser transcritos em listas, adquirindo formas de catálogos, cadastros e fichários. Listas podem compor uma coleção de palavras. E a enciclopédia é o território por excelência desse conjunto de dispositivos taxonômicos. Todos eles, de caráter móvel e intercambiável, indiciam a diversidade de forma com que buscamos organizar a ordem desordenada da vida.⁹

Em que pesasse a distinção entre as matérias tratadas pelos literatos e aquela bem mais proverbial do material disponível, o princípio da catalogação por meio da listagem adivinhava-se fecundo. Mas como operá-lo a contento?

⁴ BARTHES, R. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

⁵ FERNANDES, M. **A bíblia do caos**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

⁶ BIERCE, A. **Dicionário do Diabo**. 2.ed. São Paulo: Carambaia, 2018.

⁷ ECO, U. **A vertigem das listas**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

⁸ CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁹ MACIEL, M. E. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 30.

Se a primeira investida classificatória das entrevistas – via categorização temática – apontava para uma lógica, a rigor, sinonímica, isto é, de semelhança e, portanto, de justaposição entre as proposições dos/as depoentes e certos territórios temáticos preestabelecidos do universo educacional, a segunda clamava por um *approach* orientado por uma lógica mais de natureza analógica, com o fito de dar a ver as diferenças e, sobretudo, as singularidades no ato da aparição e do desenrolar de certos enunciados que não se reduziam ao domínio pedagógico *stricto sensu*. Competia, pois, ter olhos para espreitar as variações incessantes do arquivo perfilando-se em seus deslocamentos centrífugos.

Primeira decisão: que nenhum dos verbetes selecionados portasse um sentido imediatamente educacional/pedagógico, de modo a obstruir a chance – diga-se uma vez mais – de eles se enredarem por qualquer viés ilustrativo, demonstrativo etc. Ou seja, cumpria vetar a possibilidade de os verbetes se confinarem à esfera das significações automáticas, estáveis, pretensamente elucidadoras. Tratava-se, ao contrário, de incitá-los, mediante uma situação de mera contingência cumulativa, a performarem composições descontínuas.

Segunda decisão: que fossem tomados apenas os verbetes mais recorrentes, já que a facticidade do arquivo era condição *sine qua non* de sua montagem. Em seguida, tocava selecionar as passagens em que tais verbetes estavam alocados, bem como o agrupamento delas por aproximação não temática, ou seja, por sentidos afins, mas não sincrônicos ou sequer equivalentes.

Entrava em cena, então, outra fonte fundamental de interlocução do estudo: o *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*.¹⁰ Nesse caso, o *modus operandi* da organização dos diferentes agrupamentos e respectivos verbetes passaria a ser meramente nocional:

Se as obras similares partem do princípio de indicarem as ideias que determinada palavra expressa, este dicionário do professor Ferreira inverte o problema. Dada uma ideia, indica as palavras que podem expressar essa ideia ou que com ela têm analogia [...]. Quer dizer que não se arrolam apenas sinônimos, mas a imensa gama de palavras, termos, vocábulos ou expressões que se inscrevem nessa ampla e meio nebulosa área do campo semântico.¹¹

Na edição mais recente da mesma obra, de 2010, lê-se o seguinte:

¹⁰ AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa**: ideias afins. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983.

¹¹ ÉLIS, B. Apresentação. In: AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa**: ideias afins. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983, n.p.

O *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, como todo dicionário analógico, tem função inversa à de um dicionário comum, o qual, a partir de uma palavra conhecida informa seus significados. Neste, busca-se uma palavra, entre muitas análogas, em uma área de significados conhecida e classificada numa frondosa árvore de classificações.¹²

De maneira análoga à disposição dos verbetes no *Dicionário*, as passagens do arquivo, supunha-se, cumpririam o papel que nele é exercido por uma série de outros termos, expressões etc. As passagens em que o verbete em destaque figurava constituiriam, assim, os nichos analógicos efetivamente em uso; passagens que, aliás, continham não mais que 90 palavras, de modo a criarem certa uniformidade textual, sem privilegiar este ou aquele verbete e/ou depoente.

E, tal como na obra magistral de Azevedo, fazia-se necessário ordenar os verbetes segundo agrupamentos distintos e, ao mesmo tempo, *frondosos*. Exercício diligente e intrincado, sem dúvida, na esteira do qual foi possível formular três pares de agrupamentos que abrigavam movimentos não coincidentes e, algumas vezes, opostos entre si. O resultado foi o estabelecimento de seis grandes blocos – ou seções – de verbetes assim intitulados: *Grandezas e Durações*; *Emergências e Cânones*; *Gestos e Afetos*.

As duas primeiras seções reúnem, cada qual, 34 verbetes; as quatro restantes, 66, todas contendo 15 passagens. Resultado: 4.980 unidades.

No interior de cada uma das seis seções, a lógica dos pares de oposição ordenou, tal como antes, a disposição sequencial de boa parte dos verbetes, sempre que possível. Por exemplo, em *Durações*: nascimento / morte; jovens / adultos. Em *Emergências*: povo / elite; vítima / herói. E assim por diante.

Se, por um lado, todo o esforço concentrou-se na concatenação entre as seções, os verbetes e as passagens a eles conexas, obedecendo a uma ordenação cronológica, por outro, a jornada pelo arquivo oferecia, de quando em quando, pontos de inflexão da cadência argumentativa habitual: átimos de acontecimentos a emanar uma potência tão imprecisa quanto fugaz; fagulhas de um incêndio tão logo debelado, que se o diga. O agrupamento de duas dezenas de passagens desse tipo – sem relação com nenhum verbete específico, aliás – constitui a sétima seção, intitulada *Culminâncias*. Somada às anteriores, atinge-se, enfim, o montante final de 5.000 excertos espalhados por sete grandes blocos.

¹² AZEVEDO FILHO, L. A. Prólogo. In: AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa**: ideias afins. São Paulo: Lexikon, 2010, p. vii.

Ainda, a título de explicitação das posições discursivas dos/as depoentes, elaborou-se uma seção suplementar contendo suas credenciais, a fim de situá-los/as em termos profissionais aos/as leitores/as, quando isso se fizer necessário. Ressalte-se, contudo, que os dados são aqueles subtraídos do arquivo no momento da publicação da entrevista. Informações datadas, portanto.

Em seguida, foram elaborados dois índices: um onomástico e outro remissivo; este com 332 novos verbetes encampanando, dessa vez, termos igualmente recorrentes, porém mais afeitos ao léxico pedagógico convencional. Trata-se, assim, de uma segunda oferta de remontagem do arquivo em tela, agora sob o arbítrio dos/as leitores/as, caso se disponham a tal.

Soma-se a penúltima seção dedicada especificamente ao arrolamento das fontes do estudo; como se enfatizou anteriormente, todas elas relativas à sua modalidade impressa.

Resta, por fim, uma ponderação indispensável a respeito da autoria desta obra. Excetuando-se a dedicatória, este prólogo e parte do posfácio, não se verá nenhuma outra intervenção textual de minha parte no decorrer das centenas de páginas que se seguem. Tal opção é solidária ao firme propósito de entabular uma lida com o arquivo que se restringisse ao trabalho de edição ou, em última instância, de curadoria no tocante à montagem/remontagem dos discursos sob exame. Jamais representar, jamais falar em nome de outrem, jamais submetê-lo a qualquer grilhão hermenêutico, enfim. Isso porque as ações por parte daquele que se ocupa de determinado arquivo bem poderiam ser subsumidas às de um documentarista – um copista contemporâneo, oxalá – cuja matéria é tão somente esse acontecimento ainda sem nome, sem sentido e, portanto, sem razão de ser assim: nosso presente.

Em tempo, é certo que esta empreitada não teria sido possível sem o apoio do CNPq e, sobretudo, de um conjunto de pessoas que estiveram presentes, de diferentes maneiras, no decorrer de sua longa trajetória: meus orientados no período, especialmente Gisela do Val, Elisa Vieira, Fábio Zanoni e Monica Santos; também Paulo Otero e Sérgio Alves (responsáveis pela bela capa autoral da obra); bem como Sandra Corazza, com quem divido, *in memoriam et in corde*, o posfácio deste *Inventário*. A essas pessoas, agradeço, agradeço, agradeço.

GRANDEZAS

ZERO

Existe a educação da nossa elite, da classe dominante. Essa tem progredido, avançado e nos permite ter um corpo de doutores, cientistas e intelectuais que estão a par com seus colegas da comunidade internacional. Nós temos, efetivamente, uma educação nota dez para a elite. Por outro lado, se a gente for analisar a educação pública, como ela se apresenta na maioria dos estados, a gente só não pode dar uma nota zero por causa do esforço, do interesse e da dedicação daqueles profissionais que lutam contra todas as dificuldades. (Lia ROSENBERG, 1987)

O menino ouve, em casa, o pai dizer “a gente chegamos”, ouve o pai dizer “menas”, ouve a mãe dizer “menas”, “a gente fomos”, e ele diz também. A vizinhança toda, que é uma classe social, diz “a gente fomos”. Mas, quando ele escreve, na escola, “a gente fomos”, leva zero e um lápis vermelho embaixo, inibindo-o mais ainda. O aprendizado desse menino está sendo obstaculizado por um problema estritamente ideológico com o nome de gramática. Dizem que isso é um problema de sintaxe, mas na realidade é ideológico. (Paulo FREIRE, 1995)

Nós precisamos entender o que motiva o governante, tanto o presidente da República quanto o secretário municipal de Educação, para dar uma educação de qualidade. Hoje, esse incentivo é praticamente zero, porque a população que está na escola pública é prioritariamente a mais pobre, cujos pais não passaram pelo sistema educacional. [...] O governante ganha os votos – que é o que o interessa e o incentiva – simplesmente construindo escola. (Gustavo IOSCHPE, 2005)

Fomos os últimos que a aboliram [a escravidão] e, com isso, atrasamos enormemente a educação primária e secundária. Percebeu-se, pelo recenseamento de 1890, que o Brasil estava na rabeira, com mais de 80% da população analfabeta. O primeiro grupo de grandes educadores paulistas, como Francisco Rangel Pestana e Antônio Caetano de Campos, pequeno em número, mas de grande qualidade, ficou estarecido. [...] Montaram, do zero, um sistema educacional de primeiríssima para a época. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005b)

Os secretários municipais de educação são escolhidos sempre por critérios políticos. Alguns deles exercem o cargo por três ou quatro gestões. Ou seja, fazem um trabalho tão bom que muda o prefeito, mas o secretário continua. O difícil mesmo é quando há muita troca de secretário numa mesma gestão ou quando o secretário abandona políticas eficientes que foram desenvolvidas por seu antecessor. Aí, a cidade volta ao patamar zero. (Maria do Pilar LACERDA, 2007)

Os políticos prestam um grande desserviço à Educação quando cada novo governo quer partir quase do zero, como se cada mandato fosse a Revolução Francesa, que aboliu calendário anterior e implantou novos meses, novas datas. Pegue-se o caso dos PCN, feitos no governo Fernando Henrique e atualmente deixados de lado, apenas vegetando no site do Ministério da Educação. (Yves de la TAILLE, 2008)

Havia um aluno péssimo, que só tirava dois, zero. O professor disse: “Você vai ser reprovado”. O estudante disse: “Vou, mas eu não gosto de química, não vou aprender química”. Aí o professor falou: “Mas você sempre escreve no jornal aqui

da escola e seus artigos são muito bons”. “Eu quero ser escritor, é isso que preenche a minha vida”. O educador disse: “Não há nenhuma razão para que um escritor saiba reações químicas e se você concordar eu vou te dar cola para você passar”, e deu cola para ele passar. Não sei o nome do professor de química. O nome do aluno é Ignácio de Loyola Brandão. (Rubem ALVES, 2009)

Veja um trecho de um texto produzido por uma de nossas alunas: *MINHA ESCOLA / Quem sou. / Eu me chamo Karina / eu vivo em Santa Maria / tenho 7 anos / Minha professora se chama Maria Cruz / Minha casa é grande e branca*. E por aí vai, ocupando uma página inteira. Ela não usa corretamente as maiúsculas e organiza o texto praticamente sem pontuação. Na verdade, faz um trabalho genial, pois é bastante fácil compreender o sentido. Cada linha é uma frase e cada frase tem apenas um verbo. No entanto, todos os professores dão nota zero. (Celia Díaz ARGÜERO, 2009)

Todo mundo precisa ter um norte. Você entra na escola e o que é que acontece hoje? “Você é professor de Matemática, tá bom, a sala é aquela, te vira”. Sempre é assim. Mas deveria ser: “A escola é assim, os objetivos são esses, nós operamos assim, as metas são essas, você vai ser capacitado nisso ou naquilo”. Se o professor não recebe isso quando chega, ele faz do jeito dele, e com cada um fazendo do seu jeito a resultante geral é zero. (Marcos MAGALHÃES, 2012)

A redação, na minha geração, ocorria toda semana. Se você escrevesse “menas”, era um zero direto, não tinha conversa, porque não era a palavra correta. Éramos obrigados a procurar o dicionário para lição de sinônimos. E, no fundo, era curioso, muitos se empolgavam – nem todos –, mas muitos se empolgavam em descobrir palavras diferentes para dizer a mesma coisa. O ensino deve despertar o prazer, deve mostrar o gosto, mostrar que é bom. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Uma professora colocou uma paisagem, com vários elementos, e pediu para uma criança de 1º ano contar a quantidade de cada um dos elementos [citados] em uma lista. A professora colocou na lista de elementos um cachorrinho, que não aparecia na imagem. Quando a criança notou isso, ela virou para a professora e perguntou: “Por que o cachorrinho está aparecendo aqui para eu contar se ele não existe?”. A intenção da professora era a de que a criança representasse o zero, mas, para a criança pequena, não faz sentido contar algo que não existe. (Justina Motter MACCARINI, 2014)

Percebeu algo diferente em casa? Busque a escola, busque ajuda. A escola percebeu algo na criança? Chame a família para dialogar e ver o que está acontecendo. O mais importante é que haja uma convergência de intenções e práticas em relação à educação das crianças. Se você tem uma cisão entre como a escola atua e o que a família acredita, essa incoerência não contribui para a formação. É matemático: mais 1 da escola com menos 1 da família, ou o contrário, vai anular, vai dar zero. (Thelma POLON, 2014)

O professor da educação básica, ou mesmo da universidade, que tem alunos que escrevem mal sabe muito bem que o que falta a eles não é conhecimento de gramática. O mesmo vale para a situação oposta. Se um professor de graduação, em uma turma que escreve bem, procurar saber quantos dos alunos têm

segurança no conhecimento gramatical, muito provavelmente o resultado será bem próximo de zero. (Mário PERINI, 2015)

Na Constituição de 1988, o Brasil optou por descentralizar para estados e municípios a implementação das políticas sociais. Isso não está errado. A ideia do Cristovam Buarque de federalizar a educação é impossível em termos de gestão, não faz o menor sentido. Nenhum país federativo fez isso. Zero. Ao contrário. O México está municipalizando mais fortemente a educação que era estadual. As coisas estão mudando, pois há um problema de escala de gestão. (Fernando ABRUCIO, 2016)

O construtivismo tem, de certa forma, os mesmos defeitos do PBL [Aprendizado baseado em projeto]. E aí começou um processo em que todo mundo sequestrou e se apoderou dos mesmos clichês. A escola centrada no aluno, competências do século XXI, competências socioemocionais, empreendedorismo, protagonismo, cultura *maker*, tudo discurso com validade zero até agora. Falar disso é uma banalidade sem valor, porque não há ninguém que exerça essas coisas de verdade. (Ricardo SEMLER, 2019)

DEZENAS

Normalmente o que se alega é que na escola pública não há laboratório. Ora, por que não podemos ensinar Geometria com medições reais? Assim como na Geometria, existem dezenas de atividades que dispensam o laboratório. Na Matemática, por exemplo, as primeiras noções de aritmética são passadas com facilidade. Os alunos entendem bem o que é somar, dividir, subtrair, multiplicar porque relacionam com suas experiências concretas. Até com frações eles têm facilidade. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

O que falta nesses chamados museus de ciência atuais é ter uma pessoa excepcional que esteja vivendo o que quer fazer. Além disso, é preciso que as pessoas envolvidas com esses museus tenham uma visão do porquê e para quê estão fazendo o que estão fazendo. As iniciativas que consistem em fazer primeiro planos arquitetônicos de dezenas de milhões de dólares não têm um para quê muito óbvio. (Maurice BAZIN, 1997)

Existem algumas dezenas de casos de indígenas que, com muita dificuldade, entram em um curso universitário, mas que, pelo afastamento provocado por um semestre inteiro longe de casa, acabam desistindo de estudar. Em muitos casos o índio fica deprimido, adocece, quando não cai vítima de alcoolismo e outras doenças. Uma proposta a ser estudada é construir cursos semipresenciais, em que parte das etapas de estudo e pesquisa aconteçam nas terras indígenas. (Kleber Gesteira MATOS, 2003)

Para ter uma abordagem construtivista, é necessário colocar à disposição dos estudantes estímulos de diversos tipos, tempos diferentes, oportunidades para pesquisar. Nada disso é possível em classes com dezenas de crianças sentadas durante quatro horas, fazendo todas a mesma coisa. Um novo sistema escolar deve permitir a movimentação e a integração a diversos grupos. É muito difícil passar da teoria à prática, pois isso implica quebra de rotinas, rompimento de concepções e tradições. É como uma fábrica que muda o seu sistema de produção. (Inés AGUERRONDO, 2004)

O pior não são as dezenas de aulas e sim o número de turmas, que é elevadíssimo. Tem professor que atende até 600 alunos por semana. Se, ao prestar um concurso, o professor de ensino médio pensar que vai passar 30 anos dando aulas para mais de 40 alunos entre 15 e 17 anos, durante 30 horas por semana, para conseguir que, ao final desses 30 anos, seu salário, digamos, tenha duplicado, ou mesmo triplicado, ele não ficará em sala de aula. É terrível. (Antonio Ibañez RUIZ, 2004)

O aluno que não domina um conhecimento fica dependente do que o professor espera que ele responda. Um exemplo que percebi muito cedo em sala de aula é que as crianças não tinham vínculo nenhum com as unidades, dezenas e centenas porque não entendiam os famosos rituais do “vai um” ou do “pegar emprestado”. Afinal como é que as crianças concebem o sistema de numeração? Essa é a pergunta que os professores se devem fazer antes de ensinar. (Patricia SADOVSKY, 2007)

Qualquer currículo moderno pode se adaptar a temas de interesse deles [alunos]. Afinal, o aprendizado exige uma motivação interna de quem aprende. Por exemplo: se preciso falar de Física, de estrutura dos materiais ou de conceitos como velocidade e aceleração, posso usar como base carros de corrida ou outro tema mais próximo do universo de crianças e adolescentes. É possível encontrar caminhos para que esse entusiasmo se encaixe no planejamento curricular. Dessa forma, consigo elaborar dezenas de atividades. (Juan CASASSUS, 2008)

Sabe-se hoje que eles tinham em Palmares barricada, trincheira, oficinas, conselhos deliberativos, plantações. Toda uma história que conhecemos pouco. Era uma organização intencional, um conglomerado. Zumbi nasceu em Palmares, foi sequestrado de lá e entregue a um padre. Alfabetizado, ele volta para Palmares aos 15 anos e troca de nome. De Palmares ele volta para Palmares. Quantas dezenas de revoltas eles resistiram até cair? (Ana Lúcia Silva SOUZA, 2009)

É possível fazer com que o livro no Brasil seja vendido a preços mais baixos. Estamos trabalhando para criar as condições necessárias para que as dezenas de milhões de brasileiros que ascenderam socialmente nos últimos anos também passem a consumir livros, assim como já consomem mais eletrodomésticos, serviços bancários ou passagens aéreas. Queremos colocar os livros na cesta da classe C. (Galeno AMORIM, 2011)

O vegetarianismo radical é um fator negativo porque existem dezenas de trabalhos que mostram que ele leva a uma série de carências nutricionais, justamente porque nascemos para ser onívoros. Um ovolactovegetariano ainda consegue ter a proteína animal de outras fontes que não a carne vermelha. Já o vegetariano radical não consegue cálcio, ferro, zinco, proteínas de boa qualidade e com isso acaba tendo alterações no crescimento e desenvolvimento. (Mauro FISBERG, 2011)

Vejo pelo material de dezenas de editoras que nos solicitam, dentro e fora do Brasil, trechos de historinhas para publicar em livros didáticos. Em 2010, estivemos em 480 livros didáticos. Fora o nosso projeto que utiliza a *Turma da Mônica* na pré-alfabetização chinesa, que deve atingir 180 milhões de estudantes. E com uma particularidade: são muito utilizados via *web*, uma vez que o governo chinês não quer usar papel com tanta gente. São HQs, pequenos filmes, desenhos, um material completo que estamos começando a utilizar também aqui no País. (Mauricio de SOUSA, 2011)

Outro dia me encontrei com a representante de uma organização que envolve dezenas de professores aqui nos Estados Unidos e perguntei a ela: “O que diferencia os melhores professores dos demais?”. Ela comentou que muitas pessoas acreditam que os melhores professores são os que dão as aulas mais atraentes, mas que não é isso que diferencia um bom professor. Outras valorizam mais os profissionais que têm títulos, como o PhD, mas que também não é isso que faz os melhores professores. (Salman KHAN, 2013)

Há um conjunto imenso de habilidades chamadas não cognitivas, tais como autonomia, iniciativa, cooperação, garra, perseverança, resolução de problemas, resolução de conflitos, criatividade, curiosidade etc. São dezenas de habilidades,

e algumas delas vêm sendo objeto de estudo – porque têm revelado maior impacto sobre a aprendizagem –, como disciplina, responsabilidade, abertura a novas experiências, cooperação, sociabilidade e estabilidade emocional, que é uma medida de controle, ou seja, quando a pessoa consegue não ser afetada pelos outros. (Viviane SENNA, 2013)

Se eu pegar um conteúdo – como as quatro operações – na formação do professor e fazer aquelas técnicas obrigatórias, nas quais ele terá que treinar um cálculo em que se coloca unidade embaixo de unidade, dezena embaixo de dezena etc., [ele pode questionar:] “Mas por que unidade embaixo de unidade?”. Ah, porque assim dá certo. “Por que assim dá certo?”. Aí entra a questão conceitual que na formação do professor ainda está muito aquém do que a sociedade cobra e precisa hoje. (Justina Motter MACCARINI, 2014)

O método construtivista pretende partir do sentido das palavras escritas, enquanto o método fônico parte da constatação de que, se não se dispõe de um mecanismo que permita identificar todas as palavras escritas e não só algumas dezenas ou mesmo centenas, não é possível atingir o sentido delas nem ler palavras que se encontrem pela primeira vez. (José MORAIS, 2015)

CENTENAS

Entendeu-se que municipalização não era a transferência de escolas estaduais para os municípios, mas apoio às administrações municipais. Isso foi muito importante em São Paulo. Há centenas de municípios no estado de São Paulo que não têm nenhuma atividade no 1º grau. Concretamente, no governo Montoro, foram incentivados os sistemas de transporte da zona rural para a zona urbana e a merenda, favorecendo assim, prioritariamente, as escolas rurais. (Luiz Antonio CUNHA, 1995)

Um CD custa o mesmo que um livro e ninguém reclama. É claro que ouvir música é mais fácil. Ler exige um esforço adicional. Mas hoje existem bibliotecas públicas em quase todos os municípios brasileiros, centenas delas foram abertas nos últimos anos. Se o professor acha que livro é caro, que faça uma vaquinha com os colegas, organize gincanas. É mais fácil colocar a culpa nos outros, dizer que o livro é caro, ou reclamar que o governo não distribui livros de graça. (Ana Maria MACHADO, 2002)

Existem centenas de escolas excelentes no Brasil. Caras. Todas caras. E o povo ficou relegado. E esse povo, hoje, acha que a educação dele não é ruim porque a educação sempre foi tão ruim que se acostumaram. Então, todo mundo diz que educação é prioridade, mas na prática mesmo, se colocarem alguém que diga “Eu vou cuidar da educação” e outro que diga “Eu vou construir mais estrada”, este ganha. Se colocar alguém que diga que vai melhorar a educação e outro que diga que vai investir nas indústrias, este ganha. (Cristovam BUARQUE, 2006)

[Educar] é ter a consciência de que em suas mãos está a oportunidade de mostrar os caminhos para o futuro. De que você é responsável pela formação, não apenas educação formal, de centenas de crianças. De que seu repertório deve ser compartilhado em todos os aspectos, os técnicos, morais, musicais. É tratar os alunos como seres inteligentes, como pessoas que você vai ajudar a construir. Como produtos de seu trabalho. (Luciano PIRES, 2006)

A tecnologia mudou menos que se pensa, ainda que tenha trazido expressivas mudanças. Existiram professores admiráveis décadas ou até uma centena de anos atrás e suas marcas foram relevantes, mesmo que com uma tecnologia arcaica. A maior contribuição tecnológica é facilitar a apresentação de informações e, dessa forma, liberar ao professor tempo e oportunidade para transformá-las em conhecimentos. (Celso ANTUNES, 2007)

Conceitei competência como a capacidade de o sujeito mobilizar recursos para resolver situações complexas. Diante de uma situação complexa a ser resolvida, o sujeito poderá continuamente desenvolver mais e mais recursos, aumentando seu nível de competência. Pensemos, como exemplo, na situação complexa “jogar futebol”. Quantos jogam futebol? Centenas! Todos desenvolveram o mesmo nível de competência? Certamente que não. (Vasco MORETTO, 2007)

Considerando crianças capazes de ler por conta própria, acho o Joel Rufino dos Santos um autor sensacional. A Ruth Rocha e Ana Maria Machado têm centenas de livros, mas, no geral, as coisas delas são interessantes. E o Pedro Bandeira é uma unanimidade entre os professores. [...] Eu acho que o Lobato fez tudo aquilo

que fez, claro porque ele é ótimo, mas também porque ele era único. Todo mundo lia Lobato porque não tinha outra coisa para ler. Hoje em dia, o cardápio é vastíssimo. (Marisa LAJOLO, 2008)

Os meninos têm muito mais dificuldade de entender o português da matemática do que a operação em si. Se ele aprender que $a + b$ é igual a x , entender o princípio da equação, será muito melhor do que ficar com aquela história do fazendeiro que tinha duas vacas e sei lá o quê. A resposta a todas as perguntas não está no “eu acho”. A gente tem que ver o que a evidência mostra. Há dezenas, centenas de pesquisas nas várias áreas mostrando o que é que funciona mais e o que funciona menos. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

É incrível, mas ainda chegam pessoas aqui acreditando que a África é um país. Então, a ideia desse primeiro núcleo é mostrar a variedade existente nos 54 países do continente, nos quais vivem centenas de etnias diferentes. A partir da diversidade, mostramos as permanências, que são práticas seculares que permanecem e se transformam até hoje. (Renata FELINTO, 2010)

Ao redor do mundo, as escolas estão refreando a obsessão por exames, reduzindo a carga de trabalho acadêmico e descobrindo que os alunos aprendem melhor quando têm mais tempo para relaxar, refletir e encarregar-se da própria aprendizagem. Mesmo as culturas “de estufa” do Extremo Oriente têm-se distanciando desse modelo de alta pressão, reduzindo as horas em sala de aula, os deveres de casa e a ênfase em provas. No ano passado, centenas de escolas em toda a Inglaterra boicotaram os exames SAT nacionais. (Carl HONORÉ, 2011)

Como a educação brasileira como um todo é muito ruim, sempre que a gente fala do sistema fala dos problemas. Mas dentro desse sistema ruim há centenas, milhares de escolas muito boas, de profissionais excepcionais, que ficam “arrastando o piano” dos seus colegas que às vezes não são tão competentes e que às vezes não estão motivados. Essas pessoas me escrevem às centenas e não aguentam mais. E querem ser reconhecidos. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

Temos no Brasil centenas de povos indígenas atingidos pela violência do Estado e seu modelo de desenvolvimento, tanto no período da CNV [Comissão Nacional da Verdade] quanto depois dele. O que teremos é o relato do que se conseguir fazer, o que aponta que a reparação aos povos indígenas brasileiros, longe de ser somente um problema de conveniência ou falta de vontade política, desvela uma crise ética na relação de nossa sociedade, os poderes constituídos e esses brasileiros. (Marcelo ZELIC, 2014)

Encontre formas de assistir professores muito bons em ação. Faça isso sempre que tiver chance. Depois, discuta o que viu com eles. Se você não pode deixar sua sala para fazer isso, faça *on-line*. Há centenas de vídeos de grandes professores na internet. Não é a mesma coisa que ver pessoalmente, mas ainda pode ser útil e inspirador. Os melhores professores não inventam tudo sozinhos em lugar nenhum do mundo, eles aprendem com outros colegas e constantemente experimentam coisas novas. (Amanda RIPLEY, 2015)

Há centenas de estudos conduzidos nos últimos 60 anos que avaliam de forma rigorosa como a pré-escola afeta o crescimento e o desenvolvimento das crianças.

Mostram que, no curto prazo, pode melhorar o aprendizado e o desenvolvimento social. No longo prazo, pode reduzir o crescimento da repetência no ensino médio, aumentar a renda e diminuir a criminalidade. Mas isso acontece quando a educação pré-escolar é de alta qualidade. (Hirokazu YOSHIKAWA, 2015)

Há um número incontável de seres aquáticos e terrestres, da flora e fauna micro e macroscópica, como algas, insetos, moluscos, peixes, anfíbios, répteis, aves, que foram exterminados [no rompimento da barragem em Mariana] de forma brutal e instantânea, muitos provavelmente nunca identificados. Essa perda irreparável interfere na cadeia alimentar e empobrece toda a bacia do Doce, um rio sem vida e condenado pelas próximas centenas de anos. (Mônica MEYER, 2016)

MILHARES

Houve recentemente um concurso para diretor de escolas, com milhares de candidatos. Na etapa de provas de caráter objetivo, ou administrativo, a aprovação foi maciça. Na etapa seguinte, realizada em cada escola com centenas de candidatos triados, foi solicitada a redação de um texto. Aí, houve um desastre, com textos apresentando frases incompletas, parágrafos sem lógica. Resultado: muitas escolas não conseguiram recrutar um diretor. E olhe que se tratava de candidatos com nível superior, muitos deles professores. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 1999)

Nos perguntarmos sobre valores que orientam a prática pedagógica. Valores de mercado? Ou os perenes valores que interrogam o ser humano ao longo de sua formação? Há uma história fecunda que vincula a educação aos perenes valores de justiça, liberdade, igualdade, diversidade, emancipação e formação humanas. Esses são os vínculos que milhares de professores tentam reencontrar como norteadores de suas práticas. (Miguel ARROYO, 2001)

Atualmente, os EUA e o Japão marcham para a universalização [do acesso ao ensino superior], enquanto os países da Europa ocidental fixam objetivos em curto prazo, em geral superiores a 60%. [...] Há de se deixar claro que somente se pode pensar em universalização com diversificação. Quando os norte-americanos falam em acesso universal, não pensam em criar milhares de Stanfords ou Harvards. Colégios comunitários, ensino a distância, as mais variadas formas de estabelecimentos entram em conta nesse momento. (Marco Antonio DIAS, 2001)

O tempo do que acontece fora da escola não se gerencia e não se reflete da mesma forma que o tempo que se passa na escola, porque na escola temos um programa, um conteúdo regular, uma duração progressiva. O tempo entra aí de duas maneiras diferentes, porque o tempo escolar tem uma definição – oito anos, por exemplo – enquanto não existe tempo definido para a “vulgarização” de ciência: ela pode ser tanto instantânea quanto de milhares de anos. (Daniel RAICHVARG, 2001)

Se você for para a internet e digitar “trauma e 11 de setembro”, ficará impressionado com os milhares de artigos e guias disponíveis. Examinei cerca de 100 artigos escolhidos ao acaso, e a maioria deles era boa, sendo que alguns eram excelentes guias escritos por orientadores psicológicos e profissionais de saúde mental. [...] O que quero dizer é que hoje dispomos de materiais para responder à violência, até mesmo à violência de massa. Mas prepararemos os educadores? (Peter LUCAS, 2002)

Enquanto no mundo a Igreja e o Estado perdem poder, a empresa fica cada vez mais poderosa. Hoje, as grandes organizações têm alcance global. Isso quer dizer que qualquer ação dela tem consequências não somente sobre os acionistas, mas em cima de milhares de pessoas. E tanto nas escolas, quanto nas empresas, continua-se ensinando tecnologia e métodos de gestão. Embora sejam imprescindíveis, cada vez mais as empresas dependem da ação do indivíduo, e isso, o “como ser”, as escolas não ensinam. (Simon FRANCO, 2003)

E quando descobri que havia milhares de sistemas de contagem diferentes, muitas outras maneiras de se resolver problemas de geometria, e assim por diante, comecei a me dar conta de que a matemática que conhecemos – que chamamos hoje de Matemática Ocidental – era uma forma cultural específica de conhecimento. O movimento da etnomatemática já demonstrou que existem muitas matemáticas no mundo. (Alan BISHOP, 2006)

Há milhares de motivos pelos quais os jovens imaginam que a escola é o lugar do lazer e não do saber. É importante descobri-los, mais do que criticar. Os conflitos nascem quando o professor explica algo que não é compreendido. Ainda tranquilo, e com outras palavras, ele explica de novo, e outra vez sem sucesso. Rapidamente, ele vai considerar o estudante um incapaz. O educador culpa o aluno, mas se sente fracassado também porque a turma não avança. (Bernard CHARLOT, 2006)

Há o desafio de colocar na escola milhares de crianças, e, qualquer que seja o número, isso nunca poderá ser tratado como residual. Mas é preciso que a escola retome rapidamente sua função prioritária: ensinar e produzir conhecimento. Hoje, os educadores conscientes não querem mais trabalhar apenas com as médias. A Educação tem de ser para todos e para cada um – e isso é uma mudança radical. Sabemos que nem todas as crianças, jovens e adultos aprendem do mesmo jeito. (Cleuza REPULHO, 2008)

Ocorre que a escola é muito voltada a um conhecimento técnico e costuma ignorar outros modelos culturais. Em um País que tem 70% de pessoas semianalfabetas, milhares de brasileiros estão mergulhados na cultura popular. Quando uma criança filha de analfabetos chega à escola, é levada a pensar que seu pai e sua mãe não sabem nada afinal não sabem Língua Portuguesa, Geografia, etc. Ora, eles têm toda uma cultura popular, riquíssima! O pior, essa criança pode passar a desprezar os próprios pais. (Ricardo AZEVEDO, 2009)

[O professor de língua estrangeira] precisa dominar o contexto por meio de princípios básicos de ensino e aprendizagem que independem de metodologia. Existem alguns nos quais o professor acredita e aos quais é fiel. Se ele aposta na mediação, por exemplo, não vai exigir que a garotada repita milhares de vezes uma palavra. [...] Não existe um método perfeito, até porque a eficácia depende do objetivo da pessoa ao aprender um idioma. A saída agora é entender por que, para que, como e o que ensinar – nessa exata ordem. (Maria Antonieta CELANI, 2009a)

Observamos um fenômeno: os jovens leem menos? Não. Eles leem mais, porque passam muito tempo em frente ao computador, estão sempre lendo e escrevendo. O desafio da escola é reorientar essa leitura e escrita. Há 20, 30 anos, o aluno ia à biblioteca buscar informações quando o professor mandava fazer um trabalho. Hoje ele usa o Google e tem como resultado milhares de *links* possíveis. Ele vai ter de avaliar o que ler, qualificar a natureza da fonte. (Maria Luiza ABAURRE, 2010)

Temos milhares de pesquisas e podemos tirar conclusões interessantes que mostram que, se utilizarmos essa ou aquela estratégia, o aprendizado do aluno será melhor. Muitas vezes, o professor ensina a partir do senso comum; ele parte

daquilo que um outro educador fez antes e faz a mesma coisa por imitação. Estas estratégias podem ser boas, mas ao mesmo tempo têm limitações. Por isso, devemos tentar utilizar as estratégias que são fundamentadas em pesquisas empíricas, que são melhores do que o senso comum e a experiência individual. (Clermont GAUTHIER, 2010)

Os professores passam a ensinar só aquilo que as avaliações externas medem, que é apenas uma pequena e parcial amostra daquilo que as crianças precisam desenvolver e aprender. Então, o ensino acaba ficando apenas nos limites da avaliação, o que significa: aquilo que se pode reduzir a resultados quantitativos, redução que é uma imposição em avaliações que são aplicadas a milhares de pessoas. (Magda Becker SOARES, 2012)

A criança vai aprendendo desde muito cedo a controlar seu corpo e suas emoções. Na visão de alguns, obter um lugar de destaque compensa todo esse esforço. A maquinaria escolar tem correspondido muito bem a essa lógica. No início do ano, recebe milhares de crianças agitadas para devolvê-las docilizadas. Para tanto, a escola as distribui em salas de aula, restringe sua mobilidade ao pequeno espaço das carteiras, quadricula seus gestos segundo padrões aceitos, marca os horários de início e fim das atividades e regula os chamados momentos “livres”. (Marcos Garcia NEIRA, 2017)

MILHÕES

Neste momento, por exemplo, quando o próprio governo diz que temos quase nove milhões de crianças de sete a quatorze anos sem escola, mais de oito milhões, dos quatorze aos 25 anos, fora do 2º Grau e mais de trinta milhões de analfabetos, como explicar que a escola pública não ofereça matrícula para esses alunos? Está mais do que provado que tanto a rede pública como a privada são insuficientes para atender à demanda de escolarização. (Niso PREGO, 1986)

Hoje em dia, vários setores dominantes gostam verdadeiramente de dominar, e pode-se muito bem dominar com essas duas palavras – museu e ciência – juntas. Em geral, os museus de ciência são pensados em termos de multimilhões de projetos e multimilhões de dólares, fazendo disso um enorme espetáculo, quase sempre colocando em primeiro lugar uma grande obra arquitetônica. Tudo basicamente para inglês ver. (Maurice BAZIN, 1997)

Somos 160 milhões de habitantes com apenas 2 milhões nas universidades, mas a produção de fôlego é limitada porque, como há pressa, a universidade tornou-se o lugar do acúmulo – você não produz uma grande obra em dois ou quatro anos em ciências humanas. A própria organização da educação é contrária ao nascimento das grandes obras porque está voltada mais para a quantidade do que para a qualidade. (Milton SANTOS, 2000)

No mundo todo existem 250 milhões de crianças sem estudo. Para que todas fossem atendidas só precisaríamos de 13% do que é gasto com as dívidas externas dos países pobres. Na América Latina, onde estão 22 milhões desses meninos, esse percentual seria ainda menor: 3%. Mesmo na África, onde 80 milhões estão fora das salas de aula, a conta é de 28% da dívida. O que defendo é a troca pura e simples desses valores. Em vez de pagar aos organismos multinacionais, investir nas crianças dentro do próprio país. (Cristovam BUARQUE, 2001)

São 2,5 milhões de professores, em 280 mil escolas, e isso sem contar assistentes e coordenadores. Ensino infantil, fundamental, médio e superior somam 55 milhões de estudantes, mais de um terço da população do Brasil. É praticamente toda a população da França. Portugal tem 10 milhões de habitantes, o Uruguai, 3 milhões. Faço questão de lembrar esses números para termos uma noção da complexidade que é investir na qualidade da educação. Às vezes, olhamos só para o umbigo da gente. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

A dieta das crianças encarece e está mudando. Muitas são desnutridas, mas não na forma tradicional. Você pode ter um menino obeso, porque está comendo muito carboidrato, mas com problemas de raquitismo porque não come nada com cálcio. Calcula-se que o número de crianças com anemia crônica aumenta em quase 1 milhão por ano na América Latina e Caribe. Isso significa que as crianças, quando chegam à escola, caso tenham tomado café da manhã, comeram um pão ou beberam água com açúcar. (Richard HARTILL, 2006)

Hoje, podemos dar acesso a milhões de usuários, com grande facilidade, a um livro da Idade Média existente na Biblioteca Nacional em um formato simples como o pdf. É importante ampliar ações desse tipo. Estamos começando a preparar a Biblioteca Nacional Digital para que ela também possa, em breve,

emprestar e-books. Vamos iniciar a digitalização de 4.500 títulos importantes da literatura brasileira que estão em domínio público. (Galeno AMORIM, 2011)

O volume de plástico produzido continua a crescer. Milhões de sacolinhas entram no mercado diariamente e vão continuar poluindo o ambiente. O plástico é um material artificial, não biodegradável, desconhecido das bactérias e fungos que fazem a decomposição da matéria. Você pode triturar e pulverizar o plástico, mas vai continuar poluindo. (Mônica MEYER, 2011)

O grande problema é que, como não existe uma política de Estado de esporte, nós temos uma mídia esportiva que valoriza sempre o grande atleta. Por exemplo, se você fala hoje em futebol, não vai falar nos 2 milhões de futebolistas profissionais que existem no Brasil, você vai falar da meia dúzia que são bem-sucedidos. Isso é em qualquer área, não apenas no esporte. Mas passa a ideia de que só pode participar do esporte aquele que é muito bom. (Wagner Wey MOREIRA, 2012)

A grande maioria da força de trabalho brasileira não tem educação básica, há milhões de jovens sem Ensino Fundamental, mais da metade fora do Médio. Temos um problema de escolarização da população economicamente ativa. Essa estratégia de centrar na formação continuada, fragmentada, pontual, de curta duração, não resolve isso, só perdura a situação do trabalho sem qualificação. (Gabriel GABROWSKI, 2013)

Na Coreia do Sul, fiquei fascinada com a intensidade do mercado educacional e com seus extremos. Entrevistei um professor que ganhava 4 milhões de dólares por ano, o que foi emocionante. Por outro lado, vi turmas em que metade dos alunos estava em sono profundo, exaustos de tanto estudar. Enquanto isso, na Finlândia, a história era outra. Os estudantes tinham vidas balanceadas e gastavam muito tempo brincando na escola primária. (Amanda RIPLEY, 2015)

Temos 27 milhões de estudantes no ensino fundamental e apenas 8 milhões no ensino médio. A maioria dos nossos alunos não frequenta o ensino médio por uma série de motivos, entre eles porque precisam trabalhar e porque a escola não costuma ser um lugar que ofereça experiências que eles considerem significativas. Ou seja, a escola é um lugar ainda muito distante da vida dos alunos. (Carla Viana COSCARELLI, 2017)

[Na Dinamarca,] professores e pedagogos são duas profissões distintas, com suas próprias identidades profissionais, e cada um é qualificado para tipos diferentes de trabalho. [...] A formação em pedagogia é uma escolha popular e uma profissão atraente entre os jovens na Dinamarca. A cada ano, cerca de 5 mil alunos são recusados (o número total de habitantes na Dinamarca é 5,7 milhões), portanto não há problemas de recrutamento na Dinamarca. Em termos de números, esta é a maior educação superior do país. (Jytte Juul JENSEN, 2017)

Atualmente estão sendo produzidos cerca de 75 milhões de livros, além da reposição, chegando a 144 milhões de unidades. Foram feitas mudanças no livro do professor, deixando-o com um perfil mais prático. O manual do professor agora apresenta formato em U, com o conteúdo do aluno no meio e as orientações para o professor ao lado, na mesma página, incorporando outros recursos como planos de aula. (Vera CABRAL, 2018)

Neste início de século XXI, temos uma sociedade rica do ponto de vista cultural, diversificada e multifacetada, mas também marcada por grande desigualdade social e manifestações quase diárias de preconceito racial. Isso, no meu entender, é ainda herança da exploração desumana, cruel e indigna do trabalho de milhões de pessoas forçadas a cruzar o Oceano Atlântico a bordo dos navios negreiros para viver como cativas no Brasil colônia. Estudar essa herança escravagista é, portanto, fundamental para entender a história do país e as dificuldades e características atuais. (Laurentino GOMES, 2019)

TUDO

A leitura não é condição para boa escrita. A leitura é fonte de insumos, conteúdos, mas não ensina ninguém a escrever. Essa relação entre leitura e escrita é apenas um rótulo criado, porque a nossa sociedade precisa encontrar uma finalidade prática para tudo. Então, dá-se um conteúdo utilitário ao texto literário e despreza-se o seu verdadeiro valor, que é lúdico. (Regina ZILBERMAN, 1989)

Existem livros e livros. Há os livros caros, livros de preço mediano, livros baratos, livros bons, livros ruins. E se vende de tudo. Eu acho que, para a linha de ensino, o livro bom custa caro, infelizmente. Ainda não se encontrou uma fórmula para se fazer livro bom e barato. A única forma seria ganhar na escala. [...] O fato de o livro ser descartável não influi no seu custo. O papel, a impressão, são os mesmos. A qualidade está no conteúdo, nos bons autores. Mas não adianta ter bom conteúdo se a criança não o captar. (Fábio MENDIA, 2000)

Eu acho que o que confunde um pouco o pensamento é o fato de usar o termo educação para designar algo que acontece fora da escola. Evidentemente, tudo é educação. [...] Fora da escola existe um espaço provavelmente público onde tudo pode acontecer. Mas, na maior parte do tempo, a ideia educativa é percebida em torno dos conceitos e dos métodos, o que nos faz voltar à escola. O que acontece fora da escola não é a escola, é outra coisa. (Daniel RAICHVARG, 2001)

O maior barato é fazer uma criança que não sabe ler entender um filme da Dinamarca, por exemplo. Como não temos dinheiro para pagar a tradução, contratamos atores-dubladores, que ficam numa mesinha, ao lado da tela, fazendo as vozes. Nos primeiros três minutos a molecada tem aquela sensação engraçada de escutar dinamarquês e entender tudo. (Felicja KRUMHOLZ, 2002)

Um grande obstáculo que existe na formação de qualquer profissional é quando ele se considera um *expert*, que não tem mais nada a aprender. Acha que sabe tudo. Nesses casos, ele acha que não deve se expor ou tentar aprender outras coisas. [...] O papel central da escola, das pessoas que tomam as decisões dentro do contexto escolar, deveria ser o de atribuir uma prioridade alta à formação adequada dos docentes. (David SASSON, 2005)

A literatura dá sentido a tudo que está acontecendo à sua volta. A vida, nesse sentido, ganha expressão e entendimento através da arte. Conhecer a borboleta é pouco, entender o voo da borboleta também. É preciso entender a borboleta num universo maior. E a arte mostra que entender cada coisa no mundo é pouco. Precisamos alinhar tudo num sentido maior, numa transcendência. (Maria Antonieta Antunes CUNHA, 2006)

O conhecimento sobre doenças tira dos médicos a flexibilidade para fazer diagnósticos e definir que medicamentos indicar a um paciente? É a mesma coisa. O conhecimento didático nunca vai abranger tudo o que pode acontecer durante o ensino e a aprendizagem. Trata-se de entender as variáveis que estão implicadas numa situação didática, não de prescrever regras. [...] Os professores precisam produzir respostas próprias, mas não inventar o que já se sabe. (Delia LERNER, 2006)

A escola hoje é tudo para as crianças. Elas não têm vizinhos, os parentes normalmente estão distantes. Com o rumo que as famílias e os espaços públicos estão tomando, sobra o quê? A escola, que passou a ser a vida pública. E isso só atrapalha a escola, porque ali a criança deve realizar-se como aluno e como alguém na sociedade. Antes a escola era só para estudar. Você podia ser um péssimo aluno, mas ser o melhor jogador de futebol da rua. Havia outros lugares de reconhecimento. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Em qualquer reforma educacional, há uma série de condições para o sucesso e uma delas é a Educação dos próprios educadores. Formamos uma geração de profissionais que acredita que toda criança pode aprender. Tudo depende de uma abordagem correta. Eles se tornaram aptos a compreender os diferentes perfis de aprendizado dos alunos para, assim, adotar a ferramenta mais apropriada. (Lee Sing KONG, 2012)

[Os professores] devem lembrar-se de que não sabem tudo nem têm necessariamente razão em tudo. Compete-lhes fazer com que os alunos vejam neles exemplos de sinceridade, de modéstia, de justiça, de vontade de saber, de recusa de não compreender, de espírito crítico que nenhum dogma e nenhum preconceito jamais submeterá. (José MORAIS, 2012)

Trabalho sempre com a filosofia, mas sempre fazendo relações com o cinema, a literatura e tentando buscar uma forma de expressão que dê certa ideia do singular e do concreto. [...] Estou cada vez mais convencido de que se poderia organizar uma graduação completa de formação de professores somente com literatura, cinema e filosofia, sem psicologia, sem didática, deixando de fora a língua dos especialistas. Estou cada vez mais convencido de que tudo está na literatura e na arte. (Jorge LARROSA, 2013)

Não sou dos que acham que as neurociências são tudo. Elas são apenas uma disciplina importante no contexto educacional, porque o funcionamento do cérebro é um dos aspectos da educação, mas há que se considerar muitas outras dimensões que são provenientes do conhecimento das ciências humanas e sociais, da psicologia cognitiva e, de outro lado, também da matemática, das ciências da computação e das tecnologias digitais. (Roberto LENT, 2017)

Certa vez, estava dando aula de língua portuguesa no 5º ano, e a porta da sala estava encostada com uma carteira. Era uma daquelas carteiras mais antigas, de ferro na ponta. A escola era muito grande, e uma pessoa de fora pulou o muro, entrou nas dependências da instituição e chutou a minha porta. Eu estava em pé dando aula, a carteira entrou na minha perna e eu caí no chão. A minha dor na hora era tanta que imaginei que tivesse levado um tiro. [...] Naquele momento, pensei: “Será que preciso passar por tudo isso?”. (Débora GAROFALO, 2019)

Ainda existe uma ideia, difícil de desconstruir no senso comum, que entende a alfabetização como um processo binário: ou você é alfabetizado ou não é. Se você sabe codificar e decodificar a escrita, é alfabetizado, e, portanto, podemos começar a ensinar história, geografia etc. Isso não é verdade. [...] A competência leitora é algo que precisa ser desenvolvido durante toda a vida escolar, de forma sistemática. Esse desenvolvimento só acontece à medida que o aluno é exposto a

novos gêneros, novos tipos de texto. Isso tudo tem de ser ensinado. (Ana Lúcia LIMA, 2019)

Qualquer profissional precisa aprender sempre. Quando um profissional pensa que sabe tudo, tem um problema. Podemos ter experiências de 20, 30 anos de trabalho, mas nunca saberemos tudo. Portanto, hoje, assim como antes, cuidar da atualização, do estudar, de conhecer novos processos não é uma novidade, mas uma ação inerente ao ser professor. (Kátia Stocco SMOLE, 2019)

NADA

No caso da Matemática, é preciso ressaltar sua presença no cotidiano, na organização das cidades, no espaço físico e na economia. Não podemos mais ensinar a Matemática como uma coisa fora do mundo, totalmente abstrata e ausente de nossa realidade. E, mesmo em Português, nada tem a ver com nada. É por isso que, depois de onze anos de escola, os alunos não sabem ler nem escrever corretamente. (Neidson RODRIGUES, 1987)

Numa escola que vive o processo educativo, os alunos saem formados para a vida. Caso contrário, eles saem com um belo boletim, um belo diploma e despreparados para a vida. Sem consciência da cidadania, do que é o governo, qual a sua responsabilidade e competência. Este é o país dos incompetentes, e a escola tem que mostrar essas coisas para os alunos. Mas a Educação que a gente tem hoje, com sala de aula e currículo defasado, não leva a nada. (Luiz Carlos CAGLIARI, 1988)

Quando perguntei a uma menina sobre o que ela estava aprendendo na escola, ela me respondeu prontamente: “Nada”. Na perspectiva das crianças os exercícios dados pela professora eram poucos e fáceis. Presenciei também a dúvida de algumas crianças que, com o adiamento da escrita, não sabiam mais se estavam de fato na 1ª série ou no pré. [...] Para elas, estudar *a, e, i, o, u* não é aprender português. (Maria Lúcia CASTANHEIRA, 1993)

Fazer leis baseadas em índices de repetência e regras gerais para um país de escala continental, com sociedade desigual e necessidades diferenciadas, não leva a nada. Na minha opinião, o papel do professor de Educação Básica deve ser o de incentivar os alunos a construir o conhecimento da região onde vivem, desde os limites territoriais até as características geográficas, econômicas e políticas. (Aziz AB’SABER, 2001)

Não há nada surpreendente em termos demorado tantos séculos para nos convenceremos de que é a Terra que gira em torno de um eixo imaginário (trata-se de um modelo teórico da Terra), e não o céu. Essa questão de construção teórica, intelectual, é muito interessante. Certa vez um menino ficou decepcionado ao observar uma estrela através do telescópio e não encontrar as suas cinco pontas. (Rovilson José BUENO, 2003)

Toda teoria, seja informal ou formal, pessoal ou pública, vem de um determinado ângulo. Isto produz uma maneira ver o mundo, de falar sobre ele, e permite que se fale sobre algumas coisas e não sobre outras. O que todos assumem como simplesmente uma maneira de falar é, na realidade, constituído a partir de uma perspectiva epistemológica, uma maneira de ser, conhecer e fazer a que nós chegamos num determinado momento de nossa história. Então, nada é natural. (Judith GREEN, 2003)

O desempenho dos estudantes brasileiros está longe de ser satisfatório, mas usar os resultados [do PISA] para reclamar não leva a nada. A Alemanha, por exemplo, ficou em 26º lugar no PISA realizado em 2000. Inconformada, a sociedade debateu o assunto e agora o sistema educacional deles está passando por uma

grande reforma. Em vez de questionar os dados, os alemães procuraram o motivo do mau desempenho. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2005)

A maior parte dos formadores recorre a modelos de ensino em tudo contrários aos modelos teóricos que pretendem transmitir. Quando um candidato a professor assiste passivo a aulas sobre “métodos ativos”, o que fica? Talvez a “fossilização” teórica (do Piaget, da Montessori, do Freinet, ou de qualquer outro autor), mera mnemônica para uma prova. Nada mais! Como conceber uma ideia de mudança assente sobre uma formação acrítica e contaminada pelo academismo? (José PACHECO, 2006)

O nosso problema educacional, velhíssimo, que nós temos, que sempre tivemos, é este: quando educamos alguém, nós simplesmente tratamos de domesticar essa pessoa, e domesticação não é educação. Para educar, você traz. Na medida do possível, da sua capacidade, você executa um trabalho de demiurgo, de trazer o que está ali. Você não põe nada ali dentro. Não tem por que se meter a enfiar nada na cuca de ninguém. (Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO, 2007)

Ainda não se inventou – e não só para ensinar Literatura – pedagogia melhor que a socrática: um mestre perguntador incansável que forma com os discípulos um grupo de afeição. Se o professor questiona, qualquer resposta é boa e pode se transformar em outra pergunta, até o infinito. Se o mestre anda com os discípulos, ainda que meia hora por dia ou por semana, faz nascer a afeição, positiva ou negativa. Sempre gostei dos alunos que não queriam ler nada, nunca. (Joel Rufino dos SANTOS, 2008)

Educadores tradicionais da educação infantil não sabem nada sobre conhecimento lógico-matemático. Então, professores que desejam desenvolver o conhecimento lógico-matemático de suas crianças precisam entender não apenas a teoria de Piaget, mas também as evidências científicas que servem de base a essa teoria. Sua teoria é fundamentalmente diferente do empirismo e do behaviorismo, nos quais se baseia a educação tradicional. (Constance KAMII, 2011)

Grande parte do que é importante na nossa vida e na vida desses adolescentes não “serve” para nada. Paixão, futebol, música, dança, arte servem para quê? Não são úteis, são importantes na nossa vida. O que temos de ensinar aos jovens? O que é importante para entender o mundo, a vida, os outros e a si mesmos. Mais uma vez, a questão central é a do sentido. (Bernard CHARLOT, 2013)

As regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso, achamos que “português é uma língua difícil”: porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil, é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa ideia falsa. (Marcos BAGNO, 2015)

Todo saber é saber, não importa sua natureza e origem. Considerar os saberes adquiridos e competências desenvolvidas na história da vida, bem como a identidade do adulto, é o primeiro passo para uma relação entre sujeitos, para uma pedagogia dialógica. Porque não teve escolarização, ou a teve incompleta,

ele não é um nada. Ele é um cidadão com história de vida, com relevantes contribuições ao seu contexto social e familiar. (Genuíno BORDIGNON, 2019)

Os ministros da educação deste governo [Bolsonaro] não são gestores por conceito e, muito menos, especializados em administrar qualquer coisa relacionada à educação. Não percebem uma obviedade: em um sistema imenso como o nosso, altamente compartilhado por instituições e repartido em vários níveis de gestão, tentar impor medidas sem buscar o entendimento com essas instâncias gera apenas divisão, reação, imobilidade – e mais nada. Nada. (Murílio HINGEL, 2019)

METADE

Os aspectos objetivos deveriam ocupar mais da metade do tempo posto na formação de professores, e menos da metade do tempo deveria ser ocupado mais particularmente com os conteúdos a serem transmitidos. A psicopedagogia tem muito a ensinar em relação ao vínculo professor-aluno e sua incidência na própria construção do conhecimento e na constituição subjetiva dos alunos. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

Se somarmos as três universidades estaduais paulistas, somos responsáveis por 70% dos pós-graduandos do Brasil. A USP responde por mais da metade disso. Nós não contratamos nem 10% dos 3 mil e tantos mestres e doutores que formamos. A opção estratégica da USP foi a seguinte: não há rivalidade entre o privado e o público. Deve haver complementaridade, que se dá pela via da pós-graduação. Estou convencido que foi a decisão certa. (Jacques MARCOVITCH, 2000)

Mais da metade das famílias tem um computador em casa na maioria dos países desenvolvidos, e os índices de conexão à internet seguem o mesmo caminho. Os países escandinavos, os mais avançados nessa área, já apresentam um índice de conexão à internet da ordem de 80%. No Canadá, onde moro, 50% das pessoas estão conectadas à internet em casa e cerca de 10% praticam o “teletrabalho”. Evidentemente, os países em desenvolvimento ainda não atingiram esse ponto, mas isso é apenas uma questão de tempo. (Pierre LÉVY, 2001)

Podemos dizer que, hoje em dia, ninguém está preparado para trabalhar nesta “sociedade da informação”, com um volume absurdo de informação ao alcance de toda a gente e uma desatualização permanente dos conhecimentos. Há dias, ouvi um conceituado cientista dizer: “Eu sei que 50% dos conhecimentos que ensino nas minhas aulas estão ultrapassados. O meu problema é que não sei identificar a metade que está ultrapassada e a metade que não está”. (António NÓVOA, 2003)

O que dificulta a ação da escola pública, que também tem docentes altamente qualificados, é a alta rotatividade do pessoal. O professor é da rede e não de uma unidade escolar. Quando se consegue montar um corpo docente eficiente, chega o fim do ano, metade dos professores são removidos e tem-se que começar tudo de novo. Já na rede particular não existe a mesma rotatividade, porque sem um corpo docente estável não há definição do projeto pedagógico. (Arthur FONSECA FILHO, 2004)

Recente pesquisa norte-americana da Fundação Nacional de Ciência dos EUA mostrou que menos da metade dos adultos americanos compreendem que a Terra gira em torno do Sol anualmente e também revelou que somente 21 % deles podem definir DNA. Dados da pesquisa trazem ainda a informação que apenas 9% sabem a definição de molécula. Outra pesquisa apontou que um em cada sete norte-americanos não é capaz de localizar os EUA em um mapa sem legendas. (Virgínia SCHALL, 2007)

O primeiro passo é acabar com a evasão no Ensino Fundamental. Esse nível de ensino foi universalizado, mas os índices de abandono antes de sua conclusão

ainda são altos. A segunda ação é garantir vagas no Ensino Médio. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que menos da metade dos jovens que têm idade entre 15 e 17 anos estão na escola. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

Aliás, para que serve a nota? Por que um médico manda um paciente em um laboratório para fazer exames? Para depois recebê-los e dar nota? O exame serve para o médico saber como o paciente está e depois medicá-lo. Com o aluno acontece a mesma coisa. Se eu dou uma certa matéria, a prova serve para eu saber quantas pessoas entenderam o que expliquei. Se metade da classe não entendeu, o que adianta eu dar nota baixa? (Pedro BANDEIRA, 2009)

Atualmente, na maioria dos currículos de matemática, não existe a previsão de trabalhar com a criança sobre a lógica das quantidades. A escola espera que a criança já entenda essa lógica e passa direto ao ensino dos números. No entanto, nossas pesquisas mostram que entre metade e um terço das crianças precisariam trabalhar esses raciocínios na escola, pois, quando ingressam no ensino fundamental, ainda não tiveram oportunidades anteriores para pensar sobre relações entre quantidades. (Terezinha NUNES, 2011)

Há maneiras distintas [no Chile] de se iniciar na profissão porque temos três tipos de escola: a municipal, a particular paga e a particular subvencionada (que são propriedades privadas que recebem verbas do Estado). As duas últimas (empregadoras de mais da metade dos professores) têm um mecanismo próprio. Muitos municípios promovem concursos de recrutamento, mas não há uma lei que os obrigue a fazer isso. Por não haver um mecanismo oficial e transparente, a qualidade é colocada em risco. (Jorge MANZI, 2012)

Em mais da metade das cidades [brasileiras], o volume de impostos arrecadados não é significativo. São municípios com uma dependência muito forte do recurso distribuído pelo governo federal. Neles, o FUNDEB representa 90% do dinheiro disponível para investir na educação. Se os municípios não têm outros recursos para além daqueles vinculados ao FUNDEB, eles terão dificuldade para garantir um salário inicial mais alto para professores. (Carlos Eduardo SANCHES, 2012)

Acredito que tanto a população negra quanto a indígena sejam tornadas invisíveis nas escolas, tanto no currículo quanto nas práticas dos professores. Mas há uma diferença quantitativa muito grande, principalmente nas grandes cidades. A população negra é mais da metade do total, enquanto a indígena não chega a 1%. O racismo se manifesta mais diretamente com relação à população negra. (Amilcar Araujo PEREIRA, 2013)

Na América Latina, um dos problemas mais sérios que enfrentamos é o baixo nível de leitura e escrita das crianças. Na média, metade das crianças não aprende a ler. A leitura é uma habilidade fundamental para usar a internet, pois a capacidade de leitura define o tipo de uso que as pessoas fazem da internet. Elas vão buscar a informação de acordo com a sua capacidade de leitura e de categorização. Se nossas crianças continuarem a sair da escola com os baixíssimos níveis de escrita e leitura, como vem acontecendo, a internet não serve para nada. (Bernardo TORO, 2015)

É uma estimativa de que 49% dos professores de educação básica se aposentem até 2025 ou 2026, ou seja, cerca de metade dos professores vão se aposentar nos próximos dez anos. [...] Mas temos de garantir que os mais antigos ajudem esses novos professores. A docência é uma combinação de conhecimentos aprendidos na teoria com conhecimentos aprendidos na prática. E a escola precisa ter – é o que a experiência internacional diz – uma combinação entre profissionais jovens e outros mais maduros. (Fernando ABRUCIO, 2016)

Pegue trinta alunos sentados na frente de um professor em qualquer um dos formatos [de aula]. Numa curva de Gauss, em forma de sino, você perceberá que 20% deles entendem tudo nos primeiros dez minutos e, em quase todos os casos, não precisam do restante da aula. No outro extremo, de 20% a 30% não aprenderão aquilo nem que passem dois anos em insistência. Da parte restante, metade pensa em sexo, futebol, moda, enfim, e a outra metade presta atenção. (Ricardo SEMLER, 2019)

MUITO

No meu tempo de professor, proibi que se fizessem desenhos nas provas de ciências. Eu quero que ele aprenda a dizer aquilo com palavras. Numa aula de laboratório, é muito boa aquela parte de pesquisa, de manipulação. Agora, é sumamente importante que ele faça um relatório, porque aí ele vê que não entendeu bem. O escrito é muito mais exigente que o falado. Todos os trabalhos por aqui são feitos por escrito. Então você aprende português na aula de história, na aula de geografia. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

Quando a criança tem a possibilidade de participar ou mesmo observar situações em que a escrita e sua linguagem específica estão presentes, ela vive num ambiente alfabetizador. É preciso, no entanto, tomar cuidado com a expressão “ambiente alfabetizador”. Muita gente, com a melhor das intenções, confunde a ideia. Não basta encher a classe com coisas escritas nas paredes. É muito mais do que isso. (Telma WEISZ, 2000)

Constatai que, atuando de forma inteligente, pode-se alfabetizar aos 5 anos, aos 6 ou aos 7. É preciso oferecer oportunidade para os menores. Alguns vão aprender muito, outros nem tanto. A ideia de que eu, adulto, determino a idade com que alguém vai aprender a escrever é parte da onipotência do sistema escolar que decide em que dia e a que horas algo vai começar. Isso não existe. As crianças têm o mau costume de não pedir permissão para começar a aprender. (Emilia FERREIRO, 2001)

Nos últimos anos tem crescido muito a procura por cursos de mestrado como forma de melhorar a qualificação profissional. Porém, muitas pessoas têm uma visão equivocada do mestrado, que é voltado para a formação do pesquisador em determinada área do saber, e não um curso de formação ou de especialização em certa área ou função. Outro problema é que diversas pessoas procuram o mestrado sem estarem preparadas para redigir uma dissertação, por exemplo. (Sílvio GALLO, 2006)

Um exemplo, nessa área de planetas, é a descoberta recente de muitos mundos, que estão fora do sistema solar, girando em volta de estrelas que não o Sol. E tem também, ligada com isso, a busca de vida fora da Terra. Isso é muito significativo, filosoficamente. Alguns dizem que seria a maior descoberta de todos os tempos, caso se descobrisse vida inteligente em outros mundos. (Marcelo GLEISER, 2006)

Por várias razões, ensinar é uma profissão que toma a vida toda. Durante muito tempo, nossa expectativa era: o professor começa a ministrar aulas aqui e termina lá na frente, 30 anos depois, dando aula do mesmo jeito. As coisas mudaram. Hoje em dia, os novos mestres olham a situação de uma maneira diferente. Estudantes que pretendem entrar no magistério pensam mais a curto prazo, em ganhar experiência e depois procurar o engajamento em algo com significado, mas ainda lecionando. (Eric HIRSCH, 2008)

A criança de três anos já consegue contar uma experiência vivida. Evoque uma situação, peça a ela que conte uma história, que fale. Já uma criança de quatro anos é capaz de memorizar uma história que o professor contou a ela e ditar para

o professor escrever. Isso é muito interessante. No mais, é ler muito para o aluno. Ler um livro por dia. Se o professor ler um livro por semana, no fim do ano terá lido 30 livros. O professor ajuda muito a criança assim, principalmente aquela que não tem livro em casa. (Ana TEBEROSKY, 2008)

Há enormes diferenças de compreensão das regras de pontuação, de criança para crianças. Mas é bastante claro que a organização gráfica do texto é muito importante para a grande maioria dos alunos em início de alfabetização. A forma como os pequenos colocam as palavras no papel e a forma como exploram os espaços em branco na folha dizem muito sobre suas concepções de linguagem. (Celia Díaz ARGÜERO, 2009)

A passagem para o Ensino Médio cria outro fator direcionado ao próprio pragmatismo do vestibular, a ponte para a universidade. Na 8ª série, o aluno começa a diversificar os seus interesses. Por outro lado, a escola funciona para colocá-lo na universidade. A vivência escolar de Ensino Médio se perdeu. Por isso não se fala muito de Ensino Médio no País. Parece que ele não existe. É o fantasma da educação. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2009)

Um maior número de aulas de história permitiria, inclusive, que pudessem ser acompanhadas de música, de literatura, ou seja, de interação com outras disciplinas. Se a história estuda tempos longos, como séculos e até milênios, e é tematicamente tão diversificada, apenas duas aulas semanais é uma quantidade muito pequena. Mas eu não defendo a ampliação do número de aulas para aumentar a quantidade de conteúdo. Estou falando em garantir um trabalho mais substantivo e criativo. (Lucília NEVES, 2010)

As escolas públicas estão devendo muito. É o contrassenso da educação atualmente: a melhor escola universitária é a pública. Porém, na base, as piores escolas de Ensino Fundamental são também as públicas. A maioria dos que vão para as universidades estaduais e federais é de alunos que estudaram em colégios caros. Há uma inversão a partir do vestibular. E é isso que o governo tem de atacar. (Murilo PINHEIRO, 2010)

Não dá para transportar um modelo de um lugar para o outro porque as circunstâncias, as culturas e as situações são muito diferentes. No entanto, boas lições sempre podem ser aprendidas com as experiências positivas de outras partes do mundo. Cingapura tem um sistema educacional pequeno, compacto. Conseguimos evoluir e atingir um bom patamar porque pegamos os aprendizados dos outros países e realizamos as adaptações necessárias. (Lee Sing KONG, 2012)

Passei o período em que escrevia minha tese com ele [Piaget] em Paris, em 1968, ano da revolta estudantil, e fui influenciado por muitas de suas ideias. Posteriormente me afastei um pouco dessas ideias, em especial, por estar interessado no processo de ensino e aprendizagem em matemática. Piaget não estava muito interessado na aprendizagem escolar. Ele era um generalista do conhecimento, muito importante, é claro; porém, ainda que as suas teorias sejam utilizadas na educação, ele mesmo não trabalhava com as contribuições da prática escolar (Gérard VERGNAUD, 2012)

Se eu quero fazer uma escola que está abandonada e depredada, isso diz muito sobre o que eu quero da educação. Não adianta falar bonito porque isso não vai fazer com que as crianças aprendam. Precisamos desnaturalizar essa escola detonada, depredada. Não podemos achar normal que a escola esteja com as suas paredes pichadas, com os banheiros sem papel e sem espelho, isso não é razoável. Muitas não têm água, em outras o banheiro dos professores está arrumado, mas o dos alunos não. (Tereza PEREZ, 2013)

Trata-se de uma alteração imensa porque hoje o Fies funciona muito para pessoas mais velhas, que já estão no mercado de trabalho e têm, no Ensino Superior, uma possibilidade de encontrar um emprego melhor. Essa população muitas vezes não está suficientemente preparada para alcançar uma pontuação razoável no exame, ficando de fora. (Helena SAMPAIO, 2015)

POUCO

Tenho visto casos de crianças que são reprovadas, nas quais uma análise mais minuciosa da real situação de aprendizagem da leitura e escrita em que elas se encontram mostra que falta muito pouco para que se apropriem do código alfabético. No entanto, essas crianças são reprovadas e a escola lhes oferece como prêmio (não seria um castigo?) a possibilidade de tentar de novo – trilhando os mesmos caminhos, na maioria das vezes usando a mesma cartilha e as mesmas atividades já tão conhecidas e desgastadas, ou seja, revivendo o seu fracasso. (Marizinha PIMENTEL, 1989)

O analfabetismo [em Moçambique] havia sido reduzido de 99%, na altura da Independência, para 67%, por meio de um compromisso muito grande não só do governo, mas da própria sociedade, com campanhas de alfabetização. Os portugueses haviam feito muito pouco pela Educação. Infelizmente, vindo a guerra, o meio rural acabou por novamente registrar essa tendência para o analfabetismo. (Aniceto dos MUCHANGOS, 1994)

O estado de São Paulo tomou uma decisão corajosa de comprar os remédios, inclusive os mais modernos do mundo, para toda a população doente [com Aids]. Eu tenho uma posição um pouco diferente: o Estado deve doar medicamentos para quem não tem dinheiro. Assim, quem tem um pouco paga um pouco, quem não tem nada recebe tudo e quem tem muito, deve pagar. É óbvio que eu não objetivo o indivíduo, mas tenho como meta as empresas que podem ajudar, e devem, no tratamento e na compra desses medicamentos. (David UIP, 1997)

Hoje há muito pouca gente que diz “não sou construtivista”. Ao mesmo tempo, sabe-se muito bem que a matemática é uma produção social que, apesar do construtivismo, os pequenos não podem redescobrir sozinhos, motivo pelo qual é necessário que haja intermediários institucionais e humanos. Embora sejam encontradas muitas ações de mediação em Piaget, o teórico da mediação não é Piaget, e sim Vygotsky. (Gérard VERGNAUD, 1998)

Dizer que basta saber as quatro operações matemáticas básicas, decodificar símbolos linguísticos, lendo e escrevendo a língua materna e um idioma estrangeiro, e conhecer a linguagem dos computadores é afirmar uma educação de baixo nível. Há coisas que nós, os humanos, sabemos há mais de 2000 anos e das quais nos esquecemos! Uma educação que pretende pouco está colaborando com o esquecimento desse acervo. (Miguel MOREY, 2002)

Existem dois grandes gargalos no sistema de ensino. Um é o turno escolar, pois ainda são poucas as redes com períodos de cinco horas. A maioria oferece três horas e meia ou quatro horas de aula por dia para poder atender em três ou quatro turnos. Outro problema é o absenteísmo do professor. As escolas não dão conta de manter substitutos em número suficiente para ficar no lugar dos que faltam. Ou seja, o aluno fica pouco tempo na escola e ainda corre o risco de não ter aula. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2005)

Uma tendência que está tendo lugar agora – e que é um pouco desconcertante – é o crescimento de instituições *on-line* voltadas ao lucro. Às vezes, esses programas sacrificam a qualidade a fim de atrair um maior número de alunos e

usam uma abordagem de “cortador de biscoitos”, querendo dizer que há pouca liberdade acadêmica e muito pouco estímulo para o uso de habilidades do pensamento crítico. A ênfase aqui é no lucro, e não na educação. (Rena PALLOFF; Keith PRATT, 2005)

As escolas não estão preparadas com uma infraestrutura que crie boas condições de trabalho para o professor, com laboratórios e bibliotecas, fazendo-o optar pela pós-graduação, uma vez que a bolsa acaba sendo maior do que o salário. O resultado é uma má formação de professores na área da ciência, a matemática inclusive, com alunos pouco motivados e incapazes de perceber a física inserida no mundo contemporâneo. (Adalberto FAZZIO, 2006)

Os jovens sempre foram sabidamente rebeldes. Atualmente, essa rebeldia tem outra cara: os jovens dominam as tecnologias, a Internet, os canais de comunicação. [...] Um pouco de ambição não faz mal a ninguém e pode, sim, auxiliar numa melhoria do processo educacional. Porém, continuo a afirmar que o que me encanta é o idealismo dos professores e a rebeldia dos jovens. Ambição por conhecimento tem sua parcela nesse processo, mas é apenas uma fatia dessa enorme força revolucionária social. (José Ângelo GAIARSA, 2006)

A reprovação é um fenômeno que, historicamente, tem a ver com a ideologia de que, se o estudante não aprende, isso se dá exclusivamente por responsabilidade dele. As frases reveladoras são aquelas do gênero “eles não querem mais nada”, “não estudam”, “não têm interesse” etc. Muitas outras razões, além do próprio aluno, podem conduzir ao fracasso escolar, como as políticas públicas que investem pouco no professor e no ensino, com baixos salários e problemas de infraestrutura. (Cipriano LUCKESI, 2006)

[O professor] tem a responsabilidade de oferecer oportunidades de aprendizagem a todos. Se essa concepção acompanha o trabalho docente desde a Educação Infantil, a possibilidade de que os alunos cheguem à 8ª série interessados em estudar é muito maior. A escola não pode atender apenas a quem está interessado. O que um jovem que não quer estudar pode esperar do futuro e o que ele pode oferecer ao país? Muito pouco. (Alvaro MARCHESI, 2007a)

Você não pode impedir os pais de querer ver os filhos no palco em uma festa. A tentação de mostrar a criança é muito grande não apenas na música como também nos esportes e em recitais de poesias, por exemplo. Entretanto, é preciso fugir da armadilha de reduzir o ensino de Música a essas atividades. Também não se pode cair na ideia de que o objetivo escolar é formar músicos ou apenas fazer com que as crianças gostem um pouco mais de música. (Keith SWANWICK, 2010)

Não acredito em melhorar a situação, mas em uma mudança estrutural séria. E o que vejo todos os países latinos fazendo é investir em estratégias somente para melhorar. Eles investem um pouco mais, capacitam um pouco mais, melhoram a infraestrutura um pouco mais, compram computadores um pouco mais, aumentam o salário dos professores um pouco mais. O modelo é o mesmo de 30 anos atrás e a pedagogia, que é o fundamental, não recebe a devida atenção. (Rosa María Torres del CASTILLO, 2011)

Os filmes são uma fonte muito importante para a formação do imaginário, ainda mais na atualidade, em que as crianças leem pouco. A garotada também passa bastante tempo jogando *videogame* e na internet. Quando defendo a cultura cinematográfica, considero válido assistir aos vídeos na televisão ou em salas de exibição. Não importa o local, desde que garantidas a qualidade e a diversidade do material. (Alain BERGALA, 2012)

Até aquele momento – a segunda metade da década de 1990 –, as escolas rurais recebiam pouca ou nenhuma atenção dos governantes, sendo obrigadas, na maioria das vezes, a ficar com móveis e equipamentos que as escolas do meio urbano julgavam não servirem mais para si. [...] Além do mais, essas escolas praticamente não contavam com laboratórios, bibliotecas, espaços para esportes; a maior parte sequer dispunha de energia elétrica, água canalizada e banheiros com fossa séptica. (Luiz BEZERRA NETO, 2017)

BASTANTE

O diretor [escolar] também precisa ser um bom gerente. Neste caso, ele assegura que foram criados bons sistemas, estabelece funções e responsabilidades para outros, e mantém uma atitude aberta e flexível em relação a questões tanto educacionais quanto gerenciais. Esse é um diretor ótimo. Ele é seguro o bastante para ser aberto, mas está apaixonadamente comprometido com o bem-estar dos alunos e do pessoal. (Peter MORTIMORE, 1995)

Talvez os problemas enfrentados pela escola sejam muito semelhantes em todos os países, apesar das desigualdades de desenvolvimento e da diferente posição geográfica. Em lugar nenhum a educação é eficaz o bastante. O fracasso escolar e a exclusão são universais, assim como a necessidade de levar em conta as diferenças individuais e de uma pedagogia mais construtivista. (Philippe PERRENOUD, 2004)

A verdadeira questão não é gastar o bastante, mas gastar bem. Isso significa que os investimentos realmente beneficiem as crianças, os estudantes, que estão sendo distribuídos de maneira equilibrada entre salários dos professores e os materiais e equipamentos que o docente necessita. Então, acho que é muito importante observar a qualidade dos investimentos em educação, mas também a qualidade do ensino. Não é o bastante ter todas as crianças na escola se elas não aprendem como deveriam. (Jean-Louis SARBIB, 2004)

Em alguns locais começam a existir calçadas rebaixadas, para que seja possível circular com cadeiras de rodas. Embora isso ocorra de maneira limitada, bem longe de ser o ideal, já é um início. É o que podemos chamar de progresso social. Eu não sei se essa evolução é forte o bastante, mas certamente o Brasil é um país em que a visibilidade pública das pessoas portadoras de deficiências continua sendo muito pequena. (Contardo CALLIGARIS, 2005)

A avaliação institucional é um processo coletivo que mobiliza a escola toda para os problemas pautados pelas avaliações e reconhecidos pelo coletivo, com vistas a sua superação. Nesse sentido, ela cumpre, adicionalmente, um importante papel ao ser uma articuladora entre problemas, ações e compromissos locais da escola e seu vínculo com as demandas ao poder público para alicerçar tais ações e compromissos. A avaliação institucional está, portanto, bastante articulada com a questão da gestão escolar. (Luiz Carlos de FREITAS, 2006)

O sistema se baseia naquilo que o sujeito não é, não tem e não faz. Além de valorizar outras habilidades, devemos ficar atentos aos pequenos ganhos. Por exemplo: um aluno que não tinha a mínima ideia do que era escrever começa a notar a existência de sílabas e utiliza uma letra para simbolizar cada uma. Isso acontece bastante, mas para muitas pessoas pode parecer absurdo. (Jaime Luiz ZORZI, 2006)

A EaD não é nova no Brasil, pelo menos nos formatos mais clássicos. Ela está entre nós há bastante tempo. Há alguns anos, líamos nas revistas em quadrinhos as propagandas do Instituto Universal Brasileiro, oferecendo seus cursos por correspondência. Muita gente fez esses cursos e ganha a vida até hoje com os trabalhos que aprendeu – corte e costura, mecânica, arranjos florais, conserto de

relógios. Essas pessoas estão no mercado até hoje, com bons resultados. (Antonio SIMÃO NETO, 2008)

São os herdeiros que não trabalham mais nas empresas, que se profissionalizaram, que têm poder de fogo e estão dedicando suas vidas à causa educacional, a ações de responsabilidade corporativa ligadas às empresas, etc. É o capital que está investindo, coisa que não se fazia até então; estão tomando a frente, é um ponto bastante alvissareiro. (Marcelo Cortes NERI, 2011)

Imagine que os adolescentes usam bastante o *Twitter*. Esse fator já faz dele algo palatável para o professor utilizar em sala de aula, pois desperta um interesse natural. Por que o professor de Língua Portuguesa, por exemplo, não o utiliza para os alunos expressarem ideias em 140 caracteres? É um ótimo exercício de concisão, um trabalho de comunicação sintética que muitos alunos de doutorado não costumam ter. É fundamental saber resumir suas ideias no mundo de hoje. (José Armando VALENTE, 2011)

Acredito que a pesquisa em neurociências aparecerá com mais destaque na formação e no desenvolvimento profissional dos professores. Tendo em vista que o cérebro é o órgão da aprendizagem e que os professores estão tentando induzir mudanças plásticas na função cerebral através de sua instrução, é bastante óbvio que as neurociências devem fazer parte da formação docente e que o professor deve ter uma compreensão básica da função cerebral. (Daniel ANSARI, 2012)

Arte e História são provavelmente os dois métodos mais utilizados [para palestras], mas isso também pode ser feito a partir de algum elemento familiar. Por exemplo, eu tenho uma palestra que é toda centrada no morcego e no que há de matemático nele. Pode soar estranho, mas o morcego é um conceito familiar o bastante para atrair as pessoas e, a partir dele, consigo passar explicações sobre conceitos bem mais complexos. (Cédric VILLANI, 2012)

As grandes empresas se preocupam bastante com a qualidade da educação. Mas isso se manifesta como um problema na hora em que vão procurar os melhores profissionais, os jovens talentos – ou seja, entre os universitários. Quando uma empresa dá preferência para as grandes universidades, essa é uma forma também de garantir que os jovens não cheguem às empresas com problemas essenciais de domínio da língua, falta de cultura geral, de raciocínio, que deveriam ter sido resolvidos lá atrás. (Maíra HABIMORAD, 2014)

[A formação do professor de matemática] ainda é bastante teórica, com bastante treino de técnicas e demonstrações. Falta muita reflexão e leitura sobre a matemática aplicada. “Por que eu estou estudando uma equação de segundo grau? Qual é a função social disso, além do conhecimento científico e técnico que preciso ter?” Mas não deve ficar só no [campo] científico e no técnico. Eu tenho que trabalhar também com esse professor o porquê, onde eu vou aplicar. (Justina Motter MACCARINI, 2014)

A primeira infância é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança nos anos posteriores. A criança que passa por uma boa Educação Infantil tem muito mais chances de ter um aprendizado melhor nos últimos anos da Educação Básica. A UNESCO sugere que os governos foquem bastante essa etapa e tentem

expandi-la e ampliá-la. No sistema educacional brasileiro, isso é responsabilidade dos municípios, e muitas vezes as cidades não têm recursos suficientes. (Rebeca OTERO, 2016)

Se a gente tivesse um bom sistema nacional de educação, por exemplo, a situação melhoraria bastante. O aproveitamento dos recursos seria melhor. [...] Seria algo nos moldes conceituais do que temos hoje, por exemplo, na saúde, com o SUS. Um sistema que gerasse gestão mais eficiente e precisa dos recursos, aliada a avaliações frequentes de resultados e eficiência. Nunca tivemos isso – e podemos imaginar que isso sequer passa pelo horizonte dos atuais gestores. (Maria Alice SETUBAL, 2019)

NENHUM

Em muitos lugares, os alunos pobres só ganham espaço para algumas manifestações culturais, como dançar ou fazer música. E muitos se dão conta de que toda a sociedade – a escola incluída – é uma enorme hipocrisia. Eles têm a oportunidade de não se evadir, mas ficar significa, no futuro, ter um trabalho subalterno, sem nenhuma valorização. (Sara PAÍN, 2000)

Se vemos o professor como um “transmissor de conhecimentos”, não há nenhuma dúvida de que ele pode ser substituído por uma biblioteca ou por hipermídias. Porém, esse risco de substituição é muito pequeno, porque a aprendizagem é um processo social, e não um registro de informações. Não se aprendem apenas “conhecimentos” codificáveis e reproduzíveis, mas maneiras de fazer e de interagir com os outros. (Pierre LÉVY, 2001)

A causa principal dessa saída [de cientistas para o exterior], no entanto, não é o salário. Em nenhum lugar do mundo os pesquisadores científicos ganham mais do que qualquer outro profissional executivo. A diferença é que lá fora a infraestrutura é muito melhor. O pesquisador obcecado, competitivo, quer ter condições de trabalho. Não pode ficar aqui e ser obrigado a esperar, por exemplo, mais de seis meses para importar uma droga ou um equipamento necessário para a sua pesquisa. (Glaci Therezinha ZANCAN, 2001)

Hoje, como em nenhum outro momento da História, se tem uma chance real de ficar rico da noite para o dia. É só ver os jogadores de futebol, as modelos, os atores. Claro que isso não quer dizer que todos ficarão bilionários, mas a vontade, a ambição, a ganância de ser um desses novos ricos é muito grande em uma parcela significativa da população. Poucos e raros são os ambiciosos que conseguem evitar a ganância. Isso porque, como já havia dito anteriormente, quanto mais se tem, mais se quer. (José Ângelo GAIARSA, 2006)

Não tem nada que se possa elogiar [no ensino brasileiro]. Hoje, a escola particular apostilada é a da classe “média-média”. A dos ricos é a não apostilada, onde se usam livros. E aí tem o resto, bolsão de guardar criança. Chegou-se a uma situação de deterioração completa. Não vejo nenhuma pessoa que possa tirar o filho dali que não tire. O pai mais carrasco do mundo faz isso. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

A legislação sobre o hífen sempre foi confusa. O sistema que nós usamos a partir de 1943 é confuso, arbitrário e tem muitas exceções. Com a nova legislação, ficou um pouquinho mais fácil, mas isso para quem é da área. As outras pessoas vão precisar mesmo é de uma lista. Algumas palavras, como “para-choque” e “paraquedas”, só serão decididas pela lei da autoridade da Academia Brasileira de Letras, sem nenhuma lógica funcional. (Antônio Suárez ABREU, 2009)

Para mim, os PCN e os Parâmetros em Ação tiveram um resultado nulo. Educação bancária, como diria Paulo Freire. Gastou-se um dinheiro infernal e o País demonstrou seu colonialismo ao chamar um espanhol, César Coll, que fracassou quando fez o currículo nacional do país dele, para fazer o nosso. Nenhum currículo vai dar certo se feito de cima para baixo. O professor tem de participar. (Ana Mae BARBOSA, 2009)

Você precisa ter professores ainda mais bem preparados para poder lidar com a criança não alfabetizada. [...] Você tem crianças que vão para a quinta série sem estar alfabetizadas. Não sabem ler nem decodificar. Não sabendo nem a língua materna, você pode aprender uma segunda apenas em nível oral. No nível da leitura, que é o que está sugerido nos Parâmetros Curriculares, não pode, de jeito nenhum. (Maria Antonieta CELANI, 2009b)

A arte envolve tanto a compreensão que os artistas têm de si mesmos e de seu lugar no mundo quanto do resultado. De modo análogo, o brincar permite que as crianças aprendam sobre si mesmas, suas tolerâncias, suas habilidades e seu relacionamento com outras pessoas. A arte e o brincar são processos e, ainda que ambos possam ter um “produto” explícito, este não é necessário a nenhum deles. (Janet MOYLES, 2009)

Não existem modelos que a gente consiga copiar porque os sistemas são diferentes, os perfis de participação também. Mas, por exemplo, acho que os Estados Unidos equacionaram muito bem essa questão [da qualidade da educação], a Coreia do Sul em tempos recentes, a Inglaterra, a Finlândia, até mesmo Cuba, que deu um salto qualitativo. Agora o problema é que nenhum desses modelos é copiável porque o peso da história, da cultura e das tradições também conta. Nós temos de achar nosso caminho. (Romualdo Portella de OLIVEIRA, 2010)

A biblioteca serve para buscar informações ou para a leitura recreativa. Nenhuma dessas duas coisas é ler. Procurar informações é importante, mas a leitura permite a busca de sentido do ser humano, de seu lugar no mundo, de relações com os outros. A leitura não serve só para pensar o mundo, mas para mudá-lo. Pode-se dizer que “ler é um direito”, mas não ler também é um direito. Nestas palavras, há uma coisa escondida: a maioria das pessoas não rejeita a leitura conscientemente, mas são rejeitadas pela leitura. (Silvia CASTRILLÓN, 2011)

Pense qual é o secretário de educação, prefeito ou governador que perdeu ou ganhou a eleição por causa da qualidade da educação do seu sistema? Nenhum. Não tem nenhuma punição e nenhum benefício no Brasil por oferecer educação de qualidade. Por quê? Porque a população não se importa. Você precisa fazer com que a população se importe. Esse é o primeiro passo. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

Não seria razoável termos um relatório em que encontrássemos as questões do ENEM e como elas estão relacionadas com o ensino? Alguém precisava apontar: “Sobre essa questão, o que ela pretendia? Onde ela foi ensinada?”. Mas simplesmente não há intersecção pedagógica por parte de quem está propondo o exame. O ENEM, que é um esforço fantástico e pauta a sociedade, tinha de ter consequências pedagógicas, mas não tem nenhuma. (José Francisco SOARES, 2012b)

O “professor de informações” está historicamente morto. Nenhum docente pode entrar em concorrência com o Google, pois, quando o aluno digita qualquer palavra, ele recebe gráficos, imagens e textos como resposta. Por outro lado, nunca foi tão necessário um “professor de saber”, isto é, um professor que ensina

como procurar, avaliar e reunir informações para entender o mundo e resolver problemas. (Bernard CHARLOT, 2013)

A gente proíbe o celular na escola porque a gente não sabe o que fazer com ele. Deveríamos integrar o celular à escola. E dentro do ambiente escolar, não vale contato de amiga, de mãe. Até porque, se a gente integrá-lo ao ambiente intelectual escolar, as coisas vão ficando mais tranquilas. Tenho visto muita escola com *tablet* – não há diferença entre o *tablet* e o caderno. Agora, as apostilas estão no *tablet*, passaram do papel para a tela. Não vejo nenhuma mudança. (Rosely SAYÃO, 2015)

SUFICIENTE

A rede física escolar existente no país já é razoável – embora não suficiente – para garantir a universalização do acesso ao curso de 1º Grau. O problema principal é a péssima distribuição espacial das escolas, muitas vezes construídas em locais onde não há demanda. Vou desenvolver estudos com os estados e municípios para implantar um sistema de transporte escolar de acordo com as necessidades regionais, de modo a otimizar a rede física já existente. (Fernando Henrique CARDOSO, 1994)

O que o Brasil possui é desenvolvimento econômico, não social. Há uma diferença entre condição necessária e condição suficiente. A Rússia possui um alto índice de escolaridade entre a população. Eles estão em situação econômica ruim hoje, mas possuem condições intelectuais para virar o jogo. A Educação não é condição suficiente para promover o desenvolvimento da economia, mas é necessária para alavancá-la. (Claudio de Moura CASTRO, 1998)

O salário do professor não é suficiente sequer para comprar livros, jornais, viajar e ir ao cinema. A capacitação oferecida aos professores não atende ao que a sociedade requer. Os cursos de magistério praticamente desmoronaram. As salas de aula são enormes, os alunos ficam pouco tempo na escola, a repetência é alta e a taxa de absorção de conhecimento é baixa. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998a)

Acho que a educação do futuro não está tanto nos professores, mas no apoio da comunidade. Os professores também devem ter sua função curricular, de ensino, mas dar importância à pessoa, ao desenvolvimento, porque, no mundo produtivo atual, estamos comprovando que o que se quer não são pessoas que saibam muito, e sim pessoas que saibam o suficiente. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Até um tempo atrás, o ensino [de arte] era pautado no *laissez-faire*, no deixar fazer. O trabalho do aluno era exposto e isso era suficiente. Mas toda experiência de criação deve ser objeto de reflexão, retomando as ideias ali colocadas, buscando novos modos de expressar a mesma coisa. Só assim a produção da criança se desenvolve. O fazer não é o centro de tudo. A leitura, a apreciação, a percepção de contextos e conceitos são pontos prioritários no ensino de Arte. (Mirian Celeste MARTINS, 2002)

Em vez de assistir a palestras e conferências, como habitualmente se fazia nesses cursos, hoje se trabalha com oficinas de leitura, estimulando os professores a ler, estudar e debater. Além disso, há um problema econômico sério: o salário que o professor recebe não é suficiente para ele adquirir livros. Como os livros são caros, é preciso estimular as escolas a criar bibliotecas ou fazer com que os professores entrem em contato com as bibliotecas das universidades. (Marcos MASETTO, 2002)

Os professores devem observar se o aluno vem apresentando algum comportamento que foge ao esperado. Porém, não se deve supor que a simples ocorrência desse fato seja suficiente para diagnosticar um problema emocional. [...] O primeiro passo é ficar mais atento ao aluno. No caso de o que lhe chamou a atenção persistir, o melhor é chamar os pais para saber como andam as coisas

com a criança. Sempre com o cuidado de não fazer diagnóstico ou dizer que o filho deles tem problemas. (Ana Cássia MATURANO, 2005)

Vimos escolas nas quais grandes quantias foram investidas na compra de tecnologia, mas ninguém a utiliza porque ninguém foi treinado para isso e porque há uma grande resistência em utilizá-la. Logo, não é suficiente que haja equipamento disponível – as pessoas precisam ser preparadas para usá-lo, tanto em termos de treinamento quanto em termos de mudança de suas noções do que é educação e do que ela pode ser. (Rena PALLOFF; Keith PRATT, 2005)

Não há uma relação direta entre salário e qualidade, embora seja possível afirmar que escassa remuneração, com escasso reconhecimento social, escassa motivação e, portanto, escassa dedicação, geram maus resultados. Melhorar os salários é uma condição necessária para melhorar a qualidade da educação, mas não é suficiente. [...] Na minha opinião, é preciso motivar os profissionais competentes. Mas como medimos esses resultados? Aqui é que se encontra a cilada. (César COLL, 2007)

Diferencio a compreensão da aprendizagem. Muitas vezes, o professor acha que, se a criança já compreendeu uma determinada noção, isso é suficiente. E não é. Essa ideia tem de ser mudada. É importante também a prática organizada, rotineira, mecanizada. A compreensão não assegura realmente a aprendizagem. Esta precisa também de um nível de prática organizada, sequenciada, para assegurá-la. (Mario CARRETERO, 2010)

A química, como as demais áreas das ciências, carece de quantidade de professores que atendam às necessidades do sistema de ensino. O número de professores formados pelas instituições de ensino superior não é suficiente para atender à carência. Além disso, grande parte dos formados é atraída por outras funções que pagam mais. [...] Enquanto não houver maior valorização do magistério, por parte da sociedade e dos governantes, esse quadro não se reverterá. (Gerson MÓL, 2011)

A questão da profissionalização já é considerada de importância vital em termos de qualidade educacional, mas não devemos pensar que a formação de base seja suficiente. Deve-se prever também a formação em serviço. O principal objetivo da formação em serviço deve ser o de garantir, a todos os educadores, a capacidade de refletir sobre as próprias práticas, para que fiquem claros e explícitos os seus propósitos educativos, e dar sentido ao trabalho com as crianças. (Anna Lia GALARDINI, 2012)

O salário é importante para chamar a atenção e manter bons professores, mas não é suficiente. Vários levantamentos tentam relacionar a remuneração ao desempenho docente, mas não conseguem. Há outras condições fundamentais para garantir a atratividade, como a melhoria da formação inicial e a existência de planos de carreira estruturados. Também é essencial um bom ambiente de trabalho na escola. (Marli ANDRÉ, 2013)

O maior desenvolvimento neuropsicológico ocorre nos primeiros anos da infância. Este é o momento mais delicado e importante da vida humana. Saber disso deveria ser suficiente para rever as prioridades educativas. Por exemplo, os

melhores professores deveriam estar na educação infantil, porque é nessa fase que as crianças dão os passos fundamentais para o seu desenvolvimento. E é justamente nessa época que a escola pode fazer os estragos também mais importantes. (Francesco TONUCCI, 2013)

Sabemos, através da pesquisa comparativa, que a formação inicial nunca é suficiente e geralmente carece de uma focagem no cotidiano profissional e na pedagogia que o sustenta, sendo, com frequência, uma formação compartimentada disciplinarmente, cumulativa e aplicacionista, logo, distante do cotidiano vivencial das crianças e dos profissionais. (Júlia OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2018)

INSUFICIENTE

Há uma questão [no teste WISC] que coloca a imagem do dedo polegar da mão e pergunta: “O que é isso?”. Se a criança responde que é um “dedão”, a resposta é considerada insuficiente. O mesmo acontece com uma questão que atinge em cheio as crianças das classes populares. O teste pergunta o que a criança faria se fosse à padaria comprar pão e não tivesse pão. A maioria das crianças responde que voltaria para casa, mas o certo, para quem concebeu o teste, seria dizer que compraria biscoito. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

Um dos problemas que Moçambique enfrenta é o da falta de livros, porque a produção é deficiente e insuficiente. Nós sabemos que o livro constitui um elemento central do processo docente-educativo. E não me refiro a livros puramente didáticos, mas também a uma literatura que enriqueça o patrimônio individual de alunos e professores, que alargue seus horizontes culturais. (Aniceto dos MUCHANGOS, 1994)

Frequentemente, o professor tem formação pedagógica insuficiente para o trabalho na escola de Ensino Médio. Além disso, tem fragilidade no próprio conhecimento de Física. Atualmente, o cenário está ainda mais grave, porque a grande maioria dos professores que ensina Física não tem formação em Física. Muitos professores já ouviram falar nas leis de Newton, mas não sabem, por exemplo, o que são as leis de conservação. Em geral, sequer ouviram falar delas! (Luís Carlos de MENEZES, 1999)

Não se pode tratar a educação com fogos de artifício. O MEC também diz que investimos 4% do Produto Interno Bruto (PIB) em educação e isso nos aproxima dos países de Primeiro Mundo. É verdade. A diferença é que para eles isso é taxa de manutenção de uma trajetória que já está em velocidade de cruzeiro há décadas. Para nós é simplesmente um orçamento que começa a sair da miséria educacional que temos, e é insuficiente. (Mario Sergio CORTELLA, 2000)

As disciplinas como estão estruturadas só servem para isolar os objetos do seu meio e isolar partes de um todo. Eliminam a desordem e as contradições existentes, para dar uma falsa sensação de arrumação. A educação deveria romper com isso mostrando as correlações entre os saberes, a complexidade da vida e dos problemas que hoje existem. Caso contrário, será sempre ineficiente e insuficiente para os cidadãos do futuro. (Edgar MORIN, 2003)

Por anos batia-se na tecla de que não faltavam recursos, era só uma questão de alocação eficiente. Durante três anos insisti que o patamar de investimento, da ordem de 4% do PIB, era insuficiente e hoje parece que há quase um consenso de que temos de ampliar o investimento por aluno, sobretudo na educação básica. Outra questão é a da responsabilização, o que na literatura se conhece por *accountability*, quer dizer, a questão de que as escolas têm de ser avaliadas e os dados divulgados. (Fernando HADDAD, 2007b)

Não discuto se ela [a formação] é boa ou ruim, mas tenho certeza de que é insuficiente porque os conteúdos são, hoje, mais complexos. Há 40 anos, esperava-se que um professor de Matemática ensinasse cálculos. Hoje as calculadoras fazem essa tarefa e a sociedade espera desse professor outras

competências que possibilitem a formação de crianças autônomas, capazes de ler diferentes formas de representação e de elaborar ideias para novos problemas. (Patricia SADOVSKY, 2007)

Na medida em que as escolas públicas se expandem com um financiamento insuficiente, elas operam em condições mais precárias, recebem alunos de renda menor, que não têm um ambiente cultural mais rico no seu contexto de origem e vão frequentar escolas com condições mais precárias para o professor. Todas essas questões comprimem a qualidade. Uma maneira simples de se entender isso é perceber como a questão se passa no nível superior. O número de alunos das universidades públicas oriundos de colégios particulares é infinitamente maior. (Dermeval SAVIANI, 2009)

A média de investimentos em educação em relação ao PIB na América Latina é de 4,6%, bem mais baixa que a dos países mais desenvolvidos da OCDE e da Europa. Há países que têm 5% ou 6%. Na Argentina, há uma lei de financiamento desde 2006 que propôs chegar aos 6% em 2010, ou seja, em cinco anos. E está sendo cumprida. O curioso é que sempre tivemos uma demanda por esse nível de investimento e, agora que o estamos alcançando, vê-se que é insuficiente. (Alejandro MORDUCHOWICZ, 2010)

A formação dos professores é insuficiente, em número e em qualidade. Mesmo os cursos de licenciatura são insuficientes. Que eu saiba, o Ministério da Educação não tem uma estimativa correta ou exata, ou aproximada da falta (em número) de professores de Física ou de Ciências. Se juntarmos Física e Ciências, certamente faltam mais de 100 mil professores no País. É o que depreendo das estatísticas do MEC. (Ernst HAMBURGER, 2012)

A percepção da população é correta: a educação ainda é um desafio. A baixa valorização do professor no Brasil é um retrato forte. Hoje, o jovem brasileiro não quer ser professor. E um país sem professores não tem futuro. Então, o filme é real e não se pode negar que houve uma melhora. Mas isso é insuficiente para dar conta da dívida histórica que o País tem com a educação. (Mozart Neves RAMOS, 2013)

Não só a educação é feita de forma insuficiente para a maior parte de nossas crianças e jovens, como também não existe um sistema de profissionalização eficiente e suficiente, colocando milhares de jovens no mercado de trabalho sem a devida capacitação. Acredito que, apesar do aumento de matrículas na educação profissional registrado nos últimos anos, a escola e o mundo do trabalho precisam ter mais sintonia. (Jorge Gerdau JOHANNPETER, 2014)

Por um lado, a Constituição brasileira e suas leis derivadas preveem a situação de você dispensar por desempenho insuficiente e, por outro, a acomodação dos professores deve-se ao ambiente. A gente também encontra professores concursados que chegam com todo gás e encontram um ambiente desestimulante e condições insatisfatórias para fazer o que eles querem. (Maurício Holanda MAIA, 2014)

[Na Inglaterra,] em 2002, foi criado o centro de referência National College for Teaching and Leadership (Colégio Nacional de Ensino e Liderança). Durante

quase dez anos, participar dos cursos oferecidos nesse lugar era obrigatório para assumir esse cargo numa unidade de ensino. [...] Com o tempo, notou-se que isso era insuficiente e que o diretor precisava ser formado também no chão da escola, destacando outro gestor mais experiente para acompanhá-lo num período formativo durante a prática. (Maria Carolina Nogueira DIAS, 2015)

Imagine alguém hostil, ansioso, vulnerável e que gera pouca ou nenhuma empatia ao lidar com turmas de alunos, crianças e adolescentes e até adultos. Praticamente nenhum dos que conheci com esse traço de personalidade era querido pelos alunos, e o rendimento da turma era insuficiente ou regular. Do lado contrário, os que possuíam traços positivos de personalidade mais evidenciados eram muito queridos, e seus resultados se sobressaíam. (André CODEA, 2019)

IDEAL

Hoje, pensamos que o ideal, na proposta construtivista, é termos por volta de 30, 35 alunos, porque a heterogeneidade, a troca entre eles, é muito importante para a aprendizagem. Há professores, em várias regiões do Brasil, alfabetizando turmas de mais de 40 alunos. No começo é meio complicado, mas depois que se pega o jeito de fazê-los trabalhar em grupo a coisa funciona às mil maravilhas. (Esther Pillar GROSSI, 1992)

[Nos Estados Unidos,] cada estado, cada município têm a sua estrutura de salários, mas a diferença nunca passa de um para dois. Isso é o ideal em qualquer carreira, em qualquer lugar, e no Brasil também. [...] Há municípios no Brasil em que o salário de final de carreira chega a ser 30 vezes maior do que o piso. Trinta vezes é uma loucura! O trabalho de um professor em final de carreira não pode ser 30 vezes melhor do que o de um que está começando agora. (Paulo Renato SOUZA, 1996)

Eu insisto que o foco da educação deve ser o estudo de soluções para problemas regionais. Na beira do Amazonas, é fundamental pensar na melhor forma de navegá-lo; no sertão do Nordeste, cabe às oficinas refletir sobre como conseguir água o ano todo. No Pantanal, a questão é estimular as formas de economia que protegem a biodiversidade. Em todos os casos, o ideal é abrir caminho para unir o que as pessoas já sabem com o que podem descobrir, se forem incentivadas. (Aziz AB'SABER, 2001)

O professor precisa de uma orientação emocional. As instituições de ensino devem entender que as relações dos professores com os alunos envolvem a questão emocional. Os docentes precisam de um espaço mais democrático para discutir seus medos, suas angústias, seus problemas. O ideal seria criar, dentro da escola, uma ouvidoria, para melhorar a organização do trabalho. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

O ideal é que as pessoas adquiram noções de como funciona o processo de compra e venda, para que serve o dinheiro e qual o seu valor, como se dá a organização política, como são as relações de poder, as diferentes classes sociais e religiões e a função de instituições como a escola, a família e a nação. Além disso, precisam entender como se dão os conflitos entre os grupos. (Juan DELVAL, 2009)

O ideal é estabelecer metas tão elevadas quanto possível e, então, fazer os encaminhamentos no sentido de atingi-las. A formação e as condições de trabalho podem ser melhoradas, e não é apenas mais dinheiro que vai tornar isso possível. A sociedade deve se convencer de que necessita de professores bem preparados para que a Educação melhore. Só assim vai consegui-los. É importante ainda descobrir quais programas de qualificação funcionam melhor e achar uma maneira de fazer com que preparem mais gente. (Jeremy KILPATRICK, 2009)

O ideal seria se perguntar: o que está realmente dificultando o desempenho do aluno? A resposta não pode ser algo como “os pais são separados” ou “ele só tem mãe”. O caminho é investigar o que está faltando de verdade à criança e estabelecer um diálogo honesto e livre de preconceitos com quem cuida dela. Só esse interesse genuíno já a ajuda. Se de fato uma situação doméstica está

interferindo nos seus estudos, o educador precisa agir como o grande aliado que ela procura na escola. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

O ideal é quando a gente tem professores com essa habilidade de transmitir, de se comunicar, de se integrar com a turma, de saber a hora de dar uma “quebrada” na aula para conversar um pouco, para puxar novamente a animação da aula. Nenhum aluno hoje aguenta duas horas de aula se você também não motivá-lo para outros aspectos que circundam o dia a dia desses alunos. (Mozart Neves RAMOS, 2011b)

O ideal é que em uma parte do dia eles [professores] estejam efetivamente ensinando em sala de aula, e no restante [das horas] possam fazer reuniões com os colegas, discutir e trocar experiências. Uma das grandes questões é que na América Latina os professores trabalham meio turno em uma escola e meio turno em outra, pela questão financeira. Então, além de tudo, eles precisam preparar aulas, corrigir trabalhos e avaliações em casa à noite e nos fins de semana. [...] Na minha concepção, cada professor deve trabalhar em apenas uma escola. (Pedro RAVELA, 2011)

A criança precisa resolver um dever que tem como pré-requisito um conteúdo anterior que ela não domina. Então ela não vai conseguir fazer o dever nem vai ter tempo de estudar e vencer as dificuldades que tem naquele momento. Esse é um problema sério [...]. Há pesquisas que apontam que uma mesma lição é resolvida rapidamente por alguns alunos e por outros não. Aí entra o desafio: o ideal seria que ele fosse personalizado. (Tânia RESENDE, 2012)

Ensinar História de modo linear faz com que os estudantes lembrem somente os marcos cronológicos. Com isso, a moçada se torna incapaz de relacionar tempos distintos e compreender em profundidade o mundo em que vivemos. O ideal é que o educador trabalhe em sala com recortes temáticos, estabelecendo relações entre o passado e o presente, sem jamais negligenciar a temporalidade. Se essas duas questões não forem levadas em conta, a turma pode ter uma compreensão limitada da disciplina e da história propriamente dita. (Isabel BARCA, 2013)

O ideal seria que quem não tivesse tirado um A merecesse uma atenção especial do professor para que pudesse entender e absorver o conteúdo que ficou faltando. Porém, o que ocorre no sistema atual é que, se você atinge o grau mínimo, um C, segue adiante. Seria ótimo se o professor pudesse saber com dias ou semanas de antecedência que aquele aluno está na trilha para tirar um C ou um D e, assim, dedicar mais de seu tempo ou mesmo indicar um colega de turma melhor naquele tópico para ajudá-lo a superar suas dificuldades. (Salman KHAN, 2013)

Para tornar a disciplina [de ciências] mais atraente, o ideal é usar a pluralidade metodológica e o experimento, porque assim você desperta a atenção de todas as crianças. O experimento é o êxtase para os alunos em uma aula. Por exemplo, a professora vai falar sobre como o pão cresce. Os alunos vão indagá-la sobre isso. Mas se ela mostrar como isso acontece irá mudar completamente os conceitos dos alunos sobre o assunto e assim a aprendizagem vai ser, com certeza, mais efetiva. (Vanda Gusmão DOBRANSKI, 2014)

Uma das grandes vantagens da autonomia é a experimentação. Os municípios concentram basicamente toda a primeira etapa do Ensino Fundamental e a Educação Infantil. São mais de 5 mil cidades. Como cada uma tem liberdade para implantar suas políticas, o que possuímos é um grande laboratório de práticas educacionais. O ideal seria buscar entender o que funciona ou não e depois divulgar os resultados para que a sociedade se beneficie do que deu certo. (Ricardo MADEIRA, 2015)

Para formar leitores, o professor precisa ler. Se uma criança tiver professores que leem ao menos um texto por dia para ela, nos três anos de educação infantil, o ideal considerado por nós do projeto, ela terá contato com 600 títulos/leituras neste período. Se os educadores chegarem a 75% disso, serão 450. Se promoverem a leitura apenas duas vezes por semana, o que consideramos muito pouco, ainda assim serão 240 exposições neste triênio. (Patrícia DIAZ, 2019)

MÁXIMO

Antigamente, se defendia a produção em massa, a empresa em grande escala. Isso queria dizer tirar o máximo do trabalhador para fazer uma tarefa isolada. Hoje, esse negócio está entrando em colapso, porque as grandes corporações, como a IBM, estão desmoronando. As empresas que se organizam de outra forma incentivam muito mais o trabalho em equipe. (Roberto MACEDO, 1997)

Se você é um empregado que tem como objetivo pessoal produzir o menos possível, não está fazendo nada de bom – nem para o próprio desenvolvimento particular nem para a sociedade. O que a sociedade precisa é que todos tentem se desenvolver até o máximo de suas potências criativas, seja criando negócios e teorias ou então inventando ferramentas e produtos, de acordo com as habilidades de cada um. (Pierre LÉVY, 2003)

Nós deveríamos estar ensinando os estudantes a aprender como é que se aprende, aprender a analisar, aprender a pensar criticamente. Um problema que as pesquisas têm demonstrado é que a vasta maioria das questões presentes em exercícios e testes escolares são do tipo que requer respostas de uma, duas, no máximo, três palavras. Na verdade, 90% de todas as questões são basicamente factuais, envolvendo apenas a memória de uma informação isolada. (Dale ARMSTRONG, 2004)

[A adolescência] é o máximo da liberdade com o mínimo de responsabilidade. Isso não se repetirá nunca mais. E é uma delícia. Acho que o adulto tem inveja disso. Mas, além disso, tem dificuldade em lidar com os adolescentes por não entender o processo pelo qual eles estão passando. Na verdade, trata-se de um fenômeno cultural recente, que resulta das relações de trabalho. Adolescência é uma palavra de origem inglesa que surgiu na Revolução Industrial. Deriva da expressão *do less*, fazer menos. (Miguel PEROSA, 2006)

Meu conselho é: procure oportunidades de liderança para essa turma que demonstra insatisfação. Os veteranos podem ser um trunfo a fim de ajudá-los. E tente tirar o máximo deles, de suas experiências, pois, fazendo assim, eles vão conseguir entender como funcionam as coisas, perceber melhor os lados positivos da profissão e deixar a negatividade de lado. (Eric HIRSCH, 2008)

É o papel de um tutor, um orientador de processos. Ele [o professor] conhece seus estudantes, sabe o nome de cada um, o que gosta, conhece a família, se relaciona com ela. Ele é um orientador de pesquisa, além de uma pessoa que transmite valores pelo exemplo. A forma como o professor se relaciona com o coletivo e com cada aluno é um exemplo máximo de conduta. (Helena SINGER, 2008)

Esse dilema entre a alegria e a tristeza é o grande tema de Clarice [Lispector], ter de viver com coisas contraditórias. Esses são contos fáceis de ler. Há, inclusive, um livro para crianças chamado *A Vida Íntima de Laura*. Eu acho isso o máximo, porque é a vida íntima de uma galinha. Quer dizer, os textos dela têm um ensino da privacidade também. E essa construção da privacidade é uma das grandes lições de Clarice Lispector. (Nádia Battella GOTLIB, 2009)

É essencial conhecer o máximo possível sobre a criança e suas experiências anteriores, sua cultura e sua linguagem. Observar e ouvir a criança para descobrir no que ela está prestando atenção ou no que está interessada e, de vez em quando, fornecer determinados recursos ou criar um contexto para sustentar esses interesses são formas mediante as quais os adultos podem “ensinar” através do brincar. (Janet MOYLES, 2009)

O vestibular tem que ser simples, três ou quatro matérias no máximo, pro cara poder estudar a fundo uma matéria ou outra e não ficar estudando dez, vinte matérias. Qualquer escola vagabunda acha que é melhor ensinar física ruim do que ensinar a cortar cabelo bem. Aí o cara aprende física ruim, leva bomba, sai da escola e não aprendeu nem física e nem a cortar cabelo. Quando você diversificar o ensino médio e simplificar o vestibular, de preferência unificando, aí você está dando opções para as pessoas. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

Somos a única escola de ensino médio da cidade. Além disso, não tínhamos dinheiro para construir outros prédios. Decidimos não mudar a estrutura física, mas a cultura. Sempre dizemos: você não pode discutir com a arquitetura; o prédio é como é. Mas pode personalizar a educação para cada aluno, e conhecer o máximo de alunos possível. (Matthew CROWLEY, 2011)

Quando o ritmo de aprendizagem baseia-se nas necessidades da criança, quando o ambiente da escola combina com a personalidade e a bagagem do sujeito, não há limite para o que a criança pode almejar. [...] Esse princípio pode ser aplicado a tudo o que fazemos: trabalho, esportes, medicina, alimentação, sexo, projetos. E, é claro, criação dos filhos. As crianças precisam lutar e dar o máximo de si, mas isso não significa que a infância deva ser uma corrida constante. (Carl HONORÉ, 2011)

Alguém na escola tem que saber como ser um bom professor. E ter a certeza de que cada professor está trabalhando ao máximo seu potencial. Mas o potencial tem que ser maior. Você não pode ensinar matemática *in loco*. Eles têm que ser preparados. Ensinar pessoas como ler é fácil, mas você tem que ser bom em linguagem para entender por que uma criança está tendo dificuldades em aprender como ler. Para poder ajudá-la, você precisa realmente compreender. (Martin CARNOY, 2012)

O docente atual tem uma missão muito mais especializada e complexa: ajudar a promover aprendizagem relevante em todos e em cada um de seus alunos. Não basta saber explicar bem; é preciso saber orientar e acompanhar cada um dos alunos para que desenvolvam, ao máximo de suas possibilidades, as competências ou qualidades humanas que exige o complexo, mutável e incerto cenário contemporâneo. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

Isso não significa que não sejam importantes olhares de fora, mas deve existir uma intersecção real entre os processos internos e externos de avaliação de qualidade. [...] Não tenho como “pegar”, por exemplo, indicadores da Dinamarca ou da Itália e trazer para o Brasil. O máximo que podem nos fornecer são inspirações. Temos de compor a nossa compreensão das nossas infâncias, das nossas crianças, das nossas instituições de educação infantil, dos nossos próprios processos. (Mônica PINAZZA, 2015)

Sinto-me mais seguro para afirmar que minhas ideias modificaram mais como as pessoas pensam do que como suas práticas foram afetadas. Por exemplo, eu sugiro que os professores “individualizem” tanto quanto possível, ou seja, que eles procurem conhecer ao máximo o estudante e ensinar a ele de uma maneira que faça sentido, levando-o a desenvolver seu próprio entendimento – claro que isso é mais fácil de fazer numa era altamente tecnológica. (Howard GARDNER, 2018b)

MÍNIMO

A questão é muito complexa, pois passa pela metafísica: o que uma escola deveria ensinar? Mas partimos do pressuposto de que um sistema educacional organizado sabe mais ou menos o que está ensinando, quais os conteúdos previsíveis, qual o domínio que o aluno deve ter da língua culta, das operações matemáticas, de Geografia e História. Existe um mínimo que, independente da linha filosófica, todo mundo concorda que deva ser transmitido. (Belmiro Valverde Jobim CASTOR, 1988)

[Em Pernambuco] só se fez concurso público para professor em 1985, após muitos anos, e assim mesmo restrito à área metropolitana. [...] Nos municípios a situação é mais grave porque há o interesse político dos prefeitos em empregar o maior número de pessoas. É normal, por exemplo, o professor capacitado ser substituído por um leigo quando muda o prefeito. Muitos políticos concordam que está na hora de mudar a face da Educação no Nordeste e que o concurso público é a forma de garantir um mínimo de qualidade ao sistema educacional. (Silke WEBER, 1988)

Educação é processo, e o jornalismo vive do fato, do factual. Então, para o jornalismo é muito difícil encontrar a maneira de cobrir com o mínimo de perfeição aquilo que é processo. A melhor maneira de diminuir esse abismo entre as características do jornalismo e as características da educação é promover a maior especialização possível dos jornalistas. E aqui vai um alerta: os agentes sociais que fazem educação e os que produzem informações sobre educação precisam sair da toca e partir para um diálogo mais claro, mais nítido, menos acadêmico com a mídia. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

John Meyer deslocou-se, há alguns anos, para um país africano muito pobre. Ali, ele não havia encontrado nada, nenhuma infraestrutura nas escolas, nenhum programa de formação de professores. Ali não havia as mínimas condições. No entanto, o discurso dominante era... o “professor reflexivo”! Estamos perante um enorme equívoco: não podemos falar de “professor reflexivo” se não houver um mínimo de condições e formação, de remuneração, de profissionalidade. (António NÓVOA, 2004)

Um dos papéis fundamentais da escola continua sendo o de possibilitar aos alunos transitar de seu contexto particular, cheio de significados cotidianos, para ambientes desconhecidos com um mínimo de eficácia. Isso era considerado particularmente importante para os grupos socialmente desfavorecidos, cujo êxito na escola pressupunha uma possibilidade de ascensão na escala social. Atualmente, o binômio êxito escolar-êxito social é menos unívoco. (Juana SANCHO, 2006)

Quem tem o mínimo de consciência crítica deveria saber que a criança deveria estudar perto de casa e, se possível, ir a pé para escola. O uso do carro deveria ser para situações essenciais. Este é um dos principais motivadores da necessidade de investir no ensino da Ciência. Ou seja, para que a população tenha um entendimento sobre temas que nos cercam, como poluição, aquecimento global, etanol, ela precisa ter um conhecimento científico mínimo. (Ernst HAMBURGER, 2007)

Qual é o espaço público? É o teatro. Antigamente, era debaixo da árvore, era na cozinha, era no quintal, era um ambiente informal, era um outro modelo de sociedade, não pagava. Hoje, se vou levar as pessoas ao teatro, não posso chegar com a calça jeans que usei o dia inteiro e começar a contar história. A pessoa espera e está buscando algumas outras coisas que vão estimulá-la. Então vou ter que escolher um cenário, que seja um cenário mínimo, que ele exista. E simples não quer dizer feio! (Gislayne Avelar MATOS; Inno SORSY, 2007)

Entre os anos de 2000 e 2003, o Ministério da Educação [francês] fazia muitos trabalhos de formação docente. Naquela época, reuníamos 100 professores e, durante uma semana, ensinávamos a fazer cinema. Hoje, trabalhos como esses não são desenvolvidos com frequência. Na França, hoje, a palavra de ordem na educação é a pedagogia do mínimo, do fundamental, ou seja, escrever, fazer contas etc. A arte é vista como uma atividade supérflua, por isso, não existe investimento. A educação no meu país vive em uma verdadeira regressão. (Alain BERGALA, 2009)

No Brasil, existem crianças que às vezes são socializadas em grupos compostos por outras crianças, e não com os seus próprios pais, na maior parte do tempo. A ideia de estrutura familiar, para uma parte das crianças no Brasil, não tem o mesmo sentido. Na França, a maior parte das pessoas das camadas populares tem um apartamento, tem acesso à seguridade social e a um mínimo de renda. (Bernard LAHIRE, 2010)

O adulto é quem sabe o que é melhor para a criança, mas ela deve saber por que não. Aí está uma diferença entre autoridade e autoritarismo: a firmeza deve estar junto do esclarecimento, porque também temos grande necessidade de autonomia e liberdade. O adulto não está tirando a liberdade da criança, e sim ajudando-a a ter mais autonomia. É claro que não precisa de grandes explicações, o mínimo para entender um porquê. (Edmir PERROTTI, 2010)

O bonito é a complexidade do ato de educar, o buscar instrumentos e recursos para atender a diferentes turmas. Ser um professor que sabe sobre educação, que tem valores associados à questão do tipo de pessoa que queremos formar, de que convivência queremos ter, é o mínimo suficiente para buscar caminhos. Mesmo quem ensina o segundo ano há muito tempo, por exemplo, quando chega a uma nova sala de aula, vê um novo grupo, com novos desafios. (Marília Costa DIAS, 2012)

Se a cultura atual é líquida, é preciso aprender a nadar. Essa “arte nadadora” está no desenvolvimento do pensamento crítico. É muito importante aprender a manter a coerência, apesar desse excesso de fluidez. Para o ser humano, pessoa e cidadão, necessitamos de um mínimo de coerência. Seria realizar o que muitos filósofos chamam de jogo permanente entre Parmênides (permanência) e Heráclito (fluxo). Necessitamos de fatores de permanência para construir identidades individuais e coletivas. (Joan Manuel del POZO, 2012)

Escolas são pessoas, e pessoas são os seus valores. Os valores costumam sustentar-se com princípios, que juntando com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) consolida a ideia do projeto, da educação. Um projeto significa movimento

coletivo. Ninguém muda uma escola sozinho. Se houver professores, e o mínimo é três, que tenham os seus valores numa carta de princípios e um projeto, não há qualquer secretário nem ministro que impeça os professores de fazer o que é preciso. (José PACHECO, 2013b)

Está na hora de pensarmos não só no que a educação pode fazer para a redução da pobreza, mas o que a redução da pobreza pode fazer para a melhora da educação. O direito à educação pressupõe um direito anterior, que é um direito a uma renda mínima que assegure a condição da família de evoluir da extrema pobreza. É como se a garantia da renda fosse um pré-requisito para a garantia do indivíduo à educação. (Armando SIMÕES, 2013)

Uma vez, vi uma situação lá em Minas [Gerais] de uma criança do ensino fundamental que copia tudo da lousa em sala de aula, e quando vai para casa encontra um ambiente completamente alheio à educação formal. Essa criança não tem nenhuma mesinha para fazer o dever de casa. Chega em seu lar, liga a televisão e fica completamente dispersa. Assim, ela está sendo prejudicada para o resto da vida devido à falta de uma estrutura mínima com relação à preocupação com os seus estudos. (Eduardo GIANNETTI, 2016)

AUMENTO

No quadro atual, temos apenas 180 dias letivos por ano e uma carga horária que, na lei, é de quatro horas por dia, mas que a gente sabe que na prática – e isso na grande maioria das escolas – resume-se a duas e meia, três horas em média. É uma permanência muito baixa para que os alunos aprendam os conteúdos essenciais das disciplinas. Então, nós temos de aumentar o ano letivo. Nossa sugestão é que se passe de 180 para pelo menos 210 dias. (Júlio CORREA, 1987)

Temos que ter a seriedade de até supor que talvez não tenha ocorrido necessariamente esse aumento do consumo [de drogas], mas apenas o aumento do número de relatos de quem admite o consumo. Assistimos, nos últimos anos, uma abertura importante no sentido de ter franqueza e coragem de discutir o problema de frente. E mesmo que tenha ocorrido aumento de consumo de fato, ele está dentro das tendências internacionais. É um aumento discreto, mas que, obviamente, não nos permite o imobilismo. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

O que há de novo na transmissão dessa doença [Aids] é que aumentou nos últimos anos o número de mulheres contaminadas. Era uma doença limitada a grupos de risco, homossexuais, usuários de drogas e pacientes de transfusões de sangue. Hoje, como nós já esperávamos e estamos dizendo isso há muito tempo, aumentou muito o número de mulheres, até o nível que estamos trabalhando agora, com uma proporção de dois homens para cada mulher com Aids. (David UIP, 1997)

O que teve de secretário da Educação treinado no Nordeste nesses quatro anos não foi brincadeira. Gastamos 700 milhões de dólares no Nordeste. Em resumo, foi lá que tivemos o maior aumento da participação escolar e, portanto, a maior abrangência social. Era exatamente onde deveria ter caído a média nas disciplinas, mais do que em qualquer outro lugar do país. Foi, no entanto, onde ela mais aumentou. (Paulo Renato SOUZA, 1999)

O melhor dos mundos teria universidades públicas para todos. Mas não existe essa tendência, principalmente no âmbito das federais. O que tem ocorrido é um aumento da oferta de vagas, mas não na mesma proporção das privadas. Isso acontece porque nós temos 52 universidades federais e, como não há aumento do número de instituições, o crescimento do número de vagas nesse setor é vertical. Portanto, há um limite desse aumento. (Paulo CORBUCCI, 2001)

Essa tese [que o desemprego é fruto da falta de escolaridade] se generalizou a partir da constatação da realidade dos países desenvolvidos. Não serve para nós, brasileiros, nem para os países latino-americanos e africanos. Nessas regiões, os postos de trabalho disponíveis, de maior demanda, são os mais simples. As empresas pressionam por maior capacitação no momento de contratar um funcionário devido a um fenômeno de grande oferta. Cresce a oferta de mão-de-obra, aumenta o desemprego. (Márcio POCHMANN, 2002)

O nível dos oceanos já está aumentando, já subiu 7 milímetros nos últimos 30 anos. Pode parecer muito pouco, mas a previsão é de que ele suba cerca de 40 centímetros em média até o fim deste século, e esse aumento vai continuar ao longo dos próximos séculos. Para ter uma ideia, se todo o gelo que está

armazenado hoje na Groenlândia derreter, o nível médio dos oceanos subirá 7 metros. Imagine a região costeira brasileira: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, todas essas cidades vão sofrer muito com o aumento do nível do mar. (Paulo ARTAXO, 2007)

Cada ano a mais de escolaridade aumenta o salário em cerca de 12%. As pessoas com nível superior ganham em média três vezes mais do que as com ensino médio. E as pessoas com mestrado ganham dois vezes mais do que as com nível superior. [...] Quanto antes o Estado intervir no processo educacional das crianças mais pobres, maiores são as chances de sucesso desta intervenção e maiores serão as oportunidades de mobilidade social para estas crianças. (Naércio Aquino MENEZES FILHO, 2007)

Um dos elementos que analiso como responsável pelo aumento das depressões, que é considerado um aumento epidêmico, é que o imaginário social que sustenta a função paterna está esgarçado. Então, o sujeito se vê meio à deriva. Nas meninas a gravidez tem essa imagem de impor um limite. E nos meninos, uma coisa que me impressiona muito, é o aumento de crise de pânico na adolescência. (Maria Rita KEHL, 2009)

Há uma macroprojeção do professor Otaviano Helene, da USP, que toma como meta as expansões de matrículas como propostas no Plano [Nacional de Educação] (Ensino Médio, creches, formação de doutores etc.). O cálculo diz que precisaríamos investir de 7% a 8% do PIB só para suprir o aumento de matrícula. O outro cálculo feito por ele é que, se fôssemos corrigir as condições de trabalho e salariais [...], precisaríamos investir mais 7% ou 8% do PIB. Ou seja, se precisarmos ampliar e aumentar os salários, será necessário praticamente o dobro do valor destinado. (Idevaldo BODIÃO, 2011)

O aumento do autoconhecimento de qualquer pessoa acontece quando ela consegue pensar em si própria, como indivíduo, com as suas forças e talentos, mas também com os seus pontos que precisam ser desenvolvidos, que podem atrapalhá-la no seu crescimento e na conclusão de metas. Um exemplo disso é quando o professor, numa abordagem *coach*, consegue questionar o aluno sobre esses temas e sobre como isso impacta a sua relação com o mundo e com as pessoas. (Susana AZEVEDO, 2013)

A educação é um dos fatores mais vitais para o aumento da competitividade de uma nação, para o desenvolvimento social, bem como para a consolidação do capital social necessário para dar bases sólidas ao desenvolvimento sustentado. O Brasil poderia ter outro nível de inserção no cenário mundial se já tivesse avançado na melhoria da qualidade de sua educação básica. (Jorge Gerda JHANNPETER, 2014)

O aumento do interesse na educação profissional aponta que estamos no caminho certo da sua valorização. A educação profissional melhora o ambiente de negócios, podendo ser um parâmetro relevante para a decisão de novos investimentos por parte dos empresários. Na perspectiva do trabalhador, a qualificação pode reduzir o risco de desemprego ou, ao menos, reduzir o tempo de permanência fora do mercado de trabalho. Em um momento de retração do

mercado de trabalho, como o atual, não se pode abrir mão da qualificação dos trabalhadores. (Rafael LUCCHESI, 2015)

Em anos passados, a educação socioemocional existiu no ambiente escolar de variadas formas. Às vezes, isso estava revestido dentro da própria cultura escolar, outras vezes na educação do caráter e, de certa forma, até como suporte para projetos de comportamento positivo. O ponto principal, independentemente da forma adotada, é que a autoconsciência e o autogerenciamento levam a uma maior sensibilidade aos outros e ao aumento de comportamentos pró-sociais. (Pamela BRUENING, 2018)

Presenciamos um aumento recente no número de pessoas em busca de refúgio, provenientes principalmente da Venezuela. Isso acabou aumentando o volume de matrículas de crianças nessa situação nas escolas públicas brasileiras. Existem locais onde esse fluxo já ocorria, como em São Paulo e outras cidades onde era comum a presença de pessoas refugiadas. Nesses locais, as redes públicas já estão mais bem preparadas para receber essa população. (Paulo Sérgio ALMEIDA, 2019)

DIMINUIÇÃO

O *Alfabetização Solidária* foi criado e articulado pelo Conselho da Comunidade Solidária para atender prioritariamente jovens entre 12 e 18 anos que não sabem ler nem escrever, ou seja, uma grande parcela de adolescentes que não teve oportunidades de estudo durante a infância. [...] Foi implantado em janeiro de 1997 com a meta de reduzir os índices de analfabetismo naquela faixa etária e permitir uma significativa diminuição da exclusão social de nossa população jovem. (Ruth CARDOSO, 1999)

É claro que a violência no Brasil depende de muitos fatores. Agora está na moda dizer que a violência vem da crise financeira, como se o Brasil não fosse violento três anos atrás. A reforma do Judiciário, a questão da criança, do jovem, da violência doméstica, a melhoria da qualidade das TVs, todos esses fatores, à medida que forem trabalhados, vão confluir numa diminuição da violência. (José GREGORI, 1999)

Nós absorvemos as obras estrangeiras por efeito de moda, porque a universidade brasileira foi criada desta forma, endeusando o saber de fora, e isso é um pecado capital porque causa a diminuição do saber produzido localmente. [...] No Brasil dos anos [19]40 e [19]50, tivemos grandes obras. Hoje o que se produz são obras com baixo padrão de qualidade. Nas ciências humanas isso me parece claro. (Milton SANTOS, 2000)

Num certo momento, as crianças entram na fase do NÃO: não pode; não faz isso; não mexe. É, justamente quando se inicia o processo de diminuição da sua percepção. Elas são colocadas nas escolas muito mais cedo, começando, prematuramente, o desenvolvimento da sua forma de pensar (córtex cerebral), em detrimento do desenvolvimento dos seus sentidos (sistema límbico). Entende-se que a solução está nesse aspecto “retardar” o desenvolvimento da inteligência (cartesiano) para não perder o domínio dos sentidos (emoções). (Jair Abreu CAMPOS, 2005)

Se analisarmos as mudanças que aconteceram nos sistemas de comunicação, ao longo da História, veremos que sempre emergem diversos tipos de fobias. Há textos de personalidades relevantes dos séculos XV e XVI, quando surgiram os primeiros livros impressos, que tratam a invenção da imprensa como uma desgraça. Eles entendiam que a facilidade de acesso aos livros poderia provocar grandes mudanças cognitivas, como diminuição da capacidade de memória das pessoas. (César COLL, 2007)

Antigamente, só havia aulas de manhã e à tarde [em Portugal]. O processo de escolarização e de universalização da escola ocorreu de modo muito rápido, nos anos [19]60 e [19]70. Em função disso, não havia edifícios suficientes para todos os alunos e foi preciso que as escolas funcionassem por turnos. Nos anos mais recentes, construíram-se mais edifícios, mas houve também uma diminuição da população escolar. (João Pedro da PONTE, 2007)

Houve um rejuvenescimento da população que vai para o Ensino Médio, cuja faixa etária está em torno de 15 a 18 anos. E uma diminuição da distorção entre idade e série, feita por mecanismos perversos, como correção de fluxo e

encaminhamento dos mais velhos para supletivos. Se tivéssemos um sistema de bolsas para o jovem do Ensino Médio, haveria uma permanência maior do jovem na escola. Nada de programa social, um programa de educação, como é o mestrado. (Marília Pontes SPOSITO, 2007)

Gradativamente vem acontecendo uma diminuição no número de analfabetos absolutos acima de 14 anos, que em 2004 eram cerca de 10,8% da população. Isso significa em torno de 14 milhões de jovens e adultos que não sabem ler ou escrever. Desses, só 7% estão matriculados em cursos de alfabetização. E dos que frequentam, 64% seguem analfabetos funcionais. E isso é um tipo de exclusão ainda pior. (Sérgio HADDAD, 2008)

Situações de falta de limite são comuns hoje em dia. Os pais ficaram fragilizados não por culpa deles, mas em virtude de um processo histórico que tem a ver com a diminuição do poder econômico e da autoridade. O homem, principalmente, está passando por uma perda de lugar na sociedade e sem querer transmite isso aos filhos. Cria-se, assim, uma situação em que não é mais dentro de casa que eles encontram regras importantes para o seu crescimento. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Sem uso de dados estatísticos que possam comprovar o que eu digo, antevejo que, dentro de uns quinze anos, haverá falta de professores para atender às crescentes demandas educacionais do País. Há uma diminuição cada vez maior da procura por cursos de formação de professores. Essa diminuição da procura é maior nas universidades privadas. Até quatro, cinco anos atrás, as faculdades particulares tinham turmas completas. Havia disputa por vagas. Agora, a demanda por vagas tem sido menor do que a oferta. (Lucília NEVES, 2010)

Embora existam preocupações quanto ao modo como as informações são transmitidas – grandes volumes muito rapidamente, o que pode levar à diminuição da capacidade de atenção e a uma menor habilidade de se aprofundar na informação –, também devemos reconhecer que grande quantidade de uma ampla variedade de informações está disponível como nunca antes. (John PALFREY; Urs GASSER, 2011)

Na reunião com o ministro, debatemos o Ensino Médio, que é onde o Brasil enfrenta as maiores dificuldades. Um ponto significativo foi a questão da diminuição das disciplinas, dando ênfase a um aspecto importante, a redução do conteúdo, que é muito extenso, quase enciclopédico, e longe da realidade que imaginamos para a educação. É importantíssimo discutir o currículo mínimo, as expectativas de aprendizagem que se apliquem a todo o País. (Thiago PEIXOTO, 2012)

Quando colocamos o *Google maps* sobre uma escola e vemos o que existe no entorno – uma igreja, uma padaria, um posto de saúde –, podemos imaginar que se aquelas pessoas andam juntas, transformam-se em uma comunidade, com mais força, recursos, responsabilidades. O papel do diretor é tomá-la essa comunidade, o que tem impacto até mesmo sobre a diminuição da violência, principalmente nos grandes centros urbanos. (Brian PERKINS, 2013)

Não pertencço à família dos nostálgicos que lamentam aquilo que designam como uma decadência dos saberes, uma diminuição do nível dos alunos ou a extinção da cultura escrita. O erro deles parece-me derivar da aplicação anacrônica de critérios de julgamento antigos, e socialmente determinados, a novas realidades, sejam elas sociais (com a democratização do ensino) ou técnicas (com a entrada no mundo numérico). (Roger CHARTIER, 2014)

Não quero debater aqui as razões e a forma como está acontecendo o processo de impeachment, mas creio que as razões de fundo são o esgotamento de um modelo econômico. Creio que as principais mudanças que veremos de agora em diante dizem respeito à diminuição dos gastos sociais, à privatização de serviços públicos e setores sob controle do Estado, enfim, a uma gestão (neo)liberal da economia. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

GANHO

Se a gente paga a um engenheiro para fazer um doutorado, por que não pagar a um analfabeto para ele estudar? A pergunta é quem ganha quando um adulto se alfabetiza? É ele ou é o Brasil? Quem ganha quando uma criança termina o ensino médio? É ela ou o Brasil? A mesma coisa quando um engenheiro faz um doutorado. São os dois que ganham. Isso não é um favor à criança, à mãe ou ao engenheiro. É um investimento nacional, cujo retorno não é só para a família, é para o país. (Cristovam BUARQUE, 2003a)

A inclusão possibilita aos que são discriminados pela deficiência, pela classe social ou pela cor que, por direito, ocupem o seu espaço na sociedade. Se isso não ocorrer, essas pessoas serão sempre dependentes e terão uma vida cidadã pela metade. Você não pode ter um lugar no mundo sem considerar o do outro, valorizando o que ele é e o que ele pode ser. Além disso, para nós, professores, o maior ganho está em garantir a todos o direito à educação. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2005)

O livro oferece um ganho de vida, de experiências, de conhecimento e de entendimento do mundo. Acho fundamental contextualizar o livro. Aposto na ideia de oferecer ao menino uma leitura que faça com que ele pense assim: “isso que eu estou lendo não vi em lugar nenhum!”. Quando estou lendo para a criança, ela está participando de uma experiência muito ampla. É uma coisa “com” ela, não é uma coisa “para” ela. (Maria Antonieta Antunes CUNHA, 2006)

Há um ordenamento legal que dá suporte a qualquer ação que qualifique o atendimento nessa área [infantil]. É preciso, porém, que mude a mentalidade de muitos gestores públicos, os quais acreditam que as crianças pequenas não aprendem, que qualquer atendimento às suas necessidades de saúde e higiene bastam. Para se fazer uma educação de qualidade certamente se faz necessária a participação de equipe interdisciplinar. Investir nessa etapa, com certeza, é ter muitos ganhos mais adiante. (Maria da Graça HORN, 2006)

Embora a expansão seja muito recente, o Ensino Médio já é uma realidade. O problema é o vazio que vem depois: estar desempregado. O jovem pode sofrer uma desilusão, se ele não perceber os ganhos que teve com essa escolaridade. E isso não é responsabilidade da escola. Como individualizamos muito a questão do sucesso, o próprio jovem acaba se culpando. (Marília Pontes SPOSITO, 2007)

Aqueles que eram escravos “ao ganho” tinham a possibilidade de trabalhar para seus senhores, mas, também, de acumular um pecúlio. [...] Se ele era um escravo “ao ganho”, ele o era dentro de sua profissão. O sujeito era alfaiate “ao ganho”, quitandeira “ao ganho”, carregador “ao ganho”. Eles eram obrigados a dar uma certa quantia, diária, semanal ou mensal, ao seu senhor. O tempo que sobrava ele podia usar para prestar serviços na cidade e, assim, acumular dinheiro. (Manolo FLORENTINO, 2008)

Quando Borges [Jorge Luís Borges, um dos maiores escritores argentinos] diz que “quem lê Platão ganha 25 séculos de vida”, é para nos convencer de que ler é uma coisa positiva, não uma obrigação. Se não tivermos essa consciência de que o saber é importante, a busca pela leitura não será espontânea. Só há uma forma

de resolver esse problema: os que estão mais cientes disso, que não o estejam só para si. Que façam o papel de porta-vozes. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Não é a ampliação da faixa etária com ensino obrigatório que configura retrocesso, mas a forma que ela assumiu na redação da emenda. Essa medida retrocede ao que a Constituição de [19]88 tinha estabelecido, que era trazer a creche para a área da educação e incluir creche e pré-escola na primeira etapa da Educação Básica, um enorme ganho para a qualidade da Educação Infantil. (Maria Malta CAMPOS, 2010)

Dúvidas jamais devem ser ignoradas. Reforço o direito de aprender sobre a ciência. Quando um estudante chega com uma questão, recomendo duas posturas. A primeira é dizer a ele: “Belíssima pergunta. Quero que você investigue e depois conte para a classe o que descobriu”. Em seguida, orientá-lo como fazer. A segunda é falar: “Interessante o que você nos traz. Vamos procurar a resposta juntos”. [...] Fazer isso não atrasa o planejamento e não é perda de tempo. É ganho. (Luís Carlos de MENEZES, 2013)

O principal ganho na convergência dos conhecimentos oriundos da área de ciências cognitivas, da neurociência e da própria educação tem sido entender melhor os processos de aprendizagem, da memória, da aquisição da linguagem e até dos ciclos biológicos, como o período de sono. O conhecimento desses fenômenos facilita uma melhor exploração do processo de ensino-aprendizagem. A aquisição de conhecimentos pelos estudantes será melhor se quem estiver transmitindo esses conhecimentos entender como o sistema está preparado para absorvê-los. (Alfred SHOLL-FRANCO, 2013)

Mesmo que a ideia seja apenas observar a turma, o estagiário pode estabelecer uma relação de troca com o docente da escola, aprender com ele e dar sugestões. Quando conseguimos estabelecer essa parceria, cai por terra a divisão entre formação inicial e continuada e passamos a falar sobre “formação de professores” – termo que inclui tanto o novato quanto o mais experiente. Essa ideia de que ambos aprendem e ensinam é um ganho extremamente forte para a Educação. (Marisa VALLADARES, 2015)

A motivação para brincar é essencialmente intrínseca, pois os ganhos eventualmente obtidos não são a razão de brincar, e, sim, o próprio brincar. Sem isso, as brincadeiras não podem ser praticadas, atualizadas, inventadas nem difundidas – sejam elas tradicionais, sejam elas digitais. Brincadeiras milenares como sapata (amarelinha), bolinha de gude, fita ou passa-anel, por exemplo, correm sério risco de extinção se as crianças de hoje não tiverem com quem aprendê-las, tampouco onde e com quem brincar. (Tânia Ramos FORTUNA, 2016)

Podemos ser bastante diretos, sinceros, mas sobretudo com respeito ao interlocutor e responsabilidade em relação ao que se fala. É bastante desafiador colocar esses princípios em cena, tentando se fazer entender. Assim como não é fácil escutar o outro que fala com honestidade. As redes sociais, por serem lugares em que todos têm voz, dão a impressão de democratização da expressão. Isso é um ganho? A internet e as redes sociais não criam o diálogo, apenas permitem que as ideias se tornem públicas. (Marcia TIBURI, 2016)

Meu argumento é que essas políticas (charter, vouchers, incentivos fiscais à educação) não são eficazes em parte porque não são pensadas para onde seriam mais plausíveis de funcionar. Há evidência de que escolas charter, e até certo ponto vouchers, geram ganhos de aprendizagem em regiões urbanas, como Detroit, Washington, D.C. e Nova York. Quando, entretanto, você olha para estados como Louisiana ou Ohio, as políticas começam a não funcionar. O problema tem início quando mudamos para áreas rurais e suburbanas, que representam a maior parte do país. (Douglas N. HARRIS, 2017)

No que se refere aos ganhos, os conflitos trabalhados não se transformam em violência posta e atos infracionais, prevenindo a ocorrência de procedimentos judiciais na Vara da Infância e Juventude, fazendo com que os alunos jovens se sintam capazes de exercitar o poder do diálogo, legitimando o outro, exercitando a empatia e aprendendo ou reaprendendo a conversa e a reaproximação por meio do contato com o outro. (Francis Rabelo COUTINHO, 2018)

PERDA

É fundamental se revalorizar a função dos professores, mas acho que eles não podem esperar isso do governo ou da direção das escolas. Devem se posicionar nesse contexto de transformações, em que a massificação como a conhecemos deixará de existir. A educação vai deixar de ser sinônimo de escola, acontecendo em outros ambientes. Por exemplo, ambientes comunitários. A educação vai deixar de ser refém da escola, e os professores ganharão com a perda do monopólio. (Rui CANÁRIO, 2000)

O vandalismo e a indisciplina nas escolas públicas são apenas sintomas de uma crise mais ampla e mais profunda, que se refere à perda crescente de qualidade nas relações entre professores e alunos, direção e corpo docente, escola e comunidade, educadores familiares e educadores escolares. A escola está perdida em seu próprio labirinto. É preciso tirá-la de lá. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

Os professores estão na mira de todos os discursos. São o alvo mais fácil a abater. No passado, construíram uma imagem social respeitada: eles detinham as chaves da mobilidade social e o prestígio do saber. Hoje, há meios mais eficazes de promoção na sociedade, e o saber (ou, ao menos, a informação) expandiu-se um pouco por toda a parte. Os professores ressentiram-se dessa dupla perda e têm dificuldade em reconstruir uma nova identidade profissional. São estes, a meu ver, os dois dilemas da profissionalização dos professores. (António NÓVOA, 2003)

Em Pernambuco os pescadores pegam no mar um peixinho chamado rabo-de-fogo e o vendem logo que chegam à praia. Os atravessadores deixam o peixe secar ao sol, salgam e vendem na feira de Caruaru. Eu perguntava como faziam para determinar o preço. Eles respondiam: “A senhora tem de saber quanto é que quebra o peixe”. O que eles queriam dizer é que do peixe fresco para o salgado o peso diminui porque há perda de água. Então, é necessário saber de quanto é a “quebra” para vender. (Terezinha NUNES, 2003)

As falhas não são dos educadores em si, mas do sistema educacional. [...] A ênfase está nas provas e não na arte de pensar; produzir um ambiente educacional isento de desafios, estímulos estressantes positivos, o que impede de se trabalhar conflitos em sala de aula, conflitos sociais e profissionais. Desse modo, alunos crescem numa estufa, despreparados para lidar com perdas, fracassos, rejeições e metas. (Augusto CURY, 2007)

Houve um processo lento e gradativo de depreciação da condição docente, com a ampliação de vagas acontecendo em um período de restrição econômica, que foi a década de 1990. Esse movimento, que combinou menos recursos *per capita* com a ampliação do acesso só poderia ter gerado a diminuição do salário do professor, o aumento de turnos, do número de crianças por classe, o sucateamento físico das escolas, a ausência de laboratórios e espaços de tecnologia, a ausência de quadras de esporte, além da perda de poder aquisitivo. (Sérgio HADDAD, 2008)

Numa das salas brasileiras que observamos, a garotada chegou a ficar uma hora copiando enunciados de problemas no caderno, algo que poderia ser resolvido com uma fotocópia ou uma folha mimeografada. Para piorar, não foi explicado o porquê daquele trabalho. Não estou dizendo que o quadro-negro não deva ser utilizado: ele é importante para apresentar conceitos e discuti-los, mas acho que seu uso deve ser rápido. Passar a aula toda escrevendo é, sem dúvida, uma perda de tempo. (Martin CARNOY, 2009)

Os mecanismos punitivos geram a lição de que se pode simplesmente quitar os débitos. A escola ensina os alunos a analisar tudo sob o ponto de vista do custo-benefício. Alguém rasgou um cartaz produzido por outro aluno? Paga-se com a suspensão e pronto. A vida não é assim: as pessoas ficam magoadas. Alguém investiu tempo para fazer aquele cartaz, terá perdas que não serão compensadas. Se a escola não coloca frente a frente esses alunos, jamais vão conhecer a extensão dos erros para as relações humanas. (Telma VINHA, 2009)

[Na preparação para o ingresso no mundo do trabalho, os jovens sentem] angústia, ansiedade, solidão, todos esses sentimentos de perda. A depressão, por exemplo, é o mal do século. Ela ocorre quando perdemos algo que não sabemos o que é. Em um dos meus textos, eu defino a depressão como a perda da perda. É um sentimento muito comum, porque não conseguimos encontrar parâmetros. As lições que nos ensinaram estão velhas, mas não há outras. (Wanderley CODO, 2010a)

As duas profissões em que se vê menos perda de memória com a idade (e que, quando o problema existe, costuma ser menos profundo) são as dos professores e dos atores. Foram feitas estatísticas em populações grandes sobre isso em vários lugares, mas os mais relevantes foram feitos em Paris e Buenos Aires. Não tinha nada a ver com a classe social. Professor e ator usam muito a memória, têm de ler muito para ser qualificados. (Iván IZQUIERDO, 2010)

O esforço dos Parâmetros Curriculares Nacionais perdeu-se e está sendo repetido por estados e municípios. A meu ver, isso é perda de tempo e dinheiro. Nada único é bom em um país com tanta diversidade, como o Brasil, mas precisamos de alguns poucos modelos de projeto pedagógico, que mostrem o que e como ensinar, em torno dos quais possamos formar os professores e dar apoio às escolas. (José Francisco SOARES, 2010)

É sempre preciso defender com unhas e dentes os investimentos em educação e, em tempos de crise, há muitas conversas sobre redução de gastos. Sim, precisamos fazer alguns cortes, mas não há muito para onde correr. Em educação, não há margem para cortar gastos sem que isso resulte em perda de qualidade. Está mais que provado o quanto 1 milhão de euros a mais ou a menos faz diferença nas salas de aula. (Krista KIURU, 2013)

Todos nós lidamos com perdas ao longo da nossa vida, nossos animais de estimação, nossos avós, pais e outros membros familiares. Para as crianças, pode ser difícil lidar ou entender isso. A ideia é que o livro possa ajudar pais e educadores a falar sobre essas perdas. Explicar como devemos, apesar da dor, seguir em frente. (Todd PARR, 2014)

As histórias, e a literatura como um todo, entram na transmissão da cultura onde a escola e a educação dos pais não conseguem penetrar. Por exemplo, é possível ensinar, ao modo tradicional, alguém a amar um irmão que está chegando? A lidar com o ciúme, com a perda da majestade que era sua? Muitas histórias tratam justamente desse tema. Com elas, a criança sente uma possibilidade de ser compreendida em seu sofrimento, em suas apreensões sobre o que acontecerá. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

Uma docente morreu na sala dos professores vítima do ataque de um ex-aluno. Isso ocorreu em uma escola pública de São Paulo. Os estudantes ficaram chocados e assustados por esse aluno ter convivido com eles, em nenhum momento acharam que ele fosse fazer isso. Teve ainda a perda da professora querida. Fizemos um trabalho com os alunos e outro com os colegas dela, que se perguntavam “E se fosse comigo?”. (Maria Helena FRANCO, 2019)

EXCESSO

Há uma série de fatores que explicam essa apatia e são nossas velhas conhecidas. Não esqueço os baixos salários, as condições precárias de trabalho, o excesso de horas/aulas dadas e o quadro mais geral de desvalorização da Educação no país. Mas essas constatações não podem nos levar ao imobilismo, como acontece normalmente. Acabamos num círculo vicioso, que não contribui para melhorar ou mudar nada. (Dair Franco de CAMARGO, 1993)

Houve um grande impulso oficial para rearrumar o ensino no Brasil, começando com o ensino fundamental, que foi colocado em prioridade. O risco do ensino médio é ser atropelado pelo excesso de alunos que estão sendo formados pelo nível fundamental. E não tem como evitar isso, pois é o resultado do maior número de crianças na escola. As autoridades devem tomar cuidado para impedir o naufrágio do ciclo médio, por meio da contratação de mais professores, construção de novas escolas e treinamento do corpo docente. (Claudio de Moura CASTRO, 1998)

Embora essa didática [da Matemática] tenha sua própria autonomia, está claro que a influência de Piaget foi decisiva: na reforma da Matemática Moderna, foram utilizadas as ideias de Piaget. Para o melhor e para o pior, porque às vezes foram cometidos excessos devido às más interpretações e a uma certa pressa em tirar consequências pedagógicas das ideias de Piaget, sem que houvesse um conhecimento profundo das mesmas. (Gérard VERGNAUD, 1998)

Enquanto o jornalismo da televisão brasileira sobre a infância se aprimora procurando encontrar a ótica correta, no sentido de confrontar soluções com problemas, e aprofundando a cobertura, os programas de entretenimento exibem um excesso de violência. O sexo é tratado de forma banal, a vida também vem sendo banalizada e há expressões de racismo, de preconceito contra a mulher e uma série de outras coisas. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

Quando você reforça o elogio para aquele que é criativo, você planta uma semente de estereotipia. Porque existe na criança o desejo de que, ao se expressar, ela seja amada, que é o desejo do homem. Se você elogia em excesso, ela passa a repetir aquilo. Isso é comum, com desenho, por exemplo. A família diz “que bonito que você fez”. Para ser aceita, então, a criança começa a repetir aquele desenho. O elogio é necessário, mas é preciso conversar também com aquele que teve dificuldade. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Os papéis mudaram muito na família, o Estado também encolheu o seu papel de educador, principalmente os que seguiram o modelo neoliberal – e o mesmo aconteceu com as igrejas tradicionais. Portanto, os professores têm razão quando reclamam do ônus excessivo que recaiu sobre a escola, já que ele não veio acompanhado de aumento de prestígio, de recursos ou de salários. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

Estamos abrindo o terceiro milênio, que vem carregado de desafios e de ilusões, de surpresas e de mudanças, de avanços científicos e de temores de desumanização pelo excesso da tecnologia. Diante dessa situação, só é possível fazer frente aos novos problemas sociais, econômicos e laborais utilizando esse

potencial humano inesgotável que chamamos de criatividade. (Saturnino de la TORRE, 2002)

Creio que o ensino da História merece outro enfoque, ainda que também sofra com o excesso de temas. Nem tudo sobre a pré-história ou o século XX é essencial. Melhor seria estudar alguns períodos, com mais profundidade. Além disso, ter consciência de que fazemos a história diariamente é muito mais produtivo do que decorar. É preciso tornar o estudo mais real, mais vivo. (Mario CARRETERO, 2003)

O excesso de uso da voz é uma realidade. O uso da voz em condições inóspitas aumenta o risco potencial de desenvolver um problema vocal e a falta de cuidado com seu bem-estar vocal, seja por desconhecimento ou descrença, também é bastante evidente. Porém, a escola também tem um papel importante, pois nem sempre contribui de modo efetivo para a melhoria desse panorama, que é reconhecidamente complexo e difícil de lidar. (Mara BEHLAU, 2007)

Quando eram menores, [os “analfabetos emotivos”] foram submetidos a um excesso de estímulos. Quando tenho uma quantidade de estímulos que supera a minha capacidade de elaboração, tenho duas opções: ou me angustio ou então apatizo minha psique, de forma que aquilo que vejo e sinto não provoque em mim nenhuma ressonância emotiva. Crio a condição que em 1800 chamava-se *psicoapatia*, a apatia da psique, que não compreende de imediato a diferença entre o bem e o mal. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

[Santiago Ramón y Carral] já alertava, em sua obra *O Mundo Visto aos 80 Anos*, para o mesmo problema. E estávamos na década de 1920! Comentava que chegávamos ao fim do mundo por causa do excesso de informações. Era o início do rádio, cinema e música em qualquer lugar. Nosso cérebro tem um sistema gerenciador de informações que o faz selecionar o que é importante. O excesso hoje é o que nós percebemos como excesso, mas, talvez ainda estejamos dentro das dimensões que o cérebro suporta. (Iván IZQUIERDO, 2010)

Se ela [a criança] for muito obesa, precisa de uma avaliação prévia para determinar o tipo de exercício. O que a gente não pode fazer é, só porque ela tem excesso de peso, descartá-la da atividade física, que é o que acontece muitas vezes. Cabe ao professor trabalhar com as minorias também e não com o melhor atleta. (Mauro FISBERG, 2011)

Para dar às crianças com excesso de atividades uma pausa para respirar, escolas de cidades ao redor do mundo selecionam dias especiais em que todos os deveres e atividades extracurriculares são suspensos. Muitas famílias sentem tanto alívio quando passam uma única noite sem ir correndo para as aulas de caratê ou de *lacrosse* [esporte em equipe, comum nos Estados Unidos e no Canadá, disputado com bola e longas raquetes com redes nas pontas], que podam seus calendários de atividades durante o resto do ano. (Carl HONORÉ, 2011)

Do ponto de vista global, todas as crianças estão hoje expostas à mídia, ao mercado e às redes sociais. Elas têm vivido um bombardeio de informações e de pressões que não estão de acordo com os ritmos naturais de desenvolvimento. Além de inúmeros excessos: de estímulos antes do tempo, de brinquedos e

incentivo ao consumo, de atividades, de cuidados, de alimentos, etc. (Adriana FRIEDMANN, 2012)

Há direitos que são fundamentais a qualquer pessoa, pela única razão de ela ser humana. Isso se chama direitos humanos. Por ser uma figura humana, ela precisa ter um rol mínimo de direitos, mesmo que pratique o maior delito do mundo. O policial tem o monopólio legal do uso da violência, como diria Max Weber. Mas qual é o limite do uso da força? É conter a agressão contra um terceiro inocente ou contra si próprio. Passou disso, é excesso. (Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA, 2014)

FALTA

O livro didático é fundamental por várias razões. As mais importantes: o bom didático é uma forma de garantir um mínimo de qualidade no ensino; ele tem a função de sistematizar o conhecimento da criança. Além do mais, num país como o Brasil, o didático tem a função de suprir a falta de livros entre as crianças das camadas populares. Não há país no mundo que abra mão dos didáticos, e em alguns países desenvolvidos eles são primorosos. (Magda Becker SOARES, 1994)

Os professores também reclamam que as apostilas tiram muito da espontaneidade da aula, são esquemáticas. Mas a maior acusação que pesa contra as apostilas é que não são formadoras, só têm informação e visam o adestramento do aluno para fazer prova. As apostilas representam menos de 10% do volume de livros didáticos no mercado. E está diminuindo. A falta de qualidade das apostilas, em conteúdo e impressão, gera críticas. (Wander SOARES, 1998)

Uma das grandes causas pela qual a educação no Brasil fracassa é a falta de uma teoria sólida por trás da prática dos professores. Atrás de toda ação há uma ideia e atrás de toda prática uma teoria. Se essa teoria é inconsistente a prática também o será. No Brasil optamos por misturar os modelos teóricos. O problema é que há modelos que são incompatíveis. (Esther Pillar GROSSI, 2003)

O sistema de ensino, por si só, já apresenta problemas variados. E no caso da educação especial essa fragilidade se torna bem mais evidente. A especialização do educador que trabalha com deficientes visuais é bastante precária. Nem sempre ele sabe que seus alunos precisam de estímulos diferentes. Falta material didático, falta acesso a outras formas de aprendizagem, para além dos muros escolares. (Dorina de Gouvêa NOWILL, 2009)

Há uma falta de cultura científica gigantesca nas escolas do Brasil, e isso vem de Portugal, que foi o único país, no período colonial, que proibia criar universidades nas colônias. E nisso foram muito diferentes dos ingleses e espanhóis, que criavam instituições de ensino onde podiam. Os espanhóis criaram as primeiras universidades na América nos anos 1600. Aqui no Brasil, as primeiras surgiram somente no século XX. Não sei se o Brasil incentiva a educação do jeito certo. (Iván IZQUIERDO, 2010)

A falta de sintonia entre as mensagens educativas da escola e o comportamento cotidiano, não apenas da família, do bairro e, às vezes, até da própria escola, é um velho problema que sempre esteve presente, em maior ou menor medida. Mas é bom também que o aluno se dê conta de que existem imperfeições, comportamentos incivilizados, antiecológicos, e aprenda a convencer e transformar com argumentos. (Rafael YUS, 2010)

Esse mal-estar não é manifestado apenas pelos professores que trabalham nos contextos socioeconômicos e culturais mais difíceis; ele parece ser geral e alimentado não só pelo sentimento de uma falta de *status* e de reconhecimento, como também por uma falta de perspectivas profissionais, sentimento que decorre de experiências ao sabor das quais vários professores viram seu poder de negociação enfraquecer e sua autonomia profissional minguar. (Monica GATHER-THURLER, 2012)

A maioria dos prédios [das escolas rurais] é bastante precária. Dar condições de funcionamento às instituições é importante para garantir minimamente os processos de ensino e aprendizagem. Faltam energia elétrica em 15% das escolas, bibliotecas em 89% e laboratórios de Ciências em 99%! Melhorar a estrutura é um dos eixos que compõem o Programa Nacional de Educação do Campo. (Mônica Castagna MOLINA, 2012)

Ocorre, no entanto, que os alunos provenientes de famílias com pouco ou nenhuma familiaridade com a cultura letrada frequentam quase sempre as escolas públicas, enquanto os que provêm de famílias de alto grau de escolarização costumam frequentar escolas privadas – daí a origem e a pertinência dessa dicotomia. Apesar disso, a falta de familiaridade com a cultura letrada não implica o desprezo pela escola, como se costuma apontar. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2013)

Essa falta de noção de utilidade deprime muito. Tanto faz se você existir ou não, tanto faz tudo. Na hora que se lançam ideias comunitárias ou de bem comum, ou que se voltam a lançar ideias de que você pode ser útil para alguma coisa ou alguém, esses quadros depressivos, não todos, mas sobretudo na adolescência, melhoram muito. Acho que as manifestações de junho de 2013, com todos os problemas e críticas, deram ao jovem uma sensação de que ele pode ser útil e lutar por algo, ele pode ter um papel na sociedade. Acho que isso tinha sido banido completamente. (Teresa PINHEIRO, 2014)

Existem lugares onde as crianças participam, por necessidade e cultura, da preparação da comida, com todas as variações que vão desde os encontros juvenis até as participações festivas. Nas cidades, tanto as crianças quanto os adultos não têm mais o conhecimento da origem dos alimentos (comida e água), razão pela qual podem deixar de apreender seu significado e valor. A verdadeira participação nos segredos da transformação da comida, esse processo que encanta, geralmente é esquecida por falta de tempo, de confiança e de cultura. (Ilaria CAVALLINI; Maddalena TEDESCHI, 2016)

Faltam propostas que promovam a interação entre pares, como grêmios, feiras de ciências, clube de xadrez, etc. Notadamente, persiste a certeza de que não se pode contar com o auxílio dos professores e que se está desamparado na escola. Em síntese: a escola carece de ações que facilitem essas transições, ou seja, de acompanhamento e orientação para que os alunos enfrentem com sucesso as novas exigências. Essa é uma empreitada que não é encampada pela escola ou pelos professores. (Claudia Leme Ferreira DAVIS, 2016)

Eu abriria uma escola. [...] Porque do ponto de vista de docência e da carência das famílias, há muita coisa que dá pra fazer melhor. Aí a questão é o real [moeda]. Como é que eu disputo aquele real que, em um momento de crise, está fazendo com que tenha até certa evasão de alunos para a rede pública, por pura falta de recursos, por desemprego etc. Então, ao invés de abrir uma escola, eu entraria comprando uma escola. (Mônica MOLINA, 2018)

Os Estados Unidos também são um país diverso, onde o sul é bem mais carente do que o Norte, o Nordeste e a região da Costa Oeste, onde as escolas públicas

parecem as particulares do Brasil. No entanto, elas ainda têm um ensino tradicional. Vemos muita infraestrutura, mas as metodologias e os problemas são parecidos com os nossos: falta de engajamento dos alunos, desconexão com o mundo, questões de gênero, religião. (Leo BURD, 2019)

Penso que a família tem um papel especial ao criar momentos de leitura que ficam na memória afetiva. Presentear com livros, ler com as crianças e despertar sua imaginação faz com que elas se aproximem dos livros; mas qual é o perfil socioeconômico dessas famílias leitoras? Não é o retrato de 70% das famílias brasileiras. Crianças de famílias mais vulneráveis dependem das escolas e dos professores para desenvolverem o hábito pela leitura e esse despertar pelo gosto. Porém, temos aí outro desafio: faltam professores leitores. (Zoara FAILLA, 2019)

EXAGERO

O MEC gasta 80% de sua verba apenas com o ensino universitário e deixa aos estados e municípios os grandes encargos com o ensino de 1º e 2º graus. No Ceará, por exemplo, um estado pobre e onde os problemas do ensino básico são imensos, existem cinco universidades estaduais. Isso é um exagero e um caso típico de aplicação malfeita das verbas. (Heraldo Marelim VIANNA, 1992)

Você tem o sonho estratégico, que é o da multiculturalidade, mas tem que ter táticas para falar dele, porque você pode cair nos exageros do discurso – que são idealistas, voluntaristas – e você pode perder o emprego. E a questão sua não é perder o seu emprego; é manter o emprego e ajudar o seu sonho. Acho que não há fórmulas para isso. Você tem que recriar todo dia as suas táticas para superar o exclusivismo de uma compreensão cultural estreita. (Paulo FREIRE, 1993)

As novelas têm uma audiência grande no Brasil e mostram cenas gratuitas de violência ou preconceitos. Quando a arte sai pela porta dos fundos, entra o oportunismo. É apelação para conseguir audiência. [...] Não é possível deixar a coisa absolutamente solta, sem qualquer preocupação no sentido ético, civil, de direitos humanos, como vem acontecendo nesses últimos anos. Mas as redes estão sensibilizadas. Espero que, a partir de agora, surja uma nova época na TV brasileira. Sem censura e sem exageros. (José GREGORI, 1999)

As crianças são todas iguais. Ela até pode ter mais objetos para manipular, ou viver em um ambiente mais requintado e, mesmo assim, ser mal-educada. Já não vimos isso em algum lugar? Evidentemente que não vamos ensinar uma criança carente a comer com talheres para peixe. É um exagero, ela não usa no seu dia a dia. Deve-se respeitar a cultura de cada classe e região. Agora, noções de higiene, respeito aos horários, são coisas que todos precisam aprender. (Suzana DOBLINSKI; Albertina Costa RUIZ, 2001)

Há um certo exagero, a violência não está dizimando a população escolarizada. Há brigas, há mortes. [...] Quase 15% dos alunos levam armas brancas para a escola. Para eles, arma é sinônimo de *status*, masculinidade, mostra que ele é melhor e tem mais poder. Muitos alunos só levam armas para a escola para se exibir. O problema é que a escola está muito envolvida em ações violentas e há de tudo. Tem professora ou aluna que é namorada de traficante, então há uma certa condescendência. Todo mundo sabe e ninguém fala nada. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

Em 50 anos, assistimos tanto em casa quanto na escola à radical transição de uma educação muito repressiva para uma educação exageradamente permissiva. Pais e educadores estão desnorteados e sentem-se divididos entre a imagem interna de seus pais e o ambiente social que os rodeia na atualidade. Contudo, não se deve colocar essas duas tendências em oposição, como se tivéssemos de optar por uma ou outra; devemos, dentro das possibilidades, procurar integrá-las. (Gley COSTA, 2007)

A maioria [dos livros didáticos] exagera na simplificação, banaliza os conceitos e torna o assunto pouco interessante. De qualquer maneira, os alunos precisam aprender a dar conta do livro didático – a interpretá-lo – e a encontrar nele

marcas que possibilitem promover o conhecimento de que necessitam. Mas isso só acontece se o professor desenvolver discussões com eles e aprofundar os conceitos. Infelizmente, nem todas as escolas têm disponível outros materiais. (Ana Maria ESPINOZA, 2007)

Muitos métodos de ensino de inglês trabalham a inteligência verbal de forma exagerada. Foca-se na leitura, na pronúncia. Mas é preciso equilibrar isso. Não é bom interromper a leitura dos alunos que têm mais dificuldade verbal, forçando-os a ler letra por letra, porque isso não é agradável. Para muitos, a música e a dança levam a um melhor desempenho. Quando se consideram as inteligências múltiplas, cada um tem a sua vez de ser *expert*, seja para colorir ou usar as ferramentas do computador, por exemplo. (Reinildes DIAS; Heather Jean BLAKEMORE, 2009)

O volume e o tom de voz também são importantes, devem ser firmes, mas não exagerados. A linguagem corporal é essencial em sala de aula. A ausência dela é prejudicial, pois demonstra apatia. Muitos docentes não envolvem os alunos com o olhar e não apresentam expressividade facial. Isso não ajuda em nada. Usar uma linguagem muito técnica também é um erro. Procure sempre adequar a linguagem com o público-alvo. (Reinaldo PASSADORI, 2009)

Há um poder exagerado da cultura feminina na escola. A maioria das histórias contadas na Educação Infantil é ficcional. Os livros que contam histórias realistas ou documentais são praticamente deixados de lado. O caminho é alcançar um equilíbrio. [...] Os meninos adorariam ler sobre como funciona um trator ou como um vulcão entra em erupção. E eu tenho certeza de que as meninas também. (Anne-Marie CHARTIER, 2010)

A interação com os aparelhos digitais é muito eficiente em termos de estimulação do sistema nervoso e pode ajudar no desenvolvimento de várias capacidades e funções, mas tende a levar a certa imobilidade, que sem dúvida é prejudicial. Os brinquedos tradicionais não só continuam a ser importantes, como também devem ser incentivados, exatamente porque há uma tendência a exagerar na quantidade de tempo que os jovens passam interagindo com aparelhos eletrônicos. (Ramon M. COSENZA, 2011)

As pessoas estão colocando ênfase demais, aqui, no conhecimento que o professor tem das matérias, o que, é claro, é importante. Mas o educador pode aprender com o tempo. O importante é atrair profissionais que gostem de lecionar, que consigam ter empatia com as crianças, formar uma comunidade na sala e sejam bons em gerenciá-la. O quanto mais souberem do conteúdo, melhor, mas sugerir que não se pode ter boas escolas porque os aspirantes a professores não sabem o bastante é exagero. (Clare KOSNIK; Clive BECK, 2011)

Uma segunda hipótese diz respeito ao mal-estar coletivo sentido por novos professores que temem que seu ofício se torne cada vez mais “desprofissionalizado”: poderes adquiridos pelos pais, pressões exercidas pelas instâncias políticas, importância comumente exagerada atribuída às avaliações, etc. Constatou-se, porém, que esse mal-estar não é manifestado apenas pelos professores que trabalham nos contextos socioeconômicos e culturais mais difíceis; ele parece ser geral. (Monica GATHER-THURLER, 2012)

Há um pouco de cada coisa na natureza humana. Algumas pessoas são mais competitivas, outras são mais solidárias, e tanto a competição quanto a solidariedade representam fontes de prazer e motivação que ativam o chamado sistema de recompensa de nosso cérebro, otimizando nosso desempenho. O que cabe à educação é explorar essas duas características humanas sem que elas atinjam exageros que possam ser danosos à vida social. (Roberto LENT, 2017)

O ENEM, em abrangência, só é menor, no mundo, do que o sistema chinês. Hoje ainda temos problemas sérios de aprendizagem nos anos finais do fundamental e no médio, mas desde 2003 estamos exibindo clara evolução em alfabetização, ensino infantil e primeiros anos do fundamental. Pode-se dizer que a situação está resolvida? Claro que não. Ainda precisamos gerar quantidade e qualidade na educação básica. Mas dizer que fracassamos, na abrangência do termo, seria exagerado e injusto. (Mozart Neves RAMOS, 2018)

DÉFICIT

Se formos esperar para resolver todos os problemas, do salário do professor, da sala de aula, não iremos a lugar algum. Ora, se resolvermos o déficit de US\$ 3 bilhões por ano por causa da repetência, poderemos pagar melhor os professores, que merecem. Mas na medida em que o professor assume essa profissão ele não pode se desculpar pela ineficiência dele em classe. É fundamental uma apropriação ética do seu próprio papel social. (Viviane SENNA, 1997)

É preciso ver se eles [professores] têm tempo para trabalharem juntos, se as reformas são impostas de cima, ou se os professores podem propor reformas a partir da base. Relacionado a isso, há o isolamento das universidades, distantes das escolas e das comunidades. Muitos professores não estão aprendendo a observar e aprender com as comunidades e a incorporar, de modo positivo, os recursos culturais que as crianças trazem para a escola. Há ainda uma visão de déficit cultural. (Kenneth ZEICHNER, 2000)

O conceito de déficit sempre traz dificuldades de entendimento, pois parte do princípio de que um “ótimo” que precisa ser alcançado e, às vezes, isso não existe. Mas, de fato, o desenho atual da escola supõe que as crianças detenham os códigos básicos, como respeitar a autoridade do professor e ser capazes de escutar alguém ou de não se pegar a tapas com o vizinho de carteira. (Juan Carlos TEDESCO, 2002)

Deve-se reconhecer que o nível mundial de educação jamais esteve tão elevado e as pessoas instruídas jamais foram tão numerosas. Mas, diante das necessidades de uma sociedade cada vez mais complexa, existe um déficit não absoluto, mas relativo às exigências dos tempos modernos. É fundamental compreender isso. A culpa não pode ser atribuída só à escola, mas à sociedade tecnológica, que é multicultural, globalizada e apresenta aos indivíduos desafios enormes. (Philippe PERRENOUD, 2004)

O déficit de atenção é uma condição permanente. Trata-se de uma dificuldade para se concentrar em qualquer hora e lugar mesmo se está fazendo algo prazeroso. Se surge um “déficit de atenção seletivo” relacionado às coisas da escola, é muito mais provável que estejamos falando de desmotivação e falta de interesse. Imagine uma sala de aula em que o professor trabalha um conteúdo que requer leitura e escrita, mas o aluno não lê nem escreve ou faz isso de modo muito precário. Dificilmente ele vai ficar atento, porque não assimila o que está sendo apresentado. (Jaime Luiz ZORZI, 2006)

Devemos aplicar o mesmo tipo de raciocínio às diferenças cerebrais que aplicamos à biodiversidade ou à diversidade cultural. Não dizemos a respeito de uma pessoa que tem uma cor de pele diferente da nossa que ela tem um “transtorno de déficit de pigmento”. Isso seria racismo. Contudo, rotulamos crianças que têm formas diferentes de lidar com o mundo de portadoras do “transtorno do déficit de atenção”. Isso está errado. Precisamos apreciar todas as flores no prado! (Thomas ARMSTRONG, 2008b)

Entretanto, temos um grande déficit no atendimento em creches, na educação de jovens e adultos (EJA) e na educação profissional e superior. Precisamos investir

mais na qualidade da educação básica pública, reconhecidamente fragilizada. O papel da União, na minha opinião, é investir exatamente na expansão de sua rede e na qualidade do ensino fundamental e médio oferecido pelos municípios e estados. As principais melhorias adviriam dessas políticas. (Flávio ARNS, 2009)

O MEC estima, com base nos dados do Educasenso de 2007, que existe um déficit de professores que chega a um número que varia de 700 mil a 900 mil. Por falta de formação adequada, entende-se que o docente não possui nível superior na área em que atua. Destes, 300 mil a 400 mil possuem licenciatura em área diferente daquela em que lecionam e outros 300 mil a 400 mil não têm curso superior. O restante, 100 mil aproximadamente, é graduado e, apesar de não terem licenciatura, atuam como professores na Educação Básica. (João Carlos TEATINI, 2009)

Nós temos uma carência de professores de Química, de Física e de Matemática da ordem de 170 mil professores. Só 25% dos professores que ensinam Física, por exemplo, têm habilitação específica para esta disciplina. O problema do déficit dos professores, em termos quantitativos, e da sua inadequada formação, em termos qualitativos, decorre da desvalorização do magistério como opção profissional. (Cesar CALLEGARI, 2010)

Os cursos técnicos, de curta duração, são os que têm mais demanda [por ensino a distância]. As empresas como SEBRAE, SENAI investem muito na capacitação e requalificação de mão de obra. Depois, no caso do Ensino Superior, a formação de professor é uma área importante, devido ao déficit que temos. Só na área de formação de professores da rede pública são 150 mil por ano. Ainda no Ensino Superior, os cursos tecnológicos, mais voltados para o mercado de trabalho, é uma área que valoriza o aluno a distância. (José Manuel MORAN, 2010)

O déficit de professores surge da baixa atratividade da profissão. Se a profissão de professor de Ensino Médio fosse interessante, em vez do bacharel em Química ir para o mercado de trabalho, sua opção seria o magistério. Os melhores alunos do Ensino Médio não querem ser professores, e isso é um problema. E, além da baixa atratividade salarial, também não existe uma carreira no magistério que consiga manter os bons profissionais na sala de aula. (Romualdo Portella de OLIVEIRA, 2010)

O Brasil tem um déficit enorme de professores, particularmente em algumas áreas, como Química, Física e Matemática. Quando eu era secretário de Educação em Pernambuco, normalmente em todo início de ano – acho que isso é geral no Brasil – faltavam professores em várias escolas. O Ministério Público, que hoje está muito bem estruturado, as promotorias da educação entram diretamente nas secretarias exigindo que a secretaria contrate professores para suprir aquela falta, e faz isso muito bem. (Mozart Neves RAMOS, 2011b)

Essa expressão [invisibilidade social] descreve a experiência subjetiva (sob a forma de emoção e apropriação simbólica, consciente ou inconsciente) do déficit de reconhecimento. Por reconhecimento entendo o retorno ao sujeito, pela mediação do outro (do olhar, da palavra, do silêncio – atento, empático, respeitoso –, do gesto, da postura do outro), de sua própria imagem acrescida de valorização, atestando-se, na dinâmica da reciprocidade ou da interação, não só

a presença física do outro, mas também o significado moral de sua presença. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

Há tempos que estamos trabalhando; temos pesquisas em sete países, dentre eles o Brasil e também a Argentina. Nesses países pesquisados, que incluem Uruguai, Cuba, Portugal, Espanha e Inglaterra, além dos dois primeiros mencionados, procuramos analisar como se constrói a capacidade de prestar atenção, pois não podemos falar em déficit de alguma coisa ainda não definida. Ou seja, como falar em déficit de atenção sem antes definir o que é atenção? (Alicia FERNÁNDEZ, 2014)

Se pensamos que ler é uma dessas atividades reflexivas que exigem atenção e concentração, eu afirmaria, ao contrário do que costuma ser dito a partir de relatórios como o PISA, que não está certo que os adolescentes leiam cada vez menos. Creio que nunca se publicou e vendeu tanta literatura juvenil como nas últimas décadas, porque simplesmente aumentou o número de leitores, o que, por sua vez, traz à tona novos déficits que antes não se destacavam porque a escola seletiva diretamente excluía os maus leitores. (Juan Ignacio POZO, 2015)

DESPERDÍCIO

O Brasil só tem a ganhar [com o investimento na educação infantil], sobretudo do ponto de vista do desenvolvimento da cidadania. Essas crianças serão pessoas melhores, mais equilibradas, mais sofisticadas. Desperdiçar esses seis primeiros anos é uma negligência criminosa. Esse é um capital inestimável para nosso país. Estamos passando por uma crise ética grave. Onde isso vai terminar se não na redefinição de como educar as crianças? (Regina de ASSIS, 2000)

Ele [o professor alfabetizador das áreas rurais] não pode desperdiçar nem um minuto do tempo em que sua turma está na escola, porque cada minuto é muito precioso. Terminado o período da aula, o contato com a escrita quase desaparece. A possibilidade de uma relação educativa realmente dialógica é fantástica. Mas, o docente não está acostumado a fazer isso e, num primeiro momento, fica com muito medo de não poder ensinar. (Emilia FERREIRO, 2001)

Mais dinheiro sempre é bom. Agora, o que nós provamos é que havia muito desperdício na educação e conseguimos, com melhor aproveitamento de recursos, dar um salto importante. Eu diria que se, no passado, eu importasse mais dinheiro na educação, sem as regras do FUNDEF, se em vez de 25% fossem 30% para educação, tenha uma certeza: iria aumentar o desperdício. (Paulo Renato SOUZA, 2002)

As novas tecnologias de informação e comunicação podem ser domesticadas para servir a essa instituição obsoleta, seja como apoio na forma de ensinar dos professores, seja como apoio à gestão (em geral hierarquizada e burocrática, às vezes, autoritária) dos encarregados em administrá-la. Usar as novas tecnologias dessa forma domesticada é, porém, a meu ver, um enorme desperdício de recursos financeiros, materiais e humanos. (Eduardo CHAVES, 2004)

Este século vai testemunhar uma forte alteração na tecnologia de veículos e de geração e uso de energia. Nós não temos alternativa a não ser deixar o modelo que predominou no século passado, desses carrões gigantescos, que consomem um absurdo de gasolina para transportar duas ou três pessoas, e esse desperdício generalizado de energia. (Paulo ARTAXO, 2007)

As informações colhidas nos exames não se revertem em redirecionamento ou criação de políticas educacionais. Servem apenas como base de dados. Além de ser um desperdício financeiro, porque a avaliação só faz sentido se for inerente ao sistema, falta clareza do que se pode fazer com os resultados dos exames. Os técnicos olham os resultados com uma expectativa de que a escola venha a utilizá-los. (Sandra ZÁKIA, 2007)

É preciso caminhar, progressivamente, rumo a uma forma de avaliação mais contínua e mais colaborativa. Isso deve acontecer na medida em que os professores introduzam outros elementos avaliativos mais relacionados a essas tecnologias, que guardam pouca semelhança com o formato da aula tradicional. [...] Não me passa pela cabeça imaginar que, ao fim de um período letivo no qual se usaram intensamente recursos tecnológicos na aprendizagem, um professor pense em dar uma prova escrita tradicional, com perguntas e respostas. Seria um desperdício. (Antonio de las HERAS, 2010)

Em 2004, 47% dos alunos que entraram [no ensino superior] em 1999 concluíram o curso em quatro anos (tempo médio de duração dos cursos). Em 2003, foram 51%. Depois caiu para 47%. Este é um cálculo grosseiro, pois há cursos de três e outros de cinco anos, mas por meio dele dá para perceber a tendência. Isso é um desperdício violento. Imagine uma máquina de parafuso: você programa para fazer cem por determinado período de tempo, mas ela só faz 47. Há todo um investimento feito que gera um custo que é desperdiçado. (Oscar HIPÓLITO, 2011)

Nunca vamos conseguir fazer com que parem de achar que há uma resposta mágica nos resultados de uma prova. Isso não nos ajuda. Sabemos onde estão as boas escolas e onde estão as problemáticas, e o que temos de fazer é tentar ajudar cada uma a resolver suas próprias questões. Em vez de desperdiçar dinheiro em testes, vamos usá-lo para aprimorar as escolas. (Clare KOSNIK; Clive BECK, 2011)

Então, eles [os professores] gastam tempo escrevendo na lousa, assim usam metade do tempo, estão desperdiçando o tempo de propósito. Supõe-se que eles estão desperdiçando tempo porque não sabem que é um desperdício de tempo, mas essa é uma grande suposição. Eu tive alguns professores africanos admitindo pra mim, porque nós descobrimos que eles ensinavam apenas um terço do currículo, que estavam fazendo isso porque não dominavam o conteúdo. (Martin CARNOY, 2012)

Lemos por prazer, para relaxar e para vivenciar experiências que não são nossas. A cultura contemporânea conspira contra o que não tem utilidade imediata. As provas internacionais que avaliam leitura também reforçam seu caráter utilitário porque cobram que os alunos leiam para resolver algo e entendo que essa é uma aptidão importante e faz parte da vida. Precisamos mostrar aos estudantes que a leitura também tem a ver com sentimentos e toma tempo, mas não é um desperdício. (Yolanda REYES, 2012)

O Brasil tem muito desperdício. Um desperdício óbvio é a repetência. Eu não estou sugerindo que a gente deva passar o aluno sem que ele tenha aprendido, mas a gente poderia melhorar a nossa taxa de aprendizagem. A cada ano, há 33 milhões de alunos do sistema de ensino fundamental, dentre os quais 5 milhões estão repetindo. Imagine a quantidade de escolas e professores que eu tenho a mais. Essa é a primeira quantidade de recursos que poderia ser redirecionada em favor das pessoas. (José Francisco SOARES, 2012a)

Eu não diria que o governo não tem interesse em divulgar esses projetos inovadores. Diria que os desconhece. E que insiste em políticas públicas geradoras de desperdício. Veja a gestão burocratizada, o predomínio de decisões de natureza administrativa, que configuram o cotidiano das escolas. Uma pesquisa recente nos diz que 90% dos diretores de escola gastam mais tempo a tratar da merenda escolar do que de assuntos de natureza pedagógica. (José PACHECO, 2013c)

As escolas desperdiçam uma quantidade infinita de dinheiro. Nos Estados Unidos, por exemplo, historicamente perdemos recursos investindo em classes

menores, que, na maioria dos casos, não conduzem a maiores resultados na aprendizagem. Também gastamos uma quantia ridícula em lousas brancas, computadores e outros equipamentos reluzentes, sem que haja evidências de que isso levaria ao aumento da aprendizagem. (Amanda RIPLEY, 2015)

Todos os seres humanos, e em particular as crianças que estão em contínuo crescimento, têm uma relação vital com a comida. Porém, a comida não é somente alimento; é também uma linguagem, um verdadeiro alfabeto com o qual construímos a nossa relação com os outros e com o mundo. Como escola pública, devemos promover uma educação alimentar saudável e equilibrada que, ao mesmo tempo, seja capaz de reduzir o desperdício e seja sustentável. (Ilaria CAVALLINI; Maddalena TEDESCHI, 2016)

EXCEÇÃO

Quase não temos museus [de ciência] aqui no Brasil. Algumas exceções, como a Estação Ciência, em São Paulo, e o Museu de Ciências, recém-aberto pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [...]. Você conhece o Smithsonian Institution, nos Estados Unidos? Tem tudo lá. Você entra e encontra crianças sentadas no chão, tendo uma aula que com certeza será inesquecível. (Glaci Therezinha ZANCAN, 2001)

Com exceção da propaganda, as demais atividades de comunicação [da escola] não acarretam grandes dispêndios financeiros. É apenas uma questão de priorizar essas atividades. É preciso estar permanentemente em contato com alunos, ex-alunos, pais, formadores de opinião, imprensa, para manter vivo o nome da escola na mente das pessoas. Eventos esportivos e culturais também são ótimos, pois criam uma ligação emocional entre a escola e seus diversos públicos. (Miguel DAUD, 2002)

Os professores de minha própria infância, todos sem exceção, tinham uma projeção muito grande na comunidade. Reconhecíamos no professor de Matemática alguém que carregava o conhecimento matemático. [...] Não me passa pela cabeça, jamais, o professor atribuir a tarefa de ensinar, de dispor, de trabalhar conhecimentos, ficando assentado, debruçado, “abengalado” em materiais didáticos prontos e acabados. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

Basta observar a estrutura física das escolas e os salários dos professores. Basta verificar as avaliações feitas pelo SAEB e pelo PISA. Em educação, estamos no terceiro mundo. O que pensar quando mais de 50% dos alunos que terminam a quarta série não sabem ler ou não compreendem o que leem? Por que priorizamos quantidade e não a qualidade? Certo é que existem núcleos de excelência em alguns municípios, mas estes são exceções e não regra. (Samuel LAGO, 2005)

A garotada que frequenta a escola pública – óbvio que nós estamos generalizando e que sempre existem exceções – não tem o mesmo tipo de aprendizado em outras dimensões da vida que não só a da sala de aula. [...] Em escolas públicas, normalmente [o aluno] assiste a três, quatro horas de aula (quando o professor vai), volta para casa e não pertence a nada. Quando ele vai “pertencer” – e claro que isso é uma caricatura –, ele vai “pertencer” a uma gangue. (John Edwin MEIN, 2005)

Basta comparecer a qualquer festinha de escola infantil para ver as crianças dançando funks e outras baixarias, com a conivência, e até incentivo, dos diretores e professores, os quais não percebem o alcance desse tipo de “produto cultural”. A leitura não é mais incentivada. Professores mal pagos. É um círculo vicioso. Conheço, no entanto, dezenas de exceções, de professores que mantêm o idealismo e a vontade de mudar esse cenário, mas que não têm nenhum poder diante de uma indústria que, à noite, desfaz tudo o que eles plantaram durante o dia. (Luciano PIRES, 2006)

Não se garante aos professores a formação adequada para enfrentar os desafios atuais e não existe um sistema de seleção nem estratégias de reconhecimento que possibilitem escolher e reter os melhores docentes. Francamente, não acho que

as mudanças no currículo representem uma melhoria real para a escola, com exceção de algumas experiências que, sobretudo no caso da América Latina, existem apesar do sistema. (Juana SANCHO, 2006)

E, com exceção de pouquíssimos municípios que não têm área rural, a questão do transporte escolar é muito complexa. O Brasil é um país muito grande. Tem lugares no Norte, por exemplo, em que a criança demora três horas dentro de um barco para chegar à escola. E não tem como ser diferente. São muitas as cidades que têm 20 mil habitantes e 90 escolas, com 10 ou 20 alunos cada, ou que transformam 20 escolas em uma só. (Maria do Pilar LACERDA, 2007)

O que a USP tem clareza é que não temos como alterar as condições de base que produziram a desigualdade neste país. O estudante que aqui ingressa é da escola particular e pode pagar escola e cursinho. Com algumas exceções de ótimas escolas particulares, você também tem muitas escolas particulares com uma qualidade que deixa a desejar. Não é para dizer que a escola particular prepara melhor o aluno para a USP do que a escola pública. (Selma Garrido PIMENTA, 2008)

Algumas pessoas têm aptidão quase natural para a docência, mas a grande maioria não tem e não se pode contar apenas com a exceção. O nosso professor não tem condições de fazer um planejamento e um trabalho como o que ele recebe pronto em sistemas estruturados de ensino e que fazem sucesso – seja porque fez um curso de formação ruim, por não ter tempo, por ganhar pouco. Porém, o gestor público precisa cuidar do aluno dele hoje, agora. (Guiomar Namó de MELLO, 2011b)

No que diz respeito ao ensino de português, infelizmente, a grande maioria dos livros didáticos disponíveis, com honrosíssimas exceções, apresenta o que eu chamo de “esquizofrenia” ou “dupla personalidade”: enquanto fazem excelentes trabalhos com a leitura e a produção textual, permanecem ainda muito apegados ao “ensino de gramática” mais tradicional, veiculando um conceito de “língua certa” que nada tem a ver com o que é de fato a realidade linguística do Brasil contemporâneo. (Marcos BAGNO, 2012)

O bom profissional, o bom engenheiro, o bom médico, uma boa jornalista, em geral, têm uma boa educação básica. Raramente um mau aluno se transforma num bom profissional; pode acontecer, existem as exceções, mas em geral eles têm um bom curso básico. A carreira do magistério no Brasil é a opção dos piores alunos do ensino médio. Então, como você pode imaginar que os piores alunos serão bons professores? (Marcos MAGALHÃES, 2012)

Os cursos de Pedagogia e de Licenciatura, com honrosas exceções, são livrescos, são cursos moldados para uma aula do século XIX, são cursos estruturados para encontrar alunos crescidos em um regime prussiano, para obedecer e cumprir diante de uma geração de hoje, que quer empreender e saber. Então a capacitação docente hoje é muito deplorável, e não creio que é apenas culpa do docente, mas daquilo que normalmente lhe é proposto. (Celso ANTUNES, 2014)

Tem-se, por exemplo, a proliferação de pré-escolas bilíngues, que atraem pais que não falam outra língua e famílias culturalmente estranhas à língua; ou a adoção

de câmeras de vigilância dentro de salas de aula, exatamente como em elevadores e áreas comuns de condomínios. Esse estado de exceção dentro da exceção tem produzido uma rápida judicialização e uma grande psicopatologização da primeira infância. (Christian DUNKER, 2015)

Em regiões metropolitanas, a gratuidade do transporte público está reduzindo a evasão escolar. Em áreas mais distantes, o problema é enorme, há regiões em que as pessoas vão de barco às escolas. Parte das soluções deveriam ser regionalizadas, consorciadas, de forma a ter mecanismos de cooperação horizontais e verticais, tanto entre municípios, como entre municípios e estados, algo muito frágil no Brasil salvo algumas raras exceções, como o Ceará, o Acre, Tocantins, e agora Pernambuco, Bahia. (Fernando ABRUCIO, 2016)

TODOS

Os livros didáticos de Português sempre valorizaram os gêneros com que as classes dominantes têm mais convívio: o texto literário, o romance, a poesia. Não sou contra isso, pois, afinal, esses bens simbólicos culturais, que são apropriados pelas classes dominantes, têm que ser levados às classes dominadas. Esses bens são produzidos também pelas classes dominadas; não podem ser propriedade só das classes dominantes. A produção é de todos. (Magda Becker SOARES, 1995)

Quando vejo toda essa agitação, me sinto como se alguém estivesse me cutucando. O que é realmente ensinar? Qual a função do professor? A escola está mudando, adquirindo uma responsabilidade social cada vez maior. E vejo oportunidades de formação continuada espalhadas pelo país. Da minha parte, busco sugar alguma coisa que me dê instrumentos, que facilite meu trabalho. É uma busca constante, porque as crianças nos desafiam todos os dias. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Há milhões de pessoas e de países que não consentiriam que todos vivessem bem, porque seu próprio sistema seria destruído, já que o planeta não suportaria que todo mundo vivesse como eles vivem. É utópico por isso, não porque não tenhamos recursos naturais no planeta. É utópico porque o sistema social do Primeiro Mundo não permitirá que todos vivam bem. Se todos tivessem o mesmo número de automóveis que existem nos Estados Unidos ou na Europa, o planeta estaria todo contaminado. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Essa apropriação da tecnologia apresenta possibilidades positivas porque, bem usada, numa concepção democrática, pode possibilitar uma enorme democratização da educação. A Internet, a televisão, o telefone celular etc., proporcionam formas de conhecimento que se reservam a espaços fechados, elitizados, enquanto deveriam ser colocadas a serviço de todos. (Adriana PUIGGRÓS, 2001)

Hoje em dia a ciência é um fenômeno social, não falamos mais de ciência e sim de tecnociência. O público deve interferir nesse campo, que vai de sua vida à vida de todo mundo, praticamente. Organismos geneticamente manipulados, (OGM), energia nuclear, meio ambiente, saúde são todos assuntos nos quais o povo deve interferir, e não se contentar apenas em absorver o conhecimento. (Daniel RAICHVARG, 2001)

Então, se está um dia terrivelmente quente, ou se a iluminação não está boa, ou se alguém está trabalhando com uma britadeira bem ao lado da escola, ou se a mesma turma tem mais outro teste importante em outra matéria no mesmo dia, nenhuma dessas situações é propícia para um bom teste. Hoje o time da escola vai disputar a final do campeonato municipal com outra escola, todos estão excitadíssimos, só se fala nisso. Dar uma prova para os alunos? Nem pensar! (Dale ARMSTRONG, 2004)

Uma das maiores vantagens, no caso da educação, é justamente a heterogeneidade dos alunos. É essa diferença de olhares, de experiências e de práticas que faz com que as aulas sejam mais ricas, dinâmicas e profícuas. Claro

que gera também uma demanda maior para o professor, que precisa estar apto a lidar com toda essa mistura. Da mesma maneira, gera também uma demanda maior dos estudantes menos preparados, que para acompanhar o ritmo da turma e do curso terão de “correr atrás”. Mas penso que todos só têm a ganhar com isso. (Sílvia GALLO, 2006)

O que os professores tentam passar é que a responsabilidade desse desânimo no desenvolvimento profissional é da má oferta de treinamentos, *workshops* e seminários. Frequentemente, para torná-los mais baratos e acessíveis, as empresas que os promovem oferecem apenas programas do tipo “o-mesmo-pacote-de-cursos-para-todos”. Em consequência, os professores – com razão – não acreditam que essa espécie de capacitação faça alguma diferença nas suas carreiras. (Eric HIRSCH, 2008)

Todos lemos. Descreio sobre essas afirmações sobre a não leitura e os não leitores. Esses professores que se dizem não leitores criam uma representação de si próprios e da leitura na qual as suas leituras – pois seguramente as têm – são consideradas pouco prestigiosas ou não canônicas, ao menos não em relação ao que é valorizado na escola e pela “alta cultura”. Todos têm a possibilidade de crescer como leitores. (Cecilia BAJOUR, 2010)

Todos os países estão fazendo a mesma coisa: investindo em avaliações nacionais, em provas que analisam exatamente as mesmas coisas e em *rankings*. É como se um copiasse o outro. O Chile começou e todos os demais o seguiram. Só que os chilenos fazem avaliações há 25 anos e não houve mudanças significativas. Isso mostra que os sistemas de avaliação, isoladamente, são ineficazes. (Rosa María Torres del CASTILLO, 2011)

Todos os seres humanos são diferentes e isso é uma vantagem. Na província de Buenos Aires, apostamos nas diferenças e não nas desigualdades. Em alguns dos grupos, reunimos propositalmente crianças de diversas idades. Uns têm pequenos de 4 e 5 anos, outros, de 3 e 4, e alguns de 2, 3 e 4 anos. Isso tem intencionalidades claras. Pesquisas e nossa própria experiência comprovam que a interação entre os maiores e os menores é benéfica para o desenvolvimento de todos. (Ana MALAJOVICH, 2013)

A primeira série também deve ser uma prioridade para toda a escola, institucionalmente. Na Finlândia, as atenções são voltadas aos dois primeiros anos. Todos na escola estão comprometidos em prover às crianças o sentimento de que elas são bem-vindas e de que nada pode excluí-las. Essa concepção é totalmente contrária à ideia de que a repetência pode ser justificada. (Axel RIVAS, 2014)

A ação do professor não ocorre no vazio. É preciso considerar vários níveis: culturas inclusivas, políticas inclusivas, valores e práticas inclusivas. Desenvolver culturas inclusivas supõe a criação de uma comunidade escolar segura, acolhedora, colaborativa e estimulante, em que cada um seja valorizado como o fundamento primordial, de modo que todos os alunos obtenham ganhos maiores. (Daniel VALDEZ, 2014)

A LDB foi extremamente moderna e avançada em relação à organização curricular, transformou o ensino médio em etapa final da educação básica, definiu as áreas de conhecimento, abriu a possibilidade de interdisciplinaridade, mas não mexeu na estrutura organizacional do sistema e manteve a ideia de ensino médio único para todos. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2016)

Os serviços dinamarqueses voltados à primeira infância são universais. Todas as crianças têm seu lugar garantido desde os 6 meses até a idade escolar obrigatória, e praticamente não existem listas de espera. A partir de aproximadamente 1 ano de idade, a maioria das crianças frequenta um serviço de cuidados para a primeira infância. Em consequência, crianças de todas as camadas da sociedade frequentam esses serviços. (Jytte Juul JENSEN, 2017)

NINGUÉM

Nosso empenho em mudar a cara da escola, que, no nosso caso, é nos darmos ao esforço de fazer uma escola popular, necessariamente passa pela mudança curricular. Ninguém, contudo, numa perspectiva democrática, muda o currículo das escolas de uma segunda para terça-feira. Feita autoritariamente, de cima para baixo, a partir da vontade de especialistas iluminados, a transformação curricular, além de constituir uma contradição inaceitável do ponto de vista de uma administração petista, não tem eficácia. (Paulo FREIRE, 1989)

Ninguém se atualiza sentado em frente a uma tela de televisão, vendo um programa que foi feito em algum lugar distante, por quem nada sabe da história daquelas professoras, sem levar em consideração nada do que aquelas professoras já sabem, fazem, aprenderam, construíram e desejam saber. É a professora meramente receptora, ouvindo aqueles programas feitos por “técnicos”, não se sabe de quê e não se sabe onde. Será assim que se forma uma professora? (Regina Leite GARCIA, 1997)

A arquitetura [das instituições socioeducativas] tem de cumprir dois requisitos: exercer as funções de contenção e segurança, para que o adolescente não fuja, e ser capaz de gerar espaços estruturados para trabalhos educativos. Significa construir salas de aula, oficinas, praça de esportes, alojamentos individuais. Não adianta ter uma proposta pedagógica moderna dentro do Carandiru. Ninguém pode ficar amontoado em celas como se fosse um animal. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2000)

Ninguém pode ensinar algo que não conhece. Para ampliar a formação dos alunos o educador precisa primeiro investir na própria formação. Como fazer isso? Refletindo sobre as novas exigências da vida moderna, sobre o próprio trabalho e sobre seu papel como educador. E, é claro, aproveitando melhor seu tempo livre: passeando, observando as pessoas, indo ao cinema, fazendo amor. (Domenico de MASI, 2000)

A formação é algo que pertence ao próprio sujeito e se inscreve num processo de ser (nossas vidas e experiências, nosso passado etc.) e num processo de ir sendo (nossos projetos, nossa ideia de futuro). Paulo Freire explica-nos que ela nunca se dá por mera acumulação. É uma conquista feita com muitas ajudas: dos mestres, dos livros, das aulas, dos computadores. Mas depende sempre de um trabalho pessoal. Ninguém forma ninguém. (António NÓVOA, 2001)

Não acredito em nenhuma melhoria educacional no país enquanto não se mexer nessa questão fundamental, qual seja, fornecer os meios de uma vida digna para o professor. Isto para que ele possa, também, estudar. Porque essa história de se dizer que o professor é bem ou mal formado na faculdade é balela: ninguém nunca está pronto para dar aula. Há pessoas com 40 anos de magistério e que ainda tremem para dar uma aula – isto é, aqueles que levam isso a sério. (Sírio POSSENTI, 2001)

Como uma semente se transforma numa plantinha? Qual é o ciclo de vida de um parasita? As crianças são receptivas a esse tipo de provocação. E têm uma criatividade fantástica. Um garoto, no interior do Paraná, venceu o concurso

Cientista do Amanhã, promovido todos os anos pela SBPC, com um projeto que mostrava o ciclo de vida de um inseto que comia outro inseto e, com isso, fazia o seu controle naturalmente em plantações. Ninguém, até então, sabia disso. (Glaci Therezinha ZANCAN, 2001)

O professor é designado como um coaprendiz. Isso porque ninguém “tem” o conhecimento. O conhecimento existe e precisa ser construído individualmente. É o aluno quem constrói o próprio conhecimento. O professor recebe essa denominação dentro desse contexto porque ele está o tempo todo aprendendo com seus alunos. [...] Há uma diferença fundamental entre projetar o conhecimento e extrair o conhecimento. Projetar o conhecimento é inútil, despejar conteúdos sem reflexão e envolvimento. (Claude FRASSON, 2003)

Há dois ou três anos, saíram na Espanha, bem como em outros países, relatos de adultos dizendo que passaram por todo o “primário” e por parte do “secundário” sem saber ler e escrever. E que ninguém se deu conta disso. Existem turmas que passam por muitas coisas sem que os professores sequer se inteirem do que está ocorrendo. Passam e continuarão passando. (Liliana TOLCHINSKY, 2004)

Todos os alunos são muito pobres, às vezes chegam famintos à aula, são criados pela mãe ou pelo pai e pertencem a minorias étnicas. Em todas as escolas havia grande rotatividade de diretores e professores, e os que estavam lá já tinham desistido de ensinar havia muito tempo. Pior: ninguém acreditava que a chegada de um novo diretor provocaria mudanças. A escola era vista como um lugar de gangues, pouco seguro para as crianças. (Gary WILSON, 2004)

A América Espanhola diz assim pra França, desde o princípio dos tempos: “A gente também cozinha, a gente tem tudo que vocês têm, menos a empáfia; então, vocês fiquem do lado de lá!”. O Brasil não vai fazer isso. A USP é um tumor e é preciso aceitar que isso morra. O último desconstrucionista vai morrer aqui. A nossa esperança é que ninguém mais no mundo sabe francês, ninguém quer saber. Estão se lixando. (Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO, 2007)

A palavra construtivismo logo se converteu numa palavra mágica na educação espanhola. Nela desapareceram os referentes, as bases, as raízes do discurso. Ninguém falava de Freinet nem de Paulo Freire porque se sabia que recuperá-los era recuperar uma memória que questiona, pondo em crise esse discurso aparentemente de mudança. A prova de que o discurso não afetou tanto as escolas é que atualmente quase ninguém fala de Reforma neste país [Espanha]. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

A avaliação faz parte de todo e qualquer processo pedagógico. Só que essa cultura de avaliação externa, sistemática e centralizada, não tem nada a ver com o processo pedagógico. É por isso que elas ajudam pouco (ou nada) a melhorar a qualidade dos sistemas. Todo professor sabe que, num teste, só deve perguntar aos alunos sobre aquilo que foi de fato ensinado. E essas provas avaliam coisas que ninguém sabe se foram ensinadas nas escolas. (Rubens Barbosa de CAMARGO, 2010)

O que é um bom professor? Todos sabem o que é um bom médico, um bom engenheiro ou um bom operário, mas ninguém consegue responder o que é um

bom professor. Se existem o bom e o ruim, como é que eu capto isso numa avaliação? Além do rendimento do aluno, quais outras variáveis eu posso levar em conta para verificar o professor? (Guiomar Namó de MELLO, 2011b)

Ninguém pode escrever literatura se não lê. É como quem se propõe a tocar música sem ter ouvido várias. Ao ler, temos condições de aprender como funciona a linguagem escrita, os modelos narrativos, as vozes dos personagens. Quem não é leitor pode até escrever como se fala, limitando-se aos modelos orais, mas não outros registros literários intencionalmente mais elaborados. Por isso, a prática da leitura tem tanta importância na escola. (Teresa COLOMER, 2014)

MUITOS

O termo construtivismo que está surgindo no Brasil e em toda a América Latina é resultado de uma elaboração que utiliza o termo, mas acrescenta outros elementos, que basicamente dizem o seguinte: aprendemos com processos elaborativos pessoais e singulares. E essa ideia é algo que posso compartilhar. Muitos pedagogos e filósofos já a mencionavam. Sempre digo que o primeiro construtivista foi Platão. (Antoni ZABALA, 1998)

Quando se fala em empreendedorismo muitos pensam que vamos ensinar a controlar estoque, a fazer um fluxo e caixa, etc., o que não é a nossa proposta. O que queremos é levar atitude, valores, tornar o professor conhecedor dessas atitudes que compõem o perfil empreendedor. O que na verdade já são atitudes que ele tem, talvez não diretamente ligadas a business, mas a todas as características do empreendedor que o professor tem em sala de aula. (Enio PINTO, 2002)

Conhecer os fenômenos celestes foi essencial para os sucessos que eles [os egípcios] atingiram. Muitos séculos depois, o conhecimento desses fenômenos foi igualmente importante para que as Grandes Navegações também tivessem sucesso. Nesse caso, a questão mais intrigante foi a determinação da latitude e da longitude em alto mar. A contribuição de Copérnico, Galileu, Kepler, Newton e muitos outros permitiu produzir conhecimentos que possibilitaram explicar, de forma unificada, fenômenos na Terra e no Céu. (Rovilson José BUENO, 2003)

[A criança] está interpretando e assimilando uma língua – a língua da escola, a língua do professor – através do conhecimento linguístico que traz consigo. E esse não é um conhecimento linguístico menor, é um outro conhecimento. Isso é precisamente o que propunham muitos educadores americanos, desde os anos [19]50, com o chamado *black english*, ou inglês dos negros. Muitas investigações mostraram que essa variável [linguística] não era um “mau” inglês, mas sim “outro” inglês. (Liliana TOLCHINSKY, 2004)

Muitos possuem o gosto de ouvir boas histórias, leram grandes contadores (Dickens, Jack London, Jorge Amado, Cervantes, aquela Velha Totônia de Zé Lins...), mas não quer dizer que sejam, eles próprios, bons contadores de histórias. Por outro lado, pessoas que nunca leram podem ter o gosto de ouvir e contar histórias. Conclui-se, assim, que ser um “extraordinário” contador de histórias é natural, ou é uma habilidade desenvolvida especificamente ao longo da vida por algumas criaturas. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Leitura é a coisa mais importante na vida. Sem ela, obviamente, não se aprende nada. Entretanto, cuidado para não confundir essa leitura com “ler arquivo no computador”. O professor precisa ler livros. Muitos livros. Se ele não consegue comprá-los por causa do custo, pode sempre tentar uma revista ou um jornal. Mas quero dar ênfase nisso, professor tem que se esforçar, buscar literatura e começar a aprender. (Clayton RIBEIRO, 2008)

Muitas palavras que vieram do grego através do latim conservam resquícios gráficos de como eram pronunciadas em grego. Por exemplo, a farmácia com “ph” vem do grego; sendo assim, farmácia se escreve com “ph”, em francês e inglês,

apesar de, sempre, ter tido som de “f”. Metáfora, por exemplo, é nitidamente grega, mas, tanto no inglês quanto no francês, se escreve com “ph”: *metaphor* e *métaphore*, respectivamente. (Antônio Suárez ABREU, 2009)

Muitas pessoas vêm de um ensino de Química que primava pela decoreba de nomes, estruturas e regras. Um ensino que fazia questão de colocar a Química como uma ciência difícil e acessível só a poucos iluminados. Essa visão vem mudando e muitos livros didáticos já buscam associar o conhecimento escolar químico com a vida dos alunos e outras situações que estão presentes em nossa sociedade. No entanto, esse não é um caminho curto. Ainda há muito a ser trilhado. (Gerson MÓL, 2011)

Muitos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento têm defendido a necessidade de se potencializar a difusão da ciência de forma mais acessível a diferentes níveis de ensino, justificando que a alfabetização em ciência é uma contribuição à democracia, no momento em que a socialização do conhecimento científico encoraja o debate público e dificulta a centralização de decisões nas mãos de tecnocratas. (Virgínia SCHALL, 2011)

Muitas crianças vêm de famílias não letradas, em que pais e o próprio ambiente familiar não promovem o acesso a livros e ao conhecimento formal. O Pacto [Nacional pela Alfabetização] foi pensado para criar um ambiente em que as crianças possam se relacionar com materiais e melhorar a alfabetização. Precisamos de um professor que saiba utilizar as ferramentas mais modernas. A principal ação envolve o alfabetizador, que demanda meios de diagnóstico e intervenção. (Romeu Weliton CAPUTO, 2013)

O curso de Biblioteconomia sofreu reformulações grandes e muitos não querem ser bibliotecários escolares, querem perseguir outras carreiras. Começa por aí, não tem um bibliotecário por escola, muitas vezes um bibliotecário atende dez escolas do seu polo. O auxiliar de biblioteca ou o responsável, em grande parte é o professor em desvio de função, que não tem condições de estar em sala de aula, ou é aquele profissional de nível médio, de qualquer área, que faz concurso para trabalhar nas bibliotecas escolares. (Aparecida PAIVA, 2013)

A busca pela doença [dislexia] e pelo laudo enfraquece a ação docente, tira das mãos dos educadores a responsabilidade de encontrar caminhos para a superação de dificuldades. Eles são desautorizados como profissionais. Muitos se sentem culpados quando se deparam com alunos que não sabem ler e escrever, mas ficam aliviados quando o laudo é apresentado, anseiam por ele. Assim, podem dizer: “Essa criança não tem jeito, ela tem laudo”. (Beatriz de Paula SOUZA, 2014)

Podemos apostar que várias e várias pessoas que vimos ultimamente saírem às ruas para se manifestar contra a corrupção na política cometem pequenas transgressões no dia a dia. É claro que não se pode comparar, sem cair numa abstração estéril, roubos de bilhões que causam severos estragos à economia e à vida da população com essas pequenas transgressões, mas o fato é que há, sim, uma relação entre elas – relação esta que, creio eu, muitas pessoas não enxergam. (Yves de la TAILLE, 2015)

Essas ideias [a teoria das inteligências múltiplas] agora são conhecidas no mundo todo. Não é fácil determinar os efeitos porque não é possível realizar experimentos controlados, como comparar uma escola tradicional com outra que aplica a teoria das inteligências múltiplas, uma vez que há muitos fatores envolvidos que não podem ser medidos. Dito isso, tenho convicção de que a maioria dos educadores já está familiarizada com essas ideias e compreende a criança de forma diferente. (Howard GARDNER, 2018a)

Quando um aluno se mata fora de um ambiente escolar, é uma visibilidade que dá margem a muitos rumores. Foi dessa forma, foi de outra, foi por isso ou por aquilo. Se esse aluno tinha uma posição de líder, se era admirado de alguma forma, deve-se evitar enaltecê-lo porque há o risco de contágio. Já se o aluno tinha um problema psicológico grave, talvez valha abordar o suicídio como uma não solução, para que não fique o registro de “a vida é difícil, então é melhor eu me matar”. (Maria Helena FRANCO, 2019)

POUCOS

Não se espera que as crianças saibam desenhar, interpretar ou decifrar todas as letras do alfabeto para que ouçam uma história ou narrem um conto ou uma poesia. Com relação à Matemática, porém, isso não acontece. [...] As pesquisas e estudos teóricos avançaram, mas poucas das novas propostas chegaram ao ensino de primeiro grau. O resultado mais visível disso é a manutenção de uma concepção aditiva da aprendizagem. (Liliana TOLCHINSKY, 1995)

Os livros para crianças na Europa e EUA são de capa dura, coisa que o mercado brasileiro ainda não conseguiu resolver. Além disso, o nosso livro é muito caro que os livros dos países desenvolvidos. Isso certamente é o reflexo de que a literatura, conseqüentemente o livro para crianças é produzido para poucos. Em nosso país a situação já melhorou muito, mas ainda há um longo caminho para percorrer. (Beth SERRA, 1996)

Muitas vezes não conhecemos os nossos educadores. Aposto que poucos entre nós ouviram falar de Anísio Teixeira e de suas obras. Às vezes a gente circula num ambiente que é grande, mas ao mesmo tempo é pequeno. Muitos professores espalhados por este país possivelmente nunca ouviram falar dele, até porque, em determinado momento de nossa história, a memória dele foi apagada mesmo. Vale a pena resgatá-la, porque ele falou sobre os mais variados temas da educação brasileira, e em todos, você ainda sente a sua presença. (Clarice NUNES, 2000)

As pesquisas mostram que poucos desses estudos [acadêmicos] atingem efetivamente a prática do docente. O primeiro motivo é que as pesquisas não são adequadamente divulgadas. O professor quase não tem acesso a esses resultados e, quando tem, é de uma forma precária. O que ele consegue fazer, com competência, é tentar acompanhar livros e periódicos, mas acho que há um espaço de articulação entre as pesquisas universitárias e a escola que precisa ser preenchido. (Mere ABRAMOWICZ, 2001)

A imprensa, hoje, está menos preparada. Antigamente, os jornalistas eram poucos, geralmente autodidatas, e tinham uma atitude erudita sobre a realidade. Hoje, sai gente formada de escola que não leu nem Monteiro Lobato, quanto mais Sérgio Buarque, Raymundo Faoro etc. Não tem termo de comparação. Fui jornalista e sei que, hoje, o acesso às faculdades de comunicação está mais democratizado. Estamos numa transição. Espero que, com o tempo, os que têm mais talento se destaquem, não apenas porque nasceram melhor. (Ana Maria MACHADO, 2002)

É muito fácil dizer que o Brasil está nessa situação (de dívidas, violência, desemprego...) por incompetência das pessoas que não querem estudar ou por causa de maus professores. Mas poucos conseguem perceber que as causas dos nossos problemas sociais, ambientais, políticos, culturais e econômicos não estão apenas na educação, mas, sobretudo, no modo como as políticas públicas são administradas, na carência de uma vida verdadeiramente democrática, mais justa e igualitária. (Paulo MEKSENAS, 2004)

O que tenho são adultos que querem aprender a ler, que estão motivados. E vejo que são aspirações grandes, não são pequenas. Eles dão verdadeiras aulas de

otimismo. Não são tão perdidos como se possa pensar. Sabem que vai ser difícil. Estão alertas, querem crescer de alguma forma. E eles melhoram de vida. Agora, se a aspiração for muito elevada, poucos conseguirão. (Gilda RIZZO, 2004)

Nunca educação para poucos, sempre educação para todos. Mas, uma educação para todos com qualidade. Não podemos nos conformar com uma educação mediana, nós temos de cada vez mais buscar a excelência. Temos de ter educação de primeiro mundo no nosso País, se queremos fazer dele um país de primeiro mundo. (Paulo Renato SOUZA, 2004)

A educação no país começou com os jesuítas. O ensino era até razoável, mas para poucos. Quando a missão religiosa foi expulsa, em 1749, foi criado o ensino das primeiras letras: as crianças aprendiam a ler, a escrever e a contar e um pouco de doutrina cristã. O professor dava aula na própria casa, em um corredor ou em um quarto. Encontrei em Ubatuba, em São Paulo, uma carta de um professor contando que havia conseguido um banco grande e então seus alunos não teriam mais aula em pé: poderiam sentar-se no chão e usar o assento como carteira. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005a)

Na Renascença, por exemplo, a leitura e a escrita eram acessíveis a poucas pessoas, que utilizavam uma técnica conhecida como *loci comunes*, ou lugares comuns, ou seja, exemplos a serem seguidos e imitados. O leitor assinalava nos textos trechos para copiar, fazia marcações nas margens dos livros e anotações num caderno para usar essas citações nas próprias produções. No século 16, editores publicaram compilações de lugares comuns para facilitar a tarefa dos leitores, como fez o filósofo Erasmo de Roterdã. (Roger CHARTIER, 2007)

Se o professor não gosta de ler, ele pode fazer o que quiser na classe, porque o aluno vai perceber que aquilo não é uma coisa importante. Não quero culpar os professores, mas acredito que nós temos um corpo docente com formação e condição econômica precárias. Então, temos poucos professores que poderíamos chamar de leitores plenos e competentes, capazes de discutir um livro que esteja lendo ou para quem a leitura faça parte do dia a dia. (Marisa LAJOLO, 2008)

Quando eu cresci em Marialva, nos anos 1940, havia poucas universidades e poucos modelos de profissões para observar. Era preciso que a escola apresentasse várias possibilidades, porque, fora da escola, não tínhamos oportunidades de travar conhecimento. Funcionava em um contexto supermercado: vamos mostrar tudo o que é possível e ele decide. Hoje a sociedade é diversificada, com uma imprensa rica, com televisão e internet. (Eduardo CHAVES, 2010)

Nunca houve a era de ouro da educação brasileira. A educação nasceu em crise. E nasceu para poucos. O Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, foi fundado em uma época em que pouquíssimos podiam frequentá-lo. Em Belo Horizonte, no fim da década de 1950, só havia um Colégio Estadual e um Colégio Municipal para acender a todos. Entrar era difícil, havia um funil. Esse funil funcionava primeiro na Educação Básica. (Graça PAULINO, 2011)

A escola era de melhor qualidade, tanto no antigo primário como no ginásial e colegial. Basta ver a beleza e imponência dos antigos prédios dos ginásios,

colégios, ateneus, escolas normais. Mas era educação para muito poucos. A expansão era indispensável. Só que não soubemos expandir mantendo a qualidade, sobretudo no ensino básico. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

É importante que na escola o conhecimento seja criado, vivenciado, socializado e dirigido com experimentos que conectem os alunos com o mundo real. Essa é a dimensão que propomos. Hoje a atenção das crianças fica dividida entre uma grande quantidade de informações e de distrações. A escola não tem como proibir isso. Para captar a atenção do aluno, é preciso mudar a experiência dele na escola e, para isso, é preciso criar engajamento. E aí o resultado da escola vai mudando aos poucos. (Fernando Valenzuela MIGOYA, 2014)

MAIORIA

A maioria dos alunos que vem para o curso [de Pedagogia] vive uma situação dupla. São estudantes e professores ao mesmo tempo, já estão dando aula, já estão sendo questionados por suas limitações de formação anterior na sala de aula. Eles vivem pressionados, enfrentando a situação de desequilíbrio de que falei. Nesse caso, o professor-aluno mostra-se sedento de informações, sabe que precisa melhorar sua formação, quer respostas. (Dair Franco de CAMARGO, 1993)

Como a grande maioria, apesar de eu respeitar muito os professores, [eles] não têm o hábito de ler, não ganham para isso, não têm nem tempo, acaba inviabilizando. Infelizmente o professor não é respeitado, porque o aluno acaba respeitando a pessoa pelo valor do holerite, então o professor recebe um salário de fome e não tem nenhum incentivo. Não bastasse a violência da periferia, são mal pagos e não têm oportunidade para se reciclar. (Antonio GOULART, 2003)

Tudo começa com a desconstrução do modelo de escola curricular, autoritária e centrada no professor. Na maioria das escolas infantis os professores querem ensinar as crianças a ler e a escrever. Sabemos que essa não é a hora. Passarinho não voa antes do tempo. Esse é o momento de a criança se socializar, conviver, descobrir vários mundos, aprender a repartir, fazer leituras imaginárias e visuais, por exemplo. (Tião ROCHA, 2005)

A profissão [docente] tornou-se completamente feminina; não existem mais aquelas ilhas de atuação masculina que se encontravam no ensino básico. Essa característica vai avançando até o médio e o universitário. Não é verdade que seja um “bico”, ou segundo emprego. Apesar do salário pequeno, a maioria das professoras é que mantém a família. O salário delas é o que pinga. Ainda que não sejam a cabeça do casal no aspecto moral, o são no econômico. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

A maioria [dos professores] se vira e tenta fazer o que pode. Mas esses também acabam reféns, dessa vez da própria consciência, pois acham que não trabalham como gostariam e deveriam. Isso fica muito claro quando os entrevistados apontam a dificuldade em avaliar os alunos. A maioria dos educadores acredita na eficiência da avaliação qualitativa, mas reconhece não fazê-la como deve. Para avaliar as conquistas na aprendizagem de conteúdos, de procedimentos e de atitudes, o professor precisa olhar para cada um de maneira singular. (Tania ZAGURY, 2006)

A maioria das crianças que chegava para o atendimento psicopedagógico em meu consultório era de meninos. Achei que essa observação merecia uma pesquisa. Procurei estatísticas em outros países e constatei a mesma situação. [...] Para entender melhor a questão, comecei analisar as famílias e percebi que em casa a figura feminina mãe, avó, babá, irmã mais velha, tia etc. era a responsável pelas primeiras descobertas dos pequenos. (Alicia FERNÁNDEZ, 2007)

Outro dia eu estava vendo alguns economistas falando que o Brasil tem uma mão-de-obra pouco qualificada, que existem vagas sobrando em grandes empresas que não podem ser preenchidas por causa da baixa escolaridade. [...] Percebo que um

número maior de pessoas entra no Ensino Superior, mais pelo ornamento que representa o diploma do que por qualquer outra coisa, como perspectiva de carreira. Hoje, temos uma grande massa de estudantes universitários, por exemplo, de Pedagogia e Letras, mas a maioria deles não vai exercer a profissão docente. (Marcos BAGNO, 2008)

Sem dúvida, muitas coisas vão mal na educação. Mas não sejamos saudosistas: era fácil ter um, dois, três bons ginásios públicos na década de 1940, quando seus alunos já eram resultado de uma rígida seleção. Havia escolas boas para poucos e a não-escola para a maioria. Hoje, a maioria está matriculada e progride nas etapas da educação básica, a ponto de termos cinco milhões de estudantes universitários. (Flávio ARNS, 2009)

Assim como em outros países, grande parte da sociedade brasileira não vê as pessoas encarceradas como detentoras de direitos. Para a maioria, os presos e as presas e tudo que se refere ao sistema prisional fazem parte de um mundo que se quer muito longe. A prisão é vista como “uma jaula de leões” [...]. Ao condenar a prisão ao isolamento e os presos a quase uma morte social, a sociedade permite que cada vez mais ela se torne um espaço marcado por profundas perversidades expressas nas condições indignas e degradantes da maioria das unidades prisionais do Brasil. (Denise CARREIRA, 2009)

As professoras de arte se juntaram para dizer que os alunos não queriam aprender arte, que elas tentaram fazê-los apreciar ópera, mas ninguém estava interessado. Que eles gostavam apenas de música popular. Eu disse para as professoras: se as crianças já estão interessadas em música, é um grande passo. Tem que começar de onde eles estão e diversificar aos poucos. Vai dar para chegar na ópera? Provavelmente, para a maioria das pessoas, não. Mas para algumas crianças esse início vai enriquecer o universo musical. (Eduardo CHAVES, 2010)

A maioria dos países tem provas nacionais. Alguns convertem os resultados em materiais de capacitação para os professores e classificam as escolas em *rankings*. Nada disso contribui para a qualidade do ensino. Essas provas também avaliam os docentes e isso só faz com que eles se sintam cada vez mais controlados. É um sistema punitivo. O que deve ser feito pelos docentes com a avaliação pode ser feito sem ela, que é capacitá-los. (Rosa María Torres del CASTILLO, 2011)

Na maioria das escolas, a lei [nº 10.639] só é lembrada em 13 de maio e 20 de novembro. Isso porque falta à maioria dos professores capacitação e mesmo repertório para tratar das questões com os alunos de forma adequada. Até hoje, os cursos voltados à formação docente ignoram solenemente a cultura e a literatura afro-brasileira. Mas sou otimista, acho que estamos indo em frente, no caminho certo. (Eduardo de Assis DUARTE, 2012)

Para a grande maioria [da população], a escola continua sendo uma possibilidade importante de avançar no mundo e vincular-se à sociedade. Então temos de pensar em uma defesa da escola pública. É claro que a escola pública deve se transformar e melhorar. Não estou falando em defender a escola tal e qual, mas é preciso resgatar a ideia de que a escola é importante e não deve ser extinta. (Carlos Ernesto NOGUERA-RAMÍREZ, 2014)

A natureza continua sendo explorada exaustivamente e de forma imediatista, sem respeito pelos demais seres vivos e, o que é pior, sem conhecimento e entendimento das relações ecológicas. O impacto da ação antropocêntrica é brutal. A maioria dos seres humanos ainda se posiciona como a espécie central, a mais importante, e desconsidera os demais seres vivos e a trama ecológica. Precisamos urgentemente compreender e tratar o ambiente inteiro e considerar o planeta Terra como casa interativa de todas as criaturas. (Mônica MEYER, 2016)

A maioria das salas de aula, como você sabe, funciona face a face, com as mesas em fileiras voltadas para o professor. As salas de aula invertidas não são assim. O que vemos são pequenos agrupamentos de mesas. Mudar o arranjo de uma sala é muito simples, porque isso significa mais colaboração e trabalho em grupo, e esse é o tipo de coisa que acontece em uma sala de aula invertida. (Jonathan BERGMANN, 2018)

MINORIA

O mais difícil de ser ensinado é a capacidade de conviver com o diverso. O que alguns europeus não entendem é que o grande charme, talvez, de algumas metrópoles europeias é justamente a diversidade de culturas convivendo lado a lado. São Paulo também tem essa vocação. Na Europa, há grupos étnicos e linguísticos espalhados por todo o continente que são minoria onde vivem. (Cláudio BATALHA, 1992)

Um livro de qualidade ainda está disponível para uma minoria, que oportunamente frequenta bibliotecas ou livrarias. O professor pode tornar-se um leitor crítico e capaz de reconhecer um bom livro, buscando seus próprios caminhos e suas técnicas de trabalho. Isso se dá ao longo de um acúmulo de leituras que enriquecem a própria experiência e formação do professor. (Beth SERRA, 1996)

Para formar boas professoras, o processo não pode acontecer só dentro da escola. Temos de lutar para que essa sociedade seja mais aberta, mais democrática, no sentido de que os aparatos culturais sejam de uso público, não de uso privado, de uma minoria. Eu gostaria de viver numa sociedade em que a cultura fosse democratizada. E este não é um sonho impossível, se houver vontade política. (Regina Leite GARCIA, 1997)

Não adianta um ministro querer revolucionar a escola se os espíritos não estiverem preparados. A reforma vai começar por uma minoria que sente necessidade de mudar. É preciso começar por experiências-piloto, em uma sala de aula, uma escola ou uma universidade em que novas técnicas e metodologias sejam utilizadas e onde os saberes necessários para uma educação do futuro componham o currículo. (Edgar MORIN, 2003)

Enquanto a escola era de minoria, o professor enfrentava melhor as situações, já que a demanda era mais homogênea. Hoje a formação é absolutamente insuficiente para dar ao professor um repertório diversificado de recursos e de metodologias que ele possa dominar, adaptar e improvisar, para serem utilizados com diferentes crianças, em diferentes momentos. (Guiomar Namó de MELLO, 2004)

Uma escola de massas que não conta nem com uma cultura anterior de valorização da educação, nem com recursos suficientes, deu na escola de turnos. Isso na esfera pública, pois as boas escolas privadas já oferecem turnos opcionais, com inglês, computação, esportes etc., o que amplia o “currículo oculto” nessas escolas. Isso, aliás, colabora para que essas boas escolas privadas consigam colocar seus alunos, que são ínfima minoria, nas melhores universidades públicas. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2006)

O presidente Lula é um gênio da política. E ele faz aquilo que dá mais voto. E hoje dá mais voto colocar um campus universitário num estado, mesmo que seja para pouquíssimas pessoas desfrutarem, do que investir no ensino fundamental. Concentrando a educação no ensino superior, ele consegue voto. Não adianta, para ele, investir em ensino fundamental e médio. Os votos vêm de uma minoria

privilegiada, daqueles que já terminaram o ensino médio. Por isso, ele não vai investir em educação de base. (Cristovam BUARQUE, 2006)

Muitas pessoas procuram um fonoaudiólogo por causa de problemas ligados à aprendizagem. Isso já nos leva, naturalmente, a entrar em contato com a escola. É fácil perceber que não se trata apenas de uma questão clínica. Na realidade, os verdadeiros distúrbios de aprendizagem correspondem a uma minoria e os falsos têm mais a ver com as circunstâncias da Educação oferecida. Muitas vezes falta ajuste entre as características do aluno e o método proposto em sala de aula. (Jaime Luiz ZORZI, 2006)

O mais importante é respeitar os valores culturais e tradicionais da minoria e tentar ao máximo promover um espaço de discussão sobre diferenças. Poderia ser uma apresentação das crianças sobre suas comunidades, com todos trazendo algo especial que define sua cultura. Acredito que a educação para os direitos humanos pode ajudar a desenvolver um senso de respeito mútuo e compreensão. Entretanto, é um tema muito complicado que frequentemente se envolve com o nível político, algo em que nem a escola nem as crianças têm o poder de interferir. (Aude Valérie BUMBACHER, 2009)

Quando falamos da diminuição de 2 milhões de analfabetos, não significa que alfabetizamos 2 milhões de pessoas. Provavelmente, morreu um monte de velhinhos analfabetos e entraram, na faixa de 15 anos ou mais, jovens que não foram alfabetizados. [...] Existem os analfabetos absolutos, pessoas que nunca foram à escola, mas eles são minoria. A grande parte dos alunos passou pela escola, mas teve uma passagem breve, malsucedida, com poucas aprendizagens relevantes. (Maria Clara di PIERRO, 2009)

As línguas africanas provocaram algumas mudanças no português que eu reencontro no Brasil, é uma coisa que está além da literatura e tem origem na presença africana em vosso país, que foi capaz de remoldar a língua portuguesa. E isso está a acontecer agora em Moçambique, pois, quando houve a independência, em 1975, uma pequena minoria falava português. Hoje já é falado quase por toda a gente em Moçambique. (Mia COUTO, 2010)

Nos Estados Unidos particularmente, sob a poderosa influência de ideologias neoliberais e guiadas pelo mercado, as escolas estão constituindo novas formas de segregação, baseadas sobretudo na riqueza e na etnia. As minorias étnicas e de classe são tão segregadas hoje quanto já o eram na década de 1950. Embora os jovens estejam mais abertos à diversidade cultural, as instituições que a tornam possível estão em declínio. (Henry GIROUX, 2010)

Tanto o adolescente quanto o adulto jovem estão numa fase de transgressão, contestação e experiência pelo novo. Isso marca muito para o bem e para o mal. Ajuda no desenvolvimento psicológico deles – a gente só consegue ser adulto com uma identidade própria quando contesta o modelo de pai e mãe. Existe também a questão da alteração de consciência promovida pela droga, que é um fascínio. Ser outra pessoa ainda que seja por algumas horas. [...] Uma minoria se tornará dependente. (Dartiu XAVIER, 2010)

Se os professores não têm visão ampla da aprendizagem da matemática, eles tendem a ser muito rigorosos com as questões formais, com as formulações dos problemas, e isso não ajuda os alunos. É somente uma minoria que gosta mesmo desse saber. É importante chegar a demonstrar que é um conhecimento útil, funcional. É o caso da proporção, por exemplo, que utilizamos durante toda a vida e em todas as profissões. (Gérard VERGNAUD, 2012)

Nas decisões de política educativa, prevalece o discurso de economistas, engenheiros, técnicos de informática, jornalistas, gestores, diretores de *marketing*, ex-ministros, empresários – todas elas pessoas de boa vontade, mas desprovidas de conhecimento pedagógico. A racionalidade técnico-instrumental pontifica nos eventos em que aqueles que a mídia classifica de “especialistas” produzem “aulas magnas” e os pedagogos são minoria quase ostracizada. (José PACHECO, 2013a)

QUALQUER UM

Qualquer um, aparentemente, não precisa ter uma formação para ver televisão; basta sentar-se em frente do televisor para entender as mensagens. O problema que encerram essas mensagens visuais é o de terem uma decodificação determinada, uma carga determinada e o de se apresentarem de uma determinada maneira. Uma pessoa, na melhor das hipóteses, pode descrever as coisas que viu, na melhor das hipóteses pode fazer uma síntese, um resumo, mas em geral tem muitos problemas para relatar quais os sentidos. (Roberto APARICI, 1999)

Um sujeito ansioso, quando fuma um baseado, num minuto já está com tudo resolvido. Esse é o grande apelo da droga, além de que elas são mercadoria de fácil acesso. Basta roubar uma carteira, um toca-fitas na rua e compra-se barato, em praticamente, todo lugar. Antes, dizia-se que as drogas eram dos executivos, dos *yuppies*. Hoje, elas são democráticas: qualquer um pode ser gênio. (Eduardo KALINA, 1999)

No Museu do Louvre existem tablitas de barro nas quais os sumérios faziam registros escritos. Uma delas foi feita por um aprendiz que viveu há 4000 anos. Ele anotou que um dia entrou na sala, cumprimentou o mestre com respeito e entregou um trabalho. Não gostando do que viu, o professor o castigou, afirmando que ele jamais seria um escriba. Se contarmos essa história modificando alguns termos, qualquer um vai achar que isso aconteceu recentemente. (Elvira Souza LIMA, 2000)

Infelizmente – e esse é um paradoxo que ocorre em todos os lugares –, as pessoas acreditam que ensinar crianças é simples, que qualquer um pode fazer. Achar que o difícil é formar adultos, que são eles que precisam de mais atenção. É justamente o contrário! A educação dos primeiros anos deve ser a mais completa! E aí que devem estar os melhores profissionais, os mais experientes, os mais bem formados. Se essa educação inicial da criança é boa, todo o processo de aprendizagem torna-se mais fácil. (Fernando SAVATER, 2002)

O século XX assistiu a um interesse sem precedentes pela educação da infância e da juventude. O que era assunto de alguns – os professores – passou a ser preocupação de todos. Foi uma transformação importantíssima. Contudo, no caso do ensino, ela ajudou a fomentar a ilusão de que as tarefas docentes podiam ser desempenhadas por qualquer um. Definir um lugar profissional específico em um campo socialmente tão saturado é uma missão quase impossível. (António NÓVOA, 2003)

É inacreditável que no mundo todo ensina-se um conhecimento despersonalizado, como se não fosse produzido por seres humanos que atravessam vales e montanhas como qualquer um de nós. Humanizar o conhecimento estimula os alunos a pensar, criticar, ter coragem para produzir novas ideias e pensar diferente. Falar do conhecimento sem humanizá-lo transforma os alunos em espectadores passivos no teatro da educação. (Augusto CURY, 2007)

Não é fácil ser secretário de educação, não é para qualquer um. Requer conhecimento específico de orçamento, de funcionamento da máquina, convicções pedagógicas, um bom nível de informação e de leitura. As pessoas reclamam que tem muito trabalho, muito problema. E outra coisa: tem de ser político. Eu encontro, às vezes, secretários que dizem não gostar de política. Eles estão no lugar errado, porque estar numa secretaria é fazer política no bom sentido. (Maria do Pilar LACERDA, 2007)

[O professor] precisa saber fazer análises críticas e organizar atividades de produção usando essas tecnologias (e também os meios de comunicação). Os computadores e celulares deixaram de ser apenas ferramentas de recepção. Hoje, são também de produção. Uma criança pode tirar fotos ou fazer vídeos com um celular e publicá-los na internet. Qualquer um pode editar e produzir conteúdo. Há cinco anos, éramos apenas consumidores de conteúdos prontos. (Pier Cesare RIVOLTELLA, 2007)

[A docência] não é um ofício que qualquer um pode fazer, só pode ser feito por aqueles que sabem o que é o conhecimento, o que são a sua produção e transmissão. [...] Para construir essa profissão, é preciso olhar para esse grupo profissional e que ele compreenda que é um ofício que transmite e produz conhecimento, e isso não pode ser feito por outros que não são professores, não pode ser exercido por leigos. (Aparecida Neri de SOUZA, 2009)

Música se faz com a boca, com o corpo e com os instrumentos. Não há uma fórmula específica. Não se pode prescindir do canto. Nem todas as crianças cantam bem. Isso é bem difícil para qualquer um fazer. De qualquer forma, os pequenos devem usar a voz e tocar na escola. E cabe aos educadores oferecer a eles as oportunidades, de acordo com a aptidão de cada um. (Violeta Hemsy de GAINZA, 2011)

Hoje, qualquer um diz que é psicopedagogo. As pessoas acham isso chique, como ser participante de *reality show* e modelo. Existem professores particulares e fonoaudiólogos que afirmam “também faço um trabalhinho de Psicopedagogia”, assim, no diminutivo, como se fosse algo simples. Ficam inventando diferenciais. Para ser um bom profissional, é necessário estudar muito a fim de entender sobre afetividade, cognição e mundo inconsciente. Só assim é possível reunir a Psicologia e a Pedagogia. (Maria Cristina MANTOVANINI, 2012)

[Guimarães Rosa] diz: “Quando escrevo, sinto-me transportado para Cordisburgo”. Tanto na música quanto no cenário, Rosa situa sua obra aqui no sertão mineiro. Isso facilita, para os meninos [do Grupo Miguilim], encontrar o melhor jeito de falar o texto. Mas é um texto que, no primeiro momento, apresenta muitas dificuldades, como para qualquer um. (Elisa de ALMEIDA, 2013)

Os pais sempre vão pensar nos seus filhos. Na escola, não há filho de ninguém. Na escola, há alunos. E quando as crianças fazem a passagem do papel de filho para o papel de aluno, elas mudam, nós mudamos. Qualquer um de nós, quando passamos a ocupar o lugar de aluno, muda. Às vezes, faço palestra para professores, e há aqueles que ficam no fundão, fazem barulho, passam bilheteinho,

usam o celular. É um papel [de aluno] que vem carregado com um “pacote”. (Rosely SAYÃO, 2015)

Quando essas antigas histórias [infantis] foram criadas, não existia a noção nem o sentimento de infância como hoje o constatamos. Elas eram para todas as idades, para quem estivesse ouvindo. Acontece que essas histórias, especialmente os contos de fadas, tocam nos grandes temas das pequenas almas. Quando acaba a infância? Quando e como chega o amor? Como conquistar o príncipe ou a princesa? O que fazer contra os poderosos? Como vencer os malvados? As tramas são simples, qualquer um entende. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

Aprender a falar é aprender a conversar, a interagir com interlocutores, a se comunicar. Aprender a ler é aprender a escutar um discurso, um monólogo no qual o interlocutor é ausente, desconhecido e não se dirige a você, mas a qualquer um. Compreende-se por que é essencial ajudar as crianças a ir de um para o outro, por exemplo, lendo histórias em voz alta e encorajando a criança a recontá-las, ou seja, a passar da conversa para o monólogo. (Anne-Marie CHARTIER, 2018)

DURAÇÕES

TEMPO

Os horários [escolares] são repetitivos. Ora, por que as aulas duram 50 minutos? Na vida, quando estamos gostando de fazer algo, queremos parar nos primeiros 50 minutos? Queremos mudar de atividade? O tempo da escola é o tempo da linha de montagem. É desumanizante. A verdade é que a escola parece a grande empresa fordista: cada professor sabe fazer seu bocadinho e o aluno é a matéria-prima em transformação. (Rui CANÁRIO, 2000)

O tempo de base [da escola] é o tempo das práticas. É um tempo muito, muito lento. O segundo é o tempo das políticas da educação, da organização da escola, dos grandes modelos de organização. Em vinte séculos ou mais, por exemplo, existiram somente dois modelos: o ensino individual e o ensino simultâneo. E o terceiro tempo é o do discurso, muito forte e de uma velocidade muito rápida. Uma invenção discursiva a cada ano, a cada mês, a cada dia. (Jean HÉBRARD, 2000)

As nossas escolas foram feitas seguindo o modelo das linhas de montagem. Coloca o aluno na linha de montagem, vem uma professora e parafusa Geografia, outra professora parafusa História. Mas isso simplesmente não funciona, e a prova é que, se todos fôssemos fazer vestibular agora, se todos os reitores das universidades fossem fazer vestibular, ninguém ia passar, porque todo mundo esqueceu. Foi tempo perdido. O que se faz é perder tempo nas escolas. (Rubem ALVES, 2004)

O professor é todo professor que não se atualiza, que não descobre que existem novos e excelentes procedimentos para diversificar situações de aprendizagens, que não leva o aluno a associar os temas que descobre com os fatos que o envolve e as notícias de seu tempo [...]. [Ele] descreve habilidades e competências, mas não faz de suas aulas “ferramentas” para que sejam as mesmas apreendidas. Em síntese, professor é quem convive com a modernidade cultural e tecnológica destes, mas suas aulas se prendem a outros tempos. (Celso ANTUNES, 2007)

Eu acredito num modelo de escola integral que se articule com a comunidade e ressignifique os espaços da comunidade, melhorando os espaços urbanos, num processo muito rico. E mais: é preciso fazer a comunidade entender o que é a aprendizagem, fazer esta discussão internamente, um aprendizado mais contemporâneo. Não tenho dúvida de que temos de investir em ampliação do tempo em escola, mas temos de abandonar a ideia da escola em tempo integral. (Maria do Pilar LACERDA, 2007)

Usa-se a expressão de “educação de jovens e adultos”, mas isso pode indicar coisas muito distintas. Eu acho que é perda de tempo tentar recuperar um analfabeto de 50 anos que vive na área rural; você não vai conseguir muita coisa com esse investimento. Um jovem de 18 anos que está na 6ª série pode receber investimento. Ele pode passar por um treinamento mais prático, mais profissional, em vez de exigir que ele tenha um título acadêmico. (Simon SCHWARTZMAN, 2007)

Francamente, eu creio que hoje estamos perdendo um tempo muito importante nas escolas, que podíamos dedicar a outra coisa. As coisas mais importantes da

vida, a maioria de nós, aprendemos fora da escola, e isso poderia ser diferente. Nada de relevante aprendemos com os livros didáticos, sendo aprovados em exames, reproduzindo conteúdos pré-elaborados e fragmentados em disciplinas que encontram o sentido egoísta da academia, mas que não têm o ponto de vista da reconstrução cultural. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

Entre o “meu tempo” e o “de agora”, vejo e imagino muitas mudanças e algumas permanências. Estudávamos muito mais. Líamos muito mais (literatura de qualidade e por inteiro, inclusive). Pensávamos muito mais. Escrevíamos muito mais (sobretudo antes da invenção do computador), com bem menos erros e bem mais ideias próprias (sobretudo antes da invenção da internet). [...] Hoje me dói ver cada vez mais alunos e professores “trocando informações” e aprendendo “macetes instrumentais” para tentar decifrar como as máquinas, as pessoas e a vida funcionam. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Hoje os estudantes têm muito tempo de aula, mas pouco tempo escolar. Passa-se muito tempo na sala, mas pouco tempo na escola, porque, com a dupla jornada, esse período foi muito reduzido. Nos meus tempos de colégio na Colômbia, chegava à escola às 7 da manhã e saía pelas 4 ou 5 da tarde. Íamos às aulas, andávamos pelo bairro, almoçávamos em nossas casas e voltávamos, passávamos pela igreja, biblioteca etc. A vida escolar, a vida do bairro e a vida familiar eram praticamente a mesma; então, havia muito tempo de aprendizagem. (Bernardo TORO, 2009)

Há tempos, hoje, que não precisam ser necessariamente os tempos que a escola prevê para aprender. Creio que principalmente o aluno que vai chegando ao ensino fundamental II, ensino médio, não precisa estar o tempo todo em sala de aula para aprender. O ensino presencial continua, é importante, mas vai mudar de ser de plena imersão [...] para um tempo com muitos espaços e momentos diferentes de aprender. (José Manuel MORAN, 2011)

É exigido que os professores resolvam tantos problemas e deem conta de tantos conteúdos que é comum ouvirmos que “não sobra tempo” para a formação de novos leitores. Um ponto importante a ser discutido é que o ensino da língua, que de fato demanda tempo e é indispensável, não pode tomar lugar do fomento da leitura, muito ligado à literatura. (María Teresa ANDRUETTO, 2012)

O aluno tem bom desempenho porque ele faz lição ou ele faz lição porque já é um bom aluno? É uma pergunta que sempre se coloca. [...] Para aprender, o aluno precisa de um tempo significativo de contato com o objeto de conhecimento, que é o exercício, a resolução de problemas. Se esse tempo vai ser na escola ou em casa e em quais condições acontecerá no último caso são algumas dessas questões. (Tânia RESENDE, 2012)

A escola sempre foi uma grande especialista em fragmentos: desde a Idade Média, professores colocam seus alunos para trabalhar com excertos, resumos, pedaços escolhidos, pois o *corpus* de coisas a ler e conhecer é imenso e o tempo de estudos é curto. O livro didático é uma coleção de resumos acompanhados de *links* hipertextuais (notas de rodapé, bibliografia, ilustrações), como os livros de Literatura, espécies de pequenas enciclopédias com informações sobre grandes

autores apresentadas em ordem cronológica e excertos das obras. (Anne-Marie CHARTIER, 2015)

O tempo é uma dimensão essencial da aprendizagem, enquanto esta é uma mudança que acontece através do tempo, mas esse tempo tem muitas escalas. Há um tempo a curto prazo – as horas, os dias, as semanas de aula – e um tempo a longo prazo – as etapas e os períodos escolares. O tempo deveria ser programado a curto prazo para atingir metas a longo prazo. Os alunos apenas vivem o dia a dia, o tempo a curto prazo, de modo que, embora nossas metas sejam a longo prazo, devem fazer sentido nesse tempo curto, no dia a dia das atividades. (Juan Ignacio POZO, 2015)

Se nós não conseguirmos ampliar e ressignificar o universo de saberes, práticas e fazeres no qual a escola se movimenta, à luz do olhar e do querer dos próprios estudantes, não sei se tem sentido ampliar o tempo de escola. [...] A perspectiva da organização do trabalho escolar passa pela interdisciplinaridade, pela relação entre os diversos campos do conhecimento. Passa, ainda, pela ideia de quebrar essa rigidez dos períodos escolares de 45 ou 50 minutos. (Jaqueline MOLL, 2017)

VIDA

[A educação] é como um rio. Tem as cabeceiras onde nascem as águas e depois vai crescendo, recebe as águas de outras nascentes e vai aumentando sua força e sua energia. A vida, a partir dos primeiros contatos com o mundo, começa a educar nosso espírito, a formar nosso conhecimento, nossa maneira de andar no mundo. Quando você recebe o sol, o canto dos pássaros, as estações do ano, quando o clima muda, estamos recebendo a Educação das forças da natureza. (Ailton KRENAK, 1990)

As escolas não educam a pessoa para o planeta, e acho que elas poderiam ter esse tipo de abordagem. Tentar tornar as crianças receptivas às várias manifestações deste fenômeno maravilhoso que é a vida, esta coisa multicomposta de luz, som, água, chuva, emoções, tudo isso que tem de ser tocado e que faz uma pessoa. (Álvaro APOCALYPSE, 1996)

A trajetória do ser humano, como espécie, foi pontilhada de momentos de glória e de outros de dor. Grandes vitórias, devastadoras pestes, revoluções, conquistas, colonizações, descobertas, romances, instituições – tantas categorias que não se poderia reunir em uma única argumentação. Contudo, os últimos 100 anos trouxeram um desenvolvimento tecnológico incomparável e um ritmo alucinante a esta passagem humana pelo planeta, que se distancia cada vez mais do que se pode chamar “vida”. (Roseli FISCHMANN, 1998)

O fracasso da escola é a sua incapacidade de trabalhar, de uma maneira escolar, a cultura “selvagem”. Para Labov a cultura “selvagem” era a cultura dos guetos, dos negros dos Estados Unidos. Para nós, era a cultura da periferia urbana. [...] Porque essa cultura é a vida deles. Não é um sistema estético-ético, é a vida mesma. A vida não é um objeto para a escola. O objeto da escola é a cultura, não é a vida. Você não pode trabalhar com a vida, a vida viva. A vida não serve para trabalhar. Na escola, é preciso haver um objeto fixo, que não mude demais. Não é a vida. (Jean HÉBRARD, 2000)

Faz parte do esporte aprender sobre como ser mais íntegro; potencializar os princípios de uma coexistência pacífica; lidar com os limites externos e descobrir algumas “ilimitações” internas; valorizar as “pequenas vitórias” mesmo em meio a “aparentes derrotas”; reconhecer um solidário por trás do uniforme de um pseudoadversário; celebrar cada gol, cada cesta, cada gesto, cada ponto como um presente singular oferecido pela vida para nosso infinito jogar. (Fábio Otuzi BROTTTO, 2003)

[Paulo Freire] se dizia “biófilo”, não “necrófilo”, pois fazia questão de estudar as coisas vivas. [...] Paulo se perguntava: “Por que matar?”. Para ele, matar em nome da democracia era a maior incoerência que se poderia imaginar. Uma vez, vimos um filme em que um homem perguntava a uma mulher o que ela salvaria de um incêndio: um gato ou um quadro. Era um quadro famoso, de Van Gogh, Rembrandt, não me lembro. Paulo disse para mim: “Eu salvaria o gato, não importa que quadro fosse. Porque ele tem vida”. (Nita FREIRE, 2003)

A velocidade na aprendizagem aumentou porque vivemos numa cultura na qual o conhecimento muda muito mais rapidamente do que em séculos passados. Se

eu vivesse na Idade Média ou na época do Império Romano, o que tivesse aprendido quando jovem ainda seria verdadeiro por ocasião da minha morte. Assim, eu usaria durante o resto da vida o que vi na escola. Atualmente isso não vale mais. A informação circula com enorme rapidez e é cada vez mais fácil ter acesso a ela, graças aos computadores e à internet. (Pierre LÉVY, 2003)

Quando nós entramos na interdisciplinaridade temos uma troca de metodologia. Um belo exemplo interdisciplinar é quando nós vamos tentar construir conceitos que permitam ir da Biologia para as Ciências Exatas: como é que a vida surge? Trata-se de uma propriedade emergente das interações das partes da estrutura celular, de saber como é que os vários fluxos estão ali. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

Digo a meus alunos que existem apenas duas possibilidades: ou tudo tem sentido ou a vida é um absurdo. Como é que o Ser mais evoluído que se conhece no planeta é o mais sofrido? O único ser vivo que faz música, pinta um quadro, faz poesia, enfim, cria permanentemente o novo, por que somente ele é neurótico, depressivo, suicida, miserável e inventa uma bomba atômica para destruir a vida? (Ruy Cezar do Espírito SANTO, 2007)

A minha professora mandava a gente para rua, uma vez por semana, para anotar tudo o que a gente achasse. “Anotem tudo que vocês virem, um cachorro sem pata, uma mulher gritando, outra chorando, alguém brigando”, enfim, a gente anotava. “Agora escreva uma redação”. Mas o que é isso, professora? “Isso é a vida. Tem que olhar para a vida”. A minha literatura veio daí, de andar com uma cadernetinha anotando coisas. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2010)

Os ratos brincam nos primeiros dias de vida, os gatos ou cachorros nos primeiros meses e as pessoas nos muitos anos de infância e para sempre. [...] Na espécie humana, quanto mais brincarmos na infância – em qualidade e quantidade –, mais possibilidades teremos na vida adulta, porque o brincar incide no desenvolvimento das possibilidades pessoais: habilidades, capacidades, inteligências múltiplas e competências com que nascemos e das quais precisamos ao longo da vida. (Maria Borja SOLÉ, 2011)

Eu não concordo com a afirmação de que a escola distancia as crianças da leitura. Algumas práticas distanciam; outras aproximam da leitura literária. [...] Há muitíssimas escolas e muitíssimos professores que conseguem enorme aproximação, e aí também a sociologia da leitura tem constatado que a maior parte dos adultos que reporta boas experiências de leitura mostra que os vínculos de leitura nascem de algum professor. Há práticas que deixam marcas para toda a vida. (Mirta CASTEDO, 2013)

[O espaço] mostra a vida do aluno dentro da escola. Se estiver arrumada, mas asséptica, você não vê o aluno, tem uma série de funcionários que deixam tudo em ordem, mas o aluno não está lá. No plano oposto, temos uma escola detonada, que é pública, então não tem dono e o aluno também não está lá. O que procuramos mostrar é que não importa se temos um superprédio ou um prédio com condições que podem ser melhoradas. Uma escola rural com duas salas e uma pequena cozinha, eles podem ser muito mais acolhedores do que uma escola grande e sem a presença. (Tereza PEREZ, 2013)

[Clarice Lispector é] uma autora que trata esses temas, que vai ao fundo do que é o ser, que vai a fundo nos problemas de linguagem, que coloca propriamente toda a sua vida em escrever. Tem um livro dela que fala assim: “Agora vou morrer um pouco”. O que é isso de morrer um pouco? É quando ela parava de escrever. Quando ela interrompia para fazer alguma coisa. Por outro lado, ela também se questionava: “Será que escrevendo eu também não perco a vida?”. (Olga de SÁ, 2013)

A escola é instituição social marcada mais pelo gerúndio do que pelo infinitivo, ou seja, ela é mais um “sendo”, que tem de se recriar com frequência do que uma condição estática. Escola lida com vida, e vida é processo, e processo é mudança. Não se muda tudo o tempo todo, mas apenas o que já se tornou arcaico, preservando o que é antigo, mas não ficou velho. A atenção aos conteúdos é postura antiga; o conteudismo é velho; a autoridade docente é virtude antiga; o autoritarismo docente é velho. (Mario Sergio CORTELLA, 2019)

SOBREVIVÊNCIA

Sobreviver não é viver. Quem tem a memória da vida não aceita sobreviver. Quando o branco fala que precisamos aprender escrita de branco para podermos sobreviver, está querendo nos convencer disso, de que sobreviver vale a pena. As culturas sem memória da vida dão tudo para sobreviver, dão sua educação, seu salário, seu emprego. Só que sobreviver quer dizer viver um pouco. Quem aceita sobreviver aceita se educar um pouco, saber um pouco, ter um pouco das coisas. (Ailton KRENAK, 1990)

É verdade que quem está hoje degradando as unidades de conservação, no caso dos grandes centros urbanos, são as pessoas de baixa renda, o que reforça o discurso de que a miséria tem que ser eliminada porque a miséria degrada o meio ambiente. Mas o que acontece é que essas pessoas de baixa renda são empurradas, pela especulação imobiliária, para as periferias, onde não existe infraestrutura montada. Então dizem que o sujeito é miserável, logo ele é obrigado a degradar para sobreviver. Não é verdade. (João Paulo CAPOBIANCO, 1991)

Consideramos relevante aquele currículo que contribua para que o aluno possa de fato sobreviver, tenha condições para um emprego, possa inserir-se no seu meio mais facilmente. Claro que há um esqueleto, vamos assim dizer, que deva ser considerado universal – saber ler, escrever, contar –, mas é preciso que a carne desse esqueleto possa ser ajustada consoante o meio em que se desenvolve o ensino, de modo que o currículo seja atrativo, real. (Aniceto dos MUCHANGOS, 1994)

Nossa tarefa é tomar posse de certas tradições, reconstruí-las e dizer: “Olha, algumas dessas tradições não são necessariamente progressistas, porém devem ser compreendidas, numa reflexão crítica, e reorganizadas em torno de coisas autenticamente progressistas”. Um professor prestaria um desserviço à criança, dizendo: “Como não há emprego na comunidade, por que elas precisam de Matemática? Nunca se tornarão cientistas. Por que ensinar Ciências a elas? Ensinemos a elas apenas aquilo de que precisam para sobreviver”. (Michael APPLE, 1996)

Existe uma pressão social para aumentar e melhorar o acesso à educação. Há trinta anos era possível sobreviver no mundo do trabalho com um parco conhecimento da escrita. Quantas pessoas que não sabiam ler estavam à nossa volta, nessa época? E hoje? Viver sem ser alfabetizado é impossível num mundo em que os anúncios de emprego pedem faxineiro com Ensino Médio completo. (Telma WEISZ, 2000)

Pensando no desemprego, na falta de horizontes para uma sobrevivência digna, pensando na infância e adolescência que perambula nas ruas, que trabalha para sobreviver, as perspectivas são preocupantes para qualquer olhar pedagógico. Será nessas condições em que produzem suas existências que se formarão ou deformarão. É por aí que passam os processos mais determinantes de sua formação como seres humanos. (Miguel ARROYO, 2001)

Eu passei 22 anos estudando, me graduei em Jornalismo, Filosofia, Teologia e Antropologia. Saí sem saber cozinhar ou costurar, sem entender mecânica de automóvel, incapaz de fazer reparos elétricos e hidráulicos em casa ou plantar uma horta. A cozinheira do convento onde moro tem uma vasta cultura culinária, só que inculcaram na cabeça dela que [ela] não é detentora do saber. Se pusermos na balança, qual dos dois pode sobreviver sem a cultura do outro? Ela pode passar sem a minha; eu não fico sem a dela. (FREI BETTO, 2002)

Ela [a violência] é inerente à sobrevivência. Mata-se para comer ou para defender-se. Mas a violência não pode servir à ambição desmedida. O ser humano desenvolveu o sentido de futuro e passou a buscar algo além da sobrevivência. O problema é começar a ver o outro como uma ameaça a esse acúmulo. A construção de uma cultura da paz não é trabalho para uma só geração. É para os nossos netos ou bisnetos viverem melhor. E vale a pena. Afinal, um pouco de nós estará lá com eles. (Ubiratan D'AMBROSIO, 2003)

Além de não poder consumir produtos culturais e letrados, o professor muitas vezes precisa trabalhar em mais de uma escola para sobreviver. Além disso, os professores não trabalham apenas na escola. Um caixa de banco entra no horário determinado e sai na hora de fechar o caixa. Já professor faz o trabalho três vezes. Ele planeja, executa e avalia. (Mario Sergio CORTELLA, 2006)

Estamos observando uma tendência mundial. O livro digital é uma realidade. É preciso encontrar um modelo de negócio para sobreviver, o que no caso do *Kindle* existe. Acredito que ele vá ser muito prático para obras de referência, livros didáticos, obras em que a condição de ser portátil traz uma série de vantagens, ou seja, vai resolver o problema da mochila do aluno. (Sonia Machado JARDIM, 2009)

Os alunos do ensino médio são sobreviventes, aqueles que conseguiram terminar o fundamental e tiveram energia para continuar. A crise que aparenta ser do ensino médio – após vivermos uma dinâmica extraordinária de alunos matriculados – não é real. O que temos hoje é uma não crise. É fato que, após a correção de fluxo na etapa fundamental, o número de matrículas parou de crescer, dando a falsa impressão de que houve uma queda de interesse. (Ricardo Paes de BARROS, 2010)

Às vezes, os [pais] mais atentos até percebem que a criança não aprendeu. Mas, nas regiões periféricas, isso é raro. Famílias em situação de vulnerabilidade lutam todos os dias pela sobrevivência e, para piorar, a mulher, em vários casos, é a chefe da família e, nessas condições, ela não tem como acompanhar a Educação do filho. Em casos como esses, educadores podem pensar que ela não liga para a criança e acabam afastando-a da escola ainda mais. (Maria Alice SETUBAL, 2011)

Muitos autores se baseiam no tempo de docência e defendem que os três primeiros anos são considerados os mais difíceis para quem está começando. Segundo eles, essa é a razão de existir um estágio probatório, descrito na literatura como os “anos de sobrevivência”, período em que o jovem tenta permanecer na profissão. Levando isso em conta, podemos dizer que o desafio do novato é se equilibrar entre deixar de ser aluno e começar a ser professor, aprendendo a ensinar. (Marli ANDRÉ, 2013)

A minha inquietação [no trabalho de mestrado] era identificar as causas da resistência [dos professores], porque a gente acha que a desistência [da profissão] está mais ou meio mapeada, são estas que a gente nominou: desvalorização, sobrecarga, sensação de impotência. As pessoas chegam a um ponto que ou desistem ou ficam sem alma, anestesiadas, que é uma forma de sobreviver. (Andrea CALDAS, 2015)

Uma de minhas pesquisas atuais diz respeito à identificação de um sistema de ensino que possa ajudar crianças em campos de refugiados na Palestina a sobreviver no universo digital. Sobrevivência, aqui, não diz respeito apenas ao desenvolvimento de habilidades digitais necessárias para conseguir um emprego. [...] Nesse sentido, acredito que o melhor caminho é o da mudança grande e lenta, não o da mudança rápida. (John TRAXLER, 2015)

NASCIMENTO

Devemos viver cada momento da vida porque vale enquanto vida. O mesmo deve ser na educação. Não ensinamos a criança a caminhar porque ela um dia será corredora, mas porque ela, como criança, tem de caminhar. Faz parte do seu desenvolvimento o caminhar. Da mesma forma, não se oferece educação infantil só porque isso ajuda a ter um bom desempenho no 1º Grau, mas porque a criança é um sujeito de educação a partir do nascimento. (Vital DIDONET, 1993)

Em francês, a palavra “conhecer” é *connaître*, ou seja, “nascer com”. O francês transmite essa visão de nascimento com o outro. Ouvi um comentário feito por um professor chamado Georges Snyders. Ele fala do ridículo sublime do professor, que nasce de novo com o aluno. Um re-nascimento que é retomado ao longo dos tempos, das décadas. (Moacir GADOTTI, 1999)

[A criatividade] é uma síntese dos poderes de fantasiar e de concretizar. Pouquíssimas pessoas são dotadas desde o nascimento dessas duas capacidades (e por isso ficam conhecidas como gênios). A maioria é dotada de uma ou de outra e, para tornar-se plenamente criativa, deve trabalhar em parceria com alguém que lhe seja complementar. (Domenico de MASI, 2000)

A ideia de que as crianças precisam passar a acreditar que os objetos possuem permanência foi substituída pela ideia de que elas acreditam nisso desde o nascimento. Agora, imaginem as consequências de tal descoberta na criação de exames e currículos. Os exames não seriam mais ordenados da maneira piagetiana clássica, nem os currículos seriam escalonados para que se adaptassem ao conhecimento espacial emergente da criança. A criança já tem isso! (William FRAWLEY; Carl RATNER, 2000)

A escola é um espaço físico e imaginário no qual as pessoas compartilham perguntas, preocupações, alegrias e dores. E entendo o mundo humano movimentando-se como o universo: contraindo-se e expandindo-se. Portanto, se a escola quer colaborar com o desenvolvimento criativo das crianças e jovens, ela [...] tem de ser um ambiente protetor, conhecido, familiar e amável. Ao mesmo tempo, ela tem que inquietar os alunos, surpreendê-los e provocar neles o nascimento das perguntas. (Eulália BOSCH, 2002)

A educação é o processo pelo qual o ser humano se desenvolve, a partir da entidade basicamente incompetente e dependente que é ao nascer, em um indivíduo competente e autônomo, capaz de definir seu próprio projeto de vida e de transformar esse projeto em realidade, em uma vida realizada e feliz. Concebida dessa forma ampla, a educação permeia toda a nossa vida, desde o nascimento até a morte, e acontece através de todas as nossas interações com o ambiente humano e natural em que vivemos. (Eduardo CHAVES, 2004)

Tem professor que faz prova sobre arte, com perguntas até sobre data de nascimento [de artistas]. Ao mesmo tempo, a capacidade que o professor tem para potencializar as chances que lhe são dadas é extraordinária. Falta atualização permanente e os programas de formação, de maneira geral, não são adequados. Algumas universidades estão se mexendo com tentativas de se estudar estética, filosofia da arte e novas tecnologias. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

Nos dois países [Moçambique e Angola], as línguas indígenas estão em rápido processo de desaparecimento. Esse assalto ao português faz-se como um namoro, de uma forma muito pouco complexada. As pessoas inventam palavras sem inibição nenhuma, sem se preocuparem se está correto, se está “na norma”. E esse é um momento muito feliz para um escritor, observar o nascimento das palavras. (Mia COUTO, 2010)

Cada período de desenvolvimento humano tem características específicas. Do nascimento até aproximadamente 9 anos (com a maturação do corpo caloso, feixe de fibras que une os hemisférios direito e esquerdo), a diversidade de experiências na educação dos sentidos externos promove uma riqueza de acervos internos, ampliando significativamente a memória e a imaginação. (Elvira Souza LIMA, 2010)

A criança aprende pelo exemplo desde o nascimento. Se a mãe amamentou pelo maior tempo possível e fez a introdução da alimentação de forma correta, já previne uma alimentação inadequada. A mudança do hábito alimentar, principalmente no primeiro ano de vida, se feita corretamente, também é uma prevenção para os problemas alimentares. Hoje, um dos grandes problemas é a criança que não come ou que só come um determinado tipo de alimento – tão ruim quanto comer muito. (Mauro FISBERG, 2011)

Uma criança pobre na Inglaterra tem acesso a alimentação e saúde básicas, enquanto as mães têm acompanhamento durante todo o período pré-natal e visitas de uma especialista após o nascimento do bebê para orientá-las no cuidado infantil. O acesso a alimentação, saúde e orientação nos cuidados infantis não é o mesmo no Brasil. Outra diferença importante entre países é o acesso à educação pré-escolar, que em muitos países pode começar aos 3 ou 4 anos. (Terezinha NUNES, 2011)

Os pais finlandeses têm a oportunidade de ficar em casa com o bebê por um período relativamente longo após o nascimento. Tanto o pai como a mãe podem ficar dez meses afastados, e após esse tempo, um dos dois pode ficar com a criança até que ela complete três anos. Além disso, bebês e crianças pequenas têm acesso a cuidados médicos e de desenvolvimento por parte de clínicas públicas. (Pasi SAHLBERG, 2012)

Existe o caso raro da criança que, por motivos médicos, é criada como sendo do gênero oposto ao de sua constituição genética. Caso essa criação de gênero cruzado ocorra desde o nascimento, existe uma extraordinária plasticidade no desenvolvimento de gênero das crianças. Por exemplo, meninos genéticos criados como meninas desde o nascimento geralmente se veem como meninas e como mulheres quando adultos. (Lise ELIOT, 2013)

Depois do nascimento, a influência do ambiente se acentua muito mais, e as crianças passam a absorver tudo o que presenciam e vivenciam. Ambientes vulneráveis e violentos atingem as crianças no seu período crítico em várias funções neurocognitivas: o aprendizado do idioma, a formação emocional, a capacidade de controlar sua atenção e seu comportamento, a habilidade de

interagir (aprendendo muito!) com outras crianças e com os adultos. (Roberto LENT, 2017)

Desde quando sonhado e imaginado pelos pais, ele [o homem] já é um sujeito com o qual interagem. Isso varia conforme a cultura e o tempo histórico. Na sociedade ocidental atual, essa interação ocorre cada vez mais cedo, quando os pais veem o ultrassom do bebê, sonham com ele(a) e fazem preparativos para recebê-lo(a). Interação com ele(a) antes e, sobretudo, a partir de seu nascimento. (Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA, 2018)

MORTE

Vivemos em nosso país uma situação tão chocante de miséria, desonestidade e corrupção que, mesmo para esse contato com a morte – que vai ser a morte do colega da escola –, a criança já está sendo preparada através de outros meios. Diante da situação de nossas crianças de rua, da indiferença do país frente a tantas misérias, do estupro e da prostituição infantil, a Aids acaba sendo mais uma das desgraças que a criança vai ter de ver e aceitar. (Caio ROSENTHAL, 1992)

É diferente a relação vida e morte para uma criança de classe média, onde a morte não se coloca, sobretudo no mundo ocidental, e para uma criança que vive a possibilidade da morte em seu cotidiano. A qualquer hora ela pode ser atropelada, ela pode levar uma bala da polícia, ou do traficante de droga, ela vive no limite da vida e da morte. Isso faz toda a diferença. (Regina Leite GARCIA, 1997)

A autora [do livro *O nome próprio*] diz o seguinte: o nome completo de uma pessoa é o que se escreve no momento de sua morte. Ocorre que é um nome que se vai construindo com a vida, mas está totalmente codificada a maneira pela qual se expressam as diferentes partes deste nome. Você não completa seu nome senão no momento da morte. (Emilia FERREIRO; Ana TEBEROSKY, 2000)

Os índices de morte violenta entre jovens brasileiros, de 15 a 24 anos, são tão dramáticos que, no grupo dos 35 países mais violentos do mundo, o Brasil está em terceiro lugar. De cada jovem entre 15 e 24 anos que morre na Espanha por causas violentas, morrem 50 no Brasil. Temos 24 milhões de jovens nessa faixa etária que não têm espaços públicos, nem áreas de lazer. (Jorge WERTHEIN, 2001)

Eu costumo chamar de didática da alfabetização, porque acho que é mais amplo do que apenas um método. Nessa didática se englobam outros aspectos que não somente o de ensinar a ler e escrever. [...] Por exemplo, como é que a morte de uma mãe deve ser tratada na sala de aula? A melhor maneira é deixar os alunos falarem abertamente. Eu acho que é muito válido, pois trata-se da inserção da proposta de ensino numa situação que as pessoas estão vivendo. (Esther Pillar GROSSI, 2003)

Uma vez fizeram uma pesquisa sobre os maiores medos de crianças de seis anos de idade. As três coisas que elas mais temiam eram: a morte de um dos pais, ficarem cegas ou repetirem a primeira série. Já pensou? Equiparar algo tão traumático como a morte de um dos pais ou ficar cego com a repetição de uma série? Não há nada que possamos fazer para evitar os dois primeiros... mas temos como atuar na questão da repetência! (Dale ARMSTRONG, 2004)

O que falta é capacidade de interrogação. Eu costumo dizer que os educadores deveriam ficar na idade dos “porquês” para sempre. Eu não estou a falar na vertigem do Peter Pan, que é ficar infantil toda a vida, mas da ideia de que deixando de fazer perguntas não há educação. As pessoas morrem aos 30 e são enterradas aos 70 porque recusam-se a pensar, a interrogar-se. Nas escolas isso é fatal. (José PACHECO, 2004b)

Se não conseguirmos reconstruir para os jovens um futuro atraente, que possa servir como incentivo e motivação ao seu esforço, a escola pode ruir. Há uma deterioração em curso da nossa escola e dos processos educativos: os professores estão desencantados, não se escolhem professores fascinantes, a sua seleção é feita de uma forma casual, sem nenhuma verificação de sua capacidade carismática e de comunicação. Uma sociedade que não educa os jovens está fadada à morte. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

Nós vivemos um grande desenvolvimento tecnológico, mas, na realidade, os problemas do homem são os mesmos: temos medo da perda e insegurança diante do futuro. Eu acho que é função da literatura discutir ou conversar com o leitor sobre a inquietação humana. Você pode falar da morte para a criança e para o adulto, não com o mesmo vocabulário, mas com o mesmo sentimento e usando a linguagem simbólica. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

Vinham, em média, 400 escravos em cada navio, em porões que não tinham mais que 1,5 metro de altura. Mas as pesquisas contemporâneas vêm matizando a questão da mortalidade [...]. Ela variava fundamentalmente em razão da distância entre o ponto-de-venda na África e a região de recepção nas Américas. Pode variar entre 9% e 10%, nas travessias menores, indo até 15% ou 20%, se a distância for maior ou dependendo do século estudado. A mesma taxa de mortalidade atingia a tripulação desses navios também. (Manolo FLORENTINO, 2008)

As crianças já viram mosca, barata e gente morta. Elas sabem o que é a morte. O resto da nossa vida começa no dia em que a gente nasce. Você não sabe como vai ser, quando vai acabar, mas que vai acabar, vai. Há maneiras de falar nisso. Não precisa dizer que virou estrelinha nem que foi para o céu. Que céu? Atrás da nuvem? As crianças têm uma lógica e tiram conclusões. (Tatiana BELINKY, 2009)

O professor precisa perceber que está no seu próprio velório, mas ainda não está morto. Seu estado é cataléptico. Ouve tudo ao redor, pessoas rezando por ele, outras dando graças a Deus por sua partida, mas não consegue se mover. Somente ressuscitado poderá mostrar o fulgor necessário para provocar o desejo de outros seguirem esta profissão. [...] Acredito que o professor está em pleno movimento de ressurreição. O que falta para acelerar isso é ele perceber que pode juntar as pequenas labaredas formando um fogo mais forte. (Júlio César FURTADO, 2010)

No sistema nervoso [a Ritalina] causa insônia, cefaleia, alucinações, psicose, suicídio e o principal efeito chamado de *Zumbi Like*. Significa agir como um zumbi, ou seja, a pessoa fica quimicamente contida em si mesma. Todos esses são sinais de toxicidade e indicam a retirada imediata da droga. No sistema cardiovascular o remédio causa arritmia, taquicardia, hipertensão, parada cardíaca. O risco de morte súbita inexplicada em adolescente é estimado em 10 a 14 vezes maior entre aqueles que tomam o remédio. (Maria Aparecida Affonso MOYSÉS, 2011)

As mortes por violência dessa população [jovens] também estão aumentando assustadoramente. É como se houvesse uma banalização da violência. Em São Paulo, são três homicídios por dia, enquanto existem países com dez homicídios

por ano. E o suicídio, apesar de ser uma coisa específica, é um comportamento violento. Essa banalização é a minha hipótese para explicar o aumento. (José Manoel BERTOLOTE, 2014)

Os zumbis, que estão na moda, trazem o assunto tabu da morte. Quase não falamos sobre ela, tememos até mesmo evocá-la, e então ela retorna nas brincadeiras, nos filmes, na ficção. Os zumbis são esses seres presos entre dois mundos: estão mortos e, ao mesmo tempo, estão vivos. Somos seres que têm uma finitude, mas quase não falamos sobre esse assunto. De certa forma somos zumbis, pois carregamos a contragosto a morte conosco. Brincar de zumbi, de morto-vivo, é uma maneira rebaixada de filosofar sobre nossa condição mortal. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

PRESENTE

Para aprender é preciso poder se projetar no tempo. Por vários motivos: primeiro por motivos eu diria, de identidade: “O que aprender pode me dar?”. Aprender, enquanto não se descobriu o prazer intelectual disso, é sempre sacrificar um pouco do presente, das formas de prazer presentes, em prol do futuro. Para poder aprender, então, precisamos estar certos de que teremos um futuro. É uma questão de identidade. (Bernard CHARLOT, 1996)

Não é possível educar para o futuro senão educando racionalmente para o presente, considerando as lutas do passado para melhorar a condição humana. E podemos estudar as consequências de certas ações passadas para evitá-las no futuro. Conhecemos o passado e o presente e sei que existem coisas de que gosto e outras de que não gosto nem um pouco. A partir disso, posso pretender mudar o presente, para que o futuro seja melhor que o presente. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997b)

Há o fato de que esse é um mundo imediatista, no qual somente importa o hoje, o presente, o agora mesmo. E o adolescente, normalmente, passa por um período narcisista. Esse narcisismo não quer dizer “sou muito bonito”, mas estar centrado em si mesmo, não reconhecer o outro como outro. Eles entram facilmente nesse discurso do “agora mesmo”, sem ter consciência das consequências. É preciso explicar a esses jovens que há um suceder de coisas na vida. Que há um hoje, um depois e houve um antes. (Eduardo KALINA, 1999)

A originalidade de nosso presente se atém, sem dúvida, ao fato de que diferentes revoluções da cultura escrita, que no passado tinham sido separadas, se desdobram simultaneamente. A revolução do texto eletrônico é, realmente, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção e de reprodução dos textos, uma revolução do suporte de escrita, e uma revolução das práticas de leitura. (Roger CHARTIER, 2000)

Chega de idealizar o sujeito, tal como nos ensinou a Psicologia. Chega de olhar o passado! Os educadores precisam olhar para o presente, para a criança, e se perguntar: que sujeito quero ajudar a formar? Competitivo? Consumista? Neoliberal? Ou um colaborador, solidário, capaz de ajudar o outro, mas também capaz de coisas como construir a própria masculinidade ou feminilidade, além de um projeto de cidadania e de democracia que seja o menos excludente possível? (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2002)

Ela [a criança] não é um ator no futuro, mas um ator no presente, em função de interesses presentes. O que significa considerar o ponto de vista de um a criança de 2, 3, 5 anos? Significa que uma parte do que ocorre na educação infantil pode ser entendida pelo que acontece do ponto de vista da criança. Um psicólogo já observou o que as crianças fazem quando os adultos não estão observando e notou que suas reações são diferentes das que ocorrem quando um adulto as conduz. (Gilles BROUGÈRE, 2004)

Devemos visualizar uma ordem metabólica social na qual as determinações e os defeitos estruturais do capital sejam removidos, se estivermos seriamente interessados na plena realização do papel emancipador da educação como um

todo, nas suas dimensões formal e não-formal. Devemos estar cientes de que são necessários muitos passos para atingir esse estágio e que não podem ser dados em um futuro hipotético. Essa caminhada deve se iniciar agora, no presente, tomando-se posse das mediações e alavancas concretas que o progresso pode nos dar. (István MÉSZÁROS, 2006)

Em um horizonte privado de fins, o futuro deixa de ser previsível, não se configura mais como esperança e isso é evidente nos jovens, que se concentram no presente. Se o futuro se revela como uma ameaça ao invés de uma esperança, eles preferem viver o presente com toda a potência e força da juventude, sem nenhum respeito ao limite. [...] Os jovens intuem essas coisas e vivem uma espécie de presente absoluto. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

[Os jovens] são mais progressistas, soltos, abertos ao risco e conscientes da precariedade de sua existência. Ao mesmo tempo, os jovens de hoje parecem menos movidos pelos valores públicos e apresentam um desafio a qualquer ordem social que sobreviva através de valores democráticos e responsabilidades compartilhadas. Os jovens habitam um novo espaço liminar, em que o presente guarda pouca semelhança com o passado e o futuro é difícil de imaginar. (Henry GIROUX, 2010)

Não deveríamos nos impressionar com os avanços materiais e com as tecnologias espetaculares, porque facilitam muitas coisas, mas não definem facilmente valores novos. Parece que continua valendo para o século XXI o que Einstein diagnosticou para o século XX: “Nunca na história da humanidade houve um conjunto de meios tão excelentes a serviço de umas finalidades tão confusas”. A natureza não dá saltos, e a história dá pequenos saltos. O cidadão do século XXI será filho do século XX. Por tudo isso, necessitamos trabalhar com o presente. (Joan Manuel del POZO, 2012)

O que a teoria do capital humano diz é que é preciso equilibrar as oportunidades educacionais para reduzir a pobreza no futuro, só que a pobreza afeta as desigualdades educacionais no presente. Se a pobreza no presente não diminuir, não é possível gerar benefícios reais a partir da oferta de serviços educacionais, ao menos para os que vivem em extrema pobreza. Há um mínimo necessário para que a prestação de serviços universais como a educação se converta em benefício real. (Armando SIMÕES, 2013)

A criança está perdendo o presente dela. Com essa mania que nós, adultos, temos de pensar no futuro dela, a gente rouba o seu presente. E toda vez que a gente rouba um pedaço de vida de uma pessoa, esse pedaço de vida voltará, mas não sabemos como. Temos algumas pistas: atualmente, os alunos universitários são absolutamente infantilizados. Os professores universitários não sabem o que fazer com aqueles adolescentes, que não têm autonomia, que querem ficar brincando. (Rosely SAYÃO, 2015)

As escolas de ensino médio poderiam dar centralidade a esse debate dialogando com aquilo que os jovens são e fazem no presente e sobre suas expectativas e projetos após a finalização desse nível de ensino. Algumas pesquisas têm evidenciado que, ao concluírem o ensino médio, muitos jovens parecem ressentir-se da falta de uma espécie de “mapa de orientação” que poderia ter sido

contemplado ao longo do seu percurso pela escola média. (Maria Carla CORROCHANO, 2016)

A maior parte dos estudos sobre o EF II indica que os alunos reconhecem o papel central exercido pela escola no que tange à sua aprendizagem, ao seu desenvolvimento e às oportunidades de conviver com sua geração. De fato, professores e alunos valorizam a escola como instituição necessária para lidar bem com o presente e para realizar, no futuro, os planos tecidos hoje. (Claudia Leme Ferreira DAVIS, 2016)

Mais do que em qualquer outra época da história, homens e mulheres vivem realidades em que o tempo parece passar muito rápido, e o espaço parece cada vez mais comprimido. [...] A globalização é uma das manifestações do colapso do espaço; o presentismo é uma das manifestações do colapso do tempo. Um esclarecimento: chama-se de presentismo as novas percepções, representações e usos que hoje fazemos do tempo. Vive-se acentuadamente o presente, cada vez mais esquecendo o passado e não nos preparando para o futuro. (Alfredo VEIGANETO, 2018)

PASSADO

Quando criança, sempre me disseram que o futuro da nação estaria em minhas mãos. Temos, então, uma Educação que tem o futuro como meta. Ao examinarmos o trabalho da escola, descobrimos a incoerência desta afirmação porque a escola limita-se a falar do passado. A Geografia ensinada não tem nada a ver com a realidade do aluno. O estudo da História, frequentemente, não passa da Segunda Guerra Mundial, e em Ciências o que se tem é quase só uma história do passado da Ciência. (Neidson RODRIGUES, 1987)

O clamor em favor de uma cultura universal é, na verdade, um retrocesso nos EUA e em muitas outras nações. É um clamor de volta a um passado mítico, quando todos compartilhávamos de tudo. Porém, um passado mítico não é apenas um passado compartilhado, mas também de exploração, de racismo, de relações patriarcais. Qualquer análise da história da educação mostra isso. (Michael APPLE, 1996)

Cada vez mais concordo com a posição de Hannah Arendt, na *Crise da cultura*: a função da escola é assumir a posição do passado, não a posição do futuro, porque o futuro é a invenção da nova geração. Não pode ser a invenção da geração precedente. Para que a nova geração possa inventar o futuro é preciso que a antiga geração – nós, os professores – assuma a posição de passado. (Jean HÉBRARD, 2000)

Ela [a História da Educação] pode reconstituir esse processo e, assim, nos dar uma visão muito mais rica das questões, permitindo-nos articular de uma maneira muito mais significativa o passado e o presente e ver quanta coisa do passado está no presente, muita coisa indesejável até. Mas isso pode abrir outras possibilidades para novos momentos pedagógicos, novas situações instigantes, provocando nos sujeitos as suas buscas, empurrando-os mesmo para sua autonomia. (Clarice NUNES, 2000)

A escola deixou de ser o passaporte para o emprego, como foi no passado. Num passado pouco distante, as empresas colocavam seus funcionários na universidade. Hoje, os recém-formados fazem fila nas portas das empresas. Existem programas de *trainee* que atraem mais de 30 mil pessoas para menos de uma dezena de vagas. [...] A educação é cada vez mais necessária para conquistar um posto de trabalho, mas não para manter o emprego. (Márcio POCHMANN, 2002)

Em 1930 ou 1940 mais ou menos, as coisas estavam definidas. O filho normalmente ia empregar-se na mesma coisa em que o pai estava empregado, quando não era um negócio familiar que o filho ia continuar. Tudo estava mais ou menos traçado – e com essa diferença fundamental, que quando se conseguia um emprego, em geral, se a pessoa não era demasiado ambiciosa, empregava-se para toda vida. E ficava ali. Tudo isso é passado. (José SARAMAGO, 2003b)

A visão histórica é fundamental. Com ela, não ficamos dentro dos “achismos”, nem de questões conjunturais, de momento. Você adquire visão mais profunda e eficiente dos problemas que vivemos hoje. E, na contramão, o passado é iluminado pela experiência do presente. Minha intenção era a de conhecer

melhor o presente, mas, fundamentalmente, dar uma visão, se possível nova, da história da escola. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005b)

O professor sai da rede, pública ou particular, vai para o mestrado, aprende uma série de teorias e autores, mas não consegue articular isso com o que ele fazia para descobrir a que corrente ele pertencia. Ele não quer olhar para o que ele fazia. [...] Aqui, é como se fosse empregada doméstica, uma profissão marcada, e virasse secretária. Tudo o que você quer é que não lembrem que foi empregada. Não quer que ninguém olhe para o seu passado. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

O adolescente inaugura o passado – seu primeiro passado, vamos dizer assim. Ora, se o presente do adolescente já tem um passado, então seu passado tem um futuro, que é justamente o presente que está sendo vivido. Então ele inaugura também a noção de futuro. E aí o adolescente começa se perguntar o que ele quer ser. A vida estudantil é um laboratório entre a casa e a cidade, entre a significação familiar e a significação do mundo do trabalho. O estudante está com um pé em cada lado. (Miguel PEROSA, 2006)

Todos acham que qualquer tempo passado (o seu) é muito melhor e não param para pensar que estamos em outra época, na era da informação, na qual o conhecimento está a um toque de teclado e não precisa ser memorizado como antes. O que se requer agora é saber manejar essa informação copiosa para resolver problemas de modo cooperativo, em rede, e completar a formação pessoal para evitar os problemas psicossociais decorrentes da vida moderna ou simplesmente para crescer como pessoas completas. (Rafael YUS, 2009)

Ela [uma aluna] queria saber como os filósofos pensavam o presente, o passado e o futuro e parecia buscar aí uma forma de sofrer menos. Eu não poderia fazer terapia em aula, mas resolvi apresentar a ela, de modo didático e simplificado, o pensamento de Henri Bergson. Disse: você fala do presente, do passado e do futuro como se fossem coisas estanques, separadas. Para ele, o passado é o presente e interfere na vida atual. Os olhos dela se encheram de lágrimas. Era algo filosófico que tomava significado vital para ela. (Juvenal SAVIAN FILHO, 2012)

Hoje em dia, a formação das identidades nacionais ainda é um objetivo importante e quase único do ensino de história em muitos lugares do mundo. Ou seja, continuamos tendo muitas nações no planeta onde a história é ensinada para glorificar o passado do Estado-Nação. Porém, felizmente, há algumas décadas foi estipulado o objetivo de compreender os fenômenos sociais e políticos de uma forma acadêmica ou científica, próxima das ciências sociais. (Mario CARRETERO, 2014)

O aumento do interesse pela história coincide com um momento de grande transformação na sociedade brasileira. Vivemos quase três décadas de exercício continuado da democracia, sem rupturas. Isso nunca aconteceu antes. É a primeira vez que todos os brasileiros estão sendo, de fato, chamados a participar da construção nacional. Em razão disso, os brasileiros estão olhando o passado em busca de explicações para o país de hoje. (Laurentino GOMES, 2015)

Os problemas em educação no Brasil são superlativos. Somos quase três milhões de professores, e há um universo de alunos que deve estar beirando a 60 milhões. Não há soluções mágicas e de efeito imediato numa escala como essa. Temos muito que recuperar de um passado em que alguns governantes trataram a educação como um estorvo, relegando os graves problemas a um segundo plano. Se olho para frente, posso achar que não vai dar, pois os obstáculos, problemas e carências são imensuráveis. (Antônio José LOPES, 2015)

Em seu livro *Sobre a brevidade da vida*, ele [Sêneca] nos lembra de que o futuro é incerto, o presente é tão escorregadio que quase sequer existe, mas o passado pode ser revisitado quantas vezes quisermos, de modo seguro, e nenhuma guerra ou vicissitude humana será capaz de alterá-lo. Desse modo, penso, inicialmente, no passado que deveríamos construir para os cidadãos do futuro, de modo que possam revisitá-lo com boas lembranças, oferecendo a segurança necessária para o enfrentamento de novos desafios. (Ricardo FRAGELLI, 2018)

FUTURO

Na Alemanha foram fixados os desafios em relação ao futuro da Educação. Novos produtos e serviços e novas estruturas de trabalho levam a novas exigências. No futuro, a procura será por operários e funcionários qualificados com atuação autônoma e com muita autoconfiança. São qualificações abrangentes que incluem a competência técnica, a competência social, como cidadão e como pessoa. A pessoa terá de ser capaz de aprender de maneira autônoma a superar situações profissionais complexas. (Werner MARKERT, 1992)

O futuro será decidido pela sociedade, eu diria. Não é nem o mercado, nem o Estado. É o cidadão quem vai controlar. Hoje, essas duas entidades, Estado e mercado, estão invadindo a esfera da cidadania. O cidadão tem de ter a capacidade – e a escola é fundamental nessa formação – para controlar o Estado e o mercado também. Não podemos ser vítimas dessas mãos invisíveis que nos tocam o tempo todo. E são muito visíveis, na verdade. (Moacir GADOTTI, 1999)

Tenho pena dessas crianças [com agenda lotada]. Elas têm muito tempo para adquirir todas as competências. Tentar apressar isso é atropelar os estágios de desenvolvimento. Muitas vezes, nessa ânsia dos pais de instrumentalizarem os seus filhos da melhor maneira possível, eles acabam atropelando a criança, não dando espaço para ela ser feliz hoje. Porque o futuro é hoje. (Edite Maria Barbosa GUILHÓN, 1999)

Atualmente, um dos temas imperativos é que potencializamos o valor local, a importância da pessoa, de sua língua, de sua cultura dentro de um contexto internacional, um contexto de mundialização. Isto não é paradoxal, isto é o futuro. O futuro ocorrerá em um contexto internacional de respeito às pessoas e à diversidade. Creio que o desafio da escola do futuro está em aprender a viver na igualdade e a conviver na diversidade. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Estou convencido de que o ser humano precisa de contato físico com seus semelhantes. Além disso, tudo mostra que o aumento das telecomunicações acompanha uma escalada dos transportes, das viagens e dos encontros físicos de todo tipo. O futuro será muito mais feito de comunicações virtuais acompanhadas de mobilidade (como revela a extraordinária popularidade dos objetos móveis de comunicação) do que de isolamento estático diante da tela. O fenômeno fundamental é o da interconexão (entre pessoas, ideias, atividades, instituições, etc.), e não do isolamento. (Pierre LÉVY, 2001)

Fiz uma pesquisa para tese de doutorado com vários professores sobre a escola do futuro, como eles a imaginavam. Todos responderam que seria como a escola dos anos [19]40, [19]50. Para eles o modelo era aquele em que não existiam conflitos. Os alunos eram iguais e não havia problemas maiores na relação professor-aluno. Comecei a ficar preocupado, porque a expectativa que nós temos de escola do futuro é exatamente o contrário, é a escola da diferença. (Álvaro CHRISPINO, 2003)

Acho que minha ideia de que o futuro chegou é de que nós começamos a trilhar um caminho novo, que vai levar o Brasil a explorar todo o seu potencial. Esse título [do meu livro] tem uma contradição: o futuro nunca chega. A ideia é que os

sinais desse futuro já estão presentes aqui, nas crenças da sociedade, nas instituições. Eu diria que no caso da educação, menos, pois hoje as elites se preocupam mais com política industrial do que com educação. (Maílson da NÓBREGA, 2006)

Muita gente acredita que você precisa saber o formal, para poder dar um passo além e fazer com que a Matemática se relacione com as coisas do dia a dia. Esse é o maior obstáculo para os jovens que não aceitam ter de aprender algo que lhes servirá um dia, no futuro. Eles não querem esperar. O mundo ficou muito rápido e eles rejeitam a Matemática que lhes é apresentada. (Ubiratan D'AMBROSIO, 2007)

O futuro não é aquilo que vai fatalmente acontecer, independentemente da minha vontade. É aquilo que a minha vontade como cidadão, a vontade do conjunto comunitário em que trabalho, vai fazer acontecer. [...] Um grande filósofo português chamado Leonardo Coimbra, que viveu no princípio do século XX, disse o seguinte: “o homem não é uma inutilidade num mundo já feito. Antes, é o obreiro de um mundo por fazer”. É essa a nossa responsabilidade. (Roberto CARNEIRO, 2008)

Ela [a escola] está deixando de ser a única fonte geradora de conhecimento e, como tal, tem de se estruturar para atender os jovens. E se isso é verdade para a educação de um modo geral, é muito mais verdade para o Ensino Médio, porque é a fase em que as pessoas estão tomando decisões para o futuro. Então, a escola tem de atender ao projeto de vida do estudante. Praticamente, todos os países hoje estão repensando a estratégia educacional baseando-se nisso, embora aqui estejamos traçando um caminho próprio. (José Fernandes de LIMA, 2011)

Quando jovens, já temos certa bagagem e nos apropriamos do que vimos na tela de outro modo, e não como um anúncio de sentimentos e emoções. Quando pequenos, temos experiências e vivências sobre a família, a casa, a escola. O restante, como o mundo, o amor e a violência, pode ser aprendido com diversos vieses por meio dos filmes. Muito do que se vê nas telas é uma prefiguração da vida dos adultos e ajuda a criar suposições sobre o futuro. (Alain BERGALA, 2012)

O sistema educacional muda todo o tempo. Já estive sob orientação religiosa e, quando a sociedade industrializou-se, estive sob o controle governamental. A expectativa hoje é que cada um gerencie o próprio conhecimento. Na escola, tudo ainda é organizado em torno da sala de aula. Cada professor lida com até 40 alunos. No futuro próximo, o foco da educação deverá passar por cada estudante e pelo que ele aprende. Talvez continuem a existir classes, mas cada criança terá autonomia em seu aprendizado. E os professores terão outro papel. (Gordon FREEDMAN, 2013)

O quadro-negro é um dispositivo “vazio”; o *tablet* é “cheio”. Enquanto o quadro-negro requer alguém que nele inscreva um conhecimento, o *tablet* está repleto de todos os dados e informações possíveis e imagináveis, aos quais os alunos têm acesso direto. O quadro-negro é um dispositivo fixo; o *tablet* é móvel. Enquanto o quadro-negro fixa e define o espaço da sala de aula, o *tablet* traz mobilidade e

pode ser utilizado nos mais diferentes espaços físicos e virtuais. [...] É possível vislumbrar como será a educação futura. (António NÓVOA, 2014)

A grande mudança que ninguém estava preparando nesses procedimentos tecnológicos é a relação com o tempo. A relação com o tempo mudou, mudou a forma de estar no mundo. E nessa forma de estar no mundo, que virou muito imediatista, a dificuldade de construir projetos futuros para a garotada ficou muito grande. Já era difícil, quando a gente era garoto, ter projetos de futuro. Um menino de 18 anos não consegue se imaginar com 80. Com essa mudança completa na relação com o tempo, fica ainda mais difícil, pois tudo é muito imediato. (Teresa PINHEIRO, 2014)

A única coisa líquida e certa em 2034 é que o aprendizado sobre mundo digital por uma criança de nove ou dez anos durante os cinco, oito, dez ou doze anos anteriores será irrelevante. Você faz de conta para os pais que está formando e eles acreditam. Em conceito e utilidade, não é nada diferente, sem tirar nem colocar, do que as aulas de datilografia e caligrafia que tive na escola graduada. Qual era o discurso para mim e todos da minha geração na ocasião? “Estamos preparando vocês para o futuro”, claro. (Ricardo SEMLER, 2019)

PROGRESSO

O problema da repetência é muito sério e gera o sentimento de incapacidade. Fazer uma criança repetir um ano é, no mínimo, uma falta de respeito ao ser humano. Ao fazê-la voltar atrás, voltar à estaca zero, desconsideramos qualquer progresso que ela tenha alcançado nesse ano todo. [...] Tenho visto casos de crianças que são reprovadas, nas quais uma análise mais minuciosa da real situação de aprendizagem da leitura e escrita em que elas se encontram mostra que falta muito pouco para que se apropriem do código alfabético. (Marizinha PIMENTEL, 1989)

Houve um progresso muito maior na expansão da rede [de educação infantil] do que na qualidade. Aliás, em termos gerais, tivemos uma queda de qualidade bastante grande por causa da expansão. Houve, sim, crescimento qualitativo, mas muito localizado. E teve também uma melhoria em outros setores, como por exemplo a oferta de alguns bons cursos para professores e a produção de boas propostas pedagógicas, que não tínhamos há 10 anos. (Vital DIDONET, 1993)

Escolas eficazes são escolas que promovem mais progresso para seus alunos do que se poderia esperar, dado o nível desses alunos no ingresso. Uma escola eficaz acrescenta valor ao que os alunos trazem, seja lá o que for. A escola pode ser muito pobre, e acrescentar valor a qualquer coisa que os alunos tragam. O outro lado disso é que a escola pode ser muito bem conhecida e famosa, com alunos de muito talento, mas não acrescentar nada de valor aos alunos. (Peter MORTIMORE, 1995)

O nível médio técnico [...] vai sendo aos poucos utilizado para cursos rápidos que vêm da empresa, ou são vendidos para o governo. Nesse sentido, o único nível médio público de boa qualidade eram as escolas técnicas. As próprias escolas técnicas, internamente, fizeram um imenso progresso nos últimos anos. No entanto, o argumento do governo é que são escolas caras. Ora, esse argumento é absolutamente falacioso e contraditório. (Gaudêncio FRIGOTTO, 1999)

Na internet, não é a imagem que predomina. É preciso manejar o código da leitura e da escrita de forma intensa. Há várias linhas de análise a respeito do impacto dos computadores: para alguns autores, as novas tecnologias representam um progresso importante por permitirem combinar textos, passar de um a outro, construí-los com grande facilidade; para outros, mais céticos, elas significam um retrocesso ao tempo dos pergaminhos e papiros. (Juan Carlos TEDESCO, 2002)

Recuperar a crença dos professores e da comunidade na capacidade de aprender dos alunos. Quando se consegue isso, o progresso acontece rapidamente. Mostramos que os resultados obtidos por nossas crianças podem ser tão bons quanto os daqueles que estudam em bairro de maior poder aquisitivo. Se um aluno consegue, os outros também são capazes. Quanto mais as pessoas acreditarem nisso, maior nosso sucesso. (Gary WILSON, 2004)

Em 2006, faço 50 anos de arte-educação. O progresso é imenso. Antes havia uma rejeição. Hoje, a arte já está presente nas faculdades de pedagogia. [...] A pesquisa universitária também passou a ser respeitada. Em 1972, quando decidi fazer o mestrado, não achei ninguém no Brasil que quisesse me orientar. Fui para os EUA

e pedi bolsa. A Capes respondeu com uma carta em que dizia que arte-educação não era uma área de pesquisa. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

Se for efetivamente colocada em prática, e a avaliação for posta a serviço de quem está aprendendo, ela própria se converterá em meio de aprendizagem. A palavra e o julgamento fundamentado do professor constituirão a base para a tomada de decisões oportunas, que garantam aos alunos avançar adequadamente em sua aprendizagem. E, se isso não ocorrer, a reflexão, a avaliação – no sentido da avaliação contínua – intervirão de imediato para corrigir o caminho, para assegurar o progresso. (Juan Manuel Álvarez MÉNDEZ, 2005)

Como Cingapura é uma nação recente, o respeito não era grande no começo dos anos [19]90. A docência era uma das profissões menos escolhidas por quem se formava no ensino médio. O governo imediatamente reconheceu que a educação não alcançaria progressos sem bons professores nas salas de aula. Era necessário atrair os melhores candidatos e dar a eles formação mais consistente. Para começar, o salário do professor iniciante foi equiparado ao de engenheiros e contadores em começo de carreira. (Lee Sing KONG, 2011)

A avaliação tem de ser pelo processo, desde o momento em que o aluno entrou na minha sala de aula. Avaliar os progressos que ele fez, o envolvimento que ele teve com aquela atividade e com seus colegas. Numa aula em grupo, é comum que um ou outro estudante tome a frente. Ele toma a iniciativa, mas permite que seu colega também participe? Se não, ele não pode ser avaliado positivamente em relação à interação social. A escola também deve preparar aluno para interagir socialmente. (Lúcia Helena SASSERON, 2012)

De fato, o Brasil ainda apresenta um baixo desempenho pelos padrões do PISA, mas um progresso muito significativo já foi obtido. Na verdade, poucos países ao redor do mundo têm sido tão bem-sucedidos quanto o Brasil na melhoria do acesso, da qualidade e da equidade na educação. Portanto, o copo parece estar mais “meio cheio” do que “meio vazio”. (Andreas SCHLEICHER, 2012)

No Brasil, o mais frequente na formação de professores com vistas à melhoria da qualidade de ensino é o trabalho em escolas isoladas ou com grupos pequenos de professores provenientes de diferentes escolas, mesmo de diferentes redes, e isso não significa muita coisa para o País como um todo. Se cada rede municipal conseguisse trabalhar como rede, aí, sim, haveria progresso. (Magda Becker SOARES, 2012)

Seu progresso [da inclusão] depende de vontade política para diminuir a quantidade de escolas de educação especial e construir um sólido sistema de apoio ao educador. Professores não deveriam trabalhar sozinhos, mas em grupos em que possam discutir o que e como fazer para que cada um aprenda o máximo que conseguir. Quando um aluno precisar de ajuda, é na escola inclusiva adaptada às suas necessidades que ele deve se sentir em casa. (Miriam SKJORTEN, 2013)

Fora os exames finais no colégio, suas crianças [finlandesas] não fazem exames padronizados. Certamente, os professores e as escolas usam testes para acompanhar o progresso dos alunos, mas se “matar” de estudar para os exames é

tão estranho na Finlândia quanto uma onda de calor no inverno. Redações têm precedência sobre as notas até a escola secundária. (Carl HONORÉ, 2014)

Ainda que o contingente de jovens que frequenta esse nível de ensino [o superior] permaneça baixo no Brasil (em torno de 16,3%, segundo dados da PNAD/2013), os progressos foram significativos (em 1993, era de apenas 4,8%) e também trouxeram para a universidade outros perfis de jovens. Em minha opinião, não são esses jovens das camadas populares, que ampliam sua presença na educação superior, que estão despreparados. É a universidade que está. (Maria Carla CORROCHANO, 2016)

OBSOLESCÊNCIA

No Brasil, principalmente na área de Ciências, o ensino está completamente obsoleto. Nosso atraso é de pelo menos 60 anos, pois a revolução científica não chegou às escolas. Na comparação das redes de ensino, porém, percebemos que as escolas particulares mexem com mais liberdade nos currículos, e essa flexibilidade é um ponto positivo para elas. As escolas públicas também têm essa liberdade, mas a acomodação ou a burocracia impedem que elas a aproveitem mais. (Heraldo Marelim VIANNA, 1992)

Daqui a alguns anos, diplomas não vão ter valor, serão desnecessários, porque o conhecimento evolui e há uma obsolescência rápida das tecnologias. Daqui a pouco, vai se pensar: para que ter um certificado de profissional de tal área, se aquela profissão poderá desaparecer em cinco anos? Dizem que os diplomas serão decididos pelo mercado. É uma visão um pouco mercantilista. (Moacir GADOTTI, 1999)

Há 200 ou 300 anos, a escola ia paralela à sociedade, porque a mudança no conhecimento era muito lenta. Como o conhecimento era imutável, logicamente a escola ia paralela. No momento em que o avanço do conhecimento torna-se vertiginoso, torna-se mutável, a escola não pode seguir o ritmo. [...] As universidades e a escola não podem ter a tecnologia que tem a indústria. O conhecimento duplica-se, e a escola vai ficando obsoleta. Aí está a questão de que a instituição escola não funciona. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

O setor acadêmico está sempre se movendo lentamente por causa das hesitações dos professores. Mas eles não podem evitar essa tendência. Nossos alvos de atuação são escolas, universidades e aplicações industriais. A prioridade será as instituições que desejam economizar dinheiro. A indústria já compreendeu que é possível fazer isso com o ensino digital. [...] Uma instituição não pode evitar esse meio. De outra forma, ela estará obsoleta. (Claude FRASSON, 2003)

Tomando-se como exemplo as faculdades, constatamos que a maioria delas disponibiliza o conhecimento passado. Mais uma vez insisto no questionamento: quais as tendências para determinada profissão? Será que esta profissão ainda existirá quando o estudante se formar? Qual será o mercado para este profissional? Esta profissão está na rota da obsolescência? Qual o futuro para esta profissão? (Antônio Carlos Teixeira da SILVA, 2003)

Nesse império em que tudo se torna rapidamente obsoleto, o jovem, como se fosse um produto recém-saído da fábrica, é oferecido como um ideal de sucesso e felicidade. No passado, o importante para a sociedade era o que o adulto pensava; hoje, o importante é o que o jovem pode fazer. O novo modelo masculino e feminino cultuado pela propaganda é o físico, essencialmente o de um adolescente, não mais de um adulto. (Gley COSTA, 2007)

Infelizmente, os modelos tradicionais e obsoletos de ensino se reproduzem, de forma incoerente, na formação do professorado. Pretende-se uma formação para que o professor seja competente em aula, mas as estratégias utilizadas são adequadas apenas para um conhecimento teórico e descontextualizado. A formação do professorado deve passar inexoravelmente pela reflexão sobre a

prática, a partir do uso de referenciais teóricos sólidos, porém sempre acompanhados de modelos de intervenção reais, ou seja, de técnicas, estratégias e métodos didáticos. (Antoni ZABALA, 2007)

Num mundo no qual os valores se desvalorizam um dia e voltam a se dilatar no seguinte, no qual se tem um emprego hoje, mas nada se sabe sobre o amanhã, no qual o que se aprendeu um dia ficará em breve obsoleto, tornar-se muito difícil investir na realização de uma vida inteira. Vagueia-se no mundo como um turista, cujo único compromisso é com ele mesmo, e não com os lugares que visita. (Yves de la TAILLE, 2009)

A ideia de fracasso que se fundamenta a partir da visão da escola é obsoleta. [...] Quem demonstrou bem esse fenômeno foi o professor Sérgio Costa Ribeiro, nos anos 1990, no artigo “A Pedagogia da Repetência”. Ele mostrou que a cada 100 alunos ingressantes no ensino fundamental, dois terminavam o curso em oito anos, 10 concluíam em nove anos e 53, em 11. A última pessoa da mesma turma a terminar o 1º grau o fazia apenas 20 anos depois do ingresso. Toda abordagem e forma de contabilizar o fracasso estavam erradas. (Guiomar Namó de MELLO, 2011b)

São muitos [os desafios da educação brasileira], mas quase todos eles relacionados à necessidade de fazer com que os educadores compreendam que o mundo mudou e a maneira de se obter um aprendizado efetivo não é mais a mesma. A tecnologia contribuiu muito para essa mudança, mas como meio, não como fim. O epicentro da mudança é o acesso universal à informação e ao conhecimento, este sim o grande responsável por tornar obsoleta a atual metodologia da escola. (Ryon BRAGA, 2015)

Ainda hoje, parece que há um pacto para levar para a sala de aula os tópicos mais desinteressantes e obsoletos. Acredite, há escolas que ensinam a extrair a raiz quadrada na chave, como no passado. Muitos professores ainda recitam a regra para a divisão de frações tal como aparece nos livros didáticos (“multiplicar a primeira fração pelo inverso da segunda”), sem ao menos saber o porquê da regra. Muitos outros conteúdos são supostamente ensinados, mas sem a preocupação de garantir a aprendizagem significativa. (Antônio José LOPES, 2015)

Deve haver uma mudança de cultura na escola assim como na sociedade. A ideia de que uma criança com deficiência “não aprende” é obsoleta e deve ser revista com urgência. Tenho alunos autistas que não se relacionam muito bem socialmente, têm dificuldades pontuais em português, geografia e história, mas são ótimos em matemática, informática e robótica. (Cristina SILVEIRA, 2016)

As transformações necessárias para o sistema escolar obsoleto e sobrecarregado que herdamos da era industrial, voltado a satisfazer necessidades bem diferentes das atuais, são muitas e profundas. Destaco duas que me parecem essenciais: a primeira está relacionada com a necessidade de redefinir o que vale a pena aprender e ensinar na escola atual; a segunda refere-se ao modo de ensinar e aprender. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

Historicamente, o ensino médio teve sempre dificuldade em definir a sua identidade. Reservado para alguns jovens, assumiu-se, muitas vezes, apenas

como um “preparatório” para o ensino superior. Era uma concepção inadequada no passado, mas totalmente inaceitável nos dias de hoje, quando queremos que todos os jovens frequentem o ensino médio. Porém, é preciso cuidado para não cair em visões obsoletas de vias duais, que reproduzem desigualdades e consagram destinos sociais. (António NÓVOA, 2017b)

[Há uma] forte inclinação existente na área da educação para adotar com prontidão as propostas novas ou supostamente novas, que são apresentadas como A (assim, em maiúscula) solução para TODOS (também em maiúscula) os problemas, as carências e as dificuldades que acometem os nossos sistemas educacionais. Desse modo, as propostas não apenas surgem cada vez mais rapidamente e se tornam obsoletas assim que começam a ser implantadas, mas também é gerada uma dinâmica que impede que os avanços conquistados e a experiência acumulada sejam aproveitados. (César COLL, 2018)

NOVIDADE

[As disciplinas pedagógicas na licenciatura] são muito fragmentadas, uma quase desconhece o que a outra está fazendo e isso acaba diluindo a formação. [...] Temos um número de horas muito pequeno para as licenciaturas, portanto precisamos usá-las bem. Do contrário, corremos o risco de dar uma formação pedagógica muito deficiente. É necessário também que superemos nossa tendência novidadeira. (Jorge NAGLE, 1992)

Ali [na escola particular] se utiliza muito a novidade como rótulo, como embalagem, usando apelos como a didática de Piaget, Montessori, a escola experimental e, mais recentemente, o construtivismo. Qualquer coisa hoje é construtivista. Na escola particular é diferente, sem que seja melhor, porque tanto é ruim a conservação da rotina, como essa outra orientação “novidadeira”. (Luiz Antonio CUNHA, 1995)

O trabalho de ensino é, sem cessar, uma negociação entre esses dois polos de exigências: por um lado, contemplar as normas antecedentes e, por outro lado, recriá-las em função daquilo que se apresenta como novidade no trabalho do professor. [...] Se partimos da ideia de que o trabalho é sempre o que eu chamo um “dramático uso de si”, um debate entre as normas antecedentes e as renormalizações, observamos as reconfigurações, as novidades que os homens e mulheres não param de recriar, sobre o que podem, nas situações de trabalho. (Yves SCHWARTZ, 2001)

Às vezes eu brinco que os pensamentos começam com as mãos, estão ligados àquilo que a gente faz. As escolas, porém, estão concentradas apenas em atividades cerebrais. Falam em construtivismo, mas não o praticam. Aliás, todo mundo acha que isso é uma novidade, mas o Giambattista Vico, um filósofo do século XVI, já falava que só podemos conhecer aquilo que construímos, com as mãos ou com a cabeça. (Rubem ALVES, 2002)

A concepção que vivenciamos, uma concepção centralizadora e autoritária para a reprodução do conhecimento, partia da homogeneização para facilitar o processo de reprodução do conhecimento. Por isso, a grande novidade hoje é a inclusão, porque sempre tivemos uma escola que trabalhou para a exclusão. Contudo, a pessoa humana tem o desafio de inclusão desde que nasceu. (Madalena FREIRE, 2004)

Mais do que outras culturas, a nossa é muito novidadeira. Em outros países, a entrada do computador se deu mais devagar e sem a perda da visão da biblioteca. Aqui, a gente tende a substituir uma coisa por outra, um suporte por outro. Somos novidadeiros demais! Essa coisa de desmanchar o passado é extremamente perigosa. No mundo inteiro, as civilizações mais sólidas que a nossa estão sempre incorporando novidades ao pensamento, de forma mais consciente e criteriosa. (Maria Antonieta Antunes CUNHA, 2006)

Paulo [Freire] era muito interessado em novidades, inclusive tecnológicas. Aqueles retroprojetores que ele usou na década de [19]60 eram uma novidade, um recurso que não se usava em sala de aula. E quando foi secretário de Educação

da cidade de São Paulo, começou a aparelhar as escolas com computadores, isso em 1989! (Nita FREIRE, 2006)

Ela [a tecnologia] facilita a cópia, o plágio. Mas não que isso não existisse antes. O bom é que, assim como simplifica a fraude, também facilita a detecção. E o que nos cabe como educadores? Cabe ajudar o aluno a entender o que é ético para que ele possa se pautar por uma conduta adequada aos dias de hoje, mas baseado em princípios que sempre existiram. A única novidade é o meio. (Maria Elizabeth Bianconcini de ALMEIDA, 2010)

O mundo se abriu e a escola precisa considerar isso, integrando as novidades à sala de aula. Levar isso em conta não tem a ver só com a formação de leitores, mas também com conhecer melhor os jovens, se aproximar deles, falar a mesma língua. Como entender alguém de 15 anos sem considerar a tecnologia que ele domina? É necessário desenvolver um intercâmbio. Os adolescentes têm muito a ensinar sobre como navegar na internet, onde encontrar conteúdos interessantes e de que forma aproveitar ao máximo as funcionalidades de um celular, por exemplo. (Yolanda REYES, 2012)

Você não vai dar aula de uma disciplina. Isso é a sua postura. Você pode desenvolvê-la por meio de projetos ou de uma metodologia própria, de maneira intencional. As escolas dos Estados Unidos adotam essas questões há anos em seu currículo e as medem. Então não é nenhuma novidade mundial, mas sim uma necessidade que cada vez mais a gente vai ter, porque, na configuração mundial atual, você dominar o conhecimento é só a linha de largada. (Viviane SENNA, 2013)

Cursos de letras introduzem uma dúzia de conceitos (interessantes) por semana, mas formam alunos que não leem e, fundamentalmente, não escrevem. Há uma mania de introduzir “novidades” pedagógicas e pouca prática do que é fundamental: ler e escrever (no caso de língua portuguesa). A humanidade já sabe como fazer isso, mas não faz, assim como sabe manter a forma, mas prefere seguir uma dieta por semana. Os cursos de letras deveriam conseguir que os formandos escrevessem e lessem bem. (Sírio POSSENTI, 2014)

A grande novidade dos últimos tempos é que as tecnologias se têm desenvolvido no sentido de facilitar a relação e a comunicação. [...] Nenhum de nós ignora certos usos preocupantes das tecnologias, mas essa crítica não nos deve impedir de compreender a revolução que está em curso na forma como buscamos o conhecimento, como usamos o cérebro, como pensamos, como nos relacionamos e comunicamos, numa palavra, a revolução em curso na forma como aprendemos. (António NÓVOA, 2015)

A maioria das potências educacionais usa esses parâmetros [do PISA] com clareza e tem rigor nos objetivos sobre o que as crianças deveriam saber em cada ano ou etapa de ensino. Esse tipo de coerência parece estar de mãos dadas com políticas que dão resultado. Dá a estudantes e professores foco, o que é fácil de perder no mundo barulhento de novidades e demandas da educação. (Amanda RIPLEY, 2015)

Há muita novidade que não é novidade, e muita novidade que não funciona na escola. A sala de aula invertida, por exemplo, só pode ser fecundamente utilizada após um tempo de aculturação da criança na vida escolar. Porque ela vem de uma vida familiar, ou comunitária, ou de rua, um tanto indisciplinada, solta, e a vida escolar exige concentração e atenção. (Bernardete GATTI, 2016)

Os modos e tempos de fazer tudo na nossa vida ficaram muito mais velozes, e, em vários momentos, mais apressados, abrindo condição para que nossa prática escolar adentrasse em modos e tempos ultrapassados, com alguma lentidão na recuperação. Há muitas searas a serem inovadas na escola; porém, temos de ter cautela com o “mudancismo” desenfreado que busca mais o topo das novidades do que o piso das permanências; gerar o novo nem sempre é produzir o inédito. (Mario Sergio CORTELLA, 2019)

MESMICE

A formação de professores funciona meio às revoadas. De vez em quando, nascem algumas ideias novas e parece que vamos resolver o problema da formação de professores. Passado um tempo, temos a impressão de que tudo está na mesma e nós mesmos que trabalhamos na área vivemos momentos de grande desânimo, perguntando como é que se forma um professor. É extremamente difícil. (Isabel ALARCÃO, 2002b)

As reformas educacionais de boa parte do mundo, como as reformas econômicas, passaram a ser pensadas com o mesmo padrão, com o mesmo conjunto de princípios, e implementadas a partir de uma mesma receita. Uma pessoa que procure notícias sobre educação em um jornal mexicano, argentino, peruano ou chileno vai descobrir que, com algumas pequenas diferenças, essas notícias poderiam ter sido publicadas no Brasil. (Pablo GENTILI, 2003)

Já reparou como o cenário da escola é sempre o mesmo? É tudo igual, com mesa, lousa, professor, alunos, carteiras. As escolas, às vezes, são lindas por fora, têm uma fachada maravilhosa, mas, por dentro, são muito convencionais. Para o aluno, é como se ele fosse ao teatro assistir às mais variadas peças e tivesse sempre o mesmo ator, o mesmo cenário. Já que a escola tem um elenco estável de artistas, nada impede que exista um núcleo de aprimoramento desse elenco. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

O que é projeto para um acomodado burocrata, pode não significar nada para os professores que têm de carregar o piano. Antes de fazer diferente é preciso pensar diferente sobre o que se faz. [...] Mudanças dependem do envolvimento, do comprometimento de cada professor. Conheço professores revolucionários que estão sempre inovando. Conheço também muitos que são acomodados e permanecem até a aposentadoria na mesmice. (Samuel LAGO, 2005)

Na verdade, falta um pouco de vontade política, de compreensão do que a escola realmente precisa. Aí, como isso não é verificado, os professores ficam sempre na mesmice, dizendo que o MEC não aceita mudanças. Porém, ele é aberto a transformações. Nós que fazemos uma faculdade de pedagogia, por exemplo, que estamos nas escolas, é que temos de provar que essa necessidade existe. (David SASSON, 2005)

A cultura da escola se mantém tradicional e emperra mudanças mais profundas. Por exemplo: se o aluno não vai bem, recorre-se à recuperação. Mas a recuperação geralmente não passa de “mais do mesmo”. Costuma ser feita nas piores condições, muitas vezes com um professor que é pouco experiente, num horário inadequado. O processo todo acaba sendo muito esvaziado. (Elba Siqueira de Sá BARRETTO, 2006)

Queremos que todos saibam do mesmo modo, aprendendo dentro do mesmo tempo e parâmetros, tudo de maneira uniforme, como se nossa aula fosse uma fábrica do início do século XX: provas homogêneas buscando medir conhecimentos homogêneos sem a consideração dos vários contextos dos educandos; querer que turmas e alunos diferentes tenham a mesma velocidade

ao aprender para poderem responder às mesmas questões de uma mesma prova. (Hamilton WERNECK, 2006)

A escola já está pronta e não quer mudar. O conteúdo está pronto há muito tempo, há 500 anos. E continua se repetindo. De tempos em tempos aparece uma ou outra adaptação. Por exemplo, o programa de matemática deste ano é o mesmo de 5 anos atrás e será o mesmo daqui a 5 anos. É o mesmo currículo. Acontece a mesma coisa nas outras disciplinas. Esse conteúdo tradicional precisa ser modificado. (Tião ROCHA, 2008)

Os sistemas educativos, sejam no Brasil, em Portugal ou norte-americanos, são iguais. Os problemas são essencialmente os mesmos. E as sociedades, que tanto pedem à escola e que tanto estão insatisfeitas com ela, têm o mesmo sentimento aqui, em Portugal, nos Estados Unidos ou em outras diversas partes do mundo. Infelizmente, a ausência de investimento político naquilo que se passa dentro da sala de aula é tão grande num país do centro da Europa como num país da África ou da Ásia. Não há significativas diferenças. (Domingos FERNANDES, 2009a)

Se a gente tomasse em um sentido bem amplo, a leitura é libertadora sim, de uma submissão à voz dos outros, de uma submissão à mesmice, de uma submissão à falta de escolha e opção. [...] Eu conheço adultos, idosos analfabetos, que são excelentes leitores de mundo e de vida e são pessoas insubordinadas, são pessoas líderes, capazes de mudar a vida de sua comunidade. Então, a leitura tem que ser compreendida em uma perspectiva de texto que está não só dentro dos livros, mas está no meio do mundo. (Eliana YUNES, 2010)

Para ter significado, o conteúdo deve estar integrado à realidade social e cultural em que vivemos. Por exemplo, o conteúdo de botânica é fundamental. No entanto, ficamos sempre naquela mesmice, enfatizando os nomes das partes da planta sem prestar atenção no ser vivo presente na rua, no pátio, na praça. A biologia fica reduzida aos termos específicos da área. (Mônica MEYER, 2011)

O Brasil carece de projetos que concretizem a LDB do sábio Darcy [Ribeiro]. Urge viabilizar projetos, nos quais a fraternidade, a criatividade e o empreendedorismo sejam incentivados. Urge por ponto final na mesmice, que caracteriza o modelo escolar herdado do iluminismo e que se mantém tributário de necessidades sociais da revolução industrial do século XIX. É preciso desenvolver práticas educacionais que a todos permitam aprender tudo. Eu sei que isso é possível. (José PACHECO, 2013c)

Posso usar computadores e a mais avançada tecnologia para fazer mais do mesmo. Um exemplo é a teleaula ou videoaula, transmitida pela web ou via satélite, que usa computadores e tecnologia de ponta; contudo, trata-se de “mais do mesmo”, pois não traz nenhuma evolução no processo de ensinar e aprender. A única vantagem é ampliar o alcance ou o acesso de pessoas a “boas aulas”, mas isoladamente não garante aumento na eficiência, no desempenho ou nos resultados de aprendizagem. (Ryon BRAGA, 2015)

A metodologia pedagógica transmissora, de tamanho único, própria também da escola da era industrial, que tem como proposta fazer todos os aprendizes, organizados em grupos de 25 a 35 pessoas da mesma idade, adquirirem os

mesmos conteúdos, com os mesmos materiais, no mesmo ritmo, da mesma maneira passiva e com os mesmos métodos de ensino e avaliação, não pode ser mais incompatível com o modo como o aprendiz contemporâneo vive. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

[A EJA] deve ser tratada de forma própria, constituindo, no que for possível, projetos individuais, ou plano pessoal de estudos de cada educando. Isso, de fato, coloca uma dificuldade para atender massivamente à EJA. Mas o modelo massivo que está aí tem elevada evasão e não resolve o problema. Não há soluções simples e fáceis, é preciso ousar, sair da caixa e não ter medo de testar caminhos. Pior do que ter tropeços é ficar parado na mesmice ineficaz. (Genuíno BORDIGNON, 2019)

RÁPIDO

A direita, no momento, ataca as escolas e professores do mundo todo. Uma das razões pelas quais a direita está tão furiosa com as escolas é que elas representaram vitórias. Vitórias de gente de cor, mulheres, grupos oprimidos, que consolidaram na vida escolar coisas bem progressistas. E a direita quer expurgar esses elementos progressistas o mais rápido possível. Acho que o mesmo tem de ser dito acerca do que denominamos cultura de massa. (Michael APPLE, 1996)

Certos países contentaram-se em reformular os programas tradicionais, colocando um verbo de ação na frente dos saberes disciplinares. Onde se lia “ensinar o teorema de Pitágoras”, agora lê-se “servir-se do teorema de Pitágoras para resolver problemas de geometria”. Isso é maquiagem. [...] Os países que querem ir rápido demais se lançam na elaboração de programas sem dedicar tempo à observação das práticas sociais, sem identificar situações com as quais as pessoas são e serão verdadeiramente confrontadas. (Philippe PERRENOUD, 2000)

Historicamente, desde a Mesopotâmia, havia uma pessoa que ensinava outra; hoje, porém, há um elemento, um artefato [o computador], que ajuda o ensino, e isto muda as relações e ainda não entrou na educação, mas seguramente a mudança será mais rápida, o que deixará muitos professores desconcertados. A mudança será vertiginosa. Isto já está acontecendo em países muito mais avançados. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Primeiro temos de trabalhar com o professor. Ele precisa entender melhor os conceitos da coordenação motora e de como desenvolver isso na escola. É preciso enriquecer o professor. Ele tendo conhecimento e desenvolvimento, consegue passar aquele muito mais rápido ao jovem, que por sua vez, se desenvolve mais rápido também. (Ivaldo BERTAZZO, 2003)

Compreendi que eu tinha mais dificuldade com os alunos mais jovens, porque minha própria relação com o saber fazia com que eu tivesse vontade de aprender rápido e muito. Compreendi também que os mais jovens, são mais tímidos e fazem muitas perguntas, como “Professora, eu uso a caneta vermelha ou a caneta azul?”. Isso me fazia lembrar a época em que eu era pequena, uma época que eu queria que passasse rápido, e o certo é que eu não era muito paciente com os alunos. (Françoise HATCHUEL, 2003)

Hoje, está fora do mercado quem não se preocupa em aprender coisas novas, quem não se recicla, quem não pensa em como pode agregar valor à empresa. Para essa pessoa, não há vaga. [...] Se a pessoa se dedicar à busca da mesma maneira que se dedica a um trabalho – oito, dez horas por dia –, sem dúvidas ela alcançará muito mais rápido o que quer. É preciso enfatizar esse propósito, fazer disso uma busca ativa. (Ricardo BEVILACQUA, 2006)

Os 5% dos melhores alunos do Brasil, segundo o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), têm desempenho pior do que os 5% dos melhores alunos da Inglaterra e da França, por exemplo. Por isso, todo mundo tem que melhorar. Quem está bem não deve ficar parado. Todos devem contribuir um

pouco mais. Evidentemente, quem está um pouco atrás vai ter que avançar mais rápido. (Reynaldo FERNANDES, 2007a)

Estamos passando por mudanças, e, conseqüentemente, as escolas e universidades tentam se adaptar a isso. Para se atualizar, o professor precisa correr muito. Não é desprezar o conhecimento adquirido, porque isso ele tem. O grande problema é que nem todos têm fôlego para acompanhar todas essas mudanças, que acontecem cada vez mais rápido. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

Se ensino rápido e leio vários textos de maneira superficial, estou formando um tipo de sujeito. Se quero que ele entenda a complexidade do mundo social e que considere a existência de conflitos e de atores com diferentes interesses, tenho de ensinar essa complexidade. Essa segunda possibilidade leva dias e dias de análise, mas traz um resultado totalmente distinto. (Beatriz AISENBERG, 2010)

A universalização trouxe questões para as quais o país não estava preparado. Estamos fazendo em 40 anos o que a França levou 100 anos para fazer. Temos de trabalhar rápido, de qualificar professores para lecionar para crianças com necessidades especiais, Libras, tem de ter um professor mediador que resolva alguns conflitos iniciais, salas especiais, a merenda. (Herman VOORWALD, 2011)

Qualquer tarefa que possa ser definida como seguir um procedimento de maneira rotineira poderá ser realizada por um computador. Isso já é realidade nos EUA, onde costumava haver muitas pessoas no mercado de trabalho apenas com diploma de Ensino Médio. As mulheres trabalhavam como secretárias e os homens em linhas de montagem. Esses empregos pagavam um bom salário e agora estão desaparecendo muito rápido. (Richard MURNANE, 2013a)

A esperança é que o ENEM, ao tornar-se uma entidade nacional, utilizado para o ingresso no ensino superior – que é a grande aspiração da maioria dos alunos –, possa melhorar a qualidade nas escolas, principalmente nas públicas. As escolas privadas, em grande parte, já adaptavam seu ensino aos vestibulares e, agora, estão se adaptando ao ENEM. Elas reagem muito rápido. A nossa esperança é que o ENEM estimule as escolas públicas a fazerem o mesmo. (Mariana CALIFE; Tufi Machado SOARES, 2014)

Os políticos não duram muito tempo e querem resultados rápidos, pois a sociedade também faz muita pressão. Há uma distorção perversa com relação a essas provas [internacionais]. Serviram para que começássemos a nos medir com relação ao mundo, e para fazer pressão política pelos péssimos resultados que tivemos; contudo, geraram essa obsessão por lograr resultados rápidos – da escola e dos governantes. Nós, que sabemos disso, temos de estar todo o tempo dizendo “vejam, isso é mais lento do que parece”. (Yolanda REYES, 2015)

Talvez se possa dizer que tem ocorrido um grande impacto da cultura digital sobre a cultura do papel. Os jovens leem sem dificuldade as escritas digitais. São eles mesmos que as criam. A leitura digital é mais fácil e mais rápida, porque os textos devem ser, por natureza, breves [...]. E isso vem criando uma certa impaciência dos jovens na leitura de textos mais longos, que demandam mais tempo e mais reflexão, com evidentes implicações para a formação de leitores atualmente. (Magda Becker SOARES, 2018)

É importante, de alguma maneira, buscar uma comunicação específica com essas pessoas [refugiadas], por exemplo, com profissionais que possam facilitar o processo de comunicação, que falem o idioma da criança. [...] Não pode haver um isolamento dessa criança. O que ocorre muito também é que a criança e o adolescente aprendem muito rapidamente o novo idioma. Então, desde que eles não sejam excluídos das atividades normais, esse processo acaba acontecendo mais rápido do que aconteceria para uma pessoa adulta. (Paulo Sérgio ALMEIDA, 2019)

DEVAGAR

A escola só tem facilidade para observar coisas prontas e fáceis. Ela caminha muito devagar e vai adotando fórmulas que dão menos trabalho, menos elaboração, sobretudo num país onde o professor ganha tão mal e tem tantos problemas de formação. Quando surge alguma coisa mais complexa, como a TV, ela finge que não vê. (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

Ele [Paulo Freire] me passou um texto dele e perguntou o que eu achava. Comecei a ler. Ele escrevia todos os textos à mão, muito claramente. Escrevia tão devagar que tudo era muito pensado, tinha uma construção muito elaborada. Antes de escrever qualquer palavra, consultava os dicionários para saber se aquela palavra era precisamente a mais correta. Depois disso, nasceu uma amizade. Trabalhamos juntos. (Moacir GADOTTI, 1999)

É cômodo saber que temos poder e pensar que ninguém vai desafiá-lo. Por isso é mais fácil trabalhar com mulheres em nossos programas. Os homens têm mais medo de repensar esse modelo. Quando trabalhamos com grupos de homens, vamos mais devagar na abordagem. A mulher está mais acostumada a compartilhar o poder ou a nem exercê-lo. (Esther PÉREZ, 2001)

Uma diretora de Salvador, supercorajosa, viu um menino armado dentro da escola. Foi andando devagar, na frente dele, com a mão estendida, dizendo: “Estou chegando, deixa a arma no chão”. O garoto colocou a arma no chão e saiu da escola. Depois de 15 minutos, os traficantes entraram – queriam saber o que aconteceu. A diretora explicou e o sujeito vira para ela e diz: “A partir de hoje, não entra arma aqui e você não vai mais ter problema”. Ela foi categórica: “Essa escola é minha. Você pode até mandar lá fora, mas aqui dentro quem manda sou eu”. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

Podemos conceber uma árvore capaz de corrigir-se a si mesma? Não ignoro que há autores que trabalham longamente sobre o texto, que desenvolvem, encurtam, intercalam. Não é o meu caso. Avanço devagar, com a preocupação de não deixar pontas soltas, e isso permite-me manter sempre “esticado” o fio narrativo. De todo o modo, não devemos esquecer que o texto é inseparável do momento em que é escrito. Há muito de aleatório no que se escreve. (José SARAMAGO, 2003a)

Estamos caminhando devagar [com a inclusão de alunos com deficiência no Brasil]. O maior problema é que as redes de ensino e as escolas não cumprem a lei. A nossa Constituição garante desde 1988 o acesso de todos ao Ensino Fundamental, sendo que alunos com necessidades especiais devem receber atendimento especializado – preferencialmente na escola –, que não substitui o ensino regular. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2005)

Nós precisamos estar prontos para trabalhar durante décadas. É um processo muito devagar, porque há muitas pessoas envolvidas, substituindo os velhos hábitos. [...] O presidente Lula refletiu sobre o progresso de mudanças educacionais no país, e disse que nós precisamos de, pelo menos, 20 anos para remediar o que há de errado no sistema. Eu acho que ele está certo, mas isso não é um incentivo para os professores. (Boudewijn van VELZEN, 2006)

Aprendi a não aceitar vitórias morais ou derrotas imorais. Se eu quero levar adiante aquilo que creio, tenho de inventar uma estratégia. Por isso, digo às pessoas que querem fazer diferente: vão devagar. Grandes metas, pequenos passos. O maior inimigo do professor é o professor. Vi muitos projetos serem destruídos por comodismos dos outros. (José PACHECO, 2007)

Educação é feita de processos lentos: desenvolvimento biopsicológico, socialização, comunicação. E é um projeto de longo prazo. Dizem os pedagogos de hoje que a educação, se não é permanente, não é educação. Seria um mero treinamento. A educação especial, a educação das pessoas com deficiência é o campo de minha atenção maior, é a aposta de minha vida. E as pessoas com deficiência me ensinaram que o bom e o melhor se constroem devagar. (Flávio ARNS, 2009)

A educação devagar compreende que parte do aprendizado mais valioso não pode ser medida por provas, gráficos ou quadros. Ela deixa espaço para um pouco de competição saudável, mas não transforma o ensino em uma corrida até a linha de chegada onde o vencedor leva tudo. Ela dá às crianças tempo abundante fora da sala de aula para descansar, refletir e processar o que aprenderam na escola. [...] Ela cria cidadãos completos e equilibrados, e não robôs que passam em provas. (Carl HONORÉ, 2011)

Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 16% dos entrevistados afirmaram ler muito devagar; 7% não compreendem o que leem; 11% não têm paciência para ler; 7%; não têm concentração. São índices muito altos, que indicam deficiências no processo educacional desses entrevistados. Essas deficiências são referendadas por informações como os resultados de língua portuguesa da Prova Brasil, que avaliam o desempenho dos alunos do 4º e 8º anos. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

Os estudos sobre gestão da sala de aula revelam que professores chegam a perder mais de 50% do tempo útil de aula com aquilo que chamam de “estratégias de sobrevivência”, que vai desde o se atrasar na sala dos professores, ir bem devagar para a sala de aula, fazer a chamada bem lentamente, terminar a aula um pouco antes, tudo para “gastar” o tempo e evitar o conflito. Também se computa nas estratégias de sobrevivência o tempo que é gasto chamando a atenção do aluno, dando “sermão” para a classe, propondo atividade em grupo “só para poder respirar um pouco” etc. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

As faculdades e universidades são espécies de dinossauros, movimentam-se muito devagar e não conseguem assimilar as mudanças, no Brasil e no mundo. A formação dos professores vai ficando sempre um pouco defasada. O professor deveria ter uma formação básica muito ligada às didáticas específicas, não tanto aos conteúdos, porque se presume que, se chegou até aí, trata-se de uma pessoa bem formada, que sabe estudar. (Eladio Sebastián HEREDERO, 2015)

Penso que as novas tendências educacionais de qualidade serão orientadas cada vez mais a planejar atividades que exijam tempos longos, trabalhando, por exemplo, por projetos [...]. A face oculta da aprendizagem é o esquecimento. Sem transformá-lo em uma equação matemática, podemos dizer que aquilo que se aprende muito rapidamente tende a ser esquecido também muito ligeiro, e o que

se aprende mais devagar costuma ser esquecido de forma mais lenta ou difícil. (Juan Ignacio POZO, 2015)

É tão importante manter o foco no desenvolvimento humano, de si próprio, do outro aluno e do outro colega. Valorizar todos os ganhos, não ser soberbo. Por vezes, os alunos aprendem muito, muito pouco e bem devagarinho. Mas o que aprendemos nós, professores, com isso? Que aprendemos sobre o aluno, sobre nós próprios, sobre o mundo que habitamos? O que está ao nosso alcance, o que podemos fazer? Manter a esperança e a fé na educação. (Ana Paula SILVA, 2019)

URGÊNCIA

Antes de mais nada deve pensar a Educação como uma perspectiva de superação da pobreza do país. A gente deve ter uma mentalidade de que a Educação é um investimento e não uma despesa para o Estado, na medida em que ela pode ajudar tanto no avanço tecnológico como no desenvolvimento de todas as tarefas da sociedade. Depois, é preciso pensar a Educação com urgência, assumindo a questão como prioridade nacional. (Lia ROSENBERG, 1987)

Os professores não estão pedindo nem o necessário para exercer uma atividade sadia. Eles estão sendo modestos nas suas reivindicações. Porque, para fazer um bom trabalho profissional e preservar a qualidade do ensino, seria preciso que o professor pudesse sustentar sua família sem ter um segundo emprego, dedicando todo o seu tempo de trabalho àqueles alunos para os quais dá aula. Para isso, é urgente que ele receba um salário pelo menos igual ao que está pedindo hoje. (Anna Bernardes da Silveira ROCHA, 1988)

O que dificulta as coisas, e isso no mundo todo, é que nós professores, em todos os níveis, inclusive no nível universitário, trabalhamos sempre “em urgência”. Um professor tem mil alunos, mil coisas para resolver, tem que seguir um programa, está sempre correndo de um lado para outro, etc. Eu acho que às vezes é necessário, não digo parar de ensinar, mas é preciso às vezes resistir à urgência, tomar tempo para olhar, escutar. Estamos sempre com tanta pressa, que acabamos por não ver mais as pessoas que nos rodeiam, sem tempo para ouvi-las. (Bernard CHARLOT, 1996)

A gente sabe que precisa de mais quadros com formação universitária para cargos de maior valor agregado, de gerência e chefia. Mas precisamos de forma mais urgente de uma força de trabalho, de chão-de-fábrica, de prestação de serviço, do básico da economia que esteja muito mais qualificada. [...] Não adianta você ter 5% ou 10% de pessoas altamente qualificadas, porque nem elas vão conseguir trabalhar num nível mínimo de competência, que gere um nível mínimo de competitividade, se as pessoas ao redor não estão preparadas e qualificadas. (Gustavo IOSCHPE, 2005)

Se você observar as pesquisas sobre a educação pública no Brasil, há claramente dois estrangulamentos: a passagem da 1ª para a 2ª série e depois da 5ª para a 6ª – quando os alunos deixam o regime de professor único e passam a ter um professor para cada disciplina. Mas o gargalo mais estreito é mesmo o inicial. A urgência maior é trabalhar as séries iniciais, porque a alfabetização é um processo complexo e demorado e alguns alunos precisam de mais tempo do que outros. (Elba Siqueira de Sá BARRETTO, 2006)

É um dever urgente pensarmos muito mais sobre o que é uma educação de qualidade, o que queremos em nossos países, como olhamos para os nossos futuros cidadãos. E não pensar só em coisas mecânicas que as crianças não podem cumprir, por conta da má qualidade de educação ou outras questões relacionadas à pobreza. Há muitas empresas interessadas na qualidade da educação, mas que se referem a esta questão apresentando números de jovens que entram em suas empresas sem capacidade de fazer as tarefas que querem. (Richard HARTILL, 2006)

Embora o país tenha sido signatário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ela só se divulga no Brasil a partir dos anos [19]80. A população brasileira e muitos professores sequer conhecem. É preciso que conheçam. E, ao conhecer, que passem a lidar com ela como algo mais que uma Declaração, como outra forma de olhar para o mundo. Quando digo que é preciso reeducar os professores não é só no campo dos direitos humanos, mas pela própria urgência da construção do conhecimento. (Solon VIOLA, 2006)

Temos urgência na educação brasileira de profissionais que tratam com profissionalismo as questões do aprendizado, da relação com o aluno, da interação com a instituição em que trabalha, com os colegas e que promovem e buscam o seu aperfeiçoamento, bem como sua qualidade de vida. Há aqueles, por exemplo, que não estão alinhados com a filosofia da escola, que não se atualizam, tornando-se rígidos; não se resolvem enquanto pessoas no sentido de dar conta de suas questões. (Luiza RICOTTA, 2007)

Precisamos com urgência não tanto analisar cientificamente nossas crianças e nossos adolescentes, mas compreendê-los mais pessoal e amorosamente. Saber a fundo quem são, como se sentem e como pensam. Compreender em que mundos vivem e imaginar com eles em que mundo provavelmente viverão. Parar de perguntar instrumentalmente o que precisa aprender uma menina da 5ª série para ser promovida para a 6ª e começar a perguntar o que deve conhecer e saber uma menina de 9 anos para viver plenamente a experiência irrepetível de ter... 9 anos. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Faz-se urgente o investimento em campanhas nos meios de comunicação de massa e outras estratégias que sensibilizem a sociedade, questionem preconceitos e elevem a qualidade do debate público sobre o modelo prisional de que o Brasil necessita. Nesse sentido, é fundamental investir em ações que possibilitem o maior contato da sociedade com o ambiente prisional, desmistificando-o, quebrando seu isolamento. (Denise CARREIRA, 2009)

O primeiro momento [da formação do professor] corresponde à entrada num curso que habilita para a docência. O atual processo, burocrático e administrativo, não faz qualquer sentido. É urgente introduzir um recrutamento mais individualizado, que permita perceber as inclinações e as disposições de cada um para se tornar professor. E é preciso criar as condições para que os melhores alunos do ensino médio escolham a profissão docente. Ser professor não pode ser uma segunda escolha. (António NÓVOA, 2010)

Os professores tendem a ensinar da maneira como eles próprios foram ensinados, e não da maneira como lhes ensinaram a ensinar! Um professor transmite saberes, ou melhor, favorece a construção de saberes na mente dos aprendizes. Para ensinar de modo eficaz, não basta dominar intelectualmente esses saberes; é preciso ser capaz de mobilizá-los em situação, de integrá-los às rotinas diárias e, ao mesmo tempo, de reagir adequadamente em situação de urgência. (Monica GATHER-THURLER, 2012)

Uma recente pesquisa realizada pela Universidade de Michigan, Estados Unidos, constatou que crianças de 7 e 8 anos que passaram de cinco a dez horas por

semana brincando ao ar livre demonstraram possuir mais imaginação, curiosidade e criatividade, bem como maior apreço pela natureza e uma consciência maior da necessidade de proteger o planeta. Esses dados mostram com eloquência que nossas crianças e jovens precisam de atividades ao ar livre e que a escola deve engajar-se, com urgência, na sua promoção. (Tânia Ramos FORTUNA, 2016)

É imprescindível e urgente passar de um currículo enciclopédico, fragmentado em disciplinas, comprimido e abstrato, de quilômetros de extensão e milímetros de profundidade, para um currículo organizado em torno de casos, situações, problemas e projetos – fenômenos, como são denominados na Finlândia. Um currículo tão extenso, fragmentado e desconectado dos problemas reais só levou à aprendizagem efêmera e superficial, mnemônica. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

Penso ser preciso formular, com urgência, uma política para a juventude, que envolveria a qualificação do ensino médio, trabalho e/ou atividades de encaminhamento profissional e cultura. Os jovens estão saindo perdidos dessa fase e a reforma do médio está inexplicavelmente parada no MEC. Estamos atrasadíssimos nisso: a criação de uma política de juventude, articulada com trabalho e cultura. Jovens pobres estão morrendo, sendo assassinados. É preciso dar um basta nisso com urgência. (Maria Alice SETUBAL, 2019)

HÁBITO

A escola não está preparada para criar nas crianças o hábito de ler. Aliás, a escola não está preparada para a mágica da leitura. E eu acho que a tônica da escola deveria ser a leitura, num trabalho que fizesse do hábito de ler uma coisa tão importante como respirar. Quando as crianças descobrem o quanto é bom ler, elas ficam loucas. A relação com um livro é visceral, tem sabor, o que não acontece com a TV. O vídeo é asséptico, iluminado, desumano. (ZIRALDO, 1988)

A ideia é que os alunos aprendam a produzir e a consumir o que eles mesmos plantaram. Esses hábitos, por exemplo, começaram a ser levados para dentro de casa. Em decorrência disso, surgiram as primeiras áreas de comercialização, sempre com a participação dos pais. Essas feiras livres não existiam nessas comunidades. Surgiram também os primeiros trabalhos em forma de mutirão, com a participação dos alunos, que faziam trabalhos para preservar a escola. (João Cariello de MORAES FILHO, 1998)

Toda avaliação deve ser presencial e acontecer em diversos períodos do tempo de estudo, com uma prova final. Caso contrário, o que irá acontecer é uma simples venda de diploma, porque a entidade promotora não terá um controle de que o aluno que realmente estudou é o mesmo que está realizando os exercícios, as provas. Até porque o hábito consumista da internet pode confundir um pouco as coisas. Hoje em dia podemos comprar de tudo pela internet – até diploma, pensarão os mais afoitos. (Arnaldo NISKIER, 2000)

Acontece que a maioria [dos acadêmicos] tem medo. Eles têm de mudar seus hábitos e ser mais pedagógicos. Eles geralmente dominam seu assunto, alguns fazem o esforço da pedagogia, mas não a maioria. Eu me lembro de meu vice-reitor olhando para minhas ferramentas, alguns anos atrás: “Sr. Frasson, o senhor está definitivamente no caminho certo do futuro, mas como posso convencer meus 8 mil professores da Universidade de Montreal a mudarem de atitude?”. (Claude FRASSON, 2003)

A minha preocupação é de que a pessoa não vive só de alimento para o corpo, é muito importante ter o alimento para a alma. Nós tivemos acesso à leitura, tivemos a oportunidade de comprar livros, meus filhos têm. Mas muitas crianças das periferias não leem, até porque não criaram o hábito de ler, porque não têm acesso a um livro. (Antonio GOULART, 2003)

[Jean] Piaget sugere que passar de um estágio implica deixar o outro para trás. Agora sabemos que as coisas não acontecem assim, já que os processos originais de aprendizagem permanecem. Isso tem vários significados. Um deles é que, assim como trazemos conosco velhos modos de aprender, hábitos arraigados, também podemos transformá-los e desenvolver novos caminhos. Por isso, o pensamento de Vygotsky é estimulante, pelo valor que atribui ao meio ambiente no processo de aprendizagem. (Guy CLAXTON, 2006)

Minha visão sobre os líderes é que, muitas vezes, eles tentam mudar o comportamento das pessoas, quando o importante é mudar o seu pensamento. Não adianta mudar o comportamento sem transformar o pensamento. Quando mudamos simplesmente um hábito, em pouco tempo voltamos a fazer o que

fazíamos antes, porque nosso pensamento não mudou. (Howard GARDNER, 2006)

Mesmo ele [o lúdico] sendo um aspecto que perpassa toda a existência humana – todo mundo brinca e necessita dessa brincadeira, da criança ao idoso – esse comportamento é desprezado socialmente. Prova disso é que nós sempre fomos educados para o trabalho, mas não para o lazer, que sempre foi relegado a um plano secundário de valorização. A gente não tem hábito de valorizar esse tipo de comportamento. (Gisele Maria SCHWARTZ, 2007)

Nós, educadores, não gostamos nem temos o hábito de fazer planejamento estratégico. Porém, sem ele é impossível definir qualquer investimento a médio e longo prazos. Estabelecer metas claras e saber quanto custa para chegar até elas é fundamental para atingir um ensino de qualidade. E os educadores, qualquer que seja a função que ocupem, precisam começar a ter essa preocupação. (Cleuza REPULHO, 2008)

[É necessária a] construção de uma metodologia que leve em conta a especificidade dessa fase da vida [a juventude]. O ritmo é um deles. Enquanto o menino está a mil, o professor ainda está passando ponto no quadro. É inacreditável, mas professores do Ensino Médio ainda têm o triste hábito de passar ponto no quadro, fazendo com que os meninos fiquem a aula inteira copiando do quadro aquilo que o professor copia do livro! (Juarez DAYRELL, 2010)

Em geral, nós, professores, procuramos dar o exemplo com nosso comportamento, o que não é fácil, pois temos consciência de que somos observados o tempo todo. Porém, há temas que fazem parte do currículo oculto da escola sem que se tenha consciência disso e que alimentam maus hábitos em nossos alunos. Por exemplo, quantas escolas que ensinam questões ambientais descuidam dos desperdícios de energia elétrica? (Rafael YUS, 2010)

As condições de vida atuais são muito difíceis, especialmente pela dificuldade de deslocamento nas grandes cidades. A cada curso de formação que dou, sempre levo os alunos a esses espaços de arte e, com muita frequência, eles levam suas famílias depois. Penso que é fundamental mostrar o caminho para romper a inércia, romper com o círculo vicioso, mostrando novas possibilidades, para criar novos hábitos, inclusive de lazer. (Ana Angélica ALBANO, 2013)

Nossa língua é uma fonte inesgotável de produção de frases e de encontro de palavras, coisas que só são descobertas pelos pequenos quando temos o hábito de ler muitas histórias para eles. A partir de então, a linguagem começa a se transformar em uma companheira para toda a vida, possivelmente a única que estará sempre à disposição para falar, escutar, sonhar, fantasiar. Por meio dela, é possível colocar dentro de si harmonias e significados diferentes, elaborando um capital psicológico que poderá ser acessado em muitos momentos. (Evelio Cabrejo PARRA, 2013)

Acho até que, além de não terem o hábito da leitura prazerosa doméstica, informal, os professores não têm nem tempo ou disposição para tentar descobrir ou recuperar esse hábito. Portanto, é uma questão que me parece fundamental:

cuidar dos professores. Aumentar salários, melhorar sua formação, aliviá-los de cargas inúteis, aproximá-los das bibliotecas. (Miguel SANCHES NETO; Felipe BELÃO; Luís Henrique PELLANDA, 2014)

A exploração e a resolução desses problemas, em níveis cada vez mais complexos de pensamento matemático, permitem que seja atingida a abstração adequada ao nível de desenvolvimento cognitivo, social e cultural dos alunos. Uma das consequências é que eles tendem a se interessar naturalmente pela matemática propriamente dita, adquirindo o hábito de pensar matematicamente em face de situações diversas e extraescolares. (Antônio José LOPES, 2015)

SURPRESA

Estamos constantemente nos avaliando, sendo avaliados, avaliando os outros. É uma atividade social essencial. O problema consiste em como fazê-la corretamente. Avaliamos, antes de mais nada, sob o mero pretexto de avaliar. É o que acontece quando os alunos estão agitados e o professor faz uma prova-surpresa para os acalmar. O que me parece essencial, no entanto, ainda é saber em que consiste uma avaliação. Seus mecanismos são quase sempre os mesmos. Há uma certa universalidade nisso. (Charles HADJI, 2001)

Quando a escola é um lugar onde tudo está claríssimo, sem perguntas e sem surpresas, o máximo que se consegue formar é o que disse o artista Oteiza: “crianças de granja” – como os frangos produzidos em série. A escola não pode querer prever tudo o tempo todo, porque agindo assim esquece algo fundamental – muitos dos grandes momentos educativos se produzem ao acaso. A escola precisa aprender a permitir que esses momentos ocorram. Sem surpresa e sem interrogação não existe educação, existe apenas transmissão de conhecimento. (Eulàlia BOSCH, 2002)

Creio que todos, inclusive os jovens, se interessam por problemas filosóficos, ainda que não saibam disso. Nunca conheci alguém que não gostasse de discutir e pensar sobre a liberdade, de tentar entender o amor, de procurar saber o que é o tempo e como é nossa relação com ele. A surpresa está em apontar que é justamente disso que se ocupa a Filosofia. (Fernando SAVATER, 2002)

Há quatro anos, estive hospedada durante um mês no hotel que serve ao Hospital da Criança, em Boston, nos Estados Unidos. Tanto o hotel quanto o hospital, como acontece com os nossos, dispunham de computadores conectados à rede mundial. Qual foi a minha grande surpresa? A maioria dos funcionários não sabia usá-los! Era preciso sempre aguardar aquele que tinha a competência para utilizá-los em seus serviços. (Léa FAGUNDES, 2003)

Não deveríamos nunca ter testes-surpresa. Diga a eles [alunos] a data, liste os objetivos curriculares que serão avaliados, avise que o teste vai consistir de 25 questões de múltipla-escolha e cinco questões abertas. Então eles sabem o que é esperado deles. Porque, se você não faz isso, eles não estarão preparados, eles não vão mostrar o melhor que podem fazer. É por isso que muitas vezes os estudantes têm uma conotação tão negativa a respeito de testes – porque muitas vezes eles não são justos. (Dale ARMSTRONG, 2004)

A ideia do ProUni, por exemplo, nunca foi discutida pelo PT. Nem por nós. Pegou todo mundo de surpresa. E a reforma universitária é eminentemente sindical. São as bandeiras velhas deles. Tanto é que nenhum dos temas mais importantes da academia hoje é tratado: ensino a distância, formação de professores para o ensino básico, flexibilização. É um projeto velho, fruto de discussões dos anos [19]60 e [19]70. (Paulo Renato SOUZA, 2005)

Há dois fatores a considerar: primeiro, as transformações sociais são cada vez mais rápidas e mais profundas, exigindo do profissional a capacidade de aprender a aprender. O segundo é o acesso rápido e fácil às informações, que permite ao cidadão uma interação social contínua e atualizadora. O professor, em seu

planejamento, precisa levar sempre em conta a possibilidade de encontrar alunos com conhecimentos prévios aos quais ainda não teve acesso. É o fator-surpresa na ação docente. (Vasco MORETTO, 2007)

Falemos de leitura: [a constatação] do que o aluno típico brasileiro não consegue é surpreendente. Gosto de me referir ao SAEB, que usa um poema de Manuel Bandeira, *Porquinho-da-Índia*, que só é entendido por cerca de 20% das crianças de 4ª série. Quando alguém minimamente culto, que conhece o poema, verifica que, depois de quatro ou cinco anos na escola, a criança não entende uma expressão artística tão bonita, de fato é uma surpresa. (José Francisco SOARES, 2007)

Não tenho conhecimento de outro país que tenha aprovado uma lei educacional como a Lei nº 10.639 [sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras]. Recentemente, tivemos uma conferência internacional em Salvador, e a maioria dos representantes dos países africanos presentes ficou muito surpresa com a nossa legislação. Pesquisadores norte-americanos me disseram que nós conseguimos algo que eles ainda não conseguiram. O Brasil inovou ao fazer a lei. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Uma terceira área imprescindível é aprender a trabalhar com famílias. Não sei como será no Brasil, mas na Espanha não se dá muita importância a esse “conhecimento”. E os profissionais, quando se iniciam na função, constataam com surpresa que, nessa etapa [educação infantil], não se trabalha apenas com crianças, mas que o trabalho com as famílias é igualmente essencial. (Gema PANIAGUA, 2008)

Em relação ao conhecimento da natureza, quase nada é feito [nas escolas de educação infantil]. Observação de plantas, animais, livros com figuras da natureza, do corpo humano são inexistentes na maioria dessas instituições. Não se trabalha o desenvolvimento da criatividade na área de arte e música, o que foi uma surpresa porque, na nossa cultura popular, a música é importante. (Maria Malta CAMPOS, 2010)

Queremos colocar o indivíduo em situações reais, em uma escola real, com um diretor-mentor dizendo “ok, agora você precisa resolver isso”, ou “o que você poderia ter feito?”. Novamente, a pessoa está aprendendo e precisa ser capaz de ser flexível o suficiente para se imaginar nessas situações que vão pegá-la de surpresa um dia. Porque a vida de um diretor de escola é assim: não dá para planejar quando você vai precisar falar com uma pessoa. É preciso reagir imediatamente e saber o que fazer. (Irma ZARDOYA, 2012)

Escolas e governos tomam decisões cotidianamente sobre o tamanho da turma, o currículo que será usado ou o tipo de treinamento dado aos professores. Tudo isso consome recursos. A questão é se essas iniciativas se transformarão em bons resultados para os alunos. A ideia da educação baseada em evidências é fazer avaliações que trarão evidências sobre os efeitos, em particular, de uma ou outra política. Muitas vezes há surpresas: muitas intervenções que pareciam boas na verdade não são. (Richard MURNANE, 2013a)

As manifestações de junho do ano passado [de 2013] pegaram todos de surpresa: governo, oposição, imprensa e até os serviços de inteligência. Não se chegou a acordo quanto à interpretação das manifestações. Parece-me, no entanto, que três características estavam presentes: foram inesperadas; feitas, sobretudo, por jovens; eram protestos contra políticos, políticas públicas e a política em geral. Pelo que se apurou, foi grande a presença de estudantes, sobretudo do ensino médio. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

São cidadãos invisíveis, tanto as mães quanto os recém-nascidos. As pessoas se chocam mesmo. Certa vez, fui a um grupo quando meu filho tinha dois meses. Quando saímos do evento, resolvemos comer um lanche na padaria. Eram dez mães com bebês bem pequenos, a maioria tinha só um mês. Lembro até hoje de como as pessoas olhavam. Não era um olhar ruim, mas de surpresa, pois não estão acostumadas mesmo. Pensando nisso e em todas as outras coisas, por que não trazê-los para o museu? (Paula Hilst SELLI, 2014)

MEMÓRIA

Educação é tudo que se junta à nossa memória original, aquela que temos ao chegar ao mundo. São as outras notícias dos homens, da natureza, do tempo. Tudo isso forma um acervo que cada um organiza. Se passamos 50, 60 ou 100 anos organizando esse acervo e tudo o mais de uma vida rica de possibilidades, e depois transmitimos isso tudo para os outros, esse conhecimento não é particular, é de todos. Bebemos do mundo e passamos para o outro. (Ailton KRENAK, 1990)

Existe essa coisa do lastro cultural presente. As pessoas têm que saber o que é “voto de Minerva” e “justiça salomônica” para poder conversar. Senão fica impossível até contar piada. Acho que Shakespeare deve ser lido; podem até não gostar, mas têm de ler, porque não se trata apenas de uma questão de gosto, é antes a necessidade de compor a memória cultural de um país. (Sírio POSSENTI, 2001)

As sociedades orais não têm historiografia, porque ela nasce com a escrita. [...] Para essas culturas orais, a memória é responsável pela manutenção da ordem social. Assim como, para nós, o real é algo que passa pelos documentos e pelos registros escritos, para esses povos, sua sociedade não existiria se não fosse pelo exercício da memória, através da prática de recitar suas histórias. A memória tem então o papel fundamental de ordenar a experiência daquela gente. (Miguel MOREY, 2002)

Há um provérbio chinês que diz o seguinte: mostre-me alguma coisa e eu esquecerei; conte-me alguma coisa e eu começarei a me interessar; envolva-me em alguma coisa e eu aprenderei. Como demonstra a psicologia cognitiva, nós temos dois tipos básicos de memória. Um deles é a memória superficial, que usamos para guardar pequenas tarefas – um número de telefone, por exemplo – e logo esquecemos. Quando o estudante não está motivado, somente esse tipo de memória é ativada. (Claude FRASSON, 2003)

O erro das escolas ativas, modernas, muitas vezes foi condenar essa memorização. Ela é, sim, importante, pois na vida há coisas que temos que saber de memória. Cada profissão tem as suas. Os geógrafos precisam saber das capitais dos países, das formações rochosas. Os matemáticos de fórmulas de calcular. Os médicos de conceitos básicos da constituição dos seres humanos, e assim por diante. Independentemente da linha pedagógica da escola, avaliações periódicas são a melhor forma de testar a memória, pois exigem estudo. (Antoni ZABALA, 2004)

É verdade que talvez não seja essencial saber quantos ingleses e quantos franceses morreram na Batalha de Azincourt, mas a significação da Batalha de Azincourt é importante. Se você acha que a Batalha de Azincourt aconteceu na Rússia durante a Revolução de Outubro, vai ser complicado pensar na sua significação. Por outro lado, o esforço de memória para se lembrar de quando foi Azincourt é facilitado caso você se apaixone pelo que aconteceu naquele momento. Essas duas coisas andam juntas. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

Se eu fizer o vestibular, eu não passo. Se os reitores e professores das universidades fizerem o vestibular, eles não passarão. Se os professores dos cursinhos fizerem o vestibular, eles não passarão. Porque esqueceram? Porque têm memória fraca? Não, porque têm memória inteligente, aquela que sabe esquecer aquilo que não faz sentido. Então, tudo aquilo que é supostamente ensinado durante anos, passado o vestibular, é imediatamente esquecido. (Rubem ALVES, 2009)

Os museus, como os conhecemos, nasceram em grande parte no século XIX, dentro de um espírito imperialista e de colecionismo. Os museus europeus e americanos fizeram um intenso trabalho de saquear a memória das sociedades ancestrais do mundo inteiro para formar suas enormes coleções. Juntavam-se artefatos e obras de arte e se criava uma instituição que os preservasse e os usasse. Dessa maneira, criaram-se museus que não têm como proliferar dentro do contexto em que vivemos hoje. (Marcello DANTAS, 2009)

Está claro para mim que a cibercultura é uma tecnologia da memória. Pode ser a memória de curta duração, como a que é acumulada por um grupo em interação. Mas pode ser também a memória de longa duração, como a das gerações passadas que nos foi legada. E essa pode ser uma ocasião extraordinária para nos reapropriarmos dessa memória. (Pierre LÉVY, 2010)

O professor conhece muito de habilidades visuais, de conceitos visuais, mas pouco da parte de movimento. Por exemplo, memória cinestésica, que é a memória de movimento, é a principal responsável pelo sucesso da criança em conseguir preencher uma resposta, copiar do quadro, porque para cada letra que você vai traçar, em teoria, a memória do movimento dela [da letra] já deve estar internalizada. (Raquel MOMM, 2012)

Todos nós aprendemos nosso idioma nativo sem esforço, porque a exposição precoce a ele na vida literalmente seleciona os circuitos neurais para aqueles sons e sintaxe específicos. Cada um de nós fala seu idioma nativo desde onde alcança sua memória, e esse idioma também molda a maneira como pensamos sobre as coisas. Parece instintivo, mas não o é, pois cada um de nós seria fluente em outro idioma se fôssemos criados com ele desde o nascimento. (Lise ELIOT, 2013)

As crianças ficam preocupadas em anotar tudo, pois sabem que, se não anotarem, provavelmente esquecerão o que foi explicado. Com os recursos atuais não é preciso anotar ou ficar apreensivo para captar tudo naquele único momento, pois é possível ter acesso àquele conteúdo quantas vezes for preciso e quando quiser basta acessá-lo para refrescar a memória. É como se o quadro-negro nunca fosse apagado. (Salman KHAN, 2013)

A memória, desde sempre um objeto privilegiado da filosofia, é hoje objeto de uma atenção pluridisciplinar. [...] O pensamento científico recente costuma sublinhar o caráter seletivo e reconstrutivo dos processos mnêmicos. Ainda que às vezes conserve nos seus modelos a metáfora agostiniana da memória como depósito, o pensamento contemporâneo tende a concebê-la como um conjunto de atividades e como pluralidade interrelacionada de funções. Disso não se pode prescindir. (Mauro MALDONATO, 2013)

Trata-se de uma demanda sobre aquilo que é a matéria-prima, digamos assim, do processo de ensinar e de aprender. Isto é, como formar novas memórias e como ampliar as memórias de longa duração para apreender os conhecimentos que fazem parte do currículo da escola. As memórias de longa duração são aquelas, como o próprio nome diz, que se mantêm por longos períodos de tempo, talvez pela vida toda. Toda vez que vejo uma proposição matemática, por exemplo, 4×5 , imediatamente me recordo que o resultado é 20. (Elvira Souza LIMA, 2015)

O [escritor japonês Yukio] Mishima diz uma coisa muito bonita, algo como: “o desejo de ver o caroço da maçã sem cortar a maçã”. Você nunca vai ver o caroço dentro da maçã. O paraíso é sempre uma memória de paraíso. Mas tenho a impressão de que você pode reviver de novo. Aquilo pode te dar um estado de alegria, de êxtase, enquanto lembrança. (Beatriz BRACHER, 2017)

COTIDIANO

O que propomos, então, é que pelo menos nesses anos de escolaridade essas crianças sejam instrumentadas para continuar, mais tarde, aprendendo por si, para que se tornem autodidatas. [...] A alfabetização não pode ser um fim, mas um meio. O importante é ensinar a ler e a escrever para que a pessoa use esses instrumentos em sua vida cotidiana. E não só para ser um trabalhador mais completo, mas para viver melhor em todos os sentidos. (Sara PAÍN, 1993)

Um educador brasileiro trabalhou na antiga URSS, inclusive depois da queda do muro de Berlim, e uma vez visitou uma escolinha no fim do mundo, na fronteira com a China. Descobriu que a escola existia desde o início do século, tinha passado pela Revolução de 1917, vivido todo o regime socialista, a queda do muro de Berlim, e continuava igual. Uma das poucas estruturas que se manteve bem com a queda do muro, nos países da antiga URSS, é a educacional. Seu cotidiano tem um peso terrível. (Guiomar Namó de MELLO, 1998)

Um educador crítico, por exemplo, estará sempre consciente de como o contexto histórico e social de um indivíduo o ajudará a moldar sua visão de mundo. No mundo cotidiano dos professores, os discursos legitimados sutilmente dirão a eles que livros devem ser lidos pelos estudantes, que métodos institucionais devem ser utilizados e quais os sistemas de crenças, definições de trabalho, cidadania e visões de sucesso podem ser ensinados. (Joe KINCHELOE, 1999)

O problema é aprender a pensar e tirar lições do cotidiano. A aula deve ser um exercício baseado nisso o tempo todo. [...] O aluno sai da escola depois do ensino médio e fundamental e não sabe fazer conta de porcentagem, não sabe calcular a velocidade média, não sabe calcular se uma lata de óleo de 500 ml é mais barata ou cara que uma de 900 ml. A escola deveria ter ensinado isso. Se não ensinou, por quê? E costuma-se discutir só em cima da língua, como se no resto a coisa estivesse bem resolvida. Não está. (Pasquale CIPRO NETO, 2004)

É necessário entender, ainda, como a arte se desenvolveu no decorrer da história. Entrar em contato com as novas linhas de pensamento da contemporaneidade. Estamos falando de algo ainda não digerido, que está acontecendo agora, de um trabalho que tira o chão e coloca para pensar. Esse é o encantamento, o cotidiano da vida. A sala de aula não apresenta lugar seguro. O tempo todo levanta questões. O que a gente não sabe está em movimento, faz evoluir, conhecer mais, nos mantém vivos. (Stela BARBIERI, 2006)

Paulo [Freire] foi um filósofo do cotidiano, do óbvio. Veja que coisa simples ele pensou: se não existe o analfabeto oral é dessa sabedoria que nós temos de partir, porque todos sabem melhor aquilo que já fazem, que já dominam. Quando a gente sabe alguma coisa (e todos sabem), aprender coisas novas sobre o já conhecido é uma tarefa mais simples. Daí a necessidade de se trabalhar com as palavras que pertencem ao uso cotidiano daquele determinado grupo. (Nita FREIRE, 2006)

Com uns 3 ou 4 anos, o interesse dela [da criança] começa a mudar para os desenhos dos livrinhos de história e, pouco depois, ela vai querer ler sozinha e, conseqüentemente, vai querer aprender a ler o mais rápido possível,

inconscientemente. Essa é a hora de ensiná-la a escrever seu nome, do amiguinho, da mamãe, do papai, da Coca-Cola, do chocolate, do McDonald's e coisas que fazem parte do cotidiano dela. (Silvia Gasparian COLELLO, 2007)

Se você perguntar para alguém como foi sua vida de estudante, acho que ele vai lembrar mais das relações que teve na escola, das dificuldades, das perseguições, se era bom ou mau aluno, e o que isso representava para o grupo. Eu me lembro do meu cotidiano [na escola] ali dentro no que diz respeito à minha relação com professores e alunos. Quase não me lembro da minha relação com o conteúdo. (João JARDIM, 2007a)

Tomei as letras de Chico [Buarque] porque elas ofereciam essa representatividade numérica, isso me garantiu “passear” por diferentes períodos da história do Brasil, e também porque as letras tratam de inúmeras temáticas que povoam nosso cotidiano. [...] As letras dele possibilitam não apenas abordar aspectos relativos à língua portuguesa, na sua versão brasileira, mas, sobretudo diferentes elementos culturais que a língua veicula. É nisso que está a complexidade, nessas informações implícitas. (Lúcia Maria BARBOSA, 2009)

As crianças e os jovens devem ser envolvidos ativamente em suas aprendizagens, para tomarem parte ativa do processo. Isso é muito fácil de se dizer. Todo mundo fala isso e depois ninguém discute como se faz. Para que esse processo de fato funcione, é necessário um investimento pedagógico alto e também um investimento político na formação dos professores. Outra medida essencial é o apoio àquilo que se passa na sala de aula. São fatos do cotidiano os principais instrumentos para o processo de ensino e aprendizagem. (Domingos FERNANDES, 2009a)

Um professor ou professora não pode, de maneira alguma, afastar o mundo digital do seu cotidiano, porque o mundo hoje tem isso. Nós transformamos átomos em bits e fizemos com que houvesse uma alteração do nosso modo de convivência. Desconsiderar isso é sinal de tolice. Também cair de braços sem reflexão é outro sinal de tolice. Nem *informatofobia* nem *informatolatria*. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

Se pudermos modificar o ensino de Ciências, torná-lo mais atrativo desde o início, podemos, sim, ter pessoas mais interessadas nelas no futuro. Porém, é essencial destacar que o objetivo da Alfabetização Científica não é formar engenheiros, físicos ou químicos, mas formar cidadãos conscientes. Ou seja, dar ao indivíduo condições para, depois de sair da escola, em seu cotidiano, ter a habilidade de tomar decisões que não sejam pautadas pelo gosto ou pelo valor moral, mas, antes, decisões orientadas pela investigação. (Lúcia Helena SASSERON, 2012)

Como no Brasil não há uma legislação sobre a formação pedagógica do professor universitário, podemos nos deparar com profissionais que fizeram graduação em Geografia, mestrado em climatologia e doutorado em outra área, mas nunca tiveram contato com a didática. Como, então, esses docentes vão fazer um trabalho de integração curricular, de compreensão do cotidiano da escola e dos processos cognitivos? A realidade é que muitos só conhecem o dia a dia da Educação de forma teórica. (Marisa VALLADARES, 2015)

O que se ensina nas salas de aula não deve ser decorado; deve ser entendido e anotado para seu uso ou aplicação fora da aula. O distanciamento do cotidiano é só para quem não quer saber o suficiente para entender o mundo em que vive. E quem não entende não poderia estar ensinando. Devemos melhorar muito a formação e o nível cultural e de informação de nossos professores, sem dúvida! O cotidiano inclui avanços enormes no conhecimento, todos eles facilmente compreensíveis se expostos de forma clara. (Iván IZQUIERDO, 2018)

Uma das lições aprendidas nesse longo processo de formação, experimentação e pesquisa é o da importância de uma “gramática pedagógica” para a práxis pedagógica cotidiana. [...] Aprender em companhia uma gramática pedagógica que institui no cotidiano o direito da criança a aprender em respeito e participação implica saber monitorizar o ambiente educativo nas suas diferentes dimensões e o cotidiano que ele institui. (Júlia OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2018)

REALIDADE

Realmente a televisão tem uma penetração enorme junto às crianças, porque ela substitui os pais e conta histórias que a criança quer ouvir. Com a TV a criança não depende de outra pessoa. Aperta o botãozinho e a imagem vem pronta. Mas o livro não precisa combater a televisão, porque eles não são inimigos. Importante é o papel dos adultos, que podem trazer a leitura para as crianças contando histórias, consolidando a fantasia, que é a maneira de a criança ver a realidade. (Regina ZILBERMAN, 1989)

Ele [o professor] atua como um educador, já que seu objetivo é ter alunos autônomos. Para nós, o educador é aquele que tem suporte para analisar a realidade e projetar sobre ela certos interesses que estimulam os alunos a querer conhecer mais. Ao contrário do que muita gente pensa, o ensino que parte da realidade da criança, do conhecimento que ela já tem, não é um ensino espontaneísta, no qual o professor é só figurante. (Sara PAÍN, 1993)

Os assuntos dominantes [nos livros didáticos] são os animais e as crianças. O interessante é que há sempre uma forte ruptura com a realidade. Os animais são sempre transformados em bonecos ou figuras de desenho animado. Os textos, em geral, tiram do animal a sua natureza animal, humanizando-o, mas de um modo que também não o torna humano. Ou seja, desvirtua-se o que é realmente o animal, que fica parecendo um bicho de pelúcia. (Magda Becker SOARES, 1994)

Temo que às vezes o professor proponha um problema que acha que está levando o aluno para a realidade, mas nada tem a ver com ela. Além disso, é necessário usar a Matemática que os alunos já trazem, fazendo com que posteriormente ela tenha um significado realmente matemático. Mas será que só devemos ensinar Matemática para aqueles que vão fazer uma transferência, ou seja, que vão usar os conhecimentos matemáticos aprendidos na escola para a prática cotidiana? Não. (Maria Laura Mouzinho Leite LOPES, 1998)

A nossa especialidade, a educação, é um problema diretamente ligado à ação. Que bom ser crítico toda uma vida, nada a impor. Que infelicidade estar no poder. É uma incapacidade de assumir uma posição de poder, que é uma posição de aceitar o erro, o erro da ação. Por sorte, na educação, somos obrigados a educar as crianças. Somos obrigados a ensinar todas as manhãs. Isso é uma sorte extraordinária, porque nos prende ao chão, à realidade concreta. (Jean HÉBRARD, 2000)

Levar uma obra de arte para a sala de aula significa ampliar as informações sobre o conteúdo estudado. Não é a biografia do artista que interessa, mas a pesquisa que ele fazia, o processo de criação, o que ele estava procurando discutir. A comparação com outros artistas, de tendências diversas, não deve ser feita para fazer apologia de uma corrente, mas para o aluno compreender diferentes fragmentos de um contexto. A arte não é o espelho da realidade. (Mirian Celeste MARTINS, 2002)

Isso é uma característica brasileira, o país tem uma tendência elitista. As coisas de ponta, que são relativamente menores, para um público menor, são mais fáceis de serem viabilizadas. Quando o atendimento é para a população como um todo,

as coisas são mais difíceis, têm menos atenção, menos prioridade. Está sendo feito um esforço para alterar isso, mas ainda é uma realidade. (Simon SCHWARTZMAN, 2002)

Existe um padrão de construção de escolas infantis, principalmente nas redes públicas, que não leva em conta clima ou realidade social. Numa realidade como a nossa, tão contrastante em muitos aspectos, isso é altamente pernicioso. Sei de experiências, por exemplo, de construção em aldeia indígena de escola infantil com altas paredes, janelas estreitas e prédios que não consideram o tipo de vida das crianças indígenas. (Maria da Graça HORN, 2006)

Uma das principais capacidades do ser humano é criar representações da realidade que o rodeia. Não existe uma realidade que independa do sujeito que a interpreta. Estabelecemos modelos dela e, assim, conseguimos atuar de acordo com eles e fazer antecipações. [...] [São] as da própria vida social, que incluem, por exemplo, como nos portar diante dos demais e o que esperamos que os outros façam. (Juan DELVAL, 2009)

Se a escola ouvisse esse menino e a sua comunidade para saber qual a cultura familiar, a cultura do lugar que ele mora... Não. Separaram educação de cultura, isso é um absurdo! Então a escola passa um conteúdo que não tem nada a ver com a realidade do menino. Você pega um livro paradidático que diz: “papai foi no supermercado, tirou as compras, botou o carro na garagem e a mamãe colocou as coisas na geladeira”. Caramba! O que um moleque da favela vai ler? Por que não coloca o que é real? (Dagmar GARROUX, 2009)

O que se deve perseguir nas aulas de Sociologia, por exemplo, é que os estudantes percebam que eles não são apenas resultados do meio social em que vivem, que isso é um processo histórico de acúmulos e contradições, e que eles também podem ser protagonistas das mudanças sociais. Agora, para que isso aconteça, seria recomendável começar com os próprios ingredientes da realidade na qual essa moçada vive. (Cesar CALLEGARI, 2010)

No Brasil há uma separação mais visível entre uma realidade mais científica, racional, de outra, mais mágica e simbólica. Em Moçambique, a realidade é dominada pelo imaginário rural, porque os africanos, mesmo quando são católicos ou muçulmanos, têm também essa outra religião, que não tem nome, mas que define sentidos éticos na vida. Eu tenho colegas que são cientistas, mas que, quando ouvem alguém dizer “nesta noite eu me converti em leão”, acham isso perfeitamente possível. (Mia COUTO, 2010)

[Professor reflexivo] é a pessoa que compreende a dialética entre a utopia e a realidade e espreita as oportunidades de transformação; é aquele que quer sempre saber mais, ser mais humano e agir melhor. É alguém que sabe observar a realidade com um olhar interrogativo sobre ela – e sobre si mesmo, nela inserido –, levantar questões, entregar-se a um processo dialético e ter vontade de agir em consonância com as suas reflexões. Enfim, é alguém que se pergunta: Por que sou professor? O que é para mim ser professor? (Isabel ALARCÃO, 2015)

Reformas curriculares não vão mudar a realidade da nossa educação. Precisamos de reformas na forma de encarar a educação no Brasil. Os professores merecem

respeito e melhores condições de trabalho, as escolas públicas precisam de muito investimento nas instalações físicas, nos materiais de consumo, na formação continuada de professores, na melhoria de salários, nas bibliotecas, em computadores, em internet. Essa lista é longa! (Carla Viana COSCARELLI, 2017)

O objetivo [da Base Nacional de Formação Docente] é fazer com que os futuros professores saiam da faculdade com conhecimento de rotina escolar e comportamento de aluno em grupo, entre outros pontos que apenas a realidade oferece, sobretudo para uma profissão que, a rigor, é a mãe de todas as outras profissões. E, depois, veja bem: os professores precisarão conhecer bem a BNCC, que é grande, inovadora e multifacetada. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2019)

UTOPIA

Eu creio que, em matéria de alfabetização, nós vamos dar um baile nesse mundo, com a nossa inteligência. Meu desejo é o de que o Brasil se desenvolva com o construtivismo e não se torne um país dominador. Essa será nossa maior lição: mostrar que é possível construir um belo país para se irmanar com os outros e não para dominá-los. É a nossa grande utopia e a nossa grande chance de modificar esse mundo. (Esther Pillar GROSSI, 1992)

Eu não sou espontaneísta, mas sou diretivo. Sendo diretivo, porém, não significa que eu manipule o educando. Sou diretivo na medida em que tenho um sonho, em que tenho uma utopia. E, se tenho um sonho, uma utopia, devo lutar por esse sonho. Você já imaginou um professor que pouco se interessa, diante de sua classe, com o sonho de uma sociedade menos injusta, e nada faz pela criação de uma sociedade menos injusta só porque o que ele ensina é a Biologia, como se fosse possível ensinar Biologia, o fenômeno vital, sem considerar o social? (Paulo FREIRE, 1995)

Precisaríamos compreender e pensar currículo não apenas como um conjunto uniforme de conteúdos que todas as escolas devem ensinar, mas como uma unidade de qualidade, assegurada por condições dignas de trabalho, condições de acesso a livros, a peças de teatro, etc. Podem achar que isso é romantismo, mas digo que a utopia é necessária. E não é tão difícil de se fazer. (Sônia KRAMER, 1995)

O pensamento de Paulo [Freire] só se tornará desatualizado, só não será presença no mundo, quando não houver mais tanta gente oprimida, explorada, espoliada, comendo lixo, desempregada, perseguida e torturada. Só quando alcançarmos essa utopia – que foi um dos grandes sonhos dele: a de que o mundo se torne mais bonito e mais democrático. Nesse dia, quando o mundo chegar a um estágio que dignifique todos os homens e todas as mulheres, o pensamento dele pode ser arquivado. (Nita FREIRE, 1998)

Em 1992, havia uma frase que ecoava muito: “Somos uma única nação e somos cidadãos dessa única nação”. A utopia é essa ainda. Temos de acabar com as fronteiras, as barreiras. Acho que há espaço, sim, no futuro, para uma escola digna, bonita, feita por seres humanos maravilhosos. [...] A escola deve ser uma comunidade e não apenas uma instituição que prepara para o vestibular, para a competitividade. (Moacir GADOTTI, 1999)

Muitos políticos dos países em desenvolvimento, como também seus intelectuais, não estão dando provas de serem capazes, nas circunstâncias atuais, de criarem projetos nacionais mobilizadores, suficientes para entusiasmar os cidadãos e, em particular, as juventudes cada vez mais céticas e mesmo desesperadas com os rumos de nossas sociedades. Nos anos [19]70, grupos católicos, no Brasil e na América Latina, falavam de um ideal histórico, tema que hoje, quando colocado em discussão, provoca comentários irônicos sobre utopias não realizáveis. (Marco Antonio DIAS, 2001)

Os professores podem fazer uma denúncia dos sistemas educativos atuais para melhorá-los, mas também semear alternativas de mudança. Estamos em um

século de crise do capitalismo, crise do socialismo, em que estão sendo buscadas terceiras vias, e acredito que não nos dedicaríamos à educação se não fôssemos utópicos. Como dizia Freire, a utopia é patrimônio dos professores, e muitos professores lutaram e até morreram por muitas coisas que já são realidade. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Na minha época, havia grandes utopias coletivas de formação do país, professor era elite e só trabalhava com elite. O professor de hoje é massa, não é elite. A maioria é analfabeta. Eles reclamam dos salários, mas vá ver quantos pedem demissão. Principalmente nas pequenas comunidades, ser professor é ser autoridade e exemplo de sucesso. Mas eles não vão ao cinema, não frequentam teatros, não têm computador em casa, não leem jornal. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

Tem pai que diz para o filho que ele estuda para passar na faculdade. Faculdade é meio, não é finalidade. Falta causa e utopia na educação. Há um sonho de futuro que precisaria ser resgatado junto aos professores, para dirigir as aulas. Qual é o impacto do [presidente] Lula na escola? Ele mostra que intuição é conhecimento, mas sem raciocínio. Lula é depositário de conhecimentos práticos – justamente esses que a escola não valoriza muito. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

[Escolas alternativas] são extremamente úteis como pontos de referência, como estrelas polares que servem para orientar as estratégias das escolas em geral. Servem para alimentar as utopias pedagógicas. Mas, obviamente, na medida em que são escolas elitistas e reduzidas a seus possíveis beneficiários, não resolvem o problema da educação. Daí que o importante são as escolas públicas, as que atendem os alunos comuns. São essas que devem receber as atenções principais. (Miguel ZABALZA, 2004)

Para que possa educar, a escola deve estabelecer o tipo de cidadão e cidadania que a sociedade necessita para ser cada vez melhor. Isso comporta uma definição de valores que muitas vezes não apenas não coincidem com os valores sociais que imperam como a eles se opõem. A educação só tem sentido quando está a serviço de ideais. [...] Há que se ter em conta que não há educação sem utopias. Utopias que nunca serão alcançadas, mas sem as quais é impossível identificar o caminho que o processo educativo deve percorrer. (Antoni ZABALA, 2007)

Eu tenho um ideal, meio medieval, renascentista, da relação do professor e do aluno. Aqueles artesãos. Você pode imaginar um Leonardo da Vinci. Como é que eles ensinavam? Eles tinham oficinas e vários alunos lá, cada um fazendo a sua coisa. Ele não dava preleções, ele chegava para um, dizia assim, tá bom, você pode fazer isso, fazer aquilo, você vai andando por ali, vai indicando as coisas para serem feitas. Então, é uma relação em que o professor está intimamente ligado ao aluno, mas isso é uma utopia no mundo de hoje. (Rubem ALVES, 2009)

[A crise da educação musical] é parte de uma situação que dominou o mundo globalizado, consequência direta do modelo político e educativo adotado nestes tempos. A Educação musical perdeu créditos, se tornou uma utopia. Em alguns países, foi suprimida em vez de ser melhorada. Não é organizada de uma maneira integrada, está ilhada e sofre com a falta de estabilidade. (Violeta Hemsy de GAINZA, 2011)

Um catalão conhecido dos brasileiros, o bispo Dom Pedro Casaldàliga, definiu a palavra utopia como “verdade prematura”. Ou seja, uma cidade educadora é uma “verdade prematura”, um farol que ilumina o caminho para um horizonte cidadão mais pleno. Trata-se de uma utopia necessária, que estimula a avançar na construção de um futuro melhor e de uma política mais qualificada, fatores fundamentais na transformação social. Por isso, é importante divulgar a utopia das cidades educadoras. Ainda bem que já somos muitos pensando dessa maneira. (Joan Manuel del POZO, 2012)

A educação para todos não é uma utopia, não somente porque seja um sonho, mas sobretudo porque é um direito amparado pela lei. E, justamente nesse contexto, é fundamental trabalhar com as famílias, romper mitos, quebrar a ignorância. O que significa a normalidade? A escola é heterogeneidade, diversidade, e essa diversidade há de ser fonte de enriquecimento e de aprendizagem mútua. A família deve ser convocada e deve conhecer os projetos de inclusão de cada escola. (Daniel VALDEZ, 2014)

PÓS-MODERNIDADE

Os liberais chegam e anunciam a morte da história, sem que os homens e as mulheres tenham morrido. Os liberais dizem que todo mundo se tornou igual. Então, uma das tragicidades do intelectual do terceiro mundo, como nós, é que damos aulas de pós-modernidade e convivemos com 30 milhões de miseráveis, no Brasil, que não chegaram sequer à modernidade, não passaram da tradicionalidade, da consciência mágica que eu chamei de intransitiva. Então, eu nego a validade desse discurso. (Paulo FREIRE, 1995)

Creio então que é muito perigoso esse discurso pós-moderno, segundo o qual a escola deve intervir em várias esferas. Creio que ela deve continuar intervindo nos pontos em que atuava, porque ninguém se preocupa com a solidariedade, com a cultura significativa, com o conhecimento que ajuda a compreender o mundo, a realidade. Em síntese, acredito que é preciso reler o discurso moderno clássico, segundo o qual a escola é um âmbito de libertação, porque dá cultura, é um direito de todos, e ensina convivência, além de criar cidadãos responsáveis. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Vivendo em meio a um furacão, o qual é dinamizado por uma homogeneização galopante, pela caracterização progressiva de tudo o que é descartável e pela procura de resultados instantâneos em todos os setores e atividades, fragmentamo-nos. Modernidade? Pós-Modernismo? Classificações não escondem o mal-estar e a sensação de estranheza que se tem, de maneira geral. Como lembra [Cornelius] Castoriadis, é agora que a máxima “Conhece-te a ti mesmo”, inscrita na consciência da humanidade desde Delfos, encontra condições de se efetivar de fato. (Roseli FISCHMANN, 1998)

O final do século XX e o início do século XXI trouxeram-nos uma mudança de paradigmas e uma grande crise social. É o fim da modernidade: estamos na época pós-moderna. A pós-modernidade tem elementos negativos, mas também tem elementos positivos. Estamos vivendo uma crise social, de valores, em nível institucional, familiar; educativo, é uma mudança de paradigmas, esta é uma geração de transição. O conhecimento duplica-se a cada ano e uma coisa que acontece agora, a qual nunca havia acontecido, é que o conhecimento é inferior à vida do homem. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

O primeiro impulso é dizer: “Aprendam como fazemos hoje e economizem tempo”. Contudo, há 30 anos, tínhamos boas razões para agir como agíamos. A Holanda estava transformando-se de país de base rural orientado para a agricultura em nação industrializada. Para preencher todos os postos de serviço da indústria florescente, planejamento da mão-de-obra era a palavra-chave. Hoje, em nossa sociedade pós-moderna, a senha é desenvolvimento individual. (Boudewijn van VELZEN, 2001)

[No shopping center] não existem mendigos, pedintes, sujeira. É o paraíso. Pelos corredores ouve-se canto gregoriano pós-moderno, aquela musiquinha de esperar dentista. O sujeito fica ali contemplando aquelas veneráveis capelas de consumo, com belíssimas sacerdotisas. Alguns se sentem no inferno porque não podem comprar; outros vão parar no purgatório do cheque especial. Depois todos comungam na eucaristia pós-moderna do McDonald's. (FREI BETTO, 2002)

A ideia de experiência estética se apresenta como universal, mas está marcada por pautas elaboradas na modernidade. Na realidade, responde a alguns padrões de gosto e, portanto, de classe social. Tem relação com um aprender a ver ligado à beleza e ao prazer. Mas, desde o pensamento pós-moderno, parece importante refletir em torno da noção de estética. E, para mim, o principal é tentar responder a questões tais como: a experiência estética é única ou múltipla? Está mediada por marcas de classe social, de etnia, de gênero? (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2002)

Vivemos em um contexto cultural impregnado pelo pós-modernismo, em que tudo vale. O conhecimento é efêmero. O que hoje é uma verdade absoluta amanhã é um erro enorme. Perdeu-se a noção do conhecimento como um processo acumulativo. É como se cada vez que se propõe algo novo, não vale se não se questionar radicalmente o conceito anterior – não se constrói sobre o anterior. (César COLL, 2003b)

Havia um jeito certinho de ser gay, de ser lésbica. Havia uma identidade hegemônica homossexual. É isso que vai fazer com que determinados grupos, tais como bissexuais, travestis, enfim, transgêneros, sintam-se de fora do movimento. Isso faz com que todo esse processo que se inscreve num movimento ou numa política de identidade entre em uma fase da pós-modernidade, que alguns dizem ser uma fase da pós-identidade. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

A família tradicional adquiriu uma nova configuração, que, por suas características, pode ser denominada de família pós-moderna, marcadamente influenciada pela propaganda [...]. Um aspecto dessa nova família tutelada pela mídia é a inversão de valores. Antes eram os pais que serviam de modelo para os filhos. Hoje, são os filhos que modelam os pais. Isso é fruto de um fenômeno típico da pós-modernidade chamado moda, que define estruturalmente a sociedade de consumo. (Gley COSTA, 2007)

A visão pós-moderna desconfia da ciência. A ideia de que a ciência produz conhecimentos sólidos é relativizada, pois esse conhecimento está sujeito a dúvida e contestações, portanto não é [visto como] qualitativamente superior ao conhecimento de senso comum ou religioso. Essas ideias entram nas escolas e levam os professores a achar que não precisam formar bem os alunos, pois esses conhecimentos se equivalem. (Dermeval SAVIANI, 2008a)

Eles [os alunos] não têm medo de errar, sabem que faz parte da exploração encontrar caminhos fechados. Isso assusta! Nós queremos tudo redondinho, em sequência, planejado, mas essa geração não espera mais essa linearidade. Eles são a geração da cultura pós-moderna, que tem múltiplos caminhos, e a educação convencional ainda não conseguiu perceber esse potencial. (Antonio SIMÃO NETO, 2008)

Alguns autores referem-se à sociedade atual chamando-a de pós-moderna ou até de hipermoderna. Quando se colocam prefixos desse tipo na frente de um conceito já antigo, como o de modernidade, significa que se percebe que as coisas estão mudando, mas que ainda não se sabe muito bem definir a nova realidade, daí a ausência de um genuíno novo conceito. (Yves de la TAILLE, 2009)

Agora, estamos vivendo numa sociedade pós-moderna, aprendendo a lidar com o novo ambiente. A gente sempre aprendeu que torcidas brigavam nos estádios e nas imediações. Hoje as pessoas se programam para brigar pelas redes sociais em pontos distribuídos pela malha de transporte coletivo. A polícia tem de responder a isso. Não é fácil. (Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA, 2014)

Incluir as habilidades socioemocionais como intencionalidade na escola não é como introduzir uma nova disciplina no currículo. Isso implica uma transformação na visão de homem, de mundo, de sociedade, de conhecimento, de ensino e de aprendizagem. Significa sair de uma concepção linear e fragmentada e caminhar em direção ao pensamento complexo, em rede, multifacetado e repleto de inter-relações, que é próprio do paradigma da Pós-Modernidade, como afirma [Edgar] Morin. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

GERAÇÕES

Antigamente, a pessoa podia ter um conhecimento que durasse toda a vida; hoje em dia, não. Por isso, mudam radicalmente as formas de pensar e de trabalhar. Por outro lado, as pessoas têm que se acostumar a não viver na estabilidade, e sim na mudança, na incerteza. No fundo, somos uma geração de transição, sobretudo as crianças que estão nascendo agora – o que também depende se estão no Primeiro, Segundo ou Terceiro Mundo –, que estão acostumando-se a viver; como nós nos acostumamos a viver diferente dos nossos avós. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

É engraçado que foi essa geração que inventou a internet, inventou o computador. A geração que não foi educada com computador inventou o computador, assim como o analfabeto criou o alfabeto. Essa geração, que é de pesquisadores, de cientistas, de pessoas que levavam o conhecimento como uma coisa nobre, sagrada, essa gente vivia com um salário razoável, não era miserável, e tinha isso como missão patriótica, humanística, missão de vida. (Nilda Teves FERREIRA, 2002)

O pai da minha geração diria: “Eu quero que você seja médico”. O pai da geração atual diz: “Eu quero que você seja feliz nas suas escolhas”. Existe uma diferença muito grande nessas duas afirmações, porque ser feliz é intransitivo, serve para qualquer coisa. Na verdade, não diz absolutamente nada. O pai anterior tinha certezas. Claro que isso era um peso, mas era mais fácil para se contrapor dizendo: “Eu não vou ser o que meu pai quer”. Era um ponto sólido de referência. Os pais hoje estão perdidos do ponto de vista da capacidade de educar. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Uma das maiores características desse público é o que chamamos de uma disposição multitarefa. Ele responde às mensagens do celular, ouve música no *iPod*, vê TV e fala com os amigos no *Messenger* – tudo ao mesmo tempo. [...] Fazer tudo isso simultaneamente é uma característica típica das novas gerações. Por um lado, isso lhes confere uma elaboração cognitiva muito rápida. Por outro, acaba deixando-os na superficialidade, pois não dá tempo de se aprofundar nos assuntos. (Pier Cesare RIVOLTELLA, 2007)

Morremos em massa por três razões: Deus, a pátria e a revolução. São as três grandes figuras do sacrifício, do sentido coletivo. Olhemos para as novas gerações, inclusive para a nossa, e veremos que ninguém mais está disposto a morrer por nenhuma dessas razões. As únicas pessoas pelas quais poderíamos doar nossa vida são as pessoas que amamos. E isso é um grande avanço. (Luc FERRY, 2010a)

As gerações anteriores receberam uma educação pautada pela informação, por valores e normas sociais bastante claros: ser era mais importante do que ter – e as crianças tinham pouco ou nenhum espaço de opinião ou expressão. Hoje, a informação está acessível e ao alcance de qualquer um fora da escola; vive-se uma profunda crise de valores; a febre do consumo atropelou nossas vidas, e as crianças começam a se manifestar de maneiras variadas, mesmo que não queiramos “ouvi-las”. (Adriana FRIEDMANN, 2012)

Tem quem se preocupe até que as novas ortografias do meio digital sejam transferidas para o papel e lápis. Não tenho esse receio. Certamente, esses recursos contribuem pelo interesse despertado nas crianças pela escrita e pelo conhecimento. A questão é que os meios tecnológicos são mais atraentes e, no fundo, mais fáceis que a tecnologia do papel e do lápis. Como diz um livro excelente de Michel Serres, é a geração do polegar. (Magda Becker SOARES, 2013)

Está acontecendo [em vários países] um fenômeno muito comum, que é o de uma maior inquietude nos netos que nos filhos dos que sofreram a violência da década de 1970 ou antes. [...] A geração mais imediata costuma ter uma necessidade de esquecer, no sentido de negar, como estratégia para se adaptar às consequências negativas da violência do Estado. No entanto, a geração seguinte tenta recuperar o acesso à verdade do passado traumático como modo de buscar e defender sua identidade. (Mario CARRETERO, 2014)

É claro que gerações passadas também viveram a descoberta da sexualidade. Mas antes tudo ficava restrito à intimidade dos casais. Não havia a possibilidade de aparecer, como agora. Quando uma menina envia uma foto sem roupa para o namorado pelo celular, eles também estão vivenciando a sexualidade. O problema é que, ao fazer isso, correm o risco de tornar algo pessoal acessível a outras pessoas. (Renata LIBÓRIO, 2014)

É preciso reconhecer que a nossa geração falhou na criação de uma consciência de cuidado com o planeta; essa consciência, na maior parte das vezes, é apenas citada como preservação do meio ambiente. [...] Para nós, educar para um mundo sustentável é cuidar do planeta e de tudo que está nele. E a educação – que é a única ferramenta para mudar o comportamento humano – é uma força para equalizar as desigualdades que existem em muitas dimensões, (Fernando Valenzuela MIGOYA, 2014)

A geração que hoje está com 80 anos – e os filhos com 50 anos – não tinha muita dúvida do que deviam ensinar para os filhos, mas tinha a mesma aflição de que os filhos não seguissem aqueles caminhos e não entendessem o que eles estavam falando. A minha geração, que tem 50 anos, com filhos de 30, já não sabia o que ensinar, qual era o caminho certo, havia muitas dúvidas. (Beatriz BRACHER, 2017)

A tecnologia, por si só, não traz nenhuma inovação. Por vezes, até reforça práticas pedagógicas pobres e medíocres. Mas imaginar que a escola pode ficar fora da revolução digital é um absurdo. Hoje, há uma distância entre as novas gerações digitais e as gerações dos seus professores. O assunto estará resolvido dentro de 20 ou 30 anos. (António NÓVOA, 2017a)

A “educação 2.0” tem suas bases nos princípios da Revolução Industrial, ainda fortes nas escolas atuais, como, por exemplo, a padronização, na qual os alunos devem se sentir iguais e ser tratados como congêneres uns dos outros. O embaraço é que, quando se trata das gerações Y e Z, está cada vez mais difícil encontrar homogeneidade. Por fim, temos a “educação 3.0”, advinda do desenvolvimento da tecnologia digital, para atender às gerações Y e Z. (Rui FAVA, 2018)

Em pleno século XXI, vivendo em um contexto globalizado, em que somos bombardeados, a cada instante, por um turbilhão imenso de informações, em que as transformações são velozes e constantes, será suficiente uma escola que se responsabiliza apenas pelos estoques cognitivos, pelos “conteúdos programáticos” das diferentes disciplinas? Não! É fundamental preparar as novas gerações para lidar com o inesperado, com o efêmero, com as mudanças, com os novos saberes. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

Só é um bom ensinante quem também for um bom aprendiz, apenas gente tola, de qualquer idade, acha que já sabe tudo o que precisa saber. As novas gerações são para nós um patrimônio cognitivo e afetivo, o que ultrapassa a percepção de serem somente um encargo emotivo e laboral. Uma das coisas que mais me animam por viver nessa contemporaneidade é exatamente encontrar fontes de aprendizado e ensino que estão ampliadas pelo contributo das gerações mais recentes! (Mario Sergio CORTELLA, 2019)

BEBÊS

Eu fui ao Camboja e a Pol Pot e entrei numa sala com 16 bebês. Fiquei na porta e acenei: “Olá, bebês!”. Dois bebês ficaram alertas e olharam em volta e todos os outros 14 ficaram olhando com olhos vazios. Adivinhe quem eram os dois bebês? [...] Eles eram os favoritos. Eram aqueles por quem alguém tinha se apaixonado. Aqui há situações semelhantes. Já li que, no Nordeste do Brasil, muitas mães não se arriscam a se apaixonar por seus bebês, pois elas sabem que eles não vão sobreviver. (T. Berry BRAZELTON; Joshua SPARROW, 2005)

Dependendo do modo como se manifesta, o amor dos pais pode ser extremamente perigoso para uma criança que apresente uma deficiência física ou mental. Porque a deficiência física e, principalmente, a mental, coloca a criança num estado de eterna dependência. Nesse sentido, de alguma forma, ela pode satisfazer o amor, sobretudo o materno, porque essa criança será um bebê para sempre. (Contardo CALLIGARIS, 2005)

Em princípio, nós adultos pensamos que as crianças não sabem o que é melhor para elas, não têm informações para tomar decisões que tenham sentido. Na serra peruana, dizem que os bebês são “opas” (tontos) e que por isso não vale a pena falar com eles. No entanto, esse conceito muda quando o adulto tem oportunidade de observar o desenvolvimento infantil em seus próprios filhos e alunos. (Leonardo YÁNEZ, 2006)

[O *Cesto do Tesouro*] trata-se de um modo de apresentar materiais lúdicos para bebês que já são capazes de ficar sentados, mas ainda não sabem caminhar, que lhes permite explorar de forma independente, sem a desnecessária interferência de um adulto. O cesto é apenas um dos muitos aspectos da “educação” de bebês, porém não substitui, e sim complementa, todas as atividades normais de uma creche. (Sonia JACKSON, 2007)

A genética pode trazer importantes subsídios para se compreender como um organismo pode processar informações. Mais do que isso, criar conhecimentos novos e, mais ainda, criar a própria capacidade de conhecer. Explicar por que a infância humana é tão demorada quando comparada à dos demais mamíferos superiores. [...] O bebê humano precisa aprender tudo; até para mamar ele deve aprender vários procedimentos, como coordenar o reflexo de sucção com a respiração. Podemos dizer que o sentido da vida humana consiste em aprender, jamais parar de aprender. (Fernando BECKER, 2009)

Há 30 anos, seria possível dizer: quando ela deixa de ser bebê, em torno de 2, 3 anos. Atualmente, com o avanço do conhecimento sobre os bebês, responder a tal pergunta tornou-se mais difícil. No entanto, a partir das observações das interações precoces entre pais e bebês, podemos pensar que ainda no primeiro semestre de vida, ou seja, no bebezinho há indícios de que processos em busca de autonomia e diferenciação já estão sendo construídos. (Celso GUTFREIND, 2010)

As gestantes que alisam a barriga e lembram de narrativas, palavras, canções, que conversam com seus bebês, mesmo em silêncio, transmitem tranquilidade ao pequeno ser. Quando nascerem, esses bebês terão uma relação especial com a

arte de diferentes maneiras. As pesquisas comprovam que as crianças que ouvem músicas tranquilas e sons ricos apresentam desenvolvimento diferenciado das que não têm acesso ao mesmo repertório. (Edmir PERROTTI, 2010)

[Estimular a mente do bebê de forma adequada] significa analisarmos o caminho percorrido pela espécie e o desenvolvimento das várias aprendizagens do bebê, elaborando programas para o favorecimento de tais habilidades. Desse modo, se passamos de peixes a répteis e assim por diante, é muito importante enriquecer as experiências do bebê na água, passando em seguida a colocá-lo de bruços para que posteriormente ele se arraste, engatinhe, se sustente e ande sem pular nenhuma etapa. (Nadia A. BOSSA, 2013)

Quando estudamos os pequenos, é preciso entender as competências naturais que carregam consigo ao nascer, dentre elas, a faculdade da linguagem. O bebê vem ao mundo com uma sensibilidade muito grande à voz humana. Ao ouvir, tenta construir significados. A voz se forma assim. Eu falo, por exemplo, porque escutei os meus pais quando ainda estava no berço e comecei a roubar algumas coisas da voz deles para construir a minha própria. (Evelio Cabrejo PARRA, 2013)

O bebê se relacionava com a educadora de um jeito diferente do que fazia com a mãe. Uma das mães pegava o filho pouco no colo, já a educadora pegava muito. E o bebê sabia exatamente quem procurar, apesar de a educadora ser uma pessoa nova em sua vida. Quer dizer, ele não tinha um jeito único de se manifestar e conseguia dar vazão a expressões e significações de uma maneira importante. (Katia AMORIM, 2014)

Várias pesquisas mostram como, desde bebês, as crianças já recebem tratamento diferente, caso sejam meninas ou meninos. Existem pesquisas que mostram que as pessoas que cuidam das crianças conversam mais com as meninas que com os meninos e que os meninos são mais estimulados na parte motora. Esse é um padrão que podemos ver se perpetuar também nas escolas de educação infantil e que pode se refletir até mesmo nos processos de aprendizagem escolar. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

Experiências com crianças menores já acontecem em vários museus há mais tempo. No entanto, a classe de educadores de museus ainda tem grande dificuldade com as crianças da Educação Infantil em comparação com as do Ensino Fundamental. Mas, apesar da dificuldade, já existem vários programas. Para os bebês, não. Quando começamos a fazer, percebemos que não havia notícia de outras experiências em São Paulo. (Paula Hilst SELLI, 2014)

Penso em culturas em que a palavra escrita sempre foi associada ao poder dos que sabem e às carências dos que não sabem. Disso, resulta algo muito poderoso e potente que chamo de “O espetáculo de um bebê lendo um livro”. É quando um adulto descobre que apesar de não saber ler muito bem, sua voz é essencial para seu filho, que é ele quem lê as melhores histórias para seu bebê. Porque esse bebê quer ouvir essa voz lendo. (Yolanda REYES, 2015)

Não devemos forçá-la [a criança] a ficar de pé ou sentada se essas forem posições que ela ainda não tenha alcançado por si só. O bebê pode aprender muito se acreditarmos nele e respeitarmos seu ritmo. O segundo princípio é realizar os

cuidados de maneira respeitosa, considerando a criança como parceira, observando e possibilitando sua participação ativa. Vejo muitos bebês que são tratados com gestos rápidos, não são olhados nos olhos, não são convidados a interagir e participar realmente da troca de fraldas, da alimentação ou do banho. (Anna TARDOS, 2016)

Primeiro dia de chegada de dois bebês com suas mães no berçário. A mãe A carrega a criança de frente para o berçário, apresentando à filha os companheirinhos, o espaço, as educadoras. A mãe B abraça a filha de encontro a si, coloca-a em um colchonete, senta-se ao lado e continua chamando sua atenção, embora a bebê tente se virar, interessada no bebê ao lado. Esse berçário tem um significado muito diferente para essas duas mães, assim como a perspectiva de deixar suas filhas nele. (Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA, 2018)

CRIANÇAS

As crianças não distorcem a realidade por causa da TV. Elas sabem brincar, mas sabem até onde vai a brincadeira. Acha-se que a criança perderia a sua capacidade de imaginação porque a TV lhe dá tudo pronto. Também não é verdade. A criança que vê um super-herói pode até se imaginar naquele papel, mas do seu jeitinho, com criatividade. Não existe essa modelagem das mentes. Com ou sem TV, a criança continua viva, criativa, falante. (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

Durante anos, e hoje ainda, os educadores comparam as crianças que fracassam na escola com as crianças que têm êxito, ou, de uma maneira mais ampla, as crianças das camadas populares com as de famílias abastadas. Eles observaram que faltava algo às crianças que fracassam, para que pudessem ter êxito. E, a partir daí, foram elaboradas as chamadas “pedagogias de compensação”, em vários países do mundo, começando pela Itália. Ora, esse enfoque consiste em observar justamente aquilo que falta às crianças, o que não está presente nelas, o que não existe! (Bernard CHARLOT, 1996)

Os números mostram que 40% das pessoas que trabalham como educadores em creches são leigas, não têm nem o [Ensino] Fundamental completo. São semianalfabetas. Isso não é mais aceitável num país como o Brasil. Quem lida com crianças pequenas, que não falam, não andam nem têm como se defender, precisa saber ler a bula de um remédio ou a receita de um alimento que deve ser preparado. (Regina de ASSIS, 2000)

As crianças que recebem atenção educativa antes dos 6 anos têm mais possibilidades de êxito na educação escolar. Mas esse é um processo no qual intervêm múltiplos fatores, não apenas de ordem cognitiva e intelectual, mas também afetivos. Não há uma segunda oportunidade para a infância. Com todos os conhecimentos baseados nas investigações sobre a importância dos primeiros anos de vida, é fundamental fazer o que seja possível pelo bem de cada criança, por sua saúde e nutrição, seu crescimento e desenvolvimento, sua felicidade. (Olga Franco GARCÍA, 2005)

Nós, adultos, que crescemos no quintal dos vizinhos, roubando mangas, devíamos pensar que fechar as crianças na sala de aula é brutalizar a infância. Preferíamos que a escola fosse um espaço para que os alunos vivessem mais, onde o essencial seria descobrir coisas e descobrir-se a si próprios. As crianças de hoje não têm tempo de verdade para brincar. Agora, acredita-se que se é mais culto quanto mais balé se tem na infância. Se isso fosse verdade, as salas de espetáculo não estariam tão vazias. (Ariana COSME; Rui TRINDADE, 2007)

[A escola laica] não rompe estruturalmente com a ideia do castigo, nem de que a criança é uma “tábula rasa” na qual nós a formataremos do jeito que a gente quiser. Para isso, os avanços da psicologia infantil serão decisivos, pois com eles descobrimos que a criança não é essa “tábula rasa”. Primeiro, Freud traz a ideia de que a criança não é um adulto pequeno. Depois, Piaget aprofundaria essa perspectiva com suas pesquisas mais empíricas sobre o ato do conhecimento, sobre como as pessoas aprendem. (Helena SINGER, 2008)

A função do teatro é ajudar a criança a elaborar essa compreensão da vida, para que ela se sinta melhor, seja um adulto melhor. Porque criança sabe o que é maldade e sabe que tem um monstinho dentro dela. Todo mundo tenta ensiná-la a ser boa e ela começa a se sentir mal. Ela sabe que não é boa. Quando a criança vai ao teatro e vê a bruxa fazer maldade, ela bota para fora os sentimentos dela. (Vladimir CAPELLA, 2009)

Em muitos casos, [a criança] não conhece nem o pai. Aí vem outro pai, outro irmão. E enfim. Eu sempre falo que essa criança passa pela perversa seleção natural. Mas passou. Ela ficou viva até os sete anos de idade. Ela foi criada como? Com quatro, cinco anos, está trabalhando. Ou no farol ou na casa olhando os irmãos. Ela pula etapas, que é o direito de brincar. Vai tentar brincar numa favela! Beco, viela, tiro e tudo que tem. Então, o primeiro relacionamento dessa criança, que é o familiar, esquece. (Dagmar GARROUX, 2009)

As crianças não estão sob a tutela dos adultos o tempo todo. Elas sofrem processos de socialização na relação com os pais, as famílias, os vizinhos e os professores, mas também se envolvem socialmente com seus pares. Nas brincadeiras e nos jogos, seja em tempo real ou virtual. Isso é comum e importante. Mesmo atravessadas pelos adultos, elas produzem culturas próprias. (Manuel Jacinto SARMENTO, 2010)

A criança está mais apressada em virar adolescente. Antigamente, atingia-se essa fase aos 14-15 anos. Hoje se é pré-adolescente com 8 anos e adolescente aos 10. Consequentemente, você tem de encarar que não podemos mais falar com garotos de 10 anos da maneira como falávamos. É como se fosse um pequeno adulto. Não dá mais para usar uma linguagem que remeta a castelinhos de fadas e princesinhas. Mostramos agora a realidade da vida numa formatação suavizada. (Mauricio de SOUSA, 2011)

Na educação, há uma tendência a pensar que, se queremos que a criança saiba “isso”, devemos ensinar “isso”; se queremos que ela saiba “aquilo”, devemos ensinar “aquilo”. Todavia, há uma grande quantidade de evidências experimentais nas pesquisas de Piaget que mostram que no domínio do conhecimento lógico-matemático, as crianças progredem em áreas que não foram ensinadas pelo professor. (Constance KAMII, 2011)

Pesquisas comprovam que desde a primeira infância as questões de racismo podem se apresentar nos corredores da escola. As crianças ouvem coisas em conversas em casa e as repetem na escola, porém sem más intenções. Sendo assim, o papel dos educadores é essencial. Eles devem prestar atenção no que os pequenos falam e não achar que só porque têm pouca idade não sabem o que estão dizendo. A ideia não é punir ninguém. Mas, sim, explicar, conversar a respeito. (Pap NDIAYE, 2014)

Não foram as crianças que mudaram. Fomos nós que mudamos a vida delas. É por isso que elas têm de se comportar algumas vezes com tanta energia. Nós vivemos a vida delas, mas elas ainda têm essa energia para o mundo, então, onde elas podem colocar isso? Nós mudamos, não as crianças, elas continuam as mesmas. (Anna Marie HOLM, 2015)

A literatura é o texto que nos lega a cultura, em que está posta a particularidade humana por meio de símbolos verbais. Para a criança que chegou a este mundo e tem de abrir caminho no simbólico e buscar um lugar onde tem de construir sentido, afinal isso é o mais importante que nos acontece, a literatura é esse grande texto escrito a tantas mãos em que as crianças podem começar a mostrar-se e a construir o sentido. É uma operação de grande importância. (Yolanda REYES, 2015)

O outro apresenta o mundo à criança e a criança ao mundo e a si mesma. Esse processo é atravessado pelas crenças, valores, ideologias, afetos. [...] A criança se constrói com vários outros, em diferentes contextos: em casa, na creche, no parquinho, no centro de saúde, na igreja, etc., onde existe a oportunidade de interagir com vários outros, adultos, crianças e até animais. E é nessas trocas que ela se constrói como pessoa daquela família, cultura e grupo social. (Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA, 2018)

MENINOS/MENINAS

A escola não inventa comportamentos. Ela só reproduz ideias e procedimentos que são padrão na sociedade. E a professora é vítima desse processo ideológico, que é um processo nebuloso, difícil de detectar. A culpa, portanto, não é dela. Mas ela transmite ideias falsas e até trata meninos e meninas de maneira diferente. [...] Ela tende a privilegiar a agressividade do menino – que é mais “aceitável” – e a docilidade da menina, que ela recompensa. (Dulce WHITAKER, 1989)

Além da minha experiência em consultório, há estatísticas na Argentina a respeito dos problemas de aprendizagem: das crianças que vão a consultas psicopedagógicas, 70% são meninos e 30%, meninas. Na França e nos Estados Unidos acontece o mesmo. No Brasil não há estatísticas a respeito, mas psicopedagogos e psicólogos brasileiros confirmam que é alta a proporção de meninos com problemas de aprendizagem. (Alicia FERNÁNDEZ, 1994)

A maioria das meninas de 12 anos já chegou à puberdade, enquanto os meninos só atingem a puberdade depois e costumam viver uma séria crise de identidade nesse período. Sentem-se inferiorizados em relação às meninas – que já são pequenas mulheres, enquanto eles ainda não são homens e já deixaram de ser crianças – e, ainda por cima, precisam aprender o nome dos reis de Portugal. É uma fase terrível, e cabe ao professor perceber essas diferenças e respeitá-las. (Iván IZQUIERDO, 2000)

Ao considerarmos maturidade como uma relativa harmonia do comportamento social (uma maior segurança sobre si mesmo e as próprias ansiedades), as meninas amadurecem mais cedo que os meninos e, por isso, tendem a se adaptar às situações disciplinares de forma mais fácil. Além disso, uma cultura ainda relativamente patriarcal e machista tende a “esperar” comportamentos agressivos e assertivos dos meninos. Acrescente a isso diferenças endócrinas e temos esse quadro generalizante de distinção. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

Nas escolas públicas a violência é mais declarada. Nelas, encontramos índices de carências maiores, como: problemas familiares, falta de materiais, de estrutura, de oportunidades, de lazer etc. [...] As meninas estão brigando muito e já começam a surgir gangues femininas. Muitas vezes, elas aparecem nas pesquisas como mais violentas, e suas brigas são, geralmente, motivadas por ciúmes de namorados. Diferente dos meninos, que querem demarcar território, seja por poder ou envolvimento com drogas, por exemplo. (Marlene Monteiro PEREIRA, 2006)

Tive uma vivência muito interessante com a introdução do ensino da dança numa escola, no final dos anos [19]70. Era só com as meninas, pois os homens não dançavam. Naquele momento entendia-se que os meninos não deveriam dançar, mas sim jogar futebol. Os esportes coletivos teriam mais a ver com as qualidades masculinas e a dança com as qualidades femininas. Colocar os meninos para dançar não era nada fácil, uma vez que a ideia de Educação Física era a prática de algum esporte com bola. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

Alguns países do Caribe que têm o inglês como idioma oficial acabam de pedir que a UNESCO ajude a levar professores homens para lá, como forma de

incentivar a permanência dos meninos na escola. Na África, em algumas nações da Ásia e em outras do mundo árabe, a situação é inversa. As meninas não vão às aulas desde cedo por dois motivos: ficam em casa, ajudando nos serviços domésticos, ou a religião as proíbe de conviver com homens, principalmente professores. (Ana Luiza MACHADO, 2008)

Em educação infantil, costuma-se fazer algo que é altamente positivo na educação de gênero: propor aos meninos que realizem atividades tipicamente femininas, e às meninas, que explorem jogos tradicionalmente masculinos. Mas não vamos nos iludir, pois ainda falta muito para avançar. Os estudos revelam que temos formas distintas de nos dirigir aos nossos alunos conforme sejam meninas ou meninos. (Gema PANIAGUA, 2008)

Até 1996, aproximadamente, quase a totalidade das escolas de primeira a quarta séries do País localizadas no meio rural ofereciam apenas de primeira a terceira séries. Naquela época, se a criança tivesse a pretensão de fazer a quarta série, teria que ir para a cidade. Isso quer dizer que sua família teria que conseguir uma casa na cidade para ela morar. No caso das meninas, para poder estudar elas teriam que trabalhar como babás na cidade. Os meninos, muitas vezes, ficavam sem escola. (Maria Isabel ANTUNES-ROCHA, 2009)

[O *bullying*] está presente em todos os anos, mas sua maior frequência ocorre da 5^a à 8^a série do Ensino Fundamental. Os picos são na 5^a série e, sobretudo, na 6^a série. [...] Os meninos costumam apresentar maior frequência de atos físicos e, muitas vezes, batem e chutam. Não que isso deixe de ocorrer com as estudantes. Mas, as garotas costumam praticar atos ofensivos por meio de palavras, espalhando boatos maldosos, por exemplo. (Cléo FANTE, 2010)

Antigamente, tínhamos essa questão do esporte dependendo do gênero: a menina vai para o balé, o menino vai para a luta. [...] Agora, quando forma alguma equipe esportiva, para que o desenvolvimento se dê, talvez você tenha de separar o menino da menina, porque eles têm desenvolvimentos e habilidades diferentes. Mas isso já num segundo momento – e mais: você os separa simplesmente em razão da vivência do jogo, mas não separa meninos só jogando futebol e menina só jogando voleibol. Todos passam por todas as experiências desportivas. (Wagner Wey MOREIRA, 2012)

Na era vitoriana, os meninos usavam rosa e as meninas, azul. Sejam quais forem as cores que escolhermos, o *marketing* as encorajará agressivamente, pois isso permite que os fabricantes vendam o dobro de brinquedos, bicicletas, mochilas, guarda-chuvas, etc. Quando você rotula um produto por gênero, os pais que têm filhos e filhas terão de comprar dois deles. E, além da despesa adicional, vender os produtos infantis em versões “para meninos” e “para meninas” acaba validando a noção de profundas diferenças entre ambos, isto é, que eles são essencialmente “opostos”. (Lise ELIOT, 2013)

O educador também pode sugerir aos meninos que participem de brincadeiras típicas de meninas. É possível que eles estranhem ou reclamem. Caso respondam algo como “ah, mas isso é uma brincadeira de menina!”, é papel do docente conversar com a turma sobre os porquês dessa opinião e tentar desconstruí-la. Outro ponto vital para romper a dualidade é o próprio docente se engajar em

ações não características ao gênero a que pertence. Quando uma professora joga futebol ou um professor realiza atividades manuais, por exemplo. (Bettina HANNOVER, 2014)

Ninguém achava estranho que eles [meninos] tivessem seus bonecos monstruosos. Já as meninas tinham de se contentar apenas como suas dóceis e lindas bonecas. Não consideramos estranho o fato de as meninas brincarem com esses monstrinhos. Mais estranho é que, em um século de tanto protagonismo e avanço feminino, os brinquedos ainda sejam tão sexistas e os monstros para elas tenham demorando tanto a surgir. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

Só pode ser resquício de uma visão sexista que compreendia a mulher como frágil e as práticas corporais como território masculino. [...] Simplesmente não existe brincadeira, dança, esporte, luta ou ginástica que apresente impeditivos às mulheres ou aos homens. Não podemos mais aceitar instituições que ofereçam aulas de balé para as meninas e de judô para os meninos. Queremos que as meninas e os meninos joguem futebol e videogame, brinquem de amarelinha ou de elástico, dançam qualquer gênero e façam ginástica rítmica. (Marcos Garcia NEIRA, 2017)

JOVENS

O grande risco desta geração é que os jovens vão ser cifrados. Estaremos em uma sociedade contábil, em que tudo pode ser transformado em cifras. Para tudo tem remédio. Tudo vira índice. A menina vai escolher um namorado num coquetel de Viagra com Xenical e com Prozac. Ou seja: magro, potente e de bom humor. E nós já estamos caminhando para isso. (Jorge FORBES, 2005)

Sempre haverá aqueles que não leem nada, adultos ou jovens, mas não acho que os jovens hoje leem menos. O que se passa é que leem também outras coisas, estão diariamente diante de uma tela de computador, enviando mensagens pelo celular ou participando de *chats*. Não podemos tratar o texto escrito como se estivéssemos em um contexto semelhante ao que havia há 50 anos, quando os livros eram praticamente os únicos suportes do texto escrito. (César COLL, 2007)

Estudávamos para nos formar em tempos nos quais, desde o colégio, a filosofia, as ciências sociais e as artes eram essenciais ao aprendizado. E também nos formávamos para obter um trabalho e, se possível, realizar através dele a vocação de uma vida. Hoje, quando leio em um jornal de São Paulo que cerca de 80% dos jovens que buscam o curso de Direito o fazem para sair semiaptos a prestar “qualquer concurso”, para “arranjar ‘uma boca’ em qualquer emprego público”, lamento por esses jovens e lamento pelo mundo de nosso tempo. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Hoje, uma pessoa que tem diploma do ensino médio costuma ganhar 40% a mais em relação àquelas que não têm. O jovem precisa compreender que isso não só é importante para o Brasil, como também pode comprometer o seu futuro. Todos os estudos mostram que, se uma menina fizer ou não o ensino médio, essa decisão terá um impacto enorme na escolaridade do filho, na saúde dela e da família, enfim, em toda a sua vida. (Ricardo Paes de BARROS, 2010)

Os jovens de hoje estão sob o ataque de diversas forças, das quais as mais difundidas e insidiosas são aquelas dirigidas pelo mercado e as pedagogias de consumo, que cada vez mais penetram em todos os aspectos de sua vida para convertê-los em mercadorias [...]. Além disso, à medida que o Estado como promotor do bem-estar social tem sido paulatinamente desmantelado, os jovens também se tornaram alvos de um ataque mais direto e prejudicial lançado em alguns *fronts* políticos, econômicos e culturais. (Henry GIROUX, 2010)

Há um traço de heroísmo nesses jovens, em especial os que contam com condições sociais e econômicas mais adversas. O que se pode esperar da juventude atual é que esse intenso e às vezes doloroso aprendizado contribua para a formação de cidadãos mais comprometidos com o destino do país e que suas exigências de “uma vida verdadeira” sejam um norte para as escolhas que farão. (André LÁZARO, 2010)

Eles [os jovens] ficam oito horas numa *lan house* e têm dificuldades de ficar quatro horas na escola. Então, é preciso nos perguntarmos se o ensino está atraente para esses jovens; se estamos sabendo empregar estratégias que fazem sentido para eles [...]. E a resposta a tudo isso é: Não, não estamos. Não, não sabemos usar as novas linguagens. Não, não exploramos a questão das redes

sociais, nas quais esses jovens tanto se engajam. Não, não sabemos quais desafios e perspectivas tocam os jovens. (Ana Lúcia GAZZOLA, 2011)

Muitos dos nossos jovens, os nossos estudantes, não têm raciocínio lógico, não sabem fazer uma redação, não sabem construir um bom texto, não sabem ortografia – porque não se ensina mais ortografia. Cadê os professores, os pedagogos, os educadores, por que eles não se juntam e fazem um movimento nacional para cobrar isso? Qual o salário dos deputados, qual o salário de um professor? (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Vivemos em uma sociedade que valoriza a juventude (tem de ser novo, bonito, moderno), mas que não gosta dos jovens, que são as principais vítimas do desemprego, das drogas e da violência. [...] A escola deve, ao mesmo tempo, adaptar-se e resistir. É seu papel preparar os jovens para o mundo do trabalho e acolher as novas tecnologias, mas não só isso. Ela deve ainda – e antes de tudo – ser uma fonte de sentido para que cada jovem possa construir sua relação com o mundo, com a vida, com os outros e consigo mesmo. (Bernard CHARLOT, 2013)

[Adolescentes] publicam e compartilham materiais eróticos simplesmente porque acham bacana e porque todo mundo faz. Não reconhecem que estão sendo manipulados por uma sociedade que estimula relacionamentos superficiais. À medida que replicam conteúdos na rede, reforçam essas ideias, ainda que sem intenção. Tem jovem que nem sabe por que posta fotos eróticas na web. Simplesmente isso. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Os jovens hoje em dia têm acesso a todo tipo de informação, e se o assunto [sexualidade] não for tratado de forma educativa, será tratado de outra maneira na rua, na internet. Eles poderão aprender da pior maneira, que é sofrendo na pele. Esse assunto, aliás, já deve estar sendo abordado, ou deveria, porque há muitos criminosos na internet tentando aliciar jovens. (ROMÁRIO, 2014)

Há uma síndrome de violência juvenil não somente no Brasil, mas em outros países do mundo. Isso se dá em razão da baixa incorporação dos jovens pelo sistema. Por exemplo, no Brasil, aproximadamente 20% deles não trabalham nem estudam. Não conseguem emprego porque não possuem estudo e não estudam porque a família não tem dinheiro. Portanto, são jovens com pouco acesso a uma série de benefícios sociais e esse é o caldo da cultura da violência. (Julio Jacobo WAISELFISZ, 2014)

Os adolescentes e jovens dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio não têm recebido esse olhar cuidadoso. Quando percebemos, eles estão sem um acompanhamento mais criterioso das famílias, das escolas e das políticas públicas e, por isso, muitas vezes, ficam soltos, sem referências de adultos. No entanto, os jovens demandam muita atenção. [...] Temos que buscar formas para reencantar os jovens com o conhecimento. (Macaé EVARISTO, 2015)

O alto índice de desemprego entre jovens de até 24 anos não é um fenômeno recente nem exclusivo do Brasil. Em 2004, a taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo atingiu 19,8%, sendo de 30% entre os jovens de 18 a 24 anos e de 12,8% entre pessoas com 40 anos ou mais. A falta de experiência e de formação profissional dos jovens faz com que eles “rodem” mais, busquem

outras oportunidades e também sejam trocados por outros pelas empresas. (Almério Melquíades de ARAÚJO, 2017)

Na essência, os jovens têm mais coisas em comum do que diferenças. E, na essência, os jovens de hoje são parecidos com os jovens de quando eu estava no colegial. Pude até usar algumas histórias da época em que estudava como inspiração. Ou seja, adolescentes, independentemente das tecnologias e de diferenças de espaço e tempo, são, na essência, adolescentes — e vivem essa fase mágica e confusa entre a infância e a vida adulta. (Cao HAMBURGER, 2018)

ADULTOS

[Na Espanha] neste momento, quase todos os adultos que fazem cursos de alfabetização partem do método da palavra geradora, de Paulo Freire. Não se podia continuar alfabetizando senhoras de 60 anos com as mesmas cartilhas usadas na pré-escola, que diziam “Mi mamá me ama”. As palavras do cotidiano desta senhora são, ao contrário, “bolsa”, “compras”, “dinheiro”. E o método Paulo Freire está todo relacionado com a realidade em que o educando vive. (Antonio Moreno MONTERO, 1991)

Na evolução da sociedade, a família não é mais capaz de assumir uma posição de adulto. E as crianças que estão na escola têm essa educação familiar. O problema educativo que temos na França, e imagino que seja semelhante no Brasil, em todas as classes sociais, é que os adultos são incapazes de assumir a posição de adultos diante das crianças. (Jean HÉBRARD, 2000)

Ser um adulto feliz é equilibrar, de forma adequada, a relação custo *versus* benefício. No fundo, política empresarial ou qualquer condição externa não definida ou criada pela pessoa, recai nessa dinâmica do custo vs. benefício. Quanto mais a dinâmica ou cultura da escola estiver distante dos seus valores pessoais, mais a “política” vai lhe custar caro. Em resumo: jogos de poder e de competição, responsáveis pela geração da política, existem em todas as empresas. Quanto mais aquele for o “seu mundo” menos vai lhe custar – procure o seu mundo! (Constança Meirelles VIEIRA, 2006)

Os estudos anteriores sobre jogos eram realizados a partir da perspectiva dos adultos. Na época, acreditava-se que as crianças imitavam os modelos dos adultos. Quando se passa muito tempo com as crianças, observa-se que não é isso que ocorre. Quando elas estão brincando, frequentemente tornam o modelo adulto mais complexo, expandindo-o e transformando-o para dar-lhe um senso de controle e de poder. Além disso, as crianças gostam de experimentar diferentes papéis enquanto estão brincando, porque são menos rígidas e estruturadas do que os adultos. (William CORSARO, 2007)

[Em Portugal] hoje, uma criança pode entrar na 1ª série com 5 anos. Basta a declaração de um psicólogo, dizendo que ela está pronta. Isso interessa aos pais e aos professores. [...] Há alunos de 5 anos em condições de ser alfabetizados, mas a questão é que tipo de escola queremos construir. Trata-se de discutir novamente o que é ser criança. Os adultos querem mais tempo para lazer, mas, em relação às crianças, pensam diferente. Precisamos de adultos mais adultos e de crianças mais crianças. (Ariana COSME; Rui TRINDADE, 2007)

Então surge uma soma de não credibilidades: os adultos não creem na infância, as crianças não creem nos adultos. A grande reação disso é que os infanto-juvenis não creem neles mesmos, e que apenas estão na sala de espera para serem adultos. E os adultos estão na sala de espera da morte. Quando chegarem a adultos, vão também reproduzir esse sistema com seus filhos e seus estudantes. São os erros de uma civilização adultocêntrica. (César Muñoz JIMÉNEZ, 2011)

A educação em nossa cultura sempre foi pensada como processo de intervenção dos adultos sobre crianças e jovens em relação ao que deveriam aprender, como

conteúdo, saber, como valor ou forma de ser. Os adultos têm o poder e o dever de transmitir de modo informal, no cotidiano da casa ou da vida, ou formal, no contexto da escola, o que crianças e jovens necessitam aprender. A visão construtivista reconhece, por meio de pesquisas e teorias, que o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças e dos jovens é diferente dos adultos. (Lino de MACEDO, 2011)

Eu não posso dar palpite nisso, eu não sou pedagoga, eu não sou especialista nisso; qualquer coisa que eu diga é um pouco charlatanice. Eu uso só o bom senso: acho que o processo mais eficaz, ou a ferramenta mais eficaz que qualquer adulto tem para ensinar uma coisa a uma criança, é o exemplo. Eu acho que se os professores leem, eles dão exemplo às crianças, porque eles passam a gostar de livros, a ter intimidade com o livro, e aí eles descobrem sozinhos como falar de livros. (Ana Maria MACHADO, 2013)

Acredito que o grande desafio para os professores é saber como, entre todas as suas tarefas, criar tempo para poder estabelecer essas importantes conexões pessoais com os alunos a fim de exercer o importantíssimo papel de adulto na vida deles – às vezes, o papel do principal adulto – e ajudar a fazer com que os jovens acreditem em si mesmos, que se sintam capazes e motivados para realizar coisas e para que se sintam donos de seu destino. (Salman KHAN, 2013)

Como educadores, temos de lhe dar [à criança] muitas oportunidades para falhar e para seguir. Basta pensar em nossa vida. Quem de nós, adultos, não se comportou mal, não errou quando era estudante? Certamente não esquecemos das novas chances que tivemos. De novo, temos de ter chances de prosseguir. Desistir realmente não é uma opção. (Brian PERKINS, 2013)

Num conselho com 20 crianças [em Rosário, Argentina], elas contam casos que lhes ocorreram, como roubos na rua com navalhas na garganta para levar o relógio, os tênis etc. Como podemos resolver essa situação? Meninos e meninas começaram fazendo o mesmo discurso dos adultos: “precisamos de mais segurança”, “polícia”, “que nos vigiem mais” etc. Mas uma criança afirmou algo contrário, pois acreditava que os adultos deveriam ajudar sim, mas de longe. (Francesco TONUCCI, 2013)

Nós, adultos, somos de uma geração específica, que ainda conserva uma visão de infância muito permeada pela ideia da inocência em termos de conhecimento para participar da vida social. Mas, de repente, nos deparamos com uma criança muito diferente das imagens que ainda compartilhamos. Percebo, em minhas pesquisas, que há mais diferenças do que pontos em comum entre a visão de infância de crianças e a de adultos. (Raquel Gonçalves SALGADO, 2014)

Um professor de 25, 30 anos tem características bem diversas de um professor na faixa dos 40, 45 anos, uma vez que se encontram em momentos diferentes da idade adulta. Temos tendência a tratar os professores indistintamente, como se, sendo adultos, estivessem todos num mesmo período de desenvolvimento. A neurociência nos ensina que não é assim. Os professores não se diferenciam somente pela experiência pedagógica, mas pelo desenvolvimento cultural e pela vivência dos processos biológicos próprios da espécie. (Elvira Souza LIMA, 2015)

Minha atuação é na área da alfabetização, seja de adultos ou crianças. A diferença é que o adulto chega com a vida escolar marcada por muitas interrupções, e isso gera uma sensação de fracasso. Equivocadamente, ele atribui esse fracasso a si próprio e, de maneira alguma, a outros fatores. Por isso, inicialmente, trabalhamos a autoestima desses adultos, desde o momento em que eles nos procuram na secretaria para retomar seu processo de escolarização (Francisca MACIEL, 2016)

A mudança de gerações transformou as relações de poder tanto entre adultos (no trabalho e na família) como entre adultos, crianças e jovens. A garotada hoje quer direito a igualdade, quer ser ouvida. O professor tende a acreditar que, no momento que ele deixa o aluno decidir, está perdendo poder. Isso é um equívoco. O adulto ainda é o capitão do barco, mas, ao se mostrar disposto a ouvir e considerar também os estudantes, deixa que todos ajudem a remar. (Fernanda LEE, 2017)

MAIS VELHOS

Às vezes, o equilíbrio entre o trabalho e a vida é ameaçado não só pelas pressões da vida, mas também pelas demandas crescentes de trabalho. Anos de reforma indubitavelmente intensificaram o trabalho docente – com mais a fazer e apoio limitado para fazê-lo. Os níveis de estresse no ensino aumentaram em todas as partes, sobretudo porque professores cada vez mais velhos encontram dificuldades cada vez maiores, tanto físicas quanto psicológicas, para enfrentar as pressões de trabalho e as intermináveis descrições de mudança. (Andy HARGREAVES, 2001)

Nós temos uma taxa de 17% [de analfabetismo]. Está certo que nós tomamos a população de 15 anos e mais. Se não tomássemos os velhos [acima de 50 anos], teríamos uma taxa abaixo de 10%. Temos que ter critérios que nos comparem com o resto do mundo, onde alfabetizado é quem sabe ler e escrever. Isso não deve nos satisfazer, estou de acordo. Não podemos nos satisfazer com ter todo mundo alfabetizado. Nós temos que ter todo mundo escolarizado. (Paulo Renato SOUZA, 2002)

Deve-se trabalhar para que não exista uma ruptura entre uma geração e outra, uma luta em que os mais velhos se perguntam “como incluir esses jovens?” e os jovens se perguntam “o que esses velhos ainda estão fazendo aí?”. [...] Os adultos e pais de hoje não enxergam os jovens da própria casa. Precisamos entender que o mundo mudou, que tudo o que pensávamos, que organizava o mundo, já não existe mais. As pessoas mais velhas acham que é preciso reorganizar. Mas a verdade é que nós não precisamos organizar um *katsu* (batalha). (Jorge FORBES, 2005)

Há quem defenda esse ponto de vista [o desaparecimento da infância] afirmando que cada vez mais as crianças estão tendo preocupações que deveriam ser dos mais velhos, como ter sucesso e bom desempenho. Pessoalmente, acredito que a infância não acabou, mas está mudando radicalmente. As crianças de hoje não são as mesmas estudadas por Jean Piaget ou qualquer outro teórico da educação ou da pediatria. (Esteban LEVIN, 2005)

Quando qualquer aluno fala uma besteirinha dentro da sala de aula, o resto da turma cai matando. Então, é um processo de inibição, mas é um processo de auto-organização, autoconstrução também. Acho que essa é a pior fase para se trabalhar essa abertura, essa criatividade, a liberdade da auto-organização. Criança pequeninha não tem isso, e nós, mais velhos, também já não temos isso mais, nós já não ligamos para um monte de coisas, falamos besteiras. Esse é um processo de grande sabedoria, saber o valor do direito à ignorância. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

O jovem tem um nível de energia mais alto do que a pessoa mais velha. Ele não possui tantos paradigmas quanto uma pessoa mais velha que, geralmente, tem os seus “poréns”. O jovem é mais desbravador, arrisca mais. Além disso, há algumas gerações, os jovens estão sendo criados para um mercado cada vez mais competitivo, o que não acontece com os trabalhadores mais velhos. [...] Geralmente, o trabalhador mais velho tem família, obrigações, problemas de

saúde, coisas que normalmente os jovens não têm. (Ricardo BEVILACQUA, 2006)

Não temos bons exemplos morais para dar aos nossos filhos. Respeito aos mais velhos é o que pregamos, mas esquecemos que esses “velhos” são ou foram vítimas de uma ambição descabida e prejudicial para muitos. Não aprender a ver, a observar e a pensar sobre as coisas são os piores defeitos dos seres humanos, e os alunos sabem disso, pois observam com carinho tudo que lhes interessa e encanta. Buscar o que lhe agrada, isso também é ambição. (José Ângelo GAIARSA, 2006)

Já temos algumas investigações e bastantes dados em termos mais concretos sobre o que se chama de multitarefa, ou seja, o tipo de jogo em que a pessoa tem de fazer uma tarefa ao mesmo tempo em que conversa em um *chat* com outras três ou quatro. Há algo que acontece no cérebro – e que não acontece no nosso cérebro [dos mais velhos]. As investigações apontam que a maior facilidade para multitarefas depende de qual é o seu desempenho nos jogos, de quanto você jogou, se não jogou. (Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO, 2008)

O Brasil tem segmentos com características bem definidas, como os povos indígenas, as comunidades quilombolas, as pessoas mais velhas. Todos têm direito à Educação. [...] A Educação tem de acompanhar as mudanças que estão acontecendo e interagir com elas. O processo educativo, idealmente, começa na infância e termina somente na velhice. Dessa forma, a EJA tem de ser vista numa perspectiva mais ampla, dentro do conceito de Educação e aprendizagem que ocorre ao longo da vida. (Timothy IRELAND, 2009)

O analfabetismo tem uma simetria muito grande com os processos de exclusão. Como a pobreza está concentrada na zona rural, no Norte e Nordeste, nas populações afrodescendentes, a distribuição do analfabetismo é recortada por esses mesmos indicadores. E, no passado, pela questão de gêneros. Hoje, temos mais mulheres analfabetas nas populações mais velhas. Nos grupos de idades mais jovens, é o contrário. As mulheres estão tendo mais êxito. (Maria Clara di PIERRO, 2009)

Em uma comunidade indígena brasileira, por exemplo, sempre que há um assunto importante, todos se reúnem em assembleia e têm direito de exprimir opinião. A decisão cabe aos mais velhos, mas sempre depois de ouvir a todos. Inclusive, as mulheres grávidas podem falar duas vezes porque é considerado o filho que se desenvolve no seu ventre. Isso é a ruptura com um modelo mental do nosso tempo em que a criança não tem participação política porque não fala. (Manuel Jacinto SARMENTO, 2010)

Os professores mais jovens provavelmente estão mais capacitados para essas atividades [de educação ambiental] porque vivem em uma época na qual há mais sensibilidade social e midiática para os temas ambientais. É claro que os professores mais velhos que procuram atualizar-se sobre o que acontece no mundo também podem ter uma formação válida, mas é sempre mais provável que isso ocorra com professores jovens. (Rafael YUS, 2010)

A idade de leitura não corresponde à idade, digamos, biográfica e, portanto, temos de respeitar essa idade individual, quase interna. Por isso mesmo, creio que se deve abrir a biblioteca aos alunos, para que possam folhear os livros, abrindo um e outro até escolherem algum. Um modelo possível e simpático é o jovem entrar acompanhado por leitores mais velhos, que podem orientá-lo. Assim temos, por um lado, a escolha individual e, por outro, a troca e o saber ouvir sugestões de leitores mais maduros. (Gonçalo M. TAVARES, 2011)

As concepções educacionais historicamente se desenvolveram apoiadas na ação dos mais velhos sobre os mais novos, tratados como seres incompletos, sem fala. Todavia, cada vez mais se reconhece a capacidade da criança de dar sentido às situações (inicialmente de um modo sensorial e corporal que depois inclui também a fala como meio de significação) e de agir de modo ativo, desde seu nascimento. (Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA, 2015a)

Para os menores, [os filmes] “Valente” e “Frozen” são uma verdadeira revolução; para os mais crescidos, “Branca de Neve e o caçador”, “João e Maria caçadores de bruxas” e “Malévola” atualizam velhos temas em novas versões mais condizentes com a mente de hoje. As primeiras [versões] colocam as questões referentes à liberdade da mulher e ao valor do vínculo fraterno. As outras, além de insistir no protagonismo feminino, colocam a questão mais avançada da herança simbólica e da inveja dos mais velhos ao viço e juventude dos mais novos. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

FAMÍLIA

Nas populações periféricas frequentemente não existe a família, no sentido em que a entendemos, mas apenas a mãe. Não pretendemos substituir a família, pois família não se substitui, mas suprir sua ausência ou incapacidade pela creche, por exemplo. Isso possibilita dar à criança um atendimento familiar, se ela não o tem em casa. Não preciso ter a criança em tempo integral, mas cuidar dela através da atenção integral. (Murílio HINGEL, 1993)

Mostro que existem alternativas: que não é preciso ser embriagado como o pai nem usar drogas como o vizinho. Mas só posso ir até aí. É angustiante, dá vontade de levar para casa e cuidar do jovem. Mas sinto que tenho de colocar um limite e falar: essa é a sua família e você tem de viver com ela. Mas você pode ser outra pessoa. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Existe sim uma lista de prioridades: a mãe que trabalha; a mãe sozinha; a de famílias numerosas; as crianças com necessidades especiais; a renda familiar. Pode-se perguntar: a creche só atende a crianças pobres? Não. Famílias que a usam são de todo tipo, predominando aquelas cujas mães trabalham fora. No entanto, muitas são as famílias cujas mães não trabalham e que querem a creche, porque acreditam no seu valor educativo. (Tullia MUSATTI, 2003)

Uma vez que a família participe da vida escolar do aluno a ponto de comparecer às atividades desenvolvidas dentro da unidade de ensino, a criança passa a ver o ambiente educativo como uma extensão de seu lar. Ele será uma segunda casa, que promove a aproximação entre as pessoas que se importam com seu desenvolvimento, com seu aprendizado, com o despertar de seus talentos e habilidades. (Gabriel CHALITA, 2005)

A família é uma instituição fortemente influenciada pelo contexto sociocultural, que, no momento, exige mudanças em uma velocidade que supera em muito sua capacidade de adaptação. Essa mesma aceleração é imposta aos indivíduos que são levados a antecipar as passagens da infância para a adolescência e da adolescência para a vida adulta mediante desidealizações precoces das figuras parentais, determinando, em muitos casos, variados problemas de personalidade. (Gley COSTA, 2007)

Com o enfraquecimento da família na estimulação socioambiental da leitura, a escola ganha uma importância mais vital, assumindo uma função que seria da família. E não adianta partir para uma visão de esquiva. [...] É preciso ter consciência que nas famílias mais empobrecidas, de analfabetos funcionais, o leitor floresce na escola. Uma família mais humilde tem plena consciência da importância da leitura e da escrita. O sujeito é não leitor, mas quer que o filho seja um leitor. Manda o filho para a escola para ler, escrever e contar. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2009)

Não há degradação da família, isto é uma ilusão total. Eu vou explicar por quê. A gente acredita que a família vai mal no ocidente, falo da Europa, da América Latina, dos Estados Unidos. A gente pensa que a família vai mal porque há muito divórcio. Mas, paradoxalmente, o divórcio não é de maneira alguma um sinal de

que a família vai mal. O divórcio é o sinal que a família está fundamentada em alguma coisa muito nova, na escala da história evidentemente, que é o casamento por amor. (Luc FERRY, 2010b)

Tento pensar sociologicamente a questão do porquê, em uma família, há um filho que obtém sucesso e outros não, e a pensar sobre a singularidade dos percursos individuais, a compreender as diferenças, as variações no interior dos grupos sociais e familiares. Isso me levou a entender que a família é muito mais complexa e heterogênea, e que os indivíduos se constroem nessa complexidade. (Bernard LAHIRE, 2010)

Não é só a aposentadoria. É serviço, saúde, assistência, cuidado. O Brasil vai ter de se preparar. Serão necessários mais geriatras. Em 2040, teremos algo em torno de 7% da população de 210 milhões de pessoas com mais de 80 anos, ou seja, 15 milhões de idosos. Hoje temos apenas 3 milhões. Tudo isso tem a ver com a mudança da família. As famílias do futuro serão pequenas e mais uniparentais, com mães que trabalham. (Jorge ABRAHÃO, 2011)

A família exerce um papel importante em todas as aprendizagens. Há maneiras de associar as famílias a elas, mas sempre cuidando para que não se converta em uma agressão às suas próprias carências. Muitas famílias não sabem escrever bem e podem sentir-se incomodadas frente a determinados requisitos escolares. Assim, é preciso pensar sempre em atividades que sejam apropriadas e que levem em conta as possibilidades de cada contexto. (Teresa COLOMER, 2013)

Algumas famílias não estão preparadas para lidar com todos os aspectos dos seus filhos. Quem cuida muito bem de toda a parte emocional, em geral, é a família. Mas, especialmente crianças muito carentes e de história de vida problemática, muitas vezes não têm um grande amparo na família. Então, para elas não sobra ninguém mais do que a escola. (Fábio VILLELA, 2013)

Há um sentimento, bastante comum, de que a família mudou para pior. Como se a família do século XX fosse melhor, mais organizada, com papéis claramente definidos, na qual o respeito e a consideração pela autoridade estavam estabelecidos e tudo corria bem. Não penso assim. Concordo que o modelo de família tradicional – pai provedor, mãe dona de casa e educadora, filhos sustentados e obedientes, seguidores dos valores parentais – já não é o padrão atual e duvido que seja o ideal. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Nessas escolas em que os resultados são melhores, essa aproximação com a família é mais bem-sucedida. É um dos aspectos. Claro que, pedagogicamente falando, há vários fatores que contribuem para essas escolas darem muito certo, mas, com certeza, a proximidade e a parceria efetiva com a família são algumas das características-chave presentes nessas escolas eficazes. (Thelma POLON, 2014)

A relação entre a família e a escola é fundamental, porque ambas são educadoras. [...] A escola, para bem educar, deve conhecer os contextos de vida dos seus alunos, e quem melhor que a família para ajudá-la a conhecê-los? A família, por sua vez, deve ver na escola uma aliada na tarefa educativa e, portanto, deve acompanhar a vida escolar dos seus filhos, conhecer a escola e os professores,

participar das atividades, fazer sugestões, questionar, compartilhar. (Isabel ALARCÃO, 2015)

Se você pega o corpo dos trabalhadores de uma escola, dificilmente você vai encontrar nesse corpo de trabalhadores – e eu incluo aí todo tipo de trabalhador da escola, não só professor –, quem tem aquela família formada por pai, mãe e filhos, todos juntos. Mas, na hora de falar da família dos alunos, a gente fala que ela é desestruturada, que os pais trabalham demais, mas o professor está na escola e tem filho em casa, sem pai e sem mãe também. A gente olha para fora e enxerga. Olhar para dentro é mais difícil. (Rosely SAYÃO, 2015)

FILHOS

Durante a adolescência de seu(sua) filho(a), seu domínio sobre a mente e corpo dele(a) é autoritário. Você interdita – para usar uma expressão que minha esposa Nita gosta. Você interdita no corpo consciente dele(a), você é um dominador e você o(a) explora. Mas é a exploração de seu(sua) filho(a) e ela não é econômica. Trata-se de uma exploração afetiva, por exemplo, é uma exploração de sentimentos. Fundamentalmente, você quer alguma coisa dele ou dela. (Paulo FREIRE, 1997)

Os pais acham que sexo e drogas acontecem com todo mundo, menos com os filhos deles. Ou seja, o pai sempre acha que o filho dele não faz sexo e não usa drogas. Os filhos são intocáveis. Então, o aprendizado dos filhos nessas questões acaba não vindo da escola, mas sim das ruas, quase sempre de forma errada. [...] Quando os filhos começam a questionar, os pais não sabem como abordar ou têm vergonha de discutir essas coisas. (David UIP, 1997)

Os pais também perderam o controle da educação dos filhos, trabalham fora, e as crianças sentem-se solitárias, carentes. Aí, às vezes, procuram imitar o mau comportamento de um colega ao lado, que também deve ser outra criança solitária. E ambas, no futuro, irão ter problemas de relacionamento, seja no trabalho ou no campo pessoal. Não importa a profissão ou o *status* social. (Suzana DOBLINSKI; Albertina Costa RUIZ, 2001)

Ao mesmo tempo em que o pai quer dar o melhor para os filhos, algo único, acaba dando uma coisa comum. É como se a gente colocasse o filho para andar de uniforme! Ademais, a maioria das escolas não são preparadas para isso. Para elas, o aluno é um simples transeunte curricular. Os filhos são para sempre. E os danos e prejuízos, quem vai pagar com a má-educação dos filhos são os próprios pais. (Içami TIBA, 2003)

Se os pais tivessem uma melhor compreensão dos motivos da inclusão, haveria mais cooperação e ajuda. Muitas vezes, eles já sentiram a dor de seus filhos quando estes são ridicularizados, excluídos, desrespeitados ou ignorados por seus pares ou quando são reprovados. Autoconfiança, generosidade e preocupação com o bem-estar dos outros são características que desejamos que nossos filhos desenvolvam. Os pais também repassam suas percepções a seus filhos. (Susan Bray STAINBACK, 2004)

Esses pais imaturos apresentam a tendência a permanecer em uma relação simétrica com os filhos, mobilizando rivalidades, invejas e ciúmes próprios dos vínculos fraternos. Em vez de os filhos identificarem-se com os pais, são estes que se identificam com os filhos, tornando-se pais intrusivos, quando resolvem que em casa todas as portas devem estar abertas para poderem participar da vida dos filhos, ou pais indiferentes, quando resolvem fazer a própria vida e viram as costas para os filhos. (Gley COSTA, 2007)

Quaisquer que sejam as transformações que estejam ocorrendo na sociedade, nossos filhos herdaram a capacidade de se adaptar às mais variadas situações – este é seu gênio. Precisamos reconhecer e preservar esses elementos de gênio neles – curiosidade, criatividade, vivacidade, imaginação –, os quais permitirão

que lidem com o que quer que lhes reserve o futuro. (Thomas ARMSTRONG, 2008a)

O uso da medicação na infância e na adolescência deveria ser muito cauteloso, limitado. [...] Deve-se saber se a medicação não responde mais à intolerância dos pais em relação à eventual infelicidade ou fracasso dos filhos do que a uma real necessidade deles. O filho pode ser infeliz por muitas razões. Porque não gosta de ser adolescente, o que é compreensível, porque ninguém gosta. Ou porque está gordo e tem vergonha de tirar a camisa, ou porque tem camaradas que o estão tratando mal ou uma menina mandou-o se enxergar. Isso faz parte da vida. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

[Para o povo Iorubá] quando nascem gêmeos, há um costume de se criarem duas estatuetas, uma para cada criança. Quem vai determinar a elaboração dessas estatuetas é um sacerdote local e, depois da consulta ao sacerdote, eles fazem os Ibejis. Se um deles falecer, a mãe passa a cuidar da estatueta como se estivesse cuidando do espírito do filho que morreu. Ela coloca alimentos, veste a estatueta etc. Essa prática, hoje em dia, já se apropria de objetos do mundo do consumo, como bonecos plásticos que cumprem o papel do Ibeji. (Renata FELINTO, 2010)

Nossos filhos são amados, mas não conseguimos transmitir a eles a lei e os saberes, e isso é uma catástrofe. Essa falta de limites indica perspectivas sombrias para as gerações atuais e futuras? O que ainda me deixa otimista é ver que todos os meus antigos companheiros de 1968, antigos maoístas, trotskistas, todos esses velhos pais que, como eu, tiveram filhos muito tarde, filhos que hoje estão com 9 ou 10 anos, estão entendendo que a lei e o saber são necessárias ao amor; do contrário, não estamos preparando-os para enfrentar o mundo. (Luc FERRY, 2010a)

Um filho não é um projeto, um produto ou um troféu, ou um pedaço de argila que você pode moldar em uma obra de arte. Uma criança é uma pessoa que vai prosperar se lhe permitirem ser o protagonista de sua própria vida. Se seu filho é apaixonado por uma atividade, incentive-o a desenvolver esse talento. E para medir essa paixão você precisa observar seus filhos, escutá-los, ler os sinais que eles nos enviam com seu comportamento. (Carl HONORÉ, 2014)

[Eu] acreditava que o problema era o consumismo, o excesso de bens. [...] Hoje vejo que o problema está na maneira como a vida é consumida. Vejo um número cada vez maior de famílias encarando os filhos como um projeto. Outro dia escutei uma mãe dizer: “pago escola, psicopedagogo, fonoaudiólogo e meu filho não melhora as notas”. Mas ele não é uma mercadoria ou um projeto que você desenvolve dentro de uma empresa e que se fizer tudo certo ele será bem-sucedido. (Clarice Krohling KUNSCH, 2014)

Essa relação [familiar] é assimétrica, e sem assimetria a gente não tem condição de praticar a educação. Mas, essa assimetria mudou, ou seja, hoje, quem tem o lugar mais alto nessa relação assimétrica são os filhos. É em torno dos filhos que gira a vida dos adultos da família. Essa é uma mudança radical e fundamental, que muda a maneira da gente pensar a escola, a relação com a escola, com a educação e tudo mais. (Rosely SAYÃO, 2015)

É preciso perceber que os filhos da sociedade são filhos da sociedade. Não são filhos das famílias. E a pergunta é: qual é a educação que queremos para esses filhos? Nessa medida, a educação de qualidade é a educação que responde ao projeto dessa sociedade para seus filhos, suas crianças. Para que estamos formando nossos filhos? Para ganhar muito dinheiro? Para ocupar altos cargos nas empresas? Para o consumo? Estamos sendo bem-sucedidos nisso, nesse sistema excludente. (Bernardo TORO, 2015)

Se as famílias têm muita dificuldade para educar os filhos, o que a escola pode fazer? A escola pode ajudar a família a se repertoriar também. E aí vem a relevância de esse trabalho ser feito de maneira mais próxima, sem os preconceitos. [...] Por exemplo, se eu tenho um aluno cujos pais são alcoólatras, vou colocar ele de lado por isso? Essas questões precisam vir à luz para eu poder interagir com os meus reais alunos e com as reais famílias. E olhar para aquilo que temos e não para o que queremos. (Tereza PEREZ, 2019)

PAIS

Os pais, muitas vezes, são os piores inimigos da educação. A maioria não está interessada no aprendizado dos filhos. Só querem que eles passem no vestibular. Eu até compreendo, porque eles são movidos pela ilusão de que entrando na universidade seus filhos terão um diploma e isso vai garantir uma sobrevivência econômica digna – o que, aliás, não é verdade. O Ministério da Educação registra o aumento de matrículas nas universidades. Por quê? Porque educação é um negócio muito bom, todo mundo quer ter educação, ganhar dinheiro. (Rubem ALVES, 2002)

Devemos engajar estudantes e seus pais em qualquer projeto. Mas existe uma dimensão difícil: o professor não deve ensinar os pais a serem pais e os pais não devem querer ensinar o professor a ser professor. É preciso compreender que ambos trabalham com a mesma criança. Temos que dar espaço para essa interação. Por outro lado, as coisas não mudarão se pais ou professores não estiverem presentes. (Boudewijn van VELZEN, 2003)

A maioria dos pais querem que o filho esteja preparado para um cenário que já baixou o pano. Fica o pai, literalmente, perturbando a paciência do filho para que ele tenha um emprego garantido numa empresa ou faça um concurso público, vai haver cada vez menos emprego. O pai tem de estar despertando o filho para a necessidade do conhecimento. Porque quando você diz para o filho que quer que ele tenha um diploma, o filho diz: “tem de ter diploma, então vale qualquer meio – os fins justificam os meios”. O que fazer? (Marco Aurélio Ferreira VIANNA, 2003)

Eles [os pais] têm medo de mostrar aos filhos que nem sempre acertam nas decisões tomadas. Que muitas vezes os proibem de fazer mil coisas e não conseguem dar uma explicação plausível para isso. E, no fim das contas, o medo de ouvir dos filhos “eu não gosto de você”. Os pais não suportam “eu não gosto de você”. Por isso, dizem que têm sempre uma razão para tudo. E isso gera um limitador para esses filhos, que vivem tentando arrebentar com a razão dos pais. (Jorge FORBES, 2005)

A preocupação é em ter o diploma, não em quanto o aluno aprendeu. Na escola básica ou na universidade. E não só no setor público. A maior preocupação de pais que têm filho em escola privada é que ele passe no vestibular. Não é saber o que o filho aprendeu na escola, ou se o filho aprendeu a aprender para o resto da vida. Estou falando isso porque tenho a oportunidade de trabalhar junto a alguns dirigentes de escola privada, em conselhos em que também há a participação de pais. Isso é reflexo de uma sociedade cujo objetivo é escolaridade e não aprendizado. (John Edwin MEIN, 2005)

Os pais, assim como os educadores, têm na cabeça um modelo pronto de escola. Querem que os filhos usem caderno e lápis para aprender a ler e a escrever na escola infantil. A metodologia do projeto pode levar a um susto, mas isso se resolve nas conversas com os educadores numa roda. Com o passar do tempo, eles começam a notar as transformações das crianças em casa. As mais caladas tornam-se conversadas, desinibidas. Passam a participar da vida doméstica,

cooperam nos afazeres da casa, mostram-se curiosas e observadoras. (Tião ROCHA, 2005)

Há professores que só chamam os pais quando os filhos apresentam problemas; outros idealizam dezenas de atividades que exigem a presença ou a participação deles. O equilíbrio entre essas duas posturas é a ideal. A escola não pode esquecer que, atualmente, ambos os pais trabalham fora – e por muitas horas, na maioria dos casos. A necessidade de comparecer várias vezes pode trazer sérios conflitos para a família. Muitos não podem ir, de fato. (Tania ZAGURY, 2007)

Eu acredito que os pais procuram, cada vez mais, saber o que ocorre na escola. Deve-se explicar a eles o máximo possível, mas, ao mesmo tempo, não se pode confundir os papéis. Os professores devem restringir-se à posição de que eles têm o domínio da pedagogia. É importante para a criança que haja uma distância entre a escola e a família, porque ela descobre na instituição de ensino uma maneira de ver diferente de seus familiares. (Philippe MEIRIEU, 2008)

O papel da mãe seria de acolhimento para criar o sentimento de confiança, fundamental para o desenvolvimento e, portanto, para a capacidade de aprendizado. O do pai, teoricamente, seria exercer a autoridade, colocar limites, mostrar que há regras a respeitar. Não é necessário ser o pai e a mãe biológicos para fazer isso. Outros adultos podem ter uma dessas atribuições, como o avô e a madrastra. Por outro lado, pode haver pai, mãe e filhos dentro de uma casa e ela ser uma catástrofe, em que ocorrem situações de abuso ou de falta de limite. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Quando digo você é doente vou te dar um remédio, os pais ficam aliviados porque, enfim, encontram o problema e podem tratar o filho. Esse é o sonho de todo pai. Mas eles estão iludidos porque essa criança, na verdade, não está sendo tratada. Ela está introjetando ser doente, ter algum problema e tudo o que ela conseguir na vida vai ser porque foi tratada. É totalmente desconsiderada em que situação isso é produzido. Porque os problemas de aprendizagem são todos produzidos. (Maria Aparecida Affonso MOYSÉS, 2011)

Seja qual for a faixa etária, é importante um tipo de acompanhamento que favoreça a autonomia da criança. O pai jamais deve, por exemplo, fazer o dever pelo filho. Ao mesmo tempo, o dever precisa ser prescrito pela escola de forma que seja possível que a criança o resolva sozinha. Muitas vezes a escola prescreve um dever que não dá para fazer sem a ajuda dos pais. Agora, algum tipo de acompanhamento dos pais é importante, o que vai variar muito de acordo com as condições da família. (Tânia RESENDE, 2012)

O incentivo dos pais é um fator importante para a permanência do estudante [na escola]. [...] “Por que você vai à escola? Porque minha mãe manda ou porque meu pai manda”. E, embora exista um discurso de que o pai acompanha o aluno, isso acontece só no início; depois, ele some. Mas é fundamental estar presente e cobrar: “Menino, você tem que ir para a aula. Você está em casa jogando videogame? Não, desliga tudo, você vai para a escola, tem que ir. O dever está pronto?”. (Mariana CALIFE; Tufi Machado SOARES, 2014)

Os “pais sem pressa” dão a seus filhos bastante tempo e espaço para explorar o mundo em seus próprios termos. Isso significa permitir-lhes descobrir quem eles são, em vez do que nós queremos que eles sejam. Significa aceitar que os tipos de aprendizado e experiência mais ricos muitas vezes não podem ser mensurados ou embalados em um currículo. Os pais sem pressa compreendem que a criação dos filhos não deve ser o desenvolvimento de um produto. Não é um projeto, é uma trajetória. (Carl HONORÉ, 2014)

Os pais começam a “soltar a bicicleta” para que os filhos passem a pedalar com as próprias pernas e sem apoio, porque as rodinhas, essas foram abandonadas há tempo, lá na infância. Por isso, no caso do ensino médio, reforço com os professores, em meus cursos de formação, a necessidade de levar os alunos a relacionar, sempre que possível, o aprendizado de matemática, física, do trabalho com as fórmulas, e mesmo das relações profissionais e empresariais tratadas em outras cadeiras, a um projeto de vida capaz de ser efetivado no futuro dentro da realidade de cada um. (Lauri CERICATO, 2019)

Um estudo americano detalhou os critérios adotados pelos pais em países ocidentais para escolher uma escola privada. A divisão percentual no Brasil é semelhante. Sessenta por cento deles pensam na localização. Vinte e dois por cento privilegiam o capital social, o *networking* que meu filho e eu iremos ganhar com a escola. Doze por cento valorizam instalações, beleza e coisas do tipo. Pedagogia? Três por cento. Isso. Três por cento. (Ricardo SEMLER, 2019)

MEU PAI

Meu pai assinava jornais, revistas, e, pelo menos duas vezes por ano, ele ia à livraria de São João del-Rei – só havia uma livraria naquela época – e pedia todos os livros para a idade dos seus filhos. Ele comprava todos os que existiam e chegava com a mala cheia de livros. Mas a leitura deveria obedecer à hierarquia ditada pela idade de cada um; e sendo eu a quarta filha, devia esperar os três irmãos maiores lerem. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis VIANA, 1995)

Sou filha de um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz. E meu pai me ensina muito, até hoje, como as lutas precisam sempre ser vistas na dimensão das possibilidades. Pensar que estamos na pior escola, na pior profissão, na pior cidade, é imobilizador. Na própria condição humana existe um elemento de destruição. Os homens destroem-se uns aos outros nas mais diferentes condições políticas, nos mais diferentes momentos históricos. (Sônia KRAMER, 1995)

Meu pai, por exemplo, implica comigo porque não sei fazer conta na mão. Mas se tenho a máquina de calcular, por que preciso fazer conta na mão? O que importa é que tenho o instrumento para fazer a tarefa. Há cada vez mais instrumentos para resolver problemas e dar acesso às informações. Portanto, a necessidade de aprendizado em termos de quantidade de informações fica cada vez menor. (Roberto LENT, 1997)

Meu pai tinha sido aluno dos jesuítas e era católico praticante. A experiência religiosa dele teve uma influência muito viva na minha formação. [...] É provável que meu pai esperasse que eu fosse um grande médico. Antes de morrer, meu pai dividiu uma quota entre os doze filhos. Quando me formei, meu pai depositou para mim uma certa quantia. Até pensei em viajar para a Alemanha, passar uns dois anos lá com esse dinheiro. Depois que fiz minha opção [pelo sacerdócio], doe o dinheiro para o mosteiro. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

Quando eu tinha 5 anos, meu pai nos levou até Ubatuba. Fomos a cavalo pela velha Estrada do Café, que estava abandonada. Eu ia em um lado do jacá (cesto usado para levar alimentos no lombo de animais) e meus irmãos menores, do outro. [...] Ao fazer a excursão na faculdade, senti como se fosse a continuidade de um interesse que tinha brotado naquela viagem a Ubatuba. (Aziz AB'SABER, 2001)

Eu aprendi a manejar um canivete porque vi meu pai descascando uma laranja e tive inveja daquilo. Ele então me ensinou a fazer o mesmo. Quando você busca ferramentas como resposta para problemas vitais, elas são maravilhosas e necessárias – e você percebe que não pode viver sem elas. Na escola, porém, o aluno entra numa oficina e dizem para ele: “Vamos aprender o que é martelo, serrote e prego”. (Rubem ALVES, 2002)

Meu pai, Aluizio Pessoa de Araújo, era dono e diretor de uma escola particular em Recife, o Colégio Oswaldo Cruz. Em Jaboatão [PE], onde Paulo [Freire] vivia, não havia escola secundária. Então, quando ele acabou os estudos primários, a mãe dele foi até a escola de meu pai para pedir uma bolsa de estudos. Ele tinha um trânsito grande pelo colégio de meu pai. (Nita FREIRE, 2003)

Quando eu tinha 3 anos, em Araraquara (SP), minha avó (na verdade, uma tia solteira que virou avó) possuía uma escola de artes no quintal de sua casa, onde dava aulas de pintura e tocava acordeom. Sua irmã, tia Lilita, abria o guarda-chuva e contava histórias maravilhosamente bem, incluindo as da Bíblia. Meu pai, arquiteto, adorava música; queria ter sido maestro. Essas pessoas despertaram meu interesse pela arte. (Stela BARBIERI, 2006)

Depois [dos anos 1970], para se ter Filosofia (e afins), foi criado um mecanismo que dependia da mobilização dos alunos e do consentimento do diretor, etc. Ficou mais difícil. Eu usei isso para quando quis, aos 17 anos, estudar Filosofia no ensino médio. Então, consegui que o diretor abrisse uma “sala de ciências humanas”. Mas não penso que outro aluno conseguiria isso. Eu consegui isso, em plena vigência de um regime legislativo antifilosófico, porque o diretor com que lidei era meu pai. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006b)

Na minha paixão pela leitura desempenharam papéis importantes livros de aventura e romances policiais. A outra vantagem que eu tive é que o meu pai nos deixou uma biblioteca muito boa, o que ainda hoje não é comum no sertão da Paraíba. Foi da biblioteca dele que eu li pela primeira vez *Os Sertões* (de Euclides da Cunha), *O Cortiço* (de Aluísio de Azevedo), os livros de Eça de Queiroz, principalmente *Os Maias*, *A Cidade e as Serras* e *A Ilustre Casa de Ramires*. (Ariano SUASSUNA, 2007)

Eu aprendi a ler muito cedo, antes dos cinco anos de idade. Então, ler para mim sempre foi uma coisa natural. Meu pai incentivava, era engenheiro, mas um engenheiro com visão humanística, o que é raro. Na adolescência eu já lia muita coisa que me exigia um conhecimento depurado da língua e, então, passei a estudar por conta própria. A literatura e a música popular também fizeram com que eu aumentasse meu interesse. (Pasquale CIPRO NETO, 2010)

Meu pai era militar e servia na Quarta Região Militar, que era comandada pelo general Olympio Mourão Filho, responsável por desencadear a saída das tropas de Minas Gerais em direção ao Rio de Janeiro, em 31 de março de 1964. Numa reunião, esse general pediu a todos que não concordassem em participar daquela missão, que tinha como objetivo “salvar a pátria do comunismo”, que dessem dois passos adiante. Meu pai, que fora recentemente promovido a general, e mais uns alguns poucos militares fizeram isso. Todos foram punidos. (Lucília NEVES, 2010)

Quando eu tinha 12 anos, meu pai abriu uma conta numa livraria para mim, o que me permitiu comprar os livros que eu quisesse. Foi assim que comecei a biblioteca zoológica que tenho hoje. Na infância, costumava passar as férias na fazenda de meu pai, no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. A cada ano que ali voltava, havia menos mata e menos bichos. Assim, desde pequeno, percebi que eu era um zoólogo. (Angelo Barbosa Monteiro MACHADO, 2012)

Eu tive esse pai, que lia muito, e eu via meu pai ler. Ele chegava todos os dias do emprego e lia durante 40 minutos, aí ele ia jantar. E eu ficava olhando. Às vezes ele ria, às vezes ficava sério. Quando eu aprendi a ler, ele começou a me dar livros, a professora da escola também dava livros e começou a exigir a leitura para

podermos fazer as redações. A escola tinha uma pequena biblioteca e ficávamos o tempo inteiro lá. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Fiz o equivalente ao antigo ensino primário em casa de fazenda com meu pai, que era dentista e um professor exigente. Cursei o ginásio e colegial (o antigo clássico) em um internato religioso que oferecia uma educação forte em humanidades. Estudei na Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, uma das melhores do País. Não tenho de que reclamar, mas é uma trajetória atípica. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

MINHA MÃE

Todas noites, quando eu ia me deitar, minha mãe vinha – ela trabalhava muito: de manhã, de tarde e de noite – e puxava o cobertor, sentava na beirada da cama e me contava uma história. E as histórias que me contava, todas elas, eram contos de fada, histórias da Bíblia; e, sendo comunista, ela também me contava histórias do Prestes e de Marighela. Ela tinha uma concepção muito ingênua e romântica de comunismo, que, para ela, era uma aristocracia a serviço de todos. Todo mundo ia ter direito a um castelo. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis VIANA, 1995)

Essa é uma história [do teatro de bonecos] que vem de família, pois, meus irmãos mais velhos gostavam de construir e brincar com os bonecos que chamávamos de “hominho”. Herdei deles essa brincadeira com as marionetes. Prestava atenção e gostava de brincar também com os fantoches que minha mãe, professora de um grupo escolar, levava para casa para costurar e corrigir. (Álvaro APOCALYPSE, 1996)

Sou filha de professora, mas, quando era mais nova, negava a professora que minha mãe era. Eu considerava minha mãe uma professora tradicional. Tudo que eu estava vendo na Universidade não se parecia com a minha mãe e, então, eu não precisava ser igual a ela. Mais tarde, deixei de enxergar apenas seus defeitos e busquei suas qualidades. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

Em minha família todos gostavam de contar histórias. Minha mãe, que teve nove filhos, contou história para todos. Mais tarde vieram os romances de Charles Dickens e Alexandre Dumas e a certeza de que a leitura é importante em qualquer idade. A narrativa dá sentido à existência e os livros formam um patrimônio da humanidade, a que todos têm direito. E devem reivindicar. (Ana Maria MACHADO, 2002)

Minha mãe é responsável por tudo de inovador que fiz na vida. Quando ela morreu, aos 80 anos, eu ainda era muito novo. Meus pais foram um pouco meus avós: quando eu nasci, meu pai tinha 51 anos. Lembro que quando eu era criança, os pais dos meus colegas de escola tinham 27, 28 anos. O meu tinha 60. Minha mãe era uma mulher muito inovadora. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

Nós somos diferentes uns dos outros, não só porque um tem a cara assim e o outro tem a cara assado. Dentro, cada um de nós é um pequeno universo. Enfim, somos como pequenas ilhas, que nos comunicamos uns com os outros porque falamos, por amizade ou amor. Meu pai sabia ler e escrever, mas nunca foi leitor. Minha mãe, nem isso – nunca aprendeu a ler. E quer dizer que sai um filho que aos 15, 16 anos ia ler nas bibliotecas públicas à noite. Pode parecer um pouco surpreendente, mas é assim. (José SARAMAGO, 2003b)

Na minha casa não havia biblioteca, mas tanto meu pai como minha mãe faziam empréstimos de livros na biblioteca da Rede Mineira de Viação, que era muito boa. O que me ajudou muito a ler foi uma infinidade de partituras de músicas. Sou de uma família de músicos. No verso das partituras, vinham as letras das músicas, e eu ficava lá, pelejando para ler aquilo. (Maria Antonieta Antunes CUNHA, 2006)

Fui uma criança leitora. Quando cheguei ao Brasil, já tinha muita bagagem, porque meus avós e pais liam muito. Eu tive dois irmãos. Um deles era um ano e meio mais novo que eu e o outro era temporão, dez anos mais novo. E minha mãe era dentista, trabalhava. Então, eu mais ou menos criei esse irmãozinho. Fui “irmã” e aprendi muito de crianças com ele. (Tatiana BELINKY, 2009)

Quando um oftalmologista espanhol disse que eu nunca mais poderia ver, minha mãe respondeu que acreditava em milagres e eu me calei. Não tinha o que falar. Só pensei que faria o possível para levar uma vida normal. Minha família nunca me escondeu nada. Nem permitiu que me enganassem com promessas inviáveis. A cegueira não é agradável, heroica, bonita ou feia. Trata-se apenas de uma patologia. (Dorina de Gouvêa NOWILL, 2009)

Ao escolher letras, passei por cima da preferência de minha mãe, que queria que eu fizesse medicina. Eu já estava no terceiro ano de letras e minha mãe continuava falando para as amigas que eu fazia medicina. Portanto, não se podia dizer naquela época que ser professor era uma profissão de prestígio. Mas, sem dúvida, a relação professor-aluno mudou muito. (Graça PAULINO, 2011)

Minha mãe era professora primária e sempre foi uma leitora apaixonada. Logo que aprendi a ler – uma das grandes alegrias de minha vida –, ela me levou à Biblioteca Municipal de Santa Bárbara D’Oeste, SP, cidade onde morávamos. Ficar sócia da biblioteca me encheu de orgulho e prazer, ia sempre lá, a princípio com minha mãe, mais tarde sozinha. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

Tive muita sorte com meus professores e minha mãe, que me indicaram livros fundamentais. Minha mãe era obcecada por Machado de Assis, escritor mal lido durante muito tempo. Machado era interpretado como o escritor dos triângulos amorosos, e isso excitava os leitores. Claro, a obra machadiana é muito mais complexa, pois fala das contradições da nossa sociedade, da loucura, da crueldade da nossa elite e do lado obscuro do homem. (Milton HATOUM, 2012)

Eu me lembro da minha mãe [que era professora], que caminhava na cidade e era quase reverenciada. Mas isso acabou: o professor hoje é um ilustre desconhecido da própria comunidade. Os alunos não têm mais orgulho do professor. Então nós precisamos trazer de volta a sua importância para a sociedade. É preciso que a sociedade reconheça a profissão, porque os coreanos não chamam de professor, chamam de “formador do futuro do país”. (Marcos MAGALHÃES, 2012)

A minha mãe foi professora de creche por muitos anos. Hoje ela tem 82 anos. Ela tinha muito talento para contar histórias. Quando ela voltava para casa, tinha uma língua muito bonita para explicar as experiências de cada dia – o que aconteceu com uma criança, com um pai, numa situação escolar. Morávamos numa aldeia muito pequenininha do interior. Quando eu tinha 16 anos, nós migramos para a cidade e, então, minha mãe começou a trabalhar em uma escola que já estava altamente colonizada pela língua dos especialistas. (Jorge LARROSA, 2013)

Vim de uma família com pais muito inteligentes, ambos advogados. Naquela época, achava-se que eu tinha alguma espécie de dano cerebral. Para eles, era

bastante difícil lidar com o problema que era “a Sally não consegue ler”. Mas, no fundo, minha mãe nunca acreditou que isso era verdade e sou muito agradecida. Meu pai não acreditava muito no potencial das mulheres, era um homem à moda antiga. (Sally GARDNER, 2014)

EMERGÊNCIAS

SÉCULO XXI

Quais são então os conteúdos frente ao século XXI, frente às grandes revoluções tecnológicas que estão ocorrendo? Eu vivenciei a seguinte situação com um aluno de Ensino Médio. O rapaz estava justamente desmontando um desses aparelhos, vendo os microcircuitos que os compõem, e lhe perguntei: “E na escola?”. “Não, na escola eu não gosto de nada”. “Mas o que você está estudando agora?”. “Estou estudando História Medieval. Eu não entendo”. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

As exigências do século XXI são inúmeras e a educação tem de se adaptar a elas. Pedir para um professor desenvolver, sozinho e com os próprios recursos, toda semana, quatro ou cinco boas aulas é como falar para um médico que ele precisa fazer pesquisas antes de ministrar um remédio ao paciente, o que é um absurdo. Se ele conhece as informações da bula – resultado dos estudos feitos pelo laboratório –, apenas adapta o medicamento às características do doente. (Bernardo TORO, 2002)

A pedagogia de projetos é importante porque coloca um objetivo para o estudo. “O que eu preciso organizar e estruturar para fazer aquilo?”. E, depois, aprender a fazer o projeto em si. É uma habilidade importante no mundo do trabalho do século XXI, onde já não existem mais os empregos e as carreiras tradicionais. As pessoas estão fazendo seus próprios projetos, e aprender a fazê-los não é uma coisa que cai do céu, a pessoa tem de se exercitar nisso. (Helena SINGER, 2008)

Quando você sai da sociedade do emprego e entra na sociedade do trabalho – e é essa mudança que nós estamos vivendo a partir do final do século passado e que vem se radicalizando cada vez mais no século XXI –, o que acontece? Não há mais jornada fixa de trabalho, não há mais salário definido e há cada vez menos separação entre planejamento e execução. (Wanderley CODO, 2010a)

Um dos debates importantes é começar a ter uma visão holística da escola, que pensa quais são as habilidades do século XXI. Atualmente, essas capacidades convergem: enquanto aqui você vai ser mais produtivo, ali você será uma pessoa mais feliz, um melhor pai, etc. Outras habilidades são a autoeficácia, a capacidade de trabalhar em grupo, de entender e pensar criticamente, de criar e inovar. (Marcelo CABROL, 2011)

Um cidadão do século XXI precisa entender quais são os principais desafios mundiais que nós compartilhamos e ter as habilidades para contribuir com soluções, para gerenciá-los ou transformá-los em oportunidades. Além disso, é também necessário entender como diferentes organizações, sejam elas empresas, o governo ou movimentos da sociedade civil, podem contribuir com respostas e soluções a esses desafios. (Fernando REIMERS, 2011)

As exigências e oportunidades relacionadas às tecnologias hoje são enormes para todos os países. Para lidar com isso, é essencial pensar em meios de desenvolver nas escolas as habilidades que as crianças precisarão para enfrentar o século XXI, como pensamento crítico, capacidade para resolver problemas e tomar decisões, boa comunicação e disposição para o trabalho colaborativo. (Martina ROTH, 2011)

Penso que a economia verde está enganando certos professores, tentando fazer parecer que os serviços ecossistêmicos são a grande solução do século XXI. Um dos grandes desafios educativos para o tratamento da mudança climática é que as pessoas não percebem o fenômeno climático com nitidez. Isso as desmobiliza, e algumas chegam inclusive a duvidar que a escassez da água seja um problema mundial. (Michèle SATO, 2012)

A sociedade do século XXI não é apenas informativa. Ela precisa do trabalho em equipe, do sentido da responsabilidade e da solidariedade, de pessoas reflexivas e criativas, que atuem em rede e em grupos, o que não vai acontecer espontaneamente. É preciso formar o aluno e também o professor. Mas o que faz a escola atual? Forma alunos reflexivos, criativos, estudando em rede? Raramente, embora alguns professores tentem trabalhar desse modo. (Bernard CHARLOT, 2013)

O que é avaliado hoje não é a capacidade necessária para o século XXI. Eu penso que a chave é o engajamento dos alunos por meio de projetos que estejam conectados com o mundo. O que tem que ser medido é como o projeto foi realizado e todas as capacidades que estão por trás dele. Se os alunos ficaram engajados, é sinal de que aprenderam. (Fernando Valenzuela MIGOYA, 2014)

[É preciso] trazer o professor e a escola para o século XXI, incorporar a realidade das novas metodologias e o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) à formação do professor e ao seu cotidiano profissional. Sem isso, não há como superar tal distanciamento, pois o professor tende a repetir e replicar em sala o mesmo modelo em que foi formado. (Ryon BRAGA, 2015)

Ninguém quer estudar, querem aprender. Se você estimula a aprendizagem e se eles tiverem condições de compreender o que estudam, você pode fazer o que quiser. Trabalhos feitos com crianças que eram malsucedidas nas escolas são bem-sucedidos quando você as coloca em situações de aprendizagem significativas. [...] Tem de mudar os paradigmas da educação do século XXI, para que não seja exclusivamente conteudista, no sentido de que “eu falo, você aprende, decora, e depois expõe”. (Eladio Sebastián HEREDERO, 2015)

Filosofia e a Sociologia são fundamentais. Mas aprende-se a pensar em todas as disciplinas, das ciências às artes e às humanidades. É necessária uma pedagogia que coloque os jovens numa atitude de pesquisa, de procura, de resolução de problemas, em vez de lhes servir uma matéria já pronta e acabada. É inacreditável como, em pleno século XXI, ainda temos de repetir o que Montaigne já dizia no século XVI: é preciso ter uma cabeça bem feita e não bem cheia. (António NÓVOA, 2015)

Se temos uma dor de cabeça e tomamos um comprimido, somos beneficiários da ciência. Se uma pessoa mora em uma zona de conflito atingida por bombas, ela está sendo vítima da ciência. Por isso, acho que o cidadão do século XXI tem uma grande necessidade de ter conhecimento científico, e a escola deve fornecer esse conhecimento aos alunos. É preciso levar as crianças a raciocinar, observar fatos e levantar e testar hipóteses. (Mário PERINI, 2015)

A escola do século XXI deve ser um espaço capaz de construir tais virtudes. Arrisco dizer que tal escola estaria condenada a utilizar mais do que as frágeis fronteiras físicas de seus muros e considerar metodologias que envolvam os estudantes, abraçando-os em todas as suas dificuldades e potencialidades, em um despertar de si mesmos e de outros. (Ricardo FRAGELLI, 2018)

TECNOLOGIA

É imprescindível que o aluno tenha os mais variados conhecimentos na área da linguagem – estamos vivendo num mundo muito ágil, onde o papel do simbólico é fundamental –, na área das ciências naturais, na área das ciências humanas. E tudo isso tem de estar articulado com suas próprias tecnologias. Nós temos tecnologias de comunicação e informação articuladas com as linguagens, tecnologias de processos industriais articuladas com as ciências da natureza, tecnologias de gestão e planejamento articuladas com serviços. (Ruy BERGER, 1999)

Em princípio, a tecnologia faz parte do progresso social. Gosto muito da metáfora de McLuhan sobre a compreensão dos meios como extensões do homem, potenciações das capacidades humanas físicas, psíquicas, mentais, etc. Nesse sentido, ela é positiva por ser potenciadora. Acontece que, ao mesmo tempo, toda realidade é ambivalente e toda tecnologia é ambivalente, possui uma dupla face. [...] Não creio que a tecnologia seja neutra, pois tem uma ideologia e uma funcionalidade, depende de para que é usada. (Joan FERRÉS, 1999)

Se uma instituição, como a escola atual, está indo na direção errada, de nada serve usar a tecnologia para fazê-la mais eficiente em seus processos ou bem administrada, sem antes mudar o seu rumo. É preciso, primeiro, acertar os fins, para depois empregar meios mais eficientes. E a tecnologia é sempre meio. Para que a tecnologia possa trazer a sua inestimável colaboração para a escola, é necessário, que, primeiro, a escola se reinvente, isto é, redefine seus fins. (Eduardo CHAVES, 2004)

Hoje, as novas gerações estão completamente ligadas à tecnologia e aos meios de comunicação. Elas fazem parte de uma cidade que não é só real mas também digital. E nesse espaço você não é brasileiro nem italiano. Os jovens de hoje são criados numa sociedade digital. [...] O papel do professor que usa a tecnologia é parecido com o do diretor de um filme. Trata-se de um professor-diretor, que não se limita a falar, mas passa a direcionar o uso dos meios de comunicação pelos alunos. (Pier Cesare RIVOLTELLA, 2007)

De dez em dez anos, 80% das tecnologias são repostas. Esse prazo está se encurtando. Hoje, já não são mais dez anos, são oito ou sete anos. O prazo da vida humana comporta pelo menos dez ciclos ou doze ciclos tecnológicos, o que exige um grau de adaptabilidade muito maior do que antes, do que quando a sociedade era pachorrenta, lenta, estável. O arquétipo de ontem era o mesmo de amanhã. Agora, já não há estruturas permanentes, mas sim projetos. O futuro é mais importante que o presente. (Roberto CARNEIRO, 2008)

As tecnologias analógicas ampliavam os poderes mecânicos do homem e séculos se passavam para as invenções serem amplamente incorporadas e surgirem novas culturas. Mas, as tecnologias digitais ampliam os poderes cognitivos do homem e as mudanças são muito rápidas e muito transformadoras. Por exemplo, as tecnologias digitais possibilitaram nossa entrada na era espacial, o conhecimento do genoma, do DNA, do cérebro humano. As instituições se transformam e as novas práticas rapidamente se instalaram em todas as profissões. (Léa FAGUNDES, 2011)

Os professores são imigrantes digitais. Os alunos, nativos digitais. Se as mudanças em relação à tecnologia começam pelo professor, ele ganha mais segurança. No momento seguinte, quando os estudantes tiverem acesso, ele estará mais preparado e liderará o processo. A tecnologia não substitui a relação professor/aluno. Mas o educador, na sociedade atual, deve funcionar como uma antena parabólica. (Aloizio MERCADANTE, 2012)

No México, fiz uma campanha de recuperação de máquinas de escrever mecânicas que estavam indo para o lixo, no momento em que as máquinas de escrever elétricas estavam sendo introduzidas nas universidades e nas empresas. Recuperamos aquelas máquinas para levá-las a escolas de comunidades rurais. O impacto foi magnífico. Era a chegada da tecnologia! (Emilia FERREIRO, 2013)

Cada vez mais nos relacionamos com o mundo por meio da tela, por meio do mundo bidimensional, que não tem profundidade. Quando a sala de aula se converte em um centro de conexões, esse lugar onde cada um se conecta com algo, essa dimensão do que havia de comunitário desaparece. Eu não sou contra as tecnologias, mas me parece que as tecnologias são interessantes e educativas se usadas para construir o que é comum. E se são usadas como maneiras particulares e privadas de relacionar-se com o conhecimento já não são educativas, são outra coisa. (Jorge LARROSA, 2013)

As novas tecnologias digitais trouxeram aos professores novos canais para interagir e ensinar seus alunos através de diversas ferramentas, como poderosas apresentações multimídia, *podcasts*, troca de mensagens *on-line*, fóruns virtuais e a publicação e compartilhamento de arquivos em multimídia. [...] A disponibilidade de informação e comunicação 24 X 7 enriquece o relacionamento entre aluno e professor, mas somente se ambos aproveitarem as vantagens e aprenderem a utilizar os recursos tecnológicos para fins acadêmicos sérios. (Jim LENGEL, 2013)

[O professor] está acostumado a ser o único detentor do conhecimento, do controle sobre os tempos, as fontes e os fluxos de informação na aula, porque tradicionalmente a aula é somente sua voz, sua letra no quadro e o livro. Tudo já estava controlado previamente, e não havia ruídos e interferências. Com as tecnologias, há ruídos externos. Portanto, há a possibilidade de que, ao incorporar as tecnologias, os alunos se distraiam. É como se os alunos tivessem um campo de futebol enorme, onde jogam Ronaldo e Neymar, e, ao lado, o professor. (Carlos Marcelo GARCÍA, 2014)

Temos de lembrar que a tecnologia é qualquer coisa criada depois que nascemos. Giz de cera é tecnologia. Anos atrás, ele era visto como algo totalmente novo. Hoje é considerado um material banal. Para pensar sobre todas as tecnologias, temos de adotar o mesmo raciocínio: como elas podem ser usadas de forma relevante por crianças de determinada faixa etária? Não se trata exatamente do que utilizar, mas de como. (Mitchel RESNICK, 2014)

A presença do digital em nossa sociedade é indiscutível. As crianças veem esse uso no dia a dia e podem explorá-lo de diferentes maneiras. Telefones celulares e computadores são utilizados para a comunicação de modo oral e escrito –

possibilitam falar, escutar, mandar mensagem e se ver por meio da tela. A distribuição das tecnologias é até mais igualitária do que a dos livros. (Ana TEBEROSKY, 2015)

O uso da tecnologia na educação não se limita à aprendizagem e ao consumo de informações, mas envolve o compartilhamento de imagens, opiniões e ideias com outras pessoas e comunidades. A tecnologia cria a possibilidade de uma educação mais participativa, mais democrática, na medida em que permite às pessoas se conectarem umas com as outras, e não apenas com seus professores, que durante muito tempo foram as autoridades responsáveis pela transmissão do conhecimento. (John TRAXLER, 2015)

A tecnologia é fascinante se você souber o que deseja na vida. Caso contrário, será fácil para a tecnologia moldar seus objetivos e assumir o controle de sua vida. Você já viu aqueles zumbis que vagam pelas ruas com seus rostos colados em seus *smartphones*? Você acha que eles controlam a tecnologia ou a tecnologia os controla? Assim, certamente se faz necessário o comedimento na adoção das tecnologias na escola. (Rui FAVA, 2018)

MÍDIA

Se somamos os códigos com que se faz a informação e a representação do Brasil e do mundo, a importância da mídia na vida dos brasileiros é muito grande. O fato de estarem em contato com esses meios garante uma forma de transmissão da realidade feita por empresas com interesses políticos, religiosos ou econômicos determinados. Empresas distintas, mas com objetivos similares. O cidadão comum não conhece esse gênero de questões; para ele a informação é neutra, para ele informação e entretenimento absolutamente nada pretendem. (Roberto APARICI, 1999)

“Educação jornalística” consiste, sumariamente, em selecionar os temas e autores segundo o destaque momentâneo que recebem na mídia. Você sabe quem era o autor mais lido e estudado nas nossas escolas secundárias por volta de 1910? Um tal de Pelino Guedes, que o tempo sepultou irremediavelmente, como amanhã sepultará Zuenir Ventura, Frei Betto, Leonardo Boff e todas essas nulidades esplêndidas que, por mero espírito de patota política solidária, o *lobby* da mediocridade esquerdista impinge aos nossos meninos de escola. (Olavo de CARVALHO, 1999)

A realidade de hoje é o confisco das grandes mídias modernas (imprensa, cinema, televisão, Internet) pelas mais poderosas empresas do comércio cultural. Nós conhecemos todos os efeitos desastrosos disso: a imposição de um modelo cultural único, a marginalização das outras línguas que não o inglês, o ajuste dos conteúdos às supostas expectativas do mais amplo público, a “guetização” das criações consideradas de elite etc. (Roger CHARTIER, 2000)

Na mídia brasileira hoje, o tema “criança de rua”, ou “meninos e meninas de rua”, aparece também muito pouco. Mas por quê? Porque não faz mais sentido simplesmente mostrar que há meninos na rua. Hoje, a melhor matéria que se publica sobre meninos de rua é exatamente a que investiga por que essas crianças estão fora da escola. Ou seja, isto se tornou matéria de educação. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

Um problema histórico dos professores de geografia é a competição acirrada com a mídia. Informação, todos têm, e abundante. O problema não é a informação, mas sua interpretação. É esse o papel da escola: dar um sentido a essa torrente de informações. Escola não é para informar e sim inter-relacionar, coordenar esse conjunto de informações que a mídia proporciona. (Demétrio MAGNOLI, 2001)

Não acredito na possibilidade de conscientização da mídia, acho que é uma questão de interesse. Quem está em lugares de poder na mídia são pessoas brancas, e elas não querem ver mudada essa situação. Querem ver esse tema abafado, como se não existisse. E é muito narcísico, eu diria. As pessoas buscam mostrar imagens delas mesmas. A coisa mais narcísica são as apresentadoras dos programas, uma loira atrás da outra. Você muda de canal e acha que está no mesmo, porque as carinhas são todas iguais. (Maria Aparecida Silva BENTO, 2004)

A mídia tem adquirido um papel cada vez mais importante graças, também, aos desenvolvimentos tecnológicos no campo da comunicação. Dada a sua aptidão

para exercer um impacto maciço na orientação da consciência, é utilizada pelo capital não só para finalidades ideológicas, no serviço do sistema de valor dominante, mas para contribuir com objetivos de produção, por meio da propaganda e da manipulação dos desejos dos fictícios “consumidores soberanos”. (István MÉSZÁROS, 2006)

De 45 anos para cá podemos ver uma aceleração no processo, que ficou ainda mais evidente há 20 anos, quando a mídia realmente alcançou as massas e as classes D e E tornaram-se grandes consumidoras. Os marqueteiros espertos passaram então a criar ondas e definir que os espaços da mídia seriam reservados àquilo que “dá audiência”. Músicas de baixaria, livros de autoajuda, programas de TV policiais... em escala industrial. Portanto, a pocotização como indústria tem 40 anos. Antes, era artesanal. (Luciano PIRES, 2006)

Seria interessante que os professores não usassem os personagens e as citações da mídia. Ela não precisa de promoção. O ideal seria trabalhar a resistência, oferecendo aquilo que as crianças não veem normalmente. Porém, as professoras assistem a esses programas; seria pedir para pessoas que façam algo contra o que elas mesmas consomem. Acho difícil que isso seja possível, mas seria o ideal. Deveria haver uma reciclagem cultural permanente, que permitisse aos professores fazer essa crítica à mídia. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Se apenas um professor responde pelo conhecimento da tecnologia e da mídia (como ocorre em muitas escolas que têm salas de informática), os outros tendem a se desinteressar pelo assunto. E, para ser eficaz, esse trabalho precisa ser feito em equipe. O professor de Língua Portuguesa trabalha com a análise do texto e o uso da linguagem na mídia. O de Arte, com a dimensão expressiva dos meios. O de Tecnologia, com as ferramentas. O de Matemática, com a representação da disciplina nos diferentes meios de comunicação. E assim por diante. (Pier Cesare RIVOLTELLA, 2007)

Há estudos que apontam a influência da mídia, incluindo a internet, como uma das principais causas indiretas de problemas de indisciplina nas escolas. A mídia claramente afeta não somente hábitos de consumo, mas a formação de valores e estilos de vida que se apresentam em sala de aula. Mas penso que ainda é cedo para entendermos toda a extensão das relações virtuais sobre o ambiente de aprendizagem na escola. E certamente não há apenas aspectos negativos a considerar. (Joe GARCIA, 2011)

Não podemos deixar a criança à mercê desses ensinamentos da mídia. A própria questão do consumo é presente para os adultos. De repente, nos vemos diante de uma cultura em que a única possibilidade de convivência social está na esfera do consumo. Então, a gente também fala muito que a criança está vulnerável, mas nós também estamos nesse “barco”. Um desafio forte para a educação escolar hoje é a necessidade de problematizar isso. (Raquel Gonçalves SALGADO, 2014)

Eles [os *black blocs*] têm essa autocrítica, de que não souberam, tampouco, levar essa mensagem para as pessoas, explicar o porquê da violência. Então é aquela coisa, as pessoas ficam com a imagem de um cara depredando um banco, a polícia jogando bomba, que é algo que provoca medo e uma rejeição enorme. Nisso, a

imprensa teve um papel negativo. A mídia conservadora ficou no estigma de baderneiros e a imprensa alternativa falava da polícia. Falta essa tentativa de tentar entender, de ir além dos rótulos e estereótipos. (Esther SOLANO, 2015)

Os padrões de beleza disseminados pela mídia aparecem para o espectador como se fossem pré-requisitos para ele ser aceito, amado e, conseqüentemente, para a própria pessoa se amar. O antídoto é educar para a aceitação de cada ser humano como ele é, a educação para a convivência com a diversidade – e aqui me refiro à diversidade em toda a sua amplitude, de raça, gênero, peso, QI etc. Entender a diversidade e aceitá-la parece ser a vacina contra a pasteurização vendida pela propaganda. (Tania PARIS, 2017)

Nossa mídia está muito mais focalizada em trivialidades do que na boa ciência ainda feita no país, apesar das terríveis carências orçamentárias atuais, as piores de nossa história. Coisa nunca antes vista neste país: houve quedas anuais de 50% nesse financiamento no período da fórmula Dilma-Temer. Dez vezes mais do que a recessão do período! Isso não foi muito noticiado na mídia porque não convinha a nossas autoridades. (Iván IZQUIERDO, 2018)

TELEVISÃO

Se a televisão for o único tipo de opção, a única forma de lazer, a única relação que a criança tem com a indústria cultural, acho ruim. [...] A criança acaba assistindo a uma série de produções que muito pouco trazem de enriquecimento cultural. E se ela se põe a assistir cinco horas de TV como uma opção consciente – em vez de brincar no quintal ou com os amigos –, alguma coisa errada está acontecendo. Por que a televisão se torna uma coisa tão atraente e as outras situações não? (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

A escola deve rever sua posição com relação à questão da educação para a mídia, adotando uma posição de abertura, de integração com as novas linguagens e tecnologias – não apenas declarar que a televisão é negativa e ponto final. A televisão está cada vez mais se transformando numa instituição que socializa e educa, propagando valores e modelos de comportamento. Assim, ela tende a enfraquecer um papel que é da escola. Hoje a escola está mais preocupada com os conteúdos programáticos e está perdendo para a TV aquele papel de socialização, de educação integral. (Maria Luiza BELLONI, 1993)

Acredito que os meios de comunicação, e a TV em particular, podem contribuir decisivamente para suprir nossas deficiências de instalações e equipamentos didáticos. Muitas escolas, por exemplo, não têm laboratório, mas se tiverem uma televisão, professores e alunos poderão acompanhar o desenvolvimento de uma experiência pela telinha. Sabemos que isso não substitui os laboratórios. Ainda será preciso investir neles, em bibliotecas e na compra de material didático. Mas é um começo. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 1995)

Os educadores em geral têm um papel fundamental, que é a leitura crítica da TV. Isso quer dizer discutir com os alunos os mecanismos de produção da TV, que inclui elementos tecnológicos, culturais, políticos ou ideológicos. Na verdade, só existe um lugar para se fazer uma análise independente da TV: na escola e na universidade. E pensar a TV é fundamental para o próprio processo educativo. Aliás, uma diferença essencial entre a TV e a escola é que a TV – ao contrário da escola – é unidimensional. A TV é autocentrada, ela se explica a si mesma. (Laurindo Lalo LEAL FILHO, 1997)

Hoje, infelizmente, o tema das drogas tem sido tratado de uma forma comercial demais. E os adolescentes são rebeldes, contestadores, mas continuam durante uma boa etapa da adolescência – e muitos, durante muitos anos mais – com uma obediência total aos ensinamentos da televisão. São rebeldes contra os pais, mas não contra a televisão. Isso é um fenômeno fantástico. (Eduardo KALINA, 1999)

O que precisa haver é um controle específico para esses programas [de TV], uma autoconsciência de cada emissora. E uma certa mudança da própria sociedade. Se os valores de audiência e de mercado prevalecerem sobre os valores humanos, a TV vai acabar uma porcária. Todos os programas serão de baixo nível. Na porta de cada emissora, deveria existir uma placa: “Aqui os valores humanos prevalecem sobre os valores do mercado e da audiência”. O que mais me espanta é o final de semana nas TVs abertas. É inqualificável. (Jorge da Cunha LIMA, 1999)

Em relação ao conteúdo da programação, a influência depende muito das condições de recepção. O ser humano não é tão passivo assim. A TV influi no comportamento das pessoas no que ele tem de superficial. Se tenho uma visão política muito superficial, vou ser mais influenciável pelos marqueteiros. Em compensação, quando o assunto tem raízes mais profundas na personalidade, a televisão consegue mudar muito pouco os comportamentos. [...] Menor profundidade psicológica, maior influência da televisão. (Yves de la TAILLE, 1999)

Com o *Telecurso 2000* há uma mobilidade fantástica porque o programa chega às fábricas, escolas, igrejas, ou qualquer canto do Brasil. É uma experiência muito rica, nem tanto pelos resultados, mas na percepção do que significa a televisão e que meio extraordinário é esse para levar a educação em um país com as dimensões do Brasil. É claro que nada substitui a educação presencial, mas nós precisamos fazer educação em massa no Brasil. Nós ainda temos um grau de analfabetismo e de fragilidades muito grande. (Horácio Lafer PIVA, 2001)

A imagem de uma aula tradicional – com professor explicando a matéria e alunos ouvindo e copiando – é incomparavelmente inferior, em termos de sensações, a qualquer programa de TV. [...] Não estou sugerindo que o professor concorra com a TV, só que deixe sua aula mais atraente. O ambiente socioarquitetônico das salas de aula, por exemplo, tem de estar disposto de modo a facilitar a relação entre professor e aluno. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

Se a televisão é a fonte da verdade e da realidade, a verdade e a realidade são uma imagem. E aqui cabe lembrar que a televisão é um meio de comunicação público e anônimo. Para que uma coisa seja real, hoje, é preciso que ela seja repartida anonimamente, sem fonte, sem pessoalidade. [...] O objetivo é ser visto pelo maior número possível de pessoas. Só assim uma pessoa se torna “real”. Isso explica por que vivemos numa cultura do corpo. Para o jovem, ele representa a sua visibilidade. (Miguel PEROSA, 2006)

No caso da televisão, você tem uma imagem imposta e todo mundo recebe as mesmíssimas imagens. Não há um trabalho personalizado, é um imaginário uniformizado. Já na leitura de um livro, cada um faz seu próprio cinema, sua própria tevê, enquanto com as novelas, sejam de onde forem, norte-americanas ou brasileiras, estão todas formatadas na mesma “sopa”. (Marc ROGER, 2006)

Nós vivemos numa sociedade dominada pelos meios de comunicação, não resta dúvida. Os alunos, independentemente da classe social, têm acesso à televisão. Pode-se dizer que meios poderosos, controlados por grupos econômicos tão fortes, e que têm tanta penetração popular, precisam ser objeto de discussão na escola. Há o problema da massificação, e isto tem de ser discutido na escola. (Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS, 2006)

Quando a TV transmite algo que lida com tua emoção, como jogo de Copa do Mundo, 92% dos lares brasileiros estão com a TV ligada. [...] A fala daquele locutor age sobre a emoção da pessoa, não sobre a razão. E ensina que, se a lei nos favorece, ótimo; e que se a lei não nos favorece, mas o juiz não cumpre a lei, ótimo também. Ou seja, ensina que não é necessário cumprir a lei. É um projeto de educação mais significativo que o da escola. (Solon VIOLA, 2006)

Hoje há um esvaziamento da subjetividade, causado pelo vício da televisão. Todo produto cultural é dialógico, e a TV é uma ditadura monológica. Ela cativa e hipnotiza com o entretenimento, aquilo que mexe com os cinco sentidos e com as nossas carências. Durante muito tempo a publicidade enfrentou o desafio de entrar no universo infantil porque a criança tem um mundo onírico, a sua fantasia. A publicidade descobriu como transformá-la em consumista com uma fórmula óbvia e perversa: a erotização precoce da criança. (FREI BETTO, 2012)

Quando analisamos a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, observamos que o televisor é o segundo eletrodoméstico mais presente nos lares brasileiros. O primeiro é o fogão e o terceiro, por incrível que pareça, é o refrigerador, apesar de sermos um país tropical. Esse é outro indicador da presença da televisão e do modelo de TV aberta, livre e gratuita que o país adotou há muitas décadas, desde a origem da televisão no Brasil. (Hugo BARRETO, 2015)

COMPUTADOR

A sociedade nos obriga hoje em dia a saber trabalhar em equipe, a nos relacionarmos. Com o computador é o contrário, é individual, é só você e ele. Há outro inconveniente, que é o próprio desenvolvimento da tecnologia. Para que um sistema assim funcionasse, todos deveríamos ter uma máquina. E, por enquanto, isso não é possível, entre outras coisas porque a renovação constante que se exige delas é proibitiva, tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos. (Antoni ZABALA, 1998)

O pensamento exigido para se operar o computador é um pensamento do tipo “sim ou não”. Nunca “mais ou menos”, como aquele usado por uma criança ou um jovem que anda de bicicleta. Quem anda de bicicleta não pensa com quantos metros ou centímetros de raio deve fazer a próxima curva. A pessoa sabe que cada curva é diferente da outra. É tudo na base do “mais ou menos”. Ela vai sendo guiada pela intuição. Com o computador, não há nada de intuitivo. (Valdemar SETZER, 1999)

Se calcular trouxesse algum ganho de inteligência, os computadores seriam grandes gênios, pois não há quem bata a rapidez com que calculam! Ou melhor, desde que haja alguém para ligá-los, digitar os comandos adequados e avaliar os resultados obtidos. Aí sim, eles mostram sua inesgotável capacidade de executar sem descanso tarefas maçantes e repetitivas, como calcular. O grande talento das pessoas é pensar. A elas devemos pedir o que é próprio da mente humana. (Thomas O'BRIEN, 2000)

Se os alunos não se interessam pelo que a escola faz, não adianta acrescentar tecnologia na esperança de que isso possa motivar os alunos. Ser objeto passivo de uma aula sobre algo em que não se tem o mínimo interesse é tão detestável na frente de um computador como o é presencialmente na sala de aula: a tecnologia não ajuda em nada. Equivocam-se, portanto, os que imaginam que “já que os jovens gostam de tecnologia, qualquer coisa chata se torna interessante e engajadora” simplesmente porque se acrescenta tecnologia a ela. (Eduardo CHAVES, 2004)

[Eu diria ao professor] que não tenha medo de errar nem vergonha de dizer “não sei” quando estiver em frente a um micro. O computador não é um simples recurso pedagógico, mas um equipamento que pode se travestir em muitos outros e ajudar a construir mundos simbólicos. O professor só vai descobrir isso quando se deixar conduzir pela curiosidade, pelo prazer de inventar e de explorar as novidades, como fazem as crianças. (Léa FAGUNDES, 2004)

O essencial da leitura hoje passa pela tela do computador. Mas muita gente diz que o livro acabou, que ninguém mais lê, que o texto está ameaçado. Eu não concordo. O que há nas telas dos computadores? Texto – e também imagens e jogos. A questão é que a leitura atualmente se dá de forma fragmentada, num mundo em que cada texto é pensado como uma unidade separada da informação. [...] É muito difícil manter um contato profundo com um romance de Machado de Assis no computador. (Roger CHARTIER, 2007)

Se crianças e adolescentes usam o computador em casa, na escola eles deveriam utilizá-lo de forma mais inteligente não só para jogar games, mas para aprender Matemática e outras disciplinas. [...] Estatísticas e operações com números grandes são recorrentes no mundo do trabalho. Se ninguém faz isso à mão, por que insistir em que a criança o faça? Essas tarefas podem ser realizadas no computador, mas para entender o que os resultados significam é essencial conhecer Matemática – álgebra, estatística, probabilidade e geometria. (Jeremy KILPATRICK, 2009)

Há uma política de inclusão de computadores nas escolas, mas não há política de formação de professores para seu uso. Os programas de inclusão dos computadores das escolas do governo cometem esse grande erro. Nas [escolas] particulares ocorre o mesmo. As pessoas acreditam que basta colocar o computador na escola para que ele imediatamente passe a interferir na mudança curricular. Não é suficiente colocar o computador num laboratório para que o professor possa incluí-lo em sua prática docente. (Marco SILVA, 2011)

Grande parte da população do Brasil já tem acesso a computadores através da escola, da *lan house* e do barateamento do computador pessoal. A questão vai além. Já é sobre como o sujeito se comporta no meio *on-line* e de como pode trazer essa tecnologia para tirar benefícios próprios. A importância da escola hoje é também ajudar as pessoas a desenvolver essa habilidade. É um processo de formação de pessoas, que é justamente uma das missões da escola. (José Armando VALENTE, 2011)

Apenas 50% dos professores têm computador em casa, segundo os censos realizados pelo Ministério da Educação. Essa é uma situação trágica, porque a internet hoje permite ler, pesquisar, encantar-se com milhões de textos. Os jovens adoram navegar pelas redes sociais, que poderiam ser aproveitadas por escolas para promover a leitura. Mais importante que recursos tecnológicos, porém, é a preparação dos professores e sua abertura para proporcionar a circulação de diferentes textos no ambiente escolar. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

Quanto mais positiva e maior for a confiança nas TICs, mais frequente é a leitura (de todos os tipos) em computador e melhor é o desempenho em leitura no PISA. Curiosamente, a disponibilidade de acesso a computadores na escola não se correlaciona com a leitura, segundo o PISA, nem com a frequência de leitura no computador. Não é o caso da disponibilidade de acesso ao computador em casa que tem efeito negativo sobre a leitura (PISA), porque os alunos o utilizam sobretudo para jogos *on-line* e outras atividades que não envolvem leitura. (José MORAIS, 2012)

O UCA [Programa *Um computador por aluno*] envolve 27 universidades na formação dos professores e dos alunos. Tanto os professores quanto os alunos beneficiados receberam esse equipamento – é um computador portátil, individual, apropriado para o aluno, que tem uma durabilidade maior, resistente a quedas. A ideia inicial é que esse computador fosse levado pelo aluno à sua casa, para também abrir uma possibilidade de seus irmãos, seus pais, começarem a ter acesso a essa tecnologia. (Renata Maria Braga SANTOS, 2012)

Quando temos mais de uma criança trabalhando em um computador, o bom é que uma diz “colocamos isso em negrito”, a outra responde “não! É melhor aumentar a letra”. E o adulto quase não intervém. O adulto somente vai intervir quando há um impasse. Se não, as próprias crianças estão se questionando e abrem um leque de possibilidades sem que o adulto esteja perguntando “por quê? Por quê?”, o que é muito chato. (Emilia FERREIRO, 2013)

Ser capaz de buscar informações e selecioná-las é um exemplo de algo que não fazia parte da formação escolar e que hoje é necessário. Há 40 anos só era necessário saber ler, escrever e seguir instruções. Isso não é mais adequado, porque um computador pode ser programado para seguir instruções com mais facilidade. Resolver problemas e trabalhar em grupo com pessoas de diferentes origens – esses serão os bons empregos. E há trabalhos que computadores não conseguem fazer: como descascar cenouras ou servir mesas. (Richard MURNANE, 2013a)

A primeira [maneira de aplicar a teoria das inteligências múltiplas] é a individualização: aprender tanto quanto for possível sobre cada estudante, ensiná-lo de forma que ele possa aprender e avaliar cada um de maneira apropriada. Obviamente, é mais fácil fazer isso com 15 do que com 50 estudantes. Mas a individualização tornou-se muito mais fácil do que antes da existência de computadores. (Howard GARDNER, 2018a)

CELULAR

É claro que atender ao aparelho durante a aula atrapalha, mas como a escola enfrenta esse problema? Criando uma regra de controle em vez de discutir os valores envolvidos nessa situação – o respeito ao outro, por exemplo. Penso que deveria haver uma regulação social, e não uma regulação estatal, para esses comportamentos. [...] O professor, por exemplo, tem a possibilidade de dizer: “Não vamos usar o celular porque isso atrapalha a aula, a não ser numa emergência”. Quando uma lei exterior resolve até os mínimos conflitos, cria-se uma sociedade infantil. (Yves de la TAILLE, 2008)

Cheios de medos e insegurança, por fim, esses pais não reconhecem nenhuma autonomia a seus filhos: levam-nos pela mão até os 10, 12 anos, presenteiam-nos com um celular aos 7 ou 8 anos, para saber sempre onde estão, e atualmente estudam-se aparelhos eletrônicos para leitura por satélite a fim de acompanhar de longe os percursos dos filhos. Trata-se de pais que não estão bem e que não conseguem permitir aos filhos crescer felizes. (Francesco TONUCCI, 2008)

Lógico, não é o uso do celular bruto; o professor deve refletir sobre o uso inveterado e as consequências. Ou fazer um projeto para entender o papel do celular no conhecimento. Se o professor entra em sala e diz ao aluno que vai deixar o telefone ligado porque a filha está doente, e que irá atender apenas em caso de urgência, ele estará ensinando sem ensinar, fará o aluno perceber que há momentos em que é preciso deixar o celular ligado e desligado. Ficar com raiva do celular só vai gerar abismo entre a linguagem do professor e do aluno. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Vetar o uso [do celular] não adianta nada porque o aluno vai levar e utilizar ali, embaixo da carteira. É preciso criar estratégias para que os celulares sejam incorporados, pois oferecem vários recursos e não custam nada à escola. A proibição só incentiva o uso escondido e a desatenção na dinâmica da aula. Geralmente os estudantes, inclusive de escolas públicas, têm celular e o levam a todos os lugares. Ele é o instrumento mais usado pela população brasileira. Basta olhar as estatísticas. (Maria Elizabeth Bianconcini de ALMEIDA, 2010)

Faria pouco sentido em um mundo no qual os estudantes podem ter acesso instantâneo a informações sobre fatos e dados no telefone celular ou na internet, os professores passarem a maior parte do tempo transmitindo isso a eles. Com essa mudança, eles podem liderar poderosas experiências educacionais que ajudam no desenvolvimento da capacidade de julgamento de seus alunos, estimulam o pensamento independente e a disposição para olhar e lidar com os problemas de maneira nova e inventar soluções para eles. (Fernando REIMERS, 2011)

As pessoas ainda têm pouco acesso a livros, livrarias, bibliotecas, principalmente nas cidades pequenas. Cada vez mais, porém, os brasileiros têm celulares, que vêm se tornando mais sofisticados e oferecem opções como ler e digitar textos ou tirar fotos. Um projeto educacional que levasse em conta esse dado e procurasse oferecer textos ou audiolivros gratuitamente, por meio dos aparelhos telefônicos, seria incrível. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

Creio que os jovens de hoje leem mais do que os das décadas de 1980 ou 1990, porque a leitura na tela de computador, de *e-book* e de celular também é leitura. Em proporção, a leitura de obras literárias (que é só uma pequena parte da leitura em suporte de papel) terá diminuído muito, não só por causa da leitura em suporte informático, mas também porque a leitura de textos informativos, científicos e técnicos tende a monopolizar a formação dos jovens. (José MORAIS, 2012)

Aquele mesmo palestrante holandês dizia uma coisa engraçada: “não dá para negar que hoje essa menina funciona em rede”. Então eles ensinaram os meninos assim: você tem um problema de Matemática para resolver e não está conseguindo, imediatamente você passa para outro [aluno], que passa para outro, até que alguém resolve. Você tem um celular que liga e conecta e eles estão estudando juntos. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Na internet, a quantidade de informação disponível é imensa. Encontramos crianças pequenas, que ainda usam fraldas, já mexendo no aparelho celular de seus pais. Antigamente, um garotinho não conseguia ter acesso à informação porque não dominava a leitura. Hoje, as crianças podem ver vídeos, imagens diferenciadas. Existe conexão entre o que temos feito em educação e a internet? (Gordon FREEDMAN, 2013)

Se a criança ocupa oito horas por dia assistindo à televisão, isso não é bom. Mas também não é bom se ela ocupar essas oito horas lendo ou mesmo brincando. Deve haver um bom senso, um equilíbrio – e talvez a neurociência possa ajudar a descobrir esse equilíbrio. O mesmo vale para as novas tecnologias. A criança que fica todo o tempo no celular, e a gente está caminhando para isso, está tendo o desenvolvimento de outras áreas – sensibilidade, emocionais – sacrificado. (Roberto LENT, 2014)

Eu acredito que o principal ponto é entender onde a criança está. É aquela questão de leitura de mundo que a gente sempre fala e que se tem falado muito nos últimos tempos. É ver o que está posto na sociedade, as situações expostas e trazê-las para a sala de aula. E, ainda assim, a gente poderia ter várias formas de encaminhar o trabalho. Por exemplo, a criança e o adolescente gostam de jogo se você observar a questão dos celulares ou toda essa questão da computação, [verá que] a criança vai jogar. (Justina Motter MACCARINI, 2014)

O problema é que ainda pensamos que a escola é o prédio, mas ela precisa estar mais conectada com o mundo. [...] [Com a tecnologia,] muda o tipo de pessoa que precisa ser educada e as formas de acesso à informação que ela tem hoje. Muitas instituições, por exemplo, proíbem a entrada do celular em aula. Isso é proibir as novas gerações de atuarem no mundo delas, é tentar levar os estudantes de volta ao século XIX. (Fernando Valenzuela MIGOYA, 2014)

O celular é uma máquina incrível! Dá para acreditar que uma coisinha tão pequena é capaz de fazer tanto? Isso é muito bonito. Há 20 anos não imaginávamos que um celular seria tão potente e não sabíamos que ele reuniria tantas mídias. Sabíamos que muitas novidades estavam surgindo com os computadores, mas não tínhamos noção de que o desenvolvimento dessas tecnologias seria tão rápido e tão arrebatador. (Carla Viana COSCARELLI, 2017)

Eu nunca usei lousa, acho isso muito antiquado. Quando comecei a gravar aulas, ficava em frente ao computador, como num bate-papo, mas agora [...] vamos usar uma tecnologia que permite interatividade com os alunos que assistam ao vivo pelo celular. Queremos mostrar para as escolas que é possível trabalhar com celular em sala de aula, porque sua proibição vai na contramão do que os alunos querem e podem fazer para estudar. (Paulo JUBILUT, 2018)

É possível fazermos grandes coisas com poucos recursos. E avalio que é esse o legado que o trabalho de robótica com sucata deixa para o Brasil. Especialmente quando se fala de tecnologia e inovação, a ideia que se tem, às vezes, é de que é preciso um computador *top* de linha, uma internet banda larga. Eu sou sincera em dizer que comecei esse trabalho com o meu celular e os celulares dos meus alunos para retratar a realidade local por meio de fotografias e gerar a sensibilização e mudança de atitude. (Débora GAROFALO, 2019)

INTERNET

A internet é um instrumento importantíssimo, claro, e infelizmente seu acesso está restrito a 4% da população mundial, o que não é, nem de longe, universalização do conhecimento. Mas eu acho que não deveríamos focar a importância da informática somente nas escolas. É preciso criar a possibilidade de acesso aos professores – por intermédio de financiamento especial, doação ou qualquer outra medida. (Jorge WERTHEIN, 2001)

O professor nunca será substituído. No máximo, vai deixar de ser um transmissor de conhecimento para ser um facilitador, que ajuda o aluno a pesquisar de uma forma mais eficaz. Lembro-me do caso de uma professora de escola pública que pediu aos alunos uma pesquisa na internet sobre clonagem. Como resultado, os alunos trouxeram uma enorme quantidade de informações sobre projetos de ponta de laboratórios de todo o mundo. A professora ficou constrangida por não conhecer muito do que a turma lhe apresentou. (Rodrigo BAGGIO, 2002)

A internet é absolutamente essencial. Nela encontramos tudo. É uma coisa prodigiosa e extraordinária, sob todos os pontos de vista. Para quem trabalha com arte é essencial, pois se consegue não apenas ver a obra em reproduções razoáveis, como ter acesso a textos importantes sobre ela. [...] É muito importante que não se tenha nenhum preconceito diante das reproduções, elas são muito importantes, mesmo que a materialidade e a textura não estejam reproduzidas nelas. (Jorge COLI, 2006)

Nunca foi tão difícil ensinar como nos dias de hoje e nos próximos anos será pior porque cada vez mais jovens de 14 a 18 anos estarão estudando e apresentando problemáticas nunca antes enfrentadas pelos professores. Pense numa coisa: há apenas dez anos começamos a trabalhar com a internet e hoje acessamos a rede mundial pelo celular. Quem poderia imaginar isso? Os alunos também estão interessados nessas mudanças e menos em estudar somente nos livros. Nada está estático. (Alvaro MARCHESI, 2007a)

A internet, como qualquer instrumento tecnológico, pode estar a serviço do totalitarismo ou a serviço da liberdade humana. Temos de vencer o totalitarismo, de lutar contra aquelas intenções que querem fazer à deriva da tecnologia para utilizá-la em propósitos totalitários. Apesar de tudo, hoje o mundo é mais livre do que o era sem internet. A internet é por definição um espaço livre, não tem dono. Um espaço em rede onde todos somos iguais, todos temos internet por igual. (Roberto CARNEIRO, 2008)

Os meninos de hoje são considerados nativos digitais, porque já nasceram nesse mundo repleto de tecnologia digital. Eles mostram grande familiaridade com o computador, com o videogame, o celular etc. O professor deve ampliar as suas atividades por meio da internet. [...] Há sites confiáveis e muito interessantes. Em casa, os pais podem navegar com as crianças. (Reinildes DIAS; Heather Jean BLAKEMORE, 2009)

Algo parecido acontece com a internet, que é como uma grande cidade e, neste caso, não há nativos ou migrantes: todos procedemos como esse migrante rural em um ambiente urbano. Todos tivemos algum tipo de medo, de desorientação,

de desajuste ou de deslumbramento diante das imensas possibilidades dessa “nova cidade”. Mas penso que este é um processo normal nessa etapa de apropriação tecnológica ainda recente. (Antonio de las HERAS, 2010)

As vantagens de ferramentas como computadores, internet, jogos eletrônicos, leitores eletrônicos e dispositivos móveis são muitas. As desvantagens incluem problemas como dependência de internet, *bullying* cibernético, acesso à pornografia e a conteúdo inadequado, permanência de registros eletrônicos e prática de *sexting* (envio de conteúdo sexual pelo celular), as quais podem ter consequências imprevistas, como roubo de identidade e mau uso de informações pessoais, além da facilidade de atacar anonimamente a reputação dos outros. (John PALFREY; Urs GASSER, 2011)

A nossa internet é muito cara, talvez a mais cara do mundo. Não é de hoje que se diz que as escolas têm banda larga, é uma mentira, elas não têm. Quando há internet, ela é muito lenta, perto da conexão discada. Se no seu computador não tem internet, você experimenta um desânimo profundo – é “brochante”, como dizem meus alunos. É exatamente isso. (Marco SILVA, 2011)

A educação na era digital é bastante colaborativa, envolve interação e compartilhamento. Não pode existir mais aquela situação em que o professor se prepara para entrar na classe e dar um show-solo. Ele tem de sair do pedestal, a internet não tem nada a ver com isso e, uma vez que ela esteja presente em sala de aula, essa relação muda. Então você pode pedir auxílio para os alunos que têm o conhecimento daquelas ferramentas, que já entendem tudo da parte tecnológica, porque cresceram mexendo naquilo. (José Armando VALENTE, 2011)

Um dos fenômenos mais importantes associado à evolução e às mudanças provocadas pela internet é o fato de as pessoas – incluindo, claro, os jovens – terem passado a compartilhar interesses comuns, desenvolvendo atividades em colaboração ao se engajarem em práticas sociais exatamente da forma como defendemos para a educação. Assim, elas aprendem, criam vídeos, escrevem ficção e fazem, por exemplo, um aplicativo digital para telefones e *tablets*. (Colin LANKSHEAR; Michele KNOBEL, 2013)

A internet não é somente o maior espaço público que a humanidade conheceu, mas um lugar em que a vida muda de qualidade, onde são possíveis o anonimato e a multiplicação das identidades, o conhecimento e a ubiquidade, a liberdade plena e o controle total. Essa grande transformação tecnológica transforma não somente o quadro dos direitos civis e políticos, mas redesenha também o papel dos poderes públicos, muda as relações pessoais e sociais e incide sobre a antropologia das pessoas. (Mauro MALDONATO, 2013)

Há um público jovem que, aparentemente, não está lendo muito no papel, mas passa boa parte do tempo “surfando” na internet e é muito seduzido pela linguagem audiovisual. Por essa razão, daqui em diante, nós – jornalistas, escritores, professores, historiadores, produtores de conhecimento de forma geral – precisamos ter estratégias multimídia para atingir diferentes públicos, especialmente os mais jovens. (Laurentino GOMES, 2015)

Os *likes* que se ganha no *Facebook*, por exemplo, produzem no cérebro liberação de dopamina, neurotransmissor que desencadeia euforia e sensação de prazer. É um efeito parecido ao de drogas como cocaína e crack. Por isso vemos cada vez mais pessoas em busca de *likes*, o que mexe com a autoestima e o ego. A internet é um meio que facilita essa busca pela satisfação de nossas necessidades. Se antes era normal você pensar antes de agir, hoje você age primeiro via internet e depois pensa. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

A internet é fonte poderosa de acesso à informação, mas, por si, tal como a escola, não gera conhecimento, que só é possível quando a informação é apropriada, tornada própria por quem está sendo nutrido. A escola é campo especial, mas não exclusivo, de relacionamentos e compartilhamentos, de modo deliberado e estruturado, no qual se pode conduzir melhor as atividades sem que fiquem direcionadas pelo imediatismo ou pela circunstância casual que muitas vezes marcam a “navegação” tecnológica. (Mario Sergio CORTELLA, 2019)

REDES SOCIAIS

No *cyberbullying*, a violência começa no horário das aulas e continua durante o restante do dia e a noite inteira. O aluno recebe uma metralhada de mensagens no celular, em seu *e-mail* ou nas redes sociais, como o *Facebook*. É muito difícil quebrar a lógica de que insultar o colega na internet é engraçado. E não há outra solução a não ser intensificar a colaboração existente entre a escola e a família. (Eric DEBARBIEUX, 2011)

Não vejo como o advento da tecnologia, que impulsiona o uso do *e-mail*, das redes sociais e dos sites de busca, pode conduzir alguém a ler mais livros. Por outro lado, temos de considerar que nunca se leu tanto como agora: a sociedade contemporânea lê muito mais que a mesopotâmica, por exemplo. Lemos diferentes tipos de textos a todo momento. Ainda assim, é preciso ter em mente que nem tudo, tal como as bulas de remédio, pode ser classificado como leitura legítima. (Roger CHARTIER, 2013)

Lemos e escrevemos alternadamente em uma mesma situação, diante do computador, nas redes sociais e nos fóruns sobre leituras. Já se disse que, com as novas tecnologias, lemos mais do que nunca, mas poderíamos dizer, com mais razão ainda, que escrevemos mais do que nunca. As pessoas converteram-se em emissários de todo tipo de mensagens e reivindicam participação na elaboração de textos informativos em enciclopédias, como a *Wikipedia*, em recriações literárias de suas leituras na rede. (Teresa COLOMER, 2013)

O uso das redes sociais para troca de ideias e experiências, para a construção de opinião, para a combinação de encontros de protestos, assim como de lutas pacíficas e organizadas, parece-me uma manifestação legítima e democrática. Como tudo na vida, poderá sofrer distorções, uso de interesses escusos que acionam os jovens em benefícios políticos próprios, ou que estimulam a violência e a prática de depredações que suprimem a legitimidade da manifestação. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

O primeiro passo é ver que você [professor] não está sozinho no mundo, que está com outros e que pode estar em contato com outros. Eu creio que isso é fundamental, porque lhe permite perder o medo e perceber que não está sozinho, que tem alguém para perguntar coisas. Participe de uma rede social, mas não o *Facebook*. O *Facebook* não é o lugar mais apropriado para a docência, mas sim redes sociais especializadas em ensino. (Carlos Marcelo GARCÍA, 2014)

O uso constante de redes como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* não é necessariamente um problema. Preocupante é a exposição intensa, sem precaução ou filtro do que é pertinente ou não ser divulgado. Práticas como *sexting* (envio de material erótico pelo celular) e *revenge porn* (publicação na internet de material do mesmo gênero, sem autorização de quem aparece, como forma de vingança) têm se tornado comuns e causam problemas sérios. Compartilhadas com conhecidos ou estranhos, as cenas chegam a destinatários inimagináveis e perigosos, como pedófilos. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Esta é a nova forma de comunicação do mundo. Se a gente disser que ela é ruim, fica parecendo que existia uma boa antes. Não é verdade. Ela tem prós e contras.

O jovem não tem de estar feliz só na rede social, ele tem de parecer feliz no colégio, nas festas etc. Não é só a rede social que produz, isso é um colorido da cultura. E acho que a internet deu ao jovem uma sensação de que ele pode atravessar fronteiras e isso dá mesmo a sensação de mais companhia, ainda que isso seja frágil ou falso. (Teresa PINHEIRO, 2014)

É preciso ampliar o debate sobre as novas tecnologias, assim como sobre qualquer recurso. As famílias talvez precisem ter um pouco mais de orientação. Os alunos também precisam ter mais orientação para não permitirem que as crianças se coloquem em risco nas redes sociais, exponham-se excessivamente, anulem a sua vida por causa de um computador. Eu acho que todos os benefícios da tecnologia devem ser usados a favor do processo de formação dos alunos e de seus familiares. (Thelma POLON, 2014)

As equipes de mediação são formadas por jovens que se oferecem para servir como mediadores de conflitos. E também existem os *cybermentores*, alunos maiores que usam bem as redes sociais e ajudam os alunos mais novos a resolver problemas vividos no âmbito virtual. É preciso lembrar que os alunos que sofrem por *bullying* quase nunca procuram um professor ou um adulto. Se pedem ajuda a alguém, é para um amigo. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2015)

Nossa linguagem está empobrecida. Pessoas que não têm nada a dizer acham que dizem tudo com uma imagem, uma agressão. As manifestações de pensamentos são efeito de processos históricos e das condições em que a gente vive econômicas, políticas, culturais e tecnológicas. O advento da internet e principalmente de redes sociais como *Twitter* e *Facebook* alterou a forma de nos comunicarmos. Nesses espaços, o discurso do ódio se encontra em alta. Expressar preconceitos e humilhar o outro virou uma espécie de capital linguístico. (Marcia TIBURI, 2016)

Considero muito errado quando usamos a expressão “rede social”. Não é rede social, é o *Facebook*, ou é o *WhatsApp*, ou é o *Instagram*, ou é o *Twitter*. Rede social é um termo vago para fazermos uma análise uniforme a respeito disso. Se fosse uma rede social construída para o debate plural, haveria outra relação, mas as redes prioritárias que utilizamos têm algoritmos ou ferramentas que são elaborados para nos manter dentro de uma bolha. (Bruno TORTURRA, 2016)

O uso das redes sociais é uma forma eficaz de disseminar o clima negativo do *bullying* de maneira avassaladora. Facilmente o agressor encontra outros agressores com os mesmos problemas/necessidades – conseqüentemente, aumenta a plateia que assiste sem se posicionar e até compartilha o conteúdo fácil e rapidamente com outros sujeitos. Amplifica o dano para a vítima. (Tania PARIS, 2017)

É preciso ter cuidado, porque nas redes sociais há pessoas intolerantes, que não aceitam informações de caráter científico. Por exemplo, para explicar cromossomos, falamos de gênero, e descobrimos que essa discussão inflama as pessoas. Falamos sobre o vírus zika, e houve manifestações contra as vacinas. Nas redes [sociais], as pessoas se manifestam muito mais e de maneira mais agressiva. Por isso, as linguagens foram se aprimorando, para evitar ou desestimular ataques. (Paulo JUBILUT, 2018)

Esses vídeos repetidos indefinidamente aumentam muito o impacto da tragédia. No dia do massacre em Suzano, eu fui uma das que pediram no *Facebook*, no *WhatsApp* e nas demais redes sociais para que não se reproduzissem imagens de pessoas mortas. Eu pensava nas famílias atingidas. Ser notícia desse jeito... Ao mesmo tempo, a escola não pode ser ingênua. Não podemos esquecer que, no caso de um suicídio, um dos primeiros meios de divulgação do fato são os grupos de mães. (Maria Helena FRANCO, 2019)

Algumas pautas do feminismo alcançaram uma visibilidade inédita, como é a questão do assédio nas ruas mostrado pela campanha de 2013 *Chega de Fiu-Fiu* (organizada pelo projeto *Think Olga*) e, inegavelmente, o movimento *#MeToo* (campanha que se multiplicou entre as atrizes de Hollywood contra a cultura de assédio sexual no principal cenário do cinema mundial) e o *Ni Una Menos* (Nem Uma a Menos, campanha contra o feminicídio que nasceu na Argentina). Esse tipo de *hashtag* colocou uma luz em fenômenos muito antigos que tiveram alcance midiático graças às redes sociais. (Carla Cristina GARCIA, 2019)

VIRTUAL

A presença virtual vai se impor na educação, embora jamais dispensando a presença física de um professor, que também tem o papel ordenador no meio de tanta informação. O mundo virtual tem a tendência de ser reprodutivista, ou seja, está na esfera da informação, não da formação. Mas a internet também motiva muito, e isso é bom, pois aprender sem motivação não funciona. A escola vai sobreviver, mas precisará se adaptar à aprendizagem desses novos tempos e abandonar sua feição de quartel disciplinar. (Pedro DEMO, 2001)

Parece-me evidente que a escola como lugar “fechado” e exclusivo de aprendizagem tem seus dias contados e que tanto os estudantes universitários quanto os alunos do ensino fundamental e médio viverão modos de cooperação e de coordenação cada vez mais virtuais, à medida que a idade das crianças avançar. Contudo, o grupo sempre deverá encontrar-se “fisicamente” de tempos em tempos, em especial para as atividades de criação mais intensivas, que demandam uma grande implicação do corpo. (Pierre LÉVY, 2001)

Inclusão digital não é só o amplo acesso à tecnologia, mas a apropriação dela na resolução de problemas. Veja a questão dos baixos índices de alfabetização e de letramento, por exemplo. Uma solução para melhorá-los seria levar os alunos a sentir o poder de se comunicar rapidamente em grandes distâncias, ter ideias, expressá-las como autores e publicar seus escritos no mundo virtual. (Léa FAGUNDES, 2004)

Enquanto o ser humano não perceber que ele é a própria natureza e, portanto, ele não é algo externo a ela, todas as ações de preservação vão estar fadadas ao insucesso, pois tendemos a menosprezar o que não é diretamente ligado a nós. No ambiente virtual, ele está apenas distante, mas efetivamente presente, e o que ele faz reverbera para muitos. Então, em todos esses ambientes, o homem tem de estar consciente de sua presença e ser educado para tal. (Gisele Maria SCHWARTZ, 2007)

Acredito que há uma excessiva ênfase na tecnologia. Crianças pequenas deveriam estar explorando o mundo real, não um mundo virtual. Elas deveriam estar interagindo com coisas reais, não com telas de computador. Isso cria uma base sólida para o seu posterior pensamento – e, na verdade, o brincar é mais efetivo como preparação para os desafios do século XXI. (Thomas ARMSTRONG, 2008b)

A escrita virtual tem um componente de velocidade muito forte e uma gramática específica de composição. Os componentes de reflexão sobre o que se lê não cabem no universo veloz da internet. Quando a leitura exige um gesto mais pausado e meditativo, o jovem não encontra meios que o façam desacelerar. Essa velocidade gera um hábito de o sujeito viver no mundo da pressa. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2009)

A formação continuada semipresencial é possível? Sim, desde que você crie o vínculo. Hoje há muita tutoria, grupos reunidos com tutores locais sem conexão com quem está organizando o material, a reflexão, o trabalho. É uma conversa de surdo-mudo, pois cada um tem compreensões múltiplas. [...] Na formação inicial

é necessário o campo, a observação dentro de realidades. O virtual é uma contribuição muito importante, mas essa linguagem não deve ser considerada substituta. O presencial tem vínculo, afeto, relações, observação, olho no olho. (Emília CIPRIANO, 2010)

Vivemos em uma época de culto à imagem, à celebridade. Sem pensar nas consequências, as pessoas se expõem e desejam o tempo todo ser vistas e curtidas virtualmente. Hoje, estar em evidência é sinal de status, dá sensação de importância. A maneira como os adolescentes atuais se relacionam é mediada pela tecnologia. Uma pesquisa da ONG norte-americana Safernet feita com brasileiros entre 9 e 23 anos revelou que 20% já receberam um conteúdo de *sexting*. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Não se deve estabelecer uma oposição entre presencial e virtual. Temos de recorrer a todos os meios que promovam a educação e a aprendizagem. É errado reduzir o debate sobre o digital a uma questão meramente tecnológica. Estamos diante de uma mudança de fundo em nossos hábitos e maneiras de viver, o que tem consequências profundas na educação. A relação presencial é fundamental, mas ela pode ser intensificada e enriquecida através dos recursos digitais. (António NÓVOA, 2014)

Fala-se em substituir a escola tradicional pela escola virtual. Acho que essa é uma ameaça real, diferente das surgidas em outras épocas. No entanto, isso não vai acontecer no curto prazo. A revolução digital, a possibilidade de acesso ao conhecimento por um baixo custo, pode ter muitas implicações. Nos próximos cinco ou dez anos, a mudança deveria ser o foco da discussão e não a possível melhora que ela trará para o sistema. Mas estamos lamentavelmente despreparados para essa reflexão. (Axel RIVAS, 2014)

Experimentos científicos na área da neuroeducação vêm demonstrando que crianças com menos de 3 anos já são capazes de utilizar os ambientes virtuais de aprendizagem com amplos benefícios pedagógicos. As pesquisas mostram que a utilização do ambiente virtual para o contato inicial com determinado conhecimento, realização de atividades e testes previamente à interação com o professor faz com que o tempo com o docente seja muito mais rico. (Ryon BRAGA, 2015)

Os alunos sentem-se, na maioria das vezes, desmotivados e passivos. Estimulá-los a dizer o que sentem e pensam, escutá-los, incentivar atitudes e ações são caminhos para mudar essa postura. Se o mundo virtual penetrou massivamente na vida deles, devemos usar essa ferramenta como um instrumento educativo. Podemos, por exemplo, propor que eles pesquisem *sites* e *blogs* interessantes para navegar e consultar; ajudá-los na análise crítica desses espaços virtuais e motivá-los a produzir materiais educativos em espaços virtuais. (Mônica MEYER, 2016)

Antigamente o nosso cotidiano era mais demarcado, com hora de brincar, de estudar, de dormir, final de semana. Hoje, com um celular no bolso, o início e o fim da vida virtual estão muitos borrados. Há, na verdade, uma sobreposição, e nós acabamos sendo sobrecarregados por informações de todos os níveis, o que

afeta a qualidade das nossas relações, operações mentais e bem-estar psicológico. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

Nenhuma máquina ou tecnologia controla o que fazemos. Um lápis pode ser usado para cegar uma pessoa ou para escrever um belo poema. Da mesma maneira, a inteligência artificial e virtual pode ser usada para curar doenças ou para desenvolver armas nucleares. Obviamente, é melhor que as máquinas nos ajudem a construir um mundo bom, em vez de um mundo destrutivo. Depende de nós e das próximas gerações decidir se as máquinas serão amigas, inimigas ou parceiras. (Howard GARDNER, 2018b)

Atualmente, há grupos de *WhatsApp* em que os alunos discutem os temas das aulas, há *Instagram* de estudos, com comunidades gigantescas para tirar dúvidas, e há grupos no *Facebook*, com o mesmo propósito. Por isso, é preciso pensar nas redes como plataformas que possibilitam criar comunidades, e a EaD, cada vez mais, vai funcionar como comunidade virtual. (Paulo JUBILUT, 2018)

GLOBALIZAÇÃO

O Brasil nasceu globalizado. Como é que o Brasil surgiu? Gastando índios e gastando negros aos milhões para produzir açúcar, não para produzir o que o negro queria comer. Comia o que jogavam para ele como resto, mas ele produzia o açúcar que adoçava a boca dos europeus e os enricava. Depois, outros milhões de negros foram importados para Minas, sobretudo para produzir ouro, que não era para quem produzia, mas para mandar para fora. Pois bem, isso é globalização. [...] A globalização para o Brasil é continuar trotando no caminho que empobreceu e escravizou nosso povo. (Darcy RIBEIRO, 1996)

A Educação tem uma função de habilitação para o exercício futuro, ela instrumentaliza na luta pelos direitos, pela cidadania. Se continuarmos a globalização, e precisamos continuar, e permitirmos o ingresso de produtos estrangeiros no país, e precisamos permitir, nós precisamos aprimorar o nosso pessoal, para que eles não fiquem fora do mercado de trabalho, para que a gente possa impedir o ingresso de produtos estrangeiros no país – não pela proibição, mas pela competência. (Adib SALOMÃO, 1997)

Aparentemente, a escola é uma instituição questionada pelas políticas de globalização no âmago da própria escola. Nesse sentido, sem negar que a escola pública – ao menos o que eu conheço da escola pública – tem múltiplos problemas, isso não implica necessariamente assumir uma concepção privatizada de educação. E privado não se refere apenas ao pagamento de taxas e mensalidades, mas à educação que obedece aos interesses de um grupo em particular. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Não é só na economia que a globalização se manifesta, através da transnacionalização das empresas, mas na instituição de certos currículos e nas pressões diretas e indiretas do Banco Mundial sobre os indicadores, que são similares em muitos países. O Brasil, a Argentina, a Espanha, a Guatemala, para citar somente quatro países, embora pertençam a uma área geopolítica semelhante, que é a área ibero-americana, têm quatro identidades distintas; se, no entanto, examinássemos seus currículos, veríamos semelhanças. (Roberto APARICI, 1999)

Parece-me inútil discutir a questão da globalização da mesma maneira como poderíamos fazê-lo nos anos [19]60 ou [19]70 ou mesmo nos anos [19]80. A realidade hoje é outra. O que estamos vivendo não são mudanças cosméticas. Estamos falando de uma nova civilização e esta, infelizmente, para os países da periferia, acarreta problemas sérios. [...] É o caso da dívida externa, que muitos consideram impagável. (Marco Antonio DIAS, 2001)

Países com baixo índice de investimento em novas tecnologias são responsáveis por maior desemprego e maior precariedade nas condições de trabalho. Os países ricos, ao contrário, têm menor desemprego e demanda por postos de trabalho com maior qualificação. As grandes decisões, o pessoal estratégico, de pesquisa, estão nas matrizes nos países desenvolvidos. Por aqui montam as fábricas para o pessoal operacional. É a lógica da globalização. (Márcio POCHMANN, 2002)

No mundo globalizado, as crianças e os adolescentes deveriam ser uma base de consenso ético e político no campo das relações entre países e, dentro de cada país, entre as diferentes regiões e camadas sociais. Infelizmente, isso está longe de acontecer. A globalização econômica pressupõe e exige uma globalização social. A atual liderança do mundo, infelizmente, está muito aquém dos desafios que o processo civilizatório coloca para a humanidade neste início de século e de milênio. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

O Brasil não seria este que conhecemos hoje – mais aberto ao novo e acreditando que a esperança faz parte da condição humana – se não fosse o trabalho de Paulo Freire nos anos [19]50. Fico imaginando como ele veria essa guerra horrorosa que inaugura o século. Essa globalização que só está servindo para que um país não tenha escrúpulo e pudor de destruir um patrimônio construído por milênios. (Nita FREIRE, 2003)

Devemos combater a globalização excludente com a globalização libertadora, que tem na educação seu fator fundamental. Esse modelo não pensa a educação como um comércio nem quer pasteurizar as reformas educacionais, mas entende a educação como um espaço fundamental na construção de um conjunto de valores e na produção e distribuição de conhecimentos para a criação de uma sociedade mais justa, mais humana e mais solidária. (Pablo GENTILI, 2003)

A tendência mundial é que os meninos da globalização, de 25 anos para baixo, sejam muito mais tolerantes que nós, mais velhos. Por quê? Por uma razão simples. O mundo industrial é um mundo vertical. É uma competição em relação à proximidade do ideal. Então, se eu faço “A” e você faz “B”, e se o que você fizer for válido, o meu não será. E como a minha perspectiva é que o meu “A” esteja mais perto do ideal que o seu, eu vou ser intolerante contigo. O mundo da globalização é o mundo da singularidade. É o do “para que posso exercer minha singularidade?”. (Jorge FORBES, 2005)

O aumento da influência internacional, fenômeno que [o sociólogo] Boaventura de Sousa Santos chama de globalização hegemônica e que prefiro chamar de discurso anglo-americano, alimenta uma visão estreita, normativa e técnica da compreensão sobre os serviços de atendimento à criança, atrelados a sua “marketização” e padronização. (Peter MOSS, 2007)

O atual processo de globalização precisa ser debatido. Por meio dos constantes bombardeios da mídia, ele contribuiu para a uniformização dos gostos e dos valores que supostamente se devem buscar. O estrategista de negócios Kenichi Ohmae chama isso de “californização” do gosto, que se observa principalmente nos adolescentes. Em todo o mundo, eles gostam da música rap, dos jeans Levi’s e dos mesmos tênis esportivos. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

A cidade é o hipercentro da globalização, que é antes de tudo a mundialização do tempo real. No espaço real, não há nada que tenha mudado. Os antípodas são sempre antípodas, os chineses na China e os franceses na França. O que criou a globalização é o tempo real. O centro do mundo se situa no tempo real da bitransmissão da informação, e não mais nos centros da cidade. A globalização é do tempo e não do espaço. (Paul VIRILIO, 2008)

As habilidades e os conhecimentos nas áreas mais convencionais de estudo, como alfabetização, Matemática ou Ciências, precisam agora atender às normas globais e não apenas às nacionais. Isso é determinado pelas avaliações internacionais de conhecimento e competências dos alunos, como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). Existe uma dimensão adicional, ainda não medida por essas avaliações, que é a preparação para compreender temas internacionais e o processo de globalização em si. (Fernando REIMERS, 2011)

A globalização gera novos desafios para os sistemas educacionais e altera a capacidade dos Estados e dos organismos de segurança social de responder a esses problemas por meio de políticas educativas. [...] Muitos governos têm dificuldade para responder diretamente às novas demandas educacionais, o que facilita ao setor privado assumir um papel maior na prestação e no financiamento da educação. (Antoni VERGER, 2014)

NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo às vezes é selvagem, às vezes não é civilizado e está apregoando uma participação do Estado cada vez menor. Penso que falta uma instância que garanta o direito daqueles que não têm direitos. Creio que falta uma instância que obrigue à distribuição da riqueza, com uma justa fiscalização, de forma que os que mais têm contribuam para financiar os serviços públicos dos que menos têm. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Levando-se em conta o significado correntemente atribuído ao conceito de neoliberal, a saber: valorização dos mecanismos de mercado, apelo à iniciativa privada e às organizações não-governamentais em detrimento do lugar e do papel do Estado e das iniciativas do setor público, com a conseqüente redução das ações e dos investimentos públicos, a resposta deve ser positiva [em relação à adoção da política neoliberal pelo MEC]. (Dermeval SAVIANI, 1997)

As ideias neoliberais são ideias de pensamento único, que levam em conta apenas a eficácia e a rentabilidade: o máximo de resultados com o mínimo de dinheiro. O capital não é concebido para desenvolver as pessoas, mas para investir somente naquilo que é rentável. E a Educação não é rentável a curto prazo. Portanto, isso significa dar formação àqueles que deverão ser os detentores do poder dentro de alguns anos. (Antoni ZABALA, 1998)

O neoliberalismo, na verdade, é uma volta ao liberalismo conservador e uma crítica ao liberalismo social. Mas o que é mesmo o neoliberalismo? E exatamente uma política que termina por reduzir o campo dos direitos, das esferas públicas, por meio de um capitalismo que controla/regula os setores estratégicos da economia. [...] Trata-se de uma volta a uma perspectiva profundamente individualista e desintegradora. (Gaudêncio FRIGOTTO, 1999)

Hoje, a entrada da ideologia neoliberal pega nas canelas de todos os sindicatos e associações. Embora essa ideologia jogue com o empreendedorismo, com ONGs etc., acho que cresceu uma descrença, principalmente na área sindical do professorado. E é uma descrença que surge frente a uma diversidade muito grande de propósitos de pessoas ligadas à educação. Neste país, há gente que faz uma boa educação, como também há quem não saiba, até hoje, por que está trabalhando com educação. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

Países que tiveram uma tradição muito forte de crescimento econômico com desenvolvimento social, como Argentina, Uruguai e Chile, vêm perdendo gradativamente a qualidade de suas escolas em função do neoliberalismo, da política econômica. A Argentina, que sempre foi um modelo para nós do ponto de vista da educação básica, universalizada, com pouca evasão e repetência, hoje tem sistema bastante deficitário. (Sérgio HADDAD, 2005)

A adoção do modelo neoliberal nos últimos quinze anos teve, como primeiro impacto, a flexibilização trabalhista. Com isso, o tempo de trabalho necessário para se ganhar um salário-mínimo – que quase não lhe permite sobreviver – aumentou de 50 horas semanais por pessoa para 75. E, ainda, se vamos às periferias das nossas grandes cidades – São Paulo, Lima, Bogotá –, às 4 ou 5 horas

da manhã, vemos muita gente caminhando, porque não pode pagar o ônibus. (Richard HARTILL, 2006)

Creio que meus filhos [três, na faixa dos 20 e poucos anos] terão uma preocupação com o mundo diferente daquela dos meus netos. Isso porque nasceram no bojo do estabelecimento do neoliberalismo e da globalização, a partir do começo da década de [19]80. Esse fenômeno só agora está dando os primeiros sinais de esgotamento. Acho que os filhos dos jovens de hoje vão pensar diferente. (Miguel PEROSA, 2006)

[Na Inglaterra] vi grandes problemas que têm sido denunciados: competição entre escolas, a preocupação dos professores em ensinar os alunos a terem bons resultados em testes nacionais. Lá eu pude ver realmente o que é uma política neoliberal. O que nós chamamos aqui de neoliberalismo é uma pálida sombra do que ocorre lá. Algumas escolas são administradas por empresas privadas, que recebem o dinheiro do Estado para isso. É claro que, neste contexto, a palavra de ordem é diminuir os gastos. (Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS, 2006)

Tenho a impressão de que o Brasil está entrando na mesma lógica [neoliberal]. Os partidários dessa política neoliberal divulgam a crença de que essas medidas vão dar resultados positivos em longo prazo e que vão reduzir as desigualdades. A lógica é a do progresso. Mas o que constatamos nos países em que esse tipo de política foi implantada é que as desigualdades estão aumentando. (Claude CARPENTIER, 2008)

[Os jovens] são um lembrete às sociedades do quanto elas deixaram de tomar quaisquer medidas para criar uma sociedade em que os jovens possam viver com dignidade e liberdade. Portanto, eles são um lembrete da má-fé neoliberal e, conseqüentemente, são punidos por sua presença e por tudo aquilo que simbolizam. Uma vez que paisagens explosivas de pobreza e desespero cada vez mais encontram expressão em nossas cidades, bairros e áreas rurais, os jovens como populações excedentes fazem sentir sua presença. (Henry GIROUX, 2010)

Espero que o ENEM aos poucos se torne essa forma inteligente de avaliação de que a escola precisa, embora saiba que a lógica social dominante é a da concorrência generalizada e da avaliação neurótica. Esta é a contradição fundamental da sociedade contemporânea – para ser bem claro: da sociedade neoliberal contemporânea – na questão da educação. (Bernard CHARLOT, 2013)

Em meio a essa sociedade neoliberal, consumista, pautada em um imaginário coletivo moldado pelos grandes meios, muitos acreditam que para aprender é preciso medicar. Hoje há uma patologização, uma psicopatologização da saúde. O professor perde sua riqueza, seu saber como ensinante, a possibilidade de olhar nos olhos dos outros. (Alicia FERNÁNDEZ, 2014)

Professores de muitas partes do mundo são forçados a ensinar um conteúdo prescrito, o que se chama de *core curriculum*, e a ensinar os estudantes não para [que estes possam] aprender, mas sim para fazer esses testes e avançar academicamente. Isso, para mim, é uma das tragédias da comunidade educativa no mundo inteiro e é uma das razões para a vinculação do mundo do

neoliberalismo com o impacto da tecnocratização da educação. (Carlos Alberto TORRES, 2014)

O espírito neoliberal se caracteriza pela redução metódica do peso dado aos meios e aos processos e um incremento da importância conferida aos fins e ao produto. Se o que importa, desde os pais até o Ministério da Educação e os organismos internacionais, são resultados, o uso de meios como a dopagem, o professor particular crônico, o apostilamento, os cursinhos preparatórios, a compra de vagas, tudo isso começa a se tornar apenas uma questão de grau onde vamos colocar um limite artificial. (Christian DUNKER, 2015)

DINHEIRO

É com o dinheiro do contribuinte que o Estado compra milhões de livros carregados de estereótipos e preconceitos contra o negro e os distribui nas escolas, onde milhares de alunos são negros. É por isso que precisamos reconhecer que o negro tem direito, sim, de discutir com os editores e interferir nesse produto ruim que está chegando na escola. (Luiz Alberto GONÇALVES, 1988)

Em geral, onde está o dinheiro não estão os alunos nem os professores. É o que acontece, por exemplo, no estado de São Paulo. Dos 625 municípios paulistas, 557 não mantêm nenhuma escola de primeiro grau e, por isso, acabam usando o dinheiro que têm em coisas vinculadas à educação, mas que não são educação. [...] Pavimentam-se ruas em frente às escolas, constroem-se ginásios de esportes, fazem-se sambódromos, paga-se a merenda escolar. (Paulo Renato SOUZA, 1996)

Além de termos falta de recursos, convivemos com um desperdício de dinheiro inacreditável. Somos um país pobre? No ano 2000, o Brasil é considerado a décima economia capitalista do planeta. Mas somos o 68º país em qualidade de educação. A média de escolaridade do brasileiro é de três anos e sete meses, a mais baixa do Mercosul. (Mario Sergio CORTELLA, 2000)

Mesada não é presente nem obrigação de pai e mãe. É um instrumento de educação. Do mesmo jeito que se dá escova de dente para o filhinho ir treinando a escovação, se dá mesada para que ele vá treinando a vida financeira. O fato de dar mesada não significa que o filho possa dizer: “É meu dinheiro e faço dele o que bem quiser”. O pai dirá: “É seu dinheiro ponto e vírgula. Você o recebe para se educar. Não admito que seja gasto com bebidas, revistas impróprias e cigarro”. (Cássia D’AQUINO, 2001)

Somente em juros dessa dívida [externa], o Brasil paga anualmente mais de 70 bilhões de dólares. E o orçamento anual do Ministério da Educação é de cerca de 10 bilhões de dólares. Em outras palavras, o que o Brasil investe em educação em um ano é a sétima parte do que está sendo entregue a seus credores. Se esse montante fabuloso de dinheiro, em lugar de ir para o sistema financeiro internacional, fosse utilizado em programas sociais, inclusive em educação, que impacto essa medida poderia ter para o país? (Marco Antonio DIAS, 2001)

Na Educação, nossa história sempre foi essa: expande-se, democratiza-se, mas com baixa qualidade. Isso porque os recursos não aumentam. A população de alunos do ensino médio foi multiplicada por cinco, e a verba do Estado para esse nível de ensino continua exatamente igual. Isso significa que cada aluno de ensino médio tem cinco vezes menos dinheiro sendo gasto com ele. Disso decorre a expansão no noturno, em prédios que são utilizados para outras finalidades durante o dia, aquele velho modelo que a gente já conhece. (Maria Malta CAMPOS, 2002)

É preciso ter professores motivados, diretores líderes, sistema de incentivo para melhores professores e punição para aqueles que faltam demais. Só colocar dinheiro alivia a consciência, mas não tem resultados práticos. Vamos cometer um erro que muitos países já corrigiram, como o Chile e os Estados Unidos, que

triplicaram os recursos nas décadas de [19]60 e [19]90 e não perceberam melhora. Só com a reforma na gestão esses países observaram mudanças na qualidade da educação. (Naércio Aquino MENEZES FILHO, 2007)

O dinheiro é um motivador bom. Mas talvez o governo devesse deixar que as escolas identificassem os próprios problemas e construíssem o seu próprio espaço para resolvê-los, e então dar a elas gratificações financeiras para isso. Nesse sentido, o governo premia as escolas por realmente fazer um planejamento de melhoria, e não apenas por adotar políticas que as fazem parecerem melhores. (Matt ANDREWS, 2010)

[O Brasil] investe 959 dólares por pessoa em idade educacional. O México, mais que o dobro: 2.019 dólares. Já os EUA investem 8.816 dólares e a Noruega, 15.578 dólares! Fica claro que o fator dinheiro faz diferença quando se fala em qualidade. Por outro lado, é preciso ver também que os países com mais dificuldades a superar são os que têm grandes populações a serem atendidas. Mesmo que o Brasil chegue aos 10%, o que significaria dobrar os investimentos, ainda não chegaria às cifras dos países mais desenvolvidos. (Nelson Cardoso AMARAL, 2011)

A Pearson (empresa inglesa) chegou ao Brasil comprando quatro sistemas (Dom Bosco, COC, Pueri Domus, NAME). O foco dela é esse. Agora, soube que o próprio Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que tem pressupostos diferentes dos nossos e resulta em um escracho com as nossas escolas, será organizado pela Pearson (em 2015)! É um grande mercado. Envolve muito dinheiro. [...] O desmanche da educação pública é interessante para a rede privada. (Célia Cristina de Figueiredo CASSIANO, 2014)

Há também [no Brasil] mecanismos estruturais de segregação que atuam eficientemente. Quem tem dinheiro manda o filho para a escola privada, quem não tem manda para a escola pública. Quem tem dinheiro tem plano de saúde, quem não tem precisa se conformar com o SUS. Isso está acontecendo em todas as áreas que antigamente eram atribuições do aparelho do Estado. Benefícios sociais básicos, escritos na Constituição, na lei. (Julio Jacobo WAISELFSZ, 2014)

Fala-se muito da pobreza e, sim, é certa a existência de muita pobreza externamente. Mas nossa pobreza interna não é tão visível, tão óbvia. A pobreza gera voracidade, pois estamos incompletos. Somos como zumbis devoradores, transformando os outros em zumbis por contágio. Isso nos torna uma sociedade inconsciente e voraz. O problema do mundo é a voracidade, do poder de ter dinheiro. Da primazia dos bens por cima do bem. (Claudio NARANJO, 2015)

Um dos problemas desse modelo [do Fies] é a ausência de concorrência entre as faculdades particulares, prática que poderia contribuir para a melhora do ensino. Quando você estabelece o financiamento público para o aluno, as instituições têm de conquistá-lo e precisam ter qualidade. No limite, ele pode mudar de faculdade, levando o financiamento consigo. No Brasil, não. O estudante é que fica vinculado a quem detém o dinheiro repassado pelo governo, sem opção de escolha. (Helena SAMPAIO, 2015)

Considero que as perguntas importantes sejam estas: a privatização é um benefício de que grupo? E quem a regula? Os benefícios precisam sempre ser sempre para o povo, para quem usa esses serviços, mas nem sempre é assim. A lei no Brasil dá a liberdade de existir uma empresa privada no ensino, então precisamos analisar: quais são os impostos que essa instituição privada de ensino paga? Quanto ela ganha? O que faz com seu dinheiro? (Abdeljalil AKKARI, 2016)

De um lado, há gente dizendo que pondo mais dinheiro e aumentando os salários resolve; de outro, há quem defenda que há muitas maneiras de melhorar a educação sem passar pelo aumento do salário do professor. As duas visões são incompletas. Tudo o que há na internet – Khan Academy etc. – ajuda, mas não prescinde do professor. A escola é socialização, e por isso precisa ter contato com gente de carne e osso. (Renato Janine RIBEIRO, 2016)

MERCADO

Já não temos o pleno emprego como horizonte, sendo criado um conceito de empregabilidade, cuja tradução é de que cada indivíduo deve buscar um estoque de competências definidas pelo mercado [...]. Até o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, não como sociólogo, mas como executor de um projeto político-educacional, diz o seguinte: “No Brasil não faltam postos de trabalho, faltam pessoas capacitadas e qualificadas para ocupar esses postos de trabalho”. Isso é uma impropriedade monumental e cínica. (Gaudêncio FRIGOTTO, 1999)

Pacotes [de formação docente] são criados nos EUA e, quando o mercado se esgota, eles levam esses mesmos pacotes para a América do Sul, África ou Ásia. A maioria desses pacotes são modelos técnicos de treinamento. A maior parte do trabalho de desenvolvimento de professores na África tem sido assim, com algumas exceções. (Kenneth ZEICHNER, 2000)

O mercado está buscando profissionais com conhecimentos genéricos e seres pensantes. Existem profissões, como a medicina, o direito, a engenharia, que exigem conhecimentos muito específicos, mas na maior parte não é o caso. O que o mercado espera da educação na maioria das profissões é que se prepare o profissional para pensar e equacionar os problemas para ter competência operatória superior. (Claudio de Moura CASTRO, 2003)

O mercado brasileiro é muito jovem, tem 100, 200 anos. Nosso mercado exige formação de técnico. Isso é uma grande saída para não sei quantos milhões de jovens colocados no mercado atualmente, saindo das faculdades. Você coloca milhões de pessoas e coloca 100 mil vagas de trabalho. Nosso mercado ainda precisa de uma quantidade enorme de técnicos em várias áreas, até porque a inovação tecnológica vem disso, não do sociólogo. (Eduardo NAJJAR, 2004)

Cada vez mais o livro didático está se transformando num produto de mercado. Então, algumas equipes se compõem de pessoas que foram – já não são – professores. O dispositivo das editoras para afirmar a qualidade de seu livro didático é arranjar nomes universitários que aparecem como coordenadores científicos, ou, então, explicitam sua supervisão científica. (Maria de Lourdes DIONÍSIO, 2005)

Infelizmente, no nosso país, a corrupção está em um nível de disseminação muito acima do que as pessoas estão dispostas a admitir. Não estamos dispostos a participar desse jogo, mas sabemos que, para muita gente que está no ramo de prover serviços para o mercado educacional, essa é a única forma de se colocar no mercado. (John Edwin MEIN, 2005)

A maior parte das pessoas precisa desenvolver habilidades técnicas e comportamentais, precisa evoluir para conseguir melhores oportunidades. A solução é a profissionalização, tanto dos trabalhadores como do próprio mercado, que ainda está nesse processo se comparado a outros países. [...] É essencial perceber que o mercado está mudando constantemente. É preciso acompanhá-lo de alguma forma: estudando, se aprimorando, fazendo cursos de especialização,

entre outros. É o velho e bom conceito de desenvolvimento. (Ricardo BEVILACQUA, 2006)

O mercado de trabalho é o lugar da afirmação. Ele individualiza a pessoa. É você quem está arriscando. É você quem está se responsabilizando por aquilo que faz. Claro que, quando você se submete às leis do mercado, ou às normas de uma empresa, há um esquecimento, mas também há uma individualização. Você poderia até dizer que o mercado é um lugar de construção de cordeiros. De qualquer modo, porém, é uma construção. (Miguel PEROSA, 2006)

Educação para quê? Eles [o Banco Mundial] dizem que a educação é um investimento estratégico de desenvolvimento. Ela prepara para o mercado de trabalho e ajuda as pessoas a se adaptarem às novas tecnologias. Serve para que os jovens adquiram as habilidades para o mercado. Enfim, para eles a educação é utilitarista e serve para responder a um mercado de trabalho. Todo modelo de escola e de avaliação orbita a partir dessa premissa. (Camilla CROSO, 2011)

O Pronatec está fortalecendo o Sistema S, delegando gradativamente a formação profissional para eles, que são qualificados, mas é empresarial, com visão e ideologia empresarial, para formar e suprir a demanda emergencial do mercado. Não basta só isso. A educação tem de pensar para além do mercado, e não apenas responder a demandas de hoje. (Gabriel GABROWSKI, 2013)

O Brasil tem um setor empresarial muito bem organizado, talvez um dos mais organizados da América Latina. Parte dele, não todos, quer tornar o Brasil competitivo internacionalmente. Mas é um projeto de formação do jovem diretamente vinculado a um mercado de trabalho cada vez mais estreito para o jovem. Há uma associação direta entre mercado de trabalho e educação e, portanto, uma visão estreita do que é capaz de fazer a escola na formação do jovem. (Nora KRAWCZYK, 2014b)

Os países de baixa renda, que continuam dependentes de financiamento externo, são sim mais vulneráveis aos critérios e prioridades estabelecidos pelos países ricos e organizações doadoras. Em muitos países onde houve uma descentralização da educação, sem garantia de transferência de competências para o nível local, se abriu um grande mercado para as consultorias internacionais, como a Pearson ou a Cambridge Education, que vendem pacotes curriculares e de reformas educativas. (Antoni VERGER, 2014)

O mais importante a se destacar no atual cenário da economia é que a qualificação pode reduzir o risco de desemprego ou, ao menos, reduzir o tempo longe do mercado de trabalho. Quem faz cursos de educação profissional tem mais chances de conseguir um emprego com bons salários e construir carreiras estáveis. Para a economia, ter uma massa de trabalhadores bem preparada também é uma saída para se recuperar mais rapidamente da retração. (Rafael LUCCHESI, 2015)

A escola tradicional foi criada para a era industrial, um tempo marcado pela produção em massa e pela estabilidade do mercado de trabalho. As pessoas se formavam e se aposentavam naquela profissão e até na mesma empresa em que começavam a vida profissional. [...] Essa realidade foi ultrapassada e a escola precisa se adaptar ao contexto atual. Mais do que isso: precisa de visão de longo

prazo. Uma criança matriculada no 1º ano do ensino fundamental hoje será um profissional ativo do mercado de trabalho em 2070! (Marjo KYLLÖNEN, 2016)

Particularmente no Brasil, expandiu-se um mercado de cursos e eventos nos quais os mais diversos especialistas montam o seu espetáculo pessoal para venderem aos professores novidades inúteis sobre o cérebro e a aprendizagem, as novas tecnologias ou qualquer outra moda de momento. Recorde-se o que escreveu Lee Shulman, há muitos anos: o desenvolvimento profissional dos professores não pode continuar a ser dominado por charlatães que aparecem por todo lado a dar cursos e mais cursos sobre tudo e mais alguma coisa. (António NÓVOA, 2017a)

MARKETING

Com certeza, na esfera política a TV influencia enormemente. A política está cada vez mais submetida às estratégias de *marketing* político, que se baseiam em dois grandes suportes: a televisão e as pesquisas de opinião. O casamento desses dois suportes pode manipular, orientar, desinformar o eleitorado. O *marketing* político é a desinformação organizada. (Maria Luiza BELLONI, 1993)

Em primeiro lugar, devemos mobilizar toda a sociedade para que fiscalize seu direito constitucionalmente assegurado de acesso ao ensino fundamental obrigatório. Vou me empenhar em promover um “*marketing* social” sobre a importância de os pais mandarem os filhos à escola. Outro desafio importante é fazer esses pais fiscalizarem as atividades de ensino por meio dos Conselhos Escolares. (Fernando Henrique CARDOSO, 1994)

É importante ficar atento às peças publicitárias das empresas – o consumidor é o primeiro a perceber a propaganda enganosa. Uma empresa não pode simplesmente fazer uma peça publicitária utilizando portadores de deficiência física ou mental se isso for só para chamar atenção. Fazer *marketing* social é diferente de ter responsabilidade social. (Oded GRAJEW, 2000)

Para os especialistas em *marketing*, está cada vez mais claro que as empresas vencedoras no futuro serão aquelas que souberem manter uma ligação emocional com os seus clientes, e os eventos são uma excelente maneira de se atingir tal objetivo. O mesmo pode se dizer da atmosfera da escola. Não podemos esquecer que as instalações, a arquitetura e a fachada transmitem uma mensagem ao público, e esse toma suas decisões a partir das suas percepções. (Miguel DAUD, 2002)

O *marketing* é o conjunto de coisas que eu tenho de fazer para o mundo me comprar. A primeira coisa é um esforço de segmentar, escolher um campo, um ângulo que esteja propício ao ataque que eu quero fazer. Daí o *marketing* é consequência. É o conjunto de coisas que eu vou fazer para ter chance de me demonstrar para esse público que eu escolhi, para que ele fique sabendo de mim. Vamos pensar nas ferramentas a serem usadas, em que tipo de mídia vou me comunicar, enfim, é uma infinidade. (Clemente NÓBREGA, 2003)

A principal missão da escola privada é a de, efetivamente, oferecer a melhor educação – sem apelo de *marketing* de dizer que está formando “o melhor aluno”. O educador que atua junto aos jovens de classe média e média alta tem de fazer deles cidadãos responsáveis. Acho que as instituições privadas estão passando por um processo de depuração, e as que não mostrarem um bom desempenho, tanto no ensino quanto em responsabilidade social, podem falir. (Arthur FONSECA FILHO, 2004)

O valor do serviço que a escola oferece vai estar, fundamentalmente, no aspecto pedagógico. E a área de *marketing* deve respeitar profundamente isso. Não se pode construir uma área de *marketing* mais forte do que a área pedagógica dentro da escola, pois isso determinaria a fraqueza da organização como instituição educacional. (Rogério MAINARDES, 2004)

A maior perda foi para as instituições [de ensino] mais antigas e tradicionais, que agora precisam “correr atrás do prejuízo” para fazer frente à novas instituições que nascem a partir de um *Business Plan* (plano de negócios), têm planejamento estratégico, plano de *marketing* e comunicação, plano de cargos e salários, capacitação de seus recursos humanos, central de atendimento ao cliente, etc. (Ryon BRAGA, 2005)

[O profissional deve lidar com a concorrência interna] fazendo alianças e não inimigos. E isso é diferente de fazer amizades. Colegas de trabalho, via de regra, não são amigos, são apenas pessoas que o destino colocou na mesma empresa. As pessoas que sobem na carreira são as que sabem trazer as pessoas para perto delas. As que se afastam dos colegas de trabalho e ficam “na delas” raramente chegam a algum lugar. Isso é o que se chama de *marketing* pessoal. (Max GEHRINGER, 2005)

A maioria dos alunos que decidem evadir-se, quando perguntada pela instituição sobre o motivo, responde: problemas financeiros. Muitas vezes não é, mas eles respondem porque sabem que a faculdade nem sequer vai argumentar, pois não quer alunos inadimplentes. Mas eles estão de saco cheio. [...] As escolas gastam com *marketing* entre 4% e 6%, mas não gastam nada para segurar os alunos. (Oscar HIPÓLITO, 2011)

O *marketing* praticado para produtos infantis hoje é o mesmo que era praticado na pós-revolução industrial, ou seja, produção e comunicação de massa. Depois disso, o *marketing* já evoluiu para o que chamamos de *marketing* de relacionamento com os clientes, em que a empresa quer saber quem eu sou como consumidor, o que desejo. Mas, no caso das crianças, não existe nem uma proposta de relacionamento com a família. (Ana Maria Dias da SILVA; Luciene Ricciotti VASCONCELOS, 2012)

Há escolas criadas depois do *ranking* [o ENEM], com alunos *top*, que começaram indo bem e cresceram muito rapidamente depois dessa divulgação. Do ponto de vista da escola, tem a ver, evidentemente, com o *marketing*, e isso não é uma coisa ruim por si só. Uma família de classe mais alta acaba se baseando nisso para escolher onde matricular seus filhos. Ou seja, é um mecanismo que, se for útil, é mais útil para os mais ricos. O grande problema aqui é quem está embaixo. (Rodrigo TRAVITZKI, 2013)

Há novos leitores entrando nesse mercado, o que impõe novas responsabilidades para nós, escritores, editores e distribuidores de livros. Temos de ser generosos com esse novo leitor, de modo a atraí-lo definitivamente para o fascinante mundo dos livros. Temos de oferecer preços acessíveis, ter boas estratégias de *marketing*, escrever de forma didática e promover eventos e programas que incentivem a leitura no Brasil. (Laurentino GOMES, 2015)

Não é só a questão de reputação dessa escola. É como essa escola é gerida, como, em nível de transparência, se relaciona com as famílias, que índice de matrícula tem, que tipo de critérios usa para escolher seus alunos, como se apresenta no ENEM – se cria artifícios para ter um *marketing* ou se, de fato, tem uma massa de qualidade que permite bons resultados. É um conjunto de elementos que

permite que a escola se prepare para acessar esses recursos. (Mônica MOLINA, 2018)

Essas escolas baseadas em PBL [Aprendizado baseado em projeto] ofertam, basicamente, duas coisas: instalação bonita e caríssima e *networking* social. [...] O número de pais que fizeram isso [transferência dos filhos de colégios tradicionais para esse tipo de escola] nos últimos anos e continuam a fazer é imenso. Para enganar os pais é necessário muito pouco. Se o prédio for bonito e tiver cara de *coworking*, o preço for alto e tiver dois ou três filhos de figurões, está resolvido o problema. O resto vem no *marketing* em cima dessas características. (Ricardo SEMLER, 2019)

CONSUMIDOR

No caso brasileiro tanto ele, o jovem leitor, como o mercado editorial que se amplia, são frutos de uma transformação do país, de alterações estruturais que aconteceram desde os anos [19]50, no processo de modernização do capitalismo. Essa transformação colocou a infância numa nova condição, a condição de reserva de mercado, de consumidora. Não só de livros, mas também de discos, teatro e fenômenos como o da Xuxa. (Edmir PERROTTI, 1990)

Entendia-se a globalização como um processo de democratização. Eu diria que, mais do que um processo de democratização, é um processo de totalitarismo – por isso, às vezes, uso a palavra globalitarismo. Esse globalitarismo acentua as desigualdades porque, de um lado, estão os países produtores e, de outro, os países consumidores de informação. [...] Tanto a produção audiovisual quanto a produção tecnológica estão concentradas sobretudo em três áreas geográficas: nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. (Roberto APARICI, 1999)

Visitei em janeiro um hospital em Havana, Cuba, onde, aos sábados, os pacientes se reúnem para avaliar o trabalho semanal dos enfermeiros e médicos. Por que não fazer isso nas escolas de três em três meses? Vivemos hoje numa sociedade imagética, que visa a formar consumidores, e não cidadãos. Ora, a escola só deixará de ser correia de transmissão dessa sociedade se ousar contrapor-se criticamente a essa sociedade. (FREI BETTO, 2000)

Quanto mais o consumidor brasileiro estiver educado, mais ele vai querer comprar pneu de quem produz de maneira socialmente correta, vai querer comprar sorvete de quem não explora a mão de obra infantil. Se a consciência do consumidor no Brasil crescer, queiram os empresários ou não, aí é que vão ter de fazer *marketing* social mesmo: o consumidor exigente vai querer que isso esteja especificado nas embalagens. (Geraldinho VIEIRA, 2000a)

O valor da mensalidade, de uma certa forma, já define a imagem da escola. Um valor mais alto, por exemplo, sugere qualidade superior. Os consumidores usam o preço como um indicador. Não podemos esquecer que 90% dos pais não conhecem a linha pedagógica adotada pela escola dos filhos. No sentido oposto, os consumidores desconfiam de escolas que cobram muito menos (cobram menos porque oferecem menos). (Miguel DAUD, 2002)

No mundo atual, para que aprender a ver a arte? Somente por uma questão de prazer? Para ser capaz de identificar autores, obras ou estilos? Se apenas reúno esses conhecimentos, como se fosse uma enciclopédia, sem perguntar-me por que essas obras e não outras, por que esses autores e não outros ou qual foi o processo de recepção dessas obras, estarei fazendo isso apenas da perspectiva do consumidor, sem aprender a construir um significado real para tudo isso. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2002)

Os consumidores deveriam valorizar as empresas que investem socialmente, em todas as áreas da responsabilidade social. Se o consumidor não valoriza, ele não dirige a sua escolha para produtos dessa empresa e se isso não acontece a empresa não tem condições de continuar a investir em projetos sociais. Se uma empresa,

do dia para a noite, anunciasse que vai passar a investir 50% do lucro em responsabilidade social, ela quebraria, literalmente. (Hélio MATTAR, 2002)

O principal imposto de sustentação da educação básica não é o imposto recolhido pela União, é o Imposto de Circulação sobre Mercadorias e Serviços (ICMS). [...] O ICMS não só é o imposto mais democrático brasileiro e aquele com menor sonegação do consumidor – e aqui não estou falando do empresário – como é o principal sustentador das políticas educacionais maciças do país. Sustenta educação infantil, fundamental e ensino médio e, em alguns casos, até universidades estaduais. (Carlos ABICALIL, 2004)

Sempre houve grandes redes educacionais e o próprio ensino religioso, ao longo de muitos anos, já é uma orientação de rede. As escolas estão se fortalecendo para oferecer mais qualidade, diminuir custos e acompanhar as exigências dos seus consumidores. Existe uma grande evolução deles de uma forma geral, que hoje estão mais garantidos em seus direitos, estão mais informados e acompanham o que acontece em todo o mundo com muito mais facilidade. (Rogério MAINARDES, 2004)

Quando não temos referências políticas e culturais confiáveis, nossa percepção da realidade passa a ser determinada por vendedores. E então somos transformados em rebanhos. Comemos o que os vendedores querem. Vestimos o que eles querem. Lemos o que eles querem. Ouvimos o que eles querem. E elegemos quem eles querem. Uma nação de consumidores, onde a questão da cidadania inexistente. (Luciano PIRES, 2006)

O que significa, para alguém que nunca estudou nutrição, ter tantos gramas de proteínas ou de carboidrato? Os rótulos alimentícios com informações nutricionais só têm utilidade para o consumidor que sabe o que significa cada nutriente. Quem sabe que muitas vezes a gordura trans é substituída por ácidos graxos trans, tão maléficos quanto a primeira? (Silvia COZZOLINO, 2008)

Atualmente, os jovens de todo o mundo estão sendo submetidos ao que eu chamei de “guerra branda” da comercialização neoliberal. Trata-se de uma guerra de baixa intensidade travada através da força educacional de uma cultura global que não apenas comercializa todos os aspectos da vida das crianças, mas também usa a internet, os telefones celulares e diversas redes sociais junto às novas tecnologias de comunicação para atingir os jovens como mercados e consumidores de modos mais diretos e expansivos. (Henry GIROUX, 2010)

[As crianças] questionam, querem saber o porquê. O “não” não basta mais. E os adultos não aguentam isso. A sociedade é muito incomodada com os questionamentos e a gente acaba abafando isso via substância química. Junte isso ao interesse financeiro das indústrias farmacêuticas. Elas financiam cursos, viagens para médicos, vantagens em clínicas. Curso para professores financiado por um laboratório é algo estranho. Não sejamos ingênuos: eles estão, na verdade, treinando professores para identificar futuros clientes consumidores de suas drogas. (Maria Aparecida Affonso MOYSÉS, 2011)

O consumidor está mudando, ele está denunciando rapidamente na internet, então as empresas estão precisando ter coerência entre discurso e prática; senão

são imediatamente denunciadas. Não vai ser diferente em relação à escola. A escola tem de se perguntar se está com os valores bem definidos. Porque é bonito botar no papel missão, valores, mas eles são reais? (Ana Maria Dias da SILVA; Luciene Ricciotti VASCONCELOS, 2012)

Há uma diferença grande entre o aluno e o consumidor de serviços. Outras empresas podem mudar seu modelo de negócios. A escola tem de continuar ensinando e formando alunos. Os serviços públicos – e essa é a definição clássica da teoria da gestão pública – se caracterizam pela continuidade, pois frequentemente é preciso exercer um fim, ainda que se possa fazê-lo por meios diferentes. Ou seja, é preciso continuar formando os alunos. (Fernando ABRUCIO, 2016)

EMPREENDEDORISMO

O projeto, tanto econômico-social quanto educacional, que nós estamos implementando no Brasil está voltado de costas para a perspectiva de uma sociedade que dê espaço ao cidadão. Primeiramente, é um projeto subordinado às políticas mais conservadoras e mais elitistas do mundo financeiro internacional. Em segundo lugar, como subordinados, nós estamos, assim, formando “gerações neuromusculares”. E também voltadas para trás porque voltadas para os mecanismos do capitalismo centrado no indivíduo empreendedor, no individualismo. (Gaudêncio FRIGOTTO, 1999)

A proposta é levar o tema empreendedorismo para dentro do ensino médio, formando um aluno mais autônomo, mais flexível, mais preparado para construir o seu futuro. Pretendemos que ao final do ensino médio, o aluno além de seguir a vida acadêmica, tenha também a alternativa de abrir um negócio, entrar na sociedade produtiva como um gerador de emprego para si, e para quem não tem um perfil empreendedor. (Enio PINTO, 2002)

[O empreendedorismo pode ser uma saída] para uma pequena parcela da população. Nem todos possuem espírito empreendedor. De cada dez pessoas, sete não têm no sangue o empreendedorismo. Ele depende de uma cultura que nem todas as pessoas têm. Sem falar na grande quantidade de novos negócios que não dão certo. (Márcio POCHMANN, 2002)

O que vemos é que esse conceito [criatividade] evoluiu, como o conceito de educação, que antes era algo somente de poucos e para poucos. O que se vê com muita ênfase, hoje, nesse conceito, é sua significação social e econômica. Por exemplo, nenhuma empresa ou grupo social cresce sem criatividade. Outro exemplo refere-se à importância que se tem dado à questão da autogestão ou de como desenvolver nas pessoas sua capacidade empreendedora. (Saturnino de la TORRE, 2002)

As perspectivas [da educação] são muito boas, as possibilidades de trabalho estão crescendo, o nível de informação está se superando e a classe está se integrando cada vez mais. Basta ver o número de professores em congressos há alguns anos comparado com a lotação dos congressos de hoje. Existem até professores que pensam em fundar uma cooperativa educacional e conduzir universidades cooperativadas por todo Brasil. Eis aí o professor empreendedor, indo além da atuação em sala de aula. (Cesar ROMÃO, 2003)

[As pessoas mais perceptivas têm] visão holística, maior sensibilidade, mais capacidade de lidar com as emoções (sua e a dos outros) e melhor qualificação profissional, principalmente para a liderança e o empreendedorismo. Maior segurança em suas decisões e um *feeling* mais aguçado para os negócios. (Jair Abreu CAMPOS, 2005)

Sabemos que São José dos Campos [SP] implementou um programa de empreendedorismo. Não conheço em detalhes, mas o fez no sistema de escolas públicas da cidade. Então, acho que depende de quem está liderando o processo educacional do município, qual a sua política, e acho que isso varia bastante. É irônico porque o empreendedorismo ensinaria o indivíduo a ser realizador em

qualquer ambiente! Empreendedorismo não significa capitalismo. Você pode ser um empreendedor social. (John Edwin MEIN, 2005)

Precisamos que as nossas universidades comecem a formar pessoas para o mundo de hoje, e não para o mundo do século passado. Hoje, formamos pessoas para o emprego. Não há, por exemplo, na maioria dos cursos de ensino superior, uma capacitação da juventude para empreender. Deveriam existir cursos de empreendedorismo em qualquer lugar. (Wanderley CODO, 2010a)

As atividades propostas devem gerar perspectiva de vida, estar ligadas ao empreendedorismo, ao desenvolvimento de talentos e à criação de projetos inovadores. Para isso os alunos devem ficar na escola no contraturno. Como disse anteriormente, temos que aumentar as vagas no diurno e também no contraturno. Além disso, as tecnologias digitais precisam ser exploradas na aprendizagem. (Ana Lúcia GAZZOLA, 2011)

É indispensável que as escolas criem mecanismos de *feedback* e processos que permitam enxergar o futuro. Só assim, eles vão estar em contato com a realidade das comunidades que pretendem servir e se tornarão agentes da inovação social, do empreendedorismo e do desenvolvimento, e não simplesmente de mecanismos que reproduzem o passado. (Fernando REIMERS, 2011)

Essa ideia do empreendedorismo está muito forte não só no Brasil e não só na escola privada. É a chave do projeto empresarial, que é formar o jovem com uma ideia de que ele pode construir seu próprio futuro. É uma ideia do jovem empresário de si próprio. Qual é o modelo de homem empresário? A ideia de que se chegou lá pelo próprio esforço, pela perseverança, pelo estudo. Essa é a chave da formação hoje neste projeto que está acontecendo em muitas escolas brasileiras. Eles chamam de “construindo seu próprio futuro”. (Nora KRAWCZYK, 2014b)

Os municípios de pior IDH performam mal na educação, na saúde, no desenvolvimento social. O ministério do [Guilherme] Afif ajudaria as pessoas a produzirem mais renda, não diretamente pelo emprego, mas pelo empreendedorismo. Um dos caminhos para o Brasil é esse. [...] Em dois anos, [Guilherme Afif] conseguiu criar ou formalizar cinco milhões de Micro Empreendedores Individuais, que pagam R\$ 42 por mês e, com isso, ganharam direito a aposentadoria. (Renato Janine RIBEIRO, 2016)

A China está obcecada em ser número um. O país quer ser melhor que os Estados Unidos. Como sabemos, os Estados Unidos são o centro de criatividade e inovação do mundo, por isso apresenta um bom desempenho econômico. A China quer superar a América e isso significa ensinar coisas como criatividade, liderança e empreendedorismo nas salas de aula. (Jiang XUEQIN, 2016)

A formação técnica e profissional, mesmo sendo estruturada a partir das famílias ocupacionais, contempla em seus currículos um conjunto de competências voltadas ao empreendedorismo, fator determinante para iniciativas de trabalho por conta própria, individual e coletivo. Além disso, as competências pessoais relacionadas a comunicação e a atualização contínua dos currículos podem

contribuir para a autonomia no trabalho e nas novas relações sociais. (Almério Melquíades de ARAÚJO, 2017)

Acho um crime seduzir pais com o discurso do empreendedorismo nas escolas. Se 1% [dos alunos] decidir ser empreendedor será muito. Mas aí alguém argumenta: “não, mas empreendedorismo *lato sensu*, em relação à vida pessoal”. Bom, então vai para 20%, com boa vontade. E o que os outros 80% farão com isso? Mas a conversa é música para os ouvidos de pais que desejam o sucesso dos filhos. E qual pai não deseja? (Ricardo SEMLER, 2019)

TERCEIRIZAÇÃO

O INEP deverá ser o organismo coordenador desta avaliação [nacional do desempenho dos alunos], mas acho que temos de terceirizar a execução com os institutos que existem hoje no Brasil. A parte da avaliação e de exames é uma área em que temos grande experiência. Há, por exemplo, a Fundação Carlos Chagas, e muitas entidades que se dedicam a esse trabalho e podemos estimulá-las para que participem desse processo de avaliação. (Paulo Renato SOUZA, 1995)

Tem de lutar para turbinar o diploma (ou a prancha), completar o curso de inglês, informática, alguma coisa de administração, frequentar palestras, viajar, fazer as conexões que a pessoa deve procurar estabelecer, as tais “patotas”, e a partir daí já entrou no mercado de trabalho. Chamo a atenção para esse mercado formal de carteira assinada que está ficando cada vez mais restrito. Muitas das coisas ocorrem no setor informal. A economia está devagar e, além disso, tem todas essas regras da justiça trabalhista. O alto custo dos encargos faz empresas preferirem a terceirização. (Roberto MACEDO, 1997)

Eu sempre tive uma certa resistência [à informática], porque é um serviço que dificilmente a [nossa] escola pode cobrir. A máquina de escrever com 25 anos continua perfeitamente apta a ser usada. O computador envelhece em dois anos. Então nós optamos por terceirizar. Os aparelhos não são nossos, são alugados. [...] Não usamos o computador em sala de aula. Só um romântico como o ministro da Educação acha que mandando cem mil computadores para as escolas vai resolver o problema. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

Observa-se uma terceirização da função educativa. A escola deve fazer mais isso também. Nas séries iniciais, as crianças – muitas delas filhas únicas – descobrem que o mundo existe e que a mãe não é só delas. O professor acaba desempenhando a função paterna ou materna. As escolas, portanto, estão educando em um sentido amplo, que corresponde ao que os pais deveriam estar fazendo. Por isso, elas enfrentam um caos, porque as crianças vão testar limites lá. Haja paciência por parte dos professores! (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Há um tempo muito grande entre a avaliação e a divulgação dos relatórios. Um dos estados pesquisados ainda não divulgou o relatório de 2002. A divulgação ainda é muito precária. Tem situações inacreditáveis em que a agência terceirizada, responsável pela avaliação, para evitar *ranking*, manda os resultados para cada escola, mas a secretaria não tem acesso aos dados. Isso ilustra como temos de potencializar a avaliação. (Sandra ZÁKIA, 2007)

Muitas famílias, sobretudo de classe média, entraram na “onda” da terceirização educacional. Não se pode dizer delas que não investem na educação dos filhos: basta ver o dinheiro que gastam com mil cursos. Todavia, esse grande gasto em cursos de todo tipo mostra bem que as famílias delegam a outros o que, às vezes, elas mesmas poderiam fazer. [...] É evidentemente sobre seus ombros [da escola] que recai o trabalho mais pesado, notadamente quando a omissão parental diz respeito à educação moral e formação ética. (Yves de la TAILLE, 2009)

Outra coisa que estamos encontrando muito em nossa pesquisa são professoras [de educação infantil] contratadas por instituições terceirizadas. São contratos

mais precários e não priorizam a formação mais adequada, porque são feitos para baixar custos. As professoras de creche são um grupo discriminado: ganham menos, têm formação pior e vínculos de trabalho precários. (Maria Malta CAMPOS, 2010)

Vejo nessa terceirização [da educação] mais um papel para a escola, que consiste em respeitosa e não aceitá-la. Cada um que encontre o seu jeito – e estou sempre, estabranadamente, em busca do meu, toda vez que uma família tenta me terceirizar a educação de seu filho. Não aceito, porque não posso, porque não tenho esse poder e muito me tratei e me trato para lidar com esses limites. (Celso GUTFREIND, 2010)

De fato, estabelecer regras é uma ação cada vez mais transferida [pela família] a outras instituições. É como se a responsabilidade fosse terceirizada, inclusive para a escola. Além de compreender que isso é o sintoma de uma transformação social – e não uma falta de atenção dos pais – a escola pode promover debates e grupos de reflexão que ajudem cada um a encontrar seu papel. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Evidentemente, o professor pode pedir ajuda da orientação, da direção, da coordenação, dos pais, mas, digamos assim, ele é “o capitão do navio”, ele é que está coordenando esse processo. A orientação e/ou a coordenação podem conversar com o aluno, para buscar alguns elementos que o professor não está conseguindo, para que, depois, possa continuar esse trabalho com o educando. Enfim, o que se sugere é não terceirizar a questão da disciplina e da aprendizagem. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

Quando um município compra um sistema, ele abre mão de receber todos os livros e compra com a verba própria que tem. E vai quase todo o dinheiro destinado à Educação porque é muito caro. O pacote inclui o material didático, a assessoria tecnológica, a formação do professor e até a avaliação. O currículo todo fica organizado em torno daquilo. Se um menino chega trazendo um assunto que devia ser aproveitado em aula, o professor não tem espaço para incluir. É realmente uma terceirização da educação. (Célia Cristina de Figueiredo CASSIANO, 2014)

Caminhamos para o modelo empresarial na Educação, com direito à privatização tanto por *vouchers* (espécie de carta de crédito fornecida pelo governo para pagar a escola) como por concessão de gestão – ou seja, por meio de terceirização. Isso significa maior segregação escolar e risco às populações mais pobres e às que necessitam de cuidados especiais. (Luiz Carlos de FREITAS, 2015)

[Os governantes] não têm pudores em pagar salários ridículos para os professores e, ao mesmo tempo, sustentar um discurso de que estão fazendo maravilhas pela educação. Somado a isso, há pais que se desincumbiram da educação de seus filhos, terceirizando-a, e que matriculam as crianças na pré-escola já pensando no vestibular. Eu me preocupo com o fato de que alguns professores consideram que os alunos são os únicos responsáveis pelo fracasso escolar. (Antônio José LOPES, 2015)

Há muita polêmica em relação a esse tema [das ONGs na educação], que talvez não esteja tão esclarecido, pois sugere uma terceirização. Ou, pelo temor de que, se for uma instituição privada, tenha interesse de interferir no currículo ou na definição de prioridades para cumprir metas. É um terreno que precisa ser muito bem delimitado para garantir que não haja desvirtuamento do que é a função do Estado e dessa organização da sociedade civil. E isso ainda não está claro. (Mônica Gardelli FRANCO, 2017)

[O tutor é] alguém que ficará responsável por aquelas 25 ou 30 almas e precisará entender em que momento cada um está, o que sabe ou não, o que dá para ser exigido a cada momento, como está a interação entre eles, as dinâmicas sociais, e por aí vai. E terceirizar para alguém apaixonado pelo ato de ensinar. [...] O papel desse professor é fundamental, mas de volta à condição idealista que o levou a ser pedagogo e educador lá atrás, e que foi sendo perdida pela apostila, o sindicato, o corporativismo, a chatice. (Ricardo SEMLER, 2019)

ONGs

O conceito de Estado está se “alargando”, quando se constata o espaço que vem sendo ocupado pelas chamadas organizações não-governamentais. Talvez esteja na hora de retomarmos, de forma atenta às circunstâncias em que vivemos, a metodologia gramsciana de análise das situações, e também determinados conceitos por ela formulados, como o de Estado ampliado, envolvendo a articulação entre sociedade política e sociedade civil. (Dermeval SAVIANI, 1997)

Muitas ONGs surgiram de movimentos populares, e nos últimos anos começaram a perceber a importância da escola pública. O Cenpec [ONG Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária] fez o caminho contrário: começou a trabalhar com escolas e depois foi para a comunidade. Percebemos que era fundamental a articulação comunidade-escola. As ONGs são organizações que têm a oportunidade de fazer essa articulação, por isso passamos a dar assessoria para elas. (Maria Alice SETUBAL, 1999)

Segundo dados de ONGs amazônicas, são mais de 2.000 professores e professoras índias só nos estados do Acre, Roraima, Amazonas e Amapá, além das demais regiões do País. Desses, grande parte são leigos, rapazes jovens que fazem cursos de formação ou de magistério voltados especialmente para a educação indígena. São, portanto, estudantes e professores em serviço. (Nietta Lindenberg MONTE, 1999)

Há ONGs fazendo o trabalho que seria das escolas, como oferecer esportes, artes, reforço escolar. Pela LDB, deveríamos ter educação em tempo integral. Mas será calamitoso se isso acontecer só pela via da escola. O país não tem dinheiro para dobrar o período de permanência dos alunos na rede pública. Então, aproveitamos os programas complementares oferecidos pelas ONGs. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

Essa nova geração de direitos humanos não se baseia apenas no crescimento da capacidade de processar graves violações ao nível internacional; ela também é conhecida pela explosão do movimento de ONGs. O Brasil é um grande exemplo desse movimento, pois, apesar das muitas violações que acontecem, a energia positiva das ONGs não tem paralelos no mundo. Esta foi também uma década espetacular para a representação de direitos humanos. Nunca tivemos tantos relatórios abrangentes sobre violações. (Peter LUCAS, 2002)

Se o menino é pobre, precisamos resolver sua pobreza. Para tanto, só é preciso um tipo de atenção. Agora, se o menino é pobre, doente mental, delinquente e usuário de drogas, precisamos de muitos profissionais para atendê-lo. O garoto se converte em matéria de consumo de ONGs, fundações, igrejas, empresas, profissionais. Os problemas dos meninos estão sendo formalizados como um negócio de grande interesse econômico. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Existem muitos tipos de organizações não-governamentais, não dá para generalizar. O que eu sinto é que a escola está passando por uma reforma. E as ONGs podem cooperar, já que não têm esse ranço histórico, criando situações de aprendizagem mais diversas e inusitadas. O espaço de convivência escolar pode ser extremamente rico. [...] Os paradigmas da educação foram por terra. As coisas

são revistas o tempo todo. É preciso manter-se atento ao que está pulsando, ao que faz sentido para a criança. Caso contrário, não sensibiliza. (Stela BARBIERI, 2006)

Há uma experiência feita por uma ONG de direitos humanos em Bogotá, na Colômbia. Capacitaram-se professores em direitos da infância e eles receberam do município um aumento de 10% para trabalhar no ensino de direitos e passaram a ser avaliados anualmente pela ONG. E avaliaram-se também as crianças, para ver o que tinham aprendido. Isso significou que, em três anos, quase 3 mil professores estavam capacitados em todos os aspectos dos direitos da infância. (Richard HARTILL, 2006)

A ONG *ActionAid* tem feito, com a CGE [Campanha Global pela Educação], uma série de pesquisas sobre o impacto da política monetária do FMI em educação. Temos acompanhado o FMI, ido às reuniões anuais do Banco Mundial no FMI, desafiando-os nessas políticas e mostrando as pesquisas que fizemos. Em setembro do ano passado, o FMI disse: “Aceitamos que o limite salarial para o setor público pode ter um impacto negativo. Então, não iremos usá-lo como rotina nos países, mas em situações excepcionais”. Foi uma grande vitória. (David ARCHER, 2008)

Eu faço um trabalho voluntário numa ONG na periferia. Levo um monte de revistas, publicações, livros que eu recebo. Nós deixamos numa banquinha para as pessoas apanharem. É a “banquinha pegue e leve”. A criança leva para casa e lê, os pais leem, a família toda lê. Além disso, vejo a precariedade dos professores da região. Eles não leem jornal. Se o professor não lê jornal, o que mais você pode esperar dele? É o básico, o cara tem que saber o que está acontecendo no mundo. Não basta ver o telejornal nacional. (Heródoto BARBEIRO, 2008)

Não somos uma instituição empresarial. Essas fundações, braços de empresas grandes, realizam um trabalho diferente. O IAS [Instituto Ayrton Senna] sobrevive de duas receitas básicas. Primeiro, a renda dos produtos vendidos graças à imagem do Senna. A família dele doou tudo para nossa ONG, são mais de 240 produtos. E também de empresas parceiras. Nossa receita gira em torno de 16, 17 milhões de reais por ano. (Margareth GOLDENBERG, 2008)

Organizações internacionais como as Nações Unidas, por meio do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, desenvolveram diferentes programas, treinamentos e materiais voltados especificamente para educadores e professores de direitos humanos. [...] Em um nível mais concreto, podemos destacar o trabalho de diferentes ONGs – como a Anistia Internacional – nesse campo. (Aude Valérie BUMBACHER, 2009)

É bem verdade que ONGs, institutos e fundações desenvolvem programas educacionais de grande valia. O que surpreende é o fato de essas instituições servirem para colmatar erros de medidas de política educativa. Não creio que o papel das ONGs deva ser o de mitigar, mas sim o de mostrar alternativas a políticas públicas produtoras de IDEBs miseráveis, marcadas por denúncias de corrupção na merenda escolar, no transporte escolar, e pelo despudor de se desperdiçarem, em cada ano letivo, cerca de 56 bilhões de reais. (José PACHECO, 2013a)

A educação é uma área bastante fechada em si mesma, e por isso só recentemente começou a incorporar outros saberes. A própria visão das ONGs só agora começa a ser incorporada. Isso porque, até então, prevalecia uma dicotomia entre público e privado, o que não tem mais espaço no mundo. O setor público, sozinho, não consegue dar conta de todas as demandas. É necessário que a educação trabalhe em rede, com uma visão sistêmica, pois ela é parte da inserção das pessoas no mundo produtivo. (Vera CABRAL, 2018)

Concordo que muita gente abriu ONG para aproveitar a onda. Quando o Cristovam Buarque lançou a campanha para erradicar o analfabetismo no país, o que teve de gente que sequer sabia o que é alfabetizar abrindo ONG foi uma festa. Nós mesmos sofremos um pouco as consequências disso. [...] As ações do IAS [Instituto Ayrton Senna] unem quantidade e qualidade. Infelizmente, como você destacou, muitas vezes não vemos isso em parte considerável das ONGs surgidas na onda. (Mozart Neves RAMOS, 2018)

RUA

Obtivemos avanços importantes na Carta [Constituição de 1988]. Mas temos que ficar atentos. Porque sabemos que toda lei só é cumprida na medida em que os cidadãos estejam organizados para exigir seu cumprimento. Por isso eu digo aos colegas que nunca faremos a última greve, como muitos sonham. Sempre haverá motivos para estarmos na rua, lutando, reivindicando. (Tomaz WONGHON, 1988)

Isso é muito evidente nas cidades pequenas e médias do Brasil, onde os velhos passam horas e horas conversando nas praças. Eles são prisioneiros da praça, porque a sociedade lhes nega o direito ao lar, lhes diz que “lugar de homem é na rua”. E a casa representa, para qualquer ser humano, importantes fatores de estabilidade emocional. No livro *Ana Karenina*, Tolstói diz: “O homem só se sente realmente poderoso em sua casa”. E isso é proibido aos homens. (Dulce WHITAKER, 1989)

Eu lembro que, em 1988, durante um debate com editores de jornais, em Belo Horizonte, disse que a imprensa estava vilanizando as crianças de rua. Os jornais estavam completamente insensíveis, até por falta de uma reflexão sobre a questão da infância. Durante o governo Collor (1990 a 1992) escrevi sobre meninos de rua, meninas prostituídas, e já procurava centrar esses problemas na educação. Na imprensa não havia ninguém preocupado com isso. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998a)

Não é fácil. Só vai deixar de haver crianças nas ruas quando todos os prefeitos e todos os governadores olharem para esses meninos e meninas como se eles fossem seus sobrinhos. [...] Se o presidente da República pensasse assim, não existiria prostituição infantil. Basta pagar um salário para essas meninas, tirá-las das ruas. Só que elas são filhas dos outros. (Cristovam BUARQUE, 2001)

Entre o museu e a escola, está a rua – o elemento mais potente de identificação da vida urbana. O lugar do previsto e do insólito. O lugar totalmente exterior que pode ser contemplado do interior resguardado dos edifícios. O lugar de passagem, mas também de acolhimento daqueles que não têm teto. O lugar do intercâmbio e do assalto. O lugar da concordância, do apoio e da revolta. O lugar da afirmação do poder e da contestação. O lugar da liberdade e da submissão a todo tipo de propaganda. (Eulália BOSCH, 2002)

Quando uma criança vive na rua, perde os dois referenciais básicos da construção do pensamento, que é a noção de tempo e de espaço. A noção de tempo é vivenciada com um cotidiano ritualizado: segunda é aula, terça tem dentista, domingo é dia da missa. E a noção de espaço se cria com uma vivência em uma casa. Aqui é a sala, ali é o banheiro, não pode fazer isso na cozinha. Na rua, eles desconstroem as referências de entendimento. (Nilda Teves FERREIRA, 2002)

Olha, sou do tempo em que a gente brincava na rua e construía “campinhos de futebol” em terreno baldio. Jogávamos com bola de capotão, devidamente cuidada com camadas de sebo de boi. Não sou lá um craque, mas, naquele tempo, o que importava era o prazer de fazer parte da turma e chegar em casa com a sensação de um dia vivido intensamente. (Fábio Otuzi BROTTO, 2003)

Não é fácil mudar. Um exemplo bem simples: o livro do “sêo Creisson” virou um *best seller*, a molecada adora. O falar errado do “sêo Creisson” é altamente criativo. É de baixíssimo nível, mas engraçado. Às vezes, o “não” favorece o “sim”. Antigamente, criaram um personagem, o Sujismundo, que vivia todo sujo. A ideia era ensinar as crianças a ter cuidado com a higiene e não sujar as ruas. Funcionou tanto que, anos depois, o Cascão nasceu usando o mesmo conceito. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

O mundo mudou d’outra maneira. Tudo está mais próximo. Não é que aquilo que nós tivéssemos então estivesse longe, o que acontecia é que eram poucas as coisas. Rádio era praticamente uma coisa sem importância nenhuma, a televisão não havia [...]. A rua era o espaço tranquilo. Havia uma frase que era clássica: “Mãe, posso ir pra rua?”. Minha mãe dizia “sim, mas tem cuidado com os carros”. Carros estes que era um de vez em quando. Hoje, quem pode brincar na rua? Nem pensar. (José SARAMAGO, 2003b)

Diga a palavra “professor” a alguém na rua e a imagem que virá é a do professor universitário. Não vem mais a do professor de ensino básico. Não pode ser assim. Em todos os países do mundo, professor continua a ser o do ensino básico. Em geral, o universitário não é considerado muito bem um professor. No Brasil, a situação se inverteu. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

O dramático da vida atual é o esvaziamento do espaço público. As crianças perderam a rua. Na minha geração, a calçada, o vizinho, o andar por aí eram comuns. Hoje a possibilidade de ficar à toa procurando gente acabou. Isso coloca as crianças dentro de casa. E aí elas vão fazer o quê? Ver TV, que às vezes até não é tão ruim. [...] A possibilidade de retomar o contato de rua é via internet. Há uma interação, uma troca, mas não é a mesma coisa. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Existem problemas de relacionamento entre estudantes e entre eles e os adultos que são questões de convívio social, conflitos que alunos e professores precisam aprender a administrar no cotidiano de modo civilizado, através do diálogo e da negociação. Muitas vezes os alunos não aprendem a fazer isso em casa, e muito menos na rua; a escola é que precisa ensiná-los a se comportar em sociedade. (Maria Malta CAMPOS, 2008)

A minha grande discussão com as instituições que fazem esse discurso demagógico é que elas dizem “vamos tirar os meninos da rua!”, “vamos levar os meninos para a escola”. Quando falo da rua, o povo reclama. Mas a rua é o lugar onde a gente comemora o título do time, a procissão, o carnaval, a passeata pelos direitos humanos, a legalidade. A rua é boa. (Tião ROCHA, 2008)

Outra questão que, no Brasil, gera “guerra civil”, é a história de que a criança “aprende na rua, mas não sabe em casa”. O menino da feira que sabe fazer troco. Ele sabe fazer o troco do tomate dele; quando subir o preço, ele não sabe mais! Quer dizer: não tem capacidade de abstração. É óbvio que as pessoas têm que contextualizar o conhecimento com o dia a dia na rua, mas a escola tem que ir muito além disso. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

Com o crescimento da urbanização e os automóveis ocupando as ruas das cidades, as crianças perderam espaços onde tradicionalmente brincavam – ruas, praças e quintais. Essa situação, aliada ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, contribuiu para que os pequenos fossem levados para instituições escolares. No entanto, a escola não oferecia (e ainda não oferece) a mesma possibilidade de experiências. (Edmir PERROTTI, 2010)

CIDADE

A escola tem que sair do seu limite físico, atravessar os muros e trazer a sociedade para dentro dela. O professor tem que romper com o estreitamento simbólico usado como substituto e tomar a literatura como ponto de partida para a criança reaver o real, o concreto das relações sociais que ela está perdendo. Estimular a criança a sair do círculo onde foi encerrada em nome da proteção contra a violência e os perigos da rua. A angústia e a infantilização que o professor observa em seus alunos são fruto dessa falta de relação com a cidade. (Edmir PERROTTI, 1990)

As cidades educadoras são lugares que reconhecem a existência da infância e consideram os meninos e meninas como cidadãos. Não há uma cultura separada, nada parecido com a Disneyworld. A criança deve estar incluída na vida cotidiana. Por exemplo: o Museu de Ciências de Barcelona instalou brinquedos no final do passeio; lá músicos e artistas da melhor qualidade montam exposições e espetáculos especiais para crianças. Toda a cidade assume uma dimensão que inclui a criança. Citei o exemplo de Barcelona, mas existem várias outras cidades na Europa com a mesma proposta. (Irene BALAGUER; Tina Roig PLANS, 1998)

Para desenvolver competências é preciso, antes de tudo, trabalhar por resolução de problemas e por projetos, propor tarefas complexas e desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e, em certa medida, completá-los. Isso pressupõe uma pedagogia ativa, cooperativa, aberta para a cidade ou para o bairro, seja na zona urbana ou rural. [...] Ensinar, hoje, deveria ser conceber, encaixar e regular situações de aprendizagem, seguindo os princípios pedagógicos ativos construtivistas. (Philippe PERRENOUD, 2000)

As crianças têm que entrar e sair da escola, assim como seus professores precisam contrair e expandir. Está equivocada aquela ideia de que um bom professor é aquele que vive a escola 24 horas por dia e que participa de inúmeros cursos de formação. É preciso não se esquecer de que tudo na cidade educa. Tudo na cidade educa! Tanto professores como alunos têm que viver o cinema, a praia, o clube, os encontros com os amigos etc. Para se educar, é preciso ter uma vida extraescolar que seja importante. (Eulàlia BOSCH, 2002)

São muitas as cidades [educadoras], especialmente na Europa continental e na América Latina, que se somaram ao movimento e que se integraram à Associação Internacional de Cidades Educadoras ao longo dos últimos 10 ou 12 anos. [...] Tenho a impressão de que a situação é muito díspar e de que, enquanto em alguns casos a adesão ao movimento não vai além de uma declaração de princípios, em outros se conseguiu realmente gerar uma dinâmica de mudança e transformação das práticas educativas escolares e não-escolares. (César COLL, 2002a)

Existe a cidade pensada para o tráfego dos carros, para o comércio e a indústria, para o turismo, mas a cidade também deve ser delas [das crianças]. Ela deve ser projetada pensando-se nas necessidades delas. Este é o projeto de uma cidade sustentável, com as diversas necessidades da cidade sendo pensadas. Muitas cidades italianas estão trabalhando com a ideia de percursos para crianças e de lugares de encontro de crianças. (Battista Quinto BORGHI, 2004)

As empresas deveriam abrir suas portas para as escolas. Tem uma fábrica de tintas, abre para o professor de Química dar uma aula. E a falta de apoio dos empresários não é desculpa. Os educadores devem aprender a usar o cinema, os parques, toda a comunidade. Use os teatros que ficam vazios à tarde. Você pode trabalhar Física jogando tênis. Ocupe uma praça para dançar, para ensinar Botânica. A cidade é uma grande escola. (Gilberto DIMENSTEIN, 2004)

Andar pela cidade e não conseguir descer uma calçada sem ajuda remete à lembrança de que a comunidade onde vivo não se importa com o meu bem-estar. Sublinha o fato de que eu não sou uma prioridade para a cidade ou o país em que eu vivo. E dentro de uma escola isso é ainda pior. A infraestrutura não é apenas o conjunto daquelas coisas materiais, necessárias para o outro se movimentar. É a manifestação concreta da decisão de incluir. (Contardo CALLIGARIS, 2005)

O professor [de arte] normalmente se segura nos modernistas porque é isso que ele conhece, mas ele também pode convidar um artista do bairro para falar na escola dele. Há a internet, nela você pode visitar museus virtualmente. É necessário um professor um pouco mais nômade, que percorra a arte de sua própria cidade e saia do sedentarismo educacional. Há obras públicas interessantíssimas. (Stela BARBIERI, 2010)

Crianças das grandes cidades têm tido pouco tempo para brincar: embora tenham muitos brinquedos, estes são rapidamente “descartados”, pois elas têm uma agenda superlotada e pouco tempo livre. Mesmo no recreio das escolas, com tempos cada vez mais restritos, as crianças têm tido poucas oportunidades de brincar. Crianças que moram em periferias ficam muitas horas sozinhas, em frente à TV, e muito tempo dentro de casa. O acesso a espaços públicos tem sido problemático devido à falta de segurança. (Adriana FRIEDMANN, 2012)

Cícero faz uma bela defesa do valor da política, no livro seis da *República*, através de Cipião: não existe nada mais formoso para a vida humana que a criação, a conservação e o governo das cidades. As mais nobres criações dos humanos são as cidades, nelas reside a realização mais brilhante da humanidade. Por isso, quem cuida da cidade, cuida da humanidade. Haverá um sentido cívico mais importante que esse? (Joan Manuel del POZO, 2012)

O PEI [Programa Escola Integrada] se propõe a enxergar a educação para além da escola. Para isso, articula atores e instituições na construção de redes que se corresponsabilizem pela educação de crianças e jovens. A cidade é educadora, pois oferece múltiplos espaços de conhecimento e diversas oportunidades de aprendizagem. Belo Horizonte é uma grande sala de aula. (Eliane Márcia da CRUZ, 2013)

A criança passa a maior parte do dia em instituições, sob o controle de adultos e a circulação no espaço ficou mais restrita. Isso é muito marcante em nossa época. Ela raramente está na rua e o deslocamento ocorre entre ilhas: se não está em casa, está na escola, por exemplo. Ainda que circule por diferentes lugares, não se apropria da cidade, pois está sempre confinada. [...] Curiosamente, os pequenos dos meios populares são os que têm maior autonomia. O que é altamente paradoxal, pois isso decorre da privação e não da garantia de direitos. (Manuel Jacinto SARMENTO, 2013)

O desenvolvimento econômico e a predominância do trabalho e da produção colocaram os adultos, primordialmente os homens na idade produtiva, no centro dos interesses da cidade. Ela foi perdendo a característica de encontro, de ambiente de interações entre as pessoas, para dar lugar à pressa, à agitação, ao barulho, aos automóveis, à produção, à compra e venda e ao consumo. Por isso, os espaços da infância, do brincar, da liberdade, do movimento com segurança foram sendo tirados das crianças. (Vital DIDONET, 2014)

Pense em comunidades imigrantes pobres: elas podem fazer uma economia em seus bairros e uma cultura – sua música, sua comida, seu humor. As crianças que crescem em uma cidade experimentam uma imensa faixa de diferenças e, em cada extremo, estas são problemáticas – os filhos dos super-ricos e os filhos dos muito pobres. Porém, na grande faixa intermediária, a cidade grande oferece oportunidades que uma criança não encontrará em nenhuma outra parte. (Saskia SASSEN, 2015)

PERIFERIA

Os alunos das classes dominadas são estimulados, por exemplo, a perceber a diferença de pio entre os passarinhos. Se a escola convencional levasse em conta esse aspecto, os meninos das classes favorecidas levariam bomba. Por isso é que eu digo que essa criança do meio rural ou de periferia também é estimulada para muitas coisas. No entanto, quando ela entra na escola, encontra dificuldades porque o universo letrado está distante dela. (Magda Becker SOARES, 1988)

Se analisarmos a rede da cidade do Rio [de Janeiro], encontraremos as escolas concentradas nos grandes bairros residenciais de 30, 40, 50 anos atrás. Na periferia, nada. Nem qualitativamente. A pobreza foi aumentando e a escola pública foi sendo cada vez mais abandonada pela classe média. Então, já que temos o poder público gerindo o ensino público, e diante desse diagnóstico de fracasso, fazemos uma reflexão: que escola pública verdadeiramente digna desse nome é necessária para corrigir esses males? (Maria Yedda Leite LINHARES, 1991)

Tenho a impressão de que nada mais consegue abalar uma criança que mora na periferia, para quem a presença da morte já está tão acentuada. E vai chegar uma época, infelizmente, em que o assunto morte talvez deixe de ser envolvido em tanto tabu, pela quantidade de pacientes de Aids que vamos ter. É quase uma guerra, essa da Aids, que nos obriga a um convívio novo com uma situação nova. (Caio ROSENTHAL, 1992)

O atual ministro, Cristovam Buarque, é muito sério, mas acontece que estamos parados no tempo, nós temos coisas, não só no interior, mas nas periferias das cidades, que acontecem pela miopia dos governantes. Na minha região, há escolas que atravessam o ano todo e não recebem um professor de Química, de Matemática e os alunos acabam passando de ano compulsoriamente. Isso é muito preocupante. (Antonio GOULART, 2003)

Onde a educação é mais complicada em uma grande cidade? Na periferia, à noite. Quem está lá? O professor que, nos concursos públicos, tem as menores notas, porque ele é muito jovem na educação, ou ainda não fez uma especialização, ou não fez um ensino superior de alto nível. Então, na hora da escolha do concurso, quem vai bem escolhe as áreas centrais. E a periferia, normalmente, fica com os piores professores. (Mario Sergio CORTELLA, 2006)

Na França, por exemplo, em certos colégios de periferia ensinar tornou-se missão impossível para alguns professores: Em novembro do ano passado, muitos jovens revoltados queimaram uma quantidade incalculável de carros. Nesses lugares há uma soma de dificuldades econômicas, sociais e escolares e a maioria dos alunos fracassa. Há a dificuldade de construção da identidade e de integração desses jovens na sociedade francesa, pois todos são filhos de imigrantes africanos. (Charles HADJI, 2006)

Os professores acham complicado dar aulas em escolas de periferia porque é mais perigoso, geralmente o acesso é mais difícil e gasta-se mais com transporte. Os professores tendem a escolher as escolas mais centrais, sobretudo os mais experientes, que têm mais oportunidade de escolha. Muitas vezes aqueles que vão

para a periferia sentem-se punidos e discriminados pelo sistema de educação. (Haroldo TORRES, 2006)

É como ir a uma fábrica de automóveis que fabrica carros que não andam. Imagine como seria isso: entrar na Volkswagen, aquele pessoal todo trabalhando, e quando chega no final o carro não anda. O que seria da fábrica? As pessoas que fazem a política de educação não têm noção de como é uma escola. O ministro da Educação tinha de passar uma semana dentro de uma escola de ensino médio na periferia de uma grande cidade. Só ficar lá, olhando. (João JARDIM, 2007a)

Quanto mais você vai para a periferia, maior o pensamento de que aqueles alunos não têm jeito. Assim você pega uma criança vulnerável, com a provável sensação de que o mundo não foi feito para ela, mas exclusivamente para as pessoas mais privilegiadas. Se na escola ela aprende que não tem chance, vai aprender como? Não existe o que o professor sozinho possa fazer. A expectativa sobre o desempenho das pessoas é muito importante, o ser humano responde a isso. (Paula LOUZANO, 2011)

A coisa mais simples na periferia seria a escola abrir aos sábados e domingos para esportes, música, churrasco, eventos de poesia, dança, etc. A escola deveria se abrir para que pais e professores dessem pequenas instruções a pessoas que têm disponibilidade somente no final de semana para frequentar esse ambiente e aprender a cozinhar, cortar cabelo, um pouco mais de aritmética, língua portuguesa para saber escrever uma carta simples sem graves erros. É muito simples! Basta ter vontade. (FREI BETTO, 2012)

Essa coisa do estigma parte do pressuposto de que a culpa é do alunado. [Dizer:] “ah, o aluno vai ficar...” – claro que não. Porque o aluno é o objetivo daquele sistema. A qualidade do sistema é determinada pelos seus profissionais, impacta a população que é atendida, claro que impacta, mas a gente não pode se acomodar e dizer: “Ah, realmente é uma área de periferia e é normal que a criança não aprenda”. Isso eu rejeito categoricamente. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

As grandes cidades e suas periferias exigem algo para o qual as escolas não estão preparadas, porque nós desenvolvemos nossas escolas quando as cidades eram menores e as famílias eram mais estruturadas. É preciso uma pedagogia diferente para hoje. Não ajudaria muito se eu quisesse engessar as escolas numa pedagogia única nacional. (José Francisco SOARES, 2012a)

De um lado, cabe ao governo levar bons professores às escolas de periferia, oferecendo bons salários, equipamentos e treinamentos. De outro, cabe aos professores que amam seu trabalho entender a importância social que fazem ao priorizar na sua carreira o setor público, em vez da simplicidade do setor privado, em que as crianças muitas vezes já vêm de famílias com forte capital cultural e econômico. Assim, o educador pode fazer toda a diferença no percurso dos estudantes a quem ensina, tornando-se parte do sucesso escolar e da vida de cada um deles. (Bernard LAHIRE, 2014)

Os governantes, especialmente os mais elitistas, pensam mais na questão econômica do que no humano, visto que há um sistemático processo de fechamento de escolas rurais, com as crianças sendo transportadas para escolas urbanas, principalmente para a periferia das cidades. Nesse processo, inclui-se uma política de desconteudização da escola, que passa a centrar suas ações nas atividades-meio, e não nos conteúdos escolares. (Luiz BEZERRA NETO, 2017)

Há um problema sério de formação de professores no país. Na escola em que trabalho, em Santo Amaro, onde, pela centralidade, todo mundo quer dar aulas, pois atrai um perfil diferente de aluno, meus colegas são muito bem formados. Sou uma das únicas que não têm mestrado e doutorado. Todos vêm de universidades públicas. Já na escola da periferia, eu sou uma exceção, pelo fato de ser formada em universidade pública. (Edmílson SATURNINO; Andressa SILVA, 2017)

FAVELA

Nos anos todos de Magistério na escola pública, eu vi muitos professores que terminavam o ano com metade da turma sem aprender a ler. Enquanto isso, na favela, aluno meu de 14 anos conseguia alfabetizar os irmãos mais novos. Por que essas crianças se alfabetizavam em casa e na escola não? A gente pode atribuir isso a mil coisas. Que a linguagem da escola é outra, que a disciplina espanta as crianças, que os professores têm dificuldade de relacionamento com alunos de origem social diferente. Além disso, descobri que o professor também não gosta da escola. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

Como dar uma escola do Niemeyer para uma criança de favela, não é? “Criança de favela tem de ter uma escola favelada, no barraco”. Essa é uma concepção extremamente retrógrada, que reflete muito bem a mentalidade dominante deste país. Mas eu pergunto: qual é o custo de uma criança de classe média? [...] A criança favelada, pobre, tem esse ambiente em casa? O Ciep pode suprir minimamente essa deficiência da estrutura social. (Maria Yedda Leite LINHARES, 1991)

A transformação nesse caso [da educação profissionalizante] é bastante notável: trabalha-se agora com currículo e pedagogia voltados para a transformação social, de modo que os estudantes comecem a compreender o que está acontecendo com eles e com suas comunidades. Alguns professores passaram a trabalhar estreitamente com líderes comunitários nas favelas, onde o que os alunos estão aprendendo é realmente importante. Estão aprendendo a construir casas, a criar ambientes mais saudáveis. (Michael APPLE, 1996)

O conhecimento é também cultivar a realidade, descobrir o prazer de conhecer as coisas. Existem também mundos criados culturalmente: o cidadão comum deve poder entender a música clássica. Mozart deve ser desfrutado por um cidadão da favela – parece algo meio difícil, não? – mas, obviamente, é uma pretensão legítima, dado que as criações de Mozart são uma riqueza da humanidade. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Como se aprende língua escrita? Porque as pessoas falam? Não, pela fala não se aprende. Aprende-se pela fala de determinadas pessoas que já tenham tido contato com a linguagem escrita. E se aprende pelos contatos individuais com leitores e com suportes de texto. Isto é muito importante, porque não é o mesmo uma criança que veio de uma favela, que só ouve falar linguagem em situações cotidianas de conversa, de briga ou na televisão. Esta criança não tem conhecimento sobre o tipo de linguagem que é a linguagem escrita. Não viu objetos escritos, não teve possibilidades de produção. (Emilia FERREIRO; Ana TEBEROSKY, 2000)

Tenho feito alguns trabalhos [fotográficos] nas favelas no Rio de Janeiro e sempre me impressiona como esses lugares têm uma arquitetura interessante, desordenada, com pessoas que têm um convívio comunitário intenso – totalmente distorcido, claro, principalmente por causa do tráfico de drogas –, que resolvem comunitariamente seus problemas, suas deficiências. (Mila PETRILLO, 2001)

Na favela de Heliópolis, SP, em uma escola recentemente aconteceu o assassinato de uma menina, que evidentemente chocou muito a todos. A professora de arte captou esse sentimento que estava no ar, e resolveu usar Van Gogh, um pintor que trabalhou muito a violência, as tintas carregadas. Ela desenvolveu com os alunos a vida e a obra dele, e no final da atividade a escola fez uma passeata até a Praça da Sé, em favor da paz. As crianças construíram flores como os girassóis de Van Gogh, como manifestação. (Evelyn IOSCHPE, 2003)

Não importa se numa favela, numa clientela de classe alta ou numa aldeia indígena. O método se constrói em cima de uma vivência. O material linguístico é produzido pelo próprio aluno e é a base de aprendizado da escrita. [...] A principal diferença em relação a outros métodos é a não utilização de cartilha. Se o aluno é de favela ou de uma escola de samba, o vocabulário será aquele de uma favela ou escola de samba. (Gilda RIZZO, 2004)

Tenho visto barbaridades, projetos [de arte] equivocados, pensados para projetar o presidente da empresa ou o nome da mulher dele na revista *Caras*. Há projetos que instalam ateliês temporários em favelas, em que a comunidade ajuda um artista famoso a pintar o que ele determina. Há outro, apresentado como grande projeto social, que leva artistas para decorar a casa de favelados. Isso é oportunismo de pessoas explorando a ingenuidade dos pobres. Ou no mínimo uma brutal falta de consciência política. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

Uma criança de classe média pode muito bem estar mais atrasada do que outra que mora em uma região mais desprovida. O que interfere é a forma como o ensino é administrado. Em uma favela, por exemplo, há pouco estímulo e logicamente os parâmetros serão outros. Mas o importante é o professor não fazer discriminação entre os alunos. Todos devem ser tratados da mesma forma. (Silvia Gasparian COLELLO, 2007)

Eu regularmente falo das “zonas urbanas de guerra” no contexto em que comparo a violência urbana dos EUA e a violência política experimentada em verdadeiras zonas de guerra. [...] Alguns adolescentes em zonas urbanas de guerra também se veem como soldados de certa maneira. Pesquisas em favelas relatam que a maioria das famílias encontra maneiras de lidar e cuidar de seus filhos quando eles estão novos, mas muitas vezes os “perdem” quando entram na adolescência e entram para o sistema de gangues. (James GARBARINO, 2008)

A mesma dilaceração que havia em Canudos há na cidade, entre nós e a favela. Veja bem, eu não idealizo o povo brasileiro. Em Canudos havia ladrões de cavalo, assassinos, do jeito que hoje na favela tem traficante, bandido. Mas a maioria da população, em ambos os casos, é ordeira e trabalhadora. Quando vejo a polícia cercando as favelas, vejo o povo real de Canudos. (Ariano SUASSUNA, 2008)

Na década de 1970, com o milagre econômico, todo mundo pôde comprar televisão à prestação no Brasil, inclusive na favela. Quando entra a televisão na casa, essas crianças sem condições começam a ver canetinha, iogurte... Meninos de 11, 12 anos que querem ter isso, mas não tem, começam a roubar na favela. E o esquadrão da morte coloca em postes os nomes das crianças que iriam morrer em sete dias se não saíssem da favela. (Dagmar GARROUX, 2009)

Não é preciso viajar para o exterior para ter uma experiência da globalização: ela pode estar bem ali na cidade onde eles [os estudantes] vivem. [...] Uma criança pobre em uma favela relativamente funcional em uma cidade pode ter mais oportunidades para uma vida melhor do que uma criança em um povoado pobre onde todos são igualmente pobres e vivem em um espectro estreito da realidade. (Saskia SASSEN, 2015)

É uma região muito pobre, Brás de Pina, zona norte do Rio de Janeiro. É uma região do Complexo do Alemão, mas bem distante do Morro do Alemão. É uma comunidade muito carente, mas não é uma favela. É uma região neutra, em que recebo alunos de todas as favelas da região, ou seja, podem estudar alunos mesmo que sejam de regiões de facções diferentes [do tráfico de drogas]. Os alunos até falam isso: “aqui eu consigo estudar por que não tem essa coisa de briga de gangues”. (André Luís BARROSO, 2017)

POLÍCIA

A repressão é uma incoerência dos governadores na Nova República, que, arautos da democracia antes de eleitos, utilizam no poder os mesmos métodos da ditadura. Em alguns estados, nem mesmo no período da ditadura a categoria [docente] enfrentou situações tão constrangedoras. No Rio Grande do Sul a polícia não bateu como agora. No Paraná os professores já acamparam outras vezes diante do palácio do governo e nem por isso a polícia reprimiu com violência. (Tomaz WONGHON, 1988)

Estamos lutando exatamente para modificar essa situação, para que a polícia seja eficiente no combate à criminalidade, mas com respeito aos direitos humanos. Lutamos ainda para a segurança no trânsito, para que setores marginalizados ganhem possibilidade de expressar sua cidadania. Que defesa de bandido é essa? O que não admitimos é o policial que combate o bandido se tornar um bandido também. (José GREGORI, 1999)

Nem sempre a polícia resolveria casos de violência em escolas. E se fosse para chamar a polícia, não seria essa que existe hoje, que causa terror e medo, mas não impõe respeito. Seria uma polícia cidadã, que de alguma forma deixe claro que alguém está olhando a escola, vendo quem entra e quem sai. É preciso pensar em medidas que não sejam punitivas nem repressivas. O diálogo é uma forma prioritária da diminuição da violência. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

A escola pública em Portugal já é obrigatória por nove anos desde 1986. A educação infantil é opcional. Hoje, 20 anos depois, ainda temos dificuldade para gerir a qualidade. Não temos mais abandono escolar. Conseguimos tirar todas as crianças das ruas até os 16 anos. Se o aluno deixa de frequentar as aulas, a polícia vai à sua casa, caso seja preciso. (Ariana COSME; Rui TRINDADE, 2007)

Recebo uma média de oito *e-mails* por dia me xingando e acusando de proteger bandido. Nas comunidades, não tenho problemas: é só não se meter onde não é chamado. A segurança pública é um encargo do Estado, o que eu quero é fazer educação de qualidade. Nunca fui ameaçada. Só na época da Candelária, quando cheguei a ser sequestrada pela polícia porque fui testemunha no julgamento. (Yvonne Bezerra de MELLO, 2009)

No Brasil, os primeiros estudos [sobre o *bullying*] datam do ano 2000, e de lá para cá o assunto ganhou muita repercussão por conta de dois casos específicos, que ocorreram no intervalo de um ano. Em 2003, em Taiúva (SP), um ex-estudante de 18 anos foi até a escola onde concluiu o Ensino Médio portando uma arma. Feriu oito pessoas e cometeu suicídio. A polícia apurou que tudo ocorreu porque ele não tinha esquecido os maus-tratos que sofrera de colegas quando estudava naquela escola. (Cléo FANTE, 2010)

Se os policiais são simplesmente brutamontes que estão atrás de bandidos, esqueça. É preciso lembrar que a maioria das violências [na escola] é pequena e não motiva uma intervenção externa. Apenas com repressão, não diminuiremos as taxas de violência, já que o objetivo não é punir culpados, mas evitar que haja vítimas. Por outro lado, se consideramos a polícia uma aliada no trabalho educacional, pode ser extremamente interessante. (Eric DEBARBIEUX, 2011)

Seria preciso transformar a arquitetura institucional da segurança pública, um legado da ditadura que permanece intocado, mudando a participação tanto da União quanto dos municípios e alterando o modelo policial, desmilitarizando a PM e criando novos formatos que evitem a ruptura do ciclo do trabalho policial. Não se trata de unificar, visto que unir dois grandes problemas não produz uma solução, e sim um problema maior ainda. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

Se o aluno é encaminhado mais uma vez, ele vai contar a sua versão, que provavelmente não bate com a versão do professor. Aí, será necessário fazer o trabalho de “acareação”, que mais lembra uma “delegacia de polícia”. Notem que isto é resultado do equívoco do encaminhamento. Quando o aluno vai à orientação educacional, à coordenação, há todo um trabalho com ele. No entanto, ao voltar para a sala de aula, o que vai dizer aos colegas? “Fui lá, não aconteceu nada. Deram um chazinho, e tudo bem”. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

Uma unidade de artilharia está preparada para a defesa nacional e vai conter o inimigo com todo respeito pelo direito humanitário, mas usando a força. Polícia não é isso. São funções e preparações distintas. A instituição policial precisa falar em defesa da vida. Então polícia, na canção, não tem de falar de caveira, de morte, de letalidade. Tem de falar de vida, de proteção de pessoas, de defesa de direitos humanos. (Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA, 2014)

Durante três meses, entre o fim de 1969 e início de 1970, 90 indígenas de várias etnias foram levados ao mesmo Batalhão da Polícia Militar de Belo Horizonte, onde Dan Mitrione esteve no Brasil, e a eles foi ensinada a tortura, entre outras coisas. De quem é a responsabilidade de suas ações? Dos índios que foram fardados, passando a agir como polícia, ou de seus comandantes? (Marcelo ZELIC, 2014)

Todos os sistemas de ajuda que propomos são processos que põem o aluno em condições de atuar com responsabilidade para que tome decisões e assuma as consequências. Assim, precisamos de muito menos cuidadores de pátio, menos polícia, menos interventores externos. Os professores têm de pôr menos ordem, há menos denúncias. Enfim, precisamos resolver bem menos problemas. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2015)

Outra coisa que os motiva muito [os participantes dos *black blocs*] é a questão da polícia, muita raiva contra ela, a maioria já sofreu algum episódio de violência policial na periferia, há uma raiva contida contra a polícia. Eles dizem: é como se a gente conseguisse, de alguma forma, nos vingar da violência policial que vivemos todos os dias na favela, na periferia. (Esther SOLANO, 2015)

Dois exemplos podem ser dados aqui: o repúdio de várias universidades e entidades à repressão sofrida pela Escola Estadual Aggêo Pereira do Amaral [em Sorocaba (SP)] por realizarem debates sobre a obra *Vigiar e punir*, do filósofo Michel Foucault. A repressão e as ameaças da Polícia Militar a estudantes e docentes dessa escola geraram muitas ações e moções de repúdio. (Maria Carla CORROCHANO, 2016)

Do jeito que está é muito complicado. [...] Ver coisas como a Polícia Militar entrando para resolver conflitos, por exemplo, é algo que não aconteceria em uma escola particular de classe média. As crianças e os adolescentes na escola de classe média são tratados como estudantes e, na escola pública, muitas vezes, os adolescentes são tratados como futuros marginais. Essas coisas são naturalizadas ali, de alunos a professores. Mas nós, que viemos de fora, pensávamos: aquilo não pode ser normal. (Alice RIFF, 2019)

POVO

Em primeiro lugar, não existe escola para todos. Em muitos estados, metade da população está fora da escola. Em segundo lugar, e principalmente, a escola que existe é contra o povo e não para o povo. As altas taxas de repetência e evasão mostram que os que entram na escola, nela não conseguem aprender ou não conseguem ficar. De cada mil crianças matriculadas na 1ª série, menos de um quinto conclui o 1º Grau, construindo a chamada pirâmide educacional. (Magda Becker SOARES, 1988)

O desencanto do povo com os políticos é muito grande. Às vezes, me sinto mal em dizer que sou deputado. A imagem que as pessoas fazem é que todo deputado é safado, ladrão, sem-vergonha, ganha muito dinheiro. Eu tenho menos prestígio agora do que antes de ser deputado. Antes, era o gringuinho que tinha vindo do interior e virado presidente do Centro dos Professores. Agora, sou um desses deputados que as pessoas olham com desconfiança. A generalização é uma das coisas que mais nos machuca. (Hermes ZANETTI, 1990)

No Brasil, parte-se de uma tradição educacional pobre e tenta-se manter no confinamento a educação popular, a educação para a massa do povo. Não se pensa numa cultura cívica, nem para o povo, nem para as elites, para as classes dominantes. Não se pensa numa cultura cívica para a massa do povo, porque não se quer que ele tenha participação política, cultural. [...] Esse problema é central, porque sem uma cultura cívica não há nação, e sim várias nações, com uma rejeitando a outra. (Florestan FERNANDES, 1991)

“Está vendo, o Paulo Freire quer que os operários meninos continuem a vida toda dizendo ‘a gente fomos’”. Eu nunca disse nem escrevi isso. O que disse é que, em primeiro lugar, preciso revelar concretamente, testemunhalmente, que respeito o “a gente chegamos”. Em segundo lugar, preciso revelar que “a gente chegamos” é tão bonito quanto “a gente chegou”. Não o é possivelmente para os meus ouvidos, mas o é para os ouvidos do povo. Os ouvidos do povo ouvem outra coisa e não a minha fala. (Paulo FREIRE, 1995)

[No livro *Noções de coisas*] num certo momento, coloco para as crianças o seguinte: o que é melhor, pegar mil cientistas nos seus laboratórios e levá-los para a barca de Noé, ou levar mil feirantes? Me parece que mil feirantes sabem mais coisas, ainda que os cientistas saibam muito mais de poucas coisas. Então, o cientista é em grande parte inútil, e o povo não é inútil. O que ele faz é o que torna a vida praticável, vivível. (Darcy RIBEIRO, 1996)

Tudo o que Paulo Freire escreveu nos anos [19]60, todas essas coisas iniciadas nos anos [19]60, como a Teologia da Libertação, tudo isso tinha a ver com uma atmosfera de educação popular que pretendia permitir ao povo entender melhor o mundo. Tanto Freire como eu fomos muito influenciados pela revolução cultural chinesa, pelos escritos de Mao Tsé Tung sobre como se aprende teoria, fazendo prática. (Maurice BAZIN, 1997)

[Darcy Ribeiro] dizia: nós podemos ser uma civilização importante, nós temos tudo para ser uma civilização importante. Esse encontro de europeus, africanos, indígenas, que deu esse povo que nós somos, essa cultura tão diversificada, essa

riqueza tão grande, essa alegria, esse tesão que tem o povo brasileiro, essa capacidade de, apesar de tudo, continuar vivendo, continuar tendo prazer na vida, continuar acreditando que, quem sabe, um dia muda. (Regina Leite GARCIA, 1997)

A música ajuda a enfrentar o sentimento da fragmentação dos tempos atuais. Até na Inglaterra, cujo povo não tem uma musicalidade natural – o inglês não é musical como o italiano, o brasileiro, o francês, o alemão – se dá um valor enorme à música e ao seu ensino em todos os níveis. No Brasil, seria o caso de aproveitarmos uma musicalidade do próprio povo, um dos mais musicais do mundo. (Sergio MAGNANI, 1999)

Antigamente, quem não fazia universidade era jogador de futebol, artista. Agora há cientista que não faz universidade, e alguma coisa está errada quando isso acontece. Não é nos jovens que está o erro, é na universidade. Outra questão que precisa ser vista é a sintonia ética da universidade com a sociedade. A universidade despreza o povo. A relação dela com os excluídos é muito pequena. (Cristovam BUARQUE, 2003a)

A Universidade de São Paulo é fundada em 1934. Houve também a criação do Ministério da Educação, em 1930. Mas somente a partir de 1970 a educação entrará para a agenda oficial, com a urbanização acelerada, o adensamento das cidades, a não realização de uma reforma agrária etc. A grande crise da escola pública veio na década de 1980, quando ela se tornou pública. Ou seja, quando passou a ter povo, de fato, em sala de aula e em alta escala. (Mario Sergio CORTELLA, 2006)

A melhoria educacional leva o povo a ter valores mais igualitários. As pessoas mudam seus conceitos, passam a ser contra a corrupção, se mostram críticas em relação à violência policial e exigem seus direitos. Resultado: a economia cresce com a produção de bens de maior qualidade, o mercado de trabalho e os empregos melhoram nesse cenário, o povo enriquece e o país se desenvolve. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

Qualquer um que ler *O Auto da Compadecida* vai saber que eu estou do lado do João Grilo e do Chicó, os dois personagens que representam o povo do Brasil real. [...] Quando eu era menino, o desprezo do povo brasileiro por si próprio era uma coisa terrível. Era uma herança das teorias fascistas e racistas do século XIX, que diziam que o mestiço, o negro, eram inferiores. E hoje noto um interesse maior pela literatura brasileira e pelo povo. (Ariano SUASSUNA, 2008)

Trabalhei um pouco com a (cineasta) Susana Amaral quando ela estava fazendo o filme [*A hora da estrela*] (em 1986), e ela me disse que iria fazer um filme que o povo entendesse, portanto, com começo, meio e fim, e que não daria para colocar os aspectos metalinguísticos da obra. Nos filmes que têm narrador, ele começa a contar a história, você esquece que tem um narrador, porque você vê a história, e assim vai até o fim. O narrador, no filme, não resolve nada. (Olga de SÁ, 2013)

Temos ainda um povo político muito heterogêneo em termos de independência econômica e capacitação cívica. Gosto de citar a frase de um deputado envolvido

no episódio do mensalão: “a opinião pública me condena, a opinião popular me absolve”. O aumento da escolaridade dos eleitores fará com que toda a opinião seja pública, isto é, crítica, o que deverá trazer avanço democrático e republicano. Ou seja, mais pessoas irão participar e farão isso criticamente. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

Ler e escrever bem é indispensável para trabalhar, viver dignamente e participar na cultura e no governo da sociedade. Todos os seres humanos, salvo os que apresentam riscos de dislexia ou algumas patologias, nascem com potencialidades cognitivas para tal. Se ainda há no mundo centenas de milhões de iletrados e alguns bilhões de indivíduos com diferentes graus de dificuldade na leitura e na escrita, isso se deve ao fato de as comunidades humanas estarem organizadas em um sistema pseudodemocrático em que o poder não é exercido pelo povo e para o povo. (José MORAIS; Régine KOLINSKY, 2014)

ELITE

Quanto ao ensino médio, de fato aí se manifesta mais claramente a marca das diferentes destinações sociais. Assim é que, na sociedade burguesa moderna, esse nível de ensino tendeu a ser organizado sobre a base de dois ramos fundamentais: o secundário, de caráter geral e destinado à formação das elites, e o técnico, de caráter profissional e terminal, destinado à formação dos trabalhadores para as diferentes modalidades do trabalho produtivo. (Dermeval SAVIANI, 1997)

A alocação de recursos [do MEC] deveria sempre levar em conta o conjunto da população. Mesmo porque as elites sempre conseguem formar as “ilhas de excelência” em seu benefício. Além do mais, quanto maior for a base de cidadãos atendidos pelo sistema educacional efetivamente, mais essa sociedade vai ter condições de formar essas elites. Quanto mais se solidifique a base, mais isso vai acontecer. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 1999)

Numa sociedade tão desigual como a brasileira, em que os 20% mais ricos concentram em suas mãos 64,4% da renda nacional, enquanto, na outra ponta, os 20% mais pobres devem se virar com 2,5% desta renda, a escola parece distante da realidade. Em geral, prepara profissionais de elite, sem cuidar de sua formação ética e, muito menos, da formação de sua consciência crítica. Mais tarde, eles entram no mercado de trabalho com grande preparo técnico e científico, porém emocionalmente imaturos e com uma postura preconceituosa em relação à maioria do povo brasileiro. (FREI BETTO, 2000)

[A sociedade brasileira] avançou em uma cultura democrática, deu mostras de confiança em si mesma, seus movimentos sociais mostraram ter uma visão lúcida dos problemas e das soluções. Entretanto, as elites e os corpos dirigentes continuam a decidir do alto, para a sociedade, para os setores populares, para os trabalhadores das cidades e dos campos. Tentam controlar e tutelar os movimentos sociais, que vigiam e reprimem. Vigiam e reprimem a sociedade mais dinâmica. (Miguel ARROYO, 2001)

Tivemos no Brasil a influência das Aulas Régias dos jesuítas e a presença avassaladora e impertinente do Positivismo no geral. Essa divisão e classificação da ciência só serviu para elitizar a escola. Com isso, tornaram-se elite também aqueles que a procuravam e a vivenciavam. Hierarquizou-se a sociedade. Criou-se um jogo com cartas marcadas. (Paulo Afonso RONCA, 2001)

Temos ainda os interesses corporativistas, a estrutura precária de formação do educador, o mito das “causas nobres” – como o Ensino Fundamental de nove anos e a educação em tempo integral – que às vezes aparecem como possíveis soluções. A qualidade ainda é confundida com um ensino de elite, o que só colabora para a nossa educação ficar fora de sintonia com o século XXI. (Guiomar Namó de MELLO, 2004)

O “cliente” da educação pública é, em geral, do “andar de baixo”, pouco inclinado ao protesto, à pressão sobre os governantes. Por que a USP, pública, está entre as melhores escolas do País, ao passo que a Escola Básica, também pública, fica entre as piores? Porque a “clientela” da primeira é formada pelos filhos da elite,

que não deixa o nível cair (muito), ao passo que, na Escola Básica, são os pobres que a frequentam. (Clovis ROSSI, 2005)

Outra coisa que me surpreendeu durante o Império foi descobrir que, já por volta de 1854, havia escravos nas aulas públicas de “primeiras letras”, além de crianças “expostas” (abandonadas) e ilegítimas. Era a realidade de nossa sociedade. Essas crianças conviviam com as da elite. Tive acesso a listas de chamada. Quando o aluno era escravo, o professor escrevia: “escravo de Fulano de Tal”. Quando era filho ilegítimo, dizia: “pai desconhecido”. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005b)

Nós estamos recuperando uma trajetória negativa, deletéria, destrutiva, carente e, como costume dizer, “pedagocida”. O Darcy Ribeiro dizia que a crise da educação no Brasil não é uma crise, ela é um projeto. Ou seja, as elites altamente inteligentes e predatórias da nossa história conseguiram que, em uma nação de 506 anos, a educação só viesse à tona nos últimos 40 anos. (Mario Sergio CORTELLA, 2006)

Educação no Brasil não é o jeito correto de dizer, porque existem vários tipos de educação no Brasil. Se você falar dos colégios de elite nas grandes capitais é uma coisa, se falar da escola pública em Juazeiro do Norte é outra coisa. Então as escolas de elite são de altíssimo nível, onde o ensino de ciência é bem-feito. [...] É que o ensino da Ciência já não se restringe à decoreba de fórmulas e a copiar lições do quadro-negro. (Marcelo GLEISER, 2006)

O que não pode ocorrer, entretanto, é que a elite cognitiva tenha uma única cor, uma única origem social. Os sistemas públicos não devem sacrificar os nossos Ronaldinhos, senão, outros os usarão. É perfeitamente compatível com o sistema educacional democrático o acesso e uma formação básica com as mesmas expectativas para todos, mas também um cuidado para que as excelências frutifiquem. (José Francisco SOARES, 2007)

A ideia antiga, que os europeus adotaram e o Brasil tentou imitar (no século XX), é que uma certa elite se prepara para a universidade e a massa vai fazer curso técnico para ser operária. Essa é a concepção alemã, francesa, inglesa, ideias de 1920. Isso hoje na Europa está em crise, porque o setor industrial ficou pequeno e o emprego industrial depende de leitura, conhecimento de língua, computação. A formação técnica manual do operário especializado, dos anos [19]50-[19]60, está sumindo. (Simon SCHWARTZMAN, 2008)

Elite não são as pessoas que têm dinheiro ou grandes posses. Elite são as pessoas cujas decisões podem mudar a vida de grandes setores da população. Os taxistas de Curitiba são elite; eles podem parar essa cidade quando quiserem. Um líder sindicalista é elite: sua decisão tem influência sobre muita gente. Gilberto Gil é elite. Caetano Veloso é elite. Se Caetano Veloso decidir usar um chapéu vermelho, no dia seguinte grande quantidade de gente vai usar o chapéu vermelho. (Bernardo TORO, 2014)

O *apartheid* é claro. Basta visitar as escolas e ver que nas particulares só está a elite social. Na escola pública está a maioria da população. Alguns bolsistas furam esse bloqueio, mas é muito pouco. Na minha opinião, a separação da sociedade nesse grau, desde a infância, é muito perversa para o país. A dita elite vive em

uma bolha, não convive com a maioria da população, não conhece o país. (Cao HAMBURGER, 2018)

As escolas baseadas em PBL [Aprendizado baseado em projeto], com todos esses clichês, estão comandando a atenção da elite econômica. É sempre um problema, porque dita tendência e cria aspiração de ingresso em modelos que não propõem mais solução. Pais estão pagando de R\$ 8 mil a R\$ 11 mil mensais para ter isso. Uma das razões dos altos preços é a necessidade de cobertura dos custos das instalações, sempre absurdos. (Ricardo SEMLER, 2019)

CLASSE MÉDIA

O que muitas vezes acontece é que o professor tem a expectativa de encontrar uma criança padrão na escola particular e na escola pública. Ele fica irritado, impaciente porque seus alunos “não rendem”. Mas ele é que não enxerga a realidade. Não percebe, por exemplo, que os alunos de classes desfavorecidas têm até aspectos mais positivos que os de classe média. Por isso acho cada vez mais importante que as escolas de formação, de modo geral, preparem o professor com base na realidade desse público diverso. (João Paulo MEDINA, 1994)

Metade das crianças fica repetindo a 1ª série, e menos da metade completa a 4ª série primária, que é quando se alfabetiza. Então, pode-se dizer que se formam mais analfabetos que alfabetizados. É preciso dar às crianças pobres aquele suplemento que elas necessitam, para que possam competir com a classe média. No dia em que todas as crianças do Brasil tiverem a 5ª série primária completa, sabendo ler, escrever carta, fazer conta, estudar, aprender, o Brasil muda de cara. (Darcy RIBEIRO, 1996)

Tente imaginar um filho de classe média brasileira que more em prédio e que precise de uma grana extra. Se ele bater no vizinho e perguntar “quer que eu lave seu carro?”, e os pais descobrirem, a bronca seria do tipo: “Você quer me matar de vergonha? Está lhe faltando alguma coisa?”. [...] Você pode contar nos dedos os filhos de classe média que algum dia lavaram banheiro. Nós não ensinamos nossos filhos a criar soluções para seus problemas. E depois, quando eles chegam aos 18 anos, a gente se aborrece porque eles não andam sozinhos. (Cássia D’AQUINO, 2001)

Nos anos [19]60, quando o Brasil deixou de ser agrário para ser urbano, [...] as pessoas foram para a cidade. Entraram na escola pública, que ficou cheia. A classe média se assustou, porque a escola pública era dela. Até então, havia uma equivalência numérica entre as classes sociais: ao lado do filho do médico, o filho do carroceiro. A caixa escolar ajudava um deles, supria as diferenças. De repente, aumentou o número de pobres. O que a classe média fez? Ela se retirou. Não ficou esperando a escola pública melhorar. Saiu e foi para a particular. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

Talvez essa “epidemia de hiperatividade” que está acontecendo hoje se deva ao fato de que as crianças não sabem mais onde encaixar o seu corpo. O único espaço público que resta às crianças da classe média é o shopping. Um lugar que não se pode ir de short e blusinha manchada, comendo bolacha recheada e ficando com o recheio entre os dentes, porque você vai lá basicamente para ser olhado. [...] Então, o que fazer com o corpo, com a vitalidade que ele tem para ser desengonçado, para bagunçar? (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Se pensarmos em termos das relações entre escola pública e classe média, a escola pública só pode se reafirmar se mudar de qualidade. Se não, a classe média, que tem como trunfo e valor o conhecimento, que quer dar uma educação aberta aos filhos – e isso é positivo – só irá para a escola pública pressionada pelo preço das escolas particulares ou se houver uma melhoria considerável. (Boris FAUSTO, 2007)

Sabemos que o grande determinante de sucesso no sistema educacional é a casa de onde você vem. Se você vem de uma casa de classe média em que os pais investem e apoiam mais a educação, a probabilidade de ser bem-sucedido é maior do que alguém que vem de uma casa onde ninguém se importa. E aqui eu me refiro particularmente à alfabetização das mulheres, porque a relação entre o letramento feminino e os objetivos educacionais é forte. (David ARCHER, 2008)

É uma grande injustiça social ter um ensino que dura cinco horas. O que isso significa? Que os alunos de classe média e alta à tarde vão para o inglês, à natação, ao balé, à pintura japonesa, carregados para cima e para baixo por avós e motoristas. Os outros estão em casa, com a tia, esperando que a mãe volte do trabalho. Seria muito diferente se o ensino durasse até as 15h30, 16h. A aula de inglês e a de pintura têm de estar dentro do ensino, isso seria muito mais igualitário. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

Os filhos das famílias de classe média e de pais escolarizados levam grande vantagem nessa guerra pelos cursos de graduação gratuitos nas universidades públicas. Constituí-se, inclusive, uma rede especializada de escolas privadas e de cursinhos para prepará-los para este salto, que também é o prenúncio da conquista de melhores empregos. E a grande maioria das famílias de classes populares vai para o ensino médio comum nas escolas públicas e acabam desmotivados a estudar e desmotivando os professores a ensinar. (Flávio ARNS, 2009)

O que tornou a escola um pouco sem sentido, para os alunos e professores, é que se negociou demais. E isso não é culpa da escola, mas é fruto de uma cultura que mimia a criança e o adolescente, principalmente o adolescente. Ele é a fatia privilegiada do mercado, é o consumidor por excelência, porque está sempre mudando. Isso acontece mais na classe média, mas atinge a cultura em geral. (Maria Rita KEHL, 2009)

Os pais e famílias das classes mais pobres estão em condições de sobrevivência terríveis, que impedem qualquer forma de parar e pensar nos cuidados de seus filhos. E as famílias de classe média e média alta têm abandonado esse trabalho de construir sujeitos autônomos. Então, existe um problema que está nas margens mais elementares do tecido social. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

Quem eram os alunos que antes chegavam ao Ensino Médio? Eram os de classe média que desejavam prestar o vestibular. Os poucos alunos das camadas populares que chegavam ao Ensino Médio eram os que assimilavam a cultura escolar e iam passando pelo funil, que seleciona os que vão continuar ou não os estudos. Os jovens que chegam hoje à escola são diferentes dos alunos das gerações anteriores. Eles colocam novas demandas, novas questões e têm um outro ritmo. (Juarez DAYRELL, 2010)

Foi isso que se pôde observar nos Estados Unidos, na comunidade negra, em que alguns segmentos chegaram à classe média graças às cotas, enquanto a situação dos outros [desfavorecidos] só piora. O acesso dos mais pobres à elite não impede o aprofundamento das desigualdades. E, ainda por cima, é difícil imaginar os grupos mais favorecidos deixando espaço para os novos ocuparem. É preciso,

então, que a redução das desigualdades sociais em si continue sendo um objetivo central. (François DUBET, 2010)

Havia nessa época [1850] uma camada de negros livres, donos de pequenos negócios. Joaquim Nabuco chamou essa camada de um “formigueiro de pequenas iniciativas feitas por negros”, que tinham suas oficinas e outros pequenos comércios. Olhando de hoje, uma das possibilidades era essa camada de negros livres ter se tornado uma burguesia negra, uma classe média negra. Então seria diferente hoje. Mas esse “formigueiro de iniciativas” foi eliminado pela concorrência. Em 1900, essa camada já estava derrotada pelos estrangeiros imigrantes. (Joel Rufino dos SANTOS, 2010)

Se você olhar para os países que alcançaram uma educação mais equitativa, perceberá que já eram sociedades mais igualitárias. A escola pode melhorar as oportunidades para alguns indivíduos, de alguns setores sociais, como a classe média. Mas como uma possibilidade de igualdade de oportunidade para todos, não. É necessária uma sociedade mais equilibrada, mais justa. (Guillermina TIRAMONTI, 2015)

RACISMO

Nenhum bom livro sobre racismo, com toda a técnica que o professor possa usar para estimular a leitura, substitui realmente e satisfatoriamente a experiência real de convivência e confronto com o diferente. [...] O leitor branco e de classe média, que vive em guetos, em espaços limitados da sociedade, como a criança urbana, conhece apenas o racismo simbólico. Ele não é capaz de enxergar o outro, o diferente, nem estabelece qualquer troca com ele. (Edmir PERROTTI, 1990)

[Na Europa,] os estrangeiros ocupam em geral empregos que os franceses, os ingleses, os alemães não querem ocupar, que são tarefas insalubres, desqualificadas. Mas, além da xenofobia, acho que há nesse caso um componente ainda mais preocupante, que é o racismo, porque está voltado sobretudo contra os trabalhadores da África Negra e contra os árabes do Norte da África, que também têm pele escura. (Cláudio BATALHA, 1992)

Dimensão simbólica é tudo o que não está tão claro. Por exemplo: você é negra, as pessoas podem passar por você e nem olhar na sua cara. Isso é uma atitude simbólica de desprezo que não precisa ser clara. O racismo é um exemplo típico de violência simbólica. Mas existem muitos outros tipos. Há a violência institucional da própria escola, que, às vezes, aparece na forma de ameaças veladas, na relação entre professor e aluno. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

Embora a polícia londrina esteja corretamente sendo investigada pela morte de [Jean Charles de] Menezes, houve grandes melhorias também nesse aspecto, especialmente desde os manifestos fracassos em relação à morte de Stephen Lawrence, adolescente negro londrino assassinado por racistas há cerca de 10 anos. A principal investigação governamental no ocorrido (sendo ela mesma um sinal de que o racismo é politicamente reconhecido como questão importante) concluiu que a força policial sofria de “racismo institucional”. (Peter MOSS, 2005)

Racismo não é, pois, preconceito ou discriminação. O que é então? Uma forma de dominação social que surgiu aparecida com a moderna civilização capitalista, em que os brancos europeus e seus descendentes dominam (pelo colonialismo/imperialismo) as populações ameríndias, africanas e asiáticas, com ajuda da crença de que uns nasceram para possuir bens, mandar, governar etc. e outros para trabalhar, obedecer, serem governados. [...] O racismo brasileiro é este. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Quando ficamos presos nas malhas do mito [da democracia racial], simplesmente não reagimos diante do racismo e da desigualdade racial, ou, quando os enxergamos, tendemos a desviar o nosso olhar e a nossa ação dizendo que se trata de uma questão pessoal, que é uma brincadeira ou que é uma questão de classe. Ou, ainda, julgamos as pessoas negras culpadas pelo próprio racismo que sofrem. (Nilma Lino GOMES, 2008)

O que me preocupa é que, apesar de a sociedade crer que existe o racismo, ainda mostra que o racista é o outro, nunca a própria pessoa. Sendo assim, como vai modificar sua prática pedagógica? Ele pode aplicar o conteúdo que for, que não vai haver transformação. Por isso que mostro que a diversidade tem de ser um

valor, e isso demanda uma reformulação de valores na própria sociedade. Não dá para pensar uma prática isolada entre o que o professor acredita e o que ensina. (Ahyas SISS, 2009)

Pelo que lembro, Tia Nastácia é querida e valorizada no *Sítio [do Picapau Amarelo]*. É importante, acompanha a família para todo lado e as crianças parecem gostar tanto dela quanto da avó. Há um volume inteiro dedicado às deliciosas histórias que ela contava. Ou seja, seu saber, e não só seus bolinhos, são apreciados. Racismo? Sem uma infância mergulhada em Monteiro Lobato, eu não seria a pessoa que sou. Não me parece que ela tenha alimentado em mim qualquer tipo de prevenção contra algum ser humano. (Maria Luiza BORGES, 2010)

A discussão até agora era de que a ciência, a genética, afirmava não haver raça e, por não haver raça, não havia racismo ou desigualdade em razão do racismo. Então, não precisávamos nos preocupar com medidas pontuais. Bastariam as medidas universais e o problema estaria resolvido. Quando comparamos essa ciência, a genética, com a outra ciência, que é a estatística, percebemos uma distorção. (José VICENTE, 2012)

Evidentemente existe racismo na escola. E não é algo velado e sutil, como muita gente diz. Eu observei e observo, tanto enquanto fui professor na rede municipal quanto agora, nas falas de meus alunos, futuros professores de História que fazem estágios em escolas públicas. Qualquer professor já presenciou casos de racismo onde trabalha, desde xingamentos entre alunos até a forma como funcionários ou mesmo colegas lidam com as diferentes crianças e jovens, ainda que sem intenção. (Amilcar Araujo PEREIRA, 2013)

É muito importante que professores abordem o tema do racismo, apresentando-o como um fenômeno que desumaniza e hierarquiza pessoas. Ao considerar que a cor da pele e outras características físicas e/ou culturais determinem diferenças entre os seres humanos, o racismo cria uma estrutura para a sociedade. Com isso, distribuem-se desigualmente as oportunidades de acesso aos recursos, ao poder, às informações e aos bens culturais. (Suelaine CARNEIRO, 2014)

A ideia de que a dimensão multicultural das sociedades pode reduzir o racismo de forma mecânica, é muito simplista, infelizmente. O problema não desaparece só porque há crianças de todas as cores nas classes. Com certeza, vale mais ter estudantes de várias cores de pele do que apenas de uma, mas isso não é a única condição para diminuir o racismo no ambiente. O mesmo pensamento vale para os programas escolares brasileiros para valorizar a África e as contribuições culturais e históricas daquele continente. (Pap NDIAYE, 2014)

Dou como exemplo as ofensas racistas ocorridas durante um jogo de futebol, recentemente: um jogador negro foi chamado de macaco por torcedores. Lendo o noticiário, com alguma sorte, pode-se encontrar uma “família” de palavras que podem ser postas numa escala que vai do menos (ou nada) ao mais ofensivo: afrodescendente, “de cor”, negro, preto, macaco. [...] A aula deveria mostrar a diferença que faz empregar uma ou outra. (Sírio POSSENTI, 2014)

A ideia de uma população que se vê interligada é rompida com a segregação, relacionada ao racismo declarado, explícito. Uma escola onde isso acontece funciona mal, porque há muitas tensões entre os estudantes. Inclusive, tensões interétnicas. Além disso, é sabido que quem se forma em uma instituição com esses problemas tem suas chances de sucesso escolar reduzidas. (Choukri Ben AYED, 2016)

Temos que encarar o racismo de frente como os norte-americanos fazem hoje. As cotas raciais para descendentes de africanos e postos de administração pública são um importante mecanismo de correção de injustiças e desníveis de oportunidades entre os brasileiros. Nós nunca vamos ter um país decente enquanto não dermos as mesmas oportunidades para a população afro-brasileira se expressar na sua plenitude em seus talentos e vocações. Mais do que o pagamento de uma dívida histórica, portanto, as cotas são um importante investimento no futuro do Brasil. (Laurentino GOMES, 2019)

COTAS

Sempre fui um defensor das cotas. Acho que é uma vergonha um país meio africano como o nosso ter uma elite totalmente branca. Não temos diplomatas negros, raríssimos médicos, o Supremo Tribunal Federal não tem um ministro negro, a Câmara dos Deputados tem pouquíssimos. É uma elite branca em um país africano; e isso é uma vergonha. (Cristovam BUARQUE, 2003a)

No Brasil há 400 mil índios, que representam pouco mais que 0,2% da população. Além disso, no imaginário preconceituoso da maioria da população, é “estranho” ver um índio na universidade. Mas os índios precisam, reivindicam e vão conquistar muitas vagas na universidade, que só tem a ganhar com isso. No entanto, a cota não resolve a questão. Não é interessante que o indígena fique muitos meses afastado de sua vida comunitária, de sua família. (Kleber Gesteira MATOS, 2003)

[Com a substituição do vestibular por sorteio] vai haver possibilidades justas para todos. Para os pobres, para os negros, para os homossexuais, para as mulheres. Não vai mais precisar desse negócio ridículo de cotas. Essa ideia foi criada só para provocar ódio contra os negros, pois eles estarão roubando vagas de alunos que tiveram notas mais altas que eles. (Rubem ALVES, 2004)

Tem muitos estudos que mostram que a mulher branca é aquela que tem mais se beneficiado nesses tipos de programa de cotas, de ações afirmativas não só aqui no Brasil, como nos Estados Unidos. Você pega a história dos direitos civis, os estudos nessa área mostram que quem mais se beneficiou não foi nem a mulher em geral, mas a mulher branca. E é a figura que mais resiste às cotas para negros, às cotas raciais. (Maria Aparecida Silva BENTO, 2004)

Há uma justificativa baseada num conceito que é, no mínimo, equivocado, pois transforma uma manifestação epidérmica, a cor da pele, em categoria conceitual. E isso pode produzir um racismo às avessas. [...] Como se trata de uma vontade política do governo de instituir as cotas, que elas sejam implementadas com o menor custo possível para o mérito. Em outras palavras, significaria fazer com que, mesmo no interior das cotas, que não são baseadas no mérito, mas em caracteres socioeconômicos, o mérito continue sendo o fator dominante. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2006)

Se, no ano de 2000, eram estimados em 500 os estudantes indígenas no Ensino Superior, em 2008 esse número está realisticamente estimado em 5.000 estudantes indígenas. Esse aumento explosivo de entrada de indígenas nas universidades está diretamente ligado às políticas de ações afirmativas, principalmente às políticas de cotas adotadas pelas universidades públicas. (Gersem BANIIWA, 2008)

Quantas vezes já escutei frases dos docentes da Educação Básica e de colegas da universidade dizendo que “o negro discrimina a si mesmo”; “o negro é discriminado porque é pobre”; “ações afirmativas e cotas são esmolas do Estado”; “as cotas vão ferir o mérito acadêmico”; “as cotas vão causar uma divisão racial”. Na sociedade e na escola brasileiras, desde a Educação Básica ao Ensino Superior,

os docentes conseguem, muitas vezes, ficar indignados diante do racismo, porém, continuam imóveis. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Quem defende a cota sem critério de cor usa isso como uma ideologia para defender interesses de grupos que, encastelados na oportunidade, não têm sequer a capacidade de fazer uma concessão. Quando as universidades públicas de São Paulo se negam a disponibilizar cotas, elas estão dizendo “cadê o meu queijo que estava aqui?”, “Ah, ele está aqui e ninguém tasca”. Isso é uma postura equivocada, que já estava equivocada no passado e que hoje não tem mais lugar. (José VICENTE, 2012)

Para uma análise científica estatística [do impacto das cotas], é preciso ter mais tempo. Todos os indicadores mostram que o cotista tem um rendimento igual aos demais. A cota tem de resolver uma equação difícil, inclusão e qualidade. A aprovação da Lei das Cotas por unanimidade no Congresso Nacional é um marco que vai nos permitir fazer uma grande avaliação. (Luiz Cláudio COSTA, 2013)

Há, em alguns domínios, avanços [na educação brasileira]. E quando falo de avanço não é o *Bolsa Família*, levar as crianças à escola só para mantê-las lá. Um exemplo é o sistema de cotas, que é um avanço e não é. É um avanço na medida em que é preciso algo transitório que permita alguma justiça, mas não é isso que resolve. O sistema de cotas poderia ser dispensado se não houvesse sucateamento da escola pública. (José PACHECO, 2013b)

A lei de cotas, aprovada em 2012, criou a oportunidade para a presença indígena nas universidades. Com essa lei, o MEC implementou o Programa *Bolsa Permanência*, que destina valor diferenciado para os estudantes indígenas e quilombolas, em função de suas características socioculturais e territoriais, já que, para muitos, cursar o ensino superior implica a saída de suas comunidades. (Rita POTYGUARA, 2013)

O conceito de metas não é só uma palavra que substitui o conceito de cotas: ele está dentro de uma dinâmica social, acadêmica, que caracteriza o funcionamento das universidades e que vai mostrar que, em pouco tempo, podemos ter um número expressivo e significativo de estudantes vindos de escolas públicas afirmando sua competência para estar nos cursos superiores dessas universidades. (Carlos VOGT, 2013)

Hoje temos conhecimentos e informações suficientes para saber que o racismo recua com ações como essa [cotas para negros]. Ele diminui porque os brancos constatarem que os colegas negros são alunos estudiosos e que, quando entram na universidade por uma cota, se sentem estimulados a estudar mais, não menos. Os cotistas precisam se esforçar para compensar o atraso em relação aos demais. (Pap NDIAYE, 2014)

As cotas [para alunos com necessidades especiais] também são um absurdo. Muitas vezes isso acontece porque há alguns professores que recebem toda e qualquer criança e quando a turma dele está fechada, a escola se recusa a receber a criança. Isso não pode acontecer. Ninguém pode ter matrícula negada por qualquer diferença na escola brasileira. É o que diz a lei. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2015)

Não tenho dúvidas de que os brasileiros decidiram implantar as cotas determinados pela intenção nobre de reparar as injustiças sociais históricas. Mas penso que a melhor forma de um país universalizar a boa educação, inclusive na fase de graduação, é partir das características específicas de cada aluno para oferecer-lhe o melhor programa de apoio possível, que sempre será, a meu ver, os mais adaptados às suas características individuais e culturais, circunstâncias e carências. Acho que um modelo desses neutraliza a necessidade de cotas. (Antoni ZABALA, 2019)

NEGROS

É praticamente impossível saber que povos africanos foram trazidos como escravos para o Brasil. Conhecemos os congos, ardas, mandingas, mexicongos, haussás, quimbundos. Vieram milhares de povos. Da maioria não ficou nem um traço. De outros, só o nome. O negro brasileiro de hoje é mestiço de muitos desses povos. Eu, por exemplo, não conseguiria saber de que povo africano descendo exatamente. (Joel Rufino dos SANTOS, 1993)

A cota não é pra beneficiar o estudante, é para beneficiar o Brasil. Quantas vezes você foi a um médico negro? Não é uma vergonha isso? A cota [para as universidades federais] não vai pegar gente desqualificada. Só vai pegar quem já passou no vestibular, só que não teve vaga. O país precisa mudar a cor de sua elite. (Cristovam BUARQUE, 2003b)

Os resultados de uma pesquisa que acabamos de concluir mostram um dado que merece destaque: além da repetência, a cor da pele negra é um dos fatores que mais prejudicam o desempenho dos alunos. O estudo também mostra que uma passagem pela pré-escola é muito importante para a aprendizagem na 1ª série. E qual o grupo com menos acesso à Educação Infantil? São os negros e, entre eles, os mais pobres. Seria bom a escola avaliar se está dando a uma criança negra e pobre o mesmo tratamento e a mesma expectativa de sucesso que dá às demais. (Rose NEUBAUER, 2004)

Tinha visto na revista *Life* a foto e a notícia de um comício contra a inclusão das primeiras crianças negras nas escolas brancas dos Estados Unidos. Em primeiro plano na foto tinha uma mulher segurando um cartaz que dizia: “Deus foi o primeiro segregacionista ao criar raças diferentes”. Atribuir a Deus uma coisa tão odiosa quanto o racismo me deu uma raiva tão grande que na mesma hora mudei o texto [do *Auto da Compadecida*] e transformei o Cristo num negro. (Ariano SUASSUNA, 2007)

O ensino da escravidão padece desse problema sério: é muito difícil uma criança se identificar com alguém que apanha e está sempre famélico e sujo. A identidade do negro hoje também se faz a partir da ressignificação do homem negro no tempo. Nesse sentido, Zumbi é mais uma construção historiográfica, já que se conhece muito pouco sobre ele. (Manolo FLORENTINO, 2008)

As avaliações educacionais denunciam: a população negra avança tanto quanto a população branca em termos de aumento dos anos de escolaridade. Mas ainda há um hiato, uma herança. Todos os índices de educação infantil, fundamental, ensino médio e superior são desfavoráveis à população negra. Não estamos falando de conteúdos pontuais para explicar o racismo, a discriminação e o preconceito. Falamos de reeducação das relações raciais na e para a vida. (Ana Lúcia Silva SOUZA, 2009)

Havia escravos sapateiros, ferreiros, eram os chamados “escravos de ganho”. Eles tinham uma circulação maior que os outros e podiam juntar dinheiro a partir dos seus ofícios. Há ilustrações de Debret que mostram negros e brancos conversando na rua. Nelas, é possível identificar os negros que eram alforriados dos escravos

pela presença ou ausência de calçados. O negro descalço era escravizado, enquanto o calçado geralmente era livre. (Renata FELINTO, 2010)

Se hoje muitos escritores fazem questão de se declarar negros e afirmar em seus textos os valores inerentes à essa condição, certamente eles têm razões históricas para isso. Não seria um gesto de legítima defesa? No dia em que o Brasil for uma sociedade multiétnica e verdadeiramente democrática, acho que não vai haver necessidade de cunhar essa vertente das nossas letras com o qualificativo de “negra” ou “afro-brasileira”. (Eduardo de Assis DUARTE, 2012)

Apenas 1% dos professores universitários de todo o País é de negros, 1% dos pesquisadores e 1% dos profissionais que trabalham em cargos de maior *status* nas universidades são negros autodeclarados. Se compararmos com a África do Sul e com os EUA no tempo do *apartheid*, ficamos corados de vergonha, porque esses países tinham mais negros nesses espaços do que nós temos hoje na democracia brasileira. (José VICENTE, 2012)

[Nos Estados Unidos] testes como o SAI (seleção para a universidade), o GRE (seleção para a pós-graduação) e o TOEFL (prova de língua inglesa para estrangeiros) são usados para subsidiar decisões muito importantes. Antes dessas provas, o processo de admissão era feito com base em entrevistas. Era comum encontrar discriminação contra negros. Houve uma época em que só homens brancos frequentavam nossas universidades. O critério não era o quanto se sabia, mas o grupo étnico, a religião. (Gregory CIZEK, 2013)

Tenho conversado com amigos que lecionam em São Paulo e eles dizem que lá é muito parecido com o que observo aqui no Rio: existe uma demonização do continente africano. Quando você trata de algo sobre a população negra, especialmente a africana, muitos alunos acham que é coisa do diabo. Nesse sentido, há professores evangélicos que não aceitam trabalhar a sistemática da lei, ainda que ela passe ao largo de incluir conteúdos religiosos. (Amilcar Araujo PEREIRA, 2013)

A maioria dos jovens vítimas de homicídio é composta por negros, de baixa renda e com poucos anos de escolaridade. As conversas com os alunos devem estar articuladas com reflexões sobre situações de discriminação e vulnerabilidade presentes entre os estudantes, sobre as motivações para a evasão escolar e mostrar como questões como cor, renda, entre outros, impactam o ambiente escolar. (Suelaine CARNEIRO, 2014)

São preferentemente os jovens negros, da periferia urbana, as principais vítimas e alvos da violência. Se na virada do século XXI a taxa de mortes entre os jovens brancos caiu drasticamente, algo entre 20% e 30%, o índice de homicídios de jovens negros aumentou na mesma proporção. Em 2002, morriam, aproximadamente, 60% mais jovens negros que brancos, hoje morrem 200% mais. Isso revela um crescimento do extermínio da população negra brasileira. (Julio Jacobo WASELFISZ, 2014)

A história contada nos dias de hoje não possui nenhuma participação do nosso povo. É a história que pessoas não negras escreveram a respeito de nós. [...] É preciso romper com a história oficial. Se o professor estiver atento, vai perceber

uma falha na narrativa histórica que lhe foi contada. Se prestar atenção na vida dos negros, vai entender que a condição da população afro-brasileira é consequência de um processo histórico que resultou em uma libertação inconclusa. (Conceição EVARISTO, 2018)

Sempre tive uma boa receptividade com meus alunos, com os pais deles e com meus colegas de trabalho. Não posso me queixar. Todos eles me acolheram muito bem. Só em uma ocasião houve um episódio em que uma aluna não quis assistir minha aula por eu ser negro. Mas depois, em uma conversa com os pais, fomos ver que o conhecimento que ela tinha sobre essas questões era mínimo. Conseguimos resolver a situação. (Vanderlei Gomes de QUEIROZ, 2019)

INDÍGENAS

A dominação e o controle estão presentes em todos os gestos, em todas as trocas. Quando o branco oferece seu alfabeto, “Tome o código para tratar com o branco”, isso tem um peso enorme. Isso quer dizer que temos que pôr o código do branco no lugar do que temos. A menos que a tradição indígena seja um coité vazio – como pensa o branco –, onde é que vou pôr a lei do branco, a ética, o gosto, a religião, a moral do branco? (Ailton KRENAK, 1990)

Um padrão de contagem inegável são os dedos. Então você encontra coincidências numéricas. Gente que conta até vinte, outras que contam até dez. Ninguém na nossa espécie tem doze dedos. Alguns vão além dos dedos. Por que não as juntas? Mas temos cinco dedos, munheca, cotovelo e ombro. [...] Agora, que existe essa coincidência de “um” ser “um” em todo lugar, existe. Mas temos culturas indígenas aqui cujo ponto de partida é dois. Por quê? Só existe continuação de vida se tiver dois. E tudo é feito em nome de dois. (Ubiratan D’AMBROSIO, 1997)

A educação indígena sempre refletiu de forma coerente o macroprojeto nacional, que deixa clara a impossibilidade do plural, já que é baseado na unificação das diferenças pela hegemonia e no silenciamento da diversidade na unidade. Como resultado, temos a perda da memória humana e coletiva de muitas sociedades indígenas. A estimativa é que, no Brasil, cerca de 1.000 línguas indígenas desapareceram em quase cinco séculos. (Nietta Lindenberg MONTE, 1999)

Nas 2.033 escolas indígenas do País, temos em torno de 5 mil professores, sendo que 85% lecionam para alunos de suas respectivas etnias. O professor é escolhido por múltiplos e variados mecanismos, como conselhos formados pelos mais influentes na comunidade e também pelo cacique. O ideal é que as “pessoas de fora” da comunidade não interfiram no processo, mas em alguns casos isso, infelizmente, acontece. As comunidades indígenas reivindicam educação. (Kleber Gesteira MATOS, 2003)

Seja qual for o padrão cultural, quem não dominar a língua do país, por exemplo, está totalmente excluído do processo de modernização. Lembro-me de que, quando fizemos escolas indígenas em São Paulo, os índios nos apresentaram duas reivindicações: a de aprender o português, além da língua nativa, e a de que fossem instalados computadores nas escolas para que suas crianças não fossem excluídas dos processos sociais de hoje. (Rose NEUBAUER, 2004)

A discriminação racial [...] quase todos os povos a praticam (embora sem a noção moderna de raça). Quando os jesuítas chamavam os índios de *gentios* e tentavam convertê-los à fé cristã, faziam discriminação racial; também quando os tupis se autodenominavam assim (tupi quer dizer filhos de Tupã), discriminavam todos os outros (inclusive outros índios) como filhos sem criador, parentes dos piolhos e samambaias. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Educação escolar indígena refere-se ao sistema escolar baseado fundamentalmente na transmissão de conhecimentos por meio da escola, do professor e do livro didático adaptado à realidade indígena. Ou seja, educação

escolar indígena é uma tentativa de aproximação entre a escola tradicional não-indígena e a Educação Indígena tradicional. (Gersem BANIWA, 2008)

Aqui [no Brasil] era uma torre de Babel, porque existiam diversos idiomas indígenas e africanos e o português era falado apenas nos meios administrativos. Fora dali tinha de se falar o tupi. Foi só do século XVIII para frente que o português acabou vencendo, porque houve a extinção de muitas tribos indígenas e os africanos passaram a aprender a falar o português. (Ataliba Teixeira de CASTILHO, 2009)

Existe um imaginário construído de ideal de índio, aquele da Carta do Descobrimento, de Pero Vaz de Caminha. Hoje, quando uma pessoa encontra um índio de carne e osso, diz que não é índio autêntico, porque tem como autêntica a imagem de 1500. Com esse critério, os portugueses não seriam mais portugueses porque ninguém se veste mais como Cabral, ou escreve e fala como Caminha. Por isso, a ideia do contato das culturas indígenas com a cultura nacional deve ser trabalhada nas escolas com uma perspectiva antropológica. (José Ribamar Bessa FREIRE, 2010)

Eles [os conteúdos básicos] são ensinados de acordo com a especificidade cultural de cada lugar, em função dos interesses e relevância para os alunos e para a comunidade. Essa adequação ao contexto é muito presente principalmente no caso boliviano, onde a vida comunitária é muito intensa. Como há 36 nações indígenas no país, os limites da comunidade e da escola são difusos historicamente. Isso se expressa na construção curricular, que prevê não só o ensino de idiomas indígenas, mas de cultura, saberes e valores. (Pablo IMEN, 2012)

Há ainda um grande desconhecimento sobre os povos indígenas, fazendo persistir no imaginário social imagens caricaturadas, folclorizadas, alimentadoras de preconceito a respeito dos povos indígenas, concebidas fora do tempo e do espaço da sociedade nacional. Essa distância e desconhecimento, que estigmatizam os povos indígenas, negando a sua presença contemporânea e evidenciando o lugar ocupado por eles no imaginário nacional, levaram à criação de leis como a de n. 11.645 [sobre o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena]. (Rita POTYGUARA, 2013)

Muitas vezes a literatura indígena é vista como primitiva ou não muito desenvolvida, uma literatura em que os autores ainda estão se adaptando ao universo da mídia e da publicação, quando, na verdade, essa literatura é milenar. A temática indígena está presente desde a colonização, mas os autores indígenas brasileiros começaram a escrever e a contar suas narrativas com a sua própria voz somente a partir dos anos 1990. (Janice THIÉL, 2014)

[A visão sobre o índio] ainda carece, nas redes de ensino, de informações mais qualificadas sobre as populações indígenas brasileiras, desde a colonização até os dias atuais. [...] Seria muito importante que o contexto histórico da formação do nosso país pudesse ser contado também com os processos de genocídio, de exploração dos territórios indígenas, e da formação de organizações indígenas como meio de reorganizar e revalorizar essa cultura. (Carlos Lisboa TRAVASSOS, 2014)

A reparação aos povos indígenas brasileiros, diferentemente da realizada pela Comissão de Anistia, é de natureza coletiva e está centrada na restituição de seus territórios, em sua recomposição enquanto ecossistema e no desenvolvimento de mecanismos educacionais de não repetição e de segurança pública, para que não aconteçam mais invasões em suas terras demarcadas. (Marcelo ZELIC, 2014)

Quando leio literatura, me encontro com uma pessoa que viveu e pensou em um determinado tempo, encontro as marcas do pensamento humano. Essas visões são muito estreitas, nos afetam muito. Na Colômbia, alguém me disse que a canção [cantarola] “uno, dos, três indiozitos” foi contestada. Diziam: “por que contar os índios?”. Não é literal! (Yolanda REYES, 2015)

POBRES

Acontece que foram e são feitas algumas pesquisas muito malucas nas universidades, concluindo que as crianças têm problemas sérios para aprender. Que elas não têm capacidade de aprender, de distinguir as coisas ou de exprimir suas emoções. Sobretudo se forem pobres – sempre os pobres. E, para sanar isso, inventaram os chamados pré-requisitos para a alfabetização ou um período preparatório. Essas tais dificuldades não existem e a preparação é uma coisa absolutamente inútil. (Luiz Carlos CAGLIARI, 1988)

O analfabetismo é um problema muito antigo no Brasil, os números são ainda extraordinários. Por isso, nossa proposta não é de erradicar o analfabetismo, mas contribuir para uma diminuição dessa taxa. [...] O analfabeto no Brasil está localizado nas camadas mais populares, mais pobres. Resulta do fato de que nem sempre a escola esteve disponível para essa população, hoje adulta ou adolescente. Além disso, nem todos podiam ficar na escola, ela expulsava muito os alunos. (Ruth CARDOSO, 1999)

[Para criar] a Escola de Informática e Cidadania [...] saí atrás de empresários aqui do Rio [de Janeiro], mas não foi nada fácil. Até então, trabalhar pelo social era dar comida para quem tem fome. Nos grandes centros urbanos as pessoas não morrem de fome. Morrem de falta de oportunidade, que leva à criminalidade, ao narcotráfico, à violência e à morte. As pessoas também diziam que pobre tem mente de pobre e não tem capacidade de lidar com novas tecnologias. (Rodrigo BAGGIO, 2002)

Uma criança mais privilegiada tem uma escola mais rica, com complementação de matérias com computadores, entre outras coisas. Uma mais pobre, não tem tantos recursos, isso gera uma vontade maior de absorção de conhecimento quando este é dado a uma criança pobre. Surpreendentemente eles se interessam muito mais e conseqüentemente aprendem melhor. (Ivaldo BERTAZZO, 2003)

Em nossa sociedade, porém, sempre se procurou fazer coisas diferentes com os filhos dos pobres, como pô-los para trabalhar muito cedo ou criar estratégias de atendimento que têm, em comum, o propósito de oferecer uma pobre educação pobre para os pobres mais pobres. Na verdade, o que devemos oferecer aos pobres é uma rica e diversificada gama de oportunidades educativas. Uma rica educação rica, que se revele capaz de desenvolver o potencial e a riqueza; aquelas promessas que cada um traz consigo ao vir a esse mundo. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

As avaliações já realizadas sobre os programas de mães crecheiras sempre apontaram para a grande precariedade desses atendimentos por inúmeras razões: as casas em geral não comportam um atendimento adequado, as mães não estão preparadas para trabalhar de forma educativa com um grupo de crianças, não há material adequado nem espaço físico. É o exemplo clássico de atendimento pobre para os pobres. (Carmem Maria CRAIDY, 2003)

No meu primeiro ano escolar, o meu colega de carteira era o Milton, menino que vendia tempero verde numa cestinha na feira. Eu ia com minha mãe à feira e lá estava ele vendendo. [...] Pois ele aprendeu a ler primeiro que eu e eu ficava

perguntando: mas Milton, como é que é? Ao que ele dizia: é fácil, você vai aprender. Isso foi muito marcante para mim, pois percebi que a pobreza não o impedia de aprender. (Esther Pillar GROSSI, 2003)

Os repetentes têm uma péssima autoimagem e podem comprometer seu futuro ao assumir o papel de fracassados. Sabemos que muitos deles pertencem às classes mais pobres e podem acabar deixando a escola, se marginalizando e se envolvendo com drogas. Por que só o aluno deveria ser castigado, mesmo que seu professor tenha sido péssimo e faltado a mais de 40% das aulas ou que a escola tenha mudado três vezes o professor de sua turma? (Rose NEUBAUER, 2004)

A educadora da qual fui auxiliar alegava que os pobres não eram sociáveis. Assisti algumas aulas antes de partir para o estudo com as famílias. Descobri que na vila popular onde viviam existiam grupos distintos: um era formado pelos moradores mais antigos; outro, pelos mais recentes; e um terceiro composto por invasores de uma área vizinha. Eles acusavam uns aos outros de roubo e de violência, animosidades que eram reproduzidas na escola. (Ana Luiza Carvalho da ROCHA, 2004)

Os filhos das pessoas pobres não recebem educação de qualidade, então não têm acesso ao ensino superior ou podem ser selecionados pelas universidades públicas. Esse se torna o modelo das disparidades e discriminação para sempre. Assim, continua havendo a sociedade das pessoas pobres, que receberam uma educação de má qualidade e, por isso, farão trabalhos pequenos e não poderão se unir à corrente de justiça e prosperidade. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Sabemos que há uma diferença brutal, em relação ao desempenho escolar, entre as escolas públicas e particulares, mas, no geral, a população mais pobre frequenta a escola pública, e em nossas análises estamos pensando em políticas públicas. De um modo geral, nas regiões mais pobres a escola é menos valorizada, porque muitas vezes os jovens não podem deixar de trabalhar para se dedicar ao estudo, e eles também não veem muita perspectiva nesse caminho. (Haroldo TORRES, 2006)

[Há um discurso que] vê a educação profissional como uma prioridade nacional para diminuir a vadiagem, para tirar o menor da rua, para envolver as pessoas com um trabalho decente. Embora seja carregado de boa intenção, ainda é fruto da nossa cultura escravocrata. Todos os pobres e desvalidos da sorte têm de se valer da educação profissional. Foi mais ou menos o discurso da Lei nº 5.692/71. Os militares exageraram. (Francisco CORDÃO, 2011)

O *background* familiar é muito importante, mas nós temos muitos alunos que vêm de famílias pobres e conseguem se sair muito bem. Eu tento tirar o foco da discussão da pobreza porque parece que estamos presos nesse ponto há 50 anos. Nós temos essa imagem de que não podemos seguir em frente por causa da pobreza. Mas nós precisamos mudar esse foco para identificar quais são os elementos que permitem que crianças com qualquer tipo de *background* possam aprender. (Douglas WILLMS, 2012)

O ENEM é uma prova individual e os resultados individuais são influenciados em torno de 15% a 20% pelo nível socioeconômico da família. Ou seja, se o aluno é

pobre, ele não está fadado a ir mal no ENEM, porque essa taxa não é tão grande assim. Agora, quando você compara os resultados das escolas, isso aumenta pra 75%, 80%, no mínimo. Isso quer dizer que, se uma escola tem famílias pobres, ela está fadada a estar lá embaixo no *ranking*. (Rodrigo TRAVITZKI, 2013)

Diferentes levantamentos evidenciam que as crianças mais pobres, moradoras de zonas rurais, das regiões Norte e Centro-Oeste, filhas de famílias com menor renda, têm menos acesso à educação infantil. Portanto, defesa do direito, desigualdade de acesso e confusão entre dever de oferta e de matrícula são três questões que se relacionam a essa medida. (Rita COELHO, 2014)

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Nos últimos levantamentos, feitos em 1983, havia aproximadamente 13 milhões de crianças diagnosticadas como doentes mentais. Cerca de 90% delas eram portadoras de deficiências psicossociais, cuja definição não é clara. Aí está a questão fundamental: não existe limite exato entre o que é excepcional ou normal. Na prática, isso acaba fazendo com que sejam usados critérios incorretos para a alocação dessas crianças para a educação especial. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

Todo o sistema de educação especial está sendo destruído na região [América Latina], sem que essa alternativa possa ser visualizada como viável. [...] A professora tem quarenta crianças e colocam ali três com necessidades educativas especiais, mas que não são iguais: há um deficiente auditivo, outro com síndrome de Down... Isso não vai funcionar, assim não funciona. Sem dar maior apoio pedagógico não funciona. Não é possível integrar uma, duas crianças numa classe de vinte, outra numa classe com quarenta... sem apoio pedagógico. (Emilia FERREIRO, 1997)

Dentro desse grande movimento de educação para todos, temos o movimento para a inclusão das crianças deficientes. Isso se afasta daquilo que as pessoas chamam “modelo médico”, no qual a criança é que tem o problema. Nós mudamos a ênfase para dizer “sim, a criança tem problemas”, mas há também problemas no meio ambiente, atitudes do público, subestimação das capacidades das crianças, falta de legislação. (Peter MITTLER, 1999)

Hoje vem ganhando espaço a ideia de que a escolarização de crianças deficientes requer uma evolução do próprio modo de funcionamento do sistema educacional. [...] Uma ideia poderosa fundamenta essa orientação: relativizar a deficiência. Uma criança em situação de deficiência pode não ter necessidade de uma ajuda específica a não ser em certos momentos; muitos alunos comuns podem ter necessidade de ajudas específicas em certos momentos. (Marianne HARDY, 2004)

Portadores de deficiência constroem a imagem do próprio corpo como qualquer outra pessoa. Eles têm dificuldades em usar o corpo, mas, se tiverem consciência disso, conseguem superá-las e aprender com as restrições. O que não pode é fingir que o problema não existe. O ideal seria conversar sobre as limitações e que juntos, aluno e professor, criassem atividades inclusivas. (Esteban LEVIN, 2005)

A inclusão não admite qualquer tipo de discriminação, e os mais excluídos sempre são os que têm deficiências graves. No Canadá, vi um garoto que ia de maca para a escola e, apesar do raciocínio comprometido, era respeitado pelos colegas, integrado à turma e participativo. Há casos, no entanto, em que a criança não consegue interagir porque está em surto e precisa ser tratada. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2005)

As escolas públicas [na Inglaterra] são gratuitas e abertas a todos e, em anos recentes, tem havido uma forte tendência para a inclusão de crianças com deficiências nas escolas comuns locais, oferecendo-lhes apoio adicional. Essa tendência provocou uma redução no número de escolas especiais, isto é, escolas

exclusivas para deficientes. Isso gerou controvérsias, já que alguns pais alegam que as escolas comuns não podem dar a seus filhos a atenção de que eles necessitam, enquanto outros são fortemente favoráveis à integração. (Peter MOSS, 2005)

Um dilema que continuamos enfrentando nos Estados Unidos é que os professores e diretores das escolas de educação em geral dizem que não se sentem preparados para incluir alunos com deficiências. Eles dizem que carecem das habilidades de gerenciamento do comportamento e de sala de aula necessárias e que não sabem como individualizar ou diferenciar o ensino para aprendizes que têm dificuldades. Esse impasse não mudou desde que a lei de educação especial foi aprovada e continua sendo um desafio. (Deborah Deutsch SMITH, 2008)

A escola deve esclarecer e orientar os pais e professores, facilitando o processo de aprendizagem das crianças com deficiência visual. Incluir não significa apenas colocá-las em uma classe com outras crianças. É preciso integrá-las, entender suas especificidades, abrir o horizonte para que o conhecimento se torne realidade, estimular a curiosidade, suprir as lacunas que impedem seu pleno desenvolvimento. (Dorina de Gouvêa NOWILL, 2009)

Quase toda classe tem uma ou duas crianças com deficiência. Temos de pensar a educação física de maneira que essas pessoas participem. A educação física pensada só no ponto de vista da saúde, diz que o corpo deles não é legal. E a educação física que foca na habilidade motora está dizendo que o corpo deles é ineficiente. E quem somos nós para dizer isso? Não se pode propagar uma educação física que produza diferença. (Marcos Garcia NEIRA, 2011)

Há escolas que afirmam que esses alunos [com deficiência] enfraquecem o desenvolvimento da classe, mas, numa sala de aula, são muitos os casos de crianças sem deficiência que dão muito mais trabalho. Por que o deficiente tem de ser o bode expiatório dos problemas da escola? Além disso, por que as provas padronizadas não são pensadas para eles? Elas deveriam pressupor que ao menos 20% dos estudantes terão alguma deficiência, terão dificuldade para realizá-las. (Marília Costa DIAS, 2012)

Não importa a gravidade da deficiência. É importante que cada um tenha sua própria turma na escola regular e a visite pelo menos uma vez por dia, todos os dias, até o momento em que possa ficar em definitivo, se for o caso, ou nas atividades que conseguir acompanhar. É verdade que as crianças podem ter problemas neurológicos que torne impossível ficar numa turma grande durante um dia inteiro. Talvez elas precisem descansar, se deitar, receber oxigênio. (Miriam SKJORTEN, 2013)

Na área médica, a ideia de “cura” da surdez ainda é muito presente. Isso gera uma tensão com as pessoas surdas, que não se percebem como deficientes, e sim como integrantes de um grupo social-linguístico específico. Por outro lado, há pesquisas que apresentam evidências de que, para haver pleno desenvolvimento linguístico e cognitivo, as crianças surdas devem aprender língua de sinais precocemente e serem inseridas no convívio com outros surdos. (Ronice QUADROS, 2017)

Junto à preocupação de desenvolver a educação, aconteceu o desenvolvimento de políticas que favoreceram a integração e, mais tarde, a inclusão de alunos com as mais variadas dificuldades nas escolas regulares. O resultado foi o progresso da escola pública. Hoje, Portugal tem uma escolaridade obrigatória de doze anos cumprida no sistema público, de tempo integral, e 98,5% de estudantes com deficiência e dificuldades em escolas regulares. (David RODRIGUES, 2019)

Existem apenas dois cursos de licenciatura em educação especial no País. Quem serão os futuros professores de educação especial, que precisam dominar conhecimentos específicos, como realizar uma avaliação pedagógica de um aluno com deficiência intelectual, considerando a complexidade dessa condição e seu funcionamento na concretude de um contexto sociocultural e educacional? São professores que precisam aprender para poder ensinar. (Vera Lucia Messias Fialho CAPELLINI, 2019)

MULHERES

Eu sei que nós, as mulheres professoras, somos habitualmente tidas como pessoas que vêm para a profissão docente por falta de outras escolhas. As mulheres com quem convivi não vieram por falta de outras escolhas. Elas vieram porque, na trama da vida delas, uma série de condições foi se produzindo e elas acabaram chegando ao magistério, seja porque a mãe foi professora, seja porque a profissão parecia uma saída para ter, como mulher, uma atividade fora do espaço doméstico. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

[Uma professora da USP] descobriu textos do Anísio Teixeira em que ele advoga uma cota para mulheres na profissão, o contrário do que fazemos hoje, quando advogamos a presença de homens como professores primários. O argumento usado por Anísio Teixeira era o de que as mulheres são mais adequadas para trabalhar com as crianças nessa faixa de idade. Ele propunha ainda que as professoras fossem mulheres de classe média que se dispusessem a ir para a periferia, para os bairros populares, educar as crianças do povo. (Maria Malta CAMPOS, 2002)

Na Itália, por exemplo, está havendo uma pressão para que mais mulheres trabalhem. Por outro lado, a natalidade é muito baixa, uma das mais baixas do mundo, em torno de 1,1 filho por mulher. Portanto, a educação infantil vê-se colocada entre estes dois fatores: a importância da educação das crianças e a pressão para que as mulheres trabalhem. (Susanna MANTOVANI, 2003)

Quanto mais se oferece creche de boa qualidade, maior é a procura pelo serviço. Por quê? Porque a creche não é só um lugar para comer, para dormir. [...] A explosão da demanda por creche está relacionada com as transformações na família, com o aumento do trabalho feminino. As próprias avós, que antes cuidavam dos netos, estão trabalhando, estão no mercado de trabalho. As mulheres têm poucos filhos. Na Itália é muito comum o filho único. Além disso, as mulheres começam a ter filhos mais tarde. (Tullia MUSATTI, 2003)

Na maior parte do mundo, as crianças eram cuidadas comunitariamente, porque as mães sempre trabalharam. Há apenas essa fantasia que os ingleses tiveram na última parte do século XIX de que as mulheres não deveriam trabalhar, mas antes disso, em todas as sociedades, as mulheres sempre trabalharam e as crianças eram cuidadas pelos avós, pelos tios, ou ficavam juntas nos locais onde os pais trabalhavam. (T. Berry BRAZELTON; Joshua SPARROW, 2005)

O movimento social organizado de mulheres é algo que acontece no final dos anos [19]60. Quer dizer, de fato ele já se expressara em vários momentos, mas ao final dos anos [19]60, ressurgiu de uma maneira tal que não mais recua. Em nosso país, o movimento feminista passa a se expressar mais fortemente em uma época em que ainda se estava vivendo o clima da ditadura e apenas se iniciavam os anos da abertura. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

A escola brasileira é um território das mulheres. Isso acarreta um grande drama. Acho que as escolas deveriam ser como o mundo é, com professores homens e mulheres. O fato de estarem sempre dominados por mulheres atrapalha consideravelmente os meninos pequenos. O saber passa a ser algo feminino na

cabeça de alguns meninos. Então, eles não querem saber. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Recentemente também saiu uma pesquisa sobre como as pessoas de várias partes do mundo viam sua beleza. Entre outros, foram analisados americanos, habitantes de alguns países da Europa e também os brasileiros. Apenas como ilustração, o Brasil é onde se tem um dos maiores consumos de produtos cosméticos do mundo. Pois bem, para surpresa dos pesquisadores, as mulheres brasileiras se consideram feias e gordas. Por quê? Porque estão se comparando com um padrão. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

O padrão geral, para todas as regiões que receberam escravos nas Américas, é de 70% de adultos, sendo os homens na proporção de dois para cada mulher. A África prendia suas mulheres, porque a mulher é a principal mão-de-obra da agricultura. [...] Em momentos de crise da oferta, como quando os ingleses começam a pressionar pelo fim do tráfico, certas regiões africanas, como o Golfo da Guiné, oferecem mais mulheres. Essa compra de mulheres, e também de crianças (sobretudo meninas), tem a ver com uma aposta que a *plantation* faz de “agregar úteros”. (Manolo FLORENTINO, 2008)

Não se pode dizer que ele [Machado de Assis] tivesse preferência, mas pode-se dizer que tinha um pendor pelas revistas femininas. O que preponderava no cenário da imprensa, na segunda metade do século XIX, eram os jornais, que nesses primeiros tempos eram muito limitados no conteúdo e na diagramação. Por volta de 1850, quando Machado começou a escrever, os jornais noticiavam fatos do cotidiano, traziam muitos anúncios e poucas notícias. Mas no início da década de 1860 já existia um público leitor muito especial, que eram as mulheres. (Mauro ROSSO, 2009)

Hoje, muito se discute sobre a necessidade da divisão igualitária do trabalho doméstico, pois pesquisas feitas no Brasil têm mostrado que as mulheres estão trabalhando muito mais que os homens, considerando-se o trabalho fora de casa e o doméstico. No entanto, continuamos a ensinar às crianças que cuidar da casa é coisa somente de mulher, por meio dos brinquedos e das brincadeiras que proporcionamos a elas. (Cristina d’Ávila REIS, 2014)

O homem é garanhão porque faz sexo, mas a honra da mulher é questionada. Pensamento extremamente atrasado, até mesmo violento. [...] Hoje a mulher já ocupa o cargo mais alto da República, isso é uma mudança de paradigma na sociedade. No parlamento, só 10% são mulheres, mas elas fazem barulho e geram mudanças sociais importantes, como a Lei Maria da Penha. Com certeza, com mais mulheres em Brasília, mais benefícios serão conquistados. (ROMÁRIO, 2014)

Existe outro tema controverso que precisa ser tratado: aborto. Sabemos que o dado estimado é de 800 mil abortos por ano, com muitas mulheres falecendo. Só esse número já torna o assunto não mais moral, mas de saúde pública mesmo. Acabamos em uma situação triste, em que as mulheres, principalmente as mais pobres, não têm acesso a cuidados de boa qualidade e acabam morrendo ou ficando com sequelas para a vida inteira, num processo em que ela não recebe o devido cuidado e fica criminalizada. (Ieva LAZAREVICIUTE, 2015)

As mulheres brasileiras ganham em média 60% do que ganham os homens, e essa diferença é ainda maior entre as pessoas mais escolarizadas. Embora representem mais da metade da população, as mulheres são apenas 8,5% na Câmara Federal e 16% no Senado. No dia a dia, as mulheres são responsáveis pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos, mesmo quando trabalham fora. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

A escola é o espaço para discutir [o feminismo], justamente porque é lá que formamos os cidadãos. Somos educadores para formar cidadãos e cidadãs. Como professora universitária, tenho tentado nos últimos 25 anos tratar dessas questões a cada aula. Na hora de colocar na lousa nomes de autores, escrevo de homens e de mulheres. Na aula de Matemática, ao falar de Pitágoras, precisamos lembrar de Hipátia de Alexandria e outras para que os alunos saibam que as mulheres estavam lá. (Carla Cristina GARCIA, 2019)

HOMOSSEXUAIS

Outro objetivo [da orientação sexual] seria propiciar a discussão dos preconceitos de nossa cultura, principalmente o machismo, já que, se você não lidar com isso, não muda a relação homem/mulher e mantém os estereótipos sexuais da submissão da mulher. Também discutir, para tentar erradicá-los, os preconceitos raciais e os advindos da ignorância, como em relação à homossexualidade. (Marta SUPLICY, 1989)

Os jovens ainda acreditam naqueles antigos grupos de risco, e quando morre alguém de Aids ficam todos boquiabertos e saem com uma observação defensiva: “Puxa, quem diria que ele era homossexual, ou drogado”. O Dráuzio Varella tem uma frase muito boa a respeito de grupos de risco: “Quem não usa camisinha faz parte do grupo de risco”. O jovem e o adulto precisam se conscientizar disso. (Clarice HERZOG; Rosangela BOLZE, 1993)

Incidentes de intolerância – crimes de ódio contra pessoas baseados em raça, gênero, orientação sexual, etc. – são muito comuns hoje na Grã-Bretanha, e não há motivo para complacência. Por outro lado, existe motivo de esperança. Atualmente, não tenho dúvidas de que somos uma sociedade muito mais tolerante e aceitadora do que na época de minha infância, ou seja, 50 anos atrás. As atitudes para com as mulheres, os homossexuais de ambos os sexos, as minorias étnicas e os deficientes mudaram totalmente. (Peter MOSS, 2005)

Então, aos poucos foram acontecendo, dentro do próprio movimento homossexual, fissuras e separações. Por exemplo, as mulheres lésbicas percebem que os homens gays têm uma predominância dentro do movimento homossexual. As suas questões específicas, as questões femininas das lésbicas não eram acolhidas. Os grupos negros e também os bissexuais, por exemplo, ficavam marginalizados. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

Diria aos professores que todas as recriminações aos indivíduos homossexuais não passam de preconceito. Em outras culturas, não se observa o mesmo fenômeno. Na verdade, ao longo dos séculos, a história tem-se mostrado cambiante em relação ao homossexualismo: ora idolatrando-o, como na Grécia Antiga, ora degradando-o, como na Idade Média. (Gley COSTA, 2007)

O preconceito é forte em relação ao homossexualismo em qualquer camada social, independentemente do gênero. A pesquisa revelou índices altíssimos nesse quesito, inclusive nas regiões que possuem cidadãos com escolaridade mais alta, como Sul e Sudeste. Porém, ainda assim, quem tem um melhor nível de ensino aceita mais essa questão. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

O multiculturalismo é uma característica que se intensificou com a globalização. Também passam a surgir diversas identidades baseadas no universo de preferências individuais – uma menina pode ser homossexual, a outra, heterossexual, um menino pode seguir uma determinada religião, e não outra. Essa complexidade já aparece fortemente na sala de aula, e o professor precisa saber lidar com ela. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

Todos os grandes sociólogos que admirei ao longo da minha trajetória são pessoas que souberam partir de questionamentos existenciais para colocar certo número de problemas científicos. São pessoas que souberam estudar a realidade social de maneira um pouco mais original. Michel Foucault, por exemplo, talvez não tivesse feito o seu trabalho sobre a sexualidade se não fosse homossexual. (Bernard LAHIRE, 2010)

Estudos recentes que já acenam para a conclusão de que, em termos do desenvolvimento psicológico e cognitivo, não há diferenças na criação de filhos por casais homossexuais. Quando o tema é tratado assim, promove-se um convívio melhor entre todos. A criança que está nessa situação se sente incluída, o que interfere na saúde psíquica dela. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Defendo há muitos anos que toda escola deveria ter o seu próprio planejamento estratégico, de tal maneira que só deveria incorporar professores sintonizados com isso. Exemplo: seremos uma escola para formar homens e mulheres que lutem contra a desigualdade social, destituídos de preconceitos vigentes em relação a, por exemplo, homossexualismo, que não façam discriminação religiosa, com espírito ecumênico e solidário, sensíveis aos movimentos sociais e populares. (FREI BETTO, 2012)

Na Grécia, a homossexualidade era bastante aceita, porém isso se devia às características sociais, políticas e culturais dessa sociedade, o que não podemos compreender com categorias morais de hoje, porque seria um presentismo. Ao mesmo tempo, essas categorias estarão sempre presentes no aluno, o que é inevitável. (Mario CARRETERO, 2014)

Muitas pessoas ainda acreditam que falar sobre sexualidade com crianças e adolescentes é uma forma de estimulá-los a ter relações sexuais mais cedo, ou, então, pensam que falar sobre homossexualidade, por exemplo, é uma forma de promover essa prática sexual e afetiva que, para muita gente, ainda é vista como errada ou pecaminosa. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

Já está em marcha uma revolução na Educação, o início de uma nova maneira de ensinar, que não somente acolhe, mas valoriza realmente a heterogeneidade. Minha prática de diversos anos e a literatura científica me dizem que a dislexia de desenvolvimento é uma doença inventada. No passado, a homossexualidade também constava no CID [Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde] e foi retirada. (Beatriz de Paula SOUZA, 2014)

Acontece que os setores que defendem essas mudanças econômicas [neoliberais] estão aliados a grupos muito conservadores, retrógrados inclusive, do ponto de vista moral. São setores que não aceitam a igualdade de direitos entre homens e mulheres, que reproduzem o racismo, que atacam abertamente homossexuais e transgêneros. A política preconizada por esses grupos é a do silêncio, da exclusão e da manutenção de preconceitos e desigualdades, sob o disfarce da moralidade e até mesmo da liberdade. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

Freud defendia que o contrário do amor não é o ódio, mas a inveja. Ao afirmar isso, não estou dizendo que o homofóbico seria, por inversão, um homossexual. O que está em jogo na necessidade de se autoafirmar como hetero é não poder

nem sequer suportar a ideia da homossexualidade. É como se, por ser inseguro em relação a si mesmo, ele fizesse um acordo autoritário com a própria existência. É a inveja do desejo do outro. (Marcia TIBURI, 2016)

VÍTIMA

A escola está inserida numa sociedade que tem um imaginário; a professora, além de professora, é mulher, tem uma família, é cidadã. Aqui a ideia tem que ver com poder. A professora é também uma vítima dessa situação. Os mitos sociais atingem a professora e se manifestam na escola em conjunto. Em nossa sociedade, a mulher não está autorizada a ser um sujeito pensante. (Alicia FERNÁNDEZ, 1994)

Devemos ser sinceros: a crise econômica e a culpabilização da vítima estão acontecendo na sociedade em geral e, certamente, nas escolas públicas. Por isso, eu diria aos professores: “Escute, quando terminar de trabalhar e se sentir completamente esgotado, você ainda tem mais trabalho a fazer, tem de se organizar, para garantir que não receba sempre a culpa, para assegurar a obtenção de recursos, não palavras vazias como *nós adoramos crianças*”. (Michael APPLE, 1996)

Ainda existe essa ideia de que os direitos humanos privilegiam os bandidos e esquecem as vítimas. É preciso dizer que essa é uma visão absolutamente equivocada. O direito humano básico, em torno do qual giram todos os outros, é o direito à vida. O militante de direitos humanos não pode ser a favor daqueles que agredem a vida do seu semelhante. (José GREGORI, 1999)

Os professores e os alunos são também vítimas da economia do conhecimento. Ela está ávida de recursos e investimento e, através de políticas de alívio tributário e incentivo a pais mais abastados no sentido de investirem na educação privada, esgota os recursos da educação pública e do Estado. [...] Este não é apenas um problema para os professores, mas também uma crise fundamental para os países que desejam ser bem-sucedidos na economia do conhecimento. (Andy HARGREAVES, 2001)

Em países africanos existe a combinação de diversos problemas. A pobreza, a falta de educação, de bons investimentos e de uma democracia funcional. As crianças não podem lutar por si mesmas, então são vítimas mais vulneráveis a todos os tipos de problema. [...] Se há uma guerra, violência ou insurgência, como se vê na África, muitas das crianças se tornam órfãs, prostitutas, vítimas do HIV ou são submetidas a trabalhos forçados. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Descobrimos que uma das maiores contribuições para a aprendizagem, além do perfil socioeconômico e da alfabetização dos pais, vem do clima presente na escola. Quando existe de fato um trabalho de equipe, uma coordenação pedagógica e um corpo de professores comprometidos, tudo funciona. No entanto, se o aluno chega à escola e não se sente valorizado nem escutado e ainda é vítima de agressões dos colegas, não há fórmula mágica que o faça aprender. (Ana Luiza MACHADO, 2008)

A vítima [de maus-tratos] passa o tempo todo angustiada, pensando o que pode acontecer e quando vai ouvir xingamentos novamente. Quanto ao agressor, ele passa muito tempo distraído praticando o ato. Isso pode até gerar casos mais graves, como estudantes que deixam a escola porque, na cabeça dele, a instituição está associada a maus-tratos. (Cléo FANTE, 2010)

Ele [o professor] pode trabalhar contextos escolares que favoreçam uma melhor integração entre os alunos e a comunidade. Por exemplo, jogos cooperativos, manifestações culturais, mutirões comunitários. Às vezes, é mais fácil punir do que lutar para mudar algo que é ruim. Mas o professor pode ser um grande agente do diálogo e facilitador dos círculos restaurativos. [...] Eles acontecem quando há necessidade de gerenciar um conflito mais intenso entre as pessoas diretamente envolvidas, por exemplo, o agressor e a vítima. (Antonio Ozório NUNES, 2011)

Ambos os lados do conflito [palestinos e israelenses] compartilham a inabilidade de compreender que a violência não vai mudar a situação política. Ambos estão convencidos de que, por meio da violência, o outro lado vai desistir. Não acredito que isso vá acontecer. Ao mesmo tempo, note que ambos os lados veem a si mesmos como vítimas. Os dois são diferentes nos recursos materiais, financeiros e no modo como guerreiam, afinal, trata-se de uma sociedade muito rica e de outra muito pobre, mas, no fim, ambos são surpreendentemente parecidos. (Miguel CENTENO, 2014)

Os pobres podem ser vítimas de experiências racistas muito violentas. Um caso claro está relacionado à polícia, que é discriminatória com frequência. Ao mesmo tempo, a condição social tem a ver com as questões raciais. Ou seja, de acordo com a classe a que pertence, o negro experimenta o racismo de diferentes formas. Se ele for rico, também pode ser vítima de ações racistas. (Pap NDIAYE, 2014)

Temos uma enorme tolerância institucional à violência. As instituições, que deveriam ter como pilar o cumprimento da Justiça, são as primeiras a violar o ordenamento legal. Uma forma de tolerância institucional é tornar a vítima a culpada da violência. A mulher que provocou o estupro porque estava vestida de determinada forma, a criança porque estava envolvida com o crack. E essa cultura da violência não se resolve com polícia, mas com educação, estrutura social. (Julio Jacobo WAISELFISZ, 2014)

Se antes os agressores eram pessoas com força no grupo, agora o computador oculta quem está atrás da tela, diluindo esse perfil. As vítimas não estão mais protegidas pela passagem do dia, ou pelo fim do período escolar. Além disso, o agressor agora não vê *in loco* como a vítima reage. Se a possibilidade de empatia com o sofrimento já seria baixa, agora desaparece porque ele não vê a vítima chorar, não vê as consequências. Há outros fatores, como a permanência do dano – uma imagem postada fica na rede indefinidamente – e a garantia de audiência. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2015)

Estamos todos nós perdidos, no olho do furacão de uma grande mudança paradigmática, social e de valores. Comparam a internet com o que aconteceu com a descoberta do fogo lá atrás, uma transformação sem igual na sociedade. E nós somos vítimas por não conseguirmos acompanhar o ritmo que as mudanças impõem. Hoje tudo é *smart*, televisão, carro, casa, celular. Tudo menos o ser humano, que ainda não tem a habilidade física e psicológica de assimilar tudo isso. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

Talvez a parte mais cruel para a vítima [de *bullying*] seja que o agressor usa algo que ela reconhece como uma fraqueza sua e, por isso, se retrai. Ao retrair-se,

comporta-se exatamente como esperado pelo agressor, e isso o incentiva a novos ataques. Não é fácil para a vítima falar sobre o assunto ou pedir ajuda. Algumas reações são mais comuns às vítimas de *bullying*: fica mais calado e retraído, isolando-se do convívio com outras pessoas, inclusive com os familiares; torna-se mais irritado e/ou agressivo; evita sair de casa e recusa-se a ir para a escola. (Tania PARIS, 2017)

No Brasil, tenho colegas que realizam o projeto em favelas. Nesses contextos é onde [a comunidade de aprendizagem] é mais necessária. A possibilidade de dialogar e dar esperança de um futuro melhor é a única solução viável. Quando criamos um espaço livre de violência em escolas em áreas de conflito e os alunos se posicionam a favor da vítima e contra a pessoa que exerce a violência, o grupo muda e a escola se torna uma referência. Crianças que poderiam ficar presas na rede de criminalidade se sentem melhor em um contexto livre de violência. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2019)

HERÓI

A História passa a noção de que há sempre uma grande ideia, de algum grande homem, empurrando-a. Com isso, ela exclui o povo. O descobrimento do Brasil, por exemplo, é ensinado de maneira miraculosa. [...] A impressão que se tem é a de que o herói é quem faz a História, quando é exatamente o contrário. É o momento histórico que encontra uma força de liderança capaz de integrar interesses universais de uma sociedade e que leva o processo adiante. (Neidson RODRIGUES, 1987)

Sempre tive muito gosto pela história e, sobretudo, pelas histórias que se escondem atrás dessas versões fantasiosas que o tempo vai cristalizando. Quando li pela primeira vez um depoimento de Tiradentes no processo, percebendo que ele revelava os nomes de todos os companheiros, revelava fatos, conversas e até as mentiras de que se valia para persuadir, revelava tudo, e se obrigava a assim fazer porque assim Deus o queria, compreendi que ali escasseava a massa de que se fazem os heróis. (Sérgio FARACO, 1991)

Quando o branco vem para educar uma criança índia, é como se olhasse para ela como um coité, uma cabaça vazia onde ele vai pôr o alfabeto, os números, as teorias dele. É que nem a história nossa de um herói que saiu para achar um gigante e encontrou no caminho o espírito que engana. Que parece pessoa. O herói pergunta qual dos três caminhos deve seguir. O espírito não responde. O herói fica brabo e toca o espírito com uma mão. A mão fica grudada. Toca com a outra mão e gruda, bate com os pés, e gruda. E teve que fazer o restante da viagem grudado naquele fantasma. (Ailton KRENAK, 1990)

A impressão que os livros escolares passam é que basta a pessoa ter uma ideia para todos os problemas ficarem resolvidos. Então, Newton vê a maçã caindo e descobre a lei da gravitação universal. [...] E as coisas pioram ainda mais quando a História da Ciência é apresentada como uma luta entre heróis e vilões: Copérnico contra Ptolomeu, Darwin contra Lamarck. Fica, para o aluno, a visão simplista, maniqueísta, de que existem cientistas perfeitos e outros totalmente incompetentes. (Roberto de Andrade MARTINS, 1998)

O professor brasileiro é um herói. Ele ganha mal, não tem tempo para pesquisar, é obrigado a dar mais aulas do que deveria para se sustentar e não encontra espaço para desenvolver o protagonismo na disciplina que leciona. Acaba ficando nessa coisa bancária, como dizia o Paulo Freire, de depositar em cima da cabeça do aluno a transmissão formal do conhecimento. Acredito que todo professor deveria se sentir parte de um coletivo pedagógico. (FREI BETTO, 2002)

Pois mesmo estando em crise de identidade o professor pode ministrar uma aula minimamente boa. Os professores do Brasil são heróis porque, apesar de viverem sob a crise de identidade, ainda são capazes de lecionarem bem. Eu acredito no trabalho do professor. Quero ver qualquer outro profissional defrontar-se com as condições de trabalho na educação e conseguir agir melhor do que ele. (Paulo MEKSENAS, 2004)

Considero o professor brasileiro um herói e um coitado. É um profissional mal pago, que ainda dá aulas com técnicas do século passado. Acredito piamente que

uma criança aprende mais vendo televisão do que em sala de aula. [...] Porém, ainda me encanta a maneira idealista como os profissionais dessa classe encaram suas dificuldades. Acima de tudo, o que eles querem é educar. (José Ângelo GAIARSA, 2006)

Para mim os educadores de todas as nações são os profissionais mais relevantes da sociedade. São heróis anônimos. Com uma mão escrevem na lousa e com a outra atuam no psiquismo dos seus filhos e alunos, para que nas palavras de Paulo Freire eles reinventem o mundo. Apesar da relevância dos educadores, o princípio de Maria [mãe de Jesus] não foram incorporados com intensidade e frequência na educação moderna e não apenas brasileira. (Augusto CURY, 2007)

Como o conhecimento hoje é uma moeda de troca, que tem que ver com riqueza social, o professor está sendo julgado pela sociedade, pelo Estado, pelas empresas em função dos resultados dos alunos. Está tendo de ter um trabalho muito mais complexo e difícil, e pelo qual se sente mais inseguro, e já não é o herói que está civilizando a sociedade, e sim um pobre sujeito que tem de fazer com que seu aluno aprenda, queira ele ou não aprender. (Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO, 2008)

Fizeram uma pesquisa das 33 escolas que dão certo apesar de a condição ao redor delas não ser das melhores. Não são os melhores IDEBs, mas são os IDEBs bons em relação à situação. E o que eles elegem como práticas pedagógicas viáveis não são da rede que funciona, são dos heróis dessa rede que não funciona. [...] Escola tal funciona por quê? Porque o diretor mora dentro da escola. Isso não dá para universalizar. São exemplos esporádicos de heroísmo ou de contingência. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008)

Existem verdadeiros heróis devotados e abnegados em nossas escolas fazendo muito além do que lhes cabem. A questão é que eles cumprem o papel do “sacerdócio”, tão perigosamente confundido com suas atribuições. O professor é um profissional com uma formação e um papel específico. Acima e além da postura humana, que todo professor tem o dever de adotar, ele não pode esquecer isso. (Júlio César FURTADO, 2010)

Quando se tem um ambiente em que se espera muito de você [...] em que acreditam na capacidade dos alunos de aprenderem, na responsabilidade dos professores e quando há mecanismos para incentivar comportamentos virtuosos, as pessoas podem render muito mais do que até mesmo elas se achavam capazes. Em suma, o desempenho profissional não é resultado do indivíduo, mas do ambiente de trabalho. Alguns grandes heróis nunca se acomodam e vão sempre fazer diferença, mas a gente não pode melhorar só por conta destes. (Maurício Holanda MAIA, 2014)

A escola convencional, academicista, própria da era industrial, hoje estéril e obsoleta, criou raízes na maior parte das concepções e hábitos inconscientes dos estudantes, das famílias, dos políticos e sobretudo dos docentes, e a todos nós custa muito desaprender concepções e hábitos que construímos desde a nossa infância. Manter na contramão uma experiência escolar de inovação, que exige tanto trabalho e dedicação, é uma tarefa de heróis. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

Os professores têm de aprender a trabalhar em equipe, e eles não foram ensinados a fazer isso. [...] Fomos ensinados a ministrar um determinado conteúdo e, no final, a dizer, no máximo, “boa sorte”. Essa competência do trabalho em equipe é essencial. Se você pegar as escolas no Brasil que têm melhores resultados, aquelas apontadas no estudo da Fundação Lemann sobre excelência e equidade, é trabalho de equipe. Não existe um herói em cada sala de aula, produzindo resultados maravilhosos sem conversar com seus pares. (Fernando ABRUCIO, 2016)

Convenhamos, a educação de um país de mais de 209 milhões de pessoas não pode depender da sorte de encontrar educadores com competência e dedicação fora da média, e em quantidade, o que chamamos de diretores heróis, para “salvar” escolas em grande volume dentro das situações adversas que conhecemos, com poucos recursos. Os heróis, infelizmente, são poucos – e isso não é diferente na educação. (Maria Alice SETUBAL, 2019)

SAÚDE

Veja bem: se a saúde do país já não é prioridade, se a população já sente a necessidade de um bom atendimento nos hospitais, nos postos de saúde e do INAMPS, muito mais sente o estudante. Então, o Programa de Saúde Escolar é um programa articulado com as secretarias da Saúde e da Educação, principalmente para atender a uma necessidade imediata em termos de odontologia e oftalmologia. (Carlos Pereira de Carvalho e SILVA, 1990)

Enquanto não adoecem – o que pode levar vários anos para acontecer –, as crianças portadoras do vírus HIV são como quaisquer outras crianças. Merecem, portanto, ter uma vida normal e fazer o que todas as crianças gostam de fazer: brincar, ter contato com outras crianças, aprender a ler e a escrever. Ninguém pode tirar esse direito delas nem resolver que elas têm de ficar limitadas, porque, no futuro, vão adoecer. A essas crianças já foi tirado o direito à saúde. Não podemos negar a elas, também, o direito à educação. (Caio ROSENTHAL, 1992)

A maioria [dos professores] se preocupa muito mais com os aspectos instrumentais, de preparo técnico dos professores, do que com as questões subjetivas. Winnicott costumava dizer que os pediatras não se dão conta de como eles são as pessoas mais importantes em relação à prevenção das doenças mentais, e da mesma forma eu penso que a maior parte dos professores não se dá conta da importância que eles têm em relação à promoção de saúde mental. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

Muitas vezes, os professores mais interessantes são os que levam vidas mais interessantes. Dedicção profissional é importante, porém abnegação e martírio desmedidos são, em última análise, prejudiciais – inclusive para a saúde e o bem-estar dos próprios professores. [...] Os melhores professores de hoje tanto investem no aprendizado estritamente profissional quanto procuram aprender em outras áreas de suas vidas. Bons professores são bons aprendizes, seja na vida, seja no trabalho. (Andy HARGREAVES, 2001)

Veja que, na rede pública, a maior parte dos problemas de saúde que geram afastamento é de origem psicossomática. O Estado não tem ideia do que acontece, não faz vigilância sobre a saúde de seus servidores. A falta de controle traz a sensação de irresponsabilidade e mau uso dos pedidos de afastamento. Esse é um problema que deveria ser tratado desde cedo, já no início de carreira do professor. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

[A educação formal] é muito importante [para o desenvolvimento do País], mas há inúmeros outros fatores que condicionam até a evolução da educação formal. Não adianta muito a criança ir à escola se passou os anos anteriores comendo pouco ou mal e já originou problemas na área de saúde. O desenvolvimento depende de um conjunto de fatores dos quais a educação é um dos principais, mas não o único. (Clovis ROSSI, 2005)

Muitos dos problemas de voz do professor ocorrem devido às condições ambientais inadequadas, como acústica comprometida da sala de aula e ruído externo competitivo (tanto do pátio do colégio como da rua). O professor, muitas

vezes, se culpa profundamente, mas suas condições de trabalho não lhe permitem manter a saúde vocal. (Mara BEHLAU, 2007)

Ao oferecer às crianças centros [de atendimento] bem geridos e de alta qualidade (que são com pessoal preparado e sensível às necessidades das crianças), os adultos [responsáveis por elas] melhoram o estresse, falam com as crianças regularmente e os padrões de saúde são melhorados. Para tanto são necessários boa nutrição, espaço adequado, iluminação e ventilação, brinquedos e livros, tempo para descanso e silêncio. (David K. DICKINSON, 2007)

Já há relações fortes com a comunicação e a saúde. Pesquisas mostram claramente que mulheres com maior escolaridade cuidam melhor do bem-estar dos filhos. Há outros pontos que permeiam os dois campos. Os ministérios da Educação e da Saúde, por exemplo, se articularam para providenciar exames de vista e óculos para os que estão matriculados no programa *Brasil Alfabetizado*. Isso já ocorria com crianças, mas o reconhecimento de que o problema também afeta os mais velhos é muito bom. (Timothy IRELAND, 2009)

A saúde da criança é um pressuposto da ideia de projeto educativo. Cada intervenção útil à preservação da saúde da mãe durante a gravidez é essencial para que a criança também inicie sua existência de forma positiva. Sendo assim, a assistência às mães, a promoção do aleitamento materno e todas as formas de atenção às famílias em situação de risco social, por exemplo, são importantes pressupostos de uma boa política educativa. (Aldo FORTUNATI, 2011)

Na época do desenvolvimentismo dos anos [19]50, [a Educação Física] era centrada no esporte. Depois houve um discurso psicológico invadindo a área, que prega o desenvolvimento integral do cidadão por meio da educação pelo movimento, pelo desenvolvimento da inteligência e pela sociabilidade pelo movimento. Mais recentemente ganhou uma nova visão, que é o compromisso com a saúde. O problema é que todos os professores são alcançados por discursos divergentes e atravessados. A mesma pessoa vai absorver o discurso do esporte, o discurso da saúde e o da educação pelo movimento. (Marcos Garcia NEIRA, 2011)

Às vezes, tentamos detectar algum problema de saúde que esteja afetando a comunidade, como piolho e dengue, e explicamos para os alunos mais velhos e para os pais como evitar esse tipo de doenças. Naturalmente, os professores já fazem muito, porque a escola vai incorporando ao currículo temas que são da saúde e passam a estar no dia a dia das disciplinas. Saúde é um tema muito amplo que tem muitos traços em comum com a educação. (Gustavo GUSSO, 2014)

A indústria da saúde agora explora o mercado das pessoas saudáveis, convencendo-as de que estão doentes. Estima-se que entre 10% e 15% da população mundial seja disléxica, ou seja, três a quatro alunos em uma turma de 30. Se isso for verdade, a espécie humana está em processo de degeneração, condenada. O que me parece mais provável é que estejamos diante de situações normais, porém patologizadas. (Beatriz de Paula SOUZA, 2014)

O conceito de qualidade tem algumas dimensões. As mais fáceis de regulamentar pelas políticas públicas são as relacionadas a padrões de saúde e segurança,

tamanho das turmas e qualificação dos professores. Mas as dimensões que mais importam são a qualidade da interação na sala de aula, dos materiais, e o tempo dedicado a atividades que construam habilidades e desenvolvam áreas específicas. É um desafio muito maior. (Hirokazu YOSHIKAWA, 2015)

Há de se promover a saúde emocional dos estudantes, com a enorme vantagem de que as mesmas medidas resultarão na erradicação de diversos outros problemas que afetam hoje a escola, como a violência, a automutilação, o suicídio e o uso de drogas. Promover a saúde significa equipar de fatores de proteção, e esses são uma gama bastante grande. (Tania PARIS, 2017)

DOENÇA

Já tivemos aqui um professor de Biologia que não havia uma aula em que não mostrasse um filmezinho, um *slide*, um gráfico. Os alunos achavam aquilo tudo interessante, mas no final do ano não tinham aprendido nada. Aliás, uma doença dos tempos modernos é a imagem. [...] A imagem é inebriante, tira o ensejo de pensar. Não desprezamos os avanços das Ciências, mas buscamos criar uma motivação interior, para que a criança chegue ao conhecimento com certa alegria. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

A Organização Mundial da Saúde imagina que no ano 2000 ou 2002 deverá haver no mundo 40 milhões de casos de Aids. E outros epidemiologistas, especialmente os norte-americanos, acham que este número está subestimado; eles esperam até 120 milhões de infectados até o ano 2005. Pelos números dá para entender a importância da doença. (David UIP, 1997)

Acredito que a doença cognitiva seja uma das mais influentes características da vida contemporânea – uma característica que, infelizmente, recebe pouca atenção. [...] Tenho argumentado que uma mudança paradigmática é necessária para explicar a doença cognitiva e para vislumbrar uma cura para ela. Até que isso ocorra, a educação continuará a ser pouco mais do que um método de espalhar a doença, um meio perpétuo de infectar novas gerações. (Joe KINCHELOE, 1999)

Alguns adultos que me procuram têm sucesso profissional, mas não escrevem em público, temendo ser ridicularizados. Isso causa uma tensão permanente: o sujeito tem trauma de lápis e caneta. Não é pouca coisa. Muitos desistem de estudar, o que pode resultar em distúrbios sociais e comportamentais. A dislexia ganhou dimensão de doença e, apesar de não ser, pode desequilibrar a vida escolar de uma pessoa. (Jaime Luiz ZORZI, 2006)

Elas [frutas e verduras] diminuem os riscos de adquirir doenças numa fase mais adulta e oferecem muito mais recursos de nutrientes para enfrentar qualquer tipo de infecção. Porque, além de nutrientes e fibras, as frutas e verduras têm alguns princípios bioativos, que ainda não são considerados nutrientes, mas que podem ajudar a reduzir o risco de doenças. O incentivo ao consumo de frutas e verduras é a melhor coisa a fazer, principalmente nessa fase em que se está formando o hábito alimentar. (Silvia COZZOLINO, 2008)

Uma série de outras doenças típicas de aglomerados urbanos, quando a poluição se associa às ondas de calor, está ligada a surtos de mortalidade. [...] A medicina registra isso com clareza. Um calor muito grande é um enorme estresse. O acúmulo de estresse com temperaturas que passam de 30°C, 32°C, em um período superior a cinco dias, em idosos com saúde frágil e sem ar-condicionado, é fator que deflagra a morte. (Carlos NOBRE, 2008)

Apenas 30% das crianças com discalculia têm uma discalculia pura. [...] Os meninos com discalculia pura são aqueles com a forma mais grave da doença. São justamente essas crianças que têm dificuldade com a noção de grandeza e de quantidade. É uma coisa muito mais incapacitante, porque na vida prática é preciso estimar o tempo que você vai levar para tomar banho, para ir de um lugar

a outro, a quantidade de comida usada para fazer uma refeição. (Vitor HAASE, 2011)

Se a criança não aprende, muita gente acha mais fácil culpar uma doença. Assim, a vítima vira o réu e não há nada que possa ser feito além de lamentar o fato. Agindo assim, ninguém precisa buscar uma solução nem investigar se, na verdade, não se trata de um problema que tem a ver com o ensino. Essa postura ainda fragiliza o aluno a ponto de tudo o que acontece na vida dele ter de ser minimizado ou desconsiderado porque ele apresenta um problema emocional, por exemplo. (Maria Cristina MANTOVANINI, 2012)

[As taxas de suicídio entre os jovens aumentaram] no mundo inteiro, diga-se. É preciso considerar que os jovens estão morrendo por suicídio, porque não sofrem mais com as causas naturais de antes. Ninguém mais morre de difteria ou de paralisia infantil. Que doença mata os jovens hoje? Câncer, principalmente linfoma. As outras duas causas comuns são acidente e suicídio. Isso não quer dizer que o suicídio cresceu, mas sim que as outras causas foram prevenidas. (José Manoel BERTOLETE, 2014)

Os pesquisadores estão procurando marcadores cerebrais dos transtornos psiquiátricos e psicológicos, que existem claramente para algumas doenças, mas para outras, não. [...] 90% das pessoas com TDAH têm um sinal qualquer no cérebro. Considere o exemplo de uma classe de aula com três crianças com diagnóstico de TDAH. Um exame de ressonância magnética poderia constatar que duas delas têm o marcador, a outra não. Aplicado à sala inteira, o exame apontaria outras tantas crianças com o marcador, mas que não apresentam os sintomas do transtorno. (Roberto LENT, 2014)

Promovi um seminário sobre a esclerose lateral amiotrófica, conhecida como ELA, uma doença degenerativa e incurável. Durante o evento, muitos portadores relataram dificuldades para importar materiais que poderiam auxiliar, e muito, nas pesquisas. A burocracia para a liberação nas alfândegas enfraquece esta área das pesquisas. Como são doenças raras, não afetam uma grande parcela da população, mas a pequena parcela atingida fica à mercê de seu próprio destino. (ROMÁRIO, 2014)

Não se fala mais: “Como esse menino é cheio de vida, agitado”. Diz-se que ele é hiperativo e buscam-se tratamento, remédios. Mas ele não é. Hoje, fala-se em hiperatividade para qualquer coisa, mas é uma doença, coisa séria. Além disso, a indústria da saúde agora explora o mercado das pessoas saudáveis, convencendo-as de que estão doentes. (Beatriz de Paula SOUZA, 2014)

As doenças, que para nós são de fácil solução, para eles [os povos indígenas isolados] podem se tornar um grande risco de morte. Esse contato foi feito principalmente por meio de intérpretes que conseguiam se comunicar com os índios. Quando a comunicação é plena, conseguimos explicar o que é uma doença e como a nossa sociedade a cura. Felizmente, nessa situação de contato com o povo do xinane foi possível convencê-los de que, para se curar, era necessário tomar medicação e cuidar para que a doença não fosse transmitida para o resto do grupo. (Carlos Lisboa TRAVASSOS, 2014)

Se o professor, a escola e a sociedade acharem que é sua função “terapeutizar” os alunos, estará fadada ao fracasso. Promoção de saúde psíquica é função da escola, como também a saúde do corpo por meio de uma alimentação saudável e da prática de esportes. Mas, quando há uma doença, é o médico que deve ser procurado, ou seja, quando houver uma questão mais séria do ponto de vista socioemocional, o tratamento deve ser de responsabilidade de um psicólogo ou de um psiquiatra, não da escola. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

Ninguém espera que um professor primário ou universitário possa saber o nome de todas as bactérias ou vírus e o das doenças que causam, exceto, claro, os professores de microbiologia ou de infectologia. Mas o básico sobre as bactérias e vírus e as doenças deve ser entendido pelos professores de todos os níveis. Eles próprios e seus alunos padecem. (Iván IZQUIERDO, 2018)

CORPO

A ideia dessa série [de livros] surgiu quando eu comecei a pensar nos nomes dos dedos das mãos: mindinho, seu vizinho, pai-de-todos (esses os apelidos legais); e tem os nomes chatos, sérios – polegar, indicador etc. Foi então que eu percebi que a descoberta do corpo pode ser gostosa, se for feita na base da brincadeira. [...] Nada de preocupação com ensinar alguma coisa. O melhor é brincar com a criança. De joelho, umbigo, de dedos. (ZIRALDO, 1988)

O nível de organização motora do homem é muito mais evoluído que o de qualquer animal da natureza. Por isso o homem se diferencia, pela capacidade intelectual, raciocínio, previsão. Esse movimento que dá a capacidade de fazer síntese. Quando você ensina dança no âmbito educacional, dá noções de direções de um corpo. Se você não experimenta, o seu sistema nervoso central não se desenvolve tão bem para o raciocínio como deveria. Vai desde a pressão da sola dos pés no chão. (Ivaldo BERTAZZO, 2003)

Acho que na passagem de nossa vida temos um corpo e nossas vaidades pessoais. Temos de ter cuidado com nós mesmos como o bem mais precioso que temos. Pode-se tentar tudo, com nosso corpo com saúde, bem nutrido, preservado. O que percebo, muitas vezes, é que a dor e o sofrimento do trabalho são demasiadamente sentidos e pressentidos pelas professoras. E a vaidade e o cuidado corporal vão-se perdendo. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

O corpo e os gestos são fundamentais para a formação geral do ser humano. Desde que nasce, a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e descobrir o mundo. Essas descobertas feitas com o corpo deixam marcas, são aprendizados efetivos, incorporados. Na verdade, são tesouros que guardamos e usamos como referência quando precisamos ser criativos em nossa profissão e resolver problemas cotidianos. (Esteban LEVIN, 2005)

Se ele [o professor] quer se engajar na questão ambiental, deve começar pensando na sua vida, no seu comportamento e na sua relação com o próprio corpo e com a natureza. O contato mais direto que temos com ela é pela alimentação. Então, ele deve analisar a relação entre o que come, o ambiente e o modo como monta seu cardápio, por exemplo. Uma maneira de fazer isso é pensar sobre o ciclo que aquele alimento percorreu, desde sua origem até chegar à mesa. (Rita MENDONÇA, 2006)

Curiosamente, nos programas das décadas de 1920, 1930 e 1940 que tratavam da Educação Física na escola, o foco da ginástica para as mulheres eram os exercícios abdominais, pois o abdômen é justamente a parte do corpo associada à ideia de maternidade. Os programas também lidavam muito com a ideia de beleza, além da ideia de sentimento. Daí a música e os movimentos suaves que os exercícios continham. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

Pensando em crianças de 7 a 10 anos, eu daria jogos e brincadeiras musicais, para elas irem entendendo o lance rítmico e corporal da música. Quer dizer, eu faria muito mais jogos e brincadeiras musicais por um lado e, do outro lado, cantaria e ouviria músicas populares. Então, eu sempre estaria dentro desse âmbito

popular cantando e ouvindo, além de fazer jogos rítmicos, primeiro com as mãos, depois, quando ficassem mais velhos, com uma baquetinha. O ritmo é mais fácil de ser entendido no corpo, porque é intuitivo. (Paulo TATIT, 2009)

Na cozinha, como em um laboratório, as perguntas são feitas com o corpo inteiro, envolvendo olfato, paladar, audição e visão. Essa atmosfera de brincadeira deve provocar curiosidade corporal na criança. Quando ela gosta de experimentar enquanto estamos fazendo uma pipoca, uma gelatina, uma limonada, etc., seu paladar está perguntando: é salgado ou doce? Seu tato: está quente ou frio? Sua audição: por que ferve, por que a pipoca pula e faz barulho? (Sergio Henrique FERREIRA; Ana Maria MELLO, 2012)

A partir do corpo da criança, que é a referência dela com o mundo, ela vai desenvolver todo um conceito, uma imagem corporal. Tem que desenvolver a lateralidade dela, que é aquela preferência do uso da mão, do pé, do olho, do ouvido, seja o direito, seja o esquerdo. Ela tem que desenvolver essa preferência e também a noção de direita e esquerda. Esses são os conceitos corporais, que envolvem diretamente o corpo da criança como um todo, fundamentais à alfabetização. (Raquel MOMM, 2012)

A questão que estamos tentando desenvolver nos cursos de graduação de Educação Física é mostrar que o desenvolvimento corporal tem de ser um autodesenvolvimento e não um desenvolvimento segundo um padrão estético vendido pela mídia. Além disso, precisamos trabalhar na Educação Física escolar com um corpo possível e não um corpo perfeito, porque, se você for trabalhar em cima de uma ideia de corpo perfeito, você elimina a maioria dos corpos. (Wagner Wey MOREIRA, 2012)

Corpos maiores têm cérebros (e rins, corações, fígados, pulmões e todos os outros órgãos) maiores. Isso não significa que os homens sejam universalmente mais inteligentes, como não significa que os homens tenham melhor função renal ou hepática. [...] Existem algumas influências de genes e hormônios especificamente masculinos e femininos no desenvolvimento comportamental (e, presume-se, no desenvolvimento cerebral, embora isso ainda não tenha sido realmente comprovado em seres humanos), mas eu vejo essas influências como meras tendências. (Lise ELIOT, 2013)

Durante a nossa vida, nosso cérebro muda, de acordo com as experiências que temos. Do mesmo modo, aquilo que está nos genes não é o destino inexorável de toda pessoa. Um gene pode se expressar ou não, dependendo das experiências de vida pelas quais a pessoa passa. Então, o próprio conhecimento biológico nos dá subsídios para entender que o corpo é construído durante nossas vidas, e essa construção depende do ambiente em que vivemos. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

[O professor] precisa lidar com as ferramentas do simbólico que são as artes visuais, plásticas e corporais. Ele tem de mergulhar na sua corporeidade. Com consciência corporal, consegue dar eixo para a sala de aula naturalmente. Essa disciplina corpórea pode vir de ginástica, ioga, capoeira. Hoje, lidamos com o que vemos e vemos a aparência. Sentidos como o tato devem ser aprofundados. (Gandhy PIORSKI, 2016)

Em meu ponto de vista, a separação que as correntes filosóficas mais radicais defendem, entre o corpo (isto é, o cérebro) e a mente, incluindo nesta as emoções, é algo já bastante ultrapassado. São variantes modernas do dualismo de Descartes. Vivemos uma época de convergência de saberes: todas as disciplinas científicas têm um foco, naturalmente, mas as largas interseções com que se relacionam abrem espaço para o conhecimento interdisciplinar. (Roberto LENT, 2017)

O corpo é uma construção cultural. [...] Como dormimos, o horário em que acordamos, como nos deslocamos para o trabalho, o que comemos, os conteúdos que acessamos pelo contato com as mídias, as leituras, as conversas com amigos, as brincadeiras que brincamos, as músicas que dançamos, como ocupamos nosso tempo livre e, principalmente, as profissões que exercemos vão configurando a nossa corporeidade. É certo dizer, portanto, que cada sujeito apresenta certa corporeidade –aquela que lhe é possível construir cotidianamente. (Marcos Garcia NEIRA, 2017)

CÉREBRO

No Brasil, é preciso ter um projeto de educação que vá além do número de professores, salário etc. Além de basear o ensino na armazenagem de informação, é preciso dar aos alunos a capacidade de acessar essa informação. O fundamental é dirigir a aprendizagem do aluno, no sentido de diminuir o uso do cérebro individual e aumentar o uso do cérebro coletivo. Da memória para a aprendizagem, existe um pulo que é o pulo do social, quer dizer, transformou-se o ato de aprender em uma atividade social. (Roberto LENT, 1997)

Quatro horas seguidas de aula, porém, não servem para nada – a primeira hora e meia é produtiva, mas depois torna-se contraproducente porque o cérebro funciona com programações curtas. Veja-se quantas atividades foram desenvolvidas com uma duração média de 90 minutos: partidas dos mais diversos esportes, filmes, peças de teatro. Por quê? Porque esse período de tempo podemos absorver “de um gole só”. (Iván IZQUIERDO, 2000)

É claro que dependemos fortemente do entorno social para processar a linguagem, mas nascemos para falar e não necessariamente para escrever. Tanto que há culturas letradas e não-letradas. O cérebro humano produziu a escrita porque tem capacidade de trabalhar com símbolos de uma determinada natureza, mas nada comprova a existência de uma inscrição genética que o incline para isso. Alguns pesquisadores acham que isso será provado, mas me parece apenas especulação. (Jaime Luiz ZORZI, 2006)

Na segunda metade do século XX, uma ciência que nascera no século XIX começa a mostrar um desenvolvimento surpreendente: a neurologia. A tal ponto que a década de 1990 foi chamada de “a década do cérebro”. Entretanto, a primeira década do século XXI tem exibido tantos e tão surpreendentes resultados dessa ciência que, faltando ainda dois anos para encerrá-la, pode-se dizer que esta é mais a década do cérebro do que o foi a de 1990. Já não se pode mais pensar em aprendizagem sem levar em conta as conquistas da neurologia, sobretudo no que concerne às suas descobertas sobre memória. (Fernando BECKER, 2009)

Temos que entender o cérebro para compreender as variações do aprendizado, não apenas etiquetar crianças sãs como doentes só porque não conseguem seguir um ritmo que lhes foi imposto. A plasticidade cerebral é o ponto principal da nossa existência e desenvolvimento ao longo da nossa vida, que engloba o processo de aprendizagem e funcionamento e reabilitação das funções motoras e sensoriais. (Yvonne Bezerra de MELLO, 2009)

Os conhecimentos que temos acerca de como funciona o cérebro ainda são escassos. Veja-se que até bem pouco tempo se pensava que era preciso educar as crianças baseando-se no diagnóstico relativo a se tinham nascido com funções predominantemente do lado direito ou esquerdo do cérebro, visto que teriam preferências ou talentos para a aprendizagem de um ou de outro tipo. Hoje sabemos que isso é falso. (Francisco MORA, 2010)

Ao longo das gerações, nós nos acostumamos a pensar que as habilidades sociais desenvolvem-se “naturalmente”, porque o ambiente natural propiciava o seu desenvolvimento, já que esse ambiente era muito semelhante àquele de que o

cérebro das crianças sempre dispunha ao longo de toda a evolução de nossa espécie durante milhares de anos. No mundo de hoje, o ambiente modificou-se a tal ponto que precisamos prestar atenção a esses aspectos, providenciando para que as crianças tenham os estímulos adequados para desenvolver o seu “cérebro social”. (Ramon M. COSENZA, 2011)

Sem o cérebro, não há aprendizagem nem educação. A educação altera o cérebro, e o próprio cérebro é estruturado para ser capaz de processar as informações e assim ser educado. Os educadores são os diretores da plasticidade neuronal em suas salas de aula. Portanto, é evidente que uma melhor compreensão da função cerebral é informativa para os professores. [...] [As neurociências] podem levar a uma visão enriquecida e cientificamente informada da aprendizagem, em lugar de vê-la como algo que faz como a aritmética mental. (Daniel ANSARI, 2012)

Nascemos com quase 100 bilhões de neurônios e nós vamos desgastando-os e trocando-os, ao longo da nossa evolução. Essas trocas é que fazem com que tenhamos mais ou menos capacidade de aprender. Então, quanto mais neurônios se tem para aprender a segunda língua, mais eficiente é. Eu tenho uma paciente de mais de 50 anos que aprendeu a quarta língua porque quer exercitar o cérebro. Ou seja, enquanto formos vivos, podemos aprender sempre. Temos períodos melhores ou piores para aprender. (Adriana FOZ, 2012)

Cada vez que aprendemos algo, há um efeito no cérebro; cada vez que fazemos uma nova conexão e estabelecemos uma troca, produzimos neurônios. Antes pensávamos no cérebro como uma caixa na qual apenas jogávamos tudo dentro; agora sabemos que produzimos novos neurônios. Em outras palavras, estimular o cérebro das crianças pequenas produz impacto na sociedade futura. Queremos pessoas mais produtivas e justas umas com as outras? Começemos já! (Gordon FREEDMAN, 2013)

Os docentes devem entender que seus alunos possuem cérebro que está absolutamente desenhado para aprender, ou seja, que procura significados naquilo que faz, buscando sentido e padrões para compreender as informações. O professor tem que ser um criador permanente de novas estratégias. Mas, para isso, ele precisa ser flexível e ter autonomia. Enquanto o professor ensina, precisa procurar saber o nível de compreensão sobre o que foi ensinado. Não deve avançar sobre novos temas sem ter a certeza de que a criança compreendeu o que foi passado. (Sandra TORRESI, 2013)

A instituição “aula” é uma coisa muito antiga, a instituição “conteúdo” é muito antiga, assim como a instituição “avaliação” e as competências também são antigas. Entretanto, é uma nova maneira de pensar a aula, de refletir a aula, de dedicar-se ao objetivo, de centralizá-la nas descobertas sobre como o cérebro humano aprende. Tudo isso não precisa ter, necessariamente, cores novas, mas a maneira de pensar essas ferramentas é pensá-las de forma crítica e diferenciada. (Celso ANTUNES, 2014)

Toda aprendizagem deve primeiro passar pelo sistema límbico, ou “cérebro emocional”, antes de ser registrada no neocórtex. Assim, a aprendizagem deve ter um conteúdo emocional para ser plenamente integrada. [...] Podemos ensinar o alfabeto e os números a nossos alunos; porém, se eles não forem maduros e não

souberem se relacionar bem com os outros, as escolas terão falhado em sua função de educar as crianças. (Thomas ARMSTRONG, 2015)

São inúmeras as contribuições da neurociência para a educação. Essa área explicita as conexões que o cérebro realiza para se apropriar dos conhecimentos formais, que constituem o currículo que o professor desenvolve para que os alunos caminhem em seu processo de escolarização. Além disso, resgata a importância das artes na vida e na escola, notadamente a música. A neurociência mostra que há uma interdisciplinaridade no cérebro, isto é, redes neuronais formadas a partir de uma prática são utilizadas em outros tipos de atividades. (Elvira Souza LIMA, 2015)

Nós, professores, somos escultores do cérebro, temos a capacidade de modificar a configuração física do cérebro, não só a funcional. [...] A espécie humana se distinguiu de outros primatas pelo fato de termos uma capacidade intelectual distinta. Em termos individuais, ontogenéticos, o que acontece com o cérebro ao longo da vida, da gestação ao envelhecimento, é muito relevante. A plasticidade faz com que não sejamos tão deterministas em relação às dificuldades de aprendizagem, ou de alguns transtornos. (Fernando LOUZADA, 2017)

SEXO

As meninas vivem hoje numa grande contradição. De um lado, a sociedade estimula o sexo através da televisão, do cinema, da moda, mas a adolescente sabe que deve se reprimir, que a sociedade não aceita a liberação da mulher. Então, de um lado, ela é estimulada ao sexo; de outro, cerceada. E aprende, desde cedo, a ser objeto do desejo do homem e não a ser sujeito do seu corpo. (Dulce WHITAKER, 1989)

Quer queira, quer não, ainda existe na juventude o mito da performance sexual. Nessa idade está todo mundo ainda meio atrapalhado com a sexualidade, com o próprio ato sexual. Deve haver entre os jovens o medo de ter de colocar a camisinha e não saber fazer direito, se atrapalhar e parecer inexperiente diante da parceira. Há várias pesquisas sobre formas de erotizar o uso da camisinha, para que passe a ser uma coisa gostosa de usar. (Clarice HERZOG; Rosângela BOLZE, 1993)

O trabalho de orientação sexual define-se por um processo educativo ético, em que professor e aluno devem ser sujeitos do próprio pensamento, escolha e ação. O professor deve estar capacitado [...] para exercer o papel de facilitador da discussão entre os alunos, ampliando a capacidade de reflexão, avaliação e compreensão e possibilitando um posicionamento próprio de cada indivíduo em relação ao exercício da sexualidade. (Marta SUPLICY, 1994)

Mais grave do que a ausência de um professor homem em sala de aula é a anulação das diferenças, porque, ao se anularem as diferenças de gênero, omite-se a existência do corpo da professora e as diferenças sexuais que ele pressupõe. E a diferença sexual é uma das primeiras que se inscreve na mente do ser humano. É importante que tal diferença seja percebida porque toda diferença é produtora de aprendizagem. Só na diversidade se constrói. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

Precisa aparecer alguém, com suficiente clareza, lucidez e coragem para dizer: “Não é artístico, se você quer tirar a roupa, tire. Agora, você ficar com a genitália de fora não vai te ensinar a fazer Ofélia [personagem de Shakespeare]”. Se num filme ou numa peça é preciso ficar nua ou fazer uma cena de sexo com violência, você está fazendo um papel. Eu acho que o exercício de ser artista, principalmente no teatro, exige muita lucidez. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Saímos de um modelo de repressão à sexualidade para outro que tornou a sexualidade obrigatória. Se antes havia a garota que queria transar e não podia, hoje existe aquela que não quer transar e sofre por isso. A mecânica da repressão é o verdadeiro problema, pois ela é um mecanismo de relações, não uma temática. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

Obviamente, pode-se distinguir didaticamente sexo, gênero e sexualidade. Contudo, na vida a gente vive tudo de uma maneira tão combinada, tão articulada, que é efetivamente confundida. Há uma expectativa de que, ao nascer, a gente identifique um sexo. O sujeito é macho ou é fêmea. Esse sexo deveria, por um princípio que se tem quase como compulsório, indicar o gênero masculino ou feminino, que deveria, obrigatoriamente, sugerir o desejo pelo sujeito do

sexo/gênero oposto. Então, esse princípio está montado. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

Durante a adolescência podemos verificar mudanças de interesses por parte dos meninos e meninas, principalmente no que se refere ao despertar da sexualidade. É muito comum que as meninas, por exemplo, não queiram fazer muitas das atividades físicas, pois irão suar e – assim elas encaram – ficar feias perante os meninos. Ao pedir para que sejam executadas certas atividades, o professor de Educação Física deve estar atento para não exigir movimentos padronizados dos adolescentes, pois apresentam diferenças significativas que devem ser consideradas. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

Parece que a história [de *A Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector] é autobiográfica, e deve ser a Livraria da Imperatriz, no Recife. Até que a mãe da menina rica fica chateada com o sadismo da filha e empresta o livro para a personagem principal. Daí é a vez de a menina adiar a entrega do livro. No fim, ela diz: “Não era um livro, era um homem”. Quer dizer, é o livro representando a experiência humana no mais amplo sentido. É o encontro com o outro, é o encontro com o sexo. (Nádia Battella GOTLIB, 2009)

Algumas das vozes mais elevadas dizem que a mídia glamouriza o sexo, que estimula os jovens a ser promíscuos, a ter práticas não seguras, a não valorizar os relacionamentos e, em relação aos meninos, a ser covardes e desrespeitosos com as mulheres. [...] Você encontra, sim, o sexo tratado como diversão e a ideia de mulheres – e, mais recentemente, homens – como objeto. Mas também há mensagens de que os relacionamentos são importantes e que são mais do que apenas sexo. (David BUCKINGHAM, 2011)

A sexualidade tem a ver com esse conceito do papel social do adolescente. Minha avó casou-se com 12, 13 anos, antes mesmo de menstruar pela primeira vez, e sua perspectiva era casar, cozinhar, costurar, cuidar dos filhos e acabou. Quando o valor social se modifica, do indivíduo, da mulher principalmente, a situação muda, porque aí, sim, a adolescência aparece. Você, então, está apto a começar suas atividades sexuais, por estar biologicamente pronto, mas não convém que você engravide. (João Luiz Pinto e SILVA, 2012)

Nossa sociedade é conservadora, nem todo mundo se sente à vontade para falar sobre sexo – e isso inclui os educadores. A escola teme a represália dos pais, que podem confundir educação sexual com estímulo à sexualidade precoce, por exemplo. Mas ela é um agente importante: toda criança e todo adolescente a frequentam. Podem não ir ao médico ou a um equipamento cultural, mas vão à escola. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Para expor suas dúvidas sobre sexo e sexualidade, crianças e adolescentes necessitam confiar na pessoa que está ouvindo. Necessitam perceber que não serão punidas ou criticadas pelo que disserem. E, infelizmente, a punição e a crítica estão muito presentes no ambiente familiar quando assuntos sobre sexualidade são abordados pelas crianças. Talvez, muitas delas não consigam expor abertamente seus questionamentos, devido à educação familiar que tiveram. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

Qualquer contato sexual praticado sem consentimento não é sexo: é violência, é estupro, mesmo que não haja uma arma ou um soco. Todo mundo entende que “quando um não quer, dois não brigam”. Então, quando um não quer, dois não deveriam transar (nem apalpar, agarrar ou beijar). Essas práticas às vezes vitimam homens, mas a absoluta maioria das vítimas são mulheres. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

Por volta dos 12 anos, do ponto de vista cognitivo, os alunos já contam com a possibilidade de pensar abstratamente, raciocinando por meio de estratégias de pensamento [...], planejando suas tarefas e monitorando-as. Do ponto de vista social, eles tendem a sair da esfera dos pais e professores para acolher os modos de ser do grupo de mesma idade. Afetivamente, existe a necessidade de alterar a imagem corporal para adequá-la às muitas mudanças físicas e de lidar com a sexualidade emergente. (Claudia Leme Ferreira DAVIS, 2016)

DROGAS

Não existe a possibilidade de uma sociedade isenta de drogas, porque a História nos mostra que, em menor ou maior grau, sempre houve utilização de drogas na sociedade. O que temos é que minimizar ao máximo uma utilização patológica ou autodestruidora. A instituição autoritária poderia realmente estimular, mas a excessivamente liberal, também. Assim como a família extremamente autoritária ou liberal (aquela que não dá parâmetro para os filhos) também corre o risco de estimular o consumo. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

Muitos usuários consomem drogas hoje para conseguir uma reintegração em seus grupos, acabando por formar subculturas. Os meninos de rua, por exemplo, usam drogas de maneira ritualística, formando ao redor disso uma subcultura que tem muito a ver com a sobrevivência, com a necessidade de autoafirmação e de formação de uma consciência grupal que os destaque do resto do mundo, que é um mundo hostil, perseguidor e de miséria. (Richard BÜCHER, 1992)

[A contaminação pela Aids está] tendendo na periferia do estado a um aumento da transmissão pela droga. Isso acontece, principalmente, na rota da droga. O mais importante aí é que a Aids não poupa nenhuma classe social, pois quem tem dinheiro compra droga, quem não tem rouba e mata para comprar. E a contaminação entre os usuários de drogas continua crescendo. (David UIP, 1997)

Os professores de uma escola disseram: “Crianças, quem aqui quer ir à Disneylândia”. Começou então uma gritaria, porque todas as crianças queriam. Logo em seguida, disseram: “Porém, para chegar lá, teremos que atravessar um fosso cheio de crocodilos”. As crianças começaram a declinar: “Não vou”, “Nem eu”. Por quê? Porque mamãe e papai ensinaram-lhes que esses animais comem gente, já os viram nos livros e nos filmes. Por isso, ninguém queria ir. Logo, meu colega falou: “Que bom trabalho de prevenção fizemos a respeito dos crocodilos. Falta fazer o mesmo com as drogas”. (Eduardo KALINA, 1999)

O bairro onde fica minha escola é um dos mais violentos de Curitiba e o problema das drogas e da violência está muito presente. Num único mês, dois pais foram assassinados na guerra do tráfico. Eu tento levar a turma a refletir sobre isso. Não falo o que é certo ou errado, mas questiono, mostro os benefícios de não seguir essa trilha. E tenho uma postura. Não fumo, por exemplo. Uma coisa é certa. Para o bem e para o mal, com ou sem preparo, temos de ser um pouco psicólogos, um pouco assistentes sociais. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Veja bem, há escolas que têm alunos traficantes e escolas que têm alunos usuários de drogas. São duas coisas diferentes. Não acho que droga e violência andem juntas, acho que são dois fenômenos paralelos. Droga não é a principal causa da violência nas escolas. O tráfico, sim, é grave – é a forma mais organizada da venda de drogas. Uma escola pode ter chegado a índices altíssimos de violência por causa do tráfico. Mas isso é diferente do uso de drogas. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

Nós precisamos ter o cuidado de não aceitar uma delinquência indo pelo [caminho do] meio, fazendo o menos mal. Esse critério do “menos mal, tá bom”

é muito ruim, porque o uso das drogas, por exemplo, está se pautando muito nesse princípio. Maconha faz “menos mal” que cigarro, faz “menos mal” que álcool, então vou fumar maconha. Eu acho que a escola tem de ter um padrão e os alunos devem saber que padrão é esse. (Içami TIBA, 2003)

Na Idade Média, quando a pessoa tinha um ataque epiléptico, dizia-se “está endemoniado” e traziam o exorcista. Agora, se indica tratamento médico. [...] Na Espanha, está ocorrendo uma catástrofe terrível. Como as instituições não sabem oficialmente o que fazer com os jovens drogados, estão convertendo todos em doentes mentais e realizando tratamentos com fármacos e drogas. Um problema pessoal, familiar, social e psicológico converte-se em psiquiátrico. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Quando os ricos e famosos consumiam heroína e cocaína, isso era visto como um comportamento aceitável por parte daqueles que tinham o glamour e os recursos para consumir drogas caras. Quando crianças pobres que cresceram em bairros onde o tráfico de drogas estava na ordem do dia começam a consumi-las e a agir com violência em gangues e confrontos urbanos, elas são delinquentes violentos. Tudo está no olho do observador. (Carlos Alberto TORRES, 2005)

Todas as publicidades dirigidas aos jovens fazem apologia do “barato” e depois vem uma dizendo, em 30 segundos, “droga não”. Há uma de vodca, por exemplo, onde se vê uma paisagem cinzenta e através da garrafa a paisagem se transformava numa praia maravilhosa. Ou então, o cara come uma pastilha e flutua. Tudo é brincadeira, sem dúvida, mas é uma permanente convocação ao “barato”. [...] E depois vai dizer que é para não se drogar? (Maria Rita KEHL, 2009)

O que é um drogado? É alguém que, depois de um certo limite, não consegue parar de usar drogas e diminuir o intervalo entre cada dose. Ele usa mais e com mais frequência. Somos exatamente drogados do consumo. Não devemos dizer que isso é mau. Não funciona. Se você disser para seus filhos que os jogos eletrônicos não são bons, eles não vão acreditar. Não funcionará. Deixe-os usá-los. Mas é preciso propor outras coisas. (Luc FERRY, 2010a)

Certa vez, eu estava fazendo uma palestra sobre drogas numa escola e discutia aspectos sociais e antropológicos da questão. Existe uma coisa na nossa sociedade que é o hedonismo, o culto ao prazer, à beleza, ao sucesso. Esse é o modelo que transmitimos a nossos filhos. Todos os pais esperam que os filhos sejam ricos, maravilhosos, inteligentes etc. Não é humano, não é real. A vida não é assim. Provoquei a plateia: o único jeito de o jovem sentir o que a gente espera dele é cheirando cocaína! (Dartiu XAVIER, 2010)

Se a criança está usando um estimulante desde os 5, 6 anos, ela vai buscar outra droga quando interrompe este uso. No mundo todo, clínicas relatam que metade dos adolescentes conta que começaram a drogadição e a mantém com Ritalina. E a fala desses adolescentes é que eles começaram a usar porque é barato, acessível, fácil de comprar, embora tenha receita controlada. Segundo eles, os médicos diziam que era seguro. Como dizem até hoje. Mas não é uma droga segura. (Maria Aparecida Affonso MOYSÉS, 2011)

O fato é que prendemos muito e mal, levando para a cadeia jovens que negociam substâncias ilícitas, arruinando suas vidas e preparando uma bomba-relógio sob os pés da sociedade. A política irracional e hipócrita de drogas, proibicionista, acaba por não impactar o consumo, mas por intensificar a corrupção policial e a violência, além de criminalizar a pobreza. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

O importante é ensinar para elas [as crianças] que temos de nos controlar, mas não apenas em relação às drogas. É preciso atenção igualmente na alimentação. Há crianças que são obesas. Droga não pode, álcool não pode, mas macarrão, cachorro-quente, refrigerante e doce podem. Tudo na vida exige moderação, e isso deve ser explicado para elas. (Gustavo GUSSO, 2014)

CRISE

Hoje, os pais também são ausentes fisicamente. E não podemos esquecer que existe uma certa crise de valores. Muitos pais não sabem onde está o certo e onde está o errado. Nossos pais sabiam muito bem, às vezes de maneira errada, dogmática, mas tinham isso claro. Os pais de hoje estão meio perdidos: “Será que eu imponho isso?”, “Será que isso é certo?”. É uma área de turbulência, que cria um certo mal-estar. (Yves de la TAILLE, 1999)

A vida pode infundir interesse e motivação nos professores, mas nos momentos de crise ela pode esgotar seu tempo e sua energia. Consternação, divórcio, famílias jovens, mudança de domicílio e problemas especiais podem prejudicar os professores por períodos mais breves ou mais longos de seu trabalho. [...] As escolas colaborativas são as mais eficazes no alívio das cargas que a vida às vezes impõe aos professores. (Andy HARGREAVES, 2001)

A escola dedica-se à transmissão do conhecimento e, na sociedade de informação, o conhecimento está por toda a rede e assume cada vez mais importância, de forma que a escola entra em crise. O conhecimento é compartilhado por muitas instituições e resulta que a escola entra em crise. Isto se deve a algo muito importante. Diferentemente de há muitos anos, a escola perdeu o monopólio do saber. [...] Estamos em uma época em que necessitamos de uma escola muito diferente da que temos agora – uma escola que parece uma prisão. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Cada professor, cada pessoa deve buscar o significado de sua ação, de sua vida. A crise da educação não é outra coisa senão a perda de sentido. Em um livro, Neil Postman, provocativo professor norte-americano, afirma que “ou a educação tem um fim ou terá um fim”. Isso é meio radical, mas vale pela reflexão que provoca. Remete à ideia de a educação ter um sentido coletivo. (Nilson José MACHADO, 2001)

A evolução da tecnologia gerou uma revolução na comunicação e isso causou impactos na educação. Para a escola ficou a questão: o que ensinar? Não podemos mudar o fato de que a escola é a fonte de transmissão e de legitimação do conhecimento. Mas a informação, diante do avanço tecnológico, não precisa da escola para se legitimar e ser transmitida. Portanto, a escola como centro difusor de informações está em crise. (César COLL, 2002b)

A crise da educação é uma das facetas da crise do Estado, pois a educação é pública. O Estado tem obrigação de garantir ensino de qualidade a todos. Em certa medida, a crise abre oportunidades para a profissionalização. O professor foi formado historicamente dentro de uma mentalidade dedutiva, e agora ele necessita de uma visão indutiva: saber qual é o problema do aluno para encontrar a solução. (Inés AGUERRONDO, 2004)

É preciso ter um bom conhecimento não só do aspecto físico e biológico do meio ambiente, mas também um entendimento das ciências sociais. O estudante tem de ser exposto à questão: o que fizemos nos últimos 200 anos com o meio ambiente? O que nos move? Por que o consumismo está associado à crise ambiental? Senão, o estudante aprende o que é aquecimento global, mas não

entende por que estamos vivendo uma crise ambiental sem precedentes no planeta. (Carlos NOBRE, 2008)

Acho que outro fator que contribuiu para a crise na educação foi o não-entendimento da proposta da progressão continuada, que não é o mesmo que promoção automática. A progressão continuada respeita o ritmo do aluno e propõe que os conteúdos sejam trabalhados no tempo certo. Se formos analisar, podemos ver que a progressão automática é tão perversa quanto reter o aluno numa série. Então, quer dizer, nem uma coisa nem outra. (Raquel Elizabete de SOUZA, 2008)

Na [dimensão] profissional, está incluída a necessidade de todas as pessoas se atualizarem em sua profissão. Um médico, um engenheiro, um físico, todos os profissionais precisam se requalificar. Em momentos de crise, como o atual, isso fica ainda mais necessário. É comum o trabalhador ter de aprender um novo ofício para se inserir no mercado. (Timothy IRELAND, 2009)

Eu acredito que a formação de professores, nesses últimos cinco anos, está em absoluta crise. Primeiro, porque é uma profissão muito mal remunerada. No caso dos alunos de instituições privadas, por exemplo, eles vão ganhar menos ou o equivalente ao valor da mensalidade paga na faculdade. Segundo, porque o ensino público passa também por uma crise muito grande. As pessoas não querem mais trabalhar na rede pública, em primeiro lugar, porque poderão estar sujeitas à violência. (Lucília NEVES, 2010)

A crise de valores não é somente das crianças, mas também dos pais, que precisam de muita orientação e informação; escola e família devem unir-se na tarefa educacional em diálogo permanente; educadores e pais podem intermediar de modo equilibrado as atividades das crianças: contato com o mundo virtual, com as informações a que têm acesso, com as obrigações em casa e na escola, com as atividades físicas e de lazer, com os desejos, limites e possibilidades. (Adriana FRIEDMANN, 2012)

Estamos em meio a uma crise do capitalismo e da sociedade contemporânea. O mundo que era pautado por hierarquias, autoridades, religião e tradição, agora não tem mais esses parâmetros. Essa crise dos parâmetros contemporâneos atinge diretamente a educação, por que os educadores pensam: o que devo conservar e o que devo mudar? A crise afeta a educação de forma vital e todo momento de crise faz com que haja muita resistência às mudanças, principalmente quando a direção da mudança não é clara. (Maria Alice SETUBAL, 2013)

Até os anos [19]90, apenas 16% dos jovens brasileiros estavam no Ensino Médio e não havia tanto ruído com relação a isso. Ele se torna socialmente um problema, isto é, diferentes setores começam a falar em crise, a partir dos anos 1990 e principalmente dos anos 2000. Esse discurso gera um espaço enorme para essas soluções práticas, rápidas, porque queremos resolver a crise já. E quem já tem uma proposta pronta? O empresariado. (Nora KRAWCZYK, 2014b)

A educação está, de fato, sendo ainda mais penalizada pela crise. Contudo, é exatamente nesse momento de múltiplas crises (institucional, ética, econômica,

política) que precisamos de um norte, e esse norte é a educação, mais especificamente o Plano Nacional de Educação (PNE). O Todos Pela Educação acredita que esse é o caminho para evitarmos que essas crises continuem se repetindo. A educação não é a resposta para todas as adversidades, mas as soluções certamente passam por um ensino de mais qualidade. (Priscila CRUZ, 2017)

Inúmeros especialistas têm insistido que as crises podem, e devem, ser vistas como oportunidades de ensaiar mudanças, experimentar alterações nos rumos que as coisas estão tomando. Uma versão popular de tal entendimento está no ditado “cresce-se mais sob o mau tempo”. Para a educação, dá-se o mesmo. Se a educação e nós, educadores e educadoras, não passássemos por crises – algumas pequenas, outras bem grandes –, estaríamos trabalhando em um e por um mundo que deixou de existir há muito tempo. (Alfredo VEIGA-NETO, 2018)

CAOS

Existe uma visão extremamente ingênua do problema do meio ambiente, uma tendência a se preocupar apenas com os rios, as matas e os mares, enquanto 80% da população brasileira vivem nos grandes centros urbanos – onde há a maior degradação ambiental, no Brasil e nos outros países da América Latina. São Paulo, por exemplo, é um caos ambiental. Então, é preciso esclarecer para as pessoas que, quando discutimos meio ambiente, estamos falando de política. (João Paulo CAPOBIANCO, 1991)

Acho que a gente deve deixar o lado dionisíaco aflorar. Acharia lamentável se na escola só se trabalhasse o lado apolíneo, racional. Mas isso não significa que cada um vai fazer o que quer, quando quer, como quer, e se quer. Porque isso é absolutamente antissocial. E acho prejudicial para cada um, individualmente também, porque, na minha longa experiência, nunca vi alguém fazer nada sem disciplina. É disciplina no sentido de disciplinar esse caos que somos nós. (Regina Leite GARCIA, 1997)

Quando penso nos educadores que conheço, sinto vontade de deixar como mensagem especial uma invocação à coragem. Isso porque sei que está cada dia mais difícil educar as crianças e os jovens. Hoje, ter 15 anos e não ser um perdido é difícil. Hoje não há um inimigo claro e, além disso, o espaço educacional converteu-se num caos absoluto. (Miguel MOREY, 2002)

Eu acho que houve um barateamento do saber, fruto da revolução do mundo de hoje. Mas parece que está fechando um círculo, porque tem uma geração agora querendo saber história, querendo fazer filosofia. Tem uma geração que está vindo e que parece assustada com esse caos. Uma pequena parte do professorado entrou no mundo dos negócios, do alto rendimento. O magistério virou também uma parte de negócios, e não aquele compromisso com o saber, com o aluno. (Nilda Teves FERREIRA, 2002)

Minha concepção pessoal é que a análise da realidade – e especificamente da realidade educativa – deve ser sistêmica e participativa. Nesse sentido, os modelos explicativos mais apropriados são aqueles que estão relacionados com a “teoria do caos” aplicada às ciências sociais, acima dos modelos multifatoriais, o que implica, simplificando, que em condições iguais nem sempre a resposta ou o resultado de uma situação ou fenômeno serão os mesmos. (Antoni ZABALA, 2002)

Primeiro tem de ter muita sensibilidade, equilíbrio e bom senso, e ao mesmo tempo tem de ter firmeza. Não vamos confundir essas coisas com ganhar concurso de popularidade. A sensibilidade é para interpretar a situação, para saber as diferenças. Agora, é preciso gerenciar a diversidade e, para fazer isso, é preciso ter firmeza, disciplina e ordem. Não precisa cair na ditadura, mas também não no caos. (Simon FRANCO, 2003)

Tome-se uma população pobre, uma remediada e outra de alto poder aquisitivo. Para todos, o ensino fundamental é obrigatório, e o FUNDEF representou uma fórmula muito inteligente de democratizar o acesso. [...] Estamos correndo risco de um tremendo retrocesso, por conta do tempo de vigência do FUNDEF, que é

de dez anos e expira no fim deste. Se o Congresso não votar o FUNDEB nem a sua continuidade, haverá um caos na educação brasileira. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2006)

Não tenho capacidade de organizar um pensamento e transmiti-lo. Já tentei dar aula e foi um caos. Eu terminava em meia hora uma aula que deveria ter uma hora e meia. Se eu tivesse esse desejo, seria professor. Não vejo nenhum motivo para não ser, até porque fazer cinema também é complicado. [...] Educação é um tema muito extenuante. Agora não conseguiria, porque é uma realidade muito dura e o próprio discurso também é bem difícil de ser construído. (João JARDIM, 2007b)

De fato, o exercício da filosofia é o exercício de uma disciplina, ou mesmo de uma autodisciplina do pensamento. Se o pensamento se nutre criativamente do caos, ele é a imposição de uma ordem, de uma disciplina. Sob este aspecto, o ensino da filosofia contribui fortemente para o desenvolvimento de uma autodisciplina no pensamento. (Sílvio GALLO; Renata Lima ASPIS, 2009)

Um fator escolar terrível para formação do leitor é a redundância curricular. Como não há integração, a criança vê e revê os mesmos autores e os mesmos textos o tempo todo. É como o ensino de Inglês na escola. Todo mundo ensina o verbo *to be*. [...] Havia um imenso caos no currículo da rede estadual [de São Paulo]. A primeira série não leva para a segunda e assim por diante. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2009)

Na literatura infantil isso [a renovação] aconteceria em meados dos 70. Quer dizer que demoraria um bocado para os escritores encontrarem uma linguagem para as crianças na qual pudessem passar as ideias novas, muito complexas, de valorização do homem, do caos de valores etc. Um dos primeiros livros que caíram na minha mão quando eu vim para esse grupo de estudos de literatura infantil, e que me chamou a atenção, foi *O Reizinho Mandão*, da Ruth Rocha. (Nelly Novaes COELHO, 2010)

Fico pensando o que seria esse apagão de mão de obra [docente] se nós não tivéssemos dado os saltos que demos nos últimos dez anos, como no que se refere às matrículas do ensino a distância. O que seria isso se a gente não tivesse dobrado as nossas vagas nas [universidades] federais, nas instituições de ensino privado? Fizemos um grande avanço nesses últimos dez anos. Então nós estaríamos em um caos verdadeiramente se não tivéssemos feito isso. (Luiz Cláudio COSTA, 2011)

O ideal mesmo é que tenhamos um Projeto Político-Pedagógico e que o Projeto Disciplinar faça parte dele. No dia a dia, se cada um tem uma visão de disciplina, será um caos. O aluno fica testando cada educador, o que provoca um desgaste enorme. Tudo porque falta uma diretriz, uma linha comum de atuação. O Projeto Disciplinar não é uma panaceia, uma solução mágica, mas ajuda a enfrentar os conflitos no cotidiano, a partir de uma linha construída e definida coletivamente. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

É preciso indivíduos que pensem (inteligência cognitiva), saibam manejar suas emoções, tenham empatia (inteligência emocional), atitude de agir, realizar,

transformar, adotar, se adaptar (inteligência volitiva), habilidade de discernir, buscar a essência, separar o que é importante e útil daquilo que é descartável, escolher, decidir em meio ao caos, à obscuridade, às incertezas (inteligência *decernere*). (Rui FAVA, 2018)

Há sempre alguma confusão no início dos governos, mas o que se tem agora é da ordem do caos, se podemos nos expressar dessa forma paradoxal. Medidas estapafúrdias se multiplicam, algumas anuladas em benefício de outras ainda piores. Um desfile de personagens exóticos a quem se entrega as alavancas do poder. Do governo Kennedy, dizia-se que reunia *the best and the brightest*, os melhores e os mais brilhantes. Aqui, com Bolsonaro, se tem, ao contrário, os piores e os mais obtusos. (Ruy FAUSTO, 2019)

BAGUNÇA

Se os alunos passarem pelas oito séries e não aprenderem conforme a expectativa da escola, também não tem muito problema. Que diferença faz isso para a sociedade? Alguma coisa ele sempre aprende. Ninguém garante que o aluno que passou pela escola, tirou 10 em Ortografia, em Matemática, saia da escola podendo dizer que ela foi uma grande coisa na vida dele. A ausência de reprovação não significa bagunça. (Luiz Carlos CAGLIARI, 1988)

A lei [LDB] é muito forte no sentido de respeitar a autonomia dos sistemas municipais e estaduais. Nesse sentido, acho que há um risco, não propriamente da “bagunça”, mas o risco de se associar uma certa dispersão de iniciativas, de programas, de políticas com improvisação, onde os sistemas forem precários. [...] Há que se distinguir a LDB da política do governo. Elas são duas coisas distintas, embora não divididas, porque é óbvio que a lei foi montada no sentido da política. (Carlos Roberto Jamil CURY, 1998)

A representação de indisciplina de muitos professores é anacrônica, pré-[19]70. Estou falando em disciplina militar, mesmo. Ora, você não é com seu filho como seu pai foi com você. Houve mudanças vertiginosas. Mas, na escola de hoje, a palavra-chave, quando se pensa em disciplina, é obediência, respeito. Alguns professores dizem que a escola de hoje virou uma bagunça em comparação com a ótima escola de antigamente. Essa é uma versão muito duvidosa. (Julio Groppa AQUINO, 1998)

Apesar de [a Itália] ser um dos países mais ricos do mundo, ela convive com focos de bagunça e desorganização. Para nós [brasileiros], uma possível fórmula é definir as regras básicas da convivência funcional e descobrir até onde elas podem se adaptar aos nossos atavismos de sem-vergonhice, mau-caratismo e bom coração. (Claudio de Moura CASTRO, 2000)

Em um casamento é muito comum ouvirmos a mulher reclamar do marido dizendo “sua mãe não te ensinou isso”, quando o homem bagunça a casa. Ela está certa. É falta de bons modos na infância, mas é possível mudar. [...] Aí entram outras questões, como por exemplo a educação de valores é diferente em cada família, e às vezes o conceito de certo e errado é relativo. (Suzana DOBLINSKI; Albertina Costa RUIZ, 2001)

A gente tem de fazer o possível e o impossível para tentar tirar as pessoas da modorra de ficar dentro de casa, em frente à TV. [...] O sair da classe, a oportunidade entrar numa sala de espetáculo, debater o que assistiu e depois voltar para a escola é uma atividade tão diferente, tão cidadã, que não tem dinheiro que pague. Eles fazem bagunça, jogam pipoca, entopem o banheiro, mas paciência, essas coisas acontecem. (Felicia KRUMHOLZ, 2002)

Alguns professores, por exemplo, usam notas como mecanismo de controle e punição. Esse garoto aqui vai perder um ponto porque está fazendo muita bagunça. Ou essa menina vai perder pontos porque nunca participa das discussões em aula. Bom, talvez a cultura familiar dessa menina estabeleça que uma criança bem-educada não deve falar sem que alguém lhe pergunte algo. (Dale ARMSTRONG, 2004)

O jovem precisa ser preparado para a vida, para o trabalho, e não para um curso de economia e achar que está preparado para o mercado. O jovem que sai do ensino fundamental e vai para o médio tem de começar a ter contato com as realidades do trabalho. Já não basta toda a fase de vida do jovem nessa idade, a bagunça da adolescência, pré-adolescência, nós temos que criar mecanismos que nós temos que criar mecanismos que levem esse pessoal para perto do trabalho, não para trabalhar. (Eduardo NAJJAR, 2004)

É nesse tipo de jogo [de faz-de-conta] que a criança desempenha papéis de poder e controle sobre pessoas subordinadas: crianças que fazem papéis de bebês ou animais de estimação. Um exemplo é o de crianças que estavam brincando de marido e mulher, mas precisavam organizar a casa, e outras que se faziam passar por gatos. Os gatos entraram na casa para fazer bagunça, e o casal pediu para que não entrassem em uma parte da casa, mas foi exatamente onde eles entraram. (William CORSARO, 2007)

Essas ações [de melhoria da educação] são de longo prazo – 30, 40 ou até 50 anos – e por algum tempo todos vão continuar com a sensação de que o país está uma grande bagunça. Não adianta ser impaciente. A solução é investir em todas as áreas da Educação. A PESB [Pesquisa Social Brasileira] evidencia valores ruins enraizados, que só mudarão com as novas gerações. Os brasileiros mais velhos, hoje, têm baixo nível de instrução. No entanto, os jovens estão estudando mais, o que indica uma tendência de melhoria no futuro. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

Quando a turma aprende coisas motivantes, o problema da indisciplina desaparece, já que muitas vezes ela é consequência do tédio produzido por aulas pouco interessantes. Se o conhecimento é significativo para a criança, ela deseja aprender. Por outro lado, se não há interesse na matéria, vai haver bagunça na classe. Para combater esse comportamento e também a violência, não adianta criar mais punições. (Juan CASASSUS, 2008)

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que criar cidadãos éticos é uma responsabilidade de toda a sociedade e suas instituições. A família, por exemplo, desempenha uma função muito importante até o fim da adolescência, enquanto tem algum poder sobre os filhos. A escola também, na medida em que apresenta experiências de convívio diferentes das que existem no ambiente familiar – se deixo meu quarto bagunçado, o problema é meu; se deixo uma classe bagunçada, o problema não é só meu. (Yves de la TAILLE, 2008)

A diversidade é um aspecto positivo. As ideias de segregar a educação juvenil da de adultos só faria sentido se você fizer um projeto político pedagógico voltado para cada um dos grupos. No fundo, por trás dessas queixas, há muito preconceito com o jovem. O aluno adulto é tudo o que você quer: ele te adora, não faz bagunça, colabora. Às vezes, pelo oposto, por se colocar numa posição subalterna e dependente. Os professores nem percebem, mas reforçam essa atitude porque isso é cômodo. (Maria Clara di PIERRO, 2009)

[O espetáculo musical] era uma história do amor entre duas crianças que se separam no final. Foi um espetáculo muito legal; à tarde fazíamos apresentações

para crianças pobres, que provavelmente nunca tinham ido a um teatro. Parecia uma partida de futebol, tamanha era a bagunça. Mas na hora em que entrava o primeiro ator era um silêncio absoluto, parecia que a gente estava fazendo ensaio geral sem ninguém na plateia. (Paulo TATIT, 2009)

Em uma pesquisa realizada com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de Brasília, tentamos entender o que significa “estudar” para alunos brasileiros da 4ª série (atual 5º ano). Segundo eles, estudar é fazer o que a professora disse que se tem de fazer e que não se deve “bagunçar”, “brigar” e “brincar”. Quando o aluno vai à escola, escuta a professora e não bagunça demais, ele considera que fez o seu trabalho. (Bernard CHARLOT, 2011)

PROBLEMA

Uma professora encaminhou (é uma coisa estarrecedora) para avaliação psicológica nada mais, nada menos, do que a sala inteirinha. No entendimento dela sua sala inteirinha tinha problemas psicológicos. Machado de Assis escreveu isso há cem anos, em *O Alienista*, apontando para os desmandos da psiquiatria. Não acho que a professora precise de tratamento psicológico, mas de tratamento de choque ético. (Julio Groppa AQUINO, 1998)

Diante desses problemas [pessoais dos alunos] o professor convencional geralmente não sabe o que fazer. [...] Para lidar eficientemente com as dificuldades de seus alunos, é necessário que o professor compreenda as dinâmicas da psique dentro de si mesmo. Isso remete outra vez ao trabalho de autoconhecimento. Somente se trabalhando como pessoa o professor poderá ajudar seus alunos a resolver seus problemas pessoais. (Elydio dos SANTOS NETO, 1998)

Quando um professor dá uma aula diferente numa escola, os alunos percebem, gostam e cobram dos outros professores. Aí, vira um problema para o resto do corpo docente, acostumado a trabalhar há tempos da mesma maneira. Eles pensam: “Se sempre funcionou assim, pra que fazer as coisas diferentes?”. É mais fácil dar aula expositiva. [...] Somos escravos do programa. Em geral, nosso conteúdo é colocado num número “x” de itens por um número “x” de horas/aula. (Marcos MASETTO, 2002)

Alguns professores dirigem-se à escola achando que estão fazendo um grande favor para o universo, cumprindo sua carga horária e conteúdo. Esse professor tem mais propensão a ter problemas de conflito, porque qualquer aluno que questione, que faça uma pergunta diferente é um problema para ele. As escolas do Brasil seguem o padrão: se o aluno causou problema ele é advertido, depois, é retirado da sala e depois, expulso. (Álvaro CHRISPINO, 2003)

O Cebolinha tem dislalia e o leitor tranquilamente percebe isso. E esse leitor não vai falar errado por causa do Cebolinha. Afinal, estará lendo a revista aos sete anos, mais ou menos, quando já aprendeu a falar pelo menos uns cinco anos antes. Se depois de aprender a falar corretamente durante cinco anos, voltar a falar errado aos sete, o problema não é o Cebolinha. (Mauricio de SOUSA, 2004)

Uma voz mais clara e limpa é menos desgastante para o professor e também ajuda o aluno a compreender melhor o que lhe é ensinado. Além disso, a imagem de uma voz rouca e desgastada é a de um indivíduo estressado que não respeita seus limites. Muitas vezes, o próprio professor não identifica seu problema de voz como um problema real; considera-o parte do perfil profissional. Ele acredita que ficar rouco é inerente ao exercício profissional, o que não pode ser verdade. (Mara BEHLAU, 2007)

O principal problema da formação básica do professor é um currículo mal direcionado, que não converge para formar um bom profissional. É um currículo interessante no que diz respeito aos fundamentos. Pela análise das ementas das disciplinas oferecidas dá para ver que os fundamentos são dados. Mas não há uma

transposição desses fundamentos para metodologias e para práticas de ensino. Fica-se só com uma formação abstrata. (Bernardete GATTI, 2009)

O PISA, que é o indicador mais usado, não é muito relacionado com o currículo, mas com o uso da Matemática no mundo. Ele é aplicado a jovens de 15 anos, não importando em que série estão. O objetivo é avaliar como eles conseguem se valer da Matemática para resolver problemas. Os brasileiros e norte-americanos, dizem os resultados, não sabem como utilizar o que aprenderam na escola. O PISA requer raciocínio para a resolução de problemas complicados, o que eles não estão fazendo. (Jeremy KILPATRICK, 2009)

Durante o período escolar, precisa ter um horário adequado, condições adequadas para comer. Já vi colégios em que as crianças comem de pé, porque não há cadeiras, ou comem alimentos que são inadequados para a idade. Hoje, a maior parte dos estados tem um sistema de controle da merenda. Mas nós temos discrepâncias gigantescas e a cantina escolar ainda é um problema, porque pode ser um local de excepcional aprendizado ou uma catástrofe total. E o cantineiro não é o culpado, porque ele vende o que acha que vai ser comprado. (Mauro FISBERG, 2011)

Hoje, o grande problema da biblioteca escolar no Brasil não é mais o acesso ao livro, porque ela recebe os livros, nem a qualidade dos livros, porque os livros que estão chegando são bons. Existe a qualidade, a quantidade, mas não há o mediador de leitura, a pessoa que vai ajudar a criança a descobrir isso, e nem quem vai ajudar o professor a descobrir isso. (Ana Maria MACHADO, 2013)

A docência é uma profissão muito complexa e precisamos de pessoas bem preparadas para exercê-la. Além disso, a escola continua sendo um lugar que tem de dar conta de todos os problemas sociais. Acabamos fazendo coisas que não correspondem à nossa função e perdemos o foco do fundamental, que é o ensino. Temos de resgatá-lo para que a instituição seja um lugar de discussão coletiva, de problematização e de referências para os profissionais e a comunidade. (Diana GRUNFELD, 2014)

Não dá para dizer: o problema da educação está nos professores, como tende a ser um certo discurso gerencial, nem dá para dizer que está nos governos, porque pagam mal e não dão as condições. Não é uma coisa nem outra, e são as duas coisas. A única forma de quebrar esse círculo de apontar o dedo para o outro é a gente fazer tratos mais responsáveis. (Maurício Holanda MAIA, 2014)

Devido a uma escassa consideração política e social, eles [os professores] têm de enfrentar a cada dia problemas mais complexos e ambientes mais hostis: maior número de alunos por sala, menor tempo dedicado ao planejamento e à coordenação entre os docentes, um currículo mais extenso e enciclopédico de aprendizagens memorísticas, provas objetivas e avaliações externas que convertem a escola em uma academia de superar exames. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

Normalmente, o que ocorre é que a escola não só não reconhece a existência de conflitos, como rechaça que se debata sobre eles. Se há um problema, recorre-se a alguém. Se não está de acordo, se denuncia. Sempre se busca um terceiro, até

mesmo um juizado ou a polícia, inclusive quando envolve professores e pais. Mas ninguém vai resolver de fora os problemas que temos aqui dentro. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2015)

O que buscamos aqui, e acredito que os educadores brasileiros queiram o mesmo, é levar os ensinamentos fundamental e médio a um ponto em que as cadeiras tradicionais – física, história, matemática, química, gramática e outras – deixem de ter fim por si mesmas e adquiram competências para poder dar soluções aos principais problemas da vida. E eles não são problemas nos âmbitos escolares, acadêmicos e profissionais, e sim nos pessoais, interpessoais e sociais. (Antoni ZABALA, 2019)

DIFICULDADE

O primeiro elemento complicador é o fato de existirem dois redutos na escola: um corpo docente de nível médio, que atua até a 4.ª série, e um outro grupo de professores que vêm da universidade para lecionar nas séries mais avançadas. Esses dois grupos não se ligam com facilidade em termos de trabalho. Mas é preciso superar as dificuldades para que eles funcionem juntos em termos pedagógicos. (Arlette D'ANTOLA; Myrtes ALONSO, 1989)

Certa vez, durante uma discussão numa classe de 2ª série, perguntei às crianças o que era nome próprio. Um garotinho respondeu que era o nome de uma pessoa, de alguém. Outro aluno, porém, me disse que não podia ser o nome de uma pessoa, pois havia mais de uma Julieta, mais de um Sebastião etc. [...] A dificuldade não é prerrogativa das crianças. Sua professora também não sabia conceituar as duas categorias. Fiz a mesma pergunta a vários adultos e todos me respondiam com exemplos, não sabiam explicar a diferença. (Ana Maria KAUFMAN, 1994)

O maior problema é não ter um carro para buscar os livros. Normalmente, vou buscá-los de ônibus. Quando sobra um dinheirinho ainda pago um táxi, mas na maioria das vezes é de ônibus mesmo. Imagine o que é pegar dois ônibus com um saco de livros nas costas. Já tive de andar de bondinho e caminhar de 40 a 50 minutos com os livros. Essa é a maior dificuldade, a falta de dinheiro e de um carro. (Evando dos SANTOS, 2002)

Há de conseguir fazer viver a dificuldade sem remeter às suas fragilidades e ao passado. Precisa criar um determinismo e ter em mente que trata-se de um trabalho psicomotor e não psicológico. Ele vai ter sinapses motoras muito complexas. O grande erro é associar os exercícios ao psicológico. Ajuda no psicológico, mas atrapalha para sempre o desenvolvimento psicomotor. (Ivaldo BERTAZZO, 2003)

No Recife fizemos um estudo com mestres-de-obras, muitos sem escolaridade, que mal assinavam o nome. Mas o raciocínio proporcional é tão essencial nos afazeres deles, como preparação da massa e cálculo de área, que todos o utilizavam corretamente. Analisei em detalhes um dos problemas comuns: como pegar uma planta baixa e saber o tamanho real da parede. Aqueles homens não tinham a menor dificuldade porque sabiam que a escala é uma proporção exata entre o tamanho do desenho e o da parede. (Terezinha NUNES, 2003)

A interpretação [textos científicos] não é uma tarefa simples. Os escritos abordam mais de um conteúdo e muitas vezes não se conhecem e se dominam todos. Diante da dificuldade, não podemos afirmar que os estudantes e os mestres sejam burros ou os textos ruins. A complexidade está diretamente relacionada às situações de leitura a que eles estiveram expostos ao longo da vida. Sempre que se apresenta um conteúdo novo, é natural que haja dificuldade em entender não porque o texto seja complexo, mas porque o conteúdo é desconhecido. (Ana Maria ESPINOZA, 2007)

Você tem que trabalhar com uma proposta, uma metodologia que acompanhe o aluno, que respeite o seu ritmo, porque a melhor proposta pedagógica é aquela

que está centrada no aluno. [...] Se eu ensinei e o aluno não aprendeu, então eu vou tentar descobrir outra maneira porque ele não tem nenhuma dificuldade que o impeça de aprender. Às vezes, sou eu que não estou conseguindo ensinar e atender a expectativa dele. Não vai resolver a situação simplesmente deixar que essa criança passe de ano. (Raquel Elizabete de SOUZA, 2008)

Em primeiro lugar, deve-se pensar naqueles que têm mais dificuldades. Normalmente, os que mais sabem são os que mais falam e têm maiores condições de fazer perguntas. Por isso, eles se dão conta com maior facilidade de que não estão entendendo algo na aula. Nessas situações, o educador corre o risco de interagir apenas com cinco ou seis que são rápidos, em vez de atender aos que mais necessitam. (Beatriz AISENBERG, 2010)

É tranquilo para uma escola ou rede aplicar duas vezes por ano – no início do primeiro e do segundo semestre – um teste que permita mapear as dificuldades para que se consiga reverter a situação daquele estudante ministrando os procedimentos necessários. Não se trata necessariamente de apartá-lo em uma turma diferenciada, mas desenvolver grupos de apoio pedagógico que permitam que as crianças e jovens superem seus problemas em tempo. Se você faz isso, ao final do ano não tem fracasso. (Cesar CALLEGARI, 2011)

Precisamos deixar de caracterizar o professor como um sacerdote. Ele é um gestor. E um gestor é aquele que produz efeito. Além disso, a gestão passa pelo diretor da escola, o vice-diretor, o secretário de Educação, o supervisor, o coordenador e o professor. O discurso “tem muito aluno, muita dificuldade” é muito comum em educação. A produção de resultados efetivos é empurrada com a barriga. (Cipriano LUCKESI, 2012)

Devemos nos proteger do mito de que superaremos as dificuldades com a informática. Não se trata apenas de inovar, e sim de redefinir um projeto pedagógico. A questão é: como tratar o acesso ao saber dos jovens que têm muito mais acesso à informação e que se comunicam de maneira mais imediata do que nas gerações precedentes? A juventude tem mais acesso às informações, porém isso não significa acesso ao saber. (Bernard CHARLOT, 2013)

As escolas de hoje enfrentam muitas dificuldades em preparar estudantes para o mundo do futuro. Pense naquela criança que já brinca com o celular dos pais: antes mesmo de entrar no jardim de infância ela já aprendeu tanta coisa! Não devemos igualar educação à escola; devemos, sim, igualar educação ao que precisamos aprender, e é preciso que existam muitos meios de aprender, não apenas um único modo. (Gordon FREEDMAN, 2013)

A principal dificuldade [dos professores] é justamente o desânimo, a falta de entusiasmo. Mas sei que a falta de entusiasmo não é própria dos alunos, e sim um sintoma da sociedade, que não oferece um ambiente onde encontremos possibilidades para nos modificar e modificar o mundo à nossa volta. Os grandes meios de comunicação, em geral, são meios de não comunicação. Liga-se a televisão e o que se vê é um excesso de repetição, de informações descontextualizadas, sem interpretação, sem análise. (Alicia FERNÁNDEZ, 2014)

Ainda acho que as crianças são estigmatizadas pelos “pontos fracos” que apresentam, que se sentem desconfortáveis, por exemplo, por amar uma pessoa do mesmo sexo. Os alunos são atormentados constantemente pelo medo, pela preocupação. Acho que as crianças que, como eu, são disléxicas ainda enfrentam uma série de dificuldades na escola. Não creio que avançamos, não poderemos dizer isso até termos uma educação mais aberta à imaginação e aos problemas que assolam o mundo. (Sally GARDNER, 2014)

O país só passou a ter um ministério da educação em 1930, mas dividido com a saúde; apenas em 1995 passamos a contar com uma pasta dedicada totalmente à temática. Hoje, pelo menos, ela tem sido vista como um direito universal, ainda que não garantido a todos. Mas a história cobra um preço: o descaso produziu gerações com baixa escolaridade e altas taxas de analfabetismo. Trata-se de uma geração que não teve acesso à escola e que, por isso, tem dificuldade em reconhecer o que é uma educação de qualidade. (Priscila CRUZ, 2017)

NECESSIDADE

Queremos que os parâmetros [curriculares nacionais] sejam um instrumento de referência para o professor em sala de aula, de modo que possa, por exemplo, recorrer a eles para escolher um livro didático. A ideia é que cada professor tenha um exemplar. Portanto, nós precisamos elaborar um currículo do ponto de vista das necessidades que o professor tem hoje. (Iara PRADO, 1995)

Eu não aceito esse engessamento para uma educação especial, porque as necessidades são tão específicas, tão variáveis, que só a própria escola tem condições de definir essas características. Nenhum estabelecimento consegue comportar todas as responsabilidades, e nem pode. Elas ocorrem e devem ser resolvidas por quem está em contato direto com o aluno, e não pela burocracia. (Adib SALOMÃO, 1997)

Aprender é estar completamente envolvido naquilo, é estar presente – não ser um objeto da fala do outro, das ideias do outro. Isso não tem nada de novo, Sócrates já falava disso. Para criar mentes autônomas, é preciso aprender a pensar. Por isso, é inacreditável que, depois de Piaget, a escola ainda prossiga meramente dando aulas. O professor está cuidando mais do currículo do que da aprendizagem do aluno, porque ele raramente parte das necessidades desse aluno. (Pedro DEMO, 2001)

Por isso me parece muito importante distinguir o conceito de “demanda” do conceito de “necessidade”. Nós não temos apenas de satisfazer demandas, precisamos satisfazer necessidades. O jovem precisa aprender matemática e ciências. Isso até pode ser uma demanda dele, mas também é uma necessidade do sistema. Se ele não entender isso como uma necessidade, cabe a nós, educadores, fazê-lo sentir essa necessidade porque, se não souber matemática e ciência, se verá excluído no futuro. Nós sabemos isso, ele não. (Juan Carlos TEDESCO, 2008)

Naturalmente, esse movimento de adaptação dos conhecimentos dos pesquisadores e cientistas para permitir que sejam ensinados na escola exige que se pense nas necessidades dos alunos. O problema é que muitas transposições são degradações da Matemática, que são aceitas pelos profissionais da área porque “são para as criancinhas”, mas que acabam impedindo os alunos de realmente se apropriar do saber matemático. Ensinado assim, o conceito vira uma verdade elementar e fica desprovido de valor e sentido. (Guy BROUSSEAU, 2009)

Governos sucessivos não querem diminuir o número de estudantes por sala, muitas vezes com falsos argumentos dados por pessoas das ciências sociais dizendo que essa medida não irá trazer mudanças significativas. Mas, os fatos demonstram que, quanto mais alunos houver numa mesma sala de aula, menos tempo tem o docente para se ocupar deles. As crianças das camadas populares têm necessidade de tempo, de encorajamento e de gratificação. (Bernard LAHIRE, 2010)

Toda vez que pensamos em desenvolvimento e tecnologia, estamos pensando também em engenharia. Com todos esses fatores, podemos dizer que o dobro do número de formandos nas universidades é uma previsão razoável. Com isso, não

podemos esquecer que é necessário aprimorar a qualidade a todo instante. Isso também aumenta muito a necessidade de qualificação de engenheiros. (Murilo PINHEIRO, 2010)

É preciso ter consciência de que algumas sequências previstas não serão realizadas ou de que uma que estava prevista para maio na realidade se desenvolverá só em setembro. São as necessidades de aprendizagem dos alunos que determinarão isso. É importante tentar equilibrar quais serão os conteúdos e temas abordados ao longo do ano e da escolaridade dos estudantes. (Myriam NEMIROVSKY, 2011)

A formação de leitores como um todo tem a ver com questões econômicas, de circulação e de acesso aos livros, da presença do livro enquanto objeto na vida cotidiana, e tem a ver, sobretudo, com a presença de bons livros e bons mediadores de leitura nas escolas, que é o lugar onde a brecha entre leitores e não leitores (reflexo de outras brechas sociais) pode ser minimizada. Daí a necessidade de formação de professores leitores que possam contribuir para a formação de novos leitores e também de acervos de qualidade. (María Teresa ANDRUETTO, 2012)

Hoje, mais do que nunca, é necessário fazer sentir a voz da pedagogia, pois, de outro modo, o que emerge é o pensamento do poder econômico. [...] Não devemos desperdiçar a riqueza das conquistas a muito custo realizadas e devemos olhar para o futuro, mantendo sempre a atenção sobre as necessidades das crianças e de suas famílias, de modo que, no âmbito da educação, prevaleça a questão dos direitos, e não a dos custos. (Anna Lia GALARDINI, 2012)

Muitos pais pensam “eu vou dar para o meu filho o que eu não tive”. Mas, então, vamos dar educação e base para ela ser um adulto feliz, capaz, consciente, equilibrado. A projeção de necessidades emocionais no consumo leva à depressão porque você não atende a sua necessidade. É um constante vazio que nunca vai ser preenchido por um produto. No caso da criança, ele pode ser preenchido até por limites. Às vezes, a criança ganha o presente e brinca com a caixa. (Ana Maria Dias da SILVA; Luciene Ricciotti VASCONCELOS, 2012)

Quem é que não se lembra de seus tempos de escola com saudade? Mas ir à aula é um martírio. Os professores também não gostam de ir à aula. Você já viu algum professor não comemorar o dia em que as aulas são suspensas? E se isso é um martírio para todo mundo, significa que há alguma coisa errada. Então, o que é que está acontecendo? Isso mostra a necessidade de repensar os processos educativos. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

Na educação temos de considerar dois princípios que aparentemente podem entrar em contradição: a necessidade e a obrigação da sociedade de estabelecer uma proposta de cidadania para o futuro, e a necessidade de adequar os processos de ensino às características específicas dos alunos e do contexto no qual atuam as diferentes instituições educacionais. Existe uma tensão entre os dois princípios. (Antoni ZABALA, 2014)

Conforme a necessidade [especial] da criança, ela tem direito a um acompanhante, mas a escola é que deve providenciar. Não é o pai que tem de

pagar. Além disso, o cuidador – que deve estar disponível para qualquer aluno – pode até apoiar o professor numa situação específica, mas ele não tem uma função pedagógica. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2015)

Quando você traz para dentro da escola e busca integrar crianças que têm necessidades especiais, isso aparentemente gera um custo para os demais. É um custo, sim. Mas precisamos decidir se somos uma sociedade excludente, ou que aprendeu a incluir. Minha crença é que quem inclui sai ganhando também, pois aprende a lidar com a diversidade, a ser solidário, a trabalhar em equipe. (Oscar Vilhena VIEIRA, 2017)

INUTILIDADE

Esperamos que a universidade atenda às necessidades do ensino básico. Hoje ela está ministrando uma cultura inútil. O aluno sai da universidade carregado de papel, de “papelneamento”, mas ele não planeja nada para ser aplicado praticamente. A universidade está formando os “notáveis” para nada e o ensino básico precisando de pessoas que possam trabalhar em uma política mais efetiva de educação, de alfabetização. (Carlos CHIARELLI; Ledja Austrilino SILVA; Adolf SCHÜLLER NETO, 1990)

É inútil fazer planos para o adulto analfabeto se a escola continua distante das crianças, se ela continua sendo uma fábrica de analfabetos. Seria necessária uma transformação radical na escola, na formação dos professores, para que eles respondessem às exigências do processo alfabetizador. Lamento, mas uma vez mais a meta estabelecida será desmoralizada. (João Francisco de SOUZA, 1990)

Uma menina me perguntou outro dia “porque que eu tenho de estudar história da arte?”. Ela tem o direito de pensar isto, mas o ministro da educação e o professor não têm o direito de pensar que história da arte é inútil para ela. A função do educador é encaminhar o educando – politicamente, não duramente, não opressivamente, mas encaminhar. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

Posso escrever uma sinfonia com o simples objetivo de ganhar dinheiro, por exemplo. Mas, se não houver um conteúdo estético no meu trabalho, ele será totalmente inútil. Quantas coisas descobrimos – ou pensamos descobrir – na obra de Beethoven? A vitória do bem sobre o mal, através de um acorde em dó maior na Quinta Sinfonia. Por que sentimos isso? Porque é uma grande música. (Sergio MAGNANI, 1999)

Uma pesquisa sobre determinados fatos numéricos, feita por mim e mais dois colaboradores com turmas de 4^a, 5^a e 6^a séries, mostrou a inutilidade da memorização pura e simples. Uma das perguntas era: “Quanto é 6 x 3?”. Quase todos os jovens responderam corretamente. Mas, quando pedimos para relacionar a questão a uma situação da vida real ou para fazer uma frase na qual aparecesse o fato de que $6 \times 3 = 18$, os resultados mudaram drasticamente: 75% dos alunos de 4^a série, 85% dos de 5^a e 30% dos de 6^a falharam em criar um exemplo de multiplicação. (Thomas O'BRIEN, 2000)

Se você fizer um levantamento de tudo o que aprendeu de Matemática na escola, vai ver que muita coisa não serviu para nada. Há quanto tempo você não resolve uma equação de segundo grau? Alguns vibraram com ela e seguiram carreira na área. Por isso, é preciso expor o aluno ao conteúdo formal. A etnomatemática também pode ser inútil. Mostrar como os egípcios contavam fração, por exemplo, é uma curiosidade. Muito do que se faz no ensino da Matemática formal também é curiosidade, só que mais chata e mais difícil. (Ubiratan D'AMBROSIO, 2007)

A arte sempre foi vista como uma coisa inútil, e havia a ideia de só ensinar o que é útil para a vida. A educação era vista como a preparação para a vida. Só a modernização da educação mudou isso: o aluno não está se preparando para a vida, já está vivendo. As artes plásticas talvez tenham sido mais aceitas nas

escolas porque é possível pintar, desenhar e esculpir sentado. (Ana Mae BARBOSA, 2008)

As pessoas mais ligadas à tecnologia de ponta acham que esse enorme esforço que fazemos para que as crianças aprendam a dominar o lápis é inútil, que faríamos muito melhor se os estimulássemos a desenvolver a motricidade fina utilizando o teclado. Tenho a impressão de que é uma discussão que virá, na qual talvez o único precedente que temos é o uso ou não da calculadora em sala de aula, assunto para o qual até hoje existem duas posições [contrárias]. (Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO, 2008)

É tão evidente o absurdo da atual escolarização, é tão absurdamente inútil o que aprende a maioria dos adolescentes, especialmente os da classe operária, das culturas mais desprotegidas, mais empobrecidas e menos reconhecidas, que ficamos chocados ao ver isso numa grande tela [no filme *Entre os muros da escola*]. É tão estúpido o comportamento, digamos, generalizado da maior parte dos docentes quando enfrentam os adolescentes, intermediando uma cultura que não interessa aos alunos e nem é deles, nem serve para nada. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

Para uma parcela da população o currículo de Ensino Médio é de uma inutilidade atroz. Por isso se entra nesse debate curricular: introduzir metodologias de resolução de problemas, buscar enfoques multidisciplinares para conectar as coisas. Ou seja, é preciso abandonar a lógica da gavetinha: o que se aprende em Matemática não se usa em Química ou em Física. O currículo não está bem ajustado nem para as necessidades do país nem para as necessidades do aluno. (Romualdo Portella de OLIVEIRA, 2010)

É preciso tratar as pequenas violências do cotidiano para evitar as mais graves. Massacres escolares como esse não acontecem todos os dias. No mundo, deve ter havido talvez uns 30 desde 1960. Não é por isso que vamos colocar detectores de metais, policiais e câmeras em toda escola. Em primeiro lugar, custa absurdamente caro. E, em segundo, já sabemos que seria inútil. (Eric DEBARBIEUX, 2011)

As ditas “grades” de língua portuguesa, por exemplo, são amontoados de conteúdos inúteis. Para que serve decorar termos com o “dígrafo” ou expressões como “sujeito nulo subentendido”? O leitor saberá o que são “plantas epífitas” ou em que consiste um “ato ilocutório diretivo”? Nem eu sei! [...] Quando aluno, fiz decoreba dos afluentes da margem esquerda de rios africanos e outras lengalengas que me ocupam a memória de longo prazo e que não me fizeram mais sábio nem mais feliz. (José PACHECO, 2013a)

Será que a escola se tornará inútil apenas para os ricos e cumprirá sobretudo funções sociais e assistenciais para os pobres? Ou será que conseguiremos, como eu desejo, que haja uma profunda renovação da escola, da escola pública, do espaço público da educação? Uma coisa é certa: nada será como antes. Desde meados do século XIX, a educação foi pensada a partir de uma matriz escolar. Hoje tem de ser “desescolarizada”, tem de valorizar outros espaços sociais e culturais. (António NÓVOA, 2014)

Como não enxergar que uma escola estruturada a partir de saberes técnico-utilitários é uma resposta débil aos problemas gigantescos que temos à frente? Que, enquanto tudo se modifica em uma velocidade sem precedentes, a exigência de um saber de base nivelado, uniforme, transforma-se num instrumento velho e inútil? Para poder enfrentar o desafio de um mundo em mutação constante, os saberes de base deveriam conter em si mesmos interrogações com sentido, capacidade de aprendizagem autônoma, possibilidades de autoeducação. (Mauro MALDONATO, 2013)

A professora pode mandar o aluno copiar quinhentas mil vezes a frase “Assisti ao filme”. Quando esse mesmo aluno puser o pé fora da sala de aula, ele vai dizer ao colega: “Ainda não assisti o filme novo do Batman!”. Isso porque a gramática brasileira não sente a necessidade daquela preposição a, que era exigida na norma clássica literária, cem anos atrás, fixada em Portugal, a dez mil quilômetros daqui. É um esforço árduo e inútil, um verdadeiro trabalho de Sísifo, tentar impor uma regra que não encontra justificativa na gramática intuitiva do falante. (Marcos BAGNO, 2015)

PREJUÍZO

O tratamento que recebemos é o mesmo dado pela República Velha. Nós fazíamos greve e não éramos recebidos porque estávamos em greve, não havia diálogo. Hoje está acontecendo a mesma coisa. Em alguns lugares, há até repressão policial aos nossos movimentos. Mas a repressão maior é o trabalho que o governo desenvolve no meio da comunidade para desestabilizar o professorado, tentando jogar nas suas costas a responsabilidade pela greve, pelos prejuízos que ela vai causar aos alunos. (Niso PREGO, 1986)

Se a gente for verificar historicamente, vai ver que a medicina foi a primeira que começou a se preocupar com a questão das drogas aqui no Brasil, na década de [19]20, já associando o consumo com problemas psicopatológicos e com a criminalidade, e que devia, portanto, ser tratada no campo do direito e com aparato repressivo. Isso traz muito prejuízo para a sociedade, porque leva àquela visão de que a pessoa que consome drogas é doente ou criminoso, ou as duas coisas ao mesmo tempo. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

Na empresa privada, a greve tem um efeito imediato porque para a produção e causa prejuízo ao bolso do patrão. Com o Estado, a paralisação da sua “produção” não é sentida imediatamente. Aliás, ele não sente. E joga a culpa da sua ineficiência nos funcionários. Por isso tudo, no funcionalismo público não dá para pensar somente em termos de funcionalismo x Estado como se fosse uma relação de capital x trabalho. É preciso abrir um pouco essa análise para perceber onde as coisas se cruzam. (Sônia Maria Portella KRUPPA, 1992)

As pessoas que têm uma certa preocupação social precisam entender que, hoje, a escola pública é a única instituição verdadeiramente democrática, no sentido de que o seu acesso é muito mais facilitado do que em qualquer outra instituição. Além disso, não dá para esquecer que ela é um dos únicos instrumentos que temos para formar a cidadania. As primeiras séries do ensino básico, os anos de alfabetização, são fundamentais para o indivíduo. Se não lutamos para que esses primeiros anos de escolaridade sejam muito bem-feitos, o prejuízo é duplo. (Jorge NAGLE, 1992)

[Com o PNLD] autores consagrados foram banidos pelo MEC. É importante ressaltar que a avaliação não prejudicou as editoras e sim alguns autores. Quando o MEC vem a público e diz que o livro de um professor tem erros, sem ressaltar direito se os erros são conceituais ou metodológicos, o autor estará queimado no mercado. É um prejuízo moral. (Wander SOARES, 1998)

O prejuízo de um mau posicionamento ou de uma estratégia errada para a instituição educacional não é imediato. [...] Não basta fazer um *slogan* bonitinho, uma frase bonita para a escola. É preciso ter eficiência, apresentar uma proposta pertinente à educação. Não tenho dúvidas de que muitas instituições educacionais estão pagando hoje o preço de erros de *marketing* cometido em campanhas anteriores e que pagarão no futuro os erros de comunicação que estão cometendo hoje. (Rogério MAINARDES, 2004)

O método tradicional não vai causar grandes prejuízos aos que têm acesso a uma cultura da família, a parentes que tenham o costume de ler. Mas isso mantém o

ensino elitizado – o ambiente cultural acaba suprimindo a necessidade do ensino tradicional. Agora, onde a criança pobre tem uma revista em casa? E essa escola que só trabalha com a cartilha não supre a necessidade desse aluno. (Gilda RIZZO, 2004)

Constatei que discursos inflamados e leis sempre existiram, mas que, na prática, nada era feito pela educação, com raras exceções. Outro problema que se arrasta até hoje é a cultura de benesses: como o governo nunca conseguiu pagar bem os docentes, foram criadas vantagens como licenças, faltas abonadas ou justificadas, comissionamentos e outros privilégios. Tudo isso só serviu para estimular a falta do professor ao trabalho, o que trouxe sérios prejuízos aos alunos. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005a)

A ambição se refere à busca. Buscar melhores resultados, melhor cargo, melhor salário. Isso é bom para qualquer profissional, para qualquer carreira. O prejuízo começa quando a ambição é tanta que causa o que eu chamo de estresse competitivo. É aquela história de que quanto mais se tem, mais se quer. Isso é ruim. O ambicioso que chega a esse estágio já não desfruta suas conquistas, sem contar que se cerca de invejosos – e pode até achar glória nisso. (José Ângelo GAIARSA, 2006)

A escassez de verba pode gerar criatividade e a quantidade de verba pode gerar amplificação e aperfeiçoamento da tecnologia dos programas [da TV Cultura]. As duas coisas são para o bem, não são para o mal. Muito dinheiro pode gerar acomodação, pouco dinheiro também pode gerar um estado de penúria que nos impeça de fazer programas que dão prejuízo, mas são partes da execução da nossa missão. (Fernando José de ALMEIDA, 2007)

[A universidade] tem se aberto mais para a sociedade, por meio de políticas afirmativas, as mais variadas. [...] Nós estamos acompanhando todos os processos em curso e em nenhum caso se constatou qualquer prejuízo acadêmico para a instituição. O que tem chamado atenção é que todos os relatórios convergem para o fato de que as políticas afirmativas, ao contrário do que os críticos originais temiam, têm se revelado um expediente importante de ampliação de acesso sem nenhum prejuízo acadêmico. (Fernando HADDAD, 2007b)

Sempre digo aos meus alunos do primeiro ano do curso de letras que uma das minhas obrigações é tentar fazer com que eles “corram atrás do prejuízo”. Eu lhes dou indicações dos grandes autores, das leituras básicas da tradição literária ocidental, tanto no referente à lírica, como à épica e à dramática. E digo-lhes que eles vão ter que se organizar por conta própria, para poder dar conta do básico. (Regina PONTIERI, 2011)

Atitudes como mentir, “cabular” aula ou roubar objetos de um colega são comuns na infância quando de ocorrência isolada ou pouco frequente. No entanto, quando esses comportamentos tornam-se repetitivos e trazem prejuízos à criança e à sociedade, deve-se pensar em algo patológico, como um transtorno de conduta, o qual se caracteriza por quebra contínua de regras da sociedade por parte da criança e do adolescente. Agressão a pessoas, animais, destruição de

propriedade, depredação, roubos, etc., são exemplos desse tipo de transtorno. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Apenas uma pequena parcela do que se ensina hoje ajuda as crianças a ser autônomas. Todo o resto são palavras que parecem não servir para nada, que não fazem sentido para os estudantes. Decoramos tudo isso porque somos coagidos, ficamos com medo de receber uma nota ruim ou de reprovar. Essas situações podem causar prejuízos por um tempo muito longo. Eu, por exemplo, passei por isso e até hoje tenho medo de dar uma resposta errada! (Constance KAMII, 2015)

Se esse problema [o déficit de professores] não for visto de forma orgânica, não conseguiremos enfrentá-lo, o que ocasionaria um prejuízo muito grande na formação das próximas gerações. É uma profissão pouco atrativa do ponto de vista financeiro. Chegam a falar que, se nada der certo, a pessoa pode ir dar aula. Isso tem a ver com a atratividade. Não temos uma política de reconhecimento e valorização desse profissional, em todos os níveis. (Mônica Gardelli FRANCO, 2017)

CORRUPÇÃO

A FAE [Fundação de Assistência ao Estudante] acabou ficando, por conta de alguns maus dirigentes, com a fama de ser um órgão ligado ao desperdício e também à corrupção. Havia um grande mal, a centralização, que provocava perdas por desperdício e facilitava a corrupção. Então, descentralizar é uma maneira de se usar melhor o dinheiro público. (José Luiz PORTELLA, 1995)

Eles [Banco Mundial] queriam fazer licitação para livro didático. Nós explicamos que íamos fazer avaliação do livro didático. Eles tinham aquela visão de que aqui no terceiro mundo há corrupção em tudo e que é preciso licitação sempre. Mostramos que o livro didático não podia ser assim e fizemos do nosso jeito. E hoje, eu diria, o Brasil serve de exemplo para o resto do mundo. (Paulo Renato SOUZA, 2002)

A corrupção muda prioridades. Para começar, a prioridade – como vínhamos falando – não é aprendizagem, mas gestão de instituição. Quando você adiciona mais um vetor nesse processo, a corrupção, cria-se uma nova dimensão de prioridade. E a prioridade visa atender quem está aceitando a corrupção para atender a algum interesse partidário, individual ou seja o que for, mas não a aprendizagem do aluno. Isso tem sido o empecilho do nosso crescimento. (John Edwin MEIN, 2005)

O objetivo da educação é sempre oferecer algo interessante e intelectualmente desafiador para os alunos. Funcionou em praticamente toda a história da humanidade, e não vejo por que não funcione agora. Colocar incentivo monetário [aos alunos] é, em parte, uma corrupção da ética do sistema educacional. Confesso que sou pragmático, e acho que é preciso esperar e ver se a iniciativa gera ganhos extraordinários, o que acho difícil, mas posso estar errado. (Gustavo IOSCHPE, 2008)

Entre todas as pessoas que estiveram envolvidas em corrupção e desvio do erário nos últimos anos no Brasil, 99% possuem nível universitário. Eles são doutores, fizeram MBA. A proposta de nossa escola doentia leva a cidadãos desse quilate. [...] Precisamos de formação para quê? Gente esperta ou gente ética? Gente honesta ou que vai aprender a enganar o outro? Gente que quer vencer a qualquer custo ou de forma solidária? (Tião ROCHA, 2008)

Talvez o fenômeno mais prejudicial nos dias de hoje nas mentes e nos corações das crianças e de todos seja o sentimento generalizado de que a corrupção, tão desenfreada na vida das sociedades democráticas, não pode ser superada. [...] A corrupção gera o ceticismo, que, por sua vez, pode sublinhar o cinismo que estamos percebendo na atualidade, atingindo em alguns lugares um senso de nihilismo e desalento. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

Os meios de comunicação educam ou deseducam, embora muita gente não os veja assim. Pouco pode fazer o professor se a mídia educa as crianças no sentido contrário do desejado. Os sistemas políticos também são sistemas de aprendizagem e, se eles são corruptos e os cidadãos sabem disso e aceitam, educa-se na (e para a) corrupção. Nesse contexto, pouco pode fazer a escola com um programa de valores éticos. (Rosa María Torres del CASTILLO, 2011)

Uma questão que está no PNE e que me parece fundamental é a articulação em torno de um sistema nacional de educação. Isso pode começar pelos municípios, numa relação mais horizontal de arranjos e outros formatos podem ser implementados de forma gradativa. Mas o básico é pensar uma gestão melhor dos recursos. Isso envolve menos corrupção e melhores ferramentas administrativas, mas envolve também uma melhor qualificação dos professores. (Maria Alice SETUBAL, 2013)

Em São Paulo, de 640 municípios, mais de 150 abrem mão de receber gratuitamente o livro didático para comprar sistema [de ensino privado]. [...] Todos os grandes grupos que vendem livros didáticos têm também sistemas de ensino. É mais rentável, menos controlado, o vendedor fala direto com o prefeito, quando muito o secretário de Educação, não passa pelo crivo da avaliação de uma universidade, fica passível de corrupção. (Célia Cristina de Figueiredo CASSIANO, 2014)

Se um adolescente não quiser mudar o mundo, é porque está doente. Eles têm uma ânsia de saber, mas quando ficam maiores, desenvolvem o senso crítico, ao passo que tudo que encontram no mundo querem mudar, e é graças a isso que o mundo avança. [...] Queremos que os adolescentes sejam rebeldes, mas com uma rebeldia boa, que mudem o que é ruim na sociedade, acabem com a corrupção, a falta de valores e de compromisso. (Alfonso AGUILÓ, 2015)

Nossos sistemas estatais de controle de qualidade de cursos, de evolução oferecida pelo curso, de ranqueamento são um óbvio estímulo à corrupção. Uma escola que, dentro da lei, escolhe, seleciona ou segrega os melhores alunos para o ENEM, obtendo assim resultados que podem ser usados como propaganda, está obviamente realizando o que eu chamo de “corrupção dentro da lei”. (Christian DUNKER, 2015)

E outro assunto que eles [participantes dos *black blocs*] falam é que é uma violência objetiva contra os símbolos do sistema, do governo, do capitalismo. Quando eu jogo uma pedra contra a vidraça de um banco, a ideia é simbolizar que o vândalo é o banco, que tem juros altíssimos, e não eu que jogo a pedra. Quando picho o prédio da Assembleia Legislativa de São Paulo, eu não sou vândalo, quem é vândalo são os políticos que são corruptos. (Esther SOLANO, 2015)

Quando dava aula na Universidade de São Paulo, que é pública e não cobra mensalidade, percebi que poucos alunos tinham consciência de que eles eram pagos para estudar. Sem essa consciência, que não provém da falta de informação, mas sim da falta de reflexão, eles também não tinham a consciência de que estudar seriamente nada mais é do que uma obrigação para com a população que, com seus impostos, financia seu aprendizado. Ser aluno relapso em uma universidade pública não deixa de ser uma forma de corrupção, pequena talvez, mas corrupção mesmo assim. (Yves de la TAILLE, 2015)

Acredito que o país precisa pensar um pouco sobre o padrão da infraestrutura adequada para a educação. Isso envolve dinheiro, envolve regularização do Estado e envolve uma luta contra a corrupção. Porque, na verdade, uma boa infraestrutura escolar precisa de uma gestão educacional sem corrupção, para

que, quando você pagar algo em uma escola, a resposta venha com qualidade. (Abdeljalil AKKARI, 2016)

Há muita dificuldade de gestão no setor público. Você tem de formar o diretor de escola. E há uma oposição grande de setores que, com pretextos ideológicos, dizem que isso significa privatização da escola. O MEC oferece grande número de recursos às escolas, mas o diretor tem de saber pedir, aplicar e prestar contas. Se não souber, ou deixa de pedir algo de que precisa, ou pede e não executa, ou executa e depois não faz prestação de contas adequada. Isso quando não há corrupção. (Renato Janine RIBEIRO, 2016)

RISCO

[O trabalho com adultos] nem sempre acaba sendo feito como deveria, porque há casos de professores que não o compreendem perfeitamente e aplicam um Paulo Freire *light*, sem análise social, onde as palavras geradoras não surgem dos próprios alunos em seu contexto, mas é ele, professor, quem as impõe. Esse é o risco que corremos, o de que, afinal, Paulo Freire seja um método editado em livro, quando na verdade o método Paulo Freire vai muitíssimo mais além, é muitíssimo mais revolucionário. (Antonio Moreno MONTERO, 1991)

Os sistemas de comunicação cada vez mais rápidos não são bons nem maus em si mesmos – não mais do que o rádio ou o telefone são inerentemente bons ou maus. O risco é que receberemos tantas mensagens, tão rapidamente, com tão pouco controle de qualidade, que não poderemos nos sentar calmamente e avaliar o que é importante, a que devemos prestar atenção e o que devemos ignorar. Mas sempre nos resta o poder de desligar a máquina. (Howard GARDNER, 1997b)

A ideia de [Emilia] Ferreiro é velha porque parece ruim haver diferença entre a vida real e a escola. E, claro que não deve haver uma grande diferença. Mas alguma, sim. Na escola há uma situação social real para a aprendizagem. Lá pode-se correr riscos e cometer erros. Um jornal serve para informar as pessoas. Se você o leva para a sala de aula, ele não está lá mais para esse fim, mas para ser aprendido. Queiramos ou não, não é mais o mesmo contexto social. (Bernard SCHNEUWLY, 2002)

Não adianta fazer de conta que essas coisas [abusos, violência etc] não acontecem no local de trabalho. A educação acaba sendo uma profissão de risco. É esse tipo de conjunto, de agregado social que efetivamente os professores têm de trabalhar. Como é que o educador faz da aula um espaço de conhecimento onde o que se transmite pode ser útil para melhorar as relações sociais e o entendimento dos alunos com a sociedade. (Álvaro CHRISPINO, 2003)

Já não basta alfabetizar todos os cidadãos. E esse continua sendo um grande desafio! Agora é preciso ajudá-los a utilizar o conhecimento, não apenas a obtê-lo. Temo que as diferenças na distribuição social do conhecimento, longe de ser reduzidas, o que deveria ser a meta da educação em uma sociedade democrática, tendem a aumentar, e isso coloca a educação pública em uma posição de extremo risco: converter-se em um espaço de assistência social, mas não de gestão do conhecimento. (Juan Ignacio POZO, 2005)

Maria [mãe de Jesus] usou diversos princípios importantíssimos e que são capazes de irrigar o território da emoção e expandir os horizontes da inteligência. Por exemplo, Maria vivia a vida como um contrato de risco e ensinava que quem vence sem risco sobe no pódio sem glória; ela era rápida em agradecer e corajosa no agir; usava a intuição para dar respostas inteligentes em situações tensas. (Augusto CURY, 2007)

Qualquer pessoa pode se matricular na Educação de Jovens e Adultos. Dessa maneira, existe o risco de que as prefeituras matriculem toda a população mais velha da cidade, apresentando um número de matrículas inflado artificialmente.

Obviamente, muitas pessoas não irão cursar a EJA, a evasão será grande e os gastos serão mal direcionados. (Naércio Aquino MENEZES FILHO, 2007)

Estamos em um mundo dominado pela tecnologia e ao que está a ela associado. Por isso, os divulgadores da ciência que se preocupam com esta questão apontam o risco do analfabetismo científico, uma expressão que significa falta de acesso ou mesmo a dificuldade do entendimento, de apreender o conhecimento disponível atualmente. O resultado disso é ficar à margem do que a sociedade oferece, podendo ser até mesmo manipulado pelas tecnologias avançadas. (Virgínia SCHALL, 2007)

Há esse risco do efêmero, de que as ocorrências, achados e reflexões docentes, que ocorrem o tempo todo, se não forem organizadas ou sistematizadas, transformadas em escritos, se percam. Nesse sentido, é importante criar alguns espaços – e que eles não se burocratizem, pois esse é outro risco – para que esses escritos revitalizem a qualidade escolar e a reflexão sobre o que se faz no cotidiano da escola. (Cecilia BAJOUR, 2010)

O ENEM é uma ferramenta para o ingresso na universidade. Se todos se basearem nisso, significa que queremos todos os alunos na universidade? Além disso, temos capacidade de oferecer educação superior a todos? E é um risco real formar um tipo de aluno voltado apenas ao vestibular, especialmente num momento em que cresce a demanda para o ensino técnico. (Thiago PEIXOTO, 2012)

As mudanças [nas regras do Fies] foram como sopa no mel para os mantenedores de instituições particulares. Acostumados a reclamar das altas taxas de inadimplência e vivendo um período de mudanças que não favoreciam muito o setor, eles viram no Fies a opção segura para garantir suas taxas de crescimento. Com o investimento público, o setor privado não corria mais nenhum risco. Caso o aluno evadisse, já haveria recebido o pagamento do governo, que ficava com o ônus. (Helena SAMPAIO, 2015)

Alguns estudos sobre o vício das crianças em telas *touch* levantaram opiniões sobre os riscos dos novos brinquedos conectados, que produzem comportamentos que remetem ao autismo. Os psicólogos mostraram também que a abstinência possibilitava uma rápida retomada das relações normais com o entorno, o que parece evidenciar a fragilidade, mas também a flexibilidade das crianças se intervimos rápido o suficiente para protegê-las. (Anne-Marie CHARTIER, 2018)

[A sociologia e a filosofia] nos ensinam sobre o mundo, incluindo o nosso país. Além disso – coisa muito importante – formam o espírito crítico. Precisamos de sociólogos e de filósofos que analisem muitas coisas, e em primeiro lugar o Brasil, que nos forneçam análises e dados rigorosos sobre o que se passa entre nós. Mas, acima de tudo, precisamos de gente com espírito crítico e lucidez suficiente, entre outras coisas, para garantir a democracia. Ela corre risco. (Ruy FAUSTO, 2019)

Houve falhas, deixamos coisas importantes pelo caminho, mas a educação brasileira apresentou avanços inegáveis de 1992 a 2018. Se as questões que colocamos não forem encaradas com seriedade, há o risco de ocorrer algo catastrófico, que parecia impensável: a regressão a um estágio ainda pior. O antropólogo, sociólogo

e filósofo francês Edgar Morin diz que, no século XXI, a Educação deve preparar o ser humano para ser, ao mesmo tempo, um cidadão local e mundial. O governo atual ignora esses princípios da mundialização. (Murílio HINGEL, 2019)

Professor, no Brasil, é alguém com uma atividade desgastante, geradora de trabalho em casa e, muitas vezes, envolvida em algum risco. Remunerá-lo melhor vai aprimorar a educação em um pulo? Claro que não, mas atrairá gente qualificada. Porque envolver um profissional em todos esses problemas e limitações e ainda dar remuneração baixa é pedir para os bons escolherem outro caminho. Por ganhar pouco, o professor pula de escola em escola. (Maria Alice SETUBAL, 2019)

AMEAÇA

Os jovens dizem que usam a escola mais como um ponto de encontro, um lugar onde podem estar com os amigos. As escolas deveriam se apropriar desse desejo, abrir seus portões nos finais de semana e passar a ouvir esses jovens, colocando no currículo as necessidades dos estudantes. Isso seria uma revolução. A escola resiste em se abrir para esse modelo porque os professores não sabem lidar com as drogas, a fé, a informática, a música. Tudo o que o jovem traz é ameaçador para a escola. (Maria Alice SETUBAL, 1999)

[A avaliação] está sempre relacionada com o poder na medida em que significa controle. Num modelo tecnicista, em que se privilegia a atribuição de notas e a classificação dos estudantes, ela é ameaçadora, uma verdadeira arma. O poder está no cerne da avaliação e pode ser um instrumento de dominação, despertando medo. Por outro lado, ela pode promover o bem comum. (Mere ABRAMOWICZ, 2001)

Também há muita violência dentro da escola. Alunos entram com armas, há brigas de gangues, espancamentos, ameaças reais, estupros, vinganças. Existe de tudo, desde situações mais simples, como furar o pneu do carro do professor, até ameaçar matar alguém da família. Pode ser a razão mais banal do mundo – a nota num exame, a forma de olhar, não importa. E os alunos ameaçam muito mais os professores do que o contrário. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

Nunca houve antes na história de nossa civilização uma ameaça de mudança em tal magnitude. Iniciado o processo de desenvolvimento tecnológico, não se pode prever limites a longo prazo. O que é possível balizar é o conhecimento que o homem pode construir sobre o uso e os aproveitamentos dessas invenções. É preciso pensar desde as possibilidades de um joguinho compartilhado em um *chat* com avatares programados em três dimensões, em ambientes de realidade virtual, até simulações em laboratórios. (Léa FAGUNDES, 2003)

Qual é o propósito do dever de casa? Deveria ser para treino, prática. Por que estamos dando notas em treino? Você não deveria ter que me dar uma chance de aprender primeiro, para depois me julgar? O dever de casa é avaliação formativa, na qual você pratica sem ter a ameaça de uma nota pendendo sobre sua cabeça. Como escritor, você não quer que a primeira versão do seu texto seja submetida ao editor. Mas nós fazemos isso com as crianças! (Dale ARMSTRONG, 2004)

Há o medo como reação neurológica, quando se está diante de uma situação de ameaça real, como a de ser atacado. Nesse caso, o corpo reage natural e automaticamente para se defender ou fugir. Mas esse tipo de reação pode ser ativada por uma interpretação do que está acontecendo, que pode ser falsa. Esse mecanismo de fugir-lutar foi muito importante na evolução do ser humano, mas, hoje em dia, há poucas situações de ameaça real. A maioria delas é de origem psicológica, vem de uma interpretação. (Roberto ZIEMER, 2005)

A Educação pode focar em alternativas de ensino que possam lidar com a violência e recursos psicológicos para ajudar as crianças a lidarem com as ameaças postas pelos traumas crônicos. [...] As escolas podem ser centros para lidar com traumas, ao reconhecer e intervir nos maus-tratos às crianças (a maior

“causa social” de comportamento violento delinquente das crianças) e ao ensinar como resolver conflitos de maneira não-violenta. (James GARBARINO, 2008)

O superprofessor existe, mas nem todo mundo é super-homem. O educador encontra muitos problemas em sala de aula, não consegue dar conta disso, e o pior: está sozinho. Ele fica com todos os problemas, não consegue resolver e arranja fugas, como a falta. Ele é cobrado, mas ninguém questiona seus motivos. Ponha-se no lugar dele: o que você faria se fosse ameaçado por um aluno? O que você faria se não conseguisse resolver um problema de cognição do seu aluno? A quem você recorre? (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Parece-me que o perigo que mais ameaça as escolas no mundo inteiro é o abandono escolar. Muitos alunos pensam que a escola não é útil para conseguir um emprego. Eles pensam também que a cultura escolar é muito distante da experiência social deles, enquanto a imprensa parece responder a tudo. Enfim, quando eles fracassam, eles se tornam hostis à escola que os desqualificou. (François DUBET, 2010)

Ainda que os jovens sempre tenham representado uma categoria ambígua, atualmente eles estão sendo atacados de modos totalmente novos, porque hoje enfrentam um mundo muito mais perigoso do que em qualquer outra época da história recente. Como assinala o jornalista francês Jean-Marie Durand, conforme a guerra e a criminalização dos problemas sociais tornam-se um modo de governar, os jovens não são mais considerados o futuro do mundo, e sim uma ameaça a seu presente. (Henry GIROUX, 2010)

O sentido da juventude tem mudado ao longo do tempo. Desde o final dos anos 1950, e mais fortemente nos anos 1960, o mundo ocidental assistiu a uma valorização da juventude, de um lado, como portadora de futuro e inovação e, de outro, como uma ameaça, exatamente por sua atitude questionadora e sua exigência ética de uma “vida verdadeira”. (André LÁZARO, 2010)

A ameaça dos *lobbies* dos grandes grupos empresariais é absolutamente real. Há instituições filantrópicas na área de educação especial, o que pode enfraquecer a proposta de educação especial inclusiva. Outro, fortíssimo, são os grandes cursos que tentam manter a destinação de recursos públicos para a esfera privada, como o ProUni. São questões a se ficar de olho no Congresso. (Idevaldo BODIÃO, 2011)

O conflito armado pode ser um ingrediente essencial para a criação dos coletivos sociais. Ou seja, é a ameaça externa que força a unidade interna. O conflito também origina o espírito de sacrifício, essencialmente único no comportamento humano. Simplificando, o nosso melhor e o nosso pior surgem simultaneamente durante os conflitos armados. (Miguel CENTENO, 2014)

É difícil imaginar mesmo como um professor pode estar estimulado a trabalhar se chega em uma escola onde predomina a anomia, o desrespeito, a agressividade, uma situação que vai da falta de consideração às ameaças físicas e verbais. Você imagina o que é trabalhar assim tendo feito graduação, especialização e sabendo que você ganha menos do que o resto das pessoas com a mesma formação? (Maurício Holanda MAIA, 2014)

No MEC, estão mais preocupados com ideologia, em dar respostas ideológicas sem qualquer conhecimento ou respaldo técnico, apenas para satisfazer politicamente seus grupos de apoio. Em vez de convocar o setor para o diálogo, o ministro anterior se limitou, e o atual se limita, a pressionar reitores, educadores, gestores educacionais e os brasileiros com uma sucessão de ameaças despropositadas. E também de atitudes menores, inócuas, que poderiam ser risíveis não fossem constrangedoras. (Murílio HINGEL, 2019)

PERIGO

Um dos perigos do atual momento é que as autoridades políticas e culturais andam dizendo que a escola deve assumir novas responsabilidades com relação à sociedade. E eu me pergunto: será que as responsabilidades genuínas da escola já foram cumpridas ou estão sendo cumpridas adequadamente? Será que é conveniente acrescentar-lhe novas responsabilidades, quando sequer as suas próprias estão sendo cumpridas, para um grande contingente de crianças que ainda não tem acesso à escola obrigatória, nem a frequenta em boas condições? (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Eu não gosto do termo “educação especial”, não gosto da palavra “especial”. Quero aboli-la, porque a palavra “especial” segrega. [...] Esse tipo de linguagem provoca um estigma, e acontece a mesma coisa com “deficiência” ou “questões de deficiência”. Então o perigo, o grande perigo, é o de criar na mente dos estudantes a ideia de que educação especial requer muito treinamento, e de que é feita por *experts*, por especialistas, e de que há escolas especiais por toda parte para essas crianças. (Peter MITTLER, 1999)

O problema que se coloca é o da distinção entre cultura erudita e cultura popular. É uma coisa extremamente perigosa. [...] Existe uma certa demagogia que enaltece a cultura popular unilateralmente. Quase uma visão de folclore. Quem insiste muito nisso está implicitamente achando que o povo tem de ficar confinado a essa cultura de São João, cururu etc. Enquanto isso, Shakespeare e Camões ficam para nós, a elite. (Antonio CANDIDO, 2002)

Por um lado, este é um momento muito interessante [para a educação infantil], pois está sendo dada muita atenção à criança. Por outro, é um momento um pouco perigoso, porque toda essa atenção está alimentando um negócio, mesmo por parte de quem não tem tanta experiência, sobretudo nas creches. (Susanna MANTOVANI, 2003)

Há o currículo do professor como profissional e o currículo disciplinar para o aluno. Quanto ao primeiro, parece-me excessivamente considerado, numa época em que vivemos o perigo de que exigências curriculares progressivas tornem-se mais uma forma de vender educação de má qualidade do que de formar profissionais de boa qualidade. O descaso com o tema é uma prova da patologia social a que chegamos. (José Ernesto BOLOGNA, 2004)

Quando foram encontrados os primeiros fósseis de dinossauro e se perguntava por que eles tinham desaparecido da Terra, a resposta era: porque não couberam na Arca de Noé. Esse tipo de dogmatismo religioso é extremamente perigoso. Se a escola questiona a ciência e o seu valor, mina a possibilidade de as crianças crescerem como cidadãos livres. Elas vão ficar escravizadas ao obscurantismo. E isso é um crime. (Marcelo GLEISER, 2005)

Em relação aos meninos, que, principalmente na adolescência, querem se tornar musculosos para se exibirem como homens, o perigo está na tentação em tomarem “bombas” – que eles chamam de suplementos vitamínicos, mas que, na verdade, são anabolizantes. Sabe-se dos notórios efeitos maléficos que essas substâncias podem causar ao organismo de quem as ingere. O problema é que o

ideal de beleza masculino é o de ter uma musculatura hipertrofiada. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

Por um lado, a merenda orgânica é interessante, por outro, não está isenta de perigos, podendo causar contaminações perigosas. O orgânico usa como fertilizantes produtos que também são orgânicos. Podem ser fezes de animais que, mesmo tratadas, podem não ser tão bem tratadas e gerar risco de uma contaminação bacteriana, por exemplo. São poucos os produtos que têm o certificado orgânico, que garante o tratamento adequado. (Silvia COZZOLINO, 2008)

O maior desafio da escola e da educação de hoje está no perigo do perder de vista que seres humanos não se educam para serem adestrados, informados, capacitados e, assim, serem tornados competentes-competitivos cujo destino esgota-se no mercado, e não na vida social; no mundo dos negócios, e não no mundo da vida. Vivemos “tempos líquidos” em que, do amor à escola, a cada dia mais todas as coisas que acontecem devem ser rápidas, funcionais, pragmáticas e instrumentais. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Eu chamo atenção no livro [*Professor: vida, morte e ressurreição*] sobre os perigos desses chavões. Preparar para que vida? Essa preparação é da própria vida. A escola é parte da vida, e não pode ser a responsável por esse “treinamento”. A escola precisa estar na vida. Isso basta para que ela seja real. Preparar para que mercado? Para o mercado consumidor? Para ser um dócil funcionário que “veste a camisa” adaptado ao contexto neoliberal? O mercado precisa ser desvelado. (Júlio César FURTADO, 2010)

A tecnologia também pode ser usada como um instrumento de vigilância e de controle. Há potencialmente um grande perigo aí. Trabalhei por bastante tempo com a formação de professores e uma das coisas que está clara é que o bom ensino acontece quando os professores são donos daquilo que eles querem ensinar, quando dominam o conteúdo e sabem por que ele é importante, incentivando os alunos a aprender. E o ensino ruim acontece quando o professor está apenas seguindo uma rotina, uma série de procedimentos. Isso parece Educação, mas não é. (David BUCKINGHAM, 2011)

[As crianças] dizem gostar de algo, mas não conseguem expressar o motivo. Nesse ponto, o maior perigo é elas tentarem copiar as ideias dos adultos. Portanto, quando entregamos um livro a um pequeno e pedimos que elabore uma crítica, temos de ser cuidadosos e simplesmente pedir “conte-me um pouco sobre ele”. Assim, poderemos obter uma resposta verdadeira e aí cabe ao adulto interpretá-la. Por isso, reforço que é preciso saber escutar a garotada. (Peter HUNT, 2011)

[A neuroeducação] é uma área nova, por isso também sujeita a deturpações e oportunismos. Como apresentar uma cura para tudo ou colocar muitos comportamentos como doenças. A neuroeducação é um campo emergente e está sujeito a apropriações, esse é o grande perigo e o grande destaque que eu gostaria de fazer. Muitos estão usando esse termo neuroeducação para se aproveitar e divulgar métodos extraordinários, facilidades para aprendizado e assim por diante, o que na maior parte das vezes não é verdade. (Alfred SHOLL-FRANCO, 2013)

Os educadores são os responsáveis pela segurança e pelo bem-estar das crianças quando estão na escola. Por isso, é compreensível a adoção de cuidados para evitar que se machuquem. [...] Bom senso, conhecimento do grupo com o qual se trabalha e consciência dos perigos que o ambiente oferece (pisos escorregadios, escadarias, móveis, entre outros) são condições indispensáveis para realizar as atividades de ensino envolvendo as práticas corporais sem que isso represente qualquer perigo para as crianças. (Marcos Garcia NEIRA, 2017)

O *WhatsApp* é tanto para o bem quanto para o mal. Porque uma questão que é pequena, mas quando você coloca em debate e os ânimos vão se acentuando, você pode destruir alguém. No *WhatsApp* rola conversa para falar mal da escola como também para trocar acusações sobre os alunos. Isso é uma coisa muito perigosa, especialmente se não há uma mediação. Acho que o *WhatsApp* traz um imediatismo que é prejudicial, precisamos de tempo para poder dialogar e entender de fato o que está acontecendo antes de sair no julgamento. (Tereza PEREZ, 2019)

VIOLÊNCIA

Quando se fala em violência, no entanto, deve-se levar em conta a violência contra o professor e a que é ocasionada por ele. Somadas, há uma grande violência psicológica na educação, que afeta diretamente a noção de ensino-aprendizagem. O impacto é gigantesco. Mas não adianta lutar com repressão. A forma mais efetiva é por meio de ações preventivas – são mais eficientes e menos custosas. Um interno na Febem custa R\$ 1.500, o Bolsa-Escola custa dez, quinze vezes menos. (Jorge WERTHEIN, 2001)

Quais são as violências que acontecem, quem são os envolvidos, a que horas tal tipo de violência mais ou menos explícita acontece, essas manifestações de violência são entre alunos ou com professores? Faz-se um mapeamento da violência da escola para que se possa reunir a equipe e definir o perfil da instituição. Depois, precisa ser feito um plano de ação, um planejamento para que as pessoas saibam como agir em casos de emergência. De nada adianta a tecnologia das câmeras, portais eletrônicos se as pessoas não estão preparadas para lidar com a violência. (Álvaro CHRISPINO, 2003)

A violência não é dos jovens de elite. A violência é da própria elite brasileira. Uma elite incapaz de fazer uma política econômica e social verdadeiramente redistributiva e autopromotora. Uma elite incapaz de enxergar qualquer coisa que não seja seu interesse particular e imediato. [...] Resumindo, a violência individual e grupal dos jovens da elite chega a me parecer muito pequena, residual mesmo, quando comparada à violência estrutural da própria elite. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

Se não conseguirmos impedir que as sociedades nacionais sejam totalmente repletas de violência, [...] se não pudermos impedir a atmosfera de violência e guerra que respiramos diariamente (seja na televisão, que mostra a injustificada guerra no Iraque, seja nos jogos eletrônicos, que exaltam a morte e a matança), então jamais seremos capazes de lidar com a crescente instabilidade e “ingovernabilidade” das sociedades democráticas. (Carlos Alberto TORRES, 2005)

Já existe violência demais na sociedade para que ainda a divulguemos através dos jogos violentos. Não parece coerente incentivá-la através dos jogos. Os jogos violentos tendem a legitimar a violência, a vê-la como algo “normal” e inevitável na vida. As pessoas aprendem, entre outras maneiras, por imitação. Está comprovado que muitas crianças reproduzem comportamentos violentos que viram nos videogames ou em determinados programas de televisão. (Xesús R. JARES, 2006)

A violência é tanto uma forma básica de entretenimento quanto uma característica central da força educacional da cultura mais ampla. E ela reverbera bem com uma ideologia dirigida pelo mercado, que é implacável e cruel. Atualmente, a maioria das crianças cresce em uma cultura que imita os *reality shows* da televisão, com sua guerra contra todo o sistema de valores. A violência vai continuar nas escolas enquanto ela continuar na sociedade mais ampla. (Henry GIROUX, 2010)

Em primeiro lugar, deve-se evidenciar que a violência existe. Muitas vezes ela é ocultada ou maquiada, porque há a ideia de que as crianças não devem saber sobre ela. Um exemplo foi o incêndio de uma creche no México em que 49 crianças morreram e outras ficaram feridas. Três meses após o ocorrido, fomos à escola, perguntamos aos professores sobre o incêndio e ninguém queria falar sobre o assunto. Mas os alunos tinham problemas de reprovação, muitos deles haviam perdido irmãos, vizinhos, amigos. Os professores diziam: “já passou”. (Guillermo ANGULO, 2011)

Metodologicamente, é problemático colocar a pessoa num lugar isolado, mostrar vídeos com imagens descontextualizadas de violência e então perguntar: “Você se sente violento?”. As pessoas assistem a filmes de maneiras muito diferentes na vida real e num laboratório de Psicologia. Outro problema dessas pesquisas é que não se pode estabelecer, com clareza, uma relação causal: é a mídia que gera violência ou é uma disposição à violência que leva a pessoa a procurar conteúdos violentos? (David BUCKINGHAM, 2011)

No caso das [escolas] particulares, temos casos de *bullying*, ameaças, agressões e *cyberbullying*. A violência nas escolas públicas normalmente está ligada ao tráfico que está no entorno ou na própria escola. Agressões são muito presentes, danos ao patrimônio público, ameaças e intimidações são violências corriqueiras. O aluno vive em uma situação muito difícil, sem dinheiro, sem condições de atendimento básico de saúde, sem acesso à internet ou a recursos financeiros mínimos para ter boa sobrevivência. E traz tudo isso para a sala de aula. (Antonio Ozório NUNES, 2011)

De fato, há situações difíceis de resolver. Até porque elas refletem violências praticadas fora do âmbito educacional. É interessante não agir sozinho, procurar ajuda e se apoiar nos colegas, na equipe gestora e na comunidade. Não é fácil nem imediato, exige disposição, crença no que se está fazendo e uma cultura de resolução pacífica de conflitos. Só não é adequado recorrer a instituições como a polícia ou o Poder Judiciário, porque, assim, seguiremos sem ensinar os estudantes a autorregularem-se. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2013)

A lei [Menino Bernardo] é fruto de uma discussão de bastante tempo. Em 2010, veio outro projeto, determinando que as crianças e jovens não fossem educados e cuidados com castigo. Ele foi aprovado em junho de 2014 e mudou o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ele foi apelidado de Lei da Palmada, apelido que considero errado, pois não se trata da proibição da palmada pura e simplesmente – a lei veio para contribuir com uma mudança de olhar e incide sobre todo tipo de violência, não apenas física. (Milena ARAGÃO, 2015)

Quanto mais agressividade você vive, mais tolerante a esse sentimento você se torna. Tem um aspecto que a gente chama de neurônios espelho, como quando alguém boceja e nós temos a reação instintiva de bocejar também. O cérebro ensaia mentalmente muitas ações que ele observa no meio como uma forma de deixar um estado de prontidão. Se eu estou vendo violência o tempo todo, meus neurônios espelho estão ensaiando situações de violência, o que se torna uma resposta comum. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

O conflito, do ponto de vista do Estado, é a manifestação da ordem democrática. Deve ser respeitado como forma de liberdade de expressão e manifestação individual de sujeitos e de classes. Todavia, o conflito não se confunde com a violência. Esta é a perda de condições de gerir o conflito, sem direcioná-lo para ser provocador de mudanças. A violência não é manifestação democrática; em vez disso, é a usurpação de força, da liberdade de divergir, de discordar, de sentir de modo diverso. (Francis Rabelo COUTINHO, 2018)

Em comum, essas experiências [de violência letal] abalam o que chamamos de “mundo presumido”, a forma de ver o mundo e de nos vermos nele. Você acha que a escola é um lugar seguro, vai lá para estudar, se desempenha mal ou bem em determinada disciplina, fica com os amigos, é legal. Isso é o mundo que você conhece. Uma violência desse porte chacoalha, tira tudo do lugar. Algumas certezas que você tem e a norteiam na vida, já não tem mais. Os sentimentos estão misturados: raiva, medo, tristeza. O que fazer com eles? (Maria Helena FRANCO, 2019)

O problema da violência e do clima escolar é uma grande preocupação que não podemos ignorar. Por muito tempo investigamos o que acontece na ponta do *iceberg*, mas, para erradicar a violência, é preciso entender a causa. Uma questão-chave é entender a sociedade como resultado da interação: a pessoa que exerce a violência não está sozinha: estabelece-se um discurso que vende a violência como um sucesso social – se não rompermos com a ideia, é difícil mudar. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2019)

TRAGÉDIA

Normalmente, o que existe de História da Ciência nos livros escolares é uma tragédia. Resume-se a nomes de cientistas, algumas datas e alguns títulos de descobrimentos. Então, informa-se que Newton descobriu a lei da gravitação universal e Mendel, as leis da genética. E, eventualmente, quando isso ocorreu. A visão que os textos passam é que existem grandes cientistas que, de repente, resolvem alguma coisa. (Roberto de Andrade MARTINS, 1998)

[No jornalismo] quando se aborda a solução para um problema – vamos citar, por exemplo, o trabalho infantil – quando se mostra que num determinado local um projeto está rompendo com um ciclo histórico de exploração da mão-de-obra infantil, inevitavelmente é preciso incluir os dados da tragédia: quantas crianças ainda existem no trabalho infantil, qual é a realidade do País. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

Em vários aspectos 11 de setembro não foi diferente de alguns assassinatos escolares em Nova York e das famosas ondas de assassinatos em Jonesboro, Arkansas, Littleton, Colorado, Springfield e Oregon, que se tornaram emblemas mundiais de violência e ensino escolar. Em todas essas escolas, os assassinatos em massa foram uma surpresa. E, na esteira dessas tragédias, as escolas tiveram de responder imediatamente às consequências da violência e do trauma coletivo. (Peter LUCAS, 2002)

Um bom projeto pedagógico para crianças e adolescentes “vítimas de desigualdades sociais” é aquele em que as pessoas de classe média dizem “gostaria de ter tido uma educação assim”, ou então “essa é a educação que eu sonho para meus filhos”. Resumindo, enquanto o Estado e a sociedade brasileiros não tiverem clareza sobre o que fazer com os filhos dos pobres, vamos continuar nossa tragédia secular de reprodução intergeracional da pobreza, da ignorância e da brutalidade. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

Necessitamos de profissionais que façam coisas porque sabem como se faz, mas que também tenham vontade de ensinar o aluno a superar problemas por si mesmo. O trágico da situação atual é que muitos colegas e muitas escolas querem fazer isso, mas continuam pensando com critérios do século XIX, impedindo as mudanças. As escolas ainda agem como se não existissem os meios de comunicação, por exemplo. (Inés AGUERRONDO, 2004)

Hoje, o Brasil tem 65 milhões de trabalhadores acima de 18 anos que não têm o ensino médio. Do ponto de vista de país, isso é uma tragédia. Do ponto de vista econômico-financeiro, as pessoas que hoje não têm ensino médio estão quase que obrigadas a trabalhar na informalidade. Aparentemente, o Estado é o único que não reconhece a obrigatoriedade do ensino médio, porque qualquer outro emprego exige ensino médio. (Antonio Ibañez RUIZ, 2004)

As escolas não têm método, as pessoas não sabem como alfabetizar. Isso tudo faz com que os alunos de classe média, de classe média-alta, aprendam em casa, com o pai, de qualquer jeito, enquanto nas famílias mais pobres, menos educadas, nas quais não há o hábito da leitura em casa, os alunos se tornem analfabetos

funcionais. Os índices de analfabetismo funcional dentro das escolas brasileiras são terríveis. Isso é uma tragédia nacional. (Simon SCHWARTZMAN, 2007)

A educação está bem ruim. Dá para se dizer que a situação é quase trágica. A educação brasileira falha em suas tarefas mais elementares, como a alfabetização das crianças no Ensino Fundamental. Isso faz com que o Brasil venha tendo, pelo menos nos últimos 20 anos, um descolamento em relação ao resto do mundo. Enquanto o planeta populariza de maneira muito acelerada o seu conhecimento educacional, o Brasil fica para trás. Isso provoca consequências significativas. (Gustavo IOSCHPE, 2008)

O termo *bullying* expressa um fenômeno complicado, uma categoria de violência capaz de afetar profundamente o ambiente e a aprendizagem escolar. É uma palavra mais trágica do que mágica! É muito interessante observar que o *bullying* foi “descoberto” nos países escandinavos, onde justamente se acreditava que a educação estava mais resolvida no final do século passado. Em paralelo à consciência sobre esse problema, veio a percepção de que não estávamos tão atentos à qualidade das relações humanas na escola. (Joe GARCIA, 2011)

Eis o drama educacional brasileiro: jovens do século XXI são ensinados por professores do século XX, com recurso a práticas do século XIX, em práticas desprovidas de fundamentação científica, responsáveis pela triste realidade de um Brasil que, sendo a sexta ou sétima economia do mundo, está nos últimos lugares dos *rankings* da educação. A tragédia dos 30 milhões de analfabetos que a velha escola produziu no Brasil constitui-se em incômoda evidência, em um dos graves efeitos da crença em um modelo epistemológico falido. (José PACHECO, 2013a)

A outra parte dessa tragédia político-pedagógica do mundo contemporâneo é que muitas associações profissionais ligadas ao magistério, em algumas ocasiões confrontando os sindicatos de professores, têm adotado de forma lenta, mas decididamente, um modelo neoliberal para impulsionar a privatização da educação e, como associações profissionais, constituem outro ponto de elaboração dessas posturas, que são tão tecnocráticas como políticas, ainda que elas não se reconheçam como políticas. (Carlos Alberto TORRES, 2014)

As pessoas saem diplomadas sem habilidades mínimas de leitura e de escrita e depois vão ocupar as salas de aula, onde supostamente deveriam ensinar outras pessoas a ler e a escrever. Enquanto não houver uma implosão dos cursos de Letras e Pedagogia e a construção de novas estruturas acadêmicas realistas e honestas, capazes de formar docentes dignos desse nome, continuaremos a viver essa tragédia. (Marcos BAGNO, 2015)

O rompimento da barragem de rejeitos de minério do Fundão, no dia 5 de novembro, em Mariana, ultrapassa a dimensão de uma tragédia. Sem dúvida, um crime ambiental de proporções inimagináveis. A barragem comportava cerca de 55 bilhões de litros de lama e, com o rompimento, essa exorbitante quantidade de lama vazou, como um tsunami. (Mônica MEYER, 2016)

No caso do *cyberbullying*, a intimidação sistemática se caracteriza por utilizarem instrumentos que são próprios à rede mundial de computadores para depreciar,

incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial. Para a vítima, em ambos os casos as sequelas são graves, e muitas vezes com finais trágicos. (Tania PARIS, 2017)

A Educação de Jovens e Adultos ao longo do tempo tem sido uma tragédia. Baixo atendimento, evasão elevada no setor público, em torno de 70%, e uso comercial no setor privado, especialmente na modalidade a distância. Não é raro ver anúncios proclamando mil facilidades para a conclusão de cursos. Os números continuam alarmantes. Mais de um terço dos brasileiros jovens e adultos não têm a Educação Básica completa. Mais grave do que a falta de atendimento ao contingente de jovens e adultos sem a Educação Básica é o insuficiente atendimento na idade própria. (Genuíno BORDIGNON, 2019)

MILAGRE

A escola não pode gerar milagres onde não há alimentação e salubridade adequadas, onde não existem cuidados com a infância e os menores são abandonados. Penso que em sociedades desse tipo é perigoso pedir à escola que redima os males que excedem seus limites. Acredito que faltam políticas econômicas para que a escola avance. No entanto, não creio que a escola deva permanecer passiva, esperando soluções para seus problemas. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Quanto às “turmas grandes”, [...] pouco posso dizer. É muito difícil responder a questões que se prendem à falta de condições para uma escola de qualidade. Podemos lamentar. Podemos dizer que há colegas que, em condições idênticas, fazem verdadeiros milagres. Podemos explicar a necessidade de recorrer a certas técnicas e métodos de ensino. Mas é uma conversa um pouco redonda. Temos uma responsabilidade como educadores. (António NÓVOA, 2003)

Talvez haja tanta distância entre a Finlândia e a Suíça, que são dois países europeus pequenos e ricos, quanto entre a Suíça e o Brasil. Não é apenas uma questão de desenvolvimento, mas um conjunto de fatores complexos. O Brasil enfrenta problemas diversos e, portanto, não me surpreende que a educação brasileira não seja, hoje, ideal. É um desafio que se extraordinário mobilizar tantos recursos e pessoas. Nenhum governo pode fazer milagres. (Philippe PERRENOUD, 2004)

Alguns ainda duvidam que isso [o ensino de Filosofia e Sociologia] vai melhorar a condição dos brasileiros de serem bons cidadãos. Mas eu não. Eu sei bem que tais disciplinas vão ajudar a melhorar sim. Todavia, não a curto prazo. Nem vai haver milagre. O que ocorrerá é que os assuntos humanísticos terão mais espaço na formação dos brasileiros e isso, em um prazo de três décadas mais ou menos, começará a fazer diferença. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006b)

Não há nenhum milagre desse lado [de educação] que funciona, é só o básico. Não é uma educação federal em que todos os alunos têm seu *laptop*, nada disso. O que faz ela dar certo? O professor fica lá, não fica pulando de escola em escola. Segundo: tem um salário que não é milagroso, mas não é um salário de fome. Não é R\$ 850, R\$ 1 mil. É de R\$ 3 mil. Se tiver mestrado – e a maioria tem – tem uma compensação, uma carreira intelectual. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008)

Para mim, o professor de primário é o que tem maior prestígio. Lógico que trato bem minhas colegas de doutorado, mas o alfabetizador é quem mais admiro. A alfabetização é um ato de milagre. [...] O educador deve sempre correr atrás, de olho na sua carreira profissional. Mas as instituições também precisam investir em seus quadros de educadores. As universidades, por sua vez, precisam aplicar mais em pesquisas, criando centros para tanto. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

É primordial, ainda que seja necessário ter consciência de que não existem milagres, que ninguém vai conseguir eliminar todos os problemas de um dia para o outro. Mas, se podemos dar ao professor os meios de conhecer melhor seu trabalho, os limites de sua ação, os obstáculos que vão encontrar e as formas de

controlar a evolução das turmas, é absurdo não fazer isso. (Gérard VERGNAUD, 2008)

O que faz um bom professor? Ajuda a criança a pensar e a refletir. Porque essa criança traz a língua na cabeça dela. Quando ela entra na escola falando, o maior milagre já aconteceu, que é a aquisição da linguagem. Quando um adolescente fala “tipo assim”, o professor pode perguntar o porquê de ele ter falado isso, mas não para colocar a expressão em termos de restrição. Desse modo você está fazendo o que há de melhor, está fazendo as pessoas pensarem. (Ataliba Teixeira de CASTILHO, 2009)

O que mais me emociona é a transformação de uma criança, excluída, incapaz de aprender. Pouco a pouco, com os exercícios, seu cérebro começa a armazenar informações, ela começa a aprender e tudo muda: seu olhar, a volta da memória, seu foco. Enfim, é o milagre que a educação pode fazer. [...] [Minha motivação vem] do amor. Do amor incondicional pelas crianças, pelo meu país e pela humanidade. (Yvonne Bezerra de MELLO, 2009)

Sempre analiso as possibilidades de melhorar minha participação na vida. Resta uma tristeza, claro. Você perdeu um mundo. Não me esqueço das palavras daquele médico espanhol. Mas nada mudará. Como minha mãe, eu ainda acredito em milagres. Eles não foram feitos para mim, porém existem. E a perseverança sempre me acompanha. Espero que nunca me largue. Acho que tem a ver com o desejo de existir. Uma mistura de esperança com incerteza. (Dorina de Gouvêa NOWILL, 2009)

Há uma série de providências espetaculares contra o *bullying*: instalação de câmeras de segurança, reforço do policiamento e implantação de medidas repressivas. Mas nenhuma ação pontual funciona de verdade. O fenômeno precisa ser tratado no longuíssimo prazo e a solução-milagre não existe. Há muitas experiências positivas sobre a justiça restaurativa e punições construtivas. (Eric DEBARBIEUX, 2011)

Quando se pergunta por que o Chile tem hoje bons resultados no PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), a resposta é: porque há 20 anos, o país fez uma reforma educacional. Ou seja, em educação não há milagre, não há varinha de condão. Educação é um processo continuado de intervenções em todos os sentidos, no ambiente da escola (para que seja saudável, seguro etc.), na carreira do professor, no desempenho dos alunos, entre outras. (Ana Lúcia GAZZOLA, 2011)

De modo geral, pode-se dizer que o “construtivismo” está sendo criticado porque é a “bola da vez”; fosse outra abordagem teórica e metodológica, talvez as críticas seriam as mesmas, ou até piores. Há quantos séculos as crianças e os jovens do Brasil estão excluídos das coisas da escola? Fazer um milagre de superação em poucos anos ou décadas é muito difícil. (Lino de MACEDO, 2011)

O que vemos na educação são muitos modismos. Quando o bônus apareceu, era tido como um milagre. Aí Nova York abandonou seu programa e ele passou a ser visto como um desastre que não deveria ter sido trazido para o Brasil. A questão é muito mais complicada do que isso. É preciso, antes de tudo, entender quais as

condições essenciais para que a responsabilização funcione, já que não se trata de uma fórmula única para todos os lugares. (Fernando VELOSO, 2012)

Seguramente, as cotas [raciais] não têm a capacidade milagrosa de resolver todos os males do negro brasileiro, nem a capacidade mística de fazer com que todos os problemas do País do passado desapareçam do presente e não se coloquem no futuro. O problema é que dentro dos palácios em que se discutem as direções da nação não existem negros. (José VICENTE, 2012)

As organizações do terceiro setor desempenham um papel importante ao contribuir com a produção de conhecimento que apoia a gestão pública. Porém, é essencial que a educação pública mantenha um caráter democrático e autônomo e, por isso, essa articulação precisa ser sempre transparente. É determinante, inclusive, que essas organizações ouçam e entendam o funcionamento e os desafios do sistema de ensino antes de propor receitas milagrosas. (Priscila CRUZ, 2017)

ESCÂNDALO

Eu afirmo que não há déficit sociocultural. O que há é a miséria, que é um escandaloso déficit de sonegação da participação nos bens materiais. Mas isto não quer dizer que as classes populares não tenham uma cultura. Deus me livre de querer preservar a miséria! Pelo contrário, eu quero é que as pessoas tenham armas contra essa miséria. As pessoas pensam que ao ensinar o dialeto de prestígio vão fazer com que as outras mudem de classe. [...] É uma falsidade. (Magda Becker SOARES, 1988)

Estamos muito perto do ano 2000 e este objetivo [a erradicação do analfabetismo] parece cada vez mais utópico. Eu considero um escândalo o fato de que, no momento em que grande parte da humanidade já entrou na era do computador, ainda uma enorme parte não tenha entrado na era de Gutemberg. Isto é um escândalo porque, à medida que o tempo avança, aumenta cada vez mais o abismo que separa os alfabetizados dos não-alfabetizados. (Emilia FERREIRO, 1989)

O ideal seriam 15 mil [metros quadrados para um Ciep], porque seria muito bom fazer campos de futebol. O Brasil está perdendo seus grandes craques, como se viu na Copa América, e temos de pensar em dar campos para a garotada. O governador Leonel Brizola está pensando também em fazer uma piscina nos Cieps, para escândalo da sociedade conservadora do país. (Maria Yedda Leite LINHARES, 1991)

O que me deixa mais contente é que, apesar de tudo, dos escândalos terríveis, da falta de ética na vida brasileira, sinto que a gente tem mudado, tem andado. E, respeitando muito rigorosamente o ponto de vista partidário dos que me lerão, não tenho dúvida de dizer, como alguém que pensa seu próprio país, que o Partido dos Trabalhadores, nesses seus 12 ou 14 anos de existência, tem sido um enorme fator de progresso. Não importa que não ganhou as eleições. (Paulo FREIRE, 1995)

Lendo Lima Barreto, nos escandalizamos com o fato de que nossos bisavós pudessem ter dado mais atenção a Pelino Guedes do que a ele. E a atual geração de professores, que prefere Zuenir Ventura a Alberto da Cunha Melo e Caetano Veloso a Bruno Tolentino, será objeto de riso dos nossos bisnetos. Em contraste com essa educação interesseira e imediatista, o conceito de educação humanística pressupõe um recuo ante a moda presente, [...] em que as ninharias do dia desaparecem sem deixar vestígios. (Olavo de CARVALHO, 1999)

Reestabelecida a democracia, a volta da liberdade de imprensa permitiu que uma série de escândalos viessem à tona e a população percebeu que a impunidade corria solta. Casos como o de PC Farias, o dos anões do Orçamento e o do ex-deputado Sérgio Naya passaram a deixar no ar uma sensação ruim de que, para se dar bem no Brasil, é preciso ser, no mínimo, “esperto”. (Tania ZAGURY, 2000)

Piaget dizia uma coisa que ainda hoje escandaliza muita gente: se você responde à dúvida da criança, evita que ela aprenda. Veja, é uma ideia preciosa. No Brasil, se acredita que professor existe para tirar dúvida. É preciso conviver com a dúvida, pois ela está no centro da aprendizagem. Isso não quer dizer aceitar

qualquer erro, mas saber que você não pode pensar pelo aluno. Isso o imbeciliza. (Pedro DEMO, 2001)

Só o governo pode saber qual é o interesse coletivo. Universidade pública, por exemplo, é fundamental e acho até escandaloso o governo subvencionar tanto as instituições particulares. Na medida em que o governo está saindo aos poucos desse setor, está armando uma catástrofe educacional no país. A educação vai se transformar no privilégio de poucos. (Antonio CANDIDO, 2002)

Quando se diz que o professor não deve mais dar aulas da forma tradicional, por exemplo, isso causa escândalo. Necessitamos de sindicatos que defendam mais os alunos que os professores; de pais com coragem para dizer aos filhos que eles devem fazer os deveres em vez de ver televisão. E de empresários que, entre dois possíveis empregados, contrate o que teve melhores notas na escola, para haver uma sanção social ao trabalho educativo. (Inés AGUERRONDO, 2004)

Em todas as profissões podemos viver contextos de crise, pois estamos em uma sociedade em que os escândalos se sucedem e “atores do setor privado buscam apoderar-se daquilo que é público”. Esse contexto produz uma descrença na lei. A violência aumenta e, somada ao desemprego, gera angústia e descontentamento em qualquer profissão. Assim, não é só o professor que vive em estado de crise e sim a maioria dos brasileiros. Porém, a crise que atinge o professor é muito grave. (Paulo MEKSENAS, 2004)

Eu tinha 19 anos quando dei a primeira aula-espetáculo no Teatro Santa Isabel, apresentando três cantadores e um poeta popular. Foi um escândalo na época. O diretor do teatro não se conformava. Ele disse: “Você quer colocar cantador de viola no palco onde Tobias Barreto e Castro Alves recitavam poemas?”. Ao que eu respondi: “Doutor, gostaria de ouvir a opinião de Tobias Barreto e Castro Alves, que eu tenho certeza que eles iam gostar”. Eu estava certo. (Ariano SUASSUNA, 2008)

Por outro lado, nos escandaliza, sim, que uma autoridade como o professor seja tão maltratado. Às vezes, principalmente em escolas particulares, o aluno se sente patrão do educador, porque é cliente da instituição. O docente acaba sendo um mero servidor, que tem de se submeter ao aluno. Na rede pública, o professor é desprezado pelos alunos simplesmente porque esses desprezam tudo: o professor, a escola, o livro, o ensino, a própria sociedade. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Estamos falando de uma verdadeira tragédia: 50 mil assassinatos por ano, em média, no Brasil. Um escândalo! E os casos não estão espalhados por toda a sociedade. Ao contrário, a assimetria na distribuição das mortes é considerável. Os que mais sofrem são os jovens do sexo masculino, pobres, com baixa escolaridade, moradores de periferias ou favelas, geralmente negros. Porém, apenas cerca de 8% dos homicídios dolosos são investigados com êxito. A taxa de impunidade desses crimes, que são os mais graves, gira em torno de 92%. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

É fundamental também escutar e oferecer ajuda, ainda que ela [a vítima de *sexting*] mesma tenha sido responsável pela divulgação do material na rede. Se a

vítima consentir, vale planejar e desenvolver um trabalho de esclarecimento com a classe, as demais turmas da escola e até as famílias. Se o caso se torna público, não vale varrer para debaixo do tapete. Isso só aumenta a fofoca. Um escândalo na internet pode levar a escola a falar sobre sexo. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Tivemos esses dias em São Paulo algo escandaloso. Foi reduzida em uma hora a duração do tempo integral em 118 escolas estaduais e muitos pais não foram avisados. Escolas que deveriam abrir às 7h, abriram às 7h30; pais foram buscar os filhos às 16h, tinham de tirar às 15h30 e não foram avisados. Esse tipo de descaso com a função pública é muito forte. Tem custos de dinheiro, no caso do orçamento, e humanos no caso de desrespeito às famílias. (Renato Janine RIBEIRO, 2016)

ABSURDO

Critico também o fato de o ensino de ciências no Brasil – a zoologia principalmente – ter uma tradição médica e, por isso, estar centrado no bicho que dá doença, que morde, que tem veneno. Estudar esses bichos é importante, mas eles são uma minoria. Com esse tipo de estudo, o aluno acaba criando uma imagem negativa da fauna. É um absurdo, por exemplo, exigir que o estudante conheça os parasitas da África. O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em parasitas, em todos os sentidos que a palavra tem. (Angelo Barbosa Monteiro MACHADO, 1996)

Geralmente, os professores exigem [na primeira série] uma postura totalmente diferente da que era permitida até então. Com 7 anos, os alunos são colocados em carteiras, precisam ficar quietos, supostamente prestando atenção no mestre – forma pela qual estaria incorporando os conteúdos. Ele chega ao absurdo de, muitas vezes, pedir que eles desenhem a si mesmos dançando ou subindo em árvores! (Esteban LEVIN, 2005)

Recebi em minha casa um garoto que trazia em sua ficha características como psicopata, amoral, irrecuperável e de alta periculosidade. Isso é absurdo, pois os psicólogos não são futurólogos. Esse menino psicopata e amoral tem hoje 42 anos e sinto um grande carinho por ele. Segue tendo problemas, mas é uma pessoa maravilhosa. Todas as pessoas têm coisas que se resolvem e coisas que não se resolvem na vida. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Em Portugal, esses manuais [didáticos] são de má qualidade. No Brasil, ao menos, as editoras oferecem não só o material, mas também uma estrutura de apoio. Mas por que os alunos têm de usar as mesmas coisas? É absurdo ter 30 crianças com livros iguais. Certa vez, olhava o manual de meu filho, onde se lia: “O leão liote papa a tulipa”. Pois esse foi o único leão vegetariano que conhecemos. (Ariana COSME; Rui TRINDADE, 2007)

Se você tem uma empregada doméstica que trabalha como empregada há 10 anos e você não investiu nada, dizendo para ela fazer um curso, ou conversar para ver o que a pessoa quer... caramba! Você é criminosa, no meu ponto de vista. Isso ainda é uma cultura escravagista, colonialista, provinciana. É um absurdo pra mim. Se em uma empresa o cara entra de porteiro, aí o dono fala “olha, 15 anos o fulaninho é porteiro”. Você não investiu no seu porteiro? (Dagmar GARROUX, 2009)

O fato de os pais acompanharem as atividades de escrita e leitura dos filhos tem uma influência decisiva. Então, falar que um método ou outro é melhor em sala de aula, excluindo o contexto social e econômico, é completamente absurdo. [...] Se uma população fracassa na aprendizagem de leitura e escrita, temos de levar em conta as condições sociais em que isso ocorre. É absurdo acreditar que o sucesso ou não desse processo depende somente de uma técnica ou método que está sendo aplicado em sala de aula. (Mario CARRETERO, 2010)

A dificuldade [no ensino de língua portuguesa] está em absorver a coisa como ela é passada e, infelizmente, é muito mal passada. A gente vai para a escola para ouvir que o sujeito é aquele que pratica a ação. Isso ainda é ensinado no País e é

um absurdo, uma bobagem. Assim, os alunos não materializam o assunto e a coisa torna-se mais do que difícil, torna-se impermeável, estéril. O oposto acontece quando mostramos o porquê das coisas. (Pasquale CIPRO NETO, 2010)

A criança necessita de um espaço em que nem tudo o que diz respeito a ela fique exposto. Acho absurdo os berçários instalarem câmeras para permitir que os pais vejam o filho o tempo todo. Uma das funções da escola é dar ao aluno a oportunidade de iniciar contatos com pessoas fora de sua casa, o que é fundamental para a sua independência. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Continuar, por exemplo, a ensinar a conjugação verbal com “vós” é um absurdo tão grande quanto ensinar que nas florestas brasileiras existem megatérios (preguiças gigantes extintas há centenas de milhares de anos). Ou negar que o pronome “ele” serve como objeto direto (“eu conheço ele”), ou querer que acreditemos numa “voz passiva sintética” (“alugam-se casas”) que não tem o menor sentido do ponto de vista lógico-cognitivo e morfossintático. (Marcos BAGNO, 2012)

A entrada no ensino superior deveria ser diferente. Fazer engenharia na Universidade de São Paulo (USP) é diferente de fazer pedagogia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Infelizmente, muitas universidades usam o ENEM como etapa única de seleção, o que é um absurdo completo. Claro que elas são autônomas, e é justamente por isso que a discussão precisa acontecer. (José Francisco SOARES, 2012)

No Brasil a gente estuda mais história da Europa do que os franceses. Estive na França há um ano e meio e um amigo brasileiro que é professor de História em uma universidade francesa me levou para conversar com seus alunos. Os franceses estudam menos história da Europa do que nós. É absurdo. [...] Aqui, todas as histórias que a gente não conhece são reflexos dessas políticas, de opções feitas para dar visibilidade a um setor populacional: a população branca de origem europeia. (Amilcar Araujo PEREIRA, 2013)

A escola está com uma obsessão de criar normas *a priori*. Parece que é uma coisa educativa, mas, no fundo, se está criando uma certa desconfiança da escola e do professor em relação ao aluno. Porque numa situação de namoro seria absurdo discutir as regras no primeiro dia, numa relação familiar também, e numa relação de escola isso parece normal? (Fábio VILLELA, 2013)

Os professores têm, sim, a responsabilidade de fornecer competências de instrução – aquisição do conhecimento – e de educação – disciplina do saber e da vida. Os dois elementos são inseparáveis e a ideia de “instrução pura”, que alguns educadores acreditam transmitir, é absurda. Eles devem aceitar que, ao ensinar, estão necessariamente transmitindo os dois aos alunos. (Bernard LAHIRE, 2014)

A escola desconhece muito seu entorno. Se você perguntar a um diretor de escola onde é o CRAS [Centro de Referência de Assistência Social] mais próximo, ele vai perguntar o que é um CRAS. Isso é absurdo, porque a maior parcela dos alunos, no caso da escola pública, estuda em comunidades carentes, vulneráveis. O

diretor de escola teria de saber onde é a UBS [Unidade Básica de Saúde] e o CRAS. E não sabe. (Fernando ABRUCIO, 2016)

A realidade da inclusão escolar passa longe dos belos discursos sobre o assunto. Na prática, vemos de tudo: alunos especiais sendo expulsos da sala de aula, sendo expostos a boletins de ocorrência policial devido à “agressividade”, sendo colocados nas últimas carteiras, isolados, sem profissionais de apoio escolar, sem material alternativo, sem sequer um plano pedagógico condizente com a sua realidade cognitiva. Às vezes, oferecem até um brinquedinho ou uma massinha de modelar para que essa criança passe melhor o tempo. Realmente, é um absurdo! (Cristina SILVEIRA, 2016)

MARAVILHA

Há muitíssimo para fazer e há muitas surpresas para aguardar, isso é que é o importante. Por exemplo, me atribuem estar a favor da aprendizagem precoce, como se eu estivesse dizendo que quanto antes se aprende a língua escrita, melhor. Nunca estive, de fato, nem contra nem a favor da aprendizagem precoce. Simplesmente é a prática, a boa prática pedagógica, que mostrou que com crianças de quatro ou cinco anos se pode fazer maravilhas. Disso não sabíamos! Agora sabemos! (Emilia FERREIRO, 1997)

Não posso dizer que prefiro alguma obra de arte sem a conhecer. Na escola, as crianças deveriam ter acesso a esse universo riquíssimo, que é o universo da cultura erudita, que lhes é negada. E é lamentável como a nossa sociedade é excludente nisso, e a escola também. [...] Porque a escola deveria ter uma preocupação de desenvolver a sensibilidade, o senso estético. A vida é prazer, também, e deveria ser, mas nós negamos isso. Que maravilha ler um poema de Drummond! (Regina Leite GARCIA, 1997)

Quem lê os jornais deve pensar que [no sistema público espanhol] está ocorrendo uma catástrofe! Essa tem sido uma imagem veiculada. Mas alguém que queira ir além dessa superficialidade, ao visitar um centro educativo, poderá ver que muitos desses queixosos fazem maravilhas! Reclamam porque têm problemas com a própria formação para atender aos novos desafios, reclamam da falta de apoio e de dinheiro. Mas não deixam de realizar um trabalho admirável, ainda que suas condições não estejam boas. (César COLL, 2002b)

A imagem da leitura que carrego comigo é a de uma janela. [...] Com isso – e talvez eu esteja muito afetado por Saramago e sua ideia de cegueira – acho que, por vezes, um texto que entra por essa janela faz a gente ver, faz tomar consciência de algo que, anteriormente, não via. Olhar o mundo pelos olhos de um bom romancista e de um bom poeta é uma coisa maravilhosa. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

Quando não sabe ler e é obrigado a ler, o aluno vê o livro como um objeto que gera dor. E, como já nos ensinaram, há muito tempo, nós fugimos das más experiências. Assim, aquilo que era tão maravilhoso – o menino que pega o livro de cabeça para baixo, acha que lê, cria sua leitura –, o encantamento com a possibilidade que o livro oferece, desaparece. (Maria Antonieta Antunes CUNHA, 2006)

Com criatividade e boa formação, o professor pode fazer experimentos de física e de outras Ciências com materiais simples, como garrafas PET, fita isolante, vinagre e sal, por exemplo. A própria horta da escola pode ser um acervo maravilhoso para uma aula de Biologia. Agora isso exige uma segurança do professor quanto aos seus próprios conhecimentos e tempo para se preparar. Dá trabalho. (Ernst HAMBURGER, 2007)

[Monteiro] Lobato inventa um bairro chamado ortografia. Nesse bairro, nos arrabaldes mais longínquos ficam as palavras que a ortografia passa a considerar erradas. Ele usa a nomenclatura da época e isto assusta um professor menos preparado hoje. Mas a concepção da língua como um país que tem bairros, que

são organizados, que os gramáticos são chatíssimos e vivem querendo controlar aquilo que as pessoas falam, é uma ideia maravilhosa para introduzir questões de linguagem para crianças. (Marisa LAJOLO, 2008)

Não tem conversa fiada: acabou o discurso da educação maravilhosa, o ensino integral, a formação do espírito crítico e o blá-blá-blá que não leva a nada. Agora é: cadê seu IDEB? Vamos olhar. Subiu ou desceu? Por que não subiu? Por que desceu? Pão, pão, queijo, queijo. [...] Tem que aumentar muito o movimento de ensinar os pais, diretores e professores a usar as avaliações. (Claudio de Moura CASTRO, 2009)

O Brasil não tem condições de dobrar num estalar de dedos a presença dos alunos de quatro para oito horas por dia na escola. Isso impacta a infraestrutura e o número de professores – que hoje já não temos em quantidade suficiente. Mas é inegável que isso seria maravilhoso. [...] Há avaliações que indicam cerca de 50 anos [para atingir um nível satisfatório], outras mais otimistas falam em 20. Em Educação, o ritmo nunca é rápido e as nossas lacunas, de ordem administrativa e de formação, ainda são muito grandes. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2010)

Quando posso, uso [em traduções] gírias antigas para traduzir gírias antigas. E, no caso das gírias mais atuais, às vezes tenho de fazer certo esforço para me atualizar com o que a garotada anda dizendo. É bom não ousar demais, ou o texto parecerá datado já no próximo verão. O bom é que hoje, para o linguajar e 1001 outras coisas, temos esse recurso maravilhoso que é a internet. (Maria Luiza BORGES, 2010)

Ele [o professor] não conhece os assuntos da literatura infantil e mais: ele não sabe reconhecer a qualidade do livro. Porque é a experiência de ler que vai trazendo para você a separação do joio do trigo. [...] Temos uma tradição oral lindíssima, maravilhosa, de mitos, contos, lendas, mas não ultrapassamos a barreira do código escrito. Temos muita dificuldade de alfabetização e daí a dificuldade também de saltar para uma experiência de leitura que seja comunicante, de vida. (Eliana YUNES, 2010)

Construtivismo é uma proposta teórica e metodológica que pode e deve ser praticada de muitos e muitos modos. Se não tivéssemos essa obsessão por resultados imediatos e positivos, se não tivéssemos essa pretensão de que podemos e devemos controlar tudo, talvez pudéssemos observar que há muitas e maravilhosas experiências de ensino e aprendizagem acontecendo Brasil afora, de diferentes modos. (Lino de MACEDO, 2011)

Você era estimulado, obrigado a ir à escola sabendo alguma coisa. Claro, tinham os que não faziam, e os que faziam. Essa escola, hoje, seria uma escola muito interessante, usando tudo isso que está aí. Não tem mais lousa, é um quadro, é um monitor, que maravilha, no monitor [de um computador] você faz o que quer. Aí entra a imaginação; imagina se você larga esse monitor na mão de um menino da minha época, ia ser uma maravilha! (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Se [as crianças] estão subindo nessa árvore, por exemplo, é porque querem ir um pouco mais alto. Lembro-me do caso de uma garotinha bastante alérgica que chegou a uma dessas escolas-bosque. Ela não havia se adaptado a um centro

convencional e sentia-se muito fraca para brincadeiras. Quando a conheci, já era capaz de se pendurar em uma árvore! Ora, que oportunidade maravilhosa de ela ter uma infância praticamente normal. (Claus JENSEN, 2013)

Tanto a escola como a sociedade deveriam se empenhar em formar pessoas felizes, todos ganham com isso. É maravilhoso aprender algo que não sabemos e que é parte do conhecimento humano, que deve ser oferecido pela escola. Penso que uma criança satisfeita, que reconhece aquilo de que gosta e que sabe, deseja conhecer outras coisas, aquelas que ainda não sabe. (Francesco TONUCCI, 2013)

HORROR

Acredito que a aculturação não é característica inerente ao ensino de línguas. Tenho horror a qualquer coisa dentro de Educação que bitole, que feche. Acho que há maneiras de se abrir o máximo, sem provocar aculturação. Pode-se desenvolver o trabalho de maneira que seja educacional e que, por outro lado, seja pragmático, despertando a criança para o que existe de estrangeiro no ambiente em que vive. (Maria Antonieta CELANI, 1989)

Lembro como os professores, nos anos [19]70, mesmo na universidade, tinham horror de trabalhar como professores, nessa situação. Sentiam-se diante de alunos que não estavam “nem aí” para o saber, não tinham nenhum desejo de aprender. É impressionante essa contradição. O que fazer? A primeira ideia da escola foi a de jogar com esse público de uma maneira muito simples: se não se era capaz de escolarizar a cultura do jovem, era mais fácil guardá-lo na escola. (Jean HÉBRARD, 2000)

Não se deve aprovar ou reprovar, mas dizer: tal aluno chegou até aqui. No ano seguinte, começa do próximo passo. Nunca como se todos os alunos fossem iguais. [...] Se o ensino não é graduado e os alunos passam sem compensar, o que não aprenderam é o horror total. A cada ano esses alunos ficam mais desorientados. Não entendem as aulas nem têm elementos para entender. Desse jeito, quando chegarem à 4ª série terão de voltar à 1ª. (Sara PAÍN, 2000)

É preciso separar as produções jornalísticas e de entretenimento. A mídia jornalística tem procurado um caminho de sintonia com a ótica dos direitos, da cidadania. Já a programação de entretenimento para crianças tem sido problemática. Parte da programação é imbecilizante, há um massacre de desenhos animados de estética e conteúdo duvidosos – e os desenhos japoneses são horrorosos. (Geraldinho VIEIRA, 2000a)

Programas sociais do governo Lula que estão sendo considerados assistencialistas, como o *Bolsa Família*, diminuíram o número de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza absoluta. Eu lamento não ter o número exato aqui, mas acho que foi de 35% para 18% o número de pessoas que saíram da linha da miséria. Ainda assim, é um horror porque esses 18% que ainda restam são cerca de 40 milhões de pessoas. Mas está provado que é possível, com uma decisão política, acabar com a miséria. (Ariano SUASSUNA, 2008)

Eles [os exames em larga escala] são baseados num critério homogêneo para medir a aprendizagem, algo que em inglês se denomina *one size fits all* (“um tamanho serve para todos”). Se fizermos uma comparação com a produção de sapatos, é mais ou menos como imaginar que todos os 190 milhões de brasileiros calçam 42 e pronto. Em minha opinião, esses modelos de avaliação que pretendem medir todos pelo mesmo parâmetro são um horror. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

Quando se propõem esses exercícios a crianças que não têm uma “cultura escrita” e não compreendem sua função, isso exige delas um esforço terrível e geralmente em vão. Isso faz com que tomem horror pela leitura. Como dizia Rousseau, falando daquele pequeno aluno do século XVIII, empanzinado de exercícios

silábicos inúteis: “De que lhe servirá a leitura depois que o fizerem rejeitá-la para sempre?”. (Anne-Marie CHARTIER, 2009)

É muito mais fácil você ler um escritor realista, porque ali você tem tudo mastigadinho. Agora, quando é um escritor que te joga no meio do inferno e “você que se vire”, é como o Sartre falou, e a Clarice [Lispector] seguiu dizendo: “O horror sou eu diante das coisas”. Então, ela joga o leitor de chofre diante dessas coisas e ele que se vire. Ela tem um olhar perturbador e, às vezes, extremamente desconfortável. (Nádia Battella GOTLIB, 2009)

[O Acordo Ortográfico] é uma insanidade, uma irresponsabilidade, um estupro, o Brasil atropelou tudo. A princípio, só o nosso País colocou em prática, não esperou que os outros colocassem. Mas é um acordo, certo? Portanto, significa que todos vão fazer ou nenhum vai fazer. Por que o Brasil não esperou? [...] O texto do acordo também é horroroso, principalmente em relação ao hífen, a ponto de parecer ter sido redigido por um analfabeto. Além disso, as propostas são absurdamente desconexas. (Pasquale CIPRO NETO, 2010)

Os jovens leriam mais, porém, por necessidades escolares. Os livros lidos com mais frequência, segundo a pesquisa, são os didáticos e os universitários (68%). As bibliotecas públicas são mais frequentadas por pessoas de idade entre 5 e 17 anos, cujos principais objetivos são pesquisar e estudar. Os jovens leem mais do que os adultos portanto, mas porque a escola assim exige. O fato de a leitura estar tão atrelada a atividades escolares pode provocar o horror aos livros em muitos estudantes. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

Tem que ter biblioteca nesse país, muitas bibliotecas e muito grandes, e é necessário acabar com essa história de que não pode pegar o livro porque suja; deixe mexer. Eu gosto de ver crianças nas bienais [de livros] mexendo nos livros. Quando se diz que não pode mexer, aí a criança já toma horror ao livro. Deixa rasgar, é só papel. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Hoje mesmo, li que foram feitas descobertas muito importantes no campo de concentração de Treblinka, as quais permitem saber em detalhes como funcionava, apesar de ter sido quase arrasado pelos nazistas para não deixar as marcas do horror. Ao mesmo tempo, a história sofre uma reinterpretação teórica, porque mudam nossos esquemas teóricos do presente. (Mario CARRETERO, 2014)

Pelo lado bom, a Primeira Guerra Mundial representou um momento-chave no aumento da igualdade e da democracia para muitas das nações envolvidas. Ela também mostrou o show de horrores que a humanidade pode fazer (mas não dispensamos atenção suficiente para isso). Pelo lado ruim, geopoliticamente não há dúvidas de que o esfacelamento de impérios, ao fim da Primeira Guerra Mundial, e a ascensão de suas nações ainda são responsáveis por grande parte da violência existente no mundo atual. (Miguel CENTENO, 2014)

Em 1970, o governo militar apoiou fortemente o entusiasmo popular. Era o momento do “Brasil grande”, do “ame-o ou deixe-o”. Havia todo um aparato publicitário, e mesmo entre as pessoas havia gente que achava ótimo o regime, que o Brasil estava progredindo. Foi uma loucura. Nunca vi coisa igual na minha

vida e nunca mais se repetiu. Foi de uma agressividade horrorosa. (Ugo GIORGETTI, 2014)

A Coreia é um carnaval educacional. Tem feitos acadêmicos marcantes e a uma concorrência horrorosa que já levou até ao crime. [...] A lição da Coreia é nos mostrar como subestimamos crianças e adolescentes na maior parte do mundo, especialmente em Matemática. Mas também mostra como é preciso dar espaço para curiosidades e diversão, e não apenas para resultados em testes de resistência. (Amanda RIPLEY, 2015)

INCRÍVEL

Temos uma história de Pedagogia incrível, marcada por movimentos sociais. A escola pública aqui se desenvolveu de maneira diferente de outros países. Sempre tivemos pensamento crítico ativo. A cultura brasileira tem a educação como parte da formação humana. Hoje essa é a grande questão dos países economicamente desenvolvidos. Eles tentam retornar valores e a produção do Brasil surge como uma possibilidade de refletir a educação no processo de humanização. (Elvira Souza LIMA, 2000)

É impressionante perceber que existem tantas sociedades extremamente diferentes. A diversidade está em tudo: alimentação, postura de vida, língua, estrutura social, filosofia de vida e forma de se relacionar com os não-índios, por exemplo. Isso é incrível para quem vem de uma sociedade como a nossa, tão homogeneizadora, massificadora, despersonalizante e individualista. É incrível perceber como podem existir tantas humanidades! (Kleber Gesteira MATOS, 2003)

Existem poucos recursos e atenção disponíveis para os professores. Quando falamos em investimentos educacionais, tudo é colocado em livros, apostilas, computadores, construções, móveis, e só 5% restantes no treinamento de professores. E, quando chega esse momento, os gestores ainda negociam reduzir pela metade esses 5%. É incrível, mas essa regra prevalece em todos os países. (Boudewijn van VELZEN, 2003)

Os professores ainda acham que, escolhendo as palavras certas, estão ensinando melhor, pensam que palavras tais como mapa, papa ou missa são mais fáceis que *Michael Jackson*. É incrível, mas se deixássemos as crianças experimentarem desde o princípio, estaríamos de fato preocupados com alfabetização. (Liliana TOLCHINSKY, 2004)

Não há dúvida de que há uma relação entre o nível de pobreza de um país e o avanço que ele faz em educação. Se você é um país rico, tem os recursos para investir em educação. Mas isso não é uma regra absoluta. Você pode ser um país pobre em termos econômicos, mas o governo pode fazer as escolhas políticas certas e investir em educação. Cuba, por exemplo, não é um país rico, mas tem um sistema educacional incrível. (David ARCHER, 2008)

Os currículos são ruins, os métodos, o ensino é ruim. Daí essa proliferação de todo tipo de escola. Bastava a escola pública ser realmente muito organizada. [...] A escola hoje não ensina a raciocinar, não ensinar a olhar a vida lá fora e adaptar a escola a essa vida. A escola toda é dirigida no sentido de formar gente para o vestibular. E não forma para a vida. Isso é que é incrível. Praga dos cursinhos, que se proliferam. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2010)

[No Canadá, os professores] trabalham cinco horas por dia, dez meses por ano. Não é como aqui (no Brasil) que às vezes o docente precisa dar aulas pela manhã e a tarde vai para outra escola para conseguir uma remuneração melhor. Se ele trabalha assim, 40 ou 50 horas por semana, como podemos imaginar que poderá preparar bem as suas aulas? Ele estará cansado e também precisa de tempo para a família, os filhos. Então, não é possível fazer um bom trabalho. Talvez alguns

façam um bom trabalho, mas é uma tarefa incrível fazer isso nestas condições. (Clermont GAUTHIER, 2010)

O mais importante é trabalharmos com a visão de que as crianças não aprendem apenas na sala de aula mas também fora dela e que a tecnologia aumentou o acesso ao conhecimento. Elas já chegam à escola sabendo muito mais. Isso deve ganhar força nos próximos anos, o que vai transformar a relação entre professor e aluno de uma maneira incrível. (Martina ROTH, 2011)

Ele [professor] precisa ter o compromisso de selecionar vários títulos [cinematográficos], escolher pedaços de cada um e criar condições para que a garotada estabeleça conexões entre eles. O *YouTube* é uma ferramenta incrível para realizar essa tarefa. Existem muitas, muitas produções dos mais diversos países à disposição de que quiser. (Alain BERGALA, 2012)

A ditadura interrompeu brutalmente o processo democrático, esta é a verdade. O ano de 68 foi o mais violento em Brasília. Foi um inferno, houve invasões durante todo o ano na universidade, prisões, expulsões, perseguições. Brasília teve o movimento estudantil mais radical do Brasil e as pessoas desconhecem isso. Eu vivi um pouco disso e vivi também o ambiente do colégio, que era incrível. (Milton HATOUM, 2012)

Escola de tempo integral é uma excelente proposta, porém interpretaram-na mal, e fazem errado. Metade do dia a aula chata e na outra metade o “oba-oba”. É incrível como deterioram tudo aquilo que é proposto. Estamos numa situação deveras delicada e inexplicável quando se fala em investimento, em 5% ou 10% do PIB. A escola não muda com mais dinheiro. A escola muda mudando. (José PACHECO, 2013b)

A dislexia é ainda muito mal compreendida pelas pessoas, que só conseguem ver a ponta do iceberg, o fato de aquela pessoa ter dificuldade para soletrar. Mas, por outro lado, tenho uma espécie de câmera dentro da minha cabeça, consigo ver as cenas se desenrolando com facilidade. É assim que eu escrevo. Os disléxicos têm tantas outras capacidades incríveis como essa visão mais apurada. (Sally GARDNER, 2014)

Nós tendemos a pensar na tecnologia como a solução para a escola e não é. A tecnologia, por si só, não vai resolver nada, ela pode ser bem ou mal-usada. Tem uma frase que eu gosto muito que é “um tolo com uma ferramenta é ainda um tolo”. E é isso, a tecnologia tem um potencial incrível, mas requer um contexto. (Nicky HOCKLY, 2015)

Hoje, todos os setores da sociedade são especializados em educação. Os economistas sabem como deve ser a educação do professor, os tecnólogos inventaram metodologias incríveis, que desconhecíamos. O que vejo é uma grande parcela da sociedade descobrindo que as metodologias precisam ser mais motivadoras, desenvolvendo técnicas superficiais que têm como base um imenso conjunto de coisas que já fazíamos. (Sonia BARREIRA, 2017)

Na Argentina, o movimento dos lenços verdes (campanha pela opção de aborto legal até a 14^a semana de gravidez ocorrida em 2017) teve uma repercussão

incrível. Houve também o corredor de 600 quilômetros que as indianas fizeram em apoio a duas mulheres que entraram em um templo onde eram proibidas. No Brasil, houve o movimento #EleNão. Começamos a mostrar que não ficaremos paradas esperando perder as conquistas dos últimos 300 anos. (Carla Cristina GARCIA, 2019)

HORRÍVEL

Estava com 9 anos de idade. Então fui para a União Cultural aprender inglês, porque já havia lido tudo o que existia em português. Naquela época era pouquíssimo o que existia. Havia o livro das Edições Quaresma, alguns contos de fadas, uma coleção que eu tinha pavor – que era da Vecchi – os mais belos contos do Japão, da Índia, da África, com umas ilustrações em preto e branco horríveis, de capa dura. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis VIANA, 1995)

Paulo [Freire] via as aspirações não-entendidas e não-atendidas. Ele sentia, ele lembrava toda sua vida e sentia raiva por tantos que passavam – até mais, muito mais do que ele passou – provações, dificuldades e injustiças. Sentiu a diferença: ele pôde estudar e os operários eram quase todos analfabetos. Em sua infância, ele teve empecilhos reais e concretos para completar sua escolaridade e sair da exploração, mas conseguiu. O povo estava (e está) condenado a tudo que lhe tira a dignidade humana. É horrível! (Nita FREIRE, 1998)

O tempo perdido com atividades que não ensinam nada de importante é uma horrível fonte de desperdício. Informação demais impede a profundidade, essencial para que se aprendam lições que vão muito além da decoreba. Há muito modismo, sim. Mas não creio que entre pessoas intelectualmente maduras e conhecedoras do panorama da educação haja tanta discrepância sobre questões de primeira grandeza. (Claudio de Moura CASTRO, 2000)

Certa vez um editor brasileiro me acusou de estar arruinando o negócio de cartilhas, e parece que ele tinha razão. Se tenho mesmo relação com a queda na produção desses livros, estou muito orgulhosa. Eles eram de péssima qualidade, horríveis, assustadores. Eram pura bobagem. Apesar disso, há vinte anos parecia um sacrilégio, no Brasil, dizer que a família silábica não era a melhor maneira de trabalhar. Tenho a impressão de que isso mudou e de que esse é um caminho sem volta. (Emilia FERREIRO, 2001)

É sempre profundamente doloroso ver as fotos da fome, de pessoas muito magras. Aliás, quando eu era pequena, adorava ver revistas de fotografia e eu me lembro de que era totalmente insuportável enxergar as cenas da Nigéria e da Biafra. Eu via algumas revistas várias vezes e decorava as páginas que tinham essas imagens para pular, era horrível. Recentemente, foi muito forte ver na imprensa aquela sequência de fotos na Palestina, do pai abraçado com o filho, pedindo para não atirarem. Eu chorei muito com aquilo. (Mila PETRILLO, 2001)

A educação teria completado sua missão se conseguisse despertar o prazer de ler. Por que os alunos não gostam de leitura? Primeiro porque a escola faz questão de estragá-la. E a leitura deve ser uma coisa solta, vagabunda, sem ter de fazer relatório. Ler um texto só para responder a um questionário de compreensão é horrível, estraga tudo. Eu tenho aconselhado as prefeituras e as instituições a desenvolver concertos de leitura, como existem os de piano. (Rubem ALVES, 2002)

É claro que existe evasão ainda, mas o importante é comparar o número de alunos total *versus* o número de concluintes. Ou seja, quem concluiu o sistema realmente. E quantos estão ainda defasados na idade/série, quantos estão

concluindo na idade certa. Os dados ainda são horríveis. Mas o que é importante não é a fotografia, é o filme. É o movimento, entendeu? A fotografia eu sei que é ruim ainda, mas era muito pior. (Paulo Renato SOUZA, 2002)

Victoria [minha neta], como possivelmente toda criança, gosta das histórias com mistério, algo que ninguém viu, ninguém sabe, que está lá à espreita para nos engolir. De manhã, acordando de frente para o mar, ela me disse: “O mar parece uma parede azul que as crianças rabiscaram”. De frente para este mesmo mar, ela senta no meu colo e ouve histórias minhas ou de outros, novas ou antigas, tranquilizadoras ou horríveis. Vai assim se humanizando. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Para garantir a ordem, um soldado da Polícia Militar, armado com um pedaço de pau, montava guarda no portão do estabelecimento [Escola Barão de Camargos] e, quando necessário, intervinha. Um detalhe: como os basculantes tinham sido destruídos, os funcionários passaram um arame farpado onde outrora havia vidro. Isso dava um aspecto horrível ao local, além de não impedir a entrada do frio, que, em Ouro Preto, é rigoroso no inverno. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2006)

O professor universitário muito jovem, que saiu há quatro ou cinco anos da escola básica, manda até lá seus alunos de magistério, que estavam ali até um, dois anos antes. [...] Pois bem: o aluno entra na escola, encontra antigos colegas; quando volta, traz a seguinte informação: “olha, o nível caiu muito, está horrível, e o professor não sabe nada, nada, nada”. O marxismo chamaria isso de alienação. Você nega aquilo que foi, porque era algo que você queria abandonar, você não tinha orgulho de estar lá. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

Criei a fábula de um cãozinho que mora em um quintal e tem sua liberdade bastante limitada. E ele começa a admirar um gato que aparece no telhado da casa, já que o gato tem liberdade e conhece coisas. Esse gato começa a contar histórias sobre o mundo fantástico que existe lá fora. Daí o cachorro resolve imitar o gato e começa a miar. [...] Ele passa a ser perseguido até mesmo pelo seu pai, que diz: “Que coisa horrorosa, um filho meu miando! Deveria latir para espantar os carteiros, em vez disso mia, que coisa horrível!”. (Pedro BANDEIRA, 2009)

A Bela e a Fera é um ótimo exemplo para as mulheres se conformarem com aqueles casamentos arranjados; elas eram obrigadas a casar, meninas, com homens muito mais velhos e horríveis. As histórias são pensadas nesse sentido. É só no século XVIII que a criança começa a ser pensada como criança. A noção de criança começa a aparecer com essa intenção de sermos civilizados e com a separação do trabalho. Quando as pessoas saem para trabalhar, se começa a pensar o que fazer com as crianças, os casamentos começam a ser questionados. (Kátia CANTON, 2010)

A apostila [de filosofia] feita pelo governo do estado de São Paulo é horrível, na minha visão não deveria ser usada. Ela peca por apresentar ideias cristalizadas e coisas que não dizem respeito à vida do estudante, de novo, na lógica da galeria de museu. Quando é atualizada, é de forma rasa, rasteira, como se o estudo devesse ser da Filosofia pop. (Juvenal SAVIAN FILHO, 2012)

Os bebês fazem projeções por meio do que escutam: é assim que as obras entram em diálogo com a psique. Elas permitem que, lentamente, eles comecem a entender o que sentem, enviam ecos de questões que ainda não entendem. Na infância, sofremos com conflitos horríveis e fortes, que não entendemos e os adultos ignoram: os ciúmes são imensuráveis, a cólera é tremenda e até perigosa, e a tristeza, terrível. (Evelio Cabrejo PARRA, 2013)

É horrível estar em uma sociedade igualitária no sentido de que o resultado de todos é o mesmo sempre. As pessoas são diferentes e, felizmente, não dão o mesmo valor para o sucesso econômico. Tem gente que está disposta a sacrificar muito da sua vida para ganhar dinheiro, tem gente que não. Há pessoas que preferem ser artistas, cientistas, boêmias. Essas possibilidades também são um direito, mas todos os jovens e crianças deveriam ter a oportunidade de escolher uma trajetória considerando a plenitude do que podem chegar a ser como sujeitos. (Eduardo GIANNETTI, 2016)

LUXO

Existem os gastos com a burocracia, com a máquina emperrada do governo. Tudo isso precisa ser combatido. Não vamos ter complacência com deslizes administrativos. Vamos economizar, buscar verbas aqui e lá fora para que sejam plenamente aplicadas. Acho que um país que precisa tanto de investimentos na área social não pode dar-se ao luxo de desperdiçar recursos. (Carlos CHIARELLI; Ledja Austrilino SILVA; Adolf SCHÜLLER NETO, 1990)

Aquele que tem a memória da vida, esse quer estar no mundo sabendo de tudo, querendo tudo, criando seu próprio saber. Isso é perigoso, porque é criador. Por isso não é suportado, porque nesse mundo sem-vergonha não se aceita que haja povos que querem viver. Então eles subornam com tecnologia, com coisas. Pro branco é melhor gastar muito e pôr o índio num prédio de luxo, pagar tudo, do que admitir que o índio quer viver. (Ailton KRENAK, 1990)

Há educadores e autoridades que consideram um luxo dotar de um computador uma escola carente que não tem nem quadro-negro, por exemplo. Eu considero que, se não investirmos em tecnologia tão caras, teremos professores com formação cada vez mais precária, recebendo salários cada vez menores, em escolas cada vez mais carentes. (Maria Luiza BELLONI, 1993)

Antes dos anos [19]80, e até um pouco depois, era muito forte o sentimento, por parte de muitos administradores educacionais, de que a pré-escola era um luxo e de que o Brasil não tinha condições de oferecer pré-escola porque não havia sequer universalizado o ensino de 1º Grau. Na década passada, foi vencida essa oposição à pré-escola. Ganhamos um espaço na Constituição de 1988 e vamos conquistar mais espaço na nova Lei de Diretrizes e Bases. (Vital DIDONET, 1993)

O que deixou a gente assustada é que, enquanto as meninas estão nesse deslumbramento com o namoradinho, um menino da mesma idade – que teoricamente é o companheiro de alguma delas – está transando com um monte de gente. E, coisa que eu pensei que não acontecesse mais, alguns deles se introduzem no sexo com prostitutas de luxo – são os jovens de classe A com garotas de programa. Enquanto isso as meninas estão preocupadas é com engravidar; pegar Aids nem passa pela cabeça delas. (Clarice HERZOG; Rosangela BOLZE, 1993)

A parceria é o caminho natural e salutar para a educação. Mas, como também já foi dito, o papel do Estado é extremamente importante, não só financiando, coordenando ações e buscando novos parceiros, mas pensando estrategicamente, antevendo situações. E investindo sempre no ideal de que erradicar o analfabetismo e manter todas as crianças na escola durante todos os anos do ensino fundamental não deve ser um luxo, mas um compromisso. (Ruth CARDOSO, 1999)

Existe uma babá de luxo, que sempre está em casa. As crianças criam-se com uma grande fidelidade a essa babá, que é a TV. Com ela aprendem que, se estão mal, tudo irá melhorar com uma certa bebida; que se elas têm problemas de amor; há um antitranspirante que imediatamente as tornará desejadas por todos, assim como tal relógio, tal camisa ou tal jeans. (Eduardo KALINA, 1999)

[As crianças] precisam ter também um ambiente físico razoável. Não há necessidade de luxo, mas segurança, bem-estar e higiene. Hoje, em algumas regiões, isso está muito longe da realidade. Quando você chega a uma favela, por exemplo, e entra num cubículo de dois metros quadrados com cinco, seis, sete crianças amontoadas, algumas dentro de uma caixa de papelão, e uma senhora vendo televisão, só vem uma ideia à mente: isso está errado, as crianças não podem ser tratadas feito animais, elas têm mais direitos. (Regina de ASSIS, 2000)

O *intelligent tutoring system* pretende criar uma democracia do aprendizado e tornar possível que a pessoa aprenda bem e rapidamente. É o que se chama de conhecimento *just in time*. Hoje, as pessoas não podem se dar ao luxo de levar muito tempo para se aperfeiçoar ou adquirir uma certa habilidade necessária desejada. A realidade é “semana que vem eu tenho que saber isso”. (Claude FRASSON, 2003)

O fato de ter vencido a etapa da graduação e agora estar prestes a vencer o doutorado é praticamente um luxo para a realidade indígena e até mesmo para a sociedade brasileira. A responsabilidade social da minha formação acadêmica motivou a minha atual atividade, que é articular e coordenar uma rede de acadêmicos, pesquisadores, profissionais e lideranças indígenas com o objetivo de promover e difundir o desenvolvimento da ciência, tecnologia, pensamento e espiritualidade dos povos indígenas. (Gersem BANIWA, 2008)

Uma das minhas primeiras preocupações era mostrar aos alunos que o conhecimento pode ser uma aventura fascinante e prazerosa. Na universidade, me dava o luxo de não fazer chamada, porque acho que a presença obrigatória é contraproducente. E nunca tive problema com frequência. Pelo contrário, vinha gente de fora assistir às minhas aulas. Acho que plantei o gosto pelo conhecimento nos meus alunos. (Ariano SUASSUNA, 2008)

Sempre considerei que o professor dos ensinos Fundamental e Médio não pode se dar ao luxo de fazer distinções entre tipos de leitura. Ele tem que formar o gosto pela leitura. Quando se está na universidade, quando são feitos estudos mais aprofundados de literatura, aí, sim, se justificam escolhas relacionadas a diferenças de qualidade literária. Penso que, quando se trata de formação de hábitos de leitura, o modo de ver tem que ser diferente. (Regina PONTIERI, 2011)

Nenhuma instituição ou organização pode se responsabilizar, de maneira isolada, pela educação de uma criança no mundo atual. É difícil dizer o que as escolas devem ser, mas certamente não se trata de infraestrutura luxuosa ou apenas de tecnologia avançada. Uma escola pode funcionar até sem eletricidade. O que importa é a existência de um lugar de encontro. A aula pode acontecer até debaixo de uma árvore. (Edith ACKERMANN, 2013)

O espaço é um lugar privilegiado de formação das crianças e dos jovens. Nós precisamos ver que lugar é esse, quais são os cuidados necessários para que haja respeito, dignidade, igualdade, para que esses valores sejam aprendidos no cotidiano. Precisamos ver o que queremos da vida escolar. Não é uma questão de luxo com o espaço. A biblioteca, por exemplo, pode ser um canto com um caixote ou uma sala com poltronas e ar condicionado – o que faz dela uma biblioteca é a

organização e o acolhimento dos alunos, ela está lá para que os livros sejam lidos. (Tereza PEREZ, 2013)

Se uma criança não lê, não progride nessa aprendizagem e tende a ser alguém que se porta de maneira muito frágil no mundo, pois não domina os discursos, pelo contrário, é dominado pela fala alheia. Ter um amplo repertório ainda é importante para saber o que sente e o que pensa e dialogar com os demais. Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo. (Teresa COLOMER, 2014)

LIXO

A criança tem de ficar mais tempo na escola, sim. Nos países do Primeiro Mundo as crianças ficam também oito horas por dia na escola. No Brasil, não: isso não é justo, é luxo, sobretudo para a criança pobre. Se as escolas americanas têm isso tudo e muito mais, por que a criança brasileira não pode ter? Ela é considerada um lixo? Onde é que nós estamos, meu Deus do céu?! (Maria Yedda Leite LINHARES, 1991)

Em nome do construtivismo, do processo de construção do conhecimento da criança, se desconhece e se nega – mais ainda, se apaga e se joga no lixo – o processo de construção do conhecimento dos professores. Porque não basta que os professores ouçam alguns fragmentos de teoria para que incorporem essa nova maneira de entender a alfabetização, e muito menos para que mudem sua prática. (Sônia KRAMER, 1995)

A realidade brasileira apresenta diferenças sociais gritantes: ao lado de poucos ricos convivem imensas maiorias empobrecidas. O mesmo país que corre atrás de tecnologias sofisticadas possui ainda seres humanos revirando o lixo para comer. Não se trata, portanto, de abandonar a luta pela transformação social, mas de iniciá-la também a partir da subjetividade. (Elydio dos SANTOS NETO, 1998)

Há imagens que são puro lixo, sujeira que não vale absolutamente nada, e há muitas palavras que tampouco valem algo [...]. A partir dos anos [19]50, tem havido um predomínio dos códigos icônicos sobre outros tipos de códigos. E nos últimos dez anos esse predomínio invade praticamente todo o ambiente visual ou audiovisual de qualquer cidadão, sobretudo em contextos urbanos. Essa “iconização da realidade” é a construção de imagens que, de maneira consciente ou não, rodeiam os cidadãos. (Roberto APARICI, 1999)

Eu poderia ter virado uma pesquisadora e ficar trabalhando num laboratório. Mas faltaria alguma coisa. Quando uma aluna me conta que ficou com restos de comida ou um pedaço de papel na mão até achar um lixo, eu fico maravilhada. Às vezes uma palavra que dizemos muda a vida de uma pessoa. Eu até me arrepio com isso. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Quais são os saberes que somente a escola pode oferecer? Como distinguir meras informações de conhecimento? Como sobreviver a esse excesso de informação que o avanço tecnológico nos proporciona? Como distinguir a boa informação do lixo informativo? Na verdade, uma grande questão que fica para a escola é manter o acesso ao conhecimento, e não apenas o consumo da informação que esse avanço tecnológico proporciona. (César COLL, 2002b)

Começamos a criar substâncias artificiais que a natureza não reconhece. Daí, desenvolvemos tecnologias de reciclagem que imitam com muita limitação o ciclo da natureza, mas não resolvem a questão. A confiança na tecnologia faz as pessoas consumirem sem compromisso. Hoje, o volume de produção de lixo é desproporcional ao que é possível reciclar. Então, a reciclagem nunca solucionará a questão, porque a indústria vai criar novas substâncias e as pessoas vão

consumir cada vez mais achando que tudo pode ser reciclado. (Rita MENDONÇA, 2006)

As coisas são mais complexas e andam mais rápido na atualidade. Precisamos ajudar as crianças a aprender a filtrar o “lixo” que nos bombardeia constantemente nos meios de comunicação de massa e a ser capazes de localizar as informações e inspiração de que precisam para se desenvolver como aprendizes. (Thomas ARMSTRONG, 2008b)

No estado atual das coisas, nenhuma família escolhe a via profissional para seus filhos, a não ser quando eles fracassaram na via geral. É somente quando um aluno fracassa na via geral que se diz: “então vamos colocá-lo na via profissional, ele vai aprender um ofício”. Acho isso terrível. Não que não seja bom aprender um ofício, o que acho ruim é que a via profissional parece ser lixo, é lá que a gente coloca nossos filhos quando eles fracassaram na outra via. (Luc FERRY, 2010b)

Quando seria preciso reforçar a autoestima dos jovens transgressores no processo de sua recuperação e mudança, as instituições jurídico-políticas os encaminham na direção contrária: punem, humilham e dizem-lhes “Vocês são o lixo da humanidade”. É isso que lhes é dito quando são enviados às instituições “socioeducativas”, que não merecem o nome que têm – o nome mais parece uma ironia. Sendo lixo, sabendo-se lixo, pensando que é este o juízo que a sociedade faz sobre eles, o que se pode esperar? (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

Talvez o primeiro passo possa parecer muito simples, mas é bem complexo: é ensinar o aluno a acessar as informações, porque a internet tem muita coisa boa e tem muito lixo também. Tem muita coisa que forma e tem muita coisa que deforma. A técnica de acessar não é complicada, então se acessa tanto a informação de má qualidade como a de boa qualidade. Eu creio que o bom professor é aquele que vai ajudar o aluno a discriminar, identificar e realmente acessar aquilo que [...] o leva a evoluir. (Celso ANTUNES, 2014)

Creio que novas tecnologias apenas intensificam um fenômeno que já existia – basta olhar o que está à venda numa banca de jornal. Fazemos de conta que só existem os grandes jornais, as revistas semanais e as revistas femininas. Mas os salões de beleza e os consultórios médicos também mostram que está disponível uma profusão de revistas sobre TV, artistas, beleza, decoração etc. Fala-se muito mal (com razão) das baixarias presentes em muitos comentários que ocorrem na internet. Mas há também muito “lixo” impresso, e muita gente o lê. (Sírio POSSENTI, 2014)

Ora, depois de formados os condomínios universitários o que aconteceu? Os verdadeiros gestores do sistema passaram a publicar apenas para marcar pontos no Lattes, reduzindo a qualidade ao preço da quantidade, poluindo as revistas científicas com um lixo industrial acadêmico que prejudica a todos. Os síndicos geraram regras tão complexas que ninguém consegue mais levar em conta o que acontece nas salas de aula. O pior dos mundos com o melhor dos diagnósticos. (Christian DUNKER, 2015)

Já não há problema de escassez de informação, mas sim de superabundância. Os cidadãos contemporâneos vivem saturados de informação e rodeados de

incerteza, e o desafio está em aprender a diferenciar, discriminar, valorizar a informação útil e descartar a que é puro lixo, construir com a informação mais valiosa modelos, esquemas e mapas mentais que ajudem a transitar pela complexidade da vida contemporânea. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

A primeira questão que eles [os alunos] relataram foi a do lixo, que os impedia de ir para a escola em dias de chuva devido a alagamentos, além de contribuir para doenças como dengue e leptospirose. Fiquei pensando: pensamento computacional e robótica são extremamente interessantes, mas não adiantaria muito falar sobre isso se eu não resolvesse o problema do lixo, que para eles era algo mais urgente. Então tive a ideia de pegar esse tema e transformá-lo o em currículo, com trabalho de robótica com sucata. (Débora GAROFALO, 2019)

IMPOSSÍVEL

O ideal seria que cada professor usasse o livro de sua preferência. Mas é preciso levar em conta a mobilidade do professor e do aluno de uma escola para outra. É impossível conciliar todas as situações. Há ainda a questão do tempo limitado para a escolha. Mas nada impede que a escolha para o ano que vem comece a ser feita já. De qualquer forma, só por ter discutido, o professor de voto vencido já participou da escolha. (Egberto da Costa GAIA, 1986)

Aquele ritmo de crescimento, desenvolvimento e multiplicação de conhecimento da sociedade é tão rápido que é impossível de ser acompanhado pela instituição escola. [...] As classes desfavorecidas, se não têm a escola, estão condenadas ao fracasso, o que aumentará a exclusão social das classes minoritárias, fato que anteriormente não acontecia. Antes a sociedade e a escola andavam paralelas, a criança da classe trabalhadora podia perfeitamente, através da escola, sair da exclusão social. Hoje, isto é impossível. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Há uma política de mercantilização da educação [superior] provocada pelo próprio sistema neoliberal. Essa abertura não se importa muito com a qualidade: se há demanda, há mercado; que se atenda, portanto, a ele, a qualquer custo. Com isso, a fiscalização torna-se quase impossível em nível federal. [...] A pergunta então é: como é que se vai controlar o que ocorre na academia? Essas faculdades particulares não têm preocupação com pesquisa. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

Os professores reclamam muito dos novos alunos, que são frutos de uma nova sociedade, com relações mais complexas. Essa nova sociedade também exige um novo professor. Para haver esse novo educador, é necessário rever os paradigmas, porque não se faz uma nova educação com paradigmas antigos. Um professor não pode querer fazer trabalho em grupo com os alunos e exigir que a sala fique organizada, sem conversas. Isso é impossível. (Telma VINHA, 2004)

Fala-se muito que as crianças de hoje não têm limites. É verdade. Mas nós, adultos, também não temos. Em uma sociedade como a nossa, um dia se almoça de manhã, outro dia de tarde, outro dia enquanto se fala ao celular. Nós é que não temos rotinas para organizar a vida das crianças. Entendemos os motivos da nossa “indisciplina” porque sabemos que para muitas pessoas a regularidade se tornou impossível. (Lino de MACEDO, 2005)

Creio ser impossível uma escola ser qualificada como “boa” sem contar com uma excelente equipe docente. Em outras palavras, a boa escola é a que cria integrais condições para que bons professores possam produzir um ensino de qualidade. Sob determinados ângulos, uma escola se assemelha a uma unidade hospitalar e, dessa forma, é utopia acreditar que possam existir bons hospitais sem médicos excelentes. (Celso ANTUNES, 2007)

Qual é a grande questão dos professores atualmente? Primeiro, é que as salas são enormes, com uma grande quantidade de alunos, e eles não só têm que trabalhar com o conteúdo, mas também têm que formar os meninos. Como é que os professores entram numa sala em que todo mundo fala ao mesmo tempo? Como

é que os professores vão conseguir dar uma aula? Impossível! (Gislayne Avelar MATOS; Inno SORSY, 2007)

O surgimento da democracia colocou fim a uma série de normas e regras que pretendiam ser definitivas. Existia uma visão teocrática da educação, ou seja, educava-se a partir de um ser supremo que era indiscutível, a ponto de que alguns filósofos, sobretudo franceses, questionam se a educação não seria uma tarefa impossível. Na minha opinião, a democracia não torna a educação impossível, mas traz novas finalidades. (Philippe MEIRIEU, 2008)

O problema hoje não é a construção de escolas, mas a reforma das existentes. Os prédios são antigos, e a fiação não suporta mais de um ou dois computadores ligados – e é importante informatizar as redes. São cerca de 5 mil unidades sem água, outras tantas sem luz e ainda aquelas em que algumas crianças têm aulas no corredor, porque as salas são pequenas e é preciso fazer rodízio dentro da própria turma. No Norte e no Nordeste, com 40 graus de temperatura e salas sem refrigeração, é impossível aprender. (Cleuza REPULHO, 2008)

Oferecer diversidade de material para o professor é muito importante. Agora a repetição é uma parte da mente humana. Impossível aprender sem ela. Com a memorização o problema é se ela é útil. Se é algo que o professor não pensou, não sabe para que serve, não tem intencionalidade de fazer disso um jeito de ensinar, essa atividade é inútil, com ou sem cartilha. (Ana TEBEROSKY, 2008)

Sempre é necessário saber o objetivo do trabalho e focar as questões cognitiva e afetiva. É impossível separar uma da outra. Se a criança leva a lição de casa do dia para fazer lá, ele pode observar e analisar como ela lida com o desafio e de que forma se organiza e administra o tempo, por exemplo. Observando tudo isso, o profissional pode intervir, conversar, problematizar a situação. Também é interessante usar brinquedos e jogos. (Maria Cristina MANTOVANINI, 2012)

No currículo de Pedagogia e das licenciaturas, a Educação moral é quase inexistente. Uma falha na formação inicial. Ela deveria ser obrigatória no currículo da área da Psicologia da Educação. O ensino de conteúdos ainda é considerado por muitos como a única função docente. No entanto, é impossível cumprir isso se as crianças e os jovens não tiverem um comportamento mínimo de respeito para com o outro e consigo mesmos, dentre outras coisas. (Maria Suzana MENIN, 2012)

A escola precisa estar integrada nesse mundo contemporâneo, que hoje é um mundo da cultura digital. É impossível hoje uma escola ainda estar adotando práticas do século retrasado. O giz e o lápis continuam sendo importantes, mas se a escola não estiver preparada para trabalhar e enriquecer o seu currículo com as tecnologias digitais, os seus alunos vão ficar “párias” nessa sociedade em que essa cultura é predominante. Hoje, a cultura digital está inserida em todos os momentos da vida social. (Renata Maria Braga SANTOS, 2012)

[As escolas] não podem se fechar ao que acontece no mundo do trabalho, até porque ouvir essas demandas poderia levar a uma melhor educação do ponto de vista amplo. Já falamos, por exemplo, de ter uma escola mais criativa, que trabalhe sobre valores. Mas a realidade é que hoje as instituições de ensino são

muito fechadas, em qualquer nível de ensino. Já levamos presidentes de grandes empresas para conversar com universidades e o que ouvimos são coisas como: isso não dá, o MEC não deixa, isso é impossível, etc. (Maíra HABIMORAD, 2014)

As comunidades de aprendizagem funcionam em diversos contextos: elas pegam evidências comprovadas e as colocam em diálogo com cada comunidade. Depois, começa uma fase muito bonita, que é sonhar a escola que desejam, mas é um sonho que vai de mão dada com a ciência. O sociólogo Ramón Flecha explica que melhorar uma realidade sem sonhos é impossível. Esse sonho cria sentido na comunidade. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2019)

CÂNONES

BRASIL

No Brasil, de repente irrompe aquela alegria, sensualidade, vida. Exu. Brasil é Exu. Se eu fosse inglesa, francesa, norte-americana, possivelmente diria o que alguns deles já me disseram: “O novo, se houver o novo, virá de vocês e não de nós”. E é por isso que me preocupo muito, quando algumas pessoas vão estudar fora do Brasil. Porque estou convencida de que algumas pessoas voltam piores do que foram. (Regina Leite GARCIA, 1997)

O Brasil é um país que, diante de suas mazelas, tem uma mentalidade ibérica, extremamente normatizadora. Existe uma crença de que, uma vez que o Estado legisla sobre determinada questão, ela está resolvida. E, quando isso não acontece, a culpa é da lei. Nós temos, por exemplo, cerca de 2,7 milhões de crianças em idade escolar fora da escola, boa parte delas trabalhando. Diante desse dado, o que fazer? (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2000)

Como transferir para o homem neolítico uma parte da civilização, uma das civilizações mais fortes da cultura ocidental, que é a civilização dos jesuítas? Na verdade, os jesuítas são os maiores intelectuais do mundo ocidental no século XVI. Anchieta não tinha muita educação formal, mas os jesuítas eram a maior instituição de cultura naquele momento. Diante deles, os índios tupinambás. É fascinante. Como resolver essa contradição? É o Brasil. (Jean HÉBRARD, 2000)

Se perguntarmos a estudantes do Brasil e da Argentina quantos deles sabem que, não por casualidade, os quatro países que integram o Mercosul são os mesmos da Guerra do Paraguai, dificilmente conseguiremos uma resposta. Indo um pouco mais longe ainda, será que eles saberiam responder sobre a história do Tratado de Tordesilhas, por exemplo? Como você pode ver, existe uma história comum muito importante entre Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai. Mas isso não está suficientemente consolidado no ensino. (Juan José LLACH, 2000)

As escolas de samba brasileiras são o maior centro de criatividade artística do mundo. [...] O Brasil, como a Itália, possui uma grande veia artística, mas sofre no campo científico. Nas artes, exporta música, teatro, dança, cinema; na ciência, importa conhecimento tecnológico. A criatividade artística no Brasil deve-se principalmente aos pobres – é o caso do Carnaval. Já a científica, não pode ser realizada pelos pobres, porque requer escolarização, especialização, investimento financeiro. (Domenico de MASI, 2000)

A música tradicional da infância é o que de mais sensível e mais essencial existe na cultura de um povo. É o nascedouro da cultura brasileira. Nessas músicas do disco, como disse, podemos perceber heranças das culturas africana, ibérica e indígena. Você percebe um substrato e reconhece que aquilo é Brasil. Gosto de dizer: “Qual é o verso que queremos cantar na roda das crianças do mundo?”. O Brasil é para ser cantado e dançado. Se não cantar e dançar, não se sabe o Brasil. (Lydia HORTÉLIO, 2003)

O Brasil é um país injusto. Nosso passado deixou raízes, e nessa trajetória a educação foi muito negligenciada. Eu diria que o papel da educação num processo de desenvolvimento é fundamental para os países que dão certo. E isso deriva das nossas origens, da formação da sociedade brasileira, totalmente influenciada pelo

Estado português, pela sociedade portuguesa. Num passeio histórico, herdamos o centralismo, o privilégio, o patrimonialismo e uma dependência estatal que chega a ser mórbida. (Mailson da NÓBREGA, 2006)

Se [...] fizermos uma analogia com o futebol, o Brasil está nos primeiros lugares da segunda divisão. O grande obstáculo são as condições sociais e econômicas, mas vejo um processo de discussão em defesa da qualidade do ensino. A principal meta do país para os próximos dez anos deve ser alcançar a primeira divisão e acabar com a desigualdade gritante que permite, por exemplo, apenas aos matriculados na rede particular conseguir vaga em universidades públicas. (Alvaro MARCHESI, 2007a)

O Brasil é um país que transformou profundamente o seu ambiente natural. E nós já pagamos um preço alto por isso, como todos os países que também o fizeram. O ambiente das regiões Sudeste, Sul e Nordeste foi profundamente alterado. Na grande metrópole de São Paulo, ainda que estejamos numa região onde as chuvas são em nível adequado, enfrentamos um problema sério de abastecimento e de qualidade da água. A cidade explodiu e hoje temos problemas ambientais graves. (Carlos NOBRE, 2008)

Entre as três nações, o Brasil ficou em último no nível de proficiência matemática. Em uma escala que vai até 5, ele tirou 2,2, enquanto o Chile ficou com 3,2, e Cuba, com 3,8. Numa das salas brasileiras, a compreensão dos conceitos não atingiu nem o nível básico, atividades se baseiam quase exclusivamente na memorização e na cópia mecânica. O país também teve a pior posição quanto à média de atenção dos estudantes e ao grau de disciplina. (Martin CARNOY, 2009)

Se o Brasil quer se preparar para oferecer uma educação adequada para o século XXI, tem que criar um modelo que tenha mais a ver com vocês mesmos do que imitar alguma experiência estrangeira. Eu acho que o presidente Lula tem que olhar para o sul e não para o norte. O Brasil tem que se olhar no espelho ao invés de olhar para outros países. (Howard GARDNER, 2009c)

O Brasil é muito grande. Temos o melhor e o pior às vezes na mesma cidade. Olhar a educação apenas pela média de um indicador, como é usual na imprensa, é uma forma muito limitada de análise da situação educacional brasileira. Temos subgrupos maiores que quase todos os países da América Latina com indicadores educacionais muito bons. Isso significa que enfrentamos um sério problema de desigualdade educacional. (José Francisco SOARES, 2010)

O Brasil teve bastante avanço [na educação]. Não chegou a cumprir todas as metas, mas avançou em várias delas: cumpriu a de acesso à educação primária, a de paridade de gênero para o acesso ao ensino também. Mas, por exemplo, a garantia de qualidade e de acesso à educação infantil, a isso a gente não conseguiu chegar. Já estamos quase lá; temos 80% de crianças matriculadas na pré-escola. (Rebeca OTERO, 2016)

O Brasil é mais rural do que os interesses de nossa elite tentam nos convencer. Isso afeta a escola do campo à medida que, ao negar a importância do rural e da população que habita esse meio, não se criam políticas específicas para o rural, nem se estendem as políticas do urbano para o meio rural. [...] Essa situação

decorre de uma opção política de nossa elite, que prefere investir naquilo que dá retorno financeiro, abandonando os investimentos no humano. (Luiz BEZERRA NETO, 2017)

O Brasil foi o maior território escravista da América. Recebeu, ao longo de 350 anos, quase cinco milhões de cativos, cerca de 40% do total de 12,5 milhões de escravos africanos embarcados para o Novo Mundo. Foi também o país que mais tempo demorou para acabar com o tráfico negreiro, em 1850, e o último a abolir a própria escravidão, em 1888. Alguns dos grandes abolicionistas do século XIX diziam [...] que era preciso também enfrentar o seu legado, dando terra, trabalho, educação e oportunidades aos ex-cativos e seus descendentes. Isso o Brasil jamais fez. (Laurentino GOMES, 2019)

BRASILEIROS

O europeu assiste pouco à TV, e reclama que assiste demais. O americano assiste bastante, mas está migrando da TV aberta para a TV por assinatura. Faz a opção porque pode pagar. O brasileiro, não. É vitimado pela TV aberta e gratuita, e é fascinado pela televisão, assim como o americano pelo cinema. Se não tem dinheiro para ir ao teatro, se tem medo de sair de casa por causa da violência urbana, ele vai assistir à televisão. A responsabilidade da televisão no Brasil é dez vezes maior do que em qualquer lugar do mundo. (Jorge da Cunha LIMA, 1999)

Um professor de língua portuguesa da Universidade de Pernambuco realizou pesquisas em favelas de Recife. Os moradores respondiam afirmativamente à pergunta: “Você viu o Jornal Nacional ontem?”. Mas, em seguida, eram incapazes de descrever o que tinham visto e ouvido. O povo brasileiro não entende o que vê e ouve. Quando lê, é pior ainda. Nosso aluno do Nordeste, na 8ª série, tem o nível de informação do aluno de 4ª série de Brasília. A fragilidade cognitiva do brasileiro é muito grande. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 1999)

O brasileiro lê algo em torno de 2,5 revistas por ano, *per capita*. Na Argentina, esse número chega a sete. Em Portugal, é 14. Na Inglaterra, passa de 30. Parece que no mercado de livro a situação é similar. Daí você pode tirar conclusões: o brasileiro lê pouco e não adianta a gente batalhar nessa área. Mas aí, nós não construiríamos esse enorme prédio, essa empresa [a Editora Abril], se acreditássemos nisso. Ou, então, isso significa uma excelente oportunidade. (Fábio MENDIA, 2000)

[Os gêneros orais e escritos] podem ser vistos ao mesmo tempo. A escola não ensina a falar. E os brasileiros, particularmente, se expressam muito bem. As crianças daqui são fantásticas! O que precisamos é prepará-las para situações formais, como um debate, uma exposição para um grupo. Para nós, pode começar ao mesmo tempo, porque a escrita ajuda a oralidade e vice-versa. (Bernard SCHNEUWLY, 2002)

O Congresso é a cara do Brasil, deste Brasil do “levar vantagem em tudo”. Os brasileiros não são enganados pela propaganda. São mal informados, ou por falta de interesse ou por falta de tempo ou por falta de dinheiro para informar-se. Perpetua-se, portanto, a cara feia do Brasil. (Clovis ROSSI, 2005)

O brasileiro é muito imediatista. Ele não pensa em carreira a longo prazo. O que mais encontramos no mercado são as pessoas que “pegam” a primeira oportunidade que aparece. O imediatismo, inerente à nossa sociedade, tem culpa nisso, mas o desespero faz com que ele não espere um tempo maior para que outra chance apareça. Com certeza, isso não é o melhor a ser feito. (Ricardo BEVILACQUA, 2006)

Temos culturas diferentes, o que não significa que uma seja melhor ou pior que a outra. A relação de um jovem europeu com a arte pode ser (ou é) mais mitificada do que a de um brasileiro que nunca foi a um museu. Em muitos casos, a diferença está em que o primeiro necessita de uma Educação que desmitifique a arte, enquanto o outro deve ter uma que o leve a não mitificá-la quando começar a se relacionar com ela. (Luis CAMNITZER, 2007)

Os brasileiros não aprendem Ciência, assim como não sabem interpretar textos. As escolas são insuficientes, pequenas, mal mantidas, não têm período integral. Chegam a ter quatro turnos. Essas questões gerais mostram que a educação nunca foi prioridade no Brasil. A própria condição social do professor, que é muito baixa, reforça isso. (Ernst HAMBURGER, 2007)

Na verdade, o brasileiro não sabe falar português. Ele sabe falar brasileiro, que é uma língua completamente diferente do português falado em Portugal. As pessoas deveriam abraçar essa ideia de uma língua genuinamente brasileira porque, entre outras coisas, atualmente, o Brasil é muito mais importante no cenário mundial do que Portugal. Como já disse o Caetano Veloso, “deixe os Portugais morrerem à míngua”! (Marcos BAGNO, 2008)

Estamos num índice de 12% a 15% de obesidade. E dependendo da região é mais alto ainda. Estamos caminhando para os assustadores 30%. A preocupação maior está nas classes mais baixas, devido ao aumento do consumo de alimentos calóricos, vendidos a preços baixos. O óleo, por exemplo, é barato e acaba sendo muito usado em frituras. O brasileiro tem hábito de comer e beber tudo muito doce. A dieta acaba sendo sobrecarregada de açúcares. Muita massa, cereais refinados, farinha, pães. (Silvia COZZOLINO, 2008)

Mesmo sofisticando o sistema [de avaliação na EaD], o brasileiro dá um jeito de driblar. E se a prova é presencial? Dá-se um jeito, seja comprando a prova ou lançando mão de algum outro recurso. Somos uma multiplicidade de povos, uma raça muito especial, o que nos garante a famosa criatividade, muitas vezes utilizada de maneira inadequada. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

Nosso cotidiano está impregnado de empréstimos de outras culturas, mas isso não faz com que o brasileiro deixe de ser brasileiro. Ao contrário, ser brasileiro significa se apropriar daquilo que queremos ou nos é imposto e ressignificar isso dentro da nossa cultura. Isso ocorre para qualquer cultura, seja a brasileira, a norte-americana ou a francesa. Mas, quando chega na cultura indígena, não se permite que o índio aceite o menor elemento de uma contribuição de fora e continue sendo considerado índio. (José Ribamar Bessa FREIRE, 2010)

Brasil e Portugal, a rigor, compartilham a mesma história até 7 de abril de 1831, quando Dom Pedro abdica do trono e tem-se a nacionalização da Independência brasileira. Até então, era a mesma lei e a mesma constituição. Curiosamente, porém, as visões desse período são completamente diferentes dos dois lados do Atlântico. Brasileiros e portugueses desconhecem o que aconteceu no outro país. (Laurentino GOMES, 2011)

O brasileiro lê pouco. Livro no Brasil é visto como lição de casa, como uma tarefa escolar, não é visto como prazer. Isso representa um problema. Nunca se leu tanto, mas textos muito curtos. O jovem passa o dia lendo, mas é um *WhatsApp* ou um *post*. Suspeito que esteja havendo uma diminuição de foco, a incapacidade de ler textos longos. Nosso cérebro está sendo condicionado a estímulos de texto de curta duração, o que me preocupa. (Bruno TORTURRA, 2016)

Em primeiro lugar, não se pode pretender, penso, que os brasileiros estejam hoje mais alfabetizados que antes, se se entender por alfabetização algo mais que saber codificar e decodificar. [...] O que se pode dizer é que os níveis de letramento, tal como os níveis de alfabetização, são ainda muito baixos na população brasileira, como têm mostrado os resultados de pesquisas sobre índices de alfabetismo (letramento). (Magda Becker SOARES, 2018)

GOVERNO

Não é uma tarefa só do governo trabalhar para erradicar o analfabetismo. Mas é tarefa e missão do governo coordenar uma campanha com este objetivo. Sobretudo é tarefa do ministro da Educação ser o elemento capaz de cobrar da consciência nacional e de recordar à sociedade a existência desse quadro dantesco do analfabetismo, não só de adultos mas também infanto-juvenil. Hoje nós temos mais de 5 milhões de crianças de 7 a 14 anos fora das salas de aula. (Carlos CHIARELLI; Ledja Austrilino SILVA; Adolf SCHÜLLER NETO, 1990)

A elevação dos salários [dos professores], bem como do investimento aluno/ano (de 50 dólares para 250 dólares, aproximadamente, nas regiões mais pobres), possibilitará a estados e municípios definirem melhor suas responsabilidades em relação à oferta obrigatória de educação básica. Trata-se, na verdade, de uma mudança estrutural nos rumos da educação brasileira, permitindo que o governo central atue junto às esferas estaduais e municipais, combatendo paternalismos ou assistencialismos. (Iara PRADO, 1997)

A ideia é reforçar cada vez mais o papel do Governo Federal no monitoramento e menos na execução das políticas educacionais. O Inep realiza levantamentos para obter informações qualitativas e quantitativas que vão subsidiar a melhoria da qualidade do Ensino. Eu quero que o presidente Fernando Henrique seja reeleito. Mas, se ele não for, nossa intenção é deixar o órgão o mais institucionalizado possível. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 1998)

O governo acha que a avaliação dos livros didáticos trouxe prestígio para o MEC, dentro de sua sanha avaliadora: primeiro foram avaliadas as crianças, os jovens, criou-se o provão, e agora os livros. [...] O prejuízo será apenas para os professores e alunos da rede pública, alijados da liberdade de escolha. Quem está pensando no interesse econômico é o governo. O MEC quer restringir o número de títulos a serem adquiridos para pechinchar no preço com as editoras. (Wander SOARES, 1998)

No Chile, aproximadamente 38% dos alunos do Ensino Básico e do Médio estudam em escolas particulares subvencionadas pelo Estado. O governo não faz distinção entre elas e as municipais no que diz respeito a incentivos à qualidade. Por isso, a maioria delas adota nossos programas, apesar de terem liberdade para criar os próprios. [...] A cooperação entre o governo e os setores privados no Chile tem caráter estrutural, por causa da subvenção dada à rede privada. (Cristián COX, 2004)

Quando Reagan disse: “Não queremos um governo grande porque o governo é incompetente”, o que ele queria dizer era: “Queremos grandes governos para proteger os grandes negócios, não para proteger o povo”. Desde então, os governos têm desmontado todo tipo de programa social. Agora, com Bush, é a mesma coisa. Ele diz: “O governo é ruim, queremos o mínimo possível de governo”, mas o que ele quer dizer é: “O governo é bom se vai à sua casa e invade sua privacidade. O governo é bom se dá poder às grandes empresas, mas é ruim se serve para dar condições sociais às pessoas”. (T. Berry BRAZELTON; Joshua SPARROW, 2005)

Queremos forjar um pacto pela educação, intergeracional, que vai perpassar vários governos, independentemente de partidos políticos. [...] Não é para um governo, é para muitos governos. A ideia é que seja percebido dessa maneira, abraçado pelos partidos políticos, que são atores importantes na gestão da coisa pública, mas que seja um compromisso nacional. É algo que pode ser formulado e receber o apoio do país independentemente do ciclo político. (Fernando HADDAD, 2005)

O brasileiro tende a achar que, colocando a criança na escola, o problema está resolvido. Na verdade, colocar a criança na escola é o começo da solução, não a finalidade. Mas, como a gente penou durante muito tempo para ter essa universalização, a gente pensa: “As crianças estão na escola, papel cumprido”. O problema é que quem dita e controla esse sistema é o governo – e vai continuar sendo. (Gustavo IOSCHPE, 2005)

Alguns governos se dão bem em termos gerais, mas estão muito mal em agenda. Outros se dão bem em educação infantil, e não estão bem em letramento de adultos. Mais: outros universalizaram o ensino com uma qualidade baixíssima. O Brasil tem uma performance boa. Na corrida pelo Educação para Todos, está em 16º comparado aos outros países, e em 7º comparado com as nações da América Latina. O Brasil peca especificamente em qualidade de ensino. Esse é o grande desafio brasileiro. (David ARCHER, 2008)

[Há] uma experiência bem-sucedida, que é a da rede federal de ensino técnico na educação básica. Não são muitas escolas, mas essa rede existe e tem IDEB mais alto. Quer dizer, dentro do próprio índice criado pelo governo, a escola do governo é a melhor, ganha da particular, da estadual e da municipal, em todas as estatísticas, em todos os sentidos. Então, se você quiser fazer a educação funcionar neste país, não precisa sair de dentro do MEC. O governo brasileiro tem a melhor das escolas. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2008)

Para o cidadão, real é o município. O governo do estado e o federal são virtuais. O cidadão conta com a estrutura do município para solicitar quase todos os serviços públicos. É preciso dividir melhor o bolo tributário, de forma que o governo federal possa colocar dinheiro novo na educação, respeitando a sistemática do FUNDEB, mas ampliando essa participação que hoje é muito tímida. (Carlos Eduardo SANCHES, 2012)

Há rotas que só começaram a ser corrigidas há trinta anos. Nos dois governos de Fernando Henrique [Cardoso], nos dois de Lula e, agora, no quase um e meio [governo] de Dilma [Rousseff], tivemos um avanço significativo na área de educação escolar: saímos da indigência, da UTI [unidade de terapia intensiva], e estamos na enfermaria. Para ter alta ainda falta tempo, mas não estamos mais na UTI como estávamos há trinta anos. (Mario Sergio CORTELLA, 2015)

A sociedade e os líderes precisam começar a celebrar o bom trabalho dos professores e ajudá-los a serem reconhecidos positivamente pela contribuição que dão na educação das crianças, que serão o futuro da nação. Isso, obviamente, tem de ser uma política de governo. Em Cingapura, em toda primeira sexta-feira de setembro é comemorado o Dia do Professor. Nessa data, o presidente convida

os educadores para uma cerimônia em seu palácio, na qual alguns deles são premiados. (Lee Sing KONG, 2016)

Veja, sou economista. Por que me oporia à lógica de livre mercado? Acredito nela. Mas a teoria de economia básica nos ensina que alguns mercados não funcionam bem sozinhos. Nesses casos, o governo precisa entrar com regulamentação. Por exemplo, aceitamos que o setor bancário deve ser regulamentado para que evitemos crises financeiras como a de 2008. Educação é outro mercado que não funciona sozinho. Sem o governo, não alcançaremos resultados. Ou alcançaremos resultados que não serão equitativos. (Douglas N. HARRIS, 2017)

Os escolhidos para serem ministro [Ricardo Vélez Rodríguez e Abraham Weintraub] não estão preparados para o cargo. [...] Os escolhidos até agora não conhecem o Brasil. Tampouco conseguem dimensionar a complexidade do sistema educacional. Ignoram o fato de que União, estados e municípios devem ser um sistema educacional único, que inclui as universidades, e as decisões federais não devem ter como objetivo exclusivo o desejo de satisfazer os imediatismos políticos do governo. (Murílio HINGEL, 2019)

POLÍTICA

Políticas educacionais não são passíveis de uma avaliação rápida, instantânea. Você pode avaliar uma política econômica em curto prazo. Se ela dá certo ou errado, as empresas aumentam seus lucros, ou vão à falência. Os assalariados ficam endividados ou aumentam seu poder de consumo. Numa política habitacional, você pode avaliar se tem muita gente com casa, sem casa. Na saúde, medidas muito simples, como campanhas de vacinação ou saneamento básico, podem ser avaliadas em curto prazo. Isso não acontece na educação. (Luiz Antonio CUNHA, 1995)

A existência de parâmetros curriculares facilita a avaliação do ensino, a formação de professores em âmbito nacional e a produção de livros didáticos. É uma política de curto, médio e longo prazos, que se desenvolverá pelos quatro anos de governo, permitindo atingir o nosso principal objetivo, que é a qualidade do ensino. Embora a Constituição Federal de 1988 obrigue o MEC a elaborar o currículo mínimo para o país, esta é a primeira vez que o Ministério toma tal iniciativa desde então. (Iara PRADO, 1995)

Deveríamos pagar para que nossos professores participem dos *workshops* sobre as ideias mais recentes e para que planejem seu ensino de acordo. No entanto, nós os pagamos para que apenas digam as mesmas coisas ano após ano. Isto me faz lembrar de Henry Kissinger, que durante a guerra do Vietnã fez distinção entre política e verdade e, em certa ocasião, disse que uma determinada política tinha o benefício extra de ser verdadeira! A educação não seria formidável se tivesse o benefício extra de ser verdadeira? (William FRAWLEY; Carl RATNER, 2000)

Vejo a tensão existente entre a privatização do público e o avanço da consciência do bem público. Temos de estar atentos às formas sutis de privatização da escola. Uma das formas de privatizar a escola pública é colocá-la a serviço dos interesses privados do mercado. As políticas públicas de educação foram privatizadas na medida em que foram colocadas a serviço desses interesses. Muitos docentes e formuladores de currículos e políticas pensam como se fossem técnicos de departamentos das empresas privadas ou das agências financeiras. (Miguel ARROYO, 2001)

[Para os países da América Latina] existe um longo e árduo caminho a percorrer, pois é preciso rever as instituições que nos foram impostas, repensá-las e, se for esse o caso, reconstruí-las. A educação tem de se encaixar nesse projeto político, sem ser partidária. Nos anos [19]70 houve uma aversão à política. Tudo se despolitizou, inclusive a educação. Por isso, ela se tornou sem sentido, sem objetivos. Uma das características fortes dos países desenvolvidos é a formação política de seus alunos. (Bernardo TORO, 2002)

Eu não concordo com estratégias que pretendam ensinar os alunos a gostar de ler. A função do poder público é criar ambientes que deem condições de ler, tentar despertar as crianças para as potencialidades da escrita, prepará-las para as competências leitoras – enfim, providenciar para que seja constituída a trama que sustenta o ato de ler. Mas gostar de ler é questão de foro íntimo, não de políticas públicas. (Edmir PERROTTI, 2006)

O bom professor, assim como qualquer outro profissional que se destaca no que faz, não gosta de receber no fim do mês o mesmo salário daquele profissional que não mostrou empenho, criatividade e vontade de se superar. A velha política da isonomia salarial é um erro porque ignora o mérito e incentiva o demérito. Retira a luz dos mais talentosos contribuindo para a política da acomodação generalizada. O próximo passo desta visão é o “quanto pior, melhor”, já que ninguém se preocupa. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2008)

É na família que a revolução do amor vai acarretar efeitos no âmbito social. Por outro lado, a política não estará mais a serviço da glória do império, da glória da nação, da revolução. Tudo isso acabou. Todas essas idiotices acabaram. Dezenas de milhares de pessoas morreram por causa da revolução, por causa do patriotismo. A política estará a serviço do desenvolvimento do indivíduo. (Luc FERRY, 2010a)

O papel da política é preparar todos os personagens do ensino para a flexibilidade que virá do desenvolvimento tecnológico, de mostrar sobre como se preparar para ele. Essas bases são extremamente importantes não só para o mundo escolar, mas também para a nossa sociedade. Cada grande mudança de tecnologia dessas contém uma forte concepção educacional. Portanto, a política não vai acompanhar o avanço tecnológico, ela deve preparar o terreno para que aconteça. (José Armando VALENTE, 2011)

Na Austrália, houve um movimento nos anos [19]70 que advogava o desenvolvimento do currículo dentro da escola, e não em âmbito nacional. O argumento usado era o de que os professores sabem o que os estudantes devem aprender, e não os formuladores de políticas públicas. O que aconteceu? Em alguns lugares, isso funcionou muito bem, porque os docentes eram criativos e tinham clareza sobre como o currículo deveria ser. Em outros, os professores não tinham tanta certeza. (Barry MCGAW, 2012)

A Academia [Brasileira de Letras] está fazendo coisas, mas não é uma coisa que lhe caiba, porque ela não é uma instituição de ensino nem de formação. Agora, eu acho que, de modo geral, toda a formulação de políticas públicas de leitura padece desse mesmo mal: normalmente, ela [a política pública] é feita por burocratas que não leem. E se as pessoas não são entusiasmadas com leitura, não sabem nem por onde começar. E, se são, não têm dúvida nenhuma de como fazer, porque vão inventando o tempo todo, vão criando. (Ana Maria MACHADO, 2013)

Quando olhamos para a história das políticas sociais, vemos políticas sociais defensoras de oferecer as piores condições possíveis aos pobres, porque entendia qualquer benefício como desincentivo ao trabalho e à iniciativa de superar a pobreza. Essa visão é ultrapassada. Os estudos mostram o contrário. Quando o mínimo social que permite segurança para a família é assegurado, a tendência é de aumentar a participação no mercado de trabalho e não diminuir. (Armando SIMÕES, 2013)

Estamos nos aproximando de políticas que, em nome da valorização do professor, vão – de fato – desmoralizá-lo com base em avaliações, processos de

certificação e pagamento de bônus, combinado com um intenso apostilamento da prática docente. Isso conduzirá a uma desqualificação do educador. As repercussões sobre a Educação Infantil vão se fazer sentir na forma de uma escolarização antecipada. Isso é o que se pode notar nos países que estão se valendo dessas políticas empresariais. (Luiz Carlos de FREITAS, 2015)

Às vezes, vemos movimentos familiares ou políticos dizendo que a escola não pode ensinar política, isso ou aquilo. A escola deve fazer isso, precisa fazer isso para que cada um saiba que vai conviver num mundo que tem pessoas que pensam diferente das outras, e que é preciso respeitá-las. [...] Sem isso, a tendência é que estejamos criando gerações futuras que não saibam agir em sociedade e que, portanto, a violência vá substituir a política. A política é a condição de existência de uma sociedade plural. (Oscar Vilhena VIEIRA, 2017)

Para reconstruir a conexão dos jovens com a política, precisamos transformar a escola em um espaço realmente democrático. Se no dia a dia você promove mudanças e cria pontes entre a escola e o entorno, a política começa a fazer sentido e os jovens a perceber que existe muita gente que trabalha em prol do coletivo. É trabalhoso, mas, se entendemos que a escola está ali para formar cidadãos, que vão atuar para um Brasil mais interessante e solidário, isso precisa ser ensinado. Não dá para chegar a cada quatro anos e cobrar que eles votem com consciência. (Alice RIFF, 2019)

PODER

A organização escolar é marcada por uma hierarquia. Existe o diretor, supervisor, orientador, professor e aluno. Um exerce sobre o outro o poder de sua posição. Na minha opinião, se essas relações de poder dentro da escola não forem mexidas, se não pensarmos realmente numa escola democrática, dificilmente iremos produzir um conhecimento novo, que não discrimine os dominados. Até mesmo porque a própria hierarquia da escola já reforça esse conhecimento de que os discriminados têm que ficar no lugarzinho deles. (Luiz Alberto GONÇALVES, 1988)

Acho que num outro tipo de sociedade, onde todas as formas de poder possam ser discutidas – o poder econômico, o poder político, o poder do branco sobre o negro, sobre o índio, do homem sobre a mulher, do adulto sobre as crianças –, é possível uma relação mais equitativa. Ela não vai eliminar as diferenças, mas vai fazer com que essas diferenças não sejam interpretadas como inferioridades. (Dulce WHITAKER, 1989)

Riscar o caderno corta a palavra da criança e, ao invés de levá-la a aprender, leva-a a calar-se. Muitos alunos de classe média já desenvolveram uma certa condescendência com esses professores: eles aprenderam, por outras estratégias, a enfrentar a relação de poder dentro da escola. Mas, para as crianças de classes populares, enfrentar essa relação de poder é muito mais difícil. (Sônia KRAMER, 1995)

Se a conduta [docente] for associada a argumentos, torna-se mais embasada e o aluno terminará por incorporar essas noções mesmo quando fora do ambiente onde se exerce a disciplina. Isso é educação. Segundo Michel Foucault, essa postura não significa que se está abrindo mão de uma atitude de poder sobre a criança, até porque relações sociais não existem sem relações de poder, o poder está sempre circulando entre nós. Obviamente, é um poder consentido, um poder de reconhecimento. (Alfredo VEIGA-NETO, 1999)

O que acontece em sala de aula é um jogo de poder no qual o professor exerce o domínio absoluto, que é aceito ou não pelos outros participantes. As vezes com certa passividade ou aceitação total. Tentamos fazer um processo de aprendizagem cuja intenção é desmontar esse poder concentrado, não apenas para que a relação seja mais democrática, mas também para mostrar às pessoas que tudo não passa de um jogo de poder, uma metáfora do que acontece em outros grupos sociais. (Esther PÉREZ, 2001)

Eu me perguntaria por que o Ronaldinho Gaúcho seria politizado, de que maneira ele seria. Eles [os negros], como você, sentaram num banco de escola onde aprenderam que é bom ser branco. E ele convive em relações de poder em que o branco está bem colocado, talvez seja casado com branca, não sei. Muitas vezes acontece isso porque esse imaginário de mulher bonita, interessante, é de fato a mulher branca. (Maria Aparecida Silva BENTO, 2004)

Via de regra, são poucos os assuntos voltados à infância, à educação, no jornal. A imprensa não sabe do poder que tem, quanto pode ajudar a escola. Por que jornais e TVs não podem avaliar as escolas, em vez do poder público com seus

diferentes provões? Avalia as escolas, coloca lá, em uma matéria, para os pais e possíveis alunos compararem. Fazer isso é de interesse da própria imprensa. A gente não consegue aumentar o número de leitores porque não dá para aumentar o número de pessoas qualificadas para ler jornal. (Gilberto DIMENSTEIN, 2004)

O magnetismo que o poder exerce sobre as pessoas é muito forte e o ambicioso também deseja poder. Antigamente, dar e obedecer a ordens era mais fácil. Hoje, a troca, a comunicação, o intercâmbio de conhecimentos acaba quase nivelando quem manda e quem obedece. Por isso, quem manda vai querer mandar um pouquinho mais para exatamente salientar as diferenças. (José Ângelo GAIARSA, 2006)

A primeira coisa a se pensar é na postura física e vocal, para que o conhecimento seja animado, ganhe alma. Porque tomar a palavra em público é tomar o poder. E tem gente que sabe fazer isso muito bem – e com ideias muito perigosas. E, às vezes, ideias muito boas são desservidas por gente que não sabe tomar a palavra em público. [...] A projeção da voz é algo muito importante. Você precisa encher o espaço com o que está lendo. (Marc ROGER, 2006)

A relação com o conhecimento implica, também, relações de poder. Quando uma temática que durante anos foi silenciada ou tratada academicamente de forma distorcida – como é o caso da questão racial e da cultura negra – começa a conquistar espaço e visibilidade, produzem-se mudanças, e estas afetam diretamente os setores acadêmicos que usufruem lugares privilegiados no contexto das relações de poder. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Quando falo de relações de poder e do papel civilizatório da instituição escolar, refiro-me exatamente a pensar o poder de uma outra maneira, não apenas como controle e subjugação, mas algo em que se baseiam todas as relações sociais. E que é positivo, porque não se produz nada se não houver certos limites, se não houver normas e regras. Nessa questão de se formar um cidadão está implícito um jogo de forças. O poder que é só negativo, que só controla, é pouco eficaz porque pressupõe um poder absoluto por parte de quem está submetendo o outro. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

Quando você olha a profissão médica, ela teve uma trajetória cujas relações de poder caminharam para definir o que é o campo científico. Há muito mais consenso do que no campo da educação. Ou seja, comparamos com profissões muito normatizadas uma profissão que é pouco normatizada, que é a docente. Então, o excesso de normatização é mordaz, é autoritário, desqualifica, retira a possibilidade de o trabalhador ter a visão de conjunto de seu trabalho. (Aparecida Neri de SOUZA, 2009)

Em paralelo à consciência sobre esse problema [*bullying*], veio a percepção de que não estávamos tão atentos à qualidade das relações humanas na escola. Mas a solução não reside em maior controle social, e sim em melhor coexistência. Outro aspecto interessante é que o *bullying* descreve um desequilíbrio nas relações de poder. Parece ironia, mas esse fenômeno expressa uma mensagem clara sobre as relações em toda a sociedade do século passado. (Joe GARCIA, 2011)

A psicologia evolucionista é muito popular porque ela fornece uma fundamentação científica aparentemente elegante para o *status quo*: porque os homens têm o poder e as mulheres gostam de batom. Contudo, os dados reais que sustentam muitas dessas afirmações são bastante fracos e, na maior parte das culturas, a estrutura de poder de gênero estabelecida é tanto a base para diferenças entre os sexos quanto hormonal ou genética. (Lise ELIOT, 2013)

A maneira como temos agido não é boa nem para as escolas nem para a família, porque o que temos hoje é uma relação de poder entre uma instituição – bem ou mal, a escola é uma instituição, e tem normas e regras que todo mundo conhece – e as famílias, que são uma multidão desgovernada, porque cada família é um pequeno núcleo. Então teríamos que inventar uma maneira diferente de fazer essa aproximação, sem desrespeitar a família, a cultura familiar. (Rosely SAYÃO, 2015)

ESTADO

O Estado, na verdade, é o mediador que está situado entre os recursos recolhidos da população e a destinação desses recursos. E está claro que ele não é um mediador neutro. Ele atua em meio ao conflito das forças presentes na sociedade, cujo resultado, de maneira geral, não tem sido favorável aos trabalhadores. Como então estabelecer uma aliança entre aqueles que financiam esse Estado – não obviamente os grandes empresários, mas a população de um modo geral – e aqueles profissionais que oferecem os serviços públicos? (Sônia Maria Portella KRUPPA, 1992)

Se você for ver onde está o pessoal com nível superior, vai constatar que muitos estão a serviço de estatais. Não acredito nesta teoria do neoliberalismo de que isso vai acabar. Conversa! Vamos precisar de um Estado competente. Acho que as pessoas devem entrar para o serviço do Estado, não só pela carreira, pelo rendimento, mas também para reformar essa porcaria que está aí. (Roberto MACEDO, 1997)

Promover a ideia segundo a qual determinadas sociedades precisam menos do Estado é retornar à lei da tribo e à lei da selva, à lei de “quem tem, que tenha e quem não tem, que não tenha”. O Estado é um elemento compensatório muito importante no combate às desigualdades, e é preciso continuar afirmando que, sem esse efeito compensatório, caminhamos em direção a uma humanidade que pode parecer qualquer coisa, menos uma humanidade. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Numa sociedade de classes como a nossa, o Estado é – ou deveria ser – o representante do povo. Qual é o nosso ideal? Que o Estado se tome aquilo que ele não é: o defensor do povo. Se eu transfiro a responsabilidade cultural ao mercado, estou renunciando a esse papel de indutor da cultura. Repito: é bom que se tenha incentivos para que todos possam fomentar cultura e não haja monopólio de espécie alguma. Mas, desde que o governo não perca a iniciativa. Empresas e bancos representam interesses de grupos, e o Estado representa o interesse de toda a sociedade. (Antonio CANDIDO, 2002)

Busca-se uma escola que seja autônoma, dentro de uma sociedade democrática, e que essa democracia não seja só representativa e política, mas também econômica, social e cultural. Nesse contexto eu diria que o papel do Estado é duplo. Ele não deve ser o formulador de políticas completas. Suas políticas públicas são catalisadoras, para permitir que a escola e os profissionais se apropriem desses processos. Isso não é simples. (Corinta GERALDI, 2004)

Acontece que educação não é venda de sapato, nem de sanduíche. É um produto que profissionaliza as pessoas, gera diploma, um lugar profissional no mercado e, portanto, a população precisa ter, desses profissionais [do ensino superior privado], uma qualidade garantida. Isso é um dever do Estado, independentemente do papel fiscalizador que também é exercido pela imprensa e por outras instituições. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2006)

Um modo que não só erradique a atual onipresença da violência e da corrupção, mas que coloque algo positivo em seu lugar, em vez de recompensar, da forma

mais perversa, seus perpetuadores, entre eles, os que se autopromovem à condição de profissionais do Estado de violência (inclusive a guerra) e de corrupção do Estado. Não esqueçamos que Max Weber, partidário apaixonado da ordem social capitalista, definiu o Estado como o monopólio, autolegitimado, da violência. (István MÉSZÁROS, 2006)

Uma coisa que está se consolidando aos poucos é que a educação não pode ser uma política de governo, tem de ser uma política de Estado. É o caso do Chile, que quebrou a cabeça, fez muita bobagem, mas de 1990 até hoje há continuidade. O mesmo tipo de coalizão política se mantém há quase 20 anos. Isso permite aprender. É preciso experimentar, tentar, avaliar, é um processo de aprendizagem. (Simon SCHWARTZMAN, 2008)

Ao definir o currículo, a distribuição de alunos pelas escolas, o recrutamento e a formação docente em serviço, o Estado [cubano] tem um impacto importante na atmosfera da sala. Isso se reflete no comportamento dos pequenos, nas poucas faltas dos professores e no compromisso deles e dos gestores com a melhoria da aprendizagem, além da expectativa dos pais em relação à escola. Somam-se a esse cenário a garantia de condições de saúde e de segurança e o combate ao trabalho infantil, que também são essenciais à aprendizagem. (Martin CARNOY, 2009)

Tudo bem haver cartilhas e manuais gerais que indiquem como agir em algumas situações ou que tragam alguns princípios e valores, mas só isso não funciona. As pessoas precisam estar realmente engajadas em um projeto. Uma das formas é o Estado disponibilizar recursos, estrutura, material para divulgação, ou seja, fornecer os meios, para que as comunidades locais construam os seus modos de atuação, tentando valorizar os recursos que têm. Quem vive na comunidade é que sabe por onde passa a violência em potencial. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

O que cabe fazer é um investimento maciço no sistema público e expandir as vagas mantendo o mesmo padrão de qualidade. Aí, a escola particular ficaria como uma opção e não como uma necessidade porque não existem vagas na pública. A escola particular deveria ser uma opção ideológica ou confessional, mas a sociedade teria a garantia de um ensino público de qualidade. A relação e o endeusamento do mercado também estão penetrando a educação com esses “privatismos”, mas a educação sempre se manifestou como interesse público, ela é dever do Estado. (Dermeval SAVIANI, 2009)

Por um lado, temos a liberdade do professor de escolher a melhor orientação que lhe parece, ou a que melhor se desenvolva em sala de aula; por outro lado, temos a responsabilidade do Estado de escolher aquele que comprovadamente pode dar bons resultados para as crianças, porque gerar as condições de alfabetização é uma responsabilidade de Estado. [...] Se eu estivesse no lugar do Estado, eu escolheria uma perspectiva construtivista. (Mirta CASTEDO, 2013)

Quando o compromisso do Estado para com a educação era o de garantir apenas as quatro primeiras séries do ensino primário, o ensino médio tinha como única função a preparação para o ensino superior. Hoje, quando sabemos da necessidade de fornecer o acesso a níveis mais elevados de conhecimentos para toda a população, o ensino médio passou a ser um direito e, como tal, precisa ter uma terminalidade. (José Fernandes de LIMA, 2015)

No Brasil, desde a Proclamação da República, em 1889, o Estado é laico. Ao fim da monarquia e do poder do imperador e da aristocracia, a república se coloca de modo a manter separado o Estado brasileiro dos poderes religiosos. Desde então, a Constituição Federal afirma a laicidade do Estado. Consequência importantíssima da laicidade do Estado foi a implantação e o reconhecimento da liberdade de crença e de culto para todas as religiões e denominações, o que não havia até então, frente a uma religião única, unida ao poder estatal. (Roseli FISCHMANN, 2017)

O Estado brasileiro negligencia a educação, submetendo alunos e professores a condições físicas precárias – salas de aulas arrebentadas, mal ventiladas, com mobiliário quebrado, em escolas que não contam com laboratórios, bibliotecas. Nessas condições de trabalho, são poucos os professores que conseguem procurar materiais alternativos às apostilas (que as prefeituras escolhem) ou aos livros didáticos aprovados e comprados pelo MEC. Esses materiais [...] têm algum efeito no professor, mas seu impacto na formação do aluno é pouco significativo. (Angela KLEIMAN, 2018)

SISTEMA

Existem interesses muito conflitantes em jogo [na aprovação da LDB]. Há, de um lado, setores, entidades educacionais e representantes dos partidos progressistas que desejam mudanças na filosofia e estrutura do sistema de ensino brasileiro. E, de outro, há setores ligados aos interesses obscurantistas e mais atrasados da sociedade, representados nos partidos conservadores, que querem manter a Educação na situação em que está, assegurando, principalmente, os privilégios do ensino privado laico e confessional. (Florestan FERNANDES, 1991)

Existem no mundo sistemas que não contemplam a reprovação. É o caso do que vigora nos Estados Unidos e que tem uma qualidade razoável. Lá, no entanto, continua em vigor a avaliação dos alunos. O sistema americano talvez seja um dos mais competitivos e estabeleça até uma disputa exacerbada entre os estudantes, mesmo sem a reprovação. Os alunos vão sendo encaminhados para diferentes turmas de acordo com a avaliação que recebem nas diferentes matérias. (Paulo Renato SOUZA, 1995)

Não tenho uma definição do que é um bom sistema para o Brasil. Para chegarmos ao nível do Chile precisaríamos de 10 anos. E o Chile é um modelo bem inferior em comparação a alguns países da Europa, como a Alemanha e a França ou mesmo Cingapura. Talvez em uma ou duas gerações alcancemos os padrões dos países desenvolvidos. (Claudio de Moura CASTRO, 1998)

A educação é um dos domínios em que há mais similaridade em todo o mundo. Nas grandes linhas, os modos de atuação são comuns e parecidos, sejam países ricos ou pobres, democráticos ou ditatoriais. Todos evoluem de forma semelhante, tendendo, por exemplo, à massificação do ensino. Um dos motivos para que isso seja assim é justamente porque o sistema escolar surgiu para acabar com os particularismos, para unificar línguas, valores, homogeneizar. (Rui CANÁRIO, 2000)

No sistema universitário brasileiro, temos uma extraordinária diversidade de instituições. Algumas que precisam talvez de uma orientação mais próxima das autoridades governamentais. Mas há outras que, ao mesmo tempo, revelam a responsabilidade decorrente da sua autonomia e também uma grande sensibilidade pelas expectativas que a sociedade manifesta. É errôneo imaginar que essas instituições estão fechadas e olhando somente para seu próprio umbigo. (Jacques MARCOVITCH, 2000)

Nosso sistema ainda é muito burocrático, no qual os diretores ficam processando papeis, mas na verdade eles ainda não têm muita capacidade. Essa questão de selecionar bem a direção das escolas e dar a elas realmente essa capacidade de ação e poder de decisão é muito importante. Isso evidentemente precisa estar acompanhado de um sistema de avaliação de resultados, para que as pessoas, o público e os pais possam saber se a escola está indo bem ou mal. (Simon SCHWARTZMAN, 2002)

O que a Constituição e a LDB preveem é que os sistemas devem funcionar todos em harmonia. Por que temos muitos sistemas? Porque o país é federativo e a organização do ensino acompanha a organização política – ou seja, municípios,

estados, Distrito Federal e União são entes federados, cada um com suas competências, encargos e rendas. Os sistemas de ensino acompanham essa lógica. (Nina RANIERI, 2008)

A educação para pessoas encarceradas ainda é vista como um “privilégio” pelo sistema. Muitos professores e professoras afirmam se sentir “estrangeiros” nas unidades e percebem a unidade prisional como um ambiente hostil ao trabalho educacional. A educação se constitui, muitas vezes, em “moeda de troca” entre, de um lado, gestores e agentes prisionais e, do outro, encarcerados, visando à manutenção da ordem disciplinar. (Denise CARREIRA, 2009)

Você não pode dizer que a formação de professores é a chave para que ele [o sistema finlandês] funcione. Há diversas políticas pequenas que construíram esse sistema. Você pode dizer que é como uma casa construída de cartas de baralho. Se você tirar uma carta, todas caem. Precisamos de muitas políticas ao mesmo tempo. Se não tivéssemos apoio para as crianças que têm problema de aprendizagem, não daria certo. Se não tivéssemos professores qualificados, também não. (Reijo LAUKKANEN, 2009)

O grosso dos professores é semianalfabeto. Não é culpa deles, mas é quem o sistema está conseguindo atrair. E não tem muito o que se fazer com esse povo. Não tem como motivar. [...] Você tem que dar para o professor instrumentos de trabalho, tem que dar livro didático bom. Mas isso não resolve o sistema, isso é um remendo. Para fazer um bom sistema educacional, você tem que ter uma política para atrair gente bem formada. O resto é remendo. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

Nada que é único no Brasil dá certo. Não se pode, por exemplo, querer um sistema de saúde que seja o mesmo em todos os lugares porque o Brasil é muito grande, é quase um continente. Entretanto, queremos que na educação existam competências que todos devem ter. Então, o “único” tem que ser no aprendizado e não na maneira de se chegar ao aprendizado. Eu acredito que nós temos que ter pedagogias diferentes. (José Francisco SOARES, 2012a)

Acredito que os estímulos importantes para a criança pequena são o contato com a música, as noções de matemática, alguma ideia de leitura e, se possível, um segundo idioma. São exercícios para o cérebro. Por isso, urge organizar melhor o sistema de ensino. Pensemos nos meios de transporte disponíveis: você pode dirigir um carro, tomar um ônibus, pegar um táxi, ir de metrô, viajar de avião. Quanto o tema é educação, vamos à escola... e ponto. (Gordon FREEDMAN, 2013)

Se você acredita que educação significa ter todos os seus estudantes dominando o mesmo conteúdo prescrito e demonstrando esse domínio por meio de testes focalizados, a China já demonstrou ser a melhor, ao menos de acordo com o PISA. Mas, se você pensa que educação significa ajudar a melhorar e desenvolver habilidades individuais, produzir a diversidade, cultivar a criatividade e prover uma experiência balanceada para o desenvolvimento da criança como um todo, talvez a China seja a pior. Aliás, não se trata do único país a ter um sistema educacional com essas características. (Yong ZHAO, 2014)

O desafio de qualquer sistema educacional hoje é formular um currículo que seja capaz de atender às mudanças das demandas, que estão cada vez mais rápidas. [...] Então, a pergunta que todos devemos fazer é: como elaborar um sistema educacional que forme estudantes relevantes para as novas necessidades? O que precisamos que os estudantes saibam? Eles precisam dominar os conteúdos em detalhes? Quais são os conhecimentos fundamentais que precisamos fornecer? Na minha opinião, alguns muito básicos: linguagem, conceitos de ciências e de matemática. (Lee Sing KONG, 2016)

Os desafios da educação no Brasil não impedem que a população refugiada acesse o nosso sistema educativo. Aliás, isso pode melhorar o próprio sistema, porque os desafios que os refugiados trazem e as soluções que as escolas encontram às vezes se traduzem em melhoria para os alunos brasileiros. É a questão do aprendizado do idioma. Há exemplos de escolas que usaram sistemas que beneficiaram seus próprios alunos brasileiros. Eu não diria que a questão do refugiado é incompatível com o estágio do sistema educativo do País. Ao contrário. (Paulo Sérgio ALMEIDA, 2019)

MODELO

As nações devedoras, como o Brasil, não vão conseguir acabar com a dívida, é claro. Por isso, a proposta é garantir que pelo menos uma parte dela seja perdoada pelas nações ricas em troca da ajuda aos estudantes. É um modelo parecido com o do Plano Marshall, que reconstruiu a Europa depois da 2ª Guerra Mundial. Com 500 bilhões de dólares é possível acabar com a pobreza no mundo. Isso significa 1,6% da renda mundial. Para o *Bolsa-Escola*, só precisamos de 40 bilhões de dólares, ou 0,1%. (Cristovam BUARQUE, 2001)

A maioria dos professores somente conhece e aplica um modelo de ensino, aquele baseado na mera transmissão oral. Nossa herança pedagógica consiste em modelos de caráter expositivo, e os meios existentes, a estrutura das escolas e das salas de aula, a distribuição dos alunos e, em particular, os livros de texto correspondem a essa tradição. Uma mudança deste modelo não é possível apenas com base em um conhecimento teórico que o questione. (Antoni ZABALA, 2002)

Não defendo modelos. A Escola da Ponte fez o que as outras devem e podem fazer, que é produzir sínteses e não se engajar em um único padrão. Não inventamos nada. Estamos em um ponto de redundância teórica. Há muitas correntes e quem quer fazer diferente tem de ter mais interrogações do que certezas. Considero que na educação tudo já está inventado. A Escola da Ponte não é duplicável e não há, felizmente, clonagem de projetos educacionais. (José PACHECO, 2004a)

Há três modelos educativos predominantes no atendimento educacional nas prisões da América Latina. O primeiro deles toma a educação como parte de um tratamento terapêutico, visando à cura das pessoas encarceradas. O segundo entende a educação em sua função moral “destinada a corrigir pessoas intrinsecamente imorais”, e o terceiro assume um caráter mais oportunista, ao restringir a educação nas prisões às necessidades do mercado de trabalho. (Denise CARREIRA, 2009)

Sempre recorremos aos países nórdicos como modelos, porque são os que melhor souberam integrar todos os fatores para que o uso de computadores esteja de fato integrado às escolas, e os resultados internacionais mostram isso. Aliás, prefiro falar nas TIC como fazendo parte de um processo de intervenção pedagógica que também leva em consideração outros fatores importantes na educação, como a infraestrutura material nas escolas e, tão importante quanto, a valorização social do professor. (Antonio de las HERAS, 2010)

O caso do Chile, que é tido pelo Banco Mundial como modelo, demonstra que quando se usa a lógica de prêmio e castigo, gera-se uma desigualdade. [...] Ficamos surpresos ao saber que o Equador também está aplicando isso. Se o docente vai bem no teste padronizado, recebe um bônus de, por exemplo, R\$ 1 mil a mais. Se apresenta desempenho mediano, ganha R\$ 500 a mais. Se vai mal, a presidente do sindicato dos professores diz que eles são mandados embora. (Camilla CROSO, 2011)

Os EUA são modelo no combate [à evasão universitária]. Os índices por lá também não são baixos, há aluno que entra mal preparado, por exemplo. Mas eles trabalham bem a evasão, possuem estudos sistemáticos há muitos anos.

Além disso, existem programas de nivelamento para o aluno que entrou defasado, o que é muito útil. Japão, Finlândia, Suécia e vários outros países da Europa são referência. Na América Latina, o Chile tem um sistema educacional bem desenvolvido. (Oscar HIPÓLITO, 2011)

Os indivíduos fazem Física, Química, Geografia, Inglês, História e depois se juntam todos na faculdade de Educação para estudar didática e práticas de ensino. Isto é o maior despropósito. O curso deveria ser formação do professor, não um curso de física em que depois se completa com licenciatura. Este modelo é totalmente equivocado e sempre repetido. (Guiomar Namó de MELLO, 2011b)

Os cursos do Pronatec não estão adequados à proposta da agricultura camponesa. Eles foram pensados segundo a lógica das grandes monoculturas, quando deveriam estar ligados à sustentabilidade e à agroecologia. Precisamos refletir sobre como a Educação pode fortalecer um modelo que permita a permanência das pessoas no campo. Abaixo a ruralidade de espaços vazios! Queremos que o campo tenha gente capaz de diversificar a produção e com autonomia em relação à própria inserção no mercado. (Mônica Castagna MOLINA, 2012)

O professor, assim como os pais, é um modelo. As crianças estão olhando o tempo todo para ele. Não pode haver uma distinção tão grande entre a figura pública e a privada. Como professora, ou como qualquer outro profissional dentro da escola, não posso levar cadernos com propaganda, biscoitos com personagens, etc. É preciso ter coerência. O professor tem de se questionar: que modelo eu sou para o meu aluno? (Ana Maria Dias da SILVA; Luciene Ricciotti VASCONCELOS, 2012)

Quando queremos aprimorar o sistema de educação, tentamos apenas resolver questões imediatas imitando algum modelo bem-sucedido. Isso não funciona. Escolas de excelência são erguidas por comunidades, guiadas por um debate sobre qual é o melhor meio de educar na atualidade. Não há fórmula secreta; trata-se de pessoas trabalhando juntas, usando todas as ferramentas possíveis e disponíveis. (Gordon FREEDMAN, 2013)

A Coreia do Sul tem índices elevadíssimos [no PISA], mas lá os alunos estudam, em média, 12 horas por dia, sendo oito horas em sala de aula e mais quatro com professor particular. Eles dormem pouco, não têm infância, não se divertem e não têm tempo livre. Enfim, são jovens fadados ao estudo. [...] Queremos este modelo educacional? A minha resposta é não. (Axel RIVAS, 2014)

Muitas vezes, na Educação Básica, esquecemos que o conhecimento é a base da liberdade, da possibilidade de construirmos o nosso próprio percurso pessoal. [...] Precisamos de novas concepções de educação. O modelo escolar, tal como o conhecemos, já não serve. A sala de aula, os quadros-negros, os horários escolares rígidos, os professores a darem a matéria diante de uma turma de alunos, currículos, uniformes. Precisamos de outra pedagogia. (António NÓVOA, 2015)

Num país tão heterogêneo, imenso e tão cheio de desigualdades como é o Brasil, não me parece possível aplicar um modelo “tamanho único” para dar conta de tantos e tantos problemas. [...] A educação é muitíssimo mais complexa e está muitíssimo mais envolvida com as práticas culturais – em termos de crenças,

valores, rituais etc. – e com as condições materiais – geográficas, climáticas, econômicas etc. – do que parece a uma primeira vista. Assim, projetos, encaminhamentos e soluções que deram certo ali podem não funcionar aqui. (Alfredo VEIGA-NETO, 2018)

A ideia de conhecimento que temos é um modelo universal, masculino e cartesiano. Do mesmo modo que não aprendo sobre representantes femininas na ciência, também não tenho exemplos de pessoas negras. Isso porque o mundo é centrado na produção do homem branco europeu. Assim, pelo menos na escola formal, acabamos quase sem referências às conquistas científicas ou culturais de outros grupos. (Carla Cristina GARCIA, 2019)

CAPITALISMO

Como bem diz o historiador inglês Eric Hobsbawn, a ideia de Estado-nação está em declínio no panorama mundial. Na Europa, a tendência é de unificação, embora ainda não se tenha concretizado em termos políticos, que será mais difícil do que a unificação alfandegária e monetária. É cada vez mais claro que o capitalismo transcende o âmbito dos Estados nacionais. É uma contradição na lógica interna do capitalismo: junto com a concentração crescente do capital, ao mesmo tempo cresce a sua internacionalização. (Cláudio BATALHA, 1992)

E qual é o princípio do capitalismo, do capitalismo selvagem? Lucrar, lucrar de qualquer jeito. Dentro do capitalismo selvagem, que não tem princípio ético nem moral, não importa de onde vem o dinheiro. Pode ser o cartel do cimento, o cartel automobilístico, ou pode ser o cartel de Medellín. Os barões da cocaína do cartel de Medellín são organizados segundo os princípios capitalistas, sem controle ético, sem controle jurídico, sem controle da lei. (Richard BÜCHER, 1992)

Estamos vivendo um momento de capitalismo flexível, em que se exige da escola formar trabalhadores flexíveis. As relações mais intensas, mais profundas, não ocorrem. As pessoas “surfam” no currículo, no conhecimento. Na verdade, não seria para saber muito, não seria para entender muito, apenas formar trabalhadores mais facilmente adaptáveis às situações que o modo de produção, no momento atual, exige. Surfar se faz com máquinas, com relações superficiais e com grandes massas de trabalhadores. (Corinta GERALDI, 2004)

O problema é que houve uma transferência de responsabilidades: os pais, hoje, delegam a educação dos filhos, prestam pouca atenção nela e, além disso, dão a eles pouco senso de responsabilidade. Claro que estou falando da regra. Nem todo mundo é assim. Os filhos, por sua vez, acham que os professores são seus empregados e os tratam mais como escravos, em função do grau de capitalismo predatório que sempre se praticou no país. (Clovis ROSSI, 2005)

Em termos normativos, em virtude de seguir um conjunto de valores que aumentam a humanização da sociedade, a educação cria a visão de uma boa sociedade, que é igualmente racional em suas metas e meios e compassiva em seus resultados. Em termos analíticos, uma educação para a libertação deve abrir a mente e o coração das pessoas, acima e além das limitações da consciência social alienada ou da perseguição dos interesses privados no estilo de individualismo possessivo que caracteriza o capitalismo. (Carlos Alberto TORRES, 2005)

O capitalismo reina supremo, e o pensamento capitalista exige que as pessoas sempre acreditem que estão mudando para melhor, ou seja, tendo cada vez mais lucro. Portanto, em parte, acho que fomos induzidos a pensar, por todas as reuniões corporativas e anúncios nos meios de comunicação, que estamos mudando. Na realidade, estamos presos a formas materialistas de pensar e de ser muito fixas, e as escolas são apenas reflexo disso. (Thomas ARMSTRONG, 2008a)

O que tenho visto é que, cada vez mais, os modelos de organização do capitalismo ou da empresa são os modelos que foram moldando os hábitos, as práticas cotidianas, as formas culturais, os modos de fazer dos professores, os currículos

das escolas e das organizações pedagógicas também. Isso, para mim, é nefasto porque nos submete a pressões que são absolutamente contraditórias. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

Não é interessante para o capitalismo financeiro nas sociedades de controle que os jovens sejam formados para serem criadores de suas próprias ideias, de suas saídas, do mundo, de si mesmos, ou seja, da realidade. Quase tudo hoje funciona a partir dos mundos já criados, a partir apenas das possibilidades de reprodução já fechadas que encontramos. Cabe a nós encontrar saídas para essa situação na empreitada de resistir ao movimento de resumo da vida à sobrevivência. (Sílvio GALLO; Renata Lima ASPIS, 2009)

Eu costumo brincar que do homem o capitalismo aproveita tudo, até o berro, porque tem essa brincadeira que se fazia que do boi só não se aproveita o berro. E o berro, que os jovens deram nos anos [19]60, que era anticapitalista, libertário e progressista, foi incorporado pelo capitalismo. Os movimentos de 68, embora não fosse a intenção dos seus agentes, prepararam a transformação do capitalismo produtivo em capitalismo de consumo. (Maria Rita KEHL, 2009)

Se o setor privado está investindo muito em educação, ótimo, pois estamos em um sistema capitalista e é melhor que invistam em educação. O problema é o que o setor público está fazendo frente a isso. O investimento privado não deve aumentar a defasagem entre os estudantes que vão à escola privada e aqueles que vão à escola pública. Que é um pouco o que aconteceu no Chile. (Alejandro MORDUCHOWICZ, 2010)

Muita gente no movimento negro diz que a abolição não tem nenhuma importância, mas eu não concordo. Inclusive, porque manifestou um processo mais geral de transformação que o País estava passando. Daí que tem relação direta com a Proclamação da República e o início da economia capitalista no Brasil. É na passagem do trabalho escravo para o livre que deslança o capitalismo no País. (Joel Rufino dos SANTOS, 2010)

De um lado, estava o capitalismo, que, para alguns, era o bem e, para outros, o mal. De outro lado, estava o socialismo, que, para alguns, era o mal e, para outros, o bem. Hoje, grande parte do que estava posto pelo programa do socialismo no mundo, como a justiça social, o uso correto dos recursos naturais, etc., também se coloca para as sociedades atuais, sejam elas mais socialistas ou mais capitalistas. A tendência é que o teste da realidade mostre aquilo que funciona e o que não funciona. (Guiomar Namó de MELLO, 2011a)

Acho que nós estamos vivendo um momento de uma sociedade hiperconsumista e de extremo individualismo que me faz concordar com o filósofo francês Gilles Lipovetsky, quando ele diz que nós estamos num momento hipermoderno em que os três grandes pilares da burguesia – o capital, o mercado, o indivíduo – estão mais fortes do que nunca. Por outro lado, o capitalismo está em crise. Então, chamamos essa fase de problemática do capitalismo. Por quê? Porque se chegou a um extremo do consumo. (Graça PAULINO, 2011)

A escola virou, nos últimos 20 anos, um novo nicho de mercado. Com o desenvolvimento do capitalismo foram se esgotando determinados espaços de

lucratividade e é uma dinâmica própria dele gerar novos espaços de produção de lucro. Um dos espaços é o mercado educacional. A educação passou a ser um bom negócio porque é algo que todo mundo deseja. [...] Isso vira um espaço muito interessante para gerar lucratividade. (Nora KRAWCZYK, 2014b)

O que você pode sinalizar é dar um curso de filosofia ou de sociologia no ensino médio articulado com a vida das pessoas. É possível e desejável. [...] A sociologia poderia ser um *mix* das ciências sociais. No primeiro ano, você dá economia, para as pessoas entenderem como funciona o capitalismo e como ele também é civilizado, como ele recebe um rosto humano, graças a movimentos trabalhistas, sociais e ambientais, por vezes muito duros. Sem isso, o capitalismo é barbárie. (Renato Janine RIBEIRO, 2018)

BUROCRACIA

Os entraves colocados pela burocracia existem para evitar a corrupção, os privilégios, mas o problema é que ela exorbita porque foi feita para o controle, está baseada no princípio da desconfiança. Então, qualquer iniciativa das pessoas é, no fundo, punida, e a ideia de criação nas escolas vai se perdendo. Por outro lado, a atividade de esperar tudo do Estado está muito internalizada no professor e acaba se confundindo com o corporativismo da categoria, também muito grande. (Moacir GADOTTI, 1991)

Queremos acabar com a burocracia para liberar verbas para a educação. Em 1994, 30% dos recursos dos convênios feitos com as prefeituras e estados não chegaram às escolas. Só pudemos enviar o dinheiro este ano. [...] Por conta da burocracia. Os recursos eram enviados às escolas através das prefeituras e só a metade dos municípios, cerca de 2.500, era beneficiada. Apenas 10.000 escolas [das 182.000 cadastradas] recebiam o dinheiro. (Barjas NEGRI, 1995)

Esse dinheiro [destinado à educação] se perde no caminho, na burocracia. Nos convênios municipais, por exemplo, não temos a garantia de que o dinheiro chegará às salas de aula, mesmo que o acordo esteja vinculado a um projeto educacional. Existe ainda a substituição das fontes de recursos. Temos indícios de que em muitas ocasiões se toma dinheiro para fazer uma coisa que seria feita de qualquer maneira, com outras verbas. Então, nesse caso, está mesmo ocorrendo uma perda de recursos. (Paulo Renato SOUZA, 1995)

Os professores reclamaram da burocracia nas regionais e na Secretaria de Educação para conseguir ônibus, observaram que faltou banheiro para tantos alunos, que a divulgação foi fraca. Muitos comentaram que em alguns depoimentos do vídeo não havia legenda. Para todos os professores que pediram mais informações a gente deu um jeito de passar sugestões de discos e livros. Falei milhões de vezes: “Que porcaria de rádio você ouve? Escuta a Rádio MEC”. (Felicja KRUMHOLZ, 2002)

No Rio de Janeiro, há quatro bibliotecas estaduais e cerca de 22 municipais. Mas nelas você encontra uma série de burocracias para retirar um livro. São as regras. A mim não interessam tais regras. Não existe uma política que incentive o cidadão a ler. Aí, surgiu a ideia da Biblioteca Comunitária Tobias Barreto. Tudo começou com 50 livros. Hoje são mais de 19 mil. (Evando dos SANTOS, 2002)

Diferente de outros setores da economia, boa parcela dos dirigentes educacionais não tiveram formação em gestão e nem a prática mercadológica que seus cargos exigem. [...] As tarefas rotineiras e operacionais do dia a dia de uma instituição de ensino costumam ser tão envolventes, que os gestores educacionais ocupam quase todo seu tempo “apagando incêndios” ou cumprindo rituais burocráticos, restando pouquíssimo tempo para planejar o futuro de sua empresa. (Ryon BRAGA, 2005)

Os problemas aqui são muito grandes, crescem numa proporção geométrica, enquanto os meios do Estado não crescem, ou crescem em proporção aritmética. No caso do incentivo à leitura, tenho às vezes a impressão (mas só a impressão) de haver uma tendência a aumentar “mais do mesmo”: mais bibliotecas, mais

distribuição gratuita de livros, mais campanhas de leitura... Isso significa, em geral, aumentar também a burocracia. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

A reforma [educacional espanhola] não implica verdadeiros desafios intelectuais e emocionais, nem para os alunos nem para os professores. Os reformadores ainda estão mais preocupados em determinar o número de horas dedicadas a uma determinada matéria do que em conseguir captar e desenvolver o interesse e o desejo de aprender dos alunos. Fala-se de autonomia, de criatividade e de participação, mas fortalecem-se a burocracia e as decisões hierárquicas. (Juana SANCHO, 2006)

Nós burocratizamos muito a educação escolar, os alunos estão repetindo lição que fizeram na escola, que coisa mais chata. A gente não sabe colocar desafios para eles. Ensina um conceito, tem que fazer ele pensar, aprofundar aquele conceito sozinho e depois trazer de volta para ver o que aprendeu e poder aprofundar mais. A gente ensina pouca coisa de muito conteúdo. E nós deveríamos ensinar muito de pouco. (Rosely SAYÃO, 2011)

É preciso advertir que uma avaliação dos professores realizada especialmente em uma perspectiva de controle pode ter efeitos paralisantes. [...] Em face desse controle burocrático, os professores tendem a adotar estratégias de proteção, astúcia e tergiversação, investindo mais energia para mostrar que cumprem as prescrições do que para promover inovações pedagógicas e projetos coletivos que favoreçam as aprendizagens de todos os alunos. (Léopold PAQUAY, 2012)

Talvez devamos apelar ao bom senso dos titulares do poder público, pedir-lhes que estejam atentos a excelentes práticas que muitos educadores brasileiros vêm produzindo, sem importação de modas pedagógicas, que são o contraponto da construção social “escola” que a modernidade nos deixou como herança. A velha escola há de parir uma nova educação, mas as dores do parto serão intensas, enquanto a tecnocracia e a burocracia continuarem a invadir domínios nos quais deveria prevalecer a pedagogia. (José PACHECO, 2013a)

Ficou claro, em minha última visita, que os brasileiros também estão infectados pelo vírus da pressa e entrando na reação global contra ela. Em São Paulo, vi cartazes de publicidade de um banco com slogans que captam a filosofia *Slow*. [...] Por outro lado, há muita “lentidão ruim” no Brasil. A burocracia é terrivelmente ineficiente, de modo que tarefas simples podem levar horas ou dias. Em todo o País você vê pessoas esperando em filas. A pobreza obriga milhões de brasileiros a viver na miséria da lentidão forçada. (Carl HONORÉ, 2014)

Em relação aos colegiados escolares, é importante que a sua atuação não seja burocrática. Além de acompanhar a execução do orçamento, que é descentralizado para cada unidade escolar, os colegiados precisam assumir, efetivamente, uma ação pedagógica. Essa ação torna-se também política quando a escola busca contribuir para a construção da sociedade que todos queremos. (Macaé EVARISTO, 2015)

Infelizmente, a proposta pedagógica (que eu prefiro chamar de projeto político pedagógico – PPP) tem sido tomada como formulação burocrática, destituída de significado. É muito comum vermos a elaboração de um PPP apenas como

obrigação, para cumprir as exigências legais. [...] Não raro, a teoria apregoada no PPP guarda uma distância infinita da prática efetivada. (Luciana Esmeralda OSTETTO, 2015)

A burocracia não precisa ser um problema. A coisa está muito ruim há muito tempo, está tão desarrumada que você não sabe por onde começar. É como aquele cara que solta pipa com aquela linha lipasa que tinha antigamente e embolava tanto que era melhor arrebentar e dar um nó. Você fica apagando incêndio, mais preocupado se a sua escola vai aparecer na mídia por um problema como uma tampa de vaso quebrada, uma lâmpada queimada, do que em cuidar das pessoas. (André Luís BARROSO, 2017)

DEMOCRACIA

Estudos recentes mostram que não temos mais de 6% da população ligado a qualquer um desses tipos de organização [civil organizada]. Essa pequena parcela não tem força para consolidar a democracia e, por isso, a educação popular tem que avançar no trabalho de base, estabelecendo essa estreita ligação entre o aprender a ler e escrever e as questões da sobrevivência diária da população. (João Francisco de SOUZA, 1990)

Existe hoje claro consenso nacional a respeito da Educação como política pública prioritária para consolidar nossa jovem democracia e preparar novos cidadãos mais habilitados e competitivos. Apenas assim, a juventude estará habilitada para o enfrentamento dos grandes desafios a que devemos responder no próximo milênio. Não tenho dúvidas de que, independentemente do pluralismo de ideias e valores, já existe uma preocupação geral com a ética e a promoção de uma sociedade mais justa e menos desigual. (Fernando Henrique CARDOSO, 1994)

A sociedade brasileira tem quatro desafios pela frente. O primeiro deles é completar a democracia no Brasil, onde as pessoas se sintam parte de uma República, sem a nobreza e a plebe, onde a opinião pública acabe com a corrupção, e onde acabe o corporativismo, que termina destruindo o tecido social. Como decorrência, vem então o combate à pobreza, que ficou cada vez mais difícil com a globalização. (Cristovam BUARQUE, 2000)

Entendemos a democracia como a capacidade de uma sociedade organizar-se a si mesma, ou seja, um país não será livre se ele mesmo não se der ordem, porque a liberdade é possível somente na ordem, e a única ordem da liberdade é a que nós mesmos construímos com outros. [...] Ou seja, a democracia não depende dos iluminados, a democracia não precisa de caudilhos, a democracia acredita nas pessoas comuns e simples como nós, que somos capazes de gerar orientações de que a sociedade necessita. (Bernardo TORO, 2001)

Talvez por não terem tradição escravocrata, por terem melhor distribuição de renda, experiências mais democráticas, [Argentina, Uruguai e Chile] acabaram colhendo frutos muito melhores na área educacional. Não há possibilidade de se ter democracia política e social se não há democracia econômica, do ponto de vista da distribuição de renda. Não existem no mundo experiências onde você tenha um volume de concentração de renda igual ao do Brasil e onde haja democracia educacional e social. (Sérgio HADDAD, 2005)

A democracia implica um processo de participação em que todos são considerados iguais. Entretanto, a educação envolve um processo mediante o qual os “imatuross” são levados a se identificar com os princípios e formas de vida dos membros “matuross” da sociedade. Assim, o processo de construção do cidadão democrático é um processo de nutrição cultural, mas também envolve a articulação de princípios de socialização pedagógica e democrática em indivíduos que não são uma tábula rasa em termos cognitivos e tampouco em termos éticos. (Carlos Alberto TORRES, 2005)

[Na década de 1980] a orientação tecnicista foi relativizada, sofreu algumas variações com a chamada redemocratização, por conta de que agora não havia

mais regime ditatorial, quando as coisas eram baixadas de modo autoritário. Os governos de oposição, do então MDB, introduziram alterações secundárias naquela estrutura que permanecia a mesma; do ponto de vista democrático também houve certo democratismo, mas não a democracia propriamente dita. (Dermeval SAVIANI, 2008b)

Depois de anos de regimes fechados ou estagnação econômica, vários países, nas últimas décadas, encontraram um caminho de democracia e crescimento. Em outros tempos, esse crescimento seria simbolizado por construções de catedrais. Mas, hoje, em sociedades em que o Estado é laico, isso não mais é possível. Então, fazer o quê para criar construções que simbolizam nossa era? A resposta é construir museus. (Marcello DANTAS, 2009)

O único problema da educação na democracia, que é um problema sério, é que o público-alvo são as crianças. Criança não vota, e os efeitos da educação são a longo prazo. Então você tem um imbróglio na lógica política; por isso que tem de se contar muito com a participação da sociedade, etc., porque os políticos não dão, pelas razões do mercado eleitoral, a devida importância à educação. (Marcelo Cortes NERI, 2011)

E você não pode reprovar [o aluno]. Eu conheço pais que processaram os professores porque o filho foi reprovado. Tudo é democrático demais, é o engano da democracia, é o mau uso da democracia. Tem que ser ditatorial nessas coisas: tem que aprender, tem que estudar, tem que passar, tem que escrever direito. Se você não sabe o Português, que é a sua língua, que dá unidade ao País e às pessoas, como é que fica? É o domínio do “menas”, de deixar o erro acontecer. Eu acho catastrófico. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Acho que há um monte de pessoas [no Brasil] comprometidas a fazer mudanças significativas e trazer melhoria para o sistema em benefício das crianças. E eu acho que temos de fazer isso, realmente – caso contrário, nossas democracias estarão em perigo. A qualidade da educação pública é uma condição necessária para uma democracia saudável. Espero que possamos ser capazes de responder a este desafio. (Rachel LOTAN, 2013)

No Brasil existe uma ideia há décadas, principalmente desde o governo Vargas, de democracia racial. Essa concepção de certa forma tornou invisíveis os conflitos evidentes. Determinou a celebração de uma formação que não contemplava, tanto nas escolas quanto no senso comum, as matrizes negras e indígenas que são formadoras da sociedade brasileira. Celebrava-se a miscigenação, mas só estudamos a história da Europa, como se isso fosse dar conta do conceito de formação nacional. (Amilcar Araujo PEREIRA, 2013)

A educação está marcada, em todo o mundo, por diferentes projetos de sociedade, relações de poder e conflitos resultantes do choque entre democracia e capitalismo, que perpassou o século XX inteiro e se mantém nos dias de hoje. De um lado, uma dinâmica social de inclusão, de outro, retrocessos que se expressam em novas formas de exclusão. De um lado, a necessidade de formar cidadãos, de outro a exigência de capacitação para o trabalho. (Nora KRAWCZYK, 2014a)

Se a alfabetização e, de modo mais geral, o ensino da leitura e da escrita, qualquer que seja o sistema de escrita, fizerem com que as capacidades de literacia se desenvolvam plenamente e se tornem universais, os povos poderão funcionar em democracia autêntica, porque então todos terão capacidades para intervir nos debates e nas decisões. (José MORAIS; Régine KOLINSKY, 2014)

Não nos enganemos: estamos diante de uma ofensiva contra as instituições democráticas. Bolsonaro, seus filhos, seu ideólogo e os acólitos de todos eles são alérgicos a democracia. Seu projeto é o de transformar o Brasil em algo da ordem da atual Hungria ou da Polônia. Vejo com prazer um número importante de jornalistas, intelectuais e universitários que se situam na centro-direita, ou mesmo na direita, convencidos de que estamos em um cenário que ameaça seriamente a democracia no Brasil. (Ruy FAUSTO, 2019)

DITADURA

Sem dúvida, o regime autoritário, a ditadura que durante 20 longos anos dominou o país – e não foi só esta ditadura, foi também o Estado Novo e os períodos negros da história nacional –, marcou a geração que está aí, em boa parte marginalizada, desassistida, sem condições de exercer plenamente a cidadania. A ditadura foi responsável pelo desvio da diretriz nacional da Educação. (Carlos Pereira de Carvalho e SILVA, 1990)

Os países da América Latina saíram da ditadura militar em situação de crise econômica e entraram numa sociedade democrática com políticas neoliberais, de esvaziamento do papel do Estado, com valorização do mercado. E todos eles estão sofrendo as consequências dessa crise econômica. Por um lado, o poder público não tem mais capacidade de financiamento de uma escola de qualidade. Por outro, a sociedade não tem condições de frequentar a escola. (Sérgio HADDAD, 2005)

O pensamento crítico genuíno não pode nunca ser extinto, nem sob as condições de uma ditadura militar, como o povo brasileiro testemunhou, pois a permanente repressão das vozes críticas conflita com as necessidades de reprodução do próprio sistema capitalista. Elas podem ser suprimidas sob determinadas circunstâncias históricas, mas, de modo algum, permanentemente. (István MÉSZÁROS, 2006)

O problema no Brasil, em relação às políticas de formação docente, constitui uma questão muito delicada: a dimensão política da educação. Essa dimensão foi assumida pelos educadores durante o regime militar. Naquele momento, a luta contra a ditadura incluía a luta contra as políticas públicas emanadas daquele regime. Parece que os educadores, desde então – e esse é o ponto delicado – desenvolveram grandes habilidades em criticar e pouca capacidade em propor. (Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS, 2006)

O que é a escola? Hoje, ela é um aparelho ideológico do mercado. Já foi um aparelho do Estado no período da ditadura. Os interventores determinavam o que as pessoas deveriam estudar. O instrumento da ditadura obrigava os meninos a aprenderem Educação Moral e Cívica ou Organização Social e Política do Brasil. Essa fase acabou. A escola passou a ser determinada de acordo com a vontade do mercado. (Tião ROCHA, 2008)

Essa escola é repressiva, punitiva, com grades, não está preparada para o século que nós vivemos, aliás, não estava preparada nem para o século XX. Estamos no século XXI e não muda. Eu achei que quando acabasse a ditadura a escola pensaria mais livremente, mais autonomamente. A escola deveria ouvir a comunidade, o jovem, mas não ouve. Um professor de história, para dar aula, primeiro tem que saber a história do aluno dele. (Dagmar GARROUX, 2009)

Não foi propriamente o processo de inclusão digital o que surgiu nos anos [19]80, no fim da ditadura militar; foi a introdução do computador na escola. Mas a intenção era apenas uma virada na educação para melhorar a formação de “mão de obra”, que começou a despertar para a necessidade de formação de “cérebros

de obra”. Não havia a consciência de que a tecnologia digital estava gerando uma nova cultura. (Léa FAGUNDES, 2011)

Em [19]71, a ditadura fechou o meu colégio em Brasília. O [Fernando] Collor estava lá, eu era do primeiro ano e ele, do terceiro. [...] Diziam que ele desfilava para as festas da primeira-dama, Iolanda (mulher do presidente Arthur da Costa e Silva), para arrecadar fundos. Diziam também que ele era lindo. Eu e meus amigos o considerávamos um mauricinho, um bofe cafona, e um baita de um reacionário. Já naquela época ele era pedante e comandava uma chapa de direita. (Milton HATOUM, 2012)

Houve, a partir da ditadura, uma inclinação e um movimento no sentido de acabar com a escola pública e transformá-la [a educação] numa indústria, que é a escola privada. E isso foi se acentuando e foram aparecendo os grandes, megaempresários da educação. Hoje você não vê escolinhas, você vê universidades, faculdades, institutos, fundações, onde só interessa arrecadar dinheiro. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

A ditadura agravou entre nós o individualismo, o particularismo, o oportunismo e o descaso pela coisa pública (república), fatores responsáveis pelo descrédito em que caíram os políticos e as instituições. Não se percebe que o público não é assunto do Estado, é assunto nosso, afeta nossas vidas. A escola, a começar pela educação básica, pode ser um excelente instrumento para fazer reverter esta situação. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

Sabemos quem está gordinho. Não precisa pesar todo mundo. Não temos esse tempo sobrando para ações que não têm uma função clara, que não vão ajudar as crianças a não comer mais ou a tratá-las. Se há algum problema, podemos eliminá-lo tratando dele individualmente. É desnecessário colocar todo mundo em fila, como acontecia na época da ditadura, para pesar e medir. (Gustavo GUSSO, 2014)

Em meus tempos de escola, vivíamos uma ditadura militar, que buscava desconstruir por completo a imagem de Getúlio e de seu principal herdeiro político, Jango. Já na universidade, nos tempos da abertura política, meus professores marxistas também procuravam reduzir a figura complexa do ex-presidente ao ditador do Estado Novo, negando-lhe qualquer virtude ou mérito. (LIRA NETO, 2014)

[Diálogo e práxis educativa são] o antídoto para os dois grandes projetos que destroem a educação pública: de um lado, o autoritarismo e, de outro, a tecnocracia. Se você tentar criar um diálogo permanente, aberto, que convida ao intercâmbio, um diálogo que é praticamente uma maneira de transformar as ideias por meio da prática, você tem um antídoto contra o que experimentamos com as ditaduras na América Latina e no mundo inteiro e contra o que experimentamos agora com a ditadura do neoliberalismo tecnocrático. (Carlos Alberto TORRES, 2014)

A educação que temos hoje, no Brasil, deriva ainda desse massacre histórico-cultural que foi a ditadura militar e de todos os acordos imperialistas que o Brasil viveu nesse campo. O que temos hoje é o que deriva desse massacre da educação,

então as coisas ficam muito perigosas porque não temos uma educação que quebre com a pura repetição, com a pura preparação para o trabalho com a transformação de crianças, que são seres humanos, potências criativas, construtivas, políticas, sociais. (Marcia TIBURI, 2015)

Os militares se ilustraram como os protagonistas de um governo ditatorial que torturou e matou muita gente. Só que, desde pelo menos os idos dos anos 1960 e 1970, houve mais de uma ala dentro das forças armadas. Uma parte aceitou a democratização. Outra desejava não apenas manter, mas radicalizar a ditadura. O bolsonarismo-olavismo se identifica explicitamente com esta última, a das forças mais radicais, que se opôs, pela violência, à abertura final. (Ruy FAUSTO, 2019)

REVOLUÇÃO

Nossa escola é uma escola de nota, papel e diploma, mas sem prática. Falta esse outro lado da vida. A escola tem que dar condições do aluno transformar teoria em prática. Os ginásios industriais faziam isso, tinham oficinas, galerias de arte. Era uma outra filosofia de vida. E esse foi um dos pontos cruciais da revolução educacional ocorrida neste país, que em determinado momento fez mudanças radicais. Eu acho que isso se deu de maneira consciente para que as coisas acabassem como estão hoje. (Luiz Carlos CAGLIARI, 1988)

É a estrutura da sociedade que determina as características da Educação. Vivemos numa sociedade burguesa, onde a produção é coletiva, mas a apropriação é individual. Essa contradição – muitos trabalham e poucos ganham – condiciona e limita o papel da escola. Por isso, há quem acredite que não adianta pensar em mudar nada, sem que se faça uma revolução. Isso é verdade, em parte. Mas uma revolução em si não muda tudo. Está aí o exemplo do Leste Europeu para mostrar. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

Num momento em que se pensa que nunca mais vai haver revolução, eu, pelo contrário, acho que vai haver. Não depois de amanhã e não igual às que já houve. A gente precisa compreender que a história não se acabou. O que está acabando é uma maneira de fazer história. Hoje a gente está começando a viver uma nova maneira de ser históricos, que é preciso que a gente perceba. Tudo que a gente puder fazer para esclarecer isso é dever fazer. (Paulo FREIRE, 1993)

As revoluções devem começar nos grupos e comunidades interessadas em transformações. Nesses pequenos espaços coletivos, transformam-se as pessoas, suas práticas e suas relações com a sociedade circundante. A partir daí podemos começar a mudar espaços mais amplos da sociedade. Assim podemos ousar a construção de uma sociedade plenamente humana. (Elydio dos SANTOS NETO, 1998)

Temos de entender que na década de [19]80 foram criados sistemas de ensino. Agora tem merenda, programas especiais e tem uma série de coisas. Acredito que seja hora de entrar na sala de aula. Agora a revolução da educação está na sala de aula e não mais nas mãos do governante. Eles têm de fazer acontecer a educação na sala de aula. A sala que tem de melhorar. Ou a sala de aula muda, ou a educação brasileira vai continuar a droga que é. (Claudio de Moura CASTRO, 2003)

Tome o cérebro humano. Fazemos infinitas conexões que se intensificam à medida que envelhecemos. Agora imagine que podemos, graças ao computador, integrar essa “constelação de neurônios” com a de milhões de outras pessoas. Essa é a comparação que faço. A internet nos permite hoje criar uma superinteligência coletiva, dar início a uma grande revolução humana. (Pierre LÉVY, 2003)

A Coreia, por exemplo, depois da guerra era um país de terceiro mundo, em situação muito pior do que o Brasil. Em pouco tempo, os coreanos conseguiram fazer uma revolução educacional. As famílias começaram a apostar na educação e até as mais pobres gastaram recursos para investir na aprendizagem dos filhos.

O Vietnã é outro exemplo de país que está investindo muito na educação. (Reynaldo FERNANDES, 2007a)

Nós entendemos que a velha educação profissional não dá conta dos desafios que a juventude tem diante de si, sobretudo numa fase de revolução tecnológica como a que vivemos, na qual as próprias fronteiras do conhecimento estão se diluindo e se refazendo em novas bases. Então, ou nós aliamos a educação profissional e a revolução científica ao Ensino Médio ou teremos problema em formar gente preparada para os desafios dessa nova configuração de forças no mundo material. (Fernando HADDAD, 2007b)

O educacionismo é a visão de que o progresso da humanidade é construído por uma revolução da educação, que assegure escola de máxima qualidade e igual para todos, independente da renda da família. Os núcleos de cada cidade reúnem educacionistas, que são os militantes da revolução pela educação. Esses núcleos estimulam debates, discutem propostas, propõem ações às comunidades, cobram dos políticos soluções para os problemas da educação e organizam passeatas nas cidades. (Cristovam BUARQUE, 2008)

As psicologias do século XX trouxeram contribuições substantivas para compreender os processos de aprendizagem dos seres humanos. Na medida em que elas criticaram as velhas explicações, que se centralizavam ou na herança genética ou nos estímulos ambientais, situando o núcleo explicativo na atividade do sujeito, produziram uma grande revolução. (Fernando BECKER, 2009)

O educador, eu gosto da palavra educador, vai até parar um planejamento de aula para ouvir o aluno. Ele sabe que vai compensar parar um dia para ganhar um ano. Ele vai dar matérias com muito mais motivação, usar o teatro e a dança. O rap é um bom exemplo. Pô, você pega o *hip hop*, são cinco laudas escritas, você pode dar aula de português com isso, de literatura, história, geografia. Mas não. Muitas vezes, a escola e o professor não querem isso, não querem ouvir. Eu não entendo isso! Meu sonho é ver uma revolução educacional no Brasil. (Dagmar GARROUX, 2009)

Nenhuma revolução possui tanta força como a educação, porque ela acompanha o processo evolutivo e o desenvolvimento do ser humano, fase após fase. Como esposa, mãe e professora de muitas experiências, acredito que essa é a arma mais poderosa para a consolidação da liberdade e de nossos direitos. A educação integral não deve esquecer ninguém. (Dorina de Gouvêa NOWILL, 2009)

Chegou o tempo de fazermos uma verdadeira revolução na formação de professores. O que existe é frágil. A interligação entre as questões do ensino, da investigação e das práticas escolares e a participação efetiva dos profissionais na formação dos futuros professores são fundamentais para que se crie um novo modelo de formação de professores. Não nascemos professores. Tornamo-nos professores por meio de um processo de formação e de aprendizagem na profissão. (António NÓVOA, 2010)

Atualmente, estou cada vez mais convencida de que não há solução, pois a escola não quer a diversidade, e a arte é, por definição, revolução permanente. A escola está ainda muito preocupada com a norma. Fazer arte, na educação, é estar junto,

dar liberdade, mas não abandonar, e sim permitir que o que outro tem a dizer seja expresso através da pintura, gravura, dança, música. (Ana Angélica ALBANO, 2013)

Estamos justamente em uma das grandes revoluções da cultura escrita. As revoluções da cultura escrita foram marcadas pela escrita manual, a escrita impressa e agora pelo computador. Essas três grandes revoluções são revoluções das tecnologias da escrita. [...] Agora não escrevemos com as mãos ou máquinas de imprimir, mas escrevemos sobre um teclado, e a superfície não é papel, couro, pergaminho, mas uma tela de cristal. O que tem a ver isto com a alfabetização? Muito. (Mirta CASTEDO, 2013)

ESQUERDA

Nem todos os nossos males começam em 1964. O autoritarismo, o centralismo, o coronelismo, a dependência são traços inatos da nossa cultura. A esquerda, por exemplo, tem receio de dizer essas coisas porque é basista. Frequentemente defende a ideia de que tudo que é popular é correto, mas nem toda cultura popular é de fato excelente, porque ela é contraditória, está permeada pela cultura dominante. Se a população não valoriza a educação, o papel da escola é mudar essa visão. (Moacir GADOTTI, 1991)

Quando ele [o livro *Pedagogia do Oprimido*] foi publicado, muitas pessoas, mais esquerdistas do que de esquerda, criticaram o livro dizendo que eu falava e usava conceitos muito vagos, tais como a noção de opressão. Aí eu peguei o livro e o li para contar quantas vezes eu havia falado de classe social. Você verá que eu falei de classe social 33 vezes no livro. O que é que eles queriam? (Paulo FREIRE, 1997)

A mobilização anterior [à LDB] se arrefeceu e a capacidade de resistência foi quebrada pela adoção da estratégia das reformas pontuais. A falta de alternativas a essa forma de encaminhamento da política educacional, assim como ao seu conteúdo, tem imobilizado as chamadas “esquerdas”. Penso que é necessário aprofundar o debate sobre a realidade atual no âmbito das forças de esquerda. A mudança da situação está exigindo alteração nos conceitos e nas formas de luta. (Dermeval SAVIANI, 1997)

Quando me refiro aos “senhores da mídia”, não me refiro aos donos das empresas. Estes são apenas uns covardões e omissos que se deixaram sequestrar pelos comitês políticos a que entregaram suas empresas. O nome Roberto Marinho, hoje, só serve para disfarçar sob uma fachada direitista o poder do *lobby* esquerdista que domina tiranicamente a Rede Globo. (Olavo de CARVALHO, 1999)

[Há] uma luta pela manutenção do privilégio, por lugares de poder, por lugares que têm sido destacados aos brancos. Brancos em lugares de poder dentro do aparelho do Estado, mesmo sendo progressistas, de esquerda, nem sempre têm esse interesse em agilizar isso. Você vê que muitos deles, aquelas pessoas que tiveram discurso ao longo da vida contra a violação de direitos, no que diz respeito à questão racial, eles permanecem omissos. (Maria Aparecida Silva BENTO, 2004)

A reforma educacional feita na gestão anterior utilizou diversas linguagens, de vários grupos, de tal forma que, nas explicações das diretrizes curriculares, muita gente se identificava com o que estava lá. Por exemplo, a questão da interdisciplinaridade foi algo que sempre defendemos, uma educação integral, que não seja setORIZADA, segmentada. Outro exemplo: ensinar coisas que têm a ver com o dia a dia do aluno. Esses princípios sempre estiveram presentes entre os diversos grupos de esquerda. (Antonio Ibañez RUIZ, 2004)

O nazismo, o fascismo e o comunismo – como no caso do maoísmo – manipularam os jovens, fazendo-os pensar, falar e agir em função dos interesses de um partido ou de um governo totalitários. Isto continua ocorrendo hoje com igrejas e partidos políticos de direita e de esquerda. o Protagonismo Juvenil que

proponho se baseia nos princípios de liberdade (democracia) e “nos ideais de solidariedade humana”, que são (artigo 2º da LDB) as bases da educação brasileira. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2006)

Aos poucos, no campo da educação, inclusive oficialmente, secretarias estaduais e municipais de educação começaram a implementar a teorização crítica, mas com um enfoque fundamentalmente clássico. Como disse, as desigualdades de gênero têm que lutar contra uma barreira para conseguirem ser efetivamente discutidas. Mesmo no campo de esquerda elas não são aceitas ou acolhidas imediatamente. Elas têm dificuldades. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

Em toda a minha vida estive militando em espaços da esquerda política, social, ecológica, alternativa, embora nunca tenha sido militante de um partido político tradicional. Fui fundador dos Movimentos de Renovação Pedagógica [na Espanha] e desde sempre acreditei que, no dia a dia da escola, tinha que haver essa conjunção entre o rigor acadêmico e científico, o compromisso do docente e a militância política. Considero essa articulação fundamental para qualquer professor. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

Há cerca de 30 anos, o Estado de Bem-Estar Social está em crise, os direitos adquiridos fecham a mobilidade social, a redistribuição de renda não é sempre justa. Dizem também que esse modelo não é favorável ao dinamismo das economias confrontadas à globalização. Em uma perspectiva mais ampla, o modelo da igualdade de vagas perdeu um pouco de sua hegemonia política. O fato é que a esquerda, em praticamente todo o mundo, vive uma crise ideológica maior. (François DUBET, 2010)

Na Espanha, por exemplo, em menos de dois anos, o atual governo conservador está conseguindo desfazer aquilo que o sistema conseguiu em duas ou três décadas em matéria de igualdade de oportunidades, com uma agenda extremamente ideológica. Por sua vez, a esquerda e as organizações de professores mostram-se carentes de ideias, defendendo velhos privilégios corporativos que são apresentados como de interesse geral, mas que não o são. (Mariano Fernández ENGUITA, 2012)

O fato de os professores possuírem um nível educacional elevado e de a educação aparentemente inclinar às tendências políticas mais para a esquerda não é muito explicativo. [...] Durante o século XX, a academia construiu uma imagem liberal. Essa reputação interessa mais a estudantes progressistas que podem considerar a carreira de docente. Para um aluno conservador, por outro lado, essa opção não é muito atraente. A inclinação à esquerda dos professores virou um fenômeno autoproduzido. (Neil GROSS, 2013)

Como as pessoas hoje em dia tentam não emitir declarações preconceituosas sobre gênero, raça, origem geográfica, orientação sexual, classe etc., elas se valem da língua para externar sua concepção atrasada de sociedade. O preconceito linguístico é muito arraigado, até mesmo entre pessoas que se julgam progressistas. É talvez a única forma de preconceito que reúne pessoas de todos os pontos do espectro político, desde a extrema direita até a extrema esquerda. (Marcos BAGNO, 2015)

Veja bem, sou uma pessoa de esquerda. Tenho a minha ideia e luto pelo que considero ideal. Agora, não vou ser um radical, tenho de conviver na realidade que está posta, tento mudá-la, mas tenho de conviver. De onde menos se espera pode vir uma boa ideia. Não pode ser exclusivo da esquerda se ter boas ideias. O Sistema S tem boas ideias e práticas, é referência de qualificação profissional no Brasil. (Cid GOMES, 2015)

A bandeira da educação como elemento responsável pela diminuição das desigualdades sociais aparece nos discursos de esquerda e de direita. Ora, se você quer mesmo resolver as diferenças do Brasil, faça uma política de distribuição de renda. Ao transferir essa tarefa para a educação, ela fica para o amanhã. Além disso, essa visão pressupõe uma continuidade entre o aparelho produtivo e o escolar, o que simplesmente não existe. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2018)

IDEOLOGIA

O professor costuma falar: “Ah! Esse menino não tem jeito”. Por essa ideologia, o sucesso ou fracasso escolar dependeriam do dom, aptidão, inteligência e talento de cada um. Essa ideologia foi muito legitimada pela Psicologia, quando esta ainda se baseava em testes, como o que mede o QI. A cientificidade da ideologia do dom foi irremediavelmente abalada quando se evidenciou, a partir da ampliação do acesso das camadas populares à escola, que as diferenças “naturais” não ocorriam entre indivíduos, mas entre grupos de indivíduos. Isto é, entre pobres e ricos. (Magda Becker SOARES, 1988)

A escola sempre enfatizou uma educação intelectualizada, o que reflete a situação de interesse de classe. Valoriza o que é valorizado pelas classes dominantes. A escola nunca permitiu a construção de uma ideologia que não fosse essa. Por isso existe esse tratamento de desprezo às questões da corporeidade, da Educação Física, do esporte. A escola passa a ideia de que essas questões significam tempo perdido, inútil, e, em razão disso, podem ser menosprezadas. (Celi Nelza Zulke TAFFAREL, 1991)

O professor não pode entender a aula como mero passatempo. Por trás de toda a relação pedagógica há um projeto de reprodução de valores, de uma ideologia. Quer o professor exija que as regras de determinada prática sejam cumpridas – para se reproduzir consciente ou inconscientemente o sistema em que a gente vive –, quer o professor dê aos alunos a possibilidade de criar as próprias regras, é inquestionável que o jogo [esportivo] é um momento de educação. (João Paulo MEDINA, 1994)

Essa distinção entre política e educação, no final, tem a ver com o basismo. Ela tem a ver com uma posição basista da educação, da política. Uma premissa básica da investigação é perguntar se ela significa uma despolitização ou negação da teoria para introduzir a psicologia cognitiva. Trata-se da negação da teoria, da negação da ciência, e não pode ser feita. Não podemos aceitá-la. Contudo, é trágico quando uma pessoa ingenuamente desenvolve uma linha de investigação e ainda assume a pior e mais autoritária das ideologias, a ideologia basista. (Paulo FREIRE, 1997)

A maioria das pessoas que têm acesso à Educação talvez nem precise dela, pois o entorno sociocultural em que vivem já lhes dá meios suficientes. Em contrapartida, os mais necessitados estão nas camadas mais desprotegidas. Essa barreira não pode existir. Com a globalização e ideias semelhantes, está claro que o pensamento único está sendo aceito. As ideologias morreram. Dessa forma, a Educação está destinada a alimentar classes e países dominantes. (Antoni ZABALA, 1998)

No regime capitalista, a escola só parcialmente está integrada no aparelho ideológico do Estado. A simples existência de escolas particulares assegura o pluralismo, a variedade, a liberdade. Só de maneira muito remota, problemática e, às vezes, invertida e contestatória a escola reflete, assim, a ideologia dominante. Mas, certamente, uma parte das escolas desempenha esse papel, sobretudo a rede de ensino público. (Olavo de CARVALHO, 1999)

Há um erro profundo na ideologia do mundo atual – e eu não falo como homem de esquerda, nem de direita, falo como humanista, como um pensador deste século. Hoje, teríamos que corrigir Descartes, pois já não vale dizer “penso, logo existo”, mas sim “compro, logo existo”. Tenho uma filha de cinco anos e tudo o que ela fala é: “Papai, compra isso para mim?”. (Eduardo KALINA, 1999)

Não dá para ter uma visão do tipo: “Sim, dou minha aula, cumpro meu horário, recebo o salário e não tenho nada a ver com o resto”. Os educadores precisam ser reciclados, integrar-se ao grupo com uma estratégia pedagógica comum. Na minha opinião, é inconcebível que, numa mesma equipe, haja docentes com posições políticas e visões de mundo diferentes. Isso é um problema para os alunos. As escolas deveriam formar um corpo coletivo, não partidário, mas ideologicamente afinado, do ponto de vista dos princípios éticos. (FREI BETTO, 2002)

Onde a educação é mais avançada, há uma clareza muito grande nos programas de ensino. O Brasil optou por uma posição mais ideológica. O que temos, então, é uma orientação muito vaga. Se você for prestar um concurso para o Banco do Brasil ou para o Ministério Público, vai a um desses cursinhos e lá terá livros em que está, ponto por ponto, o que você tem de saber para passar. Os PCN não têm isso. [...] O grande problema é que esses parâmetros misturam conteúdo, metodologia, processo e ainda têm uma carga de ideologia. É uma salada. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2004)

Se nós nos perguntarmos o que é a educação, para que ela serve e qual nosso objetivo, poderemos passar para o terreno do político. Isso requer uma reflexão sobre o viver cotidiano e o projeto do país no qual estão inseridas as considerações sobre educação. A partir disso, fica claro que o projeto educacional de cada época e lugar pode e terá objetivos diversos, de acordo com a ideologia e modos diferentes de adotar responsabilidades sociais. (Virgínia SCHALL, 2007)

As palavras “meio” e “ambiente” podem ter o mesmo significado. Empregar ambos os verbetes não traduz um cuidado redobrado e sugere a ideia de conservar só pela metade. Portanto, “meio ambiente” é um termo polissêmico impregnado de uma ideologia subjacente que pode garantir, em nome de um progresso e de uma economia não sustentável, uma preservação parcial da natureza, como acontece atualmente. (Mônica MEYER, 2011)

As gramáticas de perfil tradicional, mesmo que não assumam explicitamente essa ideologia retrógrada, filiam-se a essas ideias a partir do momento em que só dão exemplos do “uso” da língua extraídos de obras literárias de autores consagrados, de preferência já bem mortos e enterrados. Por isso, é preciso libertar o ensino dessa ideologia e levar as pessoas a se apoderar de sua língua sob todos os seus aspectos e usos, e não somente visando ao domínio de um padrão irrealista, anacrônico e excludente. (Marcos BAGNO, 2015)

Na Inglaterra e em muitas partes da Europa, [...] estamos vendo os próprios fundamentos das democracias ocidentais sendo desafiados para mudanças por ideologias políticas autoritárias e antidemocráticas. Isso exige que cada um de nós que trabalhamos para crianças e famílias aumente seus esforços para criar ambientes para a primeira infância que incentivem nossas crianças a desenvolver

suas capacidades críticas e usufruir de seus direitos, como jovens cidadãos, de viver em um mundo sustentável, cívico e socialmente justo. (Chris PASCAL, 2018)

Não é possível haver disjunção entre um projeto de sociedade justa ou de sociedade autoritária, por exemplo, e projeto pedagógico. A pedagogia e a didática escolhidas pelos professores têm que ter coerência com suas ideologias políticas. As escolas espelham a ideologia política vivida socialmente. Assim, no atual momento em que vivemos, vejo essa liberdade, essa autonomia docente muito vigiada. Some-se a isso o fato de que, na Educação Básica, o ensino tem sido uma prática muito prescritiva. (Cipriano LUCKESI; Cristina D'ÁVILA, 2018)

O filme [*Eleições*] mostra que não existe doutrinação ideológica de parte nenhuma [na escola]. O que há são pessoas, com várias referências, que podem discutir abertamente qualquer assunto. Precisamos garantir que a escola seja um espaço de respeito e liberdade. O filme mostra que uma experiência democrática é viva, com a qual você aprende com alegria, por meio de um diálogo saudável – e que não tem nada de errado com isso. (Alice RIFF, 2019)

POESIA

Existem normas de funcionamento da atividade intelectual, formas de rigor. Em Matemática, em Poesia, também. Não são exatamente as mesmas: existem várias maneiras de se fazer poesia. Não é qualquer pessoa que, inspirada pelo pôr-do-sol ou pelo lindo tempo, vai sair produzindo assim, de imediato, poesia. [...] E essas normas não são sinônimas de dominação social. (Bernard CHARLOT, 1996)

Essa correlação entre memória oral e memória escrita é uma especificidade da cultura brasileira. Uma consequência é a presença da poesia, na literatura. Não conheço país onde a poesia seja tão forte na literatura. As pessoas da rua conhecem poesia, pessoas com pouca educação escrita gostam de poesia. Penso que isso é muito importante para entender bem qual a relação do Brasil com a escrita. (Jean HÉBRARD, 2000)

Acho muito mais importante ler um poema, antigo ou novo, ou ler uma charada, ou escrever um texto do que estudar o que é um substantivo e um adjetivo. Agora, por outro lado, ensinar isso também é bom, desde que o aluno não seja reprovado – ou considerado estúpido – na escola, porque não sabe definir substantivo. Ou não sabe a diferença entre um substantivo concreto e um abstrato, coisa que nenhum filósofo sabe! (Sírio POSSENTI, 2001)

É verdade que eles [os jovens] começam a sair mais de casa e ter outros interesses, mas um dos principais motivos é que os professores tornam a literatura chata, decupando-a em partes pequenas e analisando minuciosamente o seu vocabulário, em vez de dar mais valor ao sentido do texto, à sua ação. Nada mais passional do que um romance, nada tão maravilhoso quanto a poesia! (Edgar MORIN, 2003)

O maior instrumento do professor é a palavra. Ele pode ter quadro, giz ... Uma coisa interessante que eu notei na França é que tudo se baseia na palavra do professor. Muitas vezes ele lê o texto, o que aqui no Brasil não se faz. Meu filho foi alfabetizado lá. Quando o professor entrava na sala, os alunos se levantavam e diziam *Bonjour, Monsieur!*. Aí todo mundo se sentava e começava a aula. Os alunos decoravam uma poesia por semana e tinham que declamar a poesia com entonação. (Gislayne Avelar MATOS; Inno SORSY, 2007)

Quando você chega na escola numa cidade pequenina – “São José do Cabrobó”, por exemplo –, se uma criança não consegue aprender nada, a culpa em geral é dela e não da escola. O sistema é inatingível. Ninguém quer mexer no currículo. Posso até ilustrar. O sistema oferece sete aulas de gramática por semana e nenhuma de poesia. Como você quer que os meninos aprendam? (Tião ROCHA, 2008)

Uma das barbaridades que ainda são feitas no estudo de poesia, por exemplo, é decompor o poema, analisá-lo gramaticalmente, semioticamente, estruturalmente etc. Esse é um recurso masoquista, pois o poema é muito maior que sua análise. Quem faz isso deveria decompor substâncias e olhá-las com microscópio. Não sou contra a teoria literária, mas me oponho a quem apenas olha o texto e esquece o resto. (Joel Rufino dos SANTOS, 2008)

Os docentes não serão melhores professores com mais informação. Eles podem ter mais conhecimento, mas isso não altera a qualidade deles mesmos como professores. Então, para alterar a qualidade dos professores e, portanto, da educação, a gente precisa lidar com a literatura. Eu gostaria, inclusive, que cada professor começasse a sua aula citando apenas um verso de um poeta, de uma poesia. (Rubem ALVES, 2009)

Será que os “músculos” da mente usados para aprender matemática são os mesmos utilizados para aprender história? Então, nós os estimulamos [os alunos] a analisar as semelhanças entre os aprendizados de diferentes matérias, não dos conteúdos, mas dos processos de aprendizagem. Por exemplo: ciências e poesia, o que têm em comum? Uma resposta possível é: em ambos os processos de aprendizagem, cientistas e poetas têm de ficar absorvidos com as coisas do mundo. (Guy CLAXTON, 2006)

Muitos jovens acham que os livros só têm lições a dar. Aqueles que descobrem que há os que tratam de temas humanos concretos, sem pretender ensinar, mas, sim, especular de forma subjetiva, acho que têm tudo para se tornarem leitores. Infelizmente, a escola reduz um poema numa série de exercícios e a fruição da poesia se perde. Os livros didáticos têm um lugar importante, mas limitado. Eles não formam leitores. (Ricardo AZEVEDO, 2009)

Precisamos de uma educação em que, ao invés de fragmentos de poemas serem “usados” para se ensinar regras de gramática, os jovens aprendam a boa gramática viva da língua para aprender a ler a poesia pelo resto de suas vidas. Precisamos não esquecer que em cada criança e em cada jovem pode existir, à espera de despertar, um filósofo, uma pensadora, um poeta, um construtor de seu mundo. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

O fundamental num livro para crianças e jovens é que seja inteligível, sem trair a beleza poética da palavra. Há, porém, essa noção enganadora de que ela é uma literatura simples. A Cecília Meireles enfrentou certo estranhamento quando publicou *Ou Isto ou Aquilo*, por ser uma poetisa com obra consagrada a publicar para crianças. Perguntaram-lhe, então, como era escrever para crianças, ao que ela respondeu: “É o mesmo que escrever para adultos, só que melhor”. (José Jorge LETRIA, 2012)

[A literatura] também está relacionada à fantasia, à fabulação, que é uma necessidade humana, e por isso inventamos histórias desde sempre. A literatura constrói comunidades ao reunir pessoas que têm os mesmos referenciais, gostam dos mesmos personagens e das linguagens. Graças à poesia, por exemplo, lutamos com a nossa incapacidade de expressar tudo o que sentimos. Ela é o laboratório da língua e, tal qual as artes plásticas e a música, gera prazer. (Teresa COLOMER, 2014)

A poesia pode ajudar, e muito, a resolver um grande problema que enfrentamos nas escolas brasileiras: o fato de que os alunos leem mal. Muitas vezes, nossos estudantes vão mal na escola porque não são bons em leitura. Eles não compreendem o que leem e, por conta disso, não conseguem atender às solicitações dos professores nas provas e nos exercícios. A poesia, por geralmente ter uma linguagem agradável ao leitor, serve como forma de resolver esse

problema. Portanto, sugiro que o professor dê muita poesia simples para seus alunos lerem, mas muita mesmo! (Pedro BANDEIRA, 2015)

A nossa profissão ameaça porque a gente não produz uma mercadoria. Porque o tempo da escolarização não é o tempo da produção, é o tempo da poesia, nesse mundo para o qual a poesia não tem nenhum valor de troca. A gente tem o privilégio de lidar com pessoas o tempo todo, de formar pessoas, de se dedicar a cultivar a Arte, a Ciência. Nós, professores, nos tornamos insuportáveis para as pessoas que tem o poder do decreto. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2018)

LIBERDADE

O Brasil viveu em 1998 campanha política para a eleição de presidente. De que maneira a mídia indicou à opinião pública em quem ela devia votar? Como os cidadãos se posicionaram? Por que se posicionaram de uma ou de outra maneira? Havia na campanha certas palavras que durante a ditadura brasileira estavam proibidas; a palavra “liberdade”, por exemplo, que não podia ser dita. Há coisas que a mídia dizia e coisas que não dizia. (Roberto APARICI, 1999)

Sou parte de uma geração que começou a escrever durante o período militar quando literatura infantil, poesia e letras de músicas eram as únicas formas de literatura que, usando linguagem poética e simbólica, podiam dizer algo mais, passar mensagens de liberdade individual e respeito aos direitos humanos. Vivemos um momento em que as coisas são mais complexas do que apenas mocinho e bandido, preto-e-branco. (Ana Maria MACHADO, 2002)

Na escola é possível indicar os usos responsáveis da liberdade e aconselhar a garotada a nunca renunciar a ela. Deve-se deixar claro que liberdade não é poder, pois muitas vezes acredita-se que ser livre é obter aquilo que se deseja a qualquer custo: É preciso haver união entre liberdade e responsabilidade, pois uma não existe sem a outra. A escola tem de mostrar as melhores maneiras de usar a liberdade, ressaltando a todo momento que fazer escolhas é a base da humanidade. (Fernando SAVATER, 2002)

Nossos filhos estão confinados e não brincam uns com os outros livremente. Porque um menino precisa de outro menino, não precisa de professor, não. Chega um momento em que a gente vai introduzi-lo nas conquistas da humanidade, é para fazer isso também. Mas para o crescimento dele na sua unicidade como ser humano é mais importante brincar, pois é aí que ele aprende liberdade. (Lydia HORTÉLIO, 2003)

Uma das coisas opressivas, e hoje mais valorizadas em pedagogia, é a aliança constante entre pais e mestres que, em princípio, e no melhor dos casos, estariam numa espécie de aliança constante, com troca de orientações, encontros regulares, criando uma espécie de time que se ocupa global e coletivamente do devir da criança e do adolescente. Isso é bastante opressivo. Uma separação mais clara entre a casa e a escola deixava margens maiores de liberdade a esses sujeitos. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

O ensino prático de Ciência consiste em trabalhar com projetos investigativos, não com aquele modelo de feira de Ciências, no qual o aluno vai atrás de um livro para reproduzir um experimento e explicá-lo de um jeito bonitinho. Podemos trabalhar com temas livres. O professor tem de ter a oportunidade de vivenciar essas experiências e perceber que, se ele der essa liberdade, vai aprender com o aluno. (Roseli de Deus LOPES, 2008)

Antigamente, dizia-se ao professor exatamente o que ele deveria fazer e existia um currículo bem específico e fechado. Na minha opinião, esse não é o caminho, mas também não pode haver liberdade total. O que funciona de verdade é indicar ao docente o que realizar, dando a oportunidade de escolher os próprios métodos. Mas não pode ser cada um por si. (Andreas SCHLEICHER, 2008)

Tornar o Conselho Tutelar cada vez mais policialesco não vai nos ajudar. Quem tem responsabilidade sobre as crianças e os jovens são os pais, isso é da nossa ordem social. Isso é que deve ser reforçado, e não um artifício como esse. Se o jovem está na rua se drogando, não é o toque de recolher que vai evitar que isso aconteça. Sou contra porque acho que atinge a liberdade de ir e vir de todo cidadão. Já existem leis e normatizações suficientes, não é preciso apelar para uma prática policialesca desse tipo. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

A criança de rua está sob pressão para se manter viva no mundo violento, onde sua vida recebe pouco valor. [...] [As famílias de classe média] vão ver essas crianças apenas como uma ameaça para a vida perfeita que estão tentando construir para seus filhos. Há uma ironia aqui. De certa forma, as crianças de rua têm mais liberdade do que crianças de classe média alta porque *hyperparenting* significa que todas as suas vidas estão programadas, monitoradas e controladas. (Carl HONORÉ, 2010)

Como na [Escola da] Ponte não há “faz de conta que se é livre”, os professores exercem uma autoridade construtiva junto a estes alunos, até que eles se vejam como pessoa. Eles aprendem e reconhecem que a sua liberdade termina onde começa a liberdade do outro. Talvez por isso seja a única escola (entre milhares que conheço) onde ninguém expulsa aluno da sala, onde não há “processos disciplinares”. (José PACHECO, 2010)

A liberdade em Rousseau é uma liberdade regulada, com limites, e convive com o entendimento de que a educação implica a presença de adultos, de que há propósitos e de que, entre esses propósitos, está a vinculação das crianças ao mundo. É claro também que se espera que elas transformem o mundo a que estão sendo vinculadas. Nessa concepção, há um labor muito importante do professor. (Carlos Ernesto NOGUERA-RAMÍREZ, 2014)

Há que se pensar que Freire queria uma educação para a liberdade. Essa imagem de liberdade é a base central da imagem da democracia. Entretanto, Freire nunca esqueceu a essência da democracia nem a crítica de sua perspectiva, inclusive de esquerda, ao poder da classe dominante. É nesse momento que Freire se torna tão relevante para América Latina e para o mundo inteiro. (Carlos Alberto TORRES, 2014)

O que garante a vivência e a propagação da cultura lúdica é o próprio ato de brincar. Ele requer, por sua vez, diferentes formas de interatividade, o que significa “ação entre”. Ou seja, é preciso agir (agir de fato e simbolicamente, em pensamento, o que quer dizer operar) e trocar (consigo mesmo e com o outro, real e virtualmente – por que não?). Além do mais, o ato de brincar implica liberdade: sendo o *ethos* do brincar a espontaneidade, só se pode denominar brincadeira a ação livre, realizada em uma situação à qual a pessoa adere espontaneamente. (Tânia Ramos FORTUNA, 2016)

Quando ela [a literatura] não se torna apenas um instrumento da moral, da educação ou de qualquer outra área da cultura, pode oferecer um espaço de liberdade para nos encontrarmos com nós mesmos. Isso vale para adultos e crianças. Quando professores e pais assumem um papel paternalista, como

mediadores da leitura, eles tornam as crianças dependentes de ideias sobre o que é bom, mau ou o que deveriam aprender com um texto. (María Teresa ANDRUETTO, 2017)

Dito à maneira de Hannah Arendt, a liberdade funda-se numa ação que busca o interesse comum, a criação de uma realidade partilhada. Só há educação quando conseguimos passar das visões fragmentárias à criação de uma realidade partilhada. Há duas tarefas imprescindíveis na escola: aprender a trabalhar (conhecimento) e aprender a conviver (a viver com o outro). Estas são as tarefas que dão sentido à escola. (António NÓVOA, 2017b)

IGUALDADE

Nossa intenção era a de tornar o sistema de ensino tão aberto quanto possível e diminuir o fantasma da evasão, garantindo uma igualdade de distribuição das oportunidades educacionais num grau compatível com uma sociedade capitalista. Sabemos que, mesmo nos países mais ricos e desenvolvidos, não existe uma igualdade absoluta das oportunidades. Imagine-se isto no Brasil, onde há essa tradição rígida, em que os de cima não compreendem a Educação senão como um instrumento de dominação social, onde se cultiva a exclusão? (Florestan FERNANDES, 1991)

A saída está numa sociedade igualitária, onde todos tenham acesso à cultura e à educação de qualidade. Foi o que eu vi em Cuba. Instrução pública e gratuita em todos os níveis. E de muito boa qualidade. A chave é a transformação da sociedade, na qual as pessoas se apresentam para a educação em pé de igualdade. Quem acha que um bom sistema educacional salva a pátria está redondamente enganado. (Antonio CANDIDO, 2002)

É comum considerar que igualdade e diversidade são antagônicas, quando o antagonismo de igualdade é a desigualdade. Podemos ser diferentes no que se refere às nossas opções culturais, políticas, sexuais, educacionais ou religiosas e iguais no sentido de que devemos ter os mesmos direitos em uma sociedade democrática. Diferentes, mas com direitos iguais. Você e eu temos o direito de sermos felizes, porém não exatamente da mesma forma. (Pablo GENTILI, 2003)

A escola era um espaço realmente republicano, em que conviviam crianças de classes menos favorecidas e filhos de pessoas ricas. Lembro-me que usávamos uniforme – um avental – para a roupa não ser fator de distinção entre os colegas. Era um lugar onde todos, independentemente da classe social, tinham igualdade de oportunidades. Gostaria que a escola pública voltasse a ser dessa maneira. É um pouco utópico, eu sei. Será que isso é possível em uma sociedade de massas, mais moderna e dinâmica? (Tarso GENRO, 2005)

Neste mundo repleto de catástrofes, aquecimento global, desemprego e desigualdades, a única maneira de superarmos esses problemas é substituir a utopia da igualdade na economia pela igualdade na educação. Isto significa o filho do empregado estudar na mesma escola que o filho do patrão. [...] Nossa proposta é bem firme sobre esse movimento nacional – cívico e político – de educação igual para o país inteiro. (Cristovam BUARQUE, 2008)

Se você ler os grandes textos da UNESCO e de outras instituições internacionais, perceberá uma retórica de “educação para todos”. Uma análise superficial desse discurso mostra um fosso entre essa retórica humanista, mais de esquerda, e as políticas neoliberais em obra. A Revolução Francesa pregava igualdade para todos. Hoje, prega-se o mínimo para todos. O que se lê nas instituições internacionais é uma filosofia de assegurar o mínimo às bases em educação, saúde e nas questões sociais em geral. (Claude CARPENTIER, 2008)

É necessário que os princípios inspiradores norteiem o acordo e sejam explicitamente colocados, não fiquem apenas implícitos para a turma. Na escola inglesa Summerhill, por exemplo, um dos princípios fundamentais é o da

igualdade. Com base nele, ficou decidido que nenhuma assembleia poderia resolver que os meninos menores serviriam aos maiores – algo que, na prática, poderia acontecer caso os mais velhos tivessem maioria em uma votação, digamos. (Yves de la TAILLE, 2008)

A questão é: basta incluir a criança surda em sua turma de aula? Ela estará na turma em condições de igualdade com os demais colegas, sem a presença de um tradutor intérprete de Libras? E a criança cega, de que tratamento ela precisa para garantir as condições de igualdade com as demais crianças? E as portadoras de síndrome de Down, que tratamento diferenciado as igualará em oportunidade às demais? E as crianças que simplesmente não aprendem “não se sabe por que” recebem oportunidades diferenciadas das demais? (Fernando BECKER, 2009)

Essa noção de que há um sistema de ensino na França, organizado, e que os jovens sabem, independente do lugar e das origens sociais, de classe etc., que o seu diploma tem o mesmo valor do ponto de vista social do que aquele de quem estuda em outro liceu. Isso é fundamental para pensar a noção de igualdade, que o sistema educacional deve ter esse compromisso. Essa questão incomoda os professores. (Aparecida Neri de SOUZA, 2009)

É nesse período [infância] que se define o essencial do destino escolar dos alunos. E é por essa razão que, nessa fase dos estudos, deveria haver um esforço público redobrado para proporcionar certas necessidades mínimas de vida para o aluno. Quando, ainda por cima, às condições de vida difíceis se adiciona uma oferta escolar de má qualidade, há poucas chances para que se chegue a uma igualdade relativa. Em termos de igualdade social, a infância e a escola elementar deveriam ser uma prioridade zero. (François DUBET, 2010)

Os portugueses já conheciam e comerciavam com os africanos em relação de igualdade, eram trocas comerciais. Por exemplo, os povos de Gana detinham um conhecimento de como garimpar o ouro e também transformá-lo em joias e adereços. A competência tecnológica dos africanos é mostrada por meio de vários objetos, como uma bateia, um objeto tipicamente africano usado na mineração; as ferramentas de marceneiro e ferreiro, para mostrar que, além do trabalho rural, o maquinário usado na época para que a economia se movesse era feito pelos próprios escravos. (Renata FELINTO, 2010)

Quando a criança entra na escola, ela entra em um mundo democrático. A aprendizagem do coletivo e do público ocorre na escola, onde as relações não são desiguais. Enquanto na família as regras não são iguais para todos, na escola a criança vai aprender a igualdade. A criança vai aprender que se ela não pode usar o celular em sala de aula, ninguém pode, não é algo só para ela. Agora, na família, isso já não acontece. Na família, eu posso dormir tarde e ela, cedo. (Telma VINHA, 2013)

O sexismo é realimentado desde cedo, nas crianças, com o auxílio da escola. Para fazer reverter essa situação, meninos e meninas devem ser estimulados a vivenciar diversos papéis e a se interessarem pelas variadas áreas do conhecimento. [...] É necessário que os livros didáticos e paradidáticos reconheçam e tratem adequadamente homens e mulheres. Estes devem ser

retratados em posição de igualdade, participando igualmente de diferentes trabalhos e profissões. (Suelaine CARNEIRO, 2014)

A inclusão é justamente a compreensão de que é a diferença o que nos constitui, não a igualdade. Nós temos igualdade perante a lei, o que não significa que sejamos iguais. Um erro comum dos professores, da escola e até dos pais é pensar que a inclusão é a inclusão da criança com deficiência. Mas e aquele menino que entrou na escola naquele ano, veio de outro estado, tinha uma linguagem diferente, não deu conta de todos os conteúdos? Ele também está em um processo inclusivo. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2015)

Quando se fala que é preciso “garantir o direito à diferença” e, ao mesmo tempo, que é preciso “garantir a igualdade”, não estamos diante de nenhuma contradição. Essas duas frases situam-se em dois planos discursivos distintos: uma coisa é a diferença numa realidade onde tudo é diferença, onde a mesmidade não passa de uma construção ideológica; outra coisa é defender a igualdade em termos humanos, uma igualdade de oportunidades, de acesso e de direitos sociais. (Alfredo VEIGA-NETO, 2018)

DESIGUALDADE

Faz muito tempo que sabemos que a escola produz desigualdades sociais. Foram feitas análises macrossociais, macroeducativas, e elas mostram que, nesse aspecto, a escola é funcional, numa sociedade capitalista ou numa sociedade hierarquizada qualquer. Mas o que não sabemos é por que mistério professores, às vezes provenientes de classes populares, contribuem para o funcionamento dessa escola produtora de desigualdades sociais. (Bernard CHARLOT, 1996)

Nós temos de pensar no Brasil dentro das suas desigualdades e pluralidades. Enquanto em algumas regiões – São Paulo, Paraná, Distrito Federal, Minas – o grande desafio é o ensino médio, em outras a luta ainda está em oferecer condições básicas para o ensino fundamental. Escolas sem água, luz ou giz ainda existem aos montes pelo interior. As desigualdades continuam. O MEC tem dois desafios hoje: o ensino médio e a formação de docentes. (Maria Alice SETUBAL, 1999)

Cada vez que um aluno abandona a escola sem ter se apropriado dos instrumentos básicos de leitura e escrita, fica claro que a sociedade fracassa em seu empenho de dotar seus membros dos recursos necessários para participar ativamente dela. [...] A escola não pode enfrentar sozinha problemas cuja gestação e manutenção deve-se, em boa parte, a profundas desigualdades sociais. (Isabel SOLÉ, 2000)

Há diversos trabalhos, em particular sociológicos, que mostram como a escola é um instrumento de legitimação das desigualdades sociais. Acredito que ela contribui para isso ao deixar que o resultado escolar seja a única referência acadêmica do aluno. Alguns alunos são objetos da categorização já nas primeiras avaliações, o que gera uma espiral negativa. Desse ponto de vista, a avaliação pode ser um fator de agravamento das desigualdades. Há riscos de mau uso. (Charles HADJI, 2001)

Em um País que não tem creche é difícil falar em mais dinheiro para as universidades. Sei que muitas precisam de verbas, mas deve-se procurar outras fontes de financiamento e renda. A prioridade dos governos federal, estadual e municipal deve ser a creche, pois aí é que começa a desigualdade. É na creche que começa a distância no ensino do pobre e do rico. Depois, a situação só piora. Infelizmente, as escolas boas são poucas e privadas. (Gilberto DIMENSTEIN, 2004)

Quanto mais você descentraliza os conteúdos, mais abre portas para desigualdades. Porque nas escolas pobres o conteúdo oferecido será sempre mais fraco, quando comparado com as escolas mais ricas, que terão dinheiro para investir em formação de professores, por exemplo. Acredito que um país deve ter um certo nível de exigência nacional. (Claude CARPENTIER, 2008)

Na escola, é sempre presente a seguinte questão: “Por que eu tenho que trabalhar a questão racial com os alunos da escola pública sendo que o que estou vendo é a pobreza?”. A desigualdade racial no Brasil é tão grande que já se tornou natural entre nós. Então, é preciso uma reeducação do olhar para que as pessoas percebam que, junto à desigualdade social e econômica, temos a desigualdade

racial no Brasil. Isso em todos os setores da vida social, portanto, é estrutural. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Quando se analisam apenas as imagens de líderes religiosos ou laicos presentes nos livros de ensino religioso, a desigualdade de representação é ainda mais acentuada. Jesus aparece 80 vezes mais do que as lideranças indígenas no campo religioso, cuja aparição foi de um líder anônimo e sem biografia: 20 vezes mais que Lutero, a referência intelectual usada nos livros para o protestantismo (Calvino não aparece uma vez sequer); aproximadamente 12 vezes mais que Dalai Lama, a referência central dos livros para o budismo contemporâneo; e aproximadamente sete vezes mais que Martin Luther King. (Debora DINIZ, 2010)

É absolutamente injusto tratar desiguais de forma igual. Se você tem uma desigualdade que precisa ser suprimida, é preciso dar um tratamento em que ele tenha um atendimento especial. E esse especial não significa exclusivo, não significa privilégio, significa apenas uma atenção maior. Ninguém em sã consciência proporia, em nome da igualdade, a extinção das UTIs nos hospitais. Existem algumas situações que são de UTI. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

Os enormes desafios e desigualdades da educação não se resolvem somente pelo incremento ao financiamento. Há que acertar também as prioridades e a gestão dos recursos e do sistema educativo. Ademais, não se pode esquecer que a educação escolar não se transforma de um dia para o outro, mas precisa de pelo menos uma década para que as mudanças se manifestem nos indicadores educativos e no progresso dos alunos. (Alvaro MARCHESI, 2012)

Colhemos aquilo que semeamos. Desde há mais de dois séculos, desenvolvemos e alimentamos um sistema educacional reprodutor de absurdos, produtor de múltiplas formas de ignorância e reprodutor de desigualdades sociais. Quem ousa questionar e mudar essa situação (numa prática teorizada), provando a possibilidade de uma escola que garanta excelência acadêmica e inclusão social, é taxado de... louco. (José PACHECO, 2013c)

Obviamente, as desigualdades nos resultados dependem de outros fatores que não a condição das famílias, como o padrão de oferta e qualidade da escola. Só que existe um componente da desigualdade associado à condição de pobreza, é ele que o *Bolsa Família* ajuda a reduzir. A pobreza tem um efeito sobre as desigualdades educacionais do mesmo modo que a desigualdade educacional vai ter um efeito de longo prazo sobre a pobreza. (Armando SIMÕES, 2013)

A indiferença com as diferenças transforma as desigualdades iniciais relacionadas à cultura em desigualdades de aprendizagem e, mais tarde, de êxito escolar. Na verdade, basta ignorar as diferenças para causar o fracasso daqueles que não dispõem de recursos e que aprendem que são “incapazes de aprender”, convencendo-se de que essa é mais a marca de sua incapacidade do que a da inadequação da escola. (Daniel VALDEZ, 2014)

Se você quer acabar com a desigualdade educacional, precisa acabar com a desigualdade social. Entendo que isso também é difícil, mas não podemos acabar com a desigualdade na educação se não enfrentarmos a questão da diferença do

ensino particular e do ensino público. Dito de outra maneira, a qualidade (ou a falta dela) do ensino público se paga a preço de baixa qualidade do ensino particular. (Abdeljalil AKKARI, 2016)

É muito diferente falar dos desafios dos jovens cujas famílias sequer alcançaram o ensino médio e dos jovens cujas famílias consideram o ingresso no ensino superior algo absolutamente natural. No quadro das persistentes desigualdades brasileiras, os desafios são muito maiores para os jovens das camadas populares. Ainda que fosse possível elencar alguns desafios mais amplos para a atual geração, é preciso considerar as múltiplas desigualdades que marcam os modos de inserção dos jovens na vida social. (Maria Carla CORROCHANO, 2016)

DIVERSIDADE

Na prática estamos vendo que no mundo estão nascendo outra vez o racismo, a xenofobia, sobretudo na Europa, por causa da imigração. O debate daqui a alguns anos deve ser como respeitar essa diversidade, estabelecendo formação e critérios de uma nova escola. E essa diversidade, repito, será estabelecida se as pessoas forem capazes de ter diálogo e convivência da escola em conjunto com o contexto. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Há um conjunto de normas muito diversas que ele [o professor] encontra e que o enquadram no trabalho. Porém, há também a diversidade extrema dos alunos, de situações particulares, de trajetórias de acesso ao saber relativas a cada um, esforços que são singulares. Nem todos os alunos vivem o ensino da mesma maneira, as situações de ensino são diferentes por estabelecimento, segundo o momento da história, segundo o país. (Yves SCHWARTZ, 2001)

A política governamental [inglesa] de aumentar o que se chama de “escolas por credo” é preocupante. Haver escolas comprometidas com a diversidade e professores com a capacidade de trabalhar com a diversidade é uma tarefa muito difícil! Tampouco podemos esperar que as escolas curem desigualdades estruturais e suas consequências; não podemos despejar nelas todos os problemas da sociedade – isso é uma responsabilidade da sociedade como um todo. (Peter MOSS, 2005)

Quando tomamos a complexidade como um dos fatores estruturais, imediatamente estamos fazendo uma apologia à diversidade e, ao fazer isso, trabalharemos sempre no sentido de aumentar as opções do outro. Mas, trabalhando a diversidade, depois de quatrocentos anos de cultura engessadora e fragmentadora, não se consegue fazer uma mudança muito radical. Quando se faz a apologia da diversidade, a ideia é que se tem que ter de tudo para todos, um zoológico de enorme diversidade. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

Em áreas centrais, as classes tendem a ser mais misturadas, têm mais alunos de classe média, têm uma dinâmica interna que favorece o ensino. A ideia é que os alunos aprendem uns com os outros, uns servem de exemplo para outros, uns puxam os outros. As escolas de periferia são mais homogêneas. Há, entre os alunos, menos diversidade social e, assim, menos contato com outros grupos sociais. Geralmente os alunos são filhos de pais muito pouco escolarizados, acabam não aprendendo com o colega, não tendo incentivo. (Haroldo TORRES, 2006)

Na escola infantil, levar em conta as muitas fontes de diversidade – capacidades, motivações, procedência cultural – traduz-se metodologicamente em que as crianças não passem a jornada escolar fazendo todas a mesma coisa ao mesmo tempo. [...] A diversidade social é um fato positivo, um valor que nos enriquece a todos e nos ensina que não há uma única forma de ser, de sentir e de enfrentar a educação. Ao contrário, a desigualdade social implica desequilíbrio, discriminação, falta de oportunidades para alguns ou para muitos. (Gema PANIAGUA, 2008)

A necessidade de dar mais atenção à diversidade dos alunos, levando em conta a singularidade de seus percursos de aprendizagem, levou, aliás, ao desenvolvimento de ferramentas como o portfólio, coleção seletiva de trabalhos de um aluno que ilustra, por meio de suas realizações, os esforços e progressos feitos. Essa ferramenta de autoavaliação é considerada por alguns como uma alavanca para melhorar o ensino, podendo inclusive ser utilizada nas classes pré-escolares. (Charles HADJI, 2009)

A UNESCO trabalha com o conceito dos quatro pilares, surgido do desafio apresentado por um mundo em rápida transformação: precisamos aprender a ser, a viver juntos, a fazer e a conhecer. Também há o desafio da participação, da inclusão e da equidade: como colocar em prática o conceito da inclusão, que prevê o atendimento das demandas de aprendizagem da vasta diversidade de grupos. (Timothy IRELAND, 2009)

Apesar de a diversidade estar presente em qualquer grupo, na escola rural ela chama muito mais a atenção por concentrar no mesmo espaço – e ao mesmo tempo – crianças de idades muito díspares, da Educação Infantil aos últimos anos do Ensino Fundamental. E, geralmente, o professor não tem um auxiliar trabalhando com ele. A responsabilização da multisseriação pelo fracasso escolar nessas turmas sempre aparece no discurso dos professores. (Claudia MOLINARI, 2009)

Em um paralelo com a questão da diversidade social, essa estratégia de enunciação da diversidade religiosa é equiparável a dos índios, negros, mulheres, homossexuais, estrangeiros, pessoas com deficiência e idosos, que são apresentados como vidas de exceção, em contraponto à referência ao homem branco, adulto, heterossexual, parâmetro para a enunciação das formas de estar no mundo. (Debora DINIZ, 2010)

Quando falamos em diversidade cultural, estamos remetendo, justamente, a essas diferenças que os humanos criam, inventam, projetam, constroem para se distinguirem de outros humanos. O homem é um fazedor de diferenças. É isso que dá a nossa especificidade de humano, de diferente dos outros animais, porque somos animais construtores de símbolos, contadores de histórias que, em essência, servem-nos para lembrar as nossas diferenças em relação aos outros, o tempo todo. (Helena SAMPAIO, 2010)

Está na moda falar de diversidade, grupos étnicos, mas creio que a primeira forma de exclusão é a pobreza. Claro que isso não quer dizer que não se reconhecem as lutas das minorias. Para chegar aos excluídos, é preciso desenvolver trabalhos muito pontuais, com grupos pequenos, e que devem ser feitos a partir da biblioteca e da escola, instituições que permitem chegar às famílias e trabalhar processos em longo prazo. (Silvia CASTRILLÓN, 2011)

Muitas instituições de ensino de ponta, como Harvard, nos Estados Unidos, anseiam pela diversidade e o contraste social dos estudantes e docentes. Isso porque acreditam que a diversidade que cerca a instituição beneficia também aqueles de classes mais altas, que acabam por conhecer formas diferentes de viver que fazem parte da sociedade. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2016)

Ensinar tudo a todos como se fossem um só não funciona hoje e nunca funcionou! Veja que coisa rica é a diversidade na natureza, na botânica, no reino animal. Como é que vamos contrariar essa diversidade tão fantástica que é o mundo natural e fazer as crianças caminharem em um só ritmo? A escola precisa dar algumas condições para essa diversidade ser positiva. (Ariana COSME, 2016)

As diversidades podem existir, levando-se em conta vários fatores, como o de gênero, de orientação sexual, econômico, social, religioso, político, geracional, cultural e hábitos e costumes locais e de grupos. Na minha percepção, a diversidade é um elemento próprio de mudança social das comunidades em crescimento e, ainda mais, naquelas comunidades urbanas com acesso às redes sociais e ao fenômeno global da comunicação e troca de informações sobre os mais variados temas e experiências entre os jovens. (Francis Rabelo COUTINHO, 2018)

ESTEREÓTIPO

É preciso abandonar um estereótipo, o primeiro estereótipo que os próprios meios de comunicação manejam: “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Uma imagem vale por si mesma e mil palavras também valem por si mesmas. Uma só palavra poderia suscitar mil imagens para representá-la: a palavra *justiça*, a palavra *liberdade*, a palavra *direito*, *amor*. São difíceis de representar e, quando são representadas, são estereótipos. (Roberto APARICI, 1999)

Temos a visão de que a pessoa que lê é alguém estranha, esquisita, sempre escondida atrás de óculos, além do estereótipo de que não faz sucesso com as garotas ou com os garotos. Assim, desde pequena, a criança vai aprendendo a valorizar mais o corpo, a malhação, do que a leitura. O ideal de muitos professores recém-formados, por exemplo, é frequentar uma academia de ginástica e não uma biblioteca. (Ana Maria MACHADO, 2002)

Segundo essa visão [colonialista], o índio é aquele ser que anda nu, cheio de pena, no meio da floresta com arco e flecha na mão. Este é um índio do passado, preservado no imaginário preconceituoso da mídia e de alguns materiais didáticos tendenciosos. O índio de hoje é bem diferente daquele estereótipo, pois estuda, trabalha, faz faculdade, habita em aldeias, cidades, trabalha na roça, no comércio. Há muitos índios com profissões de advogados, médicos, agrônomos, pedagogos, antropólogos etc. (Gersem BANIWA, 2008)

Aos poucos, os educadores e as educadoras vão compreendendo que a questão racial diz respeito a todos nós, independentemente do nosso pertencimento étnico-racial. E, se desejamos construir uma escola e uma sociedade mais democráticas, temos que nos posicionar na luta contra o racismo e contribuir para a superação de estereótipos e preconceitos raciais. É uma questão de cidadania, mas não de uma cidadania abstrata. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Não podemos confundir o que foge do estereótipo do lar perfeito mostrado em comerciais de TV com uma família desestruturada. Essa condição não tem a ver com a composição nuclear. É preciso sair da questão biológica e atentar para as funções originalmente determinadas como paterna e materna, mas que podem ser exercidas por outras pessoas. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Na cultura industrial, em que os conteúdos e os produtos são feitos pelos adultos para o consumo infantil, nunca se deixa de reproduzir os estereótipos do mundo adulto. Walt Disney, por exemplo, tem uma produção cultural própria de grande difusão com conceitos e valores identificados como patriarcais, paternalistas, conservadores, que revelam padrões de uma família burguesa ocidental em que raras vezes se encontram modelos diferentes dos brancos anglo-saxônicos. (Manuel Jacinto SARMENTO, 2010)

Um bom conselho é evitar rotular os estilos musicais, pois esse tipo de estereótipo pode afastar. Se eu digo para um adolescente para ouvir apenas Beethoven quando seu interesse é o rock, ele não vai dar a devida atenção e pode pensar: “Isso não serve para mim”. Por isso, não falo de antemão para os alunos que eles vão ouvir uma música de determinado tipo. É preciso contextualizar a criação de

modo que o estilo seja apenas um dos dados sobre a música. (Keith SWANWICK, 2010)

Há várias pesquisas sobre o estereótipo de cientista que usualmente não traduzem o cientista das ciências humanas, só o das exatas. O exemplo de cientista é Einstein, Marie Curie etc. E esses, como Paulo Freire, mesmo que não tenham sido citados pelo público, obtiveram destaque do ministério [de Ciência e Tecnologia], o que é positivo quanto à forma que eles estão vendo a ciência. (Attico CHASSOT, 2011)

Estamos preocupadas com o movimento crescente pela segregação de gênero nas escolas e grupos de recreio, entre outros, e argumentamos que meninos e meninas têm muito a aprender uns com os outros, especialmente se pararmos de dizer-lhes que eles são “opostos”. À medida que homens e mulheres compartilham mais espaços profissionais e domésticos, meninos e meninas precisam adquirir habilidades para interagir e respeitar um ao outro enquanto ainda são jovens – antes que acreditem excessivamente nesses estereótipos. (Lise ELIOT, 2013)

Temos muitas publicações disponíveis (livros didáticos e paradidáticos), produzidas pelo poder público (estadual, municipal e federal), que buscam auxiliar na implementação da Lei nº 10.639. [...] Há no mercado editorial muitos produtos com essa temática. Vale lembrar que é sempre bom contar com uma análise mais atenta dos profissionais de educação frente a possíveis reproduções de estereótipos e preconceitos. (Suelaine CARNEIRO, 2014)

As expectativas e os estereótipos que os professores carregam têm um papel importante e muitas vezes são transmitidos aos alunos sem que eles percebam. Uma atitude bem-intencionada, como oferecer ajuda extra às meninas em uma aula de Matemática, pode resultar uma menor confiança delas no conhecimento que têm do conteúdo. Isso explica, em parte, as diferenças de desempenho: é comum que os estereótipos influenciem a ponto de os estudantes se saírem pior em uma avaliação do que poderiam. (Bettina HANNOVER, 2014)

Essas pesquisas [sobre gênero e sexualidade nos livros didáticos brasileiros] apontam, por exemplo, para a necessidade de destacar, nos textos e nas imagens, as diferentes formas de constituição familiar, de relacionamentos sexuais e afetivos, as diferentes construções corporais e subjetivas relacionadas ao gênero. É preciso um cuidado maior com as imagens, no sentido de que não reproduzam os estereótipos de gênero. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

Em primeiro lugar, a palavra índio é um estereótipo: o índio é associado ao passado, não ao presente, e também não é associado a um criador artístico com o mesmo valor de outras etnias e outras contribuições na cultura brasileira. Há uma série de estereótipos que impedem que essa literatura ganhe mais visibilidade. Mas essa literatura está em ascensão, ganhando evidência. (Janice THIÉL, 2014)

Ainda não encontramos uma boa maneira de trabalhar – que muitas vezes significa mudar – certas concepções de muitos dos nossos alunos. Não considero difícil oferecer oportunidades para que eles se apropriem de novos conhecimentos. No entanto, considero um grande desafio provocar reflexões

acerca de estereótipos presentes em nossa sociedade sobre as crianças e suas famílias e o trabalho pedagógico que deve ser realizado com elas. (Silvia Helena Vieira CRUZ, 2016)

Quando pensamos nos alunos, temos um estereótipo idealizado de um estudante maravilhoso, que é respeitoso, estudioso, interessado, solidário, interage com todos e que tenha disponibilidade para a aprendizagem enorme. Trabalhamos também com uma família idealizada: que tem tempo para falar com os filhos, interesse pelo conhecimento e pelo que ocorre na escola, que tem tempo de ir à escola no horário marcado. [...] Nenhuma família ou raríssimas famílias têm esse perfil. (Tereza PEREZ, 2019)

EQUIDADE

A lei [LDB] trabalha com a questão da igualdade, mas o governo insiste na questão da equidade, e com isso se passa a tratar desigualmente os desiguais na medida em que se desiguam, parafraseando Rui Barbosa. [...] Podemos ter uma adequação ao micro, uma adequação ao medíocre, uma adequação ao ruim. Isso é chamado de equidade, mas afinal estou particularizando as coisas e esquecendo os universais. (Carlos Roberto Jamil CURY, 1998)

Na medida em que uma sociedade pode perguntar como ir orientando todos os espaços de socialização – a família, os amigos, a escola, o trabalho, as organizações de bairro, as organizações intermediárias, as igrejas, os meios de comunicação, os movimentos sociais, os partidos políticos –, todos começamos a caminhar em função de um projeto de Estado social de direito e democracia e de uma produtividade para a equidade. Dessa perspectiva vamos saber o que é que temos de fazer em sala de aula e na rotina do colégio. (Bernardo TORO, 2001)

Esses parâmetros [avaliativos] não precisam ser necessariamente “padrões” definidos de fora, já que podem ser construídos coletivamente na escola (avaliação institucional) e – note que eu estou dizendo “e” – pelo poder público. Essa observação é necessária para evitarmos que cada escola sinta-se à vontade para fixar seu próprio parâmetro de avaliação, sem referência ao conjunto do sistema. Isso levaria ao risco de criarmos escolas com parâmetro de ensino para pobres e para ricos. Compete ao poder público garantir a equidade. (Luiz Carlos de FREITAS, 2006)

A qualidade inclui a equidade. São dois conceitos que devem ser considerados de maneira simultânea. De nada serviria falar de qualidade para poucos. O importante é que ela inclua a equidade, que seja para todos. Agora, quando falamos de qualidade para todos, isso implica que os sistemas educativos têm cada vez mais de atender à diversidade e à heterogeneidade. Falar de equidade e trabalhar por equidade – e, na América Latina, o problema é um grande tema pendente, pois é a região mais desigual do mundo – não significa fazer propostas homogêneas. (Beatriz MACEDO, 2006)

Educação é poder. É uma ferramenta, assim como um fim. Eu diria que cerca de 1 bilhão de pessoas são iletradas, incluindo mulheres, homens e crianças. Dois terços disso são de mulheres. Elas são mais fracas na sociedade, mas se são educadas, terão mais conhecimento e mais força. Assim, você pode trazer a equidade de gêneros para a sociedade. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Nós sabíamos, por meio de várias pesquisas, que há um impacto econômico na educação e que cidadãos de extratos sociais mais baixos teriam dificuldade em pagar os estudos de seus filhos e, assim, o sistema de educação privado acaba reproduzindo os problemas das gerações anteriores. A escola finlandesa tem como pilar a equidade entre os estudantes e não só em relação ao acesso à escolaridade, mas também na homogeneização dos resultados. Acharmos fundamental que todos os alunos, mais e menos talentosos, trabalhem juntos na escola. (Jouni VÄLIJÄRVI, 2010)

De nada adianta supor que o aluno isoladamente possa ser avaliado por algo que não domina se ele não tem uma fonte, uma base anterior. Embora “a piscina seja a mesma”, na hora de mergulhar e nadar, o modo como cada um chega até a piscina, mais formado, mais alimentado, mais treinado, vai fazer com que haja de fato diferença. Por isso, as redes públicas necessitam criar políticas específicas para que haja a equidade, isto é, a garantia dos direitos dentro de uma sociedade em que se quer democracia. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

A chave para entender o sistema educacional finlandês é compreender que a reforma da educação tem sido guiada pelo objetivo da equidade, e não pelo objetivo de alcançar um bom desempenho acadêmico. Mais uma vez: todos os partidos políticos têm o compromisso de garantir oportunidades educacionais para todas as pessoas. O sonho finlandês [...] é ter boas escolas públicas para todas as crianças do país. É esse sonho inspirador (e comum) que criou a situação que muitas pessoas chamam de “estabilidade política”. (Pasi SAHLBERG, 2012)

[Em Minas Gerais] há uma grande diversidade em relação aos sujeitos. Há os que vivem no campo, nas áreas indígenas, em quilombos e nas regiões ribeirinhas, de cerrado, de mata atlântica e de montanhas. Alguns lugares têm Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) muito alto, e outros apresentam um IDH muito baixo. Como a diversidade e a desigualdade estão presentes, é preciso enfrentar o desafio de fazer uma política educacional com foco em equidade. (Macaé EVARISTO, 2015)

Cabe lembrar que já existe razoável diferenciação na oferta de ensino médio das redes estaduais. Há grande variedade na organização das escolas de Pernambuco, Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, entre outras. Com a proposta do Novo Ensino Médio, será possível haver maior equidade na oferta por duas razões. Primeiro, porque a BNCC será obrigatória para todos; segundo, porque a diversificação dos itinerários formativos permitirá maior engajamento e protagonismo do jovem. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2016)

Acredito que deva existir melhor ênfase em equidade e mobilidade na educação chinesa. Isso significa que é preciso focar em ajudar os estudantes mais necessitados a aprender. Minha solução se divide em três partes. A primeira é investir em educação infantil desde cedo, na infância, porque o modo como uma criança se desenvolve pelo resto de sua vida é determinado pelos primeiros cinco anos de vida. (Jiang XUEQIN, 2016)

Não há dúvidas de que avançamos e de que temos, sim, muito a comemorar – no entanto, precisamos avançar mais rápido se quisermos bater a linha da desigualdade. Foram muitos séculos de descaso com a educação, e cabe à nossa geração romper com esse ciclo vicioso que impede a equidade entre pobres e ricos, pretos e brancos. A educação precisa ser, de fato, a prioridade de todos. (Priscila CRUZ, 2017)

As salas de aula que realizam atividades em grupo são, de fato, mais amigáveis, pois os alunos conhecem uns aos outros, sabem os nomes dos colegas e conversam um pouco mais entre si, mas isso não tem a ver necessariamente com a questão do *status* igualitário na interação das crianças. Elas podem ser mais amigáveis, mas podem enxergar alguns como mais “competentes”, mais

inteligentes. O trabalho em grupo no ensino para a equidade é uma resposta para isso. (Rachel LOTAN, 2017)

Acredito que o momento de implementação da base [BNCC] será histórico para a educação do país como um todo. [...] A base tem um enorme potencial de promover equidade e qualidade para a educação infantil de nosso país. Todas as crianças que frequentam uma instituição de educação infantil, independentemente do estado, do município, da região, de sua condição econômica e social, terão explicitados e garantidos seus direitos de aprendizagem. (Carolina VELHO, 2018)

A primeira [bandeira] é de que a escola não produza mais analfabetos funcionais. Não faz sentido a pessoa investir 10, 12 anos da sua vida nos estudos e não conseguir ler e escrever com competência. Isso é um desperdício da nação. E aí, nesse ponto, tem uma questão forte que é a garantia da equidade. É fácil melhorar a Educação para os melhores. O desafio está nos contextos mais frágeis, nos lugares onde os indicadores são piores. A segunda bandeira é a revitalização da Educação de Jovens e Adultos. (Ana Lúcia LIMA, 2019)

DISCRIMINAÇÃO

Se articularmos essa ideia pedagógica sobre trabalho, que a escola utiliza, com o conteúdo dado sobre a formação do povo brasileiro, vamos nos deparar com a discriminação racial. São os negros que ocupam os segmentos inferiores da sociedade e fazem o trabalho explorado. Mas, como a escola ensina que todo trabalho é igual e importante, ela acaba passando a lição de que é preciso também se resignar, não fazer nada para mudar isso. (Luiz Alberto GONÇALVES, 1988)

O professor deve tentar evitar a discriminação. Sabemos que isso não é fácil. O professor precisa de um melhor treinamento, uma melhor orientação. Mas isso tem que acontecer logo, para que não se continue a usar a classe especial como um instrumento para se livrar das crianças “incômodas”, ficando só com aquelas que não dão trabalho. [...] Os problemas da Educação são crônicos. Por isso não podemos pensar em soluções simples. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

Em primeiro lugar, [os professores de educação infantil] deveriam ser homens e mulheres. A discriminação que o sexo masculino sofre na área é um grande absurdo. Essa é uma fase da vida na qual a figura do homem é indispensável, principalmente pela ausência crescente do pai nas famílias. Com ou sem essa discriminação, os professores devem sempre tratar as crianças com afeto e rigor, impondo limites e abrindo horizontes. (Regina de ASSIS, 2000)

A Danone, há poucos meses, teve de reverter uma demissão em massa na França porque os consumidores disseram que não iam mais comprar produtos Danone. Você tem outro caso brutal, o da Coca-Cola, que claramente tinha problema de discriminação racial contra negros, dentro da empresa. Chegou a ser convocado um boicote aos produtos da companhia e, como resultado, a empresa prometeu investir US\$ 1 bilhão para promover a diversidade. (Hélio MATTAR, 2002)

Eu sigo pensando que uma cultura não justifica, digamos, uma discriminação da mulher, por muito que tenha se enraizado ao longo do tempo. Há coisas que não são iguais. A humanidade se conquista. Não vem por força divina nem por geração espontânea. Construimos a civilização, em muitos anos, com valores. O direito à vida, o direito à educação, a não-discriminação, a igualdade, há princípios que não se podem relativizar. (César COLL, 2003b)

Esse problema central da educação – como contribuir para o pacto democrático – é acrescido do fato de que os professores relacionam-se com a demanda de uma escola pública comum, que é cada vez mais segregada por raça e classe, em uma sociedade com uma crescente lacuna entre os que têm e os que não têm, na qual as distinções de gênero continuam sendo centrais na discriminação escolar. (Carlos Alberto TORRES, 2005)

A sociedade brasileira é extremamente excludente. Se a criança é do sexo feminino terá várias desvantagens ao longo da vida. A mesma coisa com os negros. Mesmo que fale o português “culto” e saiba toda a gramática normativa, o negro sofre uma série de preconceitos. Se o cidadão vai do Nordeste para o Sudeste também sofre preconceitos. Esse conjunto de discriminações da sociedade precisa ser debatido. Quando alguém discrimina o modo de falar de

uma pessoa, na verdade está discriminando também sua origem. (Marcos BAGNO, 2008)

O professor não-indígena pode ter hoje uma responsabilidade enorme para diminuir o preconceito e a discriminação contra os povos indígenas pelo simples fato de quererem continuar vivendo de acordo com suas culturas e tradições milenares, um direito já garantido pelas leis do País. Para isso, o professor não-indígena precisa conhecer um pouco mais dessa parcela da população brasileira que administra 13% do território brasileiro, formada por povos e culturas importantes para o Brasil no passado, no presente e no futuro. (Gersem BANIWA, 2008)

Tradicionalmente, o ensino privado não é desenvolvido ali [na África do Sul]. Proporcionalmente, não é como no Brasil. Representa cerca de 10% do sistema educacional sul-africano. As famílias mais favorecidas estudam nas escolas para as quais elas pagam mensalidade. É um meio de ficar longe da população pobre e negra. Hoje, não há mais discriminação racial, mas há um processo de diferenciação social muito forte. (Claude CARPENTIER, 2008)

Temos de fazer análises mais contínuas dos resultados do ENADE. Mas sinto que não há muita vontade política do ministério de trabalhar essa questão, porque o ENADE não separa o que é resultado dos cursos a distância e o que é do presencial. Justamente para evitar a discriminação, o diploma de graduação não diz se você fez um curso a distância ou não. O diploma diz que você se formou bacharel em Administração e ponto. (José Manuel MORAN, 2010)

[As famílias] queriam a criança portadora de deficiência podendo estudar na escola do irmão. Quando sentiam que estávamos dando respaldo, se sentiam mais tranquilas para enfrentar os desafios. Cerca de 60% foram para a escola comum. Quando o direito está garantido e o pai não sente medo, ele vai exigir poder colocar o filho numa escola comum. Muitos têm medo porque já sofreram discriminação, passaram ou souberam de alguma experiência ruim. (Marília Costa DIAS, 2012)

Imagine que quando o Obama esteve no Brasil, o país mais negro da América, não havia um negro no almoço de recepção. Continuamos nos comportando como se as coisas estivessem todas no lugar quando, na verdade, sempre estiveram e continuam fora do lugar. Antes se dizia que a discriminação não era racial, era social, e com o milagre brasileiro tudo se resolveria. Hoje chegamos à condição de sexta potência mundial, e o *gap* é o mesmo de quando estávamos entre as septuagésimas economias do mundo. (José VICENTE, 2012)

Muitos pensam que tudo na Finlândia é perfeito, mas temos nossas dificuldades. Uma delas é a segregação, um problema crescente. Apesar de não recebermos grandes contingentes estrangeiros, há migrações de zonas rurais para as grandes cidades. E as pessoas ainda têm restrições. [...] Para termos certeza de que o sistema está funcionando, ou seja, de que todas as crianças estão aprendendo nas mesmas intensidade e qualidade, precisamos combater a discriminação e dar suporte ainda maior a essas pessoas. (Krista KIURU, 2013)

Os educadores, por exemplo, podem ter comportamentos discriminatórios ao orientar os estudantes sobre as possibilidades de carreira. Para as de ensino técnico, muitos encaminham os alunos que não são brancos. Para os demais, por sua vez, é recomendado um curso universitário. A escola não está imune a comportamentos discriminatórios. (Pap NDIAYE, 2014)

É difícil medir a discriminação por alguns motivos. Primeiro porque a legislação [na França] proíbe classificar as pessoas pela origem, etnia ou cultura e há um discurso forte de união nacional e busca pela construção de uma cidadania comum. Por causa disso, a segregação que se mede é apenas a social. Ainda é difícil compor estatísticas com foco na discriminação étnica e cultural. (Choukri Ben AYED, 2016)

INCLUSÃO

Há alguns anos, tive um estudante autista. Eu não havia sido preparada para lidar com isso e a situação me assustou, no início. Mas pensei: ele tem um problema e com os problemas a gente lida. Pronto. Aos poucos fui aprendendo o que fazer, com a ajuda de especialistas. A inclusão é ótima. O aluno especial progride, os colegas aprendem, todos nós crescemos. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Temos questões que dizem respeito à estrutura familiar, a condições culturais e socioeconômicas, enfim, a todos esses fatores que influenciam e que são externos à escola. Mas existem também fatores internos. Essa responsabilidade não pode ser atribuída apenas ao fato de as crianças pobres terem ido para a escola e não aprenderem porque são pobres. Não se pode atribuir tudo à condição socioeconômica das famílias. O desafio da escola é justamente fazer a inclusão dessas crianças, fazer com que elas aprendam. Do contrário, não será uma inclusão real. (Maria José FÉRES, 2004)

Quando falo em inclusão, não é só em relação a crianças com problemas – não gosto nem de usar a palavra deficiência – ou com defasagem. Filho a gente escolhe; ter, não ter, quando ter. Aluno a gente acolhe. Eu tenho de acolher a criança que me chega. Os desafios e conflitos dessa criança no processo de aprendizagem tornam-se, sim, um desafio para mim, um problema para mim. Não é da criança o problema, é meu, enquanto educador profissional. (Madalena FREIRE, 2004)

Ainda que existam sugestões para atividades que focalizem a inclusão, ela não é um novo método, e sim um valor. Ela é o que fazemos com todas as crianças. Ela é o que desejamos para nós mesmos, para nossa família, para nossos entes queridos e para todas as pessoas em nossa sociedade. A inclusão é para todos. Na escola, assim como em nossa família e comunidade, a inclusão envolve acolher todos os alunos. Não retiramos ou separamos alguns por não se “enquadrarem”. (Susan Bray STAINBACK, 2004)

A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comprometimento mental, para os superdotados, para todas as minorias e para a criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com o outro. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2005)

Em primeiro lugar, a melhor forma de ser favorável àqueles que foram historicamente impedidos de entrar na escola e àqueles que até hoje são excluídos de uma boa escolaridade é defender uma boa escola pública de educação básica da educação infantil ao ensino médio. Esta é a melhor forma de inclusão. Com boa qualidade, haverá permanência e sucesso escolar. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2006)

A escola inclusiva age na contramão do que se pensava, isto é, que a criança com dificuldades deveria ser isolada da sociedade, já que para ela não havia chances.

[...] A escola inclusiva exige, na prática, medidas administrativas nada simples e, via de regra, dispendiosas. Por isso, verificamos uma significativa defasagem entre o discurso da inclusão e a prática da escola inclusiva. Por isso, também a escola inclusiva transformou-se, como costuma acontecer com as modas educacionais, em um discurso generalizado e em uma prática rarefeita. (Fernando BECKER, 2009)

Só 50% dos matriculados [no Ensino Médio] estão na idade correta. Isso não significa que esse quadro é pior do que era antes, porque, antigamente, nem tínhamos as pessoas na escola. Diz-se que o Ensino Médio não é bom porque a sociedade se dá conta disso. Avançamos muito nos últimos 20 anos no que tange à inclusão, e isso torna mais claro o ponto de vista do sucesso ou falta dele entre os alunos. Então, houve evolução. (José Fernandes de LIMA, 2011)

Seguimos os princípios das resoluções internacionais, sobretudo a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, de 1990, e a Declaração de Salamanca, de 1994, onde apareceu pela primeira vez a palavra inclusão. [...] A inclusão se refere a esse processo de adaptação da escola para que todos encontrem os melhores meios para aprender. Portanto, não se trata de ajustar o aluno à escola, como se pretendia com a ideia de integração, mas o contrário. (Miriam SKJORTEN, 2013)

Se há um aluno com Síndrome de Down sabemos que ele tem essa síndrome, já que podemos ver. Mas há outras situações que não vemos. Por isso há tanta inclusão educativa. Para mim, a inclusão educativa não é uma inclusão social, mas uma aprendizagem. A criança que foi inserida numa classe deve adquirir conhecimento e não apenas ter contato com seus colegas. Ela deve aprender, mesmo com as adaptações necessárias de acordo com seu nível, mas precisa aprender. (Sandra TORRESI, 2013)

Incluir não é o mesmo que integrar. Não basta pensar em uma escola que “integre” e “normalize” as crianças com necessidades educativas especiais, com a visão subjacente de que “todos são iguais”. Ao contrário, a ideia de inclusão parte de um princípio de que “todos são diferentes” e propõe à escola o desafio de colocar em prática objetivos, conteúdos, sistemas de ensino e de avaliação, assumindo essa diversidade e procurando incluir todos no projeto educativo da comunidade. (Daniel VALDEZ, 2014)

[No Brasil,] temos uma legislação que obriga as escolas a incluir as crianças especiais no seu programa regular. No entanto, ainda existem desafios a serem superados: a estrutura dessas escolas para acolher essas crianças e a formação de professores. Em aspectos gerais, a escola tem de ser inclusiva, tem de estar preparada para receber os cadeirantes, os cegos, os surdos. Não é fácil, mas, a cada desafio, a escola vai se estruturando e se definindo. (Rebeca OTERO, 2016)

As famílias já não estão mais aceitando uma “maquiagem” no quesito inclusão escolar e querem que seus filhos aprendam. O que é justo. Mas existem também escolas e professores que estão tentando acertar. Estamos caminhando em algumas instituições escolares, mas existe muito o que fazer ainda. O antigo discurso de que o acolhimento social deve ser feito, de que devemos ter boa vontade e amor deve se modernizar. (Cristina SILVEIRA, 2016)

Se as escolas considerarem o desenho universal como um instrumento privilegiado para a efetivação da acessibilidade e da inclusão social, faz-se necessário garantir a acessibilidade, eliminação de todo e qualquer tipo de barreira presente no ambiente escolar, visando o atendimento dos alunos (com deficiência ou sem deficiência) com autonomia e independência. Nessa perspectiva, a flexibilidade prevista no currículo brasileiro estaria sendo contemplada. (Vera Lucia Messias Fialho CAPELLINI, 2019)

Portugal é uma fonte de inspiração, mas a transferência de boas práticas é muito contestada. O ideal é fazer um trabalho de tradução do que já foi feito, considerando a realidade local. Fui consultor para a política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva e fiquei com a convicção de que a diversidade do Brasil tornava inviável a simples cópia de experiências estrangeiras. Mas isso não significa ser inútil conhecer práticas de outros países. (David RODRIGUES, 2019)

EXCLUSÃO

O psicólogo fecha os olhos para isso [o conteúdo ideológico dos testes de inteligência], considera esses padrões neutros e acaba dando o toque sutil no processo de exclusão. Na escola, a psicologia mensura para diagnosticar e prescrever procedimentos para a correção de distúrbios detectados. Essa busca da adaptação, em si, não é ruim. Mas a psicologia lida com isso de uma forma simplificada, como se estivesse no campo da biologia, e esquece que está promovendo uma adaptação ao ambiente que traz um conjunto de exigências. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

Em geral as crianças são especialmente preconceituosas. Pegam no pé do gorducho, da magrela, do baixinho. Brasil é o império dos diminutivos agressivos e dos apelidos ferozes. Na pré-adolescência isso é muito comum e ser aceito é crucial. Um grupo se constitui pela exclusão. Isso é regra geral, não tem milagre. Se você quer ser um dos membros do grupo dos bacanas, o primeiro passo é chamar os que não fazem parte desse grupo de babaca. Esse tipo de atitude deveria ser reprimido no quadro escolar. Eu ainda acredito nas punições. (Contardo CALLIGARIS, 2005)

As pessoas pensam: “antes, quem saía da 5ª série sabia isso e mais aquilo”. Só que as pessoas não sabem que, para que isso acontecesse, era preciso fazer com que 40% das crianças não chegassem à 5ª série. As pessoas não se dão conta de que a escola precisava daquela exclusão, pois só assim poderia declarar que todos aqueles que tinham chegado à 5ª série, por exemplo, sabiam o que sabiam. Para que o sistema funcionasse, era necessário que todos os que pudessem causar problemas ficassem de fora. (Maria da Conceição Ferreira Reis FONSECA, 2005)

Os exames, com a aplicação das médias que consideram o período em que o educando não sabia um determinado conteúdo, favorecem a exclusão da escola. [...] Os principais erros cometidos nas organizações de provas e exames estão contidos na desconsideração pelo contexto. Para sermos bons educadores, precisamos saber três coisas importantes: sabermos ensinar; sabermos quem é João; sabermos em que contexto João vive. (Hamilton WERNECK, 2006)

Quando a primeira-ministra Margareth Thatcher fez a reforma educacional, diziam que era uma visão de direita. Quando o Tony Blair se tornou primeiro-ministro, acreditavam que ele suspenderia a reforma. Mas ele a reforçou e combateu os “efeitos colaterais”. Criou um programa de combate à exclusão dos piores estudantes, e as expulsões de alunos diminuíram absurdamente. (Reynaldo FERNANDES, 2007b)

Quem é ativo diante de suas produções procura meios de se expandir, seguindo para além de seus limites, a fim de descobrir-se num universo amplo, pois o conhecimento possibilita um emancipar-se constante, uma evolução. Um fato desastroso que ocorre com nossos professores em sua maioria é a dificuldade em adquirir recursos financeiros para esses cursos, de alto custo, gerando, por incrível que pareça, em pleno meio educacional, a exclusão de muitos educadores. (Luiza RICOTTA, 2007)

Não acredito em currículo, não acredito em programas, especialmente nesses primeiros anos. Cada criança deve poder expressar seus desejos, suas ideias e suas fantasias com os instrumentos que lhe são mais adequados. Para alguns, serão as palavras; para outros, os sinais; para outros, ainda, o corpo; para outros, o silêncio. Cada vez que a escola propõe algo, arrisca-se a impor, selecionar e excluir. (Francesco TONUCCI, 2008)

Em uma perspectiva mais pessimista, contudo, é preciso que se veja que as desigualdades e a exclusão social que ainda persistem no Brasil criam um problema educacional que a escola sozinha não conseguirá resolver. Os alunos excluídos vêm de famílias com um capital cultural pobre, o que certamente influi nas condições de aprendizagem. Este é apenas um dos fatores com os quais a escola tem de lidar. (José Francisco SOARES, 2010)

A democratização do acesso constrói novos nichos de exclusão dentro do sistema, além de resultados que contrariam o princípio do direito à aprendizagem. Os resultados educacionais apontam para nichos de exclusão fortemente concentrados nos estratos da população historicamente excluídos: aqueles com renda mais baixa, das regiões Norte e Nordeste do país, entre negros, pardos e indígenas. (Paolo FONTANI, 2011)

Para reincorporar os setores populares excluídos, o governo [venezuelano] criou estruturas paralelas ao sistema educativo formal, conhecidas como “Missões”. Desde 2005, elas já alfabetizaram quase dois milhões de venezuelanos, permitindo que muitos concluíssem a educação primária, secundária e universitária. Antes, o acesso ao ensino superior era extremamente excludente e hoje a Venezuela figura entre os países com maior quantidade de universitários. (Pablo IMEN, 2012)

Nosso passivo com o negro é anterior à Abolição e se manifesta depois da escravidão. O que acontecia antes da escravidão, que era a exclusão total, se repetiu, se ampliou e chegou a um estágio simplesmente insuperável de exclusão do negro na sociedade brasileira. O que acontece, sim, é uma exclusão social e não racial, mas todos os números comprovam o contrário. (José VICENTE, 2012)

Compreender mais sobre as competências socioemocionais de um estudante só nos ajudará a ajudá-lo a desenvolver maior habilidade nessas áreas. Evidentemente, os alunos não devem ser rotulados, comparados, classificados em qualquer tipo de escala numérica ou “testados” de qualquer outra forma nessas áreas. Essas abordagens trazem consigo muitos possíveis problemas, incluindo a questão da exclusão. (Thomas ARMSTRONG, 2015)

Há outro aspecto sobre a exclusão que merece ser discutido. É possível excluir mesmo sem reprovar. Sonegar a energia criativa e o potencial de raciocínio dos alunos é uma forma de exclusão. Isso ocorre com frequência quando a matemática é apresentada como conhecimento pronto, sem desafios, em que se espera dos alunos apenas a memorização de nomes, fórmulas, fatos e técnicas, além do trabalho mecânico e braçal. (Antônio José LOPES, 2015)

O conhecimento matemático, as formas de pensar matemática são importantes para a vida em um sentido amplo. Pesquisas diversas mostram que a falta de

conhecimentos matemáticos é motivo de exclusão social, de problemas na gestão dos recursos financeiros, de mau desempenho no primeiro emprego, de falta de capacidade de resolver problemas, entre outros aspectos. (Kátia Stocco SMOLE, 2016)

No momento em que os surdos tiverem a opção de realizar as provas do ENEM em Libras, eles estarão concorrendo em igualdade com seus pares ouvintes para as posições nas universidades brasileiras em quaisquer cursos de formação profissional. Enquanto o ENEM for disponibilizado apenas em português, a língua continuará sendo um fator de exclusão dos surdos. (Ronice QUADROS, 2017)

CONVIVÊNCIA

É uma grande dificuldade resgatar a própria noção de escola como um local em que a afetividade está presente, mas não pode ser a regente das regras de convivência. As regras têm de ser definidas em função de um objetivo, que é justamente o de dar condições para que a criança possa se desenvolver. E com isso poder aprender de forma sistemática o conhecimento produzido ao longo da história da humanidade. (Silke WEBER, 1988)

A Educação está para o homem como as asas para um pássaro. Um homem sem Educação, no meu ponto de vista, não existe: ele vegeta. Mas sou contra essa visão da Educação como arma para o futuro. É uma arma para o presente: como o pai se relaciona com o filho, como lidar com a questão ecológica, se você joga papel no chão ou não. Uma série de códigos de convivência. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998b)

O professor, dentro de sua comunidade, deve simbolizar o conhecimento, bem como a possibilidade de acesso ao conhecimento pelas pessoas. À medida que essa simbologia se enfraquece – por exemplo, se o cinema ou o computador simbolizarem algo precioso para o conhecimento e distantes da convivência com o professor – o trabalho docente se enfraquece. Um professor que nunca vai ao cinema e que nem quer chegar perto de computadores pode estar perdendo espaço com seus alunos. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

Um primeiro aspecto a considerar é que o fato de o menino ser revoltado, com dificuldade de sociabilidade, não é um problema psicológico, nem somente social, embora em sua origem tenha havido muita influência social. É um problema integral, pessoal. O menino teve má infância e precisa de convivência que imite o que deveria ter ocorrido na sua fase de criança. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Viver a paz para todas e todos como um processo ativo, dinâmico e criativo que nos leve à construção de uma sociedade mais justa, sem nenhum tipo de exclusão social, livre e democrática. As escolas de educação infantil, assim como das sucessivas etapas educacionais, devem ser escolas seguras e comprometidas com a tolerância zero à violência. A violência nega a convivência e as possibilidades de realização das pessoas. (Xesús R. JARES, 2006)

As consequências dessa família submetida a uma verdadeira ditadura do narcisismo revelam-se na dificuldade dos jovens de manter uma relação mais profunda, consistente e duradoura com outras pessoas e com as instituições, entre as quais se inclui a escola e, mais tarde, a faculdade. Eles se encontram embriagados pelo estilo de vida de uma sociedade que estimula e estabelece como aceitável esse padrão de convivência. (Gley COSTA, 2007)

O conhecimento teórico não é suficiente para saber ensinar as crianças. Seria o mesmo que imaginar que se pode aprender a tocar piano lendo tratados de musicologia. É preciso, portanto, ter uma formação prática. Fazer trabalhar toda uma turma, mobilizá-la, saber utilizar bem um livro, qualquer que seja, guardar na memória o desempenho de cada aluno para adaptar suas exigências, tudo isso

requer muito mais tempo, mesmo que se possa ganhar com a convivência com professores experientes. (Anne-Marie CHARTIER, 2009)

[Melhorar o desempenho dos estudantes] vai além de estimular avanços nas práticas de ensino. Há dois fatores principais a considerar que sustentam ou impedem a aprendizagem: a cultura e o clima da escola. Esses dois aspectos estão diretamente relacionados à qualidade da convivência. Alguns estudos sobre rendimento escolar e convivência na escola revelam que a aprendizagem em sala de aula decai em função da indisciplina, mesmo quando o desempenho dos professores é avaliado positivamente pelos alunos. (Joe GARCIA, 2011)

Não existem simplesmente bons livros para a criançada. Existem títulos interessantes para cada turma. Recomendo que os docentes tenham coragem e confiança para fazer a seleção de acordo com o conhecimento que possuem sobre as crianças com quem convivem diariamente. Quais assuntos chamam a atenção delas? Quais são seus heróis? Elas gostam de animais ou preferem criaturas fantásticas? (Peter HUNT, 2011)

O ensino presencial continua, é importante, mas vai mudar de ser de plena imersão – no começo quando a criança está chegando na escola, quando está sendo alfabetizada, quando está aprendendo a conviver – para um tempo com muitos espaços e momentos diferentes de aprender. [...] Hoje também é essencial a convivência fora dos espaços escolares, com o mundo, com o entorno, o bairro; a convivência com crianças de outros lugares, com outros profissionais e, ao mesmo tempo, o contato com o mundo por meio de mídias digitais. (José Manuel MORAN, 2011)

A convivência pode levar a conflitos, visto que as pessoas têm interesses e necessidades diferentes e estão em posições distintas. E a escola não é um microcosmo isolado, ela faz parte da sociedade, mas tem o papel de educar para a resolução dessas questões, que têm crescido nos últimos anos. Fundamentalmente, porque os modelos de relação se modificaram, a sociedade está mudando e a escola não respondeu com a mesma velocidade. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2013)

A autoridade respeitada será aquela que for coerente, afetiva, firme, sem medo de dizer “não”, que puder pedir ajuda quando sentir-se confusa, conseguir manter o máximo possível de diálogo e participação na vida da criança e do adolescente. A questão da criatividade e capacidade de escuta também colabora para uma convivência mais interessada e respeitosa. [...] Esse papel poderá ser tanto de pais e professores quanto de um líder de aula, um amigo, um avô ou outra pessoa com essas características. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Uma sociedade que apodrece sua convivência não pode supor que a escola vai impedir essa hemorrhagia de valores que vivemos hoje. Isso não é estancado pela escola. É necessário que, acima de qualquer coisa, entenda-se qual é o limite que a escola carrega. Uma criança fica, em média, entre quatro e cinco horas em uma estrutura escolar e fica outras 19 ou 20 [horas] fora dela, submetida a uma mídia, a uma família, a um ambiente de lazer, em que há toda uma demanda para que ela seja patife. (Mario Sergio CORTELLA, 2015)

O propósito da concepção de uma cidade educadora é de conscientizar seus habitantes de que a gente se forma na convivência, quer dizer, aprende valores, cria atitudes e adquire comportamentos nas relações interpessoais e no modo como a vida urbana está disposta. Por isso, é preciso planejar ações públicas para otimizar esse lugar como instância educativa. (Vital DIDONET, 2014)

O respeito e o acolhimento, no caso da escola, dependem de que os responsáveis pela gestão, pela docência, por todo serviço no interior da escola e na estrutura institucional pública compreendam que respeitar não é aderir ao modo de outra pessoa ser e crer, mas a abertura para aprender frente a cada manifestação de diversidade, como a religiosa, que lhes era antes desconhecida. Por isso a laicidade do Estado é tão educativa: porque traz a convivência cotidiana para a condição humana de modo dialógico. (Roseli FISCHMANN, 2017)

CONFLITO

O bom relacionamento entre as pessoas não é a técnica de trabalho. Não se pode simplesmente amortecer os conflitos naturais. O orientador [educacional] deve trabalhar estes conflitos e encontrar soluções que envolvam a participação de todos. Ele tem que ouvir inclusive os pais, que também integram a comunidade escolar e que sempre têm muito a dizer. (Alda VILLAS BOAS, 1987)

Quando escrevo, procuro fazer uma literatura “espelhal”, em que o leitor se identifique. Identifique angústias, dúvidas, perplexidades. E que, através do personagem, veja como outros resolveram os mesmos conflitos que ele tem. Agora, existe muita gente que espera uma coisa absolutamente asséptica. Acho muito difícil ser asséptico, principalmente junto com adolescente. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis VIANA, 1995)

Para mim, a escola continua sendo um espaço de conflito social. Em outras palavras, a fim de usar termos mais clássicos, eu diria que a luta de classes continua a existir dentro da escola. A questão é saber que posição o educador – que nunca deveria parar de ensinar o conteúdo – assume perante o conflito social que se desenvolveu no mundo e dentro da escola. (Paulo FREIRE, 1997)

Existem os que construíram vínculos – interna e externamente – e os que deixaram deteriorarem-se as relações entre os personagens da escola ou dela com a vizinhança. As instituições que funcionam como centros de formação continuada oferecem seu espaço para a comunidade fora do horário de aulas e promovem eventos populares, demonstrando mais facilidade para afastar os conflitos de seu cotidiano. (Catherine BLAYA, 2003)

A diferença existente na escola que produz o conflito. A escola, apesar de estar recebendo alunos diferentes, com ideias distintas, continua tratando todos como se fossem iguais. Essa maneira de tratar os alunos faz com que haja dificuldades na manifestação dessas diferenças, na criação de espaços ou de abrir caminhos para o diálogo. Quando surge um conflito que não é resolvido, transforma-se em violência. (Álvaro CHRISPINO, 2003)

Na rede particular de ensino há um sentimento de subordinação dos professores em relação aos pais de alunos. Quantos alunos já não jogaram na cara do professor que “é o meu pai que paga o seu salário” quando são repreendidos em classe? Muitos docentes disseram que sintomas físicos ou emocionais surgiram após conflitos no ambiente de trabalho. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

Desde pequenos, podemos e devemos aprender que na vida os conflitos são inevitáveis, mas que não estamos condenados a resolvê-los de forma violenta. Ao contrário, devemos familiarizar-nos desde os primeiros anos com as estratégias de resolução não-violenta de conflitos. [...] Uma de suas dimensões consiste em aprender a competência de saber reconhecer e expressar sentimentos, habilidade que está na base da resolução de muitos conflitos, o que supõe, entre outros aspectos, saber diferenciar entre sentimentos e ações. (Xesús R. JARES, 2006)

Hoje, ela [escola] deve acolher todos, sejam de classe média ou baixa, com ou sem família, com deficiência ou não. A vantagem é de todos nós. Ganhamos a

possibilidade de viver em países mais justos. [...] É impensável viver em uma escola sem conflitos, mas os problemas atuais se devem, em parte, a um estranhamento frente a essa nova realidade. A sociedade tem mudado muito rápido e daqui a 40 anos essa discussão não fará nenhum sentido. (Alvaro MARCHESI, 2007a)

A vida é feita de conflitos, discórdias, e apagá-los seria falso. Por outro lado, transmitir uma capacidade de viver respeitosamente no meio disso, aproveitando a riqueza dessa verdade, é algo fundamental, a meu ver, nas relações entre adultos e crianças. Portanto, quando há discordância entre pais e professores, não se trata de dar razão a um ou outro, e sim de poder conversar, trocar ideias, aumentando a escuta, a tolerância, o respeito e a aceitação de que é possível ou mesmo inevitável conviver com as diferenças. (Celso GUTFREIND, 2010)

Quando você aborda a questão da humanidade, o homem é homem na sua diferença com outro homem. E este tende a ser intolerante com o que lhe é diferente. Eu gosto muito de uma frase de uma música do Caetano Veloso que fala assim: “É que Narciso acha feio o que não é espelho”. Quer dizer, aquilo que destoa de você, que é diferente de você, é fonte de conflito, de não aceitação. (Helena SAMPAIO, 2010)

O círculo restaurativo é uma mediação na qual esse terceiro imparcial vai tentar discutir o conflito com o apoio da família ou da comunidade. Por exemplo, José bateu em Maria na escola. A pessoa responsável pela mediação vai ouvir as partes, saber se eles têm interesse em discutir o problema causado e, caso tenham, vai consultar as famílias se elas têm interesse em dialogar. Caso todos tenham interesse, faz-se um grande círculo e, nele, você vai ouvir as pessoas, quais são os sentimentos e as necessidades delas. (Antonio Ozório NUNES, 2011)

Os conflitos são indispensáveis e existem mesmo que não os desejemos, visto que são inerentes à condição humana. O educador, portanto, tem de aproveitar essas situações para educar os alunos, tornando-os capazes de incorporar estratégias, propor soluções justas e reparar possíveis erros. Isso se constrói no dia a dia das situações conflitivas na aula, desde que haja disposição. Se as ignorarmos, não vamos aprender a resolvê-las. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2013)

Sabemos que há um universo muito peculiar em que agressões físicas ou morais acontecem entre estudantes. Por mais que a escola em seu conjunto seja participativa, por omissão ou por involuntário estímulo, conflitos entre pares distinguem-se de outras modalidades e requerem certas atitudes, considerando-se que o ambiente escolar nunca está inteiramente desprovido da marca do limite e da autoridade não familiar e extradoméstica. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

Aprender e ensinar não são processos naturais. Há uma frase bem interessante que representa isso: “O educador desestabiliza o não saber e por isso cria um conflito para o estudante”. Por isso, vamos ter que entender que nem sempre o querer aprender é condição natural, e que basta a boa vontade do educador para que o estudante cumpra sua tarefa de aprender. Ninguém aprende matemática sem estar desafiado. (Kátia Stocco SMOLE, 2019)

Quando eu era criança, a família depositava total confiança na escola e a frase corrente era: “O professor sempre tem razão”. E não acho que tenha de ser assim, por isso propomos o diálogo. Mas os conflitos sempre existiram, acho que hoje estão mais acentuados em razão dessa dinâmica da idealização, então precisamos colocar o pé no chão e trabalhar com a realidade para diminuir essa tensão. (Tereza PEREZ, 2019)

TOLERÂNCIA

No Brasil e no mundo todo os homens usam mais drogas que as mulheres. O que observamos hoje é uma tendência de as mulheres aumentarem o consumo, mas ainda não alcançando os homens. Os homens têm maior liberdade, mais tolerância da sociedade em relação a comportamentos não-aceitos. Muitas vezes os desafios das normas sociais pelos homens são vistos como uma prova de masculinidade. Assim, a droga é muitas vezes vista como um certo ritual de afirmação da masculinidade. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

O que vem se aprofundando em Paulo Freire é uma maior radicalidade com relação às suas opções políticas e ideológicas; possivelmente, uma maior clareza diante do que chamo de leitura do mundo, mas nunca numa posição sectária. Hoje eu me sinto bem tolerante. Para mim, tolerância não é conivência. Eu não posso poluir meu sonho político, minha utopia, fazendo uma dialogicidade rigorosa, profunda com os neoliberais, mas também não posso, sectariamente, me fechar a uma conversa com um neoliberal. O que não posso é fazer acordo com ele. (Paulo FREIRE, 1995)

Onde é que o professor deve aprender tolerância? No trato com os professores do centro de formação docente, onde tem que aprender respeito ao outro. Esse é o lugar onde deve aprendê-lo, porque, depois, na vida profissional, eu observo que ocorre na escola uma desqualificação, “o outro não sabe”, “o outro é um absurdo”, “é um charlatão” etc. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

A educação musical proporciona também uma tolerância em relação à vida. Se você educa uma pessoa para entender uma mensagem musical pela sua beleza, independentemente do período, do estilo, de o autor ser comunista ou católico, também estará ensinando a ela a não matar o adversário político, mas a entender sua argumentação e a se contrapor a ele com armas igualmente eficientes e nobres. (Sergio MAGNANI, 1999)

O Estatuto da Criança [e do Adolescente] é uma das legislações menos tolerantes que eu conheço. Primeiro, porque, como não poderia deixar de ser, ele prevê várias modalidades de punição para o jovem que é autor de ato infracional. Dependendo do ato infracional cometido, essa punição às vezes é apenas uma audiência com um juiz, um puxão de orelhas e, daí, passando por semiliberdade, por serviços prestados para a comunidade, vai até prisão ou privação da liberdade. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

[A escola] é, afinal, a única instituição na sociedade em que todos nos reunimos e vivemos lado a lado durante parte de nossas vidas. Vejo como as escolas influenciaram meus próprios filhos e seus pares, que se tornaram adultos, assim me parece, muito mais tolerantes do que os de minha geração. Ao mesmo tempo, saliento mais uma vez que não podemos ser complacentes. Para que as escolas tenham esse efeito, é necessário que elas sejam verdadeiramente abertas a todos e sejam genuinamente inclusivas. (Peter MOSS, 2005)

A tolerância tem de ser um princípio das sociedades pluralistas e temos de ensinar a conviver com aquilo de que não gostamos. Tolerar não é considerar que tudo é igual, que tudo é bom, que tem de se entusiasmar com tudo o que os outros

fazem ou pensam. Pelo contrário. Tolerar é saber que em uma sociedade plural, aberta, sempre temos de conviver com coisas de que não gostamos totalmente ou de que gostamos muito pouco. (Fernando SAVATER, 2007)

Em Portugal, no Brasil e em outros países de cultura semelhante à nossa, esse tipo de atitude [punitiva] frente à avaliação talvez tenha mais terreno do que nos países escandinavos ou nos anglo-saxões, que têm em suas raízes uma cultura de exigência, de rigor e de qualidade que não temos. Somos mais tolerantes quanto à qualidade dos serviços públicos. Um inglês provavelmente não suporta certas coisas que suportamos. E essas coisas estão ligadas, pois a avaliação tem muito a ver com o discernimento da qualidade. (Domingos FERNANDES, 2009b)

Não podemos suportar em nome do relativismo cultural que ela [a intolerância] exista. Isso não é paradoxal, sermos intransigentes em relação à intolerância? Claro, desde que essa intolerância ameace a tolerância, a cultura da tolerância, nós temos que ser intransigentes. [...] Nós aceitamos as diferenças entre os povos, mas temos, por exemplo, alguns povos que cometem infanticídio! O respeito à diversidade cultural e essa intransigência com a intolerância são questões, às vezes, muito complexas, que devem ser analisadas, contextualizadas, ou seja, caso a caso. (Helena SAMPAIO, 2010)

Adolescentes são outro mundo. (risos). Eles gostam de música de modo geral, mas normalmente não estão interessados em ouvir a música como ela é apresentada nas escolas. O professor tem de chegar a um acordo sobre o que trabalhar. É inevitável negociar. Se o docente tiver uma posição muito rígida, com nível de tolerância baixo, não vai funcionar. (Keith SWANWICK, 2010)

[É preciso ter] tolerância numa sociedade complexa como a que vivemos, em que há uma banalização do mal, como a gente ouviu Hannah Arendt falar, uma sociedade em que há muito estímulo à prática do mal por programas de tevê, pela classe política em época de eleição, por palestrantes que se utilizam de símbolos associados à morte, à letalidade. É preciso que a polícia esteja muito atenta para não permitir partilhar dessa visão de mal banalizada. (Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA, 2014)

Em pesquisas feitas em escolas, vemos altos índices de homofobia por parte dos alunos, por exemplo. A pesquisa do Conselho Nacional do Ministério Público realizada a partir dos inquéritos policiais mostra, basicamente, que a maior parte dos homicídios no Brasil está relacionada a essa intolerância com o próximo. O papel do docente, do professor, é ser um agente de mediação social da paz e da tolerância na convivência humana. (Julio Jacobo WAISELFISZ, 2014)

[A escola pode ajudar o professor] desenvolvendo qualificações que vão além das competências curriculares; [...] fazendo com que as diferenças venham de encontro ao nível de intolerância (ou pouca tolerância) que aquele indivíduo tenha. É um trabalho que vai além da capacitação pedagógica propriamente dita. Por que propriamente dita? Porque a capacitação pedagógica, muitas vezes, fica somente com um olhar científico das disciplinas, do conteúdo disciplinar, das matérias. Essa capacitação vai muito além disso, pois trabalha com as competências humanas. (Érika CARVALHO, 2015)

A tolerância pressupõe uma espécie de suportabilidade em relação ao outro. Não é o que se deve buscar numa sociedade democrática e de defesa de direitos fundamentais. Eu não tenho de tolerar o outro porque ele é diferente e, evidentemente, estamos falando de diferença em relação à norma socialmente aceita, ao paradigma opressor. O outro tem o direito de existir na sociedade tal como ele se coloca. No lugar da tolerância, eu usaria a ideia de respeito à diferença. (Marcia TIBURI, 2016)

É importante tomar como base, para dialogar sobre tolerância e cultura de paz, os fatos terríveis que, infelizmente, têm tomado o noticiário internacional e que estudantes de todas as idades assistem em suas TVs ou acessam em jornais e sites da internet [...]. Infelizmente vivemos tempos sombrios, nos quais não faltam exemplos de como o único caminho é o da tolerância, do respeito e da solidariedade como modo de construir a tão desejada e urgente paz. (Roseli FISCHMANN, 2017)

PRECONCEITO

No século XIX, os negros forros que viviam entre brancos pobres eram também discriminados por esses. O negro tem a tradição de ser escravo. Se a gente pesquisar, vai ver que os preconceitos que se têm contra o negro hoje são os mesmos que se tinham no século XIV. Naquela época se associava o negro à ideia de demônio, e isso, por incrível que pareça, ainda permanece. A religiosidade negra ainda é vista como coisa do diabo. (Luiz Alberto GONÇALVES, 1988)

Os textos que encontramos nos [livros] didáticos estão sempre dentro do que chamamos de “registro padrão”. Quando aparece a linguagem regional, esta muitas vezes é qualificada como errada. Os exercícios que se seguem ao texto chegam a pedir ao aluno que reescreva a frase de forma correta. Isso é preconceito em relação aos diferentes dialetos, que são os diversos usos da língua por questões sociais ou geográficas. (Magda Becker SOARES, 1994)

Estou convencido de que a única possibilidade de salvar a natureza, de evitar sua total destruição, é pela via da educação, sobretudo a de crianças. E muito mais fácil sensibilizá-las do que os adultos, que já desenvolveram uma série de preconceitos ao longo de sua vida. Passei então a trabalhar com educação ambiental de crianças e vi que a literatura e o teatro poderiam ser armas poderosas na difícil tarefa de salvar nosso planeta. (Angelo Barbosa Monteiro MACHADO, 1996)

Estamos valorizando ações – nos campos governamental e privado – que ajudem na recuperação de menores infratores. Culturalmente, a sociedade acredita que o menor que teve conflito com a lei não vai se emendar. Isso é preconceito. Se dermos condições materiais e educacionais para os menores, e trabalharmos com pessoas vocacionadas para lidar com esse problema, iremos recuperar muitos menores. (José GREGORI, 1999)

Meus pais eram muito humildes e sempre batalharam para que eu estudasse. Na escola, sofri preconceito por causa da condição social, mas tive professoras excelentes, que respeitavam a individualidade, sem distinção de raça ou classe. Foram elas que me inspiraram. Hoje, sou extremamente feliz na minha profissão. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Os professores de ciências também necessitam de uma fundamentação histórica e filosófica de maneira abrangente e não restrita à sua área. Sim, é legítimo [a escola incentivar ou discutir sem preconceito outras formas de conhecimento como magia, alquimia, astrologia]. Se não estudarmos tudo isso, se não colocarmos nossos medos e preconceitos de lado, podemos ter uma visão distorcida da realidade. Há uma relação complexa entre ciência e magia que não é completamente entendida. (Piyo RATTANSI, 2001)

Geralmente o professor é de classe média, camada social que costuma ter preconceitos contra classes populares. Essa prevenção se agravou nos últimos anos com o aumento da violência. Por falha em sua formação, ele não aprendeu a se aproximar do estudante de origem simples. Então, usa o discurso da mídia

sobre o aumento da violência para tentar justificar essa falta de habilidade. (Ana Luiza Carvalho da ROCHA, 2004)

Há muito preconceito racial no Brasil, quem não o sofre tende a subestimá-lo, ao contrário de quem é vítima dele – mas preconceito racial não é exatamente racismo. Há quem não goste de preto, há quem não goste de branco, de mulato, de nissei, de louro e assim por diante. É mais ou menos como quem não gosta de capixaba, de gaúcho, de *paraíba*. Pura negatividade de quem não gosta e, por isso, não se aproxima do outro. Pode estar perdendo algo: há gente boa e ruim em qualquer desses grupos. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

[O *bullying*] é um problema sério, porque nem sempre a intimidação vem só dos alunos. Os professores também têm sua parcela de contribuição no processo. Eles carregam para a sala de aula seus preconceitos – o que aparece com muita clareza em nossas pesquisas, e isso provoca intimidação. O que se deve fazer é uma conscientização coletiva nas instituições dos direitos humanos, da cultura da paz, das discussões de etnias. Deve-se promover um clima de paz nas escolas, e não de enfrentamento. (Marlene Monteiro PEREIRA, 2006)

De certa maneira, ele [o professor] se sente incapaz de provocar essa mudança, porque o sistema é maior do que cada um deles, isoladamente. É difícil. Uma maçã podre corrompe o grupo. Vi isso acontecer. Tem uma escola com 10 professores; dois que não estão a fim corrompem o grupo. É como na sala de aula: se você é muito certinho, você sofre preconceito; se você é um professor muito “caxias”, também sofre preconceito dos outros professores. (João JARDIM, 2007a)

O ensino da arte no Brasil começa com a Academia de Belas Artes, criada quando Dom João VI veio com a Corte para o Brasil. [...] A ideia inicial era criar uma Escola de Artes e Ofícios, mas em seu lugar surgiu a Academia de Belas Artes, criada sob o signo do supérfluo. As pessoas de classe média começaram a frequentar a Academia, que virou uma espécie de passaporte social para frequentar a Corte. Então, o ensino da arte foi se criando sob o signo de preconceitos. (Ana Mae BARBOSA, 2008)

Acho que [o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira] não é potente o suficiente para dissolver o preconceito, mas sim para desmistificar nossas ações etnicamente estereotipadas. Por exemplo, entender que a África é um continente de níveis e qual é a diferença das colonizações francesa, portuguesa, inglesa, belga. Acabar com o preconceito é difícil. A escola poderia se tornar um espaço menos agressivo para os afro-brasileiros. (Ahyas SISS, 2009)

Sucintamente, o índio na escola era uma nota de pé de página carregada de preconceitos. Se fosse uma nota de pé de página, mas correta, já teria ocorrido uma contribuição. Mas não, o índio estava fora do foco da história e, quando aparecia, era de forma preconceituosa. Eu me pergunto até que ponto essa escola não devorou a identidade dos brasileiros, na medida em que ignorou duas grandes matrizes formadoras da sociedade brasileira: a indígena e a africana. (José Ribamar Bessa FREIRE, 2010)

O preconceito linguístico consistiria em discriminar alguém pelo fato de falar de maneira diferente. Pode acontecer em situações diversas. Por exemplo, não contratar um trabalhador pelo fato de ele ter um sotaque marcado – do interior paulista ou baiano, por exemplo – ou porque não usa variantes sintáticas cultas, mas apenas as populares (empregar concordâncias verbais ou nominais como “eles foi” ou “10 real”). (Sírio POSSENTI, 2011)

O racismo, a misoginia, a homofobia, a intolerância religiosa ou cultural, a insegurança individual expressa na busca por hierarquização e poder em grupos horizontais (como aqueles formados por estudantes). E o que seria comum a todas essas manifestações de preconceito e intolerância, elas próprias tendo sido definidas como elementos constantes? Minha hipótese aponta na direção da vontade de classificar o outro em categorias e diagnósticos para metê-los nas mais diversas caixinhas e gavetas. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

JUSTIÇA

A pedagogia radical difere de outras tradições educacionais em sua ênfase nas questões de justiça social e relações de poder. O entendimento de relações de poder desiguais afeta o processo educacional de muitas formas, e a pedagogia radical em sua tradição crítica procura identificar esses fatores sutis e estancar o dano que infligem a povos inocentes. (Joe KINCHELOE, 1999)

Para ser justo com os professores, devo dizer que acho a matemática uma matéria muito difícil de ser bem ensinada. Muito difícil, porque se baseia em muitas ideias abstratas. Através de pesquisas em educação, sabemos que ideias abstratas são muito complicadas para os alunos conseguirem aprender e muito difíceis para os professores conseguirem ensinar. Isso tem de ser reconhecido. (Alan BISHOP, 2006)

O professor, ao planejar a atividade pedagógica com seus alunos, precisa levar em conta as diferenças entre os estudantes: um aluno tímido reagirá de forma diferente de um expansivo; o hiperativo terá reações diferentes do quieto. Essa é uma das razões que nos levam a afirmar que ensinar é uma situação complexa e que exige o desenvolvimento da competência do professor para tratar de forma diferente aqueles que são diferentes. Esse nos parece ser o verdadeiro sentido de justiça no tratamento dos alunos. (Vasco MORETTO, 2007)

Temos de olhar para as possibilidades numa perspectiva holística, com uma abordagem de integração para a educação de 1 a 6 anos e para além dela, o que representa grandes desafios. Envolve olhar a escola e a educação como espaços democráticos e emancipatórios, com instituições públicas comprometidas com essa responsabilidade. A educação desempenha papel central, como um enorme alinhavo humanista para a criação de uma sociedade comprometida com a justiça social e com a realização do potencial de cada criança. (Peter MOSS, 2007)

É o que acontece com o *Bolsa Família*, programa do governo federal brasileiro. A mentalidade é: os ricos não podem ser impedidos de viver em mansões com piscinas, desde que os pobres tenham uma refeição por dia e não morram de fome. Que sociedade estamos construindo com esse princípio de justiça que garante o mínimo e não iguala as condições? (Claude CARPENTIER, 2008)

No ensino básico, não vejo problemas de estudarem alunos de diversas classes sociais. É uma questão óbvia de justiça social, ainda mais num país como o Brasil, pois não entendo por que as pessoas que têm dinheiro não devam pagar pelo seu ensino universitário, ainda mais quando esse ensino vai gerar para o aluno de família rica ganhos enormes no mercado de trabalho. (Gustavo IOSCHPE, 2008)

Já viram professores em sala de aula, em programas de formação continuada? Fazem exatamente como os alunos dos quais reclamam: saem correndo, não voltam no horário, entram com a Coca-Cola na sala, pedem para ir ao banheiro assim que acaba o intervalo... Será que essa atitude está questionando algum princípio vital para a autoridade? Eles estão sendo injustos ou desrespeitosos? Acho que não. Precisamos ir às causas dos conflitos, e a solução tem de representar princípios de justiça. (Telma VINHA, 2009)

Alguns professores acham que estão sendo justos quando reservam, por exemplo, meia hora ou outra fração qualquer de tempo para cada agrupamento. Porém nem assim eles conseguem dar um bom atendimento, já que cada um pede um tipo de intervenção. Outros ainda têm a iniciativa de propor tarefas coletivas. Sem dúvida, essa é uma maneira mais interessante do que desenvolver atividades separadas, mas também fica mais fácil cair na armadilha de achar que todos estão envolvidos. (Claudia MOLINARI, 2009)

Conheci um jovem de Diadema, na década de 1990, que sonhava estudar arquitetura. Era muito inteligente, mas também muito pobre e não teve aulas suficientes para garantir um bom desempenho no vestibular. Não é justo que o sistema educacional faça isso com as crianças mais pobres. Quando a gente faz o debate a partir do aluno, muda a perspectiva. Para garantir oportunidades iguais, todos devem aprender o currículo mínimo estabelecido pela sociedade. Se o currículo é certo ou não, o debate é outro. (Paula LOUZANO, 2011)

Esses países [Venezuela e Bolívia] estão construindo sistemas educativos que tentam desenvolver os três aspectos da justiça. O primeiro é a redistribuição equitativa de bens simbólicos para toda a população. O segundo é o reconhecimento, respeito, promoção e apoio à existência de diferentes culturas. E o terceiro, o da participação, pela qual diferentes setores têm voz nas decisões. Todos são parte desta construção, segundo este conceito. (Pablo IMEN, 2012)

Mais do que um método justo, temos de ter um critério justo. Um método é uma ferramenta técnica para avaliar. A ferramenta pode ser boa ou má. Por exemplo, aplicar critérios padronizados a professores que trabalham em contextos muito diferentes pode ser injusto. Exigir competências para as quais os professores não estão preparados ou que não são relevantes para seu desempenho, também. (Sergio MARTINIC, 2013)

O atual FUNDEB é constituído por 27 fundos estaduais, sendo que em alguns estados há complementação da União. Um Fundo Nacional a ser dirigido pela União e assessorado por mesa interfederativa permitirá a redução de disparidades hoje existentes, seja nas transferências obrigatórias, seja nas voluntárias. Ou seja, um fundo nacional pode ser mais justo por ser equitativo. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2014)

Atualmente, no mundo todo, está ganhando terreno a ideia de uma “justiça universal”, ou seja, que determinados crimes, como os da violência de Estado ou o genocídio, não podem prescrever e podem ser julgados por qualquer país. [...] Acredito que é muito importante levar todas essas questões para a sala de aula e convertê-las em atividades didáticas, embora possam ser polêmicas. Assim é o que está acontecendo em países como Argentina, França, Espanha e inclusive nos Estados Unidos. (Mario CARRETERO, 2014)

A famosa frase “Você é o que você come” hoje é a mais pura realidade, e os hábitos alimentares mais simples têm consequências globais. Nesse contexto, e devemos estar conscientes disso, as indústrias alimentares e a relação entre a agricultura, a agricultura intensiva e a economia desempenharam um papel-chave. O tema da alimentação ainda é um problema de justiça e, muitas vezes, de falta de justiça. (Ilaria CAVALLINI; Maddalena TEDESCHI, 2016)

Quando um estudante risca a mesa, é comum deixá-lo sem recreio. O que isso tem a ver com o que ele fez? Nada. Trata-se apenas de uma punição. A consequência lógica deve atender a três princípios: ser relacionada (seria justo que ele limpasse a própria mesa), razoável (limpar a mesa de todos os colegas não faria sentido) e, se possível, antecipada (o aluno pensa no que fazer para resistir à vontade de riscar a mesa). (Fernanda LEE, 2017)

INJUSTIÇA

Se a educação é muito prática (como no caso das crianças pobres) ou muito teórica (como no caso das ricas) há um desequilíbrio. Infelizmente os alunos pobres têm muito trabalho – e por isso são privados do tempo livre. Ou então não trabalham nem vão à escola – e por isso têm somente ócio. Essa é a maior injustiça social contra as crianças. (Domenico de MASI, 2000)

Essa dedicação [dos professores] leva ao maior entrosamento entre os docentes e melhor comunicação da equipe com a direção. Com isso, há coerência no tratamento dos conflitos. Os alunos ficam confusos quando atitudes semelhantes são tratadas de forma diferente por um e por outro membro da equipe escolar. Eles se sentem injustiçados, e a injustiça é uma das causas da violência. (Catherine BLAYA, 2003)

As crianças francesas acham que, como seus pais, que ganham por hora de trabalho, deveriam ser recompensadas pela quantidade de tempo passado em frente dos livros. Ou seja, as notas deveriam ser proporcionais ao estudo. Mas, é óbvio, essa não é a lógica da escola. A instituição escolar defende que, se o estudante não fez as tarefas, não leu nem adquiriu um saber intelectual, ele pode ser reprovado. Para esse aluno, isso é uma injustiça, algo ilógico. (Bernard CHARLOT, 2006)

Esse [o vestibular] é o maior exemplo da injustiça e do arcaísmo do sistema. A aprovação no teste causa uma comoção social jamais vista em outro país. Seu princípio é a exclusão, não a inclusão. As instituições não estão recrutando jovens talentos, mas garotos adestrados para marcar um X. Perde-se a função social de uma faculdade. O que está em discussão é a melhor forma de utilizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ou outro critério para fazer a seleção. (Naomar Monteiro de ALMEIDA FILHO, 2007)

Se medirmos o que os alunos sabem, como fazem normalmente as avaliações, um professor de escola pública que tenha alunos vindos das classes populares, de famílias com escasso capital cultural, terá resultados piores do que um professor que trabalhe em escola privada ou mesmo pública, mas que tenha alunos vindos de famílias mais favorecidas. Vai se pagar menos para aquele primeiro professor? Seria uma total injustiça. (César COLL, 2007)

A degradação da escola pública não é outra coisa senão uma estratégia para consentir a construção da classe dirigente a partir de uma classe já rica em princípio, motivo pelo qual as divisões sociais tornam-se discriminantes. Toda vez que a escola privada prevalecer em termos de formação em relação à escola pública, se verão as injustiças sociais perpetuarem-se. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

A injustiça social no Brasil é secular, muito profunda, enraizada na nossa cultura e nas nossas relações sociais. Minha querida ex-sogra, Alice Francisca, é um prato cheio para os preconceitos: mulher, negra, nordestina, analfabeta. No entanto, ela é uma das pessoas mais inteligentes e perspicazes que conheço. Se tivesse tido acesso também à cultura letrada, certamente poderia aplicar essa inteligência e

essa perspicácia em outras dimensões de sua vida particular, de sua família, de sua comunidade. (Marcos BAGNO, 2008)

Se não existir mais vestibular, as instituições de ensino vão estar livres para ensinar e, simplesmente, os educandos podem gastar tempo lendo poesia de Fernando Pessoa, estudando sobre música, sobre Van Gogh. É a solução mais democrática. Com o sorteio, não precisamos lidar com as cotas. Vai haver injustiças? É claro que vai, mas elas serão diferentes das que existem agora, que são as de privilegiar os ricos e de emburrecer as pessoas. (Rubem ALVES, 2009)

O ENEM não tem a mesma métrica do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), por exemplo, que faz com que cada avaliação em cada ano seja correspondente à do ano anterior. O mesmo caso é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Em ambos, é correto fazer comparações, porque a métrica do instrumento utilizado permite. Digo que fazer a comparação no ENEM é como relacionar escarola com abobrinha, que é uma comparação de verdureiro, e não de botânico. Ou beneficia ou prejudica uma escola injustamente. (Guiomar Namó de MELLO, 2009)

Não adianta nem tentar isolar o que se tem, porque é inviável, nem apostar apenas na modernização tecnológica, porque o problema está na própria natureza da relação, isto é, o que gera os processos de injustiça ambiental são os mesmos processos que geram a injustiça social. Os grupos sociais que vivem vulneráveis, sob risco, do ponto de vista ambiental, não estão nessa situação por acaso, mas porque são socialmente colocados em uma condição de exclusão. (Carlos Frederico Bernardo LOUREIRO, 2010)

Avaliação não é auditoria, é reorientação de processos. Avaliação não é disputa ou concurso. Acho muito bom, quando se tem um estímulo, fazer com que em uma determinada escola haja a possibilidade de elevar a condição daquela comunidade pelo desempenho. Mas, quando isso é feito sem que se ofereça a quem lá trabalha as condições de formação, isso produz um agravamento da injustiça. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

Em muitos países os resultados das avaliações são publicados nos jornais nas tabelas de *ranking* que apontam “essas são as piores escolas, essas são as melhores”. Esse modelo é injusto com os professores e com os alunos. Você diz àqueles estudantes que eles são os piores do país. Então, quando fazemos avaliações como a Prova Brasil, as escolas que recebem alunos de áreas muito pobres muitas vezes vão dizer: “nós não fomos bem, mas veja os alunos que nós recebemos”. (Douglas WILLMS, 2012)

Há lugares na educação superior onde os conservadores podem ensinar ideias que consideram importantes. Mas existem muitos tipos de conservadores e de críticos. Da forma como veem, a educação superior é comandada por pessoas de esquerda, o que eles acham injusto. Se alguém estivesse ensinando visões políticas diferentes das suas, você obviamente ficaria chateado. (Neil GROSS, 2013)

Muito do que se passa como ensino fundamental no Brasil infelizmente não condiz com as competências, as habilidades e os conhecimentos correspondentes

ao que deveria ser o ensino fundamental. Preciso dizer isso de maneira bem concreta: tem muita gente que termina o ensino fundamental, e mesmo o ensino médio, e não está plenamente alfabetizada, são analfabetos funcionais. Isso é uma tremenda injustiça com as crianças e jovens. (Eduardo GIANNETTI, 2016)

Muitas vezes nós naturalizamos as injustiças. A miséria, a discriminação, a violência, naturalizamos tudo isso até para sobreviver em ambientes hostis. Ao ensinar direitos humanos, você busca dar certa perspectiva, alertar que aquilo não é correto, não é justo. Queremos que os alunos sejam capazes de não mais aceitar como naturais as injustiças que eles presenciam e, portanto, que possam agir para superá-las, para impedir essas violações. (Oscar Vilhena VIEIRA, 2017)

ÉTICA

Ética não é imitação de condutas – nem pode ser confundida com moral. Moral é um conjunto de comportamentos e normas que você, eu e outras pessoas costumamos aceitar como válidos. Ética, ao contrário, é a reflexão sobre por que consideramos válidos alguns comportamentos e outros não, é a comparação com outras morais, de outras pessoas e culturas. (Fernando SAVATER, 2002)

Quando ele [professor] começa a compreender as relações pessoais e sociais, começa a dizer “eu não ensinei”, em vez de “ele não aprendeu”. A diferença é enorme entre as duas sentenças: uma envolve culpa; outra, responsabilidade. O professor tem dificuldade em perceber a diferença. Culpa é um problema moral e religioso. Ética e responsabilidade são questões profissionais. (Ana Luiza Carvalho da ROCHA, 2004)

A ética é a base sobre a qual devem ser apoiadas todas as ações humanas. Uma educação sólida, fundamentada em valores e virtudes, molda o caráter das pessoas com essa consciência. que é uma espécie de argamassa indestrutível, impermeável. A ética passa a ser, então, muito mais do que uma virtude pessoal. Ela se transforma em bandeira, em instrumento de trabalho, em missão de vida. (Gabriel CHALITA, 2005)

Damos especial atenção a uma abordagem ética que está particularmente relacionada a essa questão da alteridade: a ética de um encontro. [...] Associada a Emmanuel Levinas, esta é uma ética relacional, construída no acolhimento e na hospitalidade do outro – uma abertura à diferença do outro, à vinda do outro. Isso envolve um relacionamento ético de abertura para o outro, tentando ouvi-lo de sua própria posição e experiência, e não tratá-lo como igual. (Peter MOSS, 2005)

No tempo de agora, há leituras diferenciadas de mundo. E há que expressá-las. A ética toma outro lugar, portanto. O do respeito à opinião do outro, à diferença, à complexidade dos saberes de agora. Essa é a ética da qual eu falo, a da construção de uma sociedade capaz de ouvir a si mesma. Capaz de ouvir a todos. Uma ética que coloca o professor não como aquele que reproduz os saberes já escritos, mas capaz de ouvir os saberes de seus alunos, dialogar com eles e avançar com eles em busca de novos saberes. (Solon VIOLA, 2006)

Seria necessário assumir aquilo que chamo de “ética do viandante”, uma reformulação da ética como propõe Aristóteles quando fala de *fronesis*, que traduzimos por sabedoria ou prudência. Em verdade, é uma dimensão dramática, que consiste no fato de que quando não se pode decidir a partir de princípios universais, como se faz na matemática ou na metafísica, é necessário raciocinar segundo as circunstâncias e optar a partir daquilo que é mais oportuno. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

Eu cresci nesse lugar, que era muito longe da cidade. Para chegar lá era difícil, não tinha luz elétrica. Meu avô era um grande contador de histórias. Quando chegávamos à escola, havia coisas que a gente já tinha aprendido em casa, com a contação de histórias, como ter respeito pelo outro. Os contos tinham essa importante função. Contar história ensinava a gente a viver. Na escola,

aprendíamos outras coisas, a ética já estava garantida na família. Não é o que se vê hoje. (Gislayne Avelar MATOS; Inno SORSY, 2007)

No que se refere à ética, é necessário imaginar-se com múltiplos papéis: ser humano, profissional e cidadão do mundo. O que fazemos não afeta uma rua, mas o planeta. Temos de pensar nos nossos direitos, mas também nas responsabilidades. O mais difícil com relação à ética é fazer a coisa certa mesmo quando essa atitude não atende aos nossos interesses. Ao resumir esses dois últimos tipos de mente, eu diria que pessoas que têm atitudes éticas merecem respeito. (Howard GARDNER, 2009a)

Os estudantes estão tentando encontrar os seus referenciais morais e éticos para vida. Estão num momento de passagem para a idade adulta, e fazem isso por meio da contestação, de um teste dos valores que os adultos querem lhes impor. E há uma ética entre eles. Quando um aluno briga com o outro, eles se xingam. Mas na hora que aquele com quem ele briga é desafiado pelo professor, eles se aliam. É a ética do companheirismo, da camaradagem, em meio a um conflito geracional inevitável. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

Um parêntese que a história conta: Santos-Dumont inventou uma grande máquina, que é o avião, e ficou deprimido por vê-la sendo utilizada na guerra. Alguém pode contestar que o avião foi uma grande invenção? Não. Agora, tudo está passível a todos os tipos de utilização. Então, garantir que os resultados [de um Exame Nacional de Ingresso na Carreira Docente] não serão utilizados indevidamente eu não posso, até porque depende da ética de cada um. (Malvina TUTTMAN, 2011)

O sujeito fica anos na escola e sai pensando em passar os outros para trás, tornar-se milionário em dez anos. Que educação é essa? Sem nenhum valor espiritual, nada preocupada com a ética! O cidadão só não quer ser preso, mas não necessariamente está preocupado com a ética. Se puder passar o outro para trás no silêncio sem ser surpreendido, ele o faz. Não teria problemas em cometer crimes, desde que não seja preso. (FREI BETTO, 2012)

A vida ética do docente (suas posturas e atitudes) é tão importante quanto o conhecimento e a reflexão que ele tem nesse campo. É preciso se perguntar constantemente: sou um bom modelo ético? *Ethos*, em grego, significa ao mesmo tempo caráter e ninho, lugar onde cada um habita. Portanto, a função da ética é transmitir valores, habilidades, capacidades que permitem viver em comunidade, isso é o que se chama moral, costume. Cada lugar, cada cultura, cada pessoa encontra seu ninho ético: um sistema de valores que acolhe sua existência. (Joan Manuel del POZO, 2012)

Como sublinhado pela psicóloga americana Carol Gilligan, existe o que ela chama de uma “ética do cuidado”, que pode ser desenvolvida tanto por homens quanto por mulheres. Assim como existe uma “ética da justiça”, que implica levar em consideração os direitos alheios, existe uma “ética do cuidado” que implica levar em conta as peculiaridades de cada pessoa, os seus sentimentos, o seu bem-estar afetivo. Não se trata de uma espécie de instinto, mas sim de uma postura deliberadamente escolhida perante as outras pessoas e a vida. Daí merecer o nome de ética. (Yves de la TAILLE, 2015)

A questão ética não é questão moral, é questão da construção de si [mesmo]. E a educação é ética enquanto ela é a construção de cada um. Mas temos uma coisa maluca no Brasil, em que há uma espécie de antieducação, uma educação que não funciona para nada, a não ser para humilhar e machucar as pessoas. A gente precisa de muitas transformações, algumas muito sérias, na política, no desenvolvimento de políticas públicas que realmente tenham objetivos libertadores e emancipatórios para as pessoas. (Marcia TIBURI, 2015)

É responsabilidade pessoal e uma questão de ética do professor estar atento ao desenvolvimento de cada aluno no dia a dia, ainda que as avaliações externas pressionem todos a seguir no mesmo ritmo. O docente precisa se concentrar nos estudantes que ficam para trás, e não puni-los. Na prática, implica analisar as manifestações da turma, o que é conversado em sala, as interações, as perguntas feitas por cada aluno. [...] Não adianta ficar somente de olho na nota das provas, em quem se saiu bem ou mal. (Antônio Augusto BATISTA, 2017)

MORAL

Uma das piores lições de moral é a “dupla moral”, quando se diz uma coisa e se faz outra. O que os pais fazem, como eles se comportam, é a grande lição. Muitos pais acham que basta um belo discurso. Isso é moralmente questionável; é preciso haver coerência entre o que digo e o que faço. E as crianças, principalmente as menores, são muito mais atentas às ações do que aos discursos. [...] A pior educação moral que se pode dar a uma criança é colocá-la como espectadora dessa incoerência. É deslegitimar a moral. (Yves de la TAILLE, 1999)

O Brasil é assim mesmo: o país onde todos querem ser respeitados, mas poucos são capazes de ações básicas como chegar aos compromissos na hora marcada. Para resolver a questão pensamos sempre na moral rígida – meio protestante, meio careta. Mas será que para ser uma nação civilizada temos de nos transformar em protestantes rígidos? Acho que não. (Claudio de Moura CASTRO, 2000)

Prevalece a ideia de que as pessoas têm de levar vantagem em tudo. Eles [os pais] temem que o filho perca os instrumentos necessários para se defender em uma sociedade que privilegia os espertos. Têm a impressão de que ele será o único a agir com ética e sentem medo de que se tome um “bobão”. Tornam-se inativos, inseguros. Como consequência, acabam transferindo a responsabilidade da educação moral para os professores. (Tania ZAGURY, 2000)

O professor ou o profissional da escola deve, de forma simples e calma, informar o que observou. Pode ser apenas um mau momento que a criança está passando. Do contrário, o melhor é orientar os pais para procurarem uma ajuda especializada. [...] O maior cuidado é não fazer qualquer julgamento moral desta criança ou de sua família, não permitindo que outros também o façam. Outra dica é evitar chamar a atenção para esta criança. O professor deve cuidar para que a vida pessoal do aluno não seja exposta. (Ana Cássia MATURANO, 2005)

Há uma pressão e obrigação moral sobre os governos para que eles se submetam a leis internacionais. Não é fácil continuar ignorando o trabalho infantil. Mas devo dizer que nem as leis nacionais ou internacionais são o único remédio. São importantes, porque dão apoio moral àqueles que estão no meio da luta, mas não se pode depender apenas disso. [...] O importante é que haja uma preocupação social. Porque o trabalho infantil não é um problema econômico ou legal isolado. É um problema social e cultural também. (Kailash SATYARTHI, 2006)

No prédio em que aceitei dar aula estavam instalados aqueles condenados ao insucesso, muitos dos quais já morreram de Aids ou de forma violenta. Nunca tinha visto uma coisa assim, porque era também uma miséria da ordem moral. Os pais e professores não se importavam. A professora que eu substituí havia desistido do ofício porque apanhara várias vezes dos alunos. (José PACHECO, 2007)

Esse julgamento moral [de foro íntimo] é mais importante do que as regras estabelecidas. Há uma série de situações em que faz parte da nossa autonomia poder achar que algo pode ser ilegal e justo, ou ilegal e injusto. Normalmente se presume que o que nos parece justo é mais importante do que aquilo que é legal.

Isso faz com que, numa série de situações, condutas que podem parecer imorais sejam perfeitamente morais. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

Para as professoras mulheres, que são a maioria, esta [a docência] é uma ocupação que permite aliar melhor as responsabilidades domésticas e as profissionais. [...] Finalmente, é preciso reconhecer que a profissão docente é uma profissão moral, como diz um autor francês; é muito difícil ser professor sem se envolver com o destino das crianças, adolescentes e jovens com os quais se trabalha todos os dias, sem acreditar no valor dessa atividade profissional. (Maria Malta CAMPOS, 2008)

Odeio moral da história. Quando eu era pequena, gostava muito de fábulas. Mas não da moral da história. Achava um desaforo. O que eles pensam que eu tenho na cabeça? Por que querem me ensinar o que eu tenho de entender? Eu entendo a história do meu jeito. Os grandes fabulistas, como Esopo e La Fontaine, não escreviam para crianças. Escreviam disfarçadamente para adultos, para criticar os costumes. Eles não podiam falar do rei, do governo. Então contavam histórias de bichos, e a moral da história era para os adultos. (Tatiana BELINKY, 2009)

Uma cultura tem diretrizes morais que mudam. Há maneiras de cadastrar o mesmo conto em diferentes culturas. O exemplo mais comum é a Cinderela. Conheci 490 versões desse conto e há mais de mil versões espalhadas. A postura da Cinderela vai mudando. Há versões em que ela é independente, corajosa, forte. Ela mesma planeja a fuga para o baile e aborda o príncipe. E em outras, como a da Disney, a Cinderela é passiva. É um reflexo das mudanças de padrões morais e culturais. (Kátia CANTON, 2010)

Nos livros didáticos de ensino religioso, diversas religiões são apresentadas. Mas a diversidade religiosa é garantida apenas superficialmente. Hindus, muçulmanos, islâmicos, judeus, populações indígenas e afro-brasileiras não deixam de ser representados nos livros didáticos, mas o são a partir de um contraponto hegemônico, o da moralidade cristã. A discrepância entre o número de menções a essas religiões e às religiões cristãs, sobretudo a católica, revela a tendência à reafirmação do cristianismo como parâmetro moral. (Debora DINIZ, 2010)

Imaginemos que todos respeitassem os direitos humanos. O nosso mundo seria outro. Contudo, isso não nos impediria de morrer, de envelhecer, de perder o cabelo, não nos impediria de experimentar o luto dos seres amados. A dor, a limitação e a morte nada têm a ver com a moral. Há pessoas com muita qualidade moral que são infelizes no amor. São duas lógicas diferentes. A moral não impede o tédio, o sentimento de banalidade da vida. (Luc FERRY, 2010a)

[Os educadores] lidam com o coletivo e trabalham com a questão da igualdade. Têm de tratar todos com as mesmas regras e os mesmos princípios. Já os familiares trabalham com valores individuais, como a cooperação, a solidariedade, a generosidade e a bondade, e protegem os seus. Na família, como na escola, moral vivida é moral ensinada. De nada adianta fazer discursos se as práticas os contradizem. (Maria Suzana MENIN, 2012)

Não sou totalmente contra contos com moral da história, se eles têm um trabalho de linguagem rico e aberto a sugestões. Contos e fábulas baseadas nesse tipo de moral sobrevivem até hoje devido à qualidade literária inquestionável. Reprovaria livros que, sem essa riqueza de linguagem, constroem histórias superficiais e maniqueístas para facilitar a vida do leitor. (María Teresa ANDRUETTO, 2017)

É comum a ideia de que quanto mais cedo um estudante for reprovado, melhor para ele mesmo. Nessa concepção, a reprovação tem efeito moral, seria importante para formar o caráter da turma. A prática funcionaria como um alerta e ao mesmo tempo como um castigo, que mostra ser preciso se esforçar mais. Isso ocorre não porque os professores são malvados, mas como resultado de uma formação deficitária, que não discute a questão com base em evidências científicas. (Antônio Augusto BATISTA, 2017)

VALORES

Educar não é treinar pessoas. O conceito de qualidade é transposto do meio empresarial, onde o objetivo é produzir mais, e isso não pode ser o valor máximo de uma atividade educativa. Não acho positivo que a escola continue subordinada aos valores que regem o mundo econômico. Não se trata de negar esse mundo, mas de valorizar a realização integral do ser humano. (Rui CANÁRIO, 2000)

Hoje existe uma perda desses valores, o que afeta o futuro da criança. Os pais, em muitas famílias, estão ausentes da educação dos filhos. A mãe e o pai trabalham fora e até o professor, com seus problemas particulares, baixos salários, e todo estresse das grandes cidades, também acaba tendo deficiências na parte comportamental da educação. A criança que não aprende regras básicas de boas maneiras poderá sofrer no futuro. (Suzana DOBLINSKI; Albertina Costa RUIZ, 2001)

Hoje, a escola superestima o explícito e subestima o tácito. Isso é grave, pois na questão dos valores, por exemplo, o tácito é muito mais importante do que o explícito. Pode criar várias disciplinas falando de cidadania, honestidade. Os valores têm de ser vividos, vivenciados, ou a escola se torna uma fábrica de cínicos. O maior erro é subestimar o tácito, pois viveremos a vida toda entre o mundo do tácito e do explícito. [...] O bom professor é aquele que ensina tacitamente. É desse que nos lembramos, sempre. (Nilson José MACHADO, 2001)

Nossa maneira de jogar reflete nossa maneira de viver. Assim, podemos melhorar nosso jeito de viver aperfeiçoando nosso jeito de jogar. Nos jogos cooperativos, encontramos desafios que simulam a necessidade de resolver problemas, harmonizar conflitos e atingir metas e objetivos, nas mais variadas situações de nossa vida cotidiana. Buscamos despertar valores essenciais para a vida em sociedade. (Fábio Otuzi BROTTTO, 2003)

Defendo a ideia de que todas as matérias carregam em si certos valores. E elas foram se desenvolvendo, através da História, devido às escolhas feitas pelos especialistas de cada área. É devido a essas escolhas que cada uma das matérias que conhecemos carrega, em si, certos tipos de valores. Se olharmos para a literatura da história do conhecimento, veremos que esse é sempre o caso. As escolhas específicas feitas ao longo do tempo tiveram consequências no desenvolvimento de todas as áreas do conhecimento. (Alan BISHOP, 2006)

A população brasileira tem profundamente arraigados em si valores muito sólidos. O que ela não tem são os conhecimentos formais. Nunca foi dada a ela uma rede de escolas. A rede de escolas que atende a população brasileira como um todo é da segunda metade do século passado. Aí se constituiu uma rede de ensino que possibilitou o acesso da população brasileira. Que não está completo, inclusive, pois vai até a oitava série. (Solon VIOLA, 2006)

Existe uma diferença entre instruir e educar. A instrução é a formal, do ensino. Já a educação prevê acompanhamento e questões de valores éticos e morais. Podemos dizer que a instrução trata do saber e a educação, dos valores. No

entanto, observamos que, na realidade, isso não funciona assim, porque pela maneira como transmitimos o saber também estamos repassando os valores. (Philippe MEIRIEU, 2008)

Eu vejo, quando analiso os valores da juventude, pois faço muitas pesquisas, que eles têm alguns traços que minha geração não teve, como a visão de uma cidadania internacional. Viajam a outros países sem preconceitos, amam as pessoas e têm preocupação ecológica, com a vida e a saúde. No meu tempo não era assim. Nunca pensamos que seria necessário cuidar da água. Para que isso? O descaso tinha como argumento o fato do Brasil ser o país da água. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

Quando recebe explicações, que vão atuar sobre as normas e os valores e reorganizar tudo: o dinheiro é uma moeda de troca e a bandeira é o símbolo de uma nação, por exemplo. Quando se alcança um grau de entendimento maior, essas explicações proporcionam um novo sentido às normas e valores, tornando possível refletir sobre eles e, inclusive, duvidar de seus fundamentos. É isso que chamamos de pensamento crítico. (Juan DELVAL, 2009)

Durante a discussão das regras, nota-se que os valores têm de estar envolvidos no assunto. Se há uma norma para levantar a mão antes de falar durante a aula, ela diz respeito ao funcionamento da classe e à possibilidade de ouvir e ser ouvido. Tem a ver com respeito, um valor. Fazendo uma análise como essa, podemos averiguar se a regra é válida ou se é arbitrária e sem significado. Vale ressaltar que existem valores inegociáveis, como a justiça e a cooperação. (Maria Suzana MENIN, 2012)

Segundo [Zygmunt] Bauman, antes vivíamos num mundo de referências éticas estáveis, fixas, sólidas. A sociedade atual se converteu em líquida, porque os valores que a sustentavam perderam essa solidez. Neste momento, todos os valores se transformam continuamente, porque tudo flui depressa e sem parar. O lado positivo disso é a liberdade e a capacidade de adaptar-se continuamente. Mas, junto com essa vantagem (liberdade e adaptabilidade), vem a desvantagem do excesso de mudanças nos pontos de referência. (Joan Manuel del POZO, 2012)

A perspectiva social é fundamentar as relações em valores que não sejam o valor econômico, que é o que domina atualmente. É preciso resgatar valores éticos, espirituais, morais, sociais, culturais. Em relação à família, isto se traduz em coisas básicas, como cumprir o seu papel de maternagem, de paternagem, de cuidado, de amor, de ajudar os filhos a desenvolver um sentido de vida etc. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

Por princípio a Educação é ideológica. Valores são transmitidos na escola o tempo todo. Por causa disso, os professores devem cuidar da escolha das obras didáticas. É necessário que eles se preocupem, por exemplo, com a maneira com que são apresentados os conceitos fundamentais de cada disciplina nos livros, com as recomendações de leituras extras, a que autores elas remetem e também com a qualidade das imagens e das legendas. (Circe BITTENCOURT, 2014)

As chamadas forças de caráter são ensinadas e reforçadas por meio da leitura, escrita, fala e colaboração com os colegas durante as rotinas escolares, de forma a contribuir com o clima escolar. [...] É importante que [a educação socioemocional] permita aos alunos aprender a partir de uma variedade de virtudes e valores, características que podem ser, por exemplo, os pontos fortes de personagens, incentivadas por meio de histórias, vídeos e instruções diretas. (Pamela BRUENING, 2018)

Ocorre que a escola é uma instituição pública – é uma concessão pública mesmo quando sua gestão é privada – e é, de fato, onde você terá contato com pessoas que têm pontos de vista distintos daqueles da sua casa. Portanto, a ideia de continuidade entre casa e escola é nociva. [...] A casa pode ensinar os seus valores religiosos, por exemplo, mas compete à escola ensinar o valor do convívio com o diferente. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2018)

REGRAS

A escola não é o lugar em que se subverte a estrutura da língua porque ela não tem preparação própria suficiente para se arriscar nessa aventura. As regras são como os sinais de trânsito numa estrada. Estão ali para orientar e dar segurança ao condutor. Claro que é possível viajar por uma rodovia onde não haja sinais de trânsito, mas para isso é indispensável ser um bom condutor. (José SARAMAGO, 2003a)

Mas o que é regra? Algo que se constrói por consentimento. É como em um jogo. As regras são arbitrárias, mas a criança aceita porque gosta de jogar. Sem regra, não há jogo. Para definir regras, usamos o recurso da democracia. A classe toda discute, sob a condição de que todos aceitem o que a maioria decidir. O problema é que a minoria pode se recusar a cumprir. Deve-se combinar previamente que a não observação das regras implicará punições ou perdas. (Lino de MACEDO, 2005)

Na idade pré-escolar, existem regras das quais as crianças não gostam, as quais não entendem e consideram arbitrárias. Os alunos não gostam de ter que guardar os brinquedos quando vão sair da sala de aula. Então, perguntam: “Porque eu tenho que guardar o brinquedo se depois eu vou voltar e posso continuar a brincadeira de onde eu parei?”. Em função disso, as crianças criam estratégias e, quando têm que guardar os brinquedos, vão para o banheiro, ou fingem que não conseguem, ou brincam que estão mortas. (William CORSARO, 2007)

Em nenhum lugar está dito como se escolhe um diretor, mas levar em conta o desempenho parece razoável; o período probatório para efetivar um professor é previsto em lei, mas as habilidades dele nem sempre são analisadas antes que assuma o cargo; avaliar os alunos também é procedimento corriqueiro, mas isso não é usado para melhorar o ensino; combater a evasão e a repetência. Enfim, regras simples, nem sempre aplicadas. Esse é o ponto. Aqui, o revolucionário é fazer o óbvio, o feijão-com-arroz, certinho. (Fernando HADDAD, 2007a)

A Matemática, não só no Brasil, é apresentada sem vínculos com os problemas que fazem sentido na vida das crianças e dos adolescentes. Os aspectos mais interessantes da disciplina, como resolver problemas, discutir ideias, checar informações e ser desafiado, são pouco explorados na escola. O ensino se resume a regras mecânicas que ninguém sabe, nem o professor, para que servem. (Patricia SADOVSKY, 2007)

Aprender regras e fórmulas é importante, só que todas as regras têm de ser motivadas. É preciso apresentar as razões pelas quais aquilo é natural, e só quem tem fundamentação teórica consegue fazer isso. A questão é procurar significado. Quando se fala em ensinar Matemática, a reação natural é dizer “pra que serve?”. A gente tem de interpretar esta pergunta como “o que significa?”. (Nilson José MACHADO, 2008)

A concepção de língua que o professor tem vale tanto para a materna quanto para a estrangeira. Se ele conceber um sistema rígido, formal, composto de regras, ele vai ensinar regras. Se pensar língua ou linguagem como algo que faz com que a pessoa aja no mundo, vai ter outro tipo de procedimento. [...] O estudo de uma

língua estrangeira pode se beneficiar do estudo da língua materna. Não estou falando em fazer comparações. O Inglês e o Português funcionam cada um ao seu jeito. (Maria Antonieta CELANI, 2009b)

A escola coloca no mesmo balaio regras boas e regras ruins, que vão confundir sobre o que vale a pena seguir ou não. É muito comum em palestras alguém perguntar sobre o que fazer com os alunos se eles vêm de meia branca e não com a preta. Briga-se pela cor da meia do mesmo modo que pela ofensa pessoal. Certo dia, em uma escola, uma professora mandou um aluno para fora porque estava de boné, mas contemporizou quando chamaram a aluna de piranha. Regras que são convencionais podem ser mudadas; princípios não podem ser contemporizados. (Telma VINHA, 2009)

A escola tem que contribuir para que haja um consenso em torno da obediência às regras. O pensador liberal acha que as regras é que permitem a construção de um espaço mais democrático. O que se vê não é um espaço liberal, é uma liberalidade, uma permissividade. Em uma escola liberal existem regras claras, explícitas. Um bom jeito de trabalhar a questão da tolerância é explicitar as regras do jogo, as regras da classe. O que a gente tem é uma permissividade, uma ausência total de regras, inclusive de convivência. (Helena SAMPAIO, 2010)

Professores considerados bem-sucedidos em suas escolas me sugeriram que a indisciplina seria um modo de os alunos forçarem a escola na direção de uma abertura. A indisciplina refletiria a distância entre a forma pouco flexível e cheia de regras como eles aprendem na escola e o modo flexível e de regras mínimas como eles aprendem no mundo. (Joe GARCIA, 2011)

A escola tem por missão transmitir as normas da escrita. Parece-me, portanto, que o professor deve dizer que as mensagens espontâneas com abreviações e escritas fonéticas pertencem ao espaço social, não ao escolar. As modalidades de expressão (regras de polidez, interdição a ofensas e comentários grosseiros ou racistas etc.) são ainda mais importantes que as regras de ortografia. (Anne-Marie CHARTIER, 2015)

Em geral, o que são as regras escolares? No começo do ano, os pais assinam uma série de regras não consensuais. Qual o sentido de não se poder usar boné ou saia na escola? Essas três questões são importantíssimas e precisam ser redefinidas. A infraestrutura é um drama em muitas escolas; as regras poderiam ser feitas de forma diferente e as relações sociais têm de ser muito trabalhadas. (Miriam ABRAMOVAY, 2016)

Em vez de gerar um sujeito autônomo, que tome decisões, às vezes difíceis, e arque com elas, vem regras. E o pior é que quando há uma contestação às regras tradicionais, ela se dá em nome de novas regras. Hoje, uma parte dessa querela gigantesca em que o país está metido, que inclui questões como feminismo, aborto etc., é que há escassas discussões que deem às pessoas o espaço para elas escolherem seus caminhos. (Renato Janine RIBEIRO, 2016)

A escola não deve ser dependente da família para adotar as práticas da disciplina positiva. As crianças são capazes de perceber a diferença entre o ambiente familiar e o escolar. Um exemplo interessante são crianças que têm dois pares de

avós e na casa de um é liberado comer doce, mas na do outro não. Elas não confundem as regras, sabem como agir em ambos ambientes. (Fernanda LEE, 2017)

Uma pessoa pode ter feito todos os exercícios possíveis e podem existir regras para tudo, mas, se elas não vivenciarem no dia a dia – na escola, no pátio da escola, nas lojas, nas instituições religiosas, na mídia (inclusive nas redes sociais) – o “discurso” faz pouca diferença. Eu sempre uso a seguinte frase: “as crianças podem ouvir ou não o que você diz, mas elas sempre vão perceber o que você faz”. E eu acrescentaria, o que você NÃO faz. (Howard GARDNER, 2018b)

CIDADANIA

A saúde institucional de uma escola depende de sua capacidade de transmitir boas mensagens de cidadania. Seja pública ou privada, a escola que atingir um nível de dignidade, seriedade e competência terá dado um passo à frente na tarefa de desenvolver cidadania. Mas esse primeiro passo é pouco. Há muito mais a fazer. A escola tem de usar, deliberadamente, todas as oportunidades para transmitir boas mensagens. (Claudio de Moura CASTRO, 2000)

Acho legal um cidadão sair da escola, pegar um contrato de aluguel para ler e conseguir fazê-lo – por mais complicado que possa ser – sem precisar do auxílio de um advogado. E, além do pragmatismo, tem também o lado cultural: poder ver um filme ou uma novela e entender as referências. O saber enciclopédico é que faz alguém ser cidadão do mundo de hoje. E uma boa parte disso a escola tem de estimular, e o resto aprendemos vendo filmes, lendo mapas, vendo programas de televisão. (Sírio POSSENTI, 2001)

O projeto político-pedagógico implementado nas escolas do CDI [ONG Comitê para a Democratização da Informática] é inspirado nos pensamentos do educador Paulo Freire e baseado na metodologia de projetos. Queremos, com esses projetos, realizar microrrevoluções em cada comunidade. São sempre ações comunitárias, nas quais os alunos procuram solucionar problemas locais. Funcionam na base da solidariedade e do respeito ao próximo. São exercícios de cidadania. (Rodrigo BAGGIO, 2002)

A cidadania é um valor que vai muito além das fronteiras nacionais. Pensamos na cidadania planetária e devemos ter a ousadia de pensar que temos direito de viver em um mundo mais justo e melhor, não só em um país ou em um município melhor. Temos direito a uma vida digna. [...] Meus direitos, embora sejam associados a uma territorialidade nacional, são cada vez mais direitos mundiais. Precisamos ter a consciência de que somos cidadãos do mundo. (Pablo GENTILI, 2003)

Ando meio encrencada com a palavra cidadania. A direita tomou conta dessa palavra. Prefiro usar o termo do mestre Paulo Freire, conscientização. A arte abre caminhos para a conscientização social, para a descoberta dos direitos, das obrigações de cada um. Tem um monte de gente com discursos vazios que abusa do termo cidadania. Tenho arrepios quando ouço falar em educação para a cidadania. Dependendo de quem fala, pode ser uma picaretagem. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

Ontem, uma pessoa estava comentando que a polícia do Rio está pegando todos os meninos de rua, aqueles que ficam nos sinais num determinado local, e mapeando-os, fotografando etc. Segundo o comentarista, eles estão fazendo isso com a intenção de facilitar a identificação dos marginais do futuro, ou seja, a premissa está errada, eles podem atuar socialmente de uma outra forma. Como é que fica a questão da individualidade, como é que ficaria a representação da cidadania? (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

A escola segue sendo a instituição mais adequada para iniciar a população no exercício de uma cidadania comprometida. Cada vez mais, ela chega a todos os

núcleos populacionais, de forma mais ou menos organizada, e – o mais importante – dispõe de muitos profissionais que escolheram exercer de forma beligerante uma ação decidida visando a uma sociedade melhor. Isso permite identificar a escola como o meio fundamental de que dispõe a sociedade para formar o aluno nos princípios básicos de participação, colaboração, sentido crítico e espírito democrático. (Antoni ZABALA, 2007)

Projetos interdisciplinares, envolvendo história, geografia, ciências, arte etc., são perfeitamente possíveis e desejáveis durante o desenvolvimento das práticas pedagógicas para o ensino da língua estrangeira. Cabe ainda lembrar que a não inclusão da língua estrangeira nos ciclos iniciais do Ensino Fundamental priva o estudante, principalmente aquele da escola pública, do direito a um conhecimento que hoje é requisito importante para o exercício da cidadania no mundo globalizado. (Reinildes DIAS; Heather Jean BLAKEMORE, 2009)

Ninguém afirma em sã consciência que, para dar aula no ensino médio, é preciso ser especialista em uma área. O conhecimento que o professor deve constituir nos alunos é mostrar que eles necessitam das ciências naturais para viver, para tomar decisões sobre a vida, para continuar os estudos, mas não precisam decorar o nome de todos os elementos químicos. Isso não faz parte da base de cidadania que se pretende que a educação básica ofereça. (Guiomar Namó de MELLO, 2009)

Cidadania tem a ver com a vida em sociedade, e isso é objeto de estudo da Geografia. A escola tem de ajudar o estudante a entender o espaço público como uma produção social, um direito e uma responsabilidade de todos. O professor forma cidadãos quando dá subsídios para a turma participar conscientemente da vida social. Infelizmente, o termo “cidadania” está desgastado. Não estou dizendo que experimentar práticas cidadãs na escola seja errado. A questão é como fazer isso. (Lana de Souza CAVALCANTI, 2010)

Há governantes que estão interessados na promoção da leitura porque, supostamente, ela forma cidadãos melhores. Mas quando analiso o que eles entendem por cidadania, não é o mesmo conceito que eu tenho. Eles querem cidadãos que não questionem e não coloquem em perigo a ordem estabelecida. Estou interessada no contrário: em pessoas que exerçam juízo crítico frente à ordem estabelecida. Que tenham condições, capacidade, que usem a escrita como uma ferramenta que lhes permita conhecer melhor essa ordem para poder intervir nela. (Silvia CASTRILLÓN, 2011)

[O jovem] tem que ser capaz de fazer várias coisas, mas não somente de ter a competência cognitiva – leitura, ciências, matemática –; [deve] também, por exemplo, conviver com as diferenças. No Brasil isso é absolutamente essencial: não existe um tipo de brasileiro “certo”. Ou seja, eu preciso, dentro da escola, aprender a trazer para a minha rotina de cidadania o respeito às diferenças. Portanto, a escola precisa ter uma pedagogia para que as pessoas aprendam essas diferenças. (José Francisco SOARES, 2012a)

Por que uma pessoa faz o Ensino Médio? Porque ela quer fazer Ensino Superior. Em outros países há outras opções, você faz o Ensino Médio porque quer trabalhar, aprender sobre a vida, um momento de cidadania, de conviver,

compartilhar. Nós precisamos também abranger o estudante que quer concluir o Ensino Médio para ter um trabalho mais qualificado ou concluir um curso técnico. O Brasil optou por esse modelo excludente no passado. (Luiz Cláudio COSTA, 2013)

A ideia de cidadania como titularidade de direitos já vem de Roma: “Civis romanus sum!” (“Sou um cidadão romano!”), protestou São Paulo ao ser preso. Entre nós, os direitos civis e políticos constavam já na Constituição de 1824. Educação é direito social que começou a surgir na Europa no século XIX. No Brasil, a mesma Constituição de 1824 garantiu a todos a gratuidade do ensino primário (garantia não posta em prática). A Constituição de 1891 deu um passo atrás retirando essa garantia. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

A maioria das pessoas que conclui o ensino médio vai diretamente para o mercado de trabalho. Essa constatação realça a necessidade de o ensino médio prover uma qualificação básica para o trabalho. Ao lado dessa orientação, cabe destacar que essa etapa educacional, a última de obrigação do Estado, deve preparar para a cidadania, ensinando valores e habilidades para a vida cotidiana dos estudantes. (José Fernandes de LIMA, 2015)

DIREITO

A importância dessa referência curricular [PCNs] está no fato de que cada criança ou jovem brasileiro, mesmo em locais com pouca infraestrutura e condições socioeconômicas desfavoráveis, deve ter assegurado o direito de usufruir do conjunto de conhecimentos socialmente produzidos e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. (Iara PRADO, 1997)

Eu tenho dito, com Paulo [Freire]: nós somos seres humanos, homens e mulheres diferentes uns dos outros, mas deveríamos ter todos direitos iguais. Direito de inserção no todo social, de participação, com cooperação, dentro do espírito de justiça e ética, sem discriminações de raça, religião, cor, sexo ou outras quaisquer. Toda a teoria da ação dialógica de Paulo denuncia a manipulação, a invasão cultural, a divisão e a conquista, que servem à opressão. Esse é o cerne da teoria de Paulo. (Nita FREIRE, 1998)

O que faz com que os direitos humanos sejam mais acatados em alguns países é a certeza que cada cidadão tem de que se alguém fizer algo errado vai haver uma consequência. Infelizmente, no Brasil, durante séculos, para os setores mais privilegiados não havia essa preocupação, pois dificilmente a justiça acertava as contas com eles. Veja esses fiscais e vereadores que faziam da propinagem uma coisa absolutamente natural, como quem faz uma ginástica. (José GREGORI, 1999)

No século XIX, a ideia de educação como um direito de todos era revolucionária. Até hoje, no entanto, alguns países conseguiram escolarizar apenas 10% ou 20% de sua população. Já nas nações desenvolvidas, atualmente quase todo mundo vai à escola. Mas, onde todos já sabem ler, escrever e contar, isso já não basta. À medida que o objetivo da escolarização é atingido, ele se desloca. (Philippe PERRENOUD, 2004)

Temos de pensar é que nossos alunos têm direito de saber responder a essas coisas. Por quê? Bem, porque eu falava dos textos sofisticados que os nossos jovens nunca encontraram na vida. Mas eles têm direito a saber movimentar-se com aquele tipo de texto. O que não podem é dizer: “o que é isto? Isto é um texto? Eu nunca vi um texto assim na minha frente”. É por isso que acho que eles têm direito a ter acesso aos diversos textos, às diferentes práticas. (Maria de Lourdes DIONÍSIO, 2005)

A educação também é um direito humano natural. As pessoas nascem e aprendem como indivíduos livres e independentes. Se você tem o corpo e a mente livres, tem todos os direitos universais e naturais para receber ensino gratuito. Então, a educação é a chave para o aprendizado, e é por isso que não é um bom investimento só para os recursos humanos, para a economia, para as estatísticas, mas também um direito humano natural e fundamental que deve ser oferecido a todos. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Aquelas populações estão nas maiores dificuldades não por causa da violência, mas porque não têm o que comer, moram em condições precárias, não têm acesso a programas de saúde de boa qualidade, têm um acesso ainda ineficiente à rede escolar, não têm um futuro garantido, com possibilidade de emprego e salário

digno. Esses são os direitos humanos. Direitos são informações de boa qualidade, que também não se tem no país. (Solon VIOLA, 2006)

Não se captam os resultados apenas para uma avaliação formal. Na sala de aula, todo aluno tem o direito de ser avaliado pelo professor. A forma de o professor avaliar o aluno não é sempre a prova e o registro. Frequentemente, é a observação. Mas é importante que o professor verifique, da maneira que melhor lhe aprouver, se o aluno está caminhando ou não. Essas outras inteligências teriam de passar pelo mesmo tipo de processo. (José Francisco SOARES, 2007)

Através das lentes da Anistia Internacional, definimos a educação para os direitos humanos como uma “prática participativa e deliberada com alvo no aumento de poder dos indivíduos, grupos e comunidades por meio do incentivo ao conhecimento, habilidades e atitudes em alinhamento com princípios de direitos humanos internacionalmente reconhecidos”. De maneira mais ampla, a meta é estabelecer uma cultura na qual os direitos humanos sejam compreendidos, defendidos e respeitados. (Aude Valérie BUMBACHER, 2009)

As atuais diretrizes consideram a aprendizagem como um direito. Não apenas a frequência à escola, mas a efetiva aprendizagem. É nesse contexto que a recomendação específica de não interrupção dos três primeiros anos do ensino fundamental se insere. Toda criança tem o direito de aprender e esse direito gera o dever de todos de assegurar que isso aconteça. Ninguém está falando em aprovação automática. Nós acreditamos que a aprendizagem é um direito tão importante quanto a frequência à escola. (Cesar CALLEGARI, 2011)

Sabemos que conhecer as culturas, trocar experiências, envolver as famílias nas discussões referentes ao trabalho pedagógico, oportunizar sua participação em atividades dentro das instituições, acolhê-las em suas necessidades de orientação e escutá-las são ações imprescindíveis. É direito das famílias conhecer os espaços da instituição, os profissionais que lidam com seus filhos, as práticas pedagógicas que orientam o trabalho e o cardápio oferecido. (Mayrce Terezinha da Silva FREITAS, 2011)

Sem professores muito bem preparados para cumprir a tarefa de alfabetizar todos os seus alunos, com qualidade e equidade, não teremos como garantir o direito de aprender desses alunos nas demais séries. Como estamos muito distantes dessa conquista [...], é preferível indicar uma meta intermediária: um percentual de crianças alfabetizadas ao final do 2º ano e todas elas ao final do 3º ano do ensino fundamental. (Priscila CRUZ, 2012)

Se não for possível ficar ao ar livre, podemos criar todas as possibilidades talvez na sala de aula, mas tirando as mesas, as cadeiras. Depende também dos adultos. Se eles limitam as crianças dizendo “não faça isso”, “tome cuidado”, “não ande”... Gosto de trabalhar com adultos que não limitam as crianças. Mas isso é muito difícil, pois sempre achamos que temos o direito de dizer o que é certo. [...] Eles devem brincar com elas. Seja natural e aproveite o quão fantástico é. Porque é como ouro. (Anna Marie HOLM, 2015)

Tomando a metáfora do planejamento como um roteiro de viagem, é justo e recomendável que todos os viajantes acompanhem sua organização, participem

de sua estruturação; em uma palavra, que também possam fazer escolhas. Toda criança tem direito a se contrapor, a argumentar, a sugerir caminhos diversos daqueles propostos pelo professor e pela instituição no seu conjunto; tem direito a apresentar ideias revelando seus modos próprios de ser e se expressar, respondendo aos desafios colocados no processo educativo junto ao coletivo. (Luciana Esmeralda OSTETTO, 2015)

Hoje esse segmento [EJA] está muito esquecido. O Plano Nacional de Educação (PNE) mal trata disso e a Base Nacional Comum Curricular praticamente ignora essa parte. Mas a realidade hoje é outra, inclusive porque o público da EJA tem ficado cada vez mais jovem, recebendo aqueles que por alguma razão não conseguiram seguir o curso “normal”. Precisamos de um projeto de nação em que a empregada doméstica semianalfabeta seja vista como um sujeito de direito. (Ana Lúcia LIMA, 2019)

AUTONOMIA

Cada escola tem de ter o seu próprio rosto. Cada escola é fruto das suas próprias contradições. Ela é um conjunto de relações sociais e humanas e esse conjunto é diferente pela cara, pela etnia, pela interculturalidade, pela vivência, pela biografia de cada um que lá está. A escola tem de ser autônoma, e a autonomia tem de ocorrer em rede. Não pode ser isolada e se fechar para o outro. (Moacir GADOTTI, 1999)

Muitas escolas estão presas ao ensino de conteúdos, de conhecimentos em diferentes disciplinas, e esquecem de ajudar o aprendiz a desenvolver os requisitos de aprendizagem autônoma. É dessa forma no mundo inteiro, não apenas no Brasil. Muitas crianças que já terminaram seu processo de escolarização não foram preparadas para tratar de suas vidas pessoais e profissionais. (David SASSON, 2005)

A ideia de que as crianças, pela sua própria vivência, podem chegar a conhecimentos mais elaborados é inconsistente. [...] Entendo, como afirmava [Antonio] Gramsci, que o processo educativo vai da anomia à autonomia pela mediação da heteronomia. Na heteronomia entra o papel da educação, a importância dos adultos, dos professores em dar direções, indicar o que é secundário e o que é essencial, quais são os conhecimentos fundamentais a serem dominados, a partir dos quais as novas gerações ganharão autonomia. (Dermeval SAVIANI, 2008a)

Autonomia, do ponto de vista cognitivo, é pensar por si mesmo. Do [ponto de vista] moral, é atuar de acordo com princípios gerais, que sirvam para todos. Para que isso ocorra, é preciso haver incentivo. Hoje não são dadas responsabilidades a eles, mas todos precisam observar as consequências – para eles e para outras pessoas – de algo errado que fazem. [...] Todos necessitam compreender que a função das regras não é limitar, impedir, castrar e castigar, mas regular as relações entre os indivíduos e estabelecer modelos que facilitam a vida em sociedade. (Juan DELVAL, 2009)

[Na Finlândia] começamos a trabalhar com autonomia e descentralização em 1984. Demos mais autonomia para que a qualidade do ensino fosse melhorada. Queríamos dar aos professores mais margem para que pudessem inovar. Porque não queríamos estabelecer regras muito fechadas, que não dão espaço de criação aos docentes. Queríamos usar toda a capacidade que tínhamos no país. (Reijo LAUKKANEN, 2009)

Localizar informações é algo muito fácil, mas isso não é ler! Escolhemos um texto porque queremos que elas [as crianças] aprendam determinados conteúdos. Quando dizemos que o leiam e depois “respondam às perguntas”, anulamos a autonomia delas. Porém não podemos renunciar às questões porque elas nos orientam sobre o que é interessante discutir. [...] Se a ideia de que a leitura é fácil permanecer, muitos vão continuar saindo da escola sem saber ler. (Beatriz AISENBERG, 2010)

Os exames nacionais e internacionais não são feitos para identificar esses aprendizados [advindos do uso das tecnologias]. Nós vivemos uma situação

paradoxal. Os sistemas de ensino estão preocupados em desenvolver os alunos para que eles tenham autonomia para atuar em uma sociedade em constante mudança. Mas o ritmo das escolas é o oposto disso. (Maria Elizabeth Bianconcini de ALMEIDA, 2010)

A função política da escola é ensinar, fazer com que a criança aprenda. Não tem nada mais político do que a aprendizagem, mas não é todo mundo que concorda com isso. Quando falo que é preciso ensinar ao professor como fazer, tem gente que diz: “Isso tira a autonomia”. É muito cômodo, porque se lavam as mãos. Acredito que se deve mostrar como fazer e, se ele não quiser, tem toda liberdade para optar por outro caminho. A autonomia é escolher fazer ou não. (Guiomar Namó de MELLO, 2011b)

Do ponto de vista dos valores da vida, a escola tem de ter total autonomia. Quem enfrenta um grande problema nesse sentido é a escola privada. Para ter mais alunos, muitas vezes ela faz concessões, adapta-se aos valores das famílias, não contradiz os pais. Aí eu acho que ela está perdida. Creio que a escola tem de defender seus valores. Seja qual for seu ponto de vista ético, a família tem de compreender e aceitar, ou não. Os valores morais são obrigatórios, os éticos não, mas têm de ser respeitados pela família. (Yves de la TAILLE, 2012)

Estamos em um mundo onde os sujeitos são levados a se considerarem proprietários de si mesmos. Eu tenho o meu corpo, minhas capacidades, meus talentos e tenho de rentabilizar aquilo de que sou propriedade. É uma lógica muito mercantil, muito estranha, considerar a si mesmo uma mercadoria que se tem de vender, um talento que se deve explorar. E me parece que a palavra autonomia vai um pouco nessa direção, em entender as pessoas como proprietárias de si mesmas. (Jorge LARROSA, 2013)

Se uma escola escreve em seu PPP a intenção de fazer dos seus alunos cidadãos autônomos, como poderá lograr atingir esse objetivo “dando aula”? Será possível desenvolver autonomia nos alunos se um professor não é autônomo e recorre a práticas geradoras de heteronomia? Um professor não ensina aquilo que diz; um professor transmite aquilo que é. (José PACHECO, 2013a)

Por que uma criança não pode aprender com um ritmo diferente do de outra? Por que não pode, em determinados momentos, estar mais à frente ou atrás? O que isso significa? Que todas elas têm de estar no mesmo momento de aprendizagem? Isso não é assim. Isso deve ocorrer por determinados períodos. Como esses períodos devem se organizar dentro das escolas é onde se situa a autonomia de cada uma delas. Essa autonomia, por exemplo, o professor da Finlândia tem. (Eladio Sebastián HEREDERO, 2015)

Em vez de dizer se a resposta está certa ou errada, como no modelo tradicional, ele [o professor] pergunta se todos concordam. Ouvindo a turma, compartilhando as diferentes resoluções e fazendo com que ela discuta, o docente encoraja que os alunos pensem e expressem suas próprias opiniões. Assim, esse conhecimento vai se construindo. [...] Deixar que os alunos pensem sozinhos e tenham a chance de expressar a maneira como raciocinam é dar autonomia. Infelizmente, não é isso o que acontece na maior parte das escolas. (Constance KAMII, 2015)

Estamos propondo-lhes [aos alunos] aprender e crescer de maneiras que nunca lhes tinham sido apresentadas antes. Quando damos aos jovens o dom do amor pela aprendizagem e a consciência de quanto aprendem melhor, os impactos de longo prazo são imensuráveis. Eles estão estabelecendo objetivos individuais, fazendo planos, desenvolvendo habilidades de pensamento crítico e tornando-se aprendizes autônomos. (Mira BROWNE, 2016)

Ser um professor eficaz, em uma escola democrática, passa por saber gerir o currículo, interpretando-o e adaptando-o às condições de aprendizagem dos alunos, para que eles possam efetivamente aprendê-lo. Na verdade, essa autonomia na gestão do currículo significa que o professor é um “encurtador de distâncias”, isto é, que vai sendo capaz de conduzir seus alunos a diminuir a distância entre o saber que eles trazem para a escola e o domínio que vão adquirindo dos saberes que a escola lhes faculta. (Ana Paula SILVA, 2019)

IDENTIDADE

[Ayrton Senna] espelhou esse lado luminoso, e trouxe de volta essa identidade que havia sido perdida pelo caminho. A questão é que, sem esse lado de identidade, nós como povo seremos incapazes de enfrentar e superar nossos problemas. Afinal, se somos corruptos, bandidos, assassinos, predadores, o que vamos fazer diante disso? A gente abre um jornal e só vê esse estrago todo. (Viviane SENNA, 1997)

Esse é um grande problema: a dificuldade de pôr o corpo docente para pensar em conjunto. Tudo depende da grade horária. Nos intervalos, alguns se encontram por alguns minutos, mas não é suficiente. Acabou a aula, vão embora. No Brasil, há um agravante: os salários baixos obrigam os docentes a ter mais de um emprego. Eles não chegam a conhecer profundamente os colegas e a criar uma identidade com a instituição em que lecionam. (Isabel ALARCÃO, 2002a)

Na verdade, alunos não buscam identidade, eles criam identidade. Nossa história começou a ser escrita nos bancos de escola, e ainda é. Talvez seja essa a razão que me faz crer que fazer os alunos refletirem e discutirem com as ferramentas que a escola lhes dá através da metodologia de ensino é um poderoso instrumento na formação de pessoas. (Cesar ROMÃO, 2003)

Atenção à criança quer dizer, sobretudo, atenção à sua capacidade pessoal e à sua mente. Quais são os objetivos de uma escola atenta à criança? É a construção de sua autonomia pessoal, de uma identidade pessoal e de sua competência simbólica, dos saberes. A escola como lugar que oferece uma multiplicidade de experiências, onde a criança experimenta continuamente. A criança apreende o que pode. (Battista Quinto BORGHI, 2004)

As identidades das pessoas são constituídas não só de etnicidade, gênero, classe, mas também de muitas outras dimensões. As pessoas criam suas próprias identidades, que podem ser múltiplas e híbridas, enfatizando diferentes aspectos em épocas e locais diferentes. As identidades tampouco são estáticas, seja em termos individuais, seja em termos de grupos. [...] Assim, os rótulos para grupos são importantes, mas também potencialmente perigosos, se nos cegarem para a complexidade e limitarem a capacidade do indivíduo de construir sua própria identidade. (Peter MOSS, 2005)

A identidade do jovem hoje é dependente do olhar do outro. Ele está sempre preocupado com a maneira pela qual é visto, com o que é dito sobre ele. Isso não é novo, claro, mas intensificou-se. Hoje há uma espécie de fragilidade nas pessoas, uma dificuldade na formação de uma imagem própria. O jovem, sendo mais dependente do olhar público, precisa se colocar de acordo com as expectativas que ele acha que o mundo tem sobre ele. (Miguel PEROSA, 2006)

Todos nós trazemos uma “bagagem histórica” em nosso modo pessoal de ensinar e em nossa vida pessoal. Por isso é tão importante compreender a reorganização das experiências acumuladas anteriormente. Avançando e retrocedendo nessa acumulação, nessa história de vida, começamos a compreender como os professores são criados e como se sustentam em sua identidade e personalidade e também em suas práticas. (Ivor GOODSON, 2007)

Nossa identidade é feita de dejetos e fragmentos de outras culturas. Por enquanto é isso que nós temos e somos. Algo mais nós ainda não temos, se é que algum dia teremos, se é que importa ter. [...] A ausência dessa identidade clara é uma chance de vivermos o espírito educativo de maneira mais criativa. Só mesmo nós poderíamos produzir um escritor como o Machado [de Assis], por exemplo. Um escritor como o Machado só poderia existir na medida em que fosse afetadamente fragmentário. (Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO, 2007)

A preocupação central das primeiras conferências [Conferência Nacional de Educação] era a ideia de nação, no momento em que havia grandes movimentos migratórios. Havia uma preocupação de construção da identidade nacional através da educação, coisa que não temos mais no centro do debate hoje. [...] Era um momento de afirmação da sociedade civil para dizer que existiam pessoas preocupadas com os rumos da educação. (Ana Clara Bortoleto NERY, 2010)

Nos currículos escolares são previstas apenas duas aulas de história por semana. Acho que há uma desconsideração muito grande em relação à importância que a história tem na formação de uma criança e de um jovem. A história é fundamento da identidade coletiva. E não somente de uma identidade coletiva nacional, tradicional, segundo o modelo da modernidade. Trata-se da identidade da pessoa como um ser inserido no mundo. A história trata da historicidade não só daqueles que construíram a história. (Lucília NEVES, 2010)

À medida que as crianças tornam-se jovens, espera-se que a tutela tenda ao desaparecimento. É salutar que, pouco a pouco, os pais transfiram as responsabilidades aos seus filhos, inclusive no que concerne à vida escolar. Também se deve considerar que os próprios adolescentes almejam distanciar-se dos pais e fixar uma identidade própria, que pode passar por uma negação da figura dos pais, de suas expectativas, de seus hábitos e valores. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2013)

É verdade que boa parte da produção cultural infantil apresenta pontos de vista antiquados. Diversas pesquisas mostram que isso pode afetar a construção de identidade das crianças. Mas, justamente por isso, é ótimo usar esse material para abordar o tema. Por que não discutir o porquê de as princesas sempre estarem esperando a chegada de um príncipe encantado? (Bettina HANNOVER, 2014)

Reggio Emilia é conhecida como a experiência das cem linguagens das crianças. Ou seja, não é só falar, escrever, contar; também há aspectos sutis, como o perfume. E percebemos como as crianças são sensíveis a esses aspectos da identidade. Como podemos notar essa capacidade delas nas escolas? Temos ambientes perfumados, com aromas que mudam nos dias e nas estações. Quando oferecemos comida para elas, valorizamos as cores, os sabores, os odores. (Paola STROZZI, 2014)

Os mecanismos de busca que fazemos na internet, os vídeos e áudios acessados, as curtidas no *Facebook* criam uma identidade digital pessoal, e esse grande acúmulo de dados está disponível com informações a nosso respeito que interessam a muitas empresas. Vivemos na sociedade dos algoritmos, que detectam o que pensamos, do que gostamos, o que compramos, as séries a que

assistimos na Netflix... Aí é possível elaborar conteúdos e mensagens endereçadas. A educação tem de discutir isso. (Cleide ALMEIDA; Izabel PETRAGLIA, 2019)

Personagens, datas e acontecimentos históricos são ferramentas de construção de identidade. Funcionam como âncoras lançadas no passado nas quais procuramos alicerçar valores, convicções, sonhos e aspirações do presente, enquanto preparamos a jornada rumo ao futuro. E, como todos os símbolos, geralmente são produtos mais de edificações imaginárias do que de fatos objetivos e comprovados – o que também os torna alvos de infundáveis investigações e discussões entre os pesquisadores. Palmares e o seu mártir Zumbi são bons exemplos disso. (Laurentino GOMES, 2019)

PESSOAS

Ele [o professor] foi treinado apenas para passar conteúdos. Como poderia, então, lidar com as personalidades dos alunos? Quando professores e alunos se encontram em sala de aula não são apenas personas, isto é, personagens sociais, que estão se encontrando. São pessoas inteiras, com múltiplas dimensões. E isso nunca foi considerado pela educação convencional. (Elydio dos SANTOS NETO, 1998)

Apesar dessa oclusão de pensamentos neoliberais, é possível que se continue a evoluir no caminho de uma educação que não esteja pensada exclusivamente para um determinado grupo, mas para o desenvolvimento de pessoas em todas as suas capacidades, para a criação de modelos não seletivos, nos quais a Escola se torne orientadora e não uma selecionadora. (Antoni ZABALA, 1998)

É cada vez mais frequente você ver pessoas que cursaram inúmeras disciplinas, em sua formação, mas trabalham em áreas completamente diferentes. Por exemplo, engenheiros trabalhando em bancos. Isso não é uma anomalia. Nós passamos pelas disciplinas, mas nos desenvolvemos como pessoas, ainda que não utilizemos todos aqueles conteúdos. Também para o professor, o objetivo deve ser o desenvolvimento como pessoa. (Nilson José MACHADO, 2001)

As pessoas criativas são pessoas que nos desconcertam, nos transbordam e desafiam nossa capacidade de encaixá-las em algum lugar. Nunca sabemos bem como etiquetá-las. São pessoas capazes ao mesmo tempo de extroversão e introversão, de timidez e abertura, de fazer amor cinco vezes ao dia e ficar meses sem fazer amor. Podem ser capazes de ficar isoladas e ao mesmo tempo de se comunicar bem com muitas pessoas. Um bom exemplo é Pablo Neruda. (Saturnino de la TORRE, 2002)

Um bom ambiente, uma boa estrutura é muito importante, mas não há dúvidas de que, principalmente nos dias de hoje, as pessoas fazem toda a diferença. Nós queremos estar e deixar os nossos filhos com pessoas que possam agregar valor de felicidade, entusiasmo, otimismo e realização pessoal. As pessoas, os profissionais que prestam os serviços educacionais fazem hoje a diferença entre uma escola bem-sucedida e uma escola em decadência. (Rogério MAINARDES, 2004)

A palavra pode educar? O que é educar? É preparar uma pessoa para viver. A palavra pode ajudar a fazer isso quando é usada de uma forma artística, bonita, poética, saborosa. [...] Os meus professores não tinham vídeo, *datashow*. Isso veio dos americanos. A palavra do professor é essencial. E por que ela é essencial? Uma pessoa só é educada se tiver o exemplo de outro ser humano. Máquina não educa ninguém. Se eu não tiver com quem aprender a ser humano, eu vou ser qualquer outra coisa. (Gislayne Avelar MATOS; Inno SORSY, 2007)

Escolas são pessoas. Não sou revolucionário no sentido de rejeitar tudo o que houve para criar tudo de novo. É no tradicional que nasce o novo. Eu sou muito criticado por isso, pelos meus amigos anarquistas. Agora até me chamam de neoliberal, porque eu defendo que as escolas contratem pessoas e as despeçam

imediatamente se não forem bons profissionais. O pior que pode haver numa escola são prostitutos da educação. (José PACHECO, 2007)

É fato que pessoas de boa cabeça apresentam resultados bem satisfatórios na vida, pois aprendem a se gratificar com tudo o que fazem. E pessoas com esse espírito estão mais fortalecidas e prontas para enxergar com mais naturalidade todo tipo de situação com que tem de lidar. Tornam-se mais flexíveis, pois não se privam das experiências e, com isso são, conseqüentemente, preparadas. (Luiza RICOTTA, 2007)

Estamos falando de educação ou de escolarização? Se falarmos do primeiro, estamos falando de fim e não de meio. Educação para mim é um fim. As pessoas estão aqui na Terra para viverem com saúde, serem felizes, aprenderem, serem educadas. Educação tem a ver com aprendizado permanente. Nesse caso, o sistema no Brasil está doente, na UTI. (Tião ROCHA, 2008)

Pegue-se, por exemplo, esse negócio de dividir as pessoas por idade. A gente acha que todo mundo que tem 9 anos deve estar junto e é igual, tratamos de maneira igual, e que para o resto da vida nunca mais estaremos com pessoas da mesma idade. Mas na infância achamos que é necessário separar por idade! Ou que precisamos separar o conhecimento em caixinhas de 50 minutos, porque isso vem de descobertas sobre a capacidade de atenção da época da Revolução Industrial. (Helena SINGER, 2008)

Minha definição de gênio é uma pessoa que contribui com novos conhecimentos para o mundo. Pode ser o conhecimento científico, como Einstein ou Darwin, artístico, como Picasso, ou político, como Gandhi. Essas pessoas tinham uma inteligência excepcional, a meu ver, mas elas também deviam querer fazer algo original, deixar uma marca que fizesse a diferença para o futuro e, quando elas falhavam, estavam dispostas a tentar novamente. (Howard GARDNER, 2009b)

No estudo da História do Brasil, vejo dois momentos muito distintos: no fim do século XIX, uma construção dos heróis nacionais, com pouca luz da vida pessoal deles. Depois, no século XX, temos uma escola influenciada pelo marxismo que se dedica à macroestrutura, à história como choque de interesses. As pessoas desaparecem em ambos. (Laurentino GOMES, 2011)

Educamos pessoas, cada qual com sua incontornável singularidade, e não captamos essa singularidade pela simples informação acerca de suas qualidades ou características físicas e sociais. Captamos quem são as pessoas em nosso entorno ao prestar atenção em seus gestos e palavras, ao confrontar nossa visão sobre elas com as visões que outros possam vir a ter delas. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2013)

O tema educação deve estar sempre presente na visão do desenvolvimento interno de uma organização, pois o maior patrimônio de uma empresa são as pessoas, sendo que a qualidade do investimento realizado na educação dos colaboradores tem relação direta com a formação de bons profissionais. Isso também contribui para o sucesso dos negócios. (Jorge Gerdau JOHANNPETER, 2014)

Precisamos ter claro que as mudanças não acontecem apenas em razão do avanço e da pertinência das determinações legais. Mudar, em educação, significa transformar práticas, e práticas são efetivadas por pessoas. É preciso tempo! [...] Isso pressupõe processos formativos contínuos, apoiando as travessias dos educadores. Não basta dizer: “Tal é o princípio, veja, é assim que se faz!”. É necessário haver tempo e espaço para reflexão, apropriação, afirmação ou redefinição de princípios e práticas já constituídos pelos professores. (Luciana Esmeralda OSTETTO, 2015)

PARTICIPAÇÃO

O projeto pedagógico de uma escola não é construído só para a escola, mas é consequência da participação de cada um na cidadania, como membro de uma unidade escolar em que vai lutar pelo conjunto de relações sociais e, no que concerne ao estudante, passa por curiosidades indagativas, já que o projeto não é o conjunto de informações. Isso explode qualquer processo de avaliação no estilo que o MEC está fazendo, porque a avaliação do MEC, via provão, por exemplo, é burocrática, dinheiro jogado fora. (João Wanderley GERALDI, 1998)

Há um problema de contexto cultural que não se pode resolver em uma geração. Educar é educar um ser cívico, participante na vida social. Esta participação constitui uma consciência de deveres e direitos. Entre esses deveres e direitos figura o de aprender e educar. Se a comunidade e os pais não sentem profundamente, quase religiosamente, a importância desta profissão leiga, será impossível “naturalizar” a aprendizagem. (Sara PAÍN, 1999)

Na década de [19]50, a hierarquia era rígida. O mestre tinha poder absoluto, o que é muito ruim. Com o chamado movimento da Escola Nova, no final dos anos [19]60 e início dos [19]70, o aluno passou a ter mais participação. O poder do professor diminuiu, o que é positivo. No entanto, nem todos os docentes souberam lidar de forma eficiente com essa democracia em sala de aula. (Tania ZAGURY, 2000)

Cada escola precisa ter uma comunidade organizada atrás dela para preservar seu trabalho e para apontar as falhas. Mas sem cair na síndrome da participação, na qual tudo deve ser resolvido pela gestão democrática. Tem coisas que a escola tem obrigação de saber. Ela não pode consultar a população, por exemplo, sobre material de alfabetização mais adequado, até porque os pais confiaram a ela essa responsabilidade. (Guiomar Namó de MELLO, 2004)

A aprendizagem ativa, participativa, colaborativa e personalizada forma a base do modelo, mas acredito que a participação social seja sua característica mais marcante. As crianças, os professores e as comunidades são os atores reais que implementam o método. [...] O currículo, a formação inicial e continuada de professores, a comunidade e a gestão precisam estar perfeitamente integrados. (Vicky COLBERT, 2005)

Há vários tipos de participação juvenil. Há a participação decorativa – tão característica dos grandes eventos oficiais – na qual os jovens participam apenas para enfeitar o acontecimento com sua beleza, energia e criatividade. Há a participação simbólica, em que os jovens desempenham um papel que ritualiza e sacraliza a importância da juventude, porém não têm voz nem vez para expressar seus pontos de vista e interesses e, muito menos, para contrapor-se ao mundo adulto. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2006)

Exige-se muito dos professores, mas eles não são retribuídos. Além disso, eles recebem uma preparação deficiente, sobretudo os do ensino fundamental, que são os mais importantes, porque se não cumprem bem seu trabalho, não se pode educar. Os professores, praticamente em quase todos os países, estão um pouco abandonados pela sociedade. A sociedade não lhes dá ouvidos. Quando há um

momento de participação social através dos meios de comunicação, os docentes não são ouvidos. (Fernando SAVATER, 2007)

A participação da universidade ainda é muito pequena nos grandes debates da educação. Os livros que publicamos, acadêmicos, têm circulação restrita. Falo do ponto de vista de alguém que atua no interior do estado, onde se percebe a existência de poucas discussões mais teóricas e de entendimento do que é a formação de professores ou um curso de pedagogia, as necessidades de um professor da escola básica. (Ana Clara Bortoleto NERY, 2010)

Como é que o profissional que está na base do sistema, ou o pai, interfere na definição das políticas educacionais? Não temos um sistema de participação que possua capilaridade para o conjunto da população e, particularmente, para o conjunto da população usuária das escolas. Isso faz com que as políticas educacionais sejam quase um privilégio ou um atributo exclusivo das burocracias governamentais. Os órgãos normativos do sistema não têm participação da população, dos profissionais e dos diferentes agentes envolvidos. (Romualdo Portella de OLIVEIRA, 2010)

Estamos no mundo digitalizado, informatizado, das imagens, e na educação ainda são usadas regras e metodologias de épocas anteriores. Isso provoca uma desconexão, um desinteresse acadêmico e muitos dos problemas dos quais os professores frequentemente se queixam. [...] Pode ser na Espanha, no Brasil ou em qualquer parte do mundo, a educação tem de ter um programa objetivo e concreto, que contemple os interesses dos jovens e preveja a participação deles. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2013)

A internet torna-se cada vez mais um meio legítimo e eficaz de participação direta na política. Ano passado [2013], ela foi fator crucial na convocação dos manifestantes. O que corre nas redes [sociais] já afeta o comportamento dos políticos e dos partidos. A pedagogia cívica no ensino básico deve ter em vista esse novo mundo, levar em conta as novas tecnologias, abranger o comportamento cívico dos alunos nas eleições e ir além disso. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

À primeira vista, [a aula expositiva] pode parecer uma proposta mais eficaz de apresentar os conteúdos de uma única forma para todos. Mas, claramente, isso não funciona, porque os estudantes são diferentes. Fazer a transição para outra abordagem não é simples nem rápido. Os professores precisam refletir sobre o processo educacional para poder apoiar e praticar projetos orientados por uma participação ativa e criativa da turma em classe. (Mitchel RESNICK, 2014)

Somos uma sociedade que, durante muito tempo, teve uma participação represada politicamente e não tivemos uma educação no ensino fundamental sobre debate público, sobre comunicação pública, sobre o que é público e o que privado. Assim, em muito pouco tempo, tivemos de ir de um ambiente que não tinha possibilidade de participação para um ambiente de participação exponencial. (Bruno TORTURRA, 2016)

O nosso sistema de ensino não tem mecanismos para promover a participação de pais e responsáveis de maneira que eles se sintam acolhidos. No geral, os pais só são chamados à escola para ouvir repreensões aos filhos e para as reuniões de

pais, às quais, aliás, eles têm dificuldade em comparecer, dada a coincidência com o horário de trabalho. Falta preparo ou apoio para receber essa participação da família, de modo a transformar esse potencial em resultados positivos. (Priscila CRUZ, 2017)

As famílias participam quando veem impacto direto na melhora da sua vida e na de seus filhos. Basta visitar as comunidades de aprendizagem e ver pais, mães e avós participando dos grupos interativos, fazendo tertúlias literárias dialógicas em sua própria formação. O processo científico nos diz que há formas de participação educativa na tomada de decisões que empoderam as famílias e transformam suas relações com a Educação e com seus filhos. As escolas que se abrem conquistam melhorias. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2019)

COMUNIDADE

Como os analfabetos podem participar da vida da comunidade reivindicando, se eles nem sequer têm o direito de saber ler e escrever? Então, na comunidade organizada ele tem força. É a comunidade que faz as conquistas, marcadas por lutas muito grandes, que não são lutas armadas, mas lutas pela busca, pela tentativa, pelo incessante direito de reivindicar. Eu acho que nós estamos passando por um processo, num momento histórico importantíssimo. (Carlos Pereira de Carvalho e SILVA, 1990)

Educadores, por exemplo, devem formar redes com artistas, psicólogos, jornalistas, teólogos, ativistas sociais, trabalhadores sociais e sindicalistas. Essas redes devem conectar-se com redes similares em diferentes países. Em outras palavras, devemos cruzar as fronteiras vocacionais, nacionais, raciais, étnicas e de classe para formar comunidades estabelecidas em valores democráticos. Nesse sentido, obteremos uma polinização cruzada das formas de ver a partir de ângulos que não tenham sido antes experimentados. (Joe KINCHELOE, 1999)

A escola particular tem todos os recursos: salas de aulas, profissionais, alunos, pais de alunos, materiais escolares, recursos financeiros. Ela pode colocar suas salas à disposição para cursos abertos à comunidade, pode estimular seus funcionários para que atuem voluntariamente na escola pública, pode mobilizar os pais dos alunos a lidarem com as carências da comunidade na qual a escola está situada. (Oded GRAJEW, 2000)

Quando pensamos na escola, pensamos no edifício, mas mesmo como edifício a escola hoje é diferente, já não pode ser a escola das quatro paredes, deve ser muito mais dinâmica. E mesmo como edifício, na minha perspectiva, é uma escola que deve estar muito mais aberta à comunidade. [...] Uma vez vi um menino, em um sábado ou domingo à tarde, saltar o muro da escola. O que ele queria? Uma coisa tão simples como jogar bola no campo que estava lá sem ser utilizado. (Isabel ALARCÃO, 2002b)

Toda a comunidade próxima aos CEUs [Centros Educacionais Unificados] poderá utilizar o espaço de segunda a segunda. Os CEUs terão padaria comunitária, telecentros, cinema, teatro, biblioteca, salas de música e orquestra, rádio comunitária, escola de iniciação artística, pista de skate, quadras esportivas e piscinas. Serão atendidas quase 15 mil pessoas por semana – entre alunos do CEU, das escolas da região e da comunidade – nas áreas de esporte e lazer. (Maria Aparecida PEREZ, 2003)

Podemos pensar a educação da primeira infância, por exemplo, como uma atividade cultural. A diversidade das formas pré-escolares está ligada aos elementos culturais das diferentes comunidades, aos modos como se organiza o relacionamento entre adultos e crianças, à maneira de lhes dar afeto. Isso tem grande influência sobre a estruturação da ação pedagógica. (Gilles BROUGÈRE, 2004)

[A organização do espaço da sala de aula] passa ao largo da formação inicial do professor e, quando queremos mudar a escola, torna-se essencial. De nosso ponto de vista, a classe deve ser concebida como uma comunidade democrática de

aprendizagem, e a escola deve estar adequada para isso quanto à disposição, às regras, às rotinas, aos materiais. Os alunos apropriam-se do espaço sem precisar do professor como um pastor. Veja que não é um modelo a ser copiado. O princípio organizador é o mais importante. (Ariana COSME; Rui TRINDADE, 2007)

A comunidade tem muita força. Os professores e diretores devem trabalhar com as associações de pais e mestres em projetos sociais que podem ser preparados em conjunto. O comércio e as pequenas indústrias locais podem ajudar – certamente, os proprietários têm filhos nas escolas e eles querem o melhor para todos. [...] A própria comunidade vai lucrar com isso, pois estará produzindo jovens com alguma estrutura e conhecimento para trabalhar ali mesmo. (Clayton RIBEIRO, 2008)

No pior período da ditadura militar, as CEBs [Comunidades Eclesiais de Base] reuniam as pessoas na igreja, o único espaço público sem muita repressão. Isso acontecia no meio rural do Vale do Jequitinhonha, MG. Quando nós chegávamos a uma localidade, logo procurávamos o grupo de oração, as lideranças religiosas, e dizíamos: “Olha, estamos com um projeto e queremos discutir com a comunidade”. (Maria Isabel ANTUNES-ROCHA, 2009)

O principal pilar [da educação sexual] é a discussão grupal que leva em consideração valores daquela comunidade, que integra os pais sempre que possível para que haja continuidade do debate em casa, que se aproveite de teatro, jogos e atividades para explorar a sexualidade e o início da vida sexual. Essa fase etária é realmente um cadinho de ebulição sexual, e é preciso canalizar isso de forma efetiva, de modo a contribuir para a formação de caráter, da relação de confiança, da autoestima do adolescente. (João Luiz Pinto e SILVA, 2012)

Um tema importante é falar dos movimentos xenófobos que temos aqui contra migrantes numa cidade [São Paulo] construída justamente por gente que migrou em situações bem complicadas. Hoje, o descendente de italianos pode olhar feio para o boliviano, mas a gente leva o aluno ali até a pintura do Benedito Calixto (Naufrágio do Sírio, de 1907) e mostra um evento que causou várias baixas na comunidade italiana. (Rodolfo Yamamoto NEVES, 2012)

Na Riverside School, na Índia, há a preocupação de os alunos se relacionarem com a comunidade. Quando a visitamos, eles estavam desenvolvendo um trabalho sobre o cacau, e para isso fizeram chocolates para vender em um bazar. O dinheiro arrecadado com a venda foi doado para organizações que investiam na comunidade local. O que essas iniciativas mostram é que a aprendizagem acontece o tempo todo, principalmente quando o aluno sai da sala de aula e vai se conectar com o mundo à sua volta. (André GRAVATÁ, 2013)

Pedagogias muito específicas são necessárias para construir um sistema que funciona para todas as crianças. Precisamos lembrar que diversidade não se refere apenas à diversidade étnico racial, mas socioeconômica, também, e as diferenças persistem na mesma sala de aula, na mesma escola, na mesma comunidade. Trata-se de um desafio muito grande para os professores. (Rachel LOTAN, 2013)

Em um país continental, com tantas diferenças como o nosso, ter uma Educação em nível federal não é desejável. Até os estados muito grandes têm dificuldade de gestão. A municipalização aconteceu muito em razão disso: era preciso dividir a administração e o financiamento. [...] As prefeituras estão mais próximas da comunidade e, portanto, entendem melhor as demandas e respondem de maneira mais ágil a elas. E essa é uma vantagem. (Ricardo MADEIRA, 2015)

Os objetivos da comunidade onde a instituição escolar se encontra devem ser levados em conta. Não queremos que a educação seja entendida como um produto – a comunidade deve ter voz sobre o que acontece com as escolas. Essa visão está ligada ao processo democrático e ao desejo de atender diversos objetivos em um sistema educacional, e não apenas aqueles que seriam dominantes em um cenário de livre mercado. (Douglas N. HARRIS, 2017)

POPULAÇÃO

A proposta dos pioneiros [da Educação] era estender o valor formativo da escola também para os pais. Era um trabalho de ampliação pedagógica. Os pilares dessa ação pedagógica seriam a saúde e a moral. Grande parte das escolas seria instalada em meio a precárias condições sanitárias da população sem hábitos de higiene. Não bastava a criança ir à escola e ter noções de higiene e saúde. Era preciso trabalhar com as famílias. (Marília Pontes SPOSITO, 1991)

Este é o grave problema dos sistemas educativos da América Latina neste momento: atender aos interesses de determinados grupos, que são finalmente grupos econômicos, grupos de poder, religiosos, culturais, e que de alguma forma se despreocupam das necessidades de importantes setores da população. Acredito que diante disso precisamos começar a defender algumas das bandeiras utilizadas pela política educativa globalizada neoliberal, porque creio que são perfeitamente defensáveis. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Uma percentagem ínfima da população exercerá a profissão de matemático e uma percentagem representativa será usuária da Matemática, como os cientistas de um modo geral, os técnicos, os engenheiros, os economistas. E há as demais pessoas. Nessas sim, devemos pensar, elas são a maioria da população. O professor na sala de aula não pensa assim, acha que deve ensinar a Matemática com aquele nível de abstração que a Matemática tem de ter. Mas não é assim. (Maria Laura Mouzinho Leite LOPES, 1998)

[Eu] vinha tendo contato com vários projetos de reforma educacional na América Latina, e um dos óbices da implementação é o fato de que a população não sabe o que está ocorrendo. A opinião pública não tem clareza do papel da Educação no conjunto das políticas sociais, e há uma grande dificuldade de consenso em torno de prioridades. Muitas vezes não há uma divergência substancial quanto a conteúdos. Todo mundo mais ou menos quer a mesma coisa. (Guiomar Namó de MELLO, 1998)

A educação é o meio pelo qual a criança se integra ao processo civilizatório e à sociedade. Ela deve ter três bases: o domínio do saber acumulado, as oficinas de talentos e o conhecimento da região. É aí que entra a Geografia, com sua capacidade de ajudar o aluno a entender o local onde vive. Só assim ele poderá, mais tarde, atuar sobre esse ambiente. Por isso, todo professor precisa dominar seu entorno, sua população e seus problemas. (Aziz AB'SABER, 2001)

O neoliberalismo foi uma receita que ficou limitada ao contexto econômico, aquela coisa do Consenso de Washington, FMI. Temos uma população sedenta por cidadania. O governo tem de ser forte no social. Antes, o que fazia diferença para um país era o clima, a terra, a água. Hoje, é o conhecimento. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

Atualmente, a maioria dos países que se proclamam democráticos entende que o ensino – e, portanto, sua função social – não pode limitar-se a atender apenas aos alunos que possam seguir o caminho da universidade, mas deve ser dirigido a toda a população. É aqui que surge a necessidade de uma educação voltada à formação integral da pessoa em todas as suas capacidades, entre elas também as

profissionais. A finalidade é formar pessoas competentes para a vida. (Antoni ZABALA, 2002)

Não podemos esquecer que há, ainda, uma boa parcela da população infantil brincando em ruas tranquilas ou terrenos baldios junto às suas casas. Fora dos grandes centros, lógico. Enquanto isso, as ruas do bairro da Mônica são uma referência de como deveriam ser as ruas ainda hoje. Assim, para uns, é uma cópia da realidade, para outros, é a nostalgia ou o desejo de estarem lá. (Mauricio de SOUSA, 2004)

Hoje, 80% da população mora na cidade. Se recuarmos a 1950, era o contrário. A urbanização intensa colocou em proximidade física as diferentes camadas que até então estavam separadas no espaço. O sujeito ignorante e analfabeto morava na roça. O escolarizado, na capital. Agora, que o pessoal da roça se mudou para a capital, as classes sociais tiveram maior contato, reduzindo o preconceito. Não o fez desaparecer. (Ataliba Teixeira de CASTILHO, 2006)

Existem boas razões para acreditar que o suporte dado às crianças de 0 a 3 anos pode ter importantes efeitos positivos, mas o Brasil deveria proceder com precaução. Os programas deveriam ser desenvolvidos para servir às necessidades da população local e avaliar regularmente para que se tenha certeza de que estão tendo os efeitos desejados. Depois que um programa começa a ser aplicado, é importante que haja maneiras de monitorar seus efeitos continuados. (David K. DICKINSON, 2007)

Depois de 1808, com a chegada da família real, e até 1850, calcula-se que tenham entrado cerca de 2 milhões de escravos no Brasil, e o total de africanos enviados ao País é estimado em 5 milhões. Em 1830, no Rio de Janeiro, a população de escravos era maior do que a livre. Isso traz consigo o temor de revoltas, sobretudo depois da Revolução Haitiana de 1791, quando os escravos expulsaram os colonizadores da ilha e tomaram o poder. (Manolo FLORENTINO, 2008)

[O Manifesto de 1932], mais do que um manifesto em defesa da escola nova, é em defesa da escola pública. Acho que a grande importância dele é, justamente, se dirigir ao povo e ao governo e conclamar as autoridades a organizarem o ensino na forma de um sistema nacional que pudesse atender a toda a população. [...] A maioria dos países criaram seus sistemas nacionais de ensino na segunda metade do século XIX. Argentina, Uruguai e Chile também fizeram isso, enquanto o Brasil foi se atrasando. (Dermeval SAVIANI, 2008b)

É preciso retratar a diversidade racial brasileira, e isso pode ser feito de várias formas. Imagine que um professor mostra um garoto branco, um de cor mais escura e outro de cor mais escura ainda. Aí diz: “A população é diversificada étnica ou racialmente. Esses meninos são pretos, mas são tão bonitinhos!”. Para eles, a diversidade foi abordada. Mas de que forma isso é trabalhado? (Ahyas SISS, 2009)

Essas próximas décadas, tudo indica, serão um momento especial na história. É um momento em que o sistema democrático está estabilizado, o lado político parece ter sido resolvido. [...] E há outro aspecto, o do bônus populacional, que é importantíssimo. Nesse período, a população vai se estabilizar e a quantidade de

peças a serem educadas diminuirá. Será um momento-chave, por tudo isso, para dar boa educação para a população e melhorar bastante as condições de saúde. (Nelson Cardoso AMARAL, 2011)

Algumas pesquisas nos mostraram que na França o sucesso escolar dos alunos está mais relacionado ao nível de estudo dos pais do que à renda familiar. Por isso é ele que define a maioria absoluta da população. Apenas 5% ou 10% da população, que é realmente muito pobre, é analisada de acordo com a renda. [...] São áreas onde temos de 50% a 60% de famílias desfavorecidas. Em sua maioria, pessoas que estão sem trabalho e também operários não qualificados e qualificados, que têm um diploma profissional. (Sylvain BROCCOLICHI, 2014)

SOCIEDADE

Existem diferentes escolas e professores. Muitas delas ainda estão comprometidas com o antigo modelo. Mas outras tantas já oferecem um ensino menos tradicional. Entre os professores, não são poucos os que ultrapassam o conteúdo dos livros e dão aula sobre programas de televisão, livros, filmes. Se a sociedade segue em frente é porque existem educadores assim. (Domenico de MASI, 2000)

Público ou privado, mais de 70% dos matriculados no ensino superior pertencem ao grupo dos 20% mais ricos. A ideia que muitas vezes se divulga na imprensa, até para desqualificar a instituição pública, é que lá estariam os filhinhos de papai, enquanto na [escola] particular estariam as pessoas que têm de trabalhar. O fato é que os dois sistemas concentram os indivíduos com melhores condições de vida na sociedade. (Paulo CORBUCCI, 2001)

Ela [a arte] sempre teve um sentido transformador, desde a pré-história. O homem busca algo a mais. Se vivemos num mundo complexo, a arte não pode ser diferente, pois dá um sentido à vida. Ela captura os dramas humanos e sociais, expressa-os numa obra e os devolve para essa mesma sociedade, que muitas vezes não aceita essa interpretação. (Mirian Celeste MARTINS, 2002)

É preciso saber como a sociedade está tratando os mestres. A sociedade precisa prestigiar mais o professor. Ninguém mais quer entrar na profissão. Uma das soluções é dar reconhecimento a essa carreira. E não apenas reconhecimento social, das famílias, dos pais e do Estado, mas reconhecimento profissional. Isso começa com o empregador, passa pelo Estado e pela iniciativa privada, que precisa pagar melhor. (Heródoto BARBEIRO, 2008)

A sociedade brasileira tem uma história de ser, sim, pouco letrada, por uma questão social e cultural. Os portugueses nunca se preocuparam com a educação em suas colônias, até combatiam qualquer iniciativa nesse sentido, e não é por acaso que os países colonizados por Portugal estão entre os mais pobres e menos letrados do mundo. Nós vemos muito isso nas escolas. (Marcos BAGNO, 2008)

Todo o trabalho de sensibilização ecológica concluído pelo meio educativo e associativo está contraposto pelas influências perversas e inversas da sociedade de consumo. O que se ensina hoje às crianças não é usufruir, mas consumir. Dito isto, creio que quando conseguirmos captar a atenção e o olhar de uma criança para um cocoricó ou para uma formiga, ela se lembrará, mesmo se no entretempo for desviada dessa simplicidade pela força colossal de persuasão clandestina que é a publicidade. (Nicolas HULOT, 2008)

A escola é uma representação da sociedade que aí está, que é de consumo. Daí as faixas etárias serem tão importantes: elas determinam fatias de mercado. Sinto que estamos virando peças de uma imensa engrenagem social. A gente trabalha, vê os anúncios, vai ao shopping, compra coisas e dorme. Este, hoje, seria o cidadão ideal. Acontece que somos seres humanos, temos emoções, dúvidas e conflitos. Sinto uma desumanização no ar. Adultos e crianças estão infelizes e se sentem inadequados em uma sociedade assim. (Ricardo AZEVEDO, 2009)

Nós não temos que “jogar” todas as responsabilidades nas costas do professor ou da professora. Há um sistema que precisa ser pensado, até porque a instituição escolar não está envolta por uma “bolha”, desvinculada do contexto social, cultural, histórico e político. A escola está inserida em uma sociedade, cujos problemas não podem ser negligenciados. (Lúcia Maria BARBOSA, 2009)

A criança enxerga a sociedade de uma forma muito diferente do que o adulto. Para ela, vivemos num lugar sem conflitos, em que todos cooperam e os adultos detêm o conhecimento, que é algo valioso. Os ricos são ricos, e os pobres, pobres – não há níveis intermediários. Acredito que a origem de muitos problemas sociais, hoje em dia, reside na fase em que os adolescentes descobrem que a sociedade não é, de maneira alguma, racional e organizada, como tinham em mente. (Juan DELVAL, 2009)

Será que a escola ou qualquer outra instituição consegue realizar de maneira tão harmônica os princípios a que se propõe? A sociedade é cheia de conflitos, contradições e lutas. Não vivemos numa sociedade harmônica. A escola antiga era mais rígida e mais presa a esse modelo disciplinar mais tradicional. A partir dos anos [19]60, vivemos uma transformação das instituições, que tem um lado positivo importante, de crítica a essa estrutura hierárquica rígida, em que o saber está de um lado, e as faltas estão de outro. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

Sempre digo para político, reformista: enquanto a sua batalha for só com você e o sindicato, perdeu. Porque o sindicato mobiliza as pessoas, você está sozinho, perdeu. Agora se a batalha for entre o interesse público, a sociedade amparando você e o sindicato, aí você ganhou. Obviamente o bem público é muito mais importante e o número de pessoas é muito maior. Como fazer isso? A questão nevrálgica é [entender] por que a sociedade não se engaja e como fazer para que a sociedade se engaje. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

As revoluções do comportamento das décadas de [19]60 e [19]70 foram fundamentais, por exemplo, para as mulheres, no que diz respeito ao comportamento, à liberdade sexual e à circulação no mundo, houve mudanças imensas, mas mudanças sempre compatíveis com os regimes liberais capitalistas. Não é o comportamento que vai mudar o mundo. Na verdade, essas forças são água no moinho nessa sociedade em nova fase, dita de consumo. (Maria Rita KEHL, 2009)

Acredito que à medida que nossa sociedade muda, especialmente com a influência da tecnologia, algumas virtudes ou pontos fortes do caráter humano serão mais influenciados do que outros. Muito disso é baseado nas necessidades apontadas pelo mercado de trabalho. Torna-se imprescindível, então, que um programa de educação socioemocional também tenha abordagens voltadas para as demandas do século XXI. (Pamela BRUENING, 2018)

Elevar a qualidade de ensino depende de uma reformulação dos cursos de formação de professores, embora não se possa negar que depende também de vários fatores que nos têm faltado na área de educação: melhores condições de infraestruturas escolares, de salários, de eliminação de discriminações de

natureza econômica e social características de sociedades hierarquizadas como a nossa. (Magda Becker SOARES, 2018)

Os jovens e a sociedade, antes de tudo, desejam o ENEM e acreditam nele. Seria um ato de loucura não realizá-lo. É verdade que é caro, mobiliza mais de 900 mil pessoas, inclusive das Forças Armadas. Uma operação de guerra. O que precisamos fazer é buscar uma maneira de modernizá-lo nas próximas edições. Torná-lo prático, menos caro, com mais de uma edição por ano, eventualmente *on-line*. Enfim: arrumar formas de otimizar a aplicação e os resultados. Mas acabar com ele, nem pensar. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2019)

CULTURA

Uma das coisas que a professora deveria fazer, por exemplo, para compreender a cultura multiculturalmente, é comentar com os alunos as diferenças e dizer que, quando você discute tal coisa do conteúdo do programa, essa coisa não é universal, ela tem suas dimensões regionais, até de família, e entra aí o problema de classe. A cultura de classe existe. A linguagem de classe existe. Há uma sintaxe que é da classe trabalhadora e outra que não é. (Paulo FREIRE, 1993)

Quando rejeito a ideia da cultura universal, é porque esse discurso hoje é limitado por sua política. O argumento, nos EUA, em defesa de um currículo nacional ou uma cultura comum é exatamente o mesmo que o da Alemanha, França e Brasil: leva à marginalização das culturas de certos grupos. [...] Meu argumento não é no sentido de uma gratificação na cultura local, pensando que nela reside tudo. Toda cultura deve ser criticada, reconstruída. (Michael APPLE, 1996)

Na escola deveríamos estar trabalhando para que as crianças compreendessem cultura no seu sentido mais amplo. Nem uma visão elitista, nem uma visão populista. Nem ficar na cultura popular como a única coisa boa, nem ficar na cultura erudita como a única coisa importante, mas compreender que os homens e as mulheres criam bens culturais desde sempre, e o que eles criaram tem de estar presente na escola, o que não significa que se possa saber de tudo. Ninguém sabe tudo. (Regina Leite GARCIA, 1997)

Os anos [19]70 são anos muito decisivos, porque marcam o nascimento de uma contradição. Pensávamos que a escola era um dispositivo muito simples para transferir os conhecimentos de uma geração a outra. O problema é que, a partir dos anos [19]70, o sistema de transferência da cultura não funciona mais. Porque os alunos não são alunos sem cultura ou com a cultura da família. São alunos com uma cultura que não é mais a cultura da família, mas que existe e que é forte. (Jean HÉBRARD, 2000)

Temos que tentar que o professor seja uma pessoa mais culta, que a cultura seja mais importante que o conhecimento acadêmico, e depois a escola deve ser um centro de cultura para todo o território. Por exemplo: se temos um prédio, por que esse prédio estará fechado? Por que os pais e as mães não podem participar ativamente dentro desse prédio? Por que os aposentados, as associações de bairro e os voluntários não podem trabalhar ajudando as crianças com mais problemas? (Francisco IMBERNÓN, 2001)

O padrão é uma exigência da nossa cultura. Mas ninguém pergunta “isso é um adjetivo ou um advérbio?”. Ninguém quer saber se a palavra é proparoxítona ou uma oxítona. As pessoas querem é saber sobre prosódia, se o correto é dizer “subzídio” ou “subssídio”; elas querem saber se é “proibido a entrada” ou “proibida a entrada”. Então, saber o padrão, saber manipular isso dentro da nossa cultura é uma coisa relevante para a nossa vida social. (Sírio POSSENTI, 2001)

A cultura é um elemento da identidade de um povo. É a expressão suprema de uma coletividade. Tanto assim que você esquece mais facilmente os grandes políticos do que os grandes artistas. Se você perguntar a um colegial quem era o homem mais importante da Grécia ele vai te dizer: Homero. Dificilmente dirá

Licurgo, Péricles. Vai dizer Homero. Enfim, um poeta, não um governante. Ninguém esquece Castro Alves, Dante Alighieri, Shakespeare. (Antonio CANDIDO, 2002)

O ato de examinar é pontual, não inclui processo, geralmente tem hora e data marcada no calendário. Mas quando analisamos nossas escolas, vemos examinação, e não avaliação, porque esta sempre foi a cultura que assimilamos, desde os tempos da chegada dos colonizadores ao Brasil. Estamos impregnados de examinação como os povos da Roma Antiga estavam impregnados de escravidão porque viviam cercados de escravos por todos lados. (Hamilton WERNECK, 2006)

[O professor] não compartilha com os alunos a mesma cultura, o que gera um abismo entre eles. A pior consequência disso é não conseguir estabelecer um diálogo educativo. Aqui, na Europa, é comum o professor ver os meios de comunicação como uma cultura popular e de baixo nível, em oposição aos livros; que são a alta cultura. No Brasil, me parece, a questão é outra: muitos educadores não têm sequer acesso a elas. Nesse caso, a situação é ainda pior. (Pier Cesare RIVOLTELLA, 2007)

A música popular pode ser uma introdução excelente para meditar sobre os discursos. Se pegarmos a música popular “escolarizada”, ou seja, feita por autores como Caetano Veloso, Chico Buarque e tantos outros, veremos que eles tendem a fazer um determinado tipo de letra. Mas há outros compositores, enraizados na cultura popular oral e mais afastados do conhecimento escolarizado. Penso em Dorival Caymmi, Nelson Cavaquinho, Zé Kéti e muitos outros. (Ricardo AZEVEDO, 2009)

Se o professor [de Educação Física] focar só os aspectos superficiais do funk e do axé, ensaiando coreografias, por exemplo, não estará cumprindo seu papel. Por outro lado, um trabalho crítico ajuda as crianças a analisar e interpretar o que são essas danças, contribuindo para que elas conheçam a própria identidade cultural e entendam quem são. A chamada cultura de chegada dos estudantes é um bom ponto de partida para um trabalho em direção a uma cultura mais ampla. (Marcos Garcia NEIRA, 2009)

À cultura contemporânea cumpre o papel de tensionar nossos próprios limites na educação. A escola pode aproveitar muito dessa cultura, que é jovem, mas, na maioria das vezes, não o faz. Para muitos educadores, essa é uma cultura que tem letras ridículas, música chata, chula, que promove a violência, só critica o sistema. Com isso, eles marginalizam ainda mais a cultura contemporânea. (Ahyas SISS, 2009)

Como toda cultura, ela se refere ao que é compartilhado e é isso que permite que uma criança brinque com outras. Cultura, numa definição muito rápida, é “tudo aquilo que compartilhamos”. Então, para compartilhar uma brincadeira, é preciso ter uma cultura compartilhada. Ao mesmo tempo, porém, é preciso entender que cada criança, em função de sua história de vida, tem um jeito particular de lidar com as brincadeiras. (Gilles BROUGÈRE, 2010)

Hoje, a lei não nos permite, por exemplo, digitalizar o original de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, para preservação. Isso para que o pesquisador que precise trabalhar com o original veja uma cópia fiel, sem precisar manusear as páginas do original, que deve ser preservado para as futuras gerações. É um patrimônio da cultura brasileira. A digitalização é um instrumento fundamental de preservação e democratização do acesso. (Pedro Luis PUNTONI, 2010)

A pedagogia de Paulo Freire foi baseada na premissa de que é preciso conectar a aprendizagem, especificamente, à vida cotidiana das pessoas. Dessa forma, a educação pode servir como um meio para a construção da justiça e da liberdade, no sentido de que cada pessoa possa ter possibilidades igualitárias de “nomear o mundo”, para transformá-lo de acordo com a nossa vocação humana de sermos criadores de cultura. (Colin LANKSHEAR; Michele KNOBEL, 2013)

HUMANIDADE

O esforço de despertar o espírito crítico só consegue produzir a sua caricatura emotiva, que é o ódio passional e a suspeita irracional contra tudo e contra todos. Isso seca a alma, produz neuroses sem fim e não tem proveito educativo nenhum. Muitos pretensos educadores, hoje, dedicam-se a produzir isso e nada mais, e se acham grandes benfeitores da humanidade quando conseguem envenenar a alma de um adolescente contra os pais, contra a História, contra tudo, exceto, é claro, contra eles mesmos. (Olavo de CARVALHO, 1999)

A humanidade tem produzido conhecimento durante todo seu desenvolvimento civilizatório. A educação tem de transmiti-lo e tem de ensinar a distinguir entre os conhecimentos positivos e os conhecimentos negativos. Os conhecimentos que são úteis para uma vida digna, para uma sociedade de bem-estar para todos, são diferentes dos conhecimentos que são destrutivos, ou que são conhecimentos estéreis, e essa distinção deve se fazer na escola e em todos os espaços educativos que hoje, na realidade, vão muito além da escola. (Adriana PUIGGRÓS, 2001)

A educação das crianças, do nascimento até os 6 anos, é a tarefa mais importante para qualquer país que queira contar com cidadãos plenamente realizados e aptos a enfrentar os desafios do desenvolvimento impetuoso da humanidade. A convicção do papel decisivo que exerce a educação no desenvolvimento infantil determinou que, na história da educação cubana, tenha havido uma busca de caminhos para conseguir educar crianças de todas as idades. (Olga Franco GARCÍA, 2005)

O que é reeducar os professores? É algo que a humanidade faz permanentemente. Porque o conhecimento vai mudando. Você está lá na sua escola, estudando geografia, e estudou nove planetas. Aí, vêm os astrônomos e resolvem que Plutão não é mais planeta. Você tem que reeducar o professor. Os professores foram formados para nos dar EPB [Estudo de Problemas Brasileiros]. Isso significa que é preciso reeducar os professores, com os novos saberes da humanidade. (Solon VIOLA, 2006)

Artistas, poetas, escritores e mesmo os cientistas – autores de grandes invenções para a humanidade – guardam a essência do brincar. Nenhum desses profissionais seria bem-sucedido se não tivesse viva a criança interior, que é questionadora. Os educadores podem ajudar a mudar muito a sociedade nesse sentido. Claro que é um trabalho demorado, mas é profundo porque ele está em contato com seres que são frágeis e aprendem por meio de referências. (Alicia FERNÁNDEZ, 2007)

A técnica requer sujeitos que não pensem, que não interroguem e o faz desenvolvendo um pensamento binário, uma inteligência binária capaz de dizer sim ou não, como o computador. Ela está destruindo a inteligência problemática, que é a única com a qual a humanidade se construiu, uma inteligência que não é só uma resposta ao problema, mas é capaz também de invertê-lo para encontrar soluções inovadoras. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

É preciso tomarmos consciência de que grande parte da didática ainda presente nas escolas diz respeito à chamada “escola bancária” denunciada por Paulo

Freire. Sair dessa visão de “escola bancária” implicará seguramente uma nova didática, que, por sinal, vem sendo implementada, muito embora ainda haja um longo percurso pela frente. Estamos no “início” de uma nova fase da história da humanidade, depois de 20 séculos “adolescentes”. (Ruy Cezar do Espírito SANTO, 2007)

Escutar histórias desperta pensamentos que talvez a pessoa não tenha tido antes e também faz a gente reconhecer a unidade da humanidade. Há milhares de anos, alguém planeja uma história e eu, ao escutá-la hoje, vejo minha vida nela e, às vezes, eu posso ver algumas lições e questões a me perguntar... é uma conversa real. Contar histórias é o mesmo, a relação entre contador e ouvinte é a mesma. (Gislayne Avelar MATOS; Inno SORSY, 2007)

Ensinar para que os alunos aprendam é insuficiente, pois é preciso mobilizá-los e incentivá-los a aprender. O que o educador transmite é o saber e a relação com o saber. [...] O educador tem de ser vivo em classe, porque transmite a vida, a cultura e os saberes vivos da humanidade. O docente deve ter consciência de que exerce o papel de um intelectual. A cultura não se transmite hoje da mesma forma que há alguns anos, pois o que passa na televisão não é cultura. Por isso, a função do professor é fundamental. (Philippe MEIRIEU, 2008)

As cidades estão morrendo, não em sentido metafórico, mas real, e os cidadãos estão vivendo pior com o passar do tempo. Essa é uma trágica novidade. Na história conhecida, a humanidade sempre melhorou suas condições. Hoje, pela primeira vez, a geração que virá depois de nós terá uma expectativa de vida menor que a nossa. Isso significa dizer que nós, adultos, perdemos o sentido do dever, do limite, da dívida em relação às gerações que virão. (Francesco TONUCCI, 2008)

O século XXI nos faz entrar num novo mundo globalizado, pondo-nos frente a frente com um acidente integral, que envolverá toda a humanidade. Como dizia [a filósofa] Hannah Arendt, “a catástrofe e o progresso são as duas faces da mesma moeda”. Desenvolver uma técnica é desenvolver uma catástrofe específica. Inventar o trem é também gerar o descarrilamento; o barco, o naufrágio; o avião, a queda. E a internet carrega um acidente integral que virá, como deram mostras os ciberataques na Estônia na primavera de 2007. (Paul VIRILIO, 2008)

A humanidade nunca leu tanto quanto agora. Porque os textos estão em toda parte, porque a alfabetização se tornou necessária devido ao comércio e à administração, porque o mundo digital é basicamente um mundo por escrito. A questão é, portanto, a das práticas que não são mais da tradição literária ou de ensino. Daí o papel da escola. Ela deve ensinar as habilidades necessárias para nossos futuros cidadãos ou consumidores que serão confrontados com a escrita. (Roger CHARTIER, 2012)

As guerras nos oferecem a chance de ensinar três lições. A primeira é como os indivíduos se comportam diante da violência e como eles podem ser treinados. A outra é como as organizações políticas surgem e o que elas falham em fazer. Por fim, quanto da história da humanidade é simplesmente produto do sofrimento massivo. (Miguel CENTENO, 2014)

Uma escola educativa é aquela que ajuda cada aprendiz a ir construindo de maneira autônoma seu próprio projeto de vida pessoal, social e profissional. [...] É preciso desaprender hábitos e convicções fortemente arraigados na cultura inconsciente da humanidade. Temos de tornar possível essa escola educativa, porque ela é imprescindível para garantir o desenvolvimento satisfatório da humanidade em uma era tão complexa. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

Muitos adolescentes com síndrome de Down são músicos talentosos. Há pessoas com deficiência múltipla que são artistas plásticos, alguns são bilíngues. Muitos adolescentes, hoje adultos, estão no mercado de trabalho, produzindo, contribuindo com a humanidade através de seus conhecimentos. É sempre bom lembrar que a educação inclusiva abrange ainda os alunos com superdotação. (Cristina SILVEIRA, 2016)

RELIGIÃO

Temos também um sincretismo religioso muito disseminado no país, que gera nos indivíduos a convivência relativamente pacífica com valores contraditórios pregados pelas várias religiões no que diz respeito à sexualidade. Exemplo disso é o grande número de abortos realizados clandestinamente num país marcadamente católico. A pessoa se diz católica, mas vai no terreiro de umbanda, faz planejamento familiar e aborta. Isso nos EUA não existe; lá a pessoa obedece aos preceitos de sua religião. (Marta SUPLICY, 1994)

Todo estudo de religião nas escolas torna-se apenas um discurso sobre as religiões enquanto fenômenos sociais e históricos. Pessoas educadas nessa base acabam automaticamente dando por pressuposto que a moderna ciência social e histórica tem uma perspectiva “superior” à das antigas religiões, uma perspectiva capaz de abrangê-las e explicá-las – a superioridade, enfim, da consciência real sobre a fantasia subjetiva. (Olavo de CARVALHO, 1999)

Ela [a música] provoca um impacto muito grande, maior que o das artes plásticas, por exemplo, que não têm capacidade de congregar uma coletividade. Essa capacidade de congregação da coletividade é muito importante. Por isso é fundamental a música executada através da orquestra e apresentada pela ópera. É uma espécie de ritual religioso, de uma religião social, que congrega as pessoas nessa celebração em que o regente compartilha com o público uma mensagem estética. (Sergio MAGNANI, 1999)

Há 400 anos tudo se explicava pela religião. Havia a famosa resposta “porque Deus quis”. Hoje temos a opção de pensar sobre o que está a nossa volta usando a razão. Nesse sentido, uma das funções do ensino da ciência é combater o obscurantismo. Se podemos oferecer essa compreensão por meio do que a ciência já descobriu, damos uma tremenda liberdade às pessoas, que podem pensar por si mesmas. (Marcelo GLEISER, 2005)

Eu estudava em colégio de freira [...]. Um dia a freira pediu que copiássemos a imagem de uma borboleta colorida. Eu pintei a borboleta com pequenos traços, uma coisa quase impressionista. Quando a aula terminou, a freira olhou todos os trabalhos, pegou o meu e disse: “Isso é um absurdo!”. Como a aula anterior tinha sido de religião e o tema havia sido a parábola do joio e do trigo, ela disse: “Está aqui o joio no meio do trigo”. Ela falou com ira e rasgou meu trabalho, sem mostrá-lo às outras alunas. (Ana Mae BARBOSA, 2008)

Geralmente, em países onde a religião faz parte da vida civil pública, há pouco espaço para o desenvolvimento da educação para os direitos humanos. As crianças não têm escolha em participar de sermões religiosos e a escola não abre espaço para os direitos humanos. [...] Frequentemente, até mesmo a educação cívica não é ensinada, porque é vista como uma concorrência à educação religiosa. (Aude Valérie BUMBACHER, 2009)

Precisamos desconstruir essa ideia de querer mostrar o que é “contribuição” dos negros na cultura e abordar de maneira crítica, é participação, é influência. A cultura africana influenciou na língua. Como? Se pegarmos algumas palavras que estão relacionadas à alimentação, vamos escolher aquelas que dizem respeito à

sobrevivência dessa africanidade. Na comida: abará, acaçá, acarajé, quiabo e inhame estão ligados à religiosidade de matriz africana. (Ana Lúcia Silva SOUZA, 2009)

Há uma evidente discrepância no espaço de representação de cada religião [nos livros didáticos], mas também uma redução da diversidade religiosa da sociedade brasileira e mundial a sete grupos de religiões, assim nominados: cristãos, judeus, orientais, muçulmanos, espíritas, indígenas e afro-brasileiros. Na verdade, as religiões afro-brasileiras e indígenas não são apresentadas sequer como religiões, mas como tradições ou denominações religiosas na maior parte dos livros. (Debora DINIZ, 2010)

No plano cultural a história das religiões é vital. Você não entenderá nada em relação às grandes obras clássicas se você não tiver um mínimo de cultura religiosa. Então sobre este plano, da cultura simplesmente, suprimir todo o ensino da história da religião é absurdo. [...] Então penso que podemos ser laicos, mas ao mesmo tempo pelo fato de sermos laicos não significa que somos hostis à religião. (Luc FERRY, 2010b)

A religião muitas vezes dá origem às ideias de projetos escolares e há casos em que o autor o faz justamente porque é religioso ou espiritualizado, crê que com a crença religiosa é possível formar pessoas e um mundo melhores. Embora a religião não seja antagônica à Educação moral, esta não pode se limitar ao ensino religioso. Se não se torna tendenciosa. (Maria Suzana MENIN, 2012)

Laicidade não é não ter religião. É aceitar toda e qualquer religião. Uma instituição é laica quando não permite que a religião esteja entre seus valores. Algumas escolas religiosas, preocupadas com a moral e ética, têm objetivos maiores e não são máquinas de vestibular. Mas a religião é condição necessária à moral e à ética? A resposta é claramente não. Toda religião tem uma moral, que pode até não ser boa, pode ser inclusive contraditória aos valores da nação. (Yves de la TAILLE, 2012)

Uma família religiosa ortodoxa pode desejar que seu filho se relacione e se case exclusivamente com membros dessa religião, seja ela qual for, mas a escola tem o dever de se manter equidistante de todas as religiões, de criar um ambiente de respeito e tolerância para com a diversidade de opções nesse campo. Portanto, ela deve propiciar a convivência com uma pluralidade de visões e compromissos, o que pode desagradar à família. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2013)

Na rede pública, é preciso haver o ensino das religiões. Não o padre ensinar o que é espiritismo ou judaísmo, mas a escola levar para dentro da sala de aula o rabino, o pai de santo, a mãe de santo, o espírita, o médium, o representante do Santo Daime, o muçulmano, o judeu. É a maneira das pessoas terem conhecimento do que são as diferentes vertentes religiosas e, ao mesmo tempo, aprenderem a conviver, com tolerância, com essa pluralidade religiosa. (FREI BETTO, 2016)

O tema da religião não está inserido na formação dos professores, não havendo preparo para lidar com o tema no cotidiano. Penso que os conteúdos ligados a educação comparada, assim como temas de sociologia da educação, por exemplo, podem tratar do tema, mas com essa ênfase sociopolítica, de uma abertura para

a formação permanente. Desconheço quem tenha um conhecimento aprofundado e acurado de todas as religiões, denominações e espiritualidades presentes no Brasil. (Roseli FISCHMANN, 2017)

Defendo que a questão religiosa tenha espaço nas escolas, como um tema, como parte da cultura, como um elemento da vida social. Deve ser discutida, sem amarras e, especialmente, com criticidade. Porém, é equivocado ensinar uma religião nas escolas, apresentar um conjunto de dogmas e uma moral. A sociedade brasileira é diversa e o caminho trilhado pelo STF e pelo CNE deve sobrepor a matriz cristã, especialmente a católica, sobre as demais. Isso, inclusive, fere gravemente o princípio da liberdade religiosa. (Daniel CARA, 2018)

DEUS

Eu tenho até uma teoria de por que Guimarães Rosa morreu aos 59 anos. Acho que Deus o matou de inveja, porque ficou sabendo que o Guimarães estava perto de descobrir o segredo da palavra que cria os universos. Ele dizia: “Os políticos pensam no momento, eu penso em eternidades. Eles querem transformar o país, eu quero a ressurreição dos homens”. O Guimarães fazia política mexendo muito com a cabeça das pessoas. (Rubem ALVES, 1987)

Do ponto de vista de Deus, eu e uma pulga somos entes iguais, ele tem que tomar conta de nós. É preciso um computador gigantesco para tomar conta das pulgas e de mim. Minha intenção é que os guris fiquem em dúvida: para que Deus fez uma pulga tão perfeita? Teve um trabalhão incrível em fazer uma pulga capaz de pular tanto, com as peças todas que tem uma pulga. (Darcy RIBEIRO, 1996)

Quando os gregos, num certo sentido, esgotam essas ideias – de que os deuses são como a gente, que participavam das guerras e decidiam problemas como a Guerra de Tróia – chega um momento em que se começa a exercer uma crítica sobre isso e aí se cria um certo vazio. E o vazio é preenchido por tudo aquilo que eles desenvolveram enquanto tinham a ideia desses deuses. (Ubiratan D’AMBROSIO, 1997)

No mundo todo, o público tem uma visão do cientista como alguém fazendo o papel de Deus, criando monstros, frankensteins, principalmente quando ouvem falar de experiências genéticas. Em nossa história, sempre houve um conflito entre os valores da sociedade e o estudo das ciências. Veja o exemplo do mau uso da ciência no nazismo, na construção da bomba atômica, na distorção do pensamento de Darwin para justificar o racismo ou na perseguição de quem ousou contestar a visão de mundo da época medieval, como Galileu. (Piyo RATTANSI, 2001)

Penso que sem dúvida alguma a carreira do professor é uma bênção de Deus, sem demagogia nenhuma nisso. É a oportunidade que você tem de fazer da sua profissão a sua missão terrena. O Dalai Lama coloca algo interessante: “Se queres fazer o outro feliz, pratica compaixão. Se queres fazer-te feliz, pratica compaixão”. Compaixão no sentido oriental, que é cidadania, responsabilidade, auxílio ao próximo. (Marco Aurélio Ferreira VIANNA, 2003)

Dizemos que todas as crianças são filhas de Deus, um só Deus, mas quando saímos da igreja, do templo ou da mesquita, deixamos tudo isso lá dentro. Não saímos como um ser humano. Saímos como hindus, cristãos, indianos, brasileiros, paquistaneses e assim por diante. Nesse sentido, deve partir das crianças o abandono dessa mentalidade para começar a pensar mais humanamente, globalmente, e desistir das barreiras. Você é primeiro um ser humano, depois outra coisa. Parece muito idealístico, mas não é. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Quando uma criança ingressa nela [escola] percebe que o mundo não é mágico nem composto de monstros e super-heróis, mas feito de coisas palpáveis. Ela aprende sobre a origem do mundo em Ciências e conhece as conquistas territoriais em História. Os conteúdos [escolares] treinam o sujeito para pensar

de forma cética. Ele continua acreditando em Deus, mas não deposita seu destino nas mãos dele. A escola ensina que cada um pode resolver os próprios problemas, sejam eles matemáticos, físicos ou de comunicação. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

Os bons romances nos colocam propostas sobre as quais temos de decidir. Veja este exemplo: a “polaquinha”, personagem de Dalton Trevisan, na publicação de mesmo nome, é admirável ou detestável? A literatura é uma das muitas religiões sem Deus. O êxtase que provoca se manifesta neste mundo e não está garantido – como no reino dos céus –, mas é uma conquista. Como colocar isso em prática é muito difícil de responder. (Joel Rufino dos SANTOS, 2008)

Eu tenho um lance meio calvinista que é o seguinte: “Entre você e a língua não coloque um despachante”, e o calvinista diz “entre você e Deus não coloque um despachante”. Quer dizer, não precisa de padre, não precisa de pastor, não precisa de ninguém, fale direto. No ensino do português deveria ser a mesma coisa, ou seja, entre você e a língua não há necessidade de um professor e nem de um linguista. Pense você. (Ataliba Teixeira de CASTILHO, 2009)

Em relação a Deus, os pequenos [que frequentavam escola católicas] têm uma ideia muito concreta: é uma pessoa vestida com uma túnica comprida, que tem os cabelos brancos e compridos e usa uma coroa. Ele fica no céu, rodeado de anjos. Já os maiores pensam de forma mais abstrata e fazem uma reflexão pessoal sobre o assunto. Para eles, Deus é um sentimento interno que tem a ver com a consciência moral. (Juan DELVAL, 2009)

Na disciplina de subjetividade e religiões afro-brasileiras, por exemplo, se a pessoa é cristã bem fervorosa, costuma abandonar o curso nesse módulo. Não se propõe sequer que outro possa ter uma fé diferente, uma outra divindade. Ele pensa: “meu Deus é este, isso é o certo”. Nesse raciocínio etnocêntrico, se o educador pensa isso em termos de religião, imagina o que ele vai pensar em termos de discriminação étnica? (Ahyas SISS, 2009)

Há dois tipos de espiritualidade: espiritualidades com Deus e também espiritualidade sem Deus, aquela que tenta responder ao que é uma vida boa sem passar pela fé. A filosofia pretende responder a essa pergunta; ela serve para formular uma espiritualidade que não passa pela fé. [...] O sagrado não é religioso, é aquilo pelo qual podemos nos sacrificar. Há um ditado que diz: “Um homem que nunca encontrou um motivo pelo qual sacrificar sua vida nunca encontrou o sagrado”. (Luc FERRY, 2010a)

[Carl] Sagan cogita que Deus é um matemático através da sequência infinita do número Pi. Para mim, isso ia contra tudo o que ele havia escrito. Por outro lado, a grande maioria do que Sagan escreveu é absolutamente brilhante. Sem a menor dúvida, ele tinha uma grande fé na existência de vida extraterrestre inteligente: a grande cruzada de sua vida foi tentar justificar essa crença. (Marcelo GLEISER, 2010)

Quando trabalhamos nessa colônia [onde ocorreu um incêndio em uma creche com 49 mortes, no México], por exemplo, falar da morte e da perda com as crianças foi muito importante porque elas puderam se expressar. Encontramos

desenhos impressionantes, como um de cruzes com fogo. Os alunos diziam que Deus provocou o incêndio porque queria levar as crianças. (Guillermo ANGULO, 2011)

Valorizar a pergunta e o conhecimento que cada estudante já construiu também é importante. Se uma criança nos pergunta, por exemplo, como Deus coloca uma sementinha na “perereca” da mulher para ela ter bebês, e nós lhe respondemos que “perereca” não é o nome correto e que não é Deus quem coloca a semente, já estabelecemos um distanciamento em relação à criança. (Cristina d’Ávila REIS, 2014)

BÍBLIA

A palavra escrita, desde a Antiguidade, está associada à ideia de sagrado. As leis sagradas foram transmitidas, por escrito, nas tábuas. A Bíblia é o livro sagrado e é também *o livro* por excelência. O ato de ler, ao longo da história da humanidade, foi algo que impunha respeito, temor e dava *status*. Quem lia entrava em contato com os mistérios. Era um iniciado, que se diferenciava dos demais mortais. (Edmir PERROTTI, 1990)

O interesse por livros, por exemplo, ficava evidente nas visitas que eu fazia à casa delas [crianças], quando manuseavam os livros que eu levava, queriam saber onde eu os havia comprado, pediam às mães que os comprassem. Nas casas dessas crianças havia apenas livros escolares (herança dos irmãos mais velhos que haviam saído da escola ou dos filhos da patroa da mãe), enciclopédias, às vezes, e a Bíblia. Dava para perceber, pelo estado das lombadas, que eles eram muito manuseados. (Maria Lúcia CASTANHEIRA, 1993)

No 3º ano primário, mudei de escola. Minha irmã entrou no primeiro ano e fui para o semi-internato do Colégio Batista Brasileiro. De lá, me lembro de umas histórias da Bíblia que eles contavam utilizando flanelógrafo. Hoje podemos ver através do laser, mas jamais me parecerá tão mágico como aquelas figurinhas que grudavam e não caíam. E aí, sei lá, eram as histórias do Velho Testamento – vocês me desculpem, mas são muito mais bonitas do que as do Novo. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis VIANA, 1995)

A direção seguida pelas culturas mediterrâneas a gente conhece razoavelmente, pois vamos até as fontes. Há livros, como a Bíblia, muito bem preservados, e os clássicos gregos, que são razoavelmente bem preservados. No momento da conquista da América, em 1500, claro que todos os outros povos tinham suas fontes, mas essas fontes são eliminadas ou ignoradas. O processo de colonização depende disso, de eliminar e reprimir as culturas conquistadas. Diego de Landa queimou todos os livros dos maias que encontrou. (Ubiratan D'AMBROSIO, 1997)

Jean Hébrard distinguiu três desses usos [da alfabetização]: primeiro, aquele ordenado pelas igrejas, desejosas de formar os fiéis capazes de ler a Bíblia ou então, na tradição católica, a literatura de devoção e de fervor; segundo, aquele necessário aos meios mercantilistas, cuja prática comercial supõe o domínio do cálculo; por fim, o dos agentes da construção do Estado moderno, que requer o arquivo, a escritura e a correspondência. (Roger CHARTIER, 2000)

[A literatura] permite sonhar, enfrentar medos, vencer angústias, desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações. Além disso, nos dá acesso a uma parte da herança cultural da humanidade – afinal, temos direito a conhecer *Dom Quixote*, algumas histórias da Bíblia, o *Cavalo de Troia*. [...] O professor nunca deve indicar algo que não tenha lido. Nem algo que, tendo lido, não lhe tenha agradado. O trabalho será sempre melhor quando usarmos um tema com o qual temos afinidade. (Ana Maria MACHADO, 2001)

Ficamos muito centrados na formação técnica e científica, que aprimora o Q.I., o quociente intelectual, mas não se preocupa com o Q.E., o quociente emocional.

[...] Eu acho inconcebível que alguém saia da escola sem nunca ter lido a Bíblia, mas por razões culturais. Da mesma forma como é inconcebível não ler a *Ilíada*, Graciliano Ramos ou Jorge Amado. (FREI BETTO, 2002)

Já que a história só aparece quando surge a escrita, Lévi-Strauss propunha o termo “sociedade sem história” no lugar do termo pejorativo *primitivo*, para referir-se a essas culturas orais. E é claro que essa “troca” de termos não é politicamente inocente, porque traz muitas consequências socioeconômicas e pedagógicas. Poderíamos chamar de *primitivo* um iugoslavo capaz de recitar em torno de 30 ou 40 mil versos? Ou os croatas, verdadeiros cantores épicos, que no século XI e XII cantavam toda a Bíblia de cor? (Miguel MOREY, 2002)

O termo “intertextualidade” aparece muito nos parâmetros [curriculares nacionais] de português. É uma palavra bonita, não é? Mas não é nova. A Bíblia é toda intertextual. O Novo Testamento cita o Velho, um profeta cita o outro. Dizer “todo texto surge a partir de um outro texto”? Isso é óbvio. O professor não precisa saber essas besteiras. Quando você olha o currículo de língua de outros países, não é assim, conceitual e só. Você vê a evolução do conhecimento e do domínio da língua ao longo das séries. Está lá, etapa por etapa. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2004)

A relação dos países protestantes com a educação é diferente da dos países católicos. Já sabemos disso desde o século XVII, sabemos que leem, que são obrigados a ler por decreto real. Na Suécia, no século XVII, o rei baixou um decreto dizendo que toda a gente, ou para ter um emprego ou para se casar, tinha que saber ler. Saber ler era uma forma de receber a palavra divina presente na Bíblia. Portanto, têm uma história de leitura que nós não tínhamos – e não temos. Mas ler a Bíblia não significa gostar de ler. (Maria de Lourdes DIONÍSIO, 2005)

[Na infância, eu lia] tudo o que me caía nas mãos: gibis, jornais, romances presenteados por parentes que apreciavam o meu “vício” de ler, seletas escolares (*Meu tesouro, Caminho Suave, Antologia popular brasileira* etc.). E, sobretudo a Bíblia, não qualquer uma, mas a boa e velha Bíblia protestante, de linguagem trágica e sensual, a mesma que marcou para sempre Faulkner e Dostoiévski, mas também o aparentemente sereno Machado de Assis. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

O problema cultural remonta às nossas raízes de colonização ibérica, que não propiciou a escola como lugar de aprendizagem da escrita e da leitura. Nossa tradição é predominantemente oral, com a catequese, a homilia do padre, sem que se formasse uma cultura escolar. Nos Estados Unidos e na própria Europa, aonde a modernidade veio acompanhada da reforma protestante ou luterana, o fiel precisava de uma escola para ler a Bíblia. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2006)

O professor chega na sala de aula e diz: “A Biologia nos conta sobre a Teoria da Evolução...”. E então começa a ensinar Darwin e Lamarck. Um aluno inventa de dizer que ele acredita na Bíblia, e não na Evolução. Pronto: eis que a aula deixa de ser de Biologia; é necessário o apoio da Filosofia. [...] O sistema de crenças da Bíblia é um sistema que visa dar regras morais, e não dizer “como o mundo pode ser descrito”, enquanto o sistema científico visa mostrar um modelo de “descrição do mundo”. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006b)

O ensino religioso de matrícula obrigatória em escolas públicas, e mesmo a obrigação de leitura da Bíblia, são inconstitucionais. A Constituição já foi muito tolerante em admitir o ensino religioso de matrícula facultativa no horário normal. O ensino de história das religiões é legítimo, mas deverá abranger todas as religiões praticadas no País. Privilegiar ou discriminar qualquer uma delas fere o dispositivo da igualdade perante a lei. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

É preciso lembrar que os protestantes fugiram para a América do Norte ou para o norte da Europa porque não podiam ler nem interpretar a Bíblia. Eles foram em nome da liberdade de consciência. O projeto protestante é um projeto de país. Isso repercutiu num modelo de educação de alto nível, numa ciência de alto nível. Eles não são mais inteligentes do que nós – porque saber ler e escrever é uma questão de destreza, não de inteligência. (Bernardo TORO, 2015)

CLÁSSICOS

Porque Bach faz diferença na vida de uma pessoa. Porque Guimarães Rosa faz diferença na vida de uma pessoa. É na vulgaridade que sentimos a ausência dos clássicos na vida das pessoas. O novo pode ser até uma destruição dos clássicos. Mas eles têm de estar lá, nem que seja como negação. [...] Quem não tem o requinte do olhar não reconhece os Girassóis de Van Gogh. (Julio Groppa AQUINO, 1998)

Se eu fosse organizar um programa de ensino, privilegiaria as artes e a atividade física no ensino inicial, depois iria gradualmente introduzindo elementos de História dramatizados e o estudo das ciências no ambiente da natureza, estimulando ao mesmo tempo o espírito de aventura, a coragem, a iniciativa pessoal e os sentimentos mais elevados. O ensino da língua seria todo feito pela leitura e imitação dos clássicos. (Olavo de CARVALHO, 1999)

O professor não pode recomendar esse tipo de leitura [*best-sellers*] – que é um chiclete para ser curtido, mas não serve como alimento literário. A criança tem que entrar em contato com a nossa herança cultural, conhecer clássicos à altura de seu gosto e capacidade de entendimento. Bons livros devem ser apresentados à criança para ela degustar. É um cuidado semelhante à merenda. Tem que ter qualidade. Não pode ser qualquer coisa. (Ana Maria MACHADO, 2002)

Pegue-se *Guerra e Paz*, de Tolstói, por exemplo. O professor de Literatura pode pedir a seu colega de História para ajudá-lo a situar a obra na história da Rússia. [...] Toda grande obra de literatura tem a sua dimensão histórica, psicológica, social, filosófica e cada um desses aspectos traz esclarecimentos e informações importantes para o estudante. Todo país tem suas grandes obras e certamente também os clássicos universais servem para esse fim. (Edgar MORIN, 2003)

Os professores dessas disciplinas [Filosofia e Sociologia], que são realmente bons, são aqueles que mostram como os clássicos estão interligados com o cotidiano. Drogas? Vamos ler William James e Freud. Negócios e política? Ora, vamos ler Tocqueville. Problemas com ensino e o conhecimento científico? Vamos ler Popper. Violência? Hobbes e Rousseau. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006b)

A melhor forma de levar um jovem a detestar Machado de Assis ou Guimarães Rosa é apresentá-los como obrigatórios. Há poucas chances de vir a amar a literatura pelas vias didática, pedagógica, pragmatista etc. [...] As formas de despertar o interesse do leitor hoje pelos clássicos são as de sempre, não há segredos. Uma delas é levá-lo, sem didatismo, a descobrir o gosto pela ficção. Na verdade, redescobrir: toda criança joga, fabula, imagina, inventa histórias, desenha, representa, canta, mente – e tudo isso é da mesma natureza que o prazer pela leitura. (Joel Rufino dos SANTOS, 2008)

O grande desafio que a escola tem é fazer com que o jovem desperte para a leitura, se aproxime do livro. É importante fazer com que leiam os clássicos, mas o desafio maior é formar o hábito da leitura. É o primeiro passo, depois isso se aprimora. Nesse ponto, vejo um mérito enorme no *Harry Potter*, pois se criou uma voz corrente de que ler é uma coisa chata, de *nerd*, e a série mostrou que, ao contrário, ler pode ser muito legal, abre um universo novo. (Sonia Machado JARDIM, 2009)

A Literatura não deve ser vista como um estudo de conjunto de obras que revelam somente um trabalho da linguagem artística. Se for assim, olhamos apenas um baú cheio de velharias para reconhecer marcas de um passado. O texto literário veicula discurso, foi escrito em um momento específico com leitores para aquelas características específicas de uma sociedade específica. Quando trabalhamos um autor clássico da nossa literatura estereotipado, como José de Alencar, por exemplo, é necessário contextualizar. (Maria Luiza ABAURRE, 2010)

Para poder abrir os diversos mundos aos leitores, é preciso estar informado sobre a produção atual, mas não somente em relação a ela, e sim também em relação aos clássicos. Caso contrário, corre-se o risco de pensar que somente o novo é bom. Na medida em que se conhece a produção e se acrescentam os seus conhecimentos sobre essa produção, é possível ter uma abertura maior, não ficar somente nos universos consagrados. (Cecilia BAJOUR, 2010)

Elas [as adaptações dos clássicos] tendem, no mínimo, a ser mais rasas que a história original. O que sempre pergunto a mim mesma é: por que o adaptador não inventa uma história em vez de bulir na obra-prima alheia? Qual é a razão de ser de uma adaptação? Encurtar a história? Simplificá-la? A troca de quê? Uma versão condensada de *Guerra e paz* será ainda *Guerra e paz*? Há exceções, é claro. Monteiro Lobato, por exemplo, recontou para as crianças histórias de livros não destinados a elas, como *Dom Quixote*. (Maria Luiza BORGES, 2010)

Tem que começar pela leitura contemporânea. Porque a leitura contemporânea está falando de hoje, de agora. E essa conversa, essas palavras, essas expressões, essa linguagem têm que estar aí dentro. À medida que você avança, você recua. E lá na frente, quando ele já se acostumou a ler, a saber ler, você começa a dar os clássicos. Aí você vai para Machado (de Assis), Graciliano (Ramos), até para Guimarães Rosa, que nem gente muito inteligente consegue ler. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2010)

Tanto no caso da Filosofia quanto no da Sociologia, o que as escolas devem perseguir, na minha opinião, é a formação de bons perguntadores. Quer dizer, o professor deve ter essa preocupação, trazendo, por exemplo, os textos clássicos dessas disciplinas, como apoio ao processo de descoberta e de pesquisa e de questionamento que os alunos vão desenvolver. (Cesar CALLEGARI, 2010)

Há tempos, os livros têm de competir com vídeos e outras mídias. Além disso, a garotada está habituada a leituras mais simples e textos curtos, ou seja, o modo de ler os livros também está mudando. Portanto, se os leitores precisam ter algum conhecimento dos clássicos, eles têm de ser alterados, simplificados. Caso contrário, existe o perigo de eles não serem mais lidos até pelos adultos. Nessa perspectiva, qualquer versão é melhor do que nada. (Peter HUNT, 2011)

É relevante mostrar que os clássicos são clássicos, porque nós, em 2011, voltamos a olhar para eles e a fazer coisas a partir deles. Um clássico que fica fechado e sobre o qual ninguém intervém com o tempo deixará de sê-lo. Clássico é aquilo que está sempre atual e, assim, exige das pessoas que estão vivas uma resposta. (Gonçalo M. TAVARES, 2011)

[A escola] deve mostrar que existem diferentes maneiras de ler para diferentes necessidades. Também deve organizar a ordem dos discursos e, assim, manter o lugar dos “clássicos”, não porque eles são “clássicos”, mas porque, com outros, mas talvez melhor do que outros textos, ajudam a pensar sobre o mundo, natural ou social, a compreender as relações com os outros, a fazer as perguntas essenciais da existência e a desenvolver uma crítica às instituições, às informações, às autoridades. (Roger CHARTIER, 2012)

UNIVERSIDADE

A universidade sempre foi de elite no Brasil, tanto que a matrícula estagnou em 1988. Desde lá, só 10% da população de 19 a 24 anos ingressa no ensino superior. O que aumentou foi o número de indivíduos no ensino médio. É isso que está fazendo a diferença. A falta de interesse aparente pelo ensino superior decorre da extrema necessidade deles de ganhar dinheiro para compor a renda familiar. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 1998)

O que será possível cortar no ensino superior para que ele fique mais enxuto? É preciso ter tantos centros de ensino que façam pesquisa? Os currículos estão adaptados à sociedade? É justo universidade gratuita para que arquitetos se formem e façam quartos de empregada minúsculos e estudantes de Educação Física virem *personal trainers* de madame? (Gilberto DIMENSTEIN, 1998b)

O semiólogo francês Roland Barthes falava que a universidade é o espaço por excelência da liberdade, da polêmica, da criatividade e da inovação. É o lugar onde a heterogeneidade, a pluralidade dos pensamentos e os saberes se encontram. Neste final de século, a universidade deve ser a vanguarda das ideias e do conhecimento científico, o que significa que ela tem de ser inovadora do ponto de vista científico, tecnológico e da produção de novas ideias. É essa função de liderança que a sociedade espera. (Wrana PANIZZI, 1998)

Ela [a universidade] nunca falou “para fora”, com raras exceções. Mas agora está muito pior, com os intelectuais mergulhando em um academicismo assustador. Eu mesmo estudo há vinte anos, e não consigo às vezes entender o que os sociólogos, por exemplo, estão escrevendo. O *apartheid* impera em todas as áreas. A faculdade preocupa-se com a arquitetura, não com a habitação. Os nutricionistas estudam como emagrecer o rico, não como alimentar os pobres. Ninguém se importa com o povo. (Cristovam BUARQUE, 2000)

O Brasil, apesar de ser um grande país, não tem mercado para absorver seus intelectuais e por isso o professor fica prisioneiro da sua universidade – nasce, cresce e morre nela. Isso é um grande problema porque o professor não tem mobilidade, daí a formação de casulos, de grupos fechados. Os grupos fechados são a própria pátria da mediocridade. Então a produção sistemática da mediocridade é um fato da universidade brasileira. (Milton SANTOS, 2000)

Sabemos que boa parte da população brasileira vive em áreas rurais. Esses praticamente não têm como horizonte uma universidade. Na melhor das hipóteses, terminam o nível médio. Todos esses aspectos diminuem o número de pessoas que seriam potenciais demandantes de ensino superior. Isso contribui para que apenas 5% da população entre 18 e 24 anos esteja matriculada nas universidades. (Paulo CORBUCCI, 2001)

A principal leitura dos professores não é de livros acadêmicos, ensaios ou teses. Isso é leitura de uma elite. A principal leitura é o livro escolar. E o Brasil precisa mudar a forma de ver os livros didáticos. Na França ou Espanha, livros escolares são escritos por acadêmicos e essa atividade é vista como muito importante. Aqui é vista como uma atividade menor. É preciso criar uma ponte entre pesquisa e ensino. A universidade precisa assumir sua responsabilidade integral

pelo ensino e ver o livro como uma parte de sua atividade. (Demétrio MAGNOLI, 2001)

O aumento de vagas na universidade pública passa pela retomada da principalização da universidade pública no Brasil. A universidade pública está em uma situação dramática e ocorreu uma epidemia de instituições particulares de ensino. [...] E uma boa parte dessas instituições não tem qualidade, fica praticamente alastrando o ensino privado quase sempre um mau ensino privado para todo o país. (Tarso GENRO, 2004)

A universidade parou de estudar. Desatualizou-se. Os estudantes de pedagogia não leem outras línguas, principalmente a língua inglesa, que é língua internacional da ciência. As bibliotecas não têm revistas internacionais. Às vezes, até me parece que as pessoas só entram na internet para ver sacanagem e não para se atualizar, aproveitar a chance de ler algum novo estudo. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2004)

A universidade está como está porque se descolou do Ensino Médio. Hoje, o que ela sinaliza para o Ensino Básico? A principal mensagem é que basta ultrapassar a barreira do vestibular para conseguir um emprego. O que se encontra depois desse teste injusto tem pouca importância. Assim, faltam estímulo e perspectiva para os alunos do Ensino Médio. Eles sabem que têm poucas chances de prosseguir os estudos e muitos nem se atrevem a prestar um vestibular. Quantos não abandonam a escola no meio do caminho? (Naomar Monteiro de ALMEIDA FILHO, 2007)

A universidade se encontra na mesma posição que a universidade da Idade Média às vésperas do Renascimento, que, com sua cosmogonia e sua nova perspectiva, revolucionava o pensamento estabelecido. Os tempos mudaram, o tempo também. A universidade atual está às vésperas de um renascimento que parte de um dado: o mundo é finito, limitado. A finitude terrestre ou humana não é triste. Para um homem, não é triste medir 1,80m! (Paul VIRILIO, 2008)

A meu ver, o principal obstáculo [posto à educação holística] vem dos setores acadêmicos, particularmente da universidade. São setores que precisam justificar sua própria existência, que formam os professores de uma maneira analítica (seguindo o paradigma cartesiano) e que criam interesses reais em manter as disciplinas nas escolas, pois, do contrário, teriam de reorientar seus métodos e sua própria organização. (Rafael YUS, 2009)

No Brasil a universidade foi sempre uma referência para compreensão da realidade: referência para a mídia, para os políticos e para os movimentos sociais. A “urgência” de mudanças hoje exigida por determinados setores da sociedade faz este divórcio entre o conhecimento produzido na universidade e as informações valorizadas no âmbito político. (Nora KRAWCZYK, 2014a)

É certo que ainda existe uma grande dificuldade de circulação dos conhecimentos produzidos nas universidades e dos conhecimentos produzidos nas escolas. Em muitos casos, a universidade é acusada de centrar-se sobre si mesma e de dialogar pouco com os problemas que afetam a vida das pessoas. Embora não se possa

negar a dificuldade em fazer circular resultados de pesquisa e dos seus usos em decisões e práticas educacionais. (Maria Carla CORROCHANO, 2016)

Há tudo isso: vingança, ressentimento, preconceitos morais e ideológicos, tudo reunido. Talvez haja também interesse econômico: promove-se certo ensino universitário privado, ao qual, pelo que se diz, está ligado a um familiar de um dos ministros. Se esse elemento também estiver presente, completa-se a ciranda de iniquidades. De um modo ou de outro, a universidade está ameaçada e é preciso defendê-la por todos os meios. (Ruy FAUSTO, 2019)

ESPECIALISTAS

Além de conhecer Psicologia do Desenvolvimento, [o professor de pré-escola] deve ser uma pessoa madura e, acima de tudo, um pesquisador. E deve recorrer sempre a especialistas. Nossa estrutura de ensino está alienada dos recursos de que dispõe. O professor de pré-escola tem a oportunidade única de fazer um trabalho de prevenção e a troca de informações com especialistas é imprescindível, pois dessa forma ele aprende mais rápido do que frequentando cursos. (Tânia SCHMIDT, 1989)

Mais do que a formação nas faculdades, o professor deverá completar seu aprendizado no fazer, no trabalho dentro da escola. [...] Valorizo muito o lado generalista do professor das primeiras séries. Deveríamos aprender com o professor de educação infantil e com o professor das séries iniciais. Acho que a tendência atual é reverter a especialização excessiva, que produziu ignorantes especialistas. Em todas as áreas, inclusive na medicina. (Rui CANÁRIO, 2000)

Uma pesquisa feita nos anos [19]90 com especialistas da América Latina chegou à conclusão de que algumas modificações poderiam ser implementadas sem novos investimentos. As principais são: colocar os melhores profissionais nas séries iniciais; usar todo o tempo do ano letivo para atividades com os alunos, porque o tempo pedagógico é deles e não dos docentes; e não mudar de professor durante o ano letivo. São decisões que não necessitam de leis e estão ao alcance de qualquer diretor de escola. Elas podem dar resultados em prazo mais curto. (Bernardo TORO, 2002)

O [professor] de séries iniciais geralmente sente-se menos profissional que os outros, por não ter especialização. Isso o leva a reproduzir o discurso de especialistas – fonoaudiólogo, nutricionista – para justificar o fracasso do aluno e escamotear suas próprias limitações. O alfabetizador sente-se um pouco babá, por mais que se diga que seu papel vai muito além do ensinar a ler e a escrever. Ele não percebe a sua importância. (Ana Luiza Carvalho da ROCHA, 2004)

Cada vez mais o conhecimento vai se fragmentando para chegar à situação quase exótica hoje, quando nós temos mais de 10 mil especialidades profissionais disciplinares. A caricatura resultante é a ideia do ultraespecialista, aquele profissional que sabe tudo sobre nada. Vamos chegar a uma situação em que o ultraespecialista só conseguirá fazer a interlocução consigo mesmo. Isso é fruto de uma situação que atinge o seu apogeu no final do século XIX. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

A formação dos professores no Brasil e nos outros países é focalizada sobre os conteúdos. Eles se tornam especialistas em sua matéria e podem resolver qualquer problema na disciplina na qual é especialista. O professor é capaz de resolver problemas muito complexos facilmente, mas a maioria não é preparada para auxiliar o aprendiz a resolvê-los. Isso ocorre porque ele [o docente] não é consciente do processo mental subjacente à solução do problema. (David SASSON, 2005)

Não estou de acordo com quem pensa que para atender bem a uma criança pequena, garantir seu cuidado e estimular sua participação ativa e aprendizagem

seja necessário um especialista com PhD em desenvolvimento infantil. Creio que esses especialistas devem se dedicar, por exemplo, ao desenho de programas de inclusão de crianças que, por algum motivo, não têm acesso a esse benefício, usando estratégias, digamos, não-convencionais ou de meios que superem os obstáculos que levam à exclusão. (Leonardo YÁNEZ, 2006)

A especialidade é fundamental, seja em cálculo, biologia ou qualquer outra área. Mas sempre é importante interagir com outras formas de conhecimento para não ensinar de forma deslocada. Por exemplo, um engenheiro pode projetar uma bela fábrica, mas se ela não for adequada à sua realidade, como negócio não vai funcionar. Por isso, o educador deve se adaptar em outras áreas do saber. Quanto mais se sobe na carreira, menos o profissional se torna especialista e, sim, generalista. (Carlos Roberto FACCINA, 2007)

O volume de trabalhos de extensão universitária, que é a possibilidade de atendimento a uma demanda da sociedade, é pequeno na área de ciências humanas. Há uma ênfase no ensino e na pesquisa. O que aconteceu? Desde a época da Sociedade de Educação, cada vez mais a educação ficou na mão de especialistas. E cada vez mais eles se afastaram e se afastam do que é essencial, a escola. (Ana Clara Bortoleto NERY, 2010)

Sabemos que o conhecimento cresce por intermédio do especialista, mas a visão generalista de mundo é mais complexa, difícil e necessária. Até porque nos ensinamentos fundamental e médio e nos primeiros anos dos cursos de graduação não temos de formar especialistas, e sim generalistas. Se olharmos para outras áreas, poderemos ver facilmente quanto a visão do especialista é, de maneira geral, truncada, menor. (Attico CHASSOT, 2011)

[Os professores de música] têm de ser especialistas em música e em Pedagogia. Nem todos os músicos conhecem a Educação profundamente. Com a decadência da Educação musical formal, os docentes licenciados em música foram diminuídos, mal aproveitados. Hoje, confia-se muito mais em um professor de Arte, que demonstra estar mais atualizado quanto à realidade de sala de aula. Se a música vai voltar às escolas, isso não pode ser feito superficialmente. (Violeta Hemsy de GAINZA, 2011)

Os educadores sempre chegam ao fim do ano sem cumprir o planejamento. É quase impossível conhecer um professor que consegue dar conta de tudo nesse período e mesmo assim os especialistas são mestres em aumentar o currículo ainda mais. Para piorar, os políticos querem Educação financeira, para o trânsito e para a paz. Não se ensina nada direito. É um currículo enorme sem consistência e foco. (Maria Alice SETUBAL, 2011)

Se eu fosse ministro da Educação, a minha primeira iniciativa seria reunir um grupo de especialistas estrangeiros e nacionais, entre os mais reconhecidos internacionalmente, que pudessem responder à seguinte pergunta: “O que deve saber um professor para ensinar a ler e escrever às crianças brasileiras e fazer com que todas, salvo as que sofrem de certos transtornos, estejam alfabetizadas (capazes de decodificar e escrever mais de 90% das palavras e ler com compreensão textos simples) no fim do 1º ano?”. (José MORAIS, 2012)

A Matemática é uma linguagem mais ou menos secreta dependendo do seu grau de familiaridade com ela. É quase como a música, que você pode escutar de um jeito ingênuo, despreocupado, ou com os ouvidos de um especialista, reconhecendo acordes, harmonias, ritmos. Se realmente queremos entender o mundo, precisamos da Matemática direta ou indiretamente. (Cédric VILLANI, 2012)

A linguagem pedagógica está capturada pela língua dos especialistas, que sempre constroem uma posição do ponto de vista da desigualdade no que diz respeito aos professores: “eu sei o que os senhores não sabem e o que eu sei é muito importante que os senhores saibam”. Há essa captura da linguagem pelos especialistas e, em outro extremo, está a literatura. (Jorge LARROSA, 2013)

OFÍCIO

A pesquisa é um ofício, como tantos outros ofícios acadêmicos que existem, ou é algo que se pode fazer de vez em quando, nos fins de semana. Creio que o problema está em que a palavra pesquisa dá prestígio, enquanto a palavra docência, hoje em dia, não dá. Na medida em que há prestígias sociais associados a certos ofícios e o ofício de pesquisador; uma vez que é um ofício, tem prestígio, parece que todos têm que pesquisar. (Emilia FERREIRO; Ana TEBEROSKY, 2000)

Poderíamos lembrar valores que tocam de perto os profissionais da Escola Básica. Por exemplo, a oportunidade de encontrar-se na condição de educadores, de pedagogos que acompanham sujeitos no percurso de seres humanos. Restringir o ofício de educar a treinar ou transmitir programas é pesado, exaustivo, desestimulante para os docentes. Ainda é um valor tentar superar as formas solitárias de organização do trabalho docente, em que cada um trabalha sua turma, sua matéria, seu horário, sem diálogo, sem possibilidades de trabalho coletivo. (Miguel ARROYO, 2001)

Veicula-se um modelo que diz que ser artista é uma coisa fácil, não é um ofício. Identifica-se talento como uma desinibição, como uma capacidade de se expor com facilidade, quase uma não-vergonha, um despudor. É gravíssimo. A busca da fama a qualquer preço é uma deformação que me preocupa. Meninas posam nuas e acham que isso é um trabalho artístico como outro qualquer. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Ser professor implica um corpo-a-corpo permanente com a vida dos outros e com a nossa própria vida. Implica um esforço diário de reflexão e de partilha. Implica acreditar na educabilidade de todas as crianças e construir os meios pedagógicos para concretizá-la. Será por isso que Freud lhe chamou o ofício impossível? Provavelmente. Ser professor é o mais impossível e o mais necessário de todos os ofícios. (Antônio NÓVOA, 2003)

Difícilmente os meninos [de rua] despertam para temas acadêmicos. Eles se interessam por assuntos ligados à sobrevivência e aprendem isso com grande rapidez. Por outro lado, são muito resistentes a temas sem resposta imediata, como os estudos que se estendem por anos. Não compreendem para que tanto esforço. O trabalho com eles é muito lento e nem sempre se consegue êxito. Por isso, procuramos atividades imediatas, como ensinar um ofício. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Costuma-se considerar que uma boa formação “acadêmica” tornará os professores mais competentes. Eu sou menos otimista. Penso que o ofício de alfabetização requer uma formação profissional específica, feita de alternância entre trabalho prático, discussão sobre o que se faz, o que se leu, o que as crianças souberam fazer ou não, mas sobretudo de interações com outros profissionais. (Anne-Marie CHARTIER, 2009)

As transformações do ofício de professor, que passa a ser “facilitador de aprendizagens” em um contexto mais difícil, provocaram inúmeros conflitos de ordem mais ideológica do que científica. Isso teve como efeito confundir a

questão da avaliação “formativa” e lançar uma espécie de véu de ignorância sobre a pertinência fundamental da intenção de colocar as avaliações feitas durante a escolaridade a serviço das aprendizagens dos alunos. (Charles HADJI, 2009)

O ofício docente é muito difícil de ser prescrito totalmente, por conta do que eu dizia: quando o professor fecha a porta de sua sala, restam ele, sua turma e a relação que vai se constituir. [...] Posso preparar muito bem a minha aula, organizar um plano. Entretanto, quando chego à sala de aula e o aluno faz uma pergunta, tudo muda. Não se consegue dar a mesma aula, a não ser que se grave uma aula num aparelho de vídeo e a retransmita *ad nauseam*. (Aparecida Neri de SOUZA, 2009)

O professor Clermont Gauthier diz que o educador é formado no ofício sem saber, ou no saber sem ofício. No primeiro caso, que ilustra bem a situação do especialista, aprende-se Geografia sem saber para que ela serve. [...] Quanto ao ofício sem saber, que geralmente é a situação do professor polivalente, se discute o que é lecionar, ser educador, a escola e seus problemas. Mas o saber, que deveria ser a questão central, acaba sendo negligenciado. (Lana de Souza CAVALCANTI, 2010)

Difícilmente um professor de Sobral é contra qualquer ação que seja que favoreça o aprendizado das crianças. Eles mesmos defendem o projeto [educacional do município] e perceberam que o trabalho que foi desenvolvido deu resultado e resgatou uma coisa que é essencial para gente: o ofício de ser professor, que era um ofício que estava um tanto quanto abalado, na autoestima, de ser uma profissão importante. (Júlio César da Costa ALEXANDRE, 2011)

O nível formal de escolarização e a duração dos estudos não são garantias absolutas de competências profissionais sólidas. Tudo depende do uso que se faça do tempo e da duração dos estudos. É praticando, estudando a maneira como os alunos resolvem problemas, defendendo esta ou aquela regulação em face das dificuldades encontradas que os professores aprendem verdadeiramente seu ofício. (Monica GATHER-THURLER, 2012)

Se o professor, cujo ofício esteve secularmente centrado na cultura livresca, na oratória do mestre ou no chamado “cuspe e giz”, ainda tem dificuldade de lidar com a TV, que está situada no mesmo paradigma unidirecional que ele (a apresentação ou a transmissão separada da recepção), terá muito mais resistência com o computador, de natureza e uso mais complexos. (Marco SILVA, 2012)

Quando pensamos em práticas sociais estamos nos referindo às seguintes combinações de: objetivos e tarefas; ferramentas e técnicas; e o conhecimento que é necessário para o uso de ferramentas e técnicas a fim de realizar nossos objetivos e tarefas. Por exemplo, a prática social de um alfaiate inclui conceitos, conhecimento para criar certos tipos de roupas, além de máquinas de costura, tesouras etc. Essa prática social envolve ainda o conhecimento sobre os valores e padrões do ofício. (Colin LANKSHEAR; Michele KNOBEL, 2013)

Ser professor exige certas qualificações, preferências, características pessoais que a gente só descobre efetivamente que as tem depois de alguns anos dando aula.

O *turnover* de professores não tem a ver só com salário ou condições de trabalho, que têm melhorado, e sim com o fato de que é um ofício que exige não só vocação, mas alguns adjetivos e características pessoais que certas vezes só descobrimos se temos ou não no exercício prático da profissão. (Fernando ABRUCIO, 2016)

Embora não seja uma tarefa fácil, mudanças de personalidade são possíveis em termos de melhor compreender as necessidades e peculiaridades do ofício de ensinar, com adaptações que, na maioria dos casos, beneficiam o próprio professor e os outros com quem se relaciona, sejam alunos, sejam os demais funcionários da escola ou a comunidade escolar como um todo. [...] A perspectiva da mudança, para mim, é sempre mais agradável do que a imobilidade. (André CODEA, 2019)

RIGOR

O ponto de partida da prática educativa está, entre outras coisas, no senso comum, mas enquanto ponto de partida, e não ponto de chegada ou ponto de “ficada”. [...] Teríamos duas posições: uma autoritária, que é desrespeitar o senso comum e impor sobre ele a sua possível rigorosidade. Para mim, não: é preciso que o educando se assuma ingenuamente para, assumindo-se ingenuamente, ultrapassar a ingenuidade e alcançar maior rigorosidade. (Paulo FREIRE, 1995)

O professor na sala de aula [...] acha que deve ensinar a Matemática com aquele nível de abstração que a Matemática tem de ter. Mas não é assim. Outro ponto é que o rigor da Matemática deve depender da idade do aluno e não do rigor da Matemática. Quer dizer, se uma criança, por exemplo, vê um losango e diz que é um balãozinho – é de fato a forma que ele está vendo e não há por que corrigi-lo. (Maria Laura Mouzinho Leite LOPES, 1998)

As universidades estão cada vez mais conscientes de que não podem mais permanecer enclausuradas em seus *campi*. É preciso ter a capacidade de sair e levar o conhecimento que ela produz para a sociedade, observar as transformações do mundo contemporâneo e processar essas modificações, gerando novos conhecimentos. Porque aqui [a universidade] é lugar do rigor científico, metodológico e teórico. (Wrana PANIZZI, 1998)

[O ECA] é rigoroso, também, na visão de que é preciso punir com dignidade, com respeito à Declaração Universal de Direitos Humanos, assinada e apoiada por todos os países do mundo, e ainda à Convenção Internacional dos Direitos da Criança. Ou seja, é uma punição respeitosa, uma punição que entende que, na maior parte dos casos, aquele jovem cometeu um ato infracional porque a sociedade está de tal forma desestruturada que a sua família não consegue dar-lhe atenção, que a sua escola não consegue transmitir-lhe valores etc. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

O rigor passa por esse duplo esforço de deixar explícitas as expectativas. Mas esse rigor jamais tornará a avaliação científica. Posso cronometrar o tempo que um corredor leva para percorrer 100 m – é a medida, não a avaliação. Por outro lado, não posso cronometrar o tempo de desenvolvimento de uma criança, o modo como ela constrói a sua aprendizagem, desenvolve suas competências. Isso não pode ser medido. E preciso distinguir bem as duas ideias. (Charles HADJI, 2001)

Até hoje muitos ensinos eram bons e não tinham metade dos recursos que dispomos. As novas tecnologias facilitam, mas não têm a ver com a essência de um bom ensino. Não há razão para deixar de usar as novas tecnologias, mas não é isso que faz um ensino ser bom. O importante não é o currículo e sim ensinar o aluno a pensar rigorosamente e não a vagar e sonhar. Educação tem muito a ver com o rigor no pensar. (Claudio de Moura CASTRO, 2003)

Rigidez é uma coisa, rigor é outra. Os artistas, que trabalham com criação, costumam ser super-rigorosos. Já rigidez é acreditar que uma coisa só pode ser feita de um jeito, definido arbitrariamente. [...] Alguns trabalham de dia, outros à noite; alguns de um modo, outros de outro. A maior parte dos artistas tem de cumprir prazos, se impõe tarefas. Se não houver disciplina, você para no meio,

esquece. Acontece que muitas vezes nós, adultos, usamos o discurso do rigor para defender nossa rigidez ou nossa incapacidade de lidar com as situações. (Lino de MACEDO, 2005)

Educação, hoje, é preparar os jovens para esse mundo que está vindo aí; e seus primeiros sinais já aparecem. É prepará-los para um mundo mais competitivo, para requisitos mais rigorosos de qualificação, para interpretar um maior volume de informação e para lidar com situações muito mais complexas do que 20, 30 anos atrás. É preparar o jovem para um mundo integrado, globalizado, muito diferente da educação do passado. (Mailson da NÓBREGA, 2006)

A arte é uma forma de conhecer, de especular, de propor e de resolver problemas. Ainda que escrever e ler sejam exemplos de codificar e decodificar, a arte também é uma forma de criar códigos. Portanto, ler e escrever deveriam aparecer como uma subcategoria artística. Temos ainda outro equívoco: pensar a arte como uma forma de autoexpressão. Ainda que seja isso também, ela é antes de tudo um instrumento de comunicação. Se nos limitarmos à autoexpressão, o rigor desaparece. (Luis CAMNITZER, 2007)

Na infância, os professores herdam uma espécie de rigidez que as crianças não veem mais nos seus pais. Estes, com poucas crianças e nas poucas horas em que ficam com elas, são mais flexíveis. A escola, com muitas crianças e mais horas, precisa ater-se a mais regras. Em muitos desenhos [infantis], os pais são vistos como bobos e os professores como rigorosos. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Há quem tenha um rigor gramatical exagerado, existe o lado conservador e ultrapassado e há ainda aqueles que acreditam que o ensino na língua padrão é repressivo. Mas, mesmo com essa variedade, de forma geral, os indivíduos saem da escola sem o domínio da modalidade culta da língua. Os alunos vão para a aula e o assunto é gibi. Nada contra, mas não pode se limitar a isso, afinal, ninguém vai para a escola aprender o que já sabe. Por que isso acontece com a Língua Portuguesa? (Pasquale CIPRO NETO, 2010)

Não se pode fazer uma avaliação com características aleatórias. É preciso ter o rigor metodológico de uma pesquisa científica. Hoje, os exames são elaborados e aplicados sem que tenham características como sistematicidade. Para o rigor científico existir, é necessário ter como base o que foi ensinado e o que o professor quer saber se o aluno aprendeu. Então, ele obterá dados sistematicamente coletados sobre aquilo que quer compreender e avaliar. (Cipriano LUCKESI, 2012)

Sou, essencialmente, um repórter. Escrevo longas reportagens históricas. Nesse sentido, valorizo a narrativa e a obrigação de escrever para um público heterogêneo, decodificando conteúdos complexos para um público não necessariamente especializado. O grande desafio para um jornalista é saber transmitir informações e ideias de forma legível e atraente, sem que isso signifique a simplificação do tema e, nesse caso, afrouxar mão no necessário rigor no trato com as fontes históricas. (LIRA NETO, 2014)

Os estudantes contemporâneos, nativos digitais, podem ser excelentes ajudantes do docente para penetrar no mundo complexo da vida digital. A função do professor é ajudá-los a compreender o sentido da vida, os valores, as situações e os problemas que enfrentamos na complexa era contemporânea. [...] Para tanto, pode utilizar as ferramentas mais poderosas que a humanidade desenvolveu até os nossos dias: o conhecimento científico, a capacidade de pensar, indagar e resolver problemas com rigor. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

Ninguém tem condição de ensinar com rigor e eficácia quando sabe que, a qualquer momento, um aluno, açulado por pais fanáticos, pode sacar um telefone e registrar o que se passa em aula não para estudar, mas para esse fim lamentável. Não se trata, simplesmente, de gravar uma aula. Isso se faz, frequentemente, para fins úteis, e com o consentimento do professor. O que temos é outra coisa: registrar uma intervenção ou diálogo para delação. (Ruy FAUSTO, 2019)

IMPROVISO

Na penúltima Copa do Mundo, eu assisti pela televisão à técnica do time brasileiro e isso me ensinou justamente essa fusão da liberdade e da disciplina. Eu pensava: é isto que o compositor tem de fazer. [...] O que é o futebol? É improvisação, é a mistura da disciplina de estratégia com a improvisação. As duas coisas não podem ser separadas para funcionar. Isso ocorre em todas as áreas da vida profissional e também na convivência moral, política e tudo mais. (Hans-Joachim KOELLREUTTER, 1998)

O correto seria recuperar o curso normal, pois estados e municípios podem pagar bem a esses professores, isto é, pagar tanto quanto o mercado oferece para outras profissões com o mesmo número de anos de escolaridade. Em lugar de trilhar esse caminho, o MEC prefere exigir professores com curso superior, não importa qual a qualidade desses cursos, que conseqüentemente também proliferam improvisadamente. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 1999)

O computador não permite aquela improvisação que o professor pode fazer em aula, adaptando o conteúdo da matéria aos seus alunos concretos. Quantas vezes o aluno não dá uma resposta completamente errada, mas o professor percebe que o que ele pretendia dizer era certo? Num *software* educacional, não há essa flexibilidade. A resposta é “certa” ou “errada”. Não há matizes. O computador é uma máquina rígida e burra, que não tem a inteligência, a sensibilidade, a intuição que um professor deve ter. (Valdemar SETZER, 1999)

Quanto mais qualificado for um profissional, maior deverá ser sua capacidade de enfrentar o imprevisível. Isso se aprende, e não é apenas na carreira de professor que é preciso improvisar. Como preparar as pessoas para isso? [...] É uma tarefa que exige lutar contra toda espécie de perfeccionismo e que demanda tempo. A experiência ensina o profissional a discernir uma série de fatores. Um professor experiente sabe o que acontece em sua classe, a tal ponto que seus alunos pensam que ele tem olhos nas costas! (Philippe PERRENOUD, 2004)

No século XIX, ainda não encontramos organização ou sistema escolar [no Brasil]. Isso me surpreendeu. Havia aulas avulsas, de “primeiras letras”, que ensinavam a ler, a escrever e a contar, com um arremedo de doutrina cristã, porque o Estado e a Igreja estavam juntos nessa época. O professor era improvisado também. As escolas normais, que começam a surgir na década de 1840, eram precárias. Em geral, tinham um único professor, que mal sabia alguma coisa de pedagogia. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005a)

Essas questões são trabalhadas seriamente com base teórica, divulgando o que há de mais novo em termos de gênero e sexualidade. Talvez, com isso possamos trabalhar instrumentos para as pessoas poderem improvisar. Porque é improvisar sim. É, diante de uma situação concreta, ser capaz de “dar um jeito”, com as ferramentas que tenho. Mas só posso fazer isso se tiver as ditas ferramentas. Se não tiver nada, vou buscar o quê? A minha experiência e o meu passado, às vezes, não são suficientes para responder a isso. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

No jogo de fantasia, uma criança propõe uma linha de ação e as demais confirmam essa brincadeira e adicionam um novo elemento. Uma criança pode, por exemplo, pegar um objeto e dizer: “Vai chover!”, e outra criança acrescentar: “E está relampejando!”, e uma terceira complementar: “Temos que entrar em casa!”, e cada uma delas ir participando e construindo a história. O imprevisto ocorre no momento em que a atividade está acontecendo. (William CORSARO, 2007)

O bom planejamento dará segurança ao professor, evitará a improvisação inoportuna e orientará o aluno em seu processo de construção do conhecimento. O aluno percebe quando o professor preparou suas atividades pedagógicas e tem atitude positiva em relação ao processo ensino-aprendizagem. O inverso também é verdade. Muitas vezes, a indisciplina em aula pode estar relacionada à percepção de que o professor está “enrolando”, como dizem os estudantes. (Vasco MORETTO, 2007)

Eu tenho um certo dom de improviso e ele nunca me faltou. Uma vez, um colega me provocou por causa disso e eu recorri a uma estrofe de um cantador de repente que eu conhecia para dar a resposta. Ela diz assim: “Para brigar de tiro e faca / não sirvo! não presto não. / Mas solto assim sobre um palco / com um microfone na mão. / Eu sou onça matadeira! / sou tigre bravo e leão”. Ele ficou com tanto medo de mim que se encolheu todo. (Ariano SUASSUNA, 2007)

O problema é o confronto com a escrita e com a leitura, às vezes muito abrupto. O governo criou esse fundamental de nove anos, aumentou um ano e pôs a criança entre 5 e 6 anos na escola, exatamente para acabar com o improviso da educação infantil e trazer um ensino mais sistematizado, ligado à leitura, à escrita e à oralidade, nessa 1ª série. Só que esse impacto continua ocorrendo sob o aluno. Porque ele é recebido como se fosse a criança da 1ª série dos anos anteriores, como se tivesse 7 anos. (Claudemir BELINTANE, 2009)

Apesar de vários países contarem com legislações nacionais que garantem o direito das pessoas encarceradas à educação, a maioria está muito longe de concretizá-la. [...] A grande complexidade, a improvisação e dispersão caracterizam a educação nos sistemas prisionais da América Latina. A fragilidade da garantia do direito à educação é tensionada pelo encarceramento acelerado e pela superlotação decorrente da prisão como “única e excessiva resposta do Estado ao delito”. (Denise CARREIRA, 2009)

Muito embora, academicamente, o improviso não seja muito adequado, vale lembrar que ele é inevitável em uma aula. O professor deve, sim, planejar sempre para não perder a linha de raciocínio, mas o improviso na verdade é o recheio de uma aula motivadora que encantará os alunos e despertará neles um aprendizado de forma crescente e inesquecível. (Reinaldo PASSADORI, 2009)

Quem não tem propensão artística, um certo gosto pela improvisação, não é um bom mestre. Um burocrata não é um bom educador. Chegar, jogar a matéria e dizer: “Estudem da página 5 à página 10” não é ser professor. Um profissional de talento que trabalha 40 horas por semana e recebe R\$ 1.500, se puder aplicar sua habilidade em outras atividades, vai fazê-lo. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Não temos um sistema no sentido próprio da palavra. A educação está sujeita a muitas iniciativas que se contrapõem. Há ainda um alto grau de improvisação no tratamento da questão educacional no país nos vários níveis: municipal, estadual e federal. A organização de um sistema supõe superar a improvisação e agir de forma sistemática, com pontos claros e disposição dos meios de forma intencional, visando organizar os objetivos. Nesse sentido, seria preciso avançar mais nessa direção. (Dermeval SAVIANI, 2009)

É grande o impacto da difusão da indústria cultural, que se desenvolveu exponencialmente. Tudo isso tornou as crianças mais dependentes de produtos elaborados pelos adultos no que se refere às práticas lúdicas, como o brincar. Claramente aí está uma diferença em relação ao passado. Antes, elas tinham de improvisar para construir seus brinquedos e com eles gerar as brincadeiras. Atualmente, isso acontece bem menos. (Manuel Jacinto SARMENTO, 2013)

TALENTO

Há vários outros equívocos. Por exemplo, a ideia de que cabe à Educação Física escolar preparar talentos para o esporte, desenvolver a aptidão física e cuidar da saúde. Não é responsabilidade da escola desenvolver talentos para o desporto competitivo de alto rendimento. Principalmente da escola pública. Veja como essas influências se conectam com a concepção da escola como um todo, elitista, que contribui para a seletividade. (Celi Nelza Zulke TAFFAREL, 1991)

No meu próprio país [EUA], o que temos visto é uma volta do “darwinismo social”, que consiste na educação para a formação de líderes e para a formação de seguidores. Não vão oferecer educação para a formação de talentos em todos os lugares. O raciocínio é: “Vamos gastar o dinheiro com crianças que sabemos que podem se tornar nossos cientistas, nossos engenheiros, nossos líderes. O resto, vamos apenas formar para coisas próprias de sua posição na vida”. Não pode ser assim. (Michael APPLE, 1996)

Talentosa é aquela pessoa que destoa, que tem respostas originais, seja nos gestos, no que ela fala ou nas soluções que ela dá. É papel do educador não colocar expectativa sobre essa criança. Acho que todo educador deve fazer elogios discretos e reprovações discretas. Esse é o segredo para se desenvolver uma atividade expressiva. E um ambiente não competitivo, de aceitação. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Não é nada fácil segurar profissionais talentosos em qualquer organização. Um exemplo típico que temos hoje é o êxodo de esportistas dos países menos desenvolvidos para os que têm mais recursos. O mesmo acontece com as IEs [instituições de ensino], em particular as IESs [instituições de ensino superior] privadas, que devem fazer grandes malabarismos, pois os seus professores mais talentosos acabam se transformando em palestrantes e consultores, recebendo uma remuneração que as IESs não têm condição de pagar. (Victor MIRSHAWKA, 2005)

É impossível dar a mesma aula para 30 crianças diferentes. Escolas e educadores devem perceber que alunos comuns têm capacidades e talentos fantásticos. Onde estão os pontos fortes de cada um deles? Como determinada criança pode desenvolver o tipo de talento que tem? Trata-se de personalizar o aprendizado para fazer com que todos cresçam. (Andreas SCHLEICHER, 2008)

Fui um excelente estudante universitário, mas medíocre na escola secundária. Só percebi que tinha alguns talentos no fim desse período. Incentivado por um professor, eu, que nunca tinha sido um aluno especial, me transformei no melhor estudante de Economia da classe. Encontrei uma competência que eu não sabia possuir. Isso demonstra que a descoberta do talento demora, e ele não pode ser medido por um teste num ponto isolado no tempo. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

É uma perversidade dizer para o aluno se autoavaliar. Professor é propositor, mediador e avaliador também. Sou muito a favor da avaliação de portfólio. Você avalia o que o aluno faz, o que vê e o que lê, e discute como ele pode melhorar. Sempre haverá os que não têm muito talento para o fazer arte. Talento existe.

Dom não existe. Talento é uma mistura de DNA, do meio social e do desejo. (Ana Mae BARBOSA, 2009)

Para mim, a distinção entre inteligência e talento é enganosa. Um indivíduo que é forte em uma maneira de saber pode ser chamado de talentoso ou inteligente. Oponho-me a chamar uma pessoa que é boa na música de talentosa e a uma que é boa em matemática de inteligente. Deveríamos chamar a ambas de talentosas: a matematicamente inteligente e a musicalmente inteligente. (Howard GARDNER, 2009b)

Nem todos têm talento para as mesmas linguagens. Há grandes escritores que fotografam muito mal, e grandes fotógrafos que não filmam bem. Por isso, buscase em Reggio Emilia uma multiplicidade documental, mas com bases comuns. [...] Uma delas é a tentativa de resgatar como se constrói o conhecimento conjunto. Há, sim, imagens em que aparecem crianças isoladas, mas predominam as situações de grupo. (Alfredo HOYUELOS, 2009)

Em países que estão no topo dos resultados das avaliações internacionais, como Finlândia e Singapura, a educação consegue atrair os jovens mais talentosos e bem-preparados do ensino médio para a profissão. Esses candidatos chegam fortalecidos como profissionais à escola. Isso tem a ver com a formação, com a valorização perante a sociedade, o que transmite a confiança necessária para desenvolver suas atividades. (Mozart Neves RAMOS, 2011a)

Um [diretor] líder consegue reter professores talentosos, que às vezes ficam desestimulados e vão para lugares em que serão mais bem tratados. Acho que não é realmente responsabilidade do diretor, mas, às vezes, o diretor é tão bom que ele motiva sua equipe. Às vezes isso acontece, o professor fica na escola por causa do diretor, apesar das condições. (Irma ZARDOYA, 2012)

O que realmente faz diferença nas capacidades e propensões das crianças são a prática e a experiência. Assim como é impossível ser um mestre do piano sem anos de prática aplicada, por mais que se seja naturalmente talentoso, não é possível tornar-se físico, matemático, pintor, dançarino, escritor ou jogador de futebol sem muitíssima prática, além de estímulo e aceitação pela cultura de que esta é uma ocupação apropriada para você. (Lise ELIOT, 2013)

[Na Finlândia,] não precisamos aferir o aprendizado dos nossos estudantes a cada minuto, a cada mês, nem mesmo a cada ano. Não temos avaliações nacionais massivas e não estimulamos a competição entre os alunos, mas sim a colaboração. Cada pessoa tem seu próprio talento e todos podem ganhar muito com a escola se ela contemplar a variedade de habilidades humanas. Isso nos permite usar todo o potencial dos nossos jovens. (Krista KIURU, 2013)

[Os estereótipos de gênero] são muitos e se revelam das mais variadas maneiras. Por exemplo, quando se diz que as garotas têm mais talento para as artes ou que os meninos são melhores em esportes. Agora estou estudando como os garotos se tornaram um grupo discriminado em classe, devido à ideia antiga de que não são tão aplicados e caprichosos quanto as garotas. Descobri que, na verdade, é comum que eles aprendam em casa menos sobre essas habilidades e cheguem à

escola menos preparados para lidar com o próprio aprendizado. (Bettina HANNOVER, 2014)

O que importa na educação é liberar talentos individuais e melhorar seus pontos fortes, de modo que o aluno possa viver uma bem-sucedida vida de empreendedor criativo. Isso se torna ainda mais importante no século XXI. O PISA não mede as características que serão mais importantes para a nossa vida no futuro. [...] Enquanto o PISA for utilizado para medir a qualidade da educação, a tendência é de que os países hesitem em fazer qualquer mudança capaz de afetar sua posição no *ranking* da avaliação internacional. (Yong ZHAO, 2014)

ESTILO

Se eu pudesse, por exemplo, reformular a pós-graduação, eu o faria em termos medievais. Como está agora é uma besteira. Você manda os alunos fazerem uma série de cursos, obterem uma série de conhecimentos, achando que isso vai produzir o cientista. Na Idade Média, eles sabiam que não era assim. Como é que você aprende? Você põe dez pessoas vivendo com um cara, o mestre. Ele trabalha e as pessoas ficam por ali: “Olha, faz isso um pouquinho... ah, assim não está bom, faz daquele jeito...”. Um estilo artesanal. (Rubem ALVES, 1987)

Não existe uma fórmula única para a conquista da disciplina, da mesma maneira que os estilos dos professores não são iguais. Dar socos na parede pode ser uma solução para alguns. Eu, por exemplo, tive um que delicadamente depositava um revólver sobre a mesa quando os alunos se agitavam. Era um santo remédio. Mas longe de mim recomendar uma solução dessas. Lembremo-nos de que a indisciplina viceja quando a motivação dos alunos é menor. Curso interessante e cativante tem menos problemas. (Claudio de Moura CASTRO, 2000)

A tradição autoritária da gestão da sociedade, dos movimentos sociais e da escola e sobretudo dos seus docentes não mudou com o discurso da gestão democrática. Continua o velho estilo de gestão através de leis, portarias, pareceres, regimentos, provões, parâmetros. O campo da educação é um dos campos sociais mais regulamentados. Uma aparente gestão autônoma dos recursos da caixa escolar não mudou a cultura e o estilo tutor na escola. (Miguel ARROYO, 2001)

Continuo tentando compreender melhor o funcionamento dos sistemas e das tecnologias de escrita. Indagações urgem a respeito dos modos de comunicação e estilos que estão sendo criados. Um exemplo é o *chat*, que parece um intercâmbio informal, cara a cara, só que por texto. Outro é o *e-mail*, que não é uma carta em papel nem um telegrama. Essas novas formas de diálogo possuem propriedades que não conhecemos. São temas a ser pesquisados. (Emilia FERREIRO, 2001)

Existem indícios de que os professores mais jovens de hoje são mais fleumáticos em relação às mudanças do que seus colegas mais velhos e mais impiedosos em relação à proteção de sua vida e de seu estilo de vida depois que deixaram o prédio da escola para trás. Afora essa mudança nas gerações, as escolas colaborativas são mais eficazes para auxiliar os professores a manterem um equilíbrio. (Andy HARGREAVES, 2001)

Outro passo fundamental é descobrir qual o estilo de aprendizado de cada pessoa. Existem tipos bem distintos de pessoas, que percebem o mundo com ênfase nos aspectos visual, auditivo ou sinestésico. Essas categorias não significam que a pessoa aprende apenas dessa ou daquela maneira. Apenas que possui maior ou menor afinidade com alguma forma de comunicação. (Claude FRASSON, 2003)

Os estilos saem do ovo da sua própria necessidade. Ensine-se a pensar claro e a escritura será clara. E, já agora, gostaria que houvesse uma luta implacável contra o erro de ortografia. A língua é uma ferramenta de comunicação – de todas a mais perfeita –, e as ferramentas (pergunte-se a um operário) têm de estar limpas e em condições de trabalhar eficazmente. (José SARAMAGO, 2003a)

Um aspecto importante, por exemplo, é o de usar uma grande variedade de métodos para avaliar, e não apenas um. As pessoas aprendem de formas diferentes, têm estilos de aprendizagem diferentes. Se estou ensinando Ciências, e sei que determinado aluno é muito bom em escrita, é justo negar a ele a chance de escrever em Ciências? Não, nós podemos dar alternativas. (Dale ARMSTRONG, 2004)

Para as crianças menores, a importância das ilustrações é central, já que lhes possibilita “ler” pessoalmente uma história. Portanto, parece imprescindível prestar atenção ao estilo e às características gráficas dos livros para os pequeninos, que se interessam especialmente pelas imagens, embora também ouçam com atenção a leitura do texto realizada pelo adulto. (Enzo CATARSI, 2005)

A criança [com medo] fica ausente em sala de aula, pois sua atenção está em tentar resolver o problema doméstico. Mas nem sempre a criança responde ou reage efetivamente a esse medo, e muitos professores acham que é um estado natural, que a criança apenas não está interessada na matéria. Ou que o problema tem a ver com o estilo dele de dar aula, sua competência como docente. (Roberto ZIEMER, 2005)

Os estilos educativos variam profundamente entre os diferentes países. A França favorece mais o estilo impessoal. Não me parece que a escola deva se interessar demais pela vida pessoal dos alunos. Por outro lado, as pedagogias mais eficazes são aquelas que individualizam o trabalho dos alunos e que levam em conta o ritmo pessoal de cada um. (François DUBET, 2010)

Até pouco tempo, pensava-se que existiam “crianças visuais”, “crianças auditivas”, “crianças cinestésicas” e que, por isso, deveriam ser ensinadas com estilos diferentes para potencializar seus talentos específicos. E é curioso que se tenha dito aos professores que seria muito bom rotular as crianças como “V”, “A” ou “C” para focalizar ensinamentos específicos. Isso foi abandonado na prática. (Francisco MORA, 2010)

Eu comecei a procurar uma linguagem que não fosse aquela coisa infantilóide, e acho que encontrei esse estilo em grandes autores que escreveram para crianças também, como o Graciliano Ramos. *Alexandre e Seus Heróis* foi um desses livros que me ensinaram como tratar a criança como um leitor, provável consumidor de literatura. Acho que foi assim que consolidei o meu estilo, longe do “nhenhém” infantilóide e me amparando nos grandes autores. (Joel Rufino dos SANTOS, 2010)

Sofri diversas dificuldades enquanto estive na escola, pois nem de longe eu era o estudante perfeito. Tinha dificuldades para ler e escrever, mas adorava desenhar. O engraçado é que meu estilo [de ilustração] na época já era bem parecido com o que faço hoje. Mas meu professor de Artes achava que eu precisava aprimorar minha técnica e eu não estava interessado nisso. Seu conselho, então, foi que eu desistisse. (Todd PARR, 2014)

A obrigação da escola é a de garantir a coerência do processo educacional, o que implica, sem dúvida, o estabelecimento de formas de ensino próprias da escola.

A metodologia de uma instituição educacional nunca pode ser a soma dos métodos díspares dos professores da instituição. Pelo contrário: é a metodologia da instituição que deve ser utilizada pelos professores conforme seu estilo pessoal. (Antoni ZABALA, 2014)

ESFORÇO

O magistério tem conhecimento do que é preciso ser feito, tem conteúdo e tem conhecimento didático-pedagógico, mas não os pratica porque são custosos. Dá trabalho preparar uma boa aula, é trabalhoso convencer os colegas a fazer uma articulação no âmbito da escola, um projeto educacional novo, tudo é custoso. E as pessoas sabem disso. Sabem do custo individual de cada um, fora o custo coletivo. Para que esse esforço todo, se daqui a pouco vai mudar de novo? (Luiz Antonio CUNHA, 1995)

Não tenho nada contra quem faz coisas muito bonitas no computador, mas pode ser muito cedo ainda. Mais grave do que isso é toda a propaganda em cima do computador, que resulta nessa dependência. Tenho o maior respeito pelo esforço educacional que fazem no Paraná, por exemplo, mas um dos programas deles é ter 30 mil computadores no estado. Os professores não sabem o que fazer com esses computadores! (Maurice BAZIN, 1997)

Ninguém verifica os esforços que um professor faz em um dia, em dois, três... e que, se depois de vinte dias ele tem uma pequena falha, essa falha é apontada por todo mundo, seja pelo inspetor, pelo diretor ou pelo pai; todo mundo vai dizer a ele: “Olha como você está agindo mal”. Mas todas as coisas que ele faz bem, e às vezes com muito esforço, não são reconhecidas por ninguém. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Numa sociedade em que as diferenças de classes ficam muito reduzidas, haverá um desaparecimento da cultura erudita e da popular. E surgirá uma nova cultura. Isso é possível. A função do Estado é fazer um grande esforço econômico e social para que no plano cultural o hiato diminua. De tal maneira que, no fim de certo tempo, o popular se torna erudito e o erudito se torna popular. (Antonio CANDIDO, 2002)

Colocamos em nossa Constituição o que havia de melhor nas normas internacionais. Fizemos o mesmo com as constituições de todas as unidades federadas, repetindo a façanha em milhares de leis orgânicas municipais. Não conheço, em todo planeta, nenhum esforço de elaboração legislativa de tal envergadura. [...] Os municípios, hoje, investem nessa área mais do que em qualquer outro período de nossa evolução histórica. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

O que me impressionou muito – e era algo que eu já sabia e que agora pude confirmar – é o esforço que o Brasil fez para lutar contra o HIV, o vírus causador da Aids. Eu visitei o centro de tratamento hoje e fiquei muito impressionado com a qualidade das análises e com a abrangência dos tratamentos e da prevenção. Está muito claro para mim que muito do que o Brasil tem feito, e feito de maneira correta, nós precisamos aprender. (Jean-Louis SARBIB, 2004)

Os professores têm de estar ideologicamente convencidos de que aquelas são variedades linguísticas – e não línguas mal faladas. Os professores têm de ter bem claro que o que a criança está falando não é não-gramática, mas sim uma outra gramática; não é não-léxico, mas sim outro léxico. Por isso o esforço de aprendizagem tem de ser mútuo. [...] O professor tem de aprender para entender

o que a criança está dizendo e também para entender por que a criança se equivoca. (Liliana TOLCHINSKY, 2004)

Os alunos entendem muito bem o grau de intensidade e de vida que um professor põe em seu trabalho. Perdoam mais a falta de conhecimento ou de experiência do que a falta de motivação. Ademais, essa falta de motivação do docente contagia o aluno e acaba assumindo padrões de comportamento bastante similares aos de seu professor: tampouco ele se aplica e reduz seu trabalho a cumprir com o que lhe exigem, sempre sob a perspectiva do mínimo esforço. (Miguel ZABALZA, 2004)

Um líder precisa acreditar nas pessoas com quem trabalha, para juntos criarem o tipo de poder e energia que permitirá a confiança nos alunos. Assim, milagres acontecem. Em muitos sistemas, especialmente em governos, é feito um esforço para implementar mecanismos de controle. Na escola, se os diretores tentam controlar os professores, estes fazem o mesmo com os estudantes. Por isso que, nas salas de aula de hoje, os alunos estão tão ocupados evitando os professores que não tentam comunicar-se com eles. (Boudewijn van VELZEN, 2006)

Os [estados] que já estão numa posição mais alta do que a média terão uma meta acima da média [do IDEB]. É o caso de São Paulo, por exemplo. Já a meta de um estado como a Bahia é menor que 6, porque eles estão numa situação diferente. O compromisso é com o esforço que cada um tem de dar para que o Brasil atinja a média 6. E esse “esforço” deverá ser mais intenso para quem está abaixo e menos intenso para quem está acima da média. Dessa forma, a desigualdade regional diminuirá. (Reynaldo FERNANDES, 2007b)

Se o País tomar a decisão de, nos próximos 20 anos, fazer um grande esforço para um processo educacional melhorar, poderemos começar a baixar o percentual do PIB dedicado à educação. É preciso esforço localizado agora. Aplicando 7% do PIB, em 2030 você tem um investimento de 4.132 dólares por pessoa, porque o PIB vai aumentar e a população vai diminuir. E, em 2050, vamos chegar em 6.865 dólares, comparável aos países desenvolvidos hoje. (Nelson Cardoso AMARAL, 2011)

Veremos melhorias maciças no desempenho dos alunos e também na confiança dos professores. Contudo, não devemos parar no professor. [...] Os alunos também se beneficiam do conhecimento sobre o próprio cérebro, o que pode mudar sua visão da aprendizagem. Mais especificamente, os alunos podem deixar de acreditar que apresentam certas habilidades e certas fraquezas para adotar uma postura em que acreditam ser possível aprender mediante esforço. (Daniel ANSARI, 2012)

Na Educação 3.0 o aluno é o foco de nossos esforços educativos, e eles sabem que serão recompensados pela descoberta de novos padrões e relacionamentos. As escolas do Brasil do futuro não devem seguir necessariamente modelos das escolas americanas, europeias ou asiáticas. O Brasil precisa desenvolver seu próprio modelo para a Educação 3.0 para preparar e formar os trabalhadores e cidadãos que precisa para dar continuidade ao seu crescimento. (Jim LENGEL, 2013)

A escola também pode acabar com a impressão corrente de que livros e escritores são entidades sagradas e, portanto, mortas, intocáveis, irrealis, e fazer com que as crianças percam o medo de acessá-los. Não há nada de olímpico em um escritor, não há nada de divino na literatura. Ler exige esforço e atenção, mas não é doloroso, não é um sacrifício, um tributo obrigatório que pagamos às coisas passadas. É parte da vida e uma de suas melhores partes. (Miguel SANCHES NETO; Felipe BELÃO; Luís Henrique PELLANDA, 2014)

Uma das poucas evidências seguras reveladas em pesquisas educacionais é que a reprovação tem efeitos negativos na aprendizagem dos alunos e provoca mais reprovações. Os docentes seguem apegados à prática pela ideia de mérito, talento e dom. Para muitos, é justo reprovar quem não se encaixa nesse perfil. Mérito e esforço são importantes, mas sabemos que há estudantes que não alcançam o que se espera deles por causa de sua origem social. (Antônio Augusto BATISTA, 2017)

COMPROMISSO

Não acho que para apresentar um bom nível e ser bom para a criança o programa [de TV] tenha necessariamente o compromisso de ensinar alguma coisa. É o que a literatura vem fazendo há muito tempo e que explica por que a criança se afasta dela. É uma literatura comprometida em passar uma mensagem, uma literatura moralista – ou pedagógica –, que sempre procura ensinar alguma coisa. (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

Nossa universidade tem a tradição de lidar com certas ordens de questões e desprezar outras. Desprezamos, justamente, aquelas mais práticas, que exigem trabalho de campo e um compromisso maior com o que acontece na realidade educacional brasileira. É evidente que fica mais fácil se eu faço um trabalho recorrendo a outras obras, outros livros. Um trabalho feito assim me dá um resultado de um tipo, bastante diferente daquele que eu teria se tivesse ido à rede para saber o que está acontecendo ali. (Jorge NAGLE, 1992)

Não é uma boa ideia treinar pessoas e sim perguntar primeiro para elas o que precisa ser treinado. Só depois treiná-las. O compromisso com as mudanças cresce com o saber fazer. Primeiro, tem de ter compromisso, depois a experiência. [...] Sabemos que mudanças vão ocorrer sempre, até pela alternância do poder político. As novas administrações introduzem novas políticas educacionais. E acontecem crises normais, com queda de desempenho dos professores. (Boudewijn van VELZEN, 2003)

Há países, como o Brasil, que não têm recursos, porque a boa educação é uma educação cara. Mas é possível renunciar a educar os jovens e as crianças? Se a boa educação é cara, a má educação é ainda mais cara. Por isso, é vital convencer a sociedade da importância da educação. A educação exige um desembolso econômico considerável, exige uma boa preparação dos professores, exige todo um compromisso social. Não temos nenhuma alternativa. (Fernando SAVATER, 2007)

Toda sociedade deve estar comprometida com a formação do leitor, pai, mãe, avô, tio, centro cultural, associação de moradores, a igreja. O compromisso é de todos, mas, se estamos falando da rede pública, cada escola deve estar preocupada com isso, não é somente a secretaria de educação pública. A secretaria deve estar muito atenta ao fato de ter ou não ter entre seus professores uma experiência de leitura profunda, agora cada escola tem que investir muito nas práticas de leitura, que devem ser vividas pelo professor com os alunos. (Eliana YUNES, 2010)

A educação é um bem social que precisa estar disponibilizado para todos aqueles que o buscam, com pressupostos de qualidade e também de justiça social. Nós não podemos ter a partir daí nenhum tipo de ação contraditória, de preconceito. Temos compromisso com ensino superior de qualidade. Não existe nem existirá modelo único, ou seja, nós não vamos conseguir jamais e nem poderemos ter essa pretensão que um segmento tivesse 100% dos estudantes, não é bom. Precisamos ter cada um com sua vocação, ensino público e privado. (Luiz Cláudio COSTA, 2011)

Propostas ruins geram o desinteresse pela escrita. Muitas vezes, as crianças não se sentem motivadas devido à solicitação que recebem dos professores. Se há um bom convite, a tarefa tende a se tornar prazerosa e, quando alguém sente que algo representa um desafio, muito provavelmente toma aquilo como um compromisso pessoal. Sei que às vezes temos dificuldades em propor situações e temas suficientemente atraentes e de garantir que todos do grupo sejam mobilizados. Mas temos de seguir afinando a maneira de conceber esse compromisso. (Ani SIRO, 2011)

Mais da metade da população consultada [por uma pesquisa] considera que a educação irá melhorar nos próximos anos. Apenas 10% optaram por dizer que pioraria. Isto significa que os cidadãos confiam no compromisso da sociedade e dos poderes públicos com a educação. É um dado muito importante, pois as expectativas positivas são um estímulo para o progresso e uma exigência para que exista um maior cuidado com a educação. (Alvaro MARCHESI, 2012)

Na profissão docente é eticamente necessário um grau de compromisso, que vai além do que a lei pede para seu exercício, porque é preciso agregar valor. Esse compromisso tem uma dimensão emocional e outra social. Nenhuma educação existe sem o amor como um de seus componentes, porque esse sentimento gera confiança, que é algo fundamental na relação educativa. (Joan Manuel del POZO, 2012)

[No Japão,] os pais participam, ajudam e, acima de tudo, educam pelo exemplo. Essa é uma ação fundamental: a conscientização dos pais sobre como ocorre a educação. É preciso que eles compreendam que seus filhos não são educados apenas dentro das escolas, mas também fora delas. Isso amplia a visão dos pais sobre a sua própria importância no processo de formação de seus filhos e, conseqüentemente, gera compromisso e envolvimento maiores. (Kazushiro YOSHIDA, 2012)

O que eu acho grave é a compra de universidades por grupos empresariais. Esses não têm compromisso com a educação, o interesse é apenas o negócio. O dia em que a educação superior não for um bom negócio no Brasil ou na América Latina, eles vão investir em outro lugar qualquer do Planeta. Acho que nós temos que combater isso. [...] Infelizmente, no que diz respeito às grandes fusões de grupos empresariais no campo da educação, a legislação brasileira ainda é muito frouxa. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

A qualidade de um planejamento não está na tipologia, na formulação, mas na ação do educador. Depende, em muito, do seu compromisso e da sua formação, da qualidade das interações que mantém com o grupo de crianças, do repertório de informações e experiências que construiu, das relações que estabelece com o conhecimento, dos valores nos quais acredita. Nesse sentido, não se trata de buscar a melhor maneira de planejar, como se existisse um modelo absolutamente seguro, fechado em si mesmo. (Luciana Esmeralda OSTETTO, 2015)

Há um compromisso comum, que é a formação do cidadão, a garantia do seu acesso aos bens de cultura, assim como a possibilidade de recriação desses bens pelos indivíduos. Ou seja, ser gestor de uma instituição educacional é muito

diferente de gerir uma empresa, visto que o que está em jogo é o próprio objeto com que se trabalha, que é o compromisso com a educação, com a transformação dos sujeitos. Isso é comum a todos os níveis educacionais. (Mônica PINAZZA, 2015)

O grande desafio do professor é assumir o compromisso com sua própria formação (autoformação) e com a formação dos seus alunos, buscando subsídios e mobilizando recursos para formar alunos capazes de agir como cidadãos letrados. Para tal, o professor deve estar ciente do papel da linguagem como fator determinante de mudanças e de construção de sentidos nas práticas do cotidiano, em que se implicam demandas de leitura e de escrita. (Angela KLEIMAN, 2018)

No Brasil, os formuladores da Base [Nacional Comum Curricular] produziram documentos amparados, ao menos nos pontos principais, em propostas e caminhos didáticos e pedagógicos semelhantes aos propostos aqui na Espanha. Pelo que sei, há no Brasil, ao menos em tese, em registro, o compromisso de respeitar as peculiaridades e, mais profundamente, as diferenças regionais e municipais de um país tão grande. (Antoni ZABALA, 2019)

OBRIGAÇÃO

A nossa universidade, instituição pública, que vive à custa do dinheiro público, tem a obrigação de não só construir o conhecimento, mas também de socializar esse conhecimento. Na universidade, entretanto, socializar é entendido, muitas vezes, como uma divulgação entre os pares, ou seja, as pessoas se contentam em publicar artigos nos periódicos especializados, lidos apenas no meio acadêmico. (Magda Becker SOARES, 1995)

Os ambientalistas se julgam na obrigação de conscientizar as crianças sobre meio ambiente e ecologia. Essa obrigação deve de fato existir. Mas muitos começam a escrever literatura com o objetivo primário de ensinar ecologia e, às vezes, não conseguem articular bem a coisa. O resultado é má literatura. [...] Nem em nome da ecologia, da conservação da natureza, um escritor tem o direito de aborrecer uma criança com um livro chato, feito só para ensinar coisas. (Angelo Barbosa Monteiro MACHADO, 1996)

É obrigação da escola educar numa dimensão ética, formar para a cidadania, consolidar a democracia. No entanto, vivemos numa sociedade capitalista neoliberal, onde a competição coloca-se como valor supremo, ao lado da acumulação da riqueza. A escola deveria ser uma comunidade de crítica a esse sistema, sobretudo por ser ele desumano e excludente. (FREI BETTO, 2000)

Formar-se é uma obrigação do professor. Organizar a formação é uma obrigação da Prefeitura. Faz parte do horário de trabalho. A experiência de escolher uma pessoa de cada escola para tais momentos de capacitação não funcionou. A formação tem de ser feita com o grupo que trabalha junto. É um apoio ao trabalho, e ajuda a descobrir aquilo que o professor já sabe, mas não teve tempo de elaborar. (Tullia MUSATTI, 2003)

O desafio do controle público democrático cada vez é mais consistente e, por exemplo, a maior parte dessas denúncias [de desvios] do FUNDEF veio exatamente dos precários conselhos de acompanhamento. [...] Se [o FUNDEF] é oriundo de recurso público, sobre esses recursos também deve haver um controle público e democrático. Isso não significa nenhuma intervenção dentro da empresa, mas a obrigação do Estado e da sociedade de controlarem qual é o resultado desse investimento que é socializado, embora tenha apropriação particularizada. (Carlos ABICALIL, 2004)

A obrigação de deixar o corpo estático, sem movimento, pode ser uma das causas da hiperatividade – um dos distúrbios de aprendizagem mais comuns hoje em dia –, de manias e de comportamentos repetitivos sem significado. Pode ser também um dos componentes de quadros de anorexia, de bulimia e de depressão infantil. Isso sem falar das dores corporais que a falta de atividade às vezes traz. (Esteban LEVIN, 2005)

O que falta é as secretarias de educação, que se arvoram em defensores do público, trabalharem direito. É questão de gerenciamento. Na hora em que ela disser “eu quero isso, eu preciso disso, só vou admitir quem souber isso”, aí a formação será adequada. É bobagem ficar trabalhando com a oferta se você não regula pela demanda. Como é que eu ensino equação? Como é que eu ensino

pontos cardeais? Pergunte isso, ao invés de perguntar o que Piaget pensava. Se é pedido algo concreto, o cara se sente na obrigação de aprender! (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

Se pensamos as habilidades do século XXI podemos definir como o professor tem de ensinar, o que o aluno tem de fazer e incorporar insumos tão importantes e caros como a tecnologia. A Argentina vai distribuir 3 milhões de laptops para alunos da escola secundária. É um investimento enorme. O Uruguai tem todos os alunos do primário com laptops. A pergunta sobre o uso dos *tablets* não deve ser se devemos trazer a tecnologia ou não, mas como os *tablets* se integram na escola que queremos. Essa é obrigação que nós temos. (Marcelo CABROL, 2011)

Não queremos alunos para conservar e fortalecer as escolas e, com elas, os professores; ao contrário, queremos uma profissão docente e uma organização escolar a serviço da aprendizagem. Portanto, é obrigação da instituição e da profissão buscar as vias mais eficazes para integrar as TICs e convergir com elas, porque elas estão aí como novos recursos de aprendizagem com grandes possibilidades e porque os alunos já convivem com elas e vão conviver pelo resto da vida. (Mariano Fernández ENGUITA, 2012)

Na Colômbia, tal como em outros países, incluindo o Brasil, uma característica antiga da Educação marca a aproximação desse público com os livros: o ato de ler é orientado para fazer provas. Isso vincula a literatura à aprendizagem memorizada e à ideia de que os livros precisam estar sempre ligados à escola e à obrigação de ler para fazer algo depois. Os jovens leem e escrevem bastante, mas têm pouco contato com os livros na vida fora da escola. (Yolanda REYES, 2012)

A Lei de Responsabilidade Educacional coloca diretrizes claras para que o gestor público saiba o seguinte: gastar contabilmente o dinheiro público não é mérito, é obrigação. Já gastar bem é mérito. O combate ao mau uso do dinheiro público tem que ser levado até as últimas consequências para que se garanta uma educação de qualidade. Precisamos criar, cada vez mais, a cultura de responsabilizar quem lida com o dinheiro público para que gaste de forma correta, de acordo com os interesses da escola, e não com outros fins. (Mozart Neves RAMOS, 2013)

[No Canadá] a educação está disponível para todos em inglês ou em francês. As escolas inglesas têm a obrigação de oferecer ensino em francês e as escolas francesas têm de oferecer ensino em inglês. Não existem regras padronizadas em relação ao ensino de outras línguas. [...] As crianças vão aprender esses idiomas e estabelecer conexões com suas famílias, culturas e origens. (Ellen BIALYSTOK, 2014)

Eu, como psicopedagoga, e nós, psicopedagogos, temos a obrigação e o dever ético de poder dar nossa contribuição. Denunciar a medicalização da saúde porque é necessário encontrar, primeiro, a causa desse mal-estar, em vez de tapar o sol com a peneira, tentar ocultar. É nosso dever social. Por exemplo, dizem que distração não é o mesmo que estar distraído. A pessoa pode estar desatenta, criança ou adulto, por múltiplas causas. (Alicia FERNÁNDEZ, 2014)

A gestão pública brasileira precisa e merece ter mais recursos. Agora, qualquer que seja esse montante, deve ser mais eficiente. Temos a obrigação de pensar como é que a gente funciona melhor com o recurso dado, o que sempre é possível. Não gosto de dar receita, porque cada rede tem suas prioridades, deve-se olhar para os problemas e as soluções locais de cada estado e município, assim como de cada escola. (Maurício Holanda MAIA, 2014)

A escola precisa estar ciente de suas obrigações. Oferecer educação especial através do atendimento educacional especializado não é uma benesse de algumas escolas; é obrigação dos sistemas de ensino. A escola tem de buscar esse atendimento, os recursos e instalá-los. Também deve buscar professores especializados, embora muitos deles ainda prefiram atuar como professores de educação especial à moda antiga, dando aulas de reforço de matemática, por exemplo. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2015)

RESPONSABILIDADE

E mesmo que a greve seja enorme, o Estado consegue ainda tirar vantagens dela. As escolas ficam limpas durante a greve, a secretaria põe seu trabalho em ordem e o Estado ainda economiza com pagamento de luz e às vezes até com pagamento do professor, que tem os dias parados descontados do salário. E, mais grave: o Estado joga a população contra os professores, imputa a eles a responsabilidade pelas mazelas do ensino público e se isenta da culpa que ele tem em relação à educação. (Sônia Maria Portella KRUPPA, 1992)

Eu sou responsável como educador com relação a esse núcleo básico que nos marca, que nos caracteriza – e que se constituiu histórica e socialmente e não *a priori* da história –, que é a vocação de ser mais. A minha responsabilidade é com isso. Por isso falo em ontologia. Eu sou responsável na minha prática educativa no sentido de ajudar-me e ajudar o outro a ser mais. E não é possível ser mais sem libertação. Então, a pedagogia da libertação é profundamente responsável. (Paulo FREIRE, 1993)

Nos EUA, há dois grandes grupos envolvidos na discussão sobre Educação Sexual, um que apoia a divulgação da informação completa e que o adolescente escolha seu caminho; e outro grupo que não ensina sequer o uso da camisinha e prega a abstinência. [...] Nós não acreditamos que abstinência seja algo a ser ensinado para adolescentes – embora não sejamos contra, de jeito nenhum. [...] Preferimos, em vez disso, conscientizar o adolescente sobre suas responsabilidades. (Marta SUPLICY, 1994)

O importante é que o professor de música seja competente e saiba ensiná-la, senão a aula pode ficar muito chata. E deve-se valorizar muitíssimo o canto coral. Até o nível em que se chega na Alemanha, que é o de formar um coral de Bach a quatro vozes, por exemplo. Toda escola deveria ter um coral. A educação coral em nível escolar é um poderoso auxílio para estimular, nos jovens, o sentimento da disciplina, da fraternidade humana e da responsabilidade do indivíduo na comunidade. (Sergio MAGNANI, 1999)

Acho que devemos todos, de fato, estar atentos para a questão de que talvez o Brasil esteja jogando nos ombros da escola e da educação uma responsabilidade grande demais. É preciso que os agentes da educação saibam balizar essa questão e gerar um alerta à sociedade. Nem tudo a escola pode resolver, nem tudo o professor pode resolver. Daqui a 20 anos, que ninguém fale: “porque colocamos tudo nos ombros da educação não conseguimos avançar”. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

Essa redução do todo – a educação – ao que na realidade é apenas uma de suas partes – a educação escolar – deu lugar a um fenômeno de desresponsabilização social diante da educação, particularmente nos países e nas sociedades em que se alcançou efetivamente a generalização da educação básica e obrigatória. Em boa medida, houve – e há ainda – um certo abandono da responsabilidade social e coletiva na educação e formação das novas gerações, confiada e exigida, de forma praticamente exclusiva, às escolas e aos professores. (César COLL, 2002a)

Aqui nos Estados Unidos, os conservadores não hesitam em atribuir a culpa pela crise de valores ao colapso da família nuclear tradicional. Os professores também gostam de desviar as questões para o colapso da comunidade em torno da escola. Todos têm alguém para culpar. Como educador, pesquisador e escritor, eu me pergunto: como posso responder? Como posso engajar os outros no trabalho pela paz? Como professores e intelectuais transformadores, esta é a responsabilidade que temos. (Peter LUCAS, 2002)

Não podemos tampouco deixar fora de nossas considerações a ética profissional: necessitamos fazer as coisas o melhor possível porque de nossas atuações se derivam fortes consequências para nossos alunos. Essa é nossa responsabilidade e, por isso mesmo, não o fazer, não utilizar a avaliação como recurso de melhora de nossas práticas, acaba constituindo uma irresponsabilidade de nossa parte. (Miguel ZABALZA, 2004)

A responsabilidade [por uma criança não alfabetizada] é de todo o sistema, não apenas do professor. Quando a escola acredita que a alfabetização se dá em etapas e primeiro ensina as letras e os sons e mais tarde induz à compreensão do texto, faz o processo errado. Se há separação entre ler e dar sentido, fica difícil depois para juntar os dois. [...] Todo educador precisa saber os motivos pelos quais a alfabetização não ocorre. (Ana TEBEROSKY, 2005)

A minha expectativa é que a população cobre do prefeito para que haja uma melhoria na educação. O prefeito, por sua vez, vai cobrar do secretário e esse, dos diretores. E não é só cobrar, mas também dar condições porque há um programa de responsabilização. Quem é responsável? O professor, os pais, o secretário municipal, o estadual, o governo federal, ou seja, todo mundo tem que ter responsabilidade. Mas é preciso dividir e mostrar claramente a parte de cada um, senão o sistema é falho. (Reynaldo FERNANDES, 2007a)

Existem pais que não fazem esforços para que seus filhos obtenham sucesso. Mas eles não sabem fazer de outra forma. Eles mesmos, às vezes, foram pouco escolarizados ou simplesmente não foram. A maior parte dos pais que eu entrevistei me dizia: “Eu desejo que meus filhos tenham sucesso na escola e que não tenham a mesma profissão árdua, suja e mal paga que a minha”. Então, não se pode colocar a responsabilidade sobre a família. (Bernard LAHIRE, 2010)

É preciso descartar definitivamente a ideia de que a reprovação é uma estratégia que contribui para o aprendizado do aluno. Pelo contrário. A reprovação obriga o aluno a repassar os mesmos conteúdos do ano anterior, gerando desinteresse pela escola, desestimulando o estudo e causando na criança/adolescente um sentimento de inferioridade perante os pares. Ou seja, recai sobre o aluno toda a responsabilidade pelo seu fracasso escolar. (Anna Helena ALTENFELDER, 2012)

Faço supervisão com o psicanalista Leopoldo Mosé, que nos conta algo interessante, a metáfora do avião. Ao trabalhar, temos de nos lembrar da instrução “em caso de despressurização da cabine, coloque primeiro a máscara em você e depois ajude a pessoa ao lado”. Quer dizer, se o educador não perceber primeiro o que é responsabilidade dele, vai morrer sem ar e a criança ao lado dele também sucumbirá sem auxílio algum. (Maria Cristina MANTOVANINI, 2012)

O que importa é que a escola assuma a responsabilidade pelo aluno e que os pais o façam pelo filho. Uma instituição não substitui a outra, nem pode condicionar seu dever de educar à atuação da outra. [...] Um professor não é pai ou tio ou psicólogo. É professor. É nessa condição que educa os jovens e intervém em suas vidas. Alargar em demasia o escopo de sua atuação pode resultar em frustração e abandono daquilo que lhe é específico: a formação escolar. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2013)

Ponha-se no lugar de um professor que se esforça, trabalha muito para conseguir resultados, mas ao seu lado seus colegas não fazem o mesmo. O que você faria? Em muitos casos, incentivos podem mudar uma situação para um patamar melhor. Veja que incentivo é qualquer estímulo que se queira adotar, ou seja, falamos de uma definição ampla e não apenas financeira. O objetivo final é fazer que o professor aumente o senso de responsabilidade sobre seus colegas e seus alunos. (Richard MURNANE, 2013b)

VOCAÇÃO

Ser professor também é, antes de mais nada, uma questão de vocação. Se você não tiver vocação, se não conseguir ficar fascinado com aquilo que está acontecendo, com o processo de transformação, naquela classe, naquela hora em que você está com os alunos, então você não consegue ser um bom professor. Agora, se você tem vocação, os artifícios da Psicologia, da Didática, podem ajudar. (Rubem ALVES, 1987)

A gente tende a esquecer que o primeiro momento da formação é quando ele [professor] ingressa na escola como aluno. Daí sua tendência, mais tarde, a tentar reproduzir o tipo de ensino que ele próprio recebeu. Este é o primeiro momento: como desconstruir algo tão fortemente cristalizado? Eu acho que precisamos recomeçar da ideia de atividade intelectual dos próprios professores enquanto profissionais do ensino. É preciso sair de uma definição do professor em termos de vocação, para entrar em uma definição do professor em termos de profissão. (Bernard CHARLOT, 1996)

Na verdade, não escolhi ser professora. Fui me tornando educadora na medida em que a escola, as crianças, o convívio com outras professoras foram me envolvendo. Fui me comprometendo até que, num determinado momento, me dei conta de que aquilo era a coisa mais importante na minha vida. Nunca percebi em mim a vocação antes da prática de professora. A “vocação” foi sendo construída na prática coletiva e na reflexão sobre essa prática. (Regina Leite GARCIA, 1997)

[Paulo Freire] não acreditava na vocação, mas numa certa aptidão que era trabalhada, autoestimulada, e acreditava também numa vontade, junto com as oportunidades reais, para a pessoa poder realizar seu sonho. Nós não nascemos destinados a isso ou aquilo. Paulo sempre falava na possibilidade de ser. Eu vi esse processo nele, trabalhando e lutando pela possibilidade de ser professor e de ser gente. (Nita FREIRE, 1998)

O problema é que nas sociedades em que vivemos as pessoas não se movem apenas por ideais, mas também por uma condição mínima de sobrevivência. Nós, professores, temos uma fraqueza: nos sentimos recompensados não só pela gratificação financeira, mas principalmente pelo sorriso e pela evolução das crianças. Mas isso não pode funcionar apenas com essa vocação. [...] À medida que os anos passam e os compromissos familiares aumentam, não se pode continuar como mártir. (Antoni ZABALA, 1998)

Um dos papéis fundamentais do professor é oferecer o máximo de informação [ao aluno]. Ajudá-lo a pensar. Fazer em sala de aula pesquisas sobre carreira, realizar expedições em empresas para que os estudantes vejam na prática o que faz o arquiteto, o engenheiro, o médico, o massagista, o fisioterapeuta. A maioria das pessoas vai passar por duas ou três carreiras ao longo da vida. Se o aluno ainda não descobriu a vocação, ele deve fazer uma faculdade de qualquer coisa. (Simon FRANCO, 2003)

Quem vai para a faculdade tem o anseio de melhorar de vida. Se for dar aula no ensino básico, ganhará um salário miserável. O egresso de boas universidades

públicas dificilmente dará aulas em cursos públicos de base. Além disso, é preciso ter vocação. Os que a têm são exceções. Nas escolas de periferia, por exemplo, há o problema do transporte, a violência, a falta de condições de trabalho. Isso não atrai. E não é só no Brasil, não. (Maria Luiza MARCÍLIO, 2005b)

A palavra vocação vem do latim *vocare*, atender a uma voz, a um chamado. Costumo fazer com os profissionais um exercício muito simples, buscando, em suas retrospectivas de vida, o que desde muito pequenos gostavam de fazer. [...] Crianças que brincavam de loja, de oficina, de montar e desmontar objetos de mão-de-obra, de trator e assim por diante, são hoje profissionais de venda, donos de loja, engenheiros de projeto, mecânicos, etc. (Constança Meirelles VIEIRA, 2006)

O descaso com o magistério no País é tão gritante e histórico que eu começaria o trabalho por duas providências: em primeiro lugar, respeitaria o piso nacional. Em segundo lugar, proporia um plano de carreira adequado, com progressão, aperfeiçoaria o concurso público e também tornaria obrigatório o período probatório. Quer dizer, só efetivaria o professor depois de verificada a sua vocação para o magistério. (Fernando HADDAD, 2007b)

O professor que é repetidor de informações e conteúdos pode desempenhar com sucesso seu trabalho e nem mesmo perceber que há algo de errado em sua performance. É preciso ter vocação e talento, e é exatamente por isso que alguns prosseguem e outros simplesmente permanecem, cuidando para que nada se modifique. Aliás, se temem a própria transformação, quem dirá lidar com as das pessoas que tem a seu cuidado. (Luiza RICOTTA, 2007)

Precisamos recuperar a essência da existência de nossa própria vocação. Como professores, como educadoras, não somos apenas “aqueles ou aquelas que ensinam algo a alguém”. Se fôssemos apenas e tudo isso, “isso” já seria muito. Mas somos isso e algo mais. Somos, ao lado de outras quantas pessoas de outras tantas vocações, como uma escritora ou um cantor, os portadores do saber. Para dizer como os gregos, os transmissores do *logos*. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

O aumento da demanda [por vagas nas escolas] tem relação com a necessidade que houve, a partir da década de 1970, de se contratar muitos professores, por conta da pressão por mais escolas. Mas acho que não é só isso. Os governos, quando põem uma prioridade, têm condições de fazer ajustes em seus orçamentos, procurando outras fontes. Mas o professor não é visto como um profissional, e esse é um problema neste país. A visão que se tem do professor é que ele cumpre uma missão, uma vocação. (Bernardete GATTI, 2009)

Compete depois à família e à comunidade não deixarem morrer o interesse pelo livro e pela leitura. Se os pequenos leitores ficarem desenquadrados e sem estímulo, dificilmente se tornarão grandes leitores, e é do núcleo dos grandes leitores que saem os grandes escritores. É um pouco como o esporte de alta competição: não basta ter talento e vocação, é preciso ter condições de treino e desenvolvimento. (José Jorge LETRIA, 2012)

Nunca disse que são antagônicos trabalhar por amor e ser bem remunerado, disse que no serviço público tem de ter vocação. Se você tem um ideal de vida de juntar fortuna, o serviço público não é espaço. A gente tem de, em dez anos, elevar em 50% o salário do professor, está dito na lei. Eu concordo e acho pouco. A gente só vai ter uma boa educação no Brasil quando os jovens com vocação não sejam impedidos pela questão financeira. (Cid GOMES, 2015)

Coloca-se novamente, hoje, a questão da vocação na profissionalidade docente. Não no sentido arcaico de professor missionário, mas no sentido mais atual [...]. Ser professor, hoje, pelas exigências que se lhe colocam e pelos desafios que enfrenta, tem que ser uma escolha muito consciente, refletida e querida pela pessoa que opta por essa profissão. O professor é acima de tudo um profissional do desenvolvimento humano; como poderá sê-lo se não estiver disposto a desenvolver-se a si próprio? (Ana Paula SILVA, 2019)

POSTURA

Na sala de aula, logo no primeiro dia – contrariando a expectativa de muitas crianças, que a todo instante perguntavam quando iriam escrever –, a professora gastou as quatro horas de aula prescrevendo normas de bom comportamento escolar. Era um monólogo, no qual ela dizia que “não pode isso”, “não pode aquilo”, “olha a postura”, “fiquem quietos”, “olhem para mim”. (Maria Lúcia CASTANHEIRA, 1993)

Muitas vezes, o professor é alguém que ama o saber pelo saber, que é bem-sucedido na escola, que tem uma identidade disciplinar forte desde o Ensino Médio. Ora, os alunos não são e não querem ser como ele. O professor deve, então, se colocar no lugar desses alunos. Aí ele começará a procurar meios de interessar sua turma pelo saber – não como algo em si mesmo, mas como ferramentas para compreender o mundo e agir sobre ele. O principal recurso do professor é a postura reflexiva. (Philippe PERRENOUD, 2000)

Ela [a transdisciplinaridade] é mais que uma teoria. É uma abordagem íntima, uma postura. É estado de espírito, uma espécie de peripécia da mente que precisa ser assimilada e vivida pelos que ensinam, aprendem ou trabalham. É uma habilidade que só se concretiza quando se tece um vínculo sincrônico e contínuo entre os saberes. Cada área do conhecimento tem a sua naturalidade, aquilo que lhe é próprio, mas queremos vivenciar, além disso, o saber como um todo. (Paulo Afonso RONCA, 2001)

O que encontramos em muitas realidades, tanto nas escolas públicas quanto nas privadas, é a ocupação dos espaços “mais nobres” da instituição por mesas, cadeiras e armários, determinando muitas vezes às crianças a postura de estarem sentadas e, de preferência, usando lápis e papel. Essa identificação se inspira na escola de ensino fundamental, norteadas em princípios muito tradicionais. Revela ainda um ensino centrado no professor, que acredita que dele dependem todas as ações a serem propostas e realizadas pelas crianças. (Maria da Graça HORN, 2006)

O profissional de hoje precisa ter uma postura reflexiva capaz de mostrar que não basta abrir um livro didático em sala de aula para que as crianças aprendam. O trabalho intelectual do professor requer tomadas de decisões particulares e coletivas baseadas em uma sólida bagagem conceituais. [...] O principal problema dos professores, argentinos ou brasileiros, é a formação insuficiente. (Patricia SADOVSKY, 2007)

No Brasil, existe a cultura de tolerar o fracasso educacional e de culpar os alunos por esse fracasso, ao invés de culpar o próprio sistema. Mas acho que é uma questão de preparo. Nossos professores e gestores são mal preparados para as funções que exercem. Mesmo corrigindo a postura – o que pode trazer ganhos, por estimular os profissionais a fazerem coisas que eles não costumam fazer em sala –, no final, eles permanecem pessoas despreparadas. (Gustavo IOSCHPE, 2008)

Há também muitos casos [de *bullying*] que se dão mesmo com o professor presente. São vários os motivos para isso. Primeiro, às vezes, o professor dá aula

para 50 alunos em um mesmo ambiente. É difícil monitorar todos. Mas os dados apontam que há casos de despreparo dos profissionais para lidar com a questão. Algumas vezes, os próprios professores têm uma postura um tanto agressiva em relação a um ou outro aluno, o que serve de exemplo negativo a outros estudantes. (Cléo FANTE, 2010)

A invasão da cultura juvenil no cotidiano escolar causa um estranhamento. Há um processo de tensionamento muito grande com o professor. O aluno traz a sua cultura, e a escola, que é toda padronizada nos valores da classe média, não está sabendo lidar com isso. O professor encontra-se desmotivado e com medo dos alunos. Muitas vezes, o professor cobra do jovem uma postura que ele não teve possibilidade de assimilar e de aprender. (Juarez DAYRELL, 2010)

Para mudar mentalidades e práticas, não basta uma palestrinha de fim de semana ou levar o professor uma vez por semana para o laboratório: é preciso adotar posturas interativas, colaborativas. O mais curioso dessa história é que os clássicos teóricos da educação, Paulo Freire, Anísio Teixeira, Vygotsky, todos já acionavam o professor para posturas democráticas, participativas, dialógicas. Essas posturas é que precisam ser desenvolvidas com o computador. (Marco SILVA, 2011)

Direção e coordenação precisam apoiar o professor para desenvolver práticas diferenciadas. Muito material para experimento pode ser de baixo custo, há muitas alternativas que são fáceis de encontrar. Agora, quando falamos em educação por investigação, é preciso reiterar que ela não demanda material experimental em todas as aulas. É muito mais uma postura do professor e da escola em promover condições para que o aluno participe. (Lúcia Helena SASSERON, 2012)

[As pessoas] necessitam saber que a educação em sexualidade é benéfica para crianças e adolescentes e, sobretudo, que é um direito deles. Crianças e adolescentes que recebem esse tipo de educação podem desenvolver uma postura de respeito às diferenças e se proteger de forma mais eficaz do abuso e da exploração sexual, das doenças sexualmente transmissíveis. Além disso, poderão fazer escolhas mais conscientes com relação às práticas sexuais e aos relacionamentos afetivos. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

A contemporaneidade do pensamento de Paulo Freire, que é vinculado a uma postura ética na educação e a posições pós-colonialistas, tem relação com o que eu e outros intelectuais chamamos de teoria crítica da educação. [...] Freire é lido, assim como tem sido há mais de trinta anos, e tem impacto na conversa sobre o pensamento crítico. Hoje estamos com Freire ou sem Freire, mas nunca contra ele. (Carlos Alberto TORRES, 2014)

Em 2019, o novo governo vai ter de trabalhar para envolver toda a sociedade, educadores, setor privado, ONGs, além de atuar com profissionais de outras áreas. A escola precisa se abrir para a sociedade, incorporando os pais e o seu entorno, para que todos se sintam parte do processo da educação. Portanto, será preciso haver uma mudança de postura, e para isso será necessário união também entre municípios, estados e governo federal. A educação não existe sozinha. (Vera CABRAL, 2018)

No caso da formação didática dos professores, o objetivo é que eles aprimorem sua capacidade pedagógica de mediar a leitura literária das crianças. E também crie condições para que elas assumam posturas e comportamento de leitores regulares, interagindo naturalmente com os livros e ampliando suas experiências estéticas e literárias. (Patrícia DIAZ, 2019)

Já fui diretor de escola e vice-diretor. A coordenação de uma escola é algo muito difícil, mas é algo que também nos faz aprender muito. Agora pretendo manter até a minha aposentadoria essa postura profissional de professor, isso independentemente de eu estar na direção ou não. Estar é diferente de ser. Quando digo que estou na direção, indico que é algo passageiro. Para mim, ser professor é algo eterno. A cada dia, irei lutar para ser um excelente professor. Essa é a profissão que escolhi. (Vanderlei Gomes de QUEIROZ, 2019)

PAPEL

Recentemente, eu estive numa reunião com mães e uma delas me disse que o filho queria ser engenheiro naval. Sabe o que a professora disse ao menino? “Esquece, isso é para rico”. Dá para imaginar o choque e a decepção dessa criança? Essa professora, sem dúvida, não está preparada para lidar com a nova situação. O certo seria ela dar atenção ao aluno, estimulá-lo. Eu sempre digo que o papel do professor é fundamental. (Cristovam BUARQUE, 2001)

As novas tecnologias, a serviço de metodologias de raiz cognitivista, de fato colocaram, progressivamente, o professor num papel de “gerente”, aqui tomado no sentido positivo de um “gerente de processo”, de um “processo de aprendizagem”. Na vertente negativa, também possível ao termo, esse novo professor-gerente poderia tornar-se um profissional distante, alheio ao processo e, portanto, ao aluno, o que certamente seria ruim. (José Ernesto BOLOGNA, 2004)

O professor brasileiro tem uma aplicação, uma dedicação, uma paixão notórias e eu diria até de certa forma surpreendentes. As condições de trabalho de modo geral não são boas, a remuneração é inferior ao que deveria ser, mas a escola responde positivamente a todos os desafios a que são colocados. Quando se dá uma meta, um rumo, a escola vai atrás. Ela procura realmente cumprir o seu papel. (Paulo Renato SOUZA, 2004)

É papel da escola incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e o mundo. É preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo entender a lógica de outro tipo de produção escrita que traz ao leitor instrumentos para pensar e viver melhor. (Roger CHARTIER, 2007)

A ênfase no papel da educação aparece em duas Constituições: na democrática, de 34, e na Carta de 1937, que instituiu o Estado Novo. Elas têm semelhanças. O texto sobre educação é, de certo modo, muito prolixo e fala muito em educação cívica – o que lembra a moral e cívica do tempo da ditadura – o valor do esporte, a educação física, coisas que têm muito que ver com a educação fascista. Para se falar de educação no período Vargas, tem de se distinguir entre o que se pretendia e a prática – que é sempre meio relaxada. (Boris FAUSTO, 2007)

Como o professor ganha menos, precisa trabalhar mais. Como precisa trabalhar mais, não tem tempo para se preparar; como não tem tempo para se preparar, dá uma aula mecânica, repetitiva e, na medida em que faz assim, perde seu papel fundamental de ator nos processos de ensino e aprendizagem. Ele torna-se um “dador” de aulas permanente, e em vez de as secretarias reconhecerem essa condição, enfatizam o lado mais negativo do processo, chamando-o de desinteressado, faltoso, sem qualificação, que só pensa em salário. (Sérgio HADDAD, 2008)

A educação escolar está ligada ao desenvolvimento e ao acesso da população a um saber sistematizado, de base científica. Para ter acesso a um saber não elaborado, a população não precisa de escola, parte de suas próprias vivências. A cultura letrada não se aprende de forma espontânea, tem de haver processos

sistemáticos, formais, e o papel fundamental da escola é esse. Os currículos têm de ser organizados levando em conta esse dado. (Dermeval SAVIANI, 2008a)

O professor deveria trabalhar como um médico em um hospital. [...] Então, entrou uma política nova que diz que se devia dar alta para todos os pacientes, sem tratá-los. A progressão continuada seria a mesma coisa que um médico dar alta para um paciente que está sangrando. O que vai acontecer com esse paciente? Ele vai morrer na rua. O papel da escola não é aprovar nem reprovar, é ensinar! (Pedro BANDEIRA, 2009)

O papel principal da escola é permitir que as crianças tenham acesso a um cinema que desapareceu completamente das salas de projeção. Isso acontece na França e em muitos outros países. As crianças assistem sempre aos mesmos filmes, normalmente filmes norte-americanos recentes e famosos. Elas não têm oportunidade de ter contato com outros tipos de filmes. A escola seria o melhor lugar para oferecer, para os pequenos, o acesso aos filmes mais antigos, aos clássicos e às obras de outros países. (Alain BERGALA, 2009)

Cada disciplina estuda e aprofunda uma pequena parcela da cultura. O que a Educação Física analisa é o chamado patrimônio corporal. Nosso papel é investigar como os grupos sociais se expressam pelos movimentos, criando esportes, jogos, lutas, ginásticas, brincadeiras e danças, entender as condições que inspiraram essas criações e experimentá-las, refletindo sobre quais alternativas e alterações são necessárias para vivenciá-las no espaço escolar. (Marcos Garcia NEIRA, 2009)

A escola não pode erigir-se em um aríete transformador de uma sociedade. A escola é, antes de tudo, um subsistema da sociedade que a criou e a sustenta. Contudo, pode-se aproveitar a retórica das boas intenções da sociedade em relação à sua escola para que esta cumpra seu papel na criação de hábitos e sentimentos novos para uma vida sustentável. Ainda que a escola não possa jamais realizar uma transformação social, ela ajudará a criar o substrato humano necessário para isso. (Rafael YUS, 2010)

As evidências de pesquisa têm demonstrado que os pagamentos adicionais por desempenho individual não funcionam bem. Nesse caso, são mais eficientes quando envolvem responsabilidades adicionais para os que se destacam. Por exemplo: se um docente é muito efetivo e desenvolve a reputação de um bom mentor para os novos docentes, ele deve merecer uma compensação condizente com esse papel. (Richard MURNANE, 2013b)

É na escola pública que se vê o professor mais enfraquecido e acredito que muito disso se deve à imprensa, que está sempre criticando o papel do docente, que não eleve ser rígido demais, não pode cobrar demais, que não pode jamais perder o equilíbrio, mesmo numa sala com 50 crianças, enfim, que não pode exercer seu papel plenamente. Mas os privilegiados que podem pagar uma escola onde as turmas têm até dez alunos têm à disposição modelos alinhados com a Escola Nova e também modelos rigorosos, com trabalho intenso sobre os conteúdos. (Carlos Ernesto NOGUERA-RAMÍREZ, 2014)

O papel do professor tem sido, ao longo da Modernidade, bastante destacado. Talvez isso tenha se ampliado muito em nosso País porque são eles e elas, os professores e as professoras, que estão sempre na linha de frente, nos combates diários a favor dos alunos e das alunas e contra as condições precárias em que todos trabalham, em termos materiais, de estímulo e de reconhecimento. Aliás, um reconhecimento que é quase só retórico e minimamente efetivo. (Alfredo VEIGA-NETO, 2018)

[O professor atual] deveria se atualizar na sua área, mas o grau de progresso é tamanho que não dá tempo. Deveria também fazer “polinizações cruzadas” com outras disciplinas, mas isso atualmente está fora de cogitação. E, por último, precisa controlar 25 ou 30 meninos e meninas que não querem estar lá. Esse papel é ridículo. É de um insucesso tão grande que todos nós nos lembramos de três ou quatro que conseguiram e nos esquecemos dos outros 150 que não conseguiram. (Ricardo SEMLER, 2019)

TAREFA

É mais importante compreender o processo da construção do conhecimento e as dificuldades específicas de cada etapa do que saber classificar adequadamente as crianças. Isso é tarefa para especialista de outro tipo, não para o professor. O mais importante é que o professor entenda o que está se passando com suas crianças, em que tipo de tarefa podem funcionar melhor, como se pode formar subgrupos para que as crianças se ajudem mutuamente. Que saiba ver progressos onde antes só via erros. (Emília FERREIRO, 1989)

O que nenhum aluno tem interesse é na “decoreba” baseada na ideia de que os conteúdos são apenas informações sobre a paisagem – isso está em qualquer geografia de almanaque. Alunos têm interesse de sobra. O que acontece é que o mundo está mais complexo e a qualificação dos jovens para o mercado de trabalho é mais sofisticada. A tarefa da escola ficou mais difícil. Os alunos de hoje aprendem mais do que as gerações passadas o fizeram, pois as exigências são maiores. (Demétrio MAGNOLI, 2001)

Nossas autoridades educacionais acham que vão melhorar a qualidade do ensino com cursos de capacitação que, sistematicamente, dão mais conhecimento para os professores. O que é preciso mudar é a cabeça deles. Nietzsche, meu filósofo favorito, dizia que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. Ou seja, o educador é parte de uma tarefa mágica, capaz de encantar crianças e adolescentes, o que é bem diferente de simplesmente dar aula. Dar aula é só dar alguma coisa. Ensinar é muito mais fascinante. (Rubem ALVES, 2002)

Freud dizia que existem três tarefas impossíveis: educar, governar e fazer psicanálise. As três, bem ou mal, são realizadas diariamente. Mas creio que a educação é a que mais nos preocupa, pois falar sobre ela significa refletir sobre o destino do homem, nosso lugar na natureza e a relação com nossos semelhantes. Somos tão exigentes com a educação quanto somos com a democracia: mesmo funcionando bem, achamos que sempre poderia ser melhor. A complexidade do lecionar está na sua essência. (Fernando SAVATER, 2002)

A escola deve realizar as duas tarefas ao mesmo tempo. Uma escola que só pensa na dimensão global e esquece a local acaba padronizando, pasteurizando, negando a especificidade. Por outro lado, uma escola que se esquece do resto do mundo corre o risco de “provincializar” a formação da pessoa, privando-a do direito de sentir-se parte do mundo. A escola deve conviver, embora com tensão e com conflito, com essas duas realidades. (Pablo GENTILI, 2003)

Na América Latina, sobretudo nos setores mais pobres, a tarefa [da formação de leitores] fica muito a cargo da escola [...]. Tradicionalmente as escolas consideram que o objeto de ensino não é leitura e escrita, mas a língua. Entre esses dois objetivos existem diferenças. Quando se concebe que o tema é a língua, os conteúdos prioritários são os descritivos, principalmente a gramática e a ortografia. Mas, se o objeto fundamental são as práticas de leitura e escrita, a língua passa a ser incluída num assunto maior. (Delia LERNER, 2006)

É essencial ter a clareza de que, na alfabetização inicial, a organização dos textos não é só uma questão sintática. Ela é visual também. [...] Oferecer textos prontos

aos estudantes e pedir para todos colocarem a pontuação é um tipo de tarefa que não ajuda o professor em nada nesse processo. Sem dúvida, o melhor caminho é colocar a garotada para escrever. Só assim é possível observar a organização visual que cada criança constrói. (Celia Díaz ARGÜERO, 2009)

A Educação assumiu muitas tarefas. É o fenômeno da escola transbordante. Alguém necessita fazer essas tarefas enquanto ninguém as quer e a escola tem de dar conta delas. Mas uma coisa é dizer que todas são missão da escola e outra é compreender que a instituição precisa cumpri-las enquanto outras esferas da sociedade não estiverem fortes. Quando isso ocorrer, teremos um compartilhamento que chamo de espaço público da educação. (António NÓVOA, 2012)

Os professores terminam seu curso de graduação e vão para a sala de aula. Aí vem a rotina de sempre, e a tendência é continuar no mais cómodo, porque o tempo é pouco e é preciso dar conta das tarefas. Para que, então, mudar? Mudanças, quando ocorrem, são pontuais e passageiras. É preciso um esforço permanente para manter o projeto sempre em andamento, em aperfeiçoamento, em atualização. (Magda Becker SOARES, 2012)

Menosprezar a família, classificando-a como desestruturada ou inculta, é negar-lhe o direito de ser um sujeito político. Dobrar-se a seus desejos e expectativas é negar à escola o seu ponto de vista específico, o seu direito de ser um sujeito político. Resta-nos, pois, a difícil tarefa de mediar o conflito pela palavra comprometida com o acordo ou ao menos com a transparência, quando este for inviável. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2013)

A tarefa principal de um educador é fazer com que o mundo seja interessante. Nada mais do que isso. A arte é o que nos traz a carga sensível do mundo. A arte é o mundo como cor, como som, como textura, como rugosidade. É como se a arte abrisse a pele do mundo e, portanto, a arte oferece o mundo sensível e não tanto o compreensível. Se a educação tem a ver com relacionar as crianças ao mundo, essa carga sensível do mundo é fundamental. Mas não porque é separada de outras coisas, senão porque é fundamental. O mundo é sensível. (Jorge LARROSA, 2013)

Em geral, as pessoas que são bilíngues e que usam ambos os idiomas regularmente têm tido melhor desempenho do que as monolíngues em tarefas que requerem controle executivo. Trata-se da capacidade de controlar a atenção, ignorar distrações, executar múltiplas tarefas ao mesmo tempo e mudar entre tarefas. Além disso, bilíngues e monolíngues parecem usar redes cerebrais ligeiramente diferentes para realizar essas tarefas, sendo tais redes mais “eficientes” nos bilíngues. (Ellen BIALYSTOK, 2014)

A primeira tarefa é abrir espaços para que educadoras (e também homens educadores, que são minoria) discutam sobre as relações de gênero e reflitam sobre suas próprias vidas. Vivemos numa sociedade machista e, se não nos esforçarmos para ser críticos, vamos reproduzir as desigualdades de gênero em nossos gestos, atitudes e palavras. É preciso buscar fontes de informação confiáveis e exercer uma autovigilância constante. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

É uma tarefa hercúlea melhorar a educação básica no Brasil. Se eu tivesse de apostar minhas fichas em uma coisa, faria o contrário do que todo mundo está dizendo: apostaria em aumentar o salário dos professores, pois isso leva à valorização da carreira. As pessoas dizem: “ah, mas os professores hoje não valem isso”. Ok, mas isso atrai novas pessoas, com formação melhor, cria a carreira. O professor tem uma condição profissional muito precária na escola pública. (Sonia BARREIRA, 2017)

Como professora, minha tarefa é abrir portas de possibilidades, educar e criar novas possibilidades para aqueles com quem tenho contato, seja uma criança de 4 anos ou um doutor de 40 anos. Parte desse papel é ser curioso, fazer perguntas, descobrir, gerar conhecimento e fazê-lo na companhia de outros, de forma colaborativa e respeitosa. [...] O nome da minha função pode ser diferente, mas acredito que o espírito do trabalho que faço permanece. (Chris PASCAL, 2018)

MISSÃO

Acredito que a escola deve cumprir sua missão de forma bem consciente, com relação a outros agentes de socialização: enquanto os meios de comunicação formam opinião, vendem opinião, ignoram o conhecimento sereno. O conhecimento que repercute na formação dos seres humanos continua sendo cultivado pelos meios clássicos de transmissão do conhecimento, principalmente pela escola, que se mantém num espaço privilegiado para trabalhar a cultura essencial. Esta não é a cultura da rede de informação, dos meios de comunicação. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Muitos professores não têm noção de sucesso e não têm projetos coletivos de futuro, pensam apenas em seus projetos individuais: profissão, filhos, comprar uma casa. Não se pensa no grande projeto nacional que é a educação. Hoje, a tendência do professor é virar tarefeiro. É uma pena, porque o exercício dessa atividade está revestido de humanidade. [...] É preciso energizar a ação do professor com valores, com intercâmbio cultural, com atividades lúdicas. Educação é uma missão coletiva. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

Ser professor, mais do que uma carreira, acredito que seja uma missão que exige total conhecimento de aptidão e desenvolvimento de competência. Infelizmente, como em outras profissões, encontramos profissionais extremamente bem-sucedidos e outros nem tanto. No Brasil, o processo de valorização dos professores ainda está engatinhando. Não temos uma política que possa realmente reconhecer a importância e a grandiosidade dessa profissão. (Cesar ROMÃO, 2003)

O principal erro é esquecer que ela [a escola] é uma instituição educacional e que educação não é um produto como outro qualquer. Educação não pode ser “vendida” como se vende sabonete, pasta de dente, automóvel, seguro ou refrigerante. A escola deve ser preservada em seus valores mais imponentes que levam à formação do ser humano, à construção do futuro com [um] mundo mais justo e feliz. Muitas escolas, ao elaborarem seus planos de *marketing* se esquecem de sua missão, da razão da sua existência. (Rogério MAINARDES, 2004)

A educação básica hoje tem mais do que nunca de cumprir o papel de formador integral da pessoa. [...] Isso significa que a missão da educação básica tem de ser a de desenvolver no jovem a capacidade de pensar, raciocinar, mas também desenvolver valores ligados ao exercício da cidadania: como a questão ambiental, cultural, educação para a saúde, orientação sexual, desenvolvimento sustentável e todas as coisas que têm a ver com os chamado temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais. (Paulo Renato SOUZA, 2004)

Ser professor hoje em dia é uma missão quase impossível. É preciso ter jogo de cintura para enfrentar as diversas contradições. O aluno vai à escola sem ter recebido uma socialização prévia. No passado, quando apenas uma pequena parte da população tinha acesso à Educação formal, não havia esse problema. Os pais preparavam os filhos para essa etapa da vida e os irmãos mais velhos, que também frequentavam a escola, ajudavam os mais novos. (Bernard CHARLOT, 2006)

Quem vê a avaliação como um meio para enviar notas para a secretaria, cumpre um dever puramente burocrático, não pensa na inclusão dos educandos, geralmente não é comprometido com eles e pensa que a missão de ensinar acaba quando a aula foi ministrada. Mas a missão de aprendizagem não acaba enquanto o aluno não aprender, portanto, não cabe separar as coisas: professor é uma coisa e aluno é outra. (Hamilton WERNECK, 2006)

Estudando as histórias de vida dos professores, vemos como determinadas mudanças na educação, especialmente reformas educacionais, entrecruzam-se com as vidas dos professores e com o senso de sua própria missão. Muitas vezes, as mudanças e reformas educacionais são instituídas em total desafio, ou ignorando o senso de vocação, missão e significado dos professores. Isso significa que tais reformas costumam estar condenadas desde o início. (Ivor GOODSON, 2007)

A responsabilidade social precisa ser difundida e se o professor, pela sua própria posição, não for o primeiro a se dar conta disso, como irá conduzir com segurança os seus alunos a uma sociedade que carece de cuidados, portanto, de educação para sobrevivermos? Esse professor precisa sair de uma pseudocomodidade, na verdade uma espécie de cegueira, e partir para uma inquietação que o leve a explorar universos que ele mesmo não conheça, mas que são preponderantes a quem tem a missão que possuem: de formar pessoas. (Luiza RICOTTA, 2007)

O sentido tem de ser construído por cada aluno, na exata medida em que é capaz de formular uma ambição para si. A falta de ambição faz-nos viver no rés do chão da vida, esse labirinto em que estamos enclausurados todos os dias. É preciso ser capaz de ascender no elevador da vida, encontrar horizontes mais vastos e perceber como os estudos e a educação são essenciais à realização dos sonhos e da missão de cada um. (Roberto CARNEIRO, 2008)

O maior erro que podemos cometer é pensar os clássicos como atemporais, imaginar que eles permanecem atuais com o passar dos anos. Na realidade, eles são produtos do tempo em que foram escritos. Assim, todos vão precisar de informações a respeito deles para lê-los de maneira satisfatória. E nossa missão como educadores é fazer os estudantes perceberem como esse processo pode ser interessante e desafiador, não apenas um trabalho árduo. (Peter HUNT, 2011)

O que é uma escola? É um ambiente de aprendizagem que tem diversas variáveis: espaço, mecanismos de estímulo, sistemas de prêmios e castigos, métodos de avaliação, atores, simbologia, muitos recursos – igual a uma casa. Montar uma escola é colocar essas variáveis em busca de uma só coisa: a aprendizagem, igual seus pais fizeram com a casa. Se não organizar tudo em função da aprendizagem, não haverá sucesso. É igual a uma fábrica, uma empresa. Tem que organizá-la em torno de uma missão. (Bernardo TORO, 2014)

Compreender o mundo e nele saber agir é a missão essencial da educação. No âmbito dessa compreensão inclui também o conhecimento que cada um de nós precisa ter acerca de si próprio e do modo como aprende. E ainda o conhecimento do passado para poder compreender o presente e preparar o futuro. Digo preparar porque se deve explorar o lado social do conhecimento, a sua aplicação,

que vem com a resposta à pergunta: o que podemos fazer com o nosso conhecimento? (Isabel ALARCÃO, 2015)

Nossa missão é garantir que cada estudante tenha a oportunidade de não apenas frequentar, mas também obter sucesso em uma faculdade ou universidade. Nossas escolas constantemente aparecem entre as melhores da Califórnia e do país: os alunos estão graduando-se duas vezes mais que a média nacional. Nas Escolas Summit, 99% dos alunos do último ano da educação secundária são aceitos em pelo menos uma das faculdades de quatro anos nos Estados Unidos. (Mira BROWNE, 2016)

Eles [os professores] consideram que a sua missão é planejar atividades interessantes e envolventes, que os alunos devem ficar sentados e prestar-lhes atenção, realizar as tarefas sugeridas e entregá-las a tempo. Desse modo, criam um modelo lastimável sobre o que é a aprendizagem. Os professores encaram os problemas de aprendizagem como um déficit da criança, imploram por mais tempo e recursos, por menos alunos em sala de aula e têm baixas expectativas sobre o que estes são capazes de realizar. (John HATTIE, 2017)

GESTOS

PENSAMENTO

Ocorre que o grande alimento do intelectual é o pensamento livre e por isso ele não pode ser acorrentado a partidos, a militâncias, a grupos. O intelectual tem de ser militante quando o país está em perigo, que é o caso atual do Brasil. Aí você aceita militar. Mas, se você for militante por todo o tempo, você pode perder a oportunidade de uma descoberta, de um avanço. (Milton SANTOS, 2000)

O pensamento transdisciplinar escapa das garras do que se convencionou chamar de natureza científica, partindo para novas dimensões filosóficas, ideológicas e políticas, que determinem outros parâmetros para a compreensão do ser humano. [...] O pensamento transdisciplinar conclama o fim das divisões piramidais – [Edgar] Morin fala em fim da separabilidade. (Paulo Afonso RONCA, 2001)

Os gregos diziam que o pensamento começa quando a gente fica meio abobalhado diante de um objeto. Eles tinham até uma palavra para isso – *thaumazein*. [...] Aquele objeto representa um enigma. Você tem a mesma sensação de quando está diante de um mágico, ele faz uma coisa absurda e você quer saber como ele conseguiu aquilo. Com as coisas da vida é o mesmo. (Rubem ALVES, 2002)

Como conectar os recursos e conhecimentos que os alunos trazem com o que fazem e aprendem na escola, sem que a escola seja a única e legítima forma de pensamento? Atentos a essa questão, os professores, frequentemente, propõem aos alunos que pratiquem, em casa, algum tipo de observação e utilizem recursos para escrever. Por exemplo, um caderno para anotar coisas interessantes vistas ou ouvidas em qualquer espaço, e não apenas na sala de aula. (Judith GREEN, 2003)

Há alguns dias eu estava no aeroporto de Guarulhos e fui ao terminal do meu banco. Quatro terminais eletrônicos com fila, um vazio. Fui até lá e as pessoas me disseram que aquele equipamento só fazia saque com cartão internacional. Sabe o que estava escrito numa tabuleta sobre esse equipamento? “Saque com cartão internacional somente nesse equipamento”. Todo mundo que estava ali leu ao contrário: “Neste equipamento somente saque com cartão internacional”. Isso não é problema de português, é problema de lógica, de pensamento. (Pasquale CIPRO NETO, 2004)

Nas práticas usuais, o tempo e o espaço, que são muito fragmentados, muito cristalizados e muito restritivos, fragmentam, cristalizam e restringem o pensamento dos adultos e das crianças. Essa organização corresponde a uma ideia de ensino segundo a qual as noções são apresentadas em uma ordem que supostamente vai do simples ao complexo a alunos que, nessas condições absurdas, geralmente se mostram incapazes de se concentrar em uma mesma atividade durante muito tempo. (Marianne HARDY, 2004)

O professor que não é adequadamente preparado, não necessariamente é consciente do processo mental que leva a resolver os problemas. Essa é a parte que falta na formação dos professores em muitos lugares do mundo: saber raciocinar. Porém, algumas faculdades e universidades já são conscientes da

importância de incluir no currículo de formação do professor uma disciplina que se chama Pensar. (David SASSON, 2005)

Os alunos estão desenvolvendo a síndrome do pensamento acelerado SPA. Tive a felicidade de descobrir essa síndrome e a infelicidade de saber que grande parte das pessoas, incluindo os alunos, são acometidos por ela. Muitos deles estão agitados, tensos, inquietos, agressivos, sem concentração, com déficit de memória e com sintomas psicossomáticos, como dores de cabeça e muscular. O último lugar que eles querem estar é em sala de aula. O que fazer? Desistir de educar? (Augusto CURY, 2007)

Acredito que a ciência cognitiva tem apresentado uma tendência a dar excessiva ênfase ao desenvolvimento da mente e negligenciado o coração. Todo pensar, em última análise, tem por origem uma combinação de pensamento e sentimento. A educação, infelizmente, rompe esse vínculo, e a ciência cognitiva apoia essa divisão com sua ênfase em ensinar a “pensar”. Mas que tal ensinar também a “se importar”? (Thomas ARMSTRONG, 2008a)

O pensamento crítico está relacionado à capacidade – e também ao desejo, por que não? – de buscar explicações para os fenômenos e de aprender a pensar em estratégias ou caminhos que nos ajudem a responder às perguntas que nos fazemos constantemente. Em resumo: o fundamental é fornecer aos alunos ferramentas que lhes permitam pensar por si mesmos para que se tornem menos vulneráveis. E, nesse sentido, o ensino de Ciências tem muito a contribuir. (Melina FURMAN, 2010)

Existem experiências humanas que não se movem democraticamente – o pensamento é uma delas. A ciência e a arte, por exemplo, não são produzidas por votação. As crianças pensam escondido, porque aprenderam a desconfiar dos próprios pensamentos. Por isso, nos conselhos nós as provocamos e anotamos o que dizem. Mas, com o cuidado necessário, porque não queremos que elas falem o que acham que esperamos que digam. (Francesco TONUCCI, 2013)

Quando eu digo que tenho 89 reais e recebo mais 22 reais, o que qualquer pessoa faz é primeiro somar o 80 e o 20. Depois, o 9 e 2. E juntar os dois resultados. Esse é o processo mais lógico e natural. As crianças também tendem a fazer assim. O algoritmo é uma convenção e como tal envolve um conhecimento social-convencional e não lógico-matemático. [...] Ensinar os algoritmos como se eles fossem as operações faz com que as crianças abram mão da própria maneira de pensar deles e, quando agem assim, elas emburrecem. (Constance KAMII, 2015)

Pessoas com a mente fechada preferem o que sabem e não estão abertas a formas alternativas de pensar ou agir. Tendem a pensar, raciocinar e abordar os problemas de modo limitado e estereotipado. Obviamente, essa atitude limita as oportunidades para o pensamento criativo. O medo do fracasso é outro bloqueio, porque o pensamento criativo envolve enveredar por direções novas, que podem alcançar o fracasso ou o sucesso. Sem arriscar algo inovador, as melhorias são improváveis. (Todd LUBART, 2016)

Para desestabilizar o cérebro e fazer com que sejam acionadas funções de pensamento mais altas, menos operacionais, é preciso atividades não rotineiras,

que tragam o inusitado, a necessidade de mobilizar conhecimentos antigos e novos, de observar fatos, de decidir caminhos, de levantar e analisar possibilidades. Os problemas servem para isso na ciência, na vida e na aula de matemática. (Kátia Stocco SMOLE, 2016)

O incrível da capacidade de pensar é que ela nos dá asas para voar, mas o pensamento único não tem asas. Será que ele deveria chamar-se pensamento, sendo único? Quando lemos Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Mia Couto, Drummond e tantos outros, nós ultrapassamos fronteiras, viajamos por situações tão mágicas que não é possível aprisionar essa riqueza de perspectivas em um pensamento único. Quando lemos a natureza, ela é tão cheia de nuances, de cores! Assim é o pensamento, cheio de nuances. (Cleide ALMEIDA; Izabel PETRAGLIA, 2019)

INTELIGÊNCIA

Outras [pessoas] defendem que a qualidade é obtida muito mais através do desenvolvimento de conteúdos e de métodos de ensino-aprendizagem adequados à realidade do aluno que está sendo atendido. Se eu estabeleço um padrão mínimo, muitas crianças não conseguem chegar até lá, porque ingressam na escola sem o instrumental para alcançar aquele padrão. Daí o fracasso escolar. Ou seja, a criança não aprende não porque não tenha inteligência, mas porque não tem bagagem. (Murílio HINGEL, 1993)

Hoje estamos discutindo a possibilidade de haver uma nona inteligência, que chamamos de existencial. Essa inteligência está ligada à capacidade de considerar questões mais profundas da existência, de fazer reflexões sobre quem somos, de onde viemos ou por que morremos. Ainda não aceito inteiramente essa inteligência porque os cientistas não provaram que ela requer áreas específicas do cérebro. Por isso digo que existem oito inteligências e meia. (Howard GARDNER, 1997a)

A ideia de desenvolvimento potencial é muito interessante para os educadores, porque sinaliza a possibilidade de incidir sobre o desenvolvimento, de estimulá-lo, de influenciá-lo, de forçar a natureza, de incidir com o ensino no desenvolvimento da inteligência. Será que educar não é isso? A psicologia descreve, a educação propõe, é a manifestação de alguma utopia. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997b)

Depois dessa idade [seis anos], é necessário descobrir qual inteligência predomina na criança para trabalhar a partir dela. Se ela tem a inteligência musical desenvolvida, cabe ao educador descobrir de que forma ele pode fazer com que a criança seja competente na inteligência linguística. O ideal é que ela tenha todas as inteligências num nível de competência satisfatório. O sonho de que sejamos excelentes em todas é algo inatingível. Mas uma competência relativa é possível. (Edite Maria Barbosa GUILHÓN, 1999)

[A TV Cultura] é vista como um instrumento de formação integral, que prepara o homem para a civilidade, o bom gosto, o interesse pelos livros, estética e espírito político. Temos uma compreensão da ideia do entretenimento como instrumento de educação, em atenção à criança e ao adolescente. Precisamos respeitar a inteligência da criança. A juventude virou uma força de mercado, e a TV ainda não sacou isso. Dá um pouco de música, de sexo, mas o jovem merece ser melhor tratado. (Jorge da Cunha LIMA, 1999)

A Teoria das Inteligências Múltiplas não tem nenhum fundamento teórico válido e é politicamente tão “correta” que se torna suspeita de validar qualquer inteligência para finalmente fechar as portas aos supostamente não-dotados em certas disciplinas. A inteligência é o direito de cada ser jovem exercitar-se nas diversas possibilidades e escolher além de uma suposta habilidade inata, que não é determinante no prazer de aprender. (Sara PAÍN, 1999)

Um Picasso não toca música, um Wagner não pinta quadros. Claro, existe um Goethe plural, mas em geral um gênio se destaca em uma ou outra inteligência. Se também não quiser aceitar isso, explico com a observação das patologias

cerebrais. Uma pessoa que sofre um acidente vascular cerebral perde apenas algumas das suas competências, não todas. Por isso, não acredito que seja um modismo. As raízes são muito científicas. (Celso ANTUNES, 2000)

Eu não gosto da expressão inteligência emocional porque ela designa algo que não existe – existe a inteligência e existem as emoções, e pode-se fazer um bom ou mau uso de ambas. Meu computador, por exemplo, “sabe” muitíssimo mais do que eu, mas será que ele é mais inteligente por ser capaz de armazenar uma quantidade imensa de informações? Não, porque o computador não compreende absolutamente nada, enquanto eu compreendo várias coisas. (Iván IZQUIERDO, 2000)

Uma pessoa compreende as leis de Newton, por exemplo, quando pode utilizar, explicar e provar essas ideias. Um aluno aprende um período histórico quando consegue examinar pontos de vista alternativos em relação a outros períodos ou à atualidade. A partir dessa ideia de compreensão e dos avanços da psicologia cognitiva dos últimos cinquenta anos, que tem redefinido conceitos como o da inteligência, aprendizagem e cognição, se faz necessário investigar como ensinar para que os estudantes compreendam. (Paula POGRÉ, 2004b)

O professor deve ser um organizador, que vai limitar as dificuldades e, em consequência, reduzir os erros, permitindo aos alunos fazer sempre tentativas inteligentes que lhes permitirão realmente aprender. Isso ocorre quando há uma dificuldade a superar que não é insuperável. Do contrário, o estudante fica numa situação de fracasso humilhante. O professor inteligente é aquele que confia na inteligência de cada um em sua turma. (Charles HADJI, 2006)

Quando se fala de inteligência coletiva, não se vai começar por excluir, evidentemente. Se a inteligência é coletiva é porque o outro é visto em termos do que ele pode trazer de diferente ou original, de pessoal ou especial à soma das experiências ou competências que já existem. Como cada um tem um percurso de vida e um conjunto de dons pessoais, sempre terá algo que vai servir para enriquecer a inteligência coletiva. Há sempre um potencial enriquecedor. Cada pessoa traz um potencial de enriquecimento da inteligência coletiva. (Pierre LÉVY, 2010)

O termo “não cognitivo” é um termo bem amplo, que procura dizer que há um conjunto bem grande de coisas que tem que ser levado em conta quando você vai aprender. Não se aprende só com um pedaço da sua cabeça, só com a sua inteligência. Há um ser humano que vai junto e ele tem tanto impacto quanto a inteligência. As pesquisas e os estudos sobre disciplina mostram que ela tem o mesmo impacto que a inteligência na determinação do sucesso escolar. Isso não é ruim, a meu ver. É um resultado de valor preditivo. (Viviane SENNA, 2013)

A criatividade tem certa relação com a inteligência. Se medirmos a inteligência usando testes de QI tradicionais, a correlação com o desempenho em tarefas de criatividade é em torno de 0,20, indicando 4% de variabilidade compartilhada. Portanto, concebida restritamente, centrada em encontrar a resposta “certa” de modo eficaz, a inteligência é apenas vagamente relacionada à criatividade. (Todd LUBART, 2016)

Estudando mais detidamente as teorias acerca da inteligência humana, aprendi uma coisa: raciocínio lógico é característico da nossa espécie. Então, com escola ou sem escola temos raciocínio lógico e vamos desenvolver isso ao longo da vida, a menos que haja uma anomalia rara. Aprendi ainda que, sob o guarda-chuva “raciocínio lógico”, há uma enormidade de ações cognitivas: análise, síntese, tomada de decisão, observação, levantamento de hipóteses, confirmação ou refutação de hipótese, indução, dedução, inferência etc. (Kátia Stocco SMOLE, 2016)

Um problema enorme para as crianças de hoje na escola é que estão acostumadas a serem bem-sucedidas em tudo. Isso acontece porque as atividades são medíocres. Nas atividades multidimensionais, amplas e ricas, elas constatarem que é preciso muitas formas de inteligência. Fazer com que as crianças percebam que existem diferentes tipos de habilidades, potencialidades e talentos é o nosso desafio por meio das atividades planejadas. (Rachel LOTAN, 2017)

CURIOSIDADE

Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois. A gente começa com uma curiosidade indiscutível diante do mundo e vai transformando essa curiosidade no que chamo de curiosidade epistemológica. Ao inventar a curiosidade epistemológica, obviamente são inventados métodos rigorosos de aproximação do sujeito ao objeto que ele busca conhecer. (Paulo FREIRE, 1995)

Nunca será antigo o professor não responder o que o aluno pode por si mesmo descobrir. Isso sempre será uma estratégia significativa. O professor nunca pode pensar-se assassino da curiosidade respondendo aquilo que o aluno pode sozinho descobrir, mas também, ao lado disso, nunca será antigo numa sala de aula a paixão pelo que se faz, percepção do progresso do aluno e entusiasmo por esse progresso. (Celso ANTUNES, 2003)

É a investigação e a pluralidade de possíveis caminhos que tornam o assunto interessante. [...] Somos seres feitos de células vivas – entramos na biologia –, que são formadas por moléculas – temos então a química. Todas essas moléculas são constituídas por átomos que vieram de explosões estelares ocorridas há milhões de anos... E assim por diante. Sempre instigando a curiosidade e não a matando, como frequentemente faz a escola. (Edgar MORIN, 2003)

Quando chegam aos 6 ou 7 anos, o que se torna mais importante é entender como o mundo funciona – nessa fase, as crianças estão afastando-se de sua existência protegida com suas famílias em direção ao mundo social mais amplo e querem saber quais são as regras e como tudo funciona. Os educadores devem estar ali para ajudá-las a aprender porque o céu é azul, onde fica a Índia, como funciona um motor e tudo o mais que a curiosidade delas exigir. (Thomas ARMSTRONG, 2008b)

A escola tem de transmitir esta predisposição de se estar permanentemente perguntando “o que há de novo?” A curiosidade é um valor fundamental que a escola precisa transmitir aos nossos alunos. [...] Nem sempre a curiosidade significa que o aluno descubra novos conhecimentos que estão na fronteira do que se sabe. Esses conhecimentos precisam ser novos para ele, aluno. (Juan Carlos TEDESCO, 2008)

As crianças normalmente são muito curiosas e elas perdem a curiosidade na escola porque a instituição de ensino não atende aos questionamentos que elas estão fazendo, que são perguntas absolutamente fantásticas. A curiosidade acontece onde? Eu não a tenho por coisas abstratas que não têm a ver com a minha vida. Já o entorno me dá os problemas, as questões que têm a ver inclusive com a minha sobrevivência. (Rubem ALVES, 2009)

Refiro-me à necessidade de não seguir o tempo todo o interesse deles ou de ensinar somente os temas que lhes parecem atraentes. O professor deve planejar, de antemão e com clareza, os objetivos da aula. Tendo noção de aonde quer chegar, fica mais simples canalizar as perguntas da turma e criar um clima de

investigação em que a curiosidade seja mais do que bem-vinda. (Melina FURMAN, 2010)

Acredito que a perspectiva correta seja buscar e manter juntas as diversidades. Ainda que não seja simples e que às vezes a percepção da diversidade seja vivida como um perigo para a própria identidade, as crianças podem ensinar que a atitude mais natural em relação à diversidade é a curiosidade, e não a atitude de demonstrar medo ou de fingir que não viu. (Aldo FORTUNATI, 2011)

Ensinar só faz sentido para conhecer que tipo de “bichos” são as línguas, como elas se organizam de fato, e não como deveriam se organizar; isso é etiqueta. [...] Os professores poderiam ser linguistas curiosos: levar em conta como se fala na região em que são professores – até para saber o que “falta” ensinar. Se é para ensinar gramática apenas para que a conclusão dos alunos seja que eles não sabem português, confundindo, aliás, língua e gramática, seria melhor nem incluir no currículo. (Sírio POSSENTI, 2011)

Sempre digo que a escola é o lugar de a criança aprender aquilo que não aprende fora, esta história de eles lerem livros que gostam é a maior besteira, eles já gostam, leem por conta própria. “Então, apresentem os clássicos, vocês leem três, quatro páginas e só falem que o livro está disponível.” No momento que os professores leram três, quatro páginas, acendeu a curiosidade de saber o enredo e choveu pedido na biblioteca. É isto que a gente tem que fazer na escola, manter a curiosidade, não matar. (Rosely SAYÃO, 2011)

O bom brinquedista é aquele que tem capacidades e competências lúdicas. Ou seja, aquele que vive o jogo, gosta de jogar e transmite aos outros esse gosto e essa curiosidade por aprender e inventar novos jogos e formas de jogar, fazendo isso com empatia, inteligência emocional, intrapessoal, ilusão, pensamento divergente, senso de humor, visão inovadora, confiança, respeito e responsabilidade educacional. (Maria Borja SOLÉ, 2011)

O professor será perguntador caso se mantenha curioso, aprenda algo novo, seja coautor junto à criança. Se ele achar que sabe tudo o que é necessário, não vai conseguir transmitir nem respeitar a curiosidade pelo conhecimento da criança. O perguntador incomoda esse tipo de professor, que quer um “pacotinho pedagógico” pronto. E, muitas vezes, esses pacotes são importados de autoridades estrangeiras reconhecidas. Sei que é possível desenvolver uma ciência e uma educação brasileiras. (Sergio Henrique FERREIRA; Ana Maria MELLO, 2012)

Todo conhecimento legítimo começa com a curiosidade. Temos respeitado isso nas escolas? Se você oferece a uma criança de 3 ou 4 anos um ambiente familiar rico, no qual lhe ensina um pouco de matemática, noções de leitura e sacia sua curiosidade, quando ela chega ao jardim de infância, onde todos os alunos precisam fazer o mesmo que os demais, o que estamos lhe dizendo? Eu, como adulto, não quero fazer o mesmo que outras 30 pessoas durante o dia inteiro, todos os dias. (Gordon FREEDMAN, 2013)

Não devemos despejar verdades incontestáveis na cabeça das crianças. Desde cedo elas são capazes de levantar hipóteses e demonstram interesse sobre as

coisas: como funcionam, de onde elas vêm. Se o professor se antecipa e fala “isso não é assim”, mata não só a curiosidade como também o direito do estudante ser curioso. Que sejam hipóteses fantasiosas, não há problema: o contato com outras ideias e experiências faz a criança repensar suas ideias e avançar. (Luís Carlos de MENEZES, 2013)

Os educadores que prezam pela autonomia e liberdade de pensar e agir não podem atuar como máquinas triviais que só repetem tarefas, conteúdos, atitudes e itinerários educacionais prescritos. O docente não trivial desenha novos caminhos e, junto com os estudantes, explora a capacidade de pensar, criar e problematizar, desenvolvendo estratégias de conhecimento. A curiosidade ajudará a trabalhar pelo pensar bem, com um método que não mutile e feche, mas busque o multidimensional. (Cleide ALMEIDA; Izabel PETRAGLIA, 2019)

CONSCIÊNCIA

Como o Estado não é transparente, a maioria da população não consegue enxergar os caminhos complicados por onde passam os recursos gerados com os impostos que ela paga, até que retomem na forma de benefícios, como a educação. É quem é que tem que desenvolver essa consciência? As entidades sindicais dos professores poderiam atuar no sentido de desvendar as relações desse Estado, que é seu opositor, para obter uma aliança de outra qualidade com a população, que no fundo é quem paga os professores. (Sônia Maria Portella KRUPPA, 1992)

Consciência corporal tem, na verdade, duas concepções, a conservadora e a crítica. A conservadora é individualista, centrada na pessoa: “Eu sou dono do meu nariz, posso ‘acontecer’, ser isto ou aquilo, dependendo unicamente do meu esforço”. Consciência corporal, na visão progressista, na qual me situo, é uma construção social: a pessoa se percebe existindo em função do grupo, da sociedade em que vive. (João Paulo MEDINA, 1994)

Os profissionais da escola, as comunidades e as famílias e, sobretudo, os movimentos sociais não deixam de pressionar pela ampliação dos espaços públicos. Os sinais da consciência do bem público são visíveis e podem ser encontrados no avanço da consciência dos direitos sociais. Os setores populares veem cada vez com maior convicção a educação de seus filhos como um direito. A escola não é mais vista como uma dádiva, mas como um dever público. (Miguel ARROYO, 2001)

As crianças possuem mais informação, e não entendemos bem o efeito das indústrias culturais sobre a consciência delas, não existe uma coerência visível entre os diferentes espaços de socialização. Muitas vezes a escola trata de formar as crianças na convivência e na tolerância, mas na família existe um projeto diferente. Muitas vezes escolas formam estudantes numa direção e quando estes chegam à empresa existe um projeto distinto. Muitas vezes os partidos políticos marcham numa direção, e os meios de comunicação em outra. (Bernardo TORO, 2001)

O segundo aspecto é o que chamamos de consciência. Podemos dizer que essa palavra significa conservar a memória de si mesmo e aplicá-la ao presente. E isso é algo que não existe antes da escrita, porque esse termo nasce com a imprensa, em função da prática solitária de ler. A escrita possibilitou a reflexividade da consciência: olhar a si mesmo, saber de si, escrever e, ao fazê-lo, construir a si mesmo. (Miguel MOREY, 2002)

Há algum tempo, descobriram no Brasil que se podia usar a expressão letramento. E o que aconteceu com a alfabetização? Virou sinônimo de decodificação. Letramento passou a ser o estar em contato com distintos tipos de texto, o compreender o que se lê. Isso é um retrocesso. Eu me nego a aceitar um período de decodificação prévio àquele em que se passa a perceber a função social do texto. Acreditar nisso é dar razão à velha consciência fonológica. (Emilia FERREIRO, 2003)

Se alguém tem uma maneira de abordar certos problemas e recebe uma orientação que não acompanha esse esquema, fica com duas formas de pensar. Ou seja, tem grandes chances de se perder. Mas, se aprender com base no raciocínio que já possui, enriquece o conhecimento, ganha instrumentos para a vida. O aluno toma consciência do próprio pensamento e começa a utilizá-lo de maneira mais apurada, mais generalizada. (Terezinha NUNES, 2003)

O ensino médio tem de despertar no aluno essa coisa para o trabalho. Não importa se ele vai ser empregado, ser patrão, ser parceiro. Só não pode ser como é até hoje. As escolas formam pessoas para ser empregadas, para ter emprego, não para ter trabalho. Você não tem lá dentro um motivador, um “vai atrás, vai vender cachorro-quente”. É muito importante despertar essa consciência do trabalho na moçada. (Eduardo NAJJAR, 2004)

As ideias do ensino para a compreensão encontram terreno fértil em um cenário com algumas condições. A primeira é a consciência da diversidade dos alunos. Aceitar a diversidade é fundamental, mas não apenas a diversidade multicultural. A simples existência de 30 crianças na sala de aula cria um contexto de diversidade. A essa consciência, deve-se somar a consciência sobre as questões das dificuldades e das potencialidades de aprendizagem. (Paula POGRÉ, 2004a)

O homem não tem mais consciência de que é ela [a natureza] a provedora inicial das necessidades humanas. Em educação, é preciso ir à origem das coisas e fazer compreender que, atrás da indústria e da tecnologia, é a natureza que nos fornece a matéria-prima. Trata-se de tomar consciência de que se destruímos essa usina de recursos é o homem quem padece. Não basta descrever nossa dependência com relação ao planeta, é preciso vê-lo, senti-lo, compreendê-lo. No plano pedagógico, creio que seja tempo de ir além de nossas simpáticas aulas verdes. (Nicolas HULOT, 2008)

Ao acidente das distâncias e das substâncias acrescenta-se o acidente dos conhecimentos, isto é, da consciência, como os de Auschwitz e Hiroshima, que são metonímias deste. Lembremos que Auschwitz foi também um laboratório de biologia onde o médico Mengele “exercia” e não esqueçamos que a física posta em prática por Oppenheimer trouxe a possibilidade do fim do mundo. A frase de Rabelais, “ciência sem consciência só é ruína da alma” tornou-se uma realidade. (Paul VIRILIO, 2008)

Ele [o professor] precisa de jornada justa, boa remuneração, bibliotecas, vídeos, computadores, quadras e formação permanente. Com boas condições, a qualidade evolui. Além disso, é fundamental criar uma visão mais dinâmica da escola, perceber que o aluno aprende o tempo todo e, por isso, não só o professor é essencial – também o diretor, o coordenador, a merendeira, o vigia e todos os funcionários educam. Infelizmente, porém, poucos têm consciência disso. (Rubens Barbosa de CAMARGO, 2010)

Mesmo no caso de escolas que orientam as crianças a não levarem brinquedos caros, a criança leva, criando mais um problema do que um benefício para ela. [...] Não é o caso de tentar criar uma criança como consumidora consciente, mas de educar na infância para criar adultos consumidores com mais consciência do

que precisam, porque compram e para quê. (Ana Maria Dias da SILVA; Luciene Ricciotti VASCONCELOS, 2012)

Sem dúvida esse quadro [de conformismo] se completa com uma preocupante falta de interesse público ou, em outras palavras, de consciência sobre a responsabilidade que todos temos no que diz respeito à educação de toda a população. Há um certo clima de aceitação, um pensamento do tipo “fazemos o que podemos”. Falta uma consciência da educação como prioridade para a saúde e o bem-estar das pessoas, como condição para o desenvolvimento social. (Brian PERKINS, 2013)

A criança de hoje está bem perto da tecnologia e também está mais consciente do que nós. Ela tem mais percepção da importância do planeta. Eles não vão criar um mundo com a mesma desigualdade que a nossa geração criou. Para mim, o problema não é criar consciência, mas ficar engajado para fazer algo com essa consciência que já existe. Apesar de essa geração estar bem mais preparada do que a nossa, é mais difícil captar a sua atenção. Toda essa dispersão dá a percepção de falta de conscientização. (Fernando Valenzuela MIGOYA, 2014)

CRÍTICA

E, se estamos falando em reconstrutivismo, é preciso fazer uma crítica à aula que é meramente expositiva, que nada mais é que um café velho passado para a frente. [...] A aula precisa ser colocada em seu devido lugar. É um instrumento de organização, introdução e arrumação das coisas. Deveria ser um elemento didático supletivo, não o centro da aprendizagem. (Pedro DEMO, 2001)

Posição crítica em Filosofia (e de certo modo também em Sociologia) é uma das posições possíveis, não toda e qualquer uma. Ser crítico, no sentido filosófico do termo, é acreditar que se pode colocar a razão no tribunal da razão. Nem todas as tendências filosóficas e sociológicas partem desse pressuposto. Portanto, os professores deveriam começar a perceber que falar em “crítica” e atrelar isso à filosofia e à sociologia não é algo que se possa fazer sem que se entenda, com rigor, o que é a “crítica”. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006b)

Sabemos que toda proposta política constitui uma tentativa de estabelecer um consenso que consiga ser legitimado. No entanto, no caso da educação, qualquer proposta oficial é ferrenhamente combatida, mesmo quando são formados grupos de estudos com educadores de renome para fazerem um projeto inicial. Isso está relacionado com o fato de educadores terem aprendido muito bem a fazer críticas e a serem pouco propositivos. (Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS, 2006)

Muita gente tem razão em criticar a educação a distância. Há muitos projetos e iniciativas que realmente são ruins. Temos que reconhecer. A gente quer que o campo melhore, quer que a sociedade valorize o que as instituições sérias fazem, mas pra isso a gente não pode estender a toda a educação a distância... Assim como a gente quer que os alunos presenciais tenham cursos de qualidade. Ninguém vai dizer que todas as faculdades presenciais do Brasil são exemplo de qualidade, e não se pode esperar isso da educação a distância. (Antonio SIMÃO NETO, 2008)

O professor também tem de emitir elementos de crítica. Os próprios alunos perguntam muitas vezes: “Se os americanos não aprendem português, por que vou aprender inglês?”. É um ótimo momento para você explicar sobre a hegemonia do inglês, introduzindo elementos que mostrem que ele não é um amontoado de regras, que é uma língua, um meio de expressão para várias pessoas no mundo e que, neste momento, tem posição de língua hegemônica. (Maria Antonieta CELANI, 2009b)

Existem grupos que fazem uma forte crítica à abordagem por competências. O que se ouve é que competência é algo neoliberal. Analisando Philippe Perrenoud e alguns psicólogos da linha cognitivista, o que se observa é que a competência como construção interna do sujeito é afetada pelo estímulo de aprendizagem que ele tem em seu meio ambiente. (Guiomar Namó de MELLO, 2011a)

As escolas devem ensinar todas as formas da cultura escrita (manuscrita, impressa, eletrônica), conscientizar os alunos de suas diferenças, e os acostumar a usar uma ou outra forma de escrever, para navegar no mundo dos textos como se faz em uma floresta. Sei também que os objetos eletrônicos inventados todos

os dias representam um avanço técnico, mas também são mercadorias, que têm um custo abusivo para muitos e que geram lucros (nem sempre justificáveis por sua utilidade). É também uma lição que as escolas devem ensinar em uma crítica sobre a sociedade de consumo. (Roger CHARTIER, 2012)

Sou muito interessada em História. E, pelo menos na Inglaterra, vejo um lapso no ensino dessa disciplina. Acredito que, se não olharmos para o passado de maneira crítica, nunca aprenderemos com nossos erros e conseguiremos fazer progresso. Terminaremos, constantemente, lutando novas guerras. Outro fator que trago para meus livros é este lugar em que se pode ser livre. Há cada vez menos lugares onde as crianças podem ter verdadeiras aventuras, brincar nas ruas, parques, sair correndo por aí. Hoje, tudo é tão monitorado. (Sally GARDNER, 2014)

Não adianta os jovens e os alunos estarem habilitados a usar a tecnologia, mas não estarem preparados para usar todas as outras capacidades sociais. Esses núcleos – família e instituição de ensino – precisam enxergar além da tecnologia da informação. A pergunta que fica é: de que modo se pode utilizar esse instrumento como recurso criativo para desenvolver o potencial crítico daquele cidadão? (Érika CARVALHO, 2015)

Muitos estudantes tendem a acreditar em tudo que leem *on-line*. Um bom exemplo é uma página na web sobre um polvo raro que vive em uma árvore. É uma piada, mas quando mostro para os alunos, eles, de imediato, acreditam. Então os professores precisam ajudar os alunos a desenvolver habilidades críticas em relação ao que acham *on-line*, mostrar a eles como precisam questionar todas as coisas. (Nicky HOCKLY, 2015)

Quando falo que elas [as avaliações] são bem-sucedidas é porque conseguimos avançar na elaboração de provas padronizadas e na apresentação de resultados à sociedade. Mas compartilho dessa crítica. Os exames não têm caráter formativo. Estão servindo apenas para prestar contas por meio de *rankings*. A informação nunca volta de maneira a possibilitar que o professor entenda quais são os desafios dos seus alunos e como pode atuar para que eles avancem. (Ricardo MADEIRA, 2015)

A concepção construtivista da aprendizagem tem sido muito criticada pela comunidade científica por investigadores de todo o mundo. Um artigo da revista *Harvard Education Review* publicado em 2005 questiona muitos dos princípios do construtivismo, como, por exemplo, a ênfase de que a chave do aprendizado está em um conhecimento prévio. Muitos autores têm questionado isso, alegando que qualquer pessoa pode aprender um conhecimento novo sem ter conhecimento prévio. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2016)

[Na série espanhola Merlí] você tem uma crítica constante à escola, uma escola que não abre espaço para todas as pessoas desenvolverem o que são. Merlí diz: “que história é essa, quem aguenta ficar cinco ou seis horas sentado no mesmo lugar?”. Fazer isso com crianças de sete anos é um delírio. Provavelmente, um dia as pessoas vão dizer que os séculos XX e XXI eram feitos de loucos. As pessoas que geriam a educação eram um bando de malucos. Não dá. (Renato Janine RIBEIRO, 2018)

Criei essa palavra [hipercrítica] com o objetivo de caracterizar uma crítica que esteja sempre atenta e pronta para pensar e que, além disso, coloque em questão, que problematize, que desconfie, que coloque sob análise até mesmo os seus próprios pressupostos teóricos e as ferramentas que utiliza para pensar, analisar, problematizar etc. Assim, a hipercrítica tem de ser constante, incansável e humilde, isto é, pronta a refazer-se e a se repensar. Por isso, a hipercrítica não torna mais felizes os espíritos acomodados, conformados e conformistas. (Alfredo VEIGA-NETO, 2018)

Começamos pegando material do lixo para transformá-lo com as mãos. Depois, como em todo trabalho, os alunos foram evoluindo, outros conceitos foram sendo aplicados e desenvolvidos por eles. Quando comecei, também não tinha certeza. Fui duramente criticada pelos meus próprios colegas, que diziam que aquilo que estava fazendo era artesanato. [...] Escolhi olhar para meus alunos e pensar: “é com esse material que a gente pode trabalhar, e vou usar isso para fazer a diferença na vida de vocês”. (Débora GAROFALO, 2019)

INFORMAÇÃO

Ninguém aprende nada apenas exposto à informação. Se fosse assim, os guardas de biblioteca seriam intelectuais e os vigias de museus, críticos de arte. Informação não significa entendimento. É preciso transformar a informação em um saber educacional. Quem pode fazer essa intermediação é o professor. O aluno sozinho não consegue. [...] Jornais, tevês e computadores são acessórios para ser usados na sala de aula. O que importa, na verdade, é a intermediação do professor. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998a)

Os professores ensinam, por exemplo, que a Terra se move em torno do Sol. Mas isso, geralmente, é apresentado como uma verdade acabada, porque eles mesmos não sabem explicar como tal conhecimento foi estabelecido e desconhecem os problemas que ele apresenta. Então, a informação passa a ser dada como um dogma. (Roberto de Andrade MARTINS, 1998)

Vivemos em uma cultura-mosaico, uma cultura de expansão, de uma quantidade maior do que nunca de informações dispersas, desconexas e não-hierarquizadas. Por isso, o professor deveria ser um canalizador, no sentido de organizador, hierarquizador, para saber quais são as informações fundamentais, quais é preciso ir incorporando para organizar e estruturar um pouco esse tipo de informação. (Joan FERRÉS, 1999)

[A familiarização precoce com o computador] é bobagem. Não há a menor necessidade de que crianças e jovens usem computadores. Para que elas precisam do computador? Para adquirir informações via Internet? Educação não é aquisição de informação. Educação é desenvolvimento de habilidades corporais, sociais, artísticas e, aos poucos, também intelectuais. Para isso não é necessário o computador. (Valdemar SETZER, 1999)

A grande vantagem de trabalhar com pequenos é ter a evolução natural a seu favor. Se não existe patologia, maus-tratos familiares ou algo parecido, eles são máquinas de aprender: processam rapidamente as informações, têm boa memória, estão sempre dispostos a receber novidades e se empolgam com elas. Um professor que não acha que o estudante seja capaz de aprender é semelhante a um pai que não compra uma bicicleta para o filho porque esse não sabe pedalar. Sem a bicicleta, vai ser mais difícil aprender! (Ana TEBEROSKY, 2005)

A dúvida é o princípio da sabedoria na filosofia e a reflexão é o princípio da maturidade na psicologia. [...] Mais de 90% das informações que são ensinadas em sala de aula nunca serão lembradas e utilizadas. O que forma pensadores não é a quantidade de informações na memória, mas a capacidade de questionar, a habilidade de refletir, tudo isso mesclado com o desenvolvimento do raciocínio esquemático e da consciência crítica. (Augusto CURY, 2007)

Antigamente, a educação buscava informar, porque não havia outras fontes de informação. As crianças necessitavam ser informadas por meio de notícias, dos fatos do mundo, da ciência. Mas hoje recebemos informações a partir de muitos canais, como a internet e a televisão. Por isso, o importante é ensinar a capacidade de refletir e organizar. Refletir sobre essas informações e descartar as menos

válidas, ter uma mente capaz de ordenar o que se sabe. (Fernando SAVATER, 2007)

O sujeito que recebe uma informação não se limita a absorvê-la, mas tem de reconstruí-la a seu modo. De outra forma, não seria possível explicar que as concepções de crianças de diferentes idades em relação à sociedade sejam bem diferentes das apresentadas pelos adultos. Ou ainda que as que têm a mesma idade, mesmo que vivendo em diferentes países ou culturas, tenham noções similares de sociedade. (Juan DELVAL, 2009)

Ele [o professor] é fundamental para ajudar as crianças a perceber que os conteúdos de qualquer mídia – seja nova, como a internet, seja velha, como a TV e os livros didáticos – não nos trazem o mundo, mas uma versão dele. É perguntar sempre: de quem veio essa informação? Quais são os interesses de quem a divulgou? De que forma ela representa o mundo? É confiável? Como podemos comparar essa informação com outras fontes? (David BUCKINGHAM, 2011)

O que se observa nas escolas, em especial naquelas escolas particulares que pretendem formar as elites do futuro? Concorrência de todos contra todos, memorização cega, conformismo prudente e o rei vestibular mandando em todos! Se essa é uma sociedade do saber, trata-se de um saber que está perdendo o seu valor de uso e permanece apenas com seu valor de troca. Por fim, não se deve confundir informação e saber. [...] Já entramos na sociedade da informação, mas o saber é outra coisa. (Bernard CHARLOT, 2011)

Quando trabalhava com Piaget, aprendi que informação não é conhecimento, que inteligência não processa informação e que a mente humana não funciona como um computador, codificando informação e a arquivando na memória, como se fosse uma biblioteca que podemos acessar quando necessitamos. A mente humana funciona de um modo muito mais orgânico, pois existe um paralelismo entre os processos psíquicos e físicos. (Edith ACKERMANN, 2013)

Não adianta eu querer algo acima do que o sistema pode comportar. Ou seja, não adianta entulhar o aluno de informações. Ao mesmo tempo, é preciso saber que todos nós somos ávidos por informação. Costumo dizer que uma criança tem 12 olhos: dois olhos mais dez dedos. Só o olhar não basta, tem de sentir, tem de construir novos circuitos cerebrais que representem essas. Então não basta para uma criança só ver um objeto. Os sensoriais – tocar, cheirar – são muito importantes. (Alfred SHOLL-FRANCO, 2013)

Não podemos nos submeter a esse tipo de “tsunami informacional” que temos no cotidiano e acaba nos estonteando. É necessário que a gente lide com a sociedade e a alteração daquilo que se pode – e deve – [acreditar]. Além disso, é preciso saber se essa enorme quantidade de informações nos é dada de maneira concertada – com “c”, e não com “s”, isto é, [precisamos saber se há] um concerto dessas situações, de modo que a gente não se perca nesse “tsunami”, mas também não deixe de aproveitá-lo como uma onda para crescer. (Mario Sergio CORTELLA, 2015)

Na hora de compartilhar uma informação que você leu, de produzir uma informação que você viu na rua, de relatar alguma coisa, de sacar a sua câmera

para fazer uma foto ou filmar algo que está acontecendo, é bom que você saiba as técnicas de imprensa, como fazer uma entrevista, como checar uma informação, qual a diferença entre um gênero e outro de reportagem, o que é opinião, o que é reportagem. Penso que tudo isso se refere à alfabetização cívica hoje. (Bruno TORTURRA, 2016)

É preciso haver um processo de informação para que a realidade delas [pessoas refugiadas] seja reconhecida pelos educadores e, com isso, afastar ideias preconcebidas. As histórias de vida de refugiados podem inclusive levar à empatia e a que outras pessoas se interessem por refugiados de um ponto de vista da própria história de vida dessas pessoas, de como elas venceram e superaram os desafios. Se nós conseguimos essas informações e as abordamos de maneira positiva, é possível combater a xenofobia nas escolas. (Paulo Sérgio ALMEIDA, 2019)

OPINIÃO

Cada professor tem sobre os livros uma opinião que varia em função de suas necessidades pedagógicas imediatas e da realidade dos seus alunos. Por esta razão é que o mercado editorial é tão fértil. Um bom livro para um professor de uma determinada região pode não ser bom para outro. De qualquer modo, o professor deve ser estimulado a aprimorar o seu critério de escolha. (Egberto da Costa GAIA, 1986)

Nessa prévia seleção que fizemos com professores que querem se dedicar à orientação sexual, tentamos detectar pessoas que tenham dentro de si esse respeito – o que não garante que haja exceções. Além disso, o trabalho de orientação sexual pode ser feito num jardim, num barracão, numa sala caindo aos pedaços – o que importa é que o professor tenha condições de deixar seus alunos à vontade para se expressarem e respeitarem as opiniões que eles possam emitir. (Marta SUPLICY, 1989)

A criança e o adolescente têm uma opinião positiva sobre a televisão. Eles percebem com clareza que podem ver o mundo através dela, conhecer outras culturas, obras de arte, monumentos. Para eles, a TV funciona como uma janela aberta para o mundo – são estímulos vindos não só do ambiente em que esses jovens e criança vivem, mas do mundo inteiro. Por outro lado, a televisão tem uma característica de fechamento, o que ocorre no momento em que a criança passa a ficar muito tempo diante dela e acaba perdendo o contato com o mundo real. (Maria Luiza BELLONI, 1993)

Tive a oportunidade de visitar as escolas americanas, enquanto secretário da Educação, mas ainda hoje não tenho uma opinião final sobre a questão. Acho que o sistema de não-repetência tem vantagens e desvantagens, assim como o nosso sistema. Portanto, a discussão da proposta é válida. Inclusive, tive a oportunidade de implantar o ciclo básico de alfabetização em São Paulo, que eliminou a repetência da primeira para a segunda série do primeiro grau. Fomos os primeiros a implantar o sistema no Brasil. (Paulo Renato SOUZA, 1995)

[A arte] é o campo da percepção, da imaginação, de tudo o que é além do real. Descobrir o que está por trás de uma obra é enigmático e instigante. [...] O educador deve expor o objetivo da apreciação e deixar o aluno dar sua opinião sobre a obra, na perspectiva que ela será estudada. A obra de arte só pode ser usada para a criança ampliar suas referências sobre os métodos de produção artística. (Mirian Celeste MARTINS, 2002)

Creio que tudo não vale igual: minha opinião sobre um edifício vale muito menos que a de um arquiteto. Posso opinar, mas é só uma opinião, não conhecimento. É nesse sentido que eu creio ser fundamental a transmissão. Não no sentido da transmissão unidirecional, com recepção passiva. Para mim, a palavra “transmissão” merece um grande respeito. O que nos distingue dos outros animais não é a capacidade de aprender e, sim, a de ensinar – eu, por exemplo, posso ajudar você a aprender o que já aprendi. (César COLL, 2003b)

Sempre defendi o acesso imediato da criança a jornais, revistas, livros de literatura, dicionários, enciclopédias. A tendência de quem não compartilha da

minha opinião é ter livros com níveis de dificuldades seriados. Com o advento da internet nasceu também o espaço mais intertextual e mais variado que existe, mais até que uma biblioteca. Ou seja, quem está alfabetizando com textos variados prepara sua turma muitíssimo mais para a internet do que quem faz um trabalho mostrando primeiro uma letrinha e depois a outra. (Emilia FERREIRO, 2003)

Para afirmar se a culpa [pelos problemas de alfabetização] é ou não de determinada maneira de ensinar, seria necessário ter um estudo aprofundado das práticas pedagógicas dos alfabetizadores em todo o país. Uma coisa é o que eles declaram fazer, outra é o que eles executam de fato. Quem afirma que uma forma de alfabetizar é melhor que a outra está apenas dando sua opinião pessoal já que não existe nenhuma pesquisa nessa linha. (Ana TEBEROSKY, 2005)

A participação infantil é um processo contínuo de expressão e intervenção ativa por parte das crianças na tomada de decisões, em diferentes níveis, nos assuntos que lhes concernem. [...] As opiniões das crianças devem ser levadas em conta, mas isso não significa que se deve acatar qualquer coisa que as crianças dizem. Significa que os adultos devem prestar a devida atenção no ponto de vista das crianças ao tomar as decisões que as afetam. (Leonardo YÁNEZ, 2006)

Para algumas pessoas, a educação ocorre de forma natural, através de um dom, não sendo necessário estudar nem se aprimorar. Em nossa sociedade, poucos pretendem ser capazes de fazer uma cirurgia, mas todos têm opinião formada sobre como se deve aprender línguas estrangeiras. Por essa razão, temos o sentimento de que a educação é simplesmente um assunto de senso comum. (Philippe MEIRIEU, 2008)

São Paulo tem um exército de menores de rua viciados e a pergunta é: o que se faz efetivamente por eles? Essa briga entre autoridade e profissionais é uma coisa ridícula. Sobretudo, porque temos medicina baseada em evidência e nos estudos de metanálise que comprovam essas teorias. Não é só uma questão de opinião. Existem maneiras de verificar isso cientificamente. (Dartiu XAVIER, 2010)

O que às vezes me chama a atenção é o comportamento absolutamente opaco da imprensa. Ninguém mais tem opinião. Ninguém ousa, ninguém é politicamente incorreto. E a única coisa que interessa é o politicamente incorreto. O correto não interessa a ninguém, todo mundo é. Quero o João Saldanha, que era diferente. O Mario Moraes, o Nelson Rodrigues, um cara desse tipo, que fale uma coisa inesperada, às vezes até truculenta. O que acho que difere muito é que havia personalidade. Não se evitava tanta polêmica. (Ugo GIORGETTI, 2014)

Falta habilidade para definir problemas: muitos [jovens] vêm com habilidades para resolver problemas, mas poucos com a análise crítica e sistêmica para primeiro entender quais são os problemas das empresas e aí sim partir para resolvê-los. Observamos que predominam respostas óbvias para problemas dados. Percebemos também que falta profundidade de análise. As opiniões se pautam na primeira página do Google. Falta aos jovens considerar outros pontos de vista, aprofundar-se mesmo. Eles têm dificuldades claras em sustentar opiniões. (Maíra HABIMORAD, 2014)

Nenhuma sociedade tem unanimidade de opiniões. A sociedade brasileira também é múltipla e permeada por conflitos. Nas últimas décadas, conseguimos formalizar um pacto democrático de gestão desses conflitos, do qual fazia parte o respeito à diversidade além da inclusão de todos e todas na cidadania. O sistema escolar vinha sendo um dos espaços em que buscamos construir relações menos preconceituosas, sem homofobia, sem racismo, em que homens e mulheres tivessem oportunidades iguais. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

As crianças pequenas têm opiniões e sentimentos fortes sobre seu mundo e suas experiências e precisam ser reconhecidas em qualquer processo de avaliação. Devemos nos sintonizar com o que elas estão nos comunicando sobre suas experiências e preferências diárias E agir de acordo com isso em nossas avaliações e melhorias para a prática. (Chris PASCAL, 2018)

A FAVOR

Enquanto as crianças estão diante da TV, não estão fazendo outra coisa. A lei do menor esforço é real: é mais fácil ver um filme do que ler um livro. Mas não é só a criança: a primeira coisa que muito adulto faz, quando chega em casa, é ligar a televisão. É culpa da família colocar a TV no lugar mais importante da casa, ligada o tempo todo. Sou a favor de uma limitação temporal do assistir à TV. Mas isso deveria valer para os próprios pais. (Yves de la TAILLE, 1999)

Eu sou francamente a favor do livro didático. Mas penso que o livro didático não precisa reproduzir sempre o texto inteiro. é preciso criar para o professor e para o aluno o entendimento de que ler uma parte do livro não é o mesmo que ler o livro inteiro. Minha grande preocupação, ao escrever um didático, é escolher textos que já convidem o aluno a ler a obra toda. [...] Isso deve valer como fala para o professor também. (Maria Antonieta Antunes CUNHA, 2006)

Tenho receio do uso indiscriminado da palavra elitismo. Do que estamos falando quando a usamos? Esse nome recobre um ataque à qualidade das coisas. Sou sempre a favor de que as coisas tenham qualidade e que se incorpore um número maior da população na qualidade do ensino, da arte, da comunicação. Pode ser uma utopia, mas temos de buscá-la. (Boris FAUSTO, 2007)

Por que eu fui a favor da eleição do Paulo Coelho pra Academia Brasileira de Letras? Porque eu não via nenhuma razão – não via e continuo não vendo – para que ele fosse excluído da seleta audiência que têm José Sarney e Nélide Piñon. Ele é lido pelas empregadinhas? Ele é lido pela turma que lê *Caras*? E daí? Ele é lido pela turma que não lê coisa nenhuma. O que precisa acabar no Brasil é esse “nós contra eles”. Esse é o espírito do rei na barriga que a francesada mandou pra cá. (Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO, 2007)

Se o professor não vai ao teatro, ele não sabe escolher, distinguir uma boa peça. Sem falar nas orientadoras pedagógicas que escolhem peça pela porcentagem que ganham. [...] Sou a favor de que se deva ter conhecimento teatral. Um ator, uma pessoa de teatro é mais capaz de dar aula de teatro. Tem de ter vivência de teatro. Ou você apenas lê. (Vladimir CAPELLA, 2009)

Sou favorável à avaliação dos professores, pois acredito que é uma prática social que, em última análise, deverá visar a melhoria do desempenho profissional das pessoas, contribuir para a melhoria das instituições e da própria sociedade. Então, sou a favor da avaliação, mas de uma avaliação que não tome conta da vida das pessoas, que seja posta no seu devido lugar. (Domingos FERNANDES, 2009b)

O convite que a sociedade de consumo faz ao jovem é o do mercado do “barato”. Então, eu sou a favor de legalizar [o uso de drogas], mesmo porque se legalizar vai morrer menos gente de overdose do que morre de efeito colateral da violência do tráfico. O problema principal social do País hoje é o tráfico de drogas. E, certamente, quem tem menos interesse na legalização das drogas, hoje em dia, são os chefes do tráfico. (Maria Rita KEHL, 2009)

A gente vem sofrendo a reverberação de uma ausência do ensino da arte nas escolas por muitos anos, mas tem havido esforço gradativo e com certa constância para que os professores possam ter informação e contato com exposições. [...] Sou a favor de contato com a arte vital, não com a superintelectualizada. Precisamos conhecer a potência da arte de acordo com nossas percepções – claro que também precisamos de muita informação. (Stela BARBIERI, 2010)

Dou aula há 35 anos em faculdades, e faz 35 anos que os alunos que estudam à noite e trabalham o dia inteiro vão melhor que os alunos que têm tempo o dia inteiro. [...] Eu sou muito a favor de os adolescentes trabalharem. A melhor escola do mundo é o trabalho. O garoto deve ser explorado? Claro que não, mas ele deve ter compromissos cedo, isso vai ser muito benéfico para moldar a sua personalidade. (Wanderley CODO, 2010b)

O ENEM, o IDEB, a Prova Brasil ou qualquer outra possibilidade de comparação chamada de avaliação externa não inventam o problema. Ele já existe. Esses instrumentos apenas o tornam mais perceptível e, portanto, mais passível de ser enfrentado. Sou totalmente a favor do aprimoramento desses processos de aferição e de sua ampla divulgação. Defendo-os, inclusive, pelas possibilidades que abrem de maior controle público sobre a educação escolar. (Márcio da COSTA, 2010)

Sou a favor de dispositivos de acompanhamento e de melhoria do ensino. Insisto que deveria haver um período probatório para avaliar se a pessoa tem condições de lecionar. [...] Na Medicina, todos os profissionais sabem quem são os bons e os maus médicos. No caso dos professores, isso não é verdade. Todos parecemos iguais. E mais: lidamos demasiadamente bem com o colega que está na sala ao lado mesmo que ele faça barbaridades com a garotada há 20, 30 anos. (Antônio NÓVOA, 2012)

Existem propostas que não são muito complicadas, seja de criar um indicador ou então dotar o IDEB de mecanismos que impeçam esse mau uso. Ele está aberto a isso. Longe de mim querer demonizar o uso do IDEB. Pelo contrário: como foi algo [implantado] com tanto sucesso, quero que seja aperfeiçoado. É um tema polêmico, não sei lhe dizer quantas pessoas pensam como eu nesse sentido. Eu sou a favor do IDEB, mas gostaria de um aperfeiçoamento. (José Francisco SOARES, 2012a)

O que ela [a diversidade de meios de comunicação] facilita é o acesso à informação, pois ela circula muito rápido. Mas será que facilita o acesso ao saber? Sou a favor de colocar internet e computadores nas escolas, além de dar *tablets* aos alunos. No entanto, sei que essas medidas não resolverão os problemas fundamentais de ensino, em particular o do fracasso. (Bernard CHARLOT, 2013)

Sou absolutamente a favor [do uso de celulares em sala de aula]. Até porque eles já estão dentro da sala de aula, queiram ou não. Os jovens já levam esses dispositivos para a escola e proibi-los é nadar contra a maré. Os professores gastarão energia lutando contra uma coisa que, na verdade, poderia ser usada na aprendizagem, a favor deles. Eles só precisam ser treinados para saber usá-los de forma proveitosa. (Nicky HOCKLY, 2015)

Sou a favor das cotas [raciais]. A começar pelo seu caráter simbólico. Mais de um século depois da Lei Áurea, é a primeira vez que o Brasil, sob um regime democrático, tenta implantar políticas públicas destinadas a enfrentar o legado da escravidão. O regime de cotas é polêmico, aqui e em qualquer outro lugar do mundo, mas representa um esforço genuíno de enfrentar um problema com o qual o Brasil nunca se preocupou antes. (Laurentino GOMES, 2019)

CONTRA

Não sou contra o livro didático. É preciso que existam bons livros didáticos para orientar o trabalho do professor. Mas sou absolutamente contra o livro didático ser o único material à mão da criança. Livro didático não é livro. Livro é alguma coisa que torna livre, que liberta. Livro didático é o contrário: ele aprisiona o texto, aprisiona a criança. O texto literário não deve ser aprisionado e transformado num texto didático. (Sônia KRAMER, 1995)

Sou contra a avaliação [dos livros didáticos] pelo sistema de estrelas, como a EMBRATUR faz com os hotéis. Isso é um absurdo, induz o professor a não ler os pareceres [dos avaliadores]. Se o professor sabe que determinado livro de três estrelas é recomendado, ele pode preferir este em comparação ao de duas estrelas. É uma prova de que o MEC não confia nos professores da rede pública... que eles não possuem discernimento. (Wander SOARES, 1998)

[Sobre o uso de computadores na infância,] dá para resumir em uma só palavra: contra. Isso vale na escola, no lar, em qualquer uso que se faça de computadores na infância. Também sou contra o uso de computadores durante a juventude, pelo menos até a adolescência, depois da puberdade. Só não tenho restrições – desde que os jovens sejam alertados sobre os problemas que os computadores podem causar – a partir dos 17 anos. (Valdemar SETZER, 1999)

Eu sou totalmente contra a mãe que trabalha fora e delega a educação dos filhos para terceiros. Acredito que mãe deveria estar presente em tempo integral até os 12 anos, ou pelo menos até os 8 anos de seus filhos. Note que as crianças criadas por babás, por exemplo, repetem muito o padrão de comportamento e até a linguagem dessas pessoas que, apesar de até oferecer carinho, podem ter um nível educacional muito baixo. (Suzana DOBLINSKI; Albertina Costa RUIZ, 2001)

Se eu não tivesse nenhuma razão para ser contra o ensino da gramática, teria esta: ninguém sabe a gramática. Se tirarem o manual didático das mãos dos professores ninguém acha o sujeito ou o predicado de nada. Eles só sabem porque no livro do professor está a resposta certa. [...] Se um professor der aulas por cinco anos, mexendo apenas com textos, ele saberá ler muito melhor depois desses cinco anos – ler e escrever mais sofisticadamente – do que se ficar por cinco anos dando aulas de gramática. (Sírio POSSENTI, 2001)

Sou contra laboratórios dentro de escolas. Na verdade, eles são uma boa maneira de enganar os pais, que ficam impressionados com os aparelhos, as luzes etc. Mas contam uma mentira, porque ciência não se faz dentro de um quatinho; se faz em todas as situações da vida, com cérebro e olho. Aquele monte de instrumentos e frascos só tem a função de melhorar o olho, mais nada! (Rubem ALVES, 2002)

Em torno dele [do princípio da inclusão] têm ocorrido muitas controvérsias, principalmente porque muitos educadores pensam que as diferenças não devem estar juntas. Acreditam que alunos com diferenças muito grandes entre si devem ser separados e não podem partilhar o mesmo espaço de aula. Eu sou totalmente contra esta ideia, que somente colabora com a segregação de grupos e a formação de guetos. Segregar diferenças não proporciona evolução, ainda que possa parecer que sim. (César COLL, 2002b)

Eu sou contra o vestibular, dessa forma, com esse peso que ele tem no ensino brasileiro. Não faz sentido que todas as escolas de um país, inclusive aquelas dirigidas para os menos favorecidos, estejam pautadas em um exame, em uma prova, que muitas dessas pessoas nem sequer poderão prestar. Ou seja, trata-se de uma prova de elite que pauta o ensino tanto de elite quanto popular. Isso está errado. (Antoni ZABALA, 2004)

Sou contra um currículo nacional. O melhor ensino que temos no mundo ocidental é o do Canadá, que sempre se recusou a ter um currículo nacional. Na Inglaterra, a educação piorou depois da adoção. Não deu certo na Espanha. Os atuais parâmetros foram feitos por gente muito boa, mas foram elaborados por universidades hegemônicas. Não se determina todo o conteúdo, apenas linhas estruturais. Se isso fosse debatido em cada estado, em cada município e depois em cada escola, seria uma coisa interessante. Mas não foi assim. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

[Eu] era um aluno disperso. De vez em quando recebia uns croques dos professores, por atrapalhar a aula, jogar aviãozinho, colocar pedras nas bolsas das meninas, coisas de criança. Sou completamente contra qualquer tipo de castigo físico. Acredito que o que educa mesmo é a persuasão e o exemplo, mas naquele tempo atitudes como essas do professor não representavam nenhum tipo de abuso. No meu caso, pelo menos, não deixou traumas. (Tarso GENRO, 2005)

Sou contra usar rótulos como alfabetizado e não-alfabetizado, leitor e não-leitor. Quando se trata de conhecimento, não existe o “tudo ou nada”. Uma criança que tenha acabado as quatro primeiras séries, apesar de dominar os códigos da língua, pode ter dificuldade em compreender um texto e não estar habituada a estudar. Algumas apresentam resistência a tudo o que se refere à escola por motivos vários. Outras têm mesmo dificuldades e, por não saber superá-las ou não contar com alguém para ajudar, evitam contato com textos. (Ana TEBEROSKY, 2005)

São incentivos que vão desde aumento salarial e bônus à premiação para o professor ou para a escola em razão dos resultados obtidos. É uma tendência que pode ganhar outra feição, porque cria uma diferenciação na rede: intensifica desigualdades, em vez de minimizá-las. Experiências, inclusive internacionais, mostram que esse tipo de incentivo pode gerar mecanismos de expulsão ou não aceitação de alunos que não apresentam bons desempenhos. Sou absolutamente contra. (Sandra ZÁKIA, 2007)

Sou contra ações pirotécnicas, remédios milagrosos. Até porque, quando se trata de educação, as respostas às medidas implementadas não acontecem da noite para o dia. Não existe medida que em estalar de dedos faça com que uma rede como a do tamanho de São Paulo tenha todos os problemas resolvidos no curto espaço de tempo. Temos mais gente nas escolas estaduais do que a população de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul juntas. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2008)

Sou contra a correção da redação. O professor manda fazer uma redação, aí pega o texto, vai assinalando erros gramaticais e desconsidera se a ideia está bem

estruturada. O importante é que ele saiba contar uma história para você, com começo, meio e fim. Então, você tem de pegar o texto do seu aluno e ensiná-lo a escrever, não dar nota! Pega e diz: “Seu texto está confuso, eu não entendi”. Ou então: “Aqui está em discordância com o que você disse antes”. [...] A primeira prova que o aluno entrega é um rascunho, é uma tentativa que pede sua ajuda. (Pedro BANDEIRA, 2009)

Eu sou contra a centralização excessiva, sou contra um currículo nacional obrigatório. Defendo orientações nacionais para um currículo da educação básica. Todos os países têm isso, menos o Brasil. Por aqui, virou um tabu. Mas há uma comissão no Conselho Nacional de Educação estudando isso, acho que vai sair alguma coisa como orientações nacionais para o currículo da educação básica. (Bernardete GATTI, 2009)

CONSENSO

O caminho é por aí: levar o ensino árido, decorado e rasteiro para a direção do ensino reflexivo, que dialogue com o mundo real e seja contextualizado. [...] O bom professor de um século atrás não seria um mau professor hoje. O livro continua tão vigente quanto antes. A aula expositiva não é má em si, mas não pode ser a única atividade. Como parte do ensino, é perfeita. Na minha opinião, porém, só existe um consenso: professor em greve ou ausente é o pior de tudo. (Claudio de Moura CASTRO, 2000)

O construtivismo em alfabetização já se mostrou inteiramente equivocado. Isso é uma coisa muito antiga. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a alfabetização são uma construção ideológica. [...] Não tenho dúvida [é uma opção ideológica]. Há um consenso e tal, tudo parece estar direitinho. Mas Hitler também tinha consenso. Eu diria que tudo isso é simplesmente preocupante. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2004)

Quando surge uma situação de preconceito racial na escola, a intervenção que o professor geralmente faz é, por exemplo, dizer ao aluno: “Olha, você não tem que ficar chateado porque você não é isso que ele falou”. Sempre há a tentativa de criar um consenso, ao invés de lidar com o conflito. Não adianta tentar amenizar o peso de uma prática ou xingamento racista deslocando a discussão para o consenso de que “nós não devemos tratar mal uns aos outros”. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Há um consenso hoje de que a educação é o fator mais importante numa sociedade do conhecimento, porque quem não o domina fica para trás. Portanto, os países cuja educação tem uma qualidade sofrível perdem competitividade, pois a mão-de-obra deixa a desejar. Os políticos dizem que [em função disso] não alcançamos um bom patamar de desenvolvimento, reforçamos as desigualdades e prolongamos a situação de deficiências nos vários níveis. Mas, apesar de esse ser o discurso dominante, não se investe de forma correspondente. (Dermeval SAVIANI, 2008a)

O que soluciona os problemas são as ideias vivas. Por que agora todos se preocupam com a ecologia? Porque há um consenso de que devemos nos preocupar com o meio ambiente. Isso tem de acontecer com a leitura. Nós temos de pensar que quem lê, ganha tempo. Temos uma impressão errada de que quem lê perde tempo! Enquanto não vencermos essa barreira, a situação não irá mudar. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

O problema do ofício de ensinar é que todos na sociedade já tiveram uma experiência. Todos fomos alunos, uma parte tornou-se professor. É como futebol: todos sabemos dar pitacos. No nosso caso, trata-se de um campo que carece de definição científica. O núcleo de trabalhos, de profissionais, de intelectuais do campo da educação não constituiu um consenso de um campo de conhecimento. (Aparecida Neri de SOUZA, 2009)

Os universitários são bem livres para fazerem o que querem e ninguém pode obrigá-los a fazer o que não querem. Quando a formação de professores está localizada em universidade, a liberdade de pensamento é fundamental nestes

espaços. Então, é muito difícil chegar a consensos sobre os caminhos para treinar futuros professores. Na minha universidade não é possível. Em outras é possível haver consensos temporários. (Clermont GAUTHIER, 2010)

Na verdade, até mesmo a busca de continuidade requer consensos prévios. Recentemente, observamos um grande debate, aceito pelo atual governo, de que o direito das crianças e jovens à educação implica diretamente o direito à aprendizagem. Como consequência desse enfoque, as escolas devem ser analisadas sob o olhar da medida do desempenho dos alunos. Porém, essa ideia ainda não é um grande consenso. (José Francisco SOARES, 2010)

Há uma coisa que conhecemos como o “consenso finlandês”. [...] Desde a 2ª Guerra Mundial, tivemos três ou quatro grandes partidos no poder, frequentemente formando o governo em diferentes combinações. Houve um amplo consenso entre todos eles e na sociedade em geral sobre a importância da educação. A Finlândia aprendeu ao longo de sua história que sem consenso não seria capaz de lutar com seus maiores e mais desenvolvidos vizinhos. Isso se refere a muitas outras esferas da sociedade, além da educação. (Pasi SAHLBERG, 2012)

A cultura tem um aspecto democrático, que é quando a sociedade pode disputar o que é ou não valor cultural. Mas tem um aspecto muito antidemocrático: pode ser geradora de consensos. Então, por exemplo, se eu tirar você da sua casa porque quero ganhar dinheiro, serei criticado. Agora, se eu vou tirar porque vou fazer um centro cultural, tudo bem, porque é cultura. (Rodolfo Yamamoto NEVES, 2012)

Essa é uma das grandes encrencas que a gente tem. Não existe um consenso de qual é a função da educação infantil. No ensino fundamental, a gente tem isso muito claro: é ensinar a ler e a escrever, as quatro operações básicas da Matemática e mais as áreas de conhecimento que o MEC organizou. Mas para a educação infantil, não se sabe. Não é nem que não se sabe; é o contrário: sabe-se tanto que não se tem consenso. (Gabriel JUNQUEIRA FILHO, 2013)

É consenso que o professor de qualquer disciplina tem de saber o conteúdo para poder ensiná-lo. Tem de saber história para ensinar história, tem de saber geografia para ensinar geografia, ciências para ensinar ciências. Para alfabetizar, é como se não houvesse algo que se tem de saber. É como se a pessoa, sabendo ler e escrever, soubesse automaticamente alfabetizar. O que não faz sentido. (Magda Becker SOARES, 2016)

Que a literatura hoje não tem o espaço que tinha em meados do século XX, não tem mesmo. Basta dizer que a gente não sabe dizer quem são os grandes autores de 20 ou 30 anos atrás. Acho que isso acaba na Clarice Lispector. Depois dela, quem temos? O João Gilberto Noll foi um grande? O João Ubaldo Ribeiro? O Dalton Trevisan? Não há mais um consenso, e há muito tempo. Quando o Graciliano Ramos ou o Guimarães Rosa eram vivos, já sabíamos quem eram clássicos. (Beatriz BRACHER, 2017)

O consenso é que antes dos dois anos de vida os dispositivos tecnológicos são prejudiciais por um motivo mais evidente: o cérebro foi construído na evolução

por meio da interação social. As nossas habilidades cognitivas e emocionais dependem da interação social. Um dispositivo digital jamais vai cumprir o papel da interação social com pais, parentes e amigos. Tem estudos que mostram isso. (Fernando LOUZADA, 2017)

A unanimidade da luta pela qualidade da educação é uma unanimidade da superfície. Nossa grande questão é que sentido atribuir para a formação educacional. E, para tal, estamos longe de um consenso. Há quem veja a qualidade da educação como difusora de competências, o que capacitaria trabalhadores mais inteligentes e empreendedores. Para outros, formaria um cidadão crítico, uma expressão igualmente vaga. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2018)

EQUÍVOCO

O professor diz, por exemplo, que as crianças não podem jogar bola porque a bola está murcha e a escola não tem aquele bico apropriado para encher, nem dinheiro para comprar. Mas, em vez de procurar dar um jeito nisso, ele primeiro vai defender o seu salário. E também só vai dar meia aula, porque só recebe meio salário. Quer dizer, uma iniciativa tão simples quanto comprar um bico para encher a bola fica para a ação do Estado. Isto é um equívoco. (Moacir GADOTTI, 1991)

É um equívoco pensar que a escola sozinha pode dar conta de todo o conhecimento acumulado. Mesmo que as pessoas passassem a vida toda nos bancos escolares isso não seria possível. A escola precisa fazer um recorte consciente do que considera fundamental e trabalhar para despertar, em seus alunos, a curiosidade e o prazer de aprender. [...] Nosso propósito é que as crianças possam discutir quais são os problemas fundamentais da ciência hoje. (Sara PAÍN, 1993)

Existem modificações profundas na organização social, nos valores, nas relações econômicas e no plano político. Mas continuamos exigindo da educação o mesmo de meados do século XX, quando se buscou a universalização do ensino básico. Acreditava-se que todos os problemas da sociedade seriam resolvidos por meio da escola. E hoje ainda pensamos assim. Um grande equívoco. (César COLL, 2003a)

A obra [de arte] não é um objeto, é um sujeito pensante, ela reflete sobre o mundo, traz elementos e comentários sobre o mundo, ela fala. E cabe a mim captar, pela submissão diante da obra, o que ela diz. O que eu não posso é moldá-la para que ela se encaixe como um exemplo ou uma mera consequência da teoria, ou uma justificação dela. É preciso entender o que a obra quer dizer, quais os parâmetros dela. Os grandes equívocos acontecem quando se chega com critérios alheios à obra. (Jorge COLI, 2006)

Se pensarmos que ficar no saber do aluno é suficiente, cometeremos outro equívoco. Precisamos avançar sobre o conhecimento dos alunos e ir além, com o conhecimento de que a escola dispõe. Os próprios professores têm um conhecimento que precisa ser ampliado. Os saberes dos alunos são o ponto de partida, não o ponto de chegada. Esta é uma mescla entre os saberes de aluno, professor e relação entre esses saberes, mediada pelos saberes que a humanidade já construiu. (Solon VIOLA, 2006)

Lamentavelmente, interpretações imprecisas e generalizações das teorias psicanalíticas têm levado a muitos equívocos na educação de crianças. Um desses equívocos tem como origem o pressuposto de que a repressão dos impulsos sexuais leva à neurose, determinando uma postura excessivamente permissiva a esse respeito por parte dos pais. (Gley COSTA, 2007)

Programas de alfabetização nunca dão certo. A experiência internacional mostra que não se alfabetiza uma pessoa em um programa de três meses. Isso não existe. É um equívoco que vem do Mobral, que vem lá de trás. Os dados do PNAD mostram que esse programa de alfabetização do governo não teve nenhum

impacto. No máximo, você coloca a pessoa por três meses na sala de aula, ela aprende a rabiscar o nome e depois esquece. (Simon SCHWARTZMAN, 2007)

Uma teoria científica merece, se for digna desse nome, de demorados estudos para sua profunda compreensão. Enquanto não houver tal compreensão, a probabilidade de se cometer, na prática, equívocos palmares é enorme. Como ainda vigora, na maioria dos professores, a ideia de que ensinar é atividade apenas prática, de que estudar teoria é perder tempo, que “na prática, a teoria não funciona”, etc., as contribuições científicas continuarão a chegar à escola fragmentadas, mal compreendidas, equivocadamente aplicadas. (Fernando BECKER, 2009)

Um problema relacionado à carreira docente no Ensino Superior é que há, em geral, uma expectativa muito grande de que os professores invistam na pesquisa e na pós-graduação, seja recebendo orientandos ou publicando *papers*. Isso porque as cobranças das agências de fomento de pesquisa se concentram naquelas atividades. Como decorrência, o ensino na graduação acaba sendo tacitamente considerado como segunda prioridade, o que a meu ver é um grande equívoco. (Regina PONTIERI, 2011)

Não gosto do termo letramento, embora tenha ajudado a colocá-lo em circulação no passado. Ele foi apropriado de forma inadequada. O que se falava, na verdade, era de alfabetização em contexto de letramento. Mas muitas pessoas separaram os dois termos para chamar técnicas de codificação de alfabetização e a compreensão dos usos sociais da escrita de letramento. Encarar a aprendizagem do sistema de escrita como uma etapa técnica e independente do ingresso à cultura letrada é um equívoco. (Telma WEISZ, 2012)

O método arcaico reduziu a Matemática da escola a saber calcular. A maioria, durante a escola básica, essencialmente aprendeu isso. Começa com continhas de adição e vai em frente. Isso faz crer que saber matemática é saber fazer conta, o que é um equívoco. Outra coisa é que a disciplina escolar é apresentada com base em regras de procedimentos, que devem ser feitas de forma mecânica. Isso também é um equívoco. (Luiz Márcio IMENES, 2013)

Tínhamos um grave equívoco na lógica escolar, aquilo que chamo Currículo Disciplinar Instrucionista. Este equívoco existe há cerca de 900 anos, ou seja, vem desde a retomada do crescimento da escola elementar, na Idade Média. Mas, de alguma forma, conseguíamos “domesticar”, dominar os alunos. Um dos fatores para isso era, com certeza, perceber a escola como instrumento de ascensão social: “Bem eu não gosto disso aqui, mas suporto porque lá no futuro terei uma recompensa”. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

Em nosso país, cometemos equívocos ao analisarmos os resultados do PISA. Um deles é achar que os baixíssimos índices de matemática nessa avaliação podem ser melhorados por meio de ações midiáticas, como as olimpíadas. No ano passado, o então Ministro da Educação e alguns organizadores da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas comemoraram a subida de cinco pontos do Brasil no PISA. Esse resultado é muito tímido. (Antônio José LOPES, 2015)

Estamos passando por uma inflação de certificados educacionais [no ensino superior] sem lastro no Brasil. É um equívoco para o jovem, e é uma falha muito grave do sistema educacional quando ele se presta a atender a essa demanda espúria, superficial, por um certificado que não tem uma realidade por trás. Uma boa educação não é assistir displicentemente a algumas aulas, repetir na prova o que professor falou em sala e pagar a mensalidade no fim do mês. Isso não tem nada a ver com a educação. (Eduardo GIANNETTI, 2016)

Eu diria que, predominantemente, o que a escola faz pela educação ambiental está ainda no nível do discurso e revela uma visão muito pontual. Assim, de 1 a 5 de junho, comemora-se a Semana do Meio Ambiente. No Dia da Árvore, 21 de setembro, planta-se uma árvore, e, às vezes, os alunos nem sabem que árvore estão plantando, assim como não conhecem a árvore que está no pátio e no passeio da escola. Com o lixo acontece o mesmo equívoco. (Mônica MEYER, 2016)

MENTALIDADE

Se a população percebesse que ela paga muito caro pelos serviços públicos e que, portanto, lhe compete zelar pela qualidade, cobrar mesmo, poderíamos ter a criação de canais para que a fiscalização fosse feita e trouxesse resultados. De outro lado, seria fundamental haver uma mudança de mentalidade do funcionário público, de forma que ele tivesse consciência de que é pago para prestar um bom serviço à população. (Lia ROSENBERG, 1987)

[A escola pública] ela se tornou cada vez mais o gueto da miséria. Essa é a tradição num país que teve 350 anos de escravidão e nasceu no bojo do colonialismo dos tempos modernos. Eu me pergunto: houve até hoje uma mudança realmente profunda das mentalidades geradas historicamente nesse contexto? A escola pública deixou de ser um instrumento de mudança. (Maria Yedda Leite LINHARES, 1991)

Existe toda uma mentalidade instalada no País de que a criança repete porque é burra; ou porque ela vai à escola para comer, e até que professor bom é o que faz repetir. Há toda uma cultura da repetência, sim, que torna natural esse fenômeno. Ninguém se incomoda com isso. Mas, na medida em que não se incomoda, e aceita isso, desde o professor até o pai e a mãe, a gente acaba reforçando um padrão de má qualidade do ensino. (Viviane SENNA, 1997)

As pessoas estão com mais saúde, informação, direitos. Se eu tivesse nascido em outra época, no início do século, sem esses recursos, já estaria morto. Houve uma democratização do saber. Sou otimista em relação ao Brasil também. Há uma mudança de mentalidade, de as pessoas esperarem mais delas do que do governo. Nunca se falou tanto em educação básica. Ainda há milhares de erros. Mas que o país está melhorando. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998b)

O momento de transição que vivemos em escala mundial faz com que a escola e mesmo a universidade se tornem espaços para discussão e debate do projeto de vida, espaços raros de integração social. A escola e a universidade preparam as novas taxonomias do conhecimento humano para gerar quadros de referência mental com novas mentalidades que ajudem o jovem a transitar pelo próximo século [XXI]. (Jacques MARCOVITCH, 2000)

Ainda prevalece a mentalidade de que para ser um bom professor é preciso dominar conteúdos. O resto é perfumaria. Quando ele vai fazer essa outra parte, que é fundamental, ele não dá valor. Em sala de aula, o educador recém-formado vai imitar o professor que ele teve na graduação. Os atuais professores tiveram aula de didática, de psicologia educacional, aprenderam as técnicas, mas só priorizam a aula expositiva, com muito conteúdo. (Marcos MASETTO, 2002)

Cerca de 90% das crianças de classe alta, o quinto mais rico da população, vão à pré-escola, mas só 35% das crianças do quinto mais pobre da população, sem esquecer que as escolas destinadas à classe alta são em geral muito qualificadas, ao passo que as destinadas à classe baixa são extremamente precárias. Só a mentalidade liberal de “Estado mínimo” pode suportar tal situação. (Carmem Maria CRAIDY, 2003)

Acredito que seja possível inovar na formatação do negócio escola. Ela, normalmente, é formatada de uma maneira amadorística. Ele existe porque sempre existiu e aí acha que tem o direito de existir eternamente. O principal é criar uma concepção de empresa, como negócio. A maior inovação que a escola pode fazer é colocar seus dirigentes para se tornarem gestores, é criar a mentalidade de gestão nessa escola. (Clemente NÓBREGA, 2003)

A ideia de que a comunidade deveria tomar conta da escola pública não tem a ver conosco. É americana. [...] Nossa tradição é a de capitâneas hereditárias. O Estado monta uma capitânia, dá para alguém e vai montando o setor burocrático. Estrutura tipicamente portuguesa. Na mentalidade dos teóricos, há sempre a ânsia de que cada bairro tenha sua escola, de que o bairro cuide. É um pouco a ideia de Brasília, de que cada bairro tivesse tudo. Maluco. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

Temos que mudar a mentalidade da sociedade para que as pessoas percebam que o trabalho infantil é ruim para o país. Se as crianças estão nas escolas, podem ser mais na vida e contribuir para a melhora de toda a nação, de todo o mundo. Por exemplo, muitas pessoas do setor da agricultura no Brasil sentem que, se as crianças estão trabalhando nos campos e fazendas, estão aprendendo algo. A consciência é essa. Temos que mudar essa mentalidade. (Kailash SATYARTHI, 2006)

No Brasil, 70% dos carros novos vendidos são com o motor de 1.000 cilindradas, ou seja, mais eficientes em termos de uso de combustível, enquanto na Europa e nos EUA isso não acontece. Lá, é valorizado o sujeito ter um BMW, um Mercedes, carros potentes com 400 HP, dos quais ele não usa 30 na cidade onde vive. Essa mentalidade vai acabar, em troca de um sistema mais eficiente. (Paulo ARTAXO, 2007)

O professor aprende a prática dando aula. Claro, é preciso que os jovens professores entrem na sala de aula, e não que sejam jogados. Há escolas em que o professor novo é lançado nas piores salas, nas mais problemáticas. É um tipo de mentalidade que não propicia o aprendizado do professor. Seria uma medida interessante se nos primeiros anos de atividade profissional ele fosse acompanhado pelo coordenador, pelo supervisor. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Ao hierarquizar turmas e turnos, nossas escolas de alguma forma naturalizam o fenômeno do insucesso escolar. Não sou ingênuo de achar que teremos algum dia padrões de escolarização, de aprendizado escolar, completamente uniformes. Isso é um delírio típico das mentalidades autoritárias. As pessoas são diferentes, para muito além de suas diferenças sociais. Esse reconhecimento, porém, não pode nos tornar tolerantes com o absurdo da diferença de aprendizado entre nossos alunos de origens sociais distintas. (Márcio da COSTA, 2010)

É preciso mudar a mentalidade de que somente os alunos com deficiência são diferentes. Cada um pode evoluir de acordo com o meio onde vive, com a capacidade que tem para ser desenvolvida. Temos de fazer dos nossos alunos os mais diferentes, de modo que eles tenham consciência de que são diferentes, que nós somos diferentes. Somos pessoas que nos distinguimos pela diferença. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2015)

Cada um tem um conjunto definido de características e é com ele que irá conviver ao longo da vida. Claro que os indivíduos com mentalidade fixa acreditam que o trabalho duro compensa, mas não acreditam que isso muda as estruturas internas de cada um. Já uma pessoa com mentalidade de crescimento tende a ver essas características de maneira distinta: ela não valoriza tanto [o ato de] pensar sobre esse tipo de estrutura interna ou se essas são características fundamentais sobre quem são. Elas veem essas coisas de maneira mais fluida. (Antonio RODRIGUEZ, 2015)

INCERTEZA

Eu creio que a Filosofia como um todo deva ter um lugar específico no currículo para crianças a partir dos 12 anos. Mas não começando por Aristóteles, Platão e suas obras. Todos se perguntarão, com razão, o que tudo isso tem a ver com eles. Primeiro devemos falar de problemas. Levantar as questões que estão na nossa alma e no mundo que nos cerca, as certezas e as incertezas. E quando eles ficarem interessados, aí sim podemos falar sobre o que Aristóteles, Platão, Spinoza e tantos outros pensavam sobre o assunto. (Fernando SAVATER, 2002)

Uma aprendizagem significativa sempre comporta um momento inicial de confusão, de renúncia, de incerteza. Quando se pensa no ensino e em como proporcionar aprendizagens verdadeiras, é importante levar em conta que os alunos experimentem esse momento de desconcerto. Se não há isso, não há possibilidade de se construir uma nova aprendizagem. [...] Toda a problemática do construtivismo gira em torno de como o professor pode ajudar o aluno a construir seu conhecimento a partir desse desequilíbrio inicial. (César COLL, 2003b)

[O objetivo das mudanças curriculares no Chile é] fazer com que os alunos compreendam a complexidade e as tensões existentes entre direitos e responsabilidades, colaboração e concorrência, globalização e identidade cultural, fé e ceticismo. Queremos despertar neles a capacidade de abstrair, de pensar em sistemas, de resolver problemas, de trabalhar em equipe e de lidar com incertezas. (Cristián COX, 2004)

Os professores em formação necessitam desenvolver competências de formular questões, equacionar problemas, lidar com a incerteza, testar hipóteses, planejar, desenvolver e documentar seus projetos de pesquisa. A prática e a reflexão sobre a própria prática são fundamentais para que os educadores possam dispor de amplas e variadas perspectivas pedagógicas em relação aos diferentes usos da informática na escola. (Léa FAGUNDES, 2004)

Como favorecer a compreensão dos fenômenos naturais, sociais e culturais em um mundo caracterizado pela cultura do fragmento e pelo excesso de informação? Como transformar um currículo tradicionalmente assentado na segurança proporcionada pela metáfora disciplinar em um instrumento que predisponha ao questionamento, à aprendizagem na ação, à atitude de enfrentar a incerteza da complexidade e considerar os novos saberes, habilidades e valores? (Juana SANCHO, 2006)

O planejamento é um roteiro de saída, sem certeza dos pontos de chegada, pois nenhuma situação complexa é exatamente igual à outra, ou seja, o planejamento deverá considerar que cada relação sempre terá os componentes da incerteza, da singularidade e do conflito de valores. Por essa razão, julgo que o professor deve ser competente no ensinar, isto é, deve ter desenvolvido os recursos para flexibilizar o planejamento, caso seja necessário. (Vasco MORETTO, 2007)

Entendemos por zona de conforto um estado de situações educacionais previsíveis, em que o professor tem as coisas sob controle. Na zona de risco o que ocorre é o surgimento de situações inesperadas ou de problemas para os quais o

professor não tem solução imediata. O movimento entre os diferentes ambientes possíveis de aprendizagem e a ênfase especial no cenário para investigação podem causar um grau elevado de incerteza e, a meu ver, a incerteza não deve ser eliminada. O desafio é enfrentá-la. (Ole SKOVSMOSE, 2008)

Para começar, é preciso conhecer as regras e outras formas de organização do jogo. Além disso, o brincar tem um caráter frívolo, ou seja, é uma ação sem consequências ou com consequências minimizadas, justamente porque é “de brincadeira”. Por fim, há o aspecto da incerteza, pois o brincar tem de se desenvolver em aberto, com possibilidades variadas. Quando todos sabem quem vai ganhar, deixa de ser um jogo (e, nesse ponto, é o contrário de uma peça de teatro, que também é “de brincadeira”, mas que sabemos como acaba). (Gilles BROUGÈRE, 2010)

Para iniciar uma prática de documentação, é necessário estar preparado para trabalhar no terreno da incerteza. A avaliação das respostas e a documentação devem saber gerar novas perguntas. Além disso, é fundamental saber trabalhar em equipe. Não tem sentido a documentação como exercício solitário. Toda a equipe da escola deve acreditar no valor desse exercício. Também é preciso estar preparados para saber mudar, modificar os critérios de planejamento de espaços, tempos e estratégias metodológicas. (David ALTIMIR, 2012)

Por maiores que sejam as influências externas, penso que a família, com a configuração que tiver, mantém esses importantes papéis. As rápidas transformações sociais e o surgimento de novos conceitos relacionais exigirão diálogo constante, capacidade de adaptação e permanente revisão de crenças. Para que isso ocorra, precisamos de autoridades seguras, sem medo de mudar e rever valores. Uma família saudável é um sistema em movimento. Não acredito que isso seja fácil, mas é preciso tentar sempre, mesmo com todas as incertezas. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

A dúvida que muitos professores têm a respeito do potencial das novas tecnologias é, de certa maneira, sem sentido. Há pessoas que falam do dilema entre a *tecnofilia* e a *tecnofobia*: aqueles que utilizam qualquer tecnologia rapidamente e de maneira crítica e aqueles que rejeitam qualquer tecnologia. Dito isso, é certo que os professores não têm medo, mas sim algumas incertezas a respeito do poder que as tecnologias podem ter de competir com ele. Eu creio que, afinal, é um temor sobre a incompetência do professor. (Carlos Marcelo GARCÍA, 2014)

A era digital está transformando de maneira radical a forma de viver dos cidadãos contemporâneos, o seu modo de produzir, comunicar, se relacionar, consumir, viajar, etc. Os indivíduos contemporâneos crescem e vivem saturados de informação e rodeados de incertezas. Portanto, o desafio da formação do sujeito contemporâneo está na dificuldade de selecionar informação de qualidade e organizá-la de maneira lógica e útil. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

O projeto é um construto ao qual é dado sentido a partir das concepções que se tem do que antes apontei: o conhecimento, o aprender, o tempo e o espaço, a relação pedagógica, a finalidade social da escola e a avaliação. Sempre penso os projetos como um processo em movimento, em evolução, que vai sendo nutrido

por nossa reflexão, pelo que nos afeta, pelo que nos mantém em uma tensão constante diante do não saber e dos desafios, das incertezas e das esperanças do presente. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2018)

Ao longo de sua vasta obra, [Edgar] Morin nos ensina que, em muitos momentos da história, o previsto e o esperado deram lugar ao improvável. Até o improvável deve ser considerado diante das possibilidades complexas presentes na vida. Um de seus exemplos é a queda do Império Romano, quando o mundo sequer a poderia supor. Outra dimensão é a do conhecimento que deve ser revisto e questionado constantemente. Precisamos compreender que todo conhecimento pressupõe erro, ilusão, incerteza e movimento. (Cleide ALMEIDA; Izabel PETRAGLIA, 2019)

Vivemos um momento de profundas incertezas. Não relacionadas apenas ao ensino médio, mas também à ação do MEC em todas as suas áreas nos próximos anos. Não vou, no entanto, sentar na esquina e chorar. O desafio é contínuo e o Brasil, apesar de tudo, tem ótimos educadores, capazes de superar as adversidades e seguir em frente. Testemunhamos isso nas últimas quatro décadas. E vamos voltar a conviver com isso. Atravessaremos o túnel. (Lauri CERICATO, 2019)

CRENÇA

As cartilhas apresentam os mesmos problemas dos livros de 1^a a 4^a série. A maior parte delas tem como objetivo o desenvolvimento psicomotor do aluno numa perspectiva tradicional. Os autores chegam a explicitar a crença na obtenção de uma prontidão para a alfabetização. Há vários exercícios do tipo “ligue as fichas que são iguais ou passe o dedo na letra, acompanhando as setinhas, cubra e copie”. (Magda Becker SOARES, 1994)

O Brasil é uma sociedade que funciona muito na base da crença. Nós, particularmente na França, funcionamos negando a crença, mas, na verdade, a negação da crença é uma crença. A posição científica é muito presente na França, desde o século XVII. Isso é muito forte. Mas a capacidade de explicitar a crença e não escondê-la tem uma força que não existe em todos os países, em todas as civilizações. No Brasil, existe. (Jean HÉBRARD, 2000)

Na hora de criticar é preciso utilizar extremo bom senso e, de preferência, não fazer isso na frente de toda a turma. Uma conversa, mesmo rápida, após a aula ou na hora do intervalo será muito mais eficaz do ponto de vista pedagógico. É possível fazer das aulas, das exposições dos temas e disciplinas um momento único. O educador precisa ser movido pela crença de que pode transformar cada um de nossos aprendizes em seres humanos melhores. (Gabriel CHALITA, 2005)

Em 1600, na época em que Galileu e Johannes Kepler viveram, acreditava-se em um Universo completamente diferente do atual. A medicina era primária, “bruxas” estavam sendo queimadas. Pensava-se que o Universo era estático, que a Terra era o centro de tudo e que o Sol girava em torno dela. Os cientistas começaram a questionar isso e em 50 anos viraram todas as crenças de cabeça para baixo. (Marcelo GLEISER, 2005)

Pelo menos num dos seus sentidos, a sociedade brasileira é racista – no sentido de forma prolongada de dominação de um (ou vários) grupos sobre outro (ou outros) com base no racismo. Racialismo, que em si mesmo não é racismo, mas apenas uma ignorância, é a crença de que a espécie humana se divide em raças, como os cães. No caso da espécie humana – é o que nos vem ensinando a genética – raça é a própria espécie; o termo não vale, portanto, para designar brancos, pretos, amarelos, caucasianos etc. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Paulo Freire nos deixou mais do que ideias e propostas. Ele nos legou uma prática de vida. [...] Suas ideias envolvem as bases de uma ação política transformadora através da cultura e de uma ação cultural através da educação. Elas partem de uma crença inquebrantável em nós mesmos, seres humanos, as pessoas comuns da vida de todos os dias. Elas retomam uma antiga e poderosa ideia algum dia pensada e escrita por Jean-Paul Sartre: a de que uma coisa é o que fizeram de nós, e outra coisa é o que nós fazemos do que fizeram de nós. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Há muitas crenças que se manifestam no aluno e no professor. A maioria delas é negativa e gera comportamentos que impedem o aluno de continuar resolvendo um problema. Por exemplo, a crença de que um bom resolvidor de problemas encontra a resposta rapidamente. Quando isso não acontece, ele desiste. Para

grande parte dos alunos, um problema é um texto, no qual todos os dados citados devem ser usados, a resposta é única e sempre existe. (Kátia Stocco SMOLE, 2009)

O grande problema é que os professores estão usando a tecnologia de modo muito instrumental, apenas como uma ferramenta. Há a crença de que a tecnologia na aula funciona como um pó mágico dos contos de fadas, automaticamente motivando os alunos a aprender apenas por ela já fazer parte da cultura de crianças e jovens. Isso não ocorre, entre outras coisas, porque há uma enorme distância entre o que eles fazem com a tecnologia fora da escola e o que são convidados a fazer dentro dela. (David BUCKINGHAM, 2011)

No Brasil, há muita procura pelo bacharelado porque há a crença de que, com ele, estão garantidos um salário e uma carreira, o que não é necessariamente verdade. É preciso mudar essa lógica, uma vez que, em alguns casos, com a formação dada por um curso técnico, o aluno pode até conseguir uma remuneração tão boa quanto a de um bacharel. [...] Temos então dois fatores, o mercado que valoriza o bacharelado de forma até discriminatória e a conjuntura cultural de achar que a formação acadêmica é mais nobre. (Maria Clara SCHNEIDER, 2012)

Acho que a música pode ter um papel enorme para criar afeto em torno desses temas [educacionais]. Sem falar do fato de que as emoções também precisam ser nomeadas para ser mais bem conhecidas. Certamente, por trás desse *boom* do *bullying* está uma dificuldade em nomear sentimentos. E acho que essa ideia pode explorar coisas sobre como o mundo se formou, o quanto dentro do nosso corpo tem outros bichos, e temas não de campanhas, mas de crenças individuais. (Hélio ZISKIND, 2012)

A crença recente, em todos os países, no mercado dos “livros” eletrônicos, que acompanha o sucesso comercial dos *tablets* de todos os tipos, pode pôr em causa a validade deste diagnóstico e abrir um mundo textual em que poderiam desaparecer as categorias antigas, um mundo de textos abertos, de obras manipuláveis, de fragmentos indefinidamente recompostos. (Roger CHARTIER, 2014)

Um dos grandes problemas das reformas educacionais contemporâneas, em especial dessas baseadas em princípios empresariais, é a ausência de discussão e definição do que entendemos por uma “boa educação”. A questão está extremamente distorcida, sendo vista como sinônimo de notas altas em testes. Não existe nada no campo das ciências da Educação que ampare tal crença. Do ponto de vista educativo, essa não pode ser a finalidade do ensino. (Luiz Carlos de FREITAS, 2015)

O método construtivista não reconhece o fato de o alfabeto ser um código, de ele permitir a codificação (na escrita) dos fonemas, unidades abstratas constituintes da fala, e, por conseguinte, também sua decodificação (na leitura), assim como não reconhece a necessidade de ensinar e de insistir na prática intensa desses mecanismos pelo aluno. O problema principal está no fato de que o construtivismo, tal como é aplicado às questões da leitura e da escrita, resulta de uma crença e ignora totalmente os avanços da ciência. (José MORAIS, 2015)

Existe uma crença, inclusive em pesquisas acadêmicas, de que quanto mais dinheiro se aplica, melhor a qualidade da educação. No entanto, essa hipótese nem sempre se confirma, inclusive no que diz respeito às políticas educacionais na área de educação a distância. A questão é trabalhar com as tecnologias que estão disponíveis e que atinjam o maior número de pessoas possível, inclusive as mais pobres. É preciso criar estratégias para usar os equipamentos que as pessoas utilizam em seu cotidiano. (John TRAXLER, 2015)

Não existe um único caminho, pois cada aluno é único. No entanto, é fundamental dominar competências didático-pedagógicas sobre ensino e aprendizagem, sobre o contexto da educação brasileira [...]. O maior cuidado deve ser em não diferenciar para discriminar, mas para atender às necessidades. O mote sempre deve ser ampliado, o pertencimento, a participação, pois ninguém é bom em tudo, mas precisamos ter a crença de que todos podem aprender. (Vera Lucia Messias Fialho CAPELLINI, 2019)

POLÊMICA

Os setores conservadores querem impor mudanças ao projeto de LDB que se aproximam muito das polêmicas travadas no final dos anos [19]50 e início dos [19]60, na campanha em defesa da escola pública. Naquela época, eu, que participei dessa campanha, e os pioneiros da educação nova já fazíamos a denúncia da Educação como um privilégio antidemocrático e das tentativas que se multiplicavam dia a dia de se forçar o desenvolvimento do ensino pago. Infelizmente, o mesmo quadro se repete hoje. (Florestan FERNANDES, 1991)

Havia uma ligação estreita entre o fazer pedagógico e o fazer político. E o que percebi é que, com o tempo, houve uma dissociação entre a luta sindical e a luta pedagógica. O movimento da entidade foi na direção de uma luta corporativista, porque isso une a categoria, afastando-se da questão pedagógica, que muitas vezes divide o movimento. Essa é uma hipótese que levantei, que obviamente não é uma questão pacífica. É polêmica. (Sônia Maria Portella KRUPPA, 1992)

[A ortografia] envolve questões complexas e polêmicas da aprendizagem da língua escrita. Sempre me chamou a atenção o fato de que tanto as regras de separação de palavras quanto as do uso da maiúscula são convenções que têm explicitações simples, mas demoram muito para ser assimiladas pelas crianças. Na separação de sílabas, por exemplo, o comum é que apesar de fazerem exercícios na 1ª e 2ª série, as crianças continuam cometendo muitos erros nos anos posteriores. Isso me intrigou. (Ana Maria KAUFMAN, 1994)

Essa é uma questão bem polêmica. [...] Se o Instituto Souza Cruz fizer campanhas ou forçar a venda de cigarros para jovens e adolescentes, se esconder os malefícios do cigarro, é uma forma de divulgar seu produto. Mas, se ele de fato adotar estratégias que evitem que jovens comecem a fumar por indução ou se ele realmente desincentivar o consumo entre adolescentes, é outra forma de trabalhar. (Oded GRAJEW, 2000)

Várias crianças que moram na Barra da Tijuca nunca vieram ao centro da cidade [do Rio de Janeiro]. Concordo que esses passeios são polêmicos, a molecada adora, os pais reclamam, gasta-se muito dinheiro. E, se você for ver, muitas crianças querem mesmo é ir para Porto Seguro com aquele professor que deixa passear à vontade e tomar caipirinha. O pior é que é mais fácil achar quem leve para o Playcenter ou Parque da Xuxa do que quem leve ao cinema. (Felicia KRUMHOLZ, 2002)

A compreensão do que é indisciplina gera polêmica e seu conceito modifica-se de educador para educador. Alguns estudos mostram que a tendência mais comum é ligar disciplina à obediência, à submissão. Assim, qualquer comportamento inadequado, como um questionamento fora de hora ou a movimentação, é traduzido como indisciplina. Por outro lado, querendo romper com a postura autoritária, alguns educadores oferecem uma larga margem de liberdade, desembocando em uma outra tendência, a permissividade. (Telma VINHA, 2004)

É muito mais complicado fazer a avaliação para o atendimento à criança pequena. Toda avaliação é polêmica, mas a da Educação Infantil é mais. Penso que

devemos caminhar em direção ao investimento na Educação Infantil para melhorar o IDEB na 4ª série. A Educação Infantil representa, para as classes mais desfavorecidas, a possibilidade de o aluno aumentar o desempenho nas etapas seguintes, ou seja, no Ensino Fundamental e no Médio. (Reynaldo FERNANDES, 2007)

Eu tinha aprendido com Euclides da Cunha que nós éramos pardos. Gilberto Freyre, por sua vez, dizia que éramos morenos. Até que no censo de 1980 voltou a pergunta sobre a cor das pessoas. Deu uma polêmica danada. Vieram me ouvir e eu dizia que todo brasileiro era mestiço, influenciado por Sylvio Romero. Quando a dúvida ficou insuportável, só uma frase do padre Vieira me salvou. Ele diz: “Quem quiser acertar em história, em política ou em sociologia deve consultar as entranhas dos sacrificados”. (Ariano SUASSUNA, 2007)

[Tomar banho com os pais] é uma questão polêmica e difícil. O equilíbrio sempre ajuda. Não se deve criar tabu, em que a criança não possa tocar nem ver, pois isso a desequilibra, mas também se tem de considerar que a exposição excessiva pode ser um estímulo a mais. Quando todo mundo toma banho junto e anda pelado pela casa o tempo todo, estimula-se demais a sexualidade da criança, o que também traz suas consequências. Essa questão depende muito das culturas e da microcultura familiar. (Celso GUTFREIND, 2010)

Estamos fazendo um estudo interessante, em conjunto com a ONG Campanha Nacional pelo Direito à Educação, que é o desenvolvimento de um indicador de custo-aluno do período integral. No momento, fala-se em ter 50% dos alunos em tempo integral até o ano de 2020. Esse é claramente um tema polêmico: fala-se de melhoria na qualidade, mas uma pergunta-chave ainda não respondida é quanto isso vai custar para o Brasil. Estamos tentando calcular, pois o esforço que o MEC terá de fazer será grande. (Paolo FONTANI, 2011)

Há um esforço que já vem de algum tempo de reservar o mercado do ensino da história para detentores de diplomas na área. Há um projeto na Câmara que propõe exatamente isso. Tem sido grande a polêmica em torno desse projeto. Posicionei-me contra o monopólio corporativo do ensino da história, sobretudo no ensino superior. Até o surgimento dos cursos de história nenhum dos grandes historiadores de qualquer país tinha essa formação. (José Murilo de CARVALHO, 2014)

Não se trata de dizer se a pré-escola alfabetiza ou não alfabetiza, mas de explicitar quais são as práticas adequadas que a educação infantil deve proporcionar para ampliar as possibilidades da criança em relação à linguagem escrita. O debate “se alfabetiza ou não” coloca uma falsa questão e alimenta polêmicas acadêmicas que não contribuem com os dilemas do cotidiano da educação infantil. É preciso ficar claro que a educação infantil não tem como objetivo a alfabetização plena das crianças. (Rita COELHO, 2014)

Um livro didático deveria apresentar as polêmicas (diversas posições sobre o descobrimento do Brasil, sobre a guerra do Paraguai), evitando “o certo” e “a verdade”. No caso das ciências, campo em que a questão da verdade está mais resolvida, deveria haver relatos das dificuldades (dos processos históricos) das descobertas, em vez de só apresentar o resultado, numa lei ou fórmula. Não

creio que se forme bem um cidadão privando-o do debate dos diversos pontos de vista, mesmo que seja em nome do bem ou dos direitos humanos. (SÍRIO POSSENTI, 2014)

A polêmica a respeito dos temas transversais está presente em todas as propostas de renovação curricular no Brasil e no mundo. Desde a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996, já se destacava a relevância das áreas de conhecimento e da articulação dos componentes curriculares como orientação essencial para o desenvolvimento das competências cognitivas e socioemocionais que devem promover as aprendizagens e formar cidadãos plenos, com capacidade de conviver com as diferenças, trabalhar em equipe, resolver problemas. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2016)

[O uso de dispositivos digitais] é uma questão bastante polêmica e recente. Como estudos mais controlados levam tempo para serem realizados, não existe praticamente nenhum consenso a respeito. Não dá para demonizar o uso dos dispositivos, como também não dá para falar que vieram para ampliar as capacidades cognitivas, ainda não dá para sabermos quais são as consequências. Mas temos algumas preocupações e indicativos de que precisamos tomar cuidado com isso. (Fernando LOUZADA, 2017)

SEM SENTIDO

[Nos livros didáticos] são apresentados textos sem o mínimo sentido, sem lógica alguma, como este, cujo objetivo é somente ensinar o uso do cê-cedilha: “– *Senhor Fogaça, você vai na praça fazer graça? – Sabe, Otavinho, só se tiver açúcar de Iguaçu e caldo de babaçu. Porém não quero cachaça, mesmo que venha de graça*”. [...] Os didáticos utilizam às vezes textos de bons autores, embora nós da comissão [avaliadora] tenhamos sentido algumas ausências significativas. (Magda Becker SOARES, 1994)

É um absurdo pedir provas de teoremas de matemática durante o ensino fundamental. Porque, simplesmente, não faz sentido para uma criança dessa idade ter que provar alguma coisa. Eu fui obrigado a provar teoremas de geometria, sobre semelhanças de triângulos, quando cursei o que é hoje a quinta série. Então, eu olhava para o livro, para dois triângulos semelhantes, com todos os ângulos iguais, e pensava: “Mas eu estou vendo que eles são semelhantes. Por que eu tenho que provar uma coisa dessas?”. (Valdemar SETZER, 1999)

Não faz sentido ninguém dizer como o outro deve ser como pessoa, qual é o significado de sua vida. Não se pode fazer projetos pelo outro. O pai que quer fazer projetos por seu filho só causa problemas. Mas, por outro lado, temos de ver em que trajetória nos encaixamos. Ninguém vive como pessoa isolada. Isolado é o indivíduo. Uma pessoa tem papéis, também é mais um dos elos que ligam essa rede. O termo pessoa vem de *persona*, a máscara no teatro grego. Você tem de escolher que papel gosta, em qual peça quer atuar. (Nilson José MACHADO, 2001)

Não faz sentido o meu filho que mora comigo, em determinado bairro, ter de ficar todo dia uma hora e quinze minutos no tráfego do Rio de Janeiro para assistir uma determinada aula. As salas de videoconferência vão se multiplicar. Em pouco tempo você vai poder fazer um mestrado em Harvard de Santa Rita do Arapiraca. O investimento para a instituição sempre é alto no início, mas depois é tranquilo. O professor poderá estar em qualquer lugar, dando a sua aula para a universidade que for e, depois, essa aula estará gravada. (Marco Aurélio Ferreira VIANNA, 2003)

Frequentemente os rituais da matemática não têm sentido algum. A criança fica se perguntando o motivo de estar estudando aquilo e o professor não costuma explicar, porque ele não domina o assunto suficientemente para conseguir fazê-lo. Ou talvez o professor também não compreenda o sentido de certos rituais. Isso torna a vida muito difícil para os alunos. (Alan BISHOP, 2006)

Estimular o gosto pela leitura e pela escrita ou saber arrumar a mesa do almoço estão sempre entre nossos objetivos, mas não há previsão de horários determinados. A rotina é muito ligada à organização do espaço, totalmente diferente de uma sala tradicional com mesas e cadeiras. Quando se chega, já há o que fazer porque o ambiente convida. Não faz sentido elaborar um planejamento diário: as atividades se desenvolvem com certo grau de espontaneidade. (Bruna Elena GIACOPINI, 2006)

O texto é um conjunto de marcas sobre um papel; alguém deixou ali pensando num sentido e quem lê atribuirá outro, que coincide parcialmente com o primeiro. Quem interpreta o faz em relação ao que sabe. [...] Se estou diante de um artigo de jornal no qual procuro algo específico que me interessa, posso ler saltando trechos. As diferentes interpretações não dependem exclusivamente do texto em si. Por isso, não faz sentido fazer perguntas simplesmente sobre o que está escrito ali se elas podem ser respondidas sem uma compreensão verdadeira do texto. (Delia LERNER, 2006)

O artista muitas vezes se dirige a seus colegas e a especialistas, que têm conhecimentos complexos, inacessíveis até para adultos formados. Portanto, muita coisa escapa da possibilidade de apreciação escolar. Não tem sentido explicar a Teoria da Relatividade para turmas de 7 a 10 anos usando fórmulas que só um físico entende. Mas é possível despertar o interesse sobre o tema para, em algum momento, o aluno pedir para entender os princípios. E nessa atividade intermediária que o professor de Arte deve se colocar. (Luis CAMNITZER, 2007)

A gente nasce cientista, aprende a falar, a olhar e a entender o mundo. Quando entramos na escola, e dependendo da escola, se inicia um processo contrário, o de tolher toda essa criatividade e curiosidade. Acontece que a escola fica refém do currículo e de conteúdos prontos que estão nos livros. A Ciência faz parte da vida da gente. Mas, dependendo de como é colocada, se for aprisionada em livros antigos como se fosse estática, ela não faz sentido. (Roseli de Deus LOPES, 2008)

Na escola cria-se a seguinte situação: uma pessoa vai falar sobre um determinado assunto, sobre o qual ninguém perguntou, durante 50 minutos; depois vem outra, fala sobre outro assunto que ninguém perguntou e que não tem nada a ver com o primeiro por mais 50 minutos. Essa estrutura tão sem cabimento está tão introjetada na nossa sociedade que não conseguimos nem pensar em uma coisa diferente disso. [...] Pode até não ser consciente, mas a indisciplina é uma forma de falar que isso não faz sentido. (Helena SINGER, 2008)

Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Passado tanto tempo desde a Independência do Brasil, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora. Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões. (Marcos BAGNO, 2012)

Eu não acho que é possível ter boa educação para crianças se a profissão de professor não é um trabalho atraente. As condições têm de ser suficientes para atrair pessoas capacitadas. Não tem sentido avaliar se as pessoas estão fazendo bem seu trabalho em uma profissão em que ninguém quer atuar. [...] Toda política que não encoraja os melhores professores a trabalhar com crianças que vêm de famílias de baixo contexto sociocultural é contraprodutiva. (Richard MURNANE, 2013b)

A escola deve crer no potencial da conectividade e prover apoio com recursos e, sobretudo, com organização e formas de organizar o trabalho. A conectividade

significa pensar também que a ideia de que um professor em uma sala não sabe o que acontece na sala ao lado não tem sentido. Na própria universidade, nós montamos nossos materiais para que eles fiquem visíveis para qualquer outro professor. Isso também é trabalhar na era da conectividade. Significa que os próprios professores estão em contato com outras escolas, com intercâmbios presenciais ou a distância. (Carlos Marcelo GARCÍA, 2014)

[Colaboração e habilidade social] são úteis para formar pessoas que não busquem apenas benefícios próprios, mas que se preocupem com os outros, algo que considero essencial para o fortalecimento das sociedades. Outra habilidade é a do pensamento crítico. As crianças têm de aprender a interpretar informações, a fazer análises, a empregar conceitos adequadamente, enfim, a pensar de forma independente. A informação está disponível para quem quiser acessá-la hoje; não há sentido em memorizá-la. (Marjo KYLLÖNEN, 2016)

Por um lado, um aumento exponencial da esperança de vida, que, no decurso do século XX, passou de 40 para 80 anos. Muitos cientistas afirmam mesmo que, dentro de pouco tempo, as pessoas viverão em média mais de 100 anos. Numa situação destas, na qual nos vamos habituar a viver simultaneamente com quatro gerações (filhos, pais, avós e bisavós), não faz sentido empurrar os jovens, cada vez mais cedo, para vias profissionais. (António NÓVOA, 2017b)

VERDADE

Existe uma verdade indiscutível: para que o professor seja “alguém”, ele deve ser uma pessoa “cult”, de uma cultura que o ajude a captar, a interpretar um mundo cada vez mais complexo. E, hoje, um professor só poderá ser um agente mobilizador social das classes oprimidas, se tiver consciência crítica de realidades muito afastadas das necessidades imediatas. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Os alunos e muitos professores têm a ideia de que a ciência é a verdade. Que os cientistas fizeram experimentos e provaram, de forma definitiva, alguma coisa. Essa visão ingênua é alimentada, inclusive, pelos meios de comunicação. E a única forma de desmontá-la é mostrar como a ciência de fato é feita: toda a dificuldade que existe para se construir o conhecimento, a impossibilidade de se eliminar totalmente outras explicações para um mesmo fenômeno. (Roberto de Andrade MARTINS, 1998)

Queremos ensinar a verdade, ou queremos apenas ensinar “ideias ensináveis”, quaisquer que sejam suas reivindicações de exatidão? Acho que, às vezes, as escolas ficam contentes por estarem muito atrás da ciência, porque elas podem simplesmente ir “arrastando-se” e ensinando sempre a mesma coisa sem se preocupar com o que está certo. Sem arriscar nada não se ganha nada. (William FRAWLEY; Carl RATNER, 2000)

Toda ação educativa é intencional. Logo, o professor deve saber: o que quero ensinar, como vou ensinar e quais são os critérios pelos quais saberei que os alunos compreenderam o que ensinei. É um processo muito rico. [...] Não se trata de gerar uma ficha, uma receita. Mostramos ao professor que essa intencionalidade distribui o poder na sala de aula, mas não tira sua responsabilidade de educador. Como dizia Paulo Freire, não ter uma verdade para impor não significa não ter nada para dizer. (Paula POGRÉ, 2004a)

Não creio que literatura para crianças seja menor. É literatura como a outra, exige talento, densidade temática e formal – e verdade. Verdade é a qualidade de ser convincente, seja lá o que você escreva. Mau escritor para criança é o que se vale de uma linguagem tatibitate para veicular reminiscências sem grandeza, coisinhas, miudezas, lições morais etc. Bom escritor para criança é o que se vale de linguagem literária, em si mesma incomum, para expressar a estranheza enorme com que o mundo se apresenta a uma criança. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Os saberes científicos podem ser medidos em falsos e verdadeiros, mas não os conteúdos de Filosofia, Língua Portuguesa, Pedagogia e História. É um absurdo o que se vê aqui. Até na Educação Infantil já se encontram vestibularzinhos. [...] É verdadeiro que o Sol se põe no oeste? Sob um ponto de vista, sim. Sob outro, não, já que o Sol não sai do lugar. O mundo do verdadeiro ou falso é do fanatismo e não da cidadania. Nega a reflexão e o saber e impede que os alunos leiam, escrevam e aprendam. (Bernard CHARLOT, 2006)

Muitas vezes, a linguagem do professor está impregnada de certezas, como se lidasse com verdades permanentes. Por que não tentar falar mais vezes “talvez”,

“pode ser”, “não sei”? Muitas pesquisas mostram que pequenas mudanças como essas podem induzir grandes mudanças na atitude dos alunos. Se você diz “pode ser”, em vez de “é assim”, está convidando-os a imaginar. O mesmo vale para procedimentos de avaliação. (Guy CLAXTON, 2006)

A maioria das pesquisas indica que um salário maior não gera melhoria de qualidade de educação. Então, certamente não é a política pública a ser perseguida como primeira opção, apesar das reclamações dos professores. Há uma ideia encravada na mente do brasileiro, de que professor ganha pouco, uma mixaria. É verdade que o professor brasileiro tem um salário absoluto baixo – o que se explica pelo fato de ele ser brasileiro, não professor. (Gustavo IOSCHPE, 2008)

A ação docente continua alinhada com uma concepção cartesiana de aprendizagem o que resulta num anacronismo atitudinal. [...] O perigo é o professor, cada vez mais, denegrir sua imagem profissional. Professor não é mais aquele que professa a verdade, mas sim aquele que confessa não saber e abraça o compromisso de reaprender. (Júlio César FURTADO, 2010)

Quase sempre haverá divergências entre pai e mãe e suas educações tão diversas, assim como entre escola e pais e suas funções ou cenários tão diversos. Estamos no mais autêntico terreno da intersubjetividade, lidando com pessoas e seus encontros. [...] Nesse sentido, poder divergir é autêntico, igualmente esperado e saudável, desde que seja acompanhado da capacidade de aceitar a diferença, reconhecê-la, “baixar a bola” da onipotência, podendo reconhecer que não somos donos de nenhuma verdade e que, a rigor ou sem rigor, essas verdades absolutas não existem. (Celso GUTFREIND, 2010)

As pessoas tendem a esquecer a verdade estatística de que metade dos professores está abaixo da média. Ensinar conceitos leva os professores a pensar, erroneamente, que os estudantes realmente entenderam o material, quando, na realidade, os alunos muitas vezes apenas entenderam uma pequena parte do conteúdo teórico, que desaparece sem a prática. (Barbara OAKLEY, 2015)

Não é verdade que a escola tradicional foi feita para igualar toda a população. A escola primária tinha a intenção de divulgar instrumentos básicos da cultura e homogeneizar culturalmente, em seus valores e princípios, uma população muito heterogênea. Mas o ensino médio foi concebido como uma escola diferenciadora. Agora temos de pensar de forma diferente e romper o propósito diferenciador da escola moderna. (Guillermina TIRAMONTI, 2015)

Professoras e professores, e mesmo diretores, diretoras, gestores, gestoras que extrapolam suas funções docentes, passando a constranger estudantes – novamente, mesmo com o que consideram a melhor das intenções –, valendo-se do que consideram a única verdade religiosa, ou seja, a sua própria. Esses tomam o espaço da escola e da sala de aula, *locus* profissional, como se fosse espaço de missão religiosa, e perdem os limites. (Roseli FISCHMANN, 2017)

A escola educativa na era digital deve assumir a responsabilidade de preparar os futuros cidadãos para compreender e interpretar a complexidade técnica,

política, econômica e cultural, navegar na incerteza, desenvolver trabalhos desconhecidos até então, criar novas alternativas, participar na vida coletiva de um mundo global e local, em rápida e permanente transformação, governado pelo mercado, que só entende do lucro insaciável, pelas multinacionais de comunicação e pelas redes sociais, que manipulam tanto a verdade como a pós-verdade. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

Por que a subjetividade, a emoção, o lúdico e o corpo foram colocados de lado pela escola ocidental nos últimos séculos, sendo vistos, inclusive, como algo que atrapalha a aprendizagem? Por que se imaginava que o aprender se dá apenas pelo pensamento, pelo cognitivo? Foi com base no princípio da separabilidade e da supremacia da razão que a escola moderna se organizou em disciplinas estanques e se identificou com o propósito de transmitir aos mais novos as “verdades” construídas pelas ciências modernas. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

MENTIRA

É mentira dizer que a Universidade é aberta para a classe trabalhadora. Os trabalhadores têm um preço a pagar para poder romper com todas as barreiras que a escola lhes coloca, desde o início. [...] O preço que eles têm de pagar é muito mais alto do que o que paga aquele menino ou menina de classe média, sobretudo quando vem de um ambiente intelectualizado, que tem todas as facilidades. (Regina Leite GARCIA, 1997)

O discurso da escola é sempre bom, positivo. A imagem que ela passa para esses adolescentes é de um mundo bom, o mundo do conhecimento. Só que eles não chegam lá. E explodem. Por quê? Porque o aluno se dá conta da mentira. O discurso é lindo, mas cruel. “Vai meu filho, estuda. É bom. No futuro, ganharás um emprego... de gari.” Que ambição essas crianças podem ter? (Sara PAÍN, 2000)

É evidente que, de acordo com a idade, os pais precisam dosar a profundidade do que estão falando. Não convém aprofundar mais do que foi perguntado, respondendo sempre de forma objetiva e concreta. Se não se der por satisfeita, a criança continuará perguntando até que se sinta atendida. [...] Também a mentira ou as meias-verdades são percebidas pela criança. (Tania ZAGURY, 2000)

Veja bem, não é o terceiro setor que produz metodologias sozinho. Nós somos corresponsáveis, compartilhamos e pressionamos o governo. Dizer que os projetos de educação estão na mão da iniciativa privada e do terceiro setor é mentira. O Instituto Ayrton Senna, por exemplo, faz o [projeto] Acelera Brasil com dinheiro do MEC. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

Os professores ficam enchendo a paciência dos alunos, querendo entender. “Vamos entender, gente!” Essa afirmação quer dizer, na verdade, “não me entendam mal”. Vamos entender, pitombas. É “não me queiram mal”. Pais e professores têm de saber que filhos e alunos passarão por momentos em que vão os querer mal. Não há como fugir disso, é impossível. No primeiro momento vai ser a mentira, vai ser querer mal, vai ser sacanagem, vai ser o boicote, em algum lugar vai estar. (Jorge FORBES, 2005)

Não necessariamente a mentira, mas a possibilidade de manter áreas de segredo é crucial para qualquer jovem, adolescente ou criança. Não significa que isso tenha de ser criado ou facilitado pelos pais, mas essa possibilidade é crucial. Às vezes, implica também mentiras. Isso se afasta muito de ideais, em especial norteamericanos, em que a questão da transparência e da sinceridade é um valor central há mais de dois séculos, e mentir é um pecado capital. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

Se há uma lição que os países ocidentais podem dar é que é insuficiente democratizar tão-somente o acesso dos alunos à escola para que tenham sucesso nela. Quando se insere uma criança que não consegue ter sucesso escolar, ela alimenta a agressividade e interioriza a ideia de que é um mau aluno. Além disso, os pais ficam com a impressão de que houve uma mentira. (Philippe MEIRIEU, 2008)

O Júlio, meu marido, era médico e poeta. Uma noite, estávamos em casa, tocou o telefone e eu atendi. “É da casa do Júlio Gouvea?”. Eu disse: “É. Quem está falando?”. Ele respondeu: “Aqui é o Monteiro Lobato”. E eu: “É mesmo. Aqui é o Rei Jorge”. (risos). Achei que era trote. Ele tinha lido um artigo do Júlio numa revista chamada *Literatura e Arte* e queria conhecê-lo. Às 21h30, o Júlio abriu a porta para o Lobato. Foi assim que o conheci. Parece mentira, né? (Tatiana BELINKY, 2009)

O mundo adulto afasta a criança da dor. Ele acha que a função de pai é não mostrar as coisas ruins da vida. O meu teatro ajuda a criança a elaborar coisas difíceis, das quais ninguém escapa. É mentira que as dificuldades vão aparecer ao longo da vida. Elas aparecem no primeiro momento, quando a criança nasce. É um momento de dor, de choro. Criança tem dor o tempo todo. São dores diferentes, mas é dor. (Vladimir CAPELLA, 2009)

A prevenção nas escolas, com palestras aterrorizantes sobre o perigo das drogas, não funciona. [...] Primeiro, que são frequentemente feitas por pessoas que têm uma visão muito repressiva e vão falar mentiras. O jovem que já experimentou drogas ou tem um amigo que usa não acredita naquilo, pois o que ele ouve não bate com a vivência dele. Aliás, já se comprovou que, para quem não tem informação, esse tipo de palestra pode ser um instigador para usar drogas. (Dartiu XAVIER, 2010)

Crianças e jovens não aceitam acriticamente qualquer coisa que veem na televisão ou internet. [...] Estudantes resistem quando há um adulto apontando o dedo e dizendo “você tem de fazer isso”. Podem até jogar o jogo e dizer o que o professor quer ouvir: “Você está certo. E eu sei que a propaganda é ruim e a mídia está cheia de mentiras”. O perigo, aí, é conseguir respostas cínicas em vez de críticas. (David BUCKINGHAM, 2011)

Hoje, quando o aluno não estuda, o que lhe diz o professor? Se ele continuar assim, não vai passar de ano! O que confirma que a escola é um lugar onde se devem estudar coisas chatas para poder passar de ano. Devemos parar de mentir aos alunos fingindo que ensinamos coisas úteis. Às vezes, isso é verdade e, ao fazê-lo, damos força pedagógica ao que ensinamos, já que faz sentido aprender o que é útil. (Bernard CHARLOT, 2011)

A primeira [mentira] é a palavra “infância”, que vem do latim *infans*, que é “aquele que não fala”. Mas crianças pequenas podem falar coisas muito interessantes. Outra mentira: infância e adolescência são idades de transição. Todas as idades são de transição, pois estamos todos envelhecendo e mudando sempre. É uma soma de mentiras que continua na idade adulta. (César Muñoz JIMÉNEZ, 2011)

Os números do Japão são uma mentira. Não uma mentira, mas uma omissão. O ensino público no Japão é apenas um pequeno pedaço do que os japoneses gastam com educação. A partir do quinto ou sexto ano, as famílias gastam mais com aulas extras do que o governo gasta com cada estudante na escola pública. [...] No Japão eles gastam 8 mil dólares a mais por ano com o que eles chamam de escolas “juka”, que preparam para os exames universitários. (Martin CARNOY, 2012)

É muito importante que eduquemos os adolescentes. Se as pessoas não entenderem a responsabilidade que elas precisam assumir antes de publicar [na Internet], de passar uma possível mentira adiante, elas estarão criando o mundo tal como aí está, ou seja, uma rede muito mais fértil no rumor e na desinformação do que no esclarecimento. (Bruno TORTURRA, 2016)

RETÓRICA

No caso das Ciências Sociais em geral estamos sempre substituindo posições, teorias, doutrinas, sem sabermos se elas realmente funcionam ou não. Fala-se muito, por exemplo, na importância da interdisciplinaridade, mas ficamos só numa posição retórica, não conseguimos passar as propostas para o plano de um programa de licenciatura e ela acaba se transformando numa justaposição de algumas disciplinas. Infelizmente ainda estamos por construir uma licenciatura integrada. (Jorge NAGLE, 1992)

Existe uma frase, usada mais para fins retóricos e muito esvaziada de sentido, que é a seguinte: “A ação do professor é, fundamentalmente, uma ação política”. Nesse caso, as pessoas falam exatamente sem saber o que estão falando. Achem que ação política é o professor ser um “ser político”. Não é isso. Quando um professor fala na sala de aula para o menino: “Não fale assim que é errado”, está adotando uma postura política. E o que está atrás disso? Está a rejeição ao dialeto do menino. (Magda Becker SOARES, 1995)

A retórica que acompanha os documentos curriculares não é o melhor modo de formar professores teórica e praticamente. Ela se converte numa linguagem burocrática, monopoliza um discurso que deve ser pluralista e pode gerar ortodoxias perigosas num sistema educativo que deve estar aberto à discussão. Ciência cognitiva, sim. E muitas outras alternativas. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997b)

No acesso à universidade gratuita acontece a grande inversão da pirâmide educacional: quem vai para a USP é aquele que fez o cursinho, é o aluno que pagou a preço de ouro uma escola particular que foi voltada exclusivamente para que ele entrasse no vestibular. E o aluno que vai para a faculdade paga é o aluno que trabalha, que não teve condição de ter acesso ao ensino gratuito. A LDB tinha que dizer alguma coisa sobre como se processa esse acesso, senão vira retórica. E ela foge desse problema. (Adib SALOMÃO, 1997)

A retórica escolar e a ortodoxia escolar que enformam o professor não dão respostas a todos os acontecimentos. Vários professores em muitas ocasiões dizem: “Pensei que sabia isso, mas de fato não sei resolver essa questão”. E eu digo: “Ótimo, você agora começou a ser professor e profissional”. Porque todo profissional que pensa que sabe tudo faz picaretagem. Ele tem de ser capaz de ser desafiado para ser um bom profissional. (João Wanderley GERALDI, 1998)

A filosofia é a reflexão crítica sobre o conhecimento e a cosmovisão. Ela pressupõe conhecimentos extensos, experiência da vida e um certo patrimônio de opiniões formadas que possam se tornar objeto de discussão. Sem isso, a discussão filosófica não tem matéria-prima e se torna puro confronto retórico vazio. Logo, não é atividade para crianças. (Olavo de CARVALHO, 1999)

Muito do que tenho falado são ideias não compartilhadas por muitos programas que formalmente aderem à ideia de professores reflexivos. Há programas que usam essa retórica e utilizam pacotes completos, com fitas de vídeo e livros, sobre ensino reflexivo para educação de professores a partir de modelos que reduzem

essas ideias a um conceito estritamente técnico. Muito pouco do que eu disse está representado nisso. (Kenneth ZEICHNER, 2000)

O que percebo de semelhante em muitos países no mundo inteiro é que temos dificuldade em compreender a importância de encarar as escolas como instituições profissionais relativamente autônomas. A autonomia é reconhecida na retórica do dia a dia, mas não investimos o suficiente em nossos professores, não permitimos que assumam responsabilidade e façam o que profissionais devem fazer. Parece que adoramos construir imensas burocracias por não confiarmos nos professores e nas escolas. (Boudewijn van VELZEN, 2001)

Se a causa da educação só for dos educadores, então nós perdemos. Temos de unir a sociedade em torno do direito à educação, não de maneira retórica e simbólica, como todo mundo faz. Nosso papel é convencer os educadores a lutar para que os outros tenham sua causa como importante. Quando educador fala com educador, não precisa de convencimento, porque todos já sabemos do que se trata. (Sérgio HADDAD, 2005)

Ao buscarem a legitimação para a sua autoridade apenas na especialização acadêmica, votando ao ostracismo a componente pedagógica da sua profissionalidade, os professores caminham no sentido da sua desqualificação. [...] Isso será entendido se pensarmos que as tais ciências da educação não lograram ainda penetrar o sistema e apenas servem de recurso à retórica de políticos e decisores. (José PACHECO, 2006)

Uma sólida categoria profissional é indispensável: os professores de crianças pré-escolares, que partilham pelo menos parte de sua educação com outros professores, todos formados a partir de uma estrutura comum, a exemplo do modelo sueco. [...] Frequentemente, permanece um modelo estrutural e conceitual que separa educação e cuidados com a criança, a despeito da retórica da integração. (Peter MOSS, 2007)

Entende-se por educação integral o mesmo que sempre se entendeu, pois é uma finalidade de todos os sistemas educativos de todo o mundo – e de todos os tempos – educar a pessoa em todas as suas potencialidades, não apenas as cognitivas ou intelectuais, mas também as afetivas, artísticas, espirituais, os valores, a saúde, o corpo, etc. Supõe-se que a educação deva perseguir todas essas dimensões, mas, na prática, não se costuma ir além da mera declaração retórica. (Rafael YUS, 2009)

Há uma espécie de valorização retórica dos professores. Pede-se de tudo a eles. Quem vai salvar o mundo? Quem vai assegurar o desenvolvimento de todos? Quem vai garantir o progresso? Para todas essas questões, a resposta é sempre a mesma, a Educação. Algumas instituições parecem caminhões enormes carregando toneladas, mas eles têm rodinhas de bicicleta no lugar de pneus grandes. (António NÓVOA, 2012)

Não podemos confundir dialogar com conversar. Dialogar não é o mesmo que passar o dia inteiro na rua tentando conversar com pessoas. Dialogar é sério! Não é um papo furado, muito menos uma conversa retórica. É, aliás, o contrário da retórica. Conversando a sério, a gente busca razoabilidades, reconhecer o lugar

do outro e os limites desse lugar, que todos nós temos. Impor um diálogo é impossível, porque a imposição é autoritária, mas podemos fazer um convite. (Marcia TIBURI, 2016)

O leitor tem de ler as entrelinhas. Não me importa muito onde as pessoas vão ler, se estão lendo no impresso ou no digital. O importante é que elas saibam selecionar, conscientemente, o que estão lendo e que sejam capazes de ler profunda e criticamente, ou seja, ler entendendo os ditos, os implícitos, os interesses, as jogadas, as estratégias retóricas, e se posicionando em relação ao que leem. Ler sem pensar não vale. É perigoso. (Carla Viana COSCARELLI, 2017)

BOBAGEM

As campanhas de incentivo à leitura e as atividades desenvolvidas na escola servem para desviar a questão, para tapar o sol com a peneira. Em vez de se discutir a precariedade do ensino, culpa-se o aluno pelo desinteresse pela leitura e isso reforça o peso das técnicas de incentivo. Tudo na escola está contaminado pela falta de qualidade. Não há como separar a leitura das outras atividades da escola. Você pode até armar o circo, como se tem feito. Mas é uma bobagem, porque a questão é muito mais complicada. (Edmir PERROTTI, 1990)

O artista plástico, assim que recebe o que achava que ia receber, não se lembra de mais nada. Isso é uma grande bobagem. Eu, por exemplo, sempre senti a falta de um professor, tive um mentor, mas não tive um professor. O artista acha que, se tiver um professor, já não é um escolhido de Deus, porque Deus escolhe mandando raios divinos para as pessoas, e os que aprendem não são bons artistas. Só aqueles que têm pura intuição é que são. Eles detestam citar os professores. (Álvaro APOCALYPSE, 1996)

É bobagem querer ensinar “a realidade” a meninos que ainda não têm a mínima condição de discerni-la da fantasia. É muito mais importante estimular a imaginação, abrir o horizonte do possível, despertar aspirações. E isso a arte e a ficção fazem de maneira exemplar. Leibniz dizia que o menino que visse mais figuras, mesmo que fossem de coisas imaginárias e falsas, acabaria por se tornar o mais inteligente. (Olavo de CARVALHO, 1999)

Eu sempre ouvi falar da “distância cultural”, que significa a existência de países culturalmente avançados ou atrasados, o que é uma bobagem, porque todas as culturas são igualmente niveladas por cima. Já a ciência sim, a ciência pode estar avançada ou atrasada. Vejamos o que aconteceu em certos países, dentre os quais o Brasil, nos últimos anos deste século. O Brasil já esteve muito mais próximo do chamado Primeiro Mundo em matéria de ciência do que hoje. (Milton SANTOS, 2000)

As grandes criações da cultura espiritual exprimem o que há de mais profundo no povo. A cultura é a manifestação de uma coletividade. Não há coletividade sem ela. Cabe ao Estado um papel muito importante porque ele pode orientar essa cultura. Se ele resolve, por exemplo, subvencionar bobagem, estará contribuindo para abastardar essa cultura. (Antonio CANDIDO, 2002)

A língua nunca foi, nunca será e não é um guarda-roupa fechado com um só tipo de roupa – em nenhum lugar do mundo. Já devíamos ter reconhecido o papel de cada variedade. Nisso o Brasil ainda parece um pouco pré-histórico. Eu ouço muita gente dizer que qualquer coisa relativa ao estudo da língua é repressiva, mas isso é bobagem. Toda língua de cultura se faz com um determinado padrão. (Pasquale CIPRO NETO, 2004)

A maioria dos alunos acredita desempenhar seu papel em ir à escola todos os dias, não fazer muitas bobagens e escutar o professor. Enfim, cumprir um protocolo. Eles vão à escola para passar de ano até conseguir um trabalho, dinheiro e uma vida considerada normal – e não necessariamente para construir capacidades. A primeira lição que aprendem é obedecer. E aí se vê um pacto silencioso de

cumplicidade com os professores: “Você obedece e não atrapalha minhas aulas. Em contrapartida eu só passo lições e provas fáceis”. (Bernard CHARLOT, 2006)

Eu acho que o grande erro que muitos cometem em educação é achar que todo mundo tem de saber um mínimo preestabelecido. Não tem! Tem de saber o mínimo para se comunicar, para participar do mundo. Dizer que o aluno tem de saber resolver equação de segundo grau com tal idade é uma bobagem. O que é importante para alguns não é para outros. (Ubiratan D’AMBROSIO, 2007)

Os exames estaduais, da maneira como são feitos hoje, não se justificam. O argumento utilizado pelas secretarias para ter exames próprios era o fato de as escolas não se identificarem com o SAEB, porque ele é feito por amostragem. Isso é uma grande bobagem, porque as evidências são as mesmas. Mas há essa desconfiança. [...] Os estados devem criar sistemas mais focados em alfabetização ou linhas prioritárias de cada governo. (Sandra ZÁKIA, 2007)

O meio impresso tem seu lugar, sua linguagem, que é forte, mas com a internet pode-se conversar com o orientador em qualquer lugar. O importante é saber usar bem a linguagem de cada meio. Às vezes, as pessoas dizem que essa é a “geração da educação a distância”: a primeira geração foi impressa, a segunda, dos meios de massa e a terceira, da internet. Acho isso bobagem, porque parece que os terceiros são melhores do que os segundos, que são melhores que os primeiros. Não existe isso. (Antonio SIMÃO NETO, 2008)

[O Plano Nacional de Formação do Magistério] é uma bobagem. É botar a raposa para cuidar do galinheiro. As mesmas pessoas que fazem esse trabalho [de formação] até hoje vão continuar fazendo. Só resolvemos o problema no dia em que as secretarias de educação falarem o seguinte: “para dar aula aqui, tem que saber isso”. Quando isso acontecer, a coisa vai caminhar. Enquanto isso, vamos continuar fazendo as mesmas bobagens. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

O que sempre me incomodou em Copas [do Mundo] é que entra muita gente patriota, que não acompanha futebol e não entende nada, principalmente mulheres. Desculpe, mas a esta altura da minha vida eu posso revelar certo preconceito. Tem muita mulher falando bobagem e muito cara patriota falando bobagem. Durante o resto do ano, ele não sabe nada. Agora, quando vem a Seleção, vira especialista. (Ugo GIORGETTI, 2014)

Muita gente que ensina nas universidades ainda prega uma doutrina gramatical anacrônica, ultraconservadora, em consonância com uma ideologia política igualmente conservadora. É muito comum, por exemplo, que os estudantes, ao fazerem os estágios docentes coordenados por professores dos cursos de Pedagogia, escutem que “linguística é tudo bobagem, o que vale mesmo é a gramática tradicional”. (Marcos BAGNO, 2015)

A OCDE pode ajudar os países a melhorar seus sistemas de ensino, sim. Ela, de fato, o faz. Claro que pode haver equívocos nas comparações – como pode ocorrer em sistemas de saúde ou mesmo financeiros –, afinal são sistemas complexos influenciados por milhares de fatores culturais e históricos. A medição do aprendizado requer cuidado e tentar entender os resultados exige uma cabeça

aberta. Mas é bobagem não tentar aprender com os acertos e erros alheios, especialmente em um mundo que fica cada vez menor. (Amanda RIPLEY, 2015)

Se você consegue fazer o sujeito fazer o trabalho intelectual, o aprendizado faz sentido para ele. E, sim, quem é que não ama assistir a uma palestra, uma exposição bem-feita, com lógica interna, questionamento, com motivação? Todo mundo aprende com uma boa aula expositiva, não há nenhuma razão de não haver aula expositiva. Isso que as pessoas falam: “a sala de aula de hoje é igual à sala de aula do século XIX” é uma bobagem de senso comum que você vê em todas as palestras. (Sonia BARREIRA, 2017)

ERRO

Acho um erro gravíssimo o texto literário ser utilizado didaticamente – o que é comum na pré-escola e nos primeiros anos de escolaridade. Mas é gravíssimo também o texto literário ser utilizado como mecanismo exclusivo de avaliação, sob a forma de prova do livro, ou exercício do livro. [...] É um processo de retalhamento do texto literário, que está presente desde a pré-escola até o ensino superior. (Sônia KRAMER, 1995)

Os ingleses costumam dizer que a educação tornou-se um estacionamento. Quando o tráfego para, você estuda, volta ao banco escolar. O ensino universitário não tem a ver necessariamente com uma futura ocupação. Evidentemente, é melhor fazer um curso qualquer que ficar parado em busca de um emprego que não chega. O erro de muitas dessas ofertas das faculdades é associar o curso a uma ocupação. A educação não gera postos de trabalho. (Márcio POCHMANN, 2002)

Se não a [a língua] temos limpa e em bom estado, se a tratamos mal, como se faz, o que estamos a fazer? Ninguém tem o direito de fazer um erro de ortografia. “Ah, mas não tem importância”. Tem, porque o erro que se pratica e que não se corrige é um erro que se repetirá e que acabará por fazer parte integrante da própria pessoa. Como não lhe importa nada escrever essa palavra mal, torna a escrevê-la mal. E, no fundo, dá tanto trabalho a fazer as coisas bem, como a fazer as coisas mal. (José SARAMAGO, 2003b)

A escola tem autonomia e o professor tem a possibilidade de tomar decisões. As mudanças podem ocorrer nesse clima. Agora, todos podem cometer erros de percurso. Se não confiarmos nos nossos professores, por exemplo, eles não aprenderão com seus próprios erros. Essa cultura da punição do erro que é combatida pela moderna pedagogia deve ser uma discussão da esfera administrativa também. (Boudewijn van VELZEN, 2003)

Imagine um garoto na quinta série que escreve um texto fabuloso, mas cheio de erros de ortografia. Aí você repara bem e vê que as palavras que ele escreveu erradas são palavras mais sofisticadas, que só seriam usadas, normalmente, por jovens no Ensino Médio. Esse aluno deveria perder pontos por esses erros e tirar uma nota ruim? Não podemos nos fixar apenas num dos aspectos da escrita. Existem tantos que são igualmente importantes! (Dale ARMSTRONG, 2004)

Quando assumimos [o Ministério da Educação], havia 47% de professores no ensino básico com formação superior. Terminamos com 62%. Houve um avanço. Mas temos ainda quase 40% que não têm nível superior. O governo [do PT] deu para trás com uma medida importante ao aceitar uma interpretação do Conselho Nacional de Educação (errada, me parece) de que para a educação infantil não era exigida formação superior dos atuais professores. Só dos que viessem a entrar em concurso. É um erro. (Paulo Renato SOUZA, 2005)

A psicanálise trouxe elementos muito importantes à nossa cultura, para conhecermos melhor o ser humano, mas é certo também que se cometeram muitos erros, que hoje são difíceis de sustentar do ponto de vista científico. A primeira confusão é pensar que somos violentos por natureza e,

consequentemente, devemos canalizar essa violência através de atividades não-negativas, como os jogos violentos. (Xesús R. JARES, 2006)

A superespecialização e o excesso de informações [...] têm como consequência a coexistência em uma mesma comunidade de pessoas com idades culturais distintas. Além disso, transmitir informações em excesso pode transformar a educação em redução de conhecimento, condensação e simplificação – o que pode gerar erros conceituais graves: o professor explica corretamente e o aluno absorve e registra incorretamente. (Virgínia SCHALL, 2007)

Na medicina, quando se comete um erro em um hospital, outras pessoas em outros hospitais aprendem com ele. Isso se dá o tempo todo e ajuda a fazer avançar o conhecimento. A troca de informações é constante e ocorre em nível mundial. Na Educação, ao contrário, o erro não é usado para melhorar a profissão. Da mesma forma, se você é um bom professor e criou soluções inteligentes para ensinar um determinado conteúdo, o mais provável é que ninguém saiba disso. (Andreas SCHLEICHER, 2008)

As crianças usam o desenho, a pintura e a manipulação para interpretar e comunicar o mundo. Para nós, a arte das crianças pode ser uma janela preciosa para conhecer seu mundo secreto e misterioso. Naturalmente se não cometermos o erro fatal de “ensinar” a elas como se desenha ou corrigir os desenhos delas. Não se trata de considerar “sagrada” toda forma de expressão das crianças, mas apenas de reconhecer que não temos nem título nem competência para dar indicações e fazer correções. (Francesco TONUCCI, 2008)

Os jovens professores deveriam ser protegidos nos primeiros anos de exercício. Como os médicos. Ninguém começa sozinho a fazer operações complexas para, à medida que se torna um médico mais experiente e competente, se dedicar apenas a curar constipações. Devia ser assim também com os professores. As situações escolares mais difíceis deviam estar a cargo dos melhores professores. Infelizmente, é para estas situações que os jovens professores são muitas vezes lançados sem qualquer apoio. É um erro de graves consequências. (António NÓVOA, 2010)

Uma aula, assim como uma escultura, não é algo que o indivíduo nasce sabendo fazer, depende de técnicas. É um erro acreditar que Michelangelo esculpiu Davi apenas porque era brilhante, e esquecer-se do seu domínio sobre o cinzel. [...] Nós, da área de educação, temos a mania de desprezar o que se associa à técnica, com a tendência de achar que alguém se tornou bom professor apenas por conta de pesquisa, entendimento de grandes temas da educação e inteligência, não porque aprimorou técnicas simples ao longo dos anos. (Paula LOUZANO, 2011)

O professor sabe muito mais do que imagina. Só que, às vezes, não tem a sistematização desse saber. Um professor pode conhecer bastante uma criança, pela experiência que tem, pelo número de horas que ficou com ela, mas se ele não tem a informação correta para interpretar suas percepções, incorre em erros na ajuda do processo de ensino dessa criança e em erros de julgamento. (Adriana FOZ, 2012)

Se não conseguimos integrar as disciplinas no curso de licenciatura, como as escolas farão isso? Voltamos também à questão do número de aulas. É preciso aumentar a carga horária nas escolas e nos cursos de licenciatura. O grande erro do governo, em 1984 foi criar um curso de licenciatura em Ciências de curta duração. Quis-se ensinar mais, em menos tempo. Nunca funcionou. (Ernst HAMBURGER, 2012)

O importante é saber que o domínio [matemático] acontecerá aos poucos, e que envolve um processo de idas e vindas, de reflexão permanente, de apropriação envolvida em tentativa e erro, erros e acertos. Para que os alunos não desenvolvam a crença de que o foco da matemática é chegar rapidamente à resposta correta, a aula precisa ter desafios e espaços para análise e discussão de erros. (Kátia Stocco SMOLE, 2019)

PARADOXO

A imagem social, historicamente, tem sido essa: passa-se fome como professor. Antes, “passávamos fome, mas éramos mais respeitados”, éramos poucos e tínhamos acesso a uma riqueza especial: a cultura. Mas, hoje, o acesso à cultura já não é tão valorizado quanto antes e já somos muitos. [...] A massificação de uma profissão interfere no seu prestígio social. Fato paradoxal, porque perdemos prestígio justamente quando conseguimos universalizar a cultura. (César COLL, 2002b)

Funciona mais o exemplo do professor que lê do que exigir leitura como atividade em classe. [...] Muitas vezes encontramos esse paradoxo em nossa sociedade. Gente que não gosta de ler não pode ensinar a ler. E igual a um instrutor de natação que não goste de nadar e por isso tenta ensinar os alunos do lado de fora da piscina. Eu questiono a formação do leitor. Quantos livros de literatura não obrigatória um professor lê por ano? (Ana Maria MACHADO, 2002)

O PISA, além de ter avaliado as competências de leitura, aplicou questionários com os alunos e com os professores das escolas. E, nesses questionários, aquilo que se pretendia ver eram questões do tipo “gostas de ler”, “não gostas de ler”, “lês muito”, “não lê”, “como é que estudas” etc. Os alunos portugueses, por exemplo, estão classificados entre aqueles que gostam mais de ler – e os da Finlândia são os que gostam menos de ler. Portanto, eis um aparente paradoxo. (Maria de Lourdes DIONÍSIO, 2005)

É um paradoxo o fato de muitos professores considerarem a matemática um assunto fácil de ensinar. Esses professores creem que qualquer pessoa pode ensinar matemática – afinal de contas, para eles, basta ensinar aos alunos o que fazer para resolver uma equação. Costumo dizer que a matemática é uma matéria muito fácil de ser ensinada... mal. Bem entendido, é uma matéria fácil de ser mal ensinada! (Alan BISHOP, 2006)

Hoje as crianças, desde seus primeiros anos, têm uma autonomia de informação e de comunicação quase ilimitada e totalmente fora do controle dos adultos, em virtude da televisão, da internet e dos telefones celulares. Entretanto, perderam a possibilidade de fazer, tocar, experimentar. Sabem tudo e não sabem nada. Um paradoxo perigoso, cujos custos revelam-se muito altos quando, na adolescência, esse controle protetor termina. (Francesco TONUCCI, 2008)

Quando você observa a reprovação na França, no entanto, cai nas mesmas dificuldades daqui [do Brasil]: a Língua e a Matemática. O paradoxo é que as crianças aprendem a falar sem dificuldades, mas não aprendem a ler e escrever sem problemas. Isso ocorre porque a função da escrita não é óbvia para as crianças, sobretudo se as famílias não têm o hábito de ler. (Gérard VERGNAUD, 2008)

Alunos em salas de aula de aprendizagem cooperativa superam aqueles em salas de aula individualistas e competitivas. Incluir a aprendizagem cooperativa é um a preparação para o mundo real: três em cada quatro novos postos de trabalho incluem o trabalho em equipe, pelo menos em parte do tempo. [...] Vivemos em

um mundo interdependente no qual, paradoxalmente, a capacidade de competir depende da capacidade de cooperar. (Spencer KAGAN, 2010)

Essa visão do outro sobre eu mesmo, e a relação que a gente estabelece a partir desse olhar, é que me permite compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, que parte também do olhar do outro sobre mim mesmo. É algo muito complexo. O paradoxo disso tudo é que a presença do outro e a diferença em relação a ele são as fontes permanentes de estranhamento, de tensão e de conflito. Ao mesmo tempo que esse outro é útil para marcar a minha identidade, ele também é conflituoso. (Helena SAMPAIO, 2010)

É fundamental introduzir a ciência para os jovens, aqueles que vão construir o futuro cada vez mais dependente da ciência. Constata-se que, paradoxalmente, recai sobre os países com menor participação na geração da ciência a responsabilidade por educar um maior contingente de jovens. Particularmente entre os jovens, atesta-se uma compreensão pobre de ciência. (Virgínia SCHALL, 2011)

Na perspectiva da instituição escolar e dos familiares dos alunos, a educação de qualidade em escolas públicas é o mesmo que educação para o bom desempenho nos testes. É nesse ponto que se situa o paradoxo. O primeiro passo é reconhecer que a obtenção de bons resultados em testes padronizados é possível sem quaisquer tecnologias. Um professor pode motivar os alunos a aprender o conteúdo e resolver as perguntas do teste através de muito treino. (Colin LANKSHEAR; Michele KNOBEL, 2013)

O paradoxo é que você gasta milhões [com livros], mas é muito pouco diante do conjunto de alunos e da dimensão do País. São poucos livros por acervo, nunca passa de cem por escola. Se um professor quiser fazer um trabalho com determinada obra, ele tem um ou dois exemplares no máximo para desenvolver isso com suas turmas. É pouco, mas quando se pensa no conjunto de livros, a quantidade distribuída é muito grande. (Aparecida PAIVA, 2013)

As escolas muitas vezes são estruturadas sem saber como lidar com esse universo de jovens, que é muito relevante, o que acaba sendo quase um paradoxo: no Brasil, muito se fala sobre a democratização do acesso físico [às escolas], e o nosso programa [Telecurso], de certa maneira, oferece acesso ao nível de excelência educacional brasileira que talvez esse contingente mais carente jamais chegasse a ter. Isso é muito interessante como modelo. (Hugo BARRETO, 2015)

A estratégia mais adequada para lidar com esse aparente paradoxo [formar para um mundo que desconhece] é ajudar a “aprender a aprender” ao longo de toda a vida. Essa estratégia relaciona-se com a vivência e a experimentação do espírito científico, de indagação, investigação e experiência desde a infância. O espírito e a metodologia de investigação já não podem ser o privilégio de uma elite, mas sim o procedimento habitual dos cidadãos contemporâneos, que enfrentam um mundo complexo, mutável e incerto. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

A escola trata os adolescentes como se fossem crianças e, paradoxalmente, demanda-lhes comportamentos mais próximos daqueles dos adultos: maior maturidade, autocontrole, atenção, além de consciência da importância que a

escola tem em suas vidas. Os medos e as ansiedades dos alunos não são acolhidos, pois a duração das aulas não permite um contato mais próximo com os professores, os quais, por sua vez, não sabem bem quem são seus alunos. (Claudia Leme Ferreira DAVIS, 2016)

É um paradoxo que cada geração deva passar mais anos na escola ao mesmo tempo que os títulos escolares lhe garantem menos o acesso ao mercado de trabalho, sem falar de uma posição vantajosa no mesmo. Por outra parte, o novo meio digital lhes mostra a cada dia, com os *videogames* e as simulações, etc., que há outras e melhores maneiras de aprender, de adquirir conhecimentos e competências que não são menos complexas que as escolares. (Mariano Fernández ENGUITA, 2018)

CONTRADIÇÃO

No ensino do Brasil existem fenômenos aparentemente contraditórios. Aqui, embora sejamos um país classificado como “em desenvolvimento”, a organização curricular é mais adiantada do que nos Estados Unidos. Nossas crianças estão estudando na primeira e segunda séries conteúdos que os americanos vão estudar lá pela quarta ou quinta série. Mas nossos conteúdos são mais avançados enquanto norma, enquanto forma. Na prática, não produzem os efeitos desejados. (Júlio CORREA, 1987)

O educador suíço Jean Piaget o [o conceito de transdisciplinaridade] utilizou nos anos [19]70 para designar um passo adiante na relação interdisciplinar. Existe na palavra uma singela contradição: o prefixo trans pode sugerir transpassar, passar além, transpor, enxergar através. E disciplina vem mostrar um conjunto de regulamentos destinados a manter uma certa ordem. O trans atravessa a disciplina, dilacera-a, impondo uma outra visão sobre ela mesma. (Paulo Afonso RONCA, 2001)

O currículo deve ter menos conteúdos, vistos com maior profundidade. Acho contraditório falar em construtivismo sem pensar em diminuir o volume de informações. Há instituições que tem mais de 30 grandes temas no currículo. Por que ensinar 15 se nem o primeiro foi compreendido? [...] Há uma aceleração desnecessária, por causa do excesso de assuntos a tratar. No Ensino Médio, por exemplo, os temas são típicos do nível universitário. (Mario CARRETERO, 2003)

Uma das contradições mais curiosas do movimento do professor reflexivo é que, à medida que se consagrou a retórica sobre o professor reflexivo, aumentaram as exigências sobre o dia a dia do professor. Ora, o bem mais precioso do professor reflexivo é o tempo. Ninguém reflete, se não tiver tempo. É preciso um tempo de maturação, de discussão, de apropriação. (Antônio NÓVOA, 2004)

O jovem de hoje tem dois tipos de estímulos distintos, que são contraditórios se os compararmos com as gerações anteriores: por um lado têm muito mais estímulos num mundo muito mais rápido e com coisas simultâneas, mas que também os incentivam a dar sentido à vida, coisa que os mais velhos não tinham. Se olharmos para a organização social de 40, 50 atrás, ela própria atribuía sentido ao que se fizesse. (Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO, 2008)

Um defeito da LDB foi ter colocado preferencialmente sobre estados e municípios a responsabilidade pela formação do Magistério – e apenas supletivamente sobre a União. Não se trata de impedir estados e municípios de oferecer cursos desse tipo. Ao contrário. Contamos com as universidades estaduais e municipais no Sistema Nacional de Formação do Magistério. Porém é o governo federal que mantém a maior parte das universidades públicas do país. E essa é uma contradição inaceitável. (Fernando HADDAD, 2008)

Criado em uma corte absolutista, ele [Dom Pedro I] crescera ouvindo falar em constituição e em direitos do homem. Como muitos jovens de sua geração, ficara fascinado pela saga de Napoleão Bonaparte. Assim, apesar de autoritário, foi sempre um constitucionalista. Essa foi uma contradição que marcou a sua trajetória: um homem que acreditava no valor da constituição, mas que sempre

agiria também como um legítimo representante da dinastia Bragança. (Isabel LUSTOSA, 2008)

Você vive numa relação de instabilidade na qual é preciso disputar a vida um dia de cada vez. Por outro lado, tem um trabalho muito mais criativo, que depende muito mais de você, pois se consegue ter mais controle sobre ele; um trabalho em que você tem a capacidade de dar para o mundo a sua cara, de trabalhar de modo a ser reconhecido no que está sendo feito. E acaba sendo esta a contradição: de um lado, não há segurança; de outro, há muito mais criatividade, capacidade e possibilidade de controlar o próprio destino. (Wanderley CODO, 2010a)

Há provas externas para avaliar o que foi desenvolvido, mas os professores não sabem previamente o que se espera que seja desenvolvido! É uma coisa absolutamente contraditória neste País. Não temos um currículo que defina, por exemplo, “no fim do primeiro ano, a criança deve ser capaz de...”, ou “ao fim da educação infantil, a criança deve ser capaz de...”. Mas temos avaliações externas que verificam do que a criança é capaz em cada etapa. (Magda Becker SOARES, 2012)

Se os objetivos das transferências condicionadas de renda [como o *Bolsa Família*] passam por ampliação no longo prazo no capital humano das famílias de renda mais baixa, é necessário que não haja só matrícula e permanência na escola, mas também progressão no ciclo escolar, associado à aprendizagem. Havia o que chamo de “elo perdido” nas evidências: é possível identificar redução do abandono, a manutenção da criança na escola e avanços na promoção escolar, mas havia a contradição forte de não se encontrarem avanços na aprendizagem. (Armando SIMÕES, 2013)

No processo de desenvolvimento humano, temos duas forças ou tendências básicas: temos de romper, transformar, superar limites, transgredir. Por outro lado, e ao mesmo tempo, precisamos fazer parte da cultura, das tradições, dos limites que já estão colocados historicamente. [...] Desta contradição surge o movimento. O não saber trabalhar esta contradição leva aos polos extremos, que é o clássico problema da disciplina: ou uma educação frouxa, espontaneísta, ou uma educação autoritária, repressora. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

Existe uma relação de mercado que influencia o conteúdo [dos livros didáticos]. As editoras se adaptam às demandas dos educadores fornecendo, por exemplo, mais materiais com atividades para os estudantes. Ao mesmo tempo, são as grandes editoras que fazem circular as publicações. Então, os livros didáticos também determinam o currículo das escolas no Brasil. É uma contradição. (Circe BITTENCOURT, 2014)

Envolvê-las [as famílias] é imprescindível. A escola tem de transmitir a todos que não pode haver violência. Há um velho ditado espanhol “Si te pegan, pega!” (algo equivalente a “Se apanhar, dê o troco”) que justifica a reação. Ao aceitar esse comportamento, entra-se em contradição com os valores democráticos. Uma abordagem diferente não é impossível. Nem sequer, muito difícil. (María José DÍAZ-AGUADO, 2015)

Tenho a impressão de que houve um enfraquecimento do ensino de gramática na educação básica. Há uma razão para isso, porque as pessoas, no fundo, percebem que a gramática com a qual estamos lidando é muito inadequada. Existe, sim, uma contradição, e acho que ela vai ser resolvida da pior maneira, que é abolindo o estudo da gramática na escola. (Mário PERINI, 2015)

Em grande parte do mundo ocidental, e no Brasil não é diferente, a educação infantil caminha para a desescolarização. Logo, pensar em divisões disciplinares e professores específicos é absolutamente contraditório com relação ao que hoje se pensa sobre a pedagogia da infância. Nem sempre, porém, a formação para atuar nesse segmento contempla os conhecimentos necessários para que os educadores possam realizar projetos em que as práticas corporais sejam trabalhadas com os bebês e as crianças. (Marcos Garcia NEIRA, 2017)

MITO

Com certeza poria meus filhos na escola pública e iria brigar por sua melhoria. Afinal, estou seguro de que a superioridade das escolas particulares como um todo é mais uma panaceia em que fomos levados a acreditar por muito tempo. Essa ideia nasceu de um mito e de uma tendência à generalização que temos. Não é porque os supercolégios são realmente bons que todo o ensino particular é ótimo. (Heraldo Marelim VIANNA, 1992)

Tal argumentação de que educar é algo eminentemente feminino é uma falácia, um mito, cujas implicações são muito graves. E não só para as mulheres, mas principalmente para os homens, que ficariam, assim, privados de exercerem um dos aspectos mais humanizantes, que mais nos distinguem dos animais, que é participar de uma cultura e poder transmiti-la. Como todo mito, ao mesmo tempo desqualifica a mulher, também denigre a imagem do homem. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

Paulo Freire já dizia: “A gente tem de fazer o que pode ser feito”. Se você não fizer hoje o que hoje pode ser feito e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente fará amanhã o que hoje deixou de fazer. Porque as condições se alteram. Há dois mitos que devem ser deixados de lado: o de que nada pode ser feito e o de que tudo pode ser feito. (Mario Sergio CORTELLA, 2000)

Temos de acabar com o mito de que o professor tem de inventar tudo. Ele tem de te dar retaguarda de bons materiais. Quem cuida da educação dos professores precisa auxiliá-los a cuidar dela em sala de aula, para que eles possam fazer acontecer. A educação tem de sair do currículo. Acredito que a educação tem a ver com o despertar da capacidade do aluno em ver a beleza das ideias e o poder das mesmas. Você poderia jogar fora os currículos do Brasil e colocar só isso. (Claudio de Moura CASTRO, 2003)

Não nos esqueçamos da questão da representação de gráficos e tabelas. Tudo isso já está nos parâmetros curriculares nacionais e vem sendo repetido por muita gente. Não obstante, tudo isso encontra resistências nas escolas, resistências estas que estão apegadas a certos mitos. Por exemplo, o mito de que o uso da calculadora deixa o menino burro. [...] Calculadora não deixa ninguém burro, pelo contrário, é um instrumento que, dependendo da maneira como é usado, potencializa a capacidade matemática dos sujeitos. (Maria da Conceição Ferreira Reis FONSECA, 2005)

As escolas, assim como a sociedade, vivem sob a égide do mito da democracia racial. Essa crença de que vivemos relações raciais harmoniosas, de que a miscigenação brasileira resolveu os problemas raciais no Brasil é algo terrível! Ela desvia o nosso olhar das sérias consequências do racismo na nossa vida e embota o entendimento das pessoas. Esse mito, uma das expressões do racismo ambíguo brasileiro, está enraizado na nossa cultura, na nossa política e na nossa educação. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Quando eu estava na escola, se dizia que o escravo no Brasil foi o negro porque o índio não se submeteu à escravidão. Esse é um mito de duas faces. Uma, a de que o índio não se submeteu; outra, a de que o negro se submeteu. Nenhum povo se

submete à escravidão. No caso do índio, ele lutou contra a escravidão, mas também foi escravo. Por muito tempo, até o século XVIII, mais tempo do que no resto da América espanhola, durante quase 250 anos. (Joel Rufino dos SANTOS, 2010)

Acho que é um mito [ser mais útil estudar ciência via experimentação]. Podemos fazer muitas coisas, muitos ensinamentos, dispensando o laboratório, ou pelo menos aqueles mais sofisticados. Não se trata de dizer que os laboratórios não são necessários. Mas essa alegação é muito mais uma maneira de nos escudarmos, de não fazermos uma boa ciência porque não temos laboratório. (Attico CHASSOT, 2011)

O número de alunos por sala de aula é um deles [mitos]. Imagina-se que a quantidade reduzida de estudantes teria efeito positivo no desempenho do conjunto, mas é preciso qualificar o que sequer dizer com isso. Atualmente, sabe-se que turmas com menos de 10 alunos são relativamente improdutivas, porque nem sempre há interação ou uma dinâmica suficientemente estimulante. Por outro lado, é evidente que uma sala de aula com 200, 100 ou 80 estudantes no ensino fundamental é inaceitável. (Guiomar Namó de MELLO, 2011a)

Esbarramos num modelo de escola calcado na concepção de que há os alunos e os alunos “de inclusão” – termo ruim, que cria dicotomias. Temos no Brasil um sistema de ensino montado na ideia de homogeneidade, de séries, de estudantes com a mesma idade, o mesmo nível de desenvolvimento, baseado na ideia de que, se você agrupar parecidos, será mais fácil ensinar. Isso é um mito. (Marília Costa DIAS, 2012)

Há várias lendas urbanas. Essa história de que só se usa 10% do cérebro é mito. Nós usamos o cérebro todo, só que se formos mais estimulados, usaremos melhor, e se formos menos, usaremos menos eficientemente. Outro é dizer que se não pode ensinar uma segunda língua para uma criança antes que ela complete sete anos. Até hoje encontro professores dizendo isso. (Adriana FOZ, 2012)

Simultaneamente, do ponto de vista interno da escola, além da queda do mito da ascensão social, mais recentemente, em função do desinteresse pelo magistério, há professores com formação ainda mais frágil, tanto do ponto de vista da concepção pedagógica, como até do domínio do conteúdo. Assim, também o professor fica fragilizado para, digamos, “impor”, exigir disciplina. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

O mito de que o “português é muito difícil” tem sua origem também na confusão, gerada no ambiente escolar, entre a língua propriamente dita e a codificação tradicional da língua, isto é, a gramática normativa. Para muita gente, “saber português” é saber o que é uma oração subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo ou saber distinguir um complemento nominal de um adjunto adnominal. É lamentável, para dizer o mínimo. (Marcos BAGNO, 2015)

O mito cultural segundo o qual o único modo de fechar uma lacuna é focar a fraqueza é mais pronunciado na educação do que nos outros campos. Esse mito é cultivado na educação por meio de uma avaliação referenciada na norma, comparando milhões de crianças com as mesmas normas padronizadas

desenvolvidas para atender a massa de estudantes. A ênfase excessiva na fraqueza tem nos desviado da grande capacidade intelectual inata dos indivíduos. (Yvette JACKSON, 2015)

Em vez de incorporar esses brasileiros [escravos] à sociedade civil, como cidadãos de plenos direitos, preferimos construir alguns mitos a respeito de nós mesmos, segundo os quais teríamos tido uma escravidão mais benévola, patriarcal e boazinha, o que também teria dado origem a uma grande democracia racial brasileira. Tudo isso é mito, mas aparecia com grande frequência nos livros didáticos e nas salas de aula. Felizmente, está mudando. (Laurentino GOMES, 2019)

TABU

Além de já termos o problema da repetência como um ponto crucial, soma-se a isso o fato de a criança não chegar ao 1º Grau alfabetizada. Esse é um problema com o qual vamos acabar, e alfabetizar a criança a partir da pré-escola. É o que fazem as escolas particulares. Por que só o filho do rico pode ser alfabetizado na pré-escola? Precisamos acabar com este tabu e alfabetizar a criança a partir da pré-escola também no ensino público. (Carlos CHIARELLI; Ledja Austrilino SILVA; Adolf SCHÜLLER NETO, 1990)

Quando jovem, eu tinha a maior vergonha de entrar numa farmácia para comprar Modess. Mandava o irmão comprar, essas coisas. Hoje, toda a liberação sexual e a necessidade real de usar camisinha, com a Aids rondando por aí, não foram suficientes para quebrar o tabu em torno dela. Os jovens dizem que não usam camisinha – apesar de se proclamarem conscientes do perigo da Aids – porque é muito desconfortável, porque tira o prazer, porque é difícil colocá-la na hora H ou porque “confiam” na parceira. (Clarice HERZOG; Rosangela BOLZE, 1993)

A escola deve ser um núcleo de formação política, com P maiúsculo. Aliás, é estranho que a escola mantenha o tabu em relação aos temas fundantes da existência. Quase não trata de sexo, morte, perda, ruptura afetiva, doença, política. Não forma para a vida, forma para um emprego. Ora, a ética deve permear todas as disciplinas. E vigorar nas relações escolares. Por que não há debates entre alunos, professores e funcionários? (FREI BETTO, 2000)

Quando se cobre [jornalisticamente] a infância, chega-se perto de temas tabus, como distribuição de renda e saneamento básico. Quando se fala em mortalidade infantil, tem de se falar em saneamento; para falar sobre prostituição infantil, tem de falar em distribuição de renda, do desemprego dos pais. A criança é o portal do jornalista para as raízes dos problemas brasileiros. (Geraldinho VIEIRA, 2000a)

Estamos numa fase da emancipação feminina na qual ainda é importante que os educadores combatam os machõezinhos de 10 anos de idade e impeçam julgamentos morais que possam prejudicar as meninas. Veja o tabu da virgindade. Há cinquenta anos, o estigma sofrido por uma menina que não fosse mais virgem era de tal ordem que funcionava como condenação para o resto da vida. A queda do tabu da virgindade foi muito importante. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

Há algumas questões que dificilmente se consegue trabalhar, que permanecem como se fossem tabus. Seria muito interessante pesquisar, por exemplo, a avaliação, que é hoje um tema fundamental em política educacional, envolvendo questões muito polêmicas e pouco discutidas. A década de [19]90 foi a década de implantação do SAEB, de implantação do ENEM, do Provão e dos sistemas estaduais de avaliação, todos pouco discutidos. (Maria Malta CAMPOS, 2002)

Estamos, desta forma, quebrando um tabu entre os pesquisadores na área de física, que ficavam em seus escritórios ou laboratórios gerando conhecimento, e não se preocupavam com a geração de riqueza. Não quer dizer que todos os cientistas devam ir para as empresas, mas a SBF [Sociedade Brasileira de Física]

quer orientar as ações do governo no sentido de estimular essa iniciativa, pois isto iria desaguar, conseqüentemente, na melhoria do ensino. (Adalberto FAZZIO, 2006)

Se os níveis previstos de produção, eficiência e profissionalismo não são alcançados, você está excluído da sociedade. Nesse contexto, a técnica não faz objeção à luxúria, que nem sequer é mais vista como uma forma de mal, assim como a sexualidade, que no início de 1900 era um tabu. Mas os homens necessitam de tabus e limites, e o tabu foi empurrado para mais além, nas formas suicidas da droga, dos acidentes automobilísticos de sábado à noite e por aí fora. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

A ideia de que a criança não tem sexo e não deve saber sobre sexualidade é ultrapassada. Por isso, costume dizer que ainda é um tema tabu. Não pode haver assuntos proibidos para a criança. Devemos abandonar essa crença de pureza absoluta, que é uma noção distorcida sobre as crianças. Elas têm perguntas, interesses e curiosidades sobre a sexualidade. (Celso GUTFREIND, 2010)

Quando, no começo dos anos 1980, fiz meu doutorado sobre o tema, chamou a atenção que a grande maioria das adolescentes grávidas conhecia anticoncepcionais, mas não havia usado. Em primeiro lugar, porque não havia na rede de saúde, em segundo, porque não tinha informação, em terceiro, porque a relação sexual precoce era um tabu muito grande e o uso de anticoncepção denunciaria isso. (João Luiz Pinto e SILVA, 2012)

O tabu normalmente decorre de fatores religiosos. As religiões monoteístas colocam uma restrição muito grande ao suicídio. Essa questão funciona de forma muito perversa. Até recentemente os cemitérios tinham uma área específica para enterrar suicidas. Tudo isso tem um peso enorme na formação do tabu. [...] Há outro fator curioso que persiste até hoje. Na Inglaterra medieval, se alguém se suicidasse, todas as propriedades iam para a Coroa. Então os parentes tinham todo o interesse em ocultar o suicídio. (José Manoel BERTOLOTE, 2014)

Acho que cada época, cada cultura, produz os seus sintomas. Quando a sexualidade era muito cheia de tabus e proibições, evidentemente que a histeria virou uma coisa prevalente, porque era o sintoma que de alguma maneira ia contra isso e apontava para a sexualidade. Tenho impressão que a depressão não é diferente. Ela é uma expressão de resistência a uma sociedade de consumo, a uma sociedade voltada para as performances: o homem de sucesso. (Teresa PINHEIRO, 2014)

O tema das violações dos direitos dos indígenas no Brasil é um tabu. A porção não índia da sociedade brasileira não só não reconhece os seus direitos como continua cotidianamente a violá-los. Segredos como os contidos no Relatório Figueiredo são guardados a sete chaves nos arquivos do Estado brasileiro, pois trazem à luz situações de inúmeras violências, como as vividas pelos povos do Mato Grosso do Sul e da Bahia. (Marcelo ZELIC, 2014)

É um tabu fechar escola. Eu não fechei nenhum prédio. Porque eu sei que isso está relacionado com autoestima, como regra é a única referência de poder público no lugar. O que eu procurei fazer foi melhorar os prédios e transformá-

los em Educação Infantil ou em centro comunitário. Para tratar de Educação é melhor você ter menos escolas, com melhor estrutura, corpo diretivo e participação da comunidade. (Cid GOMES, 2015)

Na época da eleição (a polarização) foi superforte. Muitos assistiam aos *youtubers* que falavam de política, viam os jornais e estavam no discurso de que o problema era o governo que estava. A questão do (então candidato à Presidência Jair) Bolsonaro não era um tabu dentro da escola. Eles falavam muito. Existia também uma coisa de “política não serve pra nada” e sempre ligação com a corrupção. Acho que há falta de conversa, dos movimentos estarem mais próximos da juventude. (Alice RIFF, 2019)

SEGREDO

Embora o consumo dessas drogas entre os estudantes seja discreto, não podemos esquecer que a cocaína é uma droga muito séria quando há abuso. Mas não deve ser prioridade num programa de prevenção para a população estudantil. Você alardear e colocar como prioridades drogas que não apresentam índices respeitáveis de uso, vai apenas chamar a atenção para elas. Mas não se deve também tentar manter segredo, porque é preciso dar vazão à curiosidade natural do adolescente. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

O direito à intimidade, por exemplo, como o faremos realidade na vida coletiva de uma escola? Pode ter alguma influência no desenho do espaço? É preciso estruturá-lo de maneira que possa ter um espaço próprio? É possível prever espaços, caixas, armários, nos quais as crianças possam ter seus tesouros, seus segredos...? Até que ponto, também a partir dessa perspectiva, podemos perguntar sem limites? (Irene BALAGUER; Tina Roig PLANS, 1998)

As pesquisas demonstram que não existem pessoas com uma melhor ou pior capacidade inata de memória, ao contrário do que se pensava antes. A memória parece ser, pelo menos potencialmente, muito parecida entre pessoas que tenham boas condições de alimentação e saúde. O verdadeiro segredo para desenvolver a memória é o treino. [...] Assim como a falta de treino pode atrofiá-las, o uso aumenta o tamanho e a eficiência das sinapses. (Iván IZQUIERDO, 2000)

Há uma modalidade de ensino que esconde, que trabalha com o segredo, que tenta esconder parte do conhecimento. Isso leva a uma situação na qual o aluno se vê obrigado a expiar. E quando você expia, ao mesmo tempo incorpora uma ideia de culpa por ter obtido esse conhecimento. Então, pode ser que esqueça o que espionou ou faça de conta que não tem aquele conhecimento. Com a mídia, que de certa forma também é “ensinante”, como pais e professores, esse processo se sofisticou. Hoje, esconde-se exibindo. (Alicia FERNÁNDEZ, 2002)

Todos acham que sabem o segredo do universo. Dizem “meu Deus é melhor”, “minha democracia é mais correta”. As pessoas só veem a aparência. Esquecem que vemos as cores de uma determinada forma porque tudo é irradiado pelo Sol. Esses outros seres, em outros planetas e estrelas, podem ser irradiados de uma maneira diferente. Por isso, temos dificuldade para encontrá-los. (Leonardo MLODINOW, 2004)

Entrevistamos 300 crianças e as caracterizamos em três perfis: leitores muito ativos, ativos e pouco ativos. Foi feito um ditado e pedido um texto em que contassem uma história. Então conduzimos um levantamento ortográfico e chegamos também a três perfis, por níveis de incorreções. Havia leitores muito ativos que erravam muito e também o inverso. O segredo para escrever bem está na prática constante e não apenas na leitura. (Jaime Luiz ZORZI, 2006)

Conheço o caso de uma professora que começou a discutir com seus alunos de que forma seria um deserto. Cada um falava o que queria, como eram os bichos, as plantas, etc. A professora trazia jornais e revistas sobre o assunto e todos se interessavam. Ao final de cada aula, ela pedia para que eles escrevessem o que haviam discutido. Mas como, se eles não sabiam escrever? É aí que mora o

segredo. Cada um escrevia o que sabia, letras, desenhos, qualquer coisa, sem cobranças. (Silvia Gasparian COLELLO, 2007)

Se você chegar numa escola e fizer a seguinte proposta: “Vamos organizar a festa de fim de ano. Queremos que vocês escolham duas pessoas para isso”. A classe apontará espontaneamente as pessoas mais indicadas. “E para organizar um campeonato de futebol?” Dificilmente os dois escolhidos serão os mesmos. Se for para organizar um passeio fora da escola, é bem provável que se deleguem outros dois. [...] O segredo, então, é deixar que as próprias crianças escolham quem são os melhores para as diferentes funções de liderança. (Bernardo TORO, 2009)

O fato de haver dificuldades numa obra não deve ser visto como um empecilho – a criança deve aprender a encarar o texto escrito como uma fonte de prazer, mas também como um desafio. Algo que pode exigir esforço, trabalho, para revelar seus segredos. É melhor ler com as crianças um capítulo de um livro na versão integral, ajudando-as a decifrá-lo, caso encerre dificuldades, que lançar mão de uma adaptação em tamanho reduzido, que pouco lhes acrescentará e as deixará com a falsa impressão de conhecer a obra. (Maria Luiza BORGES, 2010)

Envolver o aluno é o segredo da educação, desde sempre. Mas hoje envolver um aluno que tem tantas distrações, que está com mil janelas abertas, que está comunicando-se com colegas e amigos para falar do cotidiano, e fazer com que ele queira estudar, não é uma coisa simples se ele não estiver motivado. Porque se for uma coisa obrigatória ele fará isso na última hora, fará mil outras coisas antes daquilo que queremos. (José Manuel MORAN, 2011)

Devemos ainda estimular sua [do bebê] discriminação auditiva com a repetição sistemática de determinados sons da natureza, iniciando pelo som da água, a seguir dos pássaros, das aves, de vozes humanas, etc. Depois devemos associar o som à imagem e então ao nome. Enfim, o segredo está na exata reprodução do que se processou na natureza ao longo de milhares de anos e que foi modificando a estrutura cerebral da nossa espécie. (Nadia A. BOSSA, 2013)

O aluno que tiver em sua vida aquele professor que gire a chave em sua cabeça, que faça com que, no lugar de encarar a escola e o estudo como obrigação, entenda que adquirir conhecimento é fundamental para que ele venha a ter uma boa carreira, um bom futuro, estará sendo programado para os próximos 60 anos de sua vida. Este é o segredo de ensinar. (Salman KHAN, 2013)

Uma pessoa disciplinada é aquela que sabe administrar essa tensão entre a necessidade de romper e a necessidade de se adaptar. O sujeito tem que ter, o tempo todo, clareza do que quer, do que tem, e, naquele momento, a partir dessa tensão entre finalidade e realidade, tomar a decisão. [...] O grande segredo da disciplina é saber trabalhar essa tensão em função do objetivo que se quer atingir e do contexto que se tem. Fazendo uma releitura de Aristóteles, diríamos que a virtude não está no meio, mas na mediação! (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

Pediam para ela [aluna de uma escola construtivista] escrever alguma coisa na atividade de casa. Ela perguntava como escrever para a mãe, que tinha participado da reunião de pais na escola e havia recebido a orientação de

responder que ela deveria escrever como achava que era. A menina perguntava e a mãe respondia: “Escreve do jeito que você acha que é”. E a menina: “Não, me fala só essa letra, se é essa ou é essa”. E a mãe: “Escreve do jeito que você acha que é”. Até que a menina falou: “Acho que isso é um segredo, né?” (risos). (Magda Becker SOARES, 2016)

Sabe qual é o segredo do sucesso da educação no Ceará, além do projeto pedagógico belíssimo? Lá, a redistribuição do ICMS não é pelo número de crianças, mas sim pelo número de crianças alfabetizadas. No Brasil, a gente sempre dá e nunca cobra, libera e não pede contrapartida. A gente não consegue definir quem cobra de quem por um motivo simples: a corporação não deixa. É fundamental enfrentar a parte negativa da corporação que, sabemos, não é pequena. (Mozart Neves RAMOS, 2018)

MISTÉRIO

Existe uma coisa de mistério nas relações que a televisão não dá conta. Televisão pode informar, pode acrescentar alguma coisa ao que a professora está ensinando no cotidiano. Que ótimo se pudermos ter na escola programas muito bem-feitos, que vão ilustrar a aula. Mas como recurso adicional, porque o recurso fundamental é a professora. O fundamental na sala de aula é a professora e a criança. É o professor e o aluno. (Regina Leite GARCIA, 1997)

[Brincar] é a nossa chance de ter uma criança perto para ver como é, entrar no movimento outra vez, no mundo dela. Para aprender a brincar, é preciso, em primeiro lugar, não querer brincar. Não pense em querer nada. Você está à toa na vida e, de repente, um gesto lhe chama e você se esquece de você, você entra no brinquedo. É um mistério. Eu não saberia, a esta altura, dizer o que é brincar. (Lydia HORTÉLIO, 2003)

Critérios de avaliação nunca deveriam ser um jogo. Nós temos que eliminar o mistério deles. Quando você explicita e detalha os critérios, quando você tem uma rubrica, suas chances de ser consistente na avaliação aumentam. Então não faria muita diferença se eu corrigisse ou se você corrigisse a prova, nós todos provavelmente chegaríamos a notas bem semelhantes. (Dale ARMSTRONG, 2004)

Pode-se brincar com ciência o tempo todo. É fantástico revelar como uma lagarta se transforma em borboleta. O aluno fica encantado ao descobrir como as coisas acontecem. O mesmo ocorre quando explicamos que o Sol é apenas uma estrela entre centenas de bilhões de outras estrelas rodeadas por planetas. A criança olha para o céu e pensa se existem outros “eus” em outros lugares. Ainda falta esse mistério no ensino da disciplina. (Marcelo GLEISER, 2005)

Quando você ouve ou conta histórias, é como se atualizasse um conhecimento que vem caminhando por meio das gerações. Isso o faz vivo de novo. Cria *links* com aspectos da sua vida e acaba por recontar sua própria história. [...] E têm o poder de ficar morando em nós por um tempo. Há sempre um aspecto que não se revela, um mistério que me acompanha por não se desvendar totalmente. (Stela BARBIERI, 2006)

Temos o que chamo de “mistério” da matemática, pois, ao mesmo tempo em que o acesso de todos é permitido, existe um mistério sobre a origem de todas essas ideias. De onde vêm elas? Como foi que chegamos a conceber essas ideias? E é claro que, tanto para as crianças na escola como para os professores, as pesquisas que os matemáticos fazem hoje em dia são totalmente misteriosas. (Alan BISHOP, 2006)

Na minha visão, o autoconhecimento não só gera uma vida profissional harmoniosa como também enseja uma vida pessoal mais integrada e feliz. A razão dessa harmonia ou felicidade decorre da saída do ser humano daquela ignorância fundamental de si mesmo. Fica claro que a consciência dessa dimensão é o que permite ao ser humano ir entendendo o mistério do sentido da existência e mesmo o abismo que o separa de outros seres vivos. (Ruy Cezar do Espírito SANTO, 2007)

Queremos projetar no outro aquilo que queremos que ele seja. Deixe que ele seja aquilo que ele é, o que pode ser. Portanto, essa é a noção fundamental. E perceber que no fundo há um mistério na educação. Sou professor há 30 anos e cada aluno que encontro pela vida afora – são milhares – não é senão a outra metade de mim próprio. Isto é, a minha realização como pessoa, como educador, é feita encontrando minha completude no outro que procuro ajudar a ser educado. (Roberto CARNEIRO, 2008)

Machado [de Assis] usou os pseudônimos ao longo da vida inteira, inclusive para as crônicas, porque era um mestre dos disfarces. Ele gostava de sutilezas e brincadeiras. Esse é o caráter do Machado, não no sentido moral, mas literário; buscava sempre induzir à sutileza, ao mistério, ao disfarce, às leituras dúbias. [...] Às vezes, nas crônicas, era melhor manter o anonimato. (Mauro ROSSO, 2009)

[Em Moçambique,] de repente, não houve mais tiros, mais violência, como se houvesse um mandato que passasse por canais silenciosos. Houve qualquer coisa ali de misterioso na forma como tudo se encerrou, uma guerra que se resolveu por decreto. As pessoas em Moçambique interpretam como se essa guerra tivesse sido provocada por espíritos e que, por isso mesmo, pôde ser encerrada quando eles se cansaram dela. (Mia COUTO, 2010)

Percebo com frequência a tendência a facilitar, simplificar, trocar em miúdos quando se trata de traduzir para crianças. Não vejo por que tratar o leitor, adulto ou criança, com mais condescendência do que o autor da obra o tratou. [...] Não é à toa que elas [as versões clássicas dos contos de fada] atravessaram os séculos. Elas calam fundo no coração humano. Há décadas a psicanálise vem se debruçando sobre os contos de fadas clássicos. Há mais mistérios em *Chapeuzinho Vermelho* do que sonha nossa vã filosofia. (Maria Luiza BORGES, 2010)

Só aprende quem se mobiliza numa atividade intelectual – e esse é o ponto decisivo. Falo de mobilização, não de motivação, que é uma palavra de que não gosto. Quando o professor tenta “motivar os alunos”, muitas vezes se trata de encontrar uma maneira para que eles façam algo que não estão com vontade de fazer. fazer. Meu problema é outro: despertar no aluno um desejo de aprender. O que os alunos chamam de aula “interessante” é aquela em que conteúdos intelectuais produzem, de forma um tanto misteriosa. (Bernard CHARLOT, 2011)

Realmente, o livro de papel parece ter um poder encantador sobre crianças pequenas. Creio que há muitos aspectos do objeto livro que estimulam os sentidos: o formato, a textura do papel, as cores, as ilustrações, o cheiro, as letras – que, para muitas crianças, ainda são sinais misteriosos e intrigantes. Sem falar, ainda, nos estímulos provocados pelos livros-brinquedo, de cujas páginas saltam figuras, por exemplo. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

Nos primeiros anos de escola correu tudo dentro da normalidade, mas sem nenhum interesse real por aquilo que me ensinavam. O pior veio depois. Na etapa escolar entre os 12 e os 14 anos, eu passava quase todas as tardes chorando na frente do caderno com os deveres de casa. Minha adolescência não foi triste por causa disso, eu soube ser feliz apesar da escola. Tive muitos problemas com a

álgebra e os binômios se transformaram em um mistério para toda a vida.
(Francesco TONUCCI, 2013)

A gente aprende a ler lendo. E aprende a escrever escrevendo. É um processo misterioso, e não saberia dizer exatamente como ocorre, mas as pessoas aprendem e, frequentemente, não sabem gramática. Isso não quer dizer que o conhecimento de gramática seja inútil, muito pelo contrário, mas se vamos manter o estudo de gramática, que é o que defendo, temos que ter outros argumentos. (Mário PERINI, 2015)

SABEDORIA

O que não é possível, para mim, é falar no respeito pelas bases populares, mas, ao mesmo tempo, considerar que elas não têm suficiente maioria para dirigir-se; é falar de uma escola democrática e manietar as professoras, em nome de sua pouca competência, com pacotes “emprenhados” por nossa sabedoria. O que não é possível é negar a prática em nome de uma teoria que, assim, deixa de ser teoria para ser *verbalismo* ou *intelectualismo*, ou negar a teoria em nome de uma prática que, assim, se arrisca a perder-se em torno de si mesma. (Paulo FREIRE, 1989)

A ciência e a técnica determinam-se mutuamente. São a técnica da comunicação, da reprodução de textos e imagens, da facilitação dos deslocamentos que podem respaldar as ações pedagógicas e atenuar os efeitos de uma má aprendizagem. De outro ponto de vista, é incontestável que as ciências sociais, especialmente a sociologia, a psicologia, a antropologia, e a história servem a uma melhor compreensão dos obstáculos culturais que se opõem ao livre exercício da inteligência (não esquecer que o fruto da árvore da sabedoria nos é proibido). (Sara PAÍN, 1999)

A tecnologia é insuperável para trazer a informação, mas sozinha ela não transformará a informação em sabedoria. No entanto, quando digo que o estímulo das inteligências pode ser feito com recursos simples, banais, isso não quer dizer que deixe de reconhecer que existem produtos altamente estimulantes. Não sou contra eles, só não os considero imprescindíveis. (Celso ANTUNES, 2000)

A voz dos estudantes também deve ter representação ao nível da escola, garantindo-lhes participação na tomada de decisões, envolvendo-os no desenvolvimento da missão da escola, consultando-os sobre políticas disciplinares, etc. As vozes dos pais, com toda a sabedoria de suas gerações, devem sempre permanecer fortes, mas não à custa de silenciar as vozes dos próprios estudantes. (Andy HARGREAVES, 2001)

Há quem veja a competência como uma simples habilitação para o trabalho, mas acredito ser essa uma visão estreita. Pode-se considerar competente quem sabe combinar a bebida com a comida. Só que não basta. O *savoir-faire*, essa sabedoria para saborear a vida, não necessariamente está a serviço de algum objetivo produtivo. Só quando contribui para desenvolver competências mais amplas é que ele se torna vivo. (Luís Carlos de MENEZES, 2003)

Todos nós trabalhamos com a cabeça. É impossível fazer qualquer coisa sem ela. E mesmo em trabalhos intelectuais há muitos aspectos práticos, como escrever, classificar, gerir o tempo. Não existe oposição entre atividade intelectual e manual. Pelo contrário: é necessário reconhecer que em toda tarefa existe uma parte de inteligência, sabedoria, antecipação e raciocínio. Mesmo um lixeiro ou um porteiro, que parecem fazer algo muito simples, estão sempre tomando decisões, avaliando prós e contras. (Philippe PERRENOUD, 2004)

Os professores, bem como os pais, deveriam pelo menos uma vez por semana falar sobre si mesmo, comentar sobre seus sonhos, para que os jovens aprendam

a sonhar; discorrer sobre alguns dos seus fracassos, para que eles aprendam a enfrentar suas derrotas; falar sobre alguns dos seus erros, para que seus filhos e alunos quando errarem aprendam a destilar sabedoria e tenham, assim, capacidade para dar sempre uma nova chance para si e para os outros. Caso contrário, poderão ser implacáveis consigo e carrascos com os outros. (Augusto CURY, 2007)

Na medida que não sabemos quem somos e aceitando o aforismo de Sócrates de que o “conhece-te a ti mesmo” é o princípio de toda a sabedoria, temos que o caminho na direção de si mesmo é o caminho na direção da sabedoria. Ora, atingir a sabedoria é tarefa de uma vida inteira. É a grande missão e/ou tarefa que nos é colocada por estarmos aqui. (Ruy Cezar do Espírito SANTO, 2007)

É importante também conhecer a história da África sob o prisma dos africanos, e não somente dos colonizadores ou neocolonizadores. Há muita riqueza, sabedoria e beleza a descobrir. Não temos somente uma história de pobreza, racismo, colonização e desigualdades quando falamos sobre o negro brasileiro e sobre a África. É preciso denunciar o racismo (esse ponto nunca deverá sair da nossa pauta!) e, ao mesmo tempo, lembrar as vitórias, as conquistas. (Nilma Lino GOMES, 2008)

[As ideias de Paulo Freire] repetem a sabedoria de educadores humanistas de todos os tempos: a de que somos nós, os seres humanos, os que criamos e pensamos o mundo em que vivemos. E, se ele não nos humaniza e não torna possível a extensão da felicidade do ser e do viver a todas as pessoas de todos os povos, cabe a nós nos educarmos para aprender a nos reunirmos para transformar nossas próprias vidas, nossos destinos e nossos mundos. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Muitos programas de educação de professores não conseguem fazer a preparação dos professores “práticos”, que têm pouca ou nenhuma preparação clínica. Ter muita teoria e quase nenhuma prática é uma queixa permanente de estudantes em programas de formação de professores em todo o mundo. E essas queixas são bem fundamentadas. Professores – como outros profissionais, ou seja, médicos, engenheiros, advogados – aprendem a praticar a partir da prática e na prática. Há muita sabedoria na experiência dos professores veteranos. (Rachel LOTAN, 2013)

É nessa dimensão relacionada com a utilidade do conhecimento, para compreender e agir no mundo natural, no âmbito social, cultural e no território do desenvolvimento pessoal, em que se situa a *auctoritas* do docente. Esse é o território da sabedoria, a utilização do melhor conhecimento disponível para governar sensatamente a própria vida. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2015)

Use o tempo escolar não apenas para aprender os fundamentos, mas também como um espaço em que os jovens alunos possam experimentar aquilo no que estão interessados. Torne a escola um espaço para experimentação — e, com isso, não quero dizer que “qualquer coisa serve”. Para começar, proponho uma interação muito mais delicada entre a sabedoria e o conhecimento de um professor e a curiosidade de um aluno. (Saskia SASSEN, 2015)

O bom professor aprende também durante a vida inteira, e deve aprender acima de tudo a ser criativo, motivar os alunos e descobrir o conhecimento com eles. Não há mais espaço para os “mestres” de antigamente, considerados repositórios da cultura e da informação necessária aos alunos. É melhor um professor menos “sabido”, mas mais criativo e motivador do que os “sábios” que só entediam os alunos. (Roberto LENT, 2017)

O mestre segue um raciocínio antropológico, tribal. Ao mesmo tempo em que há um sistema esquizofrênico, e às vezes imbecil, de aulas e apostilas, a gente descarta os mais sábios aos 55, 60 anos, no auge da sabedoria. Nós decidimos usar os recém-formados e essa massa formidável de sabedoria dos veteranos, inclusive aposentados, trazendo-os para a escola como mestres, porque cada um deles tem paixão e *expertise* infinitamente superiores às de qualquer professor em início ou meados da carreira. (Ricardo SEMLER, 2019)

IGNORÂNCIA

O aluno passa a viver a sua ignorância com todo o significado que ela possa ter e se apropria dela como forma de justificar o seu fracasso. É muito comum ouvir frases como estas: “Eu não consigo”, “eu não tenho cabeça para aprender a ler e a escrever”. E como se ele fosse o único responsável por seu fracasso. E se ele acaba pensando assim é porque a escola lhe transmite, ainda que de maneira velada, a sua expectativa. Ela acaba definindo, *a priori*, os alunos que são capazes e os que não são, os que terão sucesso e os que não terão. (Marizinha PIMENTEL, 1989)

O professor de pré-escola tem que saber tudo a respeito da criança, para ter segurança de respeitar o seu desenvolvimento. Não pode agredi-la. Hoje o professor vai para a sala de aula sem saber que comportamento a criança daquela idade pode ter como resposta a seu questionamento. Exige coisas que ela não pode responder e muitas vezes demole sua autoestima. A criança fica abalada, conflituada, em função dessa ignorância dos adultos. (Tânia SCHMIDT, 1989)

São essas crianças, que não aprendem, que precisamos incorporar ao universo dos que vão transformar este país. No momento, as classes populares estão marginalizadas, condenadas pela ditadura da ignorância, mas nosso grande desafio é fazer com que elas percam essa ideia de subdesenvolvimento, deixem de se julgar incapazes e sem condições de ascender a um conhecimento que qualquer criança de 7 anos, em todas as latitudes do mundo, pode atingir. (Esther Pillar GROSSI, 1992)

Há muita burrice no Brasil e muita ignorância. No mundo inteiro, só há Cieps, não há escola de turno. Só há escola de tempo integral em que o menino passa o dia inteiro, estuda e toma sua refeição. A escola de turno supõe que o aluno tenha uma casa, e a casa tenha material didático, tenha quem estude com ele. No Brasil, 80% da população não têm casa com mesa, não têm material didático, não têm quem já tenha estudado. (Darcy RIBEIRO, 1996)

A sociedade já parte do princípio de que a mulher não sabe mesmo, que é parte da natureza feminina dela ser assim “avoadá” em relação ao dinheiro. O que acaba acontecendo é que os homens, por não saberem e por não perguntarem, acabam metendo os pés pelas mãos. E as mulheres ficam nessa confusão de perua, dizendo “não consigo”. É um absurdo que uma pessoa adulta não consiga administrar a própria vida. Tem mulher que fala isso como se fosse uma confissão maravilhosa. “Não consigo nem cuidar do meu dinheiro”, elas dizem, numa ignorância atroz. (Cássia D’AQUINO, 2001)

Se os educadores se apropriam da tecnologia, vão democratizá-la, levá-la aos alunos. E essa resistência – que, insisto, é uma resistência que nós pedagogos ajudamos a formar – parece-me que é conservadora, acho que é negativa para nossos povos, e que tende a afundá-los numa situação pior. Os povos que se afundam na ignorância e que se afastam do desenvolvimento do mundo perdem a possibilidade de usufruir dele para seu próprio bem-estar. (Adriana PUIGGRÓS, 2001)

Como são poucas as pessoas que sabem ler um gráfico (mesmo a sociedade estando sempre sendo bombardeada com esse tipo de representação), há uma certa tolerância para com essa incompreensão reinante. Cria-se uma situação de naturalidade, uma situação de normalidade em relação à ignorância estatística. Por exemplo, se um veículo de comunicação – digamos, um jornal – publica um gráfico, o próprio jornal se encarrega de explicar o que significam os dados ali presentes, pois partem do pressuposto de que o leitor não vai entender. (Maria da Conceição Ferreira Reis FONSECA, 2005)

Grande parte desses casos [de má gestão ou desvio de verbas], quando acontece, envolve corrupção, e essa prática precisa ser combatida, sem dúvida. Mas uma parte considerável de má utilização de recursos é por ignorância em relação à complexidade de formulários que precisam ser preenchidos e à burocracia necessária para manejar os recursos da União, dos estados e do próprio município. (Tarso GENRO, 2005)

A ignorância sobre a questão africana e afro-brasileira nas escolas e nos cursos de formação inicial e continuada de professores também tem ajudado a criar resistências. O que sabemos sobre a África? E sobre o negro brasileiro, suas histórias, suas lutas e conquistas? É forte ainda a presença de imagens estereotipadas e opiniões coladas no senso comum. As pessoas leem pouco sobre o tema e repetem várias distorções do assunto realizadas pela mídia brasileira. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Ah, a praga do “politicamente correto”! Fabricar um lobo bonzinho, poupar o bicho e a avozinha, tudo isso é de uma burrice, de uma ignorância sem limites, e prejudicial também. Seria preciso entrar pelas teorias de Melanie Klein, pelos estudos de Bruno Bettelheim adentro para expor a gravidade, até, dessa edulcoração dos contos de fadas, que os impede de exercer seu papel junto à criança às voltas com seus sentimentos, conflitos e desejos nada suaves. É censura deslavada, claro; é deturpação e empobrecimento. (Maria Luiza BORGES, 2010)

O padrão é uma exigência da sociedade, em muitos casos, e a escola deve incluir práticas que levam o aluno a escrever como se espera em cada campo. Mas, para fazer isso, não é necessário tachar outras maneiras de falar de erradas ou de feias. Aliás, esse comportamento, mais do que revelar preconceito, revela ignorância do que seja uma língua. (Sírio POSSENTI, 2011)

Ninguém passa do estado de ignorância absoluta para o de sapiência total. Assumir que um professor está pronto para lecionar perfeitamente depois de formado é errado. Uma situação desse tipo só funcionaria com robôs, e não com seres humanos. Na teoria construtivista, as pessoas sempre se movem em direção ao conhecimento e ele não é um produto, e sim um processo. Fazer sondagens em sala de aula representa um avanço, mas elas são apenas um meio para avaliar até onde o aluno foi. (Telma WEISZ, 2012)

Uma coisa que precisamos fazer – linguistas e professores de gramática – é aceitar a ignorância. Fere um pouco a nossa vaidade, mas é em nome da ciência. A partir daí, podemos assumir que estudar gramática (e linguística em geral) é examinar furos, formular perguntas e procurar respondê-las. A maioria dos

professores não recebeu treinamento mais atualizado em gramática e seu ensino – essa é uma deficiência do sistema, e não deles próprios. (Mário PERINI, 2015)

Além de expressar a ignorância de juristas sobre o direito à educação de crianças de 0 a 5 anos, trata-se de um bom exemplo do desconhecimento e da desvalorização por parte da sociedade, de modo geral, dos processos de aprendizagem e desenvolvimento que acontecem na educação infantil. Quando ouvimos a ideia – tão comum – de que a criança vai para a creche ou pré-escola “só para brincar”, torna-se evidente que ainda não se compreendeu a importância da brincadeira. (Silvia Helena Vieira CRUZ, 2016)

Por ignorância ou por querer aparecer, um juiz acusou um ilustre e famoso cientista de São Paulo, de 88 anos, líder da pesquisa mundial sobre maconha, por “apologia da droga”. Esse destrato foi largamente comentado por esses órgãos e trouxe um desprestígio imenso ao Brasil, proclamado universalmente como país de ignorantes por causa disso. Lá fora, a notícia foi invariavelmente acompanhada por relatos sobre o catastrófico estado do financiamento da ciência no Brasil. (Iván IZQUIERDO, 2018)

PARADIGMA

Ocorreram mudanças no paradigma geral da sociedade. Isso depende muito do desenvolvimento da ciência e hoje ela visa, cada vez mais, o *holos*, o todo. Eu nasci em 1915, de maneira que aconteceram várias mudanças nessa fase da nossa história. Posso dizer que fui educado de um modo muito mecanicista e racionalista. Isso acabou porque a própria Física, que é a nossa realidade, mudou completamente também. O desenvolvimento da ciência mudou a forma de se pensar a Educação. (Hans-Joachim KOELLREUTTER, 1998)

Os novos paradigmas para avaliar a aprendizagem reconhecem que tanto a aprendizagem quanto a avaliação são atividades multidimensionais, que representam muitos aspectos diferentes das realizações dos alunos. Um único número ou nota não pode mais representar a medida geral de realização do aluno na matéria, assim como colocar o pé esquerdo no gelo e o pé direito no vapor normalmente não nos traria conforto. (Andy HARGREAVES, 2001)

Temos aí então o paradigma do *big bang*. A grande explosão, hoje, é um paradigma sofisticado, com inúmeras observações que, segundo a ciência contemporânea, garantem-lhe um papel de modelo padrão. Mas esse é o paradigma dominante, isto é, aquele que conquistou um certo consenso na maioria da comunidade de cientistas. Isso significa que ele é amplamente divulgado nos meios de comunicação, nos trabalhos dos cientistas, nas artes (no cinema e na literatura, por exemplo) e nos livros didáticos. (Rovilson José BUENO, 2003)

É mais fácil para os professores trabalhar com as crianças temas sobre quais elas não têm ideias preconcebidas. Por exemplo, dificilmente uma criança teria ideias sobre mecânica quântica. Então, ela não terá de superar nada para mudar. No entanto, é difícil levar a mudança de conceitos sobre a ideia de evolução, sobre a qual se forma um senso comum desde cedo, pela religião. Trata-se de uma mudança de paradigmas. (Howard GARDNER, 2006)

A UNESCO considera que a legislação brasileira pode ser copiada por muitos dos países em desenvolvimento. E por razões muito objetivas: o modelo federativo de organização dos sistemas, que reparte competências, obrigações, incumbências; a vinculação dos recursos na Constituição. São normas a serem copiadas pelos países em desenvolvimento africanos, asiáticos. [...] A legislação brasileira é paradigma. (Nina RANIERI, 2008)

A Educação Matemática se enquadra tradicionalmente no paradigma do exercício, que possui a premissa central de que existe uma, e somente uma, resposta correta para questões, desafios e problemas. Acredito que mais importante do que fazer exercícios, é analisar os diferentes tipos de situações, aprendendo a construir estratégias utilizando os conceitos matemáticos. [...] Na prática de realização de listas de exercícios em busca das “respostas certas” vão aprender as regras, aprender como se dá o jogo social disciplinado e não criativo. (Ole SKOVSMOSE, 2008)

Qualquer mudança que se tente fazer na estrutura do currículo no sentido de uma concepção mais integrada choca-se com o paradigma diametralmente oposto do

culturalismo que todos nós que fomos formados por uma escola e uma universidade impregnadas desse paradigma ainda temos em mente – e isso inclui também os pais e as mães, os empresários e toda a sociedade. (Rafael YUS, 2009)

O paradigma da prevenção [ao uso de drogas] passa a mudar quando se abre mão da prevenção polícial e se parte para uma prevenção na linha da redução de danos. A prevenção deixa de ter esse objetivo utópico de exterminar as drogas do mundo e passa a ter o objetivo de abordar o jovem para, caso este experimente a droga, ele conte com mecanismos de proteção para não se tornar dependente. (Dartiu XAVIER, 2010)

É o paradigma da escola como fábrica. Você tem os *inputs*, os *outputs* e os testes de qualidade. O que eles [Banco Mundial] esperam como resultados? Pessoas que se adaptem a esse mercado de trabalho. Eis o parâmetro dessa medição. A perversão desse sistema é que, como eles articulam os resultados ao acréscimo de salário ou a um investimento maior do Estado dependendo das notas das escolas, gera-se um processo que faz com que todas as escolas e os professores se adaptem a isso. Esse modelo termina induzindo o currículo. (Camilla CROSO, 2011)

A escola tende cada vez mais a entrar no paradigma pós-moderno de mercantilização de todas as relações sociais e, portanto, transformar-se numa usina de produção de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Não é essa a finalidade da escola. Ela deve formar pessoas felizes e cidadãs. Por cidadão entendo a pessoa com a consciência de que é um ser político, no sentido de que falava Aristóteles, ou seja, alguém dotado de direitos, que devem ser assegurados e respeitados por seus semelhantes, e deveres para com esses mesmos semelhantes. (FREI BETTO, 2012)

A sala de aula e o currículo estão baseados na chamada “pedagogia da transmissão”. Interatividade significa articulação da emissão e da recepção na cocriação da mensagem. A informática contempla essa dinâmica cada vez mais. [...] A internet evolui favoravelmente à interatividade. A TV está no mesmo paradigma da “pedagogia da transmissão”, isto é, na lógica da distribuição de informação “um-todos”. A internet em sua fase web 2.0 é feita na lógica “todos-todos”. (Marco SILVA, 2012)

A transformação para um professor *coach* acontece quase que da mesma forma que a mudança do líder *coach*. Tem alguns paradigmas associados ao processo, tais como o professor que acredita que, por um lado, detém conhecimento, que vai partilhar com o aluno e discutir com ele, mas que também acredita na capacidade do aluno de desenvolver as suas próprias ideias e resolver problemas. (Susana AZEVEDO, 2013)

Talvez a escola possa reorganizar-se operando uma definitiva ruptura com o velho paradigma, eliminando erros do modelo de formação. Não duvido que as universidades disponham de excelentes professores, mas a formação docente continua imersa em equívocos. Ainda há quem creia que a teoria pode preceder a prática e encha a cabeça do formando de tralha cognitiva, ingenuamente acreditando que ele irá “aplicá-la” na sala de aula. (José PACHECO, 2013a)

A inclusão é uma ideia dessas, uma ideia que rompe paradigmas, que traz para a escola um grande desafio: abandonar esse padrão de pseudo-homogeneidade que ela almeja. Isso, evidentemente dentro dos cânones da escola, que são conservadores, significa alguma coisa que não só desafia, como também amedronta. As pessoas perdem a segurança de atuar dentro de determinados padrões, porque se veem diante de um cenário novo em que as crianças que estão lá não são as crianças dominadas pela escola. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2015)

Exame e prova não são sinônimos. A prova pode ser, mas não necessariamente, uma forma de exame. Exame compreende todas as formas de identificação, desvelamento de saberes. [...] Um novo paradigma para a EJA deve sair da caixa escolar (o que implica superar também a concepção reducionista de exame) e aceitar um grande desafio: o adulto precisa de outro paradigma, não precisa mais percorrer a pista estreita (currículo) que nós, letrados, percorremos. Por sinal, deixamos para trás, por inúteis, grande parte dos passos dados. (Genuíno BORDIGNON, 2019)

MODISMO

O maior [problema] é o da alfabetização, e o ensino superior não pode passar ao largo dele nem se perder em modismos. Na minha opinião, as secretarias da Educação pecam ao deixar que as boas professoras alfabetizadoras se aposentem e não sejam aproveitadas. Se juntássemos, por exemplo, o conhecimento e a experiência dessas alfabetizadoras com a preocupação teórica da academia [...], poderíamos fazer um trabalho muito interessante, e poderíamos formar um pessoal mais capacitado, por um custo mínimo. (Jorge NAGLE, 1992)

O nó do problema é a correção do fluxo escolar, hoje totalmente distorcido. Com os números espantosos de defasagem, não adianta dar prioridade ao ensino básico de forma genérica. O sistema de “promoção automática”: outro modismo, não resolve nada, apenas joga o problema para mais adiante. As “classes de aceleração” que o projeto Acelera Brasil estimula, são o caminho, por oferecerem eficácia comprovada. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 1999)

É necessário avaliar criteriosa e criticamente as suposições implícitas na abordagem da aprendizagem. Também é fundamental explicar as evidências empíricas que apoiam e contradizem qualquer abordagem particular da aprendizagem. Existem muitos modismos na psicologia educacional, e precisamos de boas evidências empíricas para identificar que abordagens da aprendizagem são realmente eficazes. (William FRAWLEY; Carl RATNER, 2000)

Hoje o professor não deve ver-se como uma fonte de informação. Existem muitas coisas que se aprende fora da escola. Outras, só no ambiente de ensino, com a mediação de um ser mais experiente da espécie, que é o professor. Por isso, é preciso ter muito cuidado com os modismos. Trabalhar só por projetos, partir da realidade do aluno e tudo isso que hoje se entende como o caminho da nova educação pode levar a escola a reproduzir apenas o que a criança e o jovem já aprendem fora. (Elvira Souza LIMA, 2000)

[Eu gostaria de dizer,] primeiramente, que fujam dos modismos, dos flautistas de Hamelim! A educação é um terreno propício para esses flautistas, e atualmente mais ainda! Cada dia é uma nova moda, é educar para a compreensão, são as tais das competências e das habilidades etc. Desconfiem de quem diga: “Esta é a solução! Assim se ensina! Assim se aprende! Assim a escola deve se organizar!”. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2002)

O mundo da educação é dado a modismos. Um dia todos acordam cognitivistas; no outro, são psicogenéticos. Não há nada pior do que a ruptura, pois dessa forma tratam-se os professores como idiotas, dizendo a eles que a prática de ontem, considerada boa, hoje não vale mais nada. O conhecimento pedagógico se faz de forma cumulativa. O método fônico sempre foi horroroso, em todas as suas variantes. Mas isso não significa que ele não tenha elementos que possam ser aproveitados. (César COLL, 2003a)

A escrita que utilizamos para nos comunicarmos na Internet é informal e traz todas as características da diversidade e variabilidade do Português falado no Brasil. [...] É tudo muito novo, recente. O que percebemos são novos gêneros textuais surgindo. Não se pode ainda afirmar que há uma “evolução”

acontecendo, se é um modismo ou tendência. É claro que estamos diante de um fenômeno que levará a Linguística a rever alguns de seus postulados teóricos. (Gláucia da Silva BRITO, 2005)

Passamos, às vezes, por modismos, sem que os próprios docentes tenham tempo de saber quais as bases epistemológicas, pedagógicas, didáticas, psicológicas, filosóficas que sustentam uma proposta ou outra. Não é o mesmo pensar em uma proposta curricular e, portanto, em seu ordenamento, para alunos entre 15 e 18 anos e para aqueles entre 10 e 14 anos. Não podemos utilizar os mesmos critérios. (Beatriz MACEDO, 2006)

As pessoas pensam que é um neologismo criado por mim para designar o medíocre, mas não é. Pocotó é todo aquele que, tendo diante de si a oportunidade de escolher, a deixa de lado para optar pelo mais fácil, por aquilo que “todos fazem”, aquilo que está na moda. O pocotó é a presa da mídia, é o consumidor de modismos que não desenvolve visão crítica e serve de massa de manobra para os mais espertos. (Luciano PIRES, 2006)

Se continuarmos a confundir teoria científica com modismos, continuaremos a nos reger, pedagógica e didaticamente, pelo senso comum. A escola precisa de formação docente profunda, rigorosa e continuada, a qual supere, na teoria e na prática, a pedagogia da repetição, da reprodução. Uma formação que produza docentes capazes de criar e inventar em conformidade com as demandas dos novos tempos. (Fernando BECKER, 2009)

No início da adolescência, as variações passam a respeitar os padrões [musicais] de algum estilo específico, muitas vezes o pop ou o rock, “ídiomas” em que é possível estabelecer conexões com outros jovens. [...] A música representa um valor importantíssimo para a vida do adolescente, marcado mais por uma relação emocional individual e menos por modismos passageiros ou algum tipo de consenso social. (Keith SWANWICK, 2010)

Por um lado, há muitos políticos que acham que basta fazer leis e reformas e não se apercebem que isso nada muda. Por outro lado, há a inclinação de muitos educadores para seguirem modas importadas daqui e dali. São duas tendências muito negativas, que, muitas vezes, transformam as escolas em laboratórios das políticas ou dos modismos. Mas é preciso manter nas escolas um trabalho de reflexão permanente para ir encontrando as melhores soluções, os melhores caminhos. (António NÓVOA, 2015)

A nossa população ainda não tem uma situação socioeconômica e cultural equitativa, somos muito desiguais, a maioria não conta com recursos culturais acessíveis, por mais que use celular. Nos entusiasmos com coisas que às vezes não têm muita objetividade. Então, desconfio de alguns modismos. São coisas muito deste momento da sociedade contemporânea, da imagem, do novo, ou de travestir de novo algo que não é efetivamente novo. (Bernardete GATTI, 2016)

Alguns modismos em educação podem ser entristecedores. Eles incomodam. Um dos motivos é que, muito frequentemente, mesmo as ideias muito boas – por exemplo, o movimento *maker* – se transformam numa receitinha: faça isso, depois faça isso e aquilo. A ideia de “mão na massa” do movimento *maker* [...]

realmente considera a pedagogia que está associada a aquilo, porque é importante ter as crianças criando, imaginando e fazendo coisas. Mas não é só “mão na massa”! (Rachel LOTAN, 2017)

Nova York já o [o modelo de currículo *common core*] abandonou, em um movimento equivalente ao abandono da remuneração por resultados em 2011, conhecida aqui como remuneração por mérito dos professores, algo que comprovadamente não funciona. Nova York é um lugar curioso: é uma cidade pioneira na adesão aos modismos educacionais, mas também é a primeira a abandoná-los, quando eles não dão certo. (Daniel CARA, 2018)

INOVAÇÃO

Ideias inovadoras e práticas pedagógicas de vanguarda na Educação brasileira nunca faltaram. Nosso problema sempre foi fazer isso chegar à base dos professores. Mudar o cotidiano da Escola. Trabalhei quatro anos em uma secretaria e nunca consegui chegar a uma sala de aula. Estou convencida de que a Escola precisa de autonomia. Você não pode fazer as pessoas pensarem enquanto você tem uma política de tutela. É incoerente. (Guiomar Namó de MELLO, 1998)

Temos visto muitas inovações e progressos, mas não posso conceber como as escolas mudarão esse modelo sem mudar sua estrutura de espaço e de tempo. Por exemplo, na questão do espaço, que é *standard*. O espaço fundamental da educação na escola é a sala de aula. Tem as mesmas dimensões, as pessoas sentam-se sempre de costas uma para as outras, de frente para um professor, que tem o dom da revelação do conhecimento. O essencial da escola acontece aí. O resto é secundário. (Rui CANÁRIO, 2000)

Não adianta você dizer “venha estudar aqui porque o conteúdo é excelente”. Todas as escolas do mundo falam isso. Um grande exemplo é a Dell, que vende computadores. Os equipamentos são todos iguais. Como uma empresa consegue ganhar mais que as outras, consegue ser líder em margem, se ela produz e vende a mesma coisa que os outros? A inovação está na venda, na forma de entrega. As escolas deveriam estudar a Dell e o Wall Mart. A inovação é em processo. (Clemente NÓBREGA, 2003)

Nas aulas de Língua Portuguesa, o professor deve utilizar metodologias que mostrem aos alunos qual escrita é mais adequada para ser usada nas diversas situações comunicacionais. [...] Inovar os métodos usados na sala de aula dá trabalho, principalmente quando refletimos que, para ensinar Língua Portuguesa hoje, o professor deve considerar que os textos são a síntese de toda produção cultural da época em que vivemos e a escrita na Internet faz parte da nossa produção cultural neste momento. (Gláucia da Silva BRITO, 2005)

A contribuição da psicologia, nestas últimas décadas, foi muito importante, na medida em que estabeleceu um marco teórico e prático para a inovação educativa. De fato, alguns conceitos psicológicos e alguns dos autores que os produziram ou divulgaram já fazem parte da cultura educativa de muitos professores. [...] As teorias e as propostas psicológicas chegaram efetivamente aos docentes, mas não aos seus alunos, em forma de atividades de ensino e aprendizagem que estão de acordo com esses modelos. (Juan Ignacio POZO, 2005)

O projeto arquitetônico é inovador, ao considerar a criança como foco. [...] As pias e os vasos sanitários são adaptados. O filtro com água potável e os armários, por exemplo, ficam à altura das crianças, visando à construção da autonomia. Mesas, cadeiras, berços, brinquedos oferecem segurança e proporcionam múltiplas vivências para as crianças. Nas portas e janelas, os vidros ficam na altura das crianças, permitindo observar dentro e fora dos espaços. O projeto arquitetônico leva em conta que o espaço também educa. (Mayrce Terezinha da Silva FREITAS, 2011)

Não estamos levando para a Pedagogia as coisas mais importantes que aconteceram nos últimos 20 anos na Ciência e na sociedade. Há pessoas que trabalham com didática e com currículo, mas tenho a sensação de *déjà vu*. Parece que elas estão chovendo no molhado. Falta ir à procura de conhecimentos novos. [...] A Sociologia da Educação, a Psicologia da Infância e a piagetiana têm seu lugar, mas não ajudam a pensar de uma maneira inovadora a realidade pedagógica atual. (António NÓVOA, 2012)

Inovar não é melhorar para fazer o mesmo, mas buscar soluções novas. E precisamos de soluções para hoje. Por exemplo: se os alunos já estão acostumados a compartilhar experiências em escala global, se as questões que vivem são planetárias, os currículos precisam necessariamente ter componentes internacionais, estimulando experiências com escolas e alunos de outros países. Até porque outros países estarão procurando pelas mesmas oportunidades. (Brian PERKINS, 2013)

Até pouco tempo atrás, as escolas formavam alunos que cumpriam as regras estabelecidas pelo governo ou pelas necessidades das empresas que dominavam o mercado na época. As economias eram baseadas em gente que fazia o que “devia ser feito”. No mundo atual, os indivíduos precisam inovar constantemente, não podem apenas continuar fazendo o que sempre fizeram nem do mesmo jeito. (Gordon FREEDMAN, 2013)

O currículo nacional foi, ao longo dos anos, com toda a história da ciência no Brasil, adaptado de acordo com as inovações. Por exemplo, a partir de 1960, devido ao envio do primeiro satélite por parte da União Soviética, ou às bombas atômicas da Segunda Guerra Mundial, ou à chegada do homem à Lua, o ensino de Ciências precisou passar por uma adaptação para que as pessoas usassem mais os experimentos para ajudar na prática pedagógica. (Vanda Gusmão DOBRANSKI, 2014)

Nossos educadores sentem-se despreparados e repletos de dúvidas, então é normal seguirem fazendo o mais do mesmo, apesar de concordarem com o discurso da mudança. Sem um amplo trabalho nacional de qualificação profissional, realizado utilizando-se as metodologias inovadoras em vez de cursos com aulas expositivas e palestras, não conseguiremos vencer tão cedo os obstáculos à inovação. (Ryon BRAGA, 2015)

O que a reforma [do ensino médio] traz de inovação é que o cumprimento dessa parte comum não poderá exceder metade do total da carga horária do ensino médio, e o restante do tempo será composto por diferentes ênfases nas áreas de conhecimento ou de atuação profissional: linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas, formação técnica e profissional. Cada rede de ensino organizará o seu currículo considerando a BNCC e as demandas dos jovens. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2016)

Se, em uma escola, os projetos são considerados uma inovação e são adotados porque estão na moda e, por isso, devem ser incluídos no planejamento durante um período do dia, mas deixando o resto do tempo para ensinar algumas disciplinas de maneira factual e declarativa, o seu sentido não representa uma mudança maior do que o envolvimento dos alunos durante um curto período de

tempo, que se esgota por se transformar em rotina. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2018)

Entre 2017 e 2018, os pesquisadores do PISA listaram as 25 escolas mais avançadas do mundo e incluíram a Lumiar, a única brasileira no grupo. Isso, claro, nos honrou. Um pouco antes, fomos listados entre as 12 escolas mais inovadoras do mundo em um trabalho realizado pela Universidade Stanford para a Microsoft. Nem posso dizer se isso é muito ou pouco porque, na prática, a quantidade de escolas no mundo efetivamente voltadas para a inovação não é grande. (Ricardo SEMLER, 2019)

É importante que os autores de livros [didáticos] dialoguem com o leitor e que os materiais não se resumam mais a listas intermináveis de exercícios maçantes e sem apelo de investigação, raciocínio etc. No entanto, o livro é um recurso. Se o professor não puser os alunos para dialogar, inclusive a respeito das formas de representação apresentadas no material didático, pouco valerá o esforço do autor para inovar na didática escolhida para a apresentar as opções e conceitos matemáticos nos livros. (Kátia Stocco SMOLE, 2019)

TRADIÇÃO

A cultura indígena não precisa da escrita do branco para se preservar. Existe uma literatura oral com uma organização própria. Se virar livro, rompeu-se com a tradição, desmontou-se tudo, você lê e não tem sentido, não tem os gestos, o humor, os cacoetes do narrador. Quando o narrador vai contar o que o espírito disse, ele muda a voz. Se ele vai falar pela onça, ele imita os sons, fala mais rápido, mais devagar. O livro não tem nada disso. Não está transmitindo. (Ailton KRENAK, 1990)

A palavra tradicional é muito mal aplicada. Se tradicional significa que é um colégio que acredita que o passado traz um patrimônio importante para a humanidade, e que a tarefa da escola é muito mais conservar esse patrimônio, é de fato um colégio que acredita na tradição. Afinal, o homem, desde que descobriu a escrita, transmite seus conhecimentos, e cada um de nós começa onde os outros pararam e procura ir um pouco para a frente. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

Como se pode usar uma tradição? Podemos considerar a Escola Nova como uma de nossas tradições, muito mal cuidada, muito maltratada, mas uma das nossas tradições, a nosso favor. Não se trata apenas de inovar, mas de resgatar o que a tradição tem de favorável ainda hoje, despojando-a de elementos não pertinentes, que consideramos não válidos, datados, anacrônicos. (Clarice NUNES, 2000)

Eu não aceito discutir alfabetização hoje nos mesmos termos que se discutia nos anos 1920. Os defensores do método fônico não levam em conta um dado que sabemos hoje ser fundamental, que é o nível de conscientização da criança sobre a escrita. Ignorar que ela pensa e tem condições de escrever desde muito cedo é um retrocesso. Eu não admito que a proibam de escrever. A tradição fônica sempre foi dominante nos países anglo-saxões. E lá se aprende a ler antes de escrever. Felizmente não é o que acontece nos países latinos. (Emilia FERREIRO, 2003)

Harry Potter apresenta um resgate da tradição. Ele é muito nostálgico em relação ao lugar do saber. Há os velhos, uma geração dos que sabem, e isso causa um grande conforto. A nossa contemporaneidade enfrenta grande dificuldade para assumir um lugar do saber. Vemos uma geração de pais desnorreados, que não conseguem ser afirmativos na questão dos valores, nem posicionar-se claramente, porque não sabem mesmo o que fazer. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Havia uma tradição que parece ter tido vigência no Brasil até os anos 1830 que defendia a possibilidade de o escravo comprar sua liberdade se conseguisse acumular a mesma quantia paga pelo seu senhor por ele. [...] Para se ter uma ideia, em fins do século XVIII um escravo adulto, do sexo masculino, custava o equivalente ao preço de dois cavalos. Em 1850, esse escravo equivaleria a 20 ou até 30 cavalos. O abandono dessa tradição estaria na origem de algumas das principais revoltas de escravos ocorridas no Brasil. (Manolo FLORENTINO, 2008)

A leitura distraída gera ouvidos distraídos. Assim, o aluno que tenha um professor descuidado, que estude em uma escola que deixa sua biblioteca fechada e tem os pais analfabetos ou pouco alfabetizados, terá uma chance muito pequena de se tornar um leitor. [...] É a nossa tradição antiga de que livro é algo sagrado, que não é para todos. E, infelizmente, para muita gente o livro é uma espécie de castigo. Até hoje você encontra professores que deixam alunos de castigo na hora do recreio, tendo de ler um livro na biblioteca. Isso não poderia acontecer em hipótese alguma. (Marisa LAJOLO, 2008)

A oralidade é esse conjunto de textos que a tradição vem peneirando ao longo do tempo e tornando cada vez mais bonitos e interessantes. A narrativa tem uma contribuição fundamental, trazendo essa progressão textual, vocabulário, o volume de texto manejado na memória. A narrativa é um grande estruturador da memória, não só na infância como na própria tradição das culturas. Os textos poéticos são o inverso. (Claudemir BELINTANE, 2009)

Tem uma longa tradição essa repartição – a União com o Ensino Superior e as províncias, depois os estados, com o que se chamava de ensino primário e secundário, hoje Fundamental e Médio. Isso se manteve e se mantém, agora com os municípios incluídos. O problema está em não termos um padrão de qualidade e de conteúdos. O que não quer dizer que esse padrão deva ser exclusivo, absoluto e único para todas as redes do país. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2010)

Para mim, a inteligência humana é muito ligada à tradição. Tudo o que eu sei, tudo o que eu sei fazer é, em grande medida, aquilo que me ensinaram a fazer. Ou seja, não fui eu que inventei, isso me foi transmitido. Assim, existe um estado de coisas em torno de mim que me permite fazer de tudo – por exemplo, há computadores, telefones, lâmpadas etc. –, o que amplia minha capacidade de ação e, ainda assim, não fui eu que inventei tudo isso. (Pierre LÉVY, 2010)

É preciso uma reflexão importante por parte das escolas e até mesmo por parte dos formuladores de políticas públicas a respeito das condições em que essa lição é prescrita e realizada. O que vemos muitas vezes é o dever ser prescrito sem uma finalidade clara, quase que por tradição. O professor passa o dever porque precisa ou porque a família cobra. (Tânia RESENDE, 2012)

O cálculo mental possibilita diferentes maneiras de se chegar a um resultado. O cálculo escrito permanece, mas com outra finalidade. Fazer conta com papel e caneta hoje é irrelevante, mas há 50 anos era valorizado. Investir no cálculo escrito mecanicamente é uma irresponsabilidade da escola. No mundo inteiro, 90% do tempo dedicado à Matemática continua sendo essas coisas. Essa tradição é difícil de ser rompida. (Luiz Márcio IMENES, 2013)

As orixás femininas cultuadas nos candomblés brasileiros representam aspectos socializados desse poder, conforme a visão de mundo negro-africana, segundo a qual homens e mulheres se equivalem e controlam determinadas forças da natureza. Porém, a continuidade da vida sobre a Terra, atributo eminentemente feminino nessa tradição, é reverenciada de modo especial. (Suelaine CARNEIRO, 2014)

Em agosto deste ano, o Brasil realizou, de forma inédita na América Latina, a Olimpíada Mundial de Ocupações Técnicas (*Worldskills*). A equipe brasileira, formada por jovens de cursos do SENAI e do SENAC, ficou em primeiro lugar no pódio e teve o melhor desempenho entre concorrentes de mais de 60 países. Conquistamos onze de ouro, dez de prata e seis de bronze, além de 18 certificados de excelência. Ficamos à frente de países que carregam grande tradição em educação profissional, como Coreia do Sul, Holanda, Suíça e Alemanha. (Rafael LUCCHESI, 2015)

É possível uma pessoa apresentar um livro sem dizer o que aquele livro representa para ele? Seria melhor ler um sumário de cursinho. O que faz a literatura ser uma tradição viva, por exemplo, é que os homens e as mulheres conversam sobre ela. Não é a tinta impressa que dá sentido, mas como aquela obra representa o sentido que alguém deu sobre uma experiência, dele e de outro. O professor reconfigura o sentido da Literatura para seus alunos e eles, por sua vez, dão outro sentido. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2018)

MUDANÇA

Antes de avaliar as mudanças é melhor colocá-las em operação. Isso levará anos, se for um trabalho sério. Pior é acreditar que as práticas de ensino e aprendizagem mudam por decreto. As mudanças exigidas passarão por uma espécie de revolução cultural, que será vivida pelos professores, depois pelos alunos e seus pais. Quando as práticas forem alteradas em larga escala, a mudança exigirá ainda anos para dar frutos visíveis, pois será preciso esperar que mais de uma geração de estudantes tenha passado por todos os ciclos. (Philippe PERRENOUD, 2000)

Diante da mudança, três atitudes são passíveis: a resistência, que é fundamentalmente uma forma de ignorância e que só pode causar sofrimento para si e para os outros; a adaptação, que revela ao menos uma forma de percepção a curto prazo e uma certa flexibilidade, mas que não permite o pleno desenvolvimento da autonomia e da capacidade humana de criar sentido; e a criação, que consiste em compreender a dinâmica geral da mudança e orientá-la a serviço de uma visão portadora de sentido. (Pierre LÉVY, 2001)

Tanto na educação quanto no mundo do trabalho a transdisciplinaridade pode ajudar educadores e líderes a rever suas posições sobre o ser humano. Na escola, busca-se uma profunda mudança nas relações sociais e políticas lá experimentadas. Uma estrutura que divide o tempo em aulas de 50 minutos e utiliza professores horistas está caduca. A escola precisa aprender a movimentar-se em outros espaços, não fazendo da sala de aula a única passarela em que desfila o mundo do conhecimento. (Paulo Afonso RONCA, 2001)

Podemos falar das mudanças acontecidas ao longo do tempo no processo de trabalho desses professores. Essa aprendizagem pode ser vista, geralmente, no ano seguinte, não imediatamente. Não creio que seja possível a alguém refletir no momento em que as coisas estão acontecendo e fazer mudanças imediatas. Precisamos de tempo para pensar. Esse é um aspecto fundamental da pesquisa e do ensino que precisa ser compreendido. (Judith GREEN, 2003)

O desenvolvimento é algo um pouco contraditório: ao mesmo tempo que ao longo dos anos somos os mesmos, há mudanças que nos tornam pessoas diferentes. Essas mudanças podem ocorrer de forma positiva ou negativa. Assim, o desenvolvimento positivo corresponde àquilo que permite à pessoa tirar o melhor proveito de seu potencial. [...] Há vários fatores que agem para facilitar ou contrariar o desenvolvimento, como o ambiente e os fatores sociais e econômicos. Porém o papel dos educadores é essencial. (Charles HADJI, 2006)

As mudanças se produzem na fronteira do conhecimento, em aspectos específicos, e para poder se adaptar e entender essas mudanças é preciso que se tenha uma formação básica muito boa. Por isso, penso que a escola precisa hoje é dar prioridade à formação básica. [...] A escola não pode estar submetida a um processo de mudanças constantes como se vê no mundo. Ela precisa preparar seus alunos para essas mudanças e, para isso, deve formar no aluno esse “núcleo duro”, estável, com o qual ele consegue incorporar o novo. (Juan Carlos TEDESCO, 2008)

Penso em escolas e alguns municípios como exemplos de locais “desertos”, como o Saara. Há um espaço muito limitado para fazer grandes mudanças. Você precisa de uma mistura de estratégias para fazer intervenções de sucesso nesses lugares. [...] Também é preciso começar a mudar o local, para que intervenções mais agressivas sejam possíveis. É como construir oásis em desertos: em um momento, você pode introduzir diferentes espécies de animais. (Matt ANDREWS, 2010)

Com o processo de industrialização e de forte urbanização, houve uma mudança no padrão de construção [das escolas]. Surgiram os “escolões”, às vezes, para 5 mil jovens. Em meados do século passado, a relação aluno/professor e os recursos financeiros aplicados nos sistemas públicos já eram bem menores. Nos anos 1990, chegamos a ter escolas de lata! Em paralelo, os salários se degradaram, à medida que o ensino começou a ser universalizado. (Rubens Barbosa de CAMARGO, 2010)

Os últimos dez anos, a primeira década do século XXI, trouxeram muitas mudanças. A escola mudou muito. E me parece que, em relação a essas mudanças do ano 2000 para cá, as universidades, faculdades e centros isolados, de uma maneira geral, ainda não se aperceberam desse processo. E muito provavelmente não estão preparando seus professores de uma maneira diferente daquela que faziam antes. (Attico CHASSOT, 2011)

O problema é que na educação as coisas não mudam do dia para a noite. Creio que para qualquer mudança relevante na educação é preciso pelo menos quatro ou cinco anos para consolidar-se, sempre que se trabalha de forma sistemática e contínua com os professores. É muito difícil que os docentes modifiquem seu modo de ensinar de forma significativa em um período de tempo menor. (Pedro RAVELA, 2011)

A educação é uma prática social e, como tal, é altamente contextualizada e intersistêmica. Em educação, as mudanças não envolvem apenas os professores, embora estes desempenhem um papel fundamental. As mudanças envolvem políticas em nível local e nacional e, neste mundo globalizado, estas são também influenciadas por políticas em nível internacional. (Isabel ALARCÃO, 2015)

Deveria haver um controle de mudanças de metodologia. Sem esse controle, não adianta. Tem uma piada circulando na internet que diz: “a partir de amanhã, todas as escolas vão ter computadores nas salas de aula, telão, lousa digital. Logo no primeiro dia, o professor chega e fala: ‘vamos começar a tabuada’”. Ou seja, não mudou nada. A metodologia tem de mudar a partir de outra perspectiva. (Eladio Sebastián HEREDERO, 2015)

Eu já entrei em salas de aula invertidas e vi a sala inteira se transformar em um espaço de aprendizagem ativa. Alguns professores inclusive eliminam a própria mesa, porque o seu papel não é ficar parado trabalhando nela. Seu objetivo é circular e ajudar os alunos, interagindo e conversando com eles. São grandes mudanças. (Jonathan BERGMANN, 2018)

Ao longo das últimas décadas e com amparo das mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e culturais associadas à sociedade da informação, os parâmetros da aprendizagem mudaram radicalmente em relação aos contextos que oferecem

oportunidades e recursos para aprender e as vias e os modos de acessar o conhecimento. Essas mudanças deram lugar ao que alguns autores chamam de uma nova ecologia da aprendizagem humana. (César COLL, 2018)

Após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, o País mergulhou em um cenário político difícil e de graves mudanças políticas, com um governo de cunho neoliberal e uma intensa agenda de privatizações e de reformas antidemocráticas, em que se insere a educação. O projeto *Escola sem partido* praticamente silencia os professores no que tange à assunção de ideologias na sala de aula (como se fosse possível tal neutralidade). (Cipriano LUCKESI; Cristina D'ÁVILA, 2018)

REPETIÇÃO

O método é um desastre da vida moderna. E várias escolas estão aí, infiltradas de *metodomania*. [...] [Maria] Montessori foi uma grande educadora, mas os repetidores dela muitas vezes são medíocres. Fazem aquelas casinhas, mas falta o talento, e falta aplicação também. Deu certo naquelas circunstâncias, mas a repetição às vezes é o cadáver daquilo. Os métodos são recursos que variam. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

A coisa mais importante na vida da escola é a repetição, a repetição permanente. Os problemas com os quais a aritmética trabalha são tão fortes, que é impossível encontrar, a cada século, uma forma tão forte. O ditado é uma forma tão forte de intervenção pedagógica que não é possível inventar a cada século um exercício tão forte. Assim, a repetição é o núcleo da pedagogia, e define em parte os tempos da escola. (Jean HÉBRARD, 2000)

O processo educacional baseia-se na repetição e no longo prazo. Qualquer área da educação tem de se basear nisso. A moda neste verão é as crianças fazerem papel reciclado e reutilizar o lixo. Depois de um tempo, esquecem do assunto. Se você não repetir e der continuidade, o resultado vai ser sempre pífio. Além do mais, a partir dos 9 anos a criança sabe perfeitamente o que é conveniente. Já aprende, por exemplo, que se ela disser tal coisa, a professora vai achar que é certa. Ela passa a ser menos espontânea. (Cássia D'AQUINO, 2001)

Muitos professores defendem o objetivo de formar o cidadão participativo, mas desconfio de que a intenção não esteja acompanhada pela prática que leva a isso. Transmitir conhecimento é a base para o desenvolvimento do espírito crítico. Não há oposição entre uma coisa e outra; um é decorrência do outro. Para ser criativa, a pessoa que aprende a tocar um instrumento terá de passar muitas horas estudando e repetindo. A repetição é uma condição para a criatividade, não é contrária a ela. (Juan Carlos TEDESCO, 2002)

A escola tradicional brasileira acreditava que para o aluno aprender era preciso ficar insistindo na repetição dos conceitos. Dentro dessa pedagogia, fazia sentido ensinar tudo novamente quando um estudante chegava ao final do ano sem aprender. Já no final do século XIX e no século XX, grandes pensadores, entre os quais Jean Piaget, disseram que a criança não é um ser passivo, mas ativo, que reage quando estimulado. (Rose NEUBAUER, 2004)

É claro que à educação é imprescindível manter o desafio de promover a crítica e avançar nisso e não ser mera reprodutora, com metodologias que privilegiam a repetição e memorização. O esforço da tradução e da comunicação da produção científica e tecnológica para o “senso comum” tem um efeito indutivo na própria construção do conhecimento e na elevação dos padrões críticos e éticos da comunidade em geral e também da comunidade científica. (Virgínia SCHALL, 2007)

Uma coisa é o construtivismo como pesquisa e outra é quando essa pesquisa é aplicada em sala de aula. Concordo com a crítica de que, nessa segunda circunstância, muitas vezes os professores não estão levando em conta a importância das rotinas, da repetição para que os meninos aprendam algumas

coisas e possam utilizá-las de forma rápida e eficaz no âmbito do ensino da escrita e da leitura, por exemplo. (Mario CARRETERO, 2010)

Fatos mais marcantes, como o massacre do Realengo, mas principalmente as violências cotidianas que têm como característica a repetição. No mundo inteiro, um grande número de alunos sofre com ações desse tipo diariamente. E elas podem ser banais, como receber um apelido maldoso ou sofrer pequenos empurrões. As pesquisas apontam que, embora sejam atos relativamente simples, envolvendo alunos ou professores, o fato de eles se repetirem à exaustão é grave. (Eric DEBARBIEUX, 2011)

O termo sustentabilidade parece ter sido banalizado não apenas porque é repetido à exaustão, mas porque é repetido por um grupo grande de pessoas das mais diversificadas áreas do conhecimento ou de atuação. Perdeu-se, assim, a identidade de quem está referendando o termo, já que se tornou um “jargão” pasteurizado em todas as áreas. [...] Compreendo que a sustentabilidade deve incluir dois grandes destaques: a inclusão social e a proteção ecológica. (Michèle SATO, 2012)

Estimular os neurônios dos bebês representa dar início a inúmeras atividades mentais. Os circuitos neurais por elas responsáveis são estabelecidos nessa fase e perduram para toda vida, ou seja, uma vez estimulados, formam redes neuronais que darão início a determinadas atividades mentais e subsidiarão outras. Por exemplo: estímulos que ativam a memória, como a repetição sistemática de determinada brincadeira, darão início ao trabalho da memória, bem como da atenção e da concentração. (Nadia A. BOSSA, 2013)

Do ponto de vista metodológico, até meados do século XIX acreditava-se que o aprendizado se dava pela repetição. Nessa mesma época, houve momentos em que a concepção era a de que o aluno aprendia ouvindo o professor, outros em que a escrita passou a ser valorizada. No fim do século XIX, com a revolução tecnológica marcada pelo surgimento do rádio, da TV e do telefone, começa a chamada Educação pelos sentidos. (Circe BITTENCOURT, 2014)

O [método] Kumon é pensado para gradualmente construir um aprendizado. O fato de especialistas desconfiarem do Kumon nos dá uma boa pista sobre o porquê de o Brasil ir mal do PISA. Olhe para os professores de Engenharia nos EUA. Grande parte deles vem de países onde a prática e a repetição são incluídas como partes importantes do aprendizado matemático nos primeiros anos da escolaridade. (Barbara OAKLEY, 2015)

Para um aluno que não domina matemática, uma expressão tal como $\sin^2 x + 1 = 0$ pode ser como o alemão para mim. Ou seja: impenetrável até que eu aprenda. O problema é que alemão não é obrigatório, por isso eu posso aprender ou não. Não é o mesmo com a matemática escolar, a qual se espera que todos aprendam. Não me sentirei fracassada por não saber ler em alemão, mas um aluno que tenta repetidamente e não consegue ter acesso aos significados da linguagem matemática sente-se impotente. (Kátia Stocco SMOLE, 2016)

Se olharmos o funcionamento cerebral, vamos ver que a repetição é essencial. Essa ideia de “vamos abandonar por completo a memorização, nada precisa ser

memorizado” vai contra a lógica do funcionamento cerebral. Quando é que consolidamos mais a aprendizagem? Com a repetição e quando aquilo que a gente está aprendendo tem um colorido e um conteúdo emocional, um significado para a vida. (Fernando LOUZADA, 2017)

No quarto e último ano de formação, outro grupo de formadores fica incumbido da formação necessária para atuar no ensino. Não é de se surpreender que esse verniz tardio comece a se desgastar e mostrar falhas desde o início da atuação profissional. O descaso com a formação do professor, portanto, começa com a formação inicial e se repete nas políticas públicas de formação continuada, insuficientes, contraditórias, algumas vezes mera repetição da formação inicial. (Angela KLEIMAN, 2018)

CRIATIVIDADE

Quando queremos que a escola pública se torne popular, eficaz, democrática, não estamos pensando em fazer uma escola ruim para os meninos que nasceram ricos. E estávamos convencidos de que devíamos fazer uma escola que, tendo o gosto, o cheiro do popular, não tivesse nojo da burguesia. A gente queria que essa escola tivesse a cara brasileira, portanto uma escola aberta, feliz, crítica, que provocasse a criatividade dos meninos, e não o medo. (Paulo FREIRE, 1993)

A criatividade não segue regras constantes. Em alguns casos, nasce num contexto totalmente desestruturado o ambiente do pintor Caravaggio, por exemplo e, em outros, muito bem estruturado caso da família de Mozart. De modo geral, a criação artística desenvolve-se melhor num ambiente desestruturado como a escola de jazz Berklee, em Boston e a científica num ambiente estruturado como o Massachusetts Institute of Technology, um dos mais conceituados centros de pesquisa do mundo. (Domenico de MASI, 2000)

Considero que a criatividade é mais que um conceito emocional e vivencial, é “deixar marcas”. Certa vez encontrei um chefe indígena boliviano que me disse que a criatividade é fazer algo novo para o bem dos demais. Essa fala dele revela o que chamo de dimensão social da criatividade. A criatividade é, portanto, algo que fica, que deixa marcas e que ao mesmo tempo, faz bem para a humanidade! (Saturnino de la TORRE, 2002)

É evidente que a profissão em termos de remuneração, principalmente na rede pública, precisa ser revista. Vencer essa dificuldade requer criatividade, foco em buscar novos mercados, abandonando sua zona de conforto. Ganhar pouco hoje não é sinônimo de que se vá ganhar pouco durante toda profissão. Hoje não basta o professor ser inteligente, ele tem de ser criativo. Uma pessoa inteligente inventou a roda. Uma pessoa criativa colocou um eixo entre duas rodas. (Cesar ROMÃO, 2003)

“Criatividade é como ginástica. Quanto mais você exercita mais forte fica.” Essa frase é de Walt Disney [...]. Para mantê-la em constante desenvolvimento, aqui vão algumas dicas: faça coisas diferentes do que você está acostumado – varie os trajetos entre sua casa e o escritório, coma o que nunca comeu, se você gosta de assistir a dramas, assista a uma comédia ou a um filme de ação. Converse. Ouça muito. Nunca aceite apenas uma resposta como definitiva. Busque outras maneiras de fazer o que está fazendo. (Antônio Carlos Teixeira da SILVA, 2003)

Algumas vezes, a função pedagógica do brincar é supervalorizada, quase como se os jogos tivessem poderes mágicos. Não há bases científicas para muitas coisas quando se fala sobre o brincar e a infância. Temos de pensar nas brincadeiras como qualquer outra atividade na vida. As crianças aprendem brincando? Claro, mas também aprendem por outros caminhos. Os jogos estimulam a criatividade? Sim, mas não estou tão certo disso. Muitas vezes, a criança está simplesmente imitando o que já viu. (Gilles BROUGÈRE, 2004)

De fato, tem de se ter criatividade no sentido de que cada tostão que a gente gaste tenha, com um planejamento bem-feito, efeitos positivos. Mas a criatividade é apenas um passo. O segundo passo é o redesenho do orçamento público. Sem

isso, a educação não se torna prioridade, a saúde não se torna prioridade, a reforma na infraestrutura do país não se torna prioridade. (Tarso GENRO, 2004)

A criatividade tem uma dimensão misteriosa, não adianta tentar explicar por que não se explica. É um dado pessoal, de um indivíduo, formado por parâmetros os mais diversos, desde sua formação sentimental, familiar, cultural, até genética, pouco importa. Não é dada a todos. O que existe é que algumas pessoas são capazes de criar coisas e isso é uma capacidade pessoal e intransferível e é por isso que a arte é tão preciosa. (Jorge COLI, 2006)

Os resultados do último Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA) não são muito favoráveis ao Brasil. Mas, se você observar os Estados Unidos, que são mais desenvolvidos do que o Brasil nessa área [ciências], verá que eles também enfrentam o desafio de incentivar os jovens a seguirem carreiras científicas ou mesmo de Engenharia. Neste milênio, fica mais evidente que o importante é a criatividade, porque o acesso à informação deixou de ser uma vantagem dos países desenvolvidos. (Roseli de Deus LOPES, 2008)

O educador deve incentivar a criatividade, a fala, a comunicação, a linguagem, não inibir a criança. Vou dar um exemplo. Uma professora primária pede a seus alunos para colorirem o desenho de um patinho. Mas uma menina pinta o animal de azul. Aí a professora diz que não existe pato azul, que está errado, e que a aluna deve pintar o pato de preto ou branco. Dessa maneira, ela está castrando essa criança. Ela tem que pintar o pato da cor que ela quiser. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

Não adianta um professor criativo resolver o problema da sala de aula e outro menos criativo, não. Criar é uma alternativa, mas ninguém faz isso sozinho. Enquanto não houver um acordo, não há criatividade. Enquanto não criarmos um plano, você fica sozinho com suas ideias e o outro sozinho com as dele. A falta de criatividade gera muitos conflitos, e tem uma hora que não é só a minha opinião que vale, mas sim entender o outro e sua situação. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

A criatividade é, portanto, iniciativa, vida, imaginação, ruptura, inconformidade com as inércias citadas anteriormente. Como alimentá-la e desenvolvê-la? Criando, ou seja, praticando uma educação com processos antientrópicos. Para isso, é importante assumir nossa tendência à inércia, à conservação, à esclerose de nosso equilíbrio. Em seguida, é preciso procurar e encontrar a faísca do fogo e da luz da imaginação para romper com esses esquemas. (Joan Manuel del POZO, 2012)

A criatividade pode ser definida como a capacidade de produzir um trabalho original que seja adequado ao âmbito de seu contexto. Assim, a base da criatividade é a produção de ideias que sejam, ao mesmo tempo, novas, incomuns e úteis ou adaptáveis ao contexto de uma tarefa ou à situação de resolução de problemas. A criatividade pode ser medida em termos de potencial criativo e de realização criativa. (Todd LUBART, 2016)

Quero falar um pouco do cenário atual: o governo não controla mais tudo na China. As pessoas, agora, têm mais dinheiro e escolhas. Criatividade no momento

diz respeito à diferenciação. Uma escola que ensina criatividade permite aos estudantes se destacarem. Talvez no passado a alfabetização diferenciasse as pessoas umas das outras. Agora, no século XXI, é a criatividade que funciona como fator de destaque, e não a avaliação. (Jiang XUEQIN, 2016)

A proposta da aprendizagem criativa é integrar tudo, das habilidades socioemocionais aos conteúdos específicos de cada disciplina. Não é algo confinado na aula de arte ou no espaço *maker*. Criatividade é uma forma de ver o mundo. Na aprendizagem criativa, parte-se da curiosidade dos alunos, levantando uma série de perguntas para as quais se buscarão respostas. A questão é como criar ambientes que permitam às crianças explorarem aspectos das suas vidas de uma maneira inquisitiva e curiosa. (Leo BURD, 2019)

MEMORIZAÇÃO

É preciso mudar o próprio método de ensino, com menos memorização, menos conhecimento passado pronto e mais trabalhos que exijam cooperação e decisão. As escolas teriam de se organizar em outros moldes, formando grupos pequenos de alunos, incumbidos de tarefas amplas e não haveria mais lugar para as aulas expositivas. No lugar delas, teríamos projetos envolvendo toda a escola, cada grupo atuando de acordo com seu nível de capacidade. Mudaria inclusive a relação do professor com o aluno. (Werner MARKERT, 1992)

Normalmente, as escolas apresentam aos alunos umas tantas fórmulas físicas, por exemplo, que foram descobertas por este ou aquele pesquisador, e querem que todos memorizem os dados. Entendemos que essa memorização não serve de nada, pois mesmo que os conceitos ou fórmulas sejam importantes para a vida das pessoas, ela não terão condições e nem instrumentos para fazer as transferências necessárias. A informação perde o sentido, não se transforma em conhecimento. (Sara PAÍN, 1993)

Em 1960, eu disse que a alfabetização é um marco criador e não memorizador. Não é possível que o alfabetizando apreenda o mecanismo de sua língua por pura memorização. No fundo, a gente memoriza as coisas que sabe e é por isso que, antes de memorizar, a gente apreende o objeto. Essa é uma das minhas brigas com relação ao ensino tradicional, que insiste na transferência do conhecimento. Como é que você alfabetizou? Como ajudou a pessoa a se alfabetizar? (Paulo FREIRE, 1995)

Em termos neurológicos, a capacidade de aprendizado de uma criança é maior do que a do adulto, mas a criança ainda não sabe aprender. Ela não sabe filtrar as informações necessárias. A queda biológica da capacidade de memorização do adulto é compensada por estratégias individuais que permitem a aquisição das informações fundamentais. O adulto já aprendeu a aprender e, assim, a capacidade resultante de um adulto é maior do que a de uma criança. (Roberto LENT, 1997)

Também existem as “burrices múltiplas”. É um fenômeno que acontece na área pedagógica, baseado no pressuposto de que você consegue ensinar sem o mínimo de memorização. Outra burrice múltipla é você encher o aluno de memorização. Outra é aguardar a solução mágica do aprendizado sem dor. Educação é muito parecida com dieta, e talvez por isso tenha tantas modas. Você tem a dieta da lua, dieta de Hollywood, para emagrecer sem passar fome. Mas, para emagrecer, ou você come menos ou se exercita mais – ou ambos. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998b)

Algumas pessoas acham que um modelo construtivista prescinde do trabalho do estudo, numa negação à memória. Essa visão não só é falsa como também malévola. Devemos compreender, mas, uma vez compreendido, se queremos recordar, temos de memorizar. Só que a memorização é posterior à compreensão. Há algo básico e que não custa repetir: aprendemos mediante processos elaborativos e pessoais, a partir de nossas capacidades, e isso, estou convencido, é assim agora e sempre será. (Antoni ZABALA, 1998)

[O modo tradicional de ensinar matemática] se apoia na memorização de fatos e procedimentos totalmente desvinculados do contexto da vida real. O princípio é ao mesmo tempo básico e desprezível: empurrar conceitos que devem ser lembrados e recitados pelos alunos toda vez que o professor desejar. É mais ou menos o mesmo processo adotado com os papagaios ensinados. (Thomas O'BRIEN, 2000)

Numa prática positivista e tecnicista há uma ênfase na atribuição de notas e na classificação de desempenho, em testes e provas com resultados quantitativos e numéricos. Nela, o mais importante é o produto. Ou seja, reflete uma educação baseada na memorização de conteúdos. Já a avaliação qualitativa se baseia num paradigma crítico e visa à melhoria da qualidade da educação. Sua ênfase é no processo. Ela reflete um ensino que busca a construção do conhecimento. (Mere ABRAMOWICZ, 2001)

O sistema educacional prioriza muito mais a memorização do que ensinar a pensar. A consequência disso é que as crianças, embora tendo um potencial criativo enorme, sofrem restrições e são condicionadas a “pensar dentro da caixa”. São obrigadas a encontrar apenas uma resposta certa para cada problema ou situação e, respostas conforme os professores esperam. Para evitar que isso aconteça é preciso desenvolver nos estudantes a habilidade para viver em um mundo de constantes e rápidas mudanças. (Antônio Carlos Teixeira da SILVA, 2003)

Assim como a compreensão necessita de um processo de aprofundamento, passar de um ensino para a memorização para um ensino para a compreensão não é uma ação automática. Não é uma coisa que pode ser feita por “decreto” ou pela adoção de uma metodologia como se fosse uma “caixa fechada”. O ensino para a compreensão envolve repensar o ensino de uma perspectiva que relaciona o olhar no aluno, no professor e no conteúdo. (Paula POGRÉ, 2004b)

O conceito de professor autoritário, que dita conhecimentos privilegiando a memorização de informações, foi substituído pelo do educador que tem o aluno no centro da ação pedagógica. A construção social do conhecimento é feita pelo diálogo e pela interação em sala de aula. Os professores precisam dialogar com a comunidade para poder estabelecer relação entre os conteúdos e o meio físico e social. (Vicky COLBERT, 2005)

Muitas informações são perdidas ou processadas de maneira superficial, prejudicando a aprendizagem ou a memorização mais duradoura. Por outro lado, como eles se acostumam a mudar com frequência o foco da atenção e a obter novos estímulos rapidamente, tendem a se entediar com textos longos ou exposições como aquelas que são vistas em salas de aula. (Ramon M. COSENZA, 2011)

Em geral, o livro didático é tradicional e pobre de conteúdo. Estimula a memorização mais do que a construção crítica e reflexiva do conhecimento, embora devesse associar tais processos. Há esforços de melhoria dos livros didáticos e de enriquecimento com livros complementares, mas há muito a conquistar. O estudante não pode ser leitor de um único livro. Ele precisa ler muitos livros para ampliar os seus horizontes. (Virgínia SCHALL, 2011)

A narrativa depende da nossa capacidade de memorização. Há contadores de história que decoram um conto e podem repeti-lo várias vezes e outros que vão fazendo alterações. As crianças são sensíveis às mudanças, então, se lhe apresentam contos em determinada forma, preferem voltar a ouvir as mesmas versões. [...] As crianças reconhecem as histórias, memorizam os contos e sabem dizer perfeitamente o que concerne a um ou a outro. (Ana TEBEROSKY, 2015)

Hodiernamente, existe um exagerado tabu contra a memorização. Dependendo da tipologia dos conteúdos, memorizar é importante e necessário para o desenvolvimento do raciocínio e da criatividade. A anomalia é que nossas escolas cobram somente isso, sem qualquer associação. Como tudo na aprendizagem, a capacidade de memorizar e raciocinar deve ser desenvolvida conforme a demanda. (Rui FAVA, 2018)

EXPERIÊNCIA

Precisa olhar o menino para entrar em um percurso que seja natural, que seja dos dois lados um aprendizado. E isso cada um irá fazer de acordo com a consciência que tem, com a experiência de vida que tem. Acho que se deve estabelecer uma alfabetização ao contrário. Nós temos de nos alfabetizar na cultura da criança. É isso que ainda não está acontecendo, com poucas exceções. A gente vê menino e quer ensinar. (Lydia HORTÉLIO, 2003)

A vivência do produto é mais importante do que o produto em si. A Nike não é só tênis. Eles criaram um ambiente que a pessoa mergulha na experiência, segmentando coisas, sentindo coisas. O ambiente, o contexto fica mais importante do que o produto. Não é o tênis que faz o cliente ir lá para comprar. Aquilo ali é um conceito de lugar. Essa é a característica mais marcante do século XXI. (Clemente NÓBREGA, 2003)

O importante é que uns ambientes e outros – a família, as práticas de jogo, a escola infantil, a natureza – complementem sua ajuda à criança e esta vá desfrutando experiências variadas. O que a escola pode fazer é oferecer recursos para que os alunos explorem e tirem proveito, sob o olhar e a ajuda de seus educadores, das experiências que vão tendo em sua vida ordinária. (Miguel ZABALZA, 2004)

Uma coisa é reconhecer um cachorro, pesquisar sobre sua espécie etc. Outra é brincar com o animal. No primeiro caso pode até existir um certo conhecimento, mas não há experiência corporal. O contato direto com os objetos e a interação com o outro promovem brincadeiras que geram curiosidade, inquietação, necessidade de movimentar-se e, no final, um aprendizado mais efetivo. (Esteban LEVIN, 2005)

A educação é uma área em que teoria e prática estão intimamente relacionadas; em que a produção do conhecimento alimenta-se muito da prática e vice-versa. Assim, quem desenvolve pesquisa em educação e tem a vivência escolar do dia a dia, com certeza, tem uma visão diferenciada sobre diversos temas, incluindo avaliação. Quando essas experiências cotidianas são trazidas para a sala de aula do mestrado, geram um diferencial de qualidade. (Sílvio GALLO, 2006)

O importante é conhecer outras experiências em outros países que, às vezes, têm realidades parecidas, poder analisar o que cada país está fazendo em função de como percebemos a realidade. O intercâmbio significa saber como alguns países tomaram decisões para resolver os problemas. Os problemas são comuns. Muitos deles são semelhantes, no caso da educação secundária. No entanto, as soluções não têm de ser as mesmas. Não há experiências a serem copiadas. (Beatriz MACEDO, 2006)

A experiência não é apenas o resultado da repetição dos mesmos comportamentos. Isso seria um adestramento. A experiência do professor é o resultado de muitas vivências semelhantes, sim, mas sobretudo da reflexão-nação dessas vivências. [...] Experiência é muito importante, sim, desde que suas ações sejam sempre acompanhadas de uma reflexão sobre cada nova ação, pois,

mesmo que ela pareça igual às outras já vivenciadas, é possível que haja fatores novos que merecem ser levados em conta. (Vasco MORETTO, 2007)

Quarenta anos atrás, quando me formei, ter terminado o ensino médio era um valor, até no mercado de trabalho. Hoje não é mais, não só porque se multiplicou o número de pessoas que terminam, mas também porque não tem mais a mesma qualidade. Um bom ensino médio melhora a qualidade de experiência de uma vida inteira. Que a pessoa possa ir para a universidade ou que se dedique a uma carreira técnica de qualquer tipo, tanto faz. É uma bagagem que fica com ela. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

Às vezes, ela [a criança] conhece alguns jogos, mas não outros. Por isso, posso afirmar que existe também uma individualização dessa cultura, já que nem todos compartilham todos os elementos da cultura lúdica de uma geração. Alguns jogam videogames que outros nem conhecem. Da mesma forma, há diferenças entre as brincadeiras de meninas e de meninos. A cultura lúdica é a soma de tudo isso, considerando o resultado da vida de cada um. O fato é que a experiência lúdica não é a mesma para todas as crianças. (Gilles BROUGÈRE, 2010)

Um exemplo: o professor desse tipo de escola descobre que um grupo de alunos adora andar de esqui. [...] O docente, então, os leva para andar de esqui e pede a eles que meçam a distância e o tempo que andaram. Por fim, explica o conceito de velocidade. O fato de eles terem participado da experiência faz com que aprendam. Não são alunos que não podem aprender. Eles podem, mas precisam de atividades diferenciadas. A política de estabelecer diferentes “fluxos” de ensino fez com que a taxa de evasão caísse para quase zero. (Lee Sing KONG, 2011)

É possível criar com papel, com jornal, com folhas, com pedrinhas, enfim, com o que quiser. É importante que se dê muitas possibilidades, como riscar, pintar, modelar, construir. É fundamental a diversidade de experiências, desde que todos possam vivê-las em profundidade e se apropriem delas. Se as crianças ficarem apenas modelando muito tempo, mas chegarem ao final do ano sabendo dar forma às suas ideias, já valeu a pena. (Ana Angélica ALBANO, 2013)

Atualmente, propomos às crianças que escutem os conhecimentos do professor para poder repeti-los, futuramente, nas avaliações que medem o acúmulo dessas informações. No entanto, quem deve escutar é o professor. É fundamental partir do conhecimento das crianças e, para isso, é importante perguntar o que elas sabem. A experiência escolar deveria começar sempre da escuta dos professores sobre o saber de meninos e meninas. (Francesco TONUCCI, 2013)

No Brasil, aposta-se em materiais fechados que o professor deve aplicar. Educar, no entanto, é mais do que isto, se considerarmos, principalmente, os conhecimentos disponibilizados pela neurociência e, também, a própria história da escola em seus 5.000 anos de existência. Educar é ampliar a experiência de cada aluno. Esta é a função primordial da escola: permitir a apropriação dos conhecimentos formais que englobam todas as ciências, as artes e os sistemas simbólicos. (Elvira Souza LIMA, 2015)

A experiência refere-se à singularidade de sentido que uma mesma atividade pode ter para diferentes crianças. Ela se opõe à atitude de propor que todos façam

a mesma coisa do mesmo jeito o tempo todo, ao conceito de prévia determinação de resultados e à concepção de uma forma de coordenar o processo de aprendizagem-desenvolvimento que pode ser repetida com várias turmas como se fosse uma receita. (Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA, 2015b)

O tempo que passamos juntos na formação docente, na escola e na universidade pode ser um tempo de aventuras, encontros, de experiências que nos afetem. No entanto, isso não é promovido nem conquistado, porque se aceita que as estruturas burocráticas e homogeneizadoras sejam impostas sobre os sujeitos e que os âmbitos disciplinares ajam como marcos de poder que guiam e organizam as relações e o controle dos espaços e dos tempos do aprender. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2018)

REPRODUÇÃO

A humanidade aprendeu a escrever há 5 mil anos, mas a alfabetização formal só nasceu há menos de dois séculos. Em termos históricos, faz pouco tempo que as pessoas começaram a entrar na escola para aprender a ler e escrever. Aprendia-se em casa mesmo. E aprendia-se só a ler. Nunca se ensinou as pessoas a escrever. Por aí dá para entender que o processo de aprendizagem é muito mais simples do que se pensa. Ele consiste basicamente em ensinar a criança a ler. Para escrever, ela simplesmente copia o que já sabe. É reprodução. (Luiz Carlos CAGLIARI, 1988)

Os microssistemas das unidades educacionais reproduzem o sistema do país. São a reprodução da política que norteia todas as decisões dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, que são montados estrategicamente sobre o capital e são fantoches do *lobby* dos empresários. Posso até fazer uma analogia: a SEC [Secretaria de Educação] funciona como o Legislativo, que não respeita a carta magna da Educação. Cria pareceres, ordens de serviço, circulares que atentam contra o regime jurídico do professor. (Lia Ribeiro CESTARIOLO, 1988)

O professor leigo é o reflexo de uma estrutura social desigual e da precariedade das classes populares. Ele é tão carente e tão analfabeto quanto o aluno. É, enfim, uma reprodução do seu meio social. E todas as políticas de habilitação de professores leigos que surgiram no Brasil, além de dissimuladoras da inocuidade, são mantenedoras das relações sociais existentes. Enquanto persistir esse quadro, de nada adiantarão as tentativas governamentais no sentido de habilitar os professores leigos. (Maria Teresa Marques AMARAL, 1987)

Nos anos [19]60, tivemos aquela febre de que a educação resolveria tudo, que faria a revolução, etc. Nos anos [19]70, com as teorias de Althusser sobretudo, mas não só dele, veio aquela visão radicalíssima de que a educação era apenas a reprodução da ideologia dominante. Caiu-se, então, na América Latina principalmente, numa espécie de desânimo pedagógico, numa desistência. (Paulo FREIRE, 1995)

Em nosso funcionamento psicológico, cada um lê a mesma coisa de maneira diferente. Só podemos dar sentido ao que é dito a partir de nossa experiência, nossos interesses, nossa motivação, nossa carga genética. Muitos sistemas educativos pretendem que todos os alunos aprendam exatamente o mesmo, no mesmo dia, na mesma hora. Se a educação pretende reproduzir indivíduos iguais, fracassa sempre. (César COLL, 2003b)

O problema não é o de como, por meio de um melhor esclarecimento educacional, cessar com os tiros nas favelas do Rio de Janeiro ou nos subúrbios de Londres. Diz respeito a questões fundamentais sobre como ativar a totalidade de recursos da nossa cultura e educação em todos os domínios, incluindo instituições educacionais formais, para criar um modo alternativo de reprodução metabólica do social. (István MÉSZÁROS, 2006)

A fase até 1980 é a hegemonia da visão tecnicista, que foi implantada como pedagogia oficial do regime militar. Neste ano acontece a primeira Conferência Brasileira de Educação, na qual as críticas à educação do período militar,

inspiradas na concepção que chamei de crítico-reprodutivista, que mostrava o papel da educação como reprodução da situação dominante, do *status quo*, começam a ceder espaço para a busca de alternativas. [...] A década de 1980 será uma época muito dinâmica, muito rica para o movimento educacional. (Dermeval SAVIANI, 2008b)

Para muitas pessoas, a Educação ainda é a reprodução de uma cultura antiga. Dessa forma, há um conflito entre as necessidades atuais e a conservação do que as pessoas consideram como suas tradições. O acesso à Matemática nas instituições ainda se dá por meio do cálculo. Isso significa que os alunos não devem mais aprender esse conteúdo? A resposta é não. É preciso aprender cálculo, mas a que preço? E de que tipo? Atualmente, ninguém mais utiliza os métodos de cálculo manual que foram eficazes no passado. Apenas a escola. (Guy BROUSSEAU, 2009)

O que falta é uma mudança no olhar do professor para reproduzir menos o padrão. Não é preciso fazer da aula uma parafernália eletrônica. Alguns princípios são essenciais, como dar voz e espaço aos alunos, propor situações que exijam investigação. Uma coisa é dizer que todos os números terminados em zero e cinco são múltiplos de cinco. Outra bem diferente é chamar a atenção para um padrão nas multiplicações com cinco. (Kátia Stocco SMOLE, 2009)

O produto do seu trabalho, que é o plano da aula, e o produtor (o professor), não se despregam, pois no momento em que se entra em sala de aula produz-se outra coisa. [...] O roteiro produzido – pelo professor ou pela secretaria – ganha outra dimensão na relação com o outro, o aluno. Então, esse perigo da normatividade como amordaçadora da autonomia, da criatividade, da produção de conhecimento, não é possível. Contesto as teses que dizem que o professor só reproduz o conhecimento. Mesmo quando reproduz, há um espaço, uma brecha, de produção. (Aparecida Neri de SOUZA, 2009)

Então, assim como a educação ambiental pode promover essa discussão sobre nós no mundo, nossa relação com o outro, com o que usamos, com o que nos apropriamos, ela também pode induzir a certos mecanismos que reproduzem toda essa sociedade com uma roupagem verde. [...] É muito comum, por exemplo, você ver práticas de educação ambiental que descolam a esfera individual das formas de apropriação coletiva daquele bem natural. (Carlos Frederico Bernardo LOUREIRO, 2010)

Pede-se constantemente aos estudantes, agora e antes, que respondam a perguntas, e essas respostas são classificadas. Muitos professores acreditam que, quanto maior o número de provas, mais os alunos estudam; em geral, essas provas são totalmente baseadas na memória e na reprodução, sendo aplicadas toda semana. O que mudou foi que há muito mais avaliações externas e, por meio delas, avalia-se não apenas o desempenho dos alunos, mas também o trabalho dos professores. (Neus Sanmartí PUIG, 2014)

Há diversas formas de empregar a tecnologia nas salas de aula. Eu estou mais interessado no uso dela para criar abordagens inovadoras de ensino e aprendizagem. Até hoje, a maioria dos docentes se vale dos recursos tecnológicos para reproduzir o modelo de aulas expositivas, em que as informações são

passadas aos estudantes. Não acredito que essa seja a melhor maneira de preparar crianças e jovens para o futuro. Na sociedade atual, tudo muda rapidamente. (Mitchel RESNICK, 2014)

As instituições, os profissionais e as secretarias de Educação estão reproduzindo na educação infantil uma lógica que está presente no ensino fundamental. Obviamente, essa lógica não nasceu com as avaliações externas. [...] Trazer os processos de escolarização do âmbito do ensino fundamental para a educação infantil é, de algum modo, ferir o processo de formação das crianças e alguns de seus direitos, que a legislação prevê, como o de aprender por meio da brincadeira, por meio das interações. (Cláudia Oliveira PIMENTA, 2017)

O modelo da EJA reproduz o modelo escolar tradicional, basicamente reduzido a um ensino regular noturno, conteudista, sem significado para a vida desses jovens e adultos. Foi esse modelo que os fez desistir da escola na idade própria, como continua acontecendo hoje com 23% dos jovens entre 15 a 29 anos de idade, conforme dados do IBGE. Einstein nos ensina que “não se resolve um problema com a lógica que o criou”. (Genuíno BORDIGNON, 2019)

TRANSFORMAÇÃO

Hoje, meus alunos leem literatura não só para fazer crítica literária ou trabalho sobre o autor. Leem para aprender a gostar de ler. Estou falando de uma coisa pequenininha, dentro de minha prática de professora. A transformação é lenta e, às vezes, turbulenta. Turbulento é o contrário de lento. Como se faz isso? E até que ponto se pode renovar tudo, sem conservar raízes do que existia antes? (Sônia KRAMER, 1995)

A melhor definição para a educação é uma palavrinha só: transformação. A gente se educa e educa à medida que se transforma e transforma. E esse processo de transformação se dá, informalmente, através de cada experiência que vivemos. Fora da situação formal da escola, essas transformações se fazem de maneira não planejada, ametódica, sem objetivos predefinidos. Já o que caracteriza a educação escolar, desde que essa instituição foi inventada, é ser sistematizada, planejada, programada e voltada para certos fins. (Magda Becker SOARES, 1995)

A prática educacional é parte da superestrutura de qualquer sociedade. Exatamente por isso a prática educacional, a despeito de sua importância fundamental nos processos sócio-históricos de transformação das sociedades, não é por si mesma a chave para a transformação, mesmo que seja fundamental. Dialeticamente, a educação não é a chave para a transformação, mas a transformação é por si mesma educacional. (Paulo FREIRE, 1997)

O financiamento [das universidades] requer recursos públicos e privados, ainda que, em qualquer hipótese, a educação superior tenha de ser vista como um serviço público, independentemente da estrutura jurídica. O que continua inaceitável – ainda que reflita uma realidade em várias partes do mundo – é a transformação da educação superior em um negócio similar à venda de sabão ou às atividades de um restaurante *fast-food*. (Marco Antonio DIAS, 2001)

Há necessidade de uma grande transformação na concepção de escola. Lamentavelmente, o que existe hoje é uma organização não do século passado, mas do retrasado. Tudo o que fazemos se insere num velho modelo. Por exemplo, costuma-se dizer que os professores conhecem pouca pedagogia e então se decide ensinar-lhes mais pedagogia. Mas o que realmente falta é um novo tipo de compromisso. (Inés AGUERRONDO, 2004)

Qual o enfoque que está sendo dado [em Língua Portuguesa]: ensino da gramática apenas? O que seriam os problemas de ortografia? Quais estratégias de produção têm sido utilizadas para favorecer a expressão escrita dos alunos? Como tem sido feita a correção desses textos? Fomos habituados a aprender e a ensinar português como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação. A escrita na Internet está mostrando o contrário. (Gláucia da Silva BRITO, 2005)

Muitas profissões passam por transformações significativas e algumas até se extinguem para que outras possam surgir. Mas o professor é intocável, vai existir sempre. Entendo que ele precisa migrar para uma cultura de facilitador do processo de aprendizagem. O foco tem de ser compartilhado com o aluno, com a

proposta de contextualização máxima dos assuntos tratados em sala de aula. A postura do professor precisa mudar de uma atitude professoral para uma atitude de facilitador de aprendizagem. (Enio PINTO, 2002)

Com tantos papéis a cumprir, a educação, propriamente dita, acaba ficando a desejar, pois outros profissionais não vão exercer a função dos professores. Para nós, escola boa é aquela que ensina o menino a ler, a escrever e a operar, mas sem desconhecer a realidade em que está inserida. Escola boa é a que causa uma transformação na vida do aluno. Para a maioria dos nossos alunos, a oportunidade que eles vão ter depende da escola. (Raquel Elizabete de SOUZA, 2008)

O processo de transformação da vida na escola é algo difícil. Exige muito investimento, profissionalismo por parte dos professores, conhecimento e que as escolas tenham projetos políticos-pedagógicos. Uma escola sem projeto é uma instituição sem cabeça. E uma pessoa formada num local assim será uma pessoa sem cabeça, à deriva. Não posso deixar de dizer que é uma ação complexa, não é algo que possamos revolver sentados em uma cadeira. Temos que arregaçar as mangas e lançar mãos ao trabalho. (Domingos FERNANDES, 2009a)

A escola pode gerar competências gerais para o trabalho: capacidade de trabalhar em equipe, capacidade de analisar dados, de resolver problemas abstratos, de sequenciar, de redigir informes, de criar e transformar dados, de comunicar-se, de fazer perguntas. Isso se faz sem laboratório. Mas, quando abordamos competências específicas, a escola não tem como se sair bem. Por quê? Porque a capacidade de transformação das indústrias é muito mais rápida que a da escola em se atualizar em termos de equipamentos. (Bernardo TORO, 2009)

O sistema educativo não melhora nem piora tanto de um ano para outro. A educação é um processo de transformação lenta, e é preciso que os governos tenham cuidado. De toda forma, é preciso ressaltar que a preocupação com a qualidade é um dado muito positivo nos governos latino-americanos, e devem ser valorizados. A educação na América Latina está muito abaixo do que se poderia desejar, mas tem melhorado muito. (Alejandro TIANA, 2010)

As escolas carecem de um novo sistema ético e de uma matriz axiológica clara, baseada no saber cuidar e conviver, porque os projetos humanos contemporâneos não se coadunam com as práticas escolares que ainda temos. Requerem que abandonemos estereótipos e preconceitos, exigem que se transforme uma escola obsoleta numa escola que a todos e a cada qual dê oportunidades de ser e de aprender. E essa transformação acontece. (José PACHECO, 2013c)

Uma das estratégias é pedir para que eles [os gestores] fotografem a escola. Ao fotografar e olhar as fotos, salta aos olhos o que se tem de fato. Esse olhar tanto para o bem quanto para as coisas ruins, um monte de lixo, cadeira quebrada, se ele coloca o olhar ele vê que pode mudar. Vê que aquilo é passível de transformação. [...] Pegar um pátio com cadeiras quebradas e transformar isso num jardim é rápido, não é algo que tenha um custo alto. (Tereza PEREZ, 2013)

Estamos lidando com um processo de transição e transformação. Hoje, temos um número de egressos do Ensino Médio, no estado de São Paulo, da ordem de 440

mil estudantes, e desses, mais ou menos 360 mil são egressos de escolas públicas. Temos, então, um universo enorme de alunos com potencial para seguir para o nível seguinte [...]. Penso que nossa reflexão tem a ver com implementar um modelo que seja capaz de responder a essa demanda social quantitativamente e, ao mesmo tempo, responder a ela de forma qualificada. (Carlos VOGT, 2013)

Transformar o país num país melhor para muitos, para a maioria. Essa é uma das minhas utopias. Eu acredito que talvez ainda cheguemos lá. Num Brasil literário também, que é a utopia do Bartolomeu Queirós e de muitos outros. Ainda não temos um Brasil literário, mas temos que continuar lutando por ele. [...] Não podemos perder a ideia de que a transformação é possível. Manter vivas as utopias é manter vivo o ser humano. (Graça PAULINO, 2011)

PROGRESSISTA

A questão que se coloca é saber que política é esta, a favor de que e de quem, contra que e contra quem se realiza. É por isso que podemos afirmar que, se a política educacional de um partido progressista e sua prática pedagógica forem iguais às de um partido conservador, um dos dois está radicalmente errado. Daí a necessidade imperiosa que temos, educadores progressistas, de ser coerentes, de diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. (Paulo FREIRE, 1989)

Na década de [19]60, os educadores progressistas abandonaram a discussão sobre a natureza da escola para pensar mais na educação popular. A escola era vista como algo do sistema. Era o lugar da repressão, da reprodução do sistema. Ali, nada podia ser feito. [...] Nos anos [19]80, os questionamentos foram retomados e começou-se a repensar a escola pública como trincheira da democracia. Ao mesmo tempo se reconhecia que a escola podia ser um campo de trabalho possível para as forças progressistas. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

O papel dirigente do professor foi esvaziado. A sala de aula, como o lugar principal da educação, foi desqualificada. Tanto é assim que, pelos próprios Estatutos do Magistério, para você, subir na carreira tem que sair da sala de aula. Os pensadores progressistas nunca deram muita atenção a essa questão, sempre a jogaram para o Estado. Achavam que bastava chegar ao poder para resolver todos os problemas da educação. Na verdade, é bem mais complicado. (Moacir GADOTTI, 1991)

A primeira coisa visível num jogo de futebol com turma mista, retomando minha experiência na Unicamp, é um tremendo descompasso técnico entre rapazes e moças. Estas não sabiam nem chutar uma bola sem perder o equilíbrio. Ao se discutir esse primeiro problema, técnico até, surgem questões que remetem a uma reflexão cultural mais ampla e crítica, que permite, através do jogo, fazer observações sobre nossa sociedade. [...] É toda uma concepção social que o professor tem obrigação de perceber, independentemente de ele ser progressista ou não. (João Paulo MEDINA, 1994)

Mesmo os professores progressistas ficam exauridos todo dia. [...] À medida que a sociedade se torna cada vez mais difícil, grupos dominantes acrescentam mais trabalho para os professores. Existindo um problema social, responsabiliza-se a escola por ele, e dá-se mais trabalho para o professor, ao mesmo tempo que se reduzem seus recursos, salários e benefícios. Alguns professores progressistas, após um certo tempo, simplesmente lamentam: “Não consigo dar certo”. (Michael APPLE, 1996)

[As políticas do governo FHC] combinam um discurso que reconhece a importância da educação com a redução dos investimentos na área e apelos à iniciativa privada e organizações não-governamentais, como se a responsabilidade do Estado em matéria de educação pudesse ser transferida para uma etérea “boa vontade pública”. Trata-se de uma apreciação crítica um tanto forte, reconheço, mas que revela uma certa decepção dos setores progressistas no campo educacional diante do atual governo. (Dermeval SAVIANI, 1997)

Não adianta buscar “a” boa professora. Esta não existe. Existem professoras, no plural, e cada uma é plural como professora também. Ao mesmo tempo em que algumas adotam procedimentos em sala de aula que nos permitem dizer que são professoras não progressistas, ou tradicionais, outras conseguem assumir atividades, ou assumir certas dimensões que são consideradas altamente progressistas no trabalho docente. As vezes, numa mesma mulher professora percebo que se mesclam concepções e práticas diferentes. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

O analfabetismo é um fator de exclusão social e de marginalização, por isso parece lógico que os governos sintam a urgência de erradicar tal problema, especialmente se se trata de um governo de linha progressista, que deve ter na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e coesa um de seus principais objetivos. Sem que pressuponha nenhum menosprezo pelas pessoas analfabetas, é evidente que nas sociedades letradas elas se encontram em desvantagem em relação aos alfabetizados. (Isabel SOLÉ, 2000)

A tradição excessivamente regulamentadora no campo da educação tem de ser superada. O problema não é se poderemos um dia, tornando mais representativa a composição dos Conselhos [de Educação], ter mais pareceres progressistas do que conservadores. O problema é mais de fundo: essa tradição regulamentadora tem sentido em uma sociedade democrática e sobretudo em um campo como a educação, que se tornou extremamente complexo, plural e tenso? (Miguel ARROYO, 2001)

Os docentes são capacitados para a implementação de um currículo muito progressista, baseado na proposta do Instituto High Scope (Michigan, USA), que considera a criança pequena como um sujeito ativo. Voluntários da comunidade atendem pequenos grupos de crianças em locais escolhidos para esse fim, sob a orientação, acompanhamento e supervisão de docentes qualificados. A experiência mostrou-se muito bem-sucedida em Puno e Cuzco [no Peru]. (Leonardo YÁNEZ, 2006)

[Precisamos de] pessoas que tenham vida, coisas para dizer, exemplos para dar. Educar é contar uma história, e inscrever cada criança, cada jovem, nessa história. É fazer uma viagem pela cultura, pelo conhecimento, pela criação. Uma viagem, para recorrer a Proust, na qual mais importante do que encontrar novas terras é alcançar novos olhares. É nesse sentido que apreendo, hoje, o contributo tão significativo de Paulo Freire para pensar a educação numa perspectiva crítica e progressista. (António NÓVOA, 2010)

O papel da escola não é ensinar apenas Matemática e Língua Portuguesa. Com o crescimento das avaliações externas, disciplinas são enfatizadas e, em muitos casos, se esquecem das outras coisas, mas elas também têm que fazer parte. [...] Nesse sentido, o [Doug] Lemov é muito progressista, é “um mundo de cabeça para baixo”. Pode-se discordar dele pontualmente, mas não se pode negar que ele está preocupado com uma classe social nos Estados Unidos e em fazer com que ela tenha as mesmas oportunidades das outras. (Paula LOUZANO, 2011)

Nunca deixei de ser progressista. Desconfio dos valores da civilização, esses valores do Ocidente. Sou um progressista de esquerda, mas detesto qualquer

dogmatismo e todo tipo de caretice. Muitos traíram, se traíram. Não me arrependo de nada, de nenhuma passeata ou pichação, de nenhuma pedra jogada contra a polícia, que torturava e matava. (Milton HATOUM, 2012)

Um projeto, uma aula ou um debate ambiental podem parecer pequenos frente às atrocidades do mundo, mas tudo isso se magnifica quando consideramos a escola como centro de um universo local, articulada com a sociedade e com as mudanças, em vez de apenas aguardar passivamente pelas mudanças que a sociedade nos impõe. [...] Existem inúmeras publicações, materiais, estratégias educativas e roteiros que oferecem diversas possibilidades para que a escola seja um espaço mais atuante e progressista no tocante às dimensões ambientais. (Michèle SATO, 2012)

Ao longo desses 30 anos de democracia, o STF teve um papel muito progressista no sentido de assegurar os direitos constitucionais e a dar contornos de ampliação desses direitos quando não estavam claramente definidos. Se pegarmos a trajetória do Supremo em discussões sobre ações afirmativas, células-tronco, casamento de pessoas do mesmo sexo, ela pode ser considerada, do ângulo dos direitos fundamentais, como bastante progressista. (Oscar Vilhena VIEIRA, 2017)

CONSERVADOR

A TV não inova, nunca inovou. Ela só trabalha com aquilo que já está circulando na sociedade. O erótico só chegou à TV depois que o fio-dental invadiu as praias, depois que a relação homem-mulher já estava reformulada em níveis menos conservadores. A televisão não propõe; ela é muito conservadora, talvez até mais que a Igreja. Ela tem medo de não emplacar em termos de *marketing*. Por isso, só faz aquilo que é sucesso absolutamente seguro. (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

A [pedagogia] conservadora é responsável diante dos interesses dos dominantes. Agora, dizer que a que é responsável diante dos interesses dos dominantes é a única [pedagogia] responsável é um absurdo. Como eu também não posso dizer que somos os únicos responsáveis. Mas eu tenho que distinguir em que ponto eu sou responsável. A minha utopia não é a utopia do conservador. O conservador quer conservar, por isso é reacionário [...]: luta-se para conservar o que é ilegítimo. (Paulo FREIRE, 1993)

O sistema educativo do mundo todo é em geral um pouco conservador, lento nas suas reações. Ele deveria acelerar o seu processo. No caso do Brasil, a situação é ainda pior, devido às diferenças regionais. Em nosso país convivem pessoas que estão praticamente na Idade da Pedra com outras que estão numa Idade Média feudal, enquanto outras, ainda, estão no tempo modernos. Ao mesmo tempo, temos a mais avançada tecnologia. (Murílio HINGEL, 1993)

É muito difícil compreender a falta de autorreflexão e de reflexão pedagógica que geralmente caracteriza os educadores. Os Estados Unidos, como sabemos, são uma sociedade muito conservadora, mas a instituição escola é ainda mais direitista. Em nome de uma ética humanista baseada no cuidar, as escolas como organização punem aqueles que procuram algum caminho diferente. (Joe KINCHELOE, 1999)

Como toda entidade monopolista ou quase-monopolista, a escola se tornou uma instituição conservadora, até mesmo reacionária, que combate todo tipo de iniciativa que possa vir a lhe fazer concorrência. Não raro, em vez de trabalhar em sintonia com pais, família e comunidade, tem trabalhado em oposição a essas fontes de influência sobre os alunos. E, percebendo o poder que as novas tecnologias de informação e comunicação têm de capacitar e tornar as crianças, de forma efetiva, protagonistas de sua própria educação, a escola tem resistido a elas. (Eduardo CHAVES, 2004)

Em geral, a linguagem popular é mais criativa. A pessoa não está pautada pela escola, que não frequentou. Não tem a ideia de tradição. A pessoa culta é conservadora, pois herdeira de 6 mil anos de história. Mudamos menos a língua nessa variedade, pois nos sentimos patrulhados. As mudanças tendem a vir do popular, que em dado momento a classe culta aceitou. (Ataliba Teixeira de CASTILHO, 2006)

Há momentos da história da educação brasileira em que a educação sexual aparece na escola e, tempos depois, ela desaparece. Aparece, por exemplo, em alguns momentos da Escola Nova, depois ela desaparece. Em períodos que são –

não sei se a palavra é adequada – mais conservadores. Agora, mais recentemente, a educação sexual voltou com muita força. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

Há quatro meios que atingem todos: a família, a religião, o mercado de trabalho e a escola. A família é conservadora e a tendência é que os filhos tenham os mesmos valores que os pais. A religião só revê princípios quando surge uma nova crença, o que demora para acontecer. Já a escola não é conservadora e está ligada diretamente ao mercado de trabalho, que tem dinamismo. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

As escolas são uma extensão da sociedade, talvez a parte mais conservadora dela, pois, afinal, uma sociedade que muda suas estruturas educacionais muda a si mesma. Não permitindo a mudança nas escolas, ela está retardando o próprio desenvolvimento como sociedade, mesmo que exteriormente pareça estar transformando-se. [...] Na verdade, vivemos uma época bastante conservadora, e não tão transformadora quanto as pessoas podem pensar. (Thomas ARMSTRONG, 2008a)

O apogeu de uma determinada forma de fazer ciência começa a ser questionado, e as suas lacunas, produção de invisibilidades e incoerências começam a ser desveladas. A questão racial é um dos temas que provocam esse processo. [...] Apesar de a universidade sempre apregoar que é uma instituição aberta ao novo, é preciso admitir que existem, no seu interior, setores muito fechados e muito conservadores, sobretudo, no que se refere à relação com os movimentos sociais e suas demandas ao campo do conhecimento. (Nilma Lino GOMES, 2008)

Você tem [na USP] um grupo altamente conservador e que entende que esta é, sempre será e deve continuar sendo uma universidade de elite. E o resto que se dane. O compromisso social da universidade não os afeta. Você tem grupos que defendem fortemente que esse compromisso social é da maior importância. Eu, Selma, faço parte desse grupo que acredita que a universidade existe para que o mundo fique melhor do que está. (Selma Garrido PIMENTA, 2008)

As Ciências Naturais não são tão liberais quanto as Ciências Sociais. Ainda assim, os professores daquelas são mais liberais do que a população em geral. E por que há uma diferenciação entre campos? Fundamentalmente, isso está relacionado às conexões entre as disciplinas e outras áreas da sociedade. As disciplinas mais ligadas aos setores conservadores da sociedade tendem a reunir um elenco mais conservador. As mais ligadas a questões sociais e artes atraem mais liberais. (Neil GROSS, 2013)

Não adianta entregar bons livros para docentes incapazes de interagir satisfatoriamente com eles. Não admira que os livros mais conservadores e menos exigentes sejam exatamente os mais escolhidos pelos docentes: sua formação deficiente não lhes permite fazer um uso autônomo, criativo e crítico das obras didáticas de ponta. Por isso é que insisto: antes de pensar em mudar o que acontece nas escolas, é preciso mudar o que acontece na formação docente. (Marcos BAGNO, 2015)

Existem pessoas e setores que estão realmente buscando uma transformação dos sistemas educacionais, mas os sistemas de ensino são muito complexos e neles

existem professores, dirigentes e gestores conservadores, além de pais que acreditam que o mais efetivo é tornar os métodos tradicionais mais interessantes. Ou seja, essencialmente não há uma revolução da educação. [...] A lógica dos grandes projetos, a maneira como eles funcionam, acaba por induzir à sustentação das práticas mais tradicionais em educação. (John TRAXLER, 2015)

[Ideologia de gênero] é um nome que o pensamento conservador inventou para abarcar qualquer discussão que se faça sobre as diferenças nas identidades sexuais, nas orientações sexuais etc. Mas o conceito não existe. [...] O que existe é o conceito de gênero, que o feminismo toma da psicologia social nos anos 1970 para falar sobre as relações de desigualdade e subordinação entre homens e mulheres, nas quais os lugares do homem e da mulher são uma construção social. (Carla Cristina GARCIA, 2019)

PROMESSA

A escola está no rol das promessas eleitorais. A prefeitura constrói sem dificuldades a rede física, mas não se dispõe a pagar o professor habilitado. Isso acontece com muita frequência na zona rural, onde 70% dos professores são leigos. O professor leigo aceita trabalhar em condições precárias, com contrato provisório, sem carteira assinada e por baixos salários. Na maioria das vezes, ele consegue trabalho na escola porque está atrelado a algum político da região e, justamente por isso, está sujeito à rotatividade. (Maria Teresa Marques AMARAL, 1987)

[As crianças] se perguntam quem é o “burro” nesta sociedade. O pai de família que trabalha duro e nunca consegue pôr o necessário em casa? Ou o trambiqueiro que, sem muito esforço, consegue estar sempre cheio da grana. A escolha é entre a honestidade e a esperteza e não entre a burrice e a cultura. [...] Elas percebem que tudo o que os adultos dizem com respeito à escola não é bem a verdade. A instituição escolar se apresenta com promessas que não pode cumprir. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

É necessário evitar conclusões apressadas quanto à aceitação pelos consumidores da ideologia que produz e que transmite a indústria cultural. A apropriação pode mesmo contradizer o sentido pretendido: por exemplo, a invenção de outras existências femininas possíveis a partir da leitura dos “romances cor-de-rosa” que, no entanto, reforçam todos os estereótipos fundadores da dominação masculina e dos papéis atribuídos às mulheres. Como se a leitura importasse mais do que aquilo que é lido, como se esse ato de liberdade fosse vivido como uma promessa de emancipação. (Roger CHARTIER, 2000)

O trabalho explorador da mão-de-obra juvenil é aquele que inibe ou inviabiliza o potencial do educando, ou seja, as promessas que trouxe consigo ao nascer. Já o trabalho verdadeiramente educativo é aquele que reconhece o trabalho como princípio educativo. O melhor caminho para identificá-lo é por meio da percepção de que nele a dimensão produtiva está subordinada à dimensão educativa, à dimensão formativa. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2006)

São necessários US\$ 11 bilhões para educar todas as crianças [do mundo], e metade desse dinheiro deveria ser investido pelos países ricos. Isso significa US\$ 5,5 bilhões, não é grande coisa, eles podem oferecer. Mas, até agora, apenas US\$ 700 mil foram entregues. Então, até que as promessas sejam cumpridas, as crianças estarão fora da escola e lhes serão negados seus direitos fundamentais e sua infância. Eu digo que chega de promessas. Agora, precisamos de ação. [...] Quando você promete para crianças, você cumpre. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Há dois eixos de ações públicas para o jovem: um é compensatório, são programas, que vão da esfera municipal à federal, destinados a jovens em condições de “vulnerabilidade”. Outro é aquele que enxerga o jovem como um sujeito de demandas múltiplas e que deve usufruir melhor de sua condição juvenil: cultura, esportes, lazer. Para o trabalho, houve muita timidez em termos de políticas públicas. [...] A política do primeiro emprego ainda é uma promessa. (Marília Pontes SPOSITO, 2007)

Sabemos mais sobre o que funciona [na educação inclusiva]. A promessa de práticas validadas ou baseadas em pesquisa para a escolaridade urbana é muito boa. Ações em múltiplos níveis para intervir precocemente, evitar muitos anos de fracasso e ajudar aprendizes com dificuldades no nível que necessitam estão produzindo ótimos resultados. Os educadores precisam sentir-se confiantes e utilizar novos métodos. (Deborah Deutsch SMITH, 2008)

A secretária [estadual de educação de São Paulo] Maria Helena Guimarães Castro conta que, um dia, decidiu que todos podiam mandar *e-mails* para ela. Bum! Chegaram milhões de *e-mails*. E apareceu um furioso, “cuspiendo marimbondo”. Ela respondeu, amavelmente, mas sem dizer muita coisa, sem fazer nenhuma promessa. No segundo *e-mail*, a pessoa estava mansinha. Ela só queria ser ouvida! Esse lado do ensino público é muito ruim. Eles cuidam muito mal dos professores, não fazem com que eles se sintam valorizados. (Claudio de Moura CASTRO, 2009)

Nos anos [19]90, as políticas de mercado, baseadas no prêmio a escolas bem posicionadas, não fizeram justiça às promessas que faziam. Hoje existem muitas discussões sobre a ineficácia dos *rankings*, por diversas razões. Há uma questão central, que se refere aos níveis obrigatórios e não obrigatórios. No ensino universitário, o mérito é o critério fundamental. Mas você pode escolher se quer fazer universidade ou não. No caso dos ensinos fundamental e médio, todas as crianças e jovens são obrigados a passar pela escola. (Alejandro TIANA, 2010)

Na educação, significa que finalmente há a promessa de pensar a sala de aula com uma visão distinta. A visão do professor como tutor e facilitador não é algo novo. O tema agora é como tornar isso possível. As tecnologias prometem uma plataforma para essa mudança, que não funcionará com um clique. Temos de afastar a ideia de simplificação do sistema educativo. Ao simplificarmos, passamos a acreditar. (Marcelo CABROL, 2011)

O computador sem internet fica muito próximo de uma máquina de escrever. Não há motivação quando a banda larga não funciona, quando a conexão não funciona. Aqui nós temos outra falha enorme do governo brasileiro. Há uma espécie de promessa, a sociedade fica aguardando a efetivação disso tudo, que nunca acontece. É uma questão para ser resolvida ontem: internet funcionando com banda larga nas escolas. Mas a política pública não funciona, lamentavelmente. (Marco SILVA, 2011)

[A escola tem] contra ela a frequente falta de atrativo, em parte consequência de suas importantes funções sociais, mas também da inércia por ter contado sempre com um público cativo, o que a levou a se acomodar. Prova da gravidade do processo é que a rejeição à escola já não vem apenas dos alunos da classe trabalhadora, do campo ou das minorias, que não se identificavam com a cultura escolar ou não acreditavam em suas promessas, mas também, e cada vez mais, de alunos de classe média. (Mariano Fernández ENGUITA, 2012)

Esta perspectiva propõe que se olhe para a infância para além de uma fase da vida, o que significa compreendê-la em suas especificidades, nos modos como ela se apresenta hoje e não como deveria ser, como promessa para um futuro, que apenas tem sentido na vida adulta. Assim sendo, não há um modo absoluto de

conceber a infância, uma vez que as ideias em torno desse tempo de vida ganham sentido na sociedade e na época em que são forjadas. (Raquel Gonçalves SALGADO, 2014)

Os [pais] que participam tornam-se muito exigentes em relação à política. Toda vez que temos eleições nacionais ou locais, os pais convidam os candidatos de todos os partidos e perguntam o que eles pensam a respeito da educação, que investimentos pretendem fazer. É claro que promessas em tempo de eleições são fáceis, mas é importante sentir essa união, tanto entre os operadores quanto entre as famílias. (Paola STROZZI, 2014)

A busca contínua por novas formas de escolas será mantida; veremos mais testes, responsabilização e grupos clamando por currículos melhores; haverá promessa de mais tecnologia, aplicativos e recursos; veremos, cada vez mais, as escolas levarem a culpa pelos males sociais ou serem compelidas a resolvê-los; veremos uma crescente exigência por cada vez mais dinheiro; [...] seremos solicitados a novamente remodelar os currículos, acrescentar mais matérias e acrescentar mais conteúdos para os alunos aprenderem. Tudo isso com pouco ou nenhum efeito. (John HATTIE, 2017)

SALVAÇÃO

Como a leitura, em muitos países – assim como no Brasil –, ainda é um ato cercado dessa ideia de salvação, as entidades internacionais ligadas à educação e à cultura estabeleceram uma espécie de pacto para promover e incentivar a leitura. O que importa é ler. Sem pensar sobre o que é essa leitura, sem situá-la historicamente. Isso acontece lá fora e o Brasil imita, da mesma forma, sem pensar no leitor, que deveria ser o sujeito dessa leitura. (Edmir PERROTTI, 1990)

Se a comunidade não reclama, não está representada, nem define as prioridades para o uso das verbas, isso [o mau uso das verbas] pode acontecer mesmo. Pode demorar 50, 100 anos, mas não há salvação para a escola fora da sociedade. Esta é que terá que definir qual é a escola que deseja. Só ela poderá dizer se a prioridade é o carpete, a compra de livros ou o aparelhamento dos laboratórios. (Moacir GADOTTI, 1991)

O Conselho de Escola não é o único caminho para construir uma escola mais digna. Centrar esforços apenas no Conselho pode levar a um outro centralismo. Todos os envolvidos nessa tentativa de mudar a escola têm que pensar também em outros canais democráticos, [...] enfim, pôr a criatividade para funcionar aproveitando o espaço socializante que a escola já é, por natureza. Uma escola pode estar integrada no bairro sem ter Conselho. Ele é importante, mas não é a salvação. (Marília Pontes SPOSITO, 1991)

Em [19]79, discutia-se a função compensatória da pré-escola. E os métodos baseados em Piaget eram grandes respostas. Com 10 anos de trabalho na área, eu queria saber, pensando mais teoricamente, até que ponto a pré-escola poderia ser a grande tábua de salvação – e, absolutamente, acho que ela não é, embora seja um direito fundamental de todas as crianças. (Sônia KRAMER, 1995)

Os analistas – e muitos deles eram, antes, progressistas – caem numa postura fatalista, de que não há salvação, de que a vida tem que ser assim mesmo, porque o máximo que o neoliberalismo vai fazer é amaciar um pouco a fome dos 30 milhões de miseráveis do Brasil. Eu não aceito isso. Não posso compreender que o homem e a mulher, que inventaram a existência, a linguagem e a tecnologia, façam da tecnologia um instrumento de morte de si próprios. (Paulo FREIRE, 1995)

Num cenário tão claramente mal orientado como o atual, em especial nas grandes cidades, o professor, em particular, e o educador, em geral, devem perceber o quanto ficaram no papel de “salva-vidas” de crianças e jovens muito solitários, cujos pais e mães excessivamente autocentrados tendem, mesmo inconscientemente, a esperar que a escola assuma quase integralmente o papel de provedora de socialização, moralização, culturalização, intelectualização e afetividade para seus filhos. (José Ernesto BOLOGNA, 2004)

Não que qualquer método sirva, mas pode-se ter mais de um método que seja eficaz no processo de alfabetização. Isso significa adotar uma postura plural em relação à metodologia. Significa que não vamos transformar o construtivismo em doutrina, mas também não vamos abdicar de usá-lo. Não posso transformá-lo em

salvação do mundo letrado, mas não posso transformá-lo em demônio. (Maria José FÉRES, 2004)

Ocorre que temos o hábito de secundarizar os problemas econômicos e o papel dos nossos governantes para admitir que se nossos filhos forem educados por bons professores terão um futuro bom e garantido. Isso é meia verdade. Por outro lado, cabe a pergunta: “Quem tem o compromisso de garantir uma ótima escolarização?”, “Apenas o professor?”. Infelizmente é essa a imagem divulgada, que o professor é o salvador da pátria. (Paulo MEKSENAS, 2004)

Veja o caso da Argentina. As imagens de pobreza são dos últimos anos. E esse povo que está pedindo esmola, perdendo casa, não tem condição de frequentar a escola. A educação não vai ser a salvação deles, mas a capacidade de trabalho. Tanto na sociedade como no Estado há uma crise. O crescimento atualmente no Brasil é sem mobilidade social, ao contrário do que acontecia até os anos [19]70. (Sérgio HADDAD, 2005)

Nós todos tivemos a chance de encontrar dois, três, quatro professores formidáveis, que mudaram as nossas vidas. Todos nós temos esta experiência. De 10 professores, há oito ruins, mas dois são geniais. E isso salva a escola inteira. [...] Apesar de tudo, mais uma vez em termos de socialização, a escola normal, se posso dizer isso, é indispensável, como é essa relação com grandes professores. (Luc FERRY, 2010b)

É fundamental lembrar que a educação ambiental ou a ecopedagogia são práticas sociais do mundo da educação – e a educação nunca pode ser vista como a salvação do mundo. Ela é um componente essencial para a construção da autonomia, da reflexividade, da capacidade crítica e do exercício da cidadania; porém, como tudo o que faz parte da prática social, vive as contradições que são próprias de tal sociedade. (Carlos Frederico Bernardo LOUREIRO, 2010)

O construtivismo acredita que os processos de conhecimento e desenvolvimento se realizam por uma qualidade de interação interdependente. Aquele que se desenvolve ou aprende influencia e é influenciado pelas pessoas e coisas com as quais interage. [...] O construtivismo é otimista e positivo, mas realista. Daí o encanto com que apressadamente nos agarramos a ele como salvação nacional e daí o desencanto que ora nos abate, porque ele não cumpriu, nem poderia cumprir tão cedo, tão rápido, e tão bem nossas expectativas. (Lino de MACEDO, 2011)

Não existe ponto de salvação para uma criança além de seu ambiente social. É do meio social que vêm os obstáculos ou os recursos. Quem pensa que o aluno pode encontrar “em si mesmo” as forças para sair do fracasso escolar, contra ventos e marés, está redondamente enganado. As forças que ele pode ter, ainda que fracas, são os recursos externos interiorizados. (Bernard LAHIRE, 2012)

O aprendizado tem algo de traição, no sentido de que leva de um lado para o outro. Não é à toa que se mistura traição e tradução. Só que, quando você é filho de pais analfabetos e aprende a escrever numa variante linguística diferente, sente que está traindo as tuas origens. E, com uma professora insistindo que a educação é a única salvação para sair “daquilo” – é uma desvalorização do

“daquilo” tremenda, da favela, do ser pobre – que é terrível esse sentimento de traição. (Beatriz BRACHER, 2017)

A educação infantil é a etapa mais precarizada da educação básica, dos pontos de vista da oferta, do atendimento, das condições, e a avaliação precisa ser um instrumento que contribua. Ela não vai salvar o mundo, resolver todos os problemas da gestão. Mas uma avaliação bem-feita, que traga e dê informações relevantes, robustas para a gestão, ajuda a pensar como você organiza ou reorganiza os processos dentro da rede, para onde canaliza recursos humanos e financeiros. (Cláudia Oliveira PIMENTA, 2017)

PROIBIDO

A LDB diz que a universidade não pode criar cursos fora da sua sede física, do seu campus. Como eles podem dizer que não pode, que é proibido, se eles mesmos aceitam o ensino a distância? Poderiam até exigir mais condições tecnológicas para os cursos fora de sede, por uma questão de garantia de qualidade e uniformidade. Mas proibir é absurdo. (Adib SALOMÃO, 1997)

Antes se determinava nos documentos oficiais que a criança ia entrar no mundo da língua escrita aos seis anos, antes dessa idade era proibido. Há 20 anos era proibido ensinar a ler e escrever na Educação Infantil e hoje há países no mundo em que esta proibição ainda permanece. Em alguns países hoje em dia a experiência pré-escolar é riquíssima, é sumamente importante. (Emilia FERREIRO; Ana TEBEROSKY, 2000)

Infelizmente, a matemática do papagaio ainda é praticada em um grande número de salas de aula no mundo todo, inclusive em nações ricas, como os Estados Unidos. [...] Outras áreas importantes da disciplina [além da Aritmética], que não se prestam à simples memorização, como a Geometria, ficam desprezadas. Além disso, as crianças são proibidas de usar calculadoras e não têm espaço para desenvolver o raciocínio ou inventar estratégias de resolução de problemas originais. (Thomas O'BRIEN, 2000)

No Brasil, há cartilhas que ensinam a montar uma empresa, a usar a internet, a exportar mais, mas é proibido o termo “cartilha de alfabetização”. É um anátema. Uma cartilha o que é? É algo inicial, simples. O bê-á-bá do empresário está em cartilhas, não está? Mas o texto didático adequado para alfabetizar uma criança é proibido, porque se você fizer um livro desses vão te dizer que é um “pré-texto” e não pode. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2004)

Paulo [Freire] tinha consciência de que se aquela experiência, iniciada em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, fosse ampliada para todo o Brasil, a elite reagiria, porque aquilo alteraria profundamente as forças do poder, já que o voto do analfabeto era proibido e, por outro lado, a comprovação da condição de eleitor era avaliada pela simples condição de assinar o próprio nome. Mais que alfabetizadas, seriam milhões de pessoas conscientizadas, que talvez começassem a fazer perguntas. (Nita FREIRE, 2006)

[Na China] existe um braço do PC, a Juventude Comunista Chinesa, que controla essas organizações [universidades estrangeiras no país]. Aqui no Brasil não teria nem começado, muito menos num governo do PT. Aqui é proibido contratar professor estrangeiro. Eu duvido que o governo brasileiro admitisse uma universidade estrangeira que estabelecesse suas próprias regras curriculares. (Mailson da NÓBREGA, 2006)

Podemos dizer que o conceito de Estado laico hoje é usado de diferentes formas, inclusive a serviço de partidos políticos. A França, por exemplo, tem uma definição e aplicação desse conceito muito restrita. Símbolos religiosos são proibidos na esfera pública, portanto nem professores nem estudantes podem portá-los, como acontece com o uso do véu por mulheres muçulmanas. Praticar

ou exibir esses símbolos é possível apenas na esfera privada ou nas comunidades religiosas específicas. (Aude Valérie BUMBACHER, 2009)

Deveria ser proibido isso [ranquear escolas a partir do ENEM]. Há um desserviço à população com esse tipo de informação, porque o ENEM é uma prova voluntária. Não é possível afirmar que uma escola é melhor que outra, porque o critério de execução do exame pode ser completamente diferente de uma instituição para outra. Também não há nenhum sentido em estabelecer comparações de um estabelecimento com outro no mesmo ano, nem dele com outro no ano anterior, porque não é possível ter uma amostra correta. (Guiomar Namó de MELLO, 2009)

Muitos professores têm dificuldades com as novas tecnologias, enquanto os alunos já sabem fazer mil coisas na internet. Por que o professor não aproveita esse conhecimento que já existe? Há escolas que ainda trabalham com mimeógrafo. Como é que um professor vai dialogar com um aluno se ele traz um mimeógrafo, enquanto o aluno está vendo coisas no *YouTube*? Por que o professor proíbe o celular, quando esse é o espaço social do aluno? [...] No passado foram proibidas televisão e histórias em quadrinhos, e hoje ambas fazem parte do material didático. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Então tem hoje um jovem preparado para o mundo do emprego, mas o mundo do emprego não existe mais. O Caetano Veloso falava, já na década de 1960, em *É Proibido Proibir*, sobre ficar tentando matar amanhã o inimigo que morreu ontem. Não há uma adaptação, e isso não é um problema do jovem, e sim da estrutura de formação que se criou para ele. As universidades e os cursos técnicos não o preparam para o mercado de trabalho atual, e sim para o de até 20 anos atrás. (Wanderley CODO, 2010b)

Hoje, pelas novas leis, é proibida a vivisseção dos animais. Portanto, existem muitos *softwares* que permitem que você faça isso *on-line*, a fim de que os alunos consigam observar isso [fenômenos anatômicos e fisiológicos]. Além disso, durante uma prática experimental podem surgir dúvidas, porque um dos passos do método científico é a própria problematização. (Vanda Gusmão DOBRANSKI, 2014)

A escola precisa trabalhar a interdição moral do racismo, quer dizer, ensinar que se trata de uma proibição imposta com autoridade. Os alunos precisam aprender que frases com essa conotação são não só ruins, são proibidas. É preciso explicar isso a todos e os educadores têm essa obrigação. Educar também tem a ver com explicar aos estudantes que não podem dizer ou fazer certas coisas. (Pap NDIAYE, 2014)

Em 1808, o Brasil era dominado pela escravidão, pelo analfabetismo, pela concentração de riquezas, pelo isolamento e pela rivalidade entre as províncias. Havia poucas escolas, a circulação de livros e jornais era proibida e, de cada três brasileiros, um era escravo. Esse cenário não mudou muito durante os 67 anos de Monarquia. O Império brasileiro falhou na tarefa de educar as pessoas, na distribuição de riquezas e na incorporação dos escravos na sociedade produtiva brasileira como cidadãos de pleno direito. (Laurentino GOMES, 2015)

Crianças de 1 ano e meio ou 2 têm necessidade de explorar e acabam fazendo coisas “proibidas”. O fato é que, se a criança não pode mexer, o objeto não deve estar a seu alcance. Quando isso não ocorre, inicia-se uma luta. Os adultos brigam, insistem em dizer que algo é proibido até perderem a paciência. Esse processo de socialização pode acontecer de maneira tranquila. A relação com bebês deve ser livre dessas formas de violência. Autogovernar-se é uma tarefa difícil que deve ser ensinada com a criança e não contra ela. (Anna TARDOS, 2016)

Aqueles que estarão habilitados a ensinar religião terão de ter algum tipo de credenciamento das próprias confissões. Vai ser o pastor, a freira, o pai de santo, alguém que tenha um credenciamento. E isso caracteriza o Estado subsidiando as diversas confissões, o que é incorreto, inconstitucional e expressamente proibido pela Constituição. (Oscar Vilhena VIEIRA, 2017)

PERMITIDO

Para os partidários da obediência não há por que se dar ao trabalho de pensar, uma vez que para eles o pensar já foi feito e resultou num saber absoluto. Para eles o dia a dia é mais fácil se não pensarem, não questionarem, não quiserem nada além do que é permitido pela ordem estabelecida. Essas pessoas não percebem que são os homens que criam as instituições e que são eles que podem repeti-las, empobrecê-las ou enriquecê-las. Podem até modificá-las radicalmente como fruto do pensamento e da vontade de cada um. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

Eu crio uma espécie de “contrato de trabalho”. No início do ano, combino com os alunos o que é permitido (e o que não é) dentro da sala de aula. Podem duas pessoas apontar o lápis ao mesmo tempo? Vai dar certo? Ou eles vão ficar conversando? E a professora? Pode chegar arrastando chinelo? O resultado é que eles cobram, de si próprios e de mim. E isso é muito bom. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

O “ficar” é uma liberdade que está disfarçando uma censura. Ele provoca muito ciúme. Os adolescentes se queixam disso, só que apenas na intimidade. Há um pacto entre eles de que o ciúme do namorado é permitido, mas o do “ficante” é altamente censurado. Então, quando você me pergunta se o “ficar” veio para ficar, eu diria que não, porque o problema do ciúme não foi resolvido. Ele faz parte da natureza humana. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

No período em que foi feita essa proposta [de cotas para as mulheres na docência], ela foi revolucionária, porque significava tirar a mulher do lar e colocá-la numa função social no jardim de infância. Isso encontrou resistência na Alemanha, onde chegou a haver perseguição e fechamento das escolas, tanto é que foi a partir daí que o jardim da infância foi proibido na Alemanha. Ele tirava a mulher do lar, o que não era permitido. Em outros países, esse foi um dos primeiros espaços públicos em que as mulheres tiveram legitimidade para atuar. (Maria Malta CAMPOS, 2002)

Às vezes, ele [o professor do sexo masculino] é o único dentro de um grupo grande de mulheres. Por isso, pesa sobre ele a responsabilidade do sexo masculino, ou seja, ele é visto como o grande pai. Quando é preciso chamar a atenção de um aluno, delegam essa função a ele – que não pode se constituir em um modelo de masculinidade como deseja. Não é permitido ao professor, por exemplo, agir com ternura, criatividade e sensibilidade. Se ele assume esse lado, vira motivo de chacota. (Alicia FERNÁNDEZ, 2007)

Existem algumas famílias que optam por educar seus filhos em casa, em vez de mandá-los para a escola, e isso é permitido [na Inglaterra], desde que os pais demonstrem competência para educá-los. Na prática, as únicas pessoas que escolhem esse caminho são de classe média, têm bom nível de instrução, salários relativamente altos e fortes convicções sobre a educação dos filhos. (Sonia JACKSON, 2007)

[No meu curso de Educação Física] aprendíamos muitos joguinhos, muita técnica esportiva, mas pouco conhecimento científico, pois ainda não existiam muitas pesquisas na área. Isso ocorreu entre os anos de 1967 e 1970 e, de um jeito ou de outro, foi uma experiência que ficou. Naquele período, nós tínhamos um vestibular prático. Vocês imaginem como foi difícil para mim, uma menina do interior que quase não tinha prática esportiva, porque esporte não era atividade permitida para mulher recatada. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

[O “jeitinho” ocorre na escola] quando as faltas de um aluno são abonadas para que ele não seja reprovado, por exemplo. Com essa atitude, o professor – que é uma referência para crianças e jovens e, por isso mesmo, deveria combater esse tipo de comportamento – passa a mensagem de que isso é aceitável, permitido. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

O Brasil é um dos países que mais têm escolas democráticas no mundo. No alto Rio Negro, na Amazônia, existem umas 80 escolas indígenas que estão se organizando dessa forma e têm tudo a ver com a cultura indígena. Em 1995, quando terminei a pesquisa do que viria a ser meu livro *República de Crianças*, não encontrei nenhuma escola democrática brasileira, até porque antes da LDB não era permitido se criar uma escola assim. (Helena SINGER, 2008)

É importante que a calculadora faça parte do material escolar. Se um educador é bem formado em Matemática, deixa que a garotada recorra a ela. Nesse caso, o equipamento precisa ser aceito também nas provas. Ouvi que no Brasil isso não é permitido, o que não faz sentido. Quando esse recurso é empregado de maneira inteligente, o aluno se torna capaz de questionar, estimar e ser cético. (Jeremy KILPATRICK, 2009)

A mulher foi o grande artífice da difusão da literatura no Brasil. Na verdade, isso também aconteceu na Europa. Como tudo no Brasil do século XIX era influenciado pela cultura francesa, importou-se também esse modelo. E como a mulher vivia reclusa e sob um regime social muito opressivo, o que restava de permitido era a leitura, dentro de casa. Tanto que todas as obras de José de Alencar, especialmente os primeiros romances, são dirigidas ao público feminino. (Mauro ROSSO, 2009)

A geração de nossos pais tinha a ideia de que uma palmada ou um puxão de orelha não só eram permitidos, como também eram corretos no processo formativo. Temos aí duas questões: a primeira é que não precisa e a segunda é que há outras formas. Não precisa porque é violência, e violência é tudo aquilo que não pode ser conversado. O ato de bater está dizendo à criança que existe algo que não pode ser conversado, pensado, dito. Embora uma palmada seja bem diferente de uma surra, emocionalmente elas se aproximam. (Celso GUTFREIND, 2010)

A única forma de uma empresa sobreviver é oferecer um produto que atenda a necessidade das pessoas, e isso é bom. Nós temos necessidades de locomoção, de alimentação, saúde, e é bom que existam empresas que estão preocupadas em nos atender. Agora, uma vez que é permitido entrar na escola, podemos estar justamente comprometendo toda uma base de valores do que é certo e errado. Mesmo que isso esteja num contexto “pedagógico”. (Ana Maria Dias da SILVA; Luciene Ricciotti VASCONCELOS, 2012)

Nessa nova realidade, cada um pode seguir em seu ritmo, dar passos de acordo com o tempo de que necessita para compreender. E, se você sabe algo que eu não sei, podemos falar durante a aula, o que raramente era permitido antes. Você pode me ajudar, eu posso ajudá-lo e o professor pode dar atenção especial a um ou dois alunos de cada vez, conforme suas necessidades. (Salman KHAN, 2013)

As crianças estão vivendo em tempos em que tudo pode, tudo é relativizado, e isso é perigoso. É muito importante que se tenha pontos fixos no processo de educação e formação, com noções de certo e errado, bom e mau, ético e não ético, mesmo que essas noções sejam dos pais e não um consenso da sociedade. Hoje nós temos ausência total desses pontos fixos. Tudo pode, tudo é aceito, tudo é permitido. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

AUTORIDADE

Devemos nos colocar em uma posição de igualdade, onde, com respeito, também digamos “Ei, eu não aceito isso que você está fazendo”. Ou seja, é um jogo de autoridade que não podemos negar, mas junto com esse jogo de autoridade há um jogo de igualdade no qual, às vezes, os alunos nos dizem coisas que não são gratificantes, como “esta aula está muito chata”, “acho que não estamos avançando”, “creio que estas estratégias não têm muito sentido”, e eu tenho que aceitar que talvez não tenha todas as respostas metodológicas solicitadas pelos alunos. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Os adolescentes não suportam mais serem tratados como receptáculos de conhecimentos, valores, atitudes e habilidades. [...] Os jovens precisam de limites e, de certa forma, os reivindicam. O limite da autoridade deve ser o respeito à integridade física, psicológica e moral dos educandos. Nós, educadores familiares e escolares, devemos ser exigentes com os nossos filhos e alunos. Mas não devemos, jamais, colocar a exigência antes da compreensão. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2003)

Aluno tem autoridade de aluno, grupo tem autoridade de grupo, educador tem autoridade de educador. A organização da autoridade, das ações, de saberes, de autoria e poder é o grande lema da liberdade, porque a liberdade não é individual, é social, e por isso que existe escola, para este mundo ético, da cidadania, este mundo onde não existe “tia”, Não é tia, não, é profissional, é professora, tem um nome. (Madalena FREIRE, 2004)

Quando existe uma verdadeira comunicação de mão-dupla entre o professor e seus alunos, o momento vai sinalizar qual a melhor atitude. Ser um professor amigável não significa tornar-se “fantoche” nas mãos dos alunos; pelo contrário: o amigo mais experiente, nessas horas, tem condições de exercer sua autoridade. (João Roberto GRETZ, 2005)

Supunha-se que os filhos dos pais pós-hippies teriam mais problemas com a autoridade do que eles verdadeiramente têm. Seus pais tiveram de conduzir uma grande cruzada em prol da flexibilização, o que levou a descobertas pedagógicas modernas extremamente importantes, como, por exemplo, levar em conta o processo de aprendizagem da criança para poder ensinar de um jeito que lhe ofereça condições de pensar. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

O computador desafia a autoridade do professor (tradicional) de matemática. [...] Um clique no *mouse* pode rapidamente conduzir a uma parte desconhecida do programa: O que fazer agora? Como sair daqui? O professor deve estar sempre pronto para enfrentar perguntas que podem não ser facilmente respondidas. A autoridade do professor tradicional está para ser quebrada dentro de segundos, e ninguém sabe sobre o próximo momento. Certamente, nem ele mesmo. (Ole SKOVSMOSE, 2008)

Autoridade é o exercício de uma diferença de posição que tem a ver com gerações, pais e filhos, professores e alunos, e que se exerce para, a partir daí, ter o que negociar. Porque, se não, é a desmoralização da escola. O filme do João Jardim, *Pro Dia Nascer Feliz*, é muito impressionante, porque vemos a diferença de

postura. Mesmo em escolas públicas muito pobres há alguns professores que acreditam no que estão fazendo e seguem alguma coisa e outros que negociam tudo. (Maria Rita KEHL, 2009)

A autoridade não está assegurada *a priori* por regimentos, por normatização, por um diploma ou por um cargo de autoridade. As famílias têm tido dificuldade de exercer essa autoridade sobre os jovens e crianças porque, para construí-la, é preciso ser um sujeito consistente, autônomo, ciente das próprias limitações. [...] A autoridade é algo que se constrói nas relações, que não existe *a priori*, não existe modelo. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

A autoridade é mais do que necessária, é vital no processo educativo. A criança entra no mundo da moral pela via da autoridade: a criança que segue uma regra não pensa se é justa ou necessária, mas quem mandou. Isso é uma etapa da vida. Com o tempo, por volta dos 8 anos, ela começa a questionar. A partir daí, só sou autoridade quando o outro me vê como autoridade. (Telma VINHA, 2009)

A liberdade precisa ser tutelada pela autoridade. Uma autoridade que cuida, muito mais do que uma autoridade que protege. O espaço da autoridade está reduzido ao espaço da autoridade legítima. Os paradigmas são outros e responder por que tem que ser assim é essencial para que um comando seja atendido. O espaço do autoritarismo é diretamente proporcional ao nível de alienação. Por uma questão de evolução dos tempos, esse espaço, hoje, é bem menor. (Júlio César FURTADO, 2010)

Boa parte das técnicas é de controle de sala de aula, mas outras tratam de valores, autoconfiança, expectativas e cultura escolar. Pode parecer que o autor é rígido, mas a ideia é ser respeitoso com o aluno, pois a escola é lugar de aprender, fazer o melhor possível, docentes e discentes. A autoridade não se adquire com rigor, mas com cordialidade e sendo generoso. Você deve convencer os alunos de que está com eles, não é uma autoridade pela autoridade; que quer ajudar. (Paula LOUZANO, 2011)

Quando o aluno comete um ato indisciplinar, está querendo testar a autoridade do professor. Isso é muito comum. Quando o professor manda o aluno para fora, quando o encaminha, qual é a primeira coisa que está dizendo? “Você me venceu! Eu não posso com você!”. No entanto, o aluno queria sentir a firmeza do professor. E como não sentiu, o que vai acontecer? Muito provavelmente, esse aluno vai, de novo, ter um outro ato indisciplinar para sentir essa segurança. (Celso dos Santos VASCONCELLOS, 2013)

A autoridade, no sentido de modelo, de exercer o importante papel de estabelecer limites, tem função estruturante no desenvolvimento da criança. Uma autoridade coerente, continente das ansiedades infantis, irá colaborar para tranquilizar a criança. Permitirá a experiência de parar para poder continuar a crescer. Experimentar, errar e tentar outra vez, sem sentir-se punido ou julgado por alguém importante, como pais e educadores, permitirá o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Há um desafio enorme na compreensão, por parte dos professores das escolas e também das universidades, sobre o papel da tecnologia na educação, pois

historicamente os professores ocupam a posição de autoridade. Eles são os detentores do conhecimento e têm a função de transmiti-lo. Mas atualmente muitas pessoas têm telefones celulares, têm acesso ao *Facebook*, à *Wikipedia* [...]. Se todos têm celulares e podem discutir com os amigos, aprendem a fazer coisas no *YouTube*, qual é o papel do professor? (John TRAXLER, 2015)

O sistema escolar de São Tomé e Príncipe é muito tradicional se comparado ao nosso sistema, mas é preciso contextualizar para não fazermos análises precipitadas. O professor é visto pelas crianças como uma autoridade, e a disciplina é bem rígida. Ele está sempre com um jaleco branco e, quando entra na sala de aula, todos os alunos se levantam, o cumprimentam e só assentam depois da permissão do professor. (Francisca MACIEL, 2016)

AUTORITARISMO

A Xuxa usa uma linguagem extremamente autoritária com as crianças e o programa não oferece absolutamente nada para elas. Todas as brincadeiras têm um fim comercial. É pular na piscina de bola para encontrar uma espada de tal marca, ou a boneca da Xuxa que usa maria-chiquinha de tal fábrica. É de uma indigência cultural que só não é pior porque a Xuxa neutraliza um pouco isso com a sua imagem bonita, agradável, carismática, que encanta as crianças. (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

Os pais de hoje foram adolescentes nos anos [19]60 e [19]70, décadas libertárias. Muitos têm medo de ser autoritários, o que é ótimo. Mas, entre o medo de ser autoritário e abrir mão totalmente da autoridade. Aí é que se encontra o problema. Além disso, a própria família hoje está organizada de forma diferente. A mãe trabalha e a criança fica muito tempo com outras pessoas. Antigamente, não era assim. (Yves de la TAILLE, 1999)

Por volta do século XVI, as disciplinas do saber e do comportamento se dissociaram e as escolas começaram a impor cada vez mais o conceito da disciplina pela disciplina – por exemplo, os alunos não podiam entrar na sala de aula a não ser em fila e sofriam castigos físicos por discordar do professor. Por quê? Porque sim. Ou seja, era uma disciplina sem justificativa, autoritária. A moderna pedagogia propõe outro modelo: uma disciplina justificada por conhecimentos. (Alfredo VEIGA-NETO, 1999)

Como um professor autoritário provoca estresse na classe, um excesso de cortisol e adrenalina é descarregado na corrente sanguínea dos alunos, causando esgotamento ou bloqueio no processo de memorização. Mas é curioso: esses mesmos hormônios, em quantidades moderadas – como as liberadas num estado positivo de alerta –, estimulam a produção de neurotransmissores importantes para o mecanismo da memória, como a dopamina e a serotonina. (Iván IZQUIERDO, 2000)

Na França, há um autoritarismo, uma dureza na relação entre adultos e crianças, que pode explicar por que a pré-escola não seguiu tanto o modelo psicológico e segue práticas técnicas e raízes nacionais. Como contraponto, podemos pensar no modelo de Fröebel, no qual se dá muita importância à família. O segundo elemento nessa nova visão é que a criança é considerada como um ator social. (Gilles BROUGÈRE, 2004)

O autoritarismo nunca é um bom caminho para nada. Quando o assunto é educação, é preciso conquistar os aprendizes por meio do respeito, do afeto e da troca produtiva de conhecimentos que se estabelece no dia a dia entre mestres e aprendizes. [...] Alunos são, antes de tudo, seres humanos. Crianças, jovens e adultos repletos de sonhos, desejos, anseios e, às vezes, traumas e revoltas. Não é por meio do autoritarismo que se toca o coração de ninguém. (Gabriel CHALITA, 2005)

Através do autoritarismo, através de forças repressoras, provas, a hierarquia é mantida dentro da sala de aula. Todos esses instrumentos funcionam como forças repressoras para que essa cultura professor/aluno, na relação hierárquica e

autoritária, seja preservada. Nós, professores, mesmo trabalhando no nível superior, somos tão castradores que inibimos os nossos alunos de formularem perguntas que tenham conteúdo crítico, criativo, fora do contexto. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

A escola não deve ser um espaço onde o autoritarismo reina, o castigo impera, a prepotência governa e a desigualdade domina. Não deve ser um lugar onde a criança entra mas não permanece, onde ela estuda e não aprende com prazer. Professores e crianças não podem ser pessoas cordatas, cumpridores de tarefas e repetidoras de ideias e conceitos. Não pode haver uma relação desigual entre a criança e o adulto. Nossos modelos não devem ser repassados como soluções, nossos conhecimentos não são os únicos verdadeiros. (Tião ROCHA, 2005)

A maioria das escolas promove exames, que não são uma prática de avaliação. O ato de examinar é classificatório e seletivo. A avaliação, ao contrário, diagnóstica e inclusiva. Hoje aplicamos instrumentos de qualidade duvidosa: corrigimos provas e contamos os pontos para concluir se o aluno será aprovado ou reprovado. O processo foi concebido para que alguns estudantes sejam incluídos e outros, excluídos. Do ponto de vista político-pedagógico, é uma tradição antidemocrática e autoritária. (Cipriano LUCKESI, 2006)

Na escola não se ensina como viver. Porque há disciplina, regras, autoritarismo. Em um processo de coeducação eu aprendo que posso admitir que estou equivocado e que o outro tem a razão e discutimos e aprendemos como construir uma relação. Em uma situação em que o professor está transmitindo verdades, essa possibilidade de relacionamento, de questionamento, de mudar os rumos das coisas não acontece. (Juan CASASSUS, 2009)

O professor não está escorado por todos esses pilares de mármore, felizmente não está, mas, ao mesmo tempo, ele tem uma posição de autoridade. Eu acho que a minha geração sofreu muito com a ditadura e ficou com horror do autoritarismo, passando a fazer uma confusão entre autoridade e autoritarismo. O autoritarismo é totalmente arbitrário, desmedido, punitivo e cruel. (Maria Rita KEHL, 2009)

Antes, tínhamos uma família hierárquica, mandava quem podia e obedecia quem tinha juízo. O nosso Estado também era autoritário. Hoje, as relações familiares e sociais não são mais tão verticalizadas, são, sobretudo, horizontalizadas. Isso deixou uma crise de autoridade para a escola. Está provado que o sistema punitivo não funciona, justamente pelas relações cada vez mais horizontais. Então, a gente deve construir relações com diálogo e respeito. É claro que isso implica alterar valores. Esse respeito não pode ser imposto. (Antonio Ozório NUNES, 2011)

Acredito que quase todos os sistemas educacionais do mundo têm um espírito autoritário, manifestado em diferentes graus. Eles usam *high-stakes testing*, testes que têm um impacto em alunos e professores, ao impor a todas as crianças um conjunto de conteúdos, valores e habilidades predeterminado por alguma autoridade. A China tem um sistema autoritário, mas eficaz. (Yong ZHAO, 2014)

Há diferentes perfis que impactam diretamente nos resultados da escola. O gestor autoritário faz a equipe produzir “aos gritos” e não aceita opiniões contrárias.

Embora esse perfil esteja totalmente ultrapassado, não condizente com as tendências mundiais, ainda existem profissionais com esse padrão de comportamento em algumas escolas. O gestor executor é aquele que “põe a mão na massa” e passa muito tempo com a sua equipe. (Sonia Simões COLOMBO, 2015)

O sujeito autoritário reivindica, bizarramente, seu direito de se expressar de modo preconceituoso, como se uma sociedade pudesse se tornar mais democrática por causa disso. A crença de que realizamos a democracia só porque falamos aquilo que nos vem à mente é de quem não reflete sobre os significados dos processos políticos, sociais e epistemológicos. (Marcia TIBURI, 2016)

SILÊNCIO

A discriminação racial se manifesta pelo silêncio. Verifiquei na minha pesquisa que o professor silencia quando presencia manifestação de discriminação racial entre as crianças. Ele não sabe o que fazer e por isso silencia. Com essa postura, faz mostrar à criança negra que ela também deve ficar calada. Até mesmo porque, se ela reagir, provavelmente será punida. Faz-se silêncio também em relação aos heróis e datas importantes da história dos negros. (Luiz Alberto GONÇALVES, 1988)

A criança de classe média tem livros, mas seu tempo é todo ocupado por outras atividades. As de classe popular só veem livro na escola, mesmo. Para elas sobram as bibliotecas, que se deterioraram, virando depósitos de livros. Os diretores de escolas devem se conscientizar de que a biblioteca é mais importante que a sala de aula. [...] Uma aula que vai trabalhar com um determinado livro também pode ser transferida para a biblioteca. E nada de pôr plaquinha de silêncio em biblioteca escolar. (Regina ZILBERMAN, 1989)

O silêncio também se produz nas relações sociais. Aí é que está a questão. Os sentidos desse silêncio vão sendo tecidos nas dinâmicas interativas em suas condições sociais de produção. O silêncio também é dialógico, por mais paradoxal que isso possa parecer. Para Bakhtin, a ideia de diálogo não é a de um diálogo face a face entre dois interlocutores, em que cada interlocutor tem seu turno de enunciação para depois o outro responder, com esses turnos se alternando. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

Toda boa obra artística tem seu mistério e isso desperta a criatividade do espectador porque gera interrogação. E, para tanto, não é necessário que alguém tenha estudado a história da arte. Interrogando, o espectador “olha em voz alta” – atua, aprende a ver as coisas em profundidade. [...] Se quem cria a obra fala, dialoga com quem a vê, a linguagem torna-se um elo, e a distância entre eles diminui. Construir um diálogo é útil na contemplação artística, até que não se sinta mais a necessidade de falar e só reste o silêncio. (Eulàlia BOSCH, 2002)

A educação espiritual transcende as questões religiosas. A meditação; a liturgia, a reverência, o exercício do silêncio. Este último, inclusive, eu considero fundamental para o bem-estar – e nós estamos perdendo esse valor. As pessoas têm medo do silêncio. Chegam em casa, sozinhas, ligam televisão, rádio, telefone, liquidificador, enceradeira. Morrem de medo de se escutar. (FREI BETTO, 2002)

Muitas vezes ele [o professor] se cala, justamente, porque já é difícil corresponder a tantas expectativas e atender algumas exigências burocráticas, que é mais fácil não falar nada para suportar. Mas a escola deve incentivar momentos para quebrar esse silêncio e o próprio professor deve se dar conta da necessidade de lidar com esse silêncio e buscar ajuda. Os professores devem conversar mais uns com os outros. (Lúcia KLEIN, 2004)

Existe um silêncio necessário entre as gerações. Sempre existirá. Há anos, a psicanálise adotava a política de que os pais conversassem tudo com seus filhos e tivessem um diálogo transparente. Isso não é realidade, hoje. Não porque não seja bom o diálogo da transparência, mas porque não existe nenhuma

transparência total. Pressupor que o pai explique para o filho toda a sua razão de educação pressupõe, também, que o pai saiba qual é essa razão. E o pai não sabe. (Jorge FORBES, 2005)

Com 60 alunos em sala, eu acho difícil [mudar a realidade das salas de aula]. Esse docente tem que não se transformar naquele professor espetáculo o tempo todo, mantendo a “bola no alto”, engraçado. Não é por aí, porque a curiosidade às vezes é muito discreta. Não é no meio da confusão, é no meio de uma meditação, é pensando em silêncio. Uma coisa que é essencial para os professores é não darem as respostas, é serem provocadores da inteligência dos alunos, fazerem pensar, porque é para isso que existe a escola, para ensinar as pessoas a pensarem. (Rubem ALVES, 2009)

O interessante é que a escola, inconscientemente, cria mecanismos para ele ficar lá mesmo não sabendo ler. Por exemplo, eles assumem a cópia da lousa para se afirmar como sujeito aluno. Copiar da lousa é a atividade preferida dos alunos. É um momento de silêncio em sala de aula. É incrível, aceitam. É o ponto de maior pacto com o professor. [...] O professor passa muita lição na lousa, eles copiam e é o momento que se sentem alunos. (Claudemir BELINTANE, 2009)

Descobrimos que no Chile e no Brasil despende-se o dobro dos minutos em transições de atividades ou interrupções, como pedidos de silêncio. Isso indica que a prática cubana é mais eficiente, mas também pode ter a ver com o tamanho médio das turmas. Em Cuba, as classes que analisamos tinham em média 17,9 crianças, enquanto nas brasileiras havia 27,9, e nas chilenas, 37,1. (Martin CARNOY, 2009)

A leitura do livro se criou, talvez por uma tradição mais burguesa de preceptores, como uma coisa que você faz no recôndito do seu quarto, em silêncio, recolhido. Você até pode fazer, mas só fará isso bem quando estiver dialogando com todos os livros que você já leu ao ler este livro, quando estiver dialogando com a personagem e as outras personagens todas que já encontrou em outros livros, então parece que você está fazendo uma leitura solitária, mas não é. (Eliana YUNES, 2010)

Nos currículos de formação inicial de professores, nas licenciaturas, há um certo silêncio em relação à questão da indisciplina e violência nas escolas. Nas universidades, não estamos preparando os futuros professores para alguns dos principais desafios da profissão. Parece persistir a crença de que docentes bem preparados são aqueles que dominam conteúdos e métodos de ensino. Em complemento, a formação continuada, em serviço, também apresenta viés. (Joe GARCIA, 2011)

Quem elabora um teste padronizado deve querer o menor erro randômico possível. Não queremos que o aluno sente ao lado de alguém que faz barulho, ou que chute as respostas das questões. Queremos identificar o real conhecimento do aluno. É por isso que há um procedimento para testes de grande importância. Os alunos devem sentar quietos, deve existir silêncio e assim por diante. A ideia é garantir que quem faz a prova estará descansado, preparado e no lugar adequado para fazê-la. (Gregory CIZEK, 2013)

Se ele [o professor] tem essa consciência, essa noção de que ele é o ator principal, ele precisa ter um plano B. Se tudo falhar, inclusive o plano B – e eu já vi isso acontecer em sala de aula com outros professores –, o ideal é fazer um minuto de silêncio, igual àqueles que a gente vê muito quando se perde alguém importante. Nesse minuto de silêncio, cessa tudo, para os alunos, mas na cabeça do professor, ele começa a trabalhar alguma informação para que possa retomar o controle da aula. (Jadir de Souza MENDES, 2013)

[O *bullying*] pode ser ato de uma só pessoa, em particular, mas vai tomando vulto à medida que é estimulado pelo grupo, seja pela adesão deste – o que leva a vários agressores –, seja pelo silêncio que, em última instância, é um indicador de aprovação. Também quando as testemunhas se calam por medo do agressor elas estão estimulando seu comportamento. (Tania PARIS, 2017)

BARULHO

A grande maioria dos professores não recebeu nenhuma instrução específica para selecionar alunos para serem submetidos a testes de inteligência. O professor se vale, em primeiro lugar, do fator repetência; em segundo, da assimilação lenta. Depois vêm apatia e desobediência. O professor também se vale de critérios comportamentais, levando em conta coisas como o barulho que a criança faz em classe, se a criança é irritada. Ora, essas características são comuns ao grosso da escola pública. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

Quando está aprendendo, a criança cria palavras: ela diz, por exemplo, eu “fazi”, uma palavra que nunca ouviu. Tenho anotado vários exemplos, como o de uma criança que disse que estava “barulhando” muito lá fora. Ou seja, criou o verbo barulhar, vindo de barulho. A criança está aplicando as tais regras chomskianas, está sendo criativa na sua língua. Mas, na medida em que alguém diz para ela que o certo é “está fazendo barulho”, essa criatividade vai sendo abandonada em benefício da automatização. (Magda Becker SOARES, 1995)

Quando se solta um pedaço de giz de certa altura, ninguém percebe que a velocidade aumenta com a queda. Mas, se soltamos o giz de alturas cada vez maiores, percebemos que ele produz barulhos progressivamente mais fortes ao bater no chão, porque sua velocidade vai aumentando. Ora, esse foi um argumento utilizado por Galileu, no século XVII. E pode perfeitamente ser reproduzido em sala de aula. (Roberto de Andrade MARTINS, 1998)

Havia lá 14 contêineres que abrigavam 700 crianças de Ensino Fundamental. Esses contêineres são vagões usados no porto para carregar mercadorias para os navios. São compridos, estreitos, com janelas pequeninas. Neles, não cabem duas carteiras lado a lado. [...] A metáfora mais próxima que me ocorreu – era tempo de chuva, a iluminação era precária e feita com “gatos,” como em toda ocupação – foi a de um crematório. O contêiner dava choque, e a chuva, quando batia no metal, fazia muito barulho. (Corinta GERALDI, 2004)

Não só o desenvolvimento do aluno violento é prejudicado como do restante da turma. Os alunos costumam reclamar que não conseguem aprender em função do comportamento barulhento e indisciplinado dos colegas. Os professores levam mais de 20 minutos até conseguir acalmar uma turma e, só então, podem começar a trabalhar o conteúdo. Isso diminui e prejudica o tempo de aprendizagem. (Marlene Monteiro PEREIRA, 2006)

Existem os problemas de desorganização da própria escola, que favorecem um clima de desordem e falta de civilidade: por exemplo, turmas que ficam sem professor, recreios sem supervisão, ambiente sujo e barulhento, prédio sem manutenção, banheiros quebrados, enfim, precariedades diversas que estimulam comportamentos destrutivos entre as pessoas que precisam ali permanecer várias horas por dia. (Maria Malta CAMPOS, 2008)

A primeira coisa é que todas as línguas são complicadas. Basta qualquer pessoa pensar o seguinte: você solta determinados sons no ar, que são portadores de um sentido que você concebeu na sua cabeça. E o som, que atravessa o ar, vai pressionar o ouvido do meu interlocutor e lá se processa o caminho contrário.

Agora, meu interlocutor que está captando aquele barulho, tenta entender o que estava se passando na minha cabeça. Isso é uma operação simples? (Ataliba Teixeira de CASTILHO, 2009)

Vejo, hoje, que sempre trabalhei com a ideia da aprendizagem significativa para o universo infantil, antes mesmo de ter fundamentação teórica para isso. Quando passei a dar aulas de inglês na escola pública, procurava fugir do material didático usado na época, baseado em repetições, frases curtas, muitas vezes sem sentido. Meus alunos criavam *jingles*, cantavam, faziam barulho e aprendiam. (Reinildes DIAS; Heather Jean BLAKEMORE, 2009)

Cabe à escola, enquanto espaço adulto, a responsabilidade de chegar ao jovem. Ela deve buscar formas de lidar com essa tensão. Afinal de contas, o professor é um profissional da educação. Isso não significa, no entanto, a culpabilização do professor, pois, com o que ele recebe, com a carga horária de trabalho que tem, a sua energia se torna mínima. Imagine dar aula em dois turnos, com aquela quantidade de turmas, todas lotadas, barulhentas, com meninos agitados. (Juarez DAYRELL, 2010)

Perguntas deveriam servir para gerar perguntas, para motivar todo o tempo educativo. Os ambientes educativos são importantes. Quando por exemplo, estou cozinhando perto de crianças, as perguntas são feitas com as mãos (quando tocam), com o nariz (quando cheiram) ou com os ouvidos (quando prestam atenção ao barulho da panela de pressão e ouvem um chiado diferente). (Sergio Henrique FERREIRA; Ana Maria MELLO, 2012)

Uma escola, via de regra, é um local com muitos ruídos. Se a criança não conseguir fazer uma discriminação figura-fundo – o que nesse momento deve ser o meu foco: é a voz do professor, é a voz do coleguinha com quem eu estou discutindo um trabalho, é a música que a professora colocou pra gente ouvir –, qualquer barulho, qualquer ruído se torna tão importante pra ela quanto o que está ocorrendo na sala de aula, e isso faz com que a criança se perca. (Raquel MOMM, 2012)

Há algumas décadas, as escolas foram construídas todas com quadra no meio. Depois, não podia fazer barulho para não atrapalhar as aulas. Como não temos um projeto de Educação Física de Estado, a gente fica fazendo essas besteiras. Porque é impossível não ter barulho na aula de Educação Física, a manifestação corporal é ruidosa. Tudo está ligado a uma concepção de educação e de corpo, em última análise, em que o corpo não deve ser algo fracionado. (Wagner Wey MOREIRA, 2012)

Tecnologia da escrita existe desde o início e a máquina de escrever foi uma tecnologia superinteressante que também foi rejeitada pelas educadoras, porque isso era trabalho para as secretárias. Havia uma profissão e um curso de mecanografia para aprender a digitar. Se tivessem trabalhado na máquina de escrever antes do computador, seria mais fácil porque o teclado é o mesmo. Mas “ah não! as máquinas fazem muito barulho e não podem entrar na sala de aula!”. Um absurdo. (Emilia FERREIRO, 2013)

Alguns professores se dão muito bem em aulas em que a classe pode fazer um pouco de barulho, mas em que ao mesmo tempo os alunos se conectam e se desconectam, falam com o colega e voltam a atenção ao professor, e isso – para esse professor e para a sala – pode ser muito produtivo. [...] Outros não, precisam de uma sala um pouco mais silenciosa. Então, achamos que é possível ter diferentes aulas muito boas. Ou diferentes aulas que funcionam, tanto para o professor, quanto para o aluno. (Fábio VILLELA, 2013)

Dentro das escolas, esse momento histórico e as ocupações nas instituições paulistas foram bastante abafados. Embora a narrativa oficial seja de vitória para os estudantes, a realidade é de que as escolas continuam fechando. [...] A escola pública ainda enfrenta uma série de desafios e precisamos olhar para elas sempre, e não só no momento em que explode algo grave. As ocupações fizeram o barulho, os estudantes foram para a capa dos jornais, mas as escolas continuam lá cheias de problemas e de questões a discutir. (Alice RIFF, 2019)

DIÁLOGO

[Paulo Freire] dizia: “Não existem ignorantes. Existem aqueles que não foram à escola, mas que têm um saber a partir de seu cotidiano”. Paulo sempre foi o homem do diálogo, não pregava pegar em armas. Para ele, revolução era o novo, era uma sociedade nova, na qual a educação teria muito que contribuir para um mundo melhor, mais democrático, justo e bonito. Paulo Freire pensou nas mudanças, nas transformações da sociedade. (Nita FREIRE, 2003)

Sem dúvida, uma das formas mais naturais – e talvez menos utilizadas – de que dispomos para conhecer o pensamento do outro é conversar com ele. Minha argumentação situa-se nessa perspectiva. A conversa, como já advertia Comênio, é a maneira mais familiar e natural de comunicação. Paulo Freire, por sua vez, defende o valor epistemológico do diálogo como fonte de conhecimento preocupada com a verdade e a compreensão. (Juan Manuel Álvarez MÉNDEZ, 2005)

Cabe à escola possibilitar uma ampliação de suas experiências, para que ele [o jovem] descubra as suas potencialidades e possa construir seu projeto de vida. [...] E há muitas experiências significativas que apontam para isso. Toda escola tem, no mínimo, um professor que os alunos adoram. Precisamos estabelecer o espaço de diálogo entre o professor e o jovem. Tudo é possível e não precisa de malabarismos. (Juarez DAYRELL, 2010)

Há quem diga que esse é um problema do Ensino Médio, mas ainda assim é possível construir comunicação, permitir que os estudantes falem e dar a eles uma chance de criar diálogos. Mesmo que você dê aula em quatro escolas diferentes, pode aplicar esses princípios – será mais difícil, mas você pode. No momento em que chegar, pergunte aos alunos como estão, faça-os falar, construa um relacionamento com eles. (Clare KOSNIK; Clive BECK, 2011)

Na primeira semana de secretaria, eu e o secretário-adjunto, professor Palma, nos reunimos com os seis sindicatos e deixamos claro que a nossa história na universidade pública nos coloca numa outra postura de gestão. Fui reitor da Unesp, onde fiz minha carreira, e sempre prevaleceu o diálogo, a construção coletiva, visão acadêmica forte, controle de gestão. Quero trazer isso para a rede. O diálogo é fundamental na educação. (Herman VOORWALD, 2011)

Reconheço que o reajuste de 22,2% no piso nacional parece alto para alguns estados e municípios que têm dificuldade em pagá-lo. Mas estamos falando de um pouco mais de dois salários-mínimos. O piso tem de continuar crescendo num ritmo compatível com a situação fiscal e orçamentária. Sobre a hora-atividade, em algumas circunstâncias, não se deve forçar seu cumprimento, mas dar um prazo para que seja implantada. É preciso diálogo e esse será um esforço do MEC. (Aloizio MERCADANTE, 2012)

O educador deve olhar para sua realidade e a partir dela tentar enxergar quais são as limitações e as potencialidades. Nesse processo, é essencial o diálogo com os estudantes. Qual é a escola com a qual eles sonham? O que eles esperam da escola? Quais são os espaços e atividades que eles podem criar juntos para colocar

isso em prática? Outro ponto importante é a troca entre as pessoas que estão convivendo no espaço da escola ou ao redor dela. (André GRAVATÁ, 2013)

Quando você conversa normalmente com elas [as crianças], permite que desenvolvam habilidades de argumentação e construção de frases mais complexas, para além da resposta imediata a uma questão. O diálogo com a criança deve ser rico em vocabulário. Os especialistas defendem que, quanto maior a variedade de modos de interação, maior a gama de estruturas gramaticais e vocábulos aos quais a pessoa tem acesso e mais possibilidades de compreender a estrutura da língua. (Ana TEBEROSKY, 2015)

A forma de diálogo mais efetiva [entre a universidade e a escola pública] é a que reconhece a existência de diferentes saberes e que está aberta à escuta. Em geral, falamos muito e ouvimos pouco. É preciso ouvir mais, criar espaços de diálogo mais efetivos entre a escola e a universidade, fazendo circular saberes que são produzidos em ambos os espaços, e não apenas em um deles. (Maria Carla CORROCHANO, 2016)

O contato com a natureza ajuda, mas acendemos mais campos de percepção da criança quando conhecemos melhor o diálogo dela com o meio. Tenho visto muitas escolas em que a natureza é desenhada para uma finalidade. Não é um local livre, um canto em que os meninos vão e se misturam com a terra e com matéria orgânica. Não é um local de experimentação, solidão e silêncio. São sempre áreas em que se brinca em conjunto e isso ganha uma função pedagógica. (Gandhy PIORSKI, 2016)

Uma pequena discussão verbal não é levada a sério, ou mesmo uma ameaça verbal, ou, ainda, um pedido que não é ouvido pelo professor com respeito. Casos desse jaez podem ocasionar situações mais sérias. Existem aquelas que causam o que chamamos de *espiral do conflito*. Por outro lado, atos de indisciplina muitas vezes devem ser tratados como tal, ou seja, de acordo com as normas da instituição. Todavia, o diálogo mediado por pessoas autorizadas e preparadas para atuar facilita a solução de problemas de toda sorte. (Francis Rabelo COUTINHO, 2018)

O diálogo é sempre possível e necessário em todas as situações. Historicamente, temos exemplo desse processo na filosofia, com os diálogos de Platão. Sócrates submetia os pontos de vista do interlocutor a um exame crítico pelo exercício do questionamento. [...] O diálogo suscita o movimento de rever conceitos e ideias aprendidas, acolhendo novas possibilidades. Em sua vida de pesquisador, [Edgar] Morin sempre teve essa postura de interação com a realidade pesquisada. O diálogo pratica a sementeira de novas ideias. (Cleide ALMEIDA; Izabel PETRAGLIA, 2019)

Essa equipe do MEC [do governo Bolsonaro] é, em sua grande maioria, composta de novatos que não acompanharam a agenda educacional nos últimos anos e décadas. Se realmente houver a disponibilidade ao diálogo e à consideração das avaliações dos que conhecem historicamente a área, estou disposta a colaborar – e estou certa de que muitos outros colegas da área pensam da mesma forma. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2019)

A tertúlia [literária] permite às crianças desenvolverem um nível emocional muito profundo: compartilham o que sentem, debatem sobre amor, amizade, justiça, assédio e *bullying* ao mesmo tempo que conhecem as grandes histórias da humanidade. Eles conectam suas vidas com esses valores, por isso é uma prática que observamos que tem impacto. As crianças desenvolvem comportamentos mais altruístas, solidários e empáticos por meio da literatura e em diálogo com o grupo. (Rocío GARCÍA-CARRIÓN, 2019)

Hoje os familiares responsáveis pela criança têm uma dinâmica de trabalho muito intensa. Com isso, resta pouco tempo para estar junto com as crianças e os jovens. Além disso, não existe mais uma dinâmica orquestrada para fazer esse cuidado da criança. Isso é raro porque os avós, todo mundo, trabalha ou porque os valores também são diferentes entre pais e avós etc. Isso gera um isolamento da família em relação às crianças e aos jovens. Além do isolamento, há pouco repertório de relacionamento, de diálogo. (Tereza PEREZ, 2019)

RESPEITO

Respeito aos educadores, aos educandos, aos pais, à comunidade, a todos. Como revelar esse respeito se as escolas vão se deteriorando dia a dia, ameaçando a saúde, a paz de todos, apesar da insistência com que as diretoras solicitam durante meses o indispensável reparo da escola? Como ensinar e aprender com alegria numa escola cheia de poças d'água, com a fiação ameaçadoramente desnuda, com a fossa entupida? (Paulo FREIRE, 1989)

Não temos mais segurança, nem respeito humano, nem pontos de referência. Precisamos criar novamente pontos de referência de comportamento. A música contribui para a criação do respeito humano. [...] A minha esperança é que ressurgja o bom costume antigo das reuniões familiares ou escolares. Recentemente, quando estive na minha cidade de Udine [na Itália], percebi que lá esse costume não morreu. As pessoas ainda se encontram no fim do dia, conversam, trocam ideias. Não se tornaram ainda escravas de televisão. (Sergio MAGNANI, 1999)

Você não colhe os frutos na educação de um mês para outro. Você planta hoje para colher em uma geração. Estamos colhendo hoje o que plantamos há 10, 15 anos. Mas essa sensação não é compartilhada pelos dirigentes, que têm um grande respeito pelo nosso trabalho. [...] Acho natural que quem está na ponta não consiga perceber todo o esforço que está sendo feito, mas nossa convicção é de que, se insistirmos nesse caminho, poderemos no médio prazo colher os frutos dessa política. (Fernando HADDAD, 2005)

Não devemos nos contentar com o que os outros são num determinado momento, mas querer sempre que eles façam seu melhor, mesmo que isso não seja o que eu, pessoalmente, gostaria que fosse. [...] [Uma pessoa educada] é quem teve a sorte de encontrar as circunstâncias e as pessoas que lhe permitiram tirar o melhor proveito de suas potencialidades. E que, graças a isso, vai saber em qualquer situação respeitar os outros. Este é o critério para saber se a Educação foi bem-sucedida: como o respeito se manifesta na relação com o outro. (Charles HADJI, 2006)

Falar, falar, falar e ouvir, ouvir, ouvir ativamente e constantemente é uma estratégia fundamental para gerar escolas favoráveis ao convívio, ao mesmo tempo em que servem de prevenção de certas situações não-desejadas. O respeito é uma habilidade básica e imprescindível para a convivência democrática em um plano de igualdade e implica a ideia de dignidade humana e de reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa. (Xesús R. JARES, 2006)

É mais fácil explicar a mente respeitosa do que alcançá-la. Ela começa com o reconhecimento de que cada ser humano é único e, por isso, tem crenças e valores diferentes. [...] Nós podemos matar e discriminar os diferentes ou tentar entendê-los e cooperar com eles. Desde que nascem, os humanos percebem se vivem em um ambiente respeitoso. Observam como os pais se relacionam e tratam os filhos, como os mestres interagem com os colegas e com os estudantes e assim por diante. O respeito está na superfície. (Howard GARDNER, 2009a)

No Brasil do começo do século até os anos [19]40, quase não havia escola pública. Então eu relativizo esse *status*. Claro que a professora primária tinha um valor, mas nunca teve um salário muito alto, era mais um valor social. Ser professor era uma profissão considerada de alto nível. Agora isso se perdeu, como a medicina tem perdido seu prestígio para certas áreas da engenharia. Restou o respeito. Ainda hoje se tem muito respeito pelo professor, especialmente nas classes menos favorecidas. (Bernardete GATTI, 2009)

O primeiro a ser respeitado na sociedade era o padre. Depois, vinha o professor. Agora é diferente, é claro. Naquela época, o professor era a única pessoa nas vilas que tinha um histórico educacional mais qualificado. Mas ainda hoje, na Finlândia, a educação é respeitada. E os professores também. Por exemplo: antigamente, o casamento só era possível se os noivos soubessem ler livros básicos. Todos queriam aprender a ler. E todos respeitavam o professor. (Reijo LAUKKANEN, 2009)

O último passo para criar o respeito [aos professores] foi esclarecer o significado da profissão porque a sociedade não entendia o que um professor fazia. Sabíamos que ele acordava, dava aula e voltava para casa. Nós definimos seu papel e contribuição social, que se resumem em uma frase: o professor molda o futuro da nação, porque as crianças são justamente o futuro do país. Quão mais nobre uma profissão pode ser? Mas também era preciso fazer com que as pessoas soubessem mais sobre o trabalho deles. (Lee Sing KONG, 2011)

Faz parte da formação básica para se tornar pedagogo aprender a estar com as crianças ao ar livre. Afinal, em um jardim da infância normal, também é possível realizar atividades ao redor do fogo, cozinhar, mexer com a terra. Despertar nas crianças o respeito à natureza, colocando-as numa situação prática, deveria fazer parte do treinamento básico de qualquer educador, não sendo exclusivo dos que trabalham em um tipo de centro [infantil] ou outro. (Claus JENSEN, 2013)

É fundamental transformar a escola e enfrentar essa ideia de democracia racial com viés embranquecedor. É um desafio muito grande. Não se trata apenas de inserir um ou outro conteúdo, mas de transformar todo o próprio ensino. Não é simples, não. Mas pode contribuir para a construção de uma prática docente pautada pela pluralidade cultural e pelo respeito às diferenças. (Amilcar Araujo PEREIRA, 2013)

A educação destina-se ao desenvolvimento humano, não à incorporação de conhecimentos. Para quê passar anos oferecendo ao jovem o conhecimento do mundo exterior quando já o encontramos no Google? De que serve essa prática? Isso é um roubo da vida do jovem. Isso serve para quê? Para passar anos somente para aprender a se sentar quieto? Para treinar a obediência? Nesse contexto, o educador tem imposta uma vestimenta interna de atitude, de respeito à autoridade educacional. (Claudio NARANJO, 2015)

Conviver com crenças e cultos distintos daqueles que temos em nossas vidas é um desafio nada simples. Para lidar com esse desafio, é preciso tomar como princípio o respeito a cada outro com quem convivemos, compreendendo que a alteridade é base da formação de nós mesmos. Posso ser quem sou, porque convivo com outros seres humanos que me apresentam limites por serem quem são; da mesma

forma, apresentamos uns aos outros possibilidades infinitas. (Roseli FISCHMANN, 2017)

Veja o caso do ex-ministro [Vélez] que pediu gravações de estudantes cantando o Hino Nacional, como se isso fosse resolver alguma coisa, ainda que mínima, na Educação. O respeito ao símbolo pátrio é obviamente importante, sabemos todos disso desde sempre. Mas como alguém acredita que pode se valer de cargos para submeter toda a sociedade a uma postura relacionada a isso dessa forma constrangedora? É inaceitável. (Murílio HINGEL, 2019)

É preciso fazer de tudo para que o ambiente de convívio na escola, privada ou pública, seja coerente com o que diz a moral. Por exemplo: algumas escolas falam muito de aluno, muito de professor, e não falam de funcionários, como se eles não existissem, não fizessem parte da comunidade. Problema moral, como não? O trabalho deles é imprescindível. Eu ensino, a outra pessoa aprende, mas também há a pessoa que limpa o chão. O ambiente tem que ser respeitoso e, na medida do possível, também democrático. (Yves de la TAILLE, 2019)

DESRESPEITO

A escola não pode querer educar cada criança apenas segundo suas possibilidades. Se ela respeitar as condições dos filhos da classe pobre está perdida. Porque vai promover o desrespeito. O fato é que não se pode respeitar a pobreza. A pobreza tem de ser atacada, não respeitada. Se essas crianças precisam ir uma hora a mais à escola para aprender, esse é o preço que essa geração tem de pagar, é um sacrifício que acaba em si mesmo. Porque eles também precisam mudar suas vidas, por meio da escola, para melhor. (Sara PAÍN, 2000)

A relação da empresa com o trabalho infantil indica para o consumidor que ela está desrespeitando uma característica fundamental do funcionário dela, que é o fato de ele ser uma criança e que deveria estar na escola e não trabalhando. No caso da mão-de-obra infantil você tem o exemplo da Nike, da Gap e da Reebok. A Gap tinha, além do trabalho infantil, o problema de exploração exagerada de mão-de-obra no sudeste da Ásia, e a primeira reação dela foi dizer “não sou eu, são meus fornecedores”. (Hélio MATTAR, 2002)

Desde os primeiros tempos a educação privilegia o ensino de saberes concluídos e inibe o aparecimento de novos. É um sistema instalado em ambiente que desrespeita quem vem de classes menos privilegiadas, exigindo comportamentos distintos daqueles aos quais essas crianças estão acostumadas (por exemplo, ficar trancado entre quatro paredes, sentado durante horas). E não leva em consideração a natureza da infância: todas as crianças gostam de se movimentar; falam pelos cotovelos. (Ubiratan D’AMBROSIO, 2003)

Muitos professores acham que esse [o econômico] foi o único motivo que levou à introdução dos ciclos. Por isso, alguns se sentem desrespeitados, sem o apoio que o mecanismo de retenção dos alunos lhes dava. Tudo bem que os ciclos trazem economia do dinheiro público, mas ninguém quer que fique só nisso. Falta, no mínimo, investir mais nas formas de atendimento para que os alunos realmente tenham sucesso na aprendizagem. (Elba Siqueira de Sá BARRETTO, 2006)

Sim, é isso [o jovem testar os limites] o que acontece. Mas não para desafiar a autoridade, e sim para testar um limite pessoal. É a autoridade que entende tal comportamento como falta de respeito. O jovem não está desrespeitando. Ele só quer ser ele mesmo. Vai ao limite para saber de si. O adolescente se dá conta de uma realidade interna que é imensa e desconhecida. Então ele vai se testar. (Miguel PEROSA, 2006)

A terceira [definição de] indisciplina, o desrespeito, essa, sim, é uma questão moral. Se estou lecionando e o aluno se levanta e vai embora como se eu não existisse, fui desobedecido como autoridade e desrespeitado como pessoa, independentemente do fato de eu ser ou não professor. Isso não se justifica. Um professor com uma aula chata não me autoriza de jeito nenhum a desrespeitá-lo. (Yves de la TAILLE, 2008)

A escola também deve ser pensada como alvo de uma violência externa que a tem atingido de maneira exacerbada, num crescente que acompanha a violência urbana e social. Daí, talvez, a justificativa desse uso excessivo de câmeras, para tentar controlar a violência que tem invadido as escolas. É preciso diferenciar essa

violência da relação de poder de normalização. A violência é uma coisa da ordem da destruição, do massacre, do desrespeito absoluto ao outro. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

Muitas atividades realizadas na escola não são realmente educativas, pois são superficiais, sem continuidade, contexto e significado. Por exemplo, o trabalho digno e social de uma faxineira, um lixeiro ou um catador de lixo passa despercebido e, muitas vezes, é desvalorizado e desrespeitado. De um modo geral, o cotidiano é suprimido, e não se constrói e interpreta um mapa ambiental local em que se inserem as relações sociais e ecológicas. (Mônica MEYER, 2011)

Eu acho que a educação vai muito mal, mas não é por causa do salário baixo, não. É por causa do desprezo que a gente tem com os profissionais da escola. E a maior parte das escolas despreza seus professores, não respeita a dignidade deles, não paga em dia, tudo isso é desrespeito. Agora, o professor muitas vezes vai ser professor da rede pública sabendo das condições, para chegar lá, não fazer nada e depois reclamar? (Rosely SAYÃO, 2011)

[Na Educação Infantil,] quando tem brincadeira, é a brincadeira livre, sem nenhuma intenção de o professor descobrir algo sobre as crianças enquanto elas estão brincando. Isso existe há vários anos, mas hoje não faz sentido, é sinal de preguiça, de falta de informação, de comodismo. Eu acho um desrespeito com as crianças e com a própria escola. Mas muitos educadores vêm fazendo trabalhos muito lindos em muitas partes do Brasil. (Gabriel JUNQUEIRA FILHO, 2013)

Temos percebido claramente o aumento de um conflito que se chama incivildade. As incivildades são aqueles pequenos desrespeitos diários, como quando um cara dá um tapa na cabeça do outro, chuta, chega atrasado, anda pela classe, assovia etc. O aumento das incivildades, dependendo da frequência e da quantidade, transforma a sala em um ambiente caótico. E os estudos têm mostrado que a qualidade da relação do professor com os alunos interfere nesse processo. (Telma VINHA, 2013)

Quando acontece essa violência [da polícia contra os grevistas] fica mais evidente esse choque, o completo desrespeito à causa da educação. Isso se manifesta na forma da repressão, que significa: não vamos negociar, não vamos discutir, quem manda somos nós. Isso explicita uma situação de várias violências que o professor sofre: desvalorização salarial, social, agressões físicas dentro da escola. Acho que foi a explosão desse desrespeito. Isso está muito associado à desvalorização da educação. (Andrea CALDAS, 2015)

Cada vez mais é possível perceber na educação infantil as consequências da pressão da sociedade atual em transformar as crianças em adolescentes ou jovens. Isso se manifesta não só na valorização exacerbada da possibilidade de “adiantar” conteúdos próprios do ensino fundamental, mas também na maneira de perceber as crianças, nas exigências que são feitas a elas, na negação de suas necessidades, enfim, no desrespeito ao direito das crianças de viverem bem a infância. (Silvia Helena Vieira CRUZ, 2016)

O que canso de falar em várias reuniões, que falei quando cheguei na escola? “Eu sou uma fraude! Eu era esse aluno, eu era esse moleque!” Depois que você vira

professor, esquece tudo de ruim que fez em sala de aula quando era aluno, que fez bagunça, que desrespeitou os outros. Vira o melhor aluno. Será? Eu não fui o melhor aluno em nada! Eu era ruim. (André Luís BARROSO, 2017)

Mesmo com a BNCC aprovada ainda há margem de manobra para não mergulharmos no obscurantismo e no proselitismo religioso. Os sistemas de ensino possuem muitos instrumentos de determinação da política educacional, podem encontrar caminhos de bom senso. Porém, isso não deve frear uma onda de desrespeito às matrizes religiosas não cristãs. (Daniel CARA, 2018)

PROTEÇÃO

Há duas ordens de problemas: uma do acesso ao livro e à leitura. Outra do tratamento dado à infância. De um lado, é preciso uma boa escola, bibliotecas funcionando de verdade, bons livros. De outro, só tratar do acesso não resolve. É preciso deixar de pensar e de tratar a infância como mera consumidora do mundo criado pelos adultos e fazê-la participar ativamente do mundo, das relações sociais. As crianças hoje estão todas virando Chapeuzinhos Vermelhos, sempre superprotegidas. Quando não é isso, é o abandono. (Edmir PERROTTI, 1990)

Quando se fala em proteção ao meio ambiente, esquece-se de que o ser humano faz parte dele e é um dos grandes perturbadores dos ecossistemas. Na escala da sociedade macroscópica, a poluição ambiental é produzida pelo homem, por sua cegueira e irresponsabilidade na exploração dos recursos disponíveis. O ser humano é um microelemento dentro do macrocosmo, e a Educação Ambiental deveria começar a se preocupar pelo uso que cada um faz pessoalmente de seus recursos internos – físicos, psíquicos e sociais. (Richard BÜCHER, 1992)

Sempre digo, em minhas palestras sobre educação ambiental, que se protege a natureza por duas razões: por amor ou por temor. Por amor é simplesmente gostar: o menino gosta, o adolescente curte a natureza. Por temor é quando aquele indivíduo que já ouviu falar em desequilíbrio ecológico teme que a poluição traga doenças, teme as enchentes e as consequências do desmatamento. (Angelo Barbosa Monteiro MACHADO, 1996)

Acho que as escolas devem chamar os pais e abrir o jogo, mostrar o que está acontecendo. O instinto de proteção deles não pode mais desconhecer a realidade. Isso não é só uma crítica, é uma constatação do que está havendo. As escolas precisam estar incorporadas na prevenção [das doenças sexualmente transmissíveis], precisam ter programas de prevenção. O que falta neste país é prevenção. (David UIP, 1997)

A realidade é feita de conflitos, de contrariedades. Isso não significa, por outro lado, que devemos nos amargurar com tudo, e o bom professor é justamente quem ensina que a vida é feita desses choques e que é preciso descobrir prazer e estímulo nas próprias tensões para vivê-la em sua totalidade. A postura equivocada do professor “legal” traz também um dano ético, ao ensinar, em nome de uma superproteção ou de não contrariar os outros, um comportamento de vida que é totalmente fictício. (Alfredo VEIGA-NETO, 1999)

Muitos [pais] tornam-se superprotetores, alegando que o tempo é escasso e que preferem curtir os filhos em vez de ficar fazendo exigências. Mas esse tempo que sobra é precioso para a formação ética dos filhos. Nessas poucas horas é preciso ter postura. É preciso fazer a criança entender que os pais se ausentam porque estão trabalhando. E que trabalham porque querem dar segurança, saúde e educação aos filhos. A criança compreende isso muito bem. Quando juntos, os pais devem dar atenção, carinho, amor e educação aos filhos. (Tania ZAGURY, 2000)

Nessa situação de superproteção, as crianças não conseguem viver as experiências de conflito, frustração e decepção que são necessárias para crescer;

elas não conseguem machucar um joelho, aprontar alguma malandragem, brigar seriamente com um colega. Essas experiências acontecerão somente muito mais tarde, na adolescência, e geralmente de forma muito preocupante e perigosa. (Francesco TONUCCI, 2008)

É bom lembrar que a violência ocorre em todos os espaços da sociedade. A violência na escola nos revolta, já que este é um lugar que tem que ser protetor, acolhedor, de formação de atitudes, comportamentos e valores. Por isso deve haver tolerância zero com a violência na escola. Temos que envolver as famílias em todo o trabalho e fazer com que percebam que a escola é um espaço de formação, e não apenas de informação. A comunidade precisa ter uma noção de pertencimento em relação à escola. (Ana Lúcia GAZZOLA, 2011)

Uma escola sustentável almeja inclusão social com proteção ecológica. Alguns exemplos: um jogo de cores e luzes naturais no pátio da escola para que os surdos também possam cantar; uma exposição de cartuns ambientais em Braile para os deficientes visuais; rampas de madeira para os cadeirantes, em vez de concreto. E também uma bioarquitetura de aproveitamento das águas da chuva, conforto térmico, horta escolar ou trabalhos sobre a importância da alimentação livre de agrotóxicos. (Michèle SATO, 2012)

Nós já temos a infância como valor importantíssimo na nossa sociedade. A infância já é algo que não pode ser desfeito. É um valor, é uma ideia, é um pilar na nossa cultura. Ela existe e os adultos participam como aqueles que educam as crianças, aqueles que protegem a criança, do ponto de vista jurídico inclusive, e aqueles que vão permitir que as crianças se desenvolvam. Não dá para pensar a infância fora da relação com a vida adulta. (Raquel Gonçalves SALGADO, 2014)

A impressão que eles [índios isolados] tinham sobre os não índios era uma visão de inimigos, de pessoas violentas e malvadas. Eles ficaram surpresos, quando chegamos com os intérpretes, que pudessem existir não índios que trabalhavam para a proteção deles. De todas as coisas que eu poderia citar, de todos os momentos e impressões, acho que essa foi a mais forte, a que mais nos ressaltou essa visão que eles tinham de que o homem branco, o não indígena, seria uma população extremamente violenta e má. (Carlos Lisboa TRAVASSOS, 2014)

A educação infantil trouxe uma contribuição muito importante para o debate educacional que é “cuidar e educar”. Normalmente, tanto as escolas como as famílias asseguram isso às crianças. A sociedade brasileira está consciente da necessidade da proteção integral à infância. Os adolescentes e jovens dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio não têm recebido esse olhar cuidadoso. (Macaé EVARISTO, 2015)

Defendo a educação emocional como forma de criar fatores de proteção para a saúde de crianças, adolescentes e adultos. [...] Cada um de nós tem necessidade de se amar e de ser amado. Desenvolver habilidades para lidar consigo mesmo e com os outros permite perceber e compreender logo no início de um processo de *bullying* – mesmo se for a vítima – que o problema está no agressor, que precisa de ajuda. Essa compreensão não é “de fora para dentro”, com alguém explicando, mas “de dentro para fora”, sentindo. (Tania PARIS, 2017)

A fronteira da idade entre infância e idade adulta é definida juridicamente (menoridade/majoridade) e varia de acordo com o país e os territórios (a idade do direito ao voto não é a mesma idade da maioridade sexual). Ela define um regime de proteção das “crianças” que não “respondem pelos seus atos”, como adultos supostamente responsáveis. Essa definição jurídica de infância não contradiz outras definições. (Anne-Marie CHARTIER, 2018)

Existem diferenças entre refugiados e migrantes. No entanto, isso não acarreta qualquer diferenciação de tratamento no sistema de ensino. No Brasil, os dois grupos têm direito à educação, saúde e trabalho. Porém, somente pessoas refugiadas têm garantia de documento de viagem, proteção internacional contra expulsão ou extradição e flexibilização na apresentação de documentos do país de origem visando à integração local, tal como a facilitação na revalidação de diplomas. (Paulo Sérgio ALMEIDA, 2019)

ABUSO

Hoje temos que lutar no Brasil por maior controle na venda de medicamentos. Mas não só pensando na questão do abuso de drogas. A gente sabe, por exemplo, que existe uma venda muito grande de anti-diarréicos para crianças de até 3 meses de idade e que essas drogas, que são opiáceas, atuam no sistema nervoso central, dificultando um amadurecimento do cérebro da criança. Então, o controle não deve ser apenas para combater o abuso de drogas. Temos que controlar para fins de saúde pública. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

Tanto em relação ao sexo como às drogas, o jovem tem que aprender a se responsabilizar pelo que faz, pelas opções diante de alternativas prazerosas; usar sem abusar, sem perder o controle. Quero enfatizar que em toda substância psicoativa podemos sempre distinguir essas duas coisas: o uso controlado, o uso social, o uso prazeroso e o abuso. (Richard BÜCHER, 1992)

O aluno que abusa de cópias xerox chega no final do curso sem o início de uma biblioteca profissional. Ninguém guarda cópias xerox depois de formado. O livro universitário é mais caro porque a tiragem é menor, uma média de 8 mil a 10 mil exemplares por edição, isso para um livro de sucesso. [...] A solução para o estudante que não tem condições financeiras para adquirir livro é a melhoria do acervo das bibliotecas. Afinal, o aluno quer a propriedade do livro ou o seu conteúdo? (Wander SOARES, 1998)

[Proteção à Família] corresponde aos programas e ações de orientação e apoio às famílias que, por meio de ações focalizadas, dirigidas especificamente aos seus membros mais vulneráveis, buscam evitar situações de negligência, abuso e maus tratos. Os pais de jovens em situação de risco necessitam de ajuda especializada, pois os desafios que enfrentam no cotidiano frequentemente ultrapassam suas capacidades e suas forças. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2006)

Há muitas razões para centrar esforços em torno da participação das crianças pequenas nos programas destinados a elas. É grande o número de crianças que morre a cada ano por maus tratos, abuso e negligência, muitas vezes causados por seus próprios pais e cuidadores. Há também a necessidade de se levar em conta os recursos destinados ao desenho, implementação, desenvolvimento, continuidade e avaliação de programas e serviços sociais em que as crianças pequenas são as beneficiárias finais. (Leonardo YÁNEZ, 2006)

É preciso lembrar que um clima de desordem e falta de civilidade afeta negativamente também aos alunos e não só aos professores. Nesse ambiente em que impera a lei do mais forte, muitos alunos e alunas são intimidados e sofrem abusos de colegas agressivos, situações muito ameaçadoras perduram e a mensagem que se passa para a nova geração é que os adultos pouco se importam com essas injustiças. (Maria Malta CAMPOS, 2008)

Na Espanha, embora a proposta legislativa e curricular da educação infantil seja de respeito e resposta às necessidades das crianças pequenas, na prática, a maioria das escolas no ciclo de 3 a 6 anos dedicam-se a adiantar aprendizagens, o que leva a abusar de atividades de cadeira e mesa e a submeter as crianças a tarefas acima de suas possibilidades. (Gema PANIAGUA, 2008)

Duas coisas parecem-me mais ou menos certas: a primeira é que, em uma sociedade conturbada, na qual a exigência de resultados torna-se uma obsessão, a demanda de avaliação só tende a aumentar. A extensão do campo da avaliação nesse aspecto chega a ser impressionante hoje. A segunda é que, diante disso, deve-se procurar sempre manter um equilíbrio entre avaliação administrativa e avaliação a serviço dos públicos, tendo-se o cuidado para que a avaliação não se torne um instrumento de opressão a serviço de um poder tentado pelos abusos. (Charles HADJI, 2009)

Se há o verdadeiro interesse por ele [aluno], isso [conhecer a situação em sua casa] só pode ser positivo. Caso se desconfie de abuso, por exemplo, toda curiosidade é justificável, pois a atitude é de cuidado. Porém, se o educador vai para a conversa com os responsáveis querendo impor um monte de pressupostos morais sobre o comportamento deles, está fadado ao insucesso. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

Atualmente, os pesquisadores e apicultores estão preocupados com a alta mortalidade das abelhas produtoras de mel e o conseqüente impacto na agricultura, economia e alimentação. [...] As abelhas são responsáveis pela polinização dessas belas flores roxas [do maracujá]. E o uso e o abuso dos agrotóxicos, além de envenenar os trabalhadores, contaminam rios, solos e, conseqüentemente, atingem os seres da cadeia alimentar. É preciso conhecer a natureza para aprendermos a nos relacionarmos com ela. (Mônica MEYER, 2011)

Vemos jovens que seguem o currículo e outros que não se interessam pelo que a instituição propõe, pois têm percepções e interesses de âmbito diverso. Outro ponto diz respeito à indisciplina, à ruptura das normas de classe, à confrontação com a autoridade dominante – nesse caso, o professor ou a família. Há, ainda, histórias mais sérias, de violência, de abuso de poder, de maltrato e de agressão física. (José María Avilés MARTÍNEZ, 2013)

O que eu vi de mais marcante no Nordeste foi um funcionário da editora que pegou a senha na escola e escolheu só livros da sua marca, mas foi um crime diferente e localizado. Com o tempo vieram outras medidas para minimizar os abusos e o governo criou uma portaria pela qual restringiu o acesso das editoras às escolas durante o período de escolha das obras. (Célia Cristina de Figueiredo CASSIANO, 2014)

O aluno pode estar desatento por um problema grave, por estar sendo violentado [por exemplo]. Muitas vezes, as meninas que são diagnosticadas como desatentas são garotas que estão sofrendo abuso [sexual]. Não podemos rotular, simplesmente, tudo como desatenção, pois as causas são múltiplas. É preciso que haja um trabalho de investigação aprofundado. (Alicia FERNÁNDEZ, 2014)

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) diz que é dever do profissional da Saúde e da Educação denunciar ao Conselho Tutelar suspeita ou confirmação de abuso, maus tratos ou qualquer tipo de violência sexual. Se uma aluna tem fotos sem roupa ou fazendo sexo com alguém sendo vistas por outras pessoas, está sendo violentada. É preciso acionar medidas de proteção. Ou seja, encaminhar o caso para o serviço adequado, que pode ser um psicólogo ou o Conselho Tutelar,

responsável por instaurar um processo contra quem divulgou. (Renata LIBÓRIO, 2014)

As crianças estão ávidas por saber sobre as diferenças corporais e de onde vêm os bebês. Elas perguntam, querem ver e, muitas vezes, a educadora ou o educador fica sem saber o que fazer. Elas reproduzem, nas brincadeiras de faz de conta, os comportamentos sexuais que veem na TV, entre seus familiares e também os atos de abuso sexual dos quais, porventura, estão sendo vítimas. (Cristina d'Ávila REIS, 2014)

AJUDA

Outras pesquisas também recentes mostram que o livro didático de Matemática é muito pobre, não trabalha bem as questões conceituais, não ajuda a solucionar as dificuldades. O estudante acaba decorando, sem entender os conceitos, e a disciplina transforma-se em um bicho-de-sete-cabeças. Queremos mostrar que estudar Matemática pode ser algo prazeroso e que existe uma grande variedade de instrumentos de apoio que ajudam professores e alunos a trafegar melhor pela disciplina. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 1995)

Acho que a coisa mais importante é ajudar as pessoas a perderem o medo, a se atreverem a entender as coisas. Os cientistas que se decidem a fazer esse tipo de educação têm o mesmo papel que os leigos ou padres da Teoria da Libertação nas comunidades de base, nas quais ajudam as pessoas a resolverem os problemas que têm, para poderem viver melhor. Da mesma maneira que a comunidade de base enfrentava problema de esgoto, o cientista pode agora ajudar as pessoas a enfrentar o problema de como funciona a eletricidade. (Maurice BAZIN, 1997)

Não iríamos fazer benemerência nem ajudar os necessitados, porque desde que o Brasil é Brasil existem essas instituições de caridade. O que eu acho é que essa forma de pensar termina gerando uma relação de poder mascarada de ajuda. Minha experiência de consultório, meu trabalho como psicóloga, foi importante porque naquela situação se trabalha de forma exatamente diversa, sem relação de poder. (Viviane SENNA, 1997)

O fotógrafo pode ajudar a infância e a juventude da mesma forma que todo mundo pode. [...] O fotógrafo ajuda quando revela o que há de bom, para que sirva de exemplo e inspiração para outros, e também quando retrata o que há de ruim, para que possa causar espanto e indignação. Através das imagens ele é capaz de mobilizar as pessoas a agirem conscientemente quando o assunto são crianças e adolescentes. (Mila PETRILLO, 2001)

A presença de um estudante muito contestador dentro de um grupo pode incomodar, mas também ajuda algumas pessoas. É um conceito denominado “aprender por incômodo”. Então, se constatamos que você reage bem a esse tipo de estímulo – levando em conta os dados que temos a seu respeito – podemos criar um aluno virtual com essas características para ser seu “colega”. Ou, então, desenvolver um colega virtual que saiba um pouco mais do que você e, portanto, possa ajudar. (Claude FRASSON, 2003)

Minha família era muito pobre e o sonho do meu pai era ver o filho na faculdade. Mas eu estava em outro caminho, trabalhava numa serraria – como fizeram meu pai e meu avô – e não queria saber de estudar. [...] Mas a senhora Grams, minha professora de Matemática, fez toda a diferença. Ela conversava muito comigo e sempre acreditou na minha capacidade. Eu simplesmente me deixei levar por suas palavras e todos os dias agradeço a ela – em prece, porque ela já faleceu – a ajuda que me deu. (Gary WILSON, 2004)

Por acreditarem na ideia de que ler é uma tarefa fácil, muitos educadores deixam os estudantes sem ajuda nesse momento. [...] Sem ajuda, é claro que eles têm dificuldade – ora, se soubessem ler, não precisariam ir à aula. Por isso, a escola

deve ir progressivamente formando leitores. A autonomia não é algo que se constrói em uma semana. Há muitas intervenções a serem feitas pelo docente para que todos consigam ir compreendendo os textos das diferentes áreas. (Beatriz AISENBERG, 2010)

Um detalhe que esquecemos quando adultos é que leva muito tempo para aprender o significado de símbolos numéricos abstratos, tal como algarismos arábicos. É possível ajudar as crianças a compreender o que esses símbolos representam fazendo-as praticar exercícios de correspondência que envolvam estimativas e contagem. Assim como a leitura, a alfabetização numérica é uma habilidade progressiva. (Daniel ANSARI, 2012)

A criança com grandes dificuldades escolares vive uma espécie de dupla solidão. Por um lado, sente-se sozinha para enfrentar a escola, já que não conta com a ajuda “interiorizada” dos seus pais – que não puderam lhe apresentar as disposições e as competências necessárias para compreender a escola. Por outro, sente-se sozinha quando, uma vez de volta em casa, percebe que as atividades escolares que a forçaram a fazer ao longo do dia, não são compreendidas nem pelos seus pais, nem irmãos. (Bernard LAHIRE, 2012)

Podemos convidá-los [os alunos] a imaginar a vida das pessoas a quem ele [o objeto antigo] pertencia. Para que era usado? De que maneira? De onde essas pessoas eram? [...] O professor tem de ajudar o grupo a relacionar as peças com outros tempos e pessoas que podem estar próximas deles em termos geográficos e familiares, mas que tiveram outra forma de viver. No entanto, não é satisfatório estudar somente o histórico da peça em questão. É necessário ensinar a garotada a generalizar situações e conceitos. (Isabel BARCA, 2013)

Estamos em um momento em que os jovens são muito mais espertos que os adultos em relação às novas tecnologias e é natural que assim seja. E o melhor que pode fazer um professor quando tema fazer funcionar um aparato tecnológico e não consegue é pedir ajuda para um aluno. E reconhecer que nesse território os jovens são mais competentes simplesmente porque nasceram com a tecnologia instalada na sociedade e isso muda completamente a visão. (Emilia FERREIRO, 2013)

[O professor] precisa estar sempre atento ao aluno, ao comportamento do aluno. Se ele ficar atento, ele vai saber o que fazer para manter ou para trazer o aluno de volta para a sala de aula. Eu acredito também em suporte pedagógico. Há momentos em que o professor precisa erguer a mão e pedir ajuda para a coordenação pedagógica, para a direção da escola. (Jadir de Souza MENDES, 2013)

Temos de ajudar as crianças e os adolescentes a rechaçar a violência. É necessário impedir que dentro do que nos permitimos fazer esteja o uso dela. No lugar disso, os estudantes precisam estar dispostos a lutar (pacificamente) pela paz. Mahatma Gandhi dizia que não há um caminho para fazer a paz, ela é o próprio caminho. Não pode haver contradição entre o fim e o meio. (María José DÍAZ-AGUADO, 2015)

No modelo convencional da escola herdada existe uma hipertrofia de classificação, ou avaliação somativa, e uma preocupante atrofia da avaliação formativa. Uma nota ou classificação pouco ajuda para compreender as próprias forças e fraquezas. A forma de avaliar e certificar a aprendizagem pode arruinar os propósitos pedagógicos mais dignos. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

Se você perguntar para uma pessoa sobre um trauma como um ataque a tiros, ela vai dizer: “Eu ouvi o tiro, vi o sangue, saí correndo”. É um registro primitivo, pré-verbal. É fundamental ajudar a pessoa a se expressar de outro jeito, a chegar a uma forma cognitiva mais elaborada e dentro da resiliência, para que consiga construir aquele significado para ela. A resiliência é a capacidade de encarar uma coisa muito forte, que tira você do prumo, para que fique em pé novamente e num lugar que lhe dê segurança. (Maria Helena FRANCO, 2019)

COMPETIÇÃO

A TV comercial, no Brasil, não tem nenhum compromisso com a Educação. É uma TV que até desmobiliza o espírito de cidadania e a curiosidade ou interesse cultural – e só dá ênfase ao individualismo e à competição. Aliás, a lógica da TV comercial brasileira é a competição. Além do mais esse tipo de TV não dá alternativas ao público. Os canais reproduzem sempre o mesmo formato. (Laurindo Lalo LEAL FILHO, 1997)

Argentina, Paraguai, Chile e Uruguai já contam hoje com uma força de trabalho com muito mais educação do que nós. Eles trabalham com algo entre seis e oito anos de escolaridade média, enquanto o Brasil deve estar entre quatro e cinco anos. É uma diferença enorme. O Chile ainda tem um compromisso de que pelo menos 20% da população economicamente ativa tenha educação permanente. O Brasil entra nessa guerra de competição com um exército muito mal preparado do ponto de vista educacional. (Horácio Lafer PIVA, 2001)

A competição existe desde que o homem é homem, é uma energia vital que tem de ser utilizada e fazer parte dos processos. O que acontece é que ela não pode ser a única energia a mover o mundo. Ela vem de um impulso de sobrevivência e só se humaniza com afeto e emoções positivas. É esse equilíbrio entre a energia vital da competição com uma outra energia vital, a da amorosidade e da cooperação, que conseguirá desenvolver um mundo realmente humanizado. (Hélio MATTAR, 2002)

Existe, naturalmente, uma grande disputa entre os estudantes. Quem tem as melhores notas, quem é o segundo, quem é o último. A competição faz parte da escola, mas por si só ela é negativa. Penso que é papel de todos os educadores usar essa energia para produzir questões como “quem é o mais criativo?” (em vez de “quem é capaz de repetir o que o eu disse?”). Incentivar a cooperação entre os estudantes é uma forma de estabelecer outro padrão de disputa e valorizar a integração. Isso é a competição cooperativa. (Pierre LÉVY, 2003)

A ideia que devemos passar para os alunos é a de que aprender é algo bom por si mesmo, não como meio para conseguir uma outra coisa. Motivações externas – as medalhas, nome no quadro, balinhas e bombons – estragam essa noção, introduzem a ideia de que você estuda para ganhar um prêmio, para ganhar aceitação, e não porque você quer aprender. Outro problema é que esse tipo de recompensa joga uns alunos contra os outros. Na vida real já temos competição suficiente. Por que precisamos reforçar essa competição ainda mais na escola? E as crianças que nunca recebem medalhas? (Dale ARMSTRONG, 2004)

Os professores estão tendo muitas dificuldades com a disciplina nas séries mais avançadas, porque as crianças estão fora de controle. Eles dizem: “Não tenho tempo para ensinar, passo o tempo todo atuando como assistente social”. [...] Os professores pensam: “Se esta criança fosse minha filha, ela não seria assim”. E os pais pensam: “Tudo o que esta criança tem de errado é culpa da professora”. Então, eles estão em competição e a solução é trazer isso à tona e falar a respeito regularmente. (T. Berry BRAZELTON; Joshua SPARROW, 2005)

Impor novos modos de organizar esses espaços [da educação infantil] sem um trabalho de formação teórica implica muitas vezes “tirar o tapete” do educador, lançando-o à sua própria sorte. Vivemos numa sociedade altamente competitiva, na qual desde muito cedo, principalmente nas camadas mais altas da escala social, a ordem é “competir para ser melhor que o outro”. Onde reina esse espírito, um espaço solidário, fraterno, onde construir juntos seja fundamental, não terá vez. (Maria da Graça HORN, 2006)

Os processos pelos quais isso [a competição entre escolas públicas] ocorre são, em geral, obscuros – por exemplo, indicações por relacionamento e outros mecanismos. Não pode ser coincidência, porém, que no mesmo bairro, às vezes com poucos metros de distância, haja uma escola apenas com alunos “do asfalto” e outra apenas com os da favela. Na forma como essa competição acontece no Brasil, contando com nossa tradição patrimonialista e clientelista, tem efeitos negativos. (Márcio da COSTA, 2010)

Em muitos países, agora, as escolas são ranqueadas como clubes de futebol e a competição para obter pontuações elevadas nos exames é feroz. Tenho visto isso com meus próprios filhos. No ano passado, meu filho passou meses só revisando para os exames vestibulares nacionais (ele tinha 11 anos e estava no 7º ano do ensino fundamental). Esses exames não afetam particularmente o seu futuro, mas são a única medida de sucesso para a escola – então as crianças estavam sob intensa pressão para se sair bem. (Carl HONORÉ, 2010)

A competição em si não é um mal, depende do valor que damos a ela. Você sempre tem de competir com alguém e nunca contra alguém. Na medida em que a gente vai desenvolvendo isso, é possível entender que é na competição que existem coisas fundamentais para a vida. Agora, eu não posso, na competição, fazer o que a grande mídia geralmente faz: falar que um time “massacrôu” o outro. A competição tem vitórias e derrotas e a vida também. (Wagner Wey MOREIRA, 2012)

No judô a filosofia de competição é muito ligada à filosofia oriental de competição, que não é subjugar nem derrotar o oponente: é você ganhar de você, sempre. O seu adversário é você. É uma cultura um pouco diferente. E a gente trabalha isso com eles desde cedo. [Trabalhamos os modos] como cada um lida com vitória, com derrota, mas, especialmente, fazemos com que entendam que a importância da competição está em aprender a se dominar. (Flávio CANTO, 2014)

As consequências [da cultura empresarial] são muitas e muito nocivas para a democratização e melhoria da qualidade do ensino público. A competição e não a colaboração passa a ser a tônica. Competição entre os alunos, competição entre as escolas, competição entre as famílias na escolha das escolas. Surgem fortes pressões pela especialização dos currículos e uma onda de ensino de empreendedorismo, que chega a assumir condição de disciplina, o que é um reducionismo, e mais ainda uma descaracterização, do papel social da escola e da formação de um jovem autônomo. (Nora KRAWCZYK, 2014a)

Entre os pais hoje há uma expectativa muito grande para criar os gênios do futuro, os próximos presidentes de empresas. Então, esses pais vão procurar

aulas de mandarim, por exemplo, porque dizem que essa é a língua do futuro. Mas isso é uma previsão, ninguém sabe ao certo qual será a demanda para isso. Também existe uma competição entre as famílias, que não é escancarada, mas está ali. Os pais veem que o coleguinha do filho está fazendo uma atividade e logo pensam que deveriam colocar o deles para também fazer alguma coisa. (Clarice Krohling KUNSCH, 2014)

Os pesquisadores estão inclinados a dizer que a competição entre as escolas não gera melhores resultados, mas sim frustração, evasão, sentimento de desproteção, vantagens para as famílias de maior nível cultural, etc. Acredito que a educação não deve ser projetada com finalidades de competição. Pelo contrário, cada sistema tem de evoluir com seus próprios erros e acertos, deve trabalhar de forma colaborativa e tomar decisões com base em suas convicções e capacidades, e não por pressão externa. (Axel RIVAS, 2014)

O ensino *on-line* também pode ser barato – muitas vezes gratuito – e não envolve deslocar-se até uma sala de aula de localização inconveniente para ter aula com um professor que pode ou não querer estar ali. Há poucos pontos negativos em uma aula *on-line* bem-feita. Pesquisas mostram que os estudantes aprendem tanto quanto – ou até mais – *on-line* do que numa aula presencial. Detratores do ensino a distância muitas vezes se sentem pessoalmente ameaçados pela competição que ela traz. (Barbara OAKLEY, 2015)

PROTAGONISMO

O protagonismo juvenil é um espaço para o adolescente tomar a história nas próprias mãos. É muito importante na discussão da violência, por um raciocínio muito claro: as periferias das grandes cidades não estão equipadas com centros de lazer, de convivência, de criatividade. O adolescente da periferia não tem canais de expressão e, portanto, não tem canais de reconhecimento. Quando não há esse espaço, ele fica na rua, numa certa inanição. (Geraldinho VIEIRA, 2000a)

Temos de ter paradigmas e referências para viver. Se a família não faz sua parte, acredito que o professor deve fazer. Se ninguém educar, a Xuxa vai fazê-lo. Não há neutralidade. A questão é transmitir valores de uma maneira sadia, capaz de tornar os jovens sujeitos, protagonistas. O que acontece é que todos os parâmetros são tirados e o estudante naufraga porque não compreende o que vê à sua volta. Por isso o shopping center é tão fascinante. Tudo lá dentro está arrumado. (FREI BETTO, 2002)

A educação atual caracteriza-se por mudanças de protagonismo. [...] Saem de cena aqueles que antes influenciavam mais decisivamente na educação das novas gerações: a família, a comunidade do bairro, os colegas e amigos. É claro que esse novo protagonismo tem aspectos positivos e negativos. O lado positivo é a redução significativa do analfabetismo. E o lado negativo é o fato de que caiu sobre a escola a responsabilidade de ser a gestora de todos os temas educacionais, o que deixa a escola numa situação-limite. (César COLL, 2002b)

O Protagonismo Juvenil é uma ferramenta de ação social e educativa que se inscreve no âmbito maior da educação para valores. Trata-se de ressignificar a relação do jovem com as questões relativas ao bem-comum, possibilitando-lhe atuar na resolução de problemas reais na escola, na comunidade e mesmo na vida social mais ampla, visando desenvolver seu potencial como pessoa, cidadão e profissional. [...] Isso é uma oportunidade singular para os jovens e para as políticas públicas de juventude. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2006)

A aula é a “ferramenta” essencial do professor e, dessa maneira, torna-se impossível dizer qual a melhor ferramenta do mundo sem se saber o que com ela consertar. O martelo é excelente para alguns serviços e inviável para outros e, da mesma maneira, uma aula com sucesso começa com a escolha certa do modelo de “ferramenta”, eliminando a ideia embolorada de que existe apenas uma maneira de se ministrar aulas. [...] Toda aula é boa quando conduz à aprendizagem significativa, faz do aluno um protagonista e não um espectador. (Celso ANTUNES, 2007)

Uma outra questão é a dimensão do processo educativo que deve ter um duplo protagonismo: do professor e do aluno. O professor tende a infantilizar o aluno e, metodologicamente, não leva em conta a importância do jovem ser sujeito da aprendizagem. Vejo a pedagogia da juventude como aquela que toca o desejo dos alunos. A gente tem que descobrir formas de envolver jovens a partir do seu próprio desejo. (Juarez DAYRELL, 2010)

E o que se faz na sala de aula? A partir de tudo aquilo que está no digital, o professor e os alunos podem aprofundar, reelaborar, fazer novas sínteses e

colocar novamente no digital. Essa dinâmica do contato no presencial com o contato no digital é cada vez mais possível e estimulante para o aluno. O aluno se encanta quando percebe que pode ser mais protagonista do que meramente espectador. (José Manuel MORAN, 2011)

Existe uma maior quantidade de matérias [jornalísticas] e assuntos ligados à educação. Não fiz um levantamento, mas percebo, pela minha leitura diária, que mudou. Aí a gente começa perceber que os principais protagonistas da educação, que a meu ver são os pais e os alunos, começam (ou nós começamos) a mudar – e sem eles mudarem, a gente pode vencer todas as batalhas, mas vai perder a guerra. A educação era a sétima prioridade pelo Datafolha, pelo Ibope, e agora já é a segunda prioridade. (Marcelo Cortes NERI, 2011)

Mais um ponto que se discute hoje é o protagonismo compartilhado, porque na escola, normalmente, o protagonista é o professor, e o aluno é coadjuvante. Aí vem a Sociologia infantil e fala que o protagonista é a criança. Então quer dizer que para um ser protagonista, o outro não pode ser? Dá para ter um protagonismo compartilhado? Para isso sair da discussão e se tornar prática, você tem que entender que concepção de criança e de professor você tem, na perspectiva de nos apontar uma escola onde não exista de verdade essa desigualdade entre adulto e criança. (Gabriel JUNQUEIRA FILHO, 2013)

Os povos indígenas buscam ultrapassar a condição de tutela que tem caracterizado as suas relações com o Estado brasileiro. Para isso, procuram os cursos superiores com o propósito principal de constituírem sua autonomia e protagonismo na gestão de seus territórios, sobretudo nas áreas da saúde, da educação, do desenvolvimento sustentável, da agroecologia e do direito. (Rita POTYGUARA, 2013)

Historicamente, nossos professores foram formados para a prática de uma educação excludente, que não levava em consideração a diversidade dos alunos, seus interesses individuais e seus projetos de vida. Nos tempos atuais, precisamos repensar essa prática para que haja profissionais comprometidos com a formação cidadã dos alunos e capazes de formatar projetos de estudo que envolvam os jovens como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. (José Fernandes de LIMA, 2015)

É preciso que o aluno compreenda a responsabilidade de cuidar de sua própria convivência, como protagonista de sua própria educação. Se ele vem à escola para educar-se, tem de assumir uma cota de responsabilidade. Como queremos que os jovens sejam autônomos, se estiverem sempre apenas olhando a cara do professor? Como rompemos a dependência do adulto? Como caminhamos para a moral autônoma, concedendo espaços para que ocupem, experimentem, equivoquem-se, acertem? (José María Avilés MARTÍNEZ, 2015)

Uma boa compreensão do conceito de interação como ação que vai constituindo-se entre pessoas é fundamental para o trabalho docente. Aqui se trata de reconhecer o protagonismo das crianças e acolher a maneira como elas respondem às iniciativas do professor e dos colegas. Não se pensa em uma ação unidirecional do professor para a criança, mas em uma ação de mão dupla, em

que os parceiros, em especial outras crianças, regulam-se mutuamente. (Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA, 2015b)

Muitos jovens já são protagonistas e intervêm ativamente na sociedade, mas não da maneira que os adultos pensam ou desejam. Utilizam estratégias e modos não convencionais, que os adultos não costumam reconhecer ou valorizar. [...] Vemos que se organizam e atuam em grupos de ativismo, o que pode ser pelo prazer de compartilhar e aprender com os outros. Fazem isso quando participam de projetos baseados na filosofia *maker*. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2016)

Na realidade atual, é fundamental que o processo de ensino e aprendizado leve o aluno do ensino médio a se expressar e a divulgar o que produziu de bom fora da escola. Protagonismo. Cultura do fazer. Faça você mesmo. Cultura *maker*. Essa não é, aliás, uma necessidade a ser imposta apenas ao aluno do médio. Os últimos debates sobre educação no país [...] relacionaram fortemente o protagonismo dos alunos no fundamental. Mas os livros do ensino médio, em maioria, não ajudam o professor nesse processo. (Lauri CERICATO, 2019)

ABANDONO

O profissional que não tem tempo para se qualificar nem remuneração e instrumentos adequados para ensinar, e que enfrenta dificuldades com transporte e alimentação, evidentemente não estará exercendo a profissão na plenitude que deseja. Por outro lado, do Oiapoque ao Chuí, a rede pública está em completo abandono, dificultando nosso desempenho e afetando o processo ensino-aprendizagem. (Tomaz WONGHON, 1988)

Agora há pouco estive nos Estados Unidos, e os médicos de lá falam de uma nova síndrome na psiquiatria infanto-juvenil: a Síndrome do Abandono na Casa, baseada no filme *Esqueceram de Mim*. As crianças chegam às 2 ou 3 horas da tarde da escola e ficam até 8 ou 9 horas da noite sozinhas, tendo a televisão como companhia, ou os amigos do edifício, da rua, do clube, do condomínio, à mercê de todas essas influências. (Eduardo KALINA, 1999)

É necessário redefinir o currículo, porque ele não é relevante para muitos estudantes em nossas escolas. No Brasil, muitas crianças abandonam a escola, não somente porque os seus pais as forçam a trabalhar, mas também porque acham a escola chata e sem interesse. E assim estamos testemunhando um movimento mundial, no sentido de promover uma mudança no currículo das escolas, para torná-lo mais relevante e mais atraente para os jovens de hoje. (Peter MITTLER, 1999)

Um dos motivos mais comuns citados pelos adolescentes para abandonarem a escola é o sentimento de que ali não existe um adulto que os compreenda e que se preocupe com eles. As escolas para adolescentes, portanto, devem ser organizadas não como fábricas de matérias, mas como comunidades vivas, onde tanto alunos quanto professores se conhecem entre si, e os professores compartilham alunos bem como matérias. (Andy HARGREAVES, 2001)

Quando perguntamos a um diretor, a um coordenador ou mesmo a um supervisor que trabalha na secretaria qual é a sua classe, quem são seus alunos, ele pode responder com o número total dos alunos da escola e pode até completar dizendo: “Atualmente estou fora de classe”. Como fora de classe? Você não tem a classe das crianças, dos jovens, mas tem a classe dos professores. Se o educador diz que está fora da classe, então o professor está abandonado. A estrutura está abandonada. (Madalena FREIRE, 2004)

Não entrego crianças a gente mal-amada, cheia de problemas – convenço-a a refletir e escolher outra profissão. Senão, ela vai ser impaciente, irritada. E quem cuida das crianças abandonadas? Geralmente adultos que foram abandonados e que, portanto, têm carências fundamentais. Ora, um choro de um bebê atinge 70 decibéis, produz irritabilidade. E a pessoa tem de estar preparada para isso. (Gilda RIZZO, 2004)

Deixamos o ministério com uma herança positiva. Era só continuar com o que precisava ser feito: melhorar o acesso à escola, o desempenho dos alunos, a queda na reprovação. Era um momento positivo. Mas foram abandonados os programas de aceleração escolar. O *Bolsa Escola* foi desvirtuado e transformado no *Bolsa*

Família, que tem em si mesmo uma contradição com a questão da frequência escolar. (Paulo Renato SOUZA, 2005)

No caso do crack, é um fenômeno que ocorre no mundo todo, não só no Brasil. E tem a ver com os fatores de risco. Alguns são identificáveis: situações de exclusão social e desfavorecimento. Por outro lado, as classes mais abastadas também estão consumindo crack. O que acontece é que mesmo essas classes mais favorecidas têm uma série de problemas. A situação de abandono psicológico e o descaso são algo muito presente. Claro que, para um adolescente de rua, essa situação de abandono é patente. (Dartiu XAVIER, 2010)

[Na Espanha,] o abandono propriamente dito reduz-se a 10%; os outros 30% são de fracasso, e seus protagonistas são impedidos de continuar estudando [...]. Em suma, trata-se de expulsão, a qual resulta, de um lado, da crença errônea de que o ensino obrigatório garantiria o êxito a todos ou a quase todos e de que o pós-obrigatório deveria ser preservado dos “maus alunos”; de outro lado, resulta do fracasso não do aluno, mas sim da instituição, que teria de assegurar o êxito da maioria. (Mariano Fernández ENGUITA, 2012)

No início, foi importante garantir para toda a população uma base sólida de letramento e fundamentos matemáticos. Também foi crucial montar um currículo nacional que realmente priorizasse as habilidades necessárias para o posterior ingresso no mercado de trabalho e atuar com empenho para reverter o abandono escolar. Quase 10% dos alunos paravam de estudar antes de concluir o Ensino Fundamental e precisávamos reduzir isso porque, em uma população pequena, cada estudante é um recurso precioso. (Lee Sing KONG, 2012)

Ele [Programa Alfabetização na idade certa] vai incluir produção de material didático de melhor qualidade, formação inicial e continuada, avaliações aos 7 e aos 8 anos [...]. O país não pode continuar com desigualdades nessa faixa etária. No Paraná, apenas 4,9% das crianças não são alfabetizadas, enquanto no Pará são 32% nessa situação. Se não resolvermos a questão da alfabetização, todo o processo de aprendizado posterior fica comprometido, o que acaba motivando o abandono. (Aloizio MERCADANTE, 2012)

Perguntei às demais [crianças] como era ter aquele colega [com Síndrome de Down] na sala. Surpresas, elas disseram: “É normal”. Retruquei: “Mas ele não fala...”. E elas: “E daí? Quando não gosta de alguma coisa, ele senta. Quando está muito feliz, ele gira, gira”. O convívio era algo completamente natural para elas e importantíssimo para o menino. Certa vez, quando percebeu que a turma havia ido passear sem ele, o garoto se jogou no chão e começou a chorar. Mesmo sem palavras, foi uma reação muito clara ao abandono. (Miriam SKJORTEN, 2013)

Há ainda o estado de abandono das classes mais pobres. Os jovens desses estratos não têm perspectiva de futuro. Mesmo que estude e consiga um emprego, um rapaz pobre de 15 anos vai ganhar um salário-mínimo. Ele não tem interesse em ir para a escola nem em ganhar essa quantia, e a vida fica uma coisa muito sem valor. Essa conjuntura acaba pesando na cabeça das pessoas. (José Manoel BERTOLOTE, 2014)

No caso do ensino regular, na universidade, médio e mesmo fundamental, penso que ele [o ensino a distância] exige disciplina, concentração e comprometimento do aluno em altíssimo grau para dar resultado satisfatório. E são poucas as pessoas que conseguem isso. Tanto que o índice médio de abandono de curso superior no EaD é de 50% – e estamos falando de graduação. O EaD é uma realidade no mundo digital e globalizado, há projetos em todo o mundo. Mas ele exige um tipo de aluno muito comprometido. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2019)

Com raríssimas boas exceções, o espaço para a formação técnica e profissional, respeitando as vocações e os potenciais regionais, foi abandonado. O que me parece um erro profundo de visão e planejamento, diante da necessidade de atender os jovens, suas famílias e as variadas demandas regionais em um país tão diversificado como o Brasil. Aí os alunos abandonam mesmo. (Lauri CERICATO, 2019)

VALORIZAÇÃO

A escola está sem prestígio, sem *status* e, é claro, o professor também. Mas precisamos nos valorizar, isso é muito importante para que a nova escola possa surgir. Uma valorização que começa nas pequenas coisas. Eu, por exemplo, que nunca fui um burocrata, agora só vou a palestras e seminários de terno. Se visto um terno para um casamento, por que não fazer o mesmo para discutir a educação? Agora, a valorização começa mesmo é na escola, na sala de aula. (Moacir GADOTTI, 1991)

Em tempos de educação a distância, parece que nós, professores, somos cada vez mais dispensáveis, mas considero que nosso trabalho se complicou e se valorizou, exigindo que tenhamos processos bem mais complexos de formação de professores. Passamos por fases na história da formação achando que as pessoas não faziam as coisas certas porque não as conheciam. (Corinta GERALDI, 2004)

É preciso que o trabalho nessas instituições [escolas públicas] tenha os incentivos corretos para que os professores se sintam motivados, como ocorre no ensino privado. O salário do professor, por exemplo, tem de depender do aprendizado dos alunos. Os melhores alunos e professores têm de ganhar prêmios e serem valorizados; os piores professores têm de ser demitidos. (Naércio Aquino MENEZES FILHO, 2007)

Precisamos convencer o país todo de que o único caminho que leva ao progresso está na escola de qualidade para todos. Vamos trabalhar com afinco para que todos passem a valorizar os professores, pois eles cuidam de nossos filhos e ainda são os principais construtores do futuro. O nosso mote será a “mania de educação”, além de convencer os pobres de que eles têm direito a uma boa educação para seus filhos. E os ricos devem ser convencidos de que os pobres também merecem uma boa escola. (Cristovam BUARQUE, 2008)

A China é um país pobre, mas o valor que a sociedade atribui à educação é enorme. Não é por acaso que a instrução se constitui em um dos principais fatores de mobilidade social no país. Outro exemplo: a Coreia do Sul, que na década de 1960 tinha um sistema educacional muito pouco desenvolvido – e atualmente é um dos melhores do mundo. A razão da mudança foi a mesma: a valorização da Educação, algo que ainda precisa ser criado no Brasil. (Andreas SCHLEICHER, 2008)

Talvez ela [a riqueza natural do Brasil] tenha contribuído para que a Educação não fosse prioridade. Com tantos recursos, parecia não ser necessário investir nas pessoas. O segundo [fator] é que, obviamente, oferecer ensino em um país do tamanho do Brasil é muito mais difícil do que em outros menores, como o Uruguai e o Paraguai. Por fim, creio que não exista uma valorização da Educação. Só recentemente os governantes começaram a entendê-la como essencial para o desenvolvimento sustentável. (Timothy IRELAND, 2009)

O sucesso da Política [Nacional de Formação de Professores] não depende apenas de oferecermos vagas, embora isso seja um aspecto central. É preciso haver o estímulo e a valorização da docência. Isso já está sendo feito por meio do piso salarial do magistério. Ao mesmo tempo, por meio do PDE [Plano de

Desenvolvimento da Educação], está havendo uma melhoria das condições das escolas, dos laboratórios. (João Carlos TEATINI, 2009)

[Na aprendizagem cooperativa] somos muito cautelosos na maneira como estruturamos a interação dos estudantes dentro de seus grupos. Nós nos certificamos que cada aluno tenha um a contribuição única a fazer, então a contribuição de cada aluno é necessária para o sucesso da equipe. Em algumas das estruturas, equalizamos a participação fornecendo rodadas iguais de contribuição ou tempo igual. Uma vez que todos os alunos são importantes, todos se sentem valorizados e ninguém pode tirar vantagem dos outros. (Spencer KAGAN, 2010)

A Inglaterra também tem uma experiência muito interessante que tem a ver com a valorização social da profissão. Lá houve campanhas na televisão de valorização da função docente. Isso é uma coisa que poderíamos fazer também. É preciso aumentar a atratividade da profissão com elementos materiais, mas também com elementos subjetivos, que têm de ser enfrentados. Nós temos a “Escolinha do Professor Raimundo”, mas não o “Hospital do Dr. Raimundo”. Quer dizer, aqui há uma desmoralização sistêmica da profissão. (Romualdo Portella de OLIVEIRA, 2010)

Apenas a pesquisa é valorizada no currículo do professor universitário. Ganham-se bolsas de produtividade por pesquisa, mas não por aulas bem ministradas. Outro descaso que encontramos relaciona-se a projetos de extensão [universitários]. Esses projetos, que fazem com que a universidade se insira na vida da comunidade, não são valorizados. Nem o ensino nem a extensão são premiados, destacados, somente a pesquisa. Se a universidade está dividida em ensino, pesquisa e extensão, se são essas as três funções que temos de exercer, então que sejam exercidas com equilíbrio. (Graça PAULINO, 2011)

Também é necessário garantir aos professores condições adequadas de trabalho, que vão desde infraestrutura até formação continuada. É preciso ainda criar uma mobilização social em torno da educação, baseada na convicção de que ela se constitui como elemento essencial para transformar o Brasil no País que desejamos. Só assim – quando a educação se tornar prioridade na definição das políticas públicas, na rotina das famílias e no projeto de vida dos indivíduos – a valorização da figura do professor será possível. (Anna Helena ALTENFELDER, 2012)

A valorização não passa só por governo, passa pela sociedade geral. A gente tem uma sociedade em que a atividade da prática docente passou a ser considerada uma atividade secundária, pouco valorizada. A valorização docente vem, especialmente, por melhores condições de trabalho, formação permanente e democratização da gestão. [...] Uma valorização que é feita apenas no abstrato, apenas com um discurso que aparece em períodos de eleição, é uma armadilha tola, na qual quase ninguém mais tem algum tipo de crença. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

[Com o PIBID] houve diminuição da evasão e aumento da procura pelos cursos de licenciatura, além da valorização das licenciaturas na comunidade acadêmica e científica. Do ponto de vista dos bolsistas de iniciação à docência, observa-se

uma formação contextualizada e comprometida com o alcance de resultados educacionais, a melhoria no desempenho acadêmico e a descoberta do espaço de autonomia que o professor tem na escola. (Carmen Moreira de Castro NEVES, 2014)

O que falta é investirmos em campanhas de valorização da educação. O sistema econômico e político no qual vivemos desvaloriza a educação, e isso vem de décadas atrás. Aliás, é a história do Brasil. O Brasil teve projetos isolados aqui e ali, mas não dá para dizer que tivemos um tempo maravilhoso na educação. Tivemos sempre uma educação que foi de mal a pior. E, em certos momentos, ela foi sacrificada. (Marcia TIBURI, 2015)

A questão salarial não é mais importante do que a valorização dos profissionais da educação pela sociedade. Isso determina muito o moral dos professores de um país. O salário é um componente importante, sem dúvida. Porém, se a remuneração é baixa e a sociedade atribui muito respeito aos professores, pela contribuição que dão para a construção e o desenvolvimento de uma nação, acredito que isso seja capaz de levantar o moral deles e fazê-los seguir em frente. (Lee Sing KONG, 2016)

DESVALORIZAÇÃO

A desvalorização do Magistério chegou a tal ponto que não compensa economicamente para o professor habilitado dar aulas. O professor leigo assume então a sala de aula. Há um grande barateamento de custo, mas também uma perda na qualidade de ensino. Tentando remendar, o governo propõe as políticas de habilitação do professor. Mas é apenas uma dissimulação. (Maria Teresa Marques AMARAL, 1987)

Pior do que o baixo salário, é a desvalorização do trabalho do professor em si. Um pai acha cara a mensalidade de uma escola. Mas paga três vezes mais, e sem reclamar, por um curso de equitação, por exemplo. A sociedade, como eu já disse, não valoriza a Educação. A revalorização do trabalho do professor, que abre caminhos para reter a atenção e o interesse da criança, não passa só pelo aumento de salário. É responsabilidade de todos. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

Falamos muito sobre a desvalorização do professor. As políticas, ou até mesmo a ausência delas desvalorizam os professores, e as instituições formadoras tratam mal esse aluno e futuro professor. Há um aspecto que gostaria de ressaltar que está muito presente na pedagogia da Escola Nova: para a valorização do professor, além da carreira, além do salário e, evidentemente, de uma boa instituição formadora, deve ser desta cada a sua relação com o próprio conhecimento. (Clarice NUNES, 2000)

Mães analfabetas têm mais dificuldade de acompanhar os filhos na escola. As crianças que habitam locais onde a comunidade é iletrada tendem a desvalorizar a escola. Isso sem falar nos problemas da própria escola: salário, instalações, falta de material. A cultura da oralidade é tão forte que há comunidades que dispensam o letramento. Quando os pais não valorizam a escola, não há melhora. (Maria do Carmo Brant de CARVALHO, 2002)

Como o salário e o poder aquisitivo são considerados sinais de sucesso e de reconhecimento profissional, essa situação acaba refletindo em outros tipos de relação, reforçando o sentimento de desvalorização. Para exemplificar, vale a pena citar a afirmação de uma professora: “Até o supermercado não valoriza”, referindo-se à dificuldade em obter crédito quando mostra seu contracheque. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

A diversidade de competências e habilidades cognitivas, emocionais e afetivas que você tem de ter para jogar bola é muito mais ampla do que a necessária para ser analista de sistemas, desenvolver um programa, em que só se trabalha com as dimensões intelectivas. [...] Estudos que diferenciam esportes mostram que ele [o futebol] está entre os que mais exigem do ser humano. Mas é desvalorizado. (Maria Aparecida Silva BENTO, 2004)

Continuo a pensar que a sociedade precisa muito da escola. Apesar de ter grande entusiasmo pelas novas tecnologias, não acredito que essas possam substituir a escola como espaço de socialização e interação entre jovens – de diversas idades – e entre jovens e adultos no processo de crescimento e de construção da cidadania. Penso que seria muito problemático se nossa sociedade evoluísse no sentido de desvalorizar a escola. E é por isso que acredito que cabe aos

professores um papel muito importante de defesa da escola como instituição nuclear da sociedade. (João Pedro da PONTE, 2007)

A figura social do professor mudou. Ele sempre teve dificuldades e nunca foi tão valorizado como imaginamos. Hoje, por conta da facilidade com que sabemos de tudo, os casos de violência e desrespeito em sala de aula chegando até nós todos os dias, ficamos com essa premissa. Houve uma desvalorização do professor? Houve. Mas não que antes ele fosse a figura idolatrada que imaginamos. Vamos acabar com esse mito. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

O valor de um diploma depende das relações entre os diplomas e o emprego, logo da raridade relativa de certos diplomas. Sendo assim, os diplomas tendem a se desvalorizar na medida em que o mercado de trabalho não os acompanha mais. De uma forma geral, o valor dos diplomas vai ao encontro das formações mais longas e seletivas, e são os grupos mais favorecidos que possuem um certo monopólio destas formações. (François DUBET, 2010)

Os professores brasileiros, por não terem boa formação, sentem-se marginalizados e desvalorizados. Com isso, fica fértil o terreno para a construção de mitos, o que é preocupante. Observa-se uma mistura de autoestima muito baixa, de desvalorização real por parte da sociedade (que se revela pelo salário que se paga e pela leviandade com que se discutem os temas do magistério em particular), de políticas públicas equivocadas, de uma maneira de conduzir apressadamente as questões da educação e de uma grande desqualificação intelectual e cultural. (Guiomar Namó de MELLO, 2011a)

Os professores se desvalorizam muito. Eles não têm atitude profissional. Se você leva o seu filho ao médico e ele diz: “Ele está com uma infecção, você vai dar uma injeção, este remédio, e é dolorido”. Se você virar para o médico e disser “Não tem um xaropinho doce ao invés da injeção?”, o médico não vai mudar. Agora, se o mesmo se passa na escola, a gente muda. A gente não dá o remédio amargo. O pai reclama, a gente fala “Ah, não tem um xaropinho mais doce?”. “Tudo bem”. Não somos profissionais. (Rosely SAYÃO, 2011)

Não tem sido fácil dar uma aparência educativa aos serviços e superar o delineamento assistencial que implicava também uma desvalorização profissional dos educadores da primeira infância. Por esse motivo, a qualidade educativa de cada serviço é o primeiro ponto a considerar para não retroceder em um momento de dificuldade de recursos. (Anna Lia GALARDINI, 2012)

Eu não sei se foi uma época, mas até os anos [19]60, [19]70 havia isso – um ensino que se pensava, que se questionava, que se preocupava. Depois disso, veio uma série de coisas, como a industrialização, a não compreensão das coisas, a desmoralização do professor – o qual hoje é desvalorizado, ninguém liga para ele. Eu lamento, lamento muito, porque devia haver estátuas de professores em toda parte. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

Apesar do cenário atual, a Educação Infantil argentina é considerada importantíssima pela população. [...] Sobre a desvalorização da categoria [professores da Educação Infantil], defendo que o problema seja combatido pelos próprios educadores, e não só por outras instâncias. Eles devem provar que são

profissionais e merecem reconhecimento. Não é um processo fácil. Tem de ser construído em discussões com a comunidade escolar e isso leva tempo. (Ana MALAJOVICH, 2013)

Iniciativas bem-sucedidas na escola geralmente dependem de um coletivo de professores que está muito disposto e imbuído de um trabalho coletivo. São também professores que acreditam na educação, pois nem todos os que estão na escola acreditam na educação. Não quero dizer com isso que do jeito que as escolas estão, do jeito que os professores são formados e com os salários que recebem a escola poderia ser outra. Há um quadro conjuntural, de pelo menos 20, 30 anos de uma sistemática desvalorização dos profissionais da educação. (Sandra Pereira TOSTA, 2015)

DESAFIO

O maior desafio é a melhoria da qualidade da educação. Queremos que todos saiam da escola com as necessárias para ler, escrever e fazer cálculos. E que essa leitura faça sentido e contribua de fato para o entendimento de mundo. Estamos investindo na formação de professores e especialistas. Além de oferecer recursos materiais para o professor – como livros e computadores, por exemplo –, temos de suprir a demanda do Centro de Educação Infantil (CEI) e da Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). (Maria Aparecida PEREZ, 2003)

Tivemos – e continuamos tendo – a pilha dos livros e “rebolamos” para aplicar a teoria na prática. Aplicar! Teoria não se aplica, teoria se vive. O grande desafio é informar e ao mesmo tempo acompanhar o pensar, a reflexão sobre a informação recebida na prática, uma vez que tudo o que aprendemos entra. Aprender não é diferente de comer. Para conhecer manga, eu como a manga e, a partir daí, sei qual o sabor da manga. Saber e sabor caminham juntos. (Madalena FREIRE, 2004)

Há três perguntas fundamentais que o professor deve se fazer: o que quero realmente que os estudantes compreendam? Como sei que compreendem? Como eles sabem que compreendem? Se o professor entender que não aprendemos da mesma maneira, que uma pessoa não aprende todas as coisas pelos mesmos caminhos, o ensino para a compreensão se transforma em um grande desafio. (Paula POGRÉ, 2004b)

Em 1970, eu ouvi a Copa do Mundo em um radinho, com alguém transmitindo, em uma simulação não visual. Hoje, 95% dos brasileiros podem assistir à Copa do Mundo ao vivo e em cores. Então, nós massificamos, e um dos desafios que está posto para nós é a questão da massificação individualizada; nós temos que massificar, mas preservar a individualidade, porque ela tem que ser preservada para evitar a padronização absoluta. [...] A padronização leva à clonagem. O que nós muitas vezes tentamos fazer dentro da sala de aula é clonar os nossos alunos. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

Parece que todos temos a sensação de estar vivendo um momento de mudança acelerada nas formas de gerir socialmente o conhecimento e, simultaneamente, de um estancamento nas formas de ensiná-lo ou de transmiti-lo. Há uma defasagem cada vez maior entre a gestão social do conhecimento e sua gestão educativa. Que eu saiba, historicamente, isso nunca foi assim, o que supõe enormes desafios, que talvez ponham em dúvida a própria função social da educação. (Juan Ignacio POZO, 2005)

O livro já existia antes de Gutenberg criar os tipos móveis, mas as práticas de leitura começaram lentamente a se modificar com a possibilidade de imprimir os volumes em larga escala. Hoje temos no mundo digital um novo suporte, a tela do computador, e uma nova prática de leitura, muito mais rápida e fragmentada. Ela abre um mundo de possibilidades, mas também muitos desafios para quem gosta de ler e sobretudo para os professores, que precisam desenvolver em seus alunos o prazer da leitura. (Roger CHARTIER, 2007)

Nos Estados Unidos, existem cada vez mais alunos oriundos de países onde não se fala inglês. Em alguns distritos escolares, mais de cem idiomas diferentes são falados pelas famílias desses alunos. A comunicação entre lar e escola é difícil. Ensinar inglês a esses alunos também é um desafio. Muitos deles são mandados para a educação especial. É difícil ensinar alunos de tantas culturas diferentes, que falam idiomas tão diversos, e ao mesmo tempo focalizar altos padrões no domínio de conteúdos. (Deborah Deutsch SMITH, 2008)

Você precisa ter um desafio. Eu sempre falei sobre o brinquedo, que eu queria que a escola fosse como uma brinquedoteca, e uma pessoa me acusou dizendo “Rubem Alves quer que tudo seja fácil, que tudo seja brinquedo”. Essa pessoa foi um idiota, porque ela não sabe que brinquedo, para ter graça, precisa ser difícil. Não tenho o menor interesse em armar um quebra-cabeça de 50 peças, mas se me derem um de mil peças, aí ele me desafia. Sempre tem de ter um desafio. (Rubem ALVES, 2009)

Efetivamente na Europa, na última década, quando o continente se converteu em um lugar muito atrativo para os imigrantes, chegaram às escolas de países como Alemanha, Espanha, Itália e França muitas crianças que não falavam a língua desses países, e que era a língua oficial da escola delas. Isso gerou uma situação difícil para as professoras [...]. E agora que temos mais imigrantes do que nativos, o desafio é: como podemos fazer a variedade ser útil para o trabalho pedagógico. (Emilia FERREIRO, 2013)

É fácil de entender quando comparamos os alunos com uma flor. Para que a flor cresça, ela depende das condições do solo, luz, umidade, ou seja, um clima adequado. Em educação é o mesmo. Não é preciso ter ótimas condições, mas pelo menos boas, suficientes. Ninguém discorda disso: o desafio é criar essas condições. A questão é que o clima escolar não surge do nada. Precisamos criá-lo deliberadamente. (Brian PERKINS, 2013)

As gestões das escolas estão sendo impelidas a serem cada vez mais profissionalizadas devido a inúmeros fatores advindos dos ambientes externo e interno. Por isso, é um grande desafio para o gestor escolar conciliar e integrar todos esses fatores para a busca da excelência acadêmica e também para a obtenção de resultados positivos ao negócio escola. (Sonia Simões COLOMBO, 2015)

A educação é uma forma socialmente estruturada de otimizar a aprendizagem e a inserção social das pessoas. Fazer isso em um mundo globalizado e com um acervo gigantesco de informações e possibilidades disponíveis a cada minuto é um desafio enorme que precisa de interpretação científica para diminuir as taxas de risco das intervenções educacionais. (Roberto LENT, 2017)

As escolas públicas brasileiras foram pensadas para funcionar em turnos. Em geral, elas não têm espaço para que um mesmo grupo de alunos fique de manhã e também à tarde. Mais do que isso, o espaço escolar, muitas vezes, corresponde à pirâmide que representa os processos seletivos operados internamente pela organização escolar. Isso é um problema muito sério e corresponde a um gigante desafio que é também nosso como sociedade. (Jaqueline MOLL, 2017)

O fator decisivo para avançarmos na qualidade é como a base [nacional comum curricular] da educação infantil se tornará currículo e como os currículos impactarão as propostas pedagógicas, ou seja, como tudo isso torna-se o dia a dia das crianças e professores nas escolas de educação infantil. Portanto, o grande desafio, agora, é fazer com que a base saia do papel para efetivamente levar as mudanças reais e necessárias às escolas em todo o Brasil. (Carolina VELHO, 2018)

Hoje, o professor está enfrentando, constantemente, desafios inerentes à contemporaneidade incerta e fluida da sua vida, em geral, e aos do exercício da sua profissionalidade na escola democrática, em particular. Assim, para que não sucumba, é necessário que essa pessoa se disponha a responder a esses desafios, sendo nessa disposição que desponta a liderança, ou seja, a autoliderança. (Ana Paula SILVA, 2019)

RESISTÊNCIA

Muitas propostas inovadoras, mesmo quando vindas “de cima”, esbarram na resistência dos que, mais realistas que o rei, se agarram ao que já está instituído. E é exatamente essa impossibilidade de escolher, decidir, inventar que as crianças rejeitam. Outros já decidiram por elas. O que devem vestir, a sala onde ficarão, a professora e os colegas com os quais conviverão, como ou com o que ocuparão seu tempo. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

Há uma grande resistência em aceitar o nosso modelo [da Escola da Ponte], que é baseado em três grandes valores: a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade. Algumas pessoas consideram que todos precisam ser iguais e que ninguém tem direito a pensamento e ação divergentes. Há quem rejeite a proposta por preconceito, mas isso nós compreendemos por que também temos os nossos. A diferença é que nós nunca colocamos em xeque o trabalho dos outros. (José PACHECO, 2004a)

O ser humano tem resistência em mudar. Uma vez, li um artigo falando do escorbuto na Inglaterra, entre os séculos XVII e XVIII. A armada inglesa já tinha o conhecimento teórico necessário para solucionar a enfermidade. Mas demorou 70 anos até que a doença fosse realmente tratada. Por quê? Por dois motivos: resistência e dificuldade de compreender os preceitos teóricos e sua linguagem específica. (Antoni ZABALA, 2004)

Em alguns casos, essa resistência [docente] é invencível. Em outros casos, não. Depende da experiência do professor: se suas experiências anteriores foram negativas ou pouco gratificantes, provavelmente acabam gerando uma espécie de rechaço pelo ensino. Isso resulta em um compromisso puramente formal, de fazer o que se tem de fazer e basta. Nesse caso, é necessário “ilusionar” o docente, dotá-lo de novas ferramentas que tornem mais agradável sua atividade e melhorar, na medida do possível, o clima de trabalho. (Miguel ZABALZA, 2004)

Há outra questão, um movimento de resistência que tenta impedir a inclusão de caminhar: a força corporativa de instituições especializadas, principalmente em deficiência mental. Muita gente continua acreditando que o melhor é excluir, manter as crianças em escolas especiais, que dão ensino adaptado. Mas já avançamos. Hoje todo mundo sabe que elas têm o direito de ir para a escola regular. (Maria Teresa Eglér MANTOAN, 2005)

O artista é um intermediário entre o Universo e o público. Se a arte atingisse seu propósito, todo mundo teria seu próprio acesso ao Universo e, assim, todos seríamos artistas e essa especialização deixaria de existir. [...] Os males contemporâneos estão baseados no consumo passivo de informação, fruto de um controle que leva à anulação da capacidade de resistência. Nossas habilidades a esse respeito estão se atrofiando. A arte, no melhor sentido da palavra, é um antídoto que ajuda a resistir e a recuperar a saúde mental. (Luis CAMNITZER, 2007)

A lógica de desenvolvimento das políticas educacionais tende a ser a mesma no âmbito mundial, apesar dos diversos contextos socioeconômicos. O que se expressa nessas políticas são os mesmos movimentos. A questão da bonificação

por desempenho, por exemplo, reflete-se mundialmente e é resultado de uma lógica neoliberal introduzida nos sistemas educacionais. A diferença de um país para outro é a resistência do local ou não. (Claude CARPENTIER, 2008)

A criança resiste ou se afasta da escrita porque a oralidade, a fala, é mais corporal, mais direta, mais fascinante e fácil de manipular. Quando entra direto na escrita, tem suas dificuldades. Essa resistência do aluno se baseia no acúmulo dessa dificuldade. Entra na 1ª série e não se alfabetiza. Vai para a 2ª, já é visto de uma forma diferente, então a resistência tende a aumentar. Quando chega à 4ª série, está com a guarda absolutamente fechada. (Claudemir BELINTANE, 2009)

Para eles [o Banco Mundial], o sistema vai além da escola comum. É tudo e qualquer coisa, formal, informal e não formal, que aponte para responder a essas competências do mercado de trabalho. Essa visão de escola não favorece o pensamento crítico e a imaginação. É um modelo de robotizar e de amansar, de certa maneira. Nesse sentido, o abandono da escola que temos na América Latina, onde menos de 50% dos jovens concluem a etapa secundária, é um grito de resistência. (Camilla CROSO, 2011)

Fazer provas nunca é agradável e todas costumam gerar resistência. Mas isso é incompreensível. Os educadores testam seus alunos e não querem ser avaliados? É uma contradição com a profissão. [...] Me parece que é natural em uma profissão como a docência, que reconhece o papel central da avaliação na aprendizagem dos alunos, que as estratégias de trabalho sejam investigadas e mensuradas. (Jorge MANZI, 2012)

Uma vez identificados os problemas, são tomadas providências para resolvê-los. Uma saída que acho providencial é a transferência de professores e diretores de escolas com bons resultados para outras que não estão se saindo tão bem. É uma boa forma de difusão do conhecimento e de gestão. Não sei como isso funcionaria no Brasil, já que deve haver alguma resistência dos professores de ir para uma escola que não seja tão boa. (Fernando VELOSO, 2012)

A gente lida com uma caixa preta, porque os professores são resistentes a repensar a aula. Eles já têm seus métodos. De repente, eles têm essa visão: “Você está dizendo que meus alunos não estão aprendendo e que você, de fora, sabe por que eles não aprendem”. A gente ainda encontra muita resistência. Toda negociação com professores é difícil, é preciso saber como abordá-los e ouvir o que eles têm a dizer. (Mariana CALIFE; Tufi Machado SOARES, 2014)

Apesar de usarem os recursos digitais em sua vida pessoal, os professores ainda têm resistência para utilizá-los na sala de aula. Por que isso acontece? Não podemos esquecer que estamos diante de novidades extraordinárias e que todos precisamos de um tempo de adaptação. O problema principal é que os professores não sabem como utilizar esses recursos em seu trabalho pedagógico. Falta-lhes uma vivência própria, não no plano pessoal, mas no plano acadêmico e profissional. (Antônio NÓVOA, 2014)

Existe uma resistência muito forte à mudança por parte do núcleo duro da escola tradicional, que pensa “cada professor tem de ter sua disciplina”. As experiências mais radicais anulam as disciplinas e o jovem trabalha em projetos nos quais

exerce o papel de protagonista do processo de aprendizagem. Mas, para isso, eles devem contar com todo tipo de suporte para realizar visitas a locais de interesse e tocar adiante seus projetos. Também necessitam de professores para guiá-los e, ao mesmo tempo, lhes fornecer as noções básicas de que necessitam. (Guillermina TIRAMONTI, 2015)

Nessa faixa etária, entre 15 e 20 anos, a resistência à pressão pelo consumismo é, provavelmente, a menor entre todas. Essa realidade foi extremamente amplificada pela internet e as redes sociais, principalmente a partir do momento em que elas, com seus anúncios e apelos multicoloridos e sedutores, invadiram a individualidade de cada um desses jovens pelos celulares, que, por sinal, eles hoje não abandonam nem por decreto. (Lauri CERICATO, 2019)

LUTA

O eixo central da nossa luta é a escola pública. Queremos sua democratização, a expansão das matrículas, para que haja oportunidade de estudo para todo o povo brasileiro. Queremos escola pública e gratuita para todos, em todos os níveis. [...] A escola privada pode existir, desde que o governo não repasse nenhuma verba pública para ela. Se algum contribuinte – que já paga a escola, porque paga os impostos – achar que deve pagar uma outra escola, privada, isto é problema dele. (Niso PREGO, 1986)

Trata-se – talvez seja uma utopia – de tentar a convivência de dialetos diferentes, de culturas e subculturas diferentes, de tal forma que isso leve à transformação. E tenho a utopia de acreditar que isso possa se fazer através da luta das camadas sociais. Temos visto no Brasil, apesar de muito lentamente, essa luta pela conquista de direitos. A conquista da escola pelas camadas populares, por exemplo. (Magda Becker SOARES, 1995)

Essa biblioteca é um motivo de orgulho para mim. Não é mais um sonho, é realidade. “Ler é lutar”, dizia Tobias Barreto. Se você não lê, não aprende a lutar, não progride e nem avança em campo algum. Todos os direitos você consegue por meio da leitura. Esse é um dos motivos por que os governantes brasileiros não incentivam a abertura de milhares de bibliotecas. (Evando dos SANTOS, 2002)

O processo de movimento social dos homossexuais, a princípio, está lutando muito para ser e para ter uma igualdade política; para uma integração, um respeito à sua história, às suas questões, à sua ética, à sua estética etc. Esse movimento teve e ainda tem muitas lutas. Ele recrudescer em alguns momentos, como na época da eclosão da Aids, pois a síndrome fez com que piorasse a discriminação. Por outro lado, a Aids provocou a construção de redes de solidariedade. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

O próprio mundo corporativo já está mudando, com muitos indivíduos voltando-se para políticas de responsabilidade social corporativa e orgulhando-se de sua posição internacional no índice Dow Jones de sustentabilidade. Com o tempo, acredito que tudo isso – a pressão de organizações internacionais, a irrupção de interesse profissional, o desgaste e os limites de velhas soluções, como privatização e padronização, e a mudança na estratégia corporativa e no humor público – se mostrará irresistível. É uma luta que vale a pena. (Andy HARGREAVES, 2008)

As famílias dos acampados/assentados queriam colocar seus filhos na escola, mas o que encontravam era uma escola muito precária. Muitas vezes, a escola só oferecia as três séries iniciais, os professores não tinham formação. E os jovens? Eles tinham que pegar o ônibus e ir estudar na cidade. E aí vem a pergunta: em plena luta pela terra, os meninos têm que sair do campo para estudar? Nesse momento, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) foi protagonista na discussão sobre a educação. (Maria Isabel ANTUNES-ROCHA, 2009)

A luta contra a frustração, a desconstrução do erro, é um processo fundamentalmente emocional. É importante incorporar o sistema do erro. Em

uma disciplina que condena o erro, se dedicam a dar as respostas corretas a perguntas que não se fazem. É preciso tempo e confiança para poder manifestar o erro sem que haja penalidade. E o que há agora é desconfiança, não há tempo, passam matérias que não se aprende, se. estuda, estuda e estuda porque a máquina do docente precisa estar operando. (Juan CASASSUS, 2009)

Há escolas públicas maravilhosas, de alta qualidade, e outras mais frágeis, onde os jovens têm menos participação e desenvolvem menor adesão ao projeto educativo. Porém, um dado bastante relevante deve ser destacado: o empenho e a luta desses jovens para exercer seu direito à educação. Os desafios que vejo para a juventude de hoje são maiores e mais complexos do que os vividos por gerações anteriores. (André LÁZARO, 2010)

Os processos de destruição da natureza estão estreitamente ligados aos processos referentes a como a sociedade se organiza, como as relações sociais definem-se no capitalismo como forma de dominação e de expropriação. Paulo Freire começa a enxergar que a luta social é também uma luta ambiental, e vice-versa. Romper com essas relações sociais de expropriação e dominação significa melhorar nossa relação com o mundo. (Carlos Frederico Bernardo LOUREIRO, 2010)

A história do negro é uma história de luta. Será que no 13 de Maio também não houve luta? Será que foi apenas um ato formal da Princesa Isabel para confirmar um fato já dado? Daí se começou a estudar melhor o processo da Abolição. Alguns historiadores começaram a rever o 13 de Maio e mostrar que houve luta também naquela época. Eu tomo essa revisão como consequência de Palmares. (Joel Rufino dos SANTOS, 2010)

Já presenciei professores que não têm a menor condição de receber os alunos na biblioteca, um espaço que é tudo e nada ao mesmo tempo: lá se guardam livros, mas é também lugar de castigo por indisciplina, é onde se guardam os recursos audiovisuais, é sala de reunião para os professores. Como um espaço que é tudo e nada pode ser identificado como um espaço de leitura? A luta pela biblioteca de verdade ainda é muito grande. (Aparecida PAIVA, 2013)

No Brasil nenhuma lei equivale a garantia do direito. A legislação é muito mais um instrumento de luta do que medida de efetiva execução. A matrícula pressupõe a existência da vaga, mas é o dever de ofertar estabelecido pela Constituição Federal que deve garantir vaga para todas as crianças por parte do município. Portanto, na prática, a obrigatoriedade de matrícula é muito mais uma medida de defesa, de divulgação e de reafirmação do direito. (Rita COELHO, 2014)

Os empresários descobriram que a educação superior pode ser um ótimo negócio. O capital, que pode ser administrado na Índia, na Europa ou em qualquer parte do mundo, é o que eu chamo de capital errático, migratório ou volátil. Tudo funciona como na indústria automobilística, em um fenômeno de transnacionalização, sem nenhum tipo de compromisso social, ecológico ou cultural. No entanto, [...] a educação não pode ser vista como uma mercadoria. Em nosso País, a educação é um direito, e é preciso lutar por isso. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

Há vários meninos e várias meninas com talento para o magistério que não estão nem cogitando se tornar professor, já iniciam a vida profissional excluindo a possibilidade de entrar em sala de aula. Estamos perdendo talentos! [...] Precisamos voltar a valorizar o professor. A luta da sociedade precisa ser essa. Se nós pressionarmos o governo, ele será obrigado a melhorar o salário, a capacitar nossos educadores, e a profissão voltará a se fortalecer. (Pedro BANDEIRA, 2015)

Encontrei todas as dificuldades que qualquer pessoa negra encontra no Brasil. O que sempre digo é que minha visibilidade não pode ser usada para um discurso meritocrático. Dizem que quem se esforça consegue, mas a realidade é que cada um de nós, negros, que conseguimos romper com as dificuldades impostas pela sociedade estamos em constante luta. Dizem que produzimos pouco, mas escrevemos muito mais do que o mercado nos permite publicar. Precisamos de muito tempo para permear espaços que pessoas brancas alcançam com facilidade. (Conceição EVARISTO, 2018)

FORTE

E eu quero dizer a esses professores que estamos vivendo um tempo realmente muito difícil e que, se nós do Magistério desistirmos, vamos levar uma dose muito forte de negativismo para o desenvolvimento de nossa sociedade. Nós precisamos conservar essa chama de esperança de que um dia vai haver uma reversão e que poderemos trabalhar bem e obter bons resultados. (Anna Bernardes da Silveira ROCHA, 1988)

Na sociedade atual, um período de consumismo desenfreado, no qual estamos sendo dominados pelo que chamo de “ética do sucesso”, os modelos subjetivos de cunho machista se aprofundaram, estão mais arraigados. [...] Escolher ser professor nesse contexto é muito difícil, porque aos homens cada vez mais estão sendo oferecidas imagens de identificação que têm a ver com a violência, com o sucesso, com a competitividade, com a competência. O que vale é ser mais forte. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

No caso de uma criança com o quadro de hiperatividade e déficit de atenção, pode acalmá-la de modo que ela possa investir sua energia no aprender. No entanto, o uso de remédios tem de ser muito bem pensado. Há alguns que são muito fortes e deixam as crianças apáticas, impedindo que elas se envolvam em qualquer atividade. [...] No caso de problemas emocionais, um trabalho mais preventivo poderia ocorrer com uma atividade de orientação de pais oferecida pela escola. (Ana Cássia MATURANO, 2005)

Há uma dimensão social muito forte nas escolas de Reggio Emilia e o princípio fundamental é valorizar a criança como construtora de conhecimento: cada uma individualmente e não em termos gerais. [...] Procuramos pôr em evidência o sujeito único, mas capaz de descobrir as próprias qualidades no momento em que encontra o outro. O saber que um grupo constrói junto é superior ao individual, em volume e importância, e leva o aprendizado mais longe. (Bruna Elena GIACOPINI, 2006)

O país [Brasil] tem 5.562 municípios, a formação dos dirigentes é muito heterogênea, com escolaridade variada. Em geral, são quase todos professores da rede pública, com muito tempo de sala de aula. As capitais têm dirigentes mais profissionalizados, talvez porque os prefeitos percebam a complexidade de gerir a educação de uma cidade. Não é regra, mas no interior ainda existe bem forte a relação de compadrio, com familiares do prefeito em cargos determinantes. (Maria do Pilar LACERDA, 2007)

A ineficiência da prática escolar brasileira é uma das mais fortes críticas apresentadas por especialistas. Está fortemente instituída nas escolas a prática tradicional de formar indivíduos capazes de interagir com os conteúdos recebidos na sala de aula, ou seja, há uma ineficiência em provocar no jovens a capacidade de atribuir sentido ao que aprendem. Isso é comprovado. [...] A maioria dos jovens brasileiros não consegue relacionar o que aprende em sala de aula com seu cotidiano. O Brasil aparece em 42º lugar [no PISA]. (Virgínia SCHALL, 2007)

As barreiras sociais que existem no Brasil são muito fortes, quase intransponíveis. Estamos muito, muito longe de ser uma verdadeira democracia, um país onde se

respire de fato a cidadania plena e a solidariedade social. Pessoas como Alice Francisca [minha ex-sogra] já são excluídas de uma série de bens sociais logo ao nascer, simplesmente por terem nascido, como ela, mulher, negra, nordestina. O analfabetismo é só um coroamento triste dessa coleção de injustiças. (Marcos BAGNO, 2008)

O golpe [de 1964] teve um impacto forte no sentido de subordinar a educação ao projeto político instaurado pelos militares. Há uma ruptura política, se instaura um regime de força, mas para garantir a continuidade socioeconômica, porque o risco que se temia é que a continuidade política da democracia populista viesse a provocar uma ruptura socioeconômica. As forças conservadoras temiam perder o poder. O golpe, ao estabelecer essa ruptura política, rearticula a educação segundo a nova orientação. (Dermeval SAVIANI, 2008b)

Se um aluno diz que gosta de escrever poesia e o professor vai contra ele, vai talhar a vontade e fazer com que a criança não fique boa em Matemática e outras áreas. O docente deve construir o tempo todo em cima dos pontos fortes da criança. Quando um aluno vai bem em Literatura e mal em Matemática, o professor sempre diz: “vai estudar mais Matemática que é o seu ponto fraco, deixa o forte para lá”. E essa é a receita para o fracasso. (Eduardo CHAVES, 2010)

Os livros [de literatura infantil] produzidos nas décadas de [19]60, [19]70 têm textos muito fortes, autores muito destacados como Ana Maria Machado, Lígia Bojunga, Bartolomeu Campos de Queiroz. Mas nem sempre as ilustrações estão à altura do texto ou trazem algo novo. O texto acaba ficando como ponto de partida para a leitura e a domina. Quando o ilustrador começou a ganhar *status* de autor, os projetos passaram a ficar mais coesos. (Isabel Lopes COELHO, 2011)

Existe a forte concepção de que a boa escola é a que se volta para a formação do cidadão e que prepara o estudante para o mundo do trabalho – e, com isso, estamos automaticamente dizendo também que não deve mais prevalecer a divisão da escola entre a preparação para o vestibular e para o trabalho. Ele tem de ter essas características mistas, uma nova identidade. (José Fernandes de LIMA, 2011)

A mulher, no histórico, muito mais no passado do que hoje em dia, tem sido vista como pessoa que cuida da casa e o homem como responsável pelo mundo, pelo sustento, por defender a família. Isso acabava criando uma pressão nos meninos para se desligarem mais cedo dos estudos e da infância para ir trabalhar. O que a gente está vendo ainda é resquício desse histórico, que assim como o racial ainda é muito forte. (Ieva LAZAREVICIUTE, 2015)

Historicamente, a educação de bebês e crianças muito pequenas esteve vinculada ao conceito de tutela, de cuidado, o que também é importante, mas não basta trocar a fralda e colocar o bebê no berço, com móveis pendurados no teto para distrair – sim, ainda temos fortes resquícios desse tipo de cuidado. Precisamos redimensionar conceitos e repensar cursos de formação, sejam eles de graduação ou de pós-graduação, de modo que a distância entre a academia e a prática seja atenuada. (Mônica PINAZZA, 2015)

Quando as crianças e adolescentes já são usuários habituais dos recursos digitais [...], difundiu-se a nociva metáfora dos nativos e imigrantes digitais, convertida em atitudes de irresponsabilidade sobre os alunos e em um subterfúgio para os professores. Os alunos não são nativos [digitais], salvo por alguns polegares ultrarrápidos, mas, sim, têm uma forte tendência a converter-se em consumidores passivos de entretenimento, o que não poderia ser diferente. (Mariano Fernández ENGUITA, 2018)

O descaso das autoridades e nossos brutais cortes orçamentários estão causando uma forte emigração de cientistas. O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do CNPq ao qual pertença acaba de perder para os Estados Unidos um forte grupo de pesquisa sobre mecanismos do Alzheimer, destaque mundial. Em outros institutos nacionais similares perderam-se outros grupos de ponta em psiquiatria biológica. E assim por diante. (Iván IZQUIERDO, 2018)

FRACO

Crianças de algumas origens indianas e crianças de origem chinesa saem-se melhor na escola do que crianças britânicas brancas, mas crianças de origem afro-caribenha saem-se pior – embora as meninas afro-caribenhas saiam-se melhor do que os meninos. Hoje, diferentemente do que ocorria no passado, as meninas estão superando o desempenho dos meninos, e existe um debate público crescente sobre o desempenho relativamente fraco dos meninos. Também existem diferenças persistentes entre crianças de classes sociais diferentes. (Peter MOSS, 2005)

Eu conheço um [estudo] feito na França sobre o que acontece com os alunos fracos que continuam avançando e o que ocorre com os que são retidos: os que avançam têm melhor desempenho. Inicialmente, os que foram retidos apresentam aproveitamento melhor, mas isso não se mantém. Os mais fracos, mantidos com a mesma turma durante todo o ciclo, têm mais facilidade de progredir, porque sentem dificuldade num ponto, mas deslancham em outros. (Elba Siqueira de Sá BARRETTO, 2006)

Quando se cria um sistema de avaliação e passa a haver responsabilização pelos resultados, os gestores vão se preocupar com as notas e as metas. Qual é a defesa desse sistema: se existe um mecanismo para atribuir responsabilidades, os gestores vão melhorar o ensino. Quais são as críticas? Eles podem tentar falsear as notas, excluir os alunos mais fracos. Nos Estados Unidos, isso aconteceu. (Reynaldo FERNANDES, 2007b)

Eu não acho que os alunos de 8^a série dominem bem as quatro operações, mas também não acho que sejam fracos. Há um distanciamento entre o que eles buscam e o que a escola oferece. Esse distanciamento faz parecer, na perspectiva da escola, que os alunos estão cada vez piores. Mas o que há de concreto é só esse distanciamento, que tem a ver com interesse e motivação. (Nilson José MACHADO, 2008)

No Brasil, os livros didáticos são abrangentes, mas pouco profundos. Digo que têm 1 quilômetro de diâmetro e 1 centímetro de profundidade. Eles também possuem muitas informações teóricas, provavelmente para servir como guia de apoio ao docente, já que a formação dele é fraca. Na maioria das vezes, ele não consegue apresentar todo o conteúdo trazido pelo material. [...] No Brasil é bem menor a exigência em termos de habilidades cognitivas. (Martin CARNOY, 2009)

A coisa mais importante é estabelecer objetivos para todo o país. Esses objetivos têm de ser altos, não baixos. Isso é muito importante. Se você quer que o desempenho melhore em todas as faixas etárias, você tem de dar mais suporte para aqueles que têm mais dificuldade de aprendizagem. Se você tem objetivos altos, sempre haverá estudantes fracos, que não alcançam os objetivos e que precisam de mais apoio. (Reijo LAUKKANEN, 2009)

Um aspecto que considero fundamental para a qualidade de ensino na Finlândia é a decisão de dar especial atenção aos estudantes com dificuldade de aprendizagem. Como já disse, a ideia de igualdade na escola finlandesa não se limita ao acesso à educação, mas visa uniformizar os resultados dos estudantes,

investindo nos mais fracos para que eles possam acompanhar os mais talentosos. (Jouni VÄLIJÄRVI, 2010)

Aqueles [professores] ruins sabem que não estão dando o melhor de si. E os melhores também sabem quem são. Eles se conhecem. Há professores que se oferecem para ser mentores dos mais fracos. É o que chamamos de *co-teaching*. Assim, em situações extremas, a sala do professor fraco é dissolvida e os alunos vão para outras classes. O docente fraco inicia um processo de observação do mais experiente, para registrar quais práticas são aplicadas no cotidiano escolar. (Matthew CROWLEY, 2011)

O fraco desempenho dos alunos é medido por meio da Prova Brasil. A Prova Brasil é uma prova de resolução de problemas, mas a escola ensina uma coisa e o que se avalia é outra coisa. Todas essas avaliações focam a resolução de problemas, as habilidades de cálculo aparecem, mas com caráter coadjuvante e de forma básica. Não podemos discutir as causas do mau desempenho medido por uma prova sem discutir a prova. Nenhuma avaliação é neutra. (Luiz Márcio IMENES, 2013)

O que aconteceu é que aumentou o contingente de alunos sem crescer o bolo de recursos, diminuindo gradualmente o salário dos professores. Assim, os bons profissionais, aos poucos, foram para as escolas particulares ou mudaram de profissão. Ao mesmo tempo, cada vez menos pessoas se interessam por essa profissão, porque é difícil, porque se ganha mal. Então os cursos vão ficando mais fracos, formando professores mais fracos e é uma bola de neve que vai para baixo. (Maria Alice SETUBAL, 2013)

Só conseguiremos melhorar o índice de leitura se realmente fornecermos a compreensão leitora, o que não acontece hoje. Você sabia que estudos revelam que a cada quatro adultos que dizem ser alfabetizados, apenas um é capaz de compreender um texto desta revista? Isso significa que, na prática, os outros três são analfabetos. E se 75% de nossa população adulta é analfabeta, temos um país fraco. (Pedro BANDEIRA, 2015)

Cabe aqui discutir o que entendemos por exclusão, que vai além da reprovação e da evasão. Houve um tempo (talvez ainda esteja em curso) em que a matemática era usada para legitimar a exclusão na forma de reprovação. Estava por trás desse uso da matemática uma visão elitista do ensino e, em especial, da matemática. Essa disciplina era utilizada para pescar os “bons” e separá-los dos “fracos”. Trata-se de uma concepção oposta ao objetivo de uma “Matemática para Todos”. (Antônio José LOPES, 2015)

Há pesquisas brasileiras que encontraram uma relação muito fraca entre o aumento de recurso e a melhoria da qualidade do ensino oferecido. [...] Isso não quer dizer que haja corrupção ou desvio, mas, simplesmente, que não conhecemos as boas e as más práticas de uso das verbas. É complexo investir em Educação porque é possível direcionar as verbas para várias áreas – remuneração dos docentes, formação inicial, infraestrutura das escolas etc. Precisamos saber em qual delas alcançaríamos o maior retorno, mas não temos essa resposta. (Ricardo MADEIRA, 2015)

Estamos em 2017. Há momentos históricos em que tem de haver uma indignação geral, um grito coletivo que diga: “Basta. Não toleramos mais que haja crianças no nosso país sem acesso a uma educação de qualidade”. É um direito humano, consagrado na Declaração Universal de 1948, repetido na Constituição e na lei. “Basta. Não podemos aceitar que a escola pública do nosso país tenha tão fracos resultados”. (António NÓVOA, 2017a)

Grandes autores, como Durkheim e Kant, dizem que a família é insuficiente. Na minha posição, elas são complementares, pois o grande problema das relações morais é no espaço público, não na família. Nesse sentido, a família é fraca para ensinar o convívio no espaço público. Além do mais, sejamos coerentes, que família é essa? Antigamente, família era um clã inteiro; hoje, ela é nuclear: o pai, a mãe e uma ou duas crianças. (Yves de la TAILLE, 2019)

AFETOS

SUBJETIVIDADE

As mudanças objetivas estão interrelacionadas com as subjetivas. As mudanças que se tente fazer apenas no nível objetivo – mudança de trabalho do professor, do método pedagógico –, por necessárias que sejam, não surtirão efeito nenhum se não se trabalhar a mudança na subjetividade dos professores. Só se mudará por fora. Isso acontece muito porque geralmente não se compreende que para mudar o modo de ensino é imprescindível mudar o modo de aprendizagem dos professores. (Alicia FERNÁNDEZ, 1994)

Essa preocupação estabelece o ato de ensinar e o ato de aprender como momentos fundamentais no processo geral de conhecimento, processo do qual o educador; de um lado, e o educando, de outro, fazem parte. E esse processo implica uma instância subjetiva. É impossível que uma pessoa, não sendo o sujeito de sua própria curiosidade, possa realmente compreender o objeto de seu conhecimento. (Paulo FREIRE, 1997)

O grande avanço da revolução cognitiva é que o nosso interior é o que nos faz inteligentes – até mesmo mais inteligentes do que nos permite o exterior. Não estou negando o exterior. O solipsismo é um beco sem saída. O que estou dizendo é que a subjetividade sempre supera o exterior. Nossa subjetividade sempre excede em muito o mundo no qual estamos imersos. (William FRAWLEY; Carl RATNER, 2000)

Nosso trabalho [educacional] atinge a subjetividade das pessoas. Não dá para medir em número e sim na qualidade. Percebemos mudanças na prática social mais democrática, a utilização de colegiados para a tomada de decisões e ações efetivas mais perto das reais preocupações da população, com maior capacidade criativa. [...] Tem o objetivo de capacitar as pessoas para transformar o ambiente. É até certo ponto um trabalho político. (Esther PÉREZ, 2001)

Hoje, 50% da população argentina encontra-se abaixo da linha de pobreza e as crianças que nasceram nos últimos anos estão passando por condições de vida deterioradas. O desenvolvimento cognitivo e da personalidade se faz antes dos 6 anos de idade. Caso a crise se prolongue, a situação vai ficar muito preocupante. Também não sabemos o que está acontecendo na subjetividade das pessoas. (Juan Carlos TEDESCO, 2002)

Aí entramos na questão da objetividade *versus* subjetividade. Quando professores usam a avaliação tradicional do tipo múltipla escolha, “preencha os espaços a seguir” ou perguntas com respostas de duas, três palavras, é muito fácil marcar os erros e acertos e calcular o número total de pontos. Os pais também conseguem entender isso. Ao passo que se o estudante trabalha num projeto ou num texto mais longo, a subjetividade entra em cena. (Dale ARMSTRONG, 2004)

Os objetivos que colocamos para a educação não são necessariamente os pilares sobre os quais se construiu a formação dos professores. Nós, professores fomos educados numa perspectiva cartesiana, dentro de uma sociedade competitiva, que sempre valorizou mais o ter do que o ser, o racionalismo científico, e não a manifestação subjetiva do ser humano. (Lúcia KLEIN, 2004)

Há dois aspectos a considerar. Um é que o professor precisa estar honestamente comprometido com o que acredita, e isso é uma atitude subjetiva, não tem jeito. Outro aspecto é psicológico e exige autotrabalho para não deixar que questões pessoais interfiram nas profissionais. Evitar a subjetividade, nesse sentido, tem a ver com cuidar de si mesmo e do cumprimento de seus compromissos. (Cipriano LUCKESI, 2006)

O desenvolvimento da criança depende, fundamentalmente, de que os pais cumpram suas respectivas funções; caso contrário, é como se eles não existissem. No caso da mãe, sua principal função é compreender as necessidades iniciais da criança e ajudá-la a construir uma subjetividade e, no caso do pai, transmitir as leis da cultura e da sociedade, o que implica a difícil tarefa que se observa na atualidade, que é a colocação de limites. (Gley COSTA, 2007)

Autores como Michel Foucault me ajudaram a compreender as questões de subjetivação, a pensar o sujeito como o produto de suas relações institucionais e a subjetividade em meio às relações de poder. Mikhail Bakhtin era alguém que pensava as realidades subjetivas, chamando-as de dialógicas, plurivocais e polifônicas. Isso quer dizer que um indivíduo está sempre em relação a muitos outros, e seu monólogo interior, sua subjetividade, está sempre em diálogo com o discurso exterior. (Bernard LAHIRE, 2010)

A avaliação supostamente objetiva, realizada por meio de itens pretensamente objetivos, deixa de lado um dos fatores mais extraordinários da educação: a subjetividade de quem aprende. Cada indivíduo aprende por meio de processos e estratégias extremamente delicadas, próprias, que fazem de cada um de nós um ser único, irrepetível. A avaliação por itens comportamentais tende a essa ideia de homogeneização mencionada anteriormente. (David ALTIMIR, 2012)

Qual é o objetivo da escola no Brasil? Na verdade, hoje, é formar mão de obra qualificada, com uma progressiva mercantilização e sem conteúdo ético e humanístico. Os níveis de violência e *bullying* são muito grandes, com esgarçamento dos valores e da subjetividade. É preciso rever que tipo de escola temos e que tipo de cidadãos estamos produzindo nela. Os alunos saem cidadãos ou consumistas? Cidadãos ou oportunistas? Cidadãos ou alpinistas sociais? (FREI BETTO, 2012)

Minha defesa é de que não deve haver uma escolarização precoce. Ou seja, aquela cujas políticas educativas passem a promover a adoção de práticas de ensino centradas na aquisição adiantada da cultura escrita, da avaliação, da individualização e da transmissão direcional. Quando isso acontece, corremos o risco de tornar o universo das crianças não significativo, não decorrente de um processo de subjetividade. (Manuel Jacinto SARMENTO, 2013)

Independentemente de qualquer motivo pedagógico, a repetência nessa época [anos iniciais] pode gerar um dano à subjetividade do aluno muitas vezes irreversível. Muitas pesquisas mostram que aqueles que repetem não aprendem mais. Pelo contrário, eles tendem a repetir novamente e a abandonar a escola. Na Argentina, 10% das crianças repetem a primeira série. No Brasil, esse índice é de cerca de 20%. (Axel RIVAS, 2014)

O cotidiano das instituições de educação infantil deve considerar que a criança tem necessidades próprias de sua idade e direito a segurança, acolhimento, lazer, estimulação, alimentação, higiene, sono etc. Tem, sobretudo, o direito de ser reconhecida como uma cidadã com uma subjetividade já em construção e respeitada como pessoa com uma forma própria de agir. (Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA, 2015a)

PERSONALIDADE

Para escolher uma profissão, tem de se informar, se conhecer melhor, assim como ao mundo que nos rodeia. Nos tempos de hoje, há um certo ceticismo a respeito dos testes vocacionais, mas eles ajudam. A própria pessoa que aplica o teste está sabendo que tudo está mudando e no jovem se aplica o teste numa idade em que ele é um mutante, não tem a personalidade consolidada. Tanto ele como o mundo vão mudar. (Roberto MACEDO, 1997)

[Os pais] costumam dizer: “Faço questão que meus filhos saibam curtir quartetos de Beethoven”. Então eu pergunto: “Mas por que isso é importante?”. Precisam entender que a música tem de ser, tanto na escola quanto em outro lugar, um meio de desenvolver a personalidade – assim como o esporte, na universidade, não é para formar Jogadores profissionais, mas para exercitar e desenvolver o trabalho em comum, sempre visando o todo. (Hans-Joachim KOELLREUTTER, 1998)

Como considerar ideal um professor que sabe muito, se ele compreende pouco? É possível um educador desconhecer o efeito dos hormônios, neurotransmissores e das emoções no comportamento e na capacidade de atenção de seus alunos? [...] Afinal, é do jogo dessa química interna, temperada pelas emoções, que depende o aprendizado e até a formação da personalidade dos alunos. (Iván IZQUIERDO, 2000)

É nesse processo de interiorizar essa experiência social que, em cada sujeito, se produz o processo de formação da personalidade. O meio social não é simplesmente uma condição externa no desenvolvimento humano, mas uma verdadeira fonte para o desenvolvimento da criança. Daí a importância de que o trabalho pedagógico para essa etapa da vida seja concebido de maneira a integrar todas as esferas do desenvolvimento da personalidade. (Olga Franco GARCÍA, 2005)

Os professores que se humanizam, que revelam alguns capítulos da sua história aos seus alunos, os estimulam a ler o “outro” além do prefácio, a expandir as características mais relevantes da personalidade, a entender que os fracos julgam, mas os fortes compreendem, os fracos excluem, mas os fortes apoiam, os fracos condenam, mas os fortes abraçam. (Augusto CURY, 2007)

A história de vida de um professor é parte crucial da compreensão da prática escolar. Para compreender algo tão profundamente pessoal quanto ensinar, precisamos compreender quem é o professor, sua personalidade, porque o modo de ensinar, as práticas de ensino e a pedagogia estão intimamente ligados à sua história pessoal. Tentar entender as práticas escolares sem compreender a história de vida do professor é uma tarefa praticamente impossível. (Ivor GOODSON, 2007)

A escolha de estratégias de ensino não depende apenas de fatores técnicos relacionados à disciplina. Ela depende muito, a nosso ver, da personalidade do professor. Um professor introvertido terá uma forma de agir; um professor extrovertido, outra. Um professor de temperamento melancólico escolherá

formas de ensinar diferentes de um professor de temperamento sanguíneo. (Vasco MORETTO, 2007)

Sabemos que as relações na escola são muito variadas e as condições muito diversas, então chamamos de enquadre o estabelecimento de condições ótimas para o desenvolvimento daquela atividade, com aquele professor. Cada professor pode estabelecer os conjuntos dessas condições que sejam mais afeitos ao tipo de atividade que ele vai desenvolver – seja dentro da sala de aula, seja fora – e ao mesmo tempo de acordo com a personalidade dele. (Fábio VILLELA, 2013)

O teste vocacional teve sua validade e foi bom por muito tempo. Ele funciona enquanto ferramenta para mapear interesses, inferindo competência do jovem para esta ou aquela profissão. Mas não mapeia de fato as competências. Isso é bom, mas não suficiente. O formato de um teste, uma conversa, uma devolutiva, não dá conta de endereçar todas as vertentes que envolvem uma escolha. É preciso entender um pouco o perfil, a personalidade do aluno. (Maíra HABIMORAD, 2014)

É preciso dedicar mais tempo a cada estudante de acordo com a personalidade e as necessidades dele. Não se deve homogeneizar e sim adaptar as soluções para diferentes problemas. Para isso, são necessários tempo e equipe adequada. Se os governos não investem em Educação, estão criando um problema de saúde pública. A escola está em crise e isso é um desastre para o futuro, porque é preciso tempo para transmitir conhecimentos e cultura. (Bernard LAHIRE, 2014)

Toda sociedade precisa, imprescindivelmente, que seus cidadãos sejam atores ativos para a melhoria ou transformação desta sociedade. Para isso é necessária uma formação que envolva todos os âmbitos do desenvolvimento humano: o pessoal, o interpessoal, o social e o profissional. Em outras palavras, uma formação integral que cubra todas as facetas que formam a personalidade e permitam dar resposta aos problemas que nos coloca a vida. (Antoni ZABALA, 2014)

Numa conversa ao vivo, quando eu me relaciono com você, avalio o seu comportamento não verbal e meu cérebro vai instantaneamente analisando várias coisas, como se a conversa suporta certas terminologias, se eu posso tirar o sapato, se posso falar ou não alguma coisa. Na internet, não tenho feedback do interlocutor. Isso gera um estado de tensão em meu cérebro, que exagera a forma como eu emito uma informação para assegurar que ela será entendida. É a chamada personalidade digital. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

A escola atual, planejando um contexto repleto de experiências e relações humanas, criando comunidades de vida e aprendizagem, deve contribuir para que cada indivíduo transite de uma personalidade herdada, por meio de sua personalidade aprendida, a uma personalidade escolhida na comunidade social que cerca a sua existência. (Ángel I. Pérez GÓMEZ, 2017)

Aprender a ser um “pedagogo competente” também se baseia em qualidades pessoais. Estas incluem as próprias experiências de vida, engajamento e corporalidade, sentimentos e seus próprios valores e ética. A formação pessoal

em educação (*Dannelse*, em dinamarquês, *Bildung*, em alemão) se dá ao longo de todo o programa de estudos [na Dinamarca]; por exemplo, por meio de expressões estéticas e da participação em práticas pedagógicas (não só por meio da observação), onde os alunos precisam ousar empregar sua própria personalidade. (Jytte Juul JENSEN, 2017)

No campo profissional, os traços de personalidade podem auxiliar ou prejudicar a pessoa em sua atuação, pois a forma como lidará com as questões terá relação direta com seu comportamento habitual e com sua visão de mundo. Na tarefa docente, no estar com seus alunos, além do conteúdo, suas características e “jeito de ser” perpassam todo o processo de ensino-aprendizagem. Portanto, entender sua personalidade e como usá-la parece ser um bom caminho no campo profissional docente. (André CODEA, 2019)

INDIVIDUALISMO

O nível de abstração mais elaborado dos adultos realmente permite o encaminhamento dessas questões com mais facilidade. Por outro lado, as crianças, na sua imaturidade e em processo de desenvolvimento, são mais abertas a certas proposições. O professor pode levar as crianças a aprender a dialogar, a resolver problemas que surjam no grupo, a perceber a sutil diferença entre individualismo e individualidade, a entender o que é liberdade, justiça social, democracia. (João Paulo MEDINA, 1994)

Origem social, origem cultural, origem étnica, origem familiar, origem regional são categorias, que, trabalhadas, podem operar a transição do individualismo para uma perspectiva de grupo ou comunitária. Entender como se dá o entrelaçamento desses diversos aspectos na composição da identidade singular de cada um é uma forma de valorizar todos os elementos constitutivos da pessoa, assim como de explicitar vínculos – sociais, culturais, étnicos, familiares e regionais. (Roseli FISCHMANN, 1998)

Novas práticas de ensino só nascem com a recusa do individualismo. Historicamente, os docentes desenvolveram identidades isoladas. Falta uma dimensão de grupo, que rejeite o corporativismo e afirme a existência de um coletivo profissional. Refiro-me à participação nos planos de regulação do trabalho escolar, de pesquisa, de avaliação conjunta e de formação continuada, para permitir a partilha de tarefas e de responsabilidades. As equipes de trabalho são fundamentais para estimular o debate e a reflexão. (António NÓVOA, 2001)

Se você pega cinco colegas de classe e faz um acampamento com eles, o sentido de pertencer passa a ser diferente daquele que havia dentro da sala. Quando um grupo encontra e ultrapassa desafios, seja no campo intelectual seja em uma ação no bairro ou na própria escola, recupera-se em cada um o sentido heroico e solidário da dependência ao grupo. Isso a educação tecnicista, fria, previsível, enfiada na sala de aula, perdeu. Quanto menos interdependência, mais individualismo. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

O professorado não é melhor, nem pior, nem mais, nem menos resistente à mudança do que o conjunto da população. Vivemos em uma sociedade que não é caracterizada pelo altruísmo, nem por ganas de mudança, é evidente. O individualismo é crescente. Como querer que o professor se comporte de maneira diferente? Não há razão nenhuma para pensar que os professores sejam diferentes do comum dos mortais. Somos como todos, temos nossos medos, nossos fantasmas, uns somos de direita, outros somos de esquerda. (César COLL, 2003b)

Não há dúvida de que as novas gerações são fruto dessa mudança na estrutura familiar. E uma outra coisa muito importante na educação, que é a mãe trabalhando. Isso já vem desde a Geração X (já está na Geração Y) e segue nas novas gerações que ainda não têm nome definido. Essa mudança está acirrando um individualismo muito grande, porque, na realidade, a criança está sendo educada de uma maneira mais solitária. (Marco Aurélio Ferreira VIANNA, 2003)

Cada vez menos a sociedade auxilia a alfabetização por não promover situações públicas em que seja possível a circulação de escritos, debates, discussões e reuniões em que ter dos sintam necessidade e vontade de usar a palavra. O individualismo vai contra a formação de leitores e escritores. [...] Formar grupos menores para as crianças terem mais oportunidade de falar e ler para elas são estratégias fundamentais! (Ana TEBEROSKY, 2005)

A questão da educação no Brasil parece ser simplesmente, antes de qualquer coisa, aquela que o Cristovam Buarque, em quem eu votei, coloca muito bem: nós não educamos, nós não investimos no elemento humano. Sem educação não vai haver coisa nenhuma. Nós precisamos repensar as nossas prioridades nesse sentido. Há muita coisa aqui para melhorar. Há defeitos de caráter, de individualismo, que não se justificam. Nós precisaríamos ficar de olho na inconsequência nacional. (Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO, 2007)

Depois da padronização dos objetos das opiniões do século XIX, assistimos hoje à sincronização das emoções, das quais o desembarque na Lua, os atentados do 11 de setembro em 2001 e o tsunami de 2004 são eminentes ilustrações. Vivemos um comunismo dos afetos. O comunismo do marxista estava ligado à comunidade dos interesses das classes sociais antagonistas. O comunismo dos afetos está em simbiose com a comunidade de emoções de cada um. Daí o individualismo de massa que se desenvolve hoje. (Paul VIRILIO, 2008)

[Monteiro] Lobato queria que o indivíduo se descobrisse como uma força construtora. Foi daí que ele criou essa menina, Narizinho Arrebitado, que se envolve em uma história que, no fundo, são aventuras – o que é diferente de travessuras. A travessura não tem consequência para mudança do indivíduo, mas a aventura o modifica, pois ela passa a ver a vida de outro jeito. O que caracteriza, portanto, a obra do Monteiro Lobato, foi que ele, talvez inconscientemente, percebeu o valor do individualismo. (Nelly Novaes COELHO, 2010)

Existe um individualismo fortalecido por esses pilares [capital, mercado e indivíduo], daí as pessoas pensarem quer a escola não é mais necessária, que cada um pode estudar em casa, em seu computador. Essa postura representa o extremo do individualismo que não leva a uma organização social coerente, coesa, e que pode fazer com que as pessoas saiam por aí matando, já que não existe compromisso com o outro. (Graça PAULINO, 2011)

Pensadores como Sartre e Camus alertaram para a necessidade de deixar o individualismo e cooperar com os demais em objetivos comuns. A partir dos anos de 1980, o individualismo começou a imperar, e as pessoas ficaram como os caracóis, cada uma se fechou na sua própria casa. Nessa perspectiva, não há como colaborar com os demais, e isso diminui a sociabilidade e a própria humanidade. (Joan Manuel del POZO, 2012)

A educação no mundo moderno vai a favor de um individualismo, da separação das pessoas. Então as tecnologias unem as pessoas ou as separam? Unem as pessoas porque as conectam e as separam, porque cada um está com seu computador, com seu *Facebook*, com sua televisão. Unem e separam ao mesmo tempo. Então as tecnologias são educativas quando unem e não quando separam; quando separam são outra coisa. (Jorge LARROSA, 2013)

Aquilo que resolve o problema da indisciplina, como do insucesso, é um trabalho que assegura excelência acadêmica com inclusão social. E isso somente se conseguirá com outro tipo de organização da escola e do trabalho escolar. São evidentes os graves efeitos do predomínio de uma cultura assente no individualismo, na competição desenfreada, na ausência de trabalho em equipe. É exatamente isso que precisa ser mudado. Com estudo. Com responsabilidade. Sem adoção de modas pedagógicas. (José PACHECO, 2013c)

Não que [a sociedade] vá mudar pelas mãos dos professores ou educadores, mas que esta é a esperança de se construir bases para uma sociedade diferente. É uma equação difícil, porque numa sociedade pautada pelo individualismo e pelo econômico, a educação não vai ser valorizada mesmo. Nós precisamos de pessoas apaixonadas, envolvidas para que a sociedade tenha esperança, mas quem entra tem de saber que vai trabalhar incessantemente. Não é um trabalho fácil, ainda que seja absolutamente gratificante. (Andrea CALDAS, 2015)

AUTOESTIMA

Numa escola boa o ar é diferente. Tem a plantinha no lugar certo, o ambiente é alegre e os professores sabem o que fazem. Quando o diretor é ruim, percebe-se pelo ambiente físico. A escola tem a cara do diretor. Como nas escolas privadas um diretor ruim leva a escola à falência, eles acabam pagando mais para o seu corpo docente. Se não cuidar da autoestima do professor, este não pode elevar a autoestima do aluno. Aluno sem autoestima não aprende. Professor sem autoestima não transmite bem o seu conhecimento. (Claudio de Moura CASTRO, 2003)

Quando a professora descobre que esses meninos que ela acreditava limitados, sem condições para aprender e perturbados emocionalmente começam a dominar a tecnologia, descobrir, reinventar e comunicar suas descobertas com clareza e emoção, faz-se a luz! A autoestima dos alunos aumenta, e a professora dá-se conta de que ela é a orientadora desse processo e de que ela é indispensável, porque eles precisam de cuidados, de apoio e de orientação para descobrir os limites, para viver os valores e para praticar a liberdade com responsabilidade. (Léa FAGUNDES, 2003)

Os pais têm que fortalecer muito a autoestima da criança negra. E isso tem a ver com contar história, fazer com que ela se orgulhe dos seus antepassados, ajudá-la a se ver como uma figura bonita, importante. Só que quando ela sai de casa não é isso que ela encontra. Quando ela vê um outdoor, só tem criança branca. Quando liga a televisão, quando abre um livro didático – é um embate permanente, e o pai tem de saber disso. Tem de ter sempre um acolhimento. (Maria Aparecida Silva BENTO, 2004)

No momento em que nos acostumarmos a que o que fazemos nas classes é um processo público, deixaremos de nos preocupar em apresentar nosso trabalho aos demais. Por outro lado, parece óbvio que os professores precisam melhorar sua própria autoestima. Com frequência, a vaidade não é senão um mecanismo de defesa de quem se sente pouco forte, pouco competente para realizar seu trabalho. (Miguel ZABALZA, 2004)

[A violência] é uma situação muito delicada, que interfere na autoestima do professor. Já vi casos de professores adoecerem e ficarem afastados durante algum tempo de suas atividades após um trauma de violência, normalmente verbal e psicológico. Com certeza isso interfere no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos. Então, recaímos novamente na questão de direitos humanos, onde o respeito deve ser tratado na escola como um todo. (Marlene Monteiro PEREIRA, 2006)

É possível que uma política escolar que se pretende diferenciada, numa região altamente carente, tenha um efeito positivo do ponto de vista da autoestima, do estímulo à vontade de estudar. [...] O fato é que as escolas mais afastadas carecem de maior atenção e de programas político mais cuidadosos do que as escolas de regiões mais ricas das cidades. Caso contrário, o aluno vai chegar lá na frente pior do que o outro, se chegar. (Haroldo TORRES, 2006)

Se ele [professor] olhar para o que os seus alunos aprenderam graças à sua competência terá, certamente, uma autoestima mais elevada. Olhando os aspectos que indicam a assimilação por parte dos educandos, podemos nos concentrar nas aulas seguintes, na reposição daqueles conhecimentos não assimilados, nos exercícios para fixar mais o que representa dificuldade e desenvolvermos a avaliação em processo, através das observações dos trabalhos individuais ou em grupo. (Hamilton WERNECK, 2006)

É possível ver, em outras sociedades, que o professor tem um lugar de destaque, ou seja, um reconhecimento que nós não temos no Brasil. Aqui, o professor tem pouco apoio e a sua autoestima é muito baixa, realmente muito baixa. Eu acho que, começando por aí, nós podemos mudar um pouco esta questão, desenvolver uma atração em direção à carreira, coisa que hoje, infelizmente, não existe. [...] Eu acho que deveria ser uma configuração de três coisas: reconhecimento, autoestima e dinheiro. (Heródoto BARBEIRO, 2008)

Nossa primeira solução educacional enfrentava a defasagem entre a idade da criança e a série em que ela estava. Mais de 40 por cento dos estudantes – média nacional – estão atrasados. Isso causa um congestionamento, pois outros meninos estão sempre se matriculando e acumulando as classes. Isso causa também diversos efeitos pessoais na vida da criança, pois acaba com a autoestima, e as famílias passam a acreditar que ele ou ela não servem para aprender nada. (Margareth GOLDENBERG, 2008)

Eu diria que há várias iniciativas [de formação continuada], mas ainda existem muitos eventos pontuais, ações esporádicas, sem conexão. A formação continuada precisa ter ligação temática com as necessidades da escola, com a problematização das suas questões. Em alguns casos, os espaços denominados de formação são simplesmente atividades isoladas sobre autoestima, valorização pessoal, como algo desfocado do seu papel na relação profissional. (Emília CIPRIANO, 2010)

Os professores que aplicam métodos de ensino que ajudam todo tipo de aluno a pensar – a ser crítico, a se questionar, a resolver problemas abertos, a argumentar e tomar decisões para atuar de maneira fundamentada sobre o conhecimento – não se preocupam se seus alunos forem avaliados com um questionário do tipo PISA, porque certamente é similar aos que eles costumam apresentar em suas aulas. [...] Se a avaliação externa mostra bons resultados de seus alunos, isso reforçará seu método de trabalho e sua autoestima. (Neus Sanmartí PUIG, 2014)

Como o educador vai trabalhar a autoestima do aluno se ele está com a autoestima baixa? Como o educador vai ensinar valores como responsabilidade, iniciativa, competência e respeito às diferenças se ele próprio tem essas dificuldades? O educador, acima de tudo, é um ser humano. Ele sente, tem dificuldades, desejos, anseios, medos e preocupações. Isso é um trabalho que deve ser corroborado por toda instituição de ensino. (Érika CARVALHO, 2015)

Os professores querem saber ainda como lidar com a frequente desatenção dos alunos e como fazê-los se interessar pela escola. Os professores contam que, para a quase maioria, o mundo fora da escola é mais interessante. Muitas vezes, sinto um desalento nos professores. Por outro lado, eles se entusiasmam quando veem

uma possibilidade de aprendizagem. Quando um aluno que não estava aprendendo começa a aprender, muda a autoestima de todos na escola. (Elvira Souza LIMA, 2015)

O que é doutrinação? Há um limite muito tênue, porque somos doutrinados “25 horas” por dia por meio da internet, da publicidade, da televisão, dos anúncios de rua. A avalanche publicitária está trabalhando nossa autoestima para que ela baixe: eu estou infeliz porque não fiz essa viagem, não comprei essa roupa, esse carro, não desfruto desse *status*. A publicidade quer incutir em cada pessoa esse afã de consumir para ser reconhecida como uma pessoa de valor. (FREI BETTO, 2016)

Geralmente, quem pratica o *bullying* apresenta autoestima enfraquecida. Gostaria de ser notado, mas somente consegue fazê-lo intimidando o outro, ou seja, tornando o outro tímido para que, assim, possa se sentir mais forte e capaz. Uma criança que gosta de si mesma tem poucos ou nenhum motivo para cometer *bullying*. [...] Ela consegue lidar com situações difíceis de forma mais assertiva – pede ajuda, consegue dizer o que sente –, sente empatia pelas outras pessoas. (Tania PARIS, 2017)

BEM-ESTAR

Existe um longo percurso até que se alcance o adequado discernimento entre interesses estritamente econômicos, interesses nacionais localizados, interesses internacionais e o verdadeiro bem-estar de todo e cada ser humano. Em outras palavras, ainda há necessidade de se estabelecer o próprio conceito de bem-estar mundial, o que exigirá esforço, busca de compreensão, capacidade de renúncia e prática de reivindicação. (Roseli FISCHMANN, 1998)

Há estudos belíssimos que mostram perfeitamente quem vai ser toxicômano. Os jovens com tendência a tornarem-se adictos são aqueles que encontram na droga uma ilusão de bem-estar, um efeito Popeye – como se aquilo fosse seu espinafre – e em um momento sentem-se bem. Alguém, para tornar-se um bom profissional, tem que estudar, fazer cursos, praticar. Isso leva anos. Um sujeito medíocre, com um pouquinho de pó, já se sente um gênio. (Eduardo KALINA, 1999)

O professor deve começar a cuidar de sua voz e de seu bem-estar vocal antes mesmo de iniciar suas atividades letivas, durante seu processo de formação acadêmica. Esta seria a situação ideal, prevenir é sempre mais efetivo do que remediar. [...] Os principais sintomas iniciais são mudança transitória na qualidade da voz, que melhora quando o professor descansa; perda de potência vocal ao final do dia letivo; cansaço e pigarros constantes; além de dor na região do pescoço e ombros. (Mara BEHLAU, 2007)

Escolas que levam os direitos humanos em consideração no desenvolvimento de seu estabelecimento tendem a melhorar o bem-estar de seus estudantes e professores, e por isso caminham na direção da cultura dos direitos humanos. Não se trata apenas de ensinar os direitos humanos na sala de aula, mas de todo o universo escolar. Há instalações para estudantes deficientes? Há espaço para discussão e mediação quando surgem conflitos? Como são resolvidos esses conflitos? Há discriminação entre estudantes? (Aude Valérie BUMBACHER, 2009)

Não há uma aposta melhor que podemos fazer em qualquer sociedade do mundo, seja ela mais ou menos desenvolvida, do que o investimento nas pessoas e na formação. A sociedade bem educada vai promover coesão social e provocar uma coisa que é elementar na vida humana: satisfação, bem-estar das pessoas, das instituições e de toda a sociedade. [...] Não há ninguém que possa afirmar que para ensinar não seja preciso saber. É o óbvio. (Domingos FERNANDES, 2009a)

Existe a solidariedade do Estado providência, do bem-estar social. O que é esse bem-estar social? A aposentadoria, o seguro-desemprego, a escola gratuita, a saúde gratuita. Ele é formidável e deve ser desenvolvido. Porém, quando avisam que você tem um câncer, que você perdeu seu emprego, que sua mãe morreu, que seu filho sofreu um acidente, enfim, quando você tem um verdadeiro acidente em sua vida, não é o bem-estar social que ajuda. (Luc FERRY, 2010a)

O termo pedagogia do bem-estar nasceu em Parma, embora tenha sido difundido e aplicado em outros contextos. Significa que é necessário que a criança esteja bem em sua serenidade: essa é uma condição para que ela aprenda, para que

estabeleça relações com as outras crianças e com os adultos. Quando a criança não está bem, ela não pode aprender. Pode haver uma situação difícil fora, mas é preciso que todos os dias a criança encontre um educador que a faça sentir-se bem. (Nice TERZI; Marco FIBROSI, 2010)

O bem-estar é multivariado. Se eu só fizesse ações de educação, não resolveria a questão. Colocar uma superescola no meio de uma estrutura em que faltam luz, água e esgoto não resolve as questões necessárias. Para gerar mais educação, a dose é uma escola bem estruturada, com um entorno social e econômico variável. É preciso ter infraestrutura social razoável e acesso à saúde para a família. (Jorge ABRAHÃO, 2011)

As escolas podem desempenhar um papel fundamental vacinando as crianças contra o vírus do consumismo. Elas podem fazer isso ensinando o lado negativo do consumo: o que ele causa à natureza, aos operários em países pobres, à nossa saúde e ao nosso bem-estar. Elas podem ensinar as crianças a desconstruir a publicidade para que assim elas sejam menos propensas a pensar que tem de comprar tudo. E elas podem banir roupas de marca na escola. (Carl HONORÉ, 2011)

[Na Finlândia,] um dos mecanismos importantes é o “sistema de bem-estar social” que temos nas escolas. A equipe escolar é formada por diretor, professores de educação especial, enfermeiras, psicólogos e professores. Eles lidam com todas as questões relacionadas ao bem-estar dos alunos na escola. Todas as escolas precisam ter essa equipe. Cada criança deve, obrigatoriamente, passar por uma consulta médica a cada ano. As escolas têm também uma forma sistemática de orientação e aconselhamento disponível a todos. (Pasi SAHLBERG, 2012)

A educação é uma atividade que exige do sujeito condições de atuação no processo educacional. Só que a qualidade e as condições para essa atuação estão fortemente determinadas pelas condições sociais e familiares. Os efeitos da pobreza se manifestam contra a educação de muitas formas: desde os aspectos de investimento de tempo e dinheiro pelas famílias até dimensões subjetivas e de bem-estar psicológico. (Armando SIMÕES, 2013)

Em nome das crianças e pelo seu bem-estar é possível que os adultos aceitem mudanças que dificilmente estariam dispostos a aceitar por outras motivações. Crianças ouvidas sobre essas mudanças sugeriram, por exemplo, a diminuição da diferença entre o centro e a periferia da cidade na qualidade dos serviços públicos de coleta de lixo, saneamento, iluminação pública, transporte, lazer e na qualidade da escola; o respeito a todos as pessoas, principalmente crianças e idosos e pessoas com deficiência. (Vital DIDONET, 2014)

Consideramos que trocar uma fralda e escrever no quadro tem a mesma importância. São necessárias dedicação e delicadeza; portanto, essas ações não podem ser realizadas por outra pessoa que não conhece tão bem as crianças. Isso não significa que não possa haver alguém para auxiliar o trabalho, mas é fundamental dizer que esse funcionário pode ocupar outro posto, dependendo de quem necessite de sua ajuda. A aprendizagem deve estar ligada ao bem-estar e vice-versa. (Paola STROZZI, 2014)

O trabalho pedagógico diz respeito a todos os momentos do cotidiano – englobando também as ações que envolvem as necessidades vitais, o bem-estar das crianças na sua inteireza (acolhida, higiene, alimentação, sono) –, o que demanda prever e organizar também tempos, espaços, formas de realizar essas ações. Então, de onde viriam os fundamentos e diretrizes para o planejamento que sustentam esse fazer? Evidentemente, da proposta pedagógica, que é a carta de identidade da instituição. (Luciana Esmeralda OSTETTO, 2015)

O grande diferencial entre a educação infantil e as demais fases da educação básica está no alargamento das relações que se estabelecem em função da faixa etária com que se atua quando falamos de 0 a 5 anos. Ao mesmo tempo em que a criança é um ser absolutamente capaz, ela também é extremamente vulnerável. Por isso, o gestor precisa dedicar mais cuidado ao compor a sua equipe, no sentido de garantir bem-estar de uma forma ampla. (Mônica PINAZZA, 2015)

FELICIDADE

O conhecimento significativo, substancial, decodificador das realidades econômicas e sociais é um conhecimento inevitavelmente libertador, pois facilita a interpretação do mundo. Para evitar seus próprios perigos o conhecimento deve incorporar a ética do conhecimento. E a ética do conhecimento diz respeito à verdade, à solidariedade e ao bem-estar da humanidade. Dizendo numa forma poética e romântica, o conhecimento deve contribuir não apenas para o progresso econômico, mas também para a felicidade das pessoas. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Um professor de Cálculo consegue em umas 70 horas ensinar a um aluno o que custou 300 anos para ser construído. Uma professora ensina uma criança a lavar as mãos em meia hora, e esse procedimento demorou cem anos para ser construído. Se a cada 45 minutos um professor conseguisse que os alunos aprendessem o que precisam aprender em 45 minutos, em 10 anos um país poderia dar um salto extraordinário. Então, o que é um bom professor? É aquele que consegue fazer com que um aluno aprenda o que precisa aprender, e que aprenda com felicidade. (Bernardo TORO, 2001)

Eu costumo brincar que o corpo é muito mais inteligente que a cabeça e ele carrega duas caixas. Uma é a “caixa de ferramentas”, com tudo de que precisamos para resolver questões práticas. [...] Na segunda caixa estão os brinquedos, tudo aquilo que, não sendo útil, nos dá prazer e alegria: música, poesia, literatura, pintura, culinária, a capacidade de contemplar a natureza, de identificar a beleza nos jardins. Essas coisas não servem para nada, mas compõem a felicidade humana. (Rubem ALVES, 2002)

Acredito que é essencial trabalhar a questão da felicidade centrada na subjetividade. Reforçar os valores, porque a educação de uma pessoa está ligada ao mimetismo, aos paradigmas que ela tem. Minha geração teve como referenciais Jesus, Maria e José. Na adolescência, Gandhi, Martin Luther King e Che Guevara. Todos altruístas. Hoje você tem os exterminadores do passado, do futuro e do presente, mais o Rambo. As pessoas ainda querem que o jovem seja delicado no ônibus com a mulher grávida, que ceda lugar na fila para o idoso. (FREI BETTO, 2002)

O problema é viver em uma sociedade que impõe a felicidade no consumo, isto é, as pessoas são felizes à medida que podem ter o carro do ano. É importante que o professor perceba que pode ser muito feliz também à medida que dá uma aula e sai satisfeito, notando que contribuiu para que seus alunos tenham uma visão crítica de mundo. (Paulo MEKSENAS, 2004)

Eu ando agora, mais do que nunca, entre a ousadia de grandes sonhos e a evidência de indesejadas e inevitáveis “lições da realidade”. Deixo a outras pessoas menos devaneantes do que eu a tarefa de pensar questões que vão de políticas públicas a metodologias de ensino e me dou ao direito de imaginar algo mais idealizado e, por que não, utópico, ou seja, “fora de lugar”, mas apontado para um horizonte de felicidade realizável. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

Gozar, em psicanálise, é um conceito que significa ir além dos limites do prazer. [...] Não é tanto a felicidade, acho que a felicidade já foi até superada. O objeto de desejo não é mais a felicidade, mas o gozo. Porque ele é mais imediato, já que a felicidade está ligada, ainda, a uma ideia de continuidade e longo prazo. E a sociedade de mercado é acelerada, porque tem de produzir, rapidamente, a absorção do que ela gera, para a roda continuar girando. (Maria Rita KEHL, 2009)

Essa geração que está hoje nas nossas mãos, e usa essas tecnologias, tem um jeito de olhar para o mundo muito peculiar, ela tem que ser a nossa fonte de investigação. Eu anoto as perguntas que meus filhos fazem e comparo com as minhas indagações na mesma faixa etária. Eu não me perguntava sobre coisas semelhantes. Eles têm uma abertura maior, mas também um apelo para o sucesso. A gente deve ter o discernimento de estabelecer o que tem sentido para eles, o que os faz de fato felizes. (Emília CIPRIANO, 2010)

[Aulas interessantes produzem] um sentimento de bem-estar, ou seja, satisfazem desejos profundos do sujeito. Sempre foi assim, porém o aluno contemporâneo é mais exigente. De fato, vivemos em uma sociedade que valoriza e legitima o desejo, que considera que o ser humano tem “o direito à felicidade”. Uma sociedade que visa ao desenvolvimento econômico precisa do consumo e, portanto, não pretende domar as paixões, como queria a educação tradicional, mas satisfazer os desejos. (Bernard CHARLOT, 2011)

Felicidade e bem-estar devem ter prioridade máxima na educação. Quando os alunos estão felizes, saudáveis e à vontade consigo mesmos, eles são melhores alunos. Conseguem aprender mais e desenvolver vínculos sociais mais fortes. O problema é que tentamos ensinar felicidade e bem-estar com “mão pesada”. Não estou convencido de que a melhor resposta seja transformar essas questões em cursos acadêmicos. (Carl HONORÉ, 2011)

Há países e mesmo regiões do Brasil em que a importância social é medida pela maternidade, e elas [as adolescentes] de fato querem e ficam felizes ao engravidar. No nosso ambulatório, temos muitas meninas que queriam engravidar sim, apesar de estar estudando. E a gente tem outra questão importante, que é o número preocupante de meninas que engravidam antes dos 15 anos. (João Luiz Pinto e SILVA, 2012)

Não me atrevo a analisar o desempenho do Brasil nessa questão ou em *rankings* como o PISA, que tem suas falhas, mas o questão-chave é criar uma atmosfera em que os alunos se sintam felizes e à vontade para, cada um a seu tempo, entender novos conceitos abstratos, o motivo de terem sido introduzidos, e aprender a unir conceitos e noções de uma forma coesa, construída e lógica. (Cédric VILLANI, 2012)

Não há mais o estudo voltado às áreas de Humanas, de cultura, de formação da pessoa. É passar no vestibular, como se passar no vestibular fosse a suprema felicidade, e, às vezes, é a suprema infelicidade. Cadê a escola que ensina História, Geografia, Português, línguas [estrangeiras], Arte. Não há, acabou o canto orfeônico, acabaram os trabalhos manuais, essas coisas todas eram importantes. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

É cada vez mais urgente compreender que o conhecimento é um caminho ao mesmo tempo ordinário e extraordinário, de confirmação e de surpresa, de fascinação e de temor, de esforço e de felicidade. Aprender não é somente reconhecer aquilo que já é sabido. Não é tampouco transformar incógnitas em conhecimento. Aprender é a unidade entre reconhecimento e descoberta, a união do conhecido e do desconhecido. (Mauro MALDONATO, 2013)

Na China, acreditamos que a educação importa e o aprendizado conduz a uma vida mais feliz. Aprender requer sacrifícios, trabalho, dor, mas vale a pena. Os estudantes chineses estão mais focados em disciplina. É preciso reajustar os valores sociais, as pessoas precisam levar a educação e o aprendizado muito a sério. Não estou certo de que isso existe no Brasil. (Jiang XUEQIN, 2016)

EMOÇÃO

A cartilha é o primeiro livro que a criança pobre coloca nas mãos. Verifico sempre a emoção desse menino ao segurar a cartilha. O livro é, realmente, um objeto cultural muito distante das camadas populares. Essa é uma diferença entre as crianças de classes dominantes e dominadas. Não é uma deficiência delas. São apenas crianças que pertencem a culturas diferentes. (Magda Becker SOARES, 1988)

O homem, então, economiza suas emoções, guarda o que sente. Acho que por isso é mais vitimado por acidentes cardíacos e vasculares do que a mulher. Profissionalmente, ele também está sacrificado. Quando a mulher abre mão de uma carreira, ela tem um recurso, que é o lar. Mas o homem não tem o direito de fracassar na profissão. Dele é cobrado o sucesso, sem escapatória. (Dulce WHITAKER, 1989)

[Paulo Freire] era um mestre. Às vezes, ele resistia para se soltar. Sentia muita emoção. Era tímido ao falar em público, quando ia dar uma entrevista. Era difícil entrevistar o Paulo porque ele parecia querer fugir. Ele dizia: “Hoje, quero falar sobre galinha à cabidela ou sobre jabuticaba, mas não me pergunte sobre educação”. Ele começava a falar sobre jabuticaba e dali a dois segundos ele estava naquilo que era dele, que era a emoção de estar construindo e reconstruindo o conhecimento e a experiência humana. (Moacir GADOTTI, 1999)

O professor não deve, necessariamente, estar emocionado. Não se trata, como se poderia à primeira vista pensar, que ele deve ser um ator onde externa sentimentos de aguda emoção. Se ele o fizer, sem dúvida ajuda, mas não é nesse aspecto que o educar, através da emoção, se ressalta. O que se busca realçar é que toda aprendizagem significativa necessita, fundamentalmente, de cinco componentes na ação cognitiva do aluno, e um desses componentes é a emoção. (Celso ANTUNES, 2003)

Devemos aprender que [nós, professores] podemos simplesmente ser depositários de alguma coisa, e, às vezes, são sofrimentos que afloram. Então, trabalhamos com eles essa ideia de que aceitar uma emoção e ser capaz de suportá-la ensina muito à pessoa. Se um professor diz: “mas é complicado, não consigo”, e você acolhe isso com benevolência, tal atitude vai ajudá-lo a suportar essa emoção. (Françoise HATCHUEL, 2003)

Não existe gesto de compaixão maior do que o de ensinar. É um grande privilégio. E o lucro do professor está no intangível, no campo da emoção, é quase transpessoal. Sem deixar de lado o merecimento material, porque educação não é voluntariado, o grande lucro do professor é, muitas vezes, receber um agradecimento de um ex-aluno 30 anos depois. (Marco Aurélio Ferreira VIANNA, 2003)

Toda ação motivada pela emoção geralmente contém fortes componentes de busca do prazer ou de fuga do desconforto. Nestes casos, o comando para a ação (ou a falta dela) é “faço porque gosto” ou “não faço porque não gosto”. A questão é: “Certo, faço porque gosto. Mas que garantias eu tenho de que minha ação,

motivada pela minha emoção, ainda que perfeitamente administrada, será boa também para as outras pessoas?”. (Florianio SERRA, 2005)

Alguns a [a emoção] classificam como uma resposta a fatos marcantes. Outros a consideram uma disposição para a ação. Para mim, emoção é mais do que a simples experiência fisiológica ou psicológica. É uma energia vital, que liga os acontecimentos do mundo externo com o mundo interno de cada um de nós. Muitas de nossas atitudes são disparadas por uma emoção. (Juan CASASSUS, 2008)

Todas as pesquisas nos dizem que as emoções são um substrato do nosso pensamento. Uma pessoa pensa de forma diferente quando está feliz ou chateada; pensa diferente quando está em uma situação de conflito ou de relaxamento, ou ainda quando se trata de seu filho ou do filho do vizinho. Essa aproximação das duas coisas – nos emocionamos com uma imagem ao mesmo tempo em que lemos o texto que a explica – talvez possa nos dar uma capacidade mais rica para intuir. (Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO, 2008)

A neurociência parte de um princípio básico: não se pode aprender nada além daquilo que desperta nossa emoção. Ensinar bem significa, em essência, emocionar primeiro (despertar a curiosidade, um dos ingredientes básicos da emoção) e, a partir disso, abrir as portas da atenção e pôr em marcha os processos de aprendizagem e de memória. A neurociência ensina que o que se recorda melhor é sempre aquilo cujo conteúdo tem um ingrediente emocional. (Francisco MORA, 2010)

A gente orienta para não ter restrição nenhuma. A gordura, que a gente considera vilã, tem de lembrar que nos primeiros anos de vida é importantíssima. Sem gordura você não forma células cerebrais, hormônios e reservas de energia. Açúcares e carboidratos são importantes. Tem de lembrar que prazer também faz parte da alimentação – se eu restringir tudo, só pensando no saudável, não estou fazendo nenhum trabalho adequado, porque comida também tem muita emoção. (Mauro FISBERG, 2011)

Quando narramos [um texto], colocamos nossa emoção, nosso jeito de narrar. Mas isso acontece com as próprias palavras do autor. Já em um filme ou peça de teatro, esse texto é adaptado, transposto a outras linguagens. Na narração, no momento em que se traz o texto em voz alta, tal como ele foi escrito, com as palavras que o autor escolheu – e [Guimarães] Rosa fala que cada palavra está ali não por acaso – há uma experiência mais próxima da criação. (Elisa de ALMEIDA, 2013)

A competição é um laboratório de sentimentos, de emoções. Depois de certo tempo, você se conhece mais e se domina mais, consegue levar isso para a sua vida pessoal. O esporte me ensinou a me conhecer melhor e a saber reconhecer. No fim da carreira, pensei: agora está chegando o medo. E [me ensinou] a não ter medo de sentir medo, de conhecer minhas emoções e de saber lidar melhor com elas. (Flávio CANTO, 2014)

Até hoje as peças de William Shakespeare, que têm 400 anos, fazem o maior sucesso. Por quê? [...] [Ele] escreveu sobre as emoções humanas. E emoção

humana não muda. Não há internet que faça isso mudar. O que eu quero dizer com isso é que os meninos de hoje são os mesmos que eram os avós deles e que serão os netos deles. Todos nós passamos pela fase de sentir atração sexual, sofrer por um amor perdido, sentir ciúme de quem amamos, raiva por uma derrota, e assim por diante. E sempre será assim. (Pedro BANDEIRA, 2015)

É preciso entender que desenvolver habilidades socioemocionais não é deixar de sentir raiva ou frustração, ou deixar de ser tímido ou agitado, mas aprender a lidar com aquilo que se passa dentro de si sem se destruir e sem destruir o outro. É dar um destino funcional às emoções, encontrando soluções que sejam socialmente aceitas e ajudem na construção de uma vida melhor tanto para si mesmo como para o entorno e para a sociedade. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

BELEZA

Observando as características dos dialetos populares gramaticais e as características do dialeto de prestígio, vivi a fase de defender que era importante o menino ter consciência da língua. É fascinante ver como uma criança aprende a língua, começando a construir frases que têm sujeito, predicado, complemento, orações subordinadas, e como isso funciona bem, seja qual for o dialeto. E que coisa fascinante é examinar isso de fora, tirar isso de si, ver como esse processo se desenvolve com tanta precisão e beleza. (Magda Becker SOARES, 1995)

Quanto ao Paulo Freire, o mundo todo leu Paulo Freire, ninguém engana o mundo. Você não pode ser o maior escritor, mais traduzido e mais editado, enganando os outros. Este é o caso concreto do Paulo Freire, que ficou conhecido no mundo, porque tinha o que dizer. [...] De qualquer forma, quem sintetizou tudo isso foi o Paulo Freire, que tem beleza intelectual e uma acuidade enorme. (Darcy RIBEIRO, 1996)

Seria fundamental a renovação do Iluminismo, principalmente nos dias de hoje em que a tecnologia se tornou o centro de tudo. Os próprios artistas muitas vezes traem sua missão porque querem se tornar tecnólogos também. E o homem é mais importante que a tecnologia. Fazer a tecnologia do som, das cores, das formas, tudo isso não tem a mínima importância. O importante é captar a beleza do som. (Sergio MAGNANI, 1999)

As artes têm um papel essencial nesse aspecto [a redução da violência nas periferias das grandes cidades]. Quando o garoto começa a trabalhar com música, teatro, dança, ele tem contato com a estética, com o belo. E a ética é o correspondente ao belo nas relações humanas. Se eu sou ético com você, sou capaz de ser bonito, honesto, equilibrado, harmônico, tolerante, crítico. O contato dos jovens com a estética os faz sentir na pele o que é ser ético. (Geraldinho VIEIRA, 2000a)

Acho que os livros de literatura, estes sim, é que devem presidir o trabalho da alfabetização. [...] Existem muitos tipos de livros e, desse conjunto, há alguns que precisam ser lidos em sala de aula e, ainda, há outros tipos que também têm de ser lidos. Dessa forma, escolher a leitura a partir da situação vivida na sala de aula é uma atitude muito interessante. Não se pode ensinar só com a lógica. É preciso também toda a cultura, porque nela entram a beleza e a emoção. (Esther Pillar GROSSI, 2003)

Temos um pouco de cada um [dos professores] que vamos encontrando. Eu carrego os professores Lobo e Georgina. Me refiro a eles assim [sem nomes completos] para que suas memórias se diluam em uma memória coletiva e discreta. A beleza sensível dos atos de aprender e ensinar está mais nos pequenos gestos do dia a dia de professores anônimos do que nos tratados e compêndios de pedagogia. (José PACHECO, 2004b)

É necessário ensinar com amor e afeto, sob pena de o educador não conseguir cativar o aluno para a aventura dessa troca mágica de ensinamentos que deve ocorrer no ambiente escolar. O professor tem de oferecer aos estudantes algo que os computadores, livros, jornais e revistas jamais poderão propiciar: a beleza

proveniente do relacionamento humano e todas as possibilidades positivas que vêm no seu encaixo. (Gabriel CHALITA, 2005)

Se você constrói uma escola feia, já está dizendo ao professor que ele vai trabalhar num lugar feio. Peça a um arquiteto para fazer uma escola. Terminada a planta, você percebe que ele dirigiu toda a infraestrutura para o setor burocrático. A parte das salas de aula é simples, feia, desestruturada. A burocrática tem cinco banheiros, ar-condicionado. O Brasil ainda é um pouco “Casa Grande & Senzala”. Quem manda fica num lugar bonito. (Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006a)

Não podemos supervalorizar os recursos tecnológicos, porque nada substitui a presença e a interferência do professor em sala de aula. [...] O professor tem de mostrar a beleza e o poder das ideias usando os recursos que tem, mesmo que isso se resume a quadro-negro e giz. Muitos colegas estão se virando para melhorar sua formação: mesmo não tendo dinheiro para comprar livros, quem está interessado em se aperfeiçoar vai à biblioteca da escola ou da cidade ou usa a internet – em casa, na escola ou em lugares públicos. (Tania ZAGURY, 2006)

O primeiro caminho para a consciência ecológica viria da propensão em ativar nossa capacidade para o encantamento. [...] Precisamos hoje reaprender a ver, pois o essencial é muitas vezes invisível aos olhos, como dizia Saint-Exupéry. O encantamento que toma os sentidos trabalha no conhecimento e conduz à tomada de consciência. Observar a beleza de uma árvore leva a querer compreender a natureza, o papel que ela tem no ecossistema, e daí respeitá-la. (Nicolas HULOT, 2008)

É completamente apaixonante pincelar a história paralela do modo como os astrônomos de um dado período histórico perceberam o Universo e a maneira como isso é elaborado na consciência poética da época. Não se deve nunca perder de vista que no começo, em grego, a palavra cosmos significava beleza e estética antes de remeter ao mundo físico. (Jean-Pierre LUMINET, 2008)

Trata-se de comparar imagens, influências e valores globalizados com o contexto local, discutindo se são válidos ou não em cada realidade. Quando estive na África, percebi que o ideal de beleza era diferente do predominante na mídia mundial. As modelos eram gordinhas – se você é gordo num ambiente de pobreza, isso é sinal de sucesso. Significa que a beleza anoréxica não se articula com a realidade local e não faz sentido persegui-la. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

O que vemos naqueles filmes americanos, em que a biblioteca é sempre o local bonito e agradável que serve de ponto de encontro para os alunos, não existe no Brasil. Aqui, é a pior sala, a mais escura, ou o lugar em que o aluno vai cumprir um castigo, destino do professor cansado ou desmotivado. É difícil reverter isso. A compra de acervos pelo MEC é um avanço. Mas, apesar de crescer, o Programa Nacional de Bibliotecas Escolares fica à mercê de cada governo, não se sabe se vai continuar. (Sonia Machado JARDIM, 2009)

Podemos, claro, extrair beleza do mundo. Porém, essa beleza não precisa estar ligada à noção de que a perfeição é bela e a imperfeição, feia. Proponho repensarmos essa estética da natureza e mostrar que o imperfeito é bonito. É o

imperfeito que leva à criação de todas as estruturas que observamos no universo, de células a galáxias, passando por seres vivos e estrelas. Tudo isso é produto de imperfeições. (Marcelo GLEISER, 2010)

Um aluno de Pedagogia me perguntou: vale a pena a gente continuar [a greve dos servidores da educação do Paraná]? De fato, chocou muito. De um lado, houve apoio muito maciço da população desde o início da greve – as pessoas iam lá voluntariamente levar roupas, mantimentos, os artistas faziam shows, as pessoas acenavam da janela nas passeatas – era uma coisa bonita. (Andrea CALDAS, 2015)

ALEGRIA

O que há de sério, até de penoso, de trabalhoso, nos processos de ensinar, de aprender, de conhecer não transforma este quefazer em algo triste. Pelo contrário, a alegria de ensinar-aprender deve acompanhar professores e alunos em suas buscas constantes. Precisamos é remover os obstáculos que dificultam que a alegria tome conta de nós e não aceitar que ensinar e aprender são práticas necessariamente enfadonhas e tristes. (Paulo FREIRE, 1989)

[As crianças] tentam vir com um sapato diferente, usam blusas coloridas sob a camisa branca, que abrem no recreio. Colam figurinhas nos cadernos que as professoras querem encapados todos iguais. Escapam da fila, fazendo hora no banheiro, atrasando o passo. Pulam de alegria quando toca a campainha da saída. [...] Se acompanharmos mais de perto o comportamento das crianças no dia a dia escolar, poderemos notar que não são as normas que elas rejeitam. Elas rejeitam a atitude acrítica e a repetição não-criativa que se exige delas. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

Quando a gente era pequeno achava maravilhoso bater um prego na madeira. Usar o martelo com competência dava alegria. Um cozinheiro quando corta uma cebola chora, mas se sente feliz porque está usando com competência uma ferramenta. Nietzsche dizia que todos nós temos desejo de poder e isso não significa querer ser um general ou o presidente da República. Ele está dizendo que o homem quer ter habilidades para controlar a vida. E quanto mais você domina o poder, mais pode viver. As ferramentas dão esse poder e, sendo assim, são fonte de alegria. (Rubem ALVES, 2002)

[A docência] que deveria ser vista como um prazer, uma alegria é, muitas vezes, tida como um fardo. Mas o professor pode estar desmotivado e ainda assim encontrar forças para ir além. O importante é que no Brasil, apesar de encontrarmos muitos professores em crise de identidade, o senso de responsabilidade social desses profissionais ainda é maior do que essa crise. (Paulo MEKSENAS, 2004)

Esse é um passaporte que cada criança recebe, com o seu nome e a mensagem “Ler traz alegria e divertimento”. Então eles escrevem em cada página do passaporte, como se tivesse sido uma viagem que fizeram, o livro que leram e comentam o que acharam dele. E quando o passaporte está completo, as crianças recebem um presente. Já distribuímos 50 mil passaportes de leitura entre os alunos. (Ulrike HÖVELMANN, 2009)

Ensinar brincando significa utilizar a alegria natural, inata da criança ao brincar, e garantir que as tarefas sejam apresentadas às crianças da maneira mais aberta possível. Essa forma de ensinar utiliza os recursos percebidos pela criança como “divertidos”, e o papel do adulto é propor tarefas divertidas, relacioná-las ao currículo requerido e apresentar as tarefas de modo criativo e divertido. Esses são aspectos interligados, embora distintos, utilizados em um contexto educacional. (Janet MOYLES, 2009)

Várias pesquisas nos mostram que o maior fator de rendimento escolar de uma criança é sentir-se segura na escola. O que significa isso? Que ninguém a moleste

fisicamente, que não seja maltratada, que não lhe roubem suas coisas, que se fizer uma pergunta será respondida, que não seja estigmatizada por seu sotaque ou porque sua mochila não é do último modelo. Quando uma criança se sente respeitada, seu rendimento cresce de maneira extraordinária. Isso é a alegria de aprender. (Bernardo TORO, 2009)

Toda essa pressão para ser perfeito e obter a maior nota também está elevando a taxa de estresse e problemas de saúde mental entre os jovens. Pressão demais também tem matado a simples alegria de ser criança – o que [o poeta inglês] William Blake chamou “ver um mundo num grão de areia... segurar o infinito na palma da sua mão”. Transformamos a infância em uma corrida e tiramos muito da sua magia. (Carl HONORÉ, 2010)

Seja qual for a disciplina que o professor leciona, ele deve também se lembrar de que aquela exigência da juventude por “uma vida verdadeira” resiste à fragmentação disciplinar com que construímos nosso processo de aprendizagem, pois os jovens esperam que a escola os prepare melhor para a vida, e não apenas para um exame. Criar um ambiente em que o jovem sinta-se livre para sua expressão e para suas escolhas e, ao mesmo tempo, responsável por elas é o melhor que a escola pode fazer para que se faça a aprendizagem com alegria, compromisso e resultado. (André LÁZARO, 2010)

Outra aluna descobriu um casulo de borboleta na amoreira e seguiu, dia e noite, as fases de desenvolvimento do inseto, surpreendendo-se com as saídas noturnas da lagarta e a beleza do voo da borboleta adulta. O constante registro somado à memória da infância, acrescida de leituras, inclusive, de textos literários, abriu novas reflexões e caminhos para manifestações afetivas e a alegria de aprender. (Mônica MEYER, 2011)

Na escola, vivi a enorme alegria de conseguir decifrar sozinho escritos feitos à mão ou impressos. Hoje, tentando me conectar novamente àquela sensação, não encontro palavras adequadas para traduzi-la. Um universo, até então oculto, irrompeu em minha vida e transformou-a. Imagino que seja assim com todo mundo que aprende a ler. Acho que um pouco daquela sensação pode ser novamente experimentada ao aprender uma nova língua, um novo alfabeto, mas não de maneira tão intensa. (Cilza BIGNOTTO, 2012)

O aprender tem a ver com um sujeito que tem desejos, emoções, imaginação, sonhos, projetos. É a esse sujeito que temos de nos dirigir. A mesma coisa [ressalto para] os professores, a professora. A professora é um ensinante, o que não é o mesmo que um ensinador. Isso significa que o professor tem que ser alguém que acredita que seus alunos podem aprender. Assim, irá se responsabilizar em ensinar e encontrará alegria e autoria para ensinar. (Alicia FERNÁNDEZ, 2014)

Como professores, sentimo-nos na obrigação de dizer aos alunos como fazer um processo, como descobrir algo ou se a resposta está correta ou incorreta. Contudo, cada vez que fazemos isso, estamos roubando deles a alegria de descobrir, a alegria de encontrar dentro de si a certeza, ou a convicção, ou o momento de dizer “Ah, agora eu sei!”. É isso que eu quero para os meus alunos, e eles merecem isso, são capazes disso. (Carlos CABANA, 2016)

A escola deveria ser um local sem isolamento ou solidão negativa, um espaço de alegria e aprendizagem significativa. Entretanto, ao lançarmos um olhar para o futuro, verificamos a necessidade de um estudante com maior autonomia, flexibilidade, trabalho cooperativo, metacognição, pensamento crítico, criatividade, capacidade de comunicação, resiliência, espírito de solidariedade e empatia. Portanto, a escola do século XXI deve ser um espaço capaz de construir tais virtudes. (Ricardo FRAGELLI, 2018)

O aprendizado que traz o conhecimento como um fim é exatamente o oposto do que as crianças fazem no brincar espontâneo. O brincar livre é onde a criança vai explorar, ver o mundo, criar conexões e aprender a se frustrar. A brincadeira é cheia de angústia, de dor, não é só idílica. Ela é dura, como precisa ser. A brincadeira traz fortemente a alegria, mas não brincamos só para sermos felizes, mas também para entendermos as dores da vida. (Renata MEIRELLES, 2018)

TRISTEZA

É uma grande tristeza, por exemplo, viver num município [Rio de Janeiro] onde os dados oficiais apontam que, desde dezembro, sete professores abandonam a profissão ou se aposentam, por dia. Não se fala mais de evasão de criança, fala-se de evasão do professor. Nesse contexto, ouvir professores e ver como eles gostam de ser professores, ter essa percepção de que houve uma vida que valeu a pena ser vivida, nos ajuda a pensar uma pedagogia que não seja essa coisa dividida, partida. (Sônia KRAMER, 1995)

Não podemos apenas administrar, precisamos cuidar do país. Quando eu era governador, mantinha no meu gabinete a relação de todos os pequenos em situação de risco. Isso cria uma relação de parentesco, sabe? No dia em que um morria eu era obrigado a deletar o nome do meu computador. Era como se eu o estivesse enterrando, uma tristeza. (Cristovam BUARQUE, 2001)

O IPREDE [Instituto de Prevenção à Desnutrição e à Excepcionalidade] trabalha com crianças desnutridas, é uma coisa que choca. Você chega lá e se depara com aquela cena de Somália, aqui no Brasil, em Fortaleza, no Ceará. Criança de 6 meses pesava 1,8 kg, depois de já estar no projeto há dez, quinze dias. É uma realidade dura e muito triste, que sempre me abalou. (Mila PETRILLO, 2001)

Acima de tudo, ele [o professor de arte] precisa ser pesquisador – de arte, de história, de sociologia, de pedagogia. Foi-se o tempo em que a escola exigia dele ajuda para fazer bandeirinhas na festa junina e produzir cartazes. Há outros espaços de valor para esse professor. Ele deve conhecer seus alunos e buscar elementos significativos para que eles encontrem novas formas de se expressar, contar suas histórias, mágoas, alegrias e tristezas. Assim, abriremos espaço para um ensino mais humano. (Mirian Celeste MARTINS, 2002)

Disse isso a uma revista daqui [*Playboy*], essa mania de que as crianças têm que estar sempre contentes, e que todos nós deveríamos nos preocupar com a alegria das crianças. Não tem importância nenhuma que a criança esteja triste. O ser humano cresce mais à sombra que ao sol. E se se vê que uma criança está melancólica, triste, deixá-la estar, está a crescer. Pode isto parecer um pouco romântico, ou corriqueiro, idealista, mas para mim continua a ser a verdade. O tempo para pensar e refletir é necessário. Porque por aí é que se cresce. (José SARAMAGO, 2003b)

As feiras e salões [de livros] são mais frequentados pelas classes C e D, porque as pessoas dessas classes podem andar e passear sem ter a obrigação de comprar alguma coisa. Isso me anima, porque mostra que elas se interessam. O único problema é que as feiras de livro viram um evento, uma coisa episódica. [...] Nas feiras e salões, muitas vezes, já vi as crianças irem embora com um marcador de livro na mão, sendo que elas nem sequer têm livro para marcar. Isso é de uma tristeza! (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

Eu sempre digo que o analfabetismo de adultos é nossa maior dívida social, em qualquer ponto do planeta. Em todo lugar, os indivíduos que carecem de competências elementares em leitura, escrita e cálculo somam 774 milhões de

peças. Ou seja, um em cada cinco adultos é analfabeto – e 64% desse percentual é formado por mulheres. Isso é muito triste. (Ana Luiza MACHADO, 2008)

Eu vejo toda essa cultura das avaliações externas como uma estratégia para tentar determinar alguns culpados e desresponsabilizar outros. E defendo a importância de pensar em quais critérios devemos utilizar para fazer essas avaliações, quais devem ser seus objetivos e, principalmente, qual é o uso que queremos fazer desses instrumentos. É triste ver que ninguém faz absolutamente nada com esses resultados. (Rubens Barbosa de CAMARGO, 2010)

Conto de fadas tem de ter um final feliz. Em [Hans Christian] Andersen nem sempre isso acontece. Ele era um cara muito triste. Seria considerado um homem deprimido hoje. No sentido de um deslocamento muito grande em relação ao resto da sociedade. O pai morre, a mãe vira alcoólatra. Andersen nunca viveu um relacionamento amoroso. Essas histórias são maneiras de contar como ele se sentia. [...] Nenhum autor de contos de fadas foi tão próximo das crianças. (Kátia CANTON, 2010)

Tenho um sistema para saber se um educador é bom ou não: peço para ele me falar de uma criança qualquer para a qual ele dá aula. Se ele disser “esse é agressivo”, não está correto. O bom educador é o que diz “essa criança está feliz, mas está dissimulando, porque, no mundo, ri para dissimular a tristeza que está dentro dela”. Mais que a palavra, a pedagogia do cotidiano é a atitude e o sentimento que estão junto das pequenas coisas. (César Muñoz JIMÉNEZ, 2011)

[As bibliotecas] são o lugar em que as pessoas de hoje podem ler textos do mesmo jeito que as do passado liam. Com isso, preservaremos o entendimento da longa história da cultura escrita que herdamos e mostraremos que cada texto recebeu e recebe diferentes significados a depender da forma que é publicado e lido. Segunda [razão]: as bibliotecas podem e devem ser um lugar de conhecimento e aprendizado sobre a cultura escrita. [...] A sociedade pode evitar um futuro sem a existência de bibliotecas, uma infinita tristeza para o mundo. (Roger CHARTIER, 2013)

A Educação vem do ambiente social. O fato de que ela seja diferente conforme o meio é um dado comum a todas as sociedades desiguais. Bairros pobres normalmente têm escolas com menos estrutura e famílias com baixo capital cultural, que muitas vezes não ajudam no desenvolvimento do aluno. É triste, mas nesse contexto a criança está fadada ao fracasso. Repito, tudo vem do ambiente social, dos obstáculos aos sucessos. (Bernard LAHIRE, 2014)

Ninguém suporta a tristeza, por exemplo. Existe uma coisa de baixa tolerância à tristeza, de uma cultura de que a pior coisa do mundo é ficar ou ser triste. Porque a gente vem de uma cultura anterior em que o bonito era ser triste: as heroínas da ficção do início do século XX sofriam loucamente por amor. Isso a garotada não quer mais e eu acho que eles têm razão. Os jovens de hoje não têm nenhum apreço à ideia do sofrimento. (Teresa PINHEIRO, 2014)

Recentemente, estive em um determinado lugar, que prefiro não identificar, e os professores estavam em greve. Muitos estavam revoltados, com toda a razão, devido às condições salariais e de trabalho. A organização sindical distribuiu uma

camiseta para os professores usarem na manifestação com uma frase impressa: “Hei de vencer, apesar de ser professor!”. Fiquei muito triste com isso porque estou convencido de que um professor não precisa vencer “apesar de”. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

Uma derrota pode ser vivida com menos intensidade e dor conforme vai sendo contada. Anos depois, se rirmos dela, ela nos marcará menos ainda, ou seja, o fato é imutável, mas suas versões não o são. A verdade é que estamos sempre nos narrando e recontando. Triste de quem se conta sempre da mesma maneira e não se inventa, está preso a uma forma única. Uma neurose pode também ser entendida como um fracasso em encontrar uma versão aceitável para si. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

HUMOR

[O humor na TV] é uma coisa pobre, calcada em estereótipos, e isso desde o programa *Chico Anísio* até *A Praça é Nossa*, ou o pessoal do *Casseta & Planeta*, que tanto prometia. Mas o humor, na TV brasileira, cai logo no estereótipo, na vulgaridade, que vai cair sobre o negro, homossexual, judeu. Enfim, são coisas inimagináveis na Grã-Bretanha. (Laurindo Lalo LEAL FILHO, 1997)

Eu diria que a primeira destas qualidades é o professor ter senso de humor. E sobre isso há uma pesquisa muito interessante. Questionados sobre quais seriam os aspectos mais importantes para serem considerados bons profissionais, nenhum dos professores listou o bom humor como sendo importante, mas quando se fez essa mesma pergunta a crianças e a adolescentes, tal característica apareceu em 51% das respostas. E o que é o bom humor? É a possibilidade de brincar, o que não tem nada a ver com debochar do aluno ou ser irônico. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

Ao dar uma relida nos textos [sobre ensino de Física], percebi que os de mecânica têm muito mais humor e piadas do que os outros. Ele é feito para um aluno que, praticamente, só lê história em quadrinhos. O texto de física térmica é um pouco mais formalizado, mas também tem humor e títulos sugestivos. Já o texto de eletromagnetismo é para um aluno mais maduro, já disposto a um texto sério. (Luís Carlos de MENEZES, 1999)

A nossa busca por uma escola alegre, prazerosa e bem-humorada fez com que começássemos a desenvolver brinquedos. Desde o início do projeto, decidimos que só compraríamos brinquedos no dia em que não fôssemos capazes de criá-los. [...] As crianças andam nas ruas, recolhem o que encontram de interessante, como retalhos de panos, garrafas, sementes, pedras, pequenos galhos, folhas e barro. (Tião ROCHA, 2005)

Não há nada pior para uma criança ou um adolescente do que encontrar seu professor na rua e não ser reconhecido. Os jovens não aguentam ser tratados como anônimos. Isso confirma uma das principais competências que se espera de um profissional da Educação – a capacidade de se relacionar. E acrescento: com humor, que é o melhor remédio para enfrentar as contradições do universo da Educação. (Bernard CHARLOT, 2006)

[Monteiro] Lobato tem um senso de humor imbatível. Ele não quer, em momento algum, fazer a cabeça das crianças, no sentido de dar lições escondidas. Ele quer dar lições abertas. Ele desenvolve uma cumplicidade do leitor que poucos escritores conseguem ter. [...] Lobato era um trabalhador incansável. Ele fazia, refazia, refazia de novo. Ele foi o modernizador da literatura infantil brasileira, e ficou por um período longo como sendo o único autor. (Marisa LAJOLO, 2008)

Eu sou um sujeito bem-humorado e faço disso um motivo de brincadeira. Uma vez um camarada me chamou de arcaico porque eu defendia a cultura brasileira em geral e a cultura popular em especial. Ele escreveu a seguinte frase: “Dos nordestinos nefastos ao Brasil já morreram Antonio Conselheiro, Padre Cícero e Lampião. Só falta agora Ariano Suassuna”. (Ariano SUASSUNA, 2008)

No início da década de 1990, vi, no Salão Brasileiro de Humor sobre Meio Ambiente, uma charge inesquecível: a reprodução de uma paisagem partida ao meio. Uma parte retratava a destruição e a poluição, e a outra mostrava uma natureza preservada e exuberante. Embaixo, uma singela e instigante legenda: “Preservação do meio ambiente”. Achei aquilo genial. (Mônica MEYER, 2011)

A importância de levar o leitor em consideração, valorizando alguns aspectos do discurso que são centrais, como reconhecer o ponto de vista do autor, as vozes presentes no texto e a temporalidade. Além desses, também são fundamentais efeitos textuais de humor e ironia (eles, às vezes, definem se um leitor vai abandonar um livro ou não). Também elegi como válido o fato de a garotada perceber que nem todos os aspectos e as construções literárias são fortes para determinar que uma pessoa se mantenha firme na leitura. (Ani SIRO, 2011)

Vamos ver como a sociedade caminha e vamos desenhar a sociedade com humor, leveza, entretenimento e educação. Houve transformações no passado. Se há 30 anos falássemos em divórcio, iriam queimar a revista em praça pública. Hoje, o Xaveco [personagem de HQ] é filho de pais divorciados. Houve meia dúzia de reclamações suaves e ele está lá estabelecido, com pais bem resolvidos. (Maurício de SOUSA, 2011)

Minha obra literária tem, em comum com a de Lobato, a divulgação da ciência através da literatura. Nos livros de Lobato isso é feito, principalmente, por Dona Benta. Tem ainda em comum o uso do humor e da ironia. Entretanto, minha temática principal, que é ecológica, não foi dominante nos livros de Lobato, embora ele tenha sido o primeiro escritor a denunciar o desmatamento por intermédio da fala da capivara, em *Caçadas de Pedrinho*, publicado em 1924. (Angelo Barbosa Monteiro MACHADO, 2012)

O mais importante nos textos humorísticos é a forma explorada para que se produza humor. Recursos como a ambiguidade das palavras podem e devem ser objeto de análise, como em: – Vamos tomar alguma coisa? – De quem? “Tomar” significa “ingerir/beber” na primeira pergunta e “roubar”, na segunda. [...] Acho que é bem interessante mostrar o que faz a piada ser piada. (Sírio POSSENTI, 2014)

A criação de universos inteiros de realidade nos jogos e brincadeiras é um passaporte para a construção da subjetividade; o conhecimento do mundo; a relação com os outros; a experiência de processos internos de prazer e/ou dor e, em definitivo, uma oportunidade para desenvolver-se e viver. Daí a importância de brincar, não somente na infância, mas ao longo da vida. À medida que os anos passam, a capacidade de brincar metamorfoseia-se, assumindo outras formas, como o humor, o lazer e as relações com a cultura e a religião. (Tânia Ramos FORTUNA, 2016)

Muito mais do que os erros de português, existe uma nova sintaxe, uma nova ortografia, uma nova regra, ainda em construção, que é um português de internet. As pessoas até sabem que não é a norma culta, que tem a ver com humor, com outros usos de pontuação, com *emoticons*, com uma linguagem que está surgindo. [...] É uma mudança muito profunda que está acontecendo na forma

como absorvemos e produzimos os textos e a própria linguagem. (Bruno TORTURRA, 2016)

Dar 50 aulas por semana impede pesquisa e aprimoramento e o conteúdo fica sem profundidade. Mas na modalidade digital a aula precisa ser bem preparada para atingir muita gente. O professor precisa ter tempo para estudar, buscar estratégias, apoio em trabalhos científicos. Se isso acontecer, é possível dar aula para duas mil pessoas, com carisma e humor, mas também com muito conteúdo. (Paulo JUBILUT, 2018)

AMOR

É preciso dar exemplo às crianças, ou seja, quando na casa se consome álcool demais, cigarros demais, remédios demais – isso é uma conduta típica de adição. As crianças necessitam de sinceridade, de clareza, do esclarecimento constante sobre as coisas da vida e sobre as consequências de seus atos. É preciso ensinar-lhes o amor à natureza, o amor à vida. (Eduardo KALINA, 1999)

[Por meio da educação musical] ela [a criança] irá certamente desenvolver o sentido da comunidade, da integração dentro de uma coletividade – e, portanto, da disciplina e do respeito humano. Essa criança vai [...] atingir a consciência de que é uma pessoa importante, não como um elemento isolado, mas por pertencer a uma comunidade. A música também desenvolve a capacidade de captar as coisas, de ouvir a música do mundo, sepultada sob as lutas desse mesmo mundo. O amor, o que é? Uma forma de música que, de vez em quando, ressurge em nós. (Sergio MAGNANI, 1999)

Quem ama, com certeza educa, mas quem educa, não significa que ama. Pode ser que goste, mas muitas vezes está até cumprindo uma obrigação. Veja que o adolescente primeiro tem de aceitar a pessoa para depois aceitar o conteúdo do que ela fala. Assim, para o professor ter resultados com adolescentes, ele precisa no mínimo gostar – não precisa amar, mas tem de gostar. Quando eu falo quem ama, educa, é muito mais para corrigir aquele pensamento de “quem ama, cuida” ou “quem ama, perdoa”. (Içami TIBA, 2003)

São raros os pais que dizem: “meu filho, você vai fazer o que você ama. Se é fotografia, então vai ser fotógrafo”. A maioria diz: “fotógrafo, não. Você vai ser engenheiro”. E aí o garoto abandona aquilo que ama. Na verdade, essa era uma função da escola, levar os garotos a descobrirem o que amam. Penso que a escola tinha de ensinar arte, fotografia, cinema, escultura, música – ser humano integral. Depois, vai fazer o que na vida? O que gosta! Um bom *personal trainer* hoje ganha mais do que um PhD em Administração. (Marco Aurélio Ferreira VIANNA, 2003)

O professor deve ser, antes de tudo, um observador atento de seus semelhantes, de seus aprendizes. Para isso, deve olhar seus alunos dentro dos olhos, com o respeito e a admiração de quem olha alguém capaz de surpreender, de crescer de forma contínua. Uma vez que acredita nessa possibilidade, o professor já está utilizando a pedagogia do amor. (Gabriel CHALITA, 2005)

Também percebo que eles [os jovens] têm relacionamentos mais sinceros, baseados em amor. Surgem fundados no sentimento, e não mais no sobrenome ou condição financeira da família do pretendente. Vejo aluno se apaixonando pela colega de universidade sem querer investigar a vida dela. São novos valores, mais humanos. Outro aspecto é que eles querem se conhecer mais antes de se casar. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

É preciso que o professor ame a leitura, que leia muito em casa por seu próprio prazer e que tenha sempre vontade de dedicar uma parte de seu tempo, possivelmente todos os dias, a ler para seus alunos. Não se pode esperar que surja o amor pela leitura se não se proporciona às crianças o envolvimento da escuta.

Os alunos, de qualquer idade e desde o primeiro dia de aula, percebem se seu professor ama a leitura ou a ensina como dever, se ele é confiável ou não, se vale a pena segui-lo, mesmo que seja difícil, ou não. (Francesco TONUCCI, 2008)

Embora Machado [de Assis] fosse ousado e subversivo, no sentido de defender o direito de as mulheres praticarem o exercício de seus sentimentos em sua ficção, no fundo era um moralista. O fato de a mulher não concretizar o adultério mostra que ele preconizava o amor. O amor foi o grande tema de Machado de Assis. Ele podia tratar de política, e sua ficção está intimamente ligada à política e à história do Brasil, mas o grande tema de Machado era o amor. (Mauro ROSSO, 2009)

O amor é difícil, como de resto tudo na vida. E, com frequência, nas relações pais e filhos, essa dificuldade aparece no aspecto fantasmático da interação. Ele engloba tudo aquilo que não pode ser compreendido, nomeado na história dos próprios pais, especialmente na relação com os seus próprios pais e, mais especialmente ainda, na forma como viveram, quando crianças, os conflitos referentes aos limites. (Celso GUTFREIND, 2010)

Um psicanalista dedicado à educação, Ekstein, em uma publicação de 1968, afirmava que a criança que entra na escola trabalha primeiro por amor, identifica-se com o professor idealizado e seu modo de ensinar e, dessa forma, aprende a amar a tarefa escolar, por meio de um processo de internalização. Quanto mais se identificar com o professor e quanto mais este amar o próprio trabalho, mais facilmente o aluno passará do “trabalhar pelo amor” (pois, a princípio, seu objetivo é ser amado pelo professor) para o “amor pelo trabalho”. (Virgínia SCHALL, 2011)

Eu mesma tenho vários cartões que mando com frases de Clarice, elas são lindas. Por exemplo: “Todas as manhãs, quando me levanto, vou tirar a poeira da palavra amor”. Então você pode, a partir daí, levar o leitor para a obra de Clarice. O que não se pode é ficar nisso. É preciso levar o leitor à leitura do texto, porque é lá que ele vai encontrar a verdadeira Clarice, vai encontrar aquela escritora que mudou a literatura brasileira de alguma forma. (Olga de SÁ, 2013)

O distanciamento poderá acontecer quando o professor perceber que o respeito e os limites não estão sendo observados e que a tarefa deixou de ser um objetivo. Dizer “não” é um ato de amor e consideração com o aluno. É tranquilizá-lo, é dizer até onde pode ir, é estruturante e organizador. Mostra interesse e segurança. Obter esse equilíbrio requer treinamento, estudo, sensibilidade, coragem e amor a seu trabalho. Como se vê, não é nada fácil! (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Certa vez, o menino Andrea fez fotos de Thomas. Thomas sabia muito bem o que queria. Chamou Andrea e disse: “Vamos fazer minhas fotos no pneu, que é o meu lugar preferido”. Depois escolheu uma das opções de retrato e escreveu: “Eu gosto muito de balançar porque a minha cabeça roda da direita para a esquerda. Quando o balanço vai muito forte, sai para fora o amor. Estou apaixonado por uma menina, porque ela é muito linda e no balanço eu sinto o seu perfume”. (Paola STROZZI, 2014)

A hora-atividade ter virado lei, ou seja, o professor ter direito dentro da sua hora de trabalho é uma conquista que altera a lógica de que ele tem que trabalhar por

amor e isso necessariamente é o trabalho que ele tem de levar para casa. Não posso dizer para os alunos trabalharem por amor, mas estou dizendo que eles têm de lutar para que o trabalho deles seja valorizado. Não tem como fazer isso se não começando do jeito que está. (Andrea CALDAS, 2015)

Para a existência de uma pedagogia do amor se requer amar ao próximo como a si mesmo, um preceito do cristianismo. As pessoas não se dão conta de que não se pode amar aos outros sem amar a si. Tampouco se dão conta de que também têm a capacidade de odiar a si mesmas, ao se tratarem como escravas, se explorarem, desvalorizarem. As pessoas têm uma mente como Freud descrevia, como que dividida entre um perseguidor e um perseguido. (Claudio NARANJO, 2015)

ÓDIO

Ler tem que ser um ato de prazer. Quem se preocupa em cobrar conteúdo, em transformar a leitura num dever, acaba causando rejeição na criança, um verdadeiro horror por livro. É importante – quer ver só? – deixar o menino rasgar o livro, colorir, carregar pra baixo e pra cima. Só quando o livro está molambo é que ele foi amado. O livro conservado é o livro odiado. (ZIRALDO, 1988)

Gosto do livro de Daniel Goleman. Sua discussão da inteligência emocional é similar à minha discussão das inteligências interpessoal e intrapessoal. Minha única crítica – à qual você alude – é que Dan tende a fundir o descritivo (o que as inteligências são) com o prescritivo (como são os seres humanos). Da minha perspectiva, as inteligências são amorais – tanto Goethe quanto Goebbels eram mestres da língua alemã, mas Goebbels usou isso para fomentar o ódio. (Howard GARDNER, 1997b)

Tudo depende do que esses senhores compreendem por pedagogia. Para propagandistas baratos como Leandro Konder, Marilena Chauí ou Emir Sader, pedagogia consiste em suscitar hostilidade contra seus desafetos políticos do momento. Nunca um desses senhores escreveu na imprensa uma linha que não gotejasse ódio político e um grotesco moralismo maniqueísta. Na cabeça deles, se é que têm alguma, isso é pedagogia. (Olavo de CARVALHO, 1999)

Minha família só me deixava trabalhar como professora e fui fazer um cursinho para um concurso. Ele [Paulo Freire] era o professor de português. Na primeira aula, pediu às alunas que escrevessem porque queriam ser professoras. Odiando aquilo tudo, escrevi porque não queria ser: que era obrigada pela família, que preferia trabalhar em escritório, que educação não levava a nada e coisas do tipo. No dia seguinte, ele entregou as redações de todo mundo, menos a minha. Disse que queria conversar. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

Literatura é uma forma de conhecimento distinta da sociológica, antropológica, política etc. Seu objeto é distinto: o ser humano naquilo que ele tem de mais original, as relações de família (desejo, ódio, inveja, fraternidade etc.). E seu “método” também: para chegar àquele objeto “joga com palavras”. Por isso alguns dizem que a psicanálise é um gênero literário. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Os últimos anos têm sido definidos por medo e insegurança, sentimentos provocados por catástrofes ambientais: distraídos por estarem perdidos em dívidas e consumismo, assolados pela perspectiva de recessão mundial e desgastados por ódio e conflito, os cidadãos de muitos países estão prontos para uma ideia ousada, que possa uni-los e trazer-lhes esperança e inspiração, ligando-os a algo maior do que eles mesmos. (Andy HARGREAVES, 2008)

A gente odiava literatura. Chegou um professor novo e disse: “eu tenho dois problemas para resolver com vocês. Primeiro, vocês têm que ter 75% de frequência e eu quero dizer para vocês o seguinte: tranquilizem-se, pois todos vocês já têm 100% de presença. Segundo, eu preciso dar trabalho e fazer prova para dar nota para vocês. Tranquilizem-se: todos vocês já passaram. Agora que resolvemos essas questões preliminares irrelevantes, podemos nos dedicar à

literatura”. E ele começou a falar sobre literatura, não faltava um aluno. (Rubem ALVES, 2009)

Quando entrei no ginásio, tive professores também muito preocupados. O Jurandir, que era professor de Português, dizia assim: “frases curtas, meu filho, em frase curta você erra menos; não sei onde vocês arranjam tanta vírgula e tanto ponto para pôr em uma frase que não acaba mais”. Tive um ótimo professor de História também. As provas eram redação. O que significa “Independência do Brasil”? Tinha que explicar. E eles odiavam data. Que dia foi, não tinha isso, que dia foi a Independência, não interessa, interessa o que é que foi. Então eram pequenas redações. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2010)

Estigmatizamos a pessoa que cometeu o crime, marcando-a para sempre, condenando seu futuro. Mas não o fazemos por maldade, para atacar o outro, para fazê-lo provar do veneno do próprio ato. Nem creio que a vingança seja motivo suficiente. Mais fundo e mais universal que o ódio e a sede de vingança é nosso medo de que a monstruosidade do criminoso esteja dentro de nós, seja parte do que somos ou viremos a ser. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

A mais simples [das motivações para a guerra] é a necessidade de bens materiais ou ganância – nós desejamos aquilo que pertence ao outro. A segunda é como a população passa a se perceber (por exemplo, se ela acredita estar sendo atacada) e a perceber o outro. Nós podemos ser ensinados tanto a amar quanto a odiar. A terceira é mais complexa e tem a ver com a psicologia das massas, sua reação a ameaças e a inércia ao ódio e à violência – uma vez que ela começa, fica difícil de ser freada. (Miguel CENTENO, 2014)

Frequentei uma escola para crianças problemáticas, ou seja, com problemas extremamente graves do ponto de vista de aprendizagem e comportamento. [...] Ninguém estava muito interessado em me ensinar alguma coisa. E como eu odiava isso, porque queria aprender. Então você pode imaginar como eu odiava ir para a escola. Fui expulsa de algumas também: em uma delas, durei apenas seis semanas. Mudava muito de escola porque não conseguia soletrar e escrever as palavras e ninguém conseguia descobrir o que havia de “errado” comigo. (Sally GARDNER, 2014)

Quando todos começam a andar de avião, a possuir carros e a se vestir de forma mimeticamente luxuosa, as classes que antes se asseguravam de sua condição por meio de tais signos sentem que sua identificação foi parasitada, sentem que há uma degradação de seus signos de gozo. Surge o ressentimento e o ódio, surge o apelo a formas ainda mais exclusivas de viver a vida, sendo o condomínio o símbolo maior dessa exclusividade. (Christian DUNKER, 2015)

Bruno Bettelheim conta o caso de uma criança que foi criada sem ficção e que acabou “temendo”, projetando seus medos no barulho do motor da geladeira. As crianças vivem sentimentos ambivalentes em relação a esses gigantes poderosos que são seus pais, que a cuidam e a protegem, mas também a limitam. Elas os amam e os odeiam. O lobo e a bruxa são expressões hiperbólicas desse afeto negativo. Não podemos privar a criança de poder expressar e, a partir daí, criar defesas contra esses sentimentos contraditórios que a dividem. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2016)

Do ponto de vista do sujeito, há um lucro simbólico no discurso de ódio. Num pensamento binário que é reducionista e funciona por oposições simplórias, se digo você é burro, alcanço para mim a ideia de que eu sou inteligente. Sendo você homossexual, eu sou heterossexual. E assim por diante. Dessa maneira, me inscrevo na norma, construída com base num ideário em que existem inferiores e superiores. (Marcia TIBURI, 2016)

Infelizmente, nos últimos 300 anos as pautas vêm aumentando, e não diminuindo. Ainda lutamos por salário digno e não temos representação política suficiente para levar a cabo as reivindicações específicas das mulheres. Portanto, feminista é aquela que luta política e organizadamente para que as mulheres tenham os mesmos direitos civis que os homens. Não tem nada a ver com ódio ao homem ou vê-los como inimigos. (Carla Cristina GARCIA, 2019)

ENCANTAMENTO

Todo esse processo faz com que o aluno seja capaz de ler e analisar o mundo em que vive, e dar respostas mais inventivas. O artista faz isso o tempo todo, seja para melhor se adequar ao mundo, para apontar problemas, propor soluções ou simplesmente para encantar, que é uma das formas de tirar você das mazelas do dia a dia. A arte não tem certo ou errado, o que é muito importante para as crianças que são rejeitadas na escola por terem dificuldade de aprender ou problemas de comportamento. (Ana Mae BARBOSA, 2005)

Nem tudo precisa ser explicado. É importante dar ao professor e às crianças tempo para encantar-se com detalhes que ainda ninguém viu e compartilhar o que todos estão sentindo. Por fim, criar um ambiente leve, alegre e receptivo, onde todos se sintam bem. O trabalho visa fazer alunos e professores perceberem o que estão sentindo, pois o sentimento influencia a maneira de compreender e pensar. É mais fácil discordar de uma ideia se você está irritado. Quando está feliz, tende a ser mais receptivo. (Rita MENDONÇA, 2006)

Estamos muito encantados com a tecnologia. A Anne-Marie Chartier fala o seguinte: eu vou à locadora e alugo um filme para ver em casa. Para isso, eu tenho que ter um aparelho de DVD e preciso verificar se esse aparelho está ligado na televisão. Eu também tenho que olhar se a televisão está ligada na tomada e se o controle remoto está com pilhas. De repente, pode ocorrer um problema na televisão que faça com que eu tenha que esperar três dias para o técnico vir consertar. No entanto, as pessoas estão encantadas com isso. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

Eu não tenho o hábito da leitura. Eu tenho a paixão da leitura. O livro sempre foi para mim uma fonte de encantamento. Eu leio com prazer, leio com alegria. O meu pai, que perdi aos 3 anos de idade, deixou de herança para nós uma biblioteca fabulosa para os padrões do sertão naquela época. Tinha de tudo. Ibsen, Dostoiévski, Cervantes, Machado de Assis, Euclides da Cunha. (Ariano SUASSUNA, 2007)

A melhor maneira [de fazer com que os alunos se interessem por arte] é instigar a si mesmo. Quando o professor vive a arte, visita exposições, estuda e lê, está sensível a este universo e naturalmente faz isso para os alunos como uma disciplina viva, e não como obrigação. Falar de arte precisa de um encantamento. [...] A minha sugestão é que os professores visitem mais as exposições. (Stela BARBIERI, 2010)

Para um profissional poder encantar, ele também tem que estar encantado com a área. Sinto que nem sempre os professores usam esse seu referencial. Se você é um leitor tem condições de formar leitores. Quando você vê alguém falar de uma área apaixonadamente e te provocar para pensar sobre um determinado tema, de alguma forma você pelo menos se pergunta sobre aquilo. (Emília CIPRIANO, 2010)

Se [os professores] não forem leitores não serão promotores de leitura, não criarão novos leitores. Eles dizem “não sei por quê, mas minha turma não lê, não sei por quê mas meu filho não lê”. E eu pergunto: mas o seu filho viu você ler?

Você leu para ele alguma vez? Você lê para o seu aluno? Você lê com o seu aluno? Se você não tem uma experiência solidária, partilhada de leitura, não funciona. Por que a oralidade encanta? Porque você senta em uma roda e partilha uma história, você conta e discute, comunica. (Eliana YUNES, 2010)

É fundamental envolver os professores, principalmente os da educação infantil e das séries iniciais, no encantamento pela literatura infantil e juvenil, porque é nessas etapas que se forma o leitor, é aí que se pode inculcar o “vício” positivo da leitura que se prolonga pela vida inteira – se o professor não tem esse “vício”, não consegue transmiti-lo. E não se trata só do papel do professor, é preciso criar, na escola, um clima literário. (Magda Becker SOARES, 2012)

A matemática é a disciplina que, ao mesmo tempo, encanta os alunos que gostam dela e afugenta muitos outros. Além disso, os professores de matemática costumam ser pessoas que amam a matemática e não entendem muito bem por que os alunos não a compreendem. É muito difícil mudar a prática dos professores em sala de aula. Para mudá-la, não se pode dizer ao professor “Você deve fazer desse jeito ou desse outro jeito”. (Gérard VERGNAUD, 2012)

Para uma criança, um carrinho não é só um carrinho. Aquilo pode voar para ela. Mas dependendo de quem fizer a mediação, essa fantasia pode ir por água abaixo. Como o adulto tem a tendência de apresentar as coisas mais prontas, a possibilidade de a criança fazer suas próprias descobertas é eliminada nesse contato. E hoje tem alunos pequenos que já perderam a capacidade de fantasiar. Você mostra um bichinho de pelúcia e eles não veem nada além daquilo. Então me pergunto: para onde está indo esse encantamento? (Clarice Krohling KUNSCH, 2014)

Talvez nossos professores não precisem de cursos de aperfeiçoamento baseados apenas em metodologias. Eles precisam de cursos de relacionamento humano e de uma pedagogia do reencantamento. É preciso urgentemente reencantar o professor com a sua profissão. O problema não é apenas salarial. Os professores estão fartos de fazer cursos de educação continuada; eles desejam outras coisas, como respeito, valorização e melhores condições de trabalho. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

O essencial de uma videoaula nas redes sociais é ir direto ao ponto, sem enrolação, com exemplos diretos, porque os dez primeiros segundos do vídeo são fundamentais para a pessoa decidir se assiste ou não. Em dez segundos é preciso deixar claro o que tem de melhor na aula e encantar o aluno. No vídeo, a percepção de tempo é diferente, e os professores precisam saber disso. Um exemplo de três minutos em sala precisa ser de 20 segundos no vídeo. (Paulo JUBILUT, 2018)

Fico encantada ao observar as similaridades nas brincadeiras em realidades diferentes. O contexto é diverso, mas a essência é muito parecida. Brincar de casinha, por exemplo, é uma brincadeira que existe de norte a sul. Ao mesmo tempo, brincar com armas é uma brincadeira unânime em várias realidades. Mas a arma como um processo heroico que potencializa a luz e a sombra, que constrói heróis, mais do que destrói os inimigos. Por isso, não posso negar que há uma conexão muito forte que une as crianças no brincar. (Renata MEIRELLES, 2018)

A didática representa a espinha dorsal nos cursos de licenciatura. Aquela que norteia o trabalho dos futuros professores, preparando-os para a docência, em primeira mão. Aquela que deve despertar o interesse e o encantamento pela profissão. Deve ainda trabalhar em prol da construção das identificações com o curso e com a docência, preparando os alunos das licenciaturas a partir de saberes pedagógicos e didáticos, que devem ser assimilados, alterados, praticados e ressignificados. (Cipriano LUCKESI; Cristina D'ÁVILA, 2018)

A tecnologia pode contribuir, mas não se pode depender disso. Às vezes, fazer um trabalho com uma caixa de sapato é fantástico. Nem isso levamos para a escola – e não podemos falar que é por falta de recursos, porque eles existem e estão sendo jogados fora. [...] Quando eles [os professores] participam das oficinas, há surpresa pelos materiais serem simples, e certo receio porque eles não sabem o que está se passando. Ao mesmo tempo, surgem um alívio e um encantamento em se reencontrar na sua profissão. (Leo BURD, 2019)

DESEJO

Quem está na sala de aula ficou desprivilegiado e desmoralizado. Daí esse desejo de ficar fora da sala de aula. Para o professor é um privilégio ter um padrinho que conceda o afastamento da tão temida sala de aula. Além disso, como o sistema bloqueia o acesso do professor ao conhecimento, ele se sente despreparado para enfrentar uma turma, muitas vezes formada de adolescentes irreverentes e contestadores. (Lia Ribeiro CESTARIOLO, 1988)

Os alunos percebem claramente quando o professor é desatencioso ou está com o pensamento voltado para outros assuntos no momento da aula. É evidente que esse professor não conseguirá estimular o desejo de aprender por parte da classe, porque ele mesmo não tem esse desejo. Por outro lado, o professor que prepara bem a aula e demonstra prazer em ensinar, estimula positivamente a turma, mesmo que sua matéria seja chata ou que ele próprio tenha alguma dificuldade de expressão, como a tendência de falar baixo ou uma gagueira, por exemplo. (Iván IZQUIERDO, 2000)

Trata-se de descobrir na estrutura das cidades os elementos em torno dos quais se pode introduzir os estudantes nas pautas da contemporaneidade. Entendemos que, para serem cidadãos com plenos direitos, a criança e o jovem precisam descobrir no emaranhado urbano os centros de recursos para seu bem-estar e o conhecimento. A escola pode e deve estimular em seus alunos o desejo desse descobrimento. A cidade pode e deve propiciar formas concretas para facilitar e satisfazer esse desejo. (Eulàlia BOSCH, 2002)

O desejo de ensinar é secundário no professor. O desejo primário é o de aprender, e é isso o que temos de resgatar. Poder ser um professor “suficientemente bom” não se consegue com técnicas nem com cursos. Requer um trabalho constante consigo mesmo para construir uma postura, um posicionamento como aluno, que redundará em modos de ensinar. Um bom “ensinante” é um bom “aprendente”. A tarefa difícil do mestre pode se tornar prazerosa se tratar de fazer consigo mesmo o que se propicia aos outros. (Alicia FERNÁNDEZ, 2002)

Em sua passagem pela escola, os alunos devem aprender que fazem parte de um mundo mais amplo. Ao mesmo tempo em que admiram, amam e gostam do seu mundo cotidiano, têm o permanente desejo de transformar esse mundo em uma realidade melhor. Além de aprender a amar o mundo, devem sentir uma vontade irrefreável de mudar esse mundo. A capacidade de amar não deve ofuscar o desejo de mudar para melhor. (Pablo GENTILI, 2003)

Insistimos na ideia que os professores têm de um aluno ideal em mente, o que torna difícil aceitar o aluno tal qual ele é. Insistimos também na “onipotência”, ou seja “eu posso fazer tudo, para todo mundo, mas para todo mundo que se pareça comigo”. E então, é claro, vamos levá-los também a refletir sobre o seu desejo de ensinar, sobre o que eles têm vontade de fazer. Os jovens creem que vão revolucionar o mundo. Os mais velhos, que não conseguem fazer o que gostariam, devem tentar ter expectativas mais próximas da realidade. (Françoise HATCHUEL, 2003)

É importante também que o docente recupere a sua história, os seus desejos infantis. Ele pode perguntar-se, por exemplo, qual o motivo que o levou a querer dedicar sua vida ao trabalho com crianças. Com certeza algo de sua infância foi marcante para ele optar por ensinar os pequenos. Assim, resgata alguns de seus desejos infantis, e isso vai ajudá-lo a compreender muito melhor as necessidades da turma. (Esteban LEVIN, 2005)

Uma tentação muito grande que tem sido observada nas escolas é o desejo de antecipar a escolarização das primeiras séries do ensino fundamental para a educação infantil. Ocorre aí um equívoco. O tempo da educação infantil é específico e diferente do tempo do ensino fundamental – não só biologicamente, mas também do ponto de vista psicológico, educacional e social. (Luiz Carlos de FREITAS, 2006)

Na sociedade atual, nossos ídolos não são mais os professores. Hoje em dia ninguém quer ser professor. O professor não é objeto de desejo do aluno. Por outro lado, o reconhecimento que o mundo oficial dá ao professor é tão pequeno que o aluno, tampouco, é objeto de desejo do professor. Então, a escola, de certa forma, é um espaço sem desejo. Você tem esforços particulares, de professores maravilhosos, conheço vários de escola pública. Mas é um mérito do indivíduo. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

O desejo é a mola do processo de aprendizagem. Assim, o jovem encontra sentido, vê significado no que aprende e pode conectar isso com seu projeto de vida. Precisamos ainda de um processo educativo que desenvolva um conjunto de potencialidades nesses jovens que não sejam só potencialidades cognitivas, mas que levem em conta o corpo, a estética. O jovem chega à escola pública com um leque de experiências socioculturais muito específico, com pouco acesso às experiências mais amplas em termos culturais. (Juarez DAYRELL, 2010)

Costuma-se dizer que é preciso “dar” o desejo de ler às crianças, como se isso fosse possível. O desejo se constrói, se conduz, talvez. O que se pode dar são bons exemplos do encanto que a leitura pode causar nas pessoas. A sociabilidade da leitura atrai os pequenos. Com ela, as crianças aprendem a aceitar as diferenças ao notar que nem todos apreciam as mesmas coisas. (Anne-Marie CHARTIER, 2010)

A obtenção fácil de bens materiais pode ser paradoxalmente contraditória com o valor da vida. Temos componentes psicológicos que nos convertem em seres agressivos e individualistas quando possuímos excessivamente. Isso pode nos encerrar num círculo vicioso de desgraça ética: a infelicidade de nunca estar satisfeitos. Esse círculo vicioso de desejo é interminavelmente tóxico. (Joan Manuel del POZO, 2012)

Vivemos em uma sociedade que visa ao desenvolvimento econômico, que precisa do consumo e, para consumir, necessita do desejo. Assistimos a uma legitimação do desejo. Portanto, os professores têm de satisfazer desejos e, por conseguinte, a aula tem de ser interessante. Se for chata, o aluno não vai acompanhar ou, no máximo, vai apenas memorizar para se sair bem na prova. Mudanças na relação com o saber e na relação com o desejo: ambas geram problemas para o professor. (Bernard CHARLOT, 2013)

O primeiro passo é o professor conhecer muito bem seus alunos e ir à aula com desejo. Quando um professor se entrega à sua aula, sua turma, ele a aproveita; quando não o faz, é um trabalho muito duro. Portanto, quando um professor se entrega e está apoiado pela direção do colégio e pelas leis da educação, há um professor com um trabalho muito vocacional. Essa é uma maneira de motivar seus alunos a irem à aula a cada dia com desejo de aprender. Eu creio que isso é algo muito natural. (Alfonso AGUILÓ, 2015)

Um professor leitor, certamente, terá um repertório de leituras que possibilita escolher a história, o gênero que podem ser mais significativos para aquele jovem. Que desperte seu interesse. Mas também saberá como despertar o interesse, pois vivenciou aquela emoção que o personagem a história despertou nele. Nosso desejo por algo, até mesmo por uma comida, passa pela emoção de quem saboreou aquele quitute. O mesmo acontece com um livro. (Zoara FAILLA, 2019)

SEDUÇÃO

Quando estou diante dos alunos, não estou lá para ensinar primariamente o Teorema de Pitágoras ou a altura do Pico da Bandeira. Antes de mais nada, estou ali para comunicar: “Olha, meu mundo é esse, quero seduzir vocês, quero que vocês morem no mundo em que estou morando”. Porque o meu objetivo, até diria, é ter conspiradores, que são companheiros do mesmo mundo. Pessoas com quem serei capaz de me sentar para ouvir a mesma música ou de me unir para travar as mesmas batalhas. (Rubem ALVES, 1987)

É muito mais difícil trabalhar bem com crianças pequenas do que com alunos de mais idade, porque os alunos de mais idade podem reagir diante de professores que eventualmente usem métodos violentos de maneira encoberta. Os pequenos não estão armados para reagir a isso. Outra questão: como lidar com a sedução que os adultos exercem em relação às crianças? Esses são aspectos muito mais importantes e que dificilmente são levados em consideração quando se trabalha na formação do professor. (Alicia FERNÁNDEZ, 1998)

Sempre tive uma postura de não usar recursos de sedução. Uma criança com um mínimo de saúde mental não aceita, mesmo que seja criada em um ambiente de chantagem. Não é bom nem pressionar, nem seduzir. Assim, a criança vai participar de alguma maneira. Não se participa só fazendo. Ela vê, num determinado momento dá opinião, em outro, sorri; depois, você chama para colar um papel. Quem dá aulas para criança tem que ter a capacidade de dispor de si para entrar em contato com o outro. No mesmo nível. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

O segredo está no poder de sedução que a tecnologia exerce sobre as pessoas. Em avaliações de impacto que realizamos, detectamos que 87% dos alunos afirmam que tiveram sua vida mudada para melhor em três aspectos: 1) deixaram a criminalidade ou se afastaram da possibilidade de entrar nela; 2) conseguiram emprego; 3) voltaram para a escola pública. A tecnologia da informação, se usada como ferramenta cidadã, pode não só transformar vidas individualmente, mas também desenvolver as comunidades de baixa renda e ajudar a construir uma sociedade melhor. (Rodrigo BAGGIO, 2002)

É o exercício do poder e da sedução. Usar o poder no sentido de ter autoridade pedagógica, os alunos gostam de professores que demonstram que sabem, que têm curiosidade, que oportunizam uma pedagogia diferenciada. E o poder de sedução é utilizado quando o professor demonstra o seu gosto pela vida, pelo ensinar e o prazer que tem em estar em sala de aula. (Lúcia KLEIN, 2004)

Esse é o ponto do doce no trabalho educacional. Piscar é natural. Mas há diferentes tipos de piscadela: pode ser um tique nervoso, um truque, uma traquinagem, um sinal de sedução. O educador precisa estar atento, observar tudo isso, porque a piscadela marca o olhar do trabalho. Os meninos que trazem problemas nos enviam piscadelas que merecem ser analisadas. Será que não temos que direcionar de outra forma nosso trabalho com ele? Afinal, não acreditamos em meninos-problema e sim em meninos-solução. (Tião ROCHA, 2005)

Não resta dúvida de que o individualismo possessivo é um dos motivos pelos quais o capitalismo tem sido tão bem-sucedido para alguns, enquanto solapa o estilo de vida de muitos; porém, ainda assim continuamos tão seduzidos pelo consumismo, pelo *glamour* da beleza e da juventude, valores estes limitados pelo tempo, que não compreendemos a força de valores honrados pelo tempo (que poderiam ser transmitidos não apenas nas escolas, mas também em muitas outras instituições, como igrejas ou famílias). (Carlos Alberto TORRES, 2005)

O público adolescente é mais difícil de seduzir. Mesmo quando eles se interessam pela leitura, é durante um período da vida onde há um interesse muito grande pela música, pelos amigos e a vestimenta. Então, eles se desviam um pouco da leitura mesmo quando estão interessados. Por isso é importante estar sempre atento ao repertório, à escolha do texto. (Marc ROGER, 2006)

A escola se empobrece a cada vez que tenta copiar a mídia. Penso que não devemos competir com ela, temos é que inventar algo diferente para seduzir os alunos. Eu tenho que esquecer essa sociedade que está aí e inventar um outro ambiente. Eu nem sei se é possível fazer isso, mas eu acho que a gente tem que tentar. Nós temos que parar de levar o “Show da Xuxa” para a escola. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

Um leitor pode passar dos livros de autoajuda, por exemplo, para uma literatura mais complexa, de proposta, por oposição à de entretenimento. Essa transição é desejável, mas não se deve ter preconceito contra o degrau de baixo e, sobretudo, não se pode forçar ninguém. O bom gosto literário não se aprende, como Geografia ou Matemática. Além disso, desconfio do valor de bibliotecas imprescindíveis. Para mim, elas são aquelas que conseguem seduzir o leitor. (Joel Rufino dos SANTOS, 2008)

O professor não pode dizer: “Leia porque é obrigatório e é para a prova”. A proposta do professor deve seduzir, ler é gostoso, conhecer é gostoso. Senão, para que serve ler um livro, jogar uma partida de futebol, dar um beijo, ouvir uma música ver um quadro, observar uma rosa, cheirar uma flor? Nada serve para nada, tudo é gostoso. Essa é a emoção do leitor. (Pedro BANDEIRA, 2009)

A gente trabalha com a família para irmos juntos, educar juntos. Não é matar nem bater. Eu não vou excluir um menino que está em liberdade assistida, que passou pelo tráfico ou está usando drogas. A gente vai enfrentar, esse é o desafio. Não é punir. Vamos ver o que eu posso fazer para seduzir mais, porque educação é isso, é sedução. [...] Por que o tráfico seduz mais? Porque dá dinheiro, dá *glamour*. Então, o conhecimento no Brasil ficou onde? Embaixo do tapete? (Dagmar GARROUX, 2009)

Devemos lembrar que algumas escolas – não penso que sejam poucas – entram nesse jogo [da responsabilização] por motivos comerciais, pois a imagem que vendem de si passa a ideia de certa onipotência: “Cuidaremos de seu filho em todos os aspectos: científicos, artísticos, físicos, éticos, etc.”. Trata-se de seduzir um cliente, e esse cliente é naturalmente quem paga, ou seja, os pais. Temos, então, um “casamento” perigoso: pais que querem tudo terceirizar e uma instituição que diz que pode corresponder a essa demanda. (Yves de la TAILLE, 2009)

Temo que o Brasil da educação deixe-se seduzir por modelos alheios. Temo, por exemplo, que as novas tecnologias sirvam para congelar aulas em computadores, aulas que os alunos “skinerianamente” consumam, sem resquícios de cooperação com o aluno vizinho, dependentes de vínculos afetivos precários, estabelecidos com identidades virtuais. Qualquer que seja o “modelo”, evitemos replicar aulas congeladas no *YouTube* e em *tablets*. Usemos o digital a serviço da humanização da escola. (José PACHECO, 2013a)

Infelizmente, boa parte dos livros de história do Brasil, em especial as obras didáticas, não consegue seduzir os leitores, muito menos crianças e adolescentes. Acredito que seja um problema de linguagem. Esses livros usam uma linguagem peculiar das universidades e de centros acadêmicos, muito técnica e difícil de ser entendida pelo leitor comum, não especializado no tema. (Laurentino GOMES, 2015)

PAIXÃO

Quem não se lembra do professor importante de sua vida? Todo mundo se lembra. Pergunte a qualquer pessoa o que lembra desse professor ou professora. “Ah! Ele tinha uma paixão pelo trabalho que fazia; ela não se conformava que a gente não se interessasse pelo que ele queria nos ensinar; ele despertou em mim o prazer de aprender, uma curiosidade que não tem fim”. Nunca vi uma pessoa que não dissesse isso do seu “professor inesquecível”. (Regina Leite GARCIA, 1997)

Eu descobri uma coisa, conforme já disse: não há nada que substitua a paixão que o professor coloca em seu trabalho. Quando encontro um professor que trabalha com paixão, não me importa se ele é cognoscitivo, piagetiano, grupalista ou seja lá o que for. O que ele consegue com os alunos é um compromisso afetivo mútuo que lhes permite seguir em frente, seja através de [Carl] Rogers, seja por meio de um grupo operativo. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Não gosto de fazer futurologia. Acho esse terreno repleto de armadilhas e banalidades. A paixão pelo futuro frequentemente significa déficit do presente. Por isso, falo de apenas um aspecto: neste século, devido à complexidade do fenômeno educativo, à diversidade das crianças que estudam e aos dilemas morais e culturais que seremos chamados a enfrentar, teremos de repensar o horizonte ético da profissão. (António NÓVOA, 2001)

[Ensinar ciências] é uma paixão. Paixão, no dicionário, é sinônimo de sofrimento. Mas, no sentido amoroso, é descoberta, enlevo, encantamento. O apaixonado é encantado e encantador. O professor disposto a lidar com a cultura científica de maneira mais aberta vai sofrer as dores da paixão, mas também suas graças. (Luís Carlos de MENEZES, 2003)

A mudança no ensino só vai ocorrer se a formação melhorar. Muitos professores não têm paixão pelo assunto e só lecionam a disciplina porque precisam. Para que essa situação se resolva, é necessário mexer nos cursos de licenciatura. Eles devem mostrar, primeiramente, que, quando a ciência é explicada por meio de demonstrações e experiências, ela vai além de uma fórmula e se torna verdadeira, concreta. (Marcelo GLEISER, 2005)

Quando você é um bom professor de História ou de Arte? Quando existe paixão pelo que você ensina. Se não houver paixão, envolvimento pelo que se ensina, pode haver o método pedagógico mais fenomenal do mundo, que a transmissão não funciona. Para ensinar, é preciso que aquele tema seja, para o professor, uma fonte de prazer. Daí, pouco importa o método, se a pessoa tem paixão, energia e vontade de compartilhar. (Jorge COLI, 2006)

Estamos formando crianças que consideram a aprendizagem uma coisa chata, e isso está errado, porque aprender é algo emocionante e vivo. Precisamos fazer com que nossas escolas tornem-se lugares de empolgação no aprendizado. [...] Precisamos de um equilíbrio entre cabeça e coração. Nossos filhos precisam pensar com clareza, mas também sentir, importar-se com os outros e com o mundo em que vivem. Precisamos ser responsáveis e sentir paixão pelo aperfeiçoamento do mundo. (Thomas ARMSTRONG, 2008a)

Buscamos desenvolver a paixão pelo assunto e criar situações que permitam à garotada estabelecer um vínculo com ele. Não é preciso criar coisas estranhas, como palavras cruzadas, para isso. O ideal é trazer problemáticas que gerem interesse e promover situações nas quais os alunos formulem perguntas. É preciso também ter paixão. Se o educador não vibra com o que está ensinando, é muito difícil que a sala se entusiasme e gere um vínculo positivo com o conhecimento. (Beatriz AISENBERG, 2010)

É o esforço, a persistência e a vontade. Isso é que um professor tem que fazer, que a diretora, que um inspetor de alunos. É paixão pela coisa. Porque ser professor é uma paixão hoje recalcada. Porque levam tanto na cabeça; e como ainda continuam a dar aulas? Porque são maravilhosos. Porque nasceram para dar aula. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2010)

O que torna alguém cinéfilo é a paixão pelo cinema que ele vê no amigo ao lado, dizendo “não perca este filme”. Essa mesma paixão é o contágio de que se carece para convencer as pessoas a descobrirem a alegria e a dor, porque também se experimenta a dor (na leitura), este sentimento bom de você se apropriar de vidas de outros tempos, de outras épocas, de outros espaços, de outras culturas. E isso faz com que sua vida se engrandeça, se enriqueça. (Eliana YUNES, 2010)

Não estou esperando que uma criança invente a pólvora em sala de aula, claro, mas é possível explorar sua criatividade. Se uma criança que não costuma prestar atenção à aula, de repente, quando o professor aborda determinado assunto, se vira a ele e fica fascinada com aquilo, é sinal de que o professor deve trabalhar aquilo. Foi um sinal de que a paixão pode ser despertada, é uma mudança importante. (César Muñoz JIMÉNEZ, 2011)

A paixão dos professores japoneses é algo que já está enraizado em seu contexto histórico, desde o primeiro estágio da educação no Japão. No início, os professores eram os samurais e monges e, desde aquele tempo, havia esforços para treinar os educadores e dar condições para facilitar o seu trabalho. Em resposta à demanda, foram desenvolvidos centros de treinamento docente, e o resultado foi a formação de um grupo de professores confiantes, que respondiam pela educação pública do país e que eram respeitados pela população. (Kazushiro YOSHIDA, 2012)

É preciso muito para ser um bom diretor de escola. [...] Acho que precisa ser uma pessoa com muita energia, paixão, visão e uma pessoa que acredite que possa ser feito. Alguém que acredite nas crianças e diga para elas: “Eu sei das dificuldades, mas você vai conseguir aprender”. Acho que é uma responsabilidade especial, ser alguém que é verdadeiramente apaixonado por esse trabalho. Porque haverá os dias em que você vai se sentir muito sozinho e terá de ter em seu coração que um dia tudo vai se acertar. (Irma ZARDOYA, 2012)

Como sempre estudei em escola pública, eu vi de perto essa complexidade que é ter de um lado educadores desmotivados e de outro, professores querendo fazer a diferença, propondo transformações em meio a uma aridez completa. Visitar essas escolas ao redor do mundo só reforçou a minha convicção de que é essencial ter paixão, fazer aquilo que se gosta, pois só assim nasce o esforço, a vontade de

dar o melhor de nós mesmos. E nos espaços de aprendizagem visitados isso ficou muito claro, cruzei com diversos “olhos brilhando”. (André GRAVATÁ, 2013)

Há um grande número de professores que são apaixonados e fazem até mais do que se exige. [...] Não há pessoas que resistem e outras que desistem [da docência]. A desistência é a expressão de fracasso, exatamente do que foi o mais envolvido, o mais apaixonado, o que mais deu o seu tempo e sua energia. Digo na minha tese que é a paixão que leva aos dois. Os que não são apaixonados, talvez não se envolvam e adoeçam tanto. (Andrea CALDAS, 2015)

VERGONHA

Além de as mulheres não terem certos direitos e estarem submetidas a mitos, espera-se que elas ganhem apenas para as pequenas coisas. Atualmente, grande quantidade de mulheres até ganha mais que seus maridos, mas elas sentem vergonha disso e até culpa, como se fosse algo ruim para o marido. Clara Coria, psicóloga argentina, disse: “Em nossa sociedade, o dinheiro tem um sexo oculto, mas é masculino”. Isso interfere também na posição da mulher professora. (Alicia FERNÁNDEZ, 1994)

Paulo Freire é um sujeito oco, o tipo acabado do pseudointelectual militante. Sua fama baseia-se inteiramente no lucro político que os comunistas obtêm do seu método. Esse método, aliás, não passa de uma coleção de truques para reduzir a educação à doutrinação sectária. Um dia teremos vergonha de ter dado atenção a essa porcaria. (Olavo de CARVALHO, 1999)

É preciso inserir em toda política pública um trabalho com as famílias das crianças e dos jovens. Quando se insere um trabalho com as famílias vai-se encontrar alcoolismo, mães que cuidam sozinhas de suas famílias porque a figura masculina abandonou seus lares, normalmente por causa do desemprego, pela vergonha de seus próprios familiares. [...] É na má distribuição de renda que moram todas as raízes dos nossos problemas e qualquer política que não tente diminuir o *apartheid* social que o Brasil vive tende a ser uma política que vai estar enxugando gelo. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

No Brasil, se terminou o ensino médio, tem dente na boca, sapato no pé, já não é tão pobre. Os pobres mesmo, com raras exceções, não terminam a quarta série do primário. A cota para negros é para acabar com a vergonha nacional: um país de origem africana que só tem branco. Hoje, eu recebi aqui, nesse ministério, talvez umas 50 pessoas. Não me lembro de um negro. Isso tem de acabar. A elite brasileira tem de adotar a cor negra também. (Cristovam BUARQUE, 2003b)

Sou o que sou, nunca deixei de ser a pessoa que sempre fui. Não sou mais um professor regular, fui até [19]98 e ainda sou ligado a uma escola em São Paulo com algumas atividades, mas quando vou para sala de aula faço o que tenho de fazer. Acho que não tem que ter vergonha de ser professor, apesar de tudo, porque no Brasil para ser professor o cara tem que ser muito corajoso. (Pasquale CIPRO NETO, 2004)

No país ainda se percebe o estigma de vergonha social, que é muito marcante. Ou seja, se você tem um filho que visivelmente aparenta sofrer as consequências de uma paralisia cerebral ou apresenta algum tipo de deficiência mental ou física, aceitá-lo é um passo psíquico muito especial para você, por mais que você o ame. Passear com ele pelas ruas, por exemplo. Para que isso se torne possível e você possa amá-lo sem que ele represente um objeto de vergonha. (Contardo CALLIGARIS, 2005)

Outra de minhas experiências como professora foi em uma escola em que os meninos normalmente tomavam banho depois das aulas de Educação Física. Um belo dia, um professor viu um aluno tomando banho com os tênis ainda nos pés. A justificativa para isso é que o menino tinha pés chatos e, por isso, tinha

vergonha de mostrá-los aos amigos. Penso que o professor de Educação Física tem mais chances de estar perto do aluno verdadeiro do que os outros professores. (Eustáquia SALVADORA, 2007)

É preciso competência emocional para a conectividade. Um exemplo: dando aula para jovens de 18 anos, percebi que eles tinham muita vergonha de se expor. Para favorecer o aprendizado naquela turma, tive de garantir que as atividades em sala não os pusessem em situações limite de vergonha para que aprendessem, sem medo nem inibição, o que eu ensinava. (Juan CASASSUS, 2008)

Na época, 50 anos atrás, eu não sabia nada sobre alfabetização. Nada mesmo, embora não concordasse com as ideias de alfabetizar com cartilhas, por exemplo. Para mim, isso sempre foi estranho e eu já considerava como as crianças pensam. Não me ocorria, no entanto, pedir que os alunos lessem a fim de avaliar o que eles sabiam. Quando olho para trás e me lembro do que aconteceu, sinto vergonha. (Telma WEISZ, 2012)

O nível de estudo determina muito a possibilidade de a família ajudar o filho no processo de escolaridade. Isso determina duas coisas: uma é a possibilidade de essa família ajudar seu filho diretamente na aprendizagem e a outra é na própria possibilidade que eles têm de ir à escola conversar com o professor. Esses pais com baixa escolaridade têm vergonha, muitas vezes não vão às reuniões, por exemplo, porque se sentem mal; sentem que não compreendem o que está sendo dito ou que sabem menos do que os outros pais. Isso para eles é penoso. (Sylvain BROCCOLICHI, 2014)

Também conhecido como ensino mútuo, [o método lancasteriano] consistia em dispor em sala de aula um grupo de até cem alunos, aos cuidados de um professor e de monitores auxiliares, que eram os alunos mais adiantados. Joseph Lancaster, criador do método, dizia que os castigos não deviam imprimir dor no corpo da criança. Ele não acreditava em castigo físico, mas, sim, em castigo moral, ou seja, causar vergonha. Então, podia ser um chapéu de burro. (Milena ARAGÃO, 2015)

Em uma “cultura da vaidade” como a atual, em que são valorizadas as celebridades e não as figuras de autoridade, os “vencedores” e não as pessoas íntegras, em que se procura de todas as maneiras dar um constante espetáculo de si em vez de cultivar a humildade e a discrição, a vergonha de agir contra a moral pode ser bem menor do que a de ser um desconhecido ou um perdedor. Tal cenário encontra-se em todos os lugares, em todas as instituições, e também na escola. (Yves de la TAILLE, 2015)

Há muitos relatos de ações [de assédio sexual] de meninos contra meninas em pátios de escolas, como passar a mão, agarrar, “roubar beijos”, tirar fotos íntimas secretamente. Famílias e educadores(as) escolares costumam cercar esses eventos de silêncio, contribuindo para que cada menina pense ser um problema individual dela, para que tenha vergonha do que acontece. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

As crianças surdas isoladas nas salas de aula com colegas ouvintes tendem a ter vergonha da presença dos intérpretes de língua de sinais e procuram imitar seus colegas ouvintes. Eu assisti a uma aula em que a criança surda chegava a

movimentar a boca para parecer ser igual aos seus colegas, pois ela era a única criança surda na sala de aula. Provavelmente, esse tipo de educação terá efeitos negativos na constituição da subjetividade e da identidade dessas crianças. Isso é uma distorção completa do que significa educação bilíngue. (Ronice QUADROS, 2017)

A extinção do analfabetismo adulto exige prioridade também orçamentária e executiva, haja vista que essa modalidade de ensino – educação de Jovens e Adultos (EJA) – não é contemplada nas dotações oriundas do FUNDEB [...]. É preciso, acima de tudo, que as elites econômicas e políticas abandonem a postura omissa, quase cúmplice, que admite a presença endêmica e envergonhante que vitima mais de 13 milhões de mulheres e homens em nosso País. (Mario Sergio CORTELLA, 2019)

SOFRIMENTO

Esse período [a adolescência], que às vezes pode ser longo, implica sofrimento. Daí vem a palavra *adolescere* – que significa “adoecer” ou “doer” – e adolescente é, portanto, aquele que sofre as dores do crescimento. O sofrimento vem da perda da identidade da criança, que ele sabe que não é mais, e da formação da identidade do adulto, que ele sabe que não é ainda. (Alfredo VEIGA-NETO, 1999)

Um grande número de adolescentes homossexuais, contrariando sua tendência, procura manter relacionamentos heterossexuais com o objetivo de atender à expectativa da família, dos amigos e da sociedade. No entanto, essa submissão acarreta depressão e um grande sofrimento, contribuindo para a baixa autoestima geralmente observada nos indivíduos que reprimem sua sexualidade. (Gley COSTA, 2007)

Os professores mais aptos a chegar ao autoconhecimento serão aqueles que iniciarem a busca do sentido da existência. Como ocorreu com o budismo, buscar a resposta de uma das questões mais fundamentais: por que existe o sofrimento e a infelicidade? Na sequência, a segunda questão é a de Sócrates: “Quem sou eu?”. Aqueles educadores que buscarem as repostas a tais questões seguramente estarão no caminho do autoconhecimento. (Ruy Cezar do Espírito SANTO, 2007)

O mundo é interacional, toda hora estamos mudando, tudo muda constantemente. Então, é a partir da interação que se vai desenvolvendo a vida e a aprendizagem, e não na norma externa, que não tem nenhuma importância. O seu único produto é sofrimento e muito mal-estar. Além disso, toda a aprendizagem depende da emoção. Se você não gosta do professor, fica desinteressado; se você gosta do professor, está interessado, aprende tudo. (Juan CASASSUS, 2009)

Ela [Clarice Lispector] escreveu um conto que acho que é a melhor estória sobre leitura, *A Felicidade Clandestina*. Nesse conto ela narra a história de uma menina que quer ler Monteiro Lobato e é pobre; então, ela pede emprestado o livro. E a menina que é rica, filha do dono da livraria vai adiando o empréstimo do livro para causar o sofrimento dela. Parece que a história é autobiográfica, e deve ser a Livraria da Imperatriz, no Recife. (Nádia Battella GOTLIB, 2009)

Esse problema [a depressão], é evidente, acomete todo mundo. O sujeito que está na aposentadoria sofre tipicamente desse sentimento. Esse é o sentimento do aposentado que hoje atinge, de maneira paradoxal, o jovem que está entrando no mercado, porque ele também não sabe “o que vai ser quando crescer”. Todo sofrimento do jovem baseia-se na falta de preparação para essa realidade. (Wanderley CODO, 2010a)

[Os jovens] são muitos para serem ignorados ou escondidos nos espaços geralmente contidos e invisíveis do descartável. Eles constituem um cenário de sofrimento novo e mais inquietante que, além de revelar as imensas e perturbadoras desigualdades em nossa paisagem econômica, também anuncia um futuro que não tem ponto de apoio na esperança que caracteriza uma democracia vibrante. (Henry GIROUX, 2010)

Os alunos só podem aprender com e a partir de suas próprias atividades. Quero insistir nisso: limite dos professores – dar atividades para; limite dos alunos – aprender com suas próprias atividades. Daí que, muitas vezes, o que chamamos de atividades de ensino são muito mais atividades de avaliação, ou seja, observação de como os alunos entendem ou reagem ao que foi proposto. Daí o sofrimento do professor – quer ensinar, mas não sabe como. (Lino de MACEDO, 2011)

As crianças estão, ao mesmo tempo, muito expostas e muito solitárias; espelham seu sofrimento através de sintomas como hiperatividade, depressão, obesidade, apatia, problemas de sono, insatisfação, extrema dependência dos adultos e até mesmo doenças mais graves, como alergias, distúrbios digestivos e respiratórios, câncer, etc. (Adriana FRIEDMANN, 2012)

O tempo atual vê uma expansão de formas de sofrimento psíquico de natureza não necessariamente psiquiátrica, sob a forma de sociopatias, sofrimentos anímicos e não nominados. Todos nós devemos falar e ser vigilantes quanto aos riscos de tantas formas de ardis naturalizados que se fazem de contraponto à tentativa biopolítica e tecnocientífica de controle da nossa sociedade. (Mauro MALDONATO, 2013)

Meu sonho é que possa existir uma grande escola, geral e universal, com grandes mestres, em todos os lugares do mundo. Uma escola onde as crianças possam realmente aprender de outra maneira, desfrutando do aprender, compreendendo que isso é maravilhoso, não um sofrimento. [...] Não há melhor lugar para uma criança do que a escola e não há melhor missão do que a do educador, que é único. (Sandra TORRESI, 2013)

O medo que os pais têm da possibilidade de que seus filhos possam sofrer é uma coisa que dá a sensação à criança ou ao adolescente de que ele não suportará sofrer. [...] Quando você aceita que seu filho sofra, você dá a ele a credibilidade de que pode passar por aquilo, de que é possível suportar, ele não é feito de açúcar e não vai desmanchar. Ele vai sofrer, mas vai superar, aprender com aquilo e sair dessa situação melhor, sofrer faz parte da vida. (Teresa PINHEIRO, 2014)

Somente consigo entender determinado comportamento levando em conta a circunstância e o ambiente em que ele emerge. Alunos defasados em leitura e escrita não são disléxicos. Alguns foram castigados por muitos anos enfrentando problemas nos bancos escolares e estão em grande sofrimento por ter recebido o diagnóstico de dislexia. Tornaram-se incrédulos em relação à própria capacidade de aprender. Chegam a tremer quando se aproximam de um texto e querem fugir da situação. (Beatriz de Paula SOUZA, 2014)

As grandes transformações políticas sempre foram uma redefinição da linha que separa o sofrimento que deve ser aceito e tolerado, do sofrimento que deve ser alterado [...]. Não é uma coincidência que as populações resignadas diante do sofrimento sejam também as menos engajadas politicamente. Tanto o movimento feminista, como o movimento em favor da valorização da negritude ou anticolonização, começam por despertar as pessoas para essa verdade invisível: “Você está sofrendo, você está sendo oprimido, e nem se dá conta disso”. (Christian DUNKER, 2015)

Os direitos humanos são uma espécie de lente a partir da qual podemos analisar a realidade. Uma das coisas que eles indicam é que você tem de dar prevalência para aquele que é objeto de sofrimento. Quando há um conflito, uma disputa, uma decisão difícil, é preciso perguntar quem está sofrendo mais, quem é a vítima. E de que maneira se pode operar para reduzir essa violação. (Oscar Vilhena VIEIRA, 2017)

PRAZER

Ao contrário dos animais, nascemos incompletos do ponto de vista erótico. Nossos órgãos de prazer são desenvolvidos culturalmente. Aprendemos a gostar de determinado tipo de comida, de música, de várias, de várias maneiras. Aprendemos a gostar de um jeito de fazer amor. Então a tarefa da Educação seria abrir perspectivas de gozo. Para mim esse é o objetivo da vida: a exuberância, o riso, o prazer, o gozo. (Rubem ALVES, 1987)

Droga, se fosse ruim não seria um problema. Substâncias que não causam prazer não são problema, não causam dependência, porque ninguém a procura nem se deixa seduzir por elas. Aí cabe um paralelo com a sexualidade, que também é uma coisa prazerosa. Hoje existe uma certa liberdade sexual, não há a mesma repressão, o mesmo patrulhamento de antigamente. Há implicitamente um reconhecimento do direito de o jovem ter uma vida sexual prazerosa, com todos os inconvenientes, com todos os perigos. (Richard BÜCHER, 1992)

Ser educador é o maior prazer que pode existir. Com o uso da razão e da palavra, desenvolvemos a capacidade de conduzir e orientar o outro. E isso é lindo! Mas, é claro que não falo de manipulações como as que faz o *marketing*, nem falo de autoritarismos. Falo do privilégio de poder usar a razão e não a força para colaborar nas necessárias mudanças sociais. Falo da responsabilidade frente ao poder de influenciar o outro através do discurso. (César COLL, 2002b)

Crescer é sempre crescer, e crescemos sempre, mesmo se não estamos mais “na idade”. Tomo uma ideia de Gérard Mendel que fala em dois tipos de prazer: o prazer que ele chama psicofamiliar que consiste em saber que cuidam de nós, que se encarregam de nós, que somos amados – e o prazer que ele chama de socioprofissional, que é o prazer de fazer as coisas cada um por si mesmo. (Françoise HATCHUEL, 2003)

Veja bem, muitos alunos buscam nos estudos um refúgio para se salvar do tédio. Educar deveria ser seguir a ética do prazer. Ouço famílias que têm filhos mais velhos fora do mercado de trabalho se perguntarem se a escola vale a pena mesmo. O garoto se forma em engenharia e quer ter sucesso indo pelo caminho mais convencional, procurando estágio em uma grande empresa. Só que, em alguns casos, são 20 mil candidatos para uma vaga. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

Os professores e as editoras de livros didáticos estão usando cada vez mais as histórias em quadrinhos para passarem lições de diversas matérias. Cabe aos mestres encontrarem as melhores passagens das histórias para que elas sirvam aos objetivos didáticos. [...] O prazer de estudar pode vir de boas escolas, de bons professores. Os gibis, como disse antes, podem contribuir. (Mauricio de SOUSA, 2004)

Todo ser humano possui a essência da terceira inteligência, mas nem todo mundo tem consciência disso. E algumas pessoas, mesmo que tenham essa consciência, não a veem como prioridade. Privilegiam a razão e a emoção – os ganhos materiais e os prazeres – com exclusividade. E esse é o problema: não há nada de

errado em se ganhar dinheiro nem em se ter prazeres – desde que isso agregue felicidade e bem-estar a si e às outras pessoas. (Floriano SERRA, 2005)

Às vezes as pessoas se espantam com a ideia de que a arte deve propiciar o prazer porque há muitas formas de arte que podem dar a impressão de não transmitir prazer algum, por serem duras ou violentas, até terríveis. [...] Algo como aquele adolescente que vai assistir a um filme de terror. De fato há prazer no medo. O prazer oferecido por um filme de terror ou pela tragédia grega, por exemplo, faz parte de uma experiência que não me compromete de maneira direta. (Jorge COLI, 2006)

Considerando que os humanos aprendem por identificação, é possível imaginar como é difícil para um garotinho ser ensinado por uma mulher a fazer xixi usando o vaso sanitário, por exemplo. Ela não é um modelo para ele porque não age da mesma maneira. Isso se repete na escola, onde a maioria é de professoras. Sempre queremos nos parecer com quem ensina e é por isso que para os meninos é mais complexo dar uma significação prazerosa ao conhecimento. (Alicia FERNÁNDEZ, 2007)

Há muitos equívocos [no uso de jogos no ensino]. Um deles é difundir a ideia de que ao jogar o aluno está aprendendo um conceito sem perceber, de maneira prazerosa. Ora, há muito prazer em enfrentar desafios e aprender. E isso não se faz economizando esforços. Aprender dá trabalho e deve ser encarado assim. O aluno pode jogar fora da escola, mas não necessariamente vai aprender dentro da escola a complexidade de um conceito só brincando. (Patricia SADOVSKY, 2007)

Hoje vamos buscar montes de prazeres fúteis com uma devassidão de meios artificiais, enquanto a natureza é uma provedora infinita de alegrias e de jogos. Não devemos ter uma visão rigorosa da natureza. Tudo pode ser enxertado. A natureza pode ser de uma grande violência, claro, mas há também nela essa profusão de prazeres que pode ser fonte de equilíbrio. Não sou simplesmente alguém que fica beato diante da natureza, eu brinco com ela. (Nicolas HULOT, 2008)

A noção de limites envolve o longo e sempre inacabado caminho do princípio do prazer ao princípio de realidade. O ponto mais importante de uma sociedade narcisista como a nossa é que ela tem menos limites. O princípio de prazer leva a buscar tudo o que se quer e o de realidade leva a aceitar que há limites na ambição, no ganho, no combate da dor. As pessoas costumam medicar-se para qualquer dor física ou emocional, por exemplo. É nesse contexto que se dá a incapacidade de criar limites para as crianças. (Celso GUTFREIND, 2010)

A grande parte dos professores não está preparada para transmitir às crianças qualquer ideia de prazer ligada à leitura de livros. [...] As crianças precisam compreender o livro como parte da vida, como um objeto essencialmente familiar, um dispositivo quase natural de armazenamento e entrega de prazer, conhecimento e beleza, que pode e deve ser consultado sem pompa ou sofrimento, como fazemos ao ligar a tevê, o som, o computador e até mesmo os nossos celulares. (Miguel SANCHES NETO; Felipe BELÃO; Luís Henrique PELLANDA, 2014)

O prazer também é importante, pois essa emoção produz motivação para prolongar os comportamentos prazerosos. É o caso da imaginação e da brincadeira. Imagine que você é um pássaro: o que faria se pudesse voar? Se fizermos essa pergunta a uma criança, ela será estimulada a pensar no futuro, pensar em realizar o que parece impossível. A brincadeira também é uma fonte de prazer, e pode agregar outros valores: trabalho em grupo, motivação para vencer etapas, estímulo à criatividade e outros. (Roberto LENT, 2017)

As crianças ficam fascinadas pelos livros e histórias infantis. Demonstram enorme prazer quando percebem que estão lendo. De fato, algo acontece que as distancia dos livros e das narrativas depois desse momento de descobertas. Os vídeos e os *games* são oferecidos para entretenimento pois não dependem da mediação. Talvez esse seja o problema: despertar o interesse pelo livro e manter o gosto pela leitura exigem do mediador ou influenciador tempo, dedicação e gosto pela leitura. (Zoara FAILLA, 2019)

CULPA

A menina vai acabar se preparando melhor para ocupar o lugar onde ela sabe que será avaliada: o da administração da casa. Ou seja, vai se preocupar muito mais com o lar do que com a profissão. Ou, se for bastante inteligente para escapar dessa armadilha, vai viver um dilema, um jogo de culpas: toda vez que estiver se desempenhando bem na profissão e imaginar que o lar está “abandonado”, vai ser vítima da culpa. (Dulce WHITAKER, 1989)

Na vida real, o que se vê é um professor de História da 6^a série, por exemplo, distribuir um texto em sala. Os alunos leem, mas não entendem nada, e alguns são reprovados. Daí, cria-se um jogo de empurra. O professor de História acha que não é obrigação sua ensinar o menino a ler e culpa o de 1^a a 4^a. Esse, por sua vez, engana-se ao acreditar que não tem de ensinar a ler textos históricos. Enquanto isso, o pobre do estudante fica ao deus-dará. (Telma WEISZ, 2000)

[O professor brasileiro] carrega dois grandes problemas, dos quais não tem culpa nenhuma. Primeiro, as nossas faculdades de Pedagogia são fraquíssimas, não trabalham com profundidade a questão da aprendizagem nem estão centradas nos três grandes eixos, formados pelo ensino de Filosofia, Linguagem e Matemática. Em segundo lugar, o professor tem uma remuneração extremamente baixa e desmotivante. Com o que ganha, não consegue se informar nem aprender. (Pedro DEMO, 2001)

Nós vivemos hoje uma situação de iniquidade social. Nós paramos na rua, vemos um garoto e sabemos a diferença que faria se ele estivesse na escola. Somos assaltados no sinal e sabemos que a culpa não é do garoto e de seus pais, mas da sociedade, da elite que de alguma forma não soube cuidar desse garoto. A culpa é nossa. (Horácio Lafer PIVA, 2001)

Muitas vezes, a sociedade considera que a escola deve fazer aquilo que as famílias e a sociedade não fazem e culpa-se muito a escola pela falta de educação das pessoas. Na minha opinião, a escola precisa ser renovada, tenho dito isso reiteradas vezes, porém a sociedade toda deve estar com a escola. São atribuídas a ela responsabilidades que são primeiramente dos pais, mas isso não é ilibar a escola de culpas. (Isabel ALARCÃO, 2002b)

Durante vinte anos lecionei História, sempre me empenhando para que minhas aulas fossem alegres e com bastante emoção. Nunca tive problemas de disciplina. Quando uma sala de aula tem muita indisciplina, geralmente a culpa não é dos alunos. Provavelmente o mestre não está conseguindo dar seu recado de modo interessante. É claro que algumas matérias são mais difíceis para isso, mas já tive professores de Matemática, por exemplo, que davam aulas muito especiais e envolventes. (João Roberto GRETZ, 2005)

A sociedade tem uma parcela significativa de culpa pelo fracasso da educação no país. Ela está cada vez mais consumista e imediatista, voltada para a busca do prazer e para a criação de desejos e necessidades. A mídia dá um valor absurdo à fama, ao poder e ao dinheiro. O saber e as conquistas intelectuais são minimizados. Esforço e dedicação não são méritos levados em consideração. (Tania ZAGURY, 2006)

Se não adaptamos essas práticas aos alunos que têm mais dificuldades, faremos com que os excluídos de fora também sejam excluídos dentro da escola. E será dito a esses alunos: “Se você não alcançar o sucesso escolar, a culpa é sua, uma vez que lhe abrimos as portas e você não aproveitou a chance!”. E isso é um verdadeiro perigo para a sociedade, pois, à medida que o tempo passa, as famílias terão a impressão de que se mentiu para elas. (Philippe MEIRIEU, 2008)

O *bullying*, na verdade, existe desde que a escola existe. E é universal: em qualquer escola de qualquer país, desenvolvido ou não, o problema está presente. O que existe, em verdade, é uma desconfiança entre pais e escola. Um põe a culpa no outro: pais de alunos costumam achar que o problema está na escola, que não tem autoridade suficiente e não sabe lidar com os alunos. Já professores e escolas pensam que o problema vem de casa, que o aluno traz seus problemas para o ambiente escolar. (Cléo FANTE, 2010)

Você não pode culpar uma criança aos 6 anos de idade porque ela não está alfabetizada. O que aconteceu no ano passado é que mais de 50 mil crianças foram reprovadas no 1º ano do ensino fundamental. Isso é algo altamente prejudicial e deixa uma marca, um trauma que a criança vai levar para o resto da vida. Se houve algum problema nesse processo, a falha foi da escola e, portanto, ela [a criança] não pode ser estigmatizada por uma falha que não é dela. (Cesar CALLEGARI, 2011)

Pode colocar 10% do PIB (Produto Interno Bruto), pode colocar o que quiser que com essa formação que os professores têm não vai ter ensino de qualidade. Só que ao invés de os professores reconhecerem isso, preferem dizer: “não, o problema não é meu, é da sociedade, do sistema, do capitalismo, dos pais, da família, do aluno”. Enfim, joga a culpa pra quem quer que seja. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

Na formação do professor, durante o magistério, não existe nada que estimule a intimidade com o livro. [...] Da mesma forma que quem não sabe nadar não consegue ensinar a nadar, ou quem não sabe andar de bicicleta não pode ensinar a andar de bicicleta, quem não está acostumado a ler não vai conseguir que o aluno leia. Mas a culpa não é do professor. A culpa – se há culpa de alguém – é do sistema, que é um sistema que não incentiva a leitura. (Ana Maria MACHADO, 2013)

É verdade que o professor tem que motivá-lo [o aluno], mas também é verdade que cada pessoa deve saber como se automotivar. É muito ruim que a mensagem passada para o aluno seja a de que a culpa de tudo que acontece a ele é do professor. Todos nós temos culpa, porque quando o ensino não vai bem, a culpa é do professor, da família, da direção da escola e do aluno também. Ninguém está livre da culpa, pois todos têm responsabilidade para que [os alunos] melhorem. (Alfonso AGUILÓ, 2015)

[Os alunos] dizem “queremos professores que conheçam a matéria, que saibam ensinar e conversar conosco, que não falem”. [...] Fazíamos a pergunta “de que matéria você gosta mais?”. Achávamos que iriam responder que era a matéria mais fácil. De jeito nenhum. Mencionaram uma ampla gama de matérias. E

disseram que o que gostam depende muito do professor. Sem querer jogar culpa nos docentes, isso tem de ser revisto, caso contrário daqui a 50 anos estaremos chorando e falando as mesmas coisas. (Miriam ABRAMOVAY, 2016)

Os alunos não se sentem atraídos pelas aulas, muitos não levam a escola a sério, as faltas dos professores prejudicam muito o desenvolvimento do trabalho em aula. Ou seja, os dois lados têm culpa. Não conseguimos mais administrar a questão dos celulares em sala de aula, há alunos agressivos demais, com problemas com drogas. Que tem de haver mudança, como está acontecendo agora, é claro. (Edmílson SATURNINO; Andressa SILVA, 2017)

DESCULPA

É comum arranjarmos milhares de desculpas para continuarmos fazendo o tradicional e mantermos nossa segurança, sem sofrermos as críticas ou as resistências dos outros. Mas eu lhes pergunto: se uma única vez vocês tiverem a oportunidade de fazer uma viagem à Europa, vão desistir com medo de pegar o gosto, de querer voltar de novo e não poder? Então, coragem. Comecem o novo, mesmo que sejam só vocês, sabendo que não estamos sozinhos, que tem muita gente boa do nosso lado. (Esther Pillar GROSSI, 1992)

Quando cheguei na Inglaterra, por exemplo, todos esperavam o *Relatório dos Três Homens Sábios*, um grande estudo da situação na sala de aula nas escolas primárias. Quando saiu o relatório, um dos autores, muito conhecido nos meios educacionais ingleses, disse: “Olha, quero pedir desculpas pela simplicidade. Depois de estudar 18 anos a educação primária, cheguei à conclusão de que o que melhor funciona é aquilo que o professor sabe”. [...] Melhor do que um único método, um catecismo, é ele ter um cardápio. (Guiomar Namó de MELLO, 1998)

O dinheiro é só uma desculpa, é o jeito como nós, adultos, brincamos com o desejo. É curioso que, por conta da nossa velha formação católica portuguesa, a gente veja a ambição com tanto desprezo. A definição de maturidade financeira é exatamente a capacidade de adiar os desejos de agora em função de futuros benefícios. Por isso, cabe-nos ensinar à criança a desejar e a ser capaz de esperar pelas coisas que quer. Isso dará a ela mais responsabilidade e a criança não terá a ilusão de que o mundo, por princípio, lhe deve tudo. (Cássia D’AQUINO, 2001)

Então, não é para namorar na escola, então não é – mas tem de ficar claro. Porque senão os alunos dizem: “Então não pode nem conversar?”, e aí vem “Não, conversar pode, o que não pode é se pegar. Mas se estiver namorando pode”. Mas aí todo mundo que está ficando vai inventar uma desculpa, dizendo que está namorando. O que precisa ser preservado é escapar daquela situação: “beijinho pode, mas beijão não”. (Içami TIBA, 2003)

Tento descobrir a opinião dos professores, funcionários e da comunidade sobre as razões do fracasso. Geralmente eles apontam a falta de recursos financeiros e humanos. Ao mesmo tempo, estudamos os dados da escola: quantos alunos comparecem às aulas? Quantos faltam? Quais os motivos? Em que conteúdos eles têm maior dificuldade? Vamos eliminando as “desculpas”. Às vezes não há mesmo verba, mas deixamos isso de lado para nos concentrar no real: o que a criança precisa aprender e não consegue. (Gary WILSON, 2004)

Os pais deles [dos jovens] podiam justificar que faziam tal coisa movidos por certa determinação de um padrão “x”. Eu estou com você por causa dos nossos filhos ou porque prometi à Igreja que ficaria contigo pelo resto dos meus dias. Ninguém mais pode dizer que está com alguém por uma instância terceira. Portanto, todo mundo estará com alguém porque quer estar com alguém, e será responsável sempre pela sua opção. Os jovens de hoje não têm desculpa. É uma vida sem desculpas. É uma vida de consequências. (Jorge FORBES, 2005)

Mas as pessoas assistem aos filmes no cinema e às novelas. Isso para mim não é desculpa. A única coisa que pode ser uma justificativa é que para todas as artes

não existe pré-requisito. Qualquer analfabeto assiste a uma peça de teatro, ouve uma música. Para entrar na literatura é preciso ser alfabetizado. E se o processo de alfabetização não se deu de uma forma sensível para a leitura, tudo fica muito difícil. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

O Lobato contou que, quando estava escrevendo histórias para *O Sítio do Picapau Amarelo*, a Emília ficava do lado dele dando palpites. Até que ele disse: “Afiml, quem é você, Emília?”. Ela respondeu: “Eu? Eu sou a independência ou morte”. A Emília é malcriada, gente, boneca, inteligente, contestadora. Machado que me desculpe, mas a melhor figura feminina da literatura brasileira é a Emília. (Tatiana BELINKY, 2009)

O único momento real de comunicação [na aula de inglês] se dá com ordens: abram seus livros. Em sala, continua-se falando em português e isso acontece pela falta de naturalidade com o idioma. O medo de a turma não entender não é desculpa. Senão vira um círculo vicioso. É possível usar os dois idiomas, pelo menos, ou traduzir na primeira vez que empregar determinados termos. (Maria Antonieta CELANI, 2009a)

Muitas vezes eles [os especialistas] reforçam o discurso de que gestão e avaliação resolvem todos os problemas. Isso não é verdade. Não podemos esquecer o professor e o estudante. Não faz sentido só olhar para aspectos periféricos, como a gestão, e achar que tudo será resolvido. [...] [Falta] uma mobilização para resgatar o valor simbólico da profissão. Hoje, as pessoas praticamente pedem desculpas ao dizer que lecionam. Precisamos aproveitar esse momento em que é crescente a percepção da sociedade sobre a relevância da Educação. (Maria Alice SETUBAL, 2011)

Se em uma escola há computadores velhos, sem acesso à internet nem nada, mas têm programas de edição de texto, isso pode ser muito útil para trabalhar processos de revisão. Agora, não há desculpa para deixar de fazer revisão de texto e comprometer as crianças nesse processo. É fácil, divertido. [...] Estamos jogando fora os computadores que foram colocados nas escolas no início. Não dá para aceitar a ideia de que temos de jogar no lixo todos os computadores a cada três anos. (Emilia FERREIRO, 2013)

É ele [o diretor escolar] quem garante um ambiente comprometido com a aprendizagem dos alunos, onde ninguém pode ser deixado para trás. Isso ficou muito claro para mim quando conversei com diretores ingleses que recebem alunos de diversas partes do mundo e que fugiram de conflitos. Muitas dessas crianças nem falam inglês. Vi que todas são tratadas da mesma maneira e têm o direito de aprender colocado acima de tudo. [...] No Brasil, ainda precisamos avançar nesse sentido e quebrar o discurso que permite o fracasso e que cria desculpas. (Maria Carolina Nogueira DIAS, 2015)

A questão do tamanho do país não deve ser uma desculpa para não se fazer nada. Não estou falando que é fácil dar solução para as desigualdades educacionais, mas vejo que existem duas classes de soluções. Existem as soluções superficiais, que procuram arrumar algumas coisas, que é a educação compensatória. Por exemplo: se filhos de pessoas mais pobres não têm educação infantil, abre-se uma creche. Mas parece-me que esse tipo de medida tem uma limitação. Precisamos

pensar a desigualdade educacional de acordo com as desigualdades sociais. (Abdeljalil AKKARI, 2016)

Nós mesmos, profissionais e a sociedade em geral, falamos que a saída é a educação, mas na prática não acreditamos muito nisso. Na reunião de professores, por exemplo, fala-se: “ah, o cara não quer nada com nada”. Isso acaba sendo uma grande desculpa para você também não fazer nada. “Eu quero dar a minha aula e o cara não quer assistir.” Tem um hiato aí, alguma coisa que não está caminhando bem, pois outros conseguem, ou em algum momento você consegue e o aluno te ouve. Então, acabamos criando uns jargões para não atuar. (André Luís BARROSO, 2017)

O que estiver apto a ser digitalizado, o será; o que puder ser compartilhado, o será; e o que for possível de ser feito sem intermediários, o será. Ficar inerte, escudado na regulação ou nas desculpas acomodadas não protegerá as escolas. Não se negocia com a disrupção. Ela simplesmente vem e passa por cima de sistemas solidamente estabelecidos. É uma jornada, e quanto mais cedo a percorrermos, melhores serão as chances de sobrevivência. (Rui FAVA, 2018)

IMAGINAÇÃO

Há teses apocalípticas que sustentam que a TV fará com que a criança perca a sua capacidade de imaginação – e até de falar. Já está comprovado que isso tudo é falso. É como se a criança, ao ver TV, não tivesse todo um trabalho mental sendo elaborado. [...] Diz-se também que as crianças ficariam mais violentas por causa dos desenhos e filmes violentos. Nos Estados Unidos, pesquisas desmentem essas teorias. Nenhuma criança mentalmente saudável põe uma capa de Super-Homem ou Mulher Maravilha e se atira pela janela. (Maria Thereza Fraga ROCCO, 1990)

A gente lê o mundo pela imaginação. Eu não leio com os meus olhos, mas pela imaginação. Aliás, esse é um dos equívocos dessa onda construtivista, que passa, hoje, pelo discurso escolar. [...] A imaginação é o recontar e recriar a história. Toda aula, por simples e pontual que seja, é a história de alguma coisa que já aconteceu. Você recria as condições desse passado na imaginação. Todo físico, quando está ensinando, está sendo Galileu de novo, Copérnico de novo. (Julio Groppa AQUINO, 1998)

Pensar por imagens é para gatos e orangotangos. A imagem estimula a imaginação e produz um sentimento de simpatia ou antipatia, sem passar pela reflexão consciente. A “civilização da imagem” é a civilização da credulidade sonsa. Estudantes viciados em aprender por imagens perdem toda capacidade e até mesmo todo desejo de compreender: tudo o que querem é obter da maneira mais rápida e impensada um sentimento de concordância com a ideia que lhes é apresentada. (Olavo de CARVALHO, 1999)

A instituição de ensino deve estar consciente do fato de que fazer as coisas de uma maneira consagrada, aprovada, estruturada há muito tempo não garante que essa seja a melhor maneira. A partir do questionamento, identificará problemas e oportunidades que exigirão o pensamento criativo. A escola precisa estar alinhada com o mundo atual e com a rapidez das mudanças. Pois elas trazem novos problemas e oportunidades que exigem novas maneiras de pensar. Por que os currículos não dedicam um tempo para desenvolver a imaginação dos alunos? (Antônio Carlos Teixeira da SILVA, 2003)

A maioria dos homens lê romance de espionagem ou de luta, quando não lê apenas as coisas utilitárias para a profissão. Os homens já leram, em outras gerações. Mas, hoje, a vida está muito competitiva, acham que é perda de tempo. É um mistério. Abriram mão de uma conquista: o poder de imaginar. Parecem estar treinados, desde o ensino médio, que orienta demasiadamente para ciência e tecnologia e pouco para as humanidades e as artes. (Ana Maria MACHADO, 2002)

Agora todo mundo usa o *data show*. Quer dizer, a aula tem de ser um *show*. Porém o instrumento não deve substituir ou intermediar a relação entre professor e aluno, nem fazer com que os recursos pedagógicos se adaptem a uma realidade imagética, que é mais pobre do que aquela da palavra. Ela não é internalizada, não promove a imaginação nem a consciência. (Miguel PEROSA, 2006)

O livro está entrando nas escolas numa medida que não entrava, nem que seja por meio das distribuições feitas pelo Ministério da Educação e as Secretarias estaduais e municipais. Há 50 anos nem sequer se sonhava com isso no Brasil. O problema maior é o de mau uso desses livros, com estratégias impositivas de leitura. Muitas vezes falta penetrar no avesso dos textos com as crianças e realmente mergulhar numa viagem de conhecimento, de imaginação. (Edmir PERROTTI, 2006)

As crianças são geneticamente aparelhadas para aprender uma quantidade incrível de coisas, mas nós de fato as deseducamos nas escolas ao estreitarmos os objetivos a testes e tarefas em lápis e papel. Precisamos parar nossas práticas de estreitamento e criar centros onde a imaginação e as ideias dos alunos possam manifestar-se plenamente em palavras, desenhos, música, dança, invenções e outras formas de expressão. (Thomas ARMSTRONG, 2008b)

O básico no Ensino Fundamental é mobilizar a imaginação da criança. O antigo desenho de observação, por exemplo, pode ser interessante para treinar a relação da mão com a vista. Leve então o aluno a escolher o que ele vai desenhar. O primeiro elemento da imaginação é ter capacidade para selecionar. Isso é muito importante porque temos uma quantidade enorme de informações. (Ana Mae BARBOSA, 2009)

Os contadores de história estão se multiplicando hoje, mas acho que todo professor tem de ser um bom contador de histórias, chamar a atenção e ler junto. Ou ler antes, fazer depois a criança ler, e descobrir com ela: “Qual personagem você gostaria de ser? E se a gente pudesse mudar o fim dessa história?”. O professor tem de ter imaginação, mas para trabalhar bem uma história tem de fazer uma leitura vertical, para explorar também determinados aspectos da história com gestos, com ênfase, com caretas. (Nelly Novaes COELHO, 2010)

A imaginação é uma capacidade única da espécie humana. Isso permitiu muitas conquistas ao longo da evolução. A imaginação está no princípio de toda criação cultural, da ciência e das artes. As criações da espécie acontecem a partir dos acervos de cultura, da tecnologia, da ciência e das experiências da vida cotidiana. Esses acervos, uma vez disponibilizados e apropriados pela pessoa, são transformados em memórias pessoais. (Elvira Souza LIMA, 2010)

A imaginação é imprescindível para a projeção intelectual e para a previsão das dinâmicas sociais. A imaginação é, de alguma maneira, a inteligência presente de um futuro ainda inexistente. Por exemplo, podemos imaginar que o futuro nos pedirá mais qualidade ética e política. Isso ocorre porque é possível antecipar algumas consequências, analisando a atual situação de saturação com as formas éticas e políticas do presente. (Joan Manuel del POZO, 2012)

Sobretudo, é fundamental trabalhar a imaginação. O adulto tem que criar um ambiente imaginativo para as crianças. Para isso, é importante ter bons livros, com boas gravuras, boas músicas e filmes. Aqueles que não são divulgados pela mídia. Além de muito tempo para observar as coisas ao redor, contar sonhos, narrar histórias, enfim, deixar a imaginação viva. (Ana Angélica ALBANO, 2013)

Se é certo que existem muitos jogos pedagógicos no mercado, importantes porque as crianças têm muita curiosidade ante o mundo, não podemos ignorar os “brinquedos” que, aparentemente, não têm conteúdo algum, mas oferecem um espaço para invenção, um campo para a imaginação, tão importantes para a aprendizagem das crianças quanto aqueles estruturados pedagogicamente: é o caso da sucata, do material de construção, da areia, da terra, da argila. (Tânia Ramos FORTUNA, 2016)

Não se trata de repetir o que foi estudado, mas de refletir sobre o que se aprendeu e poder transferi-lo a novas situações. Isso requer imaginação pedagógica por parte dos docentes, um bem que parece estar escasso e ser pouco valorizado pelas concepções reprodutoras e homogeneizadoras da aprendizagem, que têm como objetivo o rendimento em termos de respostas a provas padronizadas. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2016)

FANTASIA

A entrada da criança na escola representa, para ela, uma experiência nova que exige um tempo de adaptação. [...] Ela não sabe ao certo o que vai acontecer lá. Sabe apenas que irá aprender a ler e a escrever. E naturalmente ela fantasia em torno das coisas que irão acontecer, fazendo a si própria uma série de indagações: como será a escola? Será que vou conseguir aprender a ler e a escrever? Como será a minha professora? Como faço quando estiver com fome? E para ir ao banheiro? (Marizinha PIMENTEL, 1989)

A introdução de uma criança na leitura tem a ver com a sua entrada no universo da fantasia. E ocorre muito antes da alfabetização. A criança tem uma vivência carregada de fantasias. Ao brincar, ela reproduz elementos fantásticos que recebeu de algum lugar: da televisão, das histórias que os pais contam, dos livros que foram lidos para ela. Esse é um momento importante para a introdução da leitura. (Regina ZILBERMAN, 1989)

É preciso cuidar sobretudo do núcleo da personalidade, que deve ser forte, bem assentada, ética. Existe uma certa fantasia de preparar as crianças para o mundo da competitividade sem ver que a pessoa mais competitiva é a que tem projetos e valores. A ausência de perspectiva, de utopia é um complicador porque anestesia. Falta o fogo de buscar um objetivo. (Yves de la TAILLE, 1999)

Os agentes sociais têm uma visão deturpada da imprensa (há críticas que são válidas, que são sérias e corretas, mas, muitas vezes, há críticas ultrapassadas) e, à medida que os dois lados passam a se conhecer melhor – imprensa e militantes sociais – a tendência é que o diálogo entre esses dois agentes seja mais profundo, mais ético, mais profissional e menos carregado de fantasias. (Geraldinho VIEIRA, 2000b)

No processo educacional, o contato com as linguagens expressivas tem um caráter lúdico, é a realização da fantasia da afetividade. Para a criança, todo mundo de quem ela gosta é bonito. As razões estéticas dela são do mundo afetivo. Já que eu dava aula, o teatro e a expressão corporal tiveram objetivos educacionais. É importante estimular a imaginação, organizar o pensamento – que é abstrato, como o teatro – e, antes de qualquer coisa, ter disponibilidade para o corpo, fazer aquilo sem o caráter de exibição ou competição. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Existe uma fantasia de que, quando se fala de uma avaliação eficiente, estamos nos referindo ao atendimento de três ou quatro estudantes por vez. Mas os instrumentos de coleta de dados ampliam a capacidade de observar do professor. Se eu aplico uma avaliação para 40 alunos, não há mudança do ponto de vista da qualidade. Cada um vai manifestar sua aprendizagem por meio do instrumento escolhido. (Cipriano LUCKESI, 2006)

Há uma fantasia que muitos legisladores, políticos e até educadores têm: a de que, se tivermos um único currículo obrigatório para todo o País, isso asseguraria que ele fosse adotado na prática. Mas nunca é assim. Na escola, quando o professor fecha a porta da sua classe, só ele e seus alunos sabem o que ali se passa. Na maioria dos países de tradição francófona, com sistemas educativos muito

centralizados, os currículos são obrigatórios. E os estudos demonstram que o currículo prescrito não é o currículo real, o que de fato se ensina na sala de aula. (César COLL, 2007)

Quando contamos a história de um livro para uma criança hoje, ela diz: “Deixa eu ver?”. E, se estamos contando uma passagem que não tem figuras, ela pergunta: “Aonde?”. Isso acontece porque ela já cresceu em um sistema no qual a palavra e a imagem sempre são associadas. Houve quem dissesse que tal fato empobreceria as crianças, pois elas não construiriam as próprias imagens por usar preguiçosamente imagens que a mídia lhes oferece. Só que toda a fantasia que temos é construída a partir de outras imagens. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Poderíamos opor a educação tradicional ou tradicionalista (que privilegia a transmissão de um conteúdo a alunos mais passivos) à educação nova (caracterizada pela confiança na capacidade de desenvolvimento positivo da criança, que deve ser ativa). A educação tradicionalista teria hoje a cara da “escola republicana”, daqueles que querem voltar aos métodos “que foram postos à prova no passado”, um passado geralmente mítico e fantasioso! (Charles HADJI, 2009)

Tem-se uma fantasia de que a EJA é algo temporário, que, com um esforço, a gente vai se recuperar em um futuro breve. Só que desde os anos [19]40 fazemos isso. No momento em que foi criado este serviço, que coincide com fim da Segunda Guerra Mundial e a criação da UNESCO, era uma estratégia global. O Brasil tinha mais da metade da população de analfabetos. É com essa marca de mobilização e urgência que a EJA aparece e se perpetua. (Maria Clara di PIERRO, 2009)

É preciso apagar a fantasia do emprego. O emprego é uma péssima forma de trabalho. O emprego transforma o homem em vendedor de tempo, transforma trabalho em mercadoria. Então, é preciso conscientizar-se de uma vez por todas que a sociedade do emprego acabou e não vai voltar. Caetano Veloso dizia uma frase na década de 1960 da qual eu gosto muito: “Matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem”. É justamente isso. (Wanderley CODO, 2010a)

Muitos livros traziam a noção de que as crianças eram consumidores passivos e nós deveríamos dotá-las de habilidade crítica para libertá-las das ideias ruins apresentadas pelos meios de comunicação. Com a prática, fui percebendo que essa imagem do professor que carrega uma tocha para iluminar os estudantes, desfazendo a escuridão e a ignorância, tinha muito de fantasia. (David BUCKINGHAM, 2011)

É uma aspiração impossível saber com certeza como uma criança lê uma determinada história e como fará a interpretação dela. Nesse sentido, também afirmo que nenhuma história termina na última página. Da mesma forma, julgo no mínimo arbitrário supor que os pequenos desejam sempre histórias com final feliz para todos os personagens. A fantasia deles é muito maior que a dos adultos, além de ter alguns toques de insubordinação. (Peter HUNT, 2011)

O português padrão não é nossa língua nativa, e sim o português falado, que, sabemos, tem grandes diferenças para o português padrão. Por exemplo, falamos

me dá um quibe e escrevemos dê-me um quibe. O português escrito é outra modalidade, que você tem que aprender na escola. Mas isso é levado muito longe. Alguns autores escrevem livros ou manuais com o título “Mil erros de português” ou “Não erre mais”, criando coisas completamente fantasiosas sobre o que você pode e o que você não pode fazer. (Mário PERINI, 2015)

Para filosofar, a gente tem que aprender a dialogar. O problema é como dialogar, porque não é só conversar, não é só falar, também não é só escutar, precisamos colocar a dimensão do outro em perspectiva. E precisamos imaginar também, por isso necessitamos de um pouco de fantasia – mas em dose discreta –, sobre o que o outro pode estar entendendo daquilo que falamos. (Marcia TIBURI, 2015)

SONHO

Tem uma parábola evangélica que eu acho fantástica. É a história de um sujeito que era endemoniado. Veio um exorcista, exorcizou o demônio. Só que o cara não tinha nada para botar no lugar. O demônio, depois de passear muito, resolveu visitar sua velha casa e a encontrou vazia, limpa e adornada. Achou-a tão bonita que convidou mais sete demônios para morar lá. É o caso do Brasil: fomos possuídos durante tanto tempo, expelimos os demônios, e agora? Quais são os sonhos que temos? Somos um país sem sonhos. (Rubem ALVES, 1987)

Cada escola deve ter sua própria cara, sua fisionomia, e todos lá precisam estar empenhados. A autonomia, ponto central das minhas ideias, significa liberdade até para demitir, para admitir, para organizar o calendário escolar, a distribuição das disciplinas. Um dos meus sonhos é que um dia o salário do professor seja correspondente ao número de alunos e ao êxito de sua tarefa. Se reprova 95% de seus alunos, ele não pode ser pago, porque fracassou na sua atividade. (Moacir GADOTTI, 1991)

Temos essas duas opções, hoje. Uma Universidade bonita, colorida, que vá chamar a atenção pela sua eficiência, pela sua beleza, com muitas bolas de Natal, muito enfeite, mas que seja um galho em que as folhas são secas. A outra Universidade – a imagem que me ocorre –, é a de uma árvore efetivamente com raízes, mesmo não sendo um pinheiro, mas que dê frutos, ainda que esses frutos não sejam tão coloridos, tão bonitos, superficialmente, mas que tenha seiva. Esta é a Universidade que sonho. (João Wanderley GERALDI, 1998)

É preciso distinguir o sonho de um projeto de vida. Sonhar não precisa de etapas, já um projeto tem metas, objetivos e prazos. E muitas vezes o aluno não consegue identificar isso nele próprio. O professor não pode se ver apenas como transmissor de conhecimento. A mídia e a internet são cada vez mais eficientes nessa tarefa, mas não funcionam como transmissores de valores. O problema é que o professor foi preparado para a docência e hoje se exige que ele seja um líder, um criador de acontecimentos, dentro e fora da sala de aula. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2000)

Um levantamento recente compara o valor da hora-aula nas 27 unidades da Federação e constata que há professor ganhando R\$ 0,98 por hora em sala de aula! Noventa e oito centavos! Pernambuco é que paga menos (R\$ 0,98), seguido do Piauí (R\$ 1,50) e Sergipe (R\$ 1,97). No Paraná o salário por 20 horas é de R\$ 360,50 (RS 4,50 a hora-aula). Se o professor tiver curso superior são R\$ 515,00 por 20 horas (R\$ 6,43 a hora-aula). O Brasil é um país de sonhadores. Precisamos evoluir para sermos um país de realizadores de sonhos. (Samuel LAGO, 2005)

Diz Paulo Freire que devemos assumir o projeto do nosso sonho para obstar aos efeitos de uma modernidade que, no dizer de Boaventura Santos, projetou-nos para uma ética individualista que nos impede de assumir responsabilidades por acontecimentos globais. Para a elaboração cultural desse “projeto do nosso sonho”, justificar-se-á a construção de uma síntese comparativa entre valores e modos de pensamento que atravessam o contexto da sua elaboração. (José PACHECO, 2006)

Se o sonho da minha vida for vender BMW, eu preciso conhecer o mercado para saber quais são as pessoas que compram BMW, quais as empresas que contratam funcionários para esse serviço e outras que realmente fazem essas vendas. Conhecendo essa realidade e conhecendo a mim, será que eu me contrataria? É preciso estabelecer critérios internos (“O que eu quero?”) e critérios externos (“O que o mundo externo, no que se refere àquilo que eu quero, acredita, valoriza e contrata?”). (Constança Meirelles VIEIRA, 2006)

Maria [mãe de Jesus] reunia sonhos com disciplina, inspiração com transpiração. Ela, intuitivamente, descobriu que sonhos sem disciplina produzem pessoas frustradas, que não transformam seus sonhos em realidade, e disciplina sem sonhos produz pessoas autômatas, que apenas obedecem a ordens. Os educadores, na atualidade, são como cozinheiros que preparam alimentos para uma plateia que não tem apetite. (Augusto CURY, 2007)

Em 1963, o senhor Martin Luther King disse “I have a dream”. Isso mobilizou toda uma geração, a minha. Se o aluno do colégio não tem um sonho, uma ambição, dificilmente tem uma motivação, dificilmente constrói sentido. O sentido é construído em torno de uma visão do futuro, de uma, intencionalidade, chamada de mente intencional, em torno de um sentido cultural, de missão, daquilo que quer fazer vida afora. E a escola tem de fazer sentido para isso. (Roberto CARNEIRO, 2008)

O meu leitor é alguém que está chegando agora no mundo, está de olhos abertos, de ouvidos abertos, ele tem sonhos, quer entender, quer compreender suas relações com o mundo, com seus pais, com a escola, com suas dificuldades e com suas fantasias. Mais tarde ele vai crescer e terá outros sonhos e dúvidas: “Será que vou dar certo no futuro? Será que vou ser feliz? Como será que vou ser? Será que vou conseguir um amor?”. (Pedro BANDEIRA, 2009)

Quando, em tantos desses congressos e semelhantes de que participo há mais de 40 anos, alguém lê passagens do meu currículo Lattes, eu quase invariavelmente digo a seguir: “Apaguem todos os títulos acadêmicos. Eles são como os adornos que pregamos ao corpo e à roupa”. Quando eu os tiro de meu corpo, sobra apenas o que eu quero e sonho ser: um professor. (Carlos Rodrigues BRANDÃO, 2009)

É preciso melhorar salário, carreira e formação do professor. Esse é o sujeito que todos os dias acorda e vai atender os 45 milhões de crianças do sistema público. Além disso, a escola tem de ser um ambiente agradável: temos de investir na infraestrutura. Devem ser bonitas, materialmente bem equipadas, com as melhores condições possíveis para que esse processo aconteça de forma republicana em todo o Brasil, o que ainda não acontece, e para que a escola se torne a que todos sonhamos. (Romeu Weliton CAPUTO, 2013)

No Brasil, temos as experiências da Escola-Parque, criada por Anísio Teixeira, e dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps), que eram o sonho de Darcy Ribeiro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, aponta para a importância da expansão do tempo de permanência do aluno na escola. Portanto, essa ideia vem de muito tempo. (Eliane Márcia da CRUZ, 2013)

Mesmo aqui [na Noruega], a inclusão total ainda é um sonho. É preciso dizer que a escola inclusiva é uma situação ideal – e, justamente por isso, muito difícil de ser alcançada. Por isso, prefiro falar numa Educação em direção à inclusão, para enfatizar que se trata de um processo. Não basta o governo assinar uma lei. É uma trajetória bem longa, com muitos altos e baixos, alegrias, tristezas e frustrações no caminho. (Miriam SKJORTEN, 2013)

De fato são metas ambiciosas [do PNE]. Quem não sonha com catedral, não constrói igreja. Elas são urgentes e necessárias. É preciso, entretanto, que o regime de colaboração, agora à luz do Sistema Nacional de Educação – cujo perfil operatório é de fundamental importância –, entre em ação. Vale dizer, é preciso que os governos todos se empenhem, no regime federativo, em uma mesa de negociação para que a gestão não se disperse e nem os recursos se percam. (Carlos Roberto Jamil CURY, 2014)

ILUSÃO

Acredito que mesmo numa sociedade capitalista burguesa é possível trilhar caminhos diferentes, melhorando as condições do ensino e do acesso a ele. Sem a ilusão de que se está fazendo uma grande revolução, mas consciente de que se pode chegar a um determinado ponto que pelo menos torne real o preceito liberal – que oferece educação universal a todos os cidadãos –, ainda não alcançado entre nós. (Oswaldo Hajime YAMAMOTO, 1990)

É notável a convergência que existe entre ambos [Vygotsky e Piaget] em relação à distância que têm com respeito a outras escolas de psicologia. Essas escolas propõem, por exemplo, as pesquisas inspiradas pelo estudo do tratamento das informações, certos estudos muito pontuais de laboratório, a ilusão de que o estudo do cérebro vá nos ensinar ou informar muito sobre o conhecimento. E essas questões constituem verdadeiras oposições em relação às teorias de Vygotsky e Piaget. (Gérard VERGNAUD, 1998)

O Ensino Fundamental, o Ensino Médio e o Ensino Superior compõem o que é chamado de sistema regular, mas ainda existe um outro [o ensino técnico]. Existe, então, um dualismo institucionalizado e com trajetórias falsamente paralelas. Na prática isso é uma grande ilusão. O estudante brasileiro que faz Ensino Médio, por exemplo, faz, na sua maior parte, no turno da noite, por várias razões: está procurando emprego, tenta fazer bico etc. Então, imaginar que esse estudante possa fazer o nível médio técnico e o nível médio regular ao mesmo tempo é uma ilusão. (Gaudêncio FRIGOTTO, 1999)

Eu não tenho a ilusão de que os pais abram mão da sua forma de ser e de viver e se entreguem à ternura de redescobrir o filho. Por isso proponho 15 minutos por dia. Segunda-feira, brincadeiras linguísticas; terça-feira, lógico-matemáticas; quarta, brincadeiras espaciais; e assim percorrendo todas as inteligências. Por que 15 minutos e não 10 ou 20? Esse tempo é um pouco elástico, se a criança se mantiver animada, eles podem passar um pouco. (Celso ANTUNES, 2000)

Temos a ilusão da escolha e a ilusão do dom. Mas são as condições de produção em que nós vamos nos constituindo e o acesso diferenciado que temos a determinadas práticas sociais que acabam impingindo algumas marcas na singularidade que cada um de nós tem e é. Sempre haverá aqueles que dizem: “Nasci pra isso”. Não, ninguém nasce para isso ou para aquilo. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

O papel da escola é abrir um espaço entre o que se quer ensinar e o que o aluno traz em sua bagagem de crenças, de ilusões, para estabelecer um contrato com ele no que diz respeito à aprendizagem. A maioria dos professores não leva em conta as ilusões que o aluno já alimentava sobre o assunto. E se ele tinha uma ideia prévia, uma fantasia (que envolve o inconsciente), ela pode criar uma contradição com o que o professor está passando. (Sara PAÍN, 2000)

É essencial a melhoria do corpo docente, ou, de modo mais direto e claro, um melhor nível dos professores e professoras, como tivemos no tempo dos antigos normalistas. É ilusão imaginar que isso se consegue com professores diplomados em faculdades. Insistir nessa ideia chega a ser uma maldade cometida contra

esses professores. Isso só resulta em uma maior demanda por cursos de pedagogia e outros, numa visão equivocada da missão da universidade e dos cursos superiores. (Antonio Helio Guerra VIEIRA, 2002)

[*Matrix*] é um grande filme. Sobretudo porque fala de questões que nada têm a ver com a informática. Eu o vejo como uma espécie de história budista. No filme, os heróis descobrem que a realidade que eles percebem por meio de seus sentidos é inteiramente fabricada por uma máquina e que a “realidade real”, por assim dizer, está além do que eles conseguem ver, exatamente o mesmo que os budistas dizem a respeito da ilusão. (Pierre LÉVY, 2003)

Muitas vezes há uma ilusão em quem trabalha com o aprendizado inicial da matemática. Dizem assim: “o aluno já sabe isso e só falta que ele passe para o papel”. Isso não é verdade. O aluno faz a conta de cabeça e, quando ele for passá-la para o papel, ele vai aprender outro modo de fazer a conta, pois não é o mesmo raciocínio que se reflete no papel. É um outro raciocínio e não apenas uma mera representação do que se pensou. (Maria da Conceição Ferreira Reis FONSECA, 2005)

Refiro-me, entre outros, aos textos de Sigmund Freud e de psicanalistas que falam da ilusão educativa. A vítima dessa ilusão é aquele que não tem consciência dos limites de sua ação como educador, aquele que acredita ser o todo-poderoso. No sucesso educativo há algo de miraculoso. Nunca estaremos certos de quais serão os resultados. Não se deve querer educar demais sua esposa, seus filhos, seus próximos porque impor modos de ser e viver é um desvio totalitário. Em nome do quê vamos fazer essa imposição? (Charles HADJI, 2006)

Estamos transformando a indisciplina em fenômenos de violência. Toda vez que você tem um ambiente com regras, há a possibilidade de haver transgressão. Num ambiente de gerações diferentes, é ilusão achar que a ação de um adulto sobre uma pessoa imatura não provocará reações. A escola perdeu o parâmetro: quando há um ato de violência, não há intervenção com rigor, mas a indisciplina é tratada como uma ação violenta. (Marília Pontes SPOSITO, 2007)

Existe um medo – assim como uma imperdoável ilusão (ela parece ser irmã gêmea da burrice) – que faz com que você queira que as coisas sejam outras, e não aquilo que são. O prejuízo disso é enorme. É a impostura intelectual. Foram os franceses que trouxeram isso para o Brasil. O mundo inteiro fala inglês, menos os franceses. Querem ser outra coisa. Querem ser uma alternativa à Inglaterra, e não são. [...] Ninguém leva a Sorbonne a sério, a não ser a Guiana e o Brasil. (Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO, 2007)

Precisamos de um novo contrato social pela educação, que explore todas as possibilidades educativas da cidade e da sociedade. Apesar de generoso, o conceito de “educação integral” é perigoso. É preciso acabar com os discursos excessivos sobre a escola. Se tivermos a ilusão de que a escola pode tudo, acabaremos na desilusão de que não conseguiu nada. (António NÓVOA, 2014)

Não é prudente ter ilusões de que será possível mudar este quadro a curto ou médio prazos. Permaneceremos nos últimos lugares do ranking PISA por, no mínimo, mais uma ou duas décadas. Aponta para isso a cultura curricular vigente.

Basta ver que a maioria das escolas e dos sistemas de ensino continuam valorizando modos e hábitos nada saudáveis para o desenvolvimento do raciocínio e da inteligência das crianças, adolescentes e jovens. (Antônio José LOPES, 2015)

Dizem alguns que se o mestre for “imparcial” não terá nada a temer. Ilusório. Basta, por exemplo, que um professor de história chame – como deve chamar – a tomada do poder pelos militares em 1964 de golpe para que ele se torne suspeito e, eventualmente, venha a ser punido. E ele não fez mais do que chamar a coisa pelo nome. Existe um clima inquisitório nas escolas. Os professores temem dar aulas. Principalmente os de ciências humanas. (Ruy FAUSTO, 2019)

IMPRESSONANTE

Tirei importantes conclusões quando conheci o sistema educacional de Cuba. Os números lá são impressionantes. Esteja você de acordo ou não com o regime do governo cubano, eles conseguiram coerência entre projeto político, educação e formação de educadores. A educação, em si mesma, não serve para nada. Ela tem de servir a um projeto de sociedade. A Coreia do Sul, por exemplo, tinha 60% de analfabetismo nos anos [19]50. (Bernardo TORO, 2002)

É impressionante como as pessoas têm dificuldade de pensar. Eu estava lendo um texto do Alexandre Garcia em que ele satirizava a questão do elevador. A luz com a seta para baixo quer dizer que o elevador vai descer. No entanto, é muito comum as pessoas apertarem os dois botões, sendo que elas vão ou subir ou descer. Quando o elevador para com a seta para baixo perguntam: “Vai descer ou vai subir?”. Isso quer dizer que não são capazes de perceber o que um signo, uma luz com seta para baixo, significa. Com o texto escrito a dificuldade é a mesma. (Pasquale CIPRO NETO, 2004)

15% dos professores pensam na possibilidade de ter de mudar de profissão no futuro devido a um problema de voz. Quando a mesma pergunta foi feita a não-professores, menos de 0,5% consideraram essa possibilidade. Tal dado é impressionante se pensamos que o docente está nessa profissão praticamente por uma escolha de vocação e até mesmo de missão, já que os salários estão achatados e o reconhecimento social, assim como o prestígio, não são os mesmos de décadas anteriores. (Mara BEHLAU, 2007)

O crescimento da comunidade científica no Brasil, nas últimas décadas, é impressionante. Em 2005, mostramos isso numa exposição. O número de pesquisadores competentes cresceu, principalmente na década de [19]70, com o aumento de verbas para pesquisa. O Brasil hoje é responsável por 2% da produção científica do mundo, número muito alto, se comparado ao de 30 anos atrás, que era de 0,3%. [...] A educação no Brasil seguiu as necessidades das universidades, que recebem, proporcionalmente, a maior verba de todas as instituições de ensino públicas. (Ernst HAMBURGER, 2007)

Dia desses nós marcamos uma festa para um domingo. Seria um encontro repleto de atividades envolvendo a comunidade, uma festa cívica com pais, alunos e professores. Nós tivemos que desmarcar a festa porque os professores não iriam comparecer porque não receberiam hora extra para trabalhar no domingo. É impressionante. Tratava-se de um trabalho voluntário. Nós arrumamos até uma banda de música para as crianças desfilarem. Meu Deus, os professores não são capazes de fazer um trabalho voluntário, estes caras estão dando aula para crianças! (Heródoto BARBEIRO, 2008)

O professor acha que não consegue ensinar, e seu trabalho se torna infrutífero. Tudo isso tem um custo enorme, político e econômico. [...] Na escola pública, você está investindo de novo, a cada ano, no repetente. Cada vez que ele repete o ano, o Estado coloca mais recursos no aluno. E dobra o valor se repetir três vezes. Esse era o principal nó. O custo é impressionante: milhões de reais que quase não aparecem, se diluem no meio de milhões de crianças. (Margareth GOLDENBERG, 2008)

Eu diria que se lê mais com a internet. Ela cumpre a função hoje que o livro impresso cumpriu quando se inventou a imprensa. Gutenberg popularizou e democratizou o acesso aos livros. Agora, o acesso à escrita ficou mais fácil. Os jovens mandam e-mails, mas não mandariam cartas uns para os outros. Bem ou mal, eles estão usando a linguagem escrita e a leitura literária. A quantidade de *blogs* sobre autores e de jovens que estão montando um site em vez de escrever um livro é impressionante. (Marisa LAJOLO, 2008)

[O professor] tem de tomar cuidado com os *sites*, porque às vezes eles são pouco adequados. O próprio mundo que cerca o aluno tem muita coisa. Tem um trabalho interessantíssimo que algumas professoras da escola pública fizeram com folhetos de supermercado. A quantidade de inglês que tem nessas propagandas é impressionante. Tem outra experiência de uma professora que também pegou propagandas de supermercado, mas em um jornal em inglês. (Maria Antonieta CELANI, 2009b)

No filme *Meninas*, da Sandra Werneck, ela acompanha cinco moradoras de favelas do Rio de Janeiro, grávidas na adolescência, que querem ter seus filhos. Apenas em dois casos o pai assume, mas é muito impressionante como ao longo da gravidez elas apresentavam um discurso do tipo: “Agora eu vou cuidar do meu filho”, como se dissessem que agora iam colocar um limite na disponibilidade. E, depois que nasciam, os filhos ficavam com as avós e elas voltavam aos bailes *funk*. Porque você não amadurece só porque teve um bebê. (Maria Rita KEHL, 2009)

[Os pais] estão desesperados para aumentar as chances de seus filhos na vida, por isso exigem um ambiente educacional e resultados perfeitos. É impressionante como os pais de todo o mundo agora vão às escolas para se queixar quando o seu filho não está no topo da classe. Conheço um casal que tirou seu filho de uma escola primária de Londres quando o professor se recusou a incluir a criança no programa de alunos superdotados. Os pais estavam convencidos de que seu filho era o próximo Einstein. (Carl HONORÉ, 2010)

O cigarro vem diminuindo, o que é um dado positivo. Existe uma conscientização maior da população. Já o consumo do álcool é algo impressionante, que vem subindo. Justamente porque a permissividade é enorme. [...] O padrão de uso não é diário, é menos frequente. Mas o usuário-problema é aquele que bebe mais de uma vez por semana. O álcool tem uma ação neurotóxica seríssima. E, mesmo o uso de álcool apenas nos finais de semana, em grandes quantidades, é sempre preocupante pelos danos envolvidos neste padrão de consumo. (Dartiu XAVIER, 2010)

O Brasil está dando um salto impressionante em matéria de educação, mas ainda lhe resta muito a fazer na construção e na consolidação da escola pública e da profissão docente. Além disso, as deficiências escolares de ontem pesam hoje como “deficiências familiares”, como condicionamentos sociais que colocam muitos alunos em dificuldade diante da escola ou, no mínimo, não os ajudam a ter êxito. (Mariano Fernández ENGUITA, 2012)

No caso da idade, o corte é muito impressionante: o aluno está na escola, com dificuldades, reprovando. Quando chega ao ensino médio, o que acontece? Às

vezes, ele está com quase 17 anos e, nessa idade, ele já arruma “bico” de tudo quanto é lado. A escola é o que menos atrai esse garoto. E, aos 18 anos, você perdeu esse aluno. Mais tarde, o que vai acontecer: [o jovem] arranhou emprego, com carteira assinada, mas não terminou o ensino médio? Então vai “carregar caixa” pelo resto da vida. (Mariana CALIFE; Tufi Machado SOARES, 2014)

Tenho esperança porque conheço professores valorosos que, apesar das adversidades, teimam em seguir adiante. Dou muitas palestras, o que me permite ter contato com um grande número de professores do País. É impressionante como eles querem melhorar sua formação profissional. Sou um entusiasta da produção da comunidade de educação matemática. Por tudo isso, o lado cético não consegue se sobrepor ao lado otimista. (Antônio José LOPES, 2015)

Em relação ao uso geral de dispositivos eletrônicos – uma aluna minha acabou de defender uma tese sobre isso, relacionada ao sono – é impressionante o número de horas de uso. Quando vi os dados internacionais que dizem que uma criança de 8, 10 anos fica entre 10 e 12 horas em contato com uma tela, achava absurdo. Mas fizemos esse levantamento aqui no Brasil, um estudo epidemiológico em Curitiba, e deu o mesmo resultado. Se pensarmos que a criança passa outras 8 horas dormindo, ela fica muito mais diante de uma tela do que de outras coisas. (Fernando LOUZADA, 2017)

ESPANTO

Outra coisa que causa um certo espanto é o sentimento de que os alunos são conduzidos para produzirem uma opinião coletiva sobre os livros. Eu não sei se isso é resultado da influência das fichas que os livros trazem. Além de dirigirem a leitura, elas fazem as crianças lerem para procurar respostas para as pesquisas que a ficha apresenta. Isso significa que o aluno não lê para si mesmo; lê para as fichas, para responder perguntas que outros fizeram. Às vezes eu mesmo não sei responder às pesquisas das fichas. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis Viana, 1995)

Quando fui fazer o mestrado em educação, dentro do Primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação – 1º PNPG –, fiz questão de, no primeiro dia de aula, me apresentar como professora de jardim de infância, embora já estivesse dando aula em algumas faculdades isoladas aqui no Rio [de Janeiro]. Havia, na turma, professores universitários, pessoas que trabalhavam em administração de universidades públicas, em Secretarias de Educação. Todos fizeram cara de espanto, como se quisessem perguntar: “O que faz uma professora de pré-escola num mestrado em educação?”. (Sônia KRAMER, 1995)

Desci do ônibus em frente a uma loja de peças de automóveis e em cima do balcão havia 50 livros. Eu entrei na loja e perguntei ao dono se ele estava abrindo um sebo. Ele disse que não, que os livros eram para doação. Fiquei espantado porque tinha *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *História do Brasil*, do Pedro Calmon e outros tantos. Perguntei três vezes se os livros eram mesmo para dar e então ele me disse que podia levá-los, se quisesse. Coloquei os livros em um saco. fiz o meu serviço e voltei para casa com os 50 livros. E comecei a pensar. (Evando dos SANTOS, 2002)

Creio sinceramente que dispomos de um corpo de conhecimentos muito significativo e consolidado sobre os processos que nos permitem ler e compreender, como também sobre o processo que nos torna bons leitores e sobre as razões que levam alguns alunos a não ler ou não compreender bem. O salto que demos nos últimos 25 anos é realmente espantoso. (Emilio Sánchez MIGUEL, 2004)

A técnica pede às pessoas que a empregam um repertório muito elementar, que pode ser adquirido em três meses. Mas, se eu não lidar com o ser humano, acabo criando uma situação espantosa, na qual não se pode prever nem sequer um verdadeiro desenvolvimento. Essas pessoas serão sempre executoras e nunca criadoras, porque não terão desenvolvido nem uma inteligência problemática nem uma consciência de si, nem um sentido moral, que se adquire com a literatura, a filosofia e a arte. (Umberto GALIMBERTI, 2007)

Existem alguns [alunos] que não reagem muito bem. Se estão habituados a não trabalhar, quando aparece uma proposta que faz com que eles pensem por si próprios, nem sempre reagem de maneira muito favorável. Isso acontece, sobretudo, com as turmas mais problemáticas, mas, por vezes, o professor consegue “dar-lhes a volta”, e esses alunos mostram capacidades espantosas. (João Pedro da PONTE, 2007)

Aquele professor antigo, que dava a matéria todo ano repetindo a mesma coisa, foi dando um tédio, um emburrecimento. Há de se fazer alguma coisa que desperte nos professores novos horizontes. Eu uso várias imagens para me referir aos educadores e agora estou trabalhando com a do professor de espantos. Uma de suas tarefas é mostrar o mundo para os alunos se espantarem, para eles aprenderem a ter “olhos diferentes”, problematizarem-se para o mundo, para que a vida fique interessante. (Rubem ALVES, 2009)

O índice de leitura cresce em função de escolaridade e de renda. Houve um aumento espantoso de pessoas com nível universitário na população brasileira. Em 2000, de acordo com o Censo do IBGE, tínhamos 10 milhões de pessoas com o ensino superior concluído. Em 2006, eram mais de 15 milhões, um aumento de 50% em seis anos. Ou seja, temos outras mãos que poderão funcionar como esse agente multiplicador da leitura. (Sonia Machado JARDIM, 2009)

Quando conheci aquela nova literatura infantil fiquei espantada, porque a problemática que eu via nesses livros, absolutamente simples, engraçada, era justamente a problemática que já estava nos romances adultos, há anos. Percebi que os novos valores estavam de tal maneira sendo vividos que os escritores podiam transpor a problemática existencial para as crianças, de uma maneira lúdica, fácil. (Nelly Novaes COELHO, 2010)

A neurociência moderna veio mostrar que existe em nosso cérebro um conjunto de estruturas e circuitos voltados ao controle da interação social. Como somos uma espécie essencialmente social, esse fato não deve causar espanto. Ocorre que tais estruturas e circuitos só se desenvolvem na criança à medida que ela vai interagindo com outras pessoas ao longo do seu desenvolvimento. (Ramon M. COSENZA, 2011)

É preciso entender o PISA em seus termos justos: são provas padronizadas sobre determinadas competências dos alunos que se aplicam de forma homogênea em países de situação social e cultural muito diferente. Os resultados não devem espantar: nos países cuja população tem maior nível educativo e cultural, onde existem menores diferenças entre os distintos setores sociais e culturais e existem altas expectativas sobre a educação, os alunos costumam obter os melhores resultados. (Alvaro MARCHESI, 2012)

Ela [a escola] não precisa competir com a internet. Se o fizer, vai perder. Isso é fato. A riqueza e a abrangência de um *site* de busca, por exemplo, são espantosas. Resultados da fronteira da ciência entram na casa das pessoas pela tela do computador. O ambiente escolar tem de fazer uso disso. A função da Educação é sistematizar, estruturar o conhecimento. (Luís Carlos de MENEZES, 2013)

Não sou antropóloga, mas percebo que levou certo tempo, talvez, para que essa voz de resistência política também ganhasse a sua dimensão literária. E até mesmo para que recebesse aceitação para publicação e divulgação pela mídia e pelos meios acadêmicos. Esse desconhecimento da literatura indígena permanece. Sou chamada para falar sobre isso às vezes, e as pessoas se espantam quando digo que há autores indígenas escrevendo no Brasil hoje. (Janice THIÉL, 2014)

Quando a criança fazia algo que eu não dava conta na escola, chamava o responsável, mas começava elogiando o filho, dizia um monte de ações positivas e me colocava à disposição. Depois relatava o episódio e já dava algumas técnicas possíveis. No momento em que a criança melhorava, eu chamava os pais de novo. Às vezes, eles se espantavam, mas eu queria que eles tivessem essa experiência. O ruim é quando polariza e vem a pergunta: “De quem é o problema?”. Não é um problema, é uma criança. (Milena ARAGÃO, 2015)

Guimarães Rosa entende o ser humano como parte da natureza, que interage com os elementos e outros seres para tecer os fios da grande teia da vida. Ele resgata a concepção de natureza por inteiro, como um ambiente social e culturalmente construído e integrado. A natureza não está longe, nem fora, nem ao redor, não impõe medo, nem espanto, nem afasta as pessoas: “O ser-tão é dentro da gente”. (Mônica MEYER, 2016)

INSPIRAÇÃO

Sei que às vezes os professores ficam muito desanimados com essa situação de quase escravidão em que vivem. Sei que é preciso uma luta para mudar esse quadro. Mas eles devem procurar inspiração no próprio aluno. Olhando para ele, a gente sempre vai encontrar alguma mensagem e seremos capazes de reformular um pouco as coisas. Não é verdade que nenhum aluno esteja interessado em aprender língua estrangeira. A criança tem curiosidade, gosta de outras coisas. (Maria Antonieta CELANI, 1989)

É pelo registro, pela documentação do que as crianças dizem, pela possibilidade de olhar o trabalho através das crianças que se vai consolidando a pesquisadora professora. Acredito que a pesquisa se faz no trabalho docente. Interessa-nos a relação de ensino e a dinâmica que se vai tecendo entre a professora e os alunos, quando os dois lados aprendem. Isso sempre foi algo que eu achava bonito, e era inspirado por Paulo Freire. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

Os PCN tiveram inspiração espanhola e colombiana. O sistema de avaliação teve muito das fundações de avaliação norte-americanas. O sistema de avaliação mais geral, do ensino superior e da pós-graduação, teve muito do modelo inglês. Tem também muita experiência alemã, francesa, buscamos inspiração em outros países, mas com nossos critérios e mecanismos. (Paulo Renato SOUZA, 2002)

Quando não têm opção, [os professores novatos] inspiram-se em seus antigos mestres, que foram formados em instituições antigas, arcaicas, que ainda não incorporaram a escola democrática, acolhedora de estudantes diferentes, com problemas diversos. Não se pode receber da mesma maneira aquele que chega atrasado porque à noite foi para a farra, o que chegou tarde porque trabalhou até de madrugada no dia anterior ou o que faltou por precisar cuidar dos irmãos por motivo de doença da mãe. (Catherine BLAYA, 2003)

Tenho agido de acordo com as minhas descobertas. Encontro inspiração em autores como Schiller, nas *Cartas Estéticas*. É um pensamento ou outro. E em Walter Benjamin, que diz: “Verdadeiramente revolucionário é o sinal secreto do vindouro, o qual fala pelo gesto infantil”. Foram frases como essas que bateram como um raio, despertando ou confirmando em mim um sentimento que eu tinha e não via em lugar nenhum. (Lydia HORTÉLIO, 2003)

É um cacoete que temos no Brasil, o de querer buscar e aplicar aqui soluções e modelos que funcionam lá fora. Na grande maioria das vezes, não funciona. A gente tem que buscar entender quais são os nossos problemas, os contextos em que eles se encontram, quais as nossas deficiências e, aí sim, buscar programas que se adaptem a eles. Talvez haja exemplos no exterior que a gente possa usar como inspiração, mas não implementar aqui em sua totalidade. (Gustavo IOSCHPE, 2008)

Meu interesse por educação crítica surgiu nos anos 1970. Nessa época, a inspiração vinha diretamente dos movimentos estudantis, como o de 1968. No início, a educação crítica teve um forte apelo no Ensino Superior. Ela desencadeou uma reação contra o chamado currículo conduzido pelo professor e contra as aclamadas neutralidade e objetividade da ciência. Os estudos

universitários deveriam, então, ser organizados segundo diretrizes políticas e servir para desenvolver a justiça e a igualdade. (Ole SKOVSMOSE, 2008)

Nada substitui um bom professor. Nunca me esqueço dos meus bons professores. Essa relação é insubstituível. Pessoas inspiram pessoas. Mestres formam pessoas. Museus são instrumentos, equipamentos e mecanismos de linguagem que, nas mãos de bons mestres, podem potencializar e ampliar o interesse de alunos pelo aprendizado, mas museus nunca substituirão escolas. Museus são vitrines, não cozinhas. E as mentes precisam ser longamente cozidas na panela que é a cultura de um país. Museu é forno de micro-ondas. (Marcello DANTAS, 2009)

As tecnologias são muito importantes e têm contribuído para algumas mudanças no ensino e na aprendizagem. Mas elas, por si só, não alterarão o nosso modelo de escola. Se perdermos o sentido humano da educação, perdemos tudo. Só um ser humano consegue educar outro ser humano. Por isso tenho insistido na importância das dimensões pessoais no exercício da profissão docente. Precisamos de professores interessantes e interessados. Precisamos de inspiradores, e não de repetidores. (António NÓVOA, 2010)

No século XVII, Jan Amos Comenius escreveu que a disciplina na escola, embora necessária, não teria a força para inspirar os alunos a aprender. Seria a qualidade do ensino o elemento capaz de inspirar, ou não, os alunos. Penso que, sob essa abordagem, a indisciplina deveria ser interpretada mais como necessidade de avançar nas experiências de aprendizagem do que no controle do comportamento dos alunos. Essa é uma ideia antiga, mas ainda valiosa. (Joe GARCIA, 2011)

Paulo Freire diz que a gente só efetivamente se compromete quando se vê ensopado, mergulhado, molhado naquilo que faz. Como ele é uma grande referência para mim, eu me inspiro nele e não tenho receio algum no que estamos fazendo, acreditamos nisso ideologicamente, com muita garra e honestidade. O ENEM, pelas suas amplas possibilidades de utilização, vale os riscos que corremos pelo avanço na democratização da educação do nosso país. (Malvina TUTTMAN, 2011)

Veja as crianças que vivem em um clima de extrema violência urbana, no qual a expectativa de vida é de 25 anos. É natural que elas não acreditem na educação, não faz sentido nenhum para elas. Por isso precisamos encorajá-las, dar-lhes mais elementos para que entendam o valor da educação. Isso virá da inspiração, que deve ser inculcada pela escola e pelo professor. (Brian PERKINS, 2013)

Quando os professores sentem-se sem apoio ou estressados em seu ambiente de trabalho o hormônio cortisol, debilitante, é liberado. Esse hormônio impacta a clareza do pensamento, a criatividade e a capacidade de focar. Isso diminui a capacidade do professor de desenvolver uma pedagogia inspiradora e um relacionamento motivador com seus alunos. A performance dos alunos e dos professores sofre juntas. (Yvette JACKSON, 2015)

E quando os professores começam a ver as transformações tão rápidas que ocorrem quando colocam cestas de livros, ou quando criam um espaço para que aconteçam coisas com os livros, começam a ver os vínculos e o quanto as crianças os desfrutam, é aí que tudo começa a ser construído. Obviamente, devem-se

formar os professores, mas muitas coisas que proponho estão relacionadas a um ambiente que seja inspirador. (Yolanda REYES, 2015)

Atualmente, inspirado em países como Finlândia, Coreia do Sul e Itália, o Brasil tem buscado inovar no que diz respeito ao ensino. O país está procurando copiar modelos que existem em outros cantos do mundo, mas não é só isso, há uma veia inovadora buscando evoluir com base nessa inspiração. Penso que é muito interessante, visto que copiar não é se apropriar, porque, antes de copiar, é preciso adaptar o modelo ao contexto cultural do Brasil. (Abdeljalil AKKARI, 2016)

FRUSTRAÇÃO

Eu tenho a impressão de que isso [o trauma da matemática] se deve ao enfoque que se dá à Matemática, no sistema escolar. A matéria tem sido apresentada como uma coisa pronta, acabada e congelada em sua própria estrutura no sistema escolar. Com isso, entra-se num processo de rejeição, que se manifesta através do mau aproveitamento. Muita gente desiste e adquire esse sentimento de frustração. Você não é o único, e o Brasil não é o único lugar onde isso acontece. (Ubiratan D'AMBROSIO, 1997)

O trabalho com os estudantes implica estar sempre compreendendo gerações que nos põem em conflito permanente com nossos sistemas de valores. Precisamos nos manter joviais para poder tentar entender como pensa o jovem, como raciocina. E preciso ajudar o professor de certa idade a compreender que os jovens de hoje não são como nós, porque eles são como são. [...] Acredito que esse é um elemento de frustração para o professor, que deveria ter um espaço de apoio onde trabalhá-lo. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

O que vemos são jovens que, além de não saberem Matemática, nem saberem ler ou escrever, não sabem se comportar de maneira sadia, além de estarem desde muito cedo envolvidos com bebidas alcoólicas. E a responsabilidade disso é de quem? Da escola? Isso não se pode aceitar! É uma frustração impossível de ser transformada. Daí a necessidade desse envolvimento mais global da sociedade: cada um que se ocupe de algo específico em seus respectivos cenários. A escola deve ficar somente com a cota que lhe caiba e que lhe permita atuar. (César COLL, 2002b)

Valorizar a educação como um meio para melhorar de vida e ao mesmo tempo para aumentar a competitividade das empresas nacionais é uma ideia há um bom tempo incorporada à cultura do nosso povo e dos nossos dirigentes. [...] Entretanto, pensando na realidade brasileira, de um lado existe a dificuldade material de mandar os filhos para a escola, em muitos casos porque ajudam na renda familiar. De outro lado, existe, a consciência da importância da educação, que aumenta a frustração de pais, mães e crianças impossibilitadas de estudar. (Antonio Helio Guerra VIEIRA, 2002)

Há casos mais diretos [de violência escolar], coisas do tipo “ou você me dá a nota ou eu te dou um tiro”. Conheço professores que tiveram de tirar licença por causa de ameaças de alunos. Essa violência institucional também se apresenta na exclusão social que a escola cria. A escola brasileira é profundamente excludente, causa uma frustração enorme no aluno que não pode continuar os estudos ou que não consegue entrar na universidade. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

Os recursos para atender às necessidades afetivas – ou frustrações de uma criança de cinco anos – não são os mesmos utilizados para atender a um adolescente de treze, catorze ou quinze anos, quando o nível de frustração que trazem de seus grupos sociais pode chegar a ser totalmente inabordável pelos meios escolares habituais. [...] Há um grande nível de frustração social que se canaliza através da juventude e que se nota, sobretudo, em certos meios sociais. (Liliana TOLCHINSKY, 2004)

Existem duas categorias de professores. Os que têm consciência de sua inércia e não descobrem ânimo para superá-lo e os que, absolutamente alienados, não percebem que seu tempo passou e que os alunos o suportam, mas jamais o admiram. Os primeiros sentem-se frustrados, mas sabem que com entusiasmo, dedicação, leituras e experimentos podem sair da situação em que se encontram. Os segundos fazem da frustração uma rotina e não buscam outras maneiras de viver. (Celso ANTUNES, 2007)

O concurso público significa a mesma coisa: saudade do emprego. Saudade da estabilidade. No entanto, se você ainda tem a ilusão desse emprego, a possibilidade de frustração é muito maior. Você concorre num concurso contra 400 mil candidatos, e essa fantasia será atendida por 30 pessoas. As outras todas estarão frustradas. Não é um bom caminho. Não é uma boa escolha. (Wanderley CODO, 2010a)

[O professor iniciante] acredita que precisa desempenhar muitos papéis e que não tem formação para tal. Reclama que assume a função de pai e psicólogo e diz que não tirou o diploma para ficar ouvindo a meninada. É professor e está na escola para ensinar. Outra frustração tem a ver com a pouca participação da família. Quem está começando espera muito dos pais das crianças e dos jovens. Quer que eles ajudem na lição de casa, verifiquem o que o filho está aprendendo e fica desapontado quando nota que isso não ocorre. (Marli ANDRÉ, 2013)

Considero complicado dizer de maneira específica porque dedico a minha vida ao tema das crianças. Mas vou tentar enunciar alguns elementos. Um deles foi, com certeza, minha própria relação com a escola. Na minha infância, a escola foi negativa, me deu pouco, foi chata, e acabei não gostando dela. Penso que essa frustração infantil motivou o nascimento da cara irônica e satírica dos meus desenhos e cartuns relacionados à infância. Busco mostrar a educação de maneira divertida. (Francesco TONUCCI, 2013)

Vemos jovens que chegam com bastante informação e conteúdo, mas com características que não combinam com o trabalho hoje. Exemplo disso é a baixa resiliência e a fraca resistência à frustração. No mundo profissional, muitas coisas dão errado antes de dar certo. Em vez de persistir e enfrentar desafios nas posições em que estão, parece mais fácil aos jovens de hoje procurar outra oportunidade, na esperança de que na empresa ao lado, ou com o próximo chefe, tudo será perfeito. (Maíra HABIMORAD, 2014)

As políticas de ações afirmativas, tal como essa [cotas para negros na universidade], são, na minha opinião, excelentes, embora onde quer que esse tipo de ação tenha sido instaurada sempre provocou críticas. Um dos argumentos consiste em dizer que essas iniciativas geram sentimentos de ressentimento e de frustração nos brancos, que dizem: “Vejam, só os negros têm vantagens, ao ganhar as melhores vagas sem merecer”. (Pap NDIAYE, 2014)

A adolescência ganhou muita importância na nossa sociedade, passou a ocupar um espaço de destaque. As crianças pequenas querem logo ser adolescentes, as pessoas adultas querem fazer coisas parecidas com os adolescentes, como colocar *piercing*, tatuagem etc. Os filhos passaram a ter uma centralidade na vida dos pais muito distinta do que nós tivemos. Não é uma questão de serem mais ou

menos amados. Há um desejo de que eles não se frustrem. Talvez lá atrás os pais contassem com a frustração como algo formativo. (Sonia BARREIRA, 2017)

Mais de uma vez chegaram ao meu consultório pessoas pedindo ajuda para deixarem de ser tímidas ou tão sensíveis, como se timidez e sensibilidade fossem defeitos, como se ser extrovertido e “estar de bem com a vida” fossem virtudes a serem alcançadas. [...] Ser “descolado”, “antenado”, “alto astral”. E é por isso que há tantas pessoas com dificuldades enormes em lidar com a própria dor, com a frustração, com a vida, que é repleta de acontecimentos tanto prazerosos quanto doloridos. Sinto muito, não dá para mudar isso. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

A fotografia, sobretudo a da educação básica, ainda está longe de ter a nitidez necessária, apesar de termos triplicado o investimento por aluno nos últimos 20 anos. Algumas coisas poderiam ter diminuído essa frustração. Em primeiro lugar, a gente jamais profissionalizou a gestão da educação. Depois, vem a não responsabilização pela falta de apresentação do resultado. (Mozart Neves RAMOS, 2018)

SATISFAÇÃO

Tenho podido constatar a explosão de entusiasmo e os momentos de prazer, satisfação e realização profissional quando eles [os professores] descobrem que seus alunos são “inteligentes”, que podem buscar livremente a satisfação de sua curiosidade sobre os conhecimentos, que conseguem “inventar”, que vencem as dificuldades de aprender e de compreender conceitos, regras e fórmulas difíceis ajudando-se mutuamente. (Léa FAGUNDES, 2003)

No processo educativo [em Cuba], a criança é o protagonista, o que não quer dizer que ela deva fazer o que quer. O educador deve conceber ações educativas em função de necessidades e interesses das crianças, para obter uma participação ativa e cooperativa. Não como algo que a criança se limita a receber, mas como ações que ela deseja realizar e vão trazer satisfação. (Olga Franco GARCÍA, 2005)

A escola ideal é aquela que faz sentido para todos e na qual o saber é fonte de prazer. Isso não quer dizer que dispense esforço. O esportista, para ter satisfação, se empenha muito. Ainda hoje, um grande número de professores pensa que sua função é dar respostas, mas elas não significam nada se não houve um questionamento anterior. Os estudantes estão decorando coisas que nem sequer entendem. O trabalho do professor é fazer nascer novas questões e o interesse pela escola. (Bernard CHARLOT, 2006)

O poder transformador do jogo permite duas situações na cultura de pares: que as crianças façam coisas juntas e que tenham uma sensação de maior controle sobre as suas vidas. Com frequência, essa experiência é diferente da vida que as crianças têm com os adultos. Quando elas precisam obedecer a regras, utilizam o poder da linguagem para criar coisas, e isso traz satisfação emocional, porque estão fazendo e criando juntas. (William CORSARO, 2007)

A Educação vai virar um valor social quando mais gente – não importa a área de atuação, empresário, sindicalista, intelectual – perceber que é preciso melhorar a qualidade do ensino e que esse engajamento tem impacto sobretudo na vida das famílias mais humildes. Hoje, as pesquisas realizadas com pais de alunos de escolas públicas mostram que eles estão satisfeitos com a qualidade. Precisamos conscientizá-los de que ainda há muito a avançar. Infelizmente, essa é a realidade do país. (Fernando HADDAD, 2008)

Os [professores] novatos estão entusiasmados com o novo emprego e estão empolgados com a oportunidade de ensinar. Os mestres no meio da carreira já viram de tudo e estiveram, durante anos, expostos aos diversos problemas e limitações. [...] Eles já conhecem o trabalho, sabem o que precisam e o que querem, mas não como os veteranos. Estes já sabem os truques para conseguir o que buscam. Além disso, os veteranos são sempre escolhidos para este ou aquele cargo de liderança, são os mais ouvidos pelos diretores, se tornam satisfeitos com as tarefas. (Eric HIRSCH, 2008)

Um professor nunca deve atralhar com juízos de valor a satisfação que o aluno está tendo com a leitura – seja qual for o texto, de puro entretenimento ou de estudo. Ele não deve também desprezar a opinião do estudante – que é tão

legítima quanto a dele, com a única diferença de que o mestre tem um grau de informação maior. (Joel Rufino dos SANTOS, 2008)

Fiz uma pesquisa com as escolas da rede Pitágoras, que são instituições de todo tipo, mas em média bastante boas. Uma das perguntas era o nível de satisfação dos professores: mais ou menos 80% estavam satisfeitos. Há pouco tempo foi feita uma pesquisa com professores da rede pública: 80% de insatisfação. E qual é a diferença de salário? Na média, 10% a favor do público! (Claudio de Moura CASTRO, 2009)

Em 2007, Maria Thereza Perez Soares [...] realizou uma pesquisa sobre valores de professores, tendo na sua amostra indivíduos de vários estados brasileiros. Em geral, eles afirmam ter boas condições de trabalho, estar satisfeitos com sua profissão, que, para mais de 80%, corresponde a uma vocação. Porém, há duas queixas. A primeira: 53% dos professores avaliam que a relação com os alunos é marcada pelo desrespeito destes últimos para com eles. A segunda: 79% pensam que a sociedade não os valoriza. (Yves de la TAILLE, 2009)

Satisfação pessoal não é suficiente para enfrentar barreiras como a falta de estrutura e de reconhecimento. [...] Muitos alunos entram nos cursos de licenciatura dizendo que não querem ser professores. A falta de incentivo para se dedicar ao ensino é muito grande, levando muitos potenciais candidatos a escolherem cursos que prometem perspectivas profissionais melhores. Quando o magistério for adequadamente valorizado, a procura crescerá naturalmente. Esse é um fator que ajudará a melhorar a educação. (Gerson MÓL, 2011)

[A sociedade] está erroneamente satisfeita com a qualidade da educação. O pai está satisfeito com a escola pública do filho e acredita erroneamente que essa qualidade do ensino é muito boa. Em pesquisas do Inep, por exemplo, a nota que esses pais dão para a qualidade da escola, de zero a dez, é 8,6. É um absurdo. A gente sabe que o IDEB é 4 no nono ano [do ensino fundamental] e 3,6 no ensino médio, então não dá pra dizer que é 8,6. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

Até hoje, os professores são respeitados, e seu trabalho é considerado o mais importante no Japão. Isso leva ao comprometimento do profissional. Os professores são comprometidos porque se sentem satisfeitos, valorizados e respeitados. E é importante frisar que a satisfação deles não se deve apenas à sua autorrealização. Eles são felizes e compromissados por verem a melhoria dos seus alunos e por entenderem o seu papel na formação da nova geração, o valor que têm na construção do futuro. (Kazushiro YOSHIDA, 2012)

Outra questão na qual o *coaching* pode ajudar é o fato de que hoje um professor não é apenas alguém que dá aula, mas sim [alguém] que tem um conjunto muito mais complexo de atividades, que vão desde a gestão à investigação, passando até mesmo pelo atendimento a pais de alunos. Além disso, usar um *coach* pode apoiar o professor e [ajudá-lo a] ser mais eficaz e eficiente e, simultaneamente, a ter mais momentos de satisfação na sua vida. (Susana AZEVEDO, 2013)

Cabe aos líderes, em um esforço contínuo, identificar quais são os fatores que afetam o bem-estar, a motivação e a satisfação dos membros de sua equipe, oferecendo condições favoráveis de trabalho para que as pessoas estejam não

apenas sintonizadas e alinhadas com a missão da instituição, mas também comprometidas com a efetividade nos resultados. O gestor deve contemplar propósitos para que as pessoas sintam-se fazendo parte de algo importante e relevante. (Sonia Simões COLOMBO, 2015)

Quando eles [os professores] aplicam as metodologias [de aprendizagem criativa] com seus alunos e veem os olhos brilhando, isso reenergiza os professores. Hoje em dia, os alunos são infelizes porque a escola é chata e os professores vivem uma batalha porque terão de “enfrentar” esses estudantes. Ninguém sai satisfeito. Na aprendizagem criativa, reverte-se essa situação. É o prazer de ensinar e o prazer de aprender no mesmo espaço. (Leo BURD, 2019)

MOTIVAÇÃO

A coisa mais terrível é quando não desafiamos os estudantes o bastante. Já vi jovens estudantes que, no primeiro ano de escola secundária, queriam desafios, trabalho, esperavam dever de casa, e ficavam decepcionados. Os professores, por diversos motivos, não estavam exigindo deles, não os estavam desafiando, não passavam dever de casa. Os estudantes então reagem. Perdem a motivação. E, uma vez perdida a motivação, é muito difícil recuperá-la. (Peter MORTIMORE, 1995)

Uma boa escola para adolescentes é aquela em que eles se sentem motivados para ter êxito e sentem que pertencem (a ela). [...] Uma boa escola para adolescentes não substitui o cuidado pelo controle, nem confunde as duas coisas. Ela não traduz a necessidade de independência dos alunos em uma cultura de indiferença dos professores, na qual os alunos são completamente deixados por sua própria conta sem interferência do professor. (Andy HARGREAVES, 2001)

A maior parte dos professores brasileiros, infelizmente, confunde aula com aula expositiva, e essa é apenas uma maneira de dar aula. [...] A ferramenta do professor é a aula, mas se ele tem apenas a aula expositiva como ferramenta, muitas vezes isso é fator de monotonia. Por isso, às vezes o aluno tem um grau de motivação na primeira aula do dia que não apresenta no final e assim por diante, porque há uma repetitividade de conceito nesse processo. (Celso ANTUNES, 2003)

A motivação tem de vir de dentro. Ele [o professor] deve perceber a importância do seu papel, se ver realmente como o grande agente educador da sociedade. Quando a pessoa resolve que vai ser professor, tem de ser por opção, e não por falta dela. Ele pode acabar se vendo também como muito mal pago para fazer tudo isso. Eu concordo, mas infelizmente não sou eu o pagador. Eu estou tentando dizer que ele pode encontrar uma maneira de não ser tão mal pago. (Simon FRANCO, 2003)

[A motivação] é um instrumento didático que torna o professor um elemento educativo, com capacidade de contagiar através de persuasão. Uma vez que toda informação é apresentada com emoção, é mais fácil de ser assimilada e difundida, não só no mercado educacional, mas em todos os contextos de expansão de informação. A motivação é hoje elemento primordial. Ela tem efeito contagiante, auxilia na credibilidade, mostra empenho e demonstra carisma, assim como interesse nos alunos. (Cesar ROMÃO, 2003)

Na rede pública, principalmente, os [professores] mais antigos são os menos motivados. Os que possuem de oito a 21 anos de profissão formam o grupo prioritário para um trabalho de motivação. Não adianta oferecer cursos de aprimoramento profissional ou seminários se o professor não tem motivação. Paulo Freire dizia que “o ensinante é também um aprendiz”. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

A motivação não é uma ciência exata como a Matemática. Porém, é fundamental que a escola desenvolva uma gestão orientada para a motivação dos mestres. O diretor da escola precisa conhecer muito bem sua equipe, identificar o melhor

talento de cada um, o ponto mais propício a ser motivado para que o professor possa dar o melhor de si e para que todos os alunos sejam beneficiados. (João Roberto GRETZ, 2005)

Ciência não é quadro-negro, é uma narrativa feita para entender o mundo em que a gente vive. Escrevendo no quadro-negro você tira a motivação. Não: em vez disso, é preciso levar as crianças para um parque e aí começar a falar de Ciência. Mostrar, por exemplo, uma folha balançando com o vento e falar dos pêndulos. E aproveita para contar a história de Galileu (que descobriu a lei dos pêndulos). Com isso, você contextualiza a lição. (Marcelo GLEISER, 2006)

A motivação é um processo interno do aluno e não envolve mágica, mas didática. Não adianta o professor chegar na frente da sala e dar um show. O processo todo envolve principalmente comunicação, ou seja, a escolha do código adequado para aquela disciplina e para o público em questão. O papel do professor é iniciar esse processo, trazendo coisas interessantes para o aluno, de acordo com a faixa etária. Ligar o conteúdo à realidade tem se mostrado um método bastante eficaz. (Tania ZAGURY, 2006)

Se o professor [de português] souber aproveitar ele vai conseguir, realmente, motivar mais os alunos. O grande problema é se ele conseguir a motivação na parte ortográfica, mas não souber ensinar gramática e texto de uma maneira mais adequada. Porque o que nós temos, ainda, no Brasil é um ensino não funcional da língua. São ensinadas as regras, e acabou. (Antônio Suárez ABREU, 2009)

Se a pessoa não quer fazer nada e não se interessa por nada, isso vem do que a escola oferece. Fora da escola, estas pessoas fazem e aprendem a fazer um monte de coisa. Há uma falta de sintonia entre o que a escola oferece de oportunidade de aprendizado e aquilo que elas querem. É preciso que a educação esteja mais sintonizada com o interesse que as pessoas têm. Na hora que você encontra oportunidade de aprender algo, em geral o problema da motivação está resolvido. (Eduardo CHAVES, 2010)

O declínio da motivação dos alunos que não estão certos de vencer nos estudos é um problema enorme e, para o corpo docente, uma dificuldade considerável. Em muitos casos, se precisaria redefinir o “contrato” entre a escola e a sociedade e, talvez, não esperar demais da escola, que não pode resolver todos os problemas sociais. É preciso também que os que não vencem nos estudos encontrem os meios de vencer em outros sistemas de formação menos escolares. (François DUBET, 2010)

O professor deve ter consciência dos novos recursos que tem à sua disposição para conseguir, primeiro, motivar o estudante e, segundo, conseguir que os estudantes aprendam. O ponto da motivação deve ter um novo olhar, porque a motivação do estudante que temos em sala de aula não é a de que [o conteúdo] que [ele está] estudando agora lhe vá servir no futuro. Essas crianças são instantâneas. Querem conseguir agora mesmo o resultado do que estão aprendendo. (Carlos Marcelo GARCÍA, 2014)

A partir de um ponto, memorizar mais informações não ajuda. O que importa é curiosidade, agilidade, interesse em aprender, tudo isso requer motivação, que

pode começar por uma escola interessante. O mundo está ficando mais meritocrata e aberto às pessoas mais motivadas. Com o mínimo de estrutura e motivação elas podem aprender muito mais *on-line* do que há pouco tempo. Elas podem transformar ideias em filmes, livros ou engajamento sem grandes investimentos e podem expor sem intermediários. (Amanda RIPLEY, 2015)

Mesmo não sendo disruptiva ou inovadora, a EaD cresce devido ao estilo de vida das pessoas, mais atarefadas, com maior acesso à internet, à banda larga. Contudo, é preciso crescer com qualidade. Para atingir a linguagem dessa geração e uma nova EaD, é preciso manter o aluno motivado. Este é o desafio tecnológico da EaD, porque ainda é mais difícil manter o aluno motivado no ensino a distância do que no presencial. (Paulo JUBILUT, 2018)

CHATICE

O papel do mestre é estudar para saber qual intervenção pode fazer para fazer o aluno superar esse estágio [de desenvolvimento]. Às vezes, o professor dá nota, passa ou reprova e não sabe se o estudante aprendeu a fazer uso do conhecimento. Mas também existe o risco de criar situações agradáveis para todos, sair daquela chatice da sala de aula e, mesmo assim, não haver aprendizado. (Elvira Souza LIMA, 2000)

Quando digo que isso [uma aula] seria interessante não quero dizer que será gostoso ou fácil. Pode ser muito trabalhoso e árido. Uma sala de aula é um lugar de trabalho. Se isso também pode dar prazer, ótimo, mas é antes de tudo trabalho. Costumo dizer para meus alunos que “talvez, a aula possa ser chata, mas afinal nós estamos ali para trabalhar e não para nos divertir. Quem quiser se divertir que vá para outro lugar. Vamos ler e depois comentar o texto, por mais chato que seja”. (Sírio POSSENTI, 2001)

A educação é assim. Eu fui professor a vida inteira. O aluno achava Camões chatíssimo, mas o professor orientava – preste atenção, veja isso, aquilo. O aluno, às vezes, tinha de engolir Camões como se toma óleo de rícino. Não tinha outro jeito. No fim de algum tempo, aquilo funcionava. (Antonio CANDIDO, 2002)

Tenho quatro filhos e o menor, o Pedro, de 9 anos, ouve muita música. Outro dia, ele chegou chateado porque a professora estava dando uma aula de música. Comentei: “Pô, filho, mas você adora música”. Depois, descobri que ela usava um pandeirinho para marcar compassos, uma coisa muito chata. Imagine, o garoto tem uma bateria completa em casa e tem de ficar marcando compasso num pandeiro? (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

A maioria dos professores de matemática, por exemplo, não entende matemática; é exatamente por isso que não sabe ensinar. Por outro lado, poucas pessoas que realmente entendem do assunto se dedicam ao ensino. Aqueles que resolvem ceder e ir para a sala de aula são tão chatos, tão chatos, que acabam afastando as crianças da matemática. Essas crianças, no futuro, também se transformam em péssimos educadores. Seguem o exemplo. (Leonardo MLODINOW, 2004)

Há coisas que as escolas fazem, pensando que estão se integrando à cultura juvenil. Vamos pôr uma música no recreio, um *hip hop*, mas não é isso. As atividades que ela faz é que têm que ser interessantes. Tem que haver na escola espaços para excursões, filmes, vídeos, música, teatro, artes, não como coisas desconectadas, atividades isoladas, mas que estejam integradas ao processo ensino-aprendizagem. Não é que a escola deva ficar divertida em alguns períodos para os alunos aguentarem ficar ali. Não é dar uma atividade divertida antes de uma aula que é chata. (Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS, 2006)

O professor espera que o aluno se motive a aprender uma série de regras e a fazer um monte de exercícios iguais. Não existe o apelo a coisas que o estudante está acostumado a ver no seu dia a dia. E, assim, o jovem vai olhando para a escola como uma coisa chata, desligada da realidade. Já no videogame, ele vê matemática, gosta e domina. O mundo e a Matemática das crianças e dos adolescentes são mais rápidos. (Ubiratan D’AMBROSIO, 2007)

Quem não se lembra das velhas fórmulas das cartilhas tradicionais, tantas vezes repetidas e copiadas, “O dedo é de Didi”, “O boi bebe e baba”, “Ivo viu a uva”? Atualmente, as crianças têm acesso a uma infinidade de informações, seja pela Internet ou pelos pais, enfim, as regras mudaram. Se o professor não ensinar o aluno a ler e a escrever de uma forma interessante, ele vai achar tudo aquilo muito chato. (Silvia Gasparian COLELLO, 2007)

Ele [o professor] tem de ter proficiência do inglês que vai ensinar. O aluno em geral acha chato aprender por causa da maneira como é ensinado. O professor escreve na lousa, manda o aluno copiar, depois passa e dá o carimbo em cada caderno e a aula fica nisso. Por que o professor, em vez de fazer isso, que é uma coisa mecânica, não usa os momentos de comunicação verdadeira com o aluno? Por exemplo: quando chega em sala, dizer *good morning* ou *good evening*, *look at me*. (Maria Antonieta CELANI, 2009b)

[A escola] teve dificuldade e continua com dificuldade em adaptar-se às diversidades culturais e sociais, aos interesses, às ambições e aos desejos da juventude de nossos tempos. Portanto, a escola se tornou, num dizer recorrente, uma “chatices” para um número muito significativo de jovens. Mas eu não quero – e isso é muito importante –, dizer com isto que a escola tem que ser uma diversão permanente, ou que a escola tem que ser um parque de diversões. Nada disso! (Domingos FERNANDES, 2009a)

A escola sempre foi chata! O problema é que antes não havia muita alternativa, e agora tem. Essa é a diferença. A gente tem tanta alternativa que ficar sentado uma hora ouvindo o professor falar sobre um negócio que não interessa para você é tortura. Temos de reconhecer que algumas pessoas aprendem bem assim, são tão disciplinadas que conseguem se sair bem. Às vezes é a coisa mais chata e eles ficam lá, prestando atenção e balançando a cabeça. (Eduardo CHAVES, 2010)

Eles [os jovens] saem e voltam para a escola! Por que voltam? Tem algo que os atrai. Apesar de tudo, eles sabem que precisam da escola. Chama muita atenção o fato de a escola ainda ter um peso no discurso do jovem: é um desejo do futuro, mas que ele não consegue articular no presente. É como se ele dissesse assim: “Eu sei que a escola é importante para mim, mas é tão chata no dia a dia que eu não dou conta”. (Juarez DAYRELL, 2010)

Um conhecimento científico sólido é evidentemente importante. Contudo, se as escolas não vão além, a ciência torna-se muito rapidamente mais uma matéria escolar chata. O fundamental é fortalecer o envolvimento dos estudantes com a ciência e ajudá-los a ver as oportunidades de vida que a ciência pode abrir para o seu futuro. (Andreas SCHLEICHER, 2012)

O professor tem de organizar e orientar a procura e a análise da informação para aprender. Pode ir além, abrir novas redes de comunicação, como já fazem alguns docentes, organizar grupos entre os estudantes, etc. Mas eu repito: cuidado! Esse tipo de trabalho pode vir a se tornar uma chatices se a tarefa for buscar, copiar e colar textos que não têm sentido e que não esclarecem nada da vida e do mundo. [...] A questão central é a do sentido da escola e na escola. (Bernard CHARLOT, 2013)

As crianças têm de perceber a literatura como algo divertido e lúdico. O problema no Brasil é que o baixo nível educacional leva muita gente a achar que ler é tarefa para depois ou uma atividade chata associada a assuntos que não interessam, quando deveria ser justamente o contrário. Estimular a leitura como prática de vida desde os primeiros anos de idade é algo que pode ajudar. (Miguel SANCHES NETO; Felipe BELÃO; Luís Henrique PELLANDA, 2014)

INTERESSE

[Os pais] devem evitar o que chamo de narcisismos positivo e negativo. O primeiro ocorre quando um pai diz: “A única coisa que sei fazer é tocar piano, portanto meu filho precisa tocar piano”. O segundo, quando afirma: “A única coisa que eu nunca pude fazer foi tocar piano, portanto meu filho precisa tocar piano”. Os pais devem deixar a criança manifestar seus próprios interesses e ajudá-la a alcançar o que deseja. (Howard GARDNER, 1997a)

O mais importante não é saber resolver um teorema específico, e sim o resultado do exercício mental que o mesmo apresentou, de uma forma rigorosa, analiticamente correta e criativa. Costuma-se dizer que a educação é aquilo que fica depois que você esqueceu o que aprendeu na escola. Estamos interessados no que fica, e não no nome da planta ou da amante de D. Pedro II. O que interessa mesmo é que o estudante consiga encadear as suas ideias. (Cláudio de Moura CASTRO, 2003)

Nos 300 anos iniciais éramos uma colônia formada por três povos que tinham interesses absolutamente divergentes. O europeu veio para cá para tirar as riquezas e sair logo. O africano foi trazido à força para ser escravizado e queria voltar para casa. E o indígena, que já estava aqui e queria que todo mundo fosse embora. Então, os três séculos iniciais criaram uma divergência antagonista à noção de criação de uma nação. (Mario Sergio CORTELLA, 2006)

Os interesses mudam na passagem da infância para a adolescência e a leitura que era feita antes já não interessa tanto, mesmo porque cresce a concorrência de outras mídias. Essa é uma transição crítica e ainda não foram definidas ações específicas para promover a leitura nessa faixa etária. Os adolescentes identificam o livro com as tarefas da escola, que reforça essa percepção porque raramente sai da abordagem instrumental da leitura. E no âmbito social, entre os amigos, a leitura não está presente. (Edmir PERROTTI, 2006)

Se você pedir aos seus alunos para colocarem em um papel o significado da palavra peixe, um menos estimulado vai desenhar o peixe, outro mediano vai escrever a palavra e, um terceiro, que foi muito estimulado a se interessar pela leitura, vai escrever um pequeno texto sobre os peixes. Não importa como eles se expressem, o importante é mantê-los interessados. Um bom exemplo é o videogame. (Silvia Gasparian COLELLO, 2007)

A condição principal para os alunos aprenderem matemática é eles quererem realmente aprender. Mas os alunos portugueses não são muito entusiasmados, talvez por causa da imagem social da disciplina ou pelo fato de a escola não conseguir mobilizar o seu interesse. Há, portanto, uma relação difícil entre os jovens e a escola. Os professores sentem uma certa responsabilidade e também um certo desânimo, em função do insucesso e de todas as dificuldades. (João Pedro da PONTE, 2007)

Quando o educador percebe o que desperta o interesse de um aluno, ele vai exportar o que o aluno quer importar. Esse “comércio” vai despertar o interesse do outro. Isso não exige apenas curso universitário, mas sim um aperfeiçoamento pessoal do professor. Tempo para pensar, para ir ao teatro, para ler um romance.

Tempo para entender o ser humano. O que é difícil, claro. (Gabriel PERISSÉ, 2009)

Há um interesse muito grande [das crianças] com relação ao universo. Me deparo com uma porção de perguntas fascinantes: como o universo começou? Por que as estrelas brilham? Por que o céu é azul? Por que a Lua não cai na Terra? Não há incentivo a esse tipo de questões no modelo tradicional do quadro-negro, da sala de aula, de definições de fenômenos sendo meramente transmitidas aos alunos. Esse tipo de ensino de ciência não dá certo. (Marcelo GLEISER, 2010)

Dei o exemplo dos animais porque, como todo tema, é inesgotável e uma hora enjoa. Não é porque estão interessados que é válido abordá-lo. Se os pequenos se interessam por leões e depois de dois meses querem saber mais sobre as girafas, isso não significa que seja proveitoso fazer desses animais o foco de um projeto. Afinal, há muitos outros conhecimentos que estão ficando de fora e também são capazes de gerar interesse na garotada. (Myriam NEMIROVSKY, 2011)

A receita é simples: despertar-lhes o interesse, mostrar-lhes que o material a respeito do qual se lhes propõe a leitura merece tal esforço. [...] Se não gostar de Guimarães Rosa e esse autor fizer parte do programa, procure compreender por que não gosta, releia-o com a melhor das disposições e, se continuar a não gostar, diga aos seus alunos que não gosta, mas que sabe que há quem goste muito e que lhes ficará reconhecido se um deles for capaz de lhe dar alguma boa razão para gostar de Guimarães Rosa. (José MORAIS, 2012)

Faz de conta que eu tenho dois bebês e eles estão disputando uma bola. Muitas vezes o educador vem e dá uma bola igual para cada um. Isso é uma coisa muito comum. Mas na hora que você dá uma bola para cada um, o que vemos é que ambos perdem interesse pela bola, porque o barato era ver a bola sendo movimentada pelo outro e nesse processo acontecem aprendizados, por exemplo, de como pegar, quando pegar, como respeitar que está com o outro e como se divertir vendo a bola rolar. (Katia AMORIM, 2014)

Existem pesquisas que mostram que, quando você associa o ensino da matemática com o ensino da música – o ensino da música precedendo a aula de matemática –, as crianças apresentam melhor desempenho quando comparadas com aquelas que vão direto para a aula de matemática. Isso tem uma explicação neurocientífica, que se chama plasticidade transmodal [...]. Quando ela vai para a matemática, ela transfere esse foco atencional para algo que não lhe causa o mesmo interesse, mas seu rendimento ainda assim é maior. (Roberto LENT, 2014)

Os interesses e as preocupações dos adolescentes não são sequer conhecidos, de modo que não há como os acolher. O protagonismo juvenil, os esportes, as visitas guiadas a locais variados, a elaboração de um jornal, os concursos de poesias ou de músicas permanecem como ideias, sem se converterem em ações por parte da escola. Enfim, as expectativas da escola e as dos alunos do EF II estão em desacordo. (Claudia Leme Ferreira DAVIS, 2016)

O interesse [pela língua escrita] é espontâneo e não “natural”, pois a escrita é um artefato, e as crianças só se interessam por ela se virem adultos utilizando-a – o

que é o caso no mundo urbano, onde vive a maioria das crianças do século XXI, saturadas de escritas e imagens. Resta dizer que, enquanto não sabemos ler, é mais fácil “entender” a mensagem transmitida por uma imagem ou um vídeo que por um texto. O reconhecimento de siglas e marcas não é suficiente para entender como a escrita “codifica” a língua oral. (Anne-Marie CHARTIER, 2018)

Qualquer interesse, para ser despertado, deve ser por algo que seja significativo e esteja em sintonia com o universo cultural, faixa etária, necessidades etc. Não sou especialista nesse assunto, mas os interesses de um aluno adulto, de EJA, que, provavelmente, teve que interromper seus estudos e agora concilia estudo e trabalho, devem ser diferentes dos de um jovem que cursa o Ensino Médio na idade certa. (Zoara FAILLA, 2019)

PRESSÃO

O papel dos pais é muito importante nesse processo todo, pois eles podem atuar no varejo, pressionando pela melhoria do ensino e das condições físicas das escolas e cobrando avaliações e reavaliações do trabalho de seus profissionais. Mas têm força também para agir no atacado, e nós sabemos que nenhum governo deste país se mexe, de fato, sem pressão dos cidadãos. (Heraldo Marelim VIANNA, 1992)

A educação é fundamental. Mas sei também – não posso ser idealista nem ingênua – que o papel da sociedade é muito importante e que há uma grande pressão capaz de criar Hitlers, num momento em que se tem uma situação de competitividade tão ferrenha. Por isso, é preciso que a filosofia esteja presente. É preciso valorizar diferenças, acima de tudo. Não é só respeitar e reconhecer. É valorizar. (Edite Maria Barbosa GUILHÓN, 1999)

Temos uma sociedade que espera muito do educador e, ao mesmo tempo, o que essa sociedade oferece para ele? Salários baixos, salas superlotadas e poucas condições materiais para ele exercer sua função. O exercício da profissão é vivido sob a pressão que se traduz no slogan “sois responsáveis pela formação de um povo”, e ao mesmo tempo, no contexto histórico do “não temos nem um salário minimamente digno”. Isso provoca uma tensão no modo de ser e estar na profissão. Isso é a principal causa da crise de identidade do professor. (Paulo MEKSENAS, 2004)

Imagine um jogador de futebol: 18 anos, semianalfabeto, sem preparação psicológica para enfrentar pressões e tendo de aguentar, em todos os jogos, o julgamento instantâneo da torcida. Comparativamente, qualquer jovem que entre no mercado de trabalho está muito mais bem preparado e, como no caso do jogador, já que não é possível eliminar a pressão, é preciso aprender a conviver com ela. (Max GEHRINGER, 2005)

Há simplesmente uma pressão de alguns municípios, especialmente do estado de São Paulo, onde o PT teve mais força, e ainda tem, pela educação infantil. Não sou contra, pelo contrário. No meu período, a educação infantil cresceu como nunca havia crescido até então. Mas não se pode fazer isso em detrimento do ensino fundamental. (Paulo Renato SOUZA, 2005)

[A função da escola] é a de formar uma pessoa. E para isso é necessário não pressionar o aluno. A situação do vestibular, por outro lado, é cercada de pressão e do medo de não obter sucesso. Isso não favorece um ambiente em que a criança possa questionar, pesquisar, e no qual o professor possa oferecer uma visão ampla do ser humano [...]. Se a criança discute as questões mais importantes da vida, se ela encontra apoio no professor para trocar ideias, ela ganha segurança para a vida inteira. Mas isso só pode ser feito sem pressão, sem o vestibular no fim da linha. (Roberto ZIEMER, 2005)

Há muita pressão para os professores expulsarem os alunos que eles sabem que irão mal nas provas. Em alguns países, como no Chile, é motivo para demitir um professor se este não chega à cota de crianças que passam nas provas. E quem são as crianças que não têm muita possibilidade de cumprir o desempenho mínimo?

As indígenas, afro-brasileiras, afro-equatorianas e pobres. (Richard HARTILL, 2006)

Os sociólogos e os politicólogos pronunciam-se muito sobre o que estará a passar no mundo para que exista uma pressão sobre a escola. E se há pressão sobre a escola, há pressão sobre os professores, inevitavelmente. A pressão sobre a escola não é linear. Não podemos ver isso como uma onda de neoliberalismo, ou do mercado. A pressão sobre a escola vem de sociedades sempre mais informadas, porque hoje é cada dia mais difícil ocultar seja o que for numa instituição pública. (Domingos FERNANDES, 2009b)

O menino volta no outro dia e não entrega a lição de casa. A professora manda um bilhete “não fez a lição de casa”. E o menino vai apanhar quando voltar para casa. Isso vai se repetir com sete, oito anos. Quando ele chega aos 12, ele apaga a escola, óbvio. Porque ele vem sofrendo só punição, de todos os lados. Não tem direito ao lazer e ao brincar. Ele não tem direito a nada, só tem deveres. Ele tem que trabalhar, tem que, tem que, tem que! Chega uma hora que essa panela de pressão vai estourar. (Dagmar GARROUX, 2009)

A pressão vem de todos os lados. Os pais se sentem pressionados a dar aos seus filhos o melhor de tudo e fazer deles os melhores em tudo – essa pressão obviamente se transfere para as próprias crianças. Mas os sistemas escolares também adicionaram mais pressão nos últimos anos por tentar fazer descer goela abaixo mais aprendizado acadêmico mais cedo e mais rápido. (Carl HONORÉ, 2010)

Hoje, por várias razões, os pais não têm tempo de acompanhar como deveriam a rotina de seus filhos e reverterem para a escola a educação plena, o que é um equívoco. É por isso que a escola tem abordado cada vez mais temas muito diversos, como a educação para o trânsito. É um balaio em que cabe tudo e, na verdade, ela não consegue fazer nada. A pressão social que a escola vem recebendo reflete-se na rotina dos professores, com a responsabilidade de atuarem de maneira facetada. (Mozart Neves RAMOS, 2011a)

Esse relatório [PISA] exerce nos governos uma pressão sutil, mas ao mesmo tempo muito eficaz, para que modifiquem seus sistemas educacionais. Ele, inclusive, tem gerado modelos de referência, como o da Finlândia, que muitos governos têm buscado imitar. [...] Os países que levam mais a sério os desafios deste relatório têm tentado melhorar a sua educação por meio da equidade. Em contrapartida, aqueles que procuram resultados mais imediatos se limitam a intensificar a carga curricular nas áreas de conhecimento avaliadas pelo PISA. (Antoni VERGER, 2014)

Eu fui para a escola e completei minha graduação na China. Também fui professor e dei aulas no meu país. Era estudante durante a Revolução Cultural em uma vila rural. Durante esse período, a China suspendeu o Gaokao, o exame de admissão no Ensino Superior, dessa forma meus primeiros anos de ensino não foram afetados pelos testes padronizados. Além do que, minha escola era tão remota e com tão poucos recursos que os meus professores não colocavam muita pressão sobre mim, então, não tenho memórias negativas. (Yong ZHAO, 2014)

Acredito que haja uma pressão em toda a América Latina por bons resultados nas provas internacionais. Com certeza, os que sabem ler terão um melhor desempenho não somente nas provas. Mas a relação que os nossos políticos finalmente enxergaram, que é muito elementar, é que os alunos não entendem a pergunta de matemática porque não podem lê-la, e vão mal porque não entenderam a pergunta das provas da OCDE, do PISA. (Yolanda REYES, 2015)

Não se pode esquecer que há muita pressão da extrema direita francesa. Os temas ligados à pobreza e à segregação são contrários à agenda deles e é possível que esses partidos ganhem mais influência e poder nas próximas eleições. Mas há um ponto positivo, sim. Eu jamais vi, desde que estudo o tema, a escola aparecer com tanta força no debate, principalmente como meio para sustentar a República. (Choukri Ben AYED, 2016)

INSEGURANÇA

Então, várias vezes vai à escola alguém do Ministério para explicar: “Esta é uma nova teoria (que não é nova) que estamos apoiando”. Mas nunca é dito aos professores: “Leiam a bibliografia, aqui está uma bibliografia, aqui estão vinte livros”. Isso nunca é dito. Porque aí está presente a própria insegurança do intermediário entre o Ministério e os professores. E o professor, com tudo isso, vive permanentemente desorientado, porque segue as indicações e as segue muito mal. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Paradoxalmente, é a insegurança gerada por tal situação [de perda de valores] que se constitui em condição de expansão da consciência. Ora, se há condições empíricas favoráveis para o ser humano tornar-se mais consciente, então este momento em que vivemos torna-se fulcral para a própria humanidade, como nenhum momento jamais havido na História. (Roseli FISCHMANN, 1998)

Não dá para tentar implementar uma legislação como a ECA usando um aparato institucional igual ao da Febem de São Paulo. É como querer ouvir um CD numa eletrola de 78 rotações. O problema é que muitos órgãos de imprensa se aproveitam do clima de insegurança para, em vez de questionar a aplicação da lei, questionar a própria lei. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2000)

Quase sempre, no entanto, a burocracia castra o espírito inventiva, como acontece nas grandes empresas. Muitas escolas também são burocratizadas e sofrem os mesmos efeitos. [...] O burocrata, seja ele um administrador ou um professor, é uma pessoa insegura, que se arma de regras por medo de errar. Ele olha sempre para o passado, nunca para o futuro. (Domenico de MASI, 2000)

A primeira característica é a insegurança, que eu chamo de básica, pois vem desde o nascimento, é muito interior e profunda, e leva o menino a estar sempre preparado para se defender. Quando vai crescendo, passa a atacar, porque seus ataques são defensivos. Por isso, é importante identificar esses primeiros efeitos para que o relacionamento não caia em equívocos. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Quem está no controle das forças produtivas da sociedade e do bem-estar social disponível? Como as coisas estão postas hoje, a tecnologia e a ciência, circunscritas pelas determinações fetichistas do capital, são usadas também para aumentar a insegurança do trabalho, ao jogar massas de pessoas fora de seus empregos. Uma prática justificada como “economia de produção” em nome do “avanço tecnológico”. (István MÉSZÁROS, 2006)

As profundas mudanças socioculturais que estamos vivendo influem na tarefa dos educadores e geram uma certa insegurança, preocupação e perplexidade. Afetam igualmente as autoridades educacionais e as próprias famílias, o que torna ainda mais complicada a ação de ensinar. O que fazer? Não existem soluções mágicas nem atalhos. Tampouco é positivo o saudosismo de tempos passados, que não voltarão mais. (Alvaro MARCHESI, 2007b)

Pais que criticam a escola ou os professores na frente dos filhos lhes propiciam uma visão de que, tanto a escola quanto os profissionais que lá trabalham não são

confiáveis. E, se os pais não confiam, por que os filhos iriam confiar? É uma forma de agir que traz insegurança e estimula a indisciplina, pois os problemas deixam de ser vistos como autoridades. (Tania ZAGURY, 2007)

[O professor] acha que já fez de tudo [em relação à indisciplina] e está certo. Realmente, fez tudo o que sabia. É um quadro complexo, que gera mal-estar e insegurança e leva a escola a tomar sempre duas direções: ou tenta conter o problema, ou tenta punir. Entre as estratégias de contenção, estão iniciativas que levam a filmadoras e grades. Isso só vai gerar novos conflitos. Afinal, são jovens que não estão sendo educados, mas contidos. Por quanto tempo? (Telma VINHA, 2009)

Sabemos que a formação inicial desses profissionais [professores], por melhor que seja, é insuficiente. Tanto é assim que eles mesmos se sentem inseguros em relação à própria prática e necessitam de devolutivas constantes sobre seu desempenho. Não há mecanismo de autorregulação mais poderoso do que um processo de análise que permita saber o que e onde melhorar. (Jorge MANZI, 2012)

Temos medo de nos equivocarmos ou de que os outros descubram lacunas em nossos saberes, pois nos ensinaram que erros, dúvidas e falhas, medos e dificuldades são algo que merece punição ou castigo. Somos extremamente inseguros, o que em princípio é bom, se utilizamos isso para trabalhar com outras pessoas e somar saberes, indagar e arriscarmos-nos a inovar de maneira colaborativa. (Jurjo Torres SANTOMÉ, 2013)

Entrevistei uma criança que tinha uma agenda muito lotada. Conversando com seus professores, eles relataram que ela “trava”. É tanto conteúdo que ela não consegue administrar. Pode surgir também insegurança. O aluno só se expressa quando tem certeza do que está falando, o que é ruim para sua espontaneidade. Isso está diretamente relacionado à expectativa dos pais. (Clarice Krohling KUNSCH, 2014)

Há, aproximadamente, duas, três décadas, os setores mais abastados começaram a contratar segurança privada. Carros blindados, grades para as casas, guaritas de segurança, chips para os carros e os indivíduos não serem roubados. Há uma indústria que gira em torno da insegurança da população. [...] Os brancos podem pagar por segurança privada, mas e os negros? Assim criam-se populações marginais, periféricas. (Julio Jacobo WAISELFISZ, 2014)

Os docentes aprenderão por meio de trocas com os colegas e pela observação das crianças, que lhes ensinarão muita coisa. As incertezas e a insegurança afetam mais os livros didáticos e os fornecedores de material pedagógico. Esses precisam rapidamente inventar novas ferramentas digitais práticas e de baixo custo, se desejarem sobreviver às mudanças em curso. (Anne-Marie CHARTIER, 2015)

Se, por qualquer insegurança que sinta, um aluno começa a ridicularizar um colega e se ninguém educa emocionalmente o agressor, os outros colegas que se calam ou riem completam o cenário propício para o desenvolvimento do *bullying*. O que esse aluno encontrou como ponto de apoio para agir – geralmente uma

deficiência ou fraqueza do outro – é apenas um detalhe. A causa é emocional.
(Tania PARIS, 2017)

VONTADE

Não é casual que [a docência] é uma profissão para a qual muitos entram com vontade e depois... Trabalhei em escolas normais, institutos de formação de professores e não posso dizer que algum dos meus alunos tenha saído entediado, abatido. Saíam com vontade de dar aula. Mas, ao encontrá-los dez ou quinze anos depois, eles estavam totalmente mudados. Penso que a profissão os modificou. Dito com outras palavras: as condições profissionais os fizeram mudar. (Ángel Díaz BARRIGA, 1998)

Todos sabemos que questionar é extraordinariamente difícil. É preciso ter muita vontade de aprender a fazer. No entanto, rapidamente todos começaram a falar sobre isso, sem saber muito bem do que se tratava. Muitos acham que basta alguém descrever como tinha acontecido algo em sua aula para ser tratado como reflexivo – e esse processo é muito mais que descrever. (Isabel ALARCÃO, 2002a)

Ainda temos resquícios muito fortes de barreiras contra o avanço intelectual das mulheres em nosso país. Há um machismo neste país que é terrível. Quando a mulher vem estudar há que se duplicar o respeito por ela. Por quê? Porque por trás da presença dela existe um esforço pela quebra de barreiras e uma vontade muito grande de avançar na vida. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

Estudos demonstram que o problema da indisciplina pode servir, de um lado, para justificar procedimentos autoritários e, de outro, para estimular uma espécie de tirania às avessas, na qual o projeto fica submetido à vontade dos alunos. A maneira como o professor interpreta a indisciplina causa inúmeras consequências à prática pedagógica. (Telma VINHA, 2004)

Eu sempre gostei de lecionar para adolescentes. Eles vibram, namoram, mascam chicletes, mas também têm vontade de conhecer novas coisas. O professor precisa saber entrar no universo deles, conhecer seus assuntos, compartilhar com eles os seus anseios, seus sonhos, conversar com eles sem preconceitos, criando assim uma empatia, um poderoso canal de comunicação interpessoal que vai fazer com que os adolescentes tenham confiança e interesse em escutar o que o mestre tem a dizer. (João Roberto GRETZ, 2005)

A criança não pode ser vista como um ser sem vontade e vida próprias. Não devemos vê-la como uma página em branco, onde escreveremos nosso livro, ou considerá-la como um adulto que não cresceu. O trabalho educacional não deve cortar seus sonhos, sua criatividade, sua identidade cultural, seu espírito crítico, curioso e observador. Nós, educadores, não podemos ensinar que o mundo é dos mais fortes, mais espertos ou mais ricos. (Tião ROCHA, 2005)

Em vez de fazer aqueles relatórios repletos de chavões, com três ou quatro conceitos já geriátricos, é possível lançar mão de uma lente diferente. Os professores podem dizer: “Mário agora tem mais vontade de perguntar quando não entende. Está aprendendo melhor em diferentes tipos de grupos e gostaria de fazer mais progressos em questões difíceis”. Veja, o foco é no aspecto positivo, de modo a tornar mais interessante o progresso de cada um. (Guy CLAXTON, 2006)

O teatro ajuda a criança a se aceitar como ser humano complexo que é. A função do teatro para mim é essa. Tirou isso, é tudo entretenimento. [...] Criança não é sinônimo de burrice. O didatismo sempre está presente porque, de certa forma, dá menos trabalho fazer peça assim. Faço teatro há 30 anos e isso não mudou. O teatro hoje é quase a mesma coisa do que era antes. Fiz muita palestra pelo Brasil. Nem isso eu tenho vontade de fazer mais porque não muda. (Vladimir CAPELLA, 2009)

Existe uma vontade política muito forte de reduzir as estatísticas de analfabetismo. Para um país que pretende ser uma potência mundial, ter um número significativo de pessoas que não sabem ler e escrever é um ruído na imagem. Também é essencial lembrar que esse é um dos indicadores usados para calcular o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). (Timothy IRELAND, 2009)

Entre a família, de um lado, e o colégio ou a faculdade, do outro, há todo um espaço intermediário em que nada é proposto aos jovens. E muitos entre eles têm vontade de se engajar. Eles têm vontade de serem úteis, de serem reconhecidos por esse engajamento, de serem valorizados. E penso que é este vazio, entre a família e a escola, que deve ser preenchido com engajamentos na comunidade, na sociedade. (Luc FERRY, 2010b)

Lembre-se de que nem todo tema desperta o entusiasmo das crianças. Nosso papel é desenvolver o interesse delas por aqueles que são válidos e fazer com que se envolvam cada vez mais. Em geral, temos pouca vontade de saber sobre o que desconhecemos. É preciso ter informações básicas e iniciais para querer seguir descobrindo. Por exemplo: eu não posso me interessar por estudar a obra de Van Gogh se não sei que ele existe. (Myriam NEMIROVSKY, 2011)

Parece-me importante, em primeiro lugar, associar a leitura a uma vontade, ou seja, tentar que não seja nada obrigatório. Não sou muito entusiasta da leitura obrigatória, digamos que prefiro a ideia da leitura aconselhada. Em vez de fazer o jovem ler três ou quatro livros predeterminados, poderia haver 15 e ele escolher dentre esses. Ou seja, haver sempre a opção, para que ele sinta que há um grau de liberdade, de decisão individual, que não é uma imposição. (Gonçalo M. TAVARES, 2011)

É preciso ter a educação como uma prioridade e que a gestão da área seja feita por bons gestores. [É preciso] que os planos sejam elaborados por profissionais que entendam as necessidades daquele estado ou município para que as políticas públicas possam ser, de fato, efetivas, não apenas um documento para ficar na gaveta. E para isso acontecer é preciso vontade política. (Priscila CRUZ, 2012)

Eu acho que força de vontade é tudo, porque ela traz todo o resto. A gente começou o [Instituto] Reação há 13 anos. [...] A gente começou há 13 anos e, para nós, [o objetivo] era muito claro. Às vezes, as pessoas vêm me falar: “eu tenho uma ideia, como é que eu consigo apoio para executá-la? Quero fazer um projeto assim...”. O que eu falo para elas, normalmente, é que a gente tem que fazer, ter criatividade. (Flávio CANTO, 2014)

Hoje se governa para a inconsciência. Como se o objetivo da educação fosse manter as pessoas adormecidas, robóticas, obedientes à força do trabalho construída com a Era Industrial, o que continua sendo a motivação opressiva da educação. Não sei, porém, dizer se essa circunstância é uma vontade. Talvez haja indivíduos querendo modificar isso, mas a inércia burocrática é grande demais. (Claudio NARANJO, 2015)

SENSIBILIDADE

Morrem muito mais rapazes do que meninas em acidentes de trânsito e em brigas de rua. E isso acontece porque o menino é estimulado a ser corajoso, forte, a não fugir da briga, a dirigir de maneira agressiva. O homem também não pode exercitar a sua sensibilidade, não pode chorar, se emocionar, se interessar muito por poesia, balé, música. Se se interessar, a família já começa a se preocupar com a masculinidade dele, como se esses atributos não fossem da natureza humana. (Dulce WHITAKER, 1989)

Nós só podemos dizer que Drummond é bom porque a nossa sensibilidade foi burilada como um diamante bruto. A criança chega na escola como um diamante bruto. A gente tinha de polir aquele diamante até que ele brilhasse. Mas, o que é polir o diamante até que ele brilhe? É justamente a escola ser um espaço de oportunidade de vivências e experiências que vão desenvolvendo a capacidade de compreender, a capacidade de sentir, a capacidade de compartilhar, a capacidade de se emocionar, a capacidade de se solidarizar, a capacidade de ser crítico, a capacidade de ser criativo. (Regina Leite GARCIA, 1997)

Ser mulher não tem me impedido de ser respeitada como profissional. A diferença em relação ao comportamento masculino é que o homem deixa transparecer mais o lado racional, enquanto as mulheres que ousam assumir grandes desafios mostram tanto a sua racionalidade quanto a sensibilidade. Isso começa a ser respeitado e admirado pelas próprias mulheres, pelos homens e pela sociedade. (Wrana PANIZZI, 1998)

A sensibilidade pedagógica de Paulo Freire continua sendo atual: aprender a tratar a história real dos educandos na totalidade dramática de suas existências. Talvez uma das perspectivas para o futuro da educação brasileira seja prestar maior atenção às crianças e adolescentes, aos jovens e adultos reais, nos limites de suas vidas. Uma pedagogia mais humanista e docentes mais sensíveis para com os educandos. (Miguel ARROYO, 2001)

Penso que a educação é algo que se produz entre as pessoas, ou entre as pessoas e seu entorno. É fruto do encontro entre as pessoas e as coisas que se tocam. E isso somente ocorre quando os envolvidos estão devidamente sensibilizados. A escola é o lugar propício para que esse encontro ocorra, quando é palco de múltiplos estímulos, quando oferece “menus” variados e surpresa suficiente para despertar a sensibilidade das crianças e dos jovens. (Eulàlia BOSCH, 2002)

A arte dá acesso aos bens culturais da humanidade. Através da sensibilidade, que na criança é uma via que nunca está bloqueada, ela permite que se aproprie de conteúdos sofisticados e permite a sua ascensão como cidadão. É preciso formar o leitor visual, não só abrir uma via direta para leitura, e assim estará dando a chave do cofre de uma enorme riqueza que de certa forma estaria muito distante dele antes. (Evelyn IOSCHPE, 2003)

Há ainda um terceiro tipo de coisa que se ensina, que é completamente diferente das duas primeiras e tem a ver com a sensibilidade. Gostar de música, aprender a apreciar, ensinar a gostar da poesia. E esses ensinamentos de sensibilidade não nos ensinam a fazer nada, mas ensinam a sentir, e isso é realmente importante na

vida. [...] Somente a sensibilidade nos dá razões para viver, e é justamente isso que é mais ausente nos nossos sistemas educacionais. (Rubem ALVES, 2004)

Tratar os alunos de maneira sempre uniforme e nivelada é um equívoco. Aprendizagem não são máquinas em linha de produção. Cabe ao professor agir com a sensibilidade capaz de detectar, em cada um desses estudantes, seus dons, talento e potencialidades – na maioria das vezes sintonizados com suas histórias singulares. Chamar um aluno pelo nome e reconhecer suas qualidades de forma justa faz toda diferença. (Gabriel CHALITA, 2005)

Não é preciso voltar a Aristóteles, com sua ideia essencial de catarse, para perceber que as artes trabalham nestes dois sentidos: uma dimensão intuitiva e o oferecimento de prazer. As outras disciplinas até podem ter elementos de intuição e prazer, mas não tão intensos como na História da Arte. São formas específicas de inteligência, com as quais trabalhamos, que são diferentes da inteligência discursiva, racional, de cálculos etc. É nessa dimensão da sensibilidade que me parece se situar a especificidade artística. (Jorge COLI, 2006)

[As crianças] com certeza se inserem num contexto com características peculiares quanto aos aspectos sociais e culturais. Aguçar a observação e trabalhar com a sensibilidade dos educadores me parece fundamental. E uma sólida formação permanente, em que não somente as questões mais didáticas ou técnicas sejam enfocadas, mas também atividades mais culturais, artísticas, que trabalhem justamente com o desenvolvimento da sensibilidade. (Maria da Graça HORN, 2006)

A educação dos sentidos precisa estar incorporada ao currículo. As artes e a pesquisa que envolve observação e registro são situações que educam os sentidos. Para a criança, atividades desse âmbito devem ser diárias. A formação inicial e a formação continuada do educador também precisam contemplar o exercício da sensibilidade, que é resultante da educação dos sentidos. (Elvira Souza LIMA, 2010)

O governo precisa buscar formas que sejam profundamente atuais e eficazes para satisfazer às necessidades musicais apresentadas pela moçada que está na escola. [...] Dar a todos os estudantes a oportunidade de compreender e expressar a linguagem musical e, ao mesmo tempo, fomentar o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade de articulação de crianças e jovens por meio da prática musical ativa. (Violeta Hemsy de GAINZA, 2011)

A narração de histórias como recurso dentro da sala de aula, de uma forma ou de outra, sempre existiu. [...] No momento em que se usa a narração de histórias como recurso pedagógico, é possível desenvolver essa capacidade de ouvir. Abre também espaço para a divulgação de textos da literatura oral, da literatura autoral, textos poéticos que ajudem no desenvolvimento da sensibilidade. Trabalha-se com um texto poético, que ao mesmo tempo te faz pensar. (Elisa de ALMEIDA, 2013)

O professor, para qualquer leitura de uma obra significativa da literatura, precisa ter sensibilidade, percepção e didática. A formação hoje está prejudicada e ninguém mais quer ser professor. É preciso ter esse gosto para ser professor, é

preciso saber ensinar e dialogar, porque o ensino hoje não é só ficar falando e o aluno escutando, é um diálogo. É preciso tirar deles tudo o que for possível e aí construir. Isso faz parte da flexibilidade que o professor precisa ter para ir ao encontro do gosto dos alunos sem deixar que a coisa caia no plano. (Olga de SÁ, 2013)

Quando entramos na escola, visitamos o entorno da escola, observamos o que acontece lá e o que acontece fora dela, assim como as relações de tudo isso com as políticas públicas. Por exemplo, encontramos escolas que dão certo, projetos disciplinares que dão certo, bons professores. Então, fico pensando que esse olhar para dentro da escola, que mostra como as escolas se fazem, exige, além de muita sensibilidade, muito conhecimento. Porque a escola não se explica por ela mesma. (Sandra Pereira TOSTA, 2015)

SOLIDARIEDADE

Acho a escola neoliberal um lugar onde apenas aprendemos a competir e, se possível, destruir o outro. A escola deve ser uma comunidade e não apenas uma instituição que prepara para o vestibular, para a competitividade. Uma escola que insira a competitividade dentro da solidariedade. A solidariedade não é apenas uma questão de bom senso. É uma questão de sobrevivência para o planeta. (Moacir GADOTTI, 1999)

[Os valores a serem desenvolvidos na escola são,] em primeiro lugar, a solidariedade, ou seja, a capacidade de trabalhar bens e serviços que serão desfrutados por alguém que não sou eu. Porque se você e eu fizermos algo apenas para nós dois, isso vai se chamar máfia. O segundo é a ternura: a capacidade de perceber-se tal como se é e de receber os outros da maneira como eles são. A ternura é a base da convivência democrática. (Bernardo TORO, 2002)

Um aluno percebe que seu melhor amigo está sofrendo, com dificuldades numa prova, mas não pode ajudá-lo porque o sistema não permite. Como é possível desenvolver um espírito de humanidade se a escola inibe iniciativas de solidariedade? [...] Depois de tanto tempo seguindo esse modelo, a antissolidariedade e a antinaturalidade viram procedimentos normais no processo de aprendizagem. Precisamos de alternativas para a rotina escolar. (Ubiratan D'AMBROSIO, 2003)

“O que temos que mudar no jogo para que tenha mais alegria e menos briga, para que estimule a solidariedade? O jogo cria desafios, abre novas perspectivas, é educativo?”. São estas as perguntas que o educador precisa se fazer sempre. Foi assim que observamos que a dança das cadeiras, uma brincadeira muito comum no Brasil, é excludente. A regra desse jogo é que quem erra deve sair, deixando as cadeiras vazias. Invertemos a ordem das coisas: as cadeiras devem sair do jogo e não as crianças. (Tião ROCHA, 2005)

[O adulto] não é capaz de ouvir as crianças, não sabe praticar a escuta das crianças, não é capaz de valorizar a cultura original da criança. É daqui que surge a ideia do modelo e do ensino transmissivo: considera-se que é o adulto quem possui o saber importante, não a criança. O que diferencia a pedagogia de Reggio Emilia é a reversão dessa ótica, que só foi possível pela coragem de fazer escolhas, a partir de um sentido de solidariedade social e política. (Lanfranco BASSI, 2006)

A escola tem de ter um clima de que sempre alguma coisa está para acontecer. Uma festa, uma celebração articulada aos projetos, um passeio. Mas nada que seja artificial. Tem de haver algo da dinâmica do próprio trabalho docente, que seja significativo para todos e desenvolvido com propósitos de aprendizagem, de conhecimento, de socialização, de manifestação de emoções, de colaboração, de solidariedade, atividades que façam parte da vida e por isso deem vida à escola. (Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS, 2006)

A maneira de avaliar um educando, em seu crescimento humano, está além da prova. Muito além. Só fará essa avaliação quem com ele conviver, solidarizar-se, sentindo e vivendo suas alegrias e tristezas. Sem a alteridade em pleno

funcionamento, não teremos transformações necessárias desse *Homo sapiens demens*, carente de amor e hospitalidade. (Hamilton WERNECK, 2006)

A profissão de professor tem uma implicação afetiva muito importante, já que ele se relaciona com os alunos, as famílias e os colegas de trabalho. Isso é muito desgastante. Não é à toa que muitos profissionais em todo o mundo são afastados, vítimas de uma doença conhecida como *burnout*, que é a exaustão emocional. E, se as emoções estão muito conectadas à vida ética e moral, é muito importante que eles estejam bem para cumprir seu papel plenamente, com empatia, sensibilidade e solidariedade. (Alvaro MARCHESI, 2007a)

A escola tem uma vocação de universalidade, ou seja, tem o papel de sair do núcleo familiar, de ir para o bairro, do bairro para a cidade, da cidade para o país e, depois, para o mundo. Hoje, sabemos que somos todos solidários sobre o planeta. Então, devemos ensinar às crianças que somos solidários. Devemos incentivá-las a ter uma solidariedade universal. É evidente que a família desempenha um papel fundamental, mas a escola também exerce um papel importante e diferenciado. (Philippe MEIRIEU, 2008)

É preciso criar formas nas quais elas [as escolas] possam se responsabilizar pela coletividade. Pois não é só questionar, é decidir junto o que é bom para todo mundo e assumir a responsabilidade por isso. A responsabilidade não é só do professor ou do diretor, ou só do zelador, para manter a escola limpa. Todo mundo é responsável pelo bem-estar do colega, do próximo, então esse sentimento de solidariedade, de cooperação, é também uma mudança na sociedade. (Helena SINGER, 2008)

O primeiro é o déficit moral, que ocorre tanto entre as elites como entre os pobres. Na América Latina, ele está institucionalizado na forma de corrupção, que recebe punições brandas: há quem roube milhões do governo, passe um ou dois anos na cadeia e saia impune. O outro é o déficit de solidariedade, materializado, por exemplo, na sonegação de impostos. Quando as pessoas da classe média deixam de pagar tributos, isso significa que elas perderam o sentido de solidariedade. (Carlos Alberto TORRES, 2008)

[As famílias mais ricas] têm expectativas mais elevadas e dinheiro para persegui-las. Mas o fenômeno afeta a todos, pois os sistemas de ensino estão cada vez mais sob maior pressão. Quando transformamos a infância em uma corrida, minamos a solidariedade social. Quanto mais as pessoas se tornam obcecadas com o sucesso de seus próprios filhos, menos se preocupam com o bem-estar dos filhos de outras pessoas. E isso é um perigo real, especialmente em uma sociedade como a brasileira, já muito polarizada. (Carl HONORÉ, 2010)

O livro contribui para o desenvolvimento de qualquer pessoa. Depende do livro – livros informativos contribuem para aumentar o conhecimento; livros de ficção, poesia, de literatura, possibilitam que o leitor viva outras vidas além da sua, que ele se coloque no lugar do outro, que ele fique solidário, que ele experimente viver coisas que nunca vai ter oportunidade de viver, seja em séculos diferentes, seja em países diferentes, sejam aventuras diferentes. Tudo isso alarga muito os horizontes. (Ana Maria MACHADO, 2013)

Precisamos estar eternamente vigilantes para que essa semente do mal não se reinstale. Porque há um grande fascínio da sociedade – e o policial vem da sociedade – pelos símbolos de letalidade, indicando que o policial bom é aquele altamente letal. Isso não é verdade. Um bom policial é o que a sociedade reconhece como honesto, com competência para resolver problemas e solidário às pessoas em sua dor. (Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA, 2014)

Bom professor é aquele que tem humildade para entender que precisa procurar [aprender] o que não sabe, que tem consciência social para saber que [ser professor] é uma profissão que não é só uma dedicação sacerdotal, mas que também exige condições de trabalho, por isso o enfrentamento daqueles que sequestram as condições de trabalho docente. Por fim, claro, a ideia de solidariedade social, entendendo que a atividade docente visa à formação de pessoas que façam a vida melhor, e não apenas a si mesmas melhores. (Mario Sergio CORTELLA, 2015)

HUMILDADE

O jornalista não tem medo da simplicidade, ao contrário dos educadores. [...] Mas só a simplicidade do jornalista não funciona. É preciso buscar um *background* acadêmico. Por isso, em todos os meus livros sou assessorado por um grupo de educadores. Meu texto é submetido a eles e volta depois para mim para mais discussões, às vezes, sobre um único termo. Aprendiz do futuro foi todo submetido a educadores de diferentes áreas. Preciso ter a humildade de pedir a colaboração deles naquilo que não domino. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998a)

Eu aprendi com ele [Paulo Freire] a não pensar nas grandes coisas, mas a pensar nas pequenas coisas. Uma dimensão humana como a de Paulo é marcante, transformadora de nós enquanto pessoas para nós mesmos, enquanto pessoas para a sociedade, enquanto pessoas para aqueles a quem queremos muito bem. Essa humildade de Paulo foi incrível... porque tudo isso nada mais é do que humildade. (Nita FREIRE, 1998)

[A função da pesquisa] para pessoas como nós, que têm a responsabilidade política, é a de inventar possibilidades, mesmo que depois não possam usá-las na realidade. Na ação política, se você é capaz de saber que existem modelos muito melhores do que o seu, você tem uma posição de humildade. Você sabe que o que faz não é muito bom. Que existem coisas muito melhores para fazer, mas não são possíveis porque a conjuntura da ação política não permite. (Jean HÉBRARD, 2000)

A atitude ética não depende só de cada um de nós, mas da possibilidade de uma partilha efetiva com os colegas. Precisamos reconhecer, com humildade, que há muitos dilemas para os quais as respostas do passado já não servem e as do presente ainda não existem. Para mim, ser professor no século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural. (Antônio NÓVOA, 2001)

Para desenvolver as características apropriadas, o professor deve trabalhar. Trabalhar como professor, atento ao autoconhecimento progressivo ante os problemas enfrentados, trocando experiências com colegas que sabem mais, elegendo aqueles que ele considera seus legítimos líderes e orientadores, desenvolvendo a corajosa humildade de pedir ajuda, trabalhando suas emoções enquanto avança, ora adaptando-se com flexibilidade, ora consolidando posições próprias. (José Ernesto BOLOGNA, 2004)

Antes havia a clássica dicotomia professor ou aluno; agora não, é professor e aluno, e o aluno é aluno e professor. Agora nós harmonizamos os dois níveis de realidade, professor/aluno, através de uma lógica em que o professor passa a ter uma posição de humildade, e o aluno passa a ter a posição que antes só era atribuída ao professor, que era o agente construtor do saber. (Alfredo Gontijo de OLIVEIRA, 2005)

É preciso resistir à tentação de ditar ao professor o que ele deve fazer. Há diferença entre trabalhar na universidade, com estudantes que têm vontade de aprender, e trabalhar em uma classe na periferia, com alunos que rejeitam a escola. Pessoas como eu, os pesquisadores, devem ter humildade e compreender

que não é conveniente dar lição de moral aos professores que estão na sala de aula. (Charles HADJI, 2006)

O ponto de partida para o autoconhecimento é termos a humildade profunda de sabermos que não sabemos quem somos. Assim, o exercício do autoconhecimento se dará permanentemente: uma doença, um acidente, enfim, tudo o que nos acontecer e for objeto de uma indagação interior: “O que isto me ensina?” será sempre objeto do desenvolvimento do autoconhecimento. (Ruy Cezar do Espírito SANTO, 2007)

Nenhum professor pode ser verdadeiramente professor sem ser pobre dos seus alunos. Quem é rico de si próprio está autocentrado. Quem é pobre do outro, está centrado no outro, alterocentrado. Isso é muito difícil, pois exige uma grande generosidade, a humildade de saber que o outro tem direitos e deveres também, e que o grande direito é ser o que é, e não aquilo que eu acho que ele deve ser. (Roberto CARNEIRO, 2008)

Jovens do ensino médio continuam elegendo a justiça como principal virtude moral, o que não representa novidade ética alguma. Mas há novidades, como a grande valorização da humildade, redefinida como virtude necessária à convivência pacífica. E há também sinais inquietantes, como, por exemplo, uma fuga do espaço público e um refúgio para o espaço privado. Parece que o outro “anônimo” não goza de consideração. (Yves de la TAILLE, 2009)

Um educador precisa trabalhar com uma dimensão de vida, discutir a vida o tempo todo. Desse modo ele se instrumentaliza, adquire elementos para conhecer cada vez mais. O grande lance não é dar a resposta, é saber fazer a pergunta. A vida é um exercício de perguntas. Quais foram as perguntas que eu me fiz? O docente tem que estar em formação permanente, olhar-se como ser, reconstruir todo o tempo o seu conhecimento e ter humildade intelectual. (Emília CIPRIANO, 2010)

Outra linha de atuação são os acampamentos monitorados por educadores que promovem atividades de sensibilização, de contemplação e de reconexão com a Terra e com universo, aprendendo humildemente que somos parte ínfima de algo infinitamente maior do que nós. Na escola, podem ser acompanhados ciclos vitais de algumas plantas e animais (em hortas escolares, por exemplo). (Rafael YUS, 2010)

Humildade não é subserviência, não é simplesmente abrir mão daquilo que se pensa, se deseja, que se tem como valor. Mas é não ter uma postura que seja sectária, divididora e ao mesmo tempo fragmentada dos vários modos das coisas acontecerem no nosso cotidiano. Portanto, a humildade é a capacidade de percepção de que nós estamos em formação contínua e permanente dentro da atividade do magistério. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

Estive em Sobral pela primeira vez como professor da Universidade Estadual do Vale do Acaraú, em 1994. Durante esse tempo tomei contato com a rede. Acabei recebendo um convite para trabalhar na Secretaria de Educação do Estado, o que foi muito bom para mim, uma grande experiência de humildade. Eu era muito pretensioso e muito crítico, e achava que os governos não faziam as coisas direito

porque não queriam ou porque eram incompetentes. Fui vendo gente comprometida, competente, e entendi que nada faziam por causa do contexto. (Maurício Holanda MAIA, 2014)

Educar, com base no sentido etimológico dos termos latinos (*educare* e *educere*) que lhe deram origem, é simultaneamente cuidar e fazer sair do outro o seu potencial. Em suma, cultivar o ser humano e a sua humanidade. Nós, professores, somos agricultores de humanidade, mister em que, para além do saber, temos que ter não apenas paciência e humildade, mas também muita coragem e tenacidade face às intempéries inumanas e desumanizadoras. (Ana Paula SILVA, 2019)

ORGULHO

Nos países subdesenvolvidos como o nosso, é diferente. Temos que levar em conta o analfabetismo. Aqui a leitura ainda é vista como um sinal de distinção, ainda tem aquela aura sagrada, ainda é um ato cercado de uma concepção mística, salvadora. Uma pessoa lendo no ônibus, não importa o que ela esteja lendo, se diferencia das demais e demonstra orgulho por isso. (Edmir PERROTTI, 1990)

Certa vez fui chamado à casa do comandante do 3º Exército, na época o Antonio Bandeira, que nem sequer me disse “boa tarde” e foi botando o dedo na minha cara e me ameaçando. Respondi com um documento em que o presidente Figueiredo se comprometia junto à UNESCO a atender as reivindicações dos professores. No dia seguinte, contrariado, o governador gaúcho nos atendeu. Foi uma luta bonita e me orgulho muito dela. (Hermes ZANETTI, 1990)

A questão da identidade negativa do país é uma coisa antiga, que a gente viu quando o Ayrton morreu e foi velado na Assembleia Legislativa. Ao ver todas aquelas pessoas ao longo do cortejo, fiquei me perguntando o que elas estavam perdendo. Todos pareciam carregar a mesma perda. Eu pensei: eles perderam a ligação com esse lado luminoso do País, Ayrton ajudava o brasileiro a se entender como um povo e que mostrava que era possível se ter orgulho de ser brasileiro. (Viviane SENNA, 1997)

Parece que muitos educadores consideram complicado reencontrar e reformular seu orgulho profissional, apresentando-se como pessoas que sabem como ensinar, ou seja, como fazer com que os alunos aprendam. Às vezes, chego a pensar que muitos professores pelo mundo afora não acreditam de fato que seus alunos sejam capazes de aprender. (Boudewijn van VELZEN, 2001)

Os professores devem ter orgulho de participar da aventura maravilhosa que é o desafio de alfabetizar toda a população. Uma aventura que exige mudanças e que implica assumir riscos. Um deles diz respeito ao fato de que normalmente se dá mais atenção ao que é mais visível – nesse caso, a decodificação – do que àquilo que é menos visível, por exemplo, a compreensão e a comunicação mediante a escrita. Isso precisa mudar. (Emilio Sánchez MIGUEL, 2004)

Como cidadão de Reggio Emilia, conheci as escolas, porque naquela cidade elas têm uma enorme importância. Temos por elas curiosidade e também um sentimento de orgulho. Certo dia, li um cartaz no qual se comunicava a abertura de um curso ligado às escolas. Decidi, então, frequentar esse curso. Era um período em que eu trabalhava em publicidade e estava cansado da competição daquele ambiente, o qual não me atraía no plano ético. Por meio do curso, me aproximei da educação. (Lanfranco BASSI, 2006)

No campo dos estudos gays e lésbicos (porque isso existe!), em dado momento, alguns teóricos vão começar a discutir novas formas de abordar essas questões e passam a assumir a expressão *Queer* como uma expressão afirmativa. Assim como os negros assumiram algo que era xingamento com orgulho, esses militantes e estudiosos passam a assumir essa ideia do *Queer* afirmativamente.

Suas ideias poderiam ser expressas mais ou menos assim: “Nós somos estranhos e é assim mesmo que queremos ficar”. (Guacira Lopes LOURO, 2006)

O número de museus no Brasil é quase insignificante se comparado ao tamanho da população. Eles não estão na programação das famílias brasileiras nem das escolas, embora façam parte de suas atividades curriculares. É um círculo vicioso porque, se houvesse mais interesse, aumentaria o número de museus, que são, de certa forma, uma afirmação de orgulho nacional. E o brasileiro não tem orgulho suficiente. (Ernst HAMBURGER, 2007)

Seguir uma fila é uma regra informal, ou seja, não está escrita em algum lugar e desrespeitá-la ou furar a frente de alguém são ações que não preveem prisão ou multa. Porém, quando as pessoas quebram esse contrato, estão dando um “jeitinho”. É algo institucionalizado mais em alguns segmentos do que em outros. Por exemplo, para os que têm uma vida difícil; essa atitude acaba sendo algo facilitador e a prática costuma até ser motivo de orgulho. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

E lhe adianto que o professorado paulista tem excelentes exemplos de dedicação e superação. Temos professores ímpares, que nos orgulham, exercendo a profissão com sacrifício e se esforçando para oferecer 110% aos seus alunos. É para essa parcela, cuja luz foi retirada ao longo dos anos, que queremos oferecer uma alternativa real de ganhos. Esses profissionais, tenha certeza disso, não terão a menor dificuldade de cumprir as metas. (Maria Helena Guimarães de CASTRO, 2008)

O primeiro [aspecto] é o respeito histórico pelo docente. O outro é que ser professor é realmente ter uma profissão, ou seja, há autonomia. Eles não são orientados pelo Conselho Nacional de Educação sobre como devem ensinar. A terceira questão é que os professores têm um histórico acadêmico. Eles devem ter um mestrado para ensinar. As famílias têm orgulho quando os filhos têm um mestrado. Em outros países, o problema pode ser que os alunos não são tentados a ser professores. (Reijo LAUKKANEN, 2009)

Receber o prêmio em [Feira Internacional de] Bolonha – e o livro *Mil Folhas* recebeu “o prêmio”, e não uma menção honrosa – é um orgulho, em especial por podermos proporcionar isso aos autores. Temos uma literatura de muito boa qualidade, que deu um salto qualitativo nas últimas duas décadas, com os ilustradores se envolvendo mais com a narrativa. Começamos a ter uma literatura infantil com muita personalidade e a nos destacarmos em relação a Europa e Estados Unidos, que até então dominavam o nosso próprio mercado. (Isabel Lopes COELHO, 2011)

Os verdadeiros pontos de referência são os educadores que fazem a diferença. Vocês, brasileiros, têm a herança do grande educador Paulo Freire, a quem tive o prazer de conhecer em Roma. O Brasil deveria não esquecer que é a pátria de Paulo Freire, o grande educador que marcou o século XX. Isso implica ter orgulho de sua obra, além de compromisso, dever e obrigação de não trair seu pensamento. (Francesco TONUCCI, 2013)

Tenho 50 anos de profissão docente. E é claro que, durante a minha trajetória como professor, passei por algumas dificuldades, porque cuidar de uma família com filhos com um salário de professor não é nada fácil. Mas não me arrependo de nada do que fiz e repetiria tudo, se pudesse. Isso não é uma declaração romântica. O que mais me orgulha é que fui e sou professor. Nós, freirianos, não somos esperançosos por poesia nem por delírio. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

Quando falo em investimento no professor, não falo apenas em termos de capacitação. É claro que é preciso cuidar do treinamento dos educadores, mas não é só isso. O investimento deve ser também em motivação. Nossos professores estão desmotivados, não somente por causa do salário baixo, mas também pela falta de apoio e admiração da sociedade, coisa que existia há 40 anos. Por conta disso, o orgulho de ser professor não existe mais. (Pedro BANDEIRA, 2015)

DIGNIDADE

Tudo bem, acho que o professor é explorado, é uma desgraça. Mas a questão da identidade do professor não se resolve simplesmente tendo mais salário. É preciso que o professor descubra que ele é um demolidor e um criador de mundos. Quando perceber que está envolvido nessa tarefa divina, ele vai olhar para o espelho e ver sua cara com um novo senso de dignidade. (Rubem ALVES, 1987)

Ele [o professor] tem de ser um indivíduo datado, atualizado com o seu tempo. Não pode ser uma pessoa alienada da sua realidade social, política e econômica. Deve ter também um razoável domínio do conteúdo da disciplina que vai lecionar. Além disso, é necessário que ele conheça a realidade de seus alunos. Finalmente, ele precisa ter uma boa formação filosófica para selecionar objetivos que estejam voltados para formar um homem com toda a dignidade do ser humano. (Anna Bernardes da Silveira ROCHA, 1988)

Tanto os alunos quanto os professores precisam ter dignidade. Caso contrário, a escola não floresce. A escola eficaz é aquela em que professores são respeitados pelos alunos, e os alunos são respeitados pelos professores. Isto abrange as expectativas também. Se ambos os grupos alimentam grandes expectativas a respeito do outro, há mais probabilidade de sucesso. Se um grupo tem expectativas negativas, seja de alunos, ou de professores, a situação não vai funcionar bem. (Peter MORTIMORE, 1995)

A competência vincula-se à ideia de mobilização, ou seja, a capacidade de se mobilizar o que se sabe para realizar o que se busca. É um saber em ação. Aliás, da má compreensão deste aspecto vem outra crítica, a de competência como mero saber fazer algo. Agir é mais do que fazer. “Ação” é uma palavra com uma dignidade incrível. Basta lembrar: você, como pessoa, aceita a cooperação; recusa a coação. A ação é sempre pessoal. (Nilson José MACHADO, 2001)

[A escola] tem a obrigação de formar jovens capazes de criar, em cooperação com os demais, uma ordem social na qual se possa viver com dignidade. A democracia caracteriza-se como o regime em que as leis e as normas são elaboradas pelas mesmas pessoas que vão obedecê-las. É o sistema mais rigoroso que existe, porque não é natural ao ser humano. As normas devem dar autonomia e liberdade aos cidadãos e, ao mesmo tempo, garantir a ordem social. (Bernardo TORO, 2002)

Consequentemente surgem mais despesas para uma categoria profissional já mal remunerada. A solução, entretanto, é simples e semelhante à testada e provada para resolver o caso das matrículas e da frequência das crianças nas escolas. Sem hipocrisia, é preciso pagar melhor o professor e com isso restaurar a sua dignidade. Sem salário decente, não há como participar e melhorar. Com salário decente, o resto vem como consequência. (Antonio Helio Guerra VIEIRA, 2002)

Defendo que todos os programas sejam por família, e não por número de filhos, porque isso dá mais dignidade à mãe. Quando a mãe recebe, como hoje, a *Bolsa Escola* por criança, ela está recebendo uma ajuda. Quando recebe por família, está recebendo um salário para cumprir seu papel de cuidadora da criança. O que

tem de ser por criança é o número de bancos na escola, as gotinhas da poliomielite, o atendimento médico no posto de saúde. [...] O número de filhos é uma opção da família, e o Estado não tem de ser meter nisso, nem apoiando, nem perseguindo. (Cristovam BUARQUE, 2003a)

A Itália era um país muito pobre, e um dos projetos culturais era pensar a escola infantil para formar cidadãos. O discurso principal era este: a pobreza é combatida com a cultura, com a informação. [...] Uma direção era de um trabalho político tipicamente italiano, baseado no fato de que a escola infantil serve principalmente para construir uma criança cidadã, que tem dignidade e que é organizada. A escola infantil também tinha uma função de formação dos pais. (Battista Quinto BORGHI, 2004)

Para o professor recuperar sua dignidade, tem de sonhar muito forte. Dei um curso recentemente numa cidade vizinha a Campinas e metade das professoras não conhecia a capital do estado de São Paulo. [...] Não é preciso só viajar para São Paulo, para o Rio de Janeiro ou para o Nordeste. [Elas] têm também de ter oportunidade de ir para a França, para a Espanha, para outros países. Nenhum governo pagaria essas viagens para as professoras alfabetizadoras, só para os doutores da academia. Não se dignifica essa professora. (Ezequiel Theodoro da SILVA, 2004)

A aprendizagem consiste em trocar uma teoria por outra. É preciso sempre uma armação de conflito, de descoberta de geração de um outro sentido constantemente. E isso ocorre por uma força emocional capaz de interpolar a teoria que se tem atualmente. Por isso que essa ideia de transmitir verdades não serve para a educação. Os alunos do nível secundário sabem muitas coisas, na soma do conhecimento deles sabem muito mais que o professor, o que aparece como um ataque à dignidade do professor. (Juan CASASSUS, 2009)

O salário é importante para garantir a dignidade da profissão. Sem uma boa remuneração, não conseguiremos atrair bons profissionais e impactar o ensino. A qualidade da Educação é proporcional à qualificação dos educadores. [...] Fico indignada quando um economista escreve páginas e páginas para dizer que o salário não é importante, que em determinado lugar paga-se mais e o resultado das avaliações é pior do que onde se paga menos. (Maria Alice SETUBAL, 2011)

O indivíduo – e, portanto, sua presença – é singular e insubstituível. Dir-se-ia que, do ponto de vista moral, tem dignidade. Kant afirmava que o ser humano tem dignidade porque não tem preço, não é comparável, não pode ser trocado, ou seja, escapa à lógica da equivalência. Não por acaso, este é o princípio elementar dos direitos humanos. Quando uma criança ou um adolescente não conta com outro significativo que lhe sirva de fonte de reconhecimento [...], ela ou ele não encontra respaldo para crer-se e experimentar-se como sujeito. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

Normalmente, disciplinamos as crianças de maneira rígida ou permissiva. Quando os professores são muito rígidos, acabam sendo autoritários e o aluno sente que teve sua dignidade roubada. Quando são permissivos, deixam que tudo aconteça para não afetar a autoestima da turma. [A psicóloga norte-americana

Jane] Nelsen propõe que o docente seja firme, mas também gentil para manter a dignidade da criança. (Fernanda LEE, 2017)

O debate e a luta da educação integral não são outras que não as lutas pela garantia, pela permanência, pela continuidade e pela qualificação dos direitos que, pouco a pouco, vínhamos conquistando na sociedade brasileira. O desafio da educação integral é o desafio de construção de uma sociedade na qual todos caibam, e na qual dignidade e decência para viver são compromissos dos governantes. (Jaqueline MOLL, 2017)

Para pensar a questão do respeito, um conceito essencial é a dignidade. É preciso respeitar a dignidade da pessoa, o que não significa concordar, nem obedecer. Existe inclusive o que se chama de *desobediência civil*: as pessoas desobedecem porque consideram algumas leis injustas, mas respeitam as pessoas. Já o desrespeito ocorre quando você fere a dignidade do professor, inclusive de maneira intencional, evidentemente. Quando eu agrido verbalmente o professor, eu o desrespeito. (Yves de la TAILLE, 2019)

HUMILHAÇÃO

A taxa anual [da Associação de Pais e Mestres] era facultativa. Mas por falta de informação, e às vezes por má intenção das diretorias, ela era apresentada aos pais como obrigatória, e a cobrança chegou a ser feita com um carnê bancário. Era um momento de humilhação; um pai muito pobre tinha que implorar ou tirar atestado de pobreza na delegacia para não ser obrigado a pagar a taxa. (Marília Pontes SPOSITO, 1991)

O professor pode ajudar, e muito, na reversão dessa falta de valorização das culturas negras na nossa sociedade. No entanto, quando ele toca na escravidão dos negros, em vez de enaltecer o descendente do escravo, faz com que os meninos negros se encolham, se neguem. Ficam humilhados. O professor tem de apresentar o negro como o civilizador que ele foi, não só do Brasil como na própria África antes do chamado descobrimento. (Joel Rufino dos SANTOS, 1993)

Muitas escolas encontram saídas para acabar com a violência. Nós demos a ideia de criar um 0800 para as pessoas fazerem denúncias. Quando você é assaltado ou violentado e não tem com quem falar, há um sentimento de humilhação. É como se você perdesse um certo grau de cidadania. Se a vítima puder denunciar, ela fica com a autoestima menos machucada. (Miriam ABRAMOVAY, 2003)

No século XIX, quando os sistemas educativos nacionais foram criados, predominava uma visão racionalista do ser humano. Tudo que tivesse a ver com corpo e emoções tinha de ser afastado porque ia contra o desenvolvimento da faculdade superior de raciocinar, vista como o caminho do progresso e da felicidade. O resultado disso foi a criação de uma organização antiemocional, onde prevalecem as humilhações, as comparações, os juízos de valor e as desqualificações. (Juan CASASSUS, 2008)

Hoje em dia nós sabemos que a população escrava era extremamente hierarquizada. Havia aqueles que eram mais próximos da vida de seus senhores, e que tinham, em razão disso, benesses que o escravo do eito, da labuta, não contava. Gilberto Freyre chega a chamar os escravos domésticos de “aristocracia escrava”. Claro que é um termo paisagístico, nada analítico, mas significa que, quanto mais próximo esse escravo estava da família da “Casa-Grande” e do catolicismo, mais privilégios ou menos humilhações e castigos ele teria. (Manolo FLORENTINO, 2008)

Existe uma forma de dar nota aos alunos que pode levá-los à humilhação ou a um processo de competição entre eles. É preciso evitar essas oposições inúteis, como a oposição entre autoridade e liberdade. Toda criança precisa de autoridade, mas deve poder exercer a sua liberdade. E a pedagogia permite discutir os métodos de oposição teóricos. (Philippe MEIRIEU, 2008)

Estou cansada de conversar com alunos e ouvir que eles se sentem injustiçados, desrespeitados por professores que não sabem o nome do aluno, que dão cópia na lousa para mantê-los ocupados, fazem gozações, usam a avaliação como uma forma de ameaça. Tem lugar em que o banheiro é fechado à chave. Isso é humilhante. A escola passa a mensagem de que pensar e obedecer são coisas

distintas. Colocam-se regras e cobrança sem que se proporcione a compreensão da sua necessidade. (Telma VINHA, 2009)

Creio ser urgente a humanização das práticas escolares. E creio ser útil juntar à “Declaração Universal dos Direitos da Criança” uma “Declaração Universal dos Deveres da Criança”. Talvez fosse atenuada aquilo que alguém já designou de “ditadura da infância”. Nas escolas que ainda temos, é possível que um aluno, impunemente, ofenda, humilhe e até bata em professor. (José PACHECO, 2010)

O professor não deve apenas levar respostas aos alunos; deve também fazer um importantíssimo trabalho de questionamento do mundo. Em segundo lugar, um dos maiores prazeres de nossa vida é nos sentirmos inteligentes e, então, devemos colocar os alunos frente a desafios intelectuais, levá-los para aventuras no mundo das ideias e das artes, no que se chama hoje de pedagogia do empoderamento, que deve substituir a atual pedagogia da ameaça e da humilhação. (Bernard CHARLOT, 2011)

Há salas em que alguns alunos se desengajam totalmente e o professor acaba dando atenção para um grupo reduzido e ainda exigindo pouco. Corre-se o risco de os alunos melhores se sentirem pouco desafiados. A técnica [*Puxe mais*, proposta por Doug Lemov] ajuda a trabalhar todos os níveis, exigindo de todos os alunos, sem que eles se sintam humilhados de qualquer forma que seja. (Paula LOUZANO, 2011)

Se nunca pegaram um livro nas mãos nem viram um exemplar em casa, elas [as crianças] simplesmente não sabem do que se trata nem como aquilo deve ser usado, para que serve. Ao tentar abri-lo, é comum o educador dizer “Não é assim” e “Não faça isso” por várias vezes. O pequeno percebe, então, que vários colegas sabem o que fazer com o objeto, e ele não. Com esse cenário, o livro pode começar a se transformar em alvo de humilhação e angústia, e ele acaba preferindo fechá-lo. (Evelio Cabrejo PARRA, 2013)

Quando um conteúdo erótico é divulgado na internet, o controle sobre ele se perde: todo mundo pode acessá-lo, e o jovem se torna motivo de piada, a ponto de começar a sofrer *cyberbullying*, difamação e humilhações. É provável ainda que rompa com os amigos e brigue com a família porque está emocionalmente abalado. Ele ainda pode passar a não dar conta dos conteúdos curriculares. No mais, o material pode ser usado em sites de pornografia infanto-juvenil e alimentar redes de pedofilia. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Uma pesquisa recente nos Estados Unidos com 33 famílias mostrou que os pais batem muito mais do que percebem. Foi feita gravação na casa de pais que diziam que não batiam. Quando eles assistiam às agressões e humilhações feitas por eles com os filhos, ficavam perplexos, simplesmente não se lembravam. Em média, as crianças apanhavam ou sofriam humilhações 18 vezes por semana. É preciso haver uma desnaturalização dos castigos. Hoje ainda é tão natural que os agressores não percebem. (Milena ARAGÃO, 2015)

Antes mesmo do ódio radical virar espetáculo na nossa cultura, as escolas conviveram com procedimentos de humilhação, que hoje são amenizados com o termo *bullying*. São as escolas, inclusive, que ensinam a pensar do ponto de vista

binário. [...] Todos os professores, gestores e secretários de Educação sabem que estão formando pessoas. Se não sabem, não deveriam estar onde estão. E se sabem e não se comprometem, não têm ética, não possuem o mínimo respeito e deveriam, sumariamente, retirar-se de seus postos. (Marcia TIBURI, 2016)

[Na EJA,] o adulto não pode ser humilhado mais uma vez. A avaliação classificatória, e especialmente a reprovação, são formas cruéis de humilhação. Em primeiro lugar, porque os adultos e também as crianças e adolescentes não têm as mesmas histórias de vida, características, interesses, inteligências, saberes etc. Cada um, cada um. Diferenças pessoais não são comparáveis e, portanto, não são classificáveis. (Genuíno BORDIGNON, 2019)

EMPATIA

Quando a criança está envergonhada costuma ser bonita a foto. Mas tenho uma empatia muito grande com elas porque tenho muitos filhos, adoro criança, me relaciono bem com elas. Acontece muito de você fotografar a criança tímida e ela ir se abrindo, até dar aquele sorriso. Mas não me importo se ela estiver triste ou brava. Todo momento verdadeiro é bonito. (Mila PETRILLO, 2001)

Há duas características da profissão de docente. Uma é profana, lembra que ensinar faz parte de um dever que precisa trazer algum dinheiro no final do mês. É o magistério profano – não porque é ruim, mas porque não tem paixão. Quando é genuína a empatia, quando a arte de aprender é mais importante que a de ensinar, aí a profissão se mostra sagrada. Ser professor é ter um lado profano e outro sagrado. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

[Perceber o outro] acelera o desenvolvimento da empatia, outra ferramenta fundamental nos dias de hoje. A capacidade de “pensar pela cabeça dos outros”, interagindo com o interlocutor dentro dos seus padrões e valores aumenta, consideravelmente, a inteligência emocional de cada pessoa, fator esse extremamente valorizado pelo mercado de trabalho. Impossível imaginar a possibilidade de alguém tornar-se líder sem ter alto grau de percepção. (Jair Abreu CAMPOS, 2005)

Tem gente que dá bons resultados, mas não consegue gerar um mínimo de empatia. E tem gente que é muito simpática, mas não faz o que a empresa espera. Evidentemente, é preciso também estar atualizado, o que para mim significa “aprender antes que todo mundo aprenda”. Quando alguém me pergunta o que eu estudei, eu respondo que isso não é importante, o importante foi “quando” eu estudei. (Max GEHRINGER, 2005)

Temos procurado unir duas faces diferentes do programa, que é o trabalho com conteúdos e o desenvolvimento dos processos cognitivos. É como se fossem duas telas diferentes, porém entrelaçadas. Por exemplo, podemos estudar história e, ao mesmo tempo, levar nossos alunos a refletir sobre a empatia, a capacidade de sentir como o outro sente, olhar por outros pontos de vista. (Guy CLAXTON, 2006)

Está clara a importância da empatia na situação de ensino na sala de aula, ainda mais quando o professor depara com alunos que não se apropriam do conhecimento formal. Para entender como se sente um aluno que não está aprendendo, o professor depende de sua capacidade de empatia. As artes, de modo geral, promovem a sensibilidade necessária para os processos humanos de interação em sala de aula. (Elvira Souza LIMA, 2010)

É preciso mostrar ao jovem agressor as consequências do que faz. Frequentemente, trata-se de um garoto inofensivo que quer se afirmar e, ao se colocar nesse papel, sente-se mais forte que os demais. Por isso também é importante desenvolver a empatia, a capacidade de se colocar no lugar do outro, a conscientização de que esse tipo de situação é prejudicial para todos – e isso não se faz apenas com eventuais lições de moral. (Eric DEBARBIEUX, 2011)

O professor de Matemática deve ser alguém apaixonado e capaz de atizar a curiosidade do aluno. Mas, ao mesmo tempo, é preciso ter cuidado para não espalhar demais as coisas e as mensagens, ter sempre em mente que o objetivo principal é fazer com que os alunos aprendam a pensar – de forma lógica, como pesquisador, com concentração, para entender o que estão usando e computando. É essencial, como para qualquer docente, ter empatia com os alunos. (Cédric VILLANI, 2012)

Estamos falhando em colocar a educação como prioridade em nossas sociedades, especialmente se pensarmos no papel global da educação para o ser humano. Estamos muito preocupados com o cognitivo e deixamos o lado emocional. Estamos esquecendo que compaixão se ensina, que empatia se ensina. Precisamos pensar o que os nossos alunos estão perdendo ou esquecendo de um ponto de vista holístico. (Brian PERKINS, 2013)

Penso a arte como o exercício imaginativo da empatia na construção de personagens e na invenção de narrativas para contar de outro modo a história de cada um, relatando passados e futuros possíveis, descobrindo a compaixão e a dignidade do Outro. Precisamos unir forças, somar estratégias, combinar metodologias e escutar muito as crianças e os adolescentes. Esse será um aprendizado difícil, do qual todos nós participaremos. Todos somos aprendizes da cultura da paz. (Luiz Eduardo SOARES, 2013)

Há uma cena de um bebê que está chorando no canto da sala e o outro, com 9 meses de idade, senta perto da porta e fica tentando abrir. Outro bebê de 13 meses estava no entorno, olha esse bebê que chora, vai até a porta sanfonada e procura abri-la junto com a outra criança. Eles pensaram ou mesmo combinaram? Não, mas existe uma capacidade de empatia pelo outro que faz com que esse bebê de 13 meses procure achar soluções, inclusive a de tentar consolar o outro. Eles fazem muito mais do que a gente pode imaginar. (Katia AMORIM, 2014)

Acho que essa simplicidade dos meus livros é o segredo do sucesso com o público infantil. Pego um tema complexo como o amor e tento deixá-lo o mais simples possível. Outro elemento que ajuda na empatia é o fato de os meus desenhos se parecerem com desenhos de criança, então há uma identificação de imediato. Acho que a fórmula é esta: trabalho de arte, cores vibrantes, palavras simples, imprevisibilidade e bom humor. (Todd PARR, 2014)

Se o comportamento [*bullying*] acontece em segredo, denota insegurança do agressor, que busca diminuir a vítima para se sentir superior. Se acontece na presença de outros, que direta ou indiretamente são arregimentados, indica a necessidade de “aparecer”, de autoafirmar-se para o grupo, ou a tentativa de liderá-lo. O agressor não tem empatia e/ou compaixão pelo outro. (Tania PARIS, 2017)

É preciso haver uma proposta político-pedagógica da qual os professores tenham se apropriado para que organizem espaços e tempos que favoreçam, deem apoio a essas interações, lembrando que nesse período de vida ocorrem mudanças mais frequentes, exigindo do professor uma disponibilidade contínua para observar e adaptar suas práticas às crianças em seu momento de desenvolvimento, de forma a lhes oferecer estímulos, autonomia e segurança em

cada momento. Temos observado surpreendentes interações precoces de empatia e ajuda entre bebês. (Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA, 2018)

Parece extremamente importante evitar, o máximo possível, um traço de personalidade conhecido como *neuroticismo*, que é um traço emocionalmente negativo, ou seja, de um indivíduo ansioso, hostil e vulnerável, alguém por quem não se tem muita ou nenhuma empatia. A empatia em sala de aula é um atributo importante na interação com os alunos e pode influenciar diretamente no comportamento e rendimento da turma. Ter uma postura incisiva, porém amorosa, é imperioso nesse sentido. (André CODEA, 2019)

CARINHO

[A escola] transmite uma imagem maternal da professora, que às vezes é até chamada de tia, num prolongamento da ideia de mãe. A figura masculina é rara no ambiente escolar e o aluno acaba acreditando que as mulheres foram feitas para cuidar das crianças. Isso passa como uma coisa natural. E dissocia a imagem do homem, do pai, da noção de carinho. Ele só existe na escola como diretor e está quase sempre ligado à ideia de punição. (Dulce WHITAKER, 1989)

Então, o que é melhor? Deixar essas crianças trancadas em casa enquanto os pais saem para trabalhar? Por que não pagar para os pais cuidarem? Sai mais barato, é mais eficiente, tem carinho e, sobretudo, começa já. A creche precisa de projeto arquitetônico, construção, concurso público para contratar professores. Além disso, do jeito que está o desemprego até o rei Herodes se candidata para cuidar de criança. (Cristovam BUARQUE, 2001)

[Ler] em voz alta, em silêncio, em grupo. Não importa a maneira, desde que isso seja feito com prazer. E, no caso dos pequenos, com muito carinho também. Quando o contato da criança com a história vem acompanhado de uma dose de afetividade, torna-se inesquecível. Eu me lembro até hoje das histórias de minha mãe, de meu pai, as que minha avó contava. Lembro do jeito de cada um. Quase consigo sentir o cheiro do suor da pessoa, o ranger da rede da minha avó. (Ana Maria MACHADO, 2001)

Atendemos essas crianças com muito carinho, algumas vieram em cadeiras de rodas; veio Apae, vieram os ceguinhos do Instituto Benjamin Constant, terceira idade, de tudo um pouco. O pessoal do Benjamin Constant até já me conhece bem, estão sempre participando das minhas maluquices. Eles tiravam o maior sarro quando dizia que ia colocá-los nas primeiras cadeiras. Diziam: “Nós não enxergamos nada mesmo, não sei porque querem que a gente sente na frente”. (Felicia KRUMHOLZ, 2002)

Então não adianta o professor só jogar para casa quando na escola ele também pode fazer alguma coisa. A divisão entre as tarefas é muito tênue na área limítrofe, mas no centro as coisas são muito claras. A escola tem de chamar a família toda vez que a obrigação não está sendo cumprida. E provavelmente a família deve ir até a escola para ver se tem alguma coisa que ela não está cumprindo. É a educação a seis mãos – feita à base do carinho e da razão, dos pais, mães e escola. (Içami TIBA, 2003)

Temos de tomar partido pelo menino. O importante não é o que o professor dá à criança, mas o que ela precisa do professor. É uma ótica totalmente diferente. O educador vai à sala de aula para ensinar matemática, geografia, mas o menino está precisando de outras coisas. Necessita entender alguns aspectos da vida e sentir um pouco de carinho. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

A escola é porosa em relação às questões sociais. Tudo o que acontece fora dela se repetirá dentro. Uma ação que tem obtido sucesso é a abertura das escolas nos finais de semana. Os jovens, muitas vezes, não têm opções de lazer. Quando a instituição proporciona essa oportunidade, eles se sentem responsáveis pela

escola e a tratam com mais carinho, o que muda o cenário. A autoestima melhora, o clima escolar melhora. (Marlene Monteiro PEREIRA, 2006)

Um deles [mitos] é que afeto e carinho são imprescindíveis na aprendizagem. Eles são importantes, mas não determinantes. Esse mito acaba dando a entender que um professor que não faz brincadeiras, mesmo dominando os conteúdos, não é competente. Se ele é frio nas relações pessoais, é rotulado de inapto. Outro mito que paira sobre as escolas é que, se o professor é bom – ou seja, criativo, dinâmico e usa diversas ferramentas de ensino –, qualquer aluno aprende. Claro que tudo isso é importante, mas também não é suficiente. (Tania ZAGURY, 2006)

Se a criança vive em um ambiente letrado, em que os pais leem jornais, revistas e livros, ela vai se interessar automaticamente. Ao ler um livro para uma criança que ainda não sabe ler, desde os 2 anos, por exemplo, os pais estão estimulando num primeiro momento o carinho entre pai e filho. A criança vai querer que toda noite o pai ou a mãe leia uma historinha, porque é a forma de ela ter a atenção exclusiva deles, muito solicitada nesta fase. (Silvia Gasparian COLELLO, 2007)

Apesar de as histórias serem muitas vezes trágicas, ele [Hans Christian Andersen] trata a criança com muito amor. Primeiro, porque, justamente por não ter uma vida de adulto muito bem-sucedida, ele vivia contando histórias, estava próximo das crianças. As histórias dele têm muito diminutivo, carinho, cuidado com esse público. Nas histórias de Perrault e Grimm os heróis são as princesas. Nas de Andersen são as crianças, os brinquedos: a menina vendedora de fósforo, o patinho feio, o soldadinho de chumbo. (Kátia CANTON, 2010)

O trabalho do professor é caracterizado, essencialmente, pelo vínculo afetivo. Não há outra fórmula de ensinar que não seja por vínculo afetivo. É um trabalho de cuidado. Ao fazer essa entrevista, você não está cuidando de mim, e eu não estou cuidando de você. No caso do professor, sim, depende. Estamos falando, fundamentalmente, de afeto. [...] Educação e saúde são os setores em que carinho se confunde com trabalho, cuidado se confunde com trabalho. (Wanderley CODO, 2010b)

Longe de nós a ideia do autoritarismo, da regra imposta, e também longe de nós a permissividade. Educar é acreditar na pessoa humana e intervir com carinho e firmeza. Então, o adulto tem de entender que tem uma coisa chamada autoridade, que não é autoritarismo, é autoridade, que vem do latim e etimologicamente significa “ajudar o outro a crescer”. (José PACHECO, 2013b)

Um pouco de motivação e carinho também é importante. Todos os alunos precisam disso, de uma maneira ou de outra. A gente precisa estar atenta a esse tipo de necessidade. É o que a gente chama de variáveis não cognitivas, que interferem no aprendizado e na melhoria das variáveis cognitivas. Elas são importantíssimas, ao longo de toda a vida, inclusive e principalmente na vida de um adolescente. (Mariana CALIFE; Tufi Machado SOARES, 2014)

Com foco na educação infantil, para o desenvolvimento da sensorialidade nas crianças (elas representam o mundo por meio dos seus sentidos) [sugiro] atividades que estimulem o olfato, o tato. Colocando-se a criança de frente para outra criança, ela vai reconhecer o corpo, o seu próprio corpo, por meio do abraço,

do carinho. Ela pode desenvolver outras habilidades sensoriais ao manusear areia, pedras, penas etc., encostando a mãozinha do colega nesses materiais. (Érika CARVALHO, 2015)

São nítidos nas atitudes de um bom professor, por exemplo, a organização de seu material, o estudo que faz de sua disciplina (o que se traduz no domínio do conteúdo que professa) e o tempo que consome com a elaboração das atividades práticas que utilizará com seus alunos. Porém, atualmente, destaca-se também o caráter humanista de sua atuação, seu interesse nas questões particulares de seus alunos, sua dedicação em termos de carinho e amor que oferece a eles. (André CODEA, 2019)

AMIZADE

Existe um período no desenvolvimento do adolescente em que ele reproduz quase que um quadro de esquizofrenia, porque pertence ao mesmo tempo à sua família sanguínea – conservadora, por exemplo – e a seu grupo de amigos, sua “tribo”, que não raro tem valores que se chocam com os do ambiente familiar – o pessoal usa brinco, *piercing*, pinta o cabelo etc. (Alfredo VEIGA-NETO, 1999)

[Formação total] significa educar não apenas para o trabalho, mas também para o estudo e para o ócio; para as satisfações e necessidades mais essenciais do homem: o amor, a amizade, a diversão, o convívio, a solidariedade, a beleza. Significa formar o cidadão em toda sua amplitude de homem econômico, estético, social e ético. (Domenico de MASI, 2000)

Ser jovem é ser imitativo, sob algum ângulo. Ele precisa da segurança dos outros e procura essa espécie de agasalho da parceria, dividindo ídolos, músicas ou jeito de se vestir. Por fim, temos a cumplicidade. A noção de lealdade e fidelidade do adulto forma-se com a cumplicidade juvenil. Manter um segredo é prova de amizade entre os jovens. É nesse ponto que o educador deve estar muito atento. Quando um aluno é abrigado a denunciar seu colega, quebra esse compromisso, o que é muito grave. (José Ernesto BOLOGNA, 2002)

As empresas valorizam cada vez mais os projetos de cidadania dos seus talentos. Ora, esse tipo de trabalho tem de ser estimulado e cultivado pela escola de Educação Básica. Durante a vida escolar, o companheirismo, a solidariedade, o ser feliz e participante são tão importantes quanto disputar no mercado de trabalho e ganhar. É notório que os laços de amizade que unem ex-alunos de uma mesma escola se mantêm, às vezes se eternizam. (Arthur FONSECA FILHO, 2004)

Temos duas gerações distintas: uma que nasceu e a informática chegou, e a segunda que já nasceu com a informática. Tomo como exemplo meu neto, que foi alfabetizado na internet, sozinho. Outro dia falou que precisava ir para casa encontrar o amigo. Aí perguntei: “Como assim?”. Ele disse que ia encontrar na internet o amigo que mora na Espanha. Então, imagino como será com o meu bisneto. Os jovens criam grupos de amizade pelo mundo afora, o que torna inviável eles falarem apenas uma única língua. (Nilda Teves FERREIRA, 2008)

Os pequenos têm dificuldade com os cálculos e não conseguem separar o preço por unidade do preço total. Existem também os obstáculos morais: é injusto cobrar mais do que aquilo que custa o produto. Isso representa, na visão das crianças, o mesmo que tomar proveito de alguém ou até mesmo roubar. Só mais tarde elas percebem que as relações de amizade são regidas por normas morais, enquanto as relações econômicas têm outros tipos de regra. (Juan DELVAL, 2009)

Onde Fica a Casa do Meu Amigo?, de [Abbas] Kiarostami, chama a atenção de todas as faixas etárias [...]. Conta a história de um menino que, mesmo proibido de ir ao outro lado da colina, sabe que seu amigo que está lá será expulso da escola se ele não lhe entregar um caderno. Então, o garoto infringe a lei social para ajudar o companheiro. Já apresentei essa obra a crianças japonesas e elas ficaram

tão interessadas e presas à história quanto as francesas. Não é à toa: ela aborda um tema universal, a amizade. (Alain BERGALA, 2012)

Os pais são mais propensos a encorajar seus filhos a estudar por mais tempo e com mais afinco ou a querer que eles passem mais tempo com seus amigos ou praticando esportes? É a escola ou o shopping center o prédio mais prestigiado em seu bairro? O valor dado à educação tende a influenciar as escolhas que os alunos fazem entre estudar ou ir para a quadra de esportes ou ficar com os amigos na esquina e, posteriormente, para os alunos mais capacitados, decidir-se pelo magistério ou optar por algo com maior *status* social como profissão. (Andreas SCHLEICHER, 2012)

Na TV Cultura, recebi muitas encomendas. Só para o [programa] *Cocoricó* fiz mais de cem músicas. A coisa funcionava assim: eles encomendavam músicas descrevendo o que ela deveria “fazer”, só que, às vezes, ela respondia de outra maneira quando perguntávamos o que vale a pena cantar naquela história. O caso de *Tu Tu Tu Tupi* é um bom exemplo. O pedido era para uma canção para fazer amizade com os índios. Eu falei que não dava para fazer, que era preciso achar outro gancho. (Hélio ZISKIND, 2012)

Na família, as relações são estáveis. Se minha filha me xinga e me bate, eu vou sempre ser a mãe dela. Na escola, não. Lá ela vai aprender que, para manter a relação, vai depender muito do comportamento dela. Se ela xinga o amigo, ela perde o amigo. Portanto, é uma nova aprendizagem de relações instáveis; é por isso que os pequenos grudam nos amigos, uma vez que eles precisam de certa estabilidade. É outra aprendizagem. (Telma VINHA, 2013)

Chamei um grupo de 30 amigos, e cada um pagava um boleto mensal fixo. Cada um escolhia um valor, familiares, amigos, fundadores. Um dava cem [reais], outro dava 30 [reais], outro dava 200 [reais]. E, com aqueles valores, a gente pôde ter o mínimo para funcionar. [...] E o [Instituto] Reação começou a andar sozinho. No começo, a gente acreditou na força de nossos amigos. E, aos poucos, o Reação foi crescendo. (Flávio CANTO, 2014)

Desde a educação infantil, já podemos conversar com as crianças sobre as diversas formas de se constituir uma família e sobre os relacionamentos pautados pelo amor e pela amizade. Podemos desenvolver atividades que possibilitem aprender e valorizar a diversidade dos corpos e os modos de ser relacionados ao gênero. Aprender a identificar e respeitar os limites de aproximação estabelecidos por outras pessoas e saber pôr limites é um aprendizado que as crianças podem ter desde bem novas. (Cristina d’Ávila REIS, 2014)

Meus pais, que não eram leitores, desde cedo se preocuparam com o assunto e compraram enciclopédias para os filhos, isso nos anos de 1970. Era o único tipo de livro que poderiam comprar, visto que essas coleções eram vendidas de porta em porta. Foi nelas que descobri um interesse natural pela leitura, um hábito que aos poucos se tornou cotidiano em minha casa. Assim, quando cheguei à escola e comecei a ser oficialmente alfabetizado, já trazia comigo esse gosto, uma certa atração pelos livros, uma espécie de amizade. (Miguel SANCHES NETO; Felipe BELÃO; Luís Henrique PELLANDA, 2014)

Essa [a aprendizagem cooperativa] é uma prática muito potente e pressupõe o trabalho com grupos heterogêneos, algo que só é feito se os professores conhecerem a fundo a estrutura de relações da turma. Quando detectam estudantes que estão sofrendo *bullying*, precisam agrupá-los em equipes com líderes positivos que vão se tornar seus amigos e darão apoio. (María José DÍAZ-AGUADO, 2015)

O quinteto [do programa de TV *Malhação*], que foi apelidado como “as five”, fez muito sucesso. Não só pelo empoderamento feminino, mas pela possibilidade de uma amizade forte e de carne e osso, em um mundo de milhares de “amigos” virtuais, seguidores, curtidas e *likes*. Acho que as personagens geraram empatia e identificação por serem independentes, proativas e cheias de energia. Adolescentes inteligentes, curiosos e antenados, inclusive com assuntos coletivos e do país. (Cao HAMBURGER, 2018)

ADMIRAÇÃO

Tempos atrás ouvi uma entrevista com Darcy Ribeiro, de quem discordo em muita coisa, mas por quem tenho uma profunda admiração. Admiração pela sua capacidade de lutar pela vida, admiração por seu entusiasmo pelo Brasil. Acho-o admirável, pela inteligência, pela criatividade. Às vezes eu discordo dele, dessa LDB, por exemplo. Aí foi lamentável. Mas ele era brilhante. E falava dessa civilização mestiça que é a nossa. (Regina Leite GARCIA, 1997)

Dentro da União Europeia, a Espanha é um país admirado do ponto de vista legislativo. Serve de referência para muitos educadores de outros países. Lá foi estabelecido um sistema coerente de atenção às crianças de zero a seis anos. Em 1990, aprovou-se a LOGSE, a nova Lei de Ordenação do Sistema Educativo, que abrange do zero aos 18 anos. (Irene BALAGUER; Tina Roig PLANS, 1998)

Acho que vale mais a pena a escola assumir o seu projeto, ainda que não seja exatamente igual ao que eu quero, ao que os PCN dizem, ao que o Paulo Freire ou o Anísio Teixeira falaram. Mas que seja o projeto dela, assumido, e tenha uma equipe coesa em volta. Assim, com ou sem PCN, nós chegamos lá. A instituição escolar precisa de identidade, de uma cara. E a cara dela, só ela faz. Não é um processo que se faz de um dia para o outro. É coisa de longo prazo. Tenho uma grande admiração pelo trabalho dos PCN. (Guiomar Namó de MELLO, 1998)

É interessante perguntar-se por que o aluno gosta de um determinado professor. Porque ele é bonzinho e dá boas notas? Muitas vezes não. Trata-se de admiração, e para admirar alguém é necessário um componente de identificação, no qual o que admiramos faz parte de nós de alguma maneira. O que é o bom professor, em consequência? Alguém que faz, por meio da pedagogia, com que os alunos descubram os próprios valores e se identifiquem consigo mesmos. (Alfredo VEIGA-NETO, 1999)

Se apenas admiro uma obra de arte, mas não sou capaz de interrogá-la e colocá-la em relação com seu contexto de produção, não acontece nada, além de me formar como consumidor de arte. Essa ideia continua predominando dentro das escolas, nas quais ainda não se busca compreender a realidade passada e presente que vem através daquilo que decidimos chamar, no Ocidente, de arte. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2002)

Santo Ambrósio destacava-se, entre muitas outras habilidades (eloquência, determinação, sabedoria), por sua capacidade de ler sem necessidade de articular, o que despertava a admiração e o assombro de seus contemporâneos. Hoje, e isto é que é espantoso, pretendemos que toda a população comporte-se diante da leitura como fazia em seu tempo – século IV d.C. – uma figura sem dúvida alguma excepcional. Será que é tão difícil entender que nem toda população apresenta condições ótimas para chegar a isso? (Emilio Sánchez MIGUEL, 2004)

Podemos conquistar o aluno para um projeto de disciplina conseguindo a admiração dele. Em sua origem, a palavra disciplina tem a ver com discípulo. Discípulo é uma pessoa que tem alguém como modelo e se entrega pelo valor que atribui a essa pessoa. Com o tempo, perdeu-se o elemento de referência que havia

antigamente. Isso tem de ser novamente conquistado, pouco a pouco, pelos dois lados. (Lino de MACEDO, 2005)

Em vez de pessoas capazes de reflexão crítica, teremos uma geração obediente, que só sabe ler manuais de instruções. É o que vai acontecer. E aqueles que fazem parte dessa minoria mais preparada, que vai além do manual de instruções, serão os dirigentes. Mesmo na faculdade, eles já são reconhecidos e admirados pelos demais, embora não raro também invejados e até boicotados. (Miguel PEROSA, 2006)

Professores que são admirados, são apreciados pela sua capacidade de vincular e fazerem-se respeitados pela comunidade escolar. Educadores natos são criativos, atingem qualidade e produzem excelência nos seus resultados, e o índice de bem-estar se eleva, pois reconhece o seu próprio trabalho, portanto, gratifica-se. Imagine, então, se esse professor que já obtém resultados reais se dispusesse a fazer cursos e estimular-se ainda mais? (Luiza RICOTTA, 2007)

Entrar em contato com o realismo fantástico foi como um passaporte, uma luz verde indicando que esse caminho, que nós tão bem conhecíamos, poderia ser trilhado também na literatura. [...] É impossível não mencionar o García Márquez, como alguém que está à frente, mas o Juan Rulfo, autor de *Pedro Páramo*, me marcou muito, porque ali estava aquele universo delirante dos outros autores latino-americanos, mas com uma concisão de estilo admirável. (Mia COUTO, 2010)

Quanto a Sartre, acompanhei com admiração seu percurso. Em 1964, eu estava terminando o antigo ginásio, que corresponde à última série do Ensino Fundamental hoje, quando ouvi falar que um homem havia recusado o prêmio Nobel. Isso me deixou curiosa. Era Sartre. Fiquei me indagando: por que será? O prêmio é uma fortuna! Tratava-se de uma posição política. (Graça PAULINO, 2011)

A maior visibilidade de nomes brasileiros esplêndidos, como Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Marina Colasanti, Bartolomeu Campos de Queirós, Ângela Lago, Nilma Lacerda, para citar alguns, expressa o florescimento da literatura brasileira para crianças e jovens, que tem se tornado cada vez mais admirada por nós [na Argentina]. [...] Sinto que certas zonas da minha obra são mais próximas da de Marina Colasanti, cujos contos e poemas me fascinam. (María Teresa ANDRUETTO, 2012)

Uma autoridade construída envolve [...] admiração e modelos coerentes. Por exemplo, um professor que se atualiza, que fala sobre assuntos que interessam aos alunos, que sabe escutar e também se corrigir, pedir a participação dos jovens nas regras de disciplina poderá ter menos problemas disciplinares. Contudo, não existem fórmulas prontas e cada situação é um desafio único. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Quero deixar bem expressa a minha admiração pelas muitas iniciativas inovadoras que, felizmente, têm ocorrido nas escolas no sentido de melhorar a qualidade e a relevância da escolarização. Há coisas extraordinárias que, alicerçadas na conscientização de problemas e necessidades, brotam da vontade

de agir e das ideias que essa vontade gera. Não podemos olhar só para os aspectos negativos. (Isabel ALARCÃO, 2015)

A cultura é adultocêntrica, mas os adultos estão ocupando o lugar que lhes cabe na formação dos jovens? A cultura juvenil não é bastante valorizada socialmente? Ela é muito valorizada de um lado, pois ao mesmo tempo que temos uma cultura adultocêntrica, temos uma cultura de admiração por tudo aquilo que é ser jovem. Pela forma de ser, de existir. A sociedade copia os jovens. (Miriam ABRAMOVAY, 2016)

AGRESSIVIDADE

Nesta sociedade, toda iniciativa de agressividade da mulher é reprimida e considerada masculinização. A sociedade também coloca o homem em situação complicada, porque a inverte: para ser homem, há de ser violento. Quando a agressividade não pode ser usada de maneira sadia, o indivíduo tem duas possibilidades: voltar essa agressividade como agressão para dentro ou para fora. Os homens têm mais permissão, socialmente, de voltá-la para fora. As mulheres não têm essa permissão e voltam a agressividade para dentro. (Alicia FERNÁNDEZ, 1994)

É muito sério o que está ocorrendo [com a educação especial na América Latina], é parte do dismantelamento do sistema de educação pública. E eu alertaria também para o fato de que não se pode simplesmente desembarcar crianças com necessidades especiais numa classe completa. As professoras não conseguem, sequer, controlar a agressividade das outras crianças. [...] Uma situação absolutamente insustentável. (Emilia FERREIRO, 1997)

Estamos fabricando imensas quantidades de pessoas que se tornarão depressivas crônicas no próximo milênio. Fiz uma série de estudos que me levaram a denominar a cocaína como “a droga da amoralidade”. A cocaína e as anfetaminas lesam o lóbulo frontal, que representa um terço do cérebro no qual está a vontade, o controle dos impulsos, o controle da agressividade, a capacidade de pensar nas consequências das situações. Quando essa parte do cérebro é lesada a pessoa vira amoral, perde tudo isso. (Eduardo KALINA, 1999)

[A personagem de história em quadrinhos] Mônica reage, como qualquer menina comum, às provocações. Usa um coelhinho de pelúcia como poderia usar um tijolo ou um taco de baseball. Prefiro o coelho. Quanto a crianças poderem aprender agressividade com isso, não acho que aconteça. A agressividade nas crianças existe para se defenderem ou lutarem pelo que consideram seus direitos. Os gestos da Mônica não vão servir de referência. (Mauricio de SOUSA, 2004)

Estabelecer formas de proteger todas as crianças e, ao mesmo tempo, permitir-lhes aprender juntas é importante não apenas para a criança com comportamento agressivo ou instável, mas também para todas as outras crianças. Através da interação e do retorno dos pares, a criança que precisa aprender a se controlar terá a oportunidade de aprender a se comportar de uma maneira socialmente apropriada. (Susan Bray STAINBACK, 2004)

Outros clássicos são os casos de agressividade ou passividade exacerbada. Resumindo, é preciso muita atenção a tudo que parece fugir do aceitável. Às vezes, ocorre a confusão de se achar que a criança agressiva é a que tem problema. Nem sempre. Um certo grau de agressividade é normal em qualquer pessoa. Por outro lado, a criança passiva, e que não incomoda, muitas vezes é a que tem problemas de ordem emocional e, portanto, a que mais precisa de ajuda. (Ana Cássia MATURANO, 2005)

Certos meninos, em razão das condições sociais, da falta de acompanhamento e de atenção dos pais, têm uma infância muito deteriorada. Não organizam nenhum sistema emocional ou afetivo. É muito desorganizado o que a criança

interioriza desde que nasce, no período em que se fundamenta a nossa sociabilidade. Quando o menino chega aos 10 anos, tem uma desorganização interior terrível, que acaba desembocando na agressividade. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

Dizem que o professor fala muito da questão do salário, mas nem foi isso que me chamou mais a atenção. Foi mais a questão do desânimo e de um despreparo para lidar com o comportamento do jovem, que é extremamente agressivo com ele. Como você reage com um adolescente que te ofende? Essa é a maior carência deles. Falar em reciclar professor sem pensar nessa questão é inútil. (João JARDIM, 2007b)

Quando o ser humano fica impossibilitado de expressar-se livremente, de todas as formas, começa a adoecer. Isso se comprova, por exemplo, dentro da escola, e esse é o ponto-chave da discussão. A criança, no auge da exploração motora, é obrigada a ficar sentada, durante muitas horas, em móveis totalmente desconfortáveis, apenas ouvindo novas informações, como se o ouvido fosse a única maneira de assimilação. Isso gera comportamentos agressivos, atrapalha os relacionamentos interpessoais, priva a criança. (Gisele Maria SCHWARTZ, 2007)

O filme *Entre os muros da escola* – que deveria ser visto por professores, pais e estudantes –, por exemplo, trata de uma questão do cotidiano que é o confronto entre professores e alunos. Aqueles adolescentes estão vivendo uma fase em que a agressividade é fundamental. O tempo todo eles confrontam a coerência do professor, os valores que tenta passar, reproduzir para os alunos. É uma forma de resistência salutar, pois é formadora. (Izabel Friche PASSOS, 2009)

Os jovens julgam ter mais adversários do que amigos e pensam que os conflitos interpessoais dão mais lugar à agressividade do que ao diálogo. A quase unanimidade diz que os pais são as pessoas nas quais mais confiam e que também são aquelas que mais influenciam seus próprios valores. Note-se, além disso, que as instituições políticas não gozam de prestígio algum, muito pelo contrário, embora os jovens reconheçam que são importantes para o progresso da sociedade. (Yves de la TAILLE, 2009)

Aquele que agride seus colegas se torna um tirano e combaterá qualquer projeto distinto do seu. Por isso é preciso muitíssimo cuidado com o *bullying*, porque aquelas crianças com mais problemas psicológicos, com problemas familiares mais agudos são as que costumam se envolver com essas práticas de intimidação. E muitas crianças não têm ferramentas para se defender da agressividade. É preciso que a estrutura de uma organização criada e mantida por adultos lhes dê esta segurança de que não serão agredidos. (Bernardo TORO, 2009)

Trabalhar a partir das dificuldades é um instrumento da nossa qualidade. Queremos saber o que é difícil, o que é problemático. As respostas podem ser diferentes conforme o contexto e o educador. Por exemplo, como se reage diante da agressividade da criança, se é possível suportar, se não é, como se dá o diálogo com as famílias, que pode ser mais difícil para um do que para outro. (Nice TERZI; Marco FIBROSI, 2010)

Os alunos são hoje muito irrequietos e indisciplinados, por vezes até agressivos; para muitos a escola e, sobretudo, as matérias não lhes dizem nada; o reconhecimento da sociedade é pouco; o salário e as perspectivas de progressão são baixos. Não é de se admirar, pois, que os jovens não se sintam atraídos pela carreira docente. (Isabel ALARCÃO, 2015)

Às vezes, ela [a criança] demonstra agressividade como forma de manifestar um problema. Esse é o primeiro passo que todos nós temos de dar. Depois, existe o caminho da disciplina positiva. Em vez de partir do negativo, é ver o que a criança faz de bom. Por exemplo, se uma criança está agressiva, a primeira pergunta: “O que ela tem de bom?”. Muitas vezes as professoras não sabem responder então, peço para voltar e observar. Tem de ajudar a criança a nomear os sentimentos e pensar em consequências. (Milena ARAGÃO, 2015)

CONFIANÇA

Em vez de denunciar “poderes” que se alimentam da agressividade dirigida contra eles [professores], é mil vezes mais eficaz dar o exemplo, construindo. Devemos aprender a ter confiança em nós mesmos: somos perfeitamente capazes de avançar rumo a uma sociedade de aprendizagem e de criação permanente, uma cultura na qual cada um estará continuamente atento ao aperfeiçoamento da cooperação e do serviço mútuo. (Pierre LÉVY, 2001)

A relação entre uns e outros será naturalmente mediada pela confiança mútua e pelo trabalho em equipe, pelo compromisso de um trabalho honesto, por um acordo claro entre pessoas que desejam realmente aprender. Nessa interpretação, a avaliação converte-se em exercício crítico de reflexão e de pesquisa em sala de aula, que desenvolve e aperfeiçoa a dimensão profissional do professor. (Juan Manuel Álvarez MÉNDEZ, 2005)

O terceiro [passo] é procurar identificar qual é sua missão, sua visão e seus valores. Isso gera confiança. Enquanto o professor viver com medo, ficará à mercê de reações automáticas, que chamamos de reativas, e só sairá desse círculo quando começar a se transformar. Transformação significa ir do medo à confiança, mas é claro que é necessário ter uma orientação. [...] A escola precisa entender que o crescimento pessoal do professor é tão importante quanto o profissional. (Roberto ZIEMER, 2005)

Nós descobrimos que, normalmente, embora não por uma larga margem, os recém-chegados na profissão e os mais veteranos são aqueles com mentalidade mais positiva e satisfeitos com suas condições de trabalho, com a atmosfera de confiança da escola e, principalmente, contentes com sua participação em temas que envolvem todo o estabelecimento. (Eric HIRSCH, 2008)

No México, existem programas para verificar competências do magistério, bem como no Equador, França e Inglaterra, cada um a seu modo. Por que não existem avaliações sistemáticas dos professores em outros lugares? Em parte, porque há questões corporativas complicadas. Mas também porque a avaliação tem que ver com o grau de confiança de um sistema educativo. Onde há mais confiança, há menos avaliação. (Alejandro TIANA, 2010)

Embora a qualidade das nossas escolas [na Finlândia] seja homogênea e o programa basicamente o mesmo, não estabelecemos um modelo rígido para os professores seguirem. Em cada sala de aula, são eles que devem decidir seus planos de ensino a partir do interesse dos estudantes. Não controlamos os docentes como fazem outros países, não temos nenhum teste nacional nas escolas, pois temos confiança de que o professor, que está em contato com os alunos, é quem sabe o que deve ser ensinado a cada momento. (Jouni VÄLIJÄRVI, 2010)

É preciso fazer um balanço entre teoria e prática. Isto é, se você tem todas as teorias, sabe os porquês, mas não sabe como trabalhar. Nas escolas, os professores mais experientes supervisionam aqueles que estão em período de aprendizagem. Quando um estagiário ensina de uma maneira inadequada, o mais experiente o orientará. É dessa maneira que formamos um professor confiante.

Quando ele entrar em uma escola, a sala de aula não será nova para ele. (Lee Sing KONG, 2011)

Muitos [professores] sofrem de uma síndrome de falta de confiança. Sinto que, muitas vezes, eles procuram em médicos e filósofos um jeito de se segurar no saber desses profissionais, porque não confiam mais nos próprios conhecimentos. [...] Nos últimos anos, o professor vem gradualmente perdendo a confiança, a autoestima, a valorização que ele deveria ter perante a sociedade. A consequência imediata disso não é apenas o enfraquecimento do profissional, mas principalmente a falta de interesse que existia no passado por parte de um grande número de jovens em seguir essa carreira. (Mozart Neves RAMOS, 2011a)

A situação é contraditória: a escola está sobrecarregada – mas quando a ajuda chega, reage com desconfiança e descrença. Por um lado, quem leciona tem um pouco de razão. O psicopedagogo é aquela pessoa que vem de fora para opinar, mas não vive o dia a dia da sala de aula. Então, ele precisa saber se aproximar e estabelecer uma relação de confiança, deixando claro que quer contribuir e sabe como. (Maria Cristina MANTOVANINI, 2012)

Vários trabalhos em psicologia da educação mostram que os sujeitos só se engajam plenamente em uma atividade (de trabalho, de formação, de avaliação) quando confiam em si mesmos e dão sentido a essa atividade. A avaliação pode contribuir justamente para a transformação positiva dos sujeitos nos planos cognitivo, motivacional e social. (Léopold PAQUAY, 2012)

Uma das questões mais importantes neste processo [de *coaching*] – na realidade, em qualquer processo que envolva pessoas – é criar um ambiente de confiança, onde as pessoas possam estar sem que se sintam julgadas, que possam dizer o que pensam e fazer as perguntas que tiverem, equilibrando com [a implementação de] um desafio para atingir resultados e a responsabilização pelos mesmos. (Susana AZEVEDO, 2013)

O professor mais rígido que já tive na minha vida foi o próprio Paulo Freire. Cinco minutos antes do horário da aula ele já estava na porta. Entrava na sala e, depois que fechava a porta, ninguém entrava mais. Nem por isso deixávamos de perceber como ele era ótimo! Quando o aluno percebe que pode confiar em seu professor, é capaz de “dar a vida” por ele também. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

Meu otimismo se baseia em educadores que constroem sua confiança armando-se a si mesmos com pesquisa sobre a aprendizagem, com estratégias que promovem altos níveis de aprendizagem e levem em conta a importância de começar pelos pontos fortes de cada um – dos alunos e de si próprios – para criar o suporte pedagógico que presenteie o potencial inato dos estudantes, ao invés de degradá-lo. (Yvette JACKSON, 2015)

É preciso ter a confiança e a certeza – não só a confiança – de que todos os alunos têm a capacidade de contribuir de uma maneira intelectual em cada exercício proposto. A nossa obrigação é criar circunstâncias que facilitem esse processo para todos os alunos. Quero que os alunos saibam que a solução está com eles para que se sintam capazes de construir seu percurso. (Carlos CABANA, 2016)

Outra coisa são as imensas confusões sobre o lugar da autoridade numa relação pedagógica. Autoridade não tem a ver com força, coerção ou ameaça, mas com confiança. A palavra confiança significa isso, *fidis*, fé. Quer dizer, você não entende necessariamente, mas aposta nisso. O professor da escola militar restaura a autoridade? Não. Ele é capaz de produzir obediência, por meio da coerção. A disciplina é a mesma coisa. (José Sérgio Fonseca de CARVALHO, 2018)

DESESPERO

Eu, louca pra entrar na Matemática, querendo ver se elas [as crianças] distinguiam o tamanho das barrinhas. Comecei a fazer perguntas sobre isso e elas não sabiam nada, não acertavam uma. Mudei de estratégia e pedi que me mostrassem as barras de cores iguais, para ver se conseguiam classificar. Novo desastre: eu mostrava uma barra amarela e elas me apontavam uma preta, mostrava uma azul e vinha uma vermelha. Fiquei desesperada, e era pra ficar, pois, se crianças de 2, 3 anos já distinguem cores, como aquelas não faziam uma relação sequer? (Esther Pillar GROSSI, 1992)

Nesta época nova, quando cada vez temos mais capacidade e quantidade, temos mais limitações. Isso nos coloca num desespero muito grande, porque as pessoas ainda têm dificuldades econômicas e veem o que poderiam ter com o dinheiro e não têm e empenham-se na luta pelo poder e pelo dinheiro como se fosse a principal coisa na vida. Creio que essa é a encruzilhada que estamos vivendo. (Eduardo KALINA, 1999)

Por que buscamos ajuda na história? [...] Uma [das razões foi] por desespero, porque lendo a literatura pedagógica e psicológica que havia nessa época [anos 1980] não encontrávamos nada, não havia nada interessante, era um aborrecimento total. E não encontrávamos nada que nos desse ideia de como poderia pensar a criança sobre a escrita. E somente na literatura histórica encontramos muitas ideias que nos ajudaram a refletir. (Emilia FERREIRO; Ana TEBEROSKY, 2000)

Eu quis ser professora porque, para mim, era um trabalho de muito prestígio. Hoje, com um salário desses, que criança quer ser professora? Ela quer ser apresentadora de TV, ficar rica, ter carro, ser loira – todos são loiros. É tão grave, que meninas se submetem a cirurgias plásticas, verdadeiras mutilações da alma, no desespero de atingir um corpo idealizado pela mídia. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Se um pai percebe que o filho não sabe qual é a capital da Rússia, fica desesperado e se pergunta: “O que ele aprende na escola?”. Curiosamente, não causa mal-estar descobrir que o jovem não sabe diferenciar os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Não se percebe que saber a capital da Rússia não é tão importante, mas entender a diferença entre os poderes é fundamental. (Mario CARRETERO, 2003)

Se o trabalhador faz uma busca ativa de um novo emprego, é qualificado e tem uma condição financeira que o permita aguardar, minha sugestão é que ele seja seletivo. Eu não acredito que a primeira oportunidade seja sempre a melhor, até porque o mercado se aproveita do desespero do desempregado. A tendência é absorver um bom profissional por um custo menor do que ele efetivamente vale. Tudo isso pelo desespero do fantasma do desemprego. (Ricardo BEVILACQUA, 2006)

Ele [o professor] se sente muito angustiado, às vezes até desesperado, pois quer fazer o melhor, mas simplesmente não tem condições para isso. O Magistério é uma das profissões que mais tiveram aumento de tarefas nos últimos tempos.

Além de ensinar conteúdos da área para a qual foi preparado, o professor tem de lidar com outros para os quais não tem nenhuma capacitação. (Tania ZAGURY, 2006)

Há seis ou sete anos, me chamou a atenção o lançamento dos DVDs de grandes museus. Vi, então, que há duas maneiras de fazer essa visita digital. Uma pessoa de mais de 60 anos que vai olhar o Louvre começa a viajar sala a sala. Mas, ao entrar na primeira sala, algo a desperta e leva a outra coisa e a outra. De repente, está em algum lugar que não sabe mais onde é, e seu espírito lógico começa a entrar em desespero. (Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO, 2008)

Os astrofísicos têm a sorte de poder utilizar imagens suntuosas e tratar de assuntos de interrogações suscitadas pela curiosidade. Aconteceu-me de intervir numa classe de 2º grau a pedido de um professor de física desesperado com a indiferença dos alunos à sua disciplina. Eles me acolheram sem entusiasmo. No final, mostraram-se muito interessados. (Jean-Pierre LUMINET, 2008)

Há muita discussão teórica e ideológica e pouca, ou nenhuma, discussão prática nas universidades, exigindo que se estude por conta própria. A julgar pelo que se vê por aí, os cursos são todos distantes da realidade. Outra carência é a interdisciplinaridade. Com poucas exceções, os professores não têm uma visão “multi”, “inter”. O número é superior ao tolerável. A prova disso é que quando o vestibular da Fuvest colocou um poema da Cecília Meireles em uma questão de biologia, foi um desespero. (Pasquale CIPRO NETO, 2010)

Os jovens não conseguem atribuir um sentido à escola. As mães que recebem Bolsa-Família ficam desesperadas porque os filhos precisam frequentar as aulas para que possam receber o benefício. O fato é que, depois dos 14 anos, as mães não conseguem mais segurar os filhos na escola. As redes de ensino têm relatado esse problema ao final do terceiro ciclo. (Juarez DAYRELL, 2010)

A maioria dos professores é comprometida, quer melhorar, quer fazer com que o aluno aprenda, não quer ficar sabendo dessas abobrinhas ideológicas, briga política de sindicato. E [a maioria deles] está desesperada para que haja uma mudança efetiva, para que os políticos, as secretarias, se engajem e gerem mudanças. E eu acho que isso só acontece no momento que você tiver a família junto. Paradoxalmente, para fazer com que isso aconteça, primeiramente é preciso mostrar para essa família qual é o problema. (Gustavo IOSCHPE, 2012)

A violência a que essas crianças foram sujeitas, e que as faz ser como elas são, não se resolve com castigos, não se resolve com colocar para fora da sala, não se resolve com câmeras de vigilância. Não se resolve com isso. Resolve-se com negociação e com exemplo. Nós juntamos desde a primeira hora – e imagine o quadro do meu desespero, porque foi tal a destruição aqui – nós juntamos no acolhimento a essas crianças, a firmeza e o carinho. (José PACHECO, 2013b)

Um governo que não tem uma resposta rápida é um governo que vai fracassando. Essas consultorias, na lógica que estamos falando, levam respostas prontas. Diante de uma necessidade e um desespero, essa resposta pronta é comprada e, às vezes, a custos muito altos. Hoje, a escola pública é um mercado enorme para

o setor privado, por meio de venda de apostilas, de formação de professores, cursos de gestão, materiais didáticos etc. (Nora KRAWCZYK, 2014b)

O que é mais importante nisso é ter mecanismos através dos quais a gente saiba se os professores têm certas habilidades e competências necessárias à educação. E eu diria com toda certeza que o concurso público é a pior forma de fazer isso no momento atual [...]. Em grandes redes, aqueles que passam em primeiro lugar porque são muito bons academicamente em algum assunto ou tem dinheiro para fazer bons cursinhos de concurso público, quando chegam no primeiro dia na sala de aula é um desespero. (Fernando ABRUCIO, 2016)

ESPERANÇA

A esperança é uma invenção do ser humano que hoje faz parte da nossa natureza, que se vem constituindo histórica e socialmente. Ou seja, a esperança é um projeto do ser humano e é também a viabilização do projeto. Por isso é que os ditadores, tanto quanto podem, aniquilam a esperança das massas. Ora sob o susto, o medo, o pavor. Ora sob o assistencialismo. (Paulo FREIRE, 1993)

Nossa reação não consiste simplesmente na análise social do modo como estes problemas são “exportados” para as escolas. A questão deve ser tratada de modo mais positivo. Mesmo nessas situações, onde está cada vez mais difícil que os professores encontrem esperança, onde é cada vez mais difícil as pessoas trabalharem com estudantes e convencê-los de que existe um futuro, mesmo nessas terríveis condições em todo o mundo, há muitos exemplos de escolas que apresentam um sucesso extraordinário. (Michael APPLE, 1996)

Tivesse eu perdido a esperança, a exigência de coerência me obrigaria a deixar a educação; mesmo porque, para mim, um educador sem esperança seria a própria contradição lógica encarnada. [...] É com esse sentido que enuncio resolutamente minha resposta afirmativa, com plena consciência do que isso implica, em termos das lutas a serem travadas, para as quais estou propondo a estratégia da “resistência ativa”, nas condições adversas que nos cabe enfrentar. (Dermeval SAVIANI, 1997)

Se os professores brasileiros, com a iniquidade dos salários que recebem, com as condições precárias em que trabalham, são capazes de produzir, imaginemos se eles tiverem salários mais dignos e se tiverem a qualificação que se pede no mundo contemporâneo e que a lei [LDB] está, hoje, de certo modo, incentivando. Tenho, então, muita expectativa positiva, tenho esperança de que, com uma administração mais aberta, uma administração pública mais democrática, mais voltada para o social, amanhã sairemos desse buraco em que nós, professores, estamos. (Carlos Roberto Jamil CURY, 1998)

A atual geração de pais não tem mais esperança de que os filhos viverão melhor do que eles. Muitos temem pelo futuro dos filhos. Nunca foi problema, por exemplo, pensar em ser desempregado; o dilema era: “Será que vou me dar bem?”, “Será que vou ganhar bem?”. Hoje, um dos grandes temas dos adolescentes é: “Será que eu terei um lugar?”. Antigamente, a grande equação era entre pobreza e riqueza; agora, é entre exclusão e inclusão. Isso é um complicador. (Yves de la TAILLE, 1999)

Não sei se caminhamos rumo a algo melhor ou a algo pior. Politicamente, e como pesquisador, preciso estar aberto com relação a isso. Não posso me fechar em opiniões pessoais. Como pesquisador preciso permitir que a pergunta se reinstale para que eu possa seguir pensando sobre o futuro. Como cidadão posso até mesmo sentir-me desesperado, mas como professor e pesquisador não posso perder as esperanças. (Miguel MOREY, 2002)

O número é de 48% dos professores sofrendo essa síndrome [da desistência]. É o professor que já desistiu de tudo, desistiu de dar aula, desistiu dos alunos, acha que eles não aprendem mesmo. É um estado de “depressão docente”. Com relação

à docência, o professor já não tem mais esperança, ele parou de lutar. Por isso é que estamos investindo no “coração” do professor: temos de tentar despertar nele a paixão, a disposição, pois isso move tudo. (Maria José FÉRES, 2004)

A tarefa educacional dos docentes convive com outras instâncias socializantes, às vezes mais poderosas, como a televisão, o grupo de iguais, a família ou o contexto social, político e cultural em que vivemos. Contudo, nossa cota de influência está ali, não somos os únicos que damos rosto ao futuro, porém contribuimos para que ele seja mais justo e menos violento. [...] Nós, professores, devemos viver a profissão pela esperança e com esperança para poder dar esperança aos nossos alunos. Não pode haver processo educacional sem esperança. (Xesús R. JARES, 2006)

O que mais me impressiona foi, me atrevo a dizer, que encontrei, no Brasil, jovens com vontade de viver, com ímpeto, com impulso de que as coisas sejam de outra forma e sejam melhores, ou seja, com um desejo de movimento, de estar vivos, de estar presentes, ativos, que às vezes me custa reconhecer nos jovens do meu país [Espanha]. Ainda vi, no Brasil, como em outros lugares da América Latina, esperança. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

De uma geração que incorporava esperança para o futuro nos anos 1970, os jovens, desde então, foram transformados em uma geração de suspeitos em uma sociedade destruída pela fusão entre um Estado corporativo, dirigido pelo mercado, com um Estado punitivo cada vez mais poderoso. Crucial para essa afirmação é a ideia de que a atual geração de jovens não é mais vista como um investimento social importante ou como um indicador da democracia e da vida moral de uma nação. (Henry GIROUX, 2010)

O que mais aprendi com Paulo Freire foi a ideia de esperança ativa, que não é da pura espera, mas é a esperança que procura, constrói, busca e sabe que a atividade docente, acima de tudo, não é um emprego, é fonte de vida. A gente também tem isso como um emprego, mas ela é, acima de tudo, uma fonte de vida em que a esperança é a nossa recusa ao biocídio, a nossa recusa à falência da vida e, portanto, o nosso modo de existir e esperar. (Mario Sergio CORTELLA, 2012)

A escola mais pobrezinha da cidade [Novo Horizonte, SP] tem um IDEB muito mais parecido, quase igual ao da melhor escola da cidade. Isso foi um acidente? Não, isso foi trabalho, empenho, vontade. Eu gostaria que isso fosse uma regra geral, que todas as escolas de um município fossem diferentes, mas em níveis que não apontassem brutais diferenças entre estudar em uma escola ou em outra. Portanto, essa visão de uniformidade é muito assustadora. Esperança se tem, mas eu gostaria de ver algo mais do que uma esperança. (Celso ANTUNES, 2014)

Hoje, tenho muito mais esperança do que quando comecei a minha carreira. Imagine um professor de história dando aula no período de ditadura militar no Brasil. Havia espões na minha sala de aula! Fui preso cinco vezes nesse período, e quase mataram a minha esperança. Houve um momento em que achei que não teria mais saída, mas sempre há uma saída. Então, nós temos que conseguir realimentar a esperança dos professores de educação básica. (José Eustáquio ROMÃO, 2014)

O país [Brasil] tem professores cada vez mais qualificados. É possível perceber isso sobretudo, na rede municipal, uma rede cada vez mais consolidada no que diz respeito a capacitações para a prática pedagógica, com equipes de gestores muito interessantes e equipes de coordenação das prefeituras bem preparadas. Conheço o Brasil de norte a sul e tenho percebido que é possível encontrar cada vez mais gente com formação completa. Assim, vejo com muita esperança, e de maneira otimista, este tempo que o Brasil vive no século XXI. (Ariana COSME, 2016)

Não é tempo de se ser conformista e resignado [...]. Por isso, professores líderes são tão necessários. Mas, como é sabido, “sozinho poder-se-á ir mais depressa, mas acompanhado chegar-se-á mais longe”, sendo que “para educar uma criança, é necessário de uma aldeia”. Daí a necessidade do trabalho colaborativo entre professores e a liderança entre colegas, muitas vezes informal. Quem tem uma ideia, descobriu uma solução ou desenvolveu um projeto pode ir à frente, indicando o caminho, espalhando esperança, derramando entusiasmo. (Ana Paula SILVA, 2019)

PESSIMISMO

A velocidade dos fatos está a nosso favor, de modo que não devemos ser pessimistas. Se não conseguirmos conquistar certas reivindicações, certas soluções, agora, elas já se colocaram e serão não o ponto de partida, mas um ponto de referência nos debates que virão daqui para a frente. [...] A Constituição de [19]88 nos abriu um espaço político para irmos muito mais longe e, agora, quem tenta cortar o que conquistamos são os interesses que têm tanto direito à existência quanto os nossos. Precisamos vencê-los, mas na atividade política concreta, real. (Florestan FERNANDES, 1991)

O pensamento educativo e as pessoas que vivem da educação, ao realizarem uma análise crítica da realidade, julgam-se pessimistas. Parece que os professores precisam de alguém que, em vez de lhes trazer problemas, lhes dê soluções e esperança. Mas penso que, sem uma consciência crítica da realidade, é impossível mudar o mundo. [...] Antonio Gramsci disse que, ao pessimismo que nos é dado pela inteligência na compreensão do mundo, é preciso acrescentar o otimismo da vontade que deseja transformá-lo. (José Gimeno SACRISTÁN, 1997a)

Existia a noção de um balde que se vai enchendo e, ao final, mede-se a altura da água. Dentro dessa noção, o balde seria o aluno e a medida da altura da água, a avaliação do conhecimento adquirido por esse aluno. Isso realmente não existe mais. Em uma visão mais pessimista, o professor estaria jogando o “líquido” em um “balde” furado. A visão mais otimista é que sempre fica um resíduo. Mas uma questão é: o professor tem os recursos necessários para “passar” o conhecimento ao aluno? (Maria Laura Mouzinho Leite LOPES, 1998)

Na corrida, acabou ganhando a catástrofe. Na primeira metade do século, sobretudo, e até hoje, não podemos estar satisfeitos com a educação. Se observarmos o extermínio dos hutus na África, em Ruanda, as guerras étnicas, as 80 crianças que morrem diariamente no Brasil, segundo dados da Unicef, não é isso? Nesse sentido, a barbárie venceu. [...] Mas acho que não devemos ser pessimistas no sentido de que a catástrofe é o fim da história. (Moacir GADOTTI, 1999)

Não sou totalmente pessimista sobre o futuro. Temos de lidar com a formação de professores numa nova realidade, que inclui testes padronizados, *rankings*, avaliação, relatórios. Há muita coisa acontecendo nas políticas de educação, no sentido de preparar trabalhadores para a economia global. Apesar disso, vejo muitas possibilidades para a criação de alternativas. A grande questão é que a formação de professores não recebe a importância devida para que se façam as coisas que precisam ser feitas, que podem ser feitas. (Kenneth ZEICHNER, 2000)

Costumo dizer que os pessimistas só servem para ser bons domadores, nunca bons professores! É preciso acreditar – e não duvidar nunca – que o ser humano é perfeito, que ele tem uma capacidade ilimitada de aprender, nascida com ele. Ao mestre cabe fomentar esse desejo de saber e mostrar que podemos sempre ser melhores à medida que adquirimos mais conhecimentos. Devemos ter humanidade, capacidade de respeitar e uma alegria cidadã contagiosa. Isso será repassado às crianças. (Fernando SAVATER, 2002)

A pesquisa educacional, tal como a conhecemos hoje em dia, está encerrando um ciclo de trinta anos. Ela teve aqui um ciclo importante, a partir da década de [19]70, mas está um pouco esgotada. E, ou ela consegue se renovar de forma radical nos próximos tempos, ou vamos assistir de novo a uma fase de declínio da pesquisa educacional. Acredito que é pessimista o que estou dizendo, mas, quando se olha para a história da pesquisa educacional, ela teve sempre momentos de alta e momentos de baixa. (António NÓVOA, 2004)

Devemos evitar [...] agarrar-se ao discurso pessimista, segundo o qual nosso poder como docentes é tão débil que nada podemos fazer. Atualmente, é preciso termos consciência de que a tarefa educacional dos docentes convive com outras instâncias socializantes, às vezes mais poderosas, como a televisão, o grupo de iguais, a família ou o contexto social, político e cultural em que vivemos. (Xesús R. JARES, 2006)

Os professores não são os únicos responsáveis pelo fracasso escolar. E uma parcela significativa da responsabilidade pelo insucesso, pelo abandono e pela exclusão escolar radica na formação que ainda se vai fazendo. Não sou pessimista. Há muitos educadores que buscam caminhos de reelaboração da sua cultura pessoal e profissional. E eu opto por aprender com eles. Quanto aos outros, espero pacientemente que manifestem capacidade de compreender a complexidade de uma escola de massas que se quer democrática e para todos. (José PACHECO, 2006)

Eu não sou pessimista a ponto de dizer que nós formamos professores da 5ª série em diante. Agora, mesmo da 5ª em diante os problemas não estão resolvidos. Os nossos alunos estão distantes da escola básica. Eles vão para a pós-graduação, para as escolas privadas, trabalham em bancos com informática. Enfim, a escola básica pública tem uma série de problemas mais do que conhecidos e não é um local de trabalho que atrai os jovens mais bem formados. (Nilson José MACHADO, 2008)

A escola não se alterou significativamente nos últimos 50 anos. Quem sabe, nos últimos 100 anos, sendo mais pessimista. Pois bem. Se pensarmos na evolução que houve na sociedade, nos interesses que existem hoje, na velocidade que o conhecimento é divulgado, nas formas como as pessoas partilham projetos na vida real e na grande diversidade, verificamos rapidamente que a escola se deixou esclerosar. (Domingos FERNANDES, 2009a)

O homem de espírito é mais reflexivo, tem melhor embasamento intelectual, é crítico em relação aos jogos sociais e, também, crítico dele mesmo. Esse homem de espírito, em um processo de evolução, vai virar o famoso cético machadiano, que é diferente de ser pessimista. Em uma das suas últimas crônicas, Machado explica que, se você é cético, não acredita nem na coisa boa nem na ruim. O cético [...] é o fio condutor do seu processo de evolução como escritor. (Mauro ROSSO, 2009)

O professor está se rendendo à “armadilha” do pessimismo, concretizada por meio de uma prática descomprometida e de um discurso de que a culpa é dos alunos. Essa situação é agravada pelo “apego” à reclamação. Agir para resolver o problema acabaria com a possibilidade de reclamar. O professor não acredita que

tudo pode melhorar e constrói, por essa impossibilidade, uma certa acomodação. (Júlio César FURTADO, 2010)

É fato que a modernidade permite o aumento da oferta de obras no mundo. Mas não podemos estabelecer uma equivalência direta entre o avanço da tecnologia digital e o crescimento de leitores. Sou pessimista: acredito que as pessoas que lerão os títulos eletrônicos serão as que já têm o hábito de ler os impressos. Tal como aconteceu com as edições de bolso: apesar do preço baixo, esses títulos não conquistaram novos leitores. (Roger CHARTIER, 2013)

As condições são muito precárias: eles [os bibliotecários escolares] trabalham sozinhos, dobram turno, a biblioteca fica fechada, os armários ficam trancados porque os livros não podem sumir. A realidade das bibliotecas escolares brasileiras é muito dramática. Pode ser uma visão pessimista, mas não vejo ainda o trabalho do bibliotecário como um educador, como um profissional integrado na escola, salvo exceções. (Aparecida PAIVA, 2013)

GENEROSIDADE

No teatro de marionetes a relação aluno/professor é diferente. A pessoa recebe o ensinamento, a informação, de outra maneira. Acho que ela se torna mais generosa porque esse conhecimento não é fácil de ser obtido. A pessoa trabalha em grupo, são raros os concertistas que se apresentam sozinhos [...]. De modo que é assim, um relacionamento muito gostoso, um pessoal generoso que se contenta com pouco, porque ninguém vai ficar rico nem aparecer em coluna social, fazendo teatro de bonecos. (Álvaro APOCALYPSE, 1996)

Desaconselho o professor a entrar numa sala de aula sem um bom contrato, que deixe claro como as coisas vão funcionar. Eu tenho chamado a isso de contrato pedagógico. E ele convoca a ética à relação. E o que é a ética se não a regulação de uma ação? Outra coisa é o domínio do que você está fazendo. Se não tem, abandona, vai fazer outra coisa. Mas nada disso se sustenta se você não tiver uma perspectiva de inclusão do outro. Uma perspectiva de generosidade do teu ato. Acho essa uma palavra-chave. (Julio Groppa AQUINO, 1998)

Se existe futuro para as profissões, para duas ou três, pelo menos, ele está garantido: são para as dos amantes da sabedoria, como os socráticos e pré-socráticos. Os professores e jornalistas que amarem o conhecimento, os poetas que sentirem e transmitirem esse legado são insubstituíveis. Mas tem de ser com essa centelha, essa chama, essa generosidade, pelo prazer, pela alegria que dá o ato de conhecer. Só subsistirão assim, inclusive porque a nova tecnologia só demite o professor que deixa a chama apagar. (Moacir GADOTTI, 1999)

Todas as questões do grupo são resolvidas na roda, um espaço horizontal, onde se pode falar, ouvir, argumentar, refletir e chegar a um consenso. A roda não fica centrada nas mãos dos adultos [...]. Na hora da brincadeira de boneca, por exemplo, uma menina assume a coordenação e, durante um jogo, outra criança coordena. Se há briga no grupo, todos podem discutir o assunto. A roda tem que desenvolver alternativas de ouvir e de experimentar. Deve ser tolerante, generosa, um exercício permanente de inclusão. (Tião ROCHA, 2005)

[A espiritualidade ajuda] garantindo que não acontecerão jogos de poder, brigas de ego, protecionismo e tantas outras fragilidades comportamentais de alguns profissionais. Certamente ninguém é santo no ambiente de trabalho, mas com certeza serão éticos, transparentes e generosos. O que a terceira inteligência preconiza é para uso bilateral na relação capital-trabalho. Se chefes e colaboradores usarem a dimensão espiritual no trabalho, o ganho é de ambos os lados. (Floriano SERRA, 2005)

Se essas discussões [sobre ética] não encontrarem eco nas próprias relações da escola, o trabalho em sala terá pouco efeito. É preciso que o conteúdo seja inseparável do convívio. Não adianta falar das belas virtudes da justiça e da generosidade e ter um ambiente de desrespeito e indiferença. Por outro lado, se os contatos forem expressão de uma sociedade digna e solidária, faz sentido discutir justiça e generosidade. Existe uma ponte entre a vida e a reflexão sobre a vida. (Yves de la TAILLE, 2008)

O *designer* da exposição e o curador têm que aceitar a premissa de que o público nada sabe sobre o assunto e têm que ter o poder de pegar o público pela mão e encantá-lo com a aventura do conhecimento. As pessoas adoram aprender algo e detestam se sentir ignorantes. O melhor caminho é o da generosidade sedutora e a possibilidade de encontrar canais de identificação nos mais áridos setores do conhecimento. (Marcello DANTAS, 2009)

Os textos para crianças [do século XVII] nada mais são que textos para adultos manipulados como regra de bom comportamento. Os textos de Perrault, no original, não têm essa coisa fofinha de criança. O que tem ali é uma regra de comportamento. No caso da Cinderela, que ela seja educada, refinada, generosa. E sempre nas histórias moldadas para criança existe uma moral, com um poema no final. Vêm daí as chamadas cartilhas. (Kátia CANTON, 2010)

No Brasil, [as provas] são federais, como a Prova Brasil e os dados do IDEB. Lá, os estados acabam desenvolvendo indicadores próprios. Em Nova York, o sistema foi abandonado após ter sido considerado muito generoso: as provas eram tidas como fáceis demais, eram muito parecidas de um ano para o outro e logo os alunos estavam bem treinados para fazê-las. Quando houve uma significativa mudança no sistema, as notas tiveram uma queda muito grande. (Fernando VELOSO, 2012)

O mundo atual requer que formemos professores comprometidos ativa e reflexivamente com o trabalho interdisciplinar. Mediante uma formação coerente com essa filosofia, promoveremos docentes comprometidos com princípios éticos como generosidade intelectual (reconhecimento do trabalho das demais especialidades e profissões); confiança intelectual (crença no fato de que todos os especialistas podem dar contribuições importantes e, mais do que isso, disposição a submeter o próprio trabalho à avaliação de “estranhos”). (Jurjo Torres SANTOMÉ, 2013)

Se [o professor] aborda a generosidade, pode-se falar sobre como se deve ajudar o aluno que tenha mais dificuldades, visitar o colega que esteja doente; pode-se demonstrar ainda a generosidade para que a aula transcorra bem, [orientar para] que os papéis estejam guardados e as coisas estejam ordenadas; [mostrar] preocupação quando um aluno discute com outro e [ensinar para] que os outros saibam resolver a situação sem que exista algum tipo de violência na aula. (Alfonso AGUILÓ, 2015)

A ética, na escola, precisa ser exemplar. Eu não posso discutir conselhos de ética com uma criança de 7, 8, 9 anos. É necessário que eu mostre. Se eu quero falar de convivência decente, respeito, generosidade, preciso praticá-los. À medida que essa prática vai ocorrendo no ambiente escolar, vamos estendendo essa comunicação a situações posteriores. No entanto, muita gente deposita na escola uma esperança que ela não dá conta, que é a de lidar com a questão ética. (Mario Sergio CORTELLA, 2015)

O desafio hoje é “alimentar” o olhar dos professores com elementos para eles criarem situações de aprendizagem por meio de observação minuciosa, registro e análise da emergência das interações infantis. É preciso ter um olhar generoso,

curioso e afetivo com os nossos brasileirinhos. (Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA, 2015a)

Tudo tem a ver com rede, pois amplia o diálogo e, se amplia o diálogo, amplia o conhecimento uns dos outros. É esse conhecimento que faz aumentar o tamanho de nossa generosidade em pensar que os outros são muito importantes para nossa vida. Porque não consigo imaginar que a escola do Brasil, que tem a oportunidade de ser uma escola jovem em sua formação e em seu tempo, não vai aproveitar esse grande desafio que é investir em rede. (Ariana COSME, 2016)

As estratégias de denúncia são sempre muito eficazes. É como se, por essa via, nos livrássemos das nossas próprias responsabilidades. Os professores são o elo mais fraco e é fácil apontar-lhes falhas e deficiências. Mais difícil é a generosidade, não da tolerância, mas do compromisso. [...] Ver o que fazem os professores. Debater. Divulgar. Promover. Dar espaço ao conhecimento para com ele aprendermos novas maneiras de trabalhar. A generosidade da partilha. (António NÓVOA, 2017a)

TRANQUILIDADE

O trabalho com a interdisciplinaridade me fez repensar meu jeito de avaliar. Antes, eu fazia aquela prova do tipo “faça o esquema da flor”. De uns tempos para cá, passei a usar textos, desenhos. A professora de Língua Portuguesa usa as flores que plantamos no jardim como tema de redação; a de Geografia pede mapas sobre a origem de cada uma. Fomos casando a avaliação. Não é tranquilo, é difícilimo. Mas eu acho que dessa forma é possível ter uma visão do todo. (Maria Isabel Porto da COSTA; Ana Paula Gonçalves da SILVA; Edna Scola KLEIN; Mônica Pinheiro do PRADO, 2001)

Os meninos costumam ser mais estimulados, principalmente pelo pai, a terem alguma noção sobre dinheiro. É o famoso “está na hora de trabalhar”. Nenhum pai olha com tranquilidade para um filho de 24 anos que não trabalha. O pai minimamente certo da cabeça vai achar aquilo esquisito. Com mulher não se quer tanto, porque a sociedade já parte do princípio de que a mulher não sabe mesmo, que é parte da natureza feminina dela ser assim “avoadá” em relação ao dinheiro. (Cássia D’AQUINO, 2001)

Às vezes, não sei trabalhar com o menino porque não sei o que tenho de fazer com ele, e começo a trabalhar comigo primeiro. Quando consigo me sentir mais seguro e tranquilo, isso já está influenciando na relação. Se não sei o que fazer, não devo fazer nada. Não preciso dominar a situação sempre. Devo me limitar a intervir apenas quando sei que minha intervenção será positiva. (Enrique Martínez REGUERA, 2005)

A matemática acompanha a evolução da sociedade, está ligada ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da economia. Ninguém vai muito longe se ficar preso ao que já conhece. Quem está interessado em fazer um concurso, arrumar um bom emprego, tem de conhecer aquela Matemática dominante. Agora, para chegar nela, é muito mais tranquilo se o aluno puder aproveitar o que ele já sabe da sua Matemática diária. Como fazer essa ponte é o grande desafio. (Ubiratan D’AMBROSIO, 2007)

As condições da educação são melhores agora do que antes: atualmente, há mais alunos estudando por mais tempo, o que é positivo para eles e para o conjunto da sociedade. Talvez a escola fosse mais tranquila em outras épocas, mas não podemos esquecer que metade dos alunos estava fora dela, com as enormes repercussões que isso implicava para o desenvolvimento social e econômico do país e para o bem-estar individual. (Alvaro MARCHESI, 2007b)

Ler histórias para crianças não é recontar histórias. As releituras habitam a criança a que o texto seja fixo, qualquer que seja o leitor, enquanto uma narrativa oral pode ser sempre a mesma sem que as palavras sejam exatamente iguais. Nesse sentido, as crianças aprendem que um texto não é algo que se adivinhe ou que se invente a partir de uma trama, mas que é uma realidade muito impositiva que exige que cada palavra seja respeitada, o que é um fator bastante tranquilizador, graças justamente a essa estabilidade. (Anne-Marie CHARTIER, 2009)

A escola é uma instituição muito séria e deve se pautar por regras rigorosas, com ambições e sentimentos muito bem determinados e definidos, ou seja, tem que ser um lugar de tranquilidade onde os jovens possam aprender e saber de coisas que possibilitem a eles integrar-se na sociedade. [...] Infelizmente, certas camadas da população, e mesmo pessoas mais informadas, pensam que a escola boa é uma escola com alto índice de repetentes. (Domingos FERNANDES, 2009a)

Temos um projeto de lei tramitando para aprovar a contratação de cerca de 20 mil professores. Realmente, essa é uma das dificuldades que enfrentamos, justamente pela forte expansão [universitária] que vivenciamos nos últimos tempos, agora é preciso dar conta dos recursos humanos. Com a aprovação da lei, espero que a gente tenha mais tranquilidade para atuar. (Maria Clara SCHNEIDER, 2012)

O “professor-táxi” dava muitas aulas por uma necessidade econômica. Então, a política pública teve como objetivo aumentar o tempo do aluno na escola. Uma política de tempo integral. Mas a obrigação era que os professores ampliassem a atuação no colégio. O professor ganhava um pouco menos, mas havia uma maior tranquilidade por estar na mesma escola, não ter de andar de um lugar ao outro, há alimentação na escola. (Sergio MARTINIC, 2013)

Se a escola tivesse um pouco mais de tranquilidade para passar bons conteúdos, e tratar um pouco esse conteúdo da forma como o aluno possa absorvê-lo, enfim, criaria campos de aprendizado onde o aluno poderia referir esse conhecimento às suas próprias vivências. É isso que estamos chamando também de escola significativa. [...] Para que esse ensino seja significativo, ele também tem de revirar de forma radical a forma de a criança pensar. (Fábio VILLELA, 2013)

Outra intervenção é pedir que os pequenos leiam o que estão escrevendo, acompanhando as letras com o dedo e observando como relacionam o falado e o escrito. Dessa forma, coordenam as emissões orais e os segmentos gráficos e compreendem que não se pode usar qualquer letra. Durante as intervenções, é importante dar tranquilidade ao aluno, porque, para aprender a ler e a escrever, ele precisa sentir segurança na condução do educador. (Diana GRUNFELD, 2014)

Penso que é [um trabalho] de buscar essas mentalidades, entendê-las e normalizar nossos próprios erros. É se tornar um exemplo de como é crescer e também de como é errar em sala de aula e estar tranquilo com isso. É realmente desafiador e um pouco controverso, porque significa que você deve se examinar como pessoa e como educador [e questionar] como você está transmitindo sua filosofia e seu jeito de viver aos estudantes. Muitas vezes, pensamos que não devemos fazer isso, mas não temos como evitar. (Antonio RODRIGUEZ, 2015)

O clima escolar se dá a partir das relações sociais entre aluno-aluno, aluno-professor, professor-diretor, aluno-diretor. E as relações sociais nas escolas não são boas. É claro que brigas entre jovens existem a todo momento, mas, se a escola não souber intervir na hora e da forma apropriada, isso pode se tornar muito grave. A relação professor-aluno nem sempre é tranquila. Jovens e

professores reclamam muito de violência verbal e física. (Miriam ABRAMOVAY, 2016)

Tenho encontrado professoras que dizem estar há oito, dez anos trabalhando com turmas de alfabetização. Ao passar por formações e especializar-se, o professor começa a se valorizar como um alfabetizador. E uma vez que tem o conhecimento, isso lhe dá tranquilidade para atuar. O investimento nos anos iniciais que vem sendo feito pelos governos está favorecendo a formação desse profissional do ciclo de alfabetização. (Francisca MACIEL, 2016)

Quando acompanhamos o amadurecimento socioemocional dos nossos filhos, ficamos felizes quando eles começam a conseguir controlar melhor seus impulsos, a esperar com mais tranquilidade e menos sofrimento pelo que desejam, a se colocar no lugar do outro, compreendendo e respeitando o fato de as pessoas pensarem e sentirem de maneiras diferentes. Ninguém espera que um bebê não chore quando está com fome e dor. Nós percebemos que ele está amadurecendo quando já consegue esperar pelo leite que virá em breve. (Anita Lilian Zuppo ABED, 2018)

ANSIEDADE

Encontrei profissionais extremamente ansiosos com o que chamavam de “ausência dos pais na vida escolar dos alunos”. Todos acreditavam na importância da participação da família nas atividades propostas pela escola. Eles apontavam o comodismo, o desinteresse dos pais e a desestruturação da família como responsáveis pelo fracasso dos alunos. A maioria afirmou que os pais não davam o menor valor à escola, não compreendiam seus objetivos, não se preocupavam com a frequência às aulas nem com a realização das tarefas de casa. (Alda VILLAS BOAS, 1987)

Aqui há, neste momento, uma vontade política de modificar a situação crônica da alfabetização, especialmente dos filhos dos setores socialmente marginalizados. Justamente por ter uma situação tão grave, há uma insatisfação geral dos professores, porque muitos fazem um trabalho rotineiro. A ansiedade é tão grande que até já me transformaram em método, mas eu explico que não se trata de trocar um método pelo outro. (Emilia FERREIRO, 1989)

Nada deve ser preestabelecido na pré-escola. Cada professor, com suas crianças, é que vai organizar o que fazer. Mas, para isso, ele tem que mudar o seu posicionamento. Ele tem que se conscientizar de que não ensina nada, apenas leva a criança a pensar. Tem que ser um questionador, sem ansiedade. Tem que perceber o interesse da criança e questionar sobre aquilo, desafiar a criança a pensar. (Tânia SCHMIDT, 1989)

Tudo o que é excessivo é ruim. É ótimo que se consiga perceber certas inclinações e habilidades nos filhos. Mas que isso não se torne um motivo de ansiedade para a criança. É muito interessante que um filho goste de jogar xadrez. Mas, se surge um clima de cobrança quando ele perde um campeonato, não é bom. A aprendizagem tem de vir acompanhada do prazer. Do contrário, podemos criar uma população de neuróticos. (Tania ZAGURY, 2000)

Os pais me procuravam no estúdio [de arte] dizendo: “Quero que meu filho fique ocupado, sem tempo livre, é para gastar energia”. Isso é uma visão muito tosca do ser humano. Uma pessoa precisa ter tempo livre. Para fazer o quê? Nada. Para ficar pensando. Mas daquele tempo para cá mudou muito o comportamento das crianças. Eu nunca tinha visto criança ansiosa. Hoje é comum. Muitos pais colocam um excesso de atividades para os filhos, mas não vejo melhora. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Em uma escola inclusiva, todo membro da comunidade escolar, adulto ou jovem, é tratado com dignidade e respeito, é acolhido e pertence a ela. Existe ajuda recíproca entre todos os membros da escola. Cada um é reconhecido tanto como provedor como receptor de ajuda. A ansiedade e medo de fracasso, o isolamento e a zombaria diminuem. (Susan Bray STAINBACK, 2004)

O professor deve perceber que, se o aluno não estiver indo bem nas aulas de matemática, há muita tensão, estresse e ansiedade. Existem muitas pesquisas sobre os sentimentos de medo e ansiedade entre as crianças por causa da aula de matemática. Parte disso acontece devido ao fato de ser esse um assunto difícil de

aprender e, frequentemente, sem sentido algum para a criança. (Alan BISHOP, 2006)

Com qualquer folga de dinheiro que uma família tenha, ela vai investir em uma escola para o seu filho. Ela supõe que nessa formação que conseguir subsidiar para o filho reside o futuro dessa grande aposta. Isso faz com que as escolas fiquem à mercê das exigências dos pais, que são clientes pagantes, com muita ansiedade relativa ao que a escola pode fazer para garantir o sucesso da criança. Eles pagam e querem garantias de futuro. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

No jogo, os pequenos procuram estar em equilíbrio, evitando o tédio – se acham chato, não jogam mais – e a ansiedade – tarefas difíceis demais também são abandonadas. Se o desafio é demasiado, gera ansiedade. A criança desiste dizendo que aquele jogo é ruim e, com isso, evita ficar em dificuldade. O jogo envolve essa busca de equilíbrio. É uma atividade em que há desafio, mas um desafio acessível. (Gilles BROUGÈRE, 2010)

Estudos mostram que crianças com dificuldade crônica de aprendizagem em Matemática sofrem consequências do ponto de vista psicossocial, como, por exemplo, aumento de transtornos de comportamento, da ansiedade e da depressão. Além disso, do ponto de vista da pesquisa, apareceram modelos de processamento de informação muito interessantes, que permitem identificar mecanismos neuropsicológicos específicos dessa dificuldade. (Vitor HAASE, 2011)

O mundo tecnológico e midiático, somado à ansiedade pelo sucesso, pelos bens de consumo e pela superestimulação, está causando efeitos preocupantes ao processo de desenvolvimento das crianças: na escola e no cotidiano das famílias ou das comunidades, pulam-se etapas essenciais para o saudável desenvolvimento físico e psíquico das crianças, independentemente da cultura ou do contexto. (Adriana FRIEDMANN, 2012)

A criança não nasce com conceitos éticos e morais para decidir o que é correto ou errado. Cabe aos pais serem modelos e transmissores de regras de convivência e comportamento, fazendo isso de forma clara, objetiva e coerente. Por exemplo, um pai agressivo e desrespeitoso com a mãe não terá credibilidade e obediência por parte de seu filho, que perceberá a falta de coerência, ficando confuso e, muitas vezes, ansioso. (Nina Rosa FURTADO, 2014)

Lidar com a ansiedade é uma [das dificuldades de alfabetizar] delas [das professoras]. Tudo o que os educadores mais querem é que as crianças aprendam a ler e escrever convencionalmente, mas precisam ter calma e permitir que as escritas não convencionais também tenham espaço, pois fazem parte do processo de aprendizagem. Outra dificuldade é falar menos e escutar mais. A criança nos dá pistas sobre o que pensa a respeito da escrita e devemos deixar espaço para isso. (Diana GRUNFELD, 2014)

Na avaliação da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças, há que organizar a utilização de múltiplos registros realizados por adultos e crianças – relatórios de atividades e das interações infantis observadas, fotografias,

desenhos, álbuns etc. [...]. Essas orientações rejeitam a utilização de quaisquer de quaisquer instrumentos de avaliação que gerem ansiedade ou frustração nas crianças ou que as submetam a pressão, assim como a processos classificatórios ou excludentes que daí advenham. (Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA, 2015a)

Esse lamento [sobre a perda de privilégio da docência] é pouco aceitável e aqueles que vivem dele deveriam pensar simplesmente que, se a profissão fosse o que era antes, a maioria não estaria nela. Há outra parte do mal-estar docente, no entanto, que considero muito compreensível, que é a ansiedade produzida pela incerteza sobre o que a sociedade exige da instituição escolar e da profissão, produto dos vaivéns políticos, legislativos e culturais e, de um modo mais geral, da rapidez da mudança social. (Mariano Fernández ENGUITA, 2018)

ÂNIMO

A memória funciona normalmente no máximo da capacidade disponível em cada momento. Só que, assim como um carro desenvolve mais velocidade ao descer uma ladeira que ao subir uma rampa, a memória – embora trabalhando com toda a capacidade – terá seu desempenho condicionado por fatores como emoções, tensão e estado de ânimo, que vão atuar, por exemplo, na liberação de hormônios ou na atividade das vias nervosas. (Iván IZQUIERDO, 2000)

Ao invés disso [burocracia], o que as escolas (centros formadores) precisam é de coragem e visão de futuro. Para obter uma equipe de docentes criativa é fundamental que alguns sejam predominantemente fantasiosos e outros, predominantemente realizadores. Todos eles coordenados por um diretor carismático, que passe entusiasmo, ânimo e espírito inovador. (Domenico de MASI, 2000)

A violência se traduz de muitas formas, desde a física até as mais “espirituais”, como o fato concreto de hoje nos defrontarmos com jovens de 18 anos sem palavras, com um vocabulário que se resume em: *Tô deprê, tô legal demais, véi, nóóó, é isso aí!* Violência que às vezes se traduz em ir ao médico e não ser capaz de dizer a ele o que dói, por não ter consciência do próprio corpo e por não ter vocabulário para expressá-lo. Portanto, educadores, ânimo, coragem! (Miguel MOREY, 2002)

Eu vejo uma mudança qualitativa nos processos de aprendizagem, rumo a uma aprendizagem cooperativa. Aliás, essa é a melhor tradução de inteligência coletiva para o campo educativo. Num cenário como esse, o professor torna-se um animador da inteligência coletiva da turma. Estamos iniciando uma época em que iniciativa, liderança, ânimo e empenho serão características cada vez mais valorizadas. (Pierre LÉVY, 2003)

Em muitas localidades, as estatísticas apontam uma redução significativa nos índices de violência e de criminalidade após a implementação do [programa] Escola da Família. Uma vitória que nos enche de orgulho e nos presenteia com o ânimo necessário para prosseguir desenvolvendo projetos e ações em prol de uma educação de excelência nas escolas da rede estadual. (Gabriel CHALITA, 2005)

É preciso reconhecer ainda que, nas mesmas condições de trabalho, alguns professores mantêm o ânimo, enquanto outros se abatem. Por quê? Possivelmente porque os primeiros procuraram manter o equilíbrio emocional, participaram de atividades inovadoras, encontraram colegas que são também amigos e entendem que o ensino é uma profissão moral que exige arejar permanentemente os valores que a orientam. (Alvaro MARCHESI, 2007b)

Não se deve classificar o EaD pelo meio que utilizamos, mas pela forma como utilizamos. A gente pode usar a televisão de uma forma extremamente clássica, cansativa, entediante para o aluno, ou pode usar com uma boa linguagem, bem-acabada, bem trabalhada, animadora. A internet é um meio tão interativo, e muitos cursos ofertados não têm nada de interação. São páginas na tela. E, se é para ler textos, melhor usar as apostilas e livros, que funcionam muito melhor. (Antonio SIMÃO NETO, 2008)

O professor muitas vezes trabalha em três turnos porque com um só ele não sobrevive. Vive nos engarrafamentos, estressado, com muitos alunos por sala, então é preciso que haja um *plus* no seu contracheque, uma injeção de ânimo financeiro. Por outro lado, é preciso uma tabela de opções de horários para que ele possa, de fato, ter flexibilidade na carga horária e atue em sua formação no cotidiano. (Marco SILVA, 2011)

Os professores estão sendo mal formados, os professores não são instruídos. O ensino é uma calamidade. Os professores são mal remunerados, desrespeitados, assassinados, vítimas de agressões diariamente. Recentemente, no interior de São Paulo, um cara [aluno] jogou um cesto de lixo na cara da professora, enfim, que ânimo o professor tem para entrar na sala de aula? (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

O que me parece que falta é o ânimo, a vontade, a garra, a busca, a juventude na procura daquilo que eventualmente leve o professor a atualizar-se. E, com isso, também tem uma rotina que o professor brasileiro não incorporou: a conversa com o colega, a troca. Não aquela conversa social, amistosa, mas aquela troca que fermenta ideias, cada um acreditando que tem muito que aprender ainda e muito que ensinar para os colegas. (Celso ANTUNES, 2014)

Um ambiente propício à participação e ao desenvolvimento certamente gerará bem-estar à força de trabalho, criando caminhos para que a motivação aflore. O líder precisa conhecer e entender a hierarquia das necessidades de cada membro de sua equipe para atuar em um contexto no qual consiga oferecer as situações para satisfazê-las, mantendo, assim, o entusiasmo e ânimo de sua equipe. (Sonia Simões COLOMBO, 2015)

Quando você escuta a família, alunos, professores, quando você ouve a gestão escolar, muitas das pesquisas mostram que a escola não é um fracasso apenas, como às vezes os discursos mais aligeirados costumam dizer. Ideias como a de que a escola não dá certo, de que a escola não faz sentido numa sociedade em rede, várias dessas pesquisas mostram que existem projetos que dão certo e afirmam a possibilidade da escola. Isso nos traz um ânimo muito grande. (Sandra Pereira TOSTA, 2015)

Fico muito animado quando vejo a formação de movimentos estudantis no ensino médio, e não na universidade. Os secundaristas estão ocupando as escolas. O fato de o movimento estudantil de vanguarda estar muito mais no ensino médio é um sinal bastante positivo de que a politização está ficando mais jovem. Talvez seja um reflexo da própria sociedade brasileira. O Brasil está mais politizado, está falando mais de política. (Bruno TORTURRA, 2016)

Numa aula expositiva de história, como a que dei na última quinta-feira, em que expliquei expansão marítima, o ânimo é quase nenhum. Ficam mexendo no celular, desatentos. Chega uma hora em que você pergunta: para quê? O que eles estão absorvendo? Será que lendo um livro em casa não aprenderiam mais do que numa aula minha, pelo nível de atenção que estão tendo? (Edmílson SATURNINO; Andressa SILVA, 2017)

Os professores, por sua parte, não devem nem podem proteger-se na desculpa de que são imigrantes [digitais] – e não devemos permitir isso, da mesma forma que não permitiríamos a um médico, engenheiro ou advogado. Não posso dizer que sintam inveja do estado de ânimo daqueles que pensaram que, com sua formação inicial, poderiam exercer a docência o resto de seus dias e se depararam com a revolução digital na metade de sua carreira profissional, mas isso é o que há. (Mariano Fernández ENGUITA, 2018)

TÉDIO

Se você perguntar a uma pedagoga, ela vai dizer que “ditado não existe mais, é um processo antigo”. Não. Ditado se desgasta, mas o professor pode criar um tipo de ditado que faça o menino se avivar. Mesmo a leitura pode ser tediosa. Conheci um diretor que dizia que os estudantes devem ler os melhores livros, e dava *Dom Casmurro* na 5ª série. Então o menino ficava entediado e nunca mais lia Machado de Assis. A gente tem de conceder à idade uma certa oportunidade para chegar lá. (Dom Lourenço de Almeida PRADO, 1997)

Infelizmente, é fácil encontrar mestres em determinada profissão, mas é difícil encontrar “mestres em vida”, porque a maioria está preocupada apenas com o trabalho e com o lucro. A consequência é que muitos jovens usam mal seu tempo livre. Ou ficam sem fazer nada e sofrem de tédio ou entregam-se a atividades insensatas. É nessa hora que surgem problemas como drogas e violência. (Domenico de MASI, 2000)

Um professor que ensina uma ciência que ele mal compreende, e de maneira burocrática, vai sofrer o tédio. Agir assim é aborrecido, entediante, atrofiador. É sempre preferível a paixão que desequilibra e emociona, ainda que machuque, a uma coisa que atrofia, deprime, submete. Por isso, viva esse novo sofrimento e abaixo o velho. (Luís Carlos de MENEZES, 2003)

Os alunos do fundão são mais ousados, por isso vão empregar os alunos da frente. No fundão, eles manifestam sua contrariedade com o *status quo*, mostram uma inquietude diante de soluções já consagradas. Mas têm uma genuína atenção para tudo que é novo. É como se viessem de um tédio constante e precisassem criticar o que está estabelecido. A imagem que muitos jovens têm da escola é que estudar é muito chato. (José Carlos Teixeira MOREIRA, 2003)

Essa tarefa [ler e escrever] cabe à escola fundamental e, pessoalmente, tenho a convicção de que, enquanto tal convenção for válida, é oportuno que as crianças recebam somente nessa ocasião o instrumental necessário. Uma criança que aprende a ler na pré-escola pode entediar-se durante os primeiros meses em que frequenta a escola fundamental e talvez amadurecer a ideia de que a escola é um lugar onde as crianças ficam entediadas. (Enzo CATARSI, 2005)

Eu sou professor desde os 17 anos. Sempre fui criativo. Uma das coisas de que fazia muita questão é que meus alunos não se entediassem. Acho que todo professor tem de ter alguma coisa de ator, senão ele não terá sucesso. Sendo somente um expositor de ideias, dificilmente ele chamará a atenção dos estudantes. [...] Na universidade, minhas provas não eram difíceis e nunca reprovei por faltas. Eu não queria que os alunos fossem à aula por obrigação. (Ariano SUASSUNA, 2007)

O professor ensina atualmente o que não interessa a ninguém. É um tédio total. Seu trabalho é muito difícil e ingrato. Porque o obrigam a passar a matéria. Muito diferente seria, por exemplo, criar um clima emocional no qual se admite o erro. Temos uma cultura antierro. O que o professor faz normalmente é dar a resposta correta às coisas, reiterar as respostas corretas. Ele dá as respostas e repetem. (Juan CASASSUS, 2009)

Em alguns casos, a gente não sabe por que elas [as pessoas] não gostam de determinada disciplina. Assim com o sabemos que uma porcentagem dos alunos tem dificuldade de aprender a ler, e outros têm dificuldades de aprender matemática e outros teoria musical. Se eu tivesse que dar um palpite, diria que a matemática, por exemplo, era ensinada de uma forma muito entediante, que não fazia o estudante se interessar, gostar e ter vontade de aprender. (Howard GARDNER, 2009c)

[As crianças atuais] podem acabar sendo menos criativas. Elas não aprendem a pensar por si mesmas, apenas fazem o que lhes é dito. Também não aprendem a olhar para dentro de si mesmas e descobrir quem são, porque estão ocupadas tentando ser o que nós queremos que elas sejam. Então nunca crescem. E não aprendem a preencher o tempo por conta própria, por isso ficam entediadas com mais facilidade. (Carl HONORÉ, 2010)

[A educação continuada] é muito importante. Ela o mantém empolgado com o ensino. Se você não gosta de aprender, como quer que as crianças o façam? É preciso aprender o tempo todo: sobre si mesmo, sobre novas técnicas de ensino... Se o professor para de aprender, as crianças vão perceber. Porque ele vai ficar entediado e os alunos também vão. (Clare KOSNIK; Clive BECK, 2011)

Os jovens estão desencantados e entediados com a escola porque não encontram aí esse tipo de autenticidade que existe nas práticas sociais. Ao participar dessas práticas, eles usam a mente, ferramentas e técnicas para alcançar um objetivo autêntico. Constroem assim uma estrutura de conhecimento para fazer algo cada vez melhor. Em vez de testes padronizados, de exercícios a serem avaliados como “certo” ou “errado”, eles são desafiados a produzir algo e passam por uma prova real. (Colin LANKSHEAR; Michele KNOBEL, 2013)

Um bom exemplo de iniciativa ministerial é o programa Mais Educação; contudo, a interpretação prática de uma proposta de elevado potencial redundou, em muitas escolas, na criação de “contraturnos” feitos de atividades desconexas, transformando o turno integral em uma dose dupla de tédio. O desvirtuamento da proposta também passou por preencher o tempo de desculpabilização curricular, com “aulas de reforço”, ou outros sucedâneos e aberrações decorrentes de um modelo de escola hegemônico. (José PACHECO, 2013a)

Os jovens com sinais de tédio precisam de um empurrãozinho; não têm criatividade e espontaneidade, características que considero fundamentais na infância. É claro que tem aquele tédio comum, que acontece quando você está na fila do banco, no aeroporto ou em qualquer outra situação sem fazer nada. Mas tem aquele tédio existencial que é mais profundo. É um pouco exagerado falar assim, mas vejo tédio na criança quando ela não se interessa por nada e fica esperando alguém que traga ideias. (Clarice Krohling KUNSCH, 2014)

Quando eu era estudante, sentava na carteira e ficava ouvindo o professor e não fazia muita coisa durante o processo de aprendizagem. Hoje, os alunos conseguem fazer isso por poucos minutos e logo ficam entediados. Chamamos os estudantes da atualidade de *epic*, ou seja, eles gostam da experiência, de compreender o que estão aprendendo passo a passo. Sentem necessidade de

participação no processo de aprendizagem, guiados pelo imediatismo, e gostam de ficar conectados enquanto grupo para estudar. (Lee Sing KONG, 2016)

Se existe uma crise clara hoje – e eu não sou o único a dizer isso, nem o primeiro –, a crise maior da sociedade contemporânea é ética, no que diz respeito ao sentido da vida, que está fraco. Por isso que eu chamo a sociedade atual de uma sociedade do tédio. [...] No progresso, ninguém mais acredita muito, o passado é desvalorizado, o meio ambiente nos trará cataclismos, se as previsões forem corretas, o consumo não satisfaz. Isso explicaria, por exemplo, para além de condições econômicas, o aumento da violência. (Yves de la TAILLE, 2019)

CORAGEM

Uma proposta de ensino que leve em conta o acontecimento enunciativo da sala de aula e a relação de interlocução, de interação na sala de aula entre alunos-alunos, professor-alunos, alunos-professor produz saberes, produz discursos. São mil e uma vozes dentro do discurso do professor, do aluno. Então, nesse momento, é preciso que o professor tenha coragem e vivencie o acontecimento. (João Wanderley GERALDI, 1998)

[O Telecurso] mostrou que é possível o aprendizado fora das fronteiras de uma sala de aula, de um ambiente presencial. Acontece que sempre faltou coragem política para o governo abordar esse assunto de maneira definitiva. O governo tem medo que a educação a distância se transforme em facilitador para a obtenção de diplomas de qualquer maneira, sem critérios. Por isso, as autoridades brasileiras nunca deram oportunidade para o desenvolvimento da modalidade. (Arnaldo NISKIER, 2000)

Quem lida com conhecimento, lida com poder. Então, pela própria posição que tem na escola, o professor maneja o poder. O que nós, professores, devemos combater é o poder prepotente, que faz da prova uma arma e da presença em aula, uma exigência para o aluno não rodar. Nós não temos a coragem de dizer “vem para a minha aula quem gostar”, porque temos medo de ficar falando sozinhos. Então, o professor precisa desse tipo de cavalo de Tróia. (Pedro DEMO, 2001)

Gostaria muito que a escola deixasse de ensinar gramática para fazer outra coisa. Isto é, a escola deveria dar textos para serem lidos para poder ver quais efeitos são causados com a leitura desses textos, o porquê de um leitor ler assim ou assado. Depois deveria pedir para que se escrevesse a respeito disso. Acho que a escola tem tudo a ver com a escrita. Gostaria que na escola só circulassem textos, e não houvesse o exercício gramatical. Se pudesse, eu diria: tirem a gramática para pôr o discurso na escola. Mas isto é uma coisa que a escola não tem coragem de fazer. (Sírio POSSENTI, 2001)

Junto com a escola, ele [professor] é hoje o encarregado de formar a consciência social e moral das crianças, tarefa antes de responsabilidade da família. E aí tudo fica mais complicado, porque os valores já não são únicos. A sociedade não tem certeza sobre o modelo que quer para essa formação. A educação deve, portanto, reforçar algumas qualidades sem as quais não se sobrevive no mundo contemporâneo, como a autonomia pessoal, a busca do conhecimento verdadeiro, a generosidade e a coragem. (Fernando SAVATER, 2002)

São surpreendentes os avanços que estão ocorrendo em todo o território nacional! [...] À medida que as escolas conseguem conectar-se [à internet], começam a usar e a produzir informações nos ambientes virtuais da rede. Há uma produção crescente de páginas na *web*, de *sites* nas escolas. Gradativamente, mas de modo acelerado, a mudança acontece, os professores perdem o medo e a vergonha de confessar que não conhecem a tecnologia e que não têm coragem de usá-la. (Léa FAGUNDES, 2003)

É preciso não ter medo de errar, porém, é necessário também saber aprender com os erros para não cometê-los mais do mesmo jeito. As pessoas vão sempre errar

devido ao desconhecimento, à distração, à pressão do tempo, etc. Uma pessoa precisa de autonomia para não ter medo e saber que não será punida se errar (caso não tenha sido de propósito). O essencial é não perder a confiança em si e ter a coragem de ir em frente. (Victor MIRSHAWKA, 2005)

Os professores precisam assumir que eles próprios estão aprendendo, o que fará, inclusive, que se coloquem no lugar dos alunos. Por exemplo, os meus professores têm uma fotografia na sala, em seu quadro, na qual está retratado algo que estejam começando a aprender: a dançar, a esquiar, etc. Eles sempre se veem nessas fotos, o que os ajuda a entender melhor os alunos. Para ser professor no século XXI, é preciso ter a coragem de se mostrar um pouco tolo. (Guy CLAXTON, 2006)

Ler é um gesto de coragem, porque o texto pode mudar conceitos e valores do leitor. Talvez essa consciência seja uma conquista da maturidade. Você começa a ler muito e percebe, às vezes, que o que se quer escrever já foi escrito por alguém e de forma melhor. A leitura não ignora a experiência do leitor. A leitura é uma metáfora. E isso é mais do que uma figura de linguagem, é uma figura política, uma figura democrática. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

A história da arte que eu aprendi foi um lixo. E eu estudei nos Estados Unidos, que dizem ser um país mais avançado que o Brasil. Não vejo grandes diferenças. Eu sempre estudei história da arte, das cavernas aos dias de hoje, e nunca chego ao dia de hoje porque não dá tempo. É preciso formar um professor que tenha coragem de largar essa cronologia e passar por toda a história da arte, estudando uma obra apenas: de onde ela vem, que herança traz, que outros artistas trabalham de maneira semelhante ou oposta. (Ana Mae BARBOSA, 2009)

Embora ninguém também quisesse ser uma Emília, a gente queria ter uma Emília. Porque, se a gente fosse uma Emília, era para ser uma criança estigmatizada. Eu sou do tempo em que você não podia responder, havia uma consciência de que você tinha de ser boa aluna, de que tinha de ser obediente aos pais. Agora, a nossa paixão era a Emília, pela coragem que ela tinha de responder. Então eu e minhas amigas dizíamos assim: “Ai, se a gente tivesse uma Emília”. Hoje, Emília não é mais uma exceção. (Nelly Novaes COELHO, 2010)

[O município de] Sobral teve a coragem de definir metas e montar uma estrutura de apoio às escolas, às autonomias escolares, mas também de acompanhamento. A autonomia de Sobral tem responsabilização. O professor, a escola, o diretor são responsáveis pelo sucesso ou fracasso dos alunos. Damos “nome aos bois”, não temos medo de lidar com isso. (Júlio César da Costa ALEXANDRE, 2011)

Quando falamos de criatividade e inovação, mais importante do que o volume de conhecimento e referências artísticas é a coragem e liberdade de experimentar, errar, experimentar de novo e fazer essa jornada até que se construa algo de fato inovador. Coragem e liberdade não estão nos livros e nem nas obras de arte, estão nos valores, na prática e no acolhimento genuíno da experimentação. Mas como se inova na escola? Onde estão os espaços de criação, de invenção livre? (Maíra HABIMORAD, 2014)

As crianças falam filosoficamente. Vamos ficando adulto e parece que vamos emburrecendo. As crianças são tão livres para o pensamento reflexivo, elas não têm medo da dúvida, elas perguntam. E essa ação da pergunta, que às vezes até pode parecer meio ingênua, leva a criança a perguntar coisas que perdemos a coragem de perguntar. A criança tem essa coragem de perguntar, essa coragem de pensar. É muito mais fácil fazer filosofia com crianças. (Marcia TIBURI, 2015)

Não nos esqueçamos: essa gente não apenas torturou e matou, mas preparava um grande massacre, que só não ocorreu por circunstâncias mais ou menos fortuitas ou individuais, como a explosão de uma bomba nas mãos de terroristas de farda e a delação corajosa da conspiração criminosa por um militar honrado que pagou caro por sua coragem. As forças dominantes no atual poder político saúdam expressamente o que se chamou de “porão da ditadura militar”. (Ruy FAUSTO, 2019)

MEDO

A primeira pergunta a ser feita é o que a tecnologia traz e que riscos apresenta, que mudanças impõe e que mudanças permite. Creio que existe a mitificação e o medo da tecnologia, a dicotomia de Umberto Eco, de apocalípticos e integrados. O medo é da tecnologia em geral, o medo diante de tudo que pressuponha qualquer mudança. No passado, cientistas mais ou menos eminentes haviam prognosticado enfermidades sérias para as pessoas que se habituassem a viajar a mais de 50 km por hora. (Joan FERRÉS, 1999)

O professor tem de estar preparado para o confronto, principalmente lidando com adolescentes, seres que se procuram e se experimentam. Por isso, a educação não é um caminho suave. Ele não deve fugir do confronto, nem pensar que por causa disso deixa de ser educador. Ele deve saber que sua profissão tem asperezas e não ter medo de assumir sua posição de polo direcionador. (Antonio Carlos Gomes da COSTA, 2000)

Há crianças que até disputam docinhos a tapa nas mesas de aniversários. E, quando acha que o filho não lutou, o pai fica incomodado. Tem medo de que ele seja um derrotado. Começa a incentivar atitudes que normalmente não incentivaria. Certa vez, vi um pai gritar para o filho, num jogo de futebol amistoso, que derrubasse o colega para não perder um gol. O medo é um grande inimigo da educação ética. (Tania ZAGURY, 2000)

Na escola particular, o limite é sempre financeiro, muitas ideias são proteladas. Nesse caso, o professor tem medo de abrir a boca. [...] Outro docente comentou, por exemplo, o aborrecimento em voltar a conviver com um aluno reprovado por ele e depois considerado aprovado pela direção da escola, devido à pressão dos pais. Na escola particular, o medo da demissão é muito presente. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

O medo é uma instância paranoica. Eu “ter medo de” significa dar consistência ao outro. As pessoas têm medo para gerar, paradoxalmente, uma garantia sobre elas mesmas. Um problema importantíssimo para as pessoas é a questão da identidade, quem sou eu. E “quem sou eu” quer dizer para onde eu vou, porque a pessoa se define pelo caminho. Ninguém se define estaticamente, a não ser o morto. (Jorge FORBES, 2005)

Medo é um sintoma que aparece com a perda da confiança. As pessoas nascem confiantes e, com o tempo, esse sentimento vai sendo abalado por vários fatos da vida. Uma das consequências é a ação reativa: a pessoa reage a uma situação de acordo com o passado, e não com relação ao fato presente. É uma reação de adaptação em cima de um histórico. (Roberto ZIEMER, 2005)

Vivemos uma vida de desconfiança, descrença e medo. Se queremos nos livrar desses medos, temos que sentir que todos os seres humanos são um só. Fazemos desse mundo algo muito complicado, porque nossas mentes são complicadas e o vemos com olhos complicados. Mas, se olharmos o mundo com olhos de criança, tudo fica simples. Aprenda com as crianças em vez de tentar ensiná-las. (Kailash SATYARTHI, 2006)

Quando os estudantes se sentem aceitos, os músculos se distendem e o corpo relaxa. O reflexo disso é que eles se tornam mais seguros. Assim, o medo se reduz, as crianças ficam mais espontâneas e participativas e sem temor de cometer erros – quero sublinhar que o mecanismo da tentativa e erro é fundamental para aprender. Confiantes, elas são capazes de mostrar até mesmo o momento em que o interesse pelo assunto tratado em sala desaparece. A mudança principal não é no que ensinar, é no como. (Juan CASASSUS, 2008)

Um médico do século XX não saberia operar com raio laser ou usar uma tomografia computadorizada. Mas se você trazer um professor do começo do século passado a uma sala de aula na maioria das escolas, ele poderá dar aula perfeitamente. A pedagogia mudou, mas não mudou a atitude. As técnicas didáticas, o conceito pedagógico, o construtivismo piagetiano, as competências, [...] os professores não os aplicam. Preferem controlar. Preferem ter os alunos calados, sentados. A educação escolar pode agir para sanar espiritualmente as pessoas que têm medo. (Guillermo ANGULO, 2011)

Sabemos que os pais mais engajados nas associações de pais de alunos e que vêm às reuniões de classe de seus filhos vêm muito mais das classes média e alta do que das demais. Mas isso não quer dizer que os pais de classes baixas não se interessam pela escolaridade de seus filhos. Às vezes, eles têm medo de frequentar a escola. Ou podem simplesmente estar trabalhando nas horas em que a maior parte das pessoas já acabaram o expediente. (Bernard LAHIRE, 2012)

Vivemos uma sociedade do medo e não temos apenas medo do outro, mas também de acidentes, da velhice, da doença, do desemprego, da natureza, da solidão e até mesmo o medo de não ter o medo certo. Por outro lado, creio que, de fato, as relações sociais têm-se mostrado por demais desrespeitosas e, logo, violentas. [...] Eu atribuiria tal fato não a uma regressão do nível de desenvolvimento do juízo moral, que as pesquisas não mostram, mas sim ao enfraquecimento do sentimento de obrigatoriedade necessário à moral. (Yves de la TAILLE, 2015)

Os professores têm dois medos principais: perder o controle e admitir que os jovens também podem administrar suas aprendizagens quando lhes é dada essa oportunidade. Os docentes propuseram-se a experimentar outros modos de relação com jovens e surpreenderam-se com o que acontecia. Isso está fazendo com que eles mudem seu papel e também se coloquem na posição de agir não como únicas fontes do saber, mas como instigadores e acompanhantes do processo de aprendizagem dos jovens. (Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2016)

[A escola] precisa ter riqueza de materialidade desde a arquitetura. O desenho da escola deve ser perto dos passarinhos, das árvores, do chão e do barro, se aproximar da intimidade e do aconchego da casa da avó, dos celeiros de ferramentas e do trabalho manual. Deve ter diversidade de materiais e banir o medo de que alguém vai se ferir. (Gandhy PIORSKI, 2016)

É importante que uma criança sinta medo, pois essa emoção a afastará de alguns perigos que podem pôr em risco a sua saúde e até a sua vida. Há várias regiões cerebrais relacionadas ao medo, e elas vão estabilizando seus circuitos com as

experiências de medo e capacitando as pessoas a trabalhar com essa emoção. É óbvio também que o medo excessivo é deletério, pois provoca reações psicológicas e biológicas que impactam a saúde e o desempenho cognitivo das pessoas. (Roberto LENT, 2017)

[Minha primeira vez como professor] foi algo até bem engraçado porque fiquei muito nervoso e acabei errando coisas óbvias, como uma palavra que todos conheciam. Então usei o meu erro como uma brincadeira e foi onde consegui prender a atenção dos alunos. Eu disse para a turma: “Já que vocês sabem a palavra, solem ela para eu ver”. Eles soletraram, eu a escrevi corretamente no quadro. Ali perdi meu medo de lecionar. Depois disso fui considerado o padrinho da turma. (Vanderlei Gomes de QUEIROZ, 2019)

PACIÊNCIA

Havia noites em que eu não escrevia nada. Mesmo assim, com muita paciência – eu sou muito paciente comigo mesmo – eu por vezes passava três horas na biblioteca sem escrever uma única palavra e sem me zangar comigo mesmo. No dia seguinte escrevia. Às vezes escrevia oito páginas baseadas na ideia que eu havia anotado na rua naquela manhã. (Paulo FREIRE, 1997)

Para educar, é preciso uma pessoa que tenha em conta o aluno; que esteja afetivamente preocupado com a sua formação pessoal. A máquina pode ser válida para aqueles aspectos mais rotineiros da aprendizagem, como exercitar e memorizar. O computador tem uma paciência de Jó. Aguenta qualquer tipo de dificuldade e continua dizendo: “Está tudo bem, não tem problema, tente novamente”. (Antoni ZABALA, 1998)

Trata-se de uma categoria difícil de construir, mas que é muito importante: é a categoria do que não pode ser pensado. Organizar nosso sistema de conhecimento com uma pequena gaveta para depositar o que nesse momento não somos capazes de pensar. A pesquisa é exatamente isso: a paciência de não entender. É o inverso da ação. Se alguém é capaz dessa paciência de não entender e de conservar na pequena gaveta os problemas que não entende, isso é muito bom. Sem a gaveta não pode mais agir. (Jean HÉBRARD, 2000)

É bom que você vá à falência quando tem 8 anos, porque você está protegido, seu casamento não vai acabar por isso, seu nome não vai parar no SPC e na Serasa, você não vai perder o apartamento, ninguém vai processá-lo. Pequeninos vão começar a ter pequenas falências. Naturalmente, os pais têm de dizer com paciência: “Escuta, você tem R\$3 e a bola que você quer custa R\$5. Você não tem dinheiro para isso”. (Cássia D’AQUINO, 2001)

Antes de tudo ele [o professor] precisa ter consciência de que também está inserido na sociedade que está aí. Existirão momentos em que ele vai perder a paciência, gritar com o aluno, puni-lo. Mas isso não deve ser motivo de angústia. Conscientizar-se de que esse comportamento não ajuda a construir a paz já é um bom começo. (Ubiratan D’AMBROSIO, 2003)

Os professores devem ser capazes de ter uma visão holística da criança na família e no ambiente social. Além disso, são necessárias qualidades pessoais, como afeição genuína por crianças, paciência, calma, afetuosidade, capacidade de trabalhar harmoniosamente com os outros, de se colocar no lugar da criança e enxergar os fatos do ponto de vista dela. (Sonia JACKSON, 2007)

Temos de ter paciência até que políticos como Renan Calheiros não estejam mais no poder. Isso ainda não acontece porque a sociedade não mudou o suficiente, mas vale lembrar que já foi pior. Atualmente, Paulo Maluf ou Orestes Quércia, por exemplo, não existem mais politicamente graças à melhoria educacional. Foi um processo bem lento, que demorou anos. (Alberto Carlos ALMEIDA, 2008)

Em todas as páginas desses livros há um caracol, que significa que nós devemos ter paciência e tempo para ler. O caracol é uma marca registrada do leitor, que não pode ter pressa. [...] Realmente é importante mostrar que as coisas devem

ser feitas com paciência e calma, e isso serve também para os pais, porque é muito mais simples ligar a televisão e o computador e deixar as crianças usarem. (Ulrike HÖVELMANN, 2009)

No Brasil, com as múltiplas características de condições insatisfatórias de ensino, como material didático ruim, baixos salários, pouca paciência do educador em acolher o educando, entre outras, o que ocorre é que temos crianças que têm dificuldade de aprender. Mas como não há investimento para sanar essa dificuldade, elas são excluídas. Eu sou exemplo disso. Sou multirrepetente: fui reprovado três anos. Até que um dia um professor disse que se eu fosse bem ensinado, aprenderia. De lá para cá, aprendi. (Cipriano LUCKESI, 2012)

Temos de ter em mente que essa [a filosofia] é uma disciplina muito exigente e que é natural que o estudante sofra de início. E mais: atualmente, todos nós estamos mergulhados em um mundo de imagem, de comunicação rápida. O virtual mudou nossas concepções de tempo e espaço e em todos os lugares somos bombardeados por imagens. É aí que deve entrar o professor, mostrando que a Filosofia é uma atividade que exige paciência, esforço, cuidado com o texto. (Juvenal SAVIAN FILHO, 2012)

Com [a experiência do trabalho de alfabetização desenvolvido nas escolas da cidade de] Lagoa Santa, aprendi que o processo é lento – e isso tem a ver também com o encontro entre teoria e prática. É preciso ter paciência. Na teoria dizemos “faz assim e assado”. Na prática, vemos o que está apenas parcialmente resolvido e precisa ser retomado sempre continuamente, em um processo sem fim. É um movimento em espiral. (Magda Becker SOARES, 2013)

Precisamos nos perguntar: o que meu filho ou meu aluno faz que me tira do sério? Geralmente, a pessoa bate ou humilha quando já está sem paciência. Outra necessidade é entender que sente e pensa diferente do adulto, é preciso entender sobre desenvolvimento (infantil). É inadmissível um profissional da Educação Infantil ou dos primeiros anos do Ciclo Fundamental não saber o momento em que a criança está. (Milena ARAGÃO, 2015)

Tudo deve ser explicado, debatido, justificado. Um diretor de escola de educação infantil, por exemplo, relatou-me que foi procurado por uma avó pedindo que retirasse do mural de fotos da escola uma imagem em que seu neto aparecia brincando com uma boneca. Ele conversou, esclareceu, mostrou as crianças brincando com todo tipo de brinquedos, então a avó entendeu a situação. Esse é um trabalho lento, que exige firmeza e paciência, assim como muita informação e debates. (Marília Pinto de CARVALHO, 2016)

Quando um dos pais percebe mudança grande no comportamento do filho, é recomendável aproximar-se, acolher e pesquisar se ele está sendo vítima de *bullying*. Lembrando que pode ser muito difícil para a criança admitir isso, daí o processo de descoberta pode demorar bastante e requerer muita paciência e carinho. Uma vez detectado, é fundamental marcar uma reunião com o orientador da escola. Reforço que o que a criança conta pode ser só a ponta do *iceberg*. (Tania PARIS, 2017)

Pesquisas mostram que muitos meninos entram na violência não pelo dinheiro, porque eles sabem que não vão ganhar muito mesmo, mas para ter sentido na vida, um jeito de estra na sociedade, ser visível. A violência inclusive tem uma característica interessante, pouco lembrada: ela é impaciente. Quem é violento quer um efeito imediato, e para dialogar, ser democrático, é preciso ter paciência, ter fé de que um sentido pode ser construído. (Yves de la TAILLE, 2019)

PREGUIÇA

Ninguém vai se fazer leitor pelo outro, e um professor nunca será criativo, cheio de ideias, se não for, ele mesmo, um leitor. O professor não precisa estar apaixonado pelos mesmos livros que seus alunos estão lendo. Mas, na preguiça de quem não lê, ele só consegue passar o “desentusiasmo capengante” de alguma coisa que não quer dizer absolutamente nada para ninguém. (Fanny ABRAMOVICH; Vivina de Assis VIANA, 1995)

Quando algum canal faz alguma coisa que dá audiência é imediatamente copiado pelas demais emissoras, você tem na TV brasileira uma escolha entre coisas iguais. [...] Telenovelas que fujam ao lugar comum é muito raro. O modelo é a busca da audiência a qualquer preço – e isso não está vinculado, geralmente, à transmissão de valores éticos ou culturais. Nada. Telenovela não instiga a vontade do conhecimento, cultura, educação. Ela carrega a preguiça mental e o conformismo. (Laurindo Lalo LEAL FILHO, 1997)

[O professor] tem de assistir ao que vai passar para o aluno e usar o discernimento. Se quer levar uma classe para ver *Xuxa e os Duendes*, que é um filme preguiçoso, ele tem de saber que não está fazendo trabalho educativo. O aluno não precisa de um pateta que diga “preste atenção nisso” ou “agora você vai ouvir a música tal”. Não precisa ser “tatibitate” para agradar às crianças. (Felicia KRUMHOLZ, 2002)

Como explicar frações a alunos de 12 anos? E números negativos a adolescentes de 13? São conceitos muito complexos, que, se forem explicados por alguém que não tem a competência da transposição, ou didática, só serão compreendidos pelos melhores estudantes. Os outros passarão por burros ou preguiçosos. Na verdade, a incapacidade é do educador. (Philippe PERRENOUD, 2004)

Para os alunos, há uma lógica no ato de estudar e, para os professores, há outra. Ouço muito das crianças: “Fui a todas as aulas, estudei em casa e não concordo com as notas que recebi”. O professor retruca, afirmando que o estudante é preguiçoso e não entendeu a matéria. Esse descompasso revela o grande abismo que existe entre as pessoas e interfere no processo de aprendizagem. (Bernard CHARLOT, 2006)

O que temos observado nos desenhos animados contemporâneos são imagens criativas. Pode-se representar algo em forma estilizada ou caricatural. Isso já é brincar com a construção de uma imagem e de uma fantasia. Logo, não estamos vendo uma preguiça estética produzida nas crianças, e sim um enriquecimento de possibilidades. (Diana Lichtenstein CORSO; Mário CORSO, 2007)

Dom Pedro ficou inicialmente fascinado pela inteligência e o brilho pessoal de José Bonifácio. Apesar da diferença de idade, tornaram-se grandes amigos. Mas ele era ousado demais para a época. Queria acabar com a escravidão, daninha aos escravos e brancos, porque criava preguiçosos e propiciava a devassidão das relações. Bonifácio defendia um processo gradativo de substituição do trabalho escravo para o livre. Ou seja, só comprava inimigos. (Isabel LUSTOSA, 2008)

A ciência não é nacional. Ou existe uma ciência internacional ou não existe ciência. Porque não há “ciência local”. Em qualquer lugar do mundo o ser humano é igual, a aprendizagem é igual. Você tem adaptações locais de alguma coisa, mas os princípios científicos da aprendizagem, do reforço, do funcionamento cerebral são universais. Então, com todo o respeito, você tem que ser muito idiota para sustentar esses argumentos [sobre não copiar modelos estrangeiros bem-sucedidos]. É coisa de quem tem preguiça de estudar. (João Batista de Araújo OLIVEIRA, 2009)

Todas essas ideias são baseadas no fato de que os professores têm a capacidade, mas simplesmente não a estão usando efetivamente. Ou eles são preguiçosos, e aí você precisa de dinheiro para motivá-los, ou eles estão usando o tempo de forma ineficaz. Você não sabe se eles estão fazendo isso simplesmente porque estão morrendo de medo de ter tempo sobrando e aí serem obrigados a fazer alguma coisa. (Martin CARNOY, 2012)

Quem diz que não tem tempo, tem tempo. É preguiça. Ao ir para casa, jantar e tomar banho, em vez de ficar ali na televisão dizendo “ah, estou muito cansado, então vou ver TV”, e aí vai ver uma porcaria que vai deformar o espírito, leia um livro, há tantas opções. O que está faltando, vem desde a família, e é grave. Eu vejo muitos pais que só querem que o filho passe, e aí vai ser um mau aluno, um péssimo universitário. E ninguém está nem aí, desde o ministro até os secretários [de Educação] e demais políticos. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2013)

A concepção de criança posta no ensino fundamental é completamente diferente da que está posta na educação infantil, só que as crianças continuam sendo crianças, independentemente do que elas são! A educação infantil fala que elas devem brincar muito, porque nunca mais irão brincar. Como, então, o ensino fundamental vê a educação infantil? Vê como um bando de preguiçosos. (Gabriel JUNQUEIRA FILHO, 2013)

A professora tem de enfrentar muitas vezes três turnos de aulas, com classes superlotadas, para receber um salário obscuro. Como exigir que possa preparar as aulas, pesquisar material interessante, discutir com colegas, ler etc.? Assim, é mais fácil e menos estafante dar as aulas de sempre, que já estão prontas há muito tempo ou já vêm preparadas no livro didático. Não é questão de preguiça: é questão de péssimas condições de trabalho. (Marcos BAGNO, 2015)

Se uma criança que tem dificuldade no aprendizado e, por conta disso, não compreende uma lição, levar uma bronca do tipo “você é burro” ou “você é preguiçoso”, as chances de ter medo de tentar de novo serão maiores no futuro e a probabilidade de ser tornar um adolescente rebelde, também. Como consequência, o que diminui é sua garantia de sucesso no futuro. (Pedro BANDEIRA, 2015)

Na escola, de modo geral, há muitas palavras para descrever alunos que não têm resultados bem-sucedidos. Dizemos que o aluno não quer aprender, que é preguiçoso, que não tem capacidade, que é pobre. E o que essas expressões têm em comum? Tentam descrever o aluno como deficiente. [...] Todos os alunos querem aprender. Eles não são preguiçosos porque não querem aprender; eles são assim porque a instituição diz que são deficientes. (Carlos CABANA, 2016)

O negro seria naturalmente selvagem, bárbaro, preguiçoso, idólatra, de inteligência curta, canibal, promíscuo, “só podendo ascender à plena humanidade pelo aprendizado na servidão”, na definição do africanista brasileiro Alberto da Costa e Silva. Sua vocação natural seria, portanto, o cativo, onde viveria sob a tutela dos brancos, podendo, dessa forma, alcançar eventualmente um novo e mais avançado estágio civilizatório. Essa ideologia, no meu entender, permanece ainda hoje oculta. (Laurentino GOMES, 2019)

ESTRESSE

Segundo as pesquisas, não é o uso de armas que dá a sensação de o ambiente ser insuportável, mas sim as agressões verbais, os insultos, a falta de respeito. Esses comportamentos tornaram-se mais comuns na escola e o efeito cumulativo gera estresse e insegurança. Só depois aparecem como fatores perturbadores o ataque físico e as situações traumáticas. (Catherine BLAYA, 2003)

A maioria dos professores ouvidos em minha pesquisa, 91,9%, queixou-se de fadiga, cansaço e irritação. É o resultado do estresse, de pressões do trabalho. [...] Ouvi muitas reclamações de sofrimentos causados pelas relações pessoais e profissionais dentro da escola. Todos relataram que, no final do ano, quando há acúmulo de tarefas – como corrigir provas, calcular média, fazer relatórios –, surgem sintomas de doenças como hipertensão arterial, problemas de pele e gastrite. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

Há alunos que têm um crítico interno forte, por terem pais muito exigentes. No momento em que eles precisam fazer o exame, esse crítico aparece com toda a força e os bloqueia. [...] Tem gente que diz não gostar de ler. Na verdade, na fase de aprender a ler e escrever, essa pessoa passou por um estresse muito grande, não teve atenção suficiente e, então, julgou-se burra ou incapaz de acompanhar os colegas. Daí, posicionou-se como alguém que não serve para estudar e, portanto, não gosta de ler. (Roberto ZIEMER, 2005)

Tem havido muitos esforços para ajudar as crianças ao trabalhar com seus pais, ensinando-os sobre fragilidades e necessidades de uma criança, cuidados necessários a serem tomados, assim como mostrando alguns caminhos para tentar lidar com o estresse do dia a dia. Esses programas são muito populares e têm se espalhado por todos os Estados Unidos, assim como pelo mundo. Contudo, exames rigorosos de vários deles falharam em mostrar se os efeitos são positivos para pais e filhos. (David K. DICKINSON, 2007)

É fundamental fazer perguntas não formuladas, fora das soluções clássicas. [...] Melhor do que tentar explicar o óbvio é pensar no que não está na nossa cara. É preciso sair da “zona de conforto” das verdades preestabelecidas. Sair dela causa um estresse inicial, que é positivo e não causa mal, mas, sim, o bem, que oxigena, que melhora. Esse estresse é necessário, como agente dinâmico para melhorar a postura crítica. (Carlos Roberto FACCINA, 2007)

Uma criança ou jovem que vive em uma estrutura violenta sofre sérios transtornos de aprendizado, repetências e evasão escolar, além de depressão, surtos dissociativos, convulsões, abuso de drogas e álcool e transtornos de conduta. Atualmente, o transtorno do estresse pós-traumático representa um percentual significativo entre os transtornos da infância e adolescência no nosso país. (Yvonne Bezerra de MELLO, 2009)

Os alunos desfavorecidos e que não apresentam um bom percurso escolar pensam que a escola lhes diz que eles não valem nada e, muito rapidamente, ou a abandonam, ou se tornam violentos contra essa escola que lhes anuncia a própria exclusão. Os bons alunos, frequentemente das classes favorecidas, sabem que não podem repetir de ano e que precisam ser os melhores se querem realizar

os projetos que as suas famílias vislumbram para eles. Como resultado, tornam-se estressados. (François DUBET, 2010)

O gasto por aluno nos Estados Unidos aumentou muito nos últimos anos. Não foi só avaliar: foram dados mais recursos e a performance caiu. Mas eu colocaria como contraponto a Coreia, onde existe uma obsessão e o efeito colateral não é pelos resultados que não vieram, mas pelo estresse que causa às crianças, que é outro efeito colateral que deve ser ponderado. Mas depende de como você faz ou não faz. (Marcelo Cortes NERI, 2011)

A maior segurança econômica reduz o nível de estresse dos pais e melhora o seu bem-estar psicológico, fatores que interferem na qualidade e na dedicação dos pais aos filhos, que é outro elemento que deve ser levado em consideração. Parece algo trivial, mas não é. Transformar a percepção de segurança econômica de uma família faz diferença nas expectativas que ela tem com relação a seus filhos. (Armando SIMÕES, 2013)

O estresse que resulta da baixa autoestima provoca a emissão do hormônio cortisol, que inibe a compreensão e faz com que as regiões do cérebro associadas à tomada de decisões executivas e ao comportamento orientado por objetivos se deteriore. Esta repercussão representa barreiras para o desenvolvimento de disposições mentais necessárias para o sentimento de conquista e autorrealização. (Yvette JACKSON, 2015)

Quando penso sobre o tipo de crianças e de estudantes que queremos no mundo, queremos que eles conquistem grandes coisas, mas também que aproveitem esse trabalho e, sempre que possível, que não vivam estressados, o que traz outros custos. Isso é realmente complicado. É fácil destacar essas coisas, mas é muito difícil, realmente, mudar de uma mentalidade para outra. É factível, mas não é tão fácil quanto simplesmente falar. (Antonio RODRIGUEZ, 2015)

Nas famílias, os pequenos conseguem se desenvolver e crescer bem apesar disso, porque sentem que os adultos ali se importam com eles e os amam. Quando não são tratados por parentes ou pessoas próximas, a situação é diferente: estar em grupo – algo não natural nessa idade – e ter poucos momentos de atenção exclusiva e, portanto, poucas trocas verdadeiras entre adulto e criança são situações causadoras de estresse e podem comprometer o desenvolvimento e a saúde dos bebês. (Anna TARDOS, 2016)

Quanto mais carga recebe, mais estressado fica o nosso cérebro. Aí inventaram o conceito de multitarefa. O ser humano sempre foi capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo, mas quando isso acontece, você perde a capacidade atencional. Sabe a história do homem que toca cinco instrumentos, mas não toca nenhum deles bem? Um adolescente, por exemplo, pode estar ouvindo a professora falar enquanto recebe um *WhatsApp*, checa o *Instagram* e conversa com o amigo. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

Em termos de condições desfavoráveis, o que mais influencia negativamente o desenvolvimento cerebral [de uma criança] é a fome e o estresse gerados pela violência e falta de cuidado parental. Claro, a falta de saneamento pode gerar como consequência desnutrição ou algumas doenças parasitárias, mas, pelo que

sabemos da plasticidade cerebral, irreversível é uma palavra muito forte. (Fernando LOUZADA, 2017)

Quando os pesquisadores que trabalham em assuntos bastante especializados, por exemplo, nas zonas ativadas no cérebro nos processos de aprendizagem, dizem que é preciso sempre solicitar a atenção das crianças, pedir que participem, interromper a aula para fazer perguntas, evitar que o estresse e a ansiedade bloqueiem o processo de aprendizagem, ficamos seguros, porque já o sabíamos: muitos dentre nós já lemos sobre isso nos textos de vários pedagogos (desde o século XVI). (Anne-Marie CHARTIER, 2018)

VULNERABILIDADE

Crianças de famílias onde há pessoas que já usam drogas têm maior chance de acesso; também crianças que enfrentam problemas educacionais em geral são mais vulneráveis, assim como pessoas com problemas econômicos, considerando-se aí a falta ou o excesso de dinheiro. Existe uma lógica, mas nada que nos permita dar uma explicação casual simples ou de acusar o pai ou a mãe. Precisamos entender que as instituições sociais formam um todo. O país em que se vive também tem responsabilidade. (Beatriz CARLINI-COTRIM, 1991)

Os relatos que eu tenho de gente baladeira é de que há um esgotamento. Ninguém aguenta ir a festas toda noite, por muito tempo, senão o vazio aumenta muito. Esse vazio deve ser controlado. O jovem descobre isso pelo sofrimento. Não ser dá uma insegurança muito grande. Você fica muito vulnerável. A síndrome do pânico, doença da moda, é uma expressão radical dessa vulnerabilidade. (Miguel PEROSA, 2006)

No caso da América Latina a desigualdade social se reflete drasticamente no meio rural. As crianças são cada vez mais deixadas aos cuidados dos avós e dos irmãos, porque seus pais vão para outros lugares à procura de trabalho para sustentar a família. A infância rural se encontra em situação de desproteção e de alta vulnerabilidade. Por isso, desejamos apoiar experiências inovadoras que melhorem o ambiente e o cuidado infantil, que facilitem a transição da criança de casa até a escola primária e que ajudem na elaboração de políticas apropriadas. (Leonardo YÁNEZ, 2006)

A questão da vulnerabilidade é muito ambígua. Na área da saúde, por exemplo, populações vulneráveis são aquelas que estão numa condição específica de desvantagem social e precisam de uma atenção especial do Estado. Quando transferimos esse conceito para amplos contingentes, corre-se o risco de estigmatizar a condição de pobreza como vulnerável para a delinquência ou para a conduta de desvio. (Marília Pontes SPOSITO, 2007)

As profissões da área das ciências humanas – em que não existem verdades, pois a subjetividade humana está sempre presente – são mais sujeitas do que outras. Algumas profissões na área de cuidados pessoais também são mais vulneráveis, como a assistência social e a enfermagem. Existem ainda profissionais que se alimentam de mitos, como a cartomante e o curandeiro, que não precisam de comprovação científica. (Guiomar Namó de MELLO, 2011a)

Muito pouco foi feito em prol do ambiente pelos governantes, e não apenas do Brasil, mas do mundo todo. Temos testemunhado uma derrota após a outra: Belo Monte, transposição do rio São Francisco, aprovação do Código Florestal e tantas outras mazelas que assolam a natureza e as pessoas mais pobres, vulneráveis ou invisibilizadas de nossa sociedade patológica. (Michèle SATO, 2012)

São 18 milhões de meninas abaixo de 20 anos as que dão à luz a cada ano e, dessas, 2 milhões têm menos de 15 anos. Esse grupo é muito mais vulnerável. Do ponto de vista médico, são mais vulneráveis por ser muito jovens e, não raro, especialmente se têm 11, 12 anos, a questão tem ligação com a violência sexual doméstica. Outro problema: há muitos casos de jovens que, aos 15, 16 anos, já

estão na segunda, terceira ou até quarta gravidez. Isso é dramático porque, sem esperar um intervalo ideal entre partos de dois anos, vão aparecendo doenças. (João Luiz Pinto e SILVA, 2012)

Essa é a chamada geração “nem-nem”. São 5,3 milhões de jovens entre 18 e 29 anos, que nem estudam, nem trabalham. [...] São jovens que estão na ociosidade e, portanto, vulneráveis em relação ao tráfico, às drogas e à violência. Não é à toa que os dados da UNESCO mostram que o Brasil tem uma grande elevação das taxas de homicídio na faixa dos 17 aos 29 anos. Nessa guerra perdemos um grande contingente de jovens. (Mozart Neves RAMOS, 2013)

Os idosos têm uma taxa mais alta de depressão, de outros transtornos mentais e também mais incidência sobre problemas físicos e doenças crônicas ou incuráveis. Além disso, têm cada vez menos contatos sociais. O homem idoso não tem quem cuide dele nem foi preparado para se cuidar. Fica muito vulnerável. Isso não acontece com a mulher, que tem mais relações afetivas válidas e mantém uma rede social de apoio. O homem perde essa rede ao longo da vida. (José Manoel BERTOLOTE, 2014)

Famílias mais pobres, por exemplo, acabam vivenciando maior situação de vulnerabilidade, pois não têm acesso ao mínimo, como água potável ou saneamento básico. Muitas vivem nessas condições. Também não têm acesso ao lazer. Para fazer uma caminhada, não dispõem de tempo, além de não disporem de um parque perto de casa, e alimentar-se de maneira mais saudável é caro. É muito mais barato comprar comidas que não são saudáveis. Essa é a rotina. (Gustavo GUSSO, 2014)

Geralmente, a figura central do *sexting* é feminina. Ela é mais vulnerável. As garotas são tachadas, julgadas por se exibirem, mesmo não sendo as autoras da publicação. As pessoas vão dizer que ela fez por maldade, quis se insinuar, que deveria ter se precavido etc. Já o menino que aparece sem camisa em uma foto ou mostra de alguma forma se relacionar com várias pessoas ao mesmo tempo é valorizado. Ele é considerado bonito, forte, viril. (Renata LIBÓRIO, 2014)

Hoje existem 26 grupos confirmados e quatro áreas consideradas de vulnerabilidade altíssima: a região do Vale do Javari, onde há 16 grupos de índios isolados que compartilham a terra indígena com seis grupos de etnias já contatadas, com problemas severos de saúde, como hepatite e malária. Então, o contato pode ocorrer a qualquer momento, em uma situação de logística complicada. No Maranhão, a extração ilegal de madeira põe em risco as populações isoladas tanto da terra indígena Arariboia quanto a do Caru. Na terra Ianomâmi é igualmente preocupante. (Carlos Lisboa TRAVASSOS, 2014)

A inclusão refere-se à aprendizagem e à participação de todos os estudantes vulneráveis a ser sujeitos excluídos, não só aqueles com deficiência ou rotulados “com necessidades educativas especiais”. A inclusão também se refere ao desenvolvimento das escolas, tanto dos funcionários quanto dos alunos, e ao esforço mútuo entre as escolas e suas comunidades. Todos os estudantes têm direito à educação no lugar onde vivem. (Daniel VALDEZ, 2014)

As noções de ética ou bondade são valores construídos socialmente. Eu diria que o ser humano é parte genética e parte resultado de suas interações sociais e do meio em que vive. Isso faz com que pessoas que vivem em ambientes sociais mais hostis tenham maior vulnerabilidade, por exemplo. [...] Isso me faz pensar que, se você passa trauma por genética, você também pode passar qualidades e virtudes. (Cristiano Nabuco de ABREU, 2017)

Uma boa educação, que garanta mais desenvolvimento e justiça social, pode criar um cenário em que os momentos de turbulência possam ser enfrentados sem que as classes mais vulneráveis sejam ainda mais prejudicadas. Nesse sentido, ainda que não cumpramos todas as metas do PNE [Plano Nacional de Educação], é imprescindível colocar nossos esforços naquelas que são mais estratégicas, capazes de servir de base para que outras ações se desenvolvam. (Priscila CRUZ, 2017)

ANGÚSTIA

Atingido por tanta pressão, o professor somatiza suas angústias, fica deprimido, tem hipertensão ou outros problemas sérios de saúde. Mas a saída mais comum é mesmo que ele fique com sua vontade enfraquecida. Então, ele não se aprimora, se fecha, busca equilíbrio na alienação, não vê razão para reprovar ninguém. Ele quer sair dessa situação, mas não sabe como. Isso só pode resultar numa queda da qualidade do ensino. (Lia Ribeiro CESTARIOLO, 1988)

Não creio que o processo do conhecimento seja divertido. É um processo árduo, de memorização em cima da reflexão. Existe entre os educadores uma busca para que as pessoas aprendam sem dor – é o “conceito Lair Ribeiro” de Educação. O processo de aprendizagem é necessariamente doloroso. Não conheço nenhum grande intelectual, cientista, jornalista que não se sinta angustiado, agoniado, pela dificuldade de entender coisas. (Gilberto DIMENSTEIN, 1998b)

Essa geração, neste momento, está vivendo uma crise social que repercute, logicamente, no campo educativo, com uma angústia muito importante nos professores, porque não sabem o que está acontecendo, não sabem o que fazer. Daí a importância de se estabelecer critérios de reflexão, de discussão, de pensar novas alternativas, de transformar a escola radicalmente, como se fez há 700 ou 800 anos com as escolas monásticas. (Francisco IMBERNÓN, 2001)

Um aluno que está bloqueado, que se recusa a aprender, não o faz pelo prazer de aborrecer o professor, e sim porque isso é angustiante para ele. Então, como achar maneiras de lhe apresentar o saber, de lhe propor atividades ou de confortá-lo? Como achar situações que vão permitir-lhe ultrapassar a angústia que o saber traz? E como também lhe dar mais tempo, quando ele tenta desfrutar desse saber? (Françoise HATCHUEL, 2003)

Não é possível se fazer uma economia da reflexão. Não é possível se queimar etapas. Não é pelo fato de outros terem refletido sobre uma série de coisas que isso vai poupar muito tempo a mim. Cada um tem de fazer o seu caminho. A reflexão tem essa dimensão, que pode ser um tanto angustiante, pois não é uma coisa que se faz hoje e que fica resolvida definitivamente. É uma atitude profissional. (António NÓVOA, 2004)

Trabalhamos com os marcos de compreensão em matemática. Um dos desafios é superar a baixa expectativa dos professores. Lá, temos conversado muito com os alunos, que nos dizem que aprendem mais quando sentem os professores preocupados com eles. Ficam angustiados, por outro lado, quando os professores apenas ficam repetindo: entenderam? Entenderam? (Paula POGRÉ, 2004a)

Procurei pessoas que retratassem temas como violência dentro e no entorno da escola, ausência do professor, angústias dos jovens. Tentei dar um enfoque comportamental ao filme [*Pro dia nascer feliz*]. Para mim, esse é o tema central. A adolescência é um momento emocionalmente muito rico, os sentimentos são muito intensos. São novas gerações se estruturando. Queria fazer esse contraponto. Acho que a escola não leva isso muito em consideração. (João JARDIM, 2007b)

O maior problema, na França, é que existem poucos professores que fizeram estudos de cinema. Existem aqueles que conhecem bem, mas os professores que não são formados em cursos de artes têm receio de não saber dar uma aula. Por isso, desenvolvem trabalhos mais rígidos, como por exemplo, explicar o que é um plano geral. Então, a primeira coisa a fazer é acabar com a angústia. Os docentes devem começar exaltando as coisas belas dos filmes, pois elas tocam todo mundo. (Alain BERGALA, 2009)

O estudante que está vivendo uma situação angustiante em casa muitas vezes pede socorro na escola. O educador tem de ser sensível a isso porque nem sempre ele é explícito. Ao vê-lo triste, angustiado, malcuidado ou apresentando queda de rendimento, é preciso acolhê-lo e ajudá-lo. O primeiro passo é tentar a aproximação, com a abertura de um espaço de escuta. (Belinda MANDELBAUM, 2010)

O ensino médio termina por outra seleção, através do vestibular, considerado como uma verdadeira fronteira entre dois mundos: o da vida difícil e o do sucesso. Por isso, o ensino médio é um lugar de angústia e, às vezes, de sofrimento, mas também não se deve denegrir a situação do ensino brasileiro: ainda há alunos que gostam de aprender, professores que adoram ensinar e escolas inteligentes e eficazes, inclusive escolas públicas. (Bernard CHARLOT, 2011)

Parece que há uma obsessão perversa por avaliação, que tem a ver sempre com o mercado, que diz ser preciso determinar o valor das coisas, dizer que isso vale mais do que aquilo. [...] Talvez seja necessário deixar as crianças um pouco em paz. A escola, como quase tudo hoje em dia, está submetida a uma espécie de velocidade vertiginosa. É preciso fazer tantas tarefas e cumprir tantos objetivos, que tudo se torna angustiante. (Jorge LARROSA, 2013)

Qual é o problema da qualidade de educação na América Latina? É que as elites não se uniram ainda, porque podem pagar pela educação que querem e não se importam com o que acontece com o filho dos outros. A tese que defendo é a de que se todos nós sentíssemos a angústia de não poder aprender bem, a educação mudaria em um ano. Não é um problema de dinheiro. Não é um problema de espaço. Não é um problema de educadores. (Bernardo TORO, 2014)

Estude, leia boa literatura, ouça música, escreva, faça pausas. Compartilhe ideias, angústias e alegrias e socialize seu conhecimento pedagógico. Somente com a comunicação constante entre pares é que o conhecimento pedagógico avança e, com isso, atinge os alunos. Ensine e habitue seu aluno a fazer autoavaliação de seus trabalhos, não faça tudo você mesmo. (Elvira Souza LIMA, 2015)

A angústia vem da falta de reconhecimento do estagiário dentro da instituição escolar e de supervisão por parte da universidade. Na primeira, ele acaba sendo visto como um estorvo, um quebra galho ou alguém que só fica ali olhando. Na outra, cai em uma ação meramente burocrática, de apenas levar as horas assinadas para a secretaria da graduação, sem que tenha um retorno concreto sobre o que fazer com o que observou na sala. (Marisa VALLADARES, 2015)

O que aflige é a falta de atenção aos interesses dos jovens que passam para o ensino médio: a escolha de uma profissão, o ingresso no mercado de trabalho, as

responsabilidades da vida adulta, as questões identitárias passam ao largo da escola, sem mobilizar os professores. As angústias dos alunos quanto às suas possibilidades de vencer essa última etapa da escola básica, a possível perda dos amigos, a passagem para uma escola desconhecida, sem saber ao certo o que se encontrará nela, também não têm lugar no espaço escolar. (Claudia Leme Ferreira DAVIS, 2016)

CANSAÇO

Na 5ª série, é aquele trauma que todo mundo sabe, o aluno acabou de sair do primário e ainda está desarvorado com a variedade de disciplinas e com o número de professores que encontra. Já a 7ª série é considerada crítica porque a evasão é muito grande. Ou os estudantes estão cansados das repetências sucessivas e abandonam a escola, ou vão saindo em quantidades cada vez maiores para entrar no mercado de trabalho. (Heraldo Marelim VIANNA, 1992)

A resposta da professora era: “Não precisa correr para escrever, que a gente vai ter o ano todo para isso. Amanhã nós vamos escrever até cansar! Vocês vão até falar: “Tô cansado de escrever, minha mão tá doendo””. Ou seja, além de adiar o início das atividades, a professora caracterizava negativamente a escrita: será, no mínimo, cansativa. (Maria Lúcia CASTANHEIRA, 1993)

Os textos pedagógicos me cansam muito. Neles fica tudo muito homogêneo, tudo muito acertadinho. Diante do texto acadêmico, o leitor até se manifesta, mas a trama argumentativa já está tão arrumadinha, as contradições tão explicitadas que o controle do autor sobre os sentidos é muito maior. O aluno lê e acaba falando as mesmas coisas, refletindo a partir daqueles mesmos parâmetros, daquelas balizas que o texto já ofereceu. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

O aproveitamento do curso a distância é melhor do que o presencial. O aluno é obrigado a ter mais disciplina, concentração, estudar mais. O estudante acaba colhendo mais resultados no aprendizado. O aluno que tem a obrigação de se deslocar diariamente ou diuturnamente para o local de estudos, depois de um dia de trabalho, terá seu desempenho comprometido pelo cansaço. Em casa, o aluno do curso a distância organiza melhor sua agenda de estudos. (Arnaldo NISKIER, 2000)

Quando o professor tem pouco tempo de formado, ele chega cheio de projetos, quer mudar o mundo e a escola, mas, depois de alguns anos, perde o interesse. De acordo com minha pesquisa, os sete primeiros anos de carreira são o período no qual o professor mais deseja investir na profissão. Depois de 22 anos de carreira, ele já se sente mais cansado com o trabalho e deseja se aposentar. (Dora Elisa Rodrigues TOLOSA, 2003)

Ensinar tem se constituído um processo bastante difícil. O professor tem de responder ao papel da escola, às expectativas da família e dos alunos. Às vezes em um mesmo bairro encontramos escolas com projetos pedagógicos diferentes, cujas exigências de produção são diversas. Isso é muito cansativo, porque nem sempre o professor está trabalhando em uma escola cuja filosofia pedagógica corresponde aos seus valores pessoais. (Lúcia KLEIN, 2004)

O panorama é alarmante, pois mostra que 60% dos professores, ou mais, dependendo das configurações de suas atividades de ensino, têm três ou mais sintomas vocais, como rouquidão, pigarro constante e cansaço ao falar. Além disso, em algumas situações, a principal causa de faltas no trabalho é o problema de voz. Porém, nem sempre o professor pode se ausentar, pois tem um sentido de responsabilidade e temor de comprometer seu emprego por causa de faltas. (Mara BEHLAU, 2007)

São problemas parecidos [das escolas retratadas no filme *Pro dia nascer feliz*], alunos que não aprendem, professores que faltam, por cansaço ou descaso, jovens desinteressados. Mas variam os índices. Em Manari, por exemplo, a escola é o único lugar onde há um pouco de cultura. Agora, há bons projetos em escolas diferentes, como a banda e o fanzine, mostrados no filme. (João JARDIM, 2007b)

Quer coisa mais bonita e fundamental do que fazer arte para criança? Onde deveria ter verba, não tem. Eles até investem. Dão verba para a Xuxa. Cansa falar sobre isso porque tem uma hora que você começa a ficar chororó. Lá vem a classe teatral, sempre reclamando. O fato é que a formação da criança não é prioridade da sociedade, dos patrocinadores, dos políticos, dos pais nem dos atores. (Vladimir CAPELLA, 2009)

A neurociência não consegue ver quando o aluno não está fazendo a tarefa porque está muito cansado. Mas o professor pode ver isso, pode sistematizar, saber qual técnica usará naquele momento e, com sua criatividade, refazer condutas de ensino. O professor terá sempre a competência de poder escolher o momento de adequar a informação da neurociência. A grande questão é que não somos todos iguais. Cada cérebro, cada encéfalo, é como uma impressão digital, é completamente diferente um do outro. (Adriana FOZ, 2012)

Há que ser um trabalho de paixão, e não burocrático, pois são eles [professores] que devem mostrar às crianças que é possível, mesmo com as cargas horárias que [as crianças] têm hoje, que as absorvem muito, há sempre espaço para a leitura. A criança chega em casa cansada e tem o computador, os cursos, o jazz, os esportes, e é importante demonstrar a eles e aos pais que a leitura tem seu espaço e que é mais estruturante que a maior parte dessas coisas. (José Jorge LETRIA, 2012)

Um professor que frequenta os textos tem muito mais condições de tornar interessante o ensino, não vai fazer resumo inútil, saberá correlacionar conceitos, trazer para a aula temas atuais. Enquanto aquele que só conhece os resumos vai reproduzir isso para o aluno de forma cansativa, sem vida, como se os filósofos fossem um bando de gente estranha que deveria estar no museu, e não na vida. (Juvenal SAVIAN FILHO, 2012)

Não há bem mais valioso do que poder olhar nos olhos dessas pessoas e ser um ponto de comunicação importante deles com o resto do universo. Neste momento, não sentimos cansaço, pelo contrário, sentimo-nos como ungidos, agraciados. O criador nos colocou diante de uma missão para fazer as pessoas acreditarem que é possível enfrentar esse desafio. (José VICENTE, 2012)

[Os pais] querem que tenhamos mais escolas-bosque a fim de incluir mais alunos, porque esses centros tornaram-se extremamente populares entre os pais. As crianças usam o corpo o dia inteiro, estão ao ar livre, sobem em árvores, correm, interagem com a natureza e voltam para casa tão cansadas que dormem muito bem. Quando os pais constatam que essa proposta funciona e está sendo boa para suas crianças, tornam-se bastante solidários. (Claus JENSEN, 2013)

A atenção sustentada [pelos alunos do ensino médio] é muito difícil. Quando se torna rotina, uma atividade cansa. Por isso, é muito importante diversificar as atividades. Os alunos podem ficar três horas seguidas trabalhando em um mesmo projeto, desde que as atividades sejam diversificadas e que não façam sempre o mesmo. Um professor pode dar uma explicação, mas ela não pode ocupar toda uma hora, pois deve ser acompanhada de outras atividades. (Juan Ignacio POZO, 2015)

SOLIDÃO

Outra questão complicadora é o isolamento do professor. Cada professor trabalha sozinho, porque todas as condições que o sistema oferece favorecem isso. Ele é obrigado a trabalhar às vezes em até três escolas diferentes. Seu compromisso, então, é com o número de horas de aulas que tem de dar e não com o que esta ou outra escola irá realizar. Além da jornada de trabalho, o ambiente físico da escola, os horários de aulas, tudo é desfavorável à integração. (Arlette D'ANTOLA; Myrtes ALONSO, 1989)

O professor também, reconheço, é um solitário em sua sala de aula e poucos se dispõem, têm tempo ou condições de frequentar cursos de atualização, reciclagem. Para os mestres já formados há bastante tempo, esses cursos são imprescindíveis. Por isso, acho que as secretarias da Educação e as universidades precisam se aproximar mais, criar as possibilidades para que esses professores estejam sempre se aprimorando, num processo contínuo, que tenha volta, acompanhamento, avaliações. (Dair Franco de CAMARGO, 1993)

Embora a escola seja um lugar que congregue muita gente e que exista para fazer funcionar uma relação de ensino – e uma relação é, portanto, de alguém com outras pessoas – é, ainda assim, um lugar de solidão. A nossa condição de professoras costuma ser muito solitária nas escolas, embora a gente fale muito. Então, apesar das reuniões e tudo o mais, o que é esse falar que praticamos? A solidão está mediada por outras palavras. (Roseli Cação FONTANA, 2000)

Sugerimos que sejam redigidos guias ou dadas capacitações para que [os professores] aprendam a lidar com classes difíceis. Eles precisam de material que os ensine a administrar crises de diversas naturezas tendo bem claro a quem podem recorrer em situações extremas. O segredo é nunca estar sozinho, fazer sempre um trabalho de equipe no qual possam partilhar suas angústias e ter apoio na busca de soluções. (Catherine BLAYA, 2003)

[A pessoa] sempre vive em grupo, já nasceu em grupo, e por isso é humana, porque bicho não nasce em grupo, bicho nasce em bando. Essa pessoa humana, por ser marcada pela incompletude, também tem uma dependência em relação ao outro, porque ela é finita, incompleta, nunca tem tudo, sente falta, está em busca. [...] Somos geneticamente amorosos, geneticamente sociais, dependemos do grupo, só crescemos, só mudamos em grupo. Ninguém é uma ilha, ninguém vive sozinho. (Madalena FREIRE, 2004)

No caso do professor, é preciso que a reflexão sobre as práticas ajude a romper com essa cultura solitária, instalando uma prática do que chamamos de “colegialidade”, isto é, a partilha e a deliberação no interior de um grupo. Simultaneamente, é necessário aprofundar uma consciência crítica, uma cultura de emancipação. Se não há condições políticas e organizacionais nas escolas, todo esse discurso não passa de uma retórica vazia. (António NÓVOA, 2004)

[O professor de inglês] precisa estar preparado para se enxergar e atuar como um pesquisador da própria prática. A reflexão proporciona isso a ele. Um dos grandes problemas do professor é a solidão. Muitas vezes, ele não tem colegas com quem trocar experiências na escola. Por isso, é importante estar sempre alerta para

oportunidades em centros de recursos e usar a internet para pesquisar e travar contato com o idioma. (Maria Antonieta CELANI, 2009a)

À boa maneira freiriana, [o bom professor] é aquele que compreende que não está completo, e que descobre que, na sua autossuficiência, ele é o maior obstáculo à mudança. Um bom professor é o que recusa continuar sozinho na sua sala de aula, que recusa exercer uma profissão feita de atos solitários. É aquele que se reconhece em atos solidários. (José PACHECO, 2010)

O que percebemos foi que a grande maioria dos professores avalia de forma muito mecânica. O professor pergunta e os alunos respondem em coro o que o professor quer que eles respondam. Há pouca reflexão. Não estou dizendo que a culpa seja dos professores. A questão é que o trabalho é exercido de maneira muito solitária. Existe pouco espaço de reflexão coletiva, até mesmo dentro de uma escola, onde cada professor trabalha individualmente. (Pedro RAVELA, 2011)

A escola baseada na transmissão de lições-padrão para aprendizagem instrumental pode banalizar o computador, a educação e a cidadania. No limite, essa escola estará contribuindo para o fortalecimento da “razão cínica” já descrita pelo psicanalista Jurandir Freire Costa. Esse sujeito terá provavelmente alguma presença nas redes sociais, mas terá certamente atitude solitária para expressar fragmentos do seu mundo individual, conformado na transparência da expressão emocional do “mínimo eu”, já descrito por Christopher Lasch. (Marco SILVA, 2012)

Existiam referenciais morais, e da instituição familiar, sem dúvida, que pareciam muito estáveis e eram dados de fora para dentro. Isso é o que me interessa. O mundo hoje foi demolindo essas categorias e as referências passaram a ser internas: cada um decide o que é bom e o que é mau. Isso não está mais fora do sujeito, está dentro dele. E há uma dimensão de solidão, no mundo atual, em razão disso, e a ausência da ideia de bem comum. (Teresa PINHEIRO, 2014)

É necessário garantir que, em algum momento, alguém esteja junto com o diretor na escola e veja como ele está empregando o que aprendeu. Conheço programas de secretarias de Educação brasileiras muito bons. No entanto, mesmo que o gestor seja aplicado nos estudos, quando ele termina o curso, se vê sozinho na instituição de novo. E, às vezes, não consegue enxergar que determinada situação que vivencia tem tudo a ver com o que leu e refletiu. (Maria Carolina Nogueira DIAS, 2015)

Sabemos que os adultos aprendem ao serem observados e recebendo comentários. E muitos professores da pré-escola estão isolados em suas aulas de aula. É uma profissão solitária. O notável em nosso trabalho no Chile é que os professores se sentiram apoiados e emocionalmente conectados com o seu trabalho porque alguém os engaja em uma discussão sobre a sua prática. (Hirokazu YOSHIKAWA, 2015)

Não concordo totalmente com os pensamentos de Schopenhauer, o filósofo alemão do século XIX, mas estou de acordo quando ele afirma que, quando estamos sozinhos, estamos livres. De outro modo, alguns momentos de solidão no estudo também são importantes, tanto para a criatividade quanto para a ex-

ploração e a descoberta de nós mesmos. O problema é nos sentirmos isolados e solitários em um ambiente social, como, por exemplo, no contexto escolar. (Ricardo FRAGELLI, 2018)

Um grupo tem um ritmo de reuniões, estudos e decisões coletivas. Um grupo tem mais força e significação que um indivíduo isolado; afinal, diz o ditado popular, “uma andorinha, sozinha, não faz verão”. Um professor sozinho pode ser ótimo em suas proposições e desempenho, mas um grupo que estuda, decide e age coletivamente tem muito mais força, capacidade de agir e condições de formação. (Cipriano LUCKESI; Cristina D’ÁVILA, 2018)

CULMINÂNCIAS

Quando o Estado brasileiro se encarrega da Educação Indígena, ou pretende fazer isso, alguma coisa está errada, porque ele não consegue sequer dar conta da sua tarefa de educar as crianças brancas. Se tivesse conseguido educar seu próprio povo, o Brasil não seria a quadrilha que é. Se estão querendo dar isso pra gente é porque está podre. O que se pode esperar da Educação vinda de um Estado que espanca os educadores de suas crianças? Eu vi uma cena de professores sendo cercados, acudados e espancados na Praça da República, em São Paulo. Eles fugiam, apanhavam. Aí eu entendi o que era a Educação do branco. Pessoas apavoradas indo para a sala de aula. Como elas podem transmitir conhecimento para as crianças? Elas transmitem é medo, revolta, indignação. E não sabedoria, que é a chave para ler o futuro. A Educação formal, do Estado, é uma coisa recente na história. Há 100 anos os pais eram os responsáveis pela Educação. As pessoas foram induzidas e hoje são obrigadas a entregar seus filhos a uma instituição. Suprime-se a tradição oral, tanto de índios como de brancos. No final do século, em vez de ler, as crianças irão aos bancos de dados e aprenderão apenas o que a sociedade quiser que elas aprendam. Quando o povo da floresta luta, luta contra isso tudo. Se abrimos mão do mínimo, abriremos mão do máximo. Se aceitarmos a Educação do branco, teremos em breve que entregar a floresta. (Ailton KRENAK, 1990)

Eu fiz o mestrado na Fundação Getúlio Vargas, no Rio, nesse mesmo curso que foi extinto agora no segundo semestre. O mestrado era uma coisa que eu queria fazer para dar uma parada e pensar, analisar, refletir sobre tudo o que eu tinha vivido até ali. Quando resolvi começar a tese, sabia que não iria fazer uma pesquisa com rigoroso método científico. A tese consiste numa reflexão em cima das minhas anotações de 15 anos de trabalho. São as observações que fiz durante todo o tempo em que lecionei na escola pública. Claro que depois desse tempo todo já era possível tirar algumas conclusões interessantes sobre o caráter da escola que é oferecida. [...] A principal conclusão é que a escola não mudou em nada nos últimos anos. Não se para para repensar o papel da escola, não se pensa que estamos sempre diante de novas gerações. A não ser quando há uma crise séria, a escola não se questiona. Existem coisas que estão incorporadas e não se mexe nelas. O uniforme é um exemplo. A grande maioria dos alunos é contra a exigência diária dos uniformes completos, dos quais nem os sapatos escapam. Mas o uniforme só é abandonado quando há muita resistência. As crianças acham absurda a rigidez dos horários, detestam fazer fila, ficar sentadas por muito tempo. E ainda têm o dever de casa. Não são só as crianças das primeiras séries que reclamam. São os que estão na escola há mais tempo os que mais se queixam. Os pequenos ainda não sabem expressar a decepção. Quando perguntamos se gostam da escola, dizem que sim. Mas se perguntamos do que mais gostam, respondem que é do recreio. As filas, as regras, os regulamentos, tudo isso os adultos custam a rever. Ora, essas coisas podiam até ter sentido antes, certo ou errado, não importa. Só que em algum momento deixaram de ter. E os gestos continuaram a ser feitos, sem sentido. Ficam como verdades eternas e ninguém discute. (Luisa Castiglioni LARA, 1990)

O que estamos sendo no mundo, João, Maria, Carlos? E não importa aí a classe social, embora esta tenha uma influência fantástica na forma como estamos

sendo. Mas o que estamos sendo, por que estamos sendo, como estamos sendo, quem estamos sendo? Isso me permite fazer comparações. Por exemplo: olho agora o quintalzinho de minha casa e vejo outros seres também vivos, mas de ordem natural – uma jabuticabeira e o canil onde está o Jim, um pastor alemão –, e já poderia estabelecer comparações entre como eu estou sendo, como a jabuticabeira está sendo e como o Jim está sendo. Sem ir muito longe, eu chego a uma primeira conclusão, de que as relações que há entre eu e as minhas jabuticabeiras e entre eu e Jim não são as mesmas que há entre eu e você. Há uma qualidade diferente nessas relações. Segundo, eu posso tomar como referência, para me distinguir dos outros dois seres (o Jim e a jabuticabeira), que, embora os três seres sejamos finitos, inacabados, incompletos, imperfeitos, somente eu entre os três sei que somos finitos, inacabados e incompletos. A jabuticabeira não sabe. Ela tem outro tipo de saber. (Paulo FREIRE, 1993)

Meu pai me ensinou isso, de menina. Sabe quando você chora porque a boneca quebrou? Ele me dizia: “Vamos olhar de Sirius”. É você ir lá para longe, para o fim do sistema solar, e olhar de lá. “O que significa esta menininha pequenininha, numa cidadezinha de um paisinho, de um planetinha perdido no universo?”. Meu pai sempre teve, na parede do seu escritório, a figura do globo terrestre no meio da escuridão do universo. Eu tenho também, no meu escritório, o sistema solar inteiro, com o nosso planetinha lá no meio. E é um sistema, entre muitos. Então, essa coisa de olhar de Sirius me marcou desde pequena. É um movimento permanente que faço. Se você olhar de longe e de fora, ou seja, numa perspectiva tanto espacial quanto histórica, tudo fica diferente. Acho que damos muita importância à nossa vidinha. Temos 70 ou 80 anos de vida, e para nós significa muita coisa, mas, historicamente, não é nada. Eu me penso sempre como uma pessoa do século XX, porque é assim que vão falar de nós, daqui para frente. (Magda Becker SOARES, 1995)

Quando minhas filhas eram pequenas, morávamos em um lugar ermo, éramos lá os únicos moradores, o resto era mato. De vez em quando, para brincar com elas, que estavam distraídas vendo televisão, eu e Tereza [esposa] íamos para o quintal e dávamos uns urros e murros nas janelas da casa. As meninas ficavam roxas, as pernas tremiam e precisavam até de tomar água com açúcar. O resultado é que nenhuma delas tem medo hoje. A criança acaba entrando no jogo também, porque é bom sentir aquelas emoções. Fazíamos isso em casa, e fazíamos depois no teatro, com o filho dos outros. A gente apagava as luzes, dava uns relâmpagos, soltava fumaça e os meninos quase morriam de medo. Mexer com as emoções, as crianças precisam disso para se formar, porque esses músculos das emoções ficam atrofiados se elas não experimentarem sentimentos fortes. Hoje elas não entendem exatamente a extensão de uma personagem, de um vilão, bruxa ou um mágico, porque existe um policiamento muito grande. [...] Existe um policiamento grande sobre quem faz arte para a criança. Eles têm tanto medo disso, que esterilizam tudo. Fico horrorizado de falar sobre textos que leio. Já participei de júri para teatro infantil e as falas deles são assim: “seu lobo”, “seu ladrão”, uma personagenzinha, “seu ladrão, por favor”. A bruxa é uma velhinha que estava um pouco desviada de comportamento, mas volta às boas, se recupera durante a peça. Acontece que essas personagens para a criança são formadoras de divisões dentro da personalidade. Então, ela precisa saber. Por exemplo, dizem que na floresta só pode existir amizade, bichinhos e tal. Mas, a floresta, na realidade, tem seres desconhecidos mesmo. Vocês se lembram daqueles meninos

que puseram dentro do moedor de milho, moeram e deram para os patos? Essa é uma história alemã, as histórias tinham essas coisas, esses componentes de crueldade. Então, veio o policiamento: autores, atores e diretores não querem mais incorrer na ira dos educadores, e isso acaba esterilizando tudo. O lobo não é mau, a bruxa é temporariamente má, é uma velhinha que passou por alguns problemas, mas volta às boas, vira uma vovozinha. Eles não entendem a criança como pessoa, e sim como um ser de outro planeta, um bobo. Com isso prejudicam a pessoa, e, o pior, prejudicam a arte, porque fica uma arte sem conflito, uma arte absolutamente digerível. (Álvaro APOCALYPSE, 1996)

Às vezes acho que o modo como me tornei professor é o melhor. Fui convocado para o Exército dos EUA. Não queria isso, mas todos eram obrigados a servir. Lá aprendi a ser professor. Ensinei primeiros socorros, bandagem e coisas semelhantes. Tinha um ano de faculdade. Vim de uma família muito pobre. Frequentei o curso de formação de professores à noite, por um ano. Devido a uma legislação emergencial, para resolver o problema de falta de professor em escolas de favela, pude conseguir um emprego após sair do Exército. Ensinei lá durante o dia e frequentei a escola à noite. Como eu tinha experiência com crianças, exigi certas coisas de nossos professores, como: “Me mostre a pertinência disso! Tenho de enfrentar essas crianças todo dia em situações difíceis. Faça com que isso tenha sentido para mim, de modo que responda à minha questão, não à sua”. Às vezes, acho que isso revela um modelo muito bom. É importante estar nas escolas, não apenas ser jogado nelas sem nenhum apoio. Mas essa é uma visão ligeiramente romântica – só porque funcionou parcialmente para mim, penso que é bom. Não acho que isso possa acontecer facilmente, pois é muito difícil encontrar professores dispostos a passar todo o seu tempo trabalhando com outro professor. Também é muito difícil achar tempo para fazer isso. (Michael APPLE, 1996)

Gosto muito de conversar com guri de 12, 14 anos, uma idade boa, porque eles estão se abrindo para o mundo, e a gente pode abrir janelas neles, dar liberdade a eles. Para meninos mais novos tenho a mania de dar a noção do som, a noção do ser, a ontologia. Eu converso com eles dizendo: “Você se chama William? Que William nada, sua cara é de Geraldo, seu nariz é de Geraldo”, e começo dizendo que a mãe dele se enganou, o guri fica espantado. Mas é bom quando ele tem a primeira dúvida sobre o ser. Gosto de escrever, escrever me diverte. Escrever pensando que uma criança vai ler me diverte mais ainda. Anos atrás escrevi dois livros infantis, mas nunca consegui publicá-los. Os editores não gostam das histórias porque acham que elas não são próprias para crianças. Talvez tenham razão. Uma das histórias é sobre um gato que descobre que o seu rabinho é emplumado, e a cantiga dele é assim: “merda, bunda, bosta, só quem come gosta...”, mas sempre maliciam essa cantiga e os editores não têm coragem de publicar. Todas as crianças para quem já cantei “merda, bunda, bosta, só quem come gosta...” adoram isso e cantam essa cantiguinha tão bonita que sempre cantei quando criança. (Darcy RIBEIRO, 1996)

Certa vez, uma professora perguntou ao aluno sobre como poderia ser medida a altura de um prédio utilizando um barômetro (aparelho que mede pressão). A resposta esperada seria que o estudante respondesse que, ao chegar ao topo do edifício, seria tirada a pressão atmosférica para que se calculasse a altitude. O aluno fez um raciocínio diferente, e apresentou alternativas. Por exemplo: 1)

amarrar um barbante no barômetro e descê-lo até a base do edifício. Quando encostasse no chão, poderia medir o barbante e saber o resultado. A resposta não foi aceita. 2) Não se dando por vencido, o estudante elaborou outra solução, dessa vez jogando o aparelho atmosférico prédio abaixo. Com isso poderia cronometrar o tempo da queda, fazendo cálculos a partir do peso do barômetro. A resposta foi desdenhada. Mesmo assim, o aluno insistiu, utilizando sombras. Como? A partir da medida da sombra do barômetro contra o sol, o aluno calcularia quantos aparelhos iam ser necessários para alcançar o tamanho da sombra do prédio e, a partir daí, calcular as proporções. Nada feito. Já exausto, o aluno deu sua cartada final. Propôs que fosse feita uma troca com o porteiro do edifício. O barômetro em troca da informação pedida. Resposta errada! Isso ilustra dois problemas da educação hoje: o desprezo pelos ensinamentos adquiridos fora de aula e a preferência pelas perguntas cujas respostas já sabemos. (Rui CANÁRIO, 2000)

O Brasil tem uma importância muito grande na minha vida. Eu acho que o Brasil, para os europeus, é encontrar na vida o que foi esse horror do primeiro encontro entre Cabral e o índio antropófago. Descobrir um mundo novo. Para mim, uma coisa muito importante é como pensar a diferença total. No meu caso, o primeiro momento dessa descoberta do Brasil foi no avião. E no avião foi o tempo: um país tão grande que, para viajar, já no Brasil, é preciso esperar quatro horas... O segundo momento foi a cidade, e foi Belo Horizonte. Uma cidade que não conhecia. Uma cidade do primeiro mundo. E o terceiro momento, o mais importante para mim, foi Ouro Preto. Lembro muito bem, estava perto de uma fonte, na praça, e uma amiga brasileira começou a me falar de Guimarães Rosa. Eu não conhecia nem mesmo o nome. E começou a me contar *Grande sertão*. Para mim, foi a alteridade total. O que é isso que ela está me contando? Foi um momento totalmente irreal. E a partir desse momento, me senti como Cabral, como todos... Não foram os índios antropófagos, mas foram os cangaceiros... E tudo isso em Ouro Preto, esse Brasil barroco, um barroco completamente diferente dos outros. E o que mais me impressionou foi o teatro, mais do que as igrejas, foi o teatro. Eu estava no camarote do governador e imaginei, vivi imediatamente um espetáculo do século XVIII no camarote do governador, um momento em que havia ouro por toda a parte... Eu pensava: o que é tudo isso? Impossível descrever através de representações. Tudo era maravilhoso, como diziam os primeiros europeus que aqui chegaram, e me fazia pensar a alteridade. Isso gerou um imenso trabalho, a cada dia, de entender uma cultura tão diferente da minha. A fantasia do historiador é encontrar o passado diante dele. E aqui não era o passado, era a diferença. Penso que para entender a diferença é preciso haver semelhança. Gosto muito de viajar no Maroni, no Oiapoque, para ver as aldeias, os índios, mas é uma distância muito mais radical. Há tão pouca semelhança que essa diferença para mim não é importante. Aqui no Brasil o mais marcante é que as semelhanças são grandes e as diferenças também. É a conjugação das diferenças e das semelhanças. Conheço o Chile, a Argentina, o México, mas, para nós, europeus, aqui se sente muito mais a aventura da descoberta. Aqui, imediatamente, se sente uma presença real do encontro de dois mundos. Como foi possível tanta incompreensão... E penso que a realidade da colonização é a incompreensão, é a violência da incompreensão. Como foi possível tanta incompreensão? Quando não se compreende, a única solução possível é a violência. Para nós é muito importante pensar sobre esse momento da história da humanidade. A cultura de um mundo que se julgava homogêneo e que se descobre heterogêneo. Como pensar a diferença? (Jean HÉBRARD, 2000)

Eu dava aulas numa escola de freiras “modernas”. Existia uma madre, muito repressora, que colocou teatro porque fazia parte do que ela julgava ser moderno. Eu dava aulas na educação infantil e um dia cheguei para fazer bichos. Conversava com cada uma das crianças, perguntava de que bicho elas gostavam, se já tinham ido ao zoológico, a um sítio, se conheciam os bichos de desenhos e fotografias. Elas imaginavam o que dizia o bicho, depois imitavam, descreviam sentimentos. Tinha um menino, o Andrezinho, que era um terror. Na hora de escolher o bicho, ele disse: “Eu quero fazer um caralho”. Sentei bem perto dele, as crianças riam porque sabiam que era um palavrão. Eu disse: “Andrezinho, me diga, seu caralho é de que tamanho?”. Ele disse: “Ah, tia, o meu é assim, tipo uma onça”. Fui construindo o bicho com ele. Quando fomos colocar os bichos em seu habitat, perguntei: “O seu caralho vai habitar onde?”. Ele disse: “Oh, tia, não quero mais que ele se chame assim”. (Eugênia Thereza de ANDRADE, 2002)

Eu estava em um hospital público de Buenos Aires e lá havia um senhor de 82 anos, acidentado, em coma, desenganado e sem família. Depois de quatro dias, teve alta. Perguntei a ele onde tinha buscado forças para se segurar. Ele respondeu: “Quando estava na UTI, lembrei o modo com que minha terceira professora me olhava, quando criança. A primeira me dizia ‘você não vai conseguir’; a segunda, também. E na minha terceira série encontrei essa professora, que me olhava como alguém que ia conseguir.” Provavelmente, essa professora morreu sem saber de sua enorme importância para o conjunto da vida de seus alunos. Porque isso é realmente um bem invisível. Só o próprio professor pode saber a importância subjetiva de seu trabalho. [...] Aprender é “a-prender”, é “não prender”, desprender e desprender-se. A riqueza dessa diferença nos obriga a pensar pelo menos em quatro questões: 1) uma prova de que o professor ensinou é que o aluno não continue dele necessitando; 2) para aprender se requer liberdade; 3) a liberdade supõe responsabilidade coerente com a autoria; e 4) pais e professores, como “ensinantes”, necessitam nutrir seu próprio desejo de aprender e o desejo genuíno de ensinar só pode ser considerado como um derivado do desejo de aprender. A escola, sendo o lugar onde alunos e alunas se encontram com adultos investidos do poder de ensinar, pode possibilitar a potência criativa do jogar e do aprender da criança. Isso se alcança com “ensinantes” que desfrutam o aprender, o jogar com ideias e palavras, com humor, com as perguntas de seus alunos; que não obriguem a urgência da resposta, que possibilitem a construção de novas perguntas a partir das perguntas de seus alunos. O *marketing* do produto rápido e de êxito fácil atenta contra o valor da autoria e do processo. (Alicia FERNÁNDEZ, 2002)

Vi na África “bibliotecas voadoras”: professoras aposentadas ou simplesmente pessoas que gostam de ler e recebem uma pequena quantidade de livros para fazer circular entre potenciais leitores do bairro. Recebem uma pequena ajuda de custo, o que, para uma aposentada ou um desempregado, pode significar muito, e fazem o que gostam: ler. E criam uma comunidade leitora local, não importa se pequena. O governo não precisa construir prédio algum, contratar ninguém. Claro que não dá voto, inauguração ou anúncio. Ações criativas como essas não seriam repetições burocráticas como as que fracassam no Brasil. [...] Firmado na minha própria experiência, concluí que, onde há sincera afeição pela literatura, crianças leitoras aparecem. Talvez a escola pudesse agir na criação desses ambientes de “sincera afeição pela literatura”. Ora, literatura não é

exclusivamente, nem principalmente, a do livro. Literatura existe na música popular, mesmo a de massa. Existe também na novela de televisão, no cartaz publicitário e assim por diante. Ela existe na fabulação infantil: toda criança inventa mundos abstratos, canções, teatro. Uma boa ação é evitar a repressão a essa capacidade de fabulação, praticada por tantos professores. Falo de uma espécie de desregulamentação da fabulação. (Joel Rufino dos SANTOS, 2005)

Fui alfabetizado pelo meu avô paterno. Ele morava em Pitangui, no interior de Minas, na rua da Paciência, e tinha o hábito de escrever nas paredes de casa para registrar coisas do cotidiano da nossa família e da cidade. As paredes pareciam bordadas de palavras. Quando entrei para a escola, fui alfabetizado, pela segunda vez, com o livro Lili. Fiz questão de esquecer tudo o que meu avô me ensinara para que a minha professora, D. Maria Campos, ficasse feliz. E ela ficava encantada ao perceber como seu aluno aprendia rapidamente as lições. Acho que a criança aprende não porque precisa, mas porque quer ser amada pelo professor. O homem é movido pelo afeto e pela fantasia. Tudo o que está em nossa volta um dia foi a fantasia de alguém. É a fantasia que cria o mundo. Na minha escola não havia muitos livros de literatura, apenas histórias de santos e os contos de fada. Em casa, eu lia contos e crônicas nos livros da minha mãe. Naquela época não existia literatura infantil. (Bartolomeu Campos de QUEIRÓS, 2007)

Sempre achei que a única coisa que realmente importa na sala de aula é a qualidade do professor. O resto é balela. Que tenha computador, vídeo, que esteja chovendo, que tenha ar-condicionado, 20 alunos ou 35... Quando penso na minha história escolar, os lugares e os momentos em que aprendi são momentos em que encontrei como professores pessoas fora do comum. [...] Não [a ideia] do mestre como alguém que vai me administrar a verdade em partículas, mas de uma figura que seduz, que leva consigo, esse é o sentido etimológico de seduzir. Eu não tinha nenhuma disposição especial para as exatas, fiz maturidade clássica na Itália. No colegial, tive um professor de física muito bom. Quando fui fazer o exame oral de física da maturidade clássica – um exame pesadíssimo, que avalia o programa integral de três anos em todas as disciplinas – o examinador, que nunca tinha me visto, pediu que eu descrevesse uma máquina para medir a transformação de pressão e volume com gases. Não me lembrava do que ele estava falando, e era algo que existia. Tive a cara de pau, graças àquele professor, de falar para o examinador: “Não me lembro, mas, se você ajudar, tento inventar essa máquina”. Ficamos meia hora, e inventei algo que “funcionava”. Tive nota máxima. E sorte, porque o cara poderia ter dito “dane-se”. Mas tive essa cara de pau graças àquele professor, porque era o estado de espírito com o qual a gente falava de física. (Contardo CALLIGARIS, 2008)

É extremamente delicado fazer passar essa ideia compartilhada pela comunidade científica de que o universo não é infinito e sem margem: se você pegar um foguete e for em frente, um dia, depois de bilhões de anos, vai encontrar-se no seu ponto de partida, qualquer que seja a direção de que tenha saído. É preciso passar essa ideia, de que o universo não é nem eterno nem estático. As galáxias, as estrelas, os astros não existem eternamente. Num tempo longínquo, vizinho do que se chama de Big Bang, o Universo não era feito como hoje de planetas, estrelas e galáxias. Era um espaço cheio de um gás ultraquente, ultradenso, que se dilatava. Estruturou-se progressivamente. Temos então uma história do universo, bem sustentada por nossas teorias e nossas experiências científicas das

partículas elementares que acabaram por formar os primeiros átomos. É assim que apareceram as primeiras estrelas, as primeiras galáxias, os primeiros planetas. É bom também conhecer a ordem de grandeza do tempo do universo, em torno de 15 bilhões de anos. Nosso pequeno mundo, a Terra, o sistema solar, remonta a 5 bilhões de anos. Isso nos faz compreender que chegamos tarde na história do Universo e que várias estrelas nos precederam e desapareceram. Decorre daí a noção de destino da Terra. Os astros têm uma duração e uma vida finita. Então nosso Sol acabará por se extinguir, a Terra igualmente. Mas não antes de alguns bilhões de anos. De todo modo, a sorte de nosso planeta não está ligada aos homens, que só representam uma ridícula pequena camada de micróbios em sua superfície. (Jean-Pierre LUMINET, 2008)

[A história da independência do Brasil que não é contada é a] do momento seguinte, ou seja, a negociação do reconhecimento da independência por Portugal e Inglaterra. Esse é o fiasco da história do Brasil, um momento que merecia ser mais bem estudado, pois teve consequências tremendas. Para que Portugal reconhecesse a independência dos brasileiros, Dom Pedro I se comprometeu, através de uma cláusula secreta, a pagar 2 milhões de libras esterlinas à Coroa portuguesa, a título de indenização. Dessas, 1 milhão e 400 mil se destinavam aos bancos ingleses, nos quais Portugal tinha contraído um empréstimo para comprar navios e armas que se destinavam a atacar o Brasil. Ou seja, estávamos pagando por uma independência que já tínhamos conquistado. Ao mesmo tempo, a intermediação dos ingleses fez com que, na renovação do tratado de comércio que tínhamos com aquele país, fossem assinadas cláusulas absolutamente daninhas aos nossos interesses. Com elas renova-se no Brasil a perniciosa tradição de subordinação econômica que Portugal mantinha há séculos com a Inglaterra. Dom Pedro sacrifica os interesses da nação, portuguesa e brasileira, pela preservação da dinastia Bragança. Para resumir, a dinastia Bragança foi altamente nociva para Portugal e para o Brasil. (Isabel LUSTOSA, 2008)

Eu tinha três colegas de turma que eram irmãos. Osório, o mais velho, Pedro, o segundo, e Davi. E esses meninos eram perseguidos. Primeiro porque eles não se misturavam, depois porque eram péssimos alunos. Graças a Deus, sempre tive um certo senso de justiça. Um dia, por um impulso qualquer, ofereci ao Osório metade do pão que eu comia. Ele aceitou e dividiu com os dois irmãos. Continuei dando um pedaço do meu lanche para eles. Anos depois, encontrei o Pedro e ele me disse que aquele era o único café da manhã que eles tomavam. Eles moravam na zona rural, vinham a pé para a escola sem comer nada. Eu não tenho competência nenhuma para ser nem presidente, nem ministro, mas tenho a convicção absoluta de que o problema fundamental, antes do educacional, é o da fome. (Ariano SUASSUNA, 2008)

[Um dos fatores para seguir a carreira docente] foi a lembrança que tinha da pedagogia que vivenciei como estudante na época da ditadura [na Espanha]. Parecia a pedagogia do terror. Todas as manhãs eu me levantava e sentia medo e nojo. Via muitos professores pela rua e me escondia. Provavelmente, esse foi um motivo para buscar outra maneira de entender as relações das pessoas e dos problemas com o conhecimento que não partissem do medo, do terror. Isso, porém, eu pude depois tirar de minhas lembranças, quando descobri na experiência do anarquismo uma proposta muito clara que defendia que não bastava, em nossas lutas sociais, mudar as propriedades e os meios de produção.

Era muito importante também mudar os corações e as cabeças das pessoas, e isso passava pelos projetos educativos. Não bateram muito em mim, mas eu vi muito maltrato físico e a violência que os professores cometiam. Eles queriam que nós aprendêssemos à força de bofetadas, de golpes, de regras, de palmatórias batidas nas mãos e no lombo. Ficaram permanentes em minha memória essas coisas da ditadura e das relações anarquistas. Contudo, o terror que me acompanhou na minha infância, quando eu tinha aquele nojo, foi gradativamente mudando pela esperança da mudança. Quando me defronto com essa raiva, tão temida, essa memória da infância, acredito que foi o que me levou a pensar que tinha que ser professor para fazer a escola de outra maneira. Talvez por isso eu seja professor hoje, embora nunca se saiba claramente que fatores determinam nossa vida. (Jaume Martínez BONAFÉ, 2009)

Sempre fui muito mal em Matemática, Química e Física. No último exame – antigamente tinha um exame oral – eu precisava para passar 9,7, que era impossível, para quem tirou 1, 2, 3 o ano inteiro. E eu queria ir embora de lá, queria ir para São Paulo. Aí o professor veio e a gente sorteava o ponto. E o professor disse “você quer fazer uma coisa, quanto você precisa?”. 9,7. “Você sabe o que você tem pela frente?” Sei, é impossível. “Vamos ver. Então vou te dar uma equação de zero a dez. Essa equação eu já dei na última aula, mas fui olhar e você estava com o caderno aberto lendo um livro. Você nunca se interessou, nunca se esforçou”. O problema é que eu não entendo, professor. E o exame oral era feito em um grande auditório com várias classes, cheio de quadros negros. Ele me chamou para um canto, pôs a equação no quadro e disse: “pode fazer”. Aí ele chegou no meu ouvido e disse: “olhe para trás”. Quando eu virei tinha uma classe do Normal, as alunas que iam ser professoras e eram as mais bonitinhas da cidade. E, no exame oral, você não precisava usar uniforme. Então, estavam todas muito bem vestidinhas, perfumadas, com decotes, Araraquara é muito quente. Ele falou: “elas estão te olhando”. Eu não tinha a mínima ideia do que era a equação. Comecei a colocar no quadro todos os símbolos matemáticos que me vinham à cabeça, raiz quadrada, x elevado à potência n , gostava dessas coisas de elevado à potência, $+x$, y dividido por 14, abria chave, parênteses, logaritmo, seno, cosseno, o que me veio eu pus. Tinha o PI também, que tinha um valor, não sei para quê até hoje, que era dois tracinhos e um til, eu pus também. Eu olhava as meninas e ia enchendo aquele quadro. Enchi a lousa. Terminei e coloquei c.q.d. = como queríamos demonstrar. Uma menina olhou e disse assim “que coisa difícil!”. Fui o herói ali. Aí o professor Ulisses veio, rendo uma homenagem a ele – e sempre que vou a alguma classe e tem um clima bom, conto essa história – olhou, olhou, olhou e ainda fazia sinal de joia com a mão. Quando terminou, colocou dez. Até hoje, quando passo em Araraquara ainda encontro algumas daquelas moças, que são avós, e elas sempre dizem que nunca esqueceram aquela tarde, daquela equação que foi espantosa. Essa história não conto em Araraquara! (brinca). Então, o Ulisses me chamou pra mesa para conversar. Cheguei e disse pra ele: professor, só vale o zero, né? O outro era só para encenar ali porque eu não podia fazer feio. “É, você não podia fazer feio lá. Mas foi muito legal, foi dez”. Mas dez, por quê? “Dez pelo delírio, pela loucura, pela fantasia, pela imaginação. Vai embora, Ignácio, e vai viver tua vida porque tua vida é da imaginação”. E manteve o dez. (Ignácio de Loyola BRANDÃO, 2010)

Terminei uma especialização em gestão escolar na Federal Fluminense no ano passado, e fui vendo ferramentas com que a gente pode trabalhar. A primeira

coisa é que tem de estar ao lado, perto. Não adianta entrar na escola, abrir os cadeados e começar a despachar burocraticamente. É preciso ir para o pátio, passar de sala em sala, receber os alunos no portão, conversar com os pais. [...] No ano passado, fizemos uma pesquisa para saber como os alunos viam a escola. Fiz oito perguntas, eu mesmo criei o questionário, e perguntava coisas como: “O que você acha da tua escola? O espaço escolar é bom, regular, ruim ou péssimo?”. Tenho consciência de que a nossa infraestrutura é muito ruim, não chega nem a regular. E 80% dos alunos falaram que a escola era boa, um bom lugar para estar. “Como vocês são tratados?”. Responderam que o tratamento era ótimo, que a direção, os funcionários técnico-administrativos conversam com os alunos. Outra coisa: espaço escolar, qual o que mais gostam? 90% disseram que a biblioteca é o melhor lugar da escola. E a biblioteca nossa é muito mal arrumada, não por culpa de quem administrou antes, mas pelo espaço físico ser ruim. Isso tem a ver com as reuniões de direção e fazer questão de estar na comunidade. Desde a primeira semana que cheguei à escola, antes de começar as aulas, a primeira coisa que fiz foi andar pela comunidade, não tratei nada de burocracia. Comerciantes, padaria ao lado, fui ver o que todo mundo falava da escola. “Th, essa escola aí tinha de acabar. Moleque pula muro, bebe.” Agora, que fiquei dois, três meses fora depois que enfartei, volto pra saber e o comerciante me fala: “Você tem de voltar, essa escola tá muito melhor. O que você fez?”. E eu digo: “Eu só acreditei. E falei pra eles que acreditava neles, que eles podiam”. [...] Essa coisa da bagunça e do “perigoso” na escola é um marketing, dá Ibope, reúne a galerinha. O que mudou mesmo é que a gente está junto com todo mundo. A norma na escola é que a diversidade é a nossa marca, temos de respeitar isso. Não tem essa de “esse cara não presta”. Tem de ter alguma coisa boa. (André Luís BARROSO, 2017)

CRENCIAIS DOS/AS DEPOENTES

Abdeljalil AKKARI – Diretor de pesquisas da Escola Pedagógica Avançada de Lausanne, na Suíça. Consultor da Unesco.

Adalberto FAZZIO – Presidente da Sociedade Brasileira de Física. Professor da área de física na Universidade de São Paulo.

Adib SALOMÃO – Advogado e consultor jurídico do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo.

Adolf SCHÜLLER NETO – Presidente da Fundação de Assistência ao Estudante.

Adriana FOZ – Psicopedagoga especializada em neuropsicologia.

Adriana FRIEDMANN – Consultora educacional. Coordena o Núcleo de Pesquisas sobre a Infância.

Adriana PUIGGRÓS – Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia na Argentina. Deputada federal. Professora da área de história da educação da Universidade de Buenos Aires.

Ahyas SISS – Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro na área de desigualdades raciais.

Ailton KRENAK – Líder indigenista. Coordenador da União das Nações Indígenas.

Alain BERGALA – Cineasta, crítico de cinema e professor da Universidade Paris III, na França.

Alan BISHOP – Presidente da Associação Matemática do Reino Unido. Professor emérito da Universidade de Cambridge, na Inglaterra.

Albertina Costa RUIZ – Coautora de livro de etiqueta infantil.

Alberto Carlos ALMEIDA – Diretor de empresa de consultoria e de pesquisa.

Alda VILLAS BOAS – Pesquisadora universitária.

Aldo FORTUNATI – Presidente do Centro de Pesquisa e Documentação sobre a infância de San Miniato. Diretor da área de documentação, pesquisa e formação do Istituto Degli Innocenti de Florença, na Itália.

Alejandro MORDUCHOWICZ – Economista argentino da Unesco. Estudioso do tema financiamento da educação.

Alejandro TIANA – Secretário geral de Educação da Espanha. Autor de diversos estudos sobre o tema da avaliação.

Alfonso AGUILÓ – Presidente da Associação Madrilenha de Empresas Privadas de Ensino e presidente da Fundação Arenales, promotora de centros de ensino na Espanha.

Alfred SHOLL-FRANCO – Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro na área de neurociências e educação.

Alfredo Gontijo de OLIVEIRA – Professor da área de física na Universidade Federal de Minas Gerais.

Alfredo HOYUELOS – Atelierista e pesquisador da Universidade Pública de Navarra, na Espanha.

Alfredo VEIGA-NETO – Professor da área de currículo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Alice RIFF – Diretora do documentário *Eleições*.

Alicia FERNÁNDEZ – Psicopedagoga argentina. Consultora e diretora da instituição Escuela Psicopedagógica de Buenos Aires.

Almério Melquíades de ARAÚJO – Presidente do Comitê de Diretores das Escolas Técnicas Estaduais de São Paulo.

Aloizio MERCADANTE – Ministro da educação.

Álvaro APOCALYPSE – Fundador do Projeto Giramundo, de teatro de bonecos.

Álvaro CHRISPINO – Secretário municipal de planejamento e projetos especiais e subsecretário estadual de educação do Rio de Janeiro.

Alvaro MARCHESI – Secretário geral da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura. Um dos responsáveis pela implantação da reforma educacional de 1990 na Espanha.

Amanda RIPLEY – Jornalista estadunidense, investiga os sistemas educacionais mais bem avaliados do mundo.

Amilcar Araujo PEREIRA – Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro na área de ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas.

Ana Angélica ALBANO – Professora da área de arte e educação na Universidade Estadual de Campinas.

Ana Cássia MATURANO – Psicóloga especializada em problemas de aprendizagem.

Ana Clara Bortoleto NERY – Professora da área de história da educação na Universidade Estadual Paulista.

Ana Lúcia GAZZOLA – Secretária estadual de educação de Minas Gerais.

Ana Lúcia LIMA – Coordenadora de pesquisa sobre analfabetismo funcional junto ao Instituto Montenegro e ONG Ação Educativa.

Ana Lúcia Silva SOUZA – Consultora de projetos na ONG Ação Educativa sobre práticas de letramento juvenis.

Ana Luiza Carvalho da ROCHA – Presidente do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação.

Ana Luiza MACHADO – Chefe do escritório da Unesco para América Latina e Caribe e vice-presidente do programa de Educação do órgão para todo o planeta.

Ana Mae BARBOSA – Professora da Universidade de São Paulo. Exponente do campo do ensino de arte.

Ana MALAJOVICH – Professora de didática da educação infantil na Universidade de Buenos Aires. Foi uma das responsáveis por elaborar programas curriculares na Argentina.

Ana Maria Dias da SILVA – Palestrante.

Ana Maria ESPINOZA – Pesquisadora argentina da área de leitura e ciências naturais. Consultora dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Ana Maria KAUFMAN – Psicopedagoga argentina. Professora de psicologia genética da Universidade de Buenos Aires, Argentina.

Ana Maria MACHADO – Uma das autoras infantojuvenis mais reconhecidas no Brasil. Presidente da Academia Brasileira de Letras.

Ana Maria MELLO – Diretora da Creche Carochinha da Universidade de São Paulo, em Ribeirão Preto.

Ana Paula Gonçalves da SILVA – Professora de escola pública.

Ana Paula SILVA – Professora da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Portugal, na área de formação docente.

Ana TEBEROSKY – Psicóloga e psicopedagoga argentina. Professora da Universidade de Barcelona, na Espanha. Estudiosa da alfabetização.

André CODEA – Funcionário da Secretaria municipal de Educação do Rio de Janeiro.

André GRAVATÁ – Jornalista, autor do livro *Volta ao Mundo em 13 Escolas*.

André LÁZARO – Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação.

André Luís BARROSO – Diretor de escola estadual no Rio de Janeiro.

- Andrea CALDAS – Coordenadora do Fórum Estadual de Educação do Paraná.
- Andreas SCHLEICHER – Físico alemão, responsável pelo PISA, entre outros programas. Coordenador da OCDE na área de políticas educacionais.
- Andressa SILVA – Professora da rede estadual de ensino de São Paulo.
- Andy HARGREAVES – Professor inglês do Boston College, nos Estados Unidos. Estudioso da educação e liderança sustentável.
- Ángel Díaz BARRIGA – Professor da Universidade Nacional Autónoma do México, nas áreas de currículo e de didática.
- Ángel I. Pérez GÓMEZ – Professor da Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Málaga, na Espanha, na área de educação digital.
- Angela KLEIMAN – Professora da Universidade Estadual de Campinas na área de ensino de leitura.
- Angelo Barbosa Monteiro MACHADO – Escritor de literatura infantojuvenil. Professor de entomologia na Universidade Federal de Minas Gerais.
- Ani SIRO – Psicopedagoga e pesquisadora argentina na área de produção de textos.
- Aniceto dos MUCHANGOS – Ministro da Educação de Moçambique.
- Anita Lilian Zuppo ABED – Psicopedagoga e consultora da Unesco.
- Anna Bernardes da Silveira ROCHA – Membro do Conselho Federal de Educação. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Anna Helena ALTENFELDER – Superintendente da ONG Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária.
- Anna Lia GALARDINI – Diretora dos serviços para a infância na cidade de Pistoia, na Itália.
- Anna Marie HOLM – Artista plástica dinamarquesa. Estudiosa da arte na primeira infância.
- Anna TARDOS – Professora da Universidade de Budapeste, na Hungria. Estudiosa da primeira infância e presidente do Instituto Pikler.
- Anne-Marie CHARTIER – Pesquisadora do Serviço de História da Educação do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica, na França.
- Antoni VERGER – Pesquisador da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Dedicar-se à influência do setor privado e das organizações internacionais nas políticas educacionais.

Antoni ZABALA – Professor da Universidade de Barcelona, na Espanha, esteve à frente da reforma educacional espanhola. Consultor e palestrante.

Antônio Augusto BATISTA – Coordenador de desenvolvimento de pesquisas da ONG Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.

Antonio CANDIDO – Crítico literário. Professor da área de letras da Universidade de São Paulo.

Antonio Carlos Gomes da COSTA – Presidente da empresa de consultoria Modus Faciendi. Mentor do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Antônio Carlos Teixeira da SILVA – Palestrante especializado no tema da criatividade.

Antonio de las HERAS – Diretor do Instituto de Cultura e Tecnologia da Universidade Carlos III de Madri, na Espanha.

Antonio GOULART – Vereador do município de São Paulo.

Antonio Helio Guerra VIEIRA – Presidente do Instituto de Engenharia de São Paulo.

Antonio Ibañez RUIZ – Reitor da Universidade de Brasília, à frente da Secretaria do Ensino Médio e Tecnológico.

Antônio José LOPES – Cofundador do Centro de Educação Matemática. Autor de livros didáticos para o ensino de matemática.

Antonio Moreno MONTERO – Chefe do Gabinete do Ministério da Educação da Espanha.

António NÓVOA – Reitor honorário da Universidade de Lisboa, em Portugal. Presidente da Associação Internacional de História da Educação. Estudioso da formação docente inicial e continuada.

Antonio Ozório NUNES – Promotor de Justiça especializado em mediação de conflitos e educação para a paz.

Antonio RODRIGUEZ – Consultor estadunidense. Membro fundador da Brooklyn Theatre Company, criou e conduziu programas de arte e liderança em várias escolas de Nova York.

Antonio SIMÃO NETO – Consultor e palestrante do tema educação a distância.

Antônio Suárez ABREU – Professor da Universidade de São Paulo e da Universidade Estadual Paulista na área de linguística.

Aparecida Neri de SOUZA – Professora da área de sociologia na Universidade Estadual de Campinas.

Aparecida PAIVA – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de bibliotecas escolares.

Ariana COSME – Professora da Universidade do Porto, em Portugal, na área de formação docente.

Ariano SUASSUNA – Escritor e dramaturgo. Secretário de Cultura de Pernambuco. Professor da Universidade Federal de Pernambuco.

Arlette D'ANTOLA – Professora da área de pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Armando SIMÕES – Pesquisador do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Arnaldo NISKIER – Presidente da Academia Brasileira de Letras. Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Arthur FONSECA FILHO – Diretor do Colégio Uirapuru de Sorocaba. Integrante da Câmara de Educação Básica de Educação.

Ataliba Teixeira de CASTILHO – Professor da área de linguística na Universidade de São Paulo.

Attico CHASSOT – Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de alfabetização científica.

Aude Valérie BUMBACHER – Ativista suíça responsável pela área de educação para direitos humanos da Anistia Internacional em Genebra.

Augusto CURY – Psiquiatra e escritor.

Axel RIVAS – Professor universitário, responsável pela área de educação do Centro de Implementação de Políticas Públicas para a Equidade e o Crescimento, na Argentina.

Aziz AB'SABER – Professor da área de geografia na Universidade de São Paulo.

Barbara OAKLEY – Professora de engenharia na Universidade de Oakland, nos Estados Unidos. Estudiosa do ensino de matemática.

Barjas NEGRI – Secretário executivo do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

Barry MCGAW – Diretor da Australian Curriculum, Assessment & Reporting Authority, responsável pelo currículo nacional e pelo programa de avaliação na Austrália.

Bartolomeu Campos de QUEIRÓS – Escritor.

Battista Quinto BORGHI – Diretor pedagógico das creches e escolas infantis da cidade de Turim, na Itália. Professor da Universidade de Bolzano na área de pedagogia de jogos infantis.

Beatriz AISENBERG – Professora da Universidade de Buenos Aires, Argentina. Estudiosa do tema didática das ciências sociais.

Beatriz BRACHER – Escritora.

Beatriz CARLINI-COTRIM – Socióloga e pesquisadora da área de uso de drogas.

Beatriz de Paula SOUZA – Coordenadora do Serviço de Orientação à Queixa Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Beatriz MACEDO – Diretora uruguaia do Escritório Regional de Educação para a América Latina e o Caribe da Unesco.

Belinda MANDELBAUM – Professora da Universidade de São Paulo na área de estudos de família, relações de gênero e sexualidade.

Belmiro Valverde Jobim CASTOR – Secretário de Educação do Paraná. Professor da Universidade Federal do Paraná.

Bernard CHARLOT – Professor emérito de ciências da educação na Universidade Paris VIII, na França, e da pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe.

Bernard LAHIRE – Professor de sociologia na Escola Normal Superior de Lyon, na França.

Bernard SCHNEUWLY – Professor da Universidade de Genebra, na Suíça, na área de ensino de expressão escrita e oralidade.

Bernardete GATTI – Integrante do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Vice-presidente da Fundação Carlos Chagas. Referência no estudo das práticas pedagógicas no país.

Bernardo TORO – Decano acadêmico da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Javeriana. Responsável nacional pela Fundação Avina, na Colômbia.

Beth SERRA – Diretora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Bettina HANNOVER – Professora da Universidade Livre de Berlim, na Alemanha. Estudiosa das questões de gênero e aprendizagem.

Boris FAUSTO – Professor da área de história na Universidade de São Paulo.

Boudewijn van VELZEN – Consultor holandês, com foco em gestão escolar. Diretor do Centro Internacional de Aperfeiçoamento de Escolas.

Brian PERKINS – Diretor do Teachers College da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

Bruna Elena GIACOPINI – Coordenadora pedagógica da instituição Reggio Children na Itália.

Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO – Escritor.

Bruno TORTURRA – Jornalista.

Caio ROSENTHAL – Médico infectologista do Hospital Emílio Ribas e do Hospital do Servidor Público de São Paulo.

Camilla CROSO – Coordenadora-geral da Campanha Latino-americana pelo Direito à Educação e presidente da Campanha Global pela Educação.

Cao HAMBURGER – Diretor de cinema e de televisão.

Carl HONORÉ – Jornalista e escritor britânico. Criador da proposta do *Slow parenting*.

Carl RATNER – Consultor, psicólogo e professor *freelancer* em diversas instituições estadunidenses.

Carla Cristina GARCIA – Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de estudos feministas.

Carla Viana COSCARELLI – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de letramento digital.

Carlos ABICALIL – Deputado federal, presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.

Carlos Alberto TORRES – Diretor e fundador dos Institutos Paulo Freire do Brasil, da Argentina e dos Estados Unidos. Argentino, é professor de Ciências Sociais e Educação Comparada na Escola de Educação da UCLA, Estados Unidos.

Carlos CABANA – Professor de matemática, de origem argentina, em uma escola pública de Oakland, nos Estados Unidos. Estudioso do tema equidade no ensino.

Carlos CHIARELLI – Ministro da Educação.

Carlos Eduardo SANCHES – Presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação.

Carlos Ernesto NOGUERA-RAMÍREZ – Professor da Universidade Pedagógica Nacional de Bogotá, na Colômbia, na área de história da educação.

Carlos Frederico Bernardo LOUREIRO – Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro na área de educação ambiental.

Carlos Lisboa TRAVASSOS – Coordenador da Fundação Nacional do Índio.

Carlos Marcelo GARCÍA – Professor do departamento de didática e organização educacional da Universidade de Sevilha, na Espanha.

Carlos NOBRE – Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Carlos Pereira de Carvalho e SILVA – Secretário estadual de educação da Paraíba.

Carlos Roberto FACCINA – Diretor de assuntos corporativos da companhia Nestlé.

Carlos Roberto Jamil CURY – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de políticas públicas em educação. Presidente do Conselho Nacional de Educação e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Carlos Rodrigues BRANDÃO – Professor da área de antropologia na Universidade Estadual de Campinas.

Carlos VOGT – Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo e coordenador da Universidade Virtual do Estado de São Paulo.

Carmem Maria CRAIDY – Professora da área de políticas públicas para a educação infantil na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Carmen Moreira de Castro NEVES – Diretora de Formação de Professores da Educação Básica no Ministério da Educação.

Carolina VELHO – Coordenadora Geral de Educação Infantil no Ministério da Educação.

Cássia D'AQUINO – Consultora na área de educação financeira.

Catherine BLAYA – Professora do Instituto Universitário de Formação de Professores, na França. Cofundadora do Observatório Internacional da Violência nas Escolas.

Cecilia BAJOUR – Coordenadora da área de capacitação sobre bibliotecas escolares da Escola de Capacitação da Cidade de Buenos Aires, na Argentina.

Cédric VILLANI – Professor de matemática da Universidade de Lyon e diretor do Instituto Henry Poinca, ambos na França.

Celi Nelza Zulke TAFFAREL – Professora da área de educação física na Universidade Federal de Pernambuco. Presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Célia Cristina de Figueiredo CASSIANO – Pesquisadora especializada em mercado de livros didáticos.

Celia Díaz ARGÜERO – Professora da Universidade Nacional Autônoma do México. Estudiosa da alfabetização.

Celso ANTUNES – Palestrante. Autor de vários livros didáticos e paradidáticos.

Celso dos Santos VASCONCELLOS – Diretor do Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica Libertad.

Celso GUTFREIND – Professor da Universidade Luterana do Brasil na área de psiquiatria da infância e da adolescência.

Cesar CALLEGARI – Integrante da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Secretário municipal de educação de Taboão da Serra.

César COLL – Professor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Barcelona, na Espanha. Principal consultor do MEC na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

César Muñoz JIMÉNEZ – Consultor espanhol em infância e juventude. Estudioso da educação integral.

Cesar ROMÃO – Proprietário de empresa de consultoria em comunicação.

Charles HADJI – Professor emérito da Universidade Pierre Mendes-France Grenoble. Estudioso do tema da avaliação.

Choukri Ben AYED – Professor da Universidade de Limoges, na França, onde investiga o tema das desigualdades escolares.

Chris PASCAL – Professora das Universidades de Birmingham e de Wolverhampton, na Inglaterra. Estudiosa da educação infantil.

Christian DUNKER – Psicanalista.

Cid GOMES – Ministro da Educação. Governador do Ceará.

Cilza BIGNOTTO – Professor da Universidade Federal de Ouro Preto na área de letras.

Cipriano LUCKESI – Professor da Universidade Federal da Bahia na área de avaliação educacional.

Circe BITTENCOURT – Professora da área de história da educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Clare KOSNIK – Pesquisadora da Universidade de Toronto, no Canadá, na área de formação de educadores.

Clarice HERZOG – Vice-presidente e diretora de agência de publicidade.

Clarice Krohling KUNSCH – Psicóloga e professora de escola particular infantil de São Paulo.

Clarice NUNES – Professora da Universidade Federal Fluminense na área de história da educação.

Claude CARPENTIER – Professor da Universidade de Picardie Jules Verne, na França. Estudioso das questões do ensino pós-apartheid na África do Sul.

Claude FRASSON – Professor da Universidade de Montreal, no Canadá. Preside a Virtual Age International, companhia especializada em realidade virtual e educação a distância.

Claudemir BELINTANE – Professor da área de metodologia do ensino de língua portuguesa na Universidade de São Paulo.

Claudia Leme Ferreira DAVIS – Superintendente de Educação e Pesquisa da Fundação Carlos Chagas.

Claudia MOLINARI – Professora da Universidade Nacional de La Plata, Argentina. Coordenadora de projeto junto ao Programa de formação de professores de Buenos Aires.

Cláudia Oliveira PIMENTA – Auxiliar de pesquisa na Fundação Carlos Chagas.

Cláudio BATALHA – Professor da área de história na Universidade Estadual de Campinas.

Claudio de Moura CASTRO – Economista do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. Presidente do Conselho Consultivo da Faculdade Pitágoras.

Claudio NARANJO – Psiquiatra chileno, criador da abordagem de desenvolvimento psicológico SAT (*Seekers After Truth*).

Claus JENSEN – Pedagogo dinamarquês estudioso da educação infantil. Defensor da proposta das escolas-bosque.

Clayton RIBEIRO – Proprietário de empresa de consultoria na área de tecnologia da informação.

Cleide ALMEIDA – Professora da Universidade Nove de Julho na área de estudos da complexidade.

Clemente NÓBREGA – Presidente da empresa de consultoria TFK - Tools for Knowledge Internacional. Especialista em estratégia empresarial.

Cléo FANTE – Vice-presidente do Centro Multidisciplinar de Estudos e Orientação sobre o *Bullying* Escolar.

Clermont GAUTHIER – Diretor do Centro de Pesquisas de Formação Docente da Universidade de Laval, no Canadá.

Cleuza REPULHO – Consultora da Unesco na implantação e no acompanhamento do Plano de Desenvolvimento da Educação.

Clive BECK – Pesquisador da Universidade de Toronto, no Canadá, na área de formação de educadores.

Clovis ROSSI – Articulista do jornal Folha de São Paulo.

Colin LANKSHEAR – Professor australiano da Universidade McGill, no Canadá, e da Universidade James Cook, na Austrália.

Conceição EVARISTO – Escritora.

Constança Meirelles VIEIRA – Diretora de empresa de consultoria.

Constance KAMII – Professora da Universidade do Alabama, nos Estados Unidos. Atua no campo da matemática na educação infantil.

Contardo CALLIGARIS – Psicanalista e articulista do jornal Folha de S.Paulo.

Corinta GERALDI – Secretária municipal de educação de Campinas. Professora da Universidade Estadual de Campinas na área de educação continuada.

Cristián COX – Coordenador da Unidade de Currículo e Avaliação do Ministério da Educação do Chile, onde lidera a reforma curricular do país.

Cristiano Nabuco de ABREU – Psicólogo e integrante do Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas.

Cristina D'ÁVILA – Professora da área de didática na Universidade Federal da Bahia.

Cristina d'Ávila REIS – Pesquisadora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de sexualidade, gênero e educação.

Cristina SILVEIRA – Psicopedagoga especializada em educação inclusiva.

Cristovam BUARQUE – Senador. Ministro da educação. Governador do Distrito Federal. Reitor da Universidade de Brasília.

Dagmar GARROUX – Fundadora da projeto social Casa do Zezinho.

Dair Franco de CAMARGO – Professora da área de didática na Universidade Estadual Paulista.

- Dale ARMSTRONG – Consultor canadense em avaliação escolar.
- Daniel ANSARI – Professor e pesquisador, diretor do Laboratório de Cognição Numérica na Universidade Western Ontario, no Canadá.
- Daniel CARA – Coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.
- Daniel RAICHVARG – Professor e diretor do laboratório de pesquisas sobre cultura e museus, na Universidade de Borgonha, na França.
- Daniel VALDEZ – Diretor do curso de pós-graduação da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, e professor da Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires, Argentina.
- Darcy RIBEIRO – Senador. Vice-governador do Rio de Janeiro, responsável pela implantação dos Centros Integrados de Ensino Público.
- Dartiu XAVIER – Psiquiatra da Faculdade Paulista de Medicina. Coordenador do Programa de Orientação e Tratamento a Dependentes.
- David ALTIMIR – Secretário da Associação de Professores Rosa Sensat, na Espanha. Professor de educação infantil na rede pública da Catalunha.
- David ARCHER – Coordenador inglês de educação da ONG ActionAid.
- David BUCKINGHAM – Diretor do Centro para o Estudo das Crianças, Juventude e Mídia da Universidade de Londres, na Inglaterra.
- David K. DICKINSON – Professor da Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos, da área de educação de crianças pequenas.
- David RODRIGUES – Presidente da Associação Nacional de Docentes de Educação Especial de Portugal.
- David SASSON – Consultor radicado em Israel. Criador do Programa de Educação Cognitiva, segundo o método de Reuven Feuerstein.
- David UIP – Médico infectologista, coordenador do programa de AIDS do Hospital das Clínicas de São Paulo.
- Debora DINIZ – Professora da Universidade de Brasília na área de antropologia.
- Débora GAROFALO – Professora da rede municipal de ensino de São Paulo.
- Deborah Deutsch SMITH – Professora da Universidade Claremont e diretora do Center for Training, voltado à formação em educação inclusiva, nos Estados Unidos.
- Delia LERNER – Professora nas Universidades de Buenos Aires e La Plata, na Argentina. Consultora de projetos em formação de leitores.

- Demétrio MAGNOLI – Autor de livros didáticos na área de geografia.
- Denise CARREIRA – Coordenadora do programa de pesquisa e monitoramento de políticas educacionais da ONG Ação Educativa.
- Dermeval SAVIANI – Professor da área de história da educação na Universidade Estadual de Campinas. Um dos expoentes do pensamento pedagógico brasileiro.
- Diana GRUNFELD – Estudiosa da didática da alfabetização, professora universitária e integrante da equipe da Escola de Capacitação da Cidade de Buenos Aires.
- Diana Lichtenstein CORSO – Psicanalista.
- Dom Lourenço de Almeida PRADO – Reitor do Colégio São Bento, no Rio de Janeiro.
- Domenico de MASI – Professor de sociologia da Universidade La Sapienza, na Itália.
- Domingos FERNANDES – Professor da área de avaliação educacional na Universidade de Lisboa, em Portugal.
- Dora Elisa Rodrigues TOLOSA – Médica do trabalho. Estudiosa do estresse profissional docente.
- Dorina de Gouvêa NOWILL – Criadora e presidente da Fundação Dorina Nowill, voltada a portadores de deficiência visual.
- Douglas N. HARRIS – Economista e diretor fundador da Aliança pela pesquisa em educação em New Orleans, nos Estados Unidos.
- Douglas WILLMS – Pesquisador canadense, criou a empresa The Learning Bar que desenvolve programas de avaliações para as escolas.
- Dulce WHITAKER – Professora da área de sociologia na Universidade Estadual Paulista.
- Edgar MORIN – Pesquisador emérito do Centro Nacional de Pesquisas Científicas, na França. Criador da teoria do pensamento complexo.
- Edite Maria Barbosa GUILHÓN – Supervisora de escola privada montessoriana.
- Edith ACKERMANN – Professora da Universidade de Aix-Marseille 1, na França, e pesquisadora visitante do Massachusetts Institute of Technology. Estudiosa da educação e as novas tecnologias.
- Edmílson SATURNINO – Professor da rede estadual de ensino de São Paulo.

Edmir PERROTTI – Professor da Universidade de São Paulo na área de políticas públicas em comunicação e leitura.

Edna Scola KLEIN – Professora de escola pública.

Eduardo CHAVES – Consultor em educação e tecnologia. Presidente do Instituto Lumiar, de São Paulo.

Eduardo de Assis DUARTE – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de estudos literários.

Eduardo GIANNETTI – Economista e escritor.

Eduardo KALINA – Médico especializado em drogadição. Diretor da Clínica Villa Guadalupe e do Brain Center, em Buenos Aires, e da Clínica Greenwood, em São Paulo.

Eduardo NAJJAR – Consultor de empresas.

Egberto da Costa GAIA – Diretor de apoio didático-pedagógico da Fundação de Apoio ao Estudante.

Elba Siqueira de Sá BARRETTO – Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas.

Eliana YUNES – Professora da área de leitura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Eliane Márcia da CRUZ – Coordenadora do Programa Escola Integrada da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

Elisa de ALMEIDA – Coordenadora do Grupo Miguilim, de contadores de histórias de Guimarães Rosa.

Ellen BIALYSTOK – Professora da Universidade de York, no Canadá. Estudiosa das relações entre desenvolvimento cognitivo e linguagem.

Elvira Souza LIMA – Consultora de projetos de formação de professores no Brasil e no exterior. Autora de diversos livros sobre desenvolvimento humano.

Elydio dos SANTOS NETO – Pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de psicologia transpessoal.

Emília CIPRIANO – Consultora e palestrante.

Emilia FERREIRO – Psicolinguista argentina, pesquisadora emérita do Sistema Nacional de Investigadores do México e do Instituto Politécnico Nacional do México. Uma das expoentes da teoria construtivista da alfabetização.

Emilio Sánchez MIGUEL – Professor de psicologia evolutiva e da educação da Universidade de Salamanca, na Espanha, com foco em leitura e escrita.

- Enio PINTO – Gerente de educação empreendedora do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.
- Enrique Martínez REGUERA – Educador e psicólogo espanhol, especializado em psicologia dos excluídos.
- Enzo CATARSI – Professor da área de infância da Universidade de Florença, na Itália.
- Eric DEBARBIEUX – Diretor do Observatório Internacional da Violência nas Escolas, na França. Diretor de pesquisa e avaliação da Unesco.
- Eric HIRSCH – Professor e diretor de projetos especiais do New Teacher Center da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos.
- Érika CARVALHO – Consultora educacional e palestrante.
- Ernst HAMBURGER – Professor da área de física na Universidade de São Paulo. Diretor da Estação Ciência.
- Esteban LEVIN – Psicomotricista argentino e professor da Universidade de Buenos Aires, Argentina.
- Esther Pillar GROSSI – Deputada federal. Secretária municipal de educação de Porto Alegre. Uma das fundadoras do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Pesquisa e Ação.
- Esther PÉREZ – Coordenadora da área de educação popular do Centro Memorial Martin Luther King, em Cuba.
- Esther SOLANO – Professora da Universidade Federal de São Paulo na área de ciência política.
- Eugênia Thereza de ANDRADE – Professora e diretora de teatro. Divulgadora do método Laban de expressão corporal.
- Eulália BOSCH – Educadora espanhola, consultora artístico-educativa em museus, fundações e centros cívicos.
- Eustáquia SALVADORA – Professora da área de educação física na Universidade Federal de Minas Gerais.
- Evando dos SANTOS – Pedreiro que criou uma biblioteca comunitária com recursos próprios.
- Evelio Cabrejo PARRA – Pesquisador colombiano radicado na França. Vice-diretor do Departamento de Formação e Pesquisas Linguísticas da Universidade Paris Diderot, na França.

Evelyn IOSCHPE – Presidente da Fundação Iochpe. Criadora e presidente do Instituto Arte na Escola.

Ezequiel Theodoro da SILVA – Professor da Universidade Estadual de Campinas na área de leitura e escrita.

Fábio MENDIA – Executivo da Editora Abril.

Fábio Otuzi BROTTTO – Fundador do Projeto Cooperação - Comunidade de Serviço, voltado a jogos cooperativos.

Fábio VILLELA – Professor da Universidade Estadual Paulista na área de psicanálise.

Fanny ABRAMOVICH – Escritora de literatura infantojuvenil.

Felicia KRUMHOLZ – Coordenadora de projetos culturais voltados às escolas públicas do Rio de Janeiro.

Felipe BELÃO – Escritor.

Fernanda LEE – Ministrante de cursos sobre a técnica da disciplina positiva.

Fernando ABRUCIO – Professor da área de administração pública na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.

Fernando BECKER – Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de aprendizagem humana.

Fernando HADDAD – Ministro da educação.

Fernando Henrique CARDOSO – Presidente da República.

Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ – Professor da Universidade de Barcelona, na Espanha, na área de educação artística e comunicação visual.

Fernando José de ALMEIDA – Vice-presidente da Fundação Padre Anchieta. Secretário municipal de educação de São Paulo.

Fernando LOUZADA – Professor da área de neurociência da Universidade Federal do Paraná.

Fernando REIMERS – Professor venezuelano e diretor do Programa de Políticas Educacionais Internacionais da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

Fernando SAVATER – Professor de ética na Universidade de Madri, na Espanha.

Fernando Valenzuela MIGOYA – Presidente da Cengage Learning Latinoamerica e da divisão da National Geographic Learning pela América Latina.

Fernando VELOSO – Professor da área de economia da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro.

Flávio ARNS – Senador. Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esporte no Senado.

Flávio CANTO – Medalhista olímpico. Criador do Projeto Reação na Comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Florestan FERNANDES – Deputado federal constituinte. Professor da Universidade de São Paulo na área de sociologia.

Floriano SERRA – Palestrante.

Francesco TONUCCI – Desenhista italiano, responsável pelo projeto italiano A cidade das crianças. Doutor *honoris causa* pelas Universidades Católica do Peru e Nacional de La Plata, na Argentina.

Francis Rabelo COUTINHO – Defensora pública de Minas Gerais, especializada em direitos humanos, coletivos e socioambientais.

Francisca MACIEL – Professora da área de alfabetização na Universidade Federal de Minas Gerais.

Francisco CORDÃO – Presidente da Câmara da Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Presidente do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Integrante do Conselho Municipal de Educação de São Paulo.

Francisco IMBERNÓN – Professor da Universidade de Barcelona, na Espanha, na área de formação de professores.

Francisco MORA – Professor das Faculdades de Medicina da Universidade Complutense de Madri, na Espanha, e da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos. Estudioso das neurociências.

François DUBET – Professor da Universidade de Bordeaux e diretor de pesquisas da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, na França.

Françoise HATCHUEL – Professora da Universidade de Paris X, na França. Estudioso dos temas relação com o saber, práticas docentes e aprendizagem dos alunos.

FREI BETTO – Frade dominicano. Ativista de movimentos pastorais e sociais, em prol dos direitos humanos.

Gabriel CHALITA – Secretário estadual da educação de São Paulo. Escritor.

Gabriel GABROWSKI – Professor da Universidade Feevale na área de estudos sobre o ensino técnico.

Gabriel JUNQUEIRA FILHO – Professor da área de estudos sobre educação infantil e anos iniciais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Gabriel PERISSÉ – Palestrante e escritor de livros sobre educação.
- Galeno AMORIM – Presidente da Fundação Biblioteca Nacional.
- Gandhy PIORSKI – Consultor do Instituto Alana.
- Gary WILSON – Diretor de escolas públicas no estado de Washington, nos Estados Unidos.
- Gaudêncio FRIGOTTO – Professor da Universidade Federal Fluminense na área de educação e trabalho.
- Gema PANIAGUA – Psicóloga espanhola, estudiosa da educação infantil.
- Genuíno BORDIGNON – Professor da área de educação de jovens e adultos na Universidade de Brasília.
- Geraldinho VIEIRA – Jornalista e diretor da Agência de Notícias dos Direitos da Infância.
- Gérard VERGNAUD – Diretor emérito de estudos do Centro Nacional de Pesquisas Científicas, na França. Estudioso da educação matemática.
- Gersem BANIWA – Coordenador-Geral Nacional de Educação Escolar Indígena do Ministério da Educação.
- Gerson MÓL – Professor da área de ensino de química da Universidade de Brasília.
- Gilberto DIMENSTEIN – Colunista e integrante do conselho editorial da Folha de S.Paulo. Comentarista de rádio e TV. Presidente da ONG Cidade-Escola Aprendiz.
- Gilda RIZZO – Pedagoga. Criadora do método natural de alfabetização.
- Gilles BROUGÈRE – Professor da Universidade Sorbonne Paris Norte, na França. Estudioso dos brinquedos, jogos e educação.
- Gisele Maria SCHWARTZ – Professora da Universidade Estadual Paulista na área de educação física.
- Gislayne Avelar MATOS – Coordenadora de curso de especialização em arte e educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Glaci Therezinha ZANCAN – Presidente da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência.
- Gláucia da Silva BRITO – Professora da área de comunicação na Universidade Federal do Paraná.
- Gley COSTA – Psiquiatra integrante da Associação Psicanalítica Internacional.
- Gonçalo M. TAVARES – Escritor português.

- Gordon FREEDMAN – Coordenador da ONG National Laboratory for Educational Transformation, que pesquisa os rumos da educação. Consultor.
- Graça PAULINO – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de literatura.
- Gregory CIZEK – Professor da Universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Estudioso da avaliação educacional.
- Guacira Lopes LOURO – Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área estudos de gênero e educação.
- Guillermina TIRAMONTI – Pesquisadora na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e professora da Universidade Nacional de La Plata, Argentina. Estudiosa das questões em torno do ensino médio.
- Guillermo ÂNGULO – Diretor da ONG mexicana Investigación e Educación Popular Autogestiva.
- Guiomar Namó de MELLO – Secretária municipal de educação de São Paulo. Deputada estadual. Integrante do Conselho Nacional de Educação. Diretora-executiva da Fundação Victor Civita. Consultora.
- Gustavo GUSSO – Professor da área de clínica médica geral na Universidade de São Paulo.
- Gustavo IOSCHPE – Economista. Articulista da revista Veja. Um dos fundadores do Movimento Todos pela Educação.
- Guy BROUSSEAU – Diretor do laboratório de didática das ciências e das tecnologias da Universidade de Bordeaux, na França.
- Guy CLAXTON – Professor da Universidade de Bristol, na Inglaterra, onde criou o programa Built Learning Power de formação docente.
- Hamilton WERNECK – Palestrante.
- Hans-Joachim KOELLREUTTER – Maestro alemão radicado no Brasil. Fundador de várias escolas de música no país e no exterior.
- Haroldo TORRES – Pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole.
- Heather Jean BLAKEMORE – Coautora da coleção de livros didáticos *English Playground*.
- Helena SAMPAIO – Professora da área de políticas públicas para a educação da Universidade Estadual de Campinas.
- Helena SINGER – Diretora pedagógica da ONG Cidade-Escola Aprendiz.

Hélio MATTAR – Um dos fundadores do Pensamento Nacional das Bases Empresariais, da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente, do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social e Instituto Akatu pelo Consumo Consciente.

Hélio ZISKIND – Músico. Produtor de música infantil para a TV Cultura.

Henry GIROUX – Professor estadunidense, radicado no Canadá, onde leciona na Universidade McMaster. Um dos expoentes da teoria crítica em educação.

Heraldo Marelim VIANNA – Pesquisador da Fundação Carlos Chagas.

Herman VOORWALD – Secretário estadual da educação de São Paulo. Vice-reitor da Universidade Estadual Paulista.

Hermes ZANETTI – Deputado federal. Presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

Heródoto BARBEIRO – Jornalista.

Hirokazu YOSHIKAWA – Professor na Universidade de Nova York, nos Estados Unidos. Estudioso dos temas globalização e educação.

Horácio Lafer PIVA – Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Howard GARDNER – Professor da Universidade Harvard e da Boston School of Medicine, nos Estados Unidos. Criador da teoria das inteligências múltiplas.

Hugo BARRETO – Secretário geral da Fundação Roberto Marinho.

Iara PRADO – Secretária de Educação Fundamental do Ministério da Educação.

Içami TIBA – Psiquiatra. Autor de vários livros sobre educação.

Idevaldo BODIÃO – Professor da Universidade Federal do Ceará na área de políticas públicas. Militante da Campanha Nacional pelo Direito à Educação.

Ieva LAZAREVICIUTE – Oficial lituana do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Ignácio de Loyola BRANDÃO – Escritor e colunista do jornal Estado de S.Paulo.

Ilaria CAVALLINI – Coautora de livro sobre alimentação na educação das crianças pequenas nas escolas de Reggio Emilia, na Itália.

Inés AGUERRONDO – Socióloga argentina, encarregada da unidade de formação do Instituto Internacional do Planejamento da Educação da Unesco em Buenos Aires.

Inno SORSY – Especialista ganense em projetos de voz e contação de histórias.

Irene BALAGUER – Professora e pedagoga especializada em educação infantil. Professora da Universidade de Vic, na Espanha.

Irma ZARDOYA – Diretora executiva da NYC Leadership Academy, nos Estados Unidos, entidade dedicada à capacitação de diretores escolares da rede pública nova-iorquina.

Isabel ALARCÃO – Vice-reitora da Universidade de Aveiro, em Portugal. Estudiosa da formação docente.

Isabel BARCA – Professora da Universidade do Minho, em Portugal, na área de ensino de história.

Isabel Lopes COELHO – Responsável pela área infantojuvenil da editora Cosac Naify.

Isabel LUSTOSA – Historiadora da Fundação Casa Rui Barbosa.

Isabel SOLÉ – Professora do departamento de psicologia evolutiva e da educação na Universidade de Barcelona.

István MÉSZÁROS – Filósofo húngaro.

Ivaldo BERTAZZO – Coreógrafo, bailarino e professor de dança.

Iván IZQUIERDO – Médico argentino radicado no Brasil. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica. Exponente na área de neurociência.

Ivor GOODSON – Professor das Universidades de Brighton e de Cambridge, na Inglaterra, no tema das histórias de vida.

Izabel Friche PASSOS – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de psicologia social.

Izabel PETRAGLIA – Professora da Universidade Metodista de São Paulo na área de estudos da complexidade.

Jacques MARCOVITCH – Reitor da Universidade de São Paulo.

Jadir de Souza MENDES – Consultor em educação. Especialista em gestão de pessoas.

Jaime Luiz ZORZI – Fonoaudiólogo. Diretor do Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica.

Jair Abreu CAMPOS – Consultor em *marketing* e recursos humanos. Professor da Faculdade CIESA, em Manaus.

James GARBARINO – Professor da Universidade Loyola, nos Estados Unidos, na área das políticas de atendimento infantil.

Janet MOYLES – Professora emérita da Universidade Anglia Ruskin, na Inglaterra, atuando na área de educação pré-escolar.

Janice THIÉL – Professora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná na área de literatura indígena.

Jaqueline MOLL – Professora da área de educação em ciências na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Jaume Martínez BONAFÉ – Professor no departamento de didática e organização escolar da Universidade de Valência. Fundador do Movimento de Renovação Pedagógica da Espanha.

Jean HÉBRARD – Professor da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, na França. Inspetor Geral do Ministério da Educação francês.

Jean-Louis SARBIB – Vice-presidente francês do Banco Mundial, na área de desenvolvimento humano.

Jean-Pierre LUMINET – Diretor de pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica, da França. Militante do ensino de cultura científica.

Jeremy KILPATRICK – Professor da Universidade da Geórgia, na área de educação matemática. Integrante da Academia Nacional de Educação dos Estados Unidos.

Jiang XUEQIN – Educador e consultor chinês. Criador de programa com foco nas habilidades de leitura e escrita.

Jim LENGEL – Professor da Universidade de Nova York, nos Estados Unidos. Criador da proposta da Educação 3.0.

Joan FERRÉS – Professor de tecnologia educacional na Universidade Pompeu Fabra, na Espanha.

Joan Manuel del POZO – Secretário de educação da comunidade autônoma da Catalunha. Deputado do congresso espanhol e do parlamento catalão. Professor de filosofia na Universidade de Girona, na Espanha.

João Batista de Araújo OLIVEIRA – Presidente do Instituto Alfa e Beto.

João Cariello de MORAES FILHO – Diretor da Fundação Bradesco.

João Carlos TEATINI – Diretor de Educação Básica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

João Francisco de SOUZA – Diretor do Conselho de Educação de Adultos da América Latina, da Unesco.

João JARDIM – Diretor de cinema.

João Luiz Pinto e SILVA – Professor da área de obstetrícia na Universidade Estadual de Campinas.

João Paulo CAPOBIANCO – Diretor-geral da ONG SOS Mata Atlântica.

João Paulo MEDINA – Preparador físico de times de futebol.

João Pedro da PONTE – Professor de educação matemática na Universidade de Lisboa, em Portugal.

João Roberto GRETZ – Palestrante.

João Wanderley GERALDI – Professor da área de estudos da linguagem na Universidade Estadual de Campinas.

Joe GARCIA – Professor da Universidade Tuiuti na área de indisciplina escolar.

Joe KINCHELOE – Professor de pedagogia crítica na Universidade Internacional da Flórida, nos Estados Unidos.

Joel Rufino dos SANTOS – Escritor. Autor de várias obras para crianças e adolescentes.

John Edwin MEIN – Diretor do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Educacional Paideia.

John HATTIE – Diretor do Melbourne Educational Research Institute, na Universidade de Melbourne, na Austrália. Presidente do Australian Institute of Teaching and School Leaders.

John PALFREY – Diretor do Berkman Center for Internet and Society da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

John TRAXLER – Professor da Universidade de Wolverhampton, na Inglaterra, na área do uso de tecnologias móveis na educação.

Jonathan BERGMANN – Escritor e consultor estadunidense. Um dos criadores do método da sala de aula invertida.

Jorge ABRAHÃO – Coordenador de pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Jorge COLI – Crítico de arte. Professor de história da arte e da cultura na Universidade Estadual de Campinas.

Jorge da Cunha LIMA – Diretor-executivo da Fundação Padre Anchieta.

Jorge FORBES – Psicanalista. Presidente do Instituto de Psicanálise Lacaniana.

Jorge Gerdau JOHANNPETER – Empresário. Presidente do Conselho Administrativo da empresa Gerdau.

Jorge LARROSA – Professor de teoria e história da educação na Universidade de Barcelona, na Espanha.

Jorge MANZI – Coordenador do Programa de Avaliação de Professores do Chile.

Jorge NAGLE – Professor da área de teoria geral da educação na Universidade Estadual Paulista. Integrante do Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

Jorge WERTHEIN – Representante argentino da Unesco no Brasil.

José Ângelo GAIARSA – Psiquiatra e autor de livros.

José Armando VALENTE – Professor da área de informática aplicada à educação na Universidade Estadual de Campinas.

José Carlos Teixeira MOREIRA – Diretor de empresa de consultoria em *marketing* industrial.

José Ernesto BOLOGNA – Psicólogo consultor de empresas.

José Eustáquio ROMÃO – Diretor-fundador do Instituto Paulo Freire. Conselheiro da Câmara do Ensino Superior do Ministério da Educação.

José Fernandes de LIMA – Reitor da Universidade Federal de Sergipe. Diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior. Secretário estadual de educação de Sergipe. Presidente do Conselho Nacional de Educação.

José Francisco SOARES – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de avaliação educacional. Consultor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

José Gimeno SACRISTÁN – Professor de didática e organização escolar nas Universidades de Salamanca e de Valencia, e colaborador das Universidades de Málaga e da Corunha, na Espanha.

José GREGORI – Secretário Nacional dos Direitos Humanos.

José Jorge LETRIA – Escritor e presidente da Sociedade Portuguesa de Autores.

José Luiz PORTELLA – Presidente da Fundação de Assistência ao Estudante.

José Manoel BERTOLOTE – Professor da área de psiquiatria na Universidade Estadual Paulista.

José Manuel MORAN – Diretor do Centro de Educação a Distância da Universidade Anhanguera.

José María Avilés MARTÍNEZ – Pesquisador da Universidade de Valladolid, na Espanha, dos temas *bullying* e mediação de conflitos.

José MORAIS – Neurocientista português, professor da Universidade Livre de Bruxelas. Estudioso dos métodos de alfabetização.

José Murilo de CARVALHO – Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro nas áreas de política e história brasileiras.

José PACHECO – Consultor de vários projetos educacionais no Brasil. Foi diretor da Escola da Ponte, em Portugal.

José Ribamar Bessa FREIRE – Professor da área de estudos sobre povos indígenas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

José SARAMAGO – Escritor português. Ganhador do Prêmio Nobel de literatura.

José Sérgio Fonseca de CARVALHO – Professor da área de filosofia da educação na Universidade de São Paulo.

José VICENTE – Fundador da ONG Afrobras, responsável pela Faculdade Zumbi dos Palmares, da qual é diretor.

Joshua SPARROW – Professor da Escola de Medicina da Universidade Harvard e diretor do Centro Brazelton Touchpoints.

Jouni VÄLIJÄRVI – Diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais da Universidade de Jyväskylä, na Finlândia.

Juan Carlos TEDESCO – Ministro da Educação da Argentina.

Juan CASASSUS – Consultor chileno da Unesco, à frente de pesquisa sobre a qualidade da educação na América Latina.

Juan DELVAL – Professor de psicologia evolutiva e de educação na Universidade Autônoma de Madri, na Espanha.

Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO – Diretor do Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Educação do Chile.

Juan Ignacio POZO – Professor e diretor do departamento de psicologia básica da Universidade Autônoma de Madri, na Espanha.

Juan José LLACH – Ministro da Educação da Argentina.

Juan Manuel Álvarez MÉNDEZ – Professor de didática da Universidade Complutense de Madri, na Espanha.

Juana SANCHO – Professora da Universidade de Barcelona, na Espanha, ligada ao campo da formação, inovação e novas tecnologias.

Juarez DAYRELL – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de sociologia da juventude e educação.

Judith GREEN – Professora da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, na área de ensino, cultura e linguagem.

Júlia OLIVEIRA-FORMOSINHO – Professora da Universidade Católica Portuguesa, na área de educação infantil.

Júlio César da Costa ALEXANDRE – Secretário municipal de Educação de Sobral.

Júlio César FURTADO – Palestrante.

Júlio CORREA – Secretário de Ensino Básico do Ministério da Educação.

Julio Groppa AQUINO – Professor da Universidade de São Paulo na área de psicologia da educação.

Julio Jacobo WASELFISZ – Sociólogo argentino radicado no Brasil. Coordenador da área de estudos da violência da Faculdade Latino-Americana de Estudos Sociais.

Jurjo Torres SANTOMÉ – Professor de didática e organização escolar na Universidade da Corunha, na Espanha.

Justina Motter MACCARINI – Integrante da equipe central de Coordenação da Matemática na Rede Municipal de Educação de Curitiba.

Juvenal SAVIAN FILHO – Professor da área de filosofia na Universidade Federal de São Paulo.

Jytte Juul JENSEN – Professora do VIA University College na Dinamarca, na área de educação infantil.

Kailash SATYARTHI – Ativista indiano. Líder da Marcha Global Contra o Trabalho Infantil.

Kátia CANTON – Curadora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

Katia de Souza AMORIM – Professora da área de psicologia dos bebês e crianças pequenas na Universidade de São Paulo.

Kátia Stocco SMOLE – Assessora na área de educação matemática.

Kazushiro YOSHIDA – Professor da Universidade de Hiroshima, no Japão, da área de história da educação.

Keith PRATT – Professor na Capella University e no Fielding Graduate Institute. Consultor em tecnologia educacional.

Keith SWANWICK – Professor emérito da Universidade de Londres, na Inglaterra, da área de ensino de música.

Kenneth ZEICHNER – Professor da área de formação de professores na Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos.

Kleber Gesteira MATOS – Coordenador da Educação Escolar Indígena junto ao Ministério da Educação.

Krista KIURU – Ministra da Educação da Finlândia.

Lana de Souza CAVALCANTI – Professora da área de ensino de geografia na Universidade Federal de Goiás.

Lanfranco BASSI – Fotógrafo ligado à proposta pedagógica das escolas de Reggio Emilia, na Itália.

Laurentino GOMES – Jornalista. Um dos expoentes da literatura histórica brasileira na atualidade.

Lauri CERICATO – Consultor especialista em livros didáticos.

Laurindo Lalo LEAL FILHO – Professor da Universidade de São Paulo na área de estudos sobre a televisão.

Léa FAGUNDES – Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de informática educativa.

Ledja Austrilino SILVA – Secretária do Ensino Básico do Ministério da Educação.

Lee Sing KONG – Diretor do Instituto Nacional de Educação de Singapura.

Leo BURD – Diretor do programa de Aprendizagem Criativa da Fundação Lemann.

Leonardo MLODINOW – Escritor estadunidense de livros de divulgação científica e roteirista de cinema.

Leonardo YÁNEZ – Responsável venezuelano pelos programas voltados à primeira infância na América Latina a cargo da Fundação Bernard van Leer, sediada na Holanda.

Léopold PAQUAY – Professor da Universidade Católica de Louvain, na França. Atua na área de psicopedagogia e formação de professores.

Lia Ribeiro CESTARIOLO – Professora da escola básica.

Lia ROSENBERG – Pesquisadora assistente da Fundação Carlos Chagas.

Liliana TOLCHINSKY – Psicóloga argentina. Professora da Universidade de Barcelona, na Espanha, na área de psicolinguística.

Lino de MACEDO – Professor da Universidade de São Paulo na área do construtivismo piagetiano.

LIRA NETO – Jornalista e autor da biografia de Getúlio Vargas.

Lise ELIOT – Neurocientista e professora na Chicago Medical School, nos Estados Unidos.

Luc FERRY – Filósofo e ministro da educação da França.

Lúcia Helena SASSERON – Professora da área de ensino de ciências na Universidade de São Paulo.

Lúcia KLEIN – Consultora educacional.

Lúcia Maria BARBOSA – Professora da Universidade Federal de São Carlos na área de linguística.

Luciana Esmeralda OSTETTO – Professora da Universidade Federal Fluminense na área de educação infantil.

Luciano PIRES – Jornalista e cartunista.

Luciene Ricciotti VASCONCELOS – Administradora de empresas.

Lucília NEVES – Professora da área de ensino de história na Universidade de Brasília.

Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de formação de professores.

Luis CAMNITZER – Curador uruguaio da Bienal de Arte do Mercosul.

Luís Carlos de MENEZES – Professor da área de ensino de física na Universidade de São Paulo. Consultor da Unesco.

Luís Henrique PELLANDA – Escritor.

Luisa Castiglioni LARA – Professora de escola privada no Rio de Janeiro.

Luiz Alberto GONÇALVES – Pesquisador do tema educação e discriminação racial. Militante do Movimento Negro Unificado.

Luiz Antonio CUNHA – Professor de várias universidades brasileiras na área da história da educação brasileira. Uma das referências do pensamento pedagógico nacional.

Luiz BEZERRA NETO – Professor da Universidade Federal de São Carlos na área de educação no campo.

Luiz Carlos CAGLIARI – Professor da Universidade Estadual de Campinas na área de alfabetização.

Luiz Carlos de FREITAS – Professor da área de avaliação da aprendizagem e de sistemas na Universidade Estadual de Campinas.

Luiz Cláudio COSTA – Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA – Coronel da reserva da Polícia Militar de São Paulo. Diretor de Ensino e Cultura da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

Luiz Eduardo SOARES – Professor de várias universidades na área de antropologia. Secretário nacional de segurança pública. Coordenador de segurança, justiça e cidadania do Estado do Rio de Janeiro. Coautor de *Elite da Tropa* e *Elite da Tropa 2*.

Luiz Márcio IMENES – Autor de livros didáticos e paradidáticos na área de ensino de matemática.

Luiza RICOTTA – Psicóloga voltada ao desenvolvimento pessoal e profissional.

Lydia HORTÉLIO – Musicóloga. Fundadora da ONG Casa das Cinco Pedrinhas, instituição de pesquisa e difusão da cultura infantil.

Macaé EVARISTO – Secretária estadual de educação de Minas Gerais.

Madalena FREIRE – Coordena o Espaço Pedagógico, instituição voltada à formação de professores.

Maddalena TEDESCHI – Coautora de livro sobre alimentação na educação das crianças pequenas nas escolas de Reggio Emilia, na Itália.

Magda Becker SOARES – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de alfabetização. Uma das expoentes do pensamento pedagógico no país.

Maílson da NÓBREGA – Ministro da Fazenda. Sócio de empresa de consultoria econômica e política.

Maíra HABIMORAD – Diretora-executiva de empresa de seleção de jovens para programas de estágios e *trainees* de grandes empresas.

Malvina TUTTMAN – Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Manolo FLORENTINO – Professor da área de história na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Manuel Jacinto SARMENTO – Professor e diretor da Universidade do Minho, em Portugal, na área de sociologia da infância.

Mara BEHLAU – Fonoaudióloga. Diretora do Centro de Estudos da Voz.

Marc ROGER – Contador de histórias francês.

Marcello DANTAS – Curador e produtor artístico. Fundador de empresa voltada a projetos de museus e de exposições de arte.

Marcelo CABROL – Chefe argentino da divisão de educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento, nos Estados Unidos.

Marcelo GLEISER – Professor brasileiro da área de física e astronomia no Dartmouth College, nos Estados Unidos.

Marcelo Cortes NERI – Economista. Chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas.

Marcelo ZELIC – Vice-presidente do grupo Tortura Nunca Mais.

Marcia TIBURI – Professora da área de filosofia da Universidade Mackenzie.

Márcio da COSTA – Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro na área de sociologia da educação.

Márcio POCHMANN – Secretário de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura de São Paulo.

Marco Antonio DIAS – Consultor brasileiro da Universidade das Nações Unidas, radicado na França.

Marco Aurélio Ferreira VIANNA – Presidente do Instituto MVC Estratégia e Humanismo. Consultor de empresas.

Marco FIBROSI – Diretor da rede de creches de Parma, na Itália.

Marco SILVA – Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na área de educação *on-line*.

Marcos BAGNO – Professor da área de linguística da Universidade de Brasília.

Marcos Garcia NEIRA – Professor da Universidade de São Paulo na área de ensino de educação física.

Marcos MAGALHÃES – Presidente do Instituto de Corresponsabilidade pela Educação.

Marcos MASETTO – Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de formação de professores.

Margareth GOLDENBERG – Diretora executiva do Instituto Ayrton Senna.

Maria Alice SETUBAL – Diretora do Centro de Pesquisa para Educação e Cultura.

Maria Antonieta Antunes CUNHA – Presidente da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

Maria Antonieta CELANI – Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de formação contínua do professor de inglês.

Maria Aparecida Affonso MOYSÉS – Professora da área de pediatria na Universidade Estadual de Campinas.

- Maria Aparecida PEREZ – Secretária municipal da Educação de São Paulo.
- Maria Aparecida Silva BENTO – Diretora da ONG Centro de Estudos das Relações do Trabalho e Desigualdades. Especialista em relações raciais.
- Maria Borja SOLÉ – Professora da Universidade de Barcelona, na Espanha, com atuação na área de brinquedotecas.
- Maria Carla CORROCHANO – Professora da Universidade Federal de São Carlos na área de estudos sobre o ensino médio.
- Maria Carolina Nogueira DIAS – Consultora.
- Maria Clara di PIERRO – Professora da Universidade de São Paulo na área de educação de jovens e adultos.
- Maria Clara SCHNEIDER – Reitora do Instituto Federal de Educação de Santa Catarina.
- Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA – Professora da Universidade de São Paulo na área de educação infantil.
- Maria Cristina MANTOVANINI – Professora na área de psicopedagogia do Instituto de Educação Superior Vera Cruz.
- Maria da Conceição Ferreira Reis FONSECA – Professora da área de educação matemática na Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da mesma universidade.
- Maria da Graça HORN – Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na área de educação infantil.
- Maria de Lourdes DIONÍSIO – Professora da Universidade do Minho, em Portugal. Diretora da Revista Portuguesa de Educação.
- Maria do Carmo Brant de CARVALHO – Coordenadora da ONG Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária.
- Maria do Pilar LACERDA – Secretária de Educação Básica do Ministério da Educação.
- Maria Elizabeth Bianconcini de ALMEIDA – Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de currículo e novas tecnologias.
- Maria Helena FRANCO – Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de estudos sobre o luto.
- Maria Helena Guimarães de CASTRO – Secretária executiva do Ministério da Educação. Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Secretária Estadual de Educação de São Paulo.

Maria Isabel ANTUNES-ROCHA – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de educação do campo.

Maria Isabel Porto da COSTA – Professora de escola pública.

María José DÍAZ-AGUADO – Professora da área de psicologia da educação na Universidade Complutense de Madri, na Espanha.

Maria José FÉRES – Secretária de Educação Infantil e Fundamental do Ministério da Educação.

Maria Laura Mouzinho Leite LOPES – Professora da área de ensino de ciências e matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Maria Lúcia CASTANHEIRA – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais da área de alfabetização.

Maria Luiza ABAURRE – Escritora de livros didáticos e coordenadora pedagógica de um colégio particular.

Maria Luiza BELLONI – Professora da Universidade Federal de Santa Catarina na área de mídia e educação.

Maria Luiza BORGES – Tradutora.

Maria Luiza MARCÍLIO – Professora da área de história na Universidade de São Paulo.

Maria Malta CAMPOS – Presidente da ONG Ação Educativa. Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas.

Maria Rita KEHL – Psicanalista.

Maria Suzana MENIN – Professora da área de psicologia da educação na Universidade Estadual Paulista.

María Teresa ANDRUETTO – Escritora argentina. Cofundadora do Centro de Difusão e Investigação de Literatura Infantil e Juvenil, na Argentina.

Maria Teresa Eglér MANTOAN – Professora da Universidade Estadual de Campinas na área de inclusão escolar.

Maria Teresa Marques AMARAL – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de formação de professores.

Maria Thereza Fraga ROCCO – Professora da Universidade de São Paulo na área de estudos de televisão e educação.

Maria Yedda Leite LINHARES – Secretária da Educação do Estado do Rio de Janeiro.

Mariana CALIFE – Pesquisadora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

- Marianne HARDY – Professora da Universidade Sorbonne Paris Norte, na França, na área de ensino fundamental e formação de educadores.
- Mariano Fernández ENGUITA – Professor da Universidade Complutense de Madri, na Espanha. Estudioso da profissão docente.
- Marília Costa DIAS – Coordenadora do curso de especialização em educação inclusiva do Instituto Superior de Educação Vera Cruz.
- Marília Pinto de CARVALHO – Professora da Universidade de São Paulo na área de gênero e educação.
- Marília Pontes SPOSITO – Professora da área de sociologia da educação na Universidade de São Paulo.
- Mario CARRETERO – Professor da Universidade Autônoma de Madri, na Espanha, e na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, na Argentina. Um dos expoentes do construtivismo.
- Mário CORSO – Psicanalista.
- Mário PERINI – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de linguística.
- Mario Sergio CORTELLA – Palestrante. Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de filosofia da educação.
- Marisa LAJOLO – Professora da Universidade Mackenzie na área de ensino de leitura.
- Marisa VALLADARES – Professora da área de ensino de geografia na Universidade Federal Fluminense.
- Marizinha PIMENTEL – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de psicologia da educação.
- Marjo KYLLÖNEN – Secretária da Educação de Helsinque, na Finlândia.
- Marlene Monteiro PEREIRA – Pesquisadora do Observatório de Violência nas Escolas - Brasil.
- Marli ANDRÉ – Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de formação de professores.
- Marta SUPLICY – Sexóloga à frente do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual.
- Martin CARNOY – Professor de educação e economia da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos.

- Martina ROTH – Educadora alemã. Diretora de Estratégia, Pesquisa e Política da Educação Global da empresa Intel.
- Matt ANDREWS – Professor de políticas públicas na Harvard Kennedy School, nos Estados Unidos.
- Matthew CROWLEY – Diretor-assistente de escola de ensino médio em Massachusetts, nos Estados Unidos.
- Maurice BAZIN – Físico francês radicado no Brasil, dedicado à formação de professores de ciência. Um dos fundadores do Espaço Ciência Viva, no Rio de Janeiro.
- Mauricio de SOUSA – Grande expoente das histórias em quadrinhos no Brasil.
- Maurício Holanda MAIA – Secretário de Educação do Ceará.
- Mauro FISBERG – Nutrólogo. Professor do Centro de Atendimento e Apoio ao Adolescente na Universidade Federal de São Paulo.
- Mauro MALDONATO – Médico e filósofo. Professor de psicologia da Universidade de Basilicata, na Itália.
- Mauro ROSSO – Pesquisador da obra de Machado de Assis.
- Max GEHRINGER – Consultor. Foi presidente de grandes empresas.
- Mayrce Terezinha da Silva FREITAS – Gerente de coordenação da educação infantil da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.
- Melina FURMAN – Coordenadora científica da empresa educacional Sangari na Argentina.
- Mere ABRAMOWICZ – Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de avaliação e currículo.
- Mia COUTO – Escritor moçambicano.
- Michael APPLE – Professor da Universidade de Wisconsin-Madison, nos Estados Unidos, na área de teoria curricular.
- Michele KNOBEL – Professora australiana da Universidade Montclair State, nos Estados Unidos. Dedicou-se à formação de professores na Austrália, Canadá, México e Estados Unidos.
- Michèle SATO – Professora da Universidade Federal de Mato Grosso na área de educação ambiental.
- Miguel ARROYO – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de gestão escolar. Propositor da Escola Plural.

Miguel CENTENO – Professor de sociologia na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos.

Miguel DAUD – Presidente de empresa de publicidade.

Miguel MOREY – Professor da Universidade de Barcelona, na Espanha, na área da escrita e literatura.

Miguel PEROSA – Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo na área de psicologia da adolescência.

Miguel SANCHES NETO – Escritor.

Miguel ZABALZA – Professor de didática e organização escolar na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha.

Mila PETRILLO – Fotógrafa. Trabalha em projetos sociais pela infância e juventude.

Milena ARAGÃO – Psicóloga especializada no tema da violência contra a criança.

Milton HATOUM – Escritor de literatura.

Milton SANTOS – Exponente da área de geografia. Professor da Universidade de São Paulo.

Mira BROWNE – Diretora externa das Escolas Públicas Summit, nos Estados Unidos.

Miriam ABRAMOVAY – Consultora da Unesco na área de juventude e políticas públicas. Coordenadora da área de juventude e políticas públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, no Brasil.

Miriam SKJORTEN – Professora emérita da Universidade de Oslo, na Noruega, na área das necessidades educacionais especiais.

Mirian Celeste MARTINS – Professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista. Coordenadora de educação da 25ª Bienal de São Paulo.

Mirta CASTEDO – Professora de didática na Universidade Nacional de La Plata, na Argentina.

Mitchel RESNICK – Diretor do Laboratório de Mídia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Moacir GADOTTI – Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo na área de gestão escolar. Disseminador das ideias de Paulo Freire.

Mônica Castagna MOLINA – Professora e diretora do Centro Transdisciplinar de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural da Universidade de Brasília.

- Mônica Gardelli FRANCO – Superintendente da ONG Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária.
- Monica GATHER-THURLER – Professora da Universidade de Genebra, na Suíça, na área de formação de professores. Colabora com o laboratório de pesquisa criado por ela e por Philippe Perrenoud.
- Mônica MEYER – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de formação de professores de ciências e de biologia.
- Mônica MOLINA – Sócia-diretora de empresa especializada em estratégia de negócios, fusões e aquisições.
- Mônica PINAZZA – Professora da Universidade de São Paulo na área de educação infantil.
- Mônica Pinheiro do PRADO – Professora de escola pública.
- Mozart Neves RAMOS – Secretário de educação de Pernambuco e reitor da Universidade Federal do Pernambuco.
- Murílio HINGEL – Ministro de educação.
- Murilo PINHEIRO – Presidente da Federação Nacional dos Engenheiros.
- Myriam NEMIROVSKY – Pesquisadora argentina e formadora de professores para o ensino de linguagem escrita.
- Myrtes ALONSO – Professora da área de pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Nadia A. BOSSA – Diretora de clínica de atendimento psicopedagógico.
- Nádia Battella GOTLIB – Professora da área de Letras na Universidade de São Paulo. Estudiosa de Clarice Lispector.
- Naércio Aquino MENEZES FILHO – Professor da área de economia na Universidade de São Paulo.
- Naomar Monteiro de ALMEIDA FILHO – Reitor da Universidade Federal da Bahia.
- Neidson RODRIGUES – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de filosofia da educação.
- Neil GROSS – Professor de sociologia nas Universidades Harvard, Princeton e Southern California.
- Nelly Novaes COELHO – Professora da Universidade de São Paulo na área de literatura infantil.

Nelson Cardoso AMARAL – Professor da Universidade Federal de Goiás na área de economia da educação.

Neus Sanmartí PUIG – Professora emérita da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha, onde atua na área de didática das ciências na formação docente.

Nice TERZI – Diretora da rede de creches de Parma, na Itália.

Nicky HOCKLY – Professora britânica e consultora pedagógica de ensino de inglês a distância.

Nicolas HULOT – Militante ambientalista. Presidente de uma fundação voltada à natureza com seu nome.

Nietta Lindenberg MONTE – Coordenadora do Ministério da Educação para a formulação do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

Nilda Teves FERREIRA – Secretária de Estado de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Superintendente-geral de Ensino da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Diretora-geral de Ensino da Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro.

Nilma Lino GOMES – Professora da Universidade Federal de Minas Gerais na área de educação e diversidade étnico-racial. Coordenadora-geral do Programa Ações Afirmativas da mesma universidade.

Nilson José MACHADO – Professor da área de educação matemática na Universidade de São Paulo.

Nina RANIERI – Secretária adjunta de ensino superior do Estado de São Paulo.

Nina Rosa FURTADO – Professora da área de medicina na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Niso PREGO – Presidente da Confederação dos Professores do Brasil.

Nita FREIRE – Viúva de Paulo Freire e autora de sua biografia.

Nora KRAWCZYK – Professora da Universidade Estadual de Campinas na área de políticas públicas para a educação.

Oded GRAJEW – Diretor-presidente do Instituto Ethos - Empresas e Responsabilidade Social.

Olavo de CARVALHO – Filósofo e escritor.

Ole SKOVSMOSE – Professor da área de educação matemática na Universidade de Aalborg, na Dinamarca.

- Olga de SÁ – Estudiosa da obra de Clarice Lispector. Diretora-geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila e do Instituto Santa Teresa, de Lorena.
- Olga Franco GARCÍA – Pesquisadora do Ministério da Educação de Cuba. Estudiosa da educação infantil.
- Oscar HIPÓLITO – Pesquisador do Instituto Lobo. Professor da área de física da Universidade de São Paulo.
- Oscar Vilhena VIEIRA – Diretor na Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo.
- Oswaldo Hajime YAMAMOTO – Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte na área de psicologia e educação especial.
- Pablo GENTILI – Professor argentino da área de políticas educacionais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, radicado no Brasil.
- Pablo IMEN – Pesquisador argentino das reformas educativas na Venezuela e na Bolívia.
- Pamela BRUENING – Consultora estadunidense e diretora do Programa de Educação Socioemocional Cloud9World.
- Paola STROZZI – Coordenadora de escola na região de Reggio Emilia, na Itália.
- Paolo FONTANI – Coordenador italiano do programa de educação da Unesco no Brasil.
- Pap NDIAYE – Pesquisador do Instituto de Estudos Políticos de Paris, na França. Estudioso das questões raciais.
- Pasi SAHLBERG – Diretor do Centro para Mobilidade Internacional e Cooperação, órgão ligado ao Ministério da Educação finlandês.
- Pasquale CIPRO NETO – Professor de gramática e colunista de jornal, rádio e televisão.
- Patrícia DIAZ – Diretora de desenvolvimento educacional da Comunidade educativa CEDAC.
- Patricia SADOVSKY – Estudiosa da didática da matemática, coordena programa de capacitação docente da secretaria municipal de educação de Buenos Aires.
- Paul VIRILIO – Ensaísta, filósofo e diretor da Escola de Arquitetura de Paris, na França.
- Paula Hilst SELLI – Funcionária do Museu Lasar Segall. Criadora do projeto Bebês no Museu.
- Paula LOUZANO – Consultora da Fundação Lemann.

Paula POGRÉ – Coordenadora de formação do Instituto de Desenvolvimento Humano da Universidade Nacional de General Sarmiento, na Argentina.

Paulo Afonso RONCA – Diretor de clínica de atendimento psicopedagógico.

Paulo ARTAXO – Professor da área de física na Universidade de São Paulo. Especialista em aquecimento global.

Paulo CORBUCCI – Sociólogo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Paulo FREIRE – Secretário municipal de educação de São Paulo. Criador da Pedagogia do oprimido. Doutor *honoris causa* em dezenas de universidades estrangeiras. A maior referência do pensamento pedagógico brasileiro.

Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR – Filósofo. Fundador e diretor do Centro de Estudos em Filosofia Americana.

Paulo JUBILUT – Professor de ensino médio.

Paulo MEKSENAS – Professor da Universidade Federal de Santa Catarina na área de sociologia da educação.

Paulo Renato SOUZA – Ministro da educação.

Paulo Sérgio ALMEIDA – Oficial do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

Paulo TATIT – Compositor de músicas infantis.

Pedro BANDEIRA – Autor de literatura juvenil.

Pedro DEMO – Professor da Universidade de Brasília na área de sociologia da educação.

Pedro Luis PUNTONI – Coordenador da digitalização do acervo da Biblioteca Brasileira.

Pedro RAVELA – Diretor do Instituto de Avaliação Educacional da Universidade Católica do Uruguai. Coordenador do PISA no mesmo país.

Peter HUNT – Professor emérito da Universidade Cardiff, na Inglaterra, onde atua na área de literatura infantil.

Peter LUCAS – Professor da Universidade de Nova York, nos Estados Unidos. Estudioso dos temas violência e direitos humanos.

Peter MITTLER – Professor de educação inclusiva da Universidade de Manchester, na Inglaterra. Consultor de vários organismos multilaterais.

Peter MORTIMORE – Diretor da Faculdade de Educação da Universidade de Lancaster, vice-diretor do Instituto de Educação da Universidade de Londres, ambas na Inglaterra.

- Peter MOSS – Professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres, na Inglaterra. Coordenador da European Commission's Childcare Network.
- Philippe MEIRIEU – Professor de ciências da educação na Université Lumière-Lyon, na França.
- Philippe PERRENOUD – Diretor do laboratório de pesquisa sobre inovação na formação e na educação, na Universidade de Genebra, Suíça. Formulador da pedagogia das competências.
- Pier Cesare RIVOLTELLA – Professor da área de mídia e educação na Universidade Católica de Milão, na Itália.
- Pierre LÉVY – Professor da Universidade Paris VIII, na França. Um dos principais estudiosos da cibercultura.
- Piyo RATTANSI – Professor de história da ciência da University College de Londres, na Inglaterra.
- Priscila CRUZ – Diretora executiva do Movimento Todos pela Educação.
- Rachel LOTAN – Professora da Universidade Stanford, nos Estados Unidos. Estudiosa da formação de professores.
- Rafael LUCCHESI – Diretor geral do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
- Rafael YUS – Professor em uma escola de ensino médio na Espanha. Pioneiro na discussão dos temas transversais na educação.
- Ramon M. COSENZA – Professor da Universidade Federal de Minas Gerais na área de neurociências.
- Raquel Elizabete de SOUZA – Subsecretária de desenvolvimento da educação básica da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais.
- Raquel Gonçalves SALGADO – Professora da Universidade Federal do Mato Grosso na área de educação infantil.
- Raquel MOMM – Diretora de escola particular de educação infantil e ensino fundamental.
- Rebeca OTERO – Coordenadora de Educação da Unesco no Brasil.
- Regina de ASSIS – Secretária municipal de educação do Rio de Janeiro. Integrante do Conselho Nacional de Educação.
- Regina Leite GARCIA – Professora da área de alfabetização da Universidade Federal Fluminense.
- Regina PONTIERI – Professora da Universidade de São Paulo na área de letras.

Regina ZILBERMAN – Professora da área de teoria literária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Régine KOLINSKY – Diretora de uma unidade integrada no Centro de Pesquisa em Cognição e Cérebro da Universidade Livre de Bruxelas, Bélgica.

Reijo LAUKKANEN – Membro do Conselho Nacional de Educação da Finlândia.

Reinaldo PASSADORI – Consultor.

Reinildes DIAS – Coautora da coleção de livros didáticos *English Playground*.

Rena PALLOFF – Professora na Universidade Capella e no Fielding Graduate Institute, nos Estados Unidos. Consultora na área de educação a distância.

Renata FELINTO – Educadora do Museu Afro Brasil.

Renata LIBÓRIO – Professora da Universidade Estadual Paulista na área de psicologia do desenvolvimento.

Renata Lima ASPIS – Pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas na área de filosofia da educação.

Renata Maria Braga SANTOS – Coordenadora de Tecnologias do Educação do Secretaria de Educação Básico do Ministério da Educação.

Renata MEIRELLES – Idealizadora do Projeto Território do Brincar, em parceria com o Instituto Alana.

Renato Janine RIBEIRO – Ministro da educação.

Reynaldo FERNANDES – Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Ricardo AZEVEDO – Escritor e ilustrador de livros para crianças e jovens.

Ricardo BEVILACQUA – Diretor-geral de duas empresas ligadas ao Grupo Catho.

Ricardo FRAGELLI – Professor da Universidade de Brasília na área de *design* educacional. Criador da metodologia Trezentos.

Ricardo MADEIRA – Professor da Universidade de São Paulo na área de economia e políticas sociais.

Ricardo Paes de BARROS – Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Ricardo SEMLER – Empresário e fundador da Escola Lumiar, em São Paulo.

Richard BÜCHER – Professor da área de psicologia clínica na Universidade de Brasília.

Richard HARTILL – Diretor do Programa para a América Latina da ONG inglesa Save the Children.

Richard MURNANE – Economista e professor da Universidade Harvard, nos Estados Unidos, na área de políticas de incentivo aos docentes.

Rita COELHO – Coordenadora geral de Educação Infantil do Ministério da Educação.

Rita MENDONÇA – Cofundadora do Instituto Romã, que representa a Sharing Nature Foundation, ONG americana dedicada à educação ao ar livre.

Rita POTYGUARA – Coordenadora-geral de educação escolar indígena do Ministério da Educação.

Roberto APARICI – Professor da Universidade Nacional de Educação a Distância da Espanha. Estudioso das tecnologias educacionais e ensino a distância.

Roberto CARNEIRO – Ministro da Educação em Portugal.

Roberto de Andrade MARTINS – Professor da Universidade Estadual de Campinas na área de história e teoria da ciência.

Roberto LENT – Diretor do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialista na área de neurociência.

Roberto MACEDO – Economista. Secretário do Ministério da Economia, no governo Collor. Presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletrônicos.

Roberto ZIEMER – Consultor em psicologia da área empresarial.

Rocío GARCÍA-CARRIÓN – Pesquisadora do tema comunidades de aprendizagem na Universidade de Deusto, na Espanha.

Rodolfo Yamamoto NEVES – Responsável pelo setor educativo do Museu de Arte Sacra de São Paulo.

Rodrigo BAGGIO – Criador e diretor da ONG Comitê para a Democratização da Informática.

Rodrigo TRAVITZKI – Professor no Ensino Médio de escola particular.

Roger CHARTIER – Professor da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, na França. Autor de uma vasta obra, com destaque para o tema da história do livro e da leitura.

Rogério MAINARDES – Palestrante.

ROMÁRIO – Deputado federal. Jogador de futebol.

Romeu Weliton CAPUTO – Secretário de Educação Básica do Ministério da Educação.

- Romualdo Portella de OLIVEIRA – Professor da Universidade de São Paulo na área de políticas públicas para a educação.
- Ronice QUADROS – Professora da Universidade Federal de Santa Catarina na área de língua de sinais.
- Rosa María Torres del CASTILLO – Diretora do Instituto Fronesís de Pedagogia e Comunicação, no Equador.
- Rosangela BOLZE – Diretora de agência de publicidade.
- Rose NEUBAUER – Secretária estadual de educação de São Paulo.
- Roseli Cação FONTANA – Professora da Universidade Estadual de Campinas na área de formação de professores.
- Roseli de Deus LOPES – Professora da área de engenharia da Universidade de São Paulo.
- Roseli FISCHMANN – Professora da Universidade de São Paulo na área de direitos humanos e educação.
- Rosely SAYÃO – Consultora e colunista do jornal Folha de S.Paulo e da rádio Band News FM.
- Rovilson José BUENO – Professor da Universidade Federal de Campina Grande na área de ensino de física.
- Rubem ALVES – Filósofo e pastor presbiteriano. Autor de várias obras em educação. Professor da Universidade Estadual de Campinas.
- Rubens Barbosa de CAMARGO – Professor da área de gestão de sistemas e escolas na Universidade de São Paulo.
- Rui CANÁRIO – Professor da Universidade de Lisboa, em Portugal, na área de formação de adultos.
- Rui FAVA – Vice-presidente do grupo empresarial da educação.
- Rui TRINDADE – Professor da Universidade do Porto, em Portugal, na área de formação docente.
- Ruth CARDOSO – Primeira-dama. Presidente do programa Comunidade Solidária.
- Ruy BERGER – Responsável pela Secretaria do Ensino Médio e Tecnológico do Ministério da Educação.
- Ruy Cezar do Espírito SANTO – Professor da área de filosofia da educação na Universidade Estadual de Campinas.
- Ruy FAUSTO – Professor da Universidade de São Paulo na área de filosofia.

Ryon BRAGA – Diretor de empresa de consultoria educacional.

Sally GARDNER – Escritora inglesa. Autora de livros sobre distúrbios da aprendizagem.

Salman KHAN – Fundador estadunidense da plataforma Khan Academy, voltada ao ensino de matemática.

Samuel LAGO – Sócio fundador do Grupo Positivo. Produtor de livros didáticos.

Sandra Pereira TOSTA – Professora da área de antropologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Sandra TORRESI – Psicopedagoga argentina, vice-presidente da Sociedade Ibero-americana de Neuroeducação.

Sandra ZÁKIA – Professora da Universidade de São Paulo na área de avaliação educacional.

Sara PAÍN – Pesquisadora argentina. Professora de psicologia da inteligência nas Universidades de Buenos Aires e Mar del Plata, na Argentina.

Saskia SASSEN – Professora da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, onde pesquisa o tema globalização.

Saturnino de la TORRE – Professor de didática e organização escolar da Universidade de Barcelona. Estudioso da criatividade e currículo escolar.

Sebastián HEREDERO – Professor da Universidade de Alcalá, na Espanha, onde atua nas áreas de planejamento educacional, políticas inclusivas e formação docente.

Selma Garrido PIMENTA – Pró-reitora de graduação da Universidade de São Paulo.

Sérgio FARACO – Escritor e historiador.

Sérgio HADDAD – Coordenador-geral da ONG Ação Educativa.

Sergio Henrique FERREIRA – Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Sergio MAGNANI – Maestro italiano radicado no Brasil.

Sergio MARTINIC – Vice-diretor da Faculdade de Educação da Universidade Católica do Chile. Estudioso da organização e avaliação do desempenho docente.

Silke WEBER – Secretária estadual de educação de Pernambuco.

Silvia CASTRILLÓN – Bibliotecária e educadora. Presidente da Associação Colombiana de Leitura e Escrita.

Silvia COZZOLINO – Professora da área da nutrição na Universidade de São Paulo.

Silvia Gasparian COLELLO – Professora da área de alfabetização na Universidade de São Paulo.

Silvia Helena Vieira CRUZ – Professora da Universidade Federal do Ceará na área de educação infantil.

Sílvio GALLO – Professor da área de filosofia da educação na Universidade Estadual de Campinas.

Simon FRANCO – Diretor geral de empresa multinacional de recursos humanos.

Simon SCHWARTZMAN – Diretor-presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e da Sociedade.

Sírio POSSENTI – Professor da área de linguística na Universidade Estadual de Campinas.

Solon VIOLA – Integrante do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.

Sonia BARREIRA – Fundadora e diretora da Escola da Vila, em São Paulo.

Sonia JACKSON – Professora do instituto de Educação da Universidade de Londres, na Inglaterra. Estudioso da educação na primeira infância.

Sônia KRAMER – Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Pontifícia Universidade Católica na área de educação infantil.

Sonia Machado JARDIM – Presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros.

Sônia Maria Portella KRUPPA – Chefe de gabinete de Paulo Freire na Secretaria municipal da educação de São Paulo.

Sonia Simões COLOMBO – Consultora. Fundadora e diretora-executiva de empresa especializada em gestão educacional.

Spencer KAGAN – Consultor e psicólogo clínico estadunidense. Criador do método Cooperative Learning.

Stela BARBIERI – Diretora do setor educativo do Instituto Tomie Ohtake. Curadora educacional da 29ª Bienal de Artes de São Paulo.

Suelaine CARNEIRO – Coordenadora do Programa de Educação do Geledés - Instituto da Mulher Negra.

Susan Bray STAINBACK – Pesquisadora da Universidade de Northern Iowa. Estudiosa da inclusão escolar.

Susana AZEVEDO – Consultora na área de *coaching* educacional.

Susanna MANTOVANI – Professora da Universidade de Milão, na Itália, na área de educação infantil.

Suzana DOBLINSKI – Coautora de livro de etiqueta infantil.

Sylvain BROCCOLICHI – Professor da Universidade d’Artois, na França. Estudioso da políticas afirmativas em educação em seu país.

T. Berry BRAZELTON – Pediatra e professor emérito da Escola de Medicina da Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Criador e diretor da Fundação Brazelton.

Tania PARIS – Fundadora da Associação pela Saúde Emocional de Crianças.

Tânia Ramos FORTUNA – Professora da Universidade Federal do Rio Grande Sul na área de psicologia da educação.

Tânia RESENDE – Professora da área de sociologia da educação na Universidade Federal de Minas Gerais.

Tânia SCHMIDT – Coordenadora da rede estadual de educação do Rio Grande do Sul.

Tania ZAGURY – Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro da área de didática.

Tarso GENRO – Ministro da Educação.

Tatiana BELINKY – Escritora de obras infantis e tradutora.

Telma VINHA – Professora da Universidade Estadual de Campinas na área de psicologia educacional.

Telma WEISZ – Consultora na área de alfabetização. Coordenadora do curso de pós-graduação no Instituto Superior de Ensino Vera Cruz, em São Paulo.

Teresa COLOMER – Professora da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Estudiosa da literatura infantojuvenil e educação literária.

Teresa PINHEIRO – Psicanalista. Coordenadora do Núcleo de Estudos em psicanálise e Clínica da Contemporaneidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tereza PEREZ – Diretora superintendente da Comunidade Educativa Cedac.

Terezinha NUNES – Professora brasileira da Universidade de Oxford, na Inglaterra, na área de psicologia da criança e da educação.

Thelma POLON – Professora colaboradora da Universidade Federal de Juiz de Fora na área de currículo.

Thiago PEIXOTO – Secretário de educação do estado de Goiás.

Thomas ARMSTRONG – Diretor do American Institute for Learning and Human Development.

Thomas O'BRIEN – Diretor do Centro de Formação de Professores da Universidade do Sul de Illinois, nos Estados Unidos.

Tião ROCHA – Criador da ONG Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento.

Timothy IRELAND – Estudioso inglês da educação de jovens e adultos. Representante da Unesco.

Tina Roig PLANS – Presidente da Associação de Professores Rosa Sensat, na Espanha.

Todd LUBART – Professor da Universidade Paris Descartes, na França, onde atua com foco no tema da criatividade relacionada ao local de trabalho.

Todd PARR – Escritor e ilustrador estadunidense. Autor de 38 livros infantis.

Tomaz WONGHON – Presidente da Confederação dos Professores do Brasil.

Tufi Machado SOARES – Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora na área de políticas públicas em educação.

Tullia MUSATTI – Pesquisadora sobre o desenvolvimento infantil e creches do Conselho Nacional de Pesquisa da Itália.

Ubiratan D'AMBROSIO – Professor da Universidade Estadual de Campinas e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Expoente da área de matemática.

Ugo GIORGETTI – Diretor de cinema e cronista de futebol do jornal O Estado de S. Paulo.

Ulrike HÖVELMANN – Pedagoga e deputada pelo Partido Social Democrata por três legislaturas na Alemanha.

Umberto GALIMBERTI – Professor de filosofia da história da Universidade Ca'Foscari de Veneza, na Itália.

Urs GASSER – Diretor do Berkman Center for Internet and Society, da Universidade Harvard, nos Estados Unidos.

Valdemar SETZER – Professor da área de ciência da computação na Universidade de São Paulo.

Vanda Gusmão DOBRANSKI – Professora da rede pública.

Vanderlei Gomes de QUEIROZ – Professor de educação básica.

Vasco MORETTO – Consultor na área de avaliação institucional.

- Vera CABRAL – Diretora executiva da Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares.
- Vera Lucia Messias Fialho CAPELLINI – Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Vice-diretora da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, em Bauru.
- Vicky COLBERT – Diretora da Fundação Volvamos a la Gente, relacionada à educação rural. Foi vice-ministra da Educação na Colômbia.
- Victor MIRSHAWKA – Diretor cultural da Fundação Armando Álvares Penteado.
- Violeta Hemsy de GAINZA – Pianista argentina, educadora e psicóloga musical. Fundadora do Fórum Latino-americano de Educação Musical.
- Virgínia SCHALL – Pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz, com foco na alfabetização científica.
- Vital DIDONET – Consultor em políticas públicas para a infância.
- Vitor HAASE – Professor da área de neuropsicologia na Universidade Federal de Minas Gerais.
- Viviane SENNA – Presidente do Instituto Ayrton Senna.
- Vivina de Assis VIANA – Escritora de literatura infantojuvenil.
- Vladimir CAPELLA – Dramaturgo e diretor de teatro para o público infantojuvenil.
- Wagner Wey MOREIRA – Professor da área de educação física na Universidade Estadual de Campinas.
- Wander SOARES – Vice-presidente da Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares.
- Wanderley CODO – Professor da Universidade Federal de Brasília na área de psicologia de trabalho.
- Werner MARKERT – Professor da Universidade de Frankfurt, Alemanha, na área dos estudos curriculares.
- William CORSARO – Professor da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, da área de educação infantil.
- William FRAWLEY – Professor da Universidade de Delaware, nos Estados Unidos. Estudioso da ciência cognitiva.
- Wrana PANIZZI – Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Xesús R. JARES – Professor da Universidade da Corunha, onde desenvolve atividades ligadas à educação para a paz em diversas entidades espanholas.

Yolanda REYES – Escritora. Fundadora e diretora do Instituto Espantapájaros, na Colômbia, voltado à formação de leitores.

Yong ZHAO – Professor de origem chinesa da Universidade do Oregon, nos Estados Unidos. É presidente do Institute for Global and Online Education, na mesma instituição.

Yves de la TAILLE – Professor da Universidade de São Paulo na área de psicologia moral.

Yves SCHWARTZ – Professor e diretor científico da Universidade de Provence, na França. Estudioso das relações entre ergologia, trabalho e educação.

Yvette JACKSON – Professora do Teachers College da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Criadora da proposta da pedagogia da confiança.

Yvonne Bezerra de MELLO – Criadora do Projeto Uerê, voltado a crianças e jovens cariocas em situação de rua.

Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA – Professora da área de psicologia do desenvolvimento na Universidade de São Paulo.

ZIRALDO – Escritor e desenhista.

Zoara FAILLA – Gerente de pesquisas do Instituto Pró-Livro.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

Abdeljalil AKKARI – 256, 373, 476, 883, 904

Adalberto FAZZIO – 43, 692

Adib SALOMÃO – 248, 362, 673, 751

Adolf SCHÜLLER NETO – 365, 410, 426, 691

Adriana FOZ – 339, 681, 689, 1011

Adriana FRIEDMANN – 80, 185, 279, 348, 873, 981

Adriana PUIGGRÓS – 96, 555, 703

Ahyas SISS – 300, 505, 548, 553, 562

Ailton KRENAK – 121, 124, 169, 308, 326, 410, 715, 1016

Alain BERGALA – 44, 64, 140, 405, 610, 954, 1008

Alan BISHOP – 25, 507, 519, 664, 682, 697, 981

Albertina Costa RUIZ – 84, 208, 353, 519, 643

Alberto Carlos ALMEIDA – 37, 291, 320, 354, 562, 743, 755, 939, 995

Alda VILLAS BOAS – 498, 980

Aldo FORTUNATI – 330, 626

Alejandro MORDUCHOWICZ – 55, 445

Alejandro TIANA – 737, 746, 962

Alfonso AGUILÓ, 372, 862, 879, 975

Alfred SHOLL-FRANCO – 73, 382, 635

Alfredo Gontijo de OLIVEIRA – 122, 202, 477, 525, 573, 761, 802, 935

Alfredo HOYUELOS – 586

Alfredo VEIGA-NETO – 135, 349, 432, 443, 473, 611, 633, 760, 778, 872, 953,
956

Alice RIFF – 289, 431, 464, 693, 768

Alicia FERNÁNDEZ – 36, 89, 108, 193, 252, 323, 329, 341, 361, 555, 599, 688,
694, 754, 783, 811, 818, 843, 848, 860, 863, 869, 876, 959, 1020

Almério Melquíades de ARAÚJO – 198, 268

Aloizio MERCADANTE – 225, 769, 794

Álvaro APOCALYPSE – 121, 217, 676, 974, 1018

Álvaro CHRISPINO – 139, 356, 374, 383, 498

Alvaro MARCHESI – 43, 239, 421, 475, 499, 595, 900, 924, 933, 977, 983

Amanda RIPLEY – 23, 28, 92, 149, 403, 678, 913
Amilcar Araujo PEREIRA – 37, 300, 306, 396, 451, 773
Ana Angélica ALBANO – 164, 458, 731, 886
Ana Cássia MATURANO – 52, 516, 811, 959
Ana Clara Bortoleto NERY – 535, 541, 574
Ana Lúcia GAZZOLA – 197, 267, 390, 779
Ana Lúcia LIMA – 32, 485, 530
Ana Lúcia Silva SOUZA – 19, 305, 559
Ana Luiza Carvalho da ROCHA – 312, 505, 513, 573
Ana Luiza MACHADO – 194, 323, 846
Ana Mae BARBOSA – 49, 128, 143, 285, 366, 505, 525, 558, 586, 644, 854, 857,
885, 990
Ana MALAJOVICH – 97, 801
Ana Maria Dias da SILVA – 261, 265, 363, 442, 630, 756
Ana Maria ESPINOZA – 85, 359
Ana Maria KAUFMAN – 359, 661
Ana Maria MACHADO – 21, 105, 200, 217, 357, 430, 468, 480, 565, 567, 682,
879, 884, 934, 950
Ana Maria MELLO – 336, 626, 767
Ana Paula Gonçalves da SILVA – 96, 205, 344, 413, 489, 504, 754, 977
Ana Paula SILVA – 159, 533, 605, 804, 937, 970
Ana TEBEROSKY – 40, 130, 226, 284, 417, 576, 601, 634, 638, 644, 729, 751,
770, 825, 965
André CODEA – 56, 578, 823, 949, 952
André GRAVATÁ, 544, 770, 868
André LÁZARO – 196, 378, 809, 843
André Luís BARROSO – 286, 449, 777, 883, 1024
Andrea CALDAS – 126, 776, 826, 841, 853, 868
Andreas SCHLEICHER – 143, 469, 585, 680, 796, 915, 954
Andressa SILVA – 283, 880, 985
Andy HARGREAVES – 202, 323, 329, 347, 588, 700, 706, 793, 808, 854, 911
Ángel Díaz BARRIGA – 221, 248, 501, 546, 591, 757, 866, 905, 923, 926
Ángel I. Pérez GÓMEZ – 61, 147, 153, 162, 328, 357, 415, 557, 581, 657, 669,
684, 701, 786, 822

Angela KLEIMAN – 437, 596, 723
Angelo Barbosa Monteiro MACHADO – 216, 395, 504, 597, 778, 849
Ani SIRO – 595, 849
Aniceto dos MUCHANGOS – 42, 54, 124
Anita Lilian Zuppo ABED – 183, 186, 334, 669, 838, 907, 979
Anna Bernardes da Silveira ROCHA – 160, 811, 941
Anna Helena ALTENFELDER – 601, 797
Anna Lia GALARDINI – 52, 363, 800
Anna Marie HOLM – 192, 530
Anna TARDOS – 189, 753, 1002
Anne-Marie CHARTIER – 85, 116, 120, 375, 402, 496, 523, 576, 780, 861, 919,
925, 978, 1003
Antoni VERGER – 250, 258, 921
Antoni ZABALA – 102, 146, 169, 179, 233, 251, 304, 350, 358, 364, 441, 462,
526, 537, 547, 590, 596, 603, 644, 727, 805, 822, 995
Antônio Augusto BATISTA – 515, 518, 593
Antonio CANDIDO – 380, 393, 435, 471, 553, 591, 676, 914
Antonio Carlos Gomes da COSTA – 75, 99, 249, 311, 383, 386, 408, 420, 460,
540, 591, 745, 757, 781, 790, 890, 923, 992
Antônio Carlos Teixeira da SILVA – 145, 724, 728, 884
Antonio de las HERAS – 91, 240, 441
Antonio GOULART – 108, 163, 281
Antonio Helio Guerra VIEIRA – 894, 905, 941
Antonio Ibañez RUIZ – 18, 386, 459
Antônio José LOPES – 138, 146, 165, 271, 494, 651, 815, 895, 898
Antonio Moreno MONTERO – 199, 374
António NÓVOA – 36, 63, 75, 99, 114, 141, 147, 149, 161, 185, 222, 246, 259, 367,
389, 443, 458, 470, 576, 613, 641, 666, 674, 680, 685, 710, 713, 740, 807, 816,
824, 866, 895, 903, 935, 972, 976, 1007, 1013
Antonio Ozório NUNES – 324, 384, 499, 761
Antonio RODRIGUEZ – 654, 978, 1002
Antonio SIMÃO NETO – 46, 182, 631, 677, 984
Antônio Suárez ABREU – 48, 103, 912
Aparecida Neri de SOUZA – 115, 433, 472, 577, 646, 734

Aparecida PAIVA – 103, 683, 809, 973
 Ariana COSME – 190, 199, 287, 395, 479, 544, 970, 976
 Ariano SUASSUNA – 215, 285, 291, 305, 393, 401, 411, 583, 662, 849, 857, 986,
 1022
 Arlette D'ANTOLA – 359, 1013
 Armando SIMÕES – 65, 134, 430, 475, 686, 831, 1002
 Arnaldo NISKIER – 163, 989, 1010
 Arthur FONSECA FILHO – 36, 260, 953
 Ataliba Teixeira de CASTILHO – 309, 390, 547, 562, 742, 767
 Attico CHASSOT – 481, 574, 689, 719
 Aude Valérie BUMBACHER – 112, 273, 529, 558, 752, 830
 Augusto CURY – 75, 114, 327, 374, 620, 634, 701, 821, 891
 Axel RIVAS – 97, 246, 442, 789, 820
 Aziz AB'SABER – 33, 57, 214, 546

B

Barbara OAKLEY – 668, 722, 789
 Barjas NEGRI – 447
 Barry MCGAW – 430
 Bartolomeu Campos de QUEIRÓS – 131, 845, 857, 861, 864, 882, 990, 1021
 Battista Quinto BORGHI – 279, 534, 942
 Beatriz AISENBERG – 155, 360, 531, 785, 867
 Beatriz BRACHER – 171, 185, 648, 750
 Beatriz CARLINI-COTRIM – 66, 344, 368, 501, 694, 781, 1004
 Beatriz de Paula SOUZA – 103, 321, 331, 333, 873
 Beatriz MACEDO – 483, 710, 730
 Belinda MANDELBAUM – 58, 70, 212, 270, 321, 396, 480, 782, 1008
 Belmiro Valverde Jobim CASTOR – 63
 Bernard CHARLOT – 25, 34, 50, 133, 160, 190, 197, 222, 252, 355, 360, 465,
 474, 510, 603, 616, 635, 641, 667, 671, 677, 698, 834, 848, 862, 908, 916,
 945, 998, 1008
 Bernard LAHIRE – 64, 206, 283, 321, 362, 396, 601, 749, 785, 819, 822, 846,
 993
 Bernard SCHNEUWLY – 374, 423

Bernardete GATTI – 150, 357, 604, 645, 710, 773
Bernardo TORO – 38, 119, 210, 221, 295, 429, 450, 483, 566, 573, 616, 628, 695,
737, 833, 843, 896, 932, 941, 960, 1008
Beth SERRA – 105, 111
Bettina HANNOVER – 195, 481, 535, 587
Boris FAUSTO – 297, 609, 640
Boudewijn van VELZEN – 158, 181, 211, 404, 592, 594, 674, 679, 938
Brian PERKINS – 70, 200, 630, 713, 803, 903, 948
Bruna Elena GIACOPINI – 664, 811
Bruno Lúcio de Carvalho TOLENTINO – 34, 100, 535, 640, 825, 894
Bruno TORTURRA – 243, 425, 542, 636, 672, 850, 984

C

Caio ROSENTHAL – 130, 281, 329
Camilla CROSO – 258, 441, 707, 806
Cao HAMBURGER – 198, 295, 955
Carl HONORÉ, 22, 61, 80, 144, 158, 209, 213, 448, 469, 788, 831, 834, 843,
897, 921, 933, 987
Carl RATNER – 127, 429, 667, 709, 818
Carla Cristina GARCIA – 244, 319, 406, 443, 744, 856
Carla Viana COSCARELLI – 28, 177, 238, 675
Carlos ABICALIL – 264, 597
Carlos Alberto TORRES – 249, 253, 321, 345, 371, 383, 387, 401, 444, 450, 454,
469, 486, 585, 607, 840, 864, 933
Carlos CABANA – 844, 964, 1000
Carlos CHIARELLI – 365, 410, 426, 691
Carlos Eduardo SANCHES – 37, 427
Carlos Ernesto NOGUERA-RAMÍREZ – 110, 469, 611
Carlos Frederico Bernardo LOUREIRO – 511, 734, 749, 809
Carlos Lisboa TRAVASSOS – 310, 334, 779, 1005
Carlos Marcelo GARCÍA – 225, 242, 656, 666, 912
Carlos NOBRE – 332, 348, 421
Carlos Pereira de Carvalho e SILVA – 329, 453, 543
Carlos Roberto FACCINA – 574, 1001

Carlos Roberto Jamil CURY – 111, 302, 351, 353, 399, 435, 483, 489, 508, 565,
716, 892, 968

Carlos Rodrigues BRANDÃO – 119, 161, 196, 381, 466, 604, 658, 701, 833, 891

Carlos VOGT – 303, 738

Carmem Maria CRAIDY – 311, 653

Carmen Moreira de Castro NEVES – 798

Carolina VELHO – 485, 804

Cássia D'AQUINO – 254, 296, 703, 721, 881, 977, 995

Catherine BLAYA – 498, 510, 902, 1001, 1013

Cecilia BAJOUR – 97, 375, 568

Cédric VILLANI – 46, 575, 834, 948

Celi Nelza Zulke TAFFAREL – 462, 585

Célia Cristina de Figueiredo CASSIANO – 255, 270, 372, 782

Celia Díaz ARGÜERO – 16, 40, 613

Celso ANTUNES – 21, 95, 118, 339, 414, 416, 623, 625, 700, 790, 836, 893, 906,
911, 969, 984

Celso dos Santos VASCONCELLOS – 158, 270, 288, 351, 520, 650, 686, 689,
696, 758

Celso GUTFREIND – 187, 270, 499, 662, 668, 692, 755, 852, 876

Cesar CALLEGARI – 88, 176, 360, 529, 568, 879

César COLL – 52, 69, 147, 182, 196, 278, 347, 398, 413, 486, 510, 600, 637, 644,
649, 655, 682, 709, 720, 733, 790, 824, 875, 888, 905

César Muñoz JIMÉNEZ – 199, 671, 846, 867

Cesar ROMÃO – 266, 534, 615, 724, 911

Charles HADJI – 166, 281, 474, 478, 577, 579, 623, 718, 772, 782, 888, 894, 936

Choukri Ben AYED – 301, 488, 922

Chris PASCAL – 464, 614, 639

Christian DUNKER – 95, 253, 372, 415, 855, 874

Cid GOMES – 461, 605, 693

Cilza BIGNOTTO – 158, 218, 234, 237, 402, 698, 843

Cipriano LUCKESI – 43, 360, 464, 580, 720, 761, 819, 859, 887, 996, 1015

Circe BITTENCOURT – 521, 686, 722

Clare KOSNIK – 85, 91, 769, 987

Clarice HERZOG – 320, 341, 410, 691

Clarice Krohling KUNSCH – 209, 789, 858, 924, 988
Clarice NUNES – 105, 136, 715, 799
Claude CARPENTIER – 252, 471, 474, 487, 507, 806
Claude FRASSON – 100, 145, 163, 169, 411, 588, 784
Claudemir BELINTANE – 583, 716, 764, 806
Claudia Leme Ferreira DAVIS – 82, 135, 343, 684, 919, 1009
Claudia MOLINARI – 478, 508
Cláudia Oliveira PIMENTA – 735, 750
Cláudio BATALHA – 111, 299, 444
Claudio de Moura CASTRO – 51, 78, 257, 353, 399, 407, 438, 456, 516, 525, 579,
588, 646, 688, 746, 827, 909, 917
Claudio NARANJO – 255, 773, 853, 928
Claus JENSEN – 400, 773, 1012
Clayton RIBEIRO – 102, 544
Cleide ALMEIDA – 536, 621, 627, 657, 770
Clemente NÓBREGA – 260, 653, 712, 730
Cléo FANTE – 194, 287, 324, 607, 879
Clermont GAUTHIER – 26, 405, 647
Cleuza REPULHO – 25, 164, 417
Clive BECK – 85, 91, 769, 987
Clovis ROSSI – 294, 329, 423, 444
Colin LANKSHEAR – 240, 554, 578, 683, 987
Conceição EVARISTO – 307, 810
Constança Meirelles VIEIRA – 199, 604, 891
Constance KAMII – 34, 191, 370, 533, 620
Contardo CALLIGARIS – 45, 169, 187, 209, 279, 297, 468, 492, 517, 670, 731,
869, 1021
Corinta GERALDI – 435, 444, 766, 796
Cristián COX, 426, 655
Cristiano Nabuco de ABREU – 241, 247, 325, 385, 756, 822, 1003, 1006
Cristina D'ÁVILA – 464, 720, 859, 1015
Cristina d'Ávila REIS – 188, 318, 321, 336, 343, 481, 563, 607, 783, 954
Cristina SILVEIRA – 146, 397, 491, 557

Cristovam BUARQUE – 21, 27, 72, 112, 275, 291, 302, 305, 441, 450, 457, 471,
570, 609, 796, 845, 869, 942, 950

D

Dagmar GARROUX, 176, 191, 286, 395, 453, 457, 864, 921

Dair Franco de CAMARGO – 78, 108, 1013

Dale ARMSTRONG – 60, 96, 130, 166, 354, 377, 589, 679, 697, 787, 818

Daniel ANSARI – 46, 339, 592, 785

Daniel CARA – 560, 711, 777

Daniel RAICHVARG – 24, 30, 96

Daniel VALDEZ – 98, 180, 476, 490, 1006

Darcy RIBEIRO – 248, 290, 296, 561, 703, 839, 1018

Dartiu XAVIER – 112, 345, 638, 671, 707, 794, 897

David ALTIMIR – 656, 819

David ARCHER – 273, 297, 404, 427

David BUCKINGHAM – 342, 381, 384, 635, 659, 671, 888

David K. DICKINSON – 330, 547, 1001

David RODRIGUES – 316, 491

David SASSON – 30, 151, 531, 573, 620

David UIP – 42, 66, 208, 332, 344, 778

Debora DINIZ – 475, 478, 517, 559

Débora GAROFALO – 31, 238, 415, 633

Deborah Deutsch SMITH – 315, 746, 803

Delia LERNER – 31, 613, 665

Demétrio MAGNOLI – 227, 571, 612

Denise CARREIRA – 109, 161, 439, 441, 583

Dermeval SAVIANI – 55, 182, 251, 272, 293, 436, 451, 459, 531, 547, 584, 610,
646, 734, 740, 812, 968

Diana GRUNFELD – 357, 978, 981

Diana Lichtenstein CORSO – 31, 77, 116, 132, 184, 195, 204, 228, 269, 276, 296,
318, 580, 715, 757, 847, 856, 888, 981, 998

Dom Lourenço de Almeida PRADO – 39, 214, 269, 332, 365, 715, 721, 986

Domenico de MASI – 99, 127, 420, 510, 549, 724, 923, 953, 983, 986

Domingos FERNANDES – 152, 173, 502, 640, 737, 830, 915, 921, 972, 978

Dora Elisa Rodrigues TOLOSA – 57, 329, 498, 799, 911, 992, 1001, 1010
Dorina de Gouvêa NOWILL – 81, 218, 315, 390, 457
Douglas N. HARRIS – 74, 428, 545
Douglas WILLMS – 313, 511
Dulce WHITAKER – 193, 275, 341, 432, 836, 878, 929, 950

E

Edgar MORIN – 54, 111, 465, 567, 625
Edite Maria Barbosa GUILHÓN – 139, 622, 920
Edith ACKERMANN – 412, 635
Edmílson SATURNINO – 283, 880, 985
Edmir PERROTTI – 64, 188, 263, 277, 278, 299, 429, 564, 676, 748, 778, 885,
917, 938
Edna Scola KLEIN – 96, 205, 344, 413, 489, 504, 754, 977
Eduardo CHAVES – 90, 106, 109, 127, 224, 233, 742, 812, 912, 915
Eduardo de Assis DUARTE – 109, 306
Eduardo GIANNETTI – 65, 409, 512, 651
Eduardo KALINA – 114, 133, 230, 344, 411, 463, 793, 830, 851, 959, 965
Eduardo NAJJAR – 257, 354, 629
Egberto da Costa GAIA – 416, 637
Eladio Sebastián HEREDERO – 159, 222, 532, 719
Elba Siqueira de Sá BARRETTO – 151, 160, 775, 814
Eliana YUNES – 152, 399, 594, 764, 858, 867
Eliane Márcia da CRUZ – 279, 892
Elisa de ALMEIDA – 115, 837, 930
Ellen BIALYSTOK – 598, 613
Elvira Souza LIMA – 114, 128, 171, 201, 340, 404, 709, 732, 829, 885, 914, 930,
947, 1008
Elydio dos SANTOS NETO – 356, 413, 456, 537
Emília CIPRIANO – 246, 828, 834, 857, 936
Emília FERREIRO – 39, 90, 130, 225, 235, 284, 314, 392, 398, 407, 576, 588,
612, 628, 638, 715, 751, 768, 785, 803, 882, 959, 965, 980
Emilio Sánchez MIGUEL – 899, 938, 956
Enio PINTO – 102, 266, 737

Enrique Martínez REGUERA – 272, 345, 395, 495, 576, 923, 950, 960, 977
 Enzo CATARSI – 589, 986
 Eric DEBARBIEUX, 242, 288, 366, 390, 722, 948
 Eric HIRSCH – 39, 60, 97, 908, 962
 Érika CARVALHO – 503, 632, 828, 952
 Ernst HAMBURGER – 55, 64, 398, 424, 681, 896, 939
 Esteban LEVIN – 202, 314, 335, 395, 597, 730, 861
 Esther PÉREZ – 157, 432, 818
 Esther Pillar GROSSI – 57, 81, 130, 178, 312, 703, 839, 881, 965
 Esther SOLANO – 229, 288, 372
 Eugênia Thereza de ANDRADE – 78, 341, 576, 585, 863, 887, 965, 980, 1020
 Eulália BOSCH – 127, 166, 275, 278, 763, 860, 929
 Eustáquia SALVADORA – 194, 318, 335, 342, 381, 755, 870
 Evando dos SANTOS – 359, 447, 808, 899
 Evelio Cabrejo PARRA – 165, 188, 409, 945
 Evelyn IOSCHPE – 285, 929
 Ezequiel Theodoro da SILVA – 40, 93, 205, 245, 251, 335, 351, 398, 416, 495,
 926, 942

F

Fábio MENDIA – 30, 423
 Fábio Otuzi BROTTTO – 121, 276, 519
 Fábio VILLELA – 206, 396, 768, 822, 978
 Fanny ABRAMOVICH – 214, 217, 407, 498, 564, 899, 998
 Felicia KRUMHOLZ – 30, 353, 447, 661, 950, 998
 Felipe BELÃO – 165, 593, 877, 916, 955
 Fernanda LEE – 201, 509, 524, 943
 Fernando ABRUCIO – 17, 38, 95, 265, 328, 397, 578, 967
 Fernando BECKER – 187, 338, 457, 472, 490, 650, 710
 Fernando HADDAD – 54, 369, 427, 457, 522, 604, 685, 772, 908
 Fernando Henrique CARDOSO – 51, 260, 450
 Fernando HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ – 133, 182, 263, 657, 709, 714, 732,
 792, 886, 956, 993
 Fernando José de ALMEIDA – 369

Fernando LOUZADA – 340, 648, 663, 723, 898, 1003
Fernando REIMERS – 221, 236, 250, 267
Fernando SAVATER – 114, 166, 468, 502, 513, 541, 594, 612, 635, 655, 972, 989
Fernando Valenzuela MIGOYA – 107, 185, 222, 237, 630
Fernando VELOSO – 391, 806, 975
Flávio ARNS – 88, 109, 158, 297
Flávio CANTO – 788, 837, 928, 954
Florestan FERNANDES – 290, 438, 471, 661, 971
Floriano SERRA – 837, 876, 974
Francesco TONUCCI – 53, 200, 236, 400, 493, 556, 620, 680, 682, 699, 731,
779, 852, 906, 940
Francis Rabelo COUTINHO – 74, 385, 479, 770
Francisca MACIEL – 201, 759, 979
Francisco CORDÃO – 312
Francisco IMBERNÓN – 51, 96, 139, 145, 154, 179, 181, 184, 347, 416, 477, 552,
1007
Francisco MORA – 338, 589, 837
François DUBET – 298, 378, 460, 472, 589, 800, 912, 1002
Françoise HATCHUEL – 154, 836, 860, 875, 1007
FREI BETTO – 125, 182, 232, 263, 282, 293, 321, 326, 463, 514, 560, 565, 597,
691, 707, 763, 790, 819, 829, 833

G

Gabriel CHALITA – 205, 513, 658, 760, 840, 851, 930, 983
Gabriel GABROWSKI – 28, 258
Gabriel JUNQUEIRA FILHO – 647, 776, 791, 999
Gabriel PERISSÉ, 73, 236, 378, 393, 584, 646, 653, 725, 752, 800, 918
Galeno AMORIM – 19, 28
Gandhy PIORSKI – 337, 770, 993
Gary WILSON – 100, 142, 784, 881
Gaudêncio FRIGOTTO – 142, 251, 257, 266, 893
Gema PANIAGUA – 167, 194, 477, 782
Genuíno BORDIGNON – 35, 153, 388, 708, 735, 946

- Geraldinho VIEIRA – 63, 78, 227, 263, 386, 401, 501, 579, 600, 691, 790, 839,
869, 887
- Gérard VERGNAUD – 41, 42, 78, 113, 390, 682, 858, 893
- Gersem BANIWA – 302, 309, 411, 480, 487
- Gerson MÓL – 52, 103, 909
- Gilberto DIMENSTEIN – 51, 275, 279, 433, 474, 495, 570, 634, 652, 727, 935,
1007
- Gilda RIZZO – 106, 285, 369, 793
- Gilles BROUGÈRE – 133, 543, 554, 656, 724, 731, 760, 981
- Gisele Maria SCHWARTZ – 164, 245, 960
- Gislayne Avelar MATOS – 64, 417, 465, 514, 537, 556
- Glaci Therezinha ZANCAN – 48, 93, 100
- Gláucia da Silva BRITO – 710, 712, 736
- Gley COSTA – 84, 145, 182, 205, 208, 320, 495, 649, 819, 872
- Gonçalo M. TAVARES – 204, 569, 927
- Gordon FREEDMAN – 140, 237, 339, 360, 439, 442, 626, 713
- Graça PAULINO – 107, 218, 446, 738, 797, 825, 957
- Gregory CIZEK – 306, 765
- Guacira Lopes LOURO – 182, 317, 320, 342, 460, 583, 743, 808, 939
- Guillermina TIRAMONTI – 298, 668, 807
- Guillermo ANGULO – 384, 563, 993
- Guiomar Namó de MELLO – 94, 101, 111, 146, 172, 293, 442, 445, 511, 526, 532,
540, 546, 631, 689, 712, 752, 800, 881, 956, 1004
- Gustavo GUSSO – 330, 346, 454, 1005
- Gustavo IOSCHPE – 15, 22, 49, 160, 282, 371, 387, 427, 507, 550, 606, 668,
879, 902, 909, 966
- Guy BROUSSEAU – 362, 734
- Guy CLAXTON – 163, 466, 668, 927, 947, 990

H

- Hamilton WERNECK – 152, 492, 553, 616, 828, 933
- Hans-Joachim KOELLREUTTER – 582, 706, 821
- Haroldo TORRES – 282, 312, 477, 827
- Heather Jean BLAKEMORE – 85, 239, 526, 767

Helena SAMPAIO – 41, 256, 375, 478, 499, 502, 523, 683
Helena SINGER – 60, 190, 221, 538, 665, 755, 933
Hélio MATTAR – 264, 486, 775, 787
Hélio ZISKIND – 659, 954
Henry GIROUX, 112, 134, 196, 252, 264, 378, 384, 873, 969
Heraldo Marelim VIANNA – 84, 145, 688, 920, 1010
Herman VOORWALD – 155, 769
Hermes ZANETTI – 290, 938
Heródoto BARBEIRO – 273, 549, 828, 896
Hirokazu YOSHIKAWA – 23, 331, 1015
Horácio Lafer PIVA – 231, 787, 878
Howard GARDNER – 62, 104, 164, 235, 247, 374, 421, 514, 524, 538, 586, 622,
706, 772, 854, 917, 987
Hugo BARRETO – 232, 683

I

Iara PRADO – 362, 426, 429, 528
Içami TIBA – 208, 345, 851, 881, 950
Idevaldo BODIÃO – 67, 378
Ieva LAZAREVICIUTE – 319, 812
Ignácio de Loyola BRANDÃO – 16, 122, 197, 216, 237, 399, 402, 404, 451, 454,
568, 801, 835, 855, 867, 984, 999, 1024
Ilaria CAVALLINI – 82, 92, 509
Inés AGUERRONDO – 18, 347, 386, 393, 736
Inno SORSY – 64, 417, 465, 514, 537, 556
Irene BALAGUER – 278, 694, 956
Irma ZARDOYA – 167, 586, 867
Isabel ALARCÃO – 151, 177, 207, 534, 543, 617, 719, 878, 926, 958, 961
Isabel BARCA – 58, 785
Isabel Lopes COELHO – 812, 939
Isabel LUSTOSA – 686, 999, 1022
Isabel SOLÉ, 474, 740
István MÉSZÁROS – 134, 228, 436, 453, 733, 923
Ivaldo BERTAZZO – 154, 311, 335, 359

Iván IZQUIERDO – 76, 79, 81, 174, 193, 229, 334, 338, 623, 694, 705, 760, 813,
821, 860, 983

Ivor GOODSON – 535, 616, 821

Izabel Friche PASSOS – 297, 433, 436, 469, 514, 550, 758, 776, 960

Izabel PETRAGLIA – 536, 621, 627, 657, 770

J

Jacques MARCOVITCH – 36, 438, 652

Jadir de Souza MENDES – 765, 785

Jaime Luiz ZORZI – 45, 87, 112, 332, 338, 694

Jair Abreu CAMPOS – 69, 266, 947

James GARBARINO – 285, 378

Janet MOYLES – 49, 61, 842

Janice THIÉL – 309, 482, 901

Jaqueline MOLL – 120, 804, 943

Jaume Martínez BONAFÉ, 100, 119, 366, 445, 460, 969, 1023

Jean HÉBRARD – 118, 121, 136, 175, 199, 401, 420, 465, 552, 658, 721, 935, 995,
1020

Jean-Louis SARBIB – 45, 591

Jean-Pierre LUMINET – 840, 966, 1022

Jeremy KILPATRICK – 57, 234, 357, 755

Jiang XUEQIN – 267, 484, 726, 835

Jim LENGEL – 225, 593

Joan FERRÉS – 224, 634, 992

Joan Manuel del POZO – 65, 134, 180, 279, 514, 520, 595, 725, 825, 861, 885

João Batista de Araújo OLIVEIRA – 22, 24, 61, 277, 293, 423, 439, 463, 565,
571, 582, 598, 646, 677, 709, 751, 999

João Cariello de MORAES FILHO – 163

João Carlos TEATINI – 88, 797

João Francisco de SOUZA – 365, 450

João JARDIM – 173, 282, 351, 505, 960, 1008, 1011

João Luiz Pinto e SILVA – 342, 544, 692, 834, 1005

João Paulo CAPOBIANCO – 124, 350

João Paulo MEDINA – 296, 462, 628, 739, 824

João Pedro da PONTE – 69, 800, 899, 917
João Roberto GRETZ – 757, 878, 912, 926
João Wanderley GERALDI – 540, 673, 890, 989
Joe GARCIA – 228, 387, 434, 496, 523, 764, 903
Joe KINCHELOE – 172, 332, 507, 543, 742
Joel Rufino dos SANTOS – 34, 102, 298, 299, 305, 308, 408, 445, 448, 466,
505, 562, 565, 567, 589, 658, 667, 689, 809, 854, 864, 909, 944, 1021
John Edwin MEIN – 93, 211, 257, 267, 371
John HATTIE – 617, 747
John PALFREY – 70, 240
John TRAXLER – 126, 226, 660, 744, 759
Jonathan BERGMANN – 110, 720
Jorge ABRAHÃO – 206, 831
Jorge COLI – 239, 649, 725, 866, 876, 930
Jorge da Cunha LIMA – 231, 423, 622
Jorge FORBES – 196, 202, 211, 249, 670, 764, 882, 992
Jorge Gerdau JOHANNPETER – 55, 67, 539
Jorge LARROSA – 31, 219, 225, 532, 575, 613, 826, 1008
Jorge MANZI – 37, 806, 924
Jorge NAGLE – 148, 368, 594, 673, 709
Jorge WERTHEIN – 130, 239, 383
José Ângelo GAIARSA – 43, 48, 203, 327, 369, 433
José Armando VALENTE – 46, 234, 240, 430
José Carlos Teixeira MOREIRA – 151, 179, 217, 231, 276, 875, 914, 947, 986
José Ernesto BOLOGNA – 78, 193, 341, 380, 609, 691, 748, 754, 824, 935, 953
José Eustáquio ROMÃO – 363, 595, 810, 847, 858, 940, 963, 970
José Fernandes de LIMA – 140, 437, 490, 527, 791, 812
José Francisco SOARES – 49, 76, 91, 167, 282, 294, 396, 421, 439, 493, 526,
529, 641, 647
José Gimeno SACRISTÁN – 133, 181, 251, 284, 380, 389, 435, 615, 622, 667,
673, 833, 971
José GREGORI – 69, 84, 287, 323, 504, 528
José Jorge LETRIA – 466, 605, 1011
José Luiz PORTELLA – 371

- José Manoel BERTOLOTE – 132, 333, 692, 795, 1005
- José Manuel MORAN – 88, 119, 487, 496, 695, 791
- José María Avilés MARTÍNEZ – 243, 288, 324, 358, 384, 496, 499, 541, 782, 791
- José MORAIS – 20, 31, 234, 237, 292, 452, 575, 660, 918
- José Murilo de CARVALHO – 107, 168, 216, 292, 454, 527, 541, 566, 662
- José PACHECO – 34, 65, 92, 113, 131, 152, 158, 274, 303, 366, 387, 405, 441, 448, 469, 475, 516, 532, 538, 674, 708, 737, 805, 826, 839, 865, 891, 945, 951, 966, 972, 987, 1014
- José Ribamar Bessa FREIRE – 309, 424, 506
- José SARAMAGO – 136, 157, 217, 276, 522, 589, 679, 845
- José Sérgio Fonseca de CARVALHO – 82, 461, 467, 521, 535, 538, 559, 602, 613, 648, 717, 964
- José VICENTE – 300, 303, 306, 391, 487, 493, 1011
- Joshua SPARROW – 187, 317, 427, 788
- Jouni VÄLIJÄRVI – 484, 815, 962
- Juan Carlos TEDESCO – 87, 142, 362, 625, 719, 721, 818
- Juan CASASSUS – 19, 354, 761, 809, 837, 870, 872, 942, 944, 987, 993
- Juan DELVAL – 57, 176, 520, 531, 550, 562, 635, 953
- Juan Eduardo GARCÍA-HUIDOBRO – 203, 327, 366, 685, 837, 966
- Juan Ignacio POZO – 89, 120, 159, 374, 712, 802, 1012
- Juan José LLACH – 420
- Juan Manuel Álvarez MÉNDEZ – 143, 769, 962
- Juana SANCHO – 63, 94, 448, 655
- Juarez DAYRELL – 164, 297, 607, 767, 769, 790, 861, 915, 966
- Judith GREEN – 33, 619, 718
- Júlia OLIVEIRA-FORMOSINHO – 53, 174
- Júlio César da Costa ALEXANDRE – 577, 990
- Júlio César FURTADO – 131, 327, 381, 668, 758, 973
- Júlio CORREA – 66, 685
- Julio Groppa AQUINO – 353, 356, 567, 884, 974
- Julio Jacobo WAISELFISZ – 197, 255, 306, 324, 502, 924
- Jurjo Torres SANTOMÉ, 924, 975
- Justina Motter MACCARINI – 16, 20, 46, 237

Juvenal SAVIAN FILHO – 137, 409, 996, 1011

Jytte Juul JENSEN – 29, 98, 823

K

Kailash SATYARTHI – 312, 323, 483, 516, 528, 561, 653, 745, 992

Katia AMORIM – 188, 918, 948

Kátia CANTON – 408, 517, 846, 951, 975

Kátia Stocco SMOLE – 32, 494, 500, 621, 624, 659, 681, 714, 723, 734

Kazushiro YOSHIDA – 595, 867, 909

Keith PRATT – 43, 52

Keith SWANWICK – 43, 481, 502, 710

Kenneth ZEICHNER – 87, 257, 674, 971

Kleber Gesteira MATOS – 18, 302, 308, 404

Krista KIURU – 76, 488, 586

L

Lana de Souza CAVALCANTI – 526, 577

Lanfranco BASSI – 932, 938

Laurentino GOMES – 29, 138, 241, 261, 301, 422, 424, 536, 538, 642, 690, 753,
865, 1000

Lauri CERICATO – 213, 657, 792, 795, 807

Laurindo Lalo LEAL FILHO – 230, 787, 848, 998

Léa FAGUNDES – 166, 225, 233, 245, 377, 454, 655, 827, 908, 989

Ledja Austrilino SILVA – 365, 410, 426, 691

Lee Sing KONG – 31, 40, 143, 428, 440, 731, 773, 794, 798, 963, 988

Leo BURD – 83, 726, 859, 910

Leonardo MLODINOW – 694, 914

Leonardo YÁNEZ – 187, 574, 638, 740, 781, 1004

Léopold PAQUAY – 448, 963

Lia Ribeiro CESTARIOLO – 733, 860, 1007

Lia ROSENBERG – 15, 160, 652

Liliana TOLCHINSKY – 100, 102, 105, 404, 592, 905

Lino de MACEDO – 200, 391, 399, 416, 522, 580, 749, 873, 957

LIRA NETO – 454, 581

Lise ELIOT – 128, 170, 195, 336, 434, 481, 586
 Luc FERRY – 184, 206, 209, 345, 414, 430, 517, 559, 562, 749, 830, 927
 Lúcia Helena SASSERON – 143, 173, 607
 Lúcia KLEIN – 763, 819, 863, 1010
 Lúcia Maria BARBOSA – 173, 550
 Luciana Esmeralda OSTETTO – 449, 530, 539, 595, 832
 Luciano PIRES – 21, 93, 228, 264, 710
 Luciene Ricciotti VASCONCELOS – 261, 265, 363, 442, 630, 756
 Lucília NEVES – 40, 70, 215, 348, 535
 Lucíola Licínio de Castro Paixão SANTOS – 232, 252, 453, 631, 914, 932
 Luis CAMNITZER – 424, 580, 665, 805
 Luís Carlos de MENEZES – 54, 73, 627, 700, 848, 866, 900, 986
 Luís Henrique PELLANDA – 165, 593, 877, 916, 955
 Luisa Castiglioni LARA – 18, 284, 739, 745, 754, 799, 805, 842, 1016
 Luiz Alberto GONÇALVES – 254, 432, 486, 504, 763
 Luiz Antonio CUNHA – 21, 148, 429, 591
 Luiz BEZERRA NETO – 44, 283, 422
 Luiz Carlos CAGLIARI – 33, 311, 353, 456, 733
 Luiz Carlos de FREITAS – 45, 270, 431, 483, 659, 861
 Luiz Cláudio COSTA – 303, 351, 527, 594
 Luiz Eduardo Pesce de ARRUDA – 80, 183, 288, 502, 934
 Luiz Eduardo SOARES – 89, 288, 346, 394, 414, 499, 506, 855, 942, 948
 Luiz Márcio IMENES – 650, 716, 815
 Luiza RICOTTA – 161, 492, 538, 604, 616, 957
 Lydia HORTÉLIO – 420, 468, 697, 730, 902

M

Macaé EVARISTO – 198, 449, 484, 779
 Madalena FREIRE – 148, 489, 757, 793, 802, 1013
 Maddalena TEDESCHI – 82, 92, 509
 Magda Becker SOARES – 26, 81, 96, 143, 156, 175, 185, 281, 290, 392, 425, 462,
 504, 551, 597, 613, 647, 658, 664, 673, 686, 696, 736, 766, 808, 836, 839,
 858, 996, 1017
 Maílson da NÓBREGA – 140, 421, 580, 751

Maíra HABIMORAD – 46, 418, 639, 822, 906, 991
Malvina TUTTMAN – 514, 903
Manolo FLORENTINO – 72, 131, 305, 318, 547, 715, 944
Manuel Jacinto SARMENTO – 191, 203, 280, 480, 584, 819
Mara BEHLAU – 79, 330, 356, 830, 896, 1011
Marc ROGER – 231, 433, 864
Marcello DANTAS – 170, 451, 903, 975
Marcelo CABROL – 221, 598, 746
Marcelo Cortes NERI – 46, 451, 791, 1002
Marcelo GLEISER – 39, 294, 380, 558, 562, 658, 697, 841, 866, 912, 918
Marcelo ZELIC – 22, 288, 310, 693
Marcia TIBURI – 74, 243, 322, 455, 503, 515, 675, 762, 798, 856, 889, 946, 991
Márcio da COSTA – 641, 653, 788
Márcio POCHMANN – 66, 136, 249, 266, 679
Marco Antonio DIAS – 24, 178, 248, 254, 736
Marco Aurélio Ferreira VIANNA – 211, 561, 664, 825, 836, 851
Marco FIBROSI – 831, 961
Marco SILVA – 234, 240, 577, 607, 707, 746, 984, 1014
Marcos BAGNO – 34, 94, 109, 367, 387, 396, 424, 461, 463, 487, 511, 549, 665,
677, 689, 744, 812, 999
Marcos Garcia NEIRA – 26, 195, 315, 330, 337, 382, 553, 610, 687
Marcos MAGALHÃES – 16, 94, 218
Marcos MASETTO – 51, 356, 652
Margareth GOLDENBERG – 273, 828, 897
Maria Alice SETUBAL – 47, 125, 162, 272, 328, 348, 372, 376, 377, 474, 574,
815, 882, 942
Maria Antonieta Antunes CUNHA – 30, 72, 148, 218, 398, 640
Maria Antonieta CELANI – 25, 49, 401, 523, 631, 882, 897, 902, 915, 1014
Maria Aparecida Affonso MOYSÉS – 132, 212, 265, 346
Maria Aparecida PEREZ – 543, 802
Maria Aparecida Silva BENTO – 227, 302, 432, 459, 799, 827
Maria Borja SOLÉ, 122, 626
Maria Carla CORROCHANO – 135, 144, 289, 476, 572, 770
Maria Carolina Nogueira DIAS – 56, 882, 1014

- Maria Clara di PIERRO – 112, 203, 355, 888
- Maria Clara SCHNEIDER – 659, 978
- Maria Clotilde ROSSETTI-FERREIRA – 129, 189, 192, 949
- Maria Cristina MANTOVANINI – 115, 333, 417, 602, 963
- Maria da Conceição Ferreira Reis FONSECA – 492, 688, 704, 894
- Maria da Graça HORN – 72, 176, 606, 788, 930
- Maria de Lourdes DIONÍSIO – 257, 528, 565, 682
- Maria do Carmo Brant de CARVALHO – 27, 179, 272, 546, 615, 670, 799
- Maria do Pilar LACERDA – 15, 94, 115, 118, 811
- Maria Elizabeth Bianconcini de ALMEIDA – 149, 236, 532
- Maria Helena FRANCO – 77, 104, 244, 385, 786
- Maria Helena Guimarães de CASTRO – 34, 42, 98, 177, 230, 426, 430, 484, 551,
570, 645, 663, 713, 771, 784, 795, 939
- Maria Isabel ANTUNES-ROCHA – 194, 544, 808
- Maria Isabel Porto da COSTA – 96, 205, 344, 413, 489, 504, 754, 977
- María José DÍAZ-AGUADO – 687, 786, 955
- Maria José FÉRES – 489, 749, 969
- Maria Laura Mouzinho Leite LOPES – 175, 546, 579, 971
- Maria Lúcia CASTANHEIRA – 33, 564, 606, 1010
- Maria Luiza ABAURRE – 25, 568
- Maria Luiza BELLONI – 230, 260, 410, 637
- Maria Luiza BORGES – 300, 399, 568, 695, 698, 704
- Maria Luiza MARCÍLIO – 15, 106, 137, 294, 369, 582, 604
- Maria Malta CAMPOS – 73, 167, 254, 270, 276, 317, 517, 691, 754, 766, 781
- Maria Rita KEHL – 67, 297, 345, 445, 550, 641, 758, 761, 834, 897
- Maria Suzana MENIN – 417, 518, 520, 559
- María Teresa ANDRUETTO – 119, 363, 470, 518, 957
- Maria Teresa Eglér MANTOAN – 72, 157, 304, 314, 364, 473, 489, 599, 654,
708, 805
- Maria Teresa Marques AMARAL – 733, 745, 799
- Maria Thereza Fraga ROCCO – 157, 190, 230, 594, 742, 760, 884
- Maria Yedda Leite LINHARES – 281, 284, 392, 413, 652
- Mariana CALIFE – 155, 213, 806, 898, 952
- Marianne HARDY – 314, 619

Mariano Fernández ENGUITA – 460, 598, 684, 747, 794, 813, 898, 982, 985
Marília Costa DIAS – 64, 315, 487, 689
Marília Pinto de CARVALHO – 71, 319, 322, 343, 614, 639, 870, 996
Marília Pontes SPOSITO – 70, 72, 546, 746, 748, 894, 944, 1004
Mario CARRETERO – 52, 79, 137, 185, 321, 395, 402, 508, 685, 722, 965
Mário CORSO – 31, 77, 116, 132, 184, 195, 204, 228, 269, 276, 296, 318, 580,
715, 757, 847, 856, 888, 981, 998
Mário PERINI – 17, 223, 687, 699, 705, 889
Mario Sergio CORTELLA – 54, 123, 125, 150, 173, 186, 241, 254, 281, 291, 294,
427, 475, 484, 497, 511, 636, 688, 798, 871, 917, 934, 936, 969, 975
Marisa LAJOLO – 22, 106, 399, 716, 848, 897
Marisa VALLADARES – 73, 174, 1009
Marizinha PIMENTEL – 42, 142, 703, 887
Marjo KYLLÖNEN – 259, 666
Marlene Monteiro PEREIRA – 193, 505, 766, 827, 951
Marli ANDRÉ, 52, 126, 906
Marta SUPPLY – 320, 341, 558, 600, 637
Martin CARNOY – 61, 76, 91, 421, 436, 672, 764, 814, 999
Martina ROTH – 222, 405
Matt ANDREWS – 255, 719
Matthew CROWLEY – 61, 815
Maurice BAZIN – 18, 27, 290, 591, 784
Mauricio de SOUSA – 19, 191, 356, 547, 849, 875, 959
Maurício Holanda MAIA – 56, 327, 357, 379, 599, 937
Mauro FISBERG – 19, 79, 128, 357, 837
Mauro MALDONATO – 171, 240, 367, 835, 873
Mauro ROSSO – 318, 698, 755, 852, 972
Max GEHRINGER – 261, 920, 947
Mayrce Terezinha da Silva FREITAS – 529, 713
Melina FURMAN – 620, 626
Mere ABRAMOWICZ – 105, 377, 728
Mia COUTO – 112, 128, 176, 698, 957
Michael APPLE – 124, 136, 154, 284, 323, 552, 585, 739, 968, 1018
Michele KNOBEL – 240, 554, 578, 683, 987

Michèle SATO – 222, 722, 741, 779, 1004
Miguel ARROYO – 24, 124, 293, 429, 576, 588, 628, 740, 929
Miguel CENTENO – 324, 378, 403, 557, 855
Miguel DAUD – 93, 260, 263
Miguel MOREY – 42, 169, 350, 565, 628, 968, 983
Miguel PEROSA – 60, 137, 231, 252, 258, 534, 775, 884, 957, 1004
Miguel SANCHES NETO – 165, 593, 877, 916, 955
Miguel ZABALZA – 179, 592, 601, 730, 805, 827
Mila PETRILLO – 284, 407, 784, 845, 947
Milena ARAGÃO – 384, 870, 901, 945, 961, 996
Milton HATOUM – 218, 405, 454, 741
Milton SANTOS – 27, 69, 570, 619, 676
Mira BROWNE – 533, 617
Miriam ABRAMOVAY – 84, 157, 287, 299, 345, 377, 523, 880, 905, 944, 958,
979
Miriam SKJORTEN – 144, 315, 490, 794, 892
Mirian Celeste MARTINS – 51, 175, 549, 637, 845
Mirta CASTEDO – 122, 436, 458
Mitchel RESNICK – 225, 541, 735
Moacir GADOTTI – 127, 139, 145, 157, 178, 447, 459, 531, 649, 739, 748, 796,
836, 890, 932, 971, 974
Mônica Castagna MOLINA – 82, 442
Mônica Gardelli FRANCO – 271, 370
Monica GATHER-THURLER – 82, 86, 162, 577
Mônica MEYER – 23, 28, 110, 152, 246, 388, 463, 651, 776, 782, 843, 849, 901
Mônica MOLINA – 83, 262
Mônica PINAZZA – 62, 596, 813, 832
Mônica Pinheiro do PRADO – 96, 205, 344, 413, 489, 504, 754, 977
Mozart Neves RAMOS – 55, 58, 86, 88, 274, 586, 598, 696, 907, 921, 963, 1005
Murílio HINGEL – 35, 205, 376, 379, 428, 622, 742, 774
Murilo PINHEIRO – 40, 363
Myriam NEMIROVSKY – 363, 918, 927
Myrtes ALONSO – 359, 1013

N

- Nadia A. BOSSA – 188, 695, 722
 Nádia Battella GOTLIB – 61, 342, 402, 872
 Naércio Aquino MENEZES FILHO – 67, 255, 375, 796
 Naomar Monteiro de ALMEIDA FILHO – 510, 571
 Neidson RODRIGUES – 33, 136, 326
 Neil GROSS – 460, 512, 743
 Nelly Novaes COELHO – 351, 825, 885, 900, 990
 Nelson Cardoso AMARAL – 255, 548, 592
 Neus Sanmartí PUIG – 734, 828
 Nice TERZI – 831, 961
 Nicky HOCKLY – 405, 632, 642
 Nicolas HULOT – 549, 629, 840, 876
 Nietta Lindenberg MONTE – 272, 308
 Nilda Teves FERREIRA – 155, 184, 275, 350, 389, 424, 520, 725, 851, 953
 Nilma Lino GOMES – 167, 299, 303, 433, 475, 480, 646, 688, 701, 704, 743
 Nilson José MACHADO – 347, 519, 522, 537, 664, 814, 941, 972
 Nina RANIERI – 439, 706
 Nina Rosa FURTADO – 206, 242, 370, 496, 656, 759, 852, 957, 981
 Niso PREGO – 27, 368, 808
 Nita FREIRE – 121, 149, 172, 178, 215, 249, 407, 528, 603, 751, 769, 935
 Nora KRAWCZYK – 258, 267, 348, 446, 452, 572, 789, 967

O

- Oded GRAJEW – 260, 543, 661
 Olavo de CARVALHO – 227, 392, 459, 462, 555, 558, 567, 673, 676, 854, 869,
 884
 Ole SKOVSMOSE – 656, 706, 757, 903
 Olga de SÁ, 123, 292, 852, 931
 Olga Franco GARCÍA – 190, 555, 821, 908
 Oscar HIPÓLITO – 91, 261, 442
 Oscar Vilhena VIEIRA – 364, 431, 512, 741, 753, 874
 Oswaldo Hajime YAMAMOTO – 54, 314, 456, 486, 492, 766, 893

P

- Pablo GENTILI – 151, 249, 471, 525, 612, 860
- Pablo IMEN – 309, 493, 508
- Pamela BRUENING – 68, 521, 551
- Paola STROZZI – 535, 747, 832, 853
- Paolo FONTANI – 493, 662
- Pap NDIAYE – 191, 300, 303, 324, 488, 752, 906
- Pasi SAHLBERG – 128, 484, 647, 831
- Pasquale CIPRO NETO – 172, 215, 396, 402, 580, 619, 676, 869, 896, 966
- Patrícia DIAZ – 59, 608
- Patricia SADOVSKY – 18, 55, 522, 606, 876
- Paul VIRILIO – 250, 556, 571, 629, 825
- Paula Hilst SELLI – 168, 188
- Paula LOUZANO – 282, 508, 680, 741, 758, 945
- Paula POGRÉ, 623, 629, 667, 728, 802, 1007
- Paulo Afonso RONCA – 293, 606, 619, 685, 718
- Paulo ARTAXO – 67, 90, 653
- Paulo CORBUCCI – 66, 549, 570
- Paulo FREIRE – 15, 84, 99, 178, 181, 208, 290, 392, 456, 459, 462, 498, 501, 552, 579, 600, 625, 700, 724, 727, 733, 736, 739, 742, 748, 772, 818, 842, 968, 995, 1017
- Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR – 48, 108, 137, 215, 276, 296, 327, 389, 408, 427, 566, 567, 631, 653, 840
- Paulo JUBILUT – 238, 244, 247, 850, 858, 913
- Paulo MEKSENAS – 105, 326, 393, 749, 833, 842, 920
- Paulo Renato SOUZA – 57, 66, 90, 106, 166, 202, 254, 269, 371, 408, 438, 447, 609, 615, 637, 679, 794, 902, 920
- Paulo Sérgio ALMEIDA – 68, 156, 440, 636, 780
- Paulo TATIT – 336, 355
- Pedro BANDEIRA – 37, 408, 467, 610, 645, 810, 815, 838, 864, 891, 940, 999
- Pedro DEMO – 245, 362, 393, 631, 878, 989
- Pedro Luis PUNTONI – 554
- Pedro RAVELA – 58, 719, 1014
- Peter HUNT – 381, 496, 569, 616, 889

Peter LUCAS – 24, 272, 386, 601

Peter MITTLER – 314, 380, 793

Peter MORTIMORE – 45, 142, 911, 941

Peter MOSS – 249, 299, 315, 320, 477, 501, 507, 513, 534, 674, 814

Philippe MEIRIEU – 212, 417, 520, 556, 638, 671, 879, 933, 944

Philippe PERRENOUD – 45, 87, 154, 278, 389, 528, 582, 606, 700, 718, 998

Pier Cesare RIVOLTELLA – 115, 184, 224, 228, 553

Pierre LÉVY – 36, 48, 60, 122, 139, 170, 245, 456, 623, 716, 718, 787, 894, 962,
983

Piyo RATTANSI – 504, 561

Priscila CRUZ – 349, 361, 391, 484, 529, 542, 927, 1006

R

Rachel LOTAN – 451, 485, 545, 624, 701, 711

Rafael LUCCHESI – 68, 258, 717

Rafael YUS – 81, 137, 164, 203, 571, 610, 674, 707, 936

Ramon M. COSENZA – 85, 339, 728, 900

Raquel Elizabete de SOUZA – 348, 360, 737

Raquel Gonçalves SALGADO – 200, 228, 747, 779

Raquel MOMM – 170, 336, 767

Rebeca OTERO – 47, 422, 490

Regina de ASSIS – 90, 190, 411, 486

Regina Leite GARCIA – 99, 111, 130, 291, 350, 398, 420, 552, 603, 670, 697,
866, 929, 956

Regina PONTIERI – 369, 411, 650

Regina ZILBERMAN – 30, 175, 763, 887

Régine KOLINSKY – 292, 452

Reijo LAUKKANEN – 439, 531, 773, 814, 939

Reinaldo PASSADORI – 85, 583

Reinildes DIAS – 85, 239, 526, 767

Rena PALLOFF – 43, 52

Renata FELINTO – 22, 209, 306, 472

Renata LIBÓRIO – 185, 197, 242, 246, 342, 394, 783, 945, 1005

Renata Lima ASPIS – 351, 445

Renata Maria Braga SANTOS – 235, 418
Renata MEIRELLES – 844, 859
Renato Janine RIBEIRO – 256, 267, 373, 394, 446, 523, 633
Reynaldo FERNANDES – 155, 457, 492, 592, 601, 662, 814
Ricardo AZEVEDO – 25, 466, 550, 553
Ricardo BEVILACQUA – 154, 203, 258, 423, 965
Ricardo FRAGELLI – 138, 223, 844, 1015
Ricardo MADEIRA – 59, 545, 632, 816
Ricardo Paes de BARROS – 125, 196
Ricardo SEMLER – 17, 38, 141, 213, 262, 268, 271, 295, 611, 702, 714
Richard BÜCHER – 344, 444, 778, 781, 875
Richard HARTILL – 27, 161, 252, 273, 921
Richard MURNANE – 155, 168, 235, 602, 610, 666
Rita COELHO – 313, 662, 809
Rita MENDONÇA – 335, 414, 857
Rita POTYGUARA – 303, 309, 791
Roberto APARICI – 114, 227, 248, 263, 413, 468, 480
Roberto CARNEIRO – 140, 224, 239, 616, 698, 891, 936
Roberto de Andrade MARTINS – 326, 386, 634, 667, 766
Roberto LENT – 31, 86, 129, 214, 237, 333, 337, 338, 702, 727, 803, 877, 918,
994
Roberto MACEDO – 60, 269, 435, 821
Roberto ZIEMER – 377, 589, 920, 962, 992, 1001
Rocío GARCÍA-CARRIÓN – 325, 385, 418, 479, 542, 632, 771
Rodolfo Yamamoto NEVES – 544, 647
Rodrigo BAGGIO – 239, 311, 525, 863
Rodrigo TRAVITZKI – 261, 313
Roger CHARTIER – 71, 106, 133, 227, 233, 242, 556, 564, 569, 609, 632, 659,
745, 802, 846, 973
Rogério MAINARDES – 261, 264, 368, 537, 615
ROMÁRIO – 197, 318, 333
Romeu Weliton CAPUTO – 103, 891
Romualdo Portella de OLIVEIRA – 49, 88, 366, 541, 797
Ronice QUADROS – 316, 494, 871

Rosa María Torres del CASTILLO – 44, 97, 109, 372
 Rosangela BOLZE – 320, 341, 410, 691
 Rose NEUBAUER – 305, 308, 312, 721
 Roseli Cação FONTANA – 217, 317, 740, 763, 893, 902, 1010, 1013
 Roseli de Deus LOPES – 468, 665, 725
 Roseli FISCHMANN – 121, 181, 437, 497, 503, 560, 669, 774, 824, 830, 923
 Rosely SAYÃO – 50, 116, 134, 207, 210, 434, 448, 626, 776, 800
 Rovilson José BUENO – 33, 102, 706
 Rubem ALVES – 16, 118, 148, 170, 179, 211, 214, 302, 407, 466, 511, 561, 588,
 603, 612, 619, 625, 643, 764, 803, 833, 842, 855, 863, 875, 890, 900, 930,
 941
 Rubens Barbosa de CAMARGO – 101, 629, 719, 846
 Rui CANÁRIO – 75, 118, 438, 519, 573, 712, 1019
 Rui FAVA – 186, 226, 352, 729, 883
 Rui TRINDADE – 190, 199, 287, 395, 544
 Ruth CARDOSO – 69, 311, 410
 Ruy BERGER – 224
 Ruy Cezar do Espírito SANTO – 122, 556, 698, 701, 872, 936
 Ruy FAUSTO – 352, 375, 452, 455, 572, 581, 895, 991
 Ryon BRAGA – 146, 152, 222, 246, 261, 447, 713

S

Sally GARDNER – 219, 361, 405, 632, 855
 Salman KHAN – 19, 58, 170, 200, 695, 756
 Samuel LAGO – 93, 151, 890
 Sandra Pereira TOSTA – 801, 931, 984
 Sandra TORRESI – 339, 490, 873
 Sandra ZÁKIA – 90, 269, 644, 677
 Sara PAÍN – 48, 172, 175, 401, 540, 622, 649, 670, 700, 727, 775, 893
 Saskia SASSEN – 280, 286, 702
 Saturnino de la TORRE – 79, 266, 537, 724
 Selma Garrido PIMENTA – 94, 743
 Sérgio FARACO – 326
 Sérgio HADDAD – 70, 75, 251, 450, 453, 609, 674, 749

Sergio Henrique FERREIRA – 336, 626, 767
 Sergio MAGNANI – 291, 365, 501, 558, 600, 772, 839, 851
 Sergio MARTINIC – 508, 978
 Silke WEBER – 63, 495
 Silvia CASTRILLÓN – 49, 478, 526
 Silvia COZZOLINO – 264, 332, 381, 424
 Silvia Gasparian COLELLO – 173, 285, 695, 915, 917, 951
 Silvia Helena Vieira CRUZ – 482, 705, 777
 Sílvio GALLO – 39, 97, 351, 445, 730
 Simon FRANCO – 24, 350, 603, 911
 Simon SCHWARTZMAN – 118, 176, 294, 387, 436, 438, 650
 Sírio POSSENTI – 99, 149, 169, 301, 414, 465, 506, 525, 552, 626, 643, 663,
 704, 849, 914, 989
 Solon VIOLA – 161, 232, 513, 519, 529, 555, 649
 Sonia BARREIRA – 406, 614, 678, 907
 Sonia JACKSON – 187, 755, 995
 Sônia KRAMER – 178, 214, 413, 432, 643, 679, 736, 748, 845, 899
 Sonia Machado JARDIM – 125, 568, 840, 900
 Sônia Maria Portella KRUPPA – 368, 435, 600, 628, 661
 Sonia Simões COLOMBO – 762, 803, 910, 984
 Spencer KAGAN – 683, 797
 Stela BARBIERI – 172, 215, 273, 279, 641, 697, 857
 Suelaine CARNEIRO – 300, 306, 473, 481, 717
 Susan Bray STAINBACK – 208, 489, 959, 980
 Susana AZEVEDO – 67, 707, 910, 963
 Susanna MANTOVANI – 317, 380
 Suzana DOBLINSKI – 84, 208, 353, 519, 643
 Sylvain BROCCOLICHI – 548, 870

T

T. Berry BRAZELTON – 187, 317, 427, 788
 Tania PARIS – 229, 243, 325, 331, 388, 765, 780, 829, 925, 948, 997
 Tânia Ramos FORTUNA – 73, 162, 470, 849, 886
 Tânia RESENDE – 58, 119, 212, 716

Tânia SCHMIDT – 573, 703, 980

Tania ZAGURY – 108, 212, 392, 516, 540, 670, 779, 840, 879, 912, 924, 951,
966, 980, 992

Tarso GENRO – 471, 571, 644, 704, 725

Tatiana BELINKY – 131, 218, 517, 671, 882

Telma VINHA – 76, 416, 472, 508, 523, 661, 758, 776, 924, 926, 945, 954

Telma WEISZ – 39, 124, 650, 704, 870, 878

Teresa COLOMER – 101, 206, 242, 412, 466

Teresa PINHEIRO – 82, 141, 243, 692, 847, 873, 1014

Tereza PEREZ – 41, 123, 210, 382, 412, 482, 500, 738, 771

Terezinha NUNES – 37, 75, 128, 359, 629

Thelma POLON – 17, 206, 243

Thiago PEIXOTO – 70, 375

Thomas ARMSTRONG – 87, 209, 245, 340, 414, 445, 493, 620, 625, 743, 867,
885

Thomas O'BRIEN – 233, 365, 728, 751

Tiã ROCHA – 108, 152, 212, 276, 371, 453, 465, 538, 761, 848, 864, 926, 932,
974

Timothy IRELAND – 203, 330, 348, 478, 796, 927

Tina Roig PLANS – 278, 694, 956

Todd LUBART – 621, 624, 726

Todd PARR – 76, 590, 948

Tomaz WONGHON – 275, 287, 793

Tufi Machado SOARES – 155, 213, 806, 898, 952

Tullia MUSATTI – 205, 317, 597

U

Ubiratan D'AMBROSIO – 125, 140, 308, 365, 561, 564, 677, 775, 905, 915, 932,
977, 995

Ugo GIORGETTI – 403, 638, 677

Ulrike HÖVELMANN – 842, 996

Umberto GALIMBERTI – 79, 131, 134, 510, 513, 555, 692, 899

Urs GASSER – 70, 240

V

Valdemar SETZER – 233, 582, 634, 643, 664
 Vanda Gusmão DOBRANSKI – 59, 713, 752
 Vanderlei Gomes de QUEIROZ – 307, 608, 994
 Vasco MORETTO – 21, 167, 507, 583, 655, 731, 822
 Vera CABRAL – 29, 274, 608
 Vera Lucia Messias Fialho CAPELLINI – 316, 491, 660
 Vicky COLBERT – 540, 728
 Victor MIRSHAWKA – 585, 990
 Violeta Hemsy de GAINZA – 115, 180, 574, 930
 Virgínia SCHALL – 36, 103, 375, 463, 680, 683, 721, 729, 811, 852
 Vital DIDONET – 127, 142, 280, 410, 497, 831
 Vitor HAASE – 333, 981
 Viviane SENNA – 20, 87, 149, 534, 623, 652, 784, 938
 Vivina de Assis VIANA – 214, 217, 407, 498, 564, 998
 Vladimir CAPELLA – 191, 640, 671, 927, 1011

W

Wagner Wey MOREIRA – 28, 194, 336, 767, 788
 Wander SOARES – 81, 368, 426, 643, 781
 Wanderley CODO – 76, 221, 267, 641, 686, 752, 872, 888, 906, 951
 Werner MARKERT – 139, 727
 William CORSARO – 199, 354, 522, 583, 908
 William FRAWLEY – 127, 429, 667, 709, 818
 Wrana PANIZZI – 570, 579, 929

X

Xesús R. JARES – 383, 495, 499, 680, 772, 969, 972

Y

Yolanda REYES – 91, 149, 155, 189, 192, 310, 598, 904, 922
 Yong ZHAO – 440, 587, 761, 922
 Yves de la TAILLE – 15, 104, 146, 183, 231, 236, 270, 347, 354, 373, 472, 515,
 516, 532, 559, 640, 760, 774, 775, 816, 865, 870, 887, 909, 936, 943, 960,
 968, 975, 988, 993, 997

Yves SCHWARTZ – 148, 477

Yvette JACKSON – 690, 904, 963, 1002

Yvonne Bezerra de MELLO – 287, 338, 390, 1001

Z

Zilma de Moraes Ramos de OLIVEIRA – 204, 732, 792, 820, 976, 982

ZIRALDO – 163, 335, 854

Zoara FAILLA – 83, 862, 877, 919

ÍNDICE REMISSIVO

A

ADMINISTRAÇÃO – 99, 269, 301, 545, 556, 878, 899, 968

ADOLESCÊNCIA – 60, 67, 82, 124, 205, 208, 209, 215, 230, 285, 342, 354, 381, 492, 643, 671, 682, 699, 710, 779, 833, 872, 897, 907, 917, 1002, 1008

ÁFRICA – 22, 27, 131, 152, 194, 257, 299, 300, 306, 318, 323, 395, 407, 487, 505, 701, 704, 840, 944, 971, 1021

ALEMANHA – 34, 139, 214, 438, 552, 600, 717, 754, 803

ALFABETIZAÇÃO – 19, 32, 40, 42, 70, 86, 103, 130, 160, 172, 178, 199, 201, 245, 250, 297, 311, 323, 336, 365, 368, 387, 389, 399, 404, 413, 425, 437, 452, 458, 540, 556, 564, 576, 601, 613, 628, 636, 637, 638, 646, 650, 658, 663, 677, 709, 715, 726, 727, 730, 733, 748, 751, 785, 794, 825, 839, 870, 882, 887, 979, 980, 996

ALIMENTAÇÃO – 61, 128, 189, 334, 335, 346, 389, 404, 509, 559, 694, 756, 779, 782, 793, 820, 832, 837, 978

AMÉRICA LATINA – 27, 28, 38, 55, 58, 94, 102, 179, 206, 258, 278, 314, 350, 421, 427, 429, 441, 442, 453, 454, 469, 483, 546, 573, 583, 595, 612, 717, 733, 737, 806, 922, 933, 959, 969, 1004, 1008

ANALFABETISMO – 42, 69, 202, 203, 231, 274, 311, 361, 375, 387, 392, 410, 426, 740, 753, 790, 812, 846, 871, 896, 927, 938

ANÍSIO TEIXEIRA – 105, 317, 607, 892, 956

APOIO – 21, 51, 76, 90, 144, 173, 202, 213, 275, 279, 304, 314, 315, 360, 379, 395, 397, 398, 406, 427, 439, 499, 508, 516, 542, 566, 569, 597, 666, 680, 775, 781, 784, 814, 815, 827, 828, 841, 850, 873, 904, 905, 920, 925, 928, 940, 949, 955, 990, 1005, 1013, 1018

APOSENTADORIA – 151, 206, 267, 608, 830, 872

APOSTILA(S) – 50, 81, 271, 404, 409, 437, 702, 967, 984

APRENDIZAGEM – 20, 22, 25, 31, 41, 42, 43, 46, 48, 52, 57, 59, 61, 70, 73, 74, 81, 82, 86, 91, 92, 105, 108, 112, 113, 114, 118, 119, 120, 122, 135, 142, 143, 146, 153, 159, 162, 163, 173, 180, 183, 188, 193, 200, 203, 212, 222, 226, 228, 245, 246, 259, 267, 270, 273, 278, 280, 305, 315, 323, 325, 338, 339, 340, 341, 362, 363, 367, 371, 372, 374, 383, 387, 393, 395, 398, 399, 401, 412, 418, 432, 436,

- 439, 457, 458, 466, 472, 475, 478, 482, 485, 489, 490, 493, 496, 529, 531, 532, 533, 540, 542, 544, 554, 565, 574, 579, 583, 589, 592, 593, 597, 598, 609, 616, 617, 622, 623, 629, 631, 632, 642, 647, 650, 655, 656, 660, 661, 668, 669, 682, 686, 700, 705, 706, 709, 712, 718, 720, 723, 726, 729, 732, 733, 735, 737, 757, 766, 767, 775, 786, 790, 791, 793, 797, 803, 806, 807, 814, 815, 818, 823, 827, 829, 832, 836, 837, 843, 844, 855, 861, 866, 868, 870, 872, 878, 882, 886, 887, 893, 903, 910, 914, 932, 942, 951, 954, 955, 962, 963, 964, 976, 980, 981, 982, 983, 988, 993, 995, 998, 999, 1003, 1005, 1007, 1014
- ARGENTINA – 55, 89, 193, 200, 244, 248, 251, 406, 420, 423, 450, 509, 547, 598, 749, 787, 820, 957, 1020
- ARTE(S) – 30, 64, 31, 34, 49, 75, 51, 84, 109, 127, 143, 164, 167, 170, 172, 175, 188, 196, 209, 215, 222, 239, 258, 263, 272, 279, 285, 337, 340, 365, 366, 398, 420, 424, 456, 458, 467, 505, 525, 526, 549, 558, 567, 580, 586, 587, 590, 613, 620, 634, 637, 640, 641, 649, 676, 680, 706, 725, 726, 732, 743, 763, 805, 839, 845, 851, 857, 876, 882, 884, 885, 899, 914, 929, 930, 945, 947, 948, 956, 980, 990, 991, 1008, 1011, 1017
- ATENÇÃO – 38, 44, 52, 53, 58, 59, 61, 70, 87, 89, 107, 114, 123, 129, 150, 152, 158, 170, 176, 189, 190, 191, 198, 205, 217, 260, 269, 270, 272, 295, 307, 315, 330, 332, 339, 346, 351, 363, 369, 374, 380, 381, 392, 395, 403, 404, 421, 444, 475, 478, 481, 496, 513, 516, 534, 538, 549, 579, 589, 593, 609, 614, 617, 622, 630, 638, 661, 684, 692, 694, 722, 729, 734, 739, 754, 756, 767, 768, 778, 799, 811, 815, 821, 827, 837, 867, 869, 885, 890, 914, 915, 929, 938, 945, 951, 954, 956, 959, 960, 966, 985, 986, 994, 998, 1001, 1002, 1003, 1004, 1009, 1012
- ATITUDES – 102, 108, 246, 314, 320, 379, 497, 499, 510, 514, 529, 614, 627, 644, 718, 757, 779, 813, 837, 952, 992
- ATUALMENTE – 16, 40, 100, 134, 156, 212, 233, 236, 257, 375, 378, 417, 424, 463, 520, 528, 611, 709, 749, 759, 796, 942, 952, 977, 987, 996
- AULA(S) – 18, 36, 20, 29, 32, 38, 34, 39, 40, 42, 58, 59, 69, 76, 78, 80, 81, 90, 93, 95, 97, 99, 100, 106, 108, 110, 113, 118, 119, 120, 137, 141, 143, 146, 149, 151, 153, 158, 160, 164, 172, 174, 176, 179, 181, 188, 194, 195, 213, 215, 221, 225, 231, 233, 236, 238, 242, 247, 270, 275, 279, 282, 283, 287, 293, 294, 297, 301, 307, 312, 319, 326, 327, 332, 333, 338, 340, 351, 354, 356, 360, 362, 363, 364, 370, 373, 374, 393, 396, 398, 401, 405, 411, 412, 417, 437, 453, 456, 457, 462, 463, 465, 466, 472, 481, 496, 498, 499, 508, 516, 520, 526, 532, 534, 535, 541, 543,

549, 558, 566, 577, 578, 580, 581, 582, 583, 585, 589, 591, 599, 600, 604, 606, 607, 609, 612, 616, 621, 626, 629, 631, 640, 641, 642, 643, 644, 646, 649, 651, 652, 653, 658, 659, 664, 671, 677, 678, 680, 681, 682, 684, 689, 695, 697, 698, 702, 712, 713, 718, 726, 727, 734, 735, 739, 741, 756, 757, 763, 765, 767, 768, 769, 773, 775, 785, 789, 790, 797, 799, 806, 812, 828, 833, 834, 839, 846, 850, 852, 854, 858, 860, 862, 863, 865, 867, 870, 871, 878, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 887, 890, 895, 896, 899, 910, 911, 914, 915, 918, 922, 926, 947, 963, 966, 969, 970, 975, 978, 980, 981, 985, 986, 987, 989, 993, 998, 999, 1003, 1008, 1011, 1013, 1015, 1019, 1020, 1024, 1025

AUTOR(ES) – 22, 137, 30, 34, 120, 142, 126, 157, 183, 227, 245, 263, 309, 319, 351, 368, 369, 464, 501, 517, 521, 553, 555, 559, 568, 589, 633, 648, 658, 664, 698, 712, 714, 720, 736, 758, 812, 816, 837, 846, 848, 849, 881, 889, 897, 901, 902, 918, 939, 957, 1010, 1018

AVALIAÇÃO – 26, 45, 62, 79, 90, 97, 101, 108, 109, 143, 153, 163, 166, 252, 258, 269, 270, 303, 316, 340, 341, 356, 368, 371, 372, 377, 401, 424, 426, 429, 438, 448, 474, 481, 483, 490, 502, 511, 529, 540, 553, 577, 579, 580, 586, 587, 601, 616, 617, 639, 640, 641, 643, 651, 656, 657, 662, 668, 679, 690, 691, 697, 706, 726, 728, 730, 750, 761, 781, 782, 786, 806, 814, 815, 818, 819, 824, 828, 873, 882, 887, 902, 933, 945, 946, 962, 963, 971, 975, 977, 982, 1008

AVANÇO(S) – 79, 160, 134, 145, 147, 174, 157, 184, 187, 190, 195, 275, 292, 303, 332, 347, 351, 376, 404, 413, 422, 428, 429, 430, 496, 539, 619, 623, 628, 632, 660, 679, 686, 705, 818, 841, 903, 923, 926, 973, 989

B

BIBLIOTECA(S) – 21, 49, 26, 43, 44, 52, 48, 82, 103, 111, 119, 148, 165, 177, 204, 215, 216, 217, 218, 230, 236, 357, 402, 412, 437, 447, 448, 479, 480, 543, 571, 626, 629, 634, 635, 638, 716, 763, 778, 781, 808, 809, 840, 841, 846, 857, 864, 973, 995, 1021

BIOLOGIA – 122, 152, 178, 332, 398, 492, 566, 574, 625, 629, 966

BNCC – 177, 484, 485, 714, 777

BRINCADEIRAS – 74, 132, 191, 195, 318, 336, 337, 400, 554, 584, 610, 698, 724, 730, 731, 760, 783, 849, 859, 893, 951

BRINQUEDO(S) – 80, 85, 194, 195, 278, 279, 318, 330, 375, 417, 522, 584, 630, 697, 698, 713, 803, 833, 848, 886, 951, 996

BULLYING – 194, 240, 243, 287, 325, 384, 387, 390, 434, 505, 607, 659, 765, 771, 780, 819, 829, 879, 925, 946, 949, 955, 960, 997

C

CADERNO(S) – 50, 76, 106, 211, 432, 442, 619, 699, 842, 915, 954, 1024

CAPACITAÇÃO – 51, 56, 66, 88, 95, 97, 109, 110, 261, 267, 292, 452, 503, 597, 612, 940, 966

CARREIRA – 53, 57, 88, 95, 109, 143, 261, 283, 329, 365, 369, 389, 390, 423, 435, 460, 488, 549, 561, 574, 582, 603, 604, 614, 615, 650, 659, 695, 702, 731, 739, 769, 799, 828, 836, 838, 891, 908, 961, 963, 970, 985, 1010, 1023

CASTIGO – 42, 190, 384, 441, 518, 644, 716, 761, 809, 841, 870, 924

CHILE – 37, 97, 251, 255, 390, 421, 426, 436, 438, 441, 442, 445, 450, 547, 655, 764, 787, 921, 1015, 1020

CIÊNCIAS – 27, 31, 39, 52, 55, 59, 69, 73, 82, 93, 122, 124, 136, 138, 145, 173, 196, 215, 216, 222, 224, 250, 278, 332, 348, 350, 362, 395, 398, 440, 446, 466, 468, 481, 504, 526, 527, 561, 562, 567, 574, 589, 620, 647, 659, 663, 669, 673, 674, 681, 700, 713, 714, 725, 732, 743, 866, 895, 1004

CIÊNCIAS HUMANAS – 27, 31, 69, 215, 224, 481, 574, 714, 895, 1004

CINEMA – 31, 51, 64, 79, 99, 179, 227, 231, 244, 278, 279, 341, 351, 420, 423, 489, 495, 543, 610, 661, 706, 851, 867, 882, 1008

CIVILIZAÇÃO – 200, 248, 291, 299, 377, 420, 486, 741, 884, 956

COGNITIVO(A) – 31, 47, 165, 169, 184, 186, 190, 294, 316, 321, 332, 343, 352, 396, 397, 417, 423, 462, 527, 531, 620, 623, 669, 673, 708, 786, 818, 836, 948, 963, 994

COLABORAÇÃO – 110, 224, 240, 242, 521, 526, 586, 655, 789, 892, 932, 935

COLEGA(S) – 15, 21, 22, 23, 58, 59, 77, 130, 143, 159, 161, 176, 208, 217, 242, 261, 275, 283, 288, 300, 303, 304, 307, 312, 314, 323, 325, 344, 367, 370, 384, 386, 389, 408, 471, 472, 477, 485, 489, 490, 509, 521, 534, 567, 583, 588, 591, 602, 633, 641, 665, 695, 766, 768, 771, 773, 779, 781, 784, 790, 792, 794, 805, 824, 840, 851, 871, 925, 933, 935, 945, 952, 953, 960, 970, 975, 983, 984, 992, 999, 1001, 1014, 1023

COLÉGIO(S) – 24, 40, 55, 107, 119, 144, 196, 215, 243, 262, 281, 294, 330, 357, 405, 454, 483, 558, 715, 862, 891, 927, 978

- COLETIVO – 45, 60, 65, 86, 183, 184, 253, 268, 326, 338, 347, 386, 393, 431, 463, 472, 518, 530, 576, 591, 801, 816, 824
- COMPETÊNCIA(S) – 17, 21, 32, 33, 35, 55, 62, 105, 118, 122, 139, 160, 166, 188, 248, 250, 257, 258, 268, 278, 303, 328, 340, 358, 396, 430, 439, 472, 485, 493, 499, 503, 507, 508, 512, 525, 527, 534, 577, 579, 585, 589, 615, 622, 623, 626, 631, 648, 655, 660, 663, 680, 682, 684, 700, 706, 709, 737, 754, 785, 799, 806, 811, 822, 828, 829, 842, 846, 848, 870, 900, 934, 941, 962, 967, 993, 998, 1011, 1023
- COMPLEXIDADE – 27, 54, 64, 155, 173, 206, 316, 320, 359, 415, 428, 477, 513, 534, 583, 612, 655, 669, 704, 811, 866, 868, 876, 972
- COMPORTAMENTO(S) – 52, 68, 81, 129, 132, 164, 177, 185, 193, 208, 209, 230, 231, 236, 315, 327, 335, 345, 354, 366, 370, 375, 378, 379, 382, 383, 417, 436, 488, 497, 501, 513, 541, 550, 592, 597, 606, 608, 638, 643, 659, 661, 684, 687, 703, 704, 731, 755, 760, 762, 765, 766, 771, 772, 775, 778, 779, 782, 783, 785, 821, 822, 823, 842, 855, 857, 873, 877, 903, 929, 949, 954, 959, 960, 975, 980, 981, 995, 997, 1001, 1002, 1018
- COMUNICAÇÃO – 43, 46, 69, 90, 93, 105, 115, 131, 139, 149, 156, 158, 161, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 231, 243, 261, 264, 268, 330, 334, 347, 361, 369, 372, 374, 386, 414, 433, 444, 479, 480, 483, 510, 541, 542, 553, 562, 580, 588, 589, 615, 628, 640, 642, 667, 669, 682, 700, 704, 706, 721, 725, 742, 757, 769, 803, 844, 882, 888, 912, 915, 916, 926, 938, 976, 996, 1008, 1012
- CONCEITO(S) – 19, 30, 35, 46, 51, 59, 76, 85, 87, 94, 122, 141, 149, 154, 169, 170, 182, 183, 187, 203, 251, 257, 258, 266, 272, 276, 291, 302, 303, 331, 336, 342, 353, 362, 392, 421, 440, 448, 451, 459, 478, 480, 483, 508, 519, 521, 526, 578, 623, 633, 656, 661, 666, 668, 674, 685, 706, 707, 712, 714, 721, 724, 727, 728, 730, 731, 732, 744, 752, 760, 761, 770, 784, 785, 792, 813, 830, 834, 876, 895, 908, 911, 926, 943, 981, 990, 993, 998, 1003, 1004, 1007, 1011
- CONCURSO – 18, 24, 37, 63, 100, 103, 196, 211, 281, 350, 463, 511, 604, 680, 854, 906, 919, 950, 967, 977
- CONDUTA(S) – 60, 149, 370, 432, 513, 517, 851, 1001, 1004, 1011
- CONHECIMENTO(S) – 17, 18, 21, 25, 31, 33, 34, 36, 38, 41, 43, 47, 48, 51, 54, 64, 72, 73, 78, 81, 82, 85, 93, 96, 98, 100, 102, 103, 107, 110, 113, 114, 115, 120, 121, 122, 124, 127, 137, 140, 141, 145, 146, 148, 149, 152, 154, 155, 161, 166, 167, 169, 171, 174, 175, 177, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 190, 191, 198, 200, 211, 215,

223, 224, 225, 226, 228, 236, 239, 240, 241, 246, 249, 250, 257, 263, 277, 278, 280, 284, 294, 297, 304, 307, 308, 311, 315, 316, 323, 326, 327, 332, 337, 338, 340, 347, 354, 362, 374, 375, 377, 379, 382, 387, 391, 396, 398, 400, 405, 411, 413, 416, 420, 432, 433, 437, 440, 441, 443, 444, 457, 466, 470, 472, 473, 481, 482, 483, 490, 492, 494, 495, 496, 504, 512, 514, 519, 526, 528, 529, 531, 533, 538, 544, 546, 550, 552, 553, 555, 557, 560, 563, 565, 567, 568, 569, 570, 572, 573, 574, 578, 579, 581, 583, 586, 588, 591, 592, 595, 597, 606, 612, 614, 615, 617, 619, 620, 621, 625, 626, 627, 629, 633, 634, 635, 637, 640, 644, 646, 647, 649, 652, 655, 657, 663, 665, 667, 670, 673, 680, 684, 687, 692, 694, 695, 697, 699, 701, 702, 703, 704, 708, 709, 712, 713, 714, 715, 718, 720, 721, 722, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 734, 737, 740, 743, 749, 752, 755, 757, 759, 760, 761, 765, 769, 773, 799, 802, 805, 806, 811, 818, 822, 827, 828, 833, 835, 836, 840, 844, 846, 849, 854, 860, 864, 867, 876, 877, 885, 890, 893, 899, 901, 908, 914, 916, 918, 922, 931, 932, 934, 936, 942, 947, 963, 971, 972, 974, 975, 976, 978, 979, 987, 989, 991, 995, 998, 1007, 1008, 1016, 1023

CONQUISTA(S) – 99, 108, 121, 297, 338, 363, 369, 406, 443, 468, 486, 528, 529, 543, 562, 564, 588, 701, 704, 808, 853, 879, 884, 885, 990, 1002

CONSTITUIÇÃO – 17, 56, 73, 157, 255, 275, 410, 429, 437, 439, 527, 566, 591, 706, 753, 809, 816, 971

CONSTRUÇÃO – 33, 36, 61, 78, 125, 138, 157, 161, 162, 164, 176, 180, 242, 249, 258, 275, 279, 281, 305, 309, 337, 388, 412, 413, 417, 448, 449, 450, 456, 462, 473, 488, 495, 508, 510, 513, 515, 523, 534, 535, 536, 538, 554, 561, 564, 583, 596, 612, 615, 628, 631, 646, 712, 719, 721, 728, 729, 740, 744, 749, 769, 770, 773, 798, 800, 808, 820, 838, 849, 850, 859, 886, 891, 898, 910, 943, 948, 950, 998, 1021

CONSTRUTIVISMO – 17, 42, 100, 102, 148, 178, 390, 413, 633, 646, 655, 660, 685, 722, 749, 993

CONTEMPORÂNEO(A) – 43, 62, 91, 94, 118, 153, 171, 242, 252, 309, 332, 348, 387, 415, 417, 475, 553, 568, 579, 581, 657, 706, 711, 834, 968, 988, 989

CONTEÚDO(S) – 20, 24, 29, 30, 36, 40, 55, 58, 63, 66, 70, 81, 86, 87, 91, 100, 108, 115, 119, 123, 146, 149, 152, 153, 159, 170, 173, 175, 176, 178, 186, 197, 200, 221, 227, 230, 231, 240, 244, 246, 253, 283, 300, 305, 306, 309, 318, 328, 337, 340, 348, 356, 359, 363, 365, 366, 381, 384, 395, 401, 417, 440, 448, 459, 463, 466, 473, 474, 480, 481, 486, 490, 492, 498, 503, 531, 536, 537, 541, 546, 549,

- 552, 560, 562, 573, 581, 582, 591, 601, 604, 611, 612, 613, 622, 627, 635, 644, 647, 652, 665, 667, 668, 680, 683, 685, 687, 689, 698, 712, 716, 723, 726, 728, 729, 734, 747, 761, 762, 764, 766, 773, 777, 781, 803, 811, 814, 819, 823, 837, 850, 851, 854, 881, 886, 888, 906, 912, 913, 924, 929, 941, 945, 947, 951, 952, 966, 974, 978
- CONTEXTO(S) – 25, 30, 31, 35, 51, 55, 61, 63, 75, 82, 86, 100, 107, 139, 152, 170, 172, 176, 180, 182, 186, 192, 196, 200, 205, 206, 207, 252, 259, 285, 309, 310, 316, 324, 325, 364, 372, 374, 381, 393, 395, 405, 413, 418, 433, 435, 477, 485, 492, 508, 509, 529, 540, 546, 550, 577, 629, 650, 652, 660, 666, 692, 696, 720, 724, 725, 728, 730, 756, 761, 774, 776, 806, 811, 823, 831, 840, 843, 845, 846, 859, 867, 876, 891, 902, 904, 911, 920, 930, 937, 956, 961, 969, 972, 981, 984, 1015
- CONTROLE – 20, 71, 100, 140, 163, 199, 208, 225, 226, 230, 236, 240, 280, 308, 329, 353, 354, 357, 372, 374, 377, 381, 433, 434, 444, 445, 447, 448, 592, 597, 614, 641, 656, 682, 686, 719, 732, 758, 765, 769, 781, 787, 805, 857, 873, 900, 903, 908, 911, 923, 945, 959, 993, 1010
- CONVERSA(S) – 16, 74, 76, 116, 191, 203, 212, 246, 268, 284, 306, 307, 326, 337, 382, 389, 399, 416, 435, 501, 556, 568, 607, 658, 675, 693, 769, 770, 782, 822, 984, 1003
- CONVICÇÃO – 104, 491, 555, 628, 772, 797, 844, 868, 986, 1023
- COOPERAÇÃO – 20, 95, 208, 245, 426, 518, 520, 528, 727, 787, 865, 933, 941, 962
- COORDENAÇÃO – 154, 245, 270, 288, 323, 358, 607, 608, 786, 970, 974
- COREIA – 28, 49, 403, 442, 457, 717, 796, 896, 904, 1002
- CRECHE(S) – 67, 73, 88, 187, 190, 192, 205, 219, 270, 317, 380, 384, 474, 563, 705, 883, 950
- CRESCIMENTO – 19, 23, 43, 66, 67, 70, 92, 142, 190, 251, 272, 277, 307, 371, 375, 416, 451, 468, 479, 593, 650, 654, 740, 749, 800, 872, 896, 933, 962, 973
- CUBA – 49, 89, 263, 404, 421, 471, 764, 896, 908
- CUIDADO(S) – 39, 52, 78, 79, 80, 98, 102, 128, 147, 185, 189, 206, 244, 271, 276, 294, 297, 319, 335, 345, 382, 384, 389, 412, 463, 482, 515, 516, 520, 530, 567, 574, 595, 604, 616, 620, 660, 663, 674, 678, 709, 737, 771, 782, 813, 827, 832, 870, 897, 911, 916, 948, 951, 960, 996, 1001, 1003, 1004

CURRÍCULO – 19, 33, 37, 49, 70, 91, 94, 99, 111, 124, 149, 152, 162, 164, 168, 171, 178, 183, 213, 270, 271, 284, 330, 340, 351, 357, 358, 362, 366, 377, 380, 415, 417, 418, 429, 430, 436, 440, 444, 465, 469, 491, 493, 508, 533, 540, 552, 565, 575, 579, 620, 626, 644, 645, 655, 665, 685, 686, 687, 688, 707, 708, 711, 713, 714, 740, 782, 793, 794, 797, 804, 842, 888, 891, 903, 930

CUSTO(S) – 30, 76, 91, 102, 199, 246, 264, 269, 270, 284, 295, 302, 363, 364, 371, 394, 416, 468, 492, 591, 607, 632, 662, 682, 709, 738, 799, 897, 925, 965, 967, 1002, 1021

D

DEBATE(S) – 103, 135, 148, 161, 221, 243, 246, 270, 275, 289, 366, 382, 423, 442, 452, 457, 459, 477, 508, 535, 541, 542, 544, 647, 652, 663, 691, 741, 779, 792, 814, 824, 825, 922, 943, 971, 997

DEDICAÇÃO – 15, 52, 328, 510, 609, 832, 877, 879, 906, 934, 939, 952, 1002

DEFESA – 110, 279, 287, 288, 306, 313, 421, 503, 547, 552, 661, 800, 810, 814, 819, 827

DEPRESSÃO – 76, 363, 597, 692, 872, 873, 969, 981, 1001, 1005

DESCOBERTA(S) – 109, 121, 165, 335, 338, 340, 402, 538, 663, 727, 757, 827, 858, 877, 902, 903, 127, 185, 324, 335, 525, 569, 585, 593, 619, 798, 835, 866, 942, 997, 1015, 1019

DESEMPENHO – 34, 53, 56, 58, 85, 86, 119, 127, 143, 153, 154, 158, 202, 203, 234, 260, 268, 269, 282, 305, 312, 327, 390, 441, 481, 484, 494, 496, 508, 511, 522, 592, 594, 610, 613, 624, 640, 647, 662, 683, 689, 717, 728, 735, 793, 794, 798, 806, 814, 815, 834, 918, 921, 922, 924, 983, 994, 1010, 1015

DESEMPREGO – 66, 68, 83, 106, 124, 197, 198, 248, 259, 393, 471, 691, 830, 869, 950, 965, 993

DESENVOLVIMENTO – 19, 22, 23, 32, 36, 45, 46, 47, 51, 53, 60, 64, 67, 69, 80, 85, 90, 97, 113, 121, 122, 126, 127, 128, 131, 135, 139, 154, 158, 159, 160, 165, 167, 178, 181, 186, 187, 188, 190, 194, 200, 201, 205, 212, 213, 230, 233, 236, 237, 238, 251, 257, 258, 259, 267, 280, 310, 315, 316, 321, 329, 330, 336, 338, 339, 351, 359, 363, 377, 389, 411, 416, 421, 430, 440, 446, 457, 478, 507, 515, 519, 526, 537, 539, 555, 557, 558, 574, 579, 605, 610, 615, 620, 622, 630, 634, 646, 658, 661, 662, 663, 674, 685, 686, 689, 700, 701, 703, 705, 706, 718, 721, 724, 729, 732, 743, 749, 759, 766, 773, 781, 791, 797, 798, 806, 811, 818, 819,

- 821, 822, 824, 830, 834, 843, 846, 862, 880, 888, 895, 899, 900, 914, 925, 930, 931, 934, 936, 944, 947, 949, 952, 953, 977, 981, 982, 984, 989, 993, 996, 1002, 1003, 1006
- DEVER(ES) – 22, 58, 65, 80, 161, 200, 212, 213, 313, 327, 377, 393, 435, 436, 456, 529, 540, 556, 559, 599, 602, 616, 628, 699, 707, 716, 783, 809, 852, 854, 911, 921, 936, 940, 947, 1016
- DIA A DIA – 58, 84, 104, 106, 120, 140, 174, 226, 277, 319, 330, 352, 431, 447, 459, 460, 499, 515, 524, 661, 674, 685, 730, 754, 760, 772, 804, 839, 842, 857, 915, 963, 1001
- DIDÁTICA – 31, 78, 130, 148, 174, 262, 442, 464, 556, 567, 603, 608, 652, 713, 714, 859, 912, 931, 998
- DIFERENÇA(S) – 38, 40, 45, 48, 50, 51, 54, 57, 64, 77, 79, 87, 97, 100, 112, 128, 130, 136, 140, 151, 152, 184, 193, 195, 198, 201, 206, 230, 255, 265, 280, 281, 283, 285, 296, 300, 301, 304, 308, 312, 315, 319, 321, 328, 341, 342, 350, 353, 359, 374, 389, 407, 411, 413, 424, 432, 433, 434, 461, 462, 465, 473, 475, 476, 478, 481, 484, 498, 499, 502, 503, 505, 507, 513, 520, 524, 527, 537, 538, 545, 546, 552, 567, 570, 584, 586, 591, 596, 607, 613, 632, 633, 636, 644, 653, 654, 663, 668, 683, 697, 731, 742, 744, 758, 773, 780, 783, 784, 787, 805, 806, 814, 824, 829, 831, 836, 861, 868, 878, 889, 900, 909, 915, 920, 929, 930, 935, 939, 965, 969, 990, 998, 1002, 1019, 1020
- DIPLOMA – 33, 109, 155, 163, 196, 211, 269, 435, 456, 472, 487, 548, 758, 800, 906
- DIREÇÃO – 75, 183, 215, 224, 270, 348, 414, 435, 438, 506, 510, 523, 532, 553, 564, 584, 608, 625, 628, 646, 661, 662, 701, 704, 786, 828, 830, 862, 879, 892, 942, 992, 1022
- DISCIPLINA – 20, 31, 58, 59, 88, 149, 160, 183, 228, 270, 284, 326, 337, 350, 351, 352, 353, 385, 397, 421, 432, 521, 522, 524, 562, 573, 580, 582, 588, 600, 610, 620, 624, 632, 647, 650, 661, 685, 686, 689, 696, 697, 726, 751, 759, 760, 761, 784, 787, 789, 795, 807, 809, 816, 822, 835, 843, 851, 857, 858, 866, 878, 891, 903, 912, 917, 941, 952, 957, 958, 961, 964, 966, 987, 996, 1010
- DISCURSO – 17, 63, 84, 100, 113, 116, 118, 124, 133, 141, 181, 200, 213, 243, 249, 265, 268, 271, 277, 312, 330, 349, 351, 357, 360, 385, 399, 459, 471, 478, 488, 490, 491, 505, 516, 524, 552, 558, 568, 573, 580, 588, 646, 651, 670, 673, 693,

- 713, 739, 798, 810, 819, 849, 856, 875, 882, 883, 884, 897, 915, 942, 972, 973, 989, 1013
- DISPOSIÇÃO – 18, 165, 184, 222, 236, 384, 405, 499, 543, 544, 584, 611, 804, 837, 901, 912, 969, 975, 1022
- DOCÊNCIA – 38, 83, 94, 115, 126, 143, 161, 242, 357, 497, 517, 576, 754, 797, 798, 806, 842, 859, 868, 890, 926, 969, 982, 985
- DOCENTE(S) – 30, 36, 43, 45, 46, 50, 53, 54, 57, 61, 64, 73, 75, 77, 78, 85, 88, 90, 94, 95, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 114, 123, 162, 167, 174, 195, 202, 234, 246, 257, 287, 289, 303, 317, 328, 339, 351, 356, 358, 359, 363, 366, 369, 375, 388, 393, 405, 416, 417, 429, 430, 431, 432, 433, 436, 441, 453, 460, 463, 464, 466, 469, 474, 479, 495, 496, 498, 501, 502, 510, 514, 515, 517, 531, 533, 534, 540, 541, 556, 573, 574, 576, 577, 581, 588, 589, 592, 593, 595, 598, 605, 610, 611, 627, 650, 668, 669, 677, 701, 708, 710, 712, 719, 731, 732, 735, 740, 743, 744, 758, 764, 773, 785, 792, 797, 798, 805, 809, 812, 814, 815, 816, 823, 824, 827, 861, 867, 880, 886, 894, 896, 898, 902, 903, 912, 916, 925, 929, 932, 934, 936, 939, 940, 943, 947, 948, 961, 962, 969, 972, 975, 982, 983, 992, 993, 1008, 1023
- DOMÍNIO – 28, 46, 63, 69, 191, 208, 212, 432, 440, 451, 464, 533, 546, 564, 565, 580, 680, 681, 689, 803, 941, 952, 974
- DÚVIDA(S) – 33, 48, 73, 76, 85, 109, 118, 133, 154, 174, 182, 185, 218, 231, 247, 304, 320, 343, 345, 369, 388, 392, 393, 403, 404, 431, 450, 453, 485, 498, 508, 537, 550, 561, 563, 590, 609, 613, 630, 634, 646, 656, 662, 704, 713, 752, 769, 798, 802, 824, 836, 864, 891, 924, 956, 991, 1014, 1018

E

- ECOLOGIA – 597, 646, 720
- ECONOMIA – 33, 51, 57, 71, 104, 160, 222, 248, 251, 254, 259, 269, 280, 291, 323, 354, 387, 428, 445, 446, 447, 463, 471, 472, 509, 528, 775, 782, 923, 971, 977, 1007
- EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/EAD – 46, 247, 424, 631, 660, 677, 795, 796, 913, 983, 989
- EDUCAÇÃO BÁSICA – 17, 28, 33, 38, 47, 54, 68, 73, 86, 88, 94, 98, 107, 109, 251, 264, 303, 388, 426, 427, 443, 454, 464, 489, 511, 526, 600, 614, 615, 645, 652, 687, 750, 832, 907, 953, 970

- EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS/EJA – 88, 118, 153, 203, 375, 530, 708, 735, 871, 888, 919, 946
- EDUCAÇÃO ESPECIAL – 81, 144, 158, 314, 315, 316, 362, 378, 380, 491, 599, 803, 831, 959
- EDUCAÇÃO FÍSICA – 194, 315, 330, 335, 336, 342, 462, 553, 570, 585, 609, 610, 755, 767, 870
- EDUCAÇÃO INFANTIL – 34, 43, 47, 53, 59, 62, 73, 85, 90, 127, 133, 142, 167, 188, 194, 264, 270, 287, 305, 313, 317, 380, 422, 427, 431, 478, 484, 485, 486, 489, 495, 573, 583, 647, 662, 663, 667, 680, 686, 687, 693, 705, 735, 750, 751, 776, 777, 779, 782, 788, 801, 802, 804, 820, 832, 858, 861, 883, 920, 952, 954, 996, 999, 1020
- EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – 56, 68, 88, 259, 284, 312, 457, 717
- EDUCADOR(A) – 16, 25, 26, 58, 78, 81, 85, 99, 144, 172, 175, 180, 188, 195, 206, 225, 260, 271, 280, 283, 293, 312, 352, 360, 365, 374, 378, 389, 393, 416, 431, 457, 489, 497, 498, 499, 500, 525, 556, 562, 574, 577, 584, 585, 595, 600, 601, 602, 603, 612, 613, 622, 637, 652, 658, 661, 667, 674, 685, 698, 721, 725, 728, 748, 755, 757, 770, 773, 774, 782, 783, 788, 793, 818, 821, 828, 831, 840, 846, 863, 867, 873, 875, 894, 908, 911, 918, 920, 930, 932, 936, 940, 945, 950, 953, 961, 968, 973, 978, 992, 996, 998, 1008
- EDUCADORES(AS) – 15, 24, 25, 31, 34, 52, 59, 75, 77, 84, 102, 103, 104, 105, 108, 115, 126, 130, 133, 146, 149, 164, 180, 188, 189, 190, 191, 197, 200, 207, 211, 230, 273, 278, 279, 319, 327, 328, 339, 342, 348, 349, 350, 358, 362, 379, 382, 389, 397, 410, 428, 448, 453, 463, 480, 488, 492, 493, 518, 539, 549, 553, 555, 575, 576, 585, 604, 608, 614, 616, 622, 625, 627, 631, 636, 644, 655, 657, 662, 674, 687, 691, 701, 703, 710, 713, 718, 730, 739, 742, 746, 752, 757, 759, 768, 772, 776, 785, 787, 800, 801, 806, 810, 826, 867, 868, 871, 872, 888, 891, 896, 900, 914, 923, 926, 930, 935, 936, 938, 939, 940, 942, 956, 963, 972, 981, 983, 1007, 1008, 1016, 1018
- EMPREGO – 41, 84, 108, 124, 126, 136, 146, 160, 196, 197, 211, 216, 221, 257, 259, 266, 267, 294, 378, 386, 494, 529, 534, 565, 571, 629, 670, 679, 691, 746, 752, 795, 800, 830, 863, 888, 893, 898, 906, 908, 965, 969, 977, 1011, 1018
- EMPRESÁRIOS – 68, 113, 263, 279, 311, 393, 435, 707, 733, 810

- EMPRESAS – 24, 42, 46, 60, 66, 88, 97, 109, 136, 161, 198, 199, 210, 221, 225, 227, 248, 252, 260, 264, 265, 269, 272, 273, 279, 327, 418, 427, 429, 459, 536, 603, 639, 692, 713, 756, 789, 891, 905, 923, 953
- ENCONTRO(S) – 82, 115, 139, 164, 189, 242, 278, 279, 280, 291, 310, 342, 377, 412, 468, 503, 513, 668, 689, 698, 732, 800, 841, 843, 866, 896, 929, 931, 996, 1019
- ENEM – 50, 86, 155, 252, 261, 262, 313, 372, 375, 396, 494, 510, 511, 551, 641, 691, 752, 903
- ENSINO BÁSICO – 84, 107, 108, 166, 276, 365, 368, 426, 507, 541, 571, 604, 649, 679, 709
- ENSINO FUNDAMENTAL – 28, 37, 65, 78, 88, 91, 112, 119, 146, 198, 245, 259, 260, 351, 354, 410, 474, 512, 529, 530, 541, 542, 606, 647, 664, 689, 735, 777, 779, 788, 861, 879, 909, 920, 999
- ENSINO MÉDIO – 18, 23, 28, 37, 40, 54, 61, 67, 70, 72, 78, 88, 95, 98, 112, 119, 124, 125, 135, 140, 143, 147, 155, 162, 164, 168, 172, 196, 198, 213, 215, 221, 254, 264, 266, 282, 287, 293, 297, 305, 349, 366, 386, 437, 446, 457, 474, 476, 484, 489, 490, 510, 512, 526, 527, 570, 571, 586, 606, 629, 657, 668, 679, 685, 714, 731, 738, 769, 779, 792, 869, 884, 893, 898, 909, 919, 936, 984, 1008, 1009, 1012
- ENTENDIMENTO – 30, 35, 62, 63, 72, 87, 110, 275, 348, 349, 356, 374, 375, 469, 507, 520, 541, 567, 634, 640, 681, 688, 802, 846
- EQUILÍBRIO – 85, 202, 212, 237, 350, 588, 611, 662, 725, 739, 782, 787, 797, 852, 867, 876, 981, 983, 1007
- EQUIPE – 60, 72, 80, 194, 222, 228, 233, 323, 328, 364, 383, 384, 416, 463, 510, 586, 655, 656, 663, 683, 717, 737, 762, 771, 797, 822, 826, 831, 832, 910, 912, 956, 962, 983, 984, 1013
- ESCOLA NOVA – 540, 547, 611, 715, 743, 799
- ESCOLARIDADE – 51, 66, 67, 72, 109, 172, 196, 211, 254, 292, 305, 306, 316, 320, 330, 359, 361, 363, 368, 394, 407, 484, 489, 577, 582, 679, 723, 746, 787, 811, 870, 900, 993
- ESCOLARIZAÇÃO – 27, 28, 35, 69, 82, 201, 314, 340, 366, 420, 431, 467, 528, 531, 538, 577, 653, 735, 749, 819, 861, 958
- ESCRITA – 26, 30, 32, 33, 38, 39, 42, 71, 87, 90, 91, 101, 106, 124, 133, 142, 169, 185, 189, 205, 245, 284, 285, 292, 338, 387, 395, 398, 402, 423, 430, 452, 458,

465, 474, 521, 523, 527, 534, 557, 564, 565, 583, 588, 589, 595, 596, 609, 612, 628, 632, 650, 658, 660, 661, 663, 664, 679, 682, 710, 712, 715, 722, 736, 751, 768, 806, 819, 846, 873, 897, 919, 938, 939, 965, 982, 989, 1010

ESCRITORES – 73, 241, 261, 306, 351, 555, 586, 593, 605, 825, 848, 900

ESPAÇO(S) – 26, 30, 31, 33, 40, 44, 48, 57, 64, 72, 75, 96, 99, 105, 109, 112, 118, 119, 123, 127, 130, 134, 135, 139, 141, 158, 164, 178, 184, 189, 190, 198, 211, 213, 223, 224, 228, 239, 240, 243, 247, 249, 250, 255, 266, 270, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 296, 298, 299, 306, 309, 311, 314, 317, 319, 325, 326, 330, 337, 349, 350, 367, 374, 375, 389, 396, 403, 410, 412, 431, 433, 442, 446, 456, 460, 464, 470, 471, 478, 481, 483, 495, 496, 498, 505, 507, 523, 524, 526, 529, 531, 539, 543, 544, 547, 555, 558, 559, 560, 570, 605, 606, 610, 613, 614, 615, 616, 619, 628, 633, 638, 639, 644, 645, 647, 648, 652, 656, 657, 665, 669, 681, 694, 702, 712, 713, 718, 719, 720, 726, 732, 734, 741, 748, 751, 752, 754, 758, 761, 767, 769, 770, 779, 788, 790, 792, 795, 798, 800, 804, 809, 810, 816, 818, 828, 830, 832, 844, 845, 861, 867, 868, 873, 886, 893, 904, 905, 907, 910, 914, 927, 929, 931, 936, 949, 971, 974, 976, 982, 991, 996, 1008, 1009, 1011, 1014, 1022, 1024

ESPANHA – 89, 100, 101, 130, 167, 199, 248, 345, 460, 509, 541, 571, 596, 644, 782, 794, 803, 942, 953, 956, 969, 1023

ESPERA – 18, 37, 55, 64, 98, 105, 182, 199, 257, 327, 334, 345, 461, 466, 469, 494, 498, 535, 570, 593, 686, 704, 723, 848, 869, 906, 915, 920, 947, 969, 979

ESPÍRITO – 31, 121, 170, 209, 227, 253, 266, 321, 326, 376, 379, 399, 526, 528, 535, 538, 555, 567, 606, 614, 622, 640, 684, 715, 721, 762, 787, 788, 844, 923, 926, 932, 966, 972, 983, 999, 1022

ESPORTE(S) – 28, 44, 61, 76, 80, 99, 111, 121, 193, 194, 195, 254, 272, 282, 330, 334, 338, 462, 543, 585, 587, 605, 609, 610, 745, 755, 799, 821, 837, 919, 954, 1011

ESTADOS – 15, 17, 51, 74, 76, 84, 88, 95, 250, 269, 272, 287, 290, 357, 426, 428, 439, 444, 447, 508, 545, 582, 592, 608, 677, 685, 704, 716, 769, 909, 975

ESTADOS UNIDOS – 19, 49, 57, 80, 83, 92, 93, 96, 112, 121, 149, 152, 162, 166, 193, 206, 233, 255, 263, 268, 298, 302, 305, 306, 315, 438, 479, 509, 566, 601, 617, 685, 725, 741, 742, 751, 793, 803, 813, 814, 884, 939, 945, 990, 1001, 1002

ESTADUAL(IS) – 17, 21, 36, 40, 84, 264, 351, 353, 394, 426, 427, 447, 460, 474, 481, 484, 508, 584, 601, 645, 677, 685, 691, 746, 885, 983

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE/ECA – 384, 579, 783, 923

ESTRATÉGIA(S) – 26, 28, 44, 94, 140, 146, 158, 161, 179, 185, 197, 236, 241, 260, 262, 311, 339, 343, 368, 430, 432, 448, 459, 463, 478, 498, 499, 510, 522, 574, 582, 601, 620, 625, 627, 656, 660, 661, 675, 683, 706, 719, 727, 736, 738, 741, 751, 757, 772, 792, 806, 808, 819, 822, 825, 846, 850, 885, 888, 924, 948, 964, 965, 968, 976

ESTUDANTE(S) – 16, 18, 19, 25, 27, 28, 34, 43, 45, 58, 60, 62, 73, 77, 91, 94, 97, 108, 109, 119, 120, 137, 140, 141, 143, 145, 150, 166, 168, 169, 172, 173, 176, 194, 197, 200, 201, 211, 213, 223, 225, 235, 236, 238, 245, 253, 256, 272, 276, 283, 284, 286, 287, 289, 300, 301, 302, 303, 305, 306, 315, 316, 324, 328, 329, 331, 348, 359, 360, 362, 363, 370, 377, 380, 384, 395, 402, 409, 420, 421, 430, 438, 440, 441, 445, 460, 467, 479, 481, 482, 484, 488, 489, 492, 493, 496, 499, 500, 503, 505, 506, 507, 509, 510, 511, 514, 515, 518, 526, 527, 540, 541, 553, 563, 567, 570, 571, 581, 583, 585, 586, 590, 592, 593, 594, 603, 607, 613, 616, 617, 623, 627, 628, 632, 634, 668, 669, 672, 677, 687, 689, 690, 694, 700, 701, 718, 721, 726, 728, 729, 734, 735, 738, 752, 753, 761, 768, 769, 770, 773, 774, 781, 784, 785, 786, 787, 789, 790, 793, 794, 797, 802, 812, 815, 818, 822, 828, 830, 835, 840, 844, 860, 878, 882, 887, 888, 893, 902, 905, 908, 909, 910, 911, 912, 914, 915, 916, 917, 922, 930, 935, 955, 960, 962, 964, 968, 979, 986, 987, 988, 993, 996, 998, 1002, 1005, 1008, 1010, 1019, 1023

ESTUDO(S) – 18, 20, 23, 27, 51, 57, 58, 65, 69, 79, 105, 120, 135, 136, 153, 158, 163, 169, 194, 196, 197, 199, 213, 215, 221, 228, 247, 250, 267, 287, 298, 302, 305, 312, 328, 351, 359, 375, 395, 409, 411, 431, 442, 443, 465, 472, 483, 485, 496, 510, 523, 526, 538, 548, 558, 561, 567, 568, 570, 571, 576, 577, 601, 616, 624, 631, 638, 648, 650, 661, 662, 663, 676, 687, 695, 699, 704, 727, 776, 791, 808, 813, 814, 815, 823, 826, 830, 834, 852, 870, 875, 881, 888, 893, 898, 903, 905, 909, 912, 919, 922, 938, 952, 953, 959, 1008, 1010, 1014, 1015

EUROPA – 24, 55, 96, 105, 111, 152, 206, 263, 278, 294, 299, 318, 396, 438, 441, 442, 444, 451, 464, 477, 527, 553, 566, 653, 755, 803, 810, 881, 939

EVASÃO – 37, 83, 95, 153, 251, 290, 306, 375, 388, 408, 442, 471, 522, 731, 789, 798, 815, 845, 1001, 1010

EVOLUÇÃO – 45, 86, 153, 199, 240, 264, 314, 329, 339, 347, 372, 377, 390, 490, 492, 565, 591, 603, 634, 644, 648, 657, 706, 710, 758, 885, 972, 973, 977

EXAME(S) – 22, 37, 41, 50, 90, 119, 127, 144, 269, 330, 333, 358, 377, 401, 492, 532, 580, 632, 644, 672, 677, 708, 752, 761, 770, 788, 843, 922, 1001, 1022, 1023

EXERCÍCIO(S) – 33, 46, 60, 79, 120, 138, 163, 169, 172, 248, 335, 336, 341, 351, 356, 359, 390, 402, 439, 466, 467, 504, 524, 525, 526, 528, 578, 595, 604, 615, 656, 658, 661, 679, 680, 700, 706, 707, 714, 721, 749, 758, 763, 770, 785, 804, 828, 852, 863, 903, 915, 917, 920, 930, 936, 948, 962, 964, 974, 987, 989

EXIGÊNCIA(S) – 83, 87, 99, 139, 148, 197, 221, 222, 264, 365, 367, 378, 380, 449, 452, 474, 492, 496, 502, 552, 595, 605, 612, 685, 704, 747, 757, 763, 777, 778, 782, 814, 843, 968, 981, 989, 1010, 1016

EXPECTATIVA(S) – 39, 70, 90, 135, 140, 227, 282, 294, 296, 305, 342, 353, 360, 436, 438, 481, 534, 535, 556, 579, 585, 595, 601, 606, 613, 617, 650, 703, 749, 758, 763, 789, 861, 872, 900, 903, 919, 924, 933, 941, 968, 1002, 1007, 1010

F

FACEBOOK – 241, 242, 243, 244, 247, 536, 759, 826

FENÔMENO(S) – 26, 43, 60, 66, 73, 96, 102, 121, 137, 139, 146, 162, 178, 182, 185, 198, 222, 230, 240, 244, 249, 252, 263, 300, 320, 344, 350, 371, 387, 390, 414, 434, 461, 479, 558, 600, 613, 620, 652, 653, 655, 667, 685, 710, 727, 752, 794, 810, 866, 894, 918, 933

FERRAMENTA(S) – 31, 60, 85, 103, 115, 118, 163, 185, 200, 214, 225, 228, 240, 243, 247, 260, 337, 340, 372, 375, 405, 442, 472, 478, 483, 508, 527, 534, 536, 578, 581, 582, 583, 589, 606, 620, 633, 659, 790, 805, 822, 833, 842, 863, 911, 925, 947, 951, 960, 987, 994, 1024

FILME(S) – 19, 30, 44, 55, 121, 132, 140, 204, 224, 291, 292, 338, 341, 344, 366, 367, 384, 408, 464, 525, 549, 610, 640, 724, 758, 793, 837, 841, 857, 867, 876, 882, 884, 886, 894, 897, 913, 914, 960, 998, 1007, 1008, 1011

FILOSOFIA – 31, 125, 128, 161, 166, 170, 196, 215, 222, 350, 351, 376, 389, 404, 409, 438, 446, 448, 456, 471, 562, 566, 567, 568, 631, 634, 655, 667, 673, 698, 770, 788, 792, 878, 899, 920, 975, 978, 991, 996, 1011

FINLÂNDIA – 28, 49, 97, 144, 162, 389, 442, 487, 531, 533, 586, 647, 682, 773, 815, 831, 904, 921, 962

FÍSICA – 19, 43, 51, 54, 55, 61, 79, 88, 89, 93, 187, 213, 245, 260, 279, 315, 325, 336, 340, 358, 366, 384, 398, 433, 442, 489, 547, 567, 585, 629, 692, 706, 745, 751, 757, 767, 782, 848, 869, 870, 876, 966, 979, 983, 1022, 1023

FORÇA(S) – 28, 43, 67, 71, 80, 121, 134, 160, 185, 196, 264, 288, 299, 324, 326, 379, 383, 385, 405, 433, 435, 450, 455, 457, 459, 483, 486, 521, 543, 544, 549, 550, 551, 622, 658, 671, 686, 717, 739, 743, 749, 750, 751, 761, 781, 786, 787, 805, 812, 825, 842, 864, 875, 903, 917, 920, 922, 923, 928, 942, 948, 954, 964, 984, 991, 1001, 1015, 1020, 1023

FORMAÇÃO CONTINUADA – 28, 96, 177, 246, 498, 508, 723, 764, 797, 824, 828, 930

FORMAÇÃO INICIAL – 53, 73, 246, 417, 540, 544, 704, 723, 764, 794, 816, 924, 930, 985

FORMAÇÃO PERMANENTE – 560, 629, 798, 930, 936

FRACASSO – 42, 43, 45, 121, 146, 201, 209, 271, 281, 334, 360, 416, 462, 476, 478, 573, 602, 606, 621, 622, 623, 642, 703, 746, 749, 794, 812, 847, 868, 879, 881, 883, 972, 980, 984, 991

FRANÇA – 27, 64, 100, 155, 193, 199, 250, 281, 396, 438, 465, 472, 486, 488, 509, 548, 552, 571, 589, 610, 658, 682, 752, 760, 803, 814, 942, 962, 1008

FUNCIONÁRIOS – 123, 136, 139, 166, 300, 368, 408, 543, 578, 630, 691, 774, 881, 891, 1006

FUTEBOL – 21, 28, 31, 34, 38, 48, 193, 194, 195, 226, 276, 291, 300, 355, 392, 421, 582, 586, 646, 677, 695, 739, 788, 799, 864, 920, 992

G

GAROTADA – 25, 44, 76, 93, 141, 201, 381, 392, 399, 405, 468, 569, 613, 641, 755, 785, 847, 849, 867, 918

GENÉTICA – 128, 187, 300, 338, 386, 434, 457, 658, 725, 733, 1006

GENTE – 15, 19, 22, 27, 33, 36, 39, 42, 46, 47, 49, 50, 56, 57, 58, 66, 72, 79, 91, 100, 105, 112, 113, 122, 126, 131, 134, 140, 141, 148, 149, 152, 154, 160, 164, 169, 172, 175, 178, 183, 184, 186, 190, 206, 207, 208, 210, 229, 233, 237, 243, 248, 251, 252, 254, 256, 257, 265, 274, 276, 277, 282, 284, 289, 290, 295, 296, 300, 305, 321, 328, 333, 341, 344, 345, 350, 351, 353, 355, 357, 368, 371, 372, 376, 385, 392, 396, 398, 403, 404, 409, 410, 411, 414, 422, 423, 427, 429, 431, 433, 439, 442, 445, 447, 448, 455, 456, 457, 459, 462, 466, 467, 468, 489, 497, 498,

502, 504, 505, 508, 512, 514, 515, 522, 523, 525, 532, 534, 538, 544, 550, 556, 561, 564, 565, 568, 577, 578, 599, 603, 605, 619, 625, 626, 631, 633, 635, 641, 644, 645, 647, 648, 652, 665, 670, 675, 676, 677, 683, 688, 690, 696, 699, 702, 713, 716, 723, 724, 725, 727, 730, 736, 761, 765, 767, 776, 781, 788, 791, 793, 798, 800, 805, 806, 813, 834, 837, 841, 842, 847, 850, 855, 864, 866, 881, 882, 884, 885, 888, 889, 901, 902, 903, 905, 907, 908, 909, 912, 915, 916, 928, 929, 937, 938, 947, 948, 950, 951, 954, 967, 969, 970, 976, 978, 983, 986, 987, 990, 991, 1001, 1004, 1010, 1011, 1013, 1016, 1017, 1018, 1022, 1023

GEOGRAFIA – 25, 32, 37, 39, 63, 118, 136, 147, 174, 227, 442, 457, 526, 546, 555, 577, 612, 647, 835, 864, 950, 977

GESTÃO – 15, 17, 25, 35, 45, 47, 71, 90, 91, 158, 224, 255, 265, 270, 360, 371, 372, 373, 374, 391, 427, 447, 459, 475, 494, 497, 521, 533, 540, 545, 588, 599, 639, 653, 704, 750, 769, 791, 798, 802, 806, 882, 892, 907, 910, 912, 927, 967, 984

GIZ – 226, 418, 465, 474, 577, 766, 840

GRADUAÇÃO – 17, 31, 174, 297, 304, 336, 379, 411, 487, 574, 613, 650, 652, 795, 813, 922, 1009

GREVE – 275, 368, 600, 646, 841, 847

H

HABILIDADE(S) – 20, 38, 43, 45, 49, 58, 60, 70, 102, 118, 122, 126, 129, 170, 173, 183, 188, 194, 205, 221, 222, 234, 250, 258, 315, 325, 331, 339, 352, 387, 411, 440, 453, 481, 493, 499, 505, 512, 514, 522, 527, 529, 533, 557, 584, 587, 592, 598, 606, 622, 624, 632, 634, 639, 648, 655, 666, 709, 726, 728, 757, 762, 770, 772, 780, 785, 794, 799, 805, 814, 815, 838, 842, 888, 952, 956, 967, 980

HISTÓRIA – 19, 22, 24, 28, 29, 32, 33, 35, 39, 40, 46, 48, 49, 58, 63, 64, 69, 79, 99, 105, 114, 118, 134, 135, 136, 137, 138, 147, 167, 172, 173, 181, 206, 217, 221, 229, 254, 277, 292, 294, 300, 302, 307, 309, 320, 326, 342, 344, 350, 355, 358, 361, 365, 369, 371, 377, 378, 386, 396, 402, 404, 420, 424, 431, 442, 451, 453, 456, 457, 466, 477, 495, 505, 506, 514, 517, 518, 519, 526, 534, 535, 538, 548, 549, 554, 555, 556, 557, 559, 561, 562, 564, 565, 566, 567, 568, 583, 589, 600, 607, 626, 632, 633, 636, 645, 647, 657, 662, 667, 689, 694, 697, 700, 701, 706, 713, 729, 732, 740, 742, 743, 763, 769, 790, 796, 798, 808, 809, 821, 825, 827, 835, 840, 845, 846, 848, 852, 855, 858, 861, 862, 865, 866, 872, 878, 884,

885, 888, 889, 890, 894, 895, 899, 912, 923, 929, 930, 947, 948, 950, 954, 959, 965, 970, 971, 972, 985, 990, 1003, 1016, 1018, 1020, 1021, 1022

HOJE – 16, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 28, 31, 32, 33, 36, 41, 46, 47, 51, 54, 55, 58, 64, 67, 70, 74, 79, 80, 89, 94, 95, 105, 110, 111, 112, 116, 119, 124, 125, 133, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 154, 157, 158, 160, 166, 168, 170, 173, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 190, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 204, 209, 210, 214, 215, 216, 218, 222, 224, 227, 229, 231, 233, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 248, 249, 251, 252, 258, 259, 261, 263, 264, 266, 267, 269, 278, 282, 285, 287, 291, 294, 296, 298, 301, 303, 305, 306, 307, 308, 311, 317, 320, 321, 327, 328, 329, 331, 333, 339, 341, 344, 346, 347, 350, 353, 354, 360, 362, 366, 368, 369, 370, 371, 377, 378, 381, 386, 389, 390, 392, 395, 399, 400, 404, 416, 417, 418, 421, 425, 428, 434, 436, 440, 444, 445, 450, 451, 452, 455, 456, 459, 460, 461, 468, 474, 479, 480, 487, 489, 493, 497, 500, 501, 504, 508, 509, 514, 518, 525, 526, 528, 530, 534, 535, 537, 543, 547, 549, 550, 552, 555, 556, 557, 567, 568, 572, 573, 576, 579, 580, 585, 588, 590, 591, 592, 597, 604, 605, 606, 612, 614, 615, 616, 624, 629, 630, 635, 636, 637, 641, 646, 648, 649, 652, 661, 664, 666, 667, 676, 677, 678, 680, 682, 685, 687, 688, 689, 691, 692, 695, 697, 706, 709, 712, 713, 715, 716, 719, 724, 735, 736, 740, 747, 751, 752, 758, 760, 764, 767, 772, 773, 776, 778, 782, 787, 789, 791, 793, 801, 807, 809, 812, 815, 816, 819, 821, 825, 828, 834, 838, 839, 840, 846, 847, 851, 858, 867, 872, 878, 882, 884, 885, 888, 890, 896, 897, 898, 901, 905, 906, 908, 909, 910, 911, 921, 923, 927, 931, 942, 945, 946, 947, 950, 957, 961, 968, 971, 972, 976, 983, 988, 989, 990, 1000, 1007, 1008, 1011, 1014, 1016, 1017, 1019, 1022, 1023

HOMEM(NS) – 66, 70, 78, 121, 129, 131, 135, 140, 148, 155, 157, 169, 178, 181, 183, 193, 194, 195, 214, 218, 219, 224, 245, 267, 275, 280, 305, 306, 317, 318, 319, 320, 321, 326, 335, 336, 341, 342, 343, 351, 353, 359, 377, 378, 381, 408, 420, 432, 434, 443, 445, 463, 473, 478, 481, 483, 486, 495, 499, 501, 515, 528, 549, 552, 553, 561, 562, 571, 612, 614, 622, 629, 639, 686, 688, 692, 703, 713, 715, 717, 742, 744, 748, 754, 769, 778, 779, 787, 811, 812, 836, 839, 842, 846, 856, 871, 884, 888, 929, 941, 950, 953, 957, 959, 972, 1003, 1005, 1021, 1022

I

IDADE MÉDIA – 28, 120, 122, 320, 345, 571, 588, 650, 742

IDEB – 399, 427, 511, 592, 641, 662, 909, 969, 975

- IMAGEM(NS) – 16, 50, 54, 67, 75, 84, 89, 142, 175, 200, 226, 227, 229, 231, 233, 237, 243, 244, 246, 263, 273, 276, 290, 309, 313, 314, 324, 332, 336, 343, 356, 384, 395, 398, 407, 413, 454, 460, 469, 475, 480, 481, 521, 534, 541, 558, 586, 589, 668, 670, 682, 688, 695, 700, 704, 711, 749, 760, 784, 811, 837, 840, 865, 884, 888, 890, 900, 917, 919, 927, 950, 966, 986, 996, 998
- IMAGINÁRIO – 33, 44, 67, 127, 176, 231, 253, 302, 309, 323, 432, 480
- IMPACTO – 20, 71, 110, 142, 156, 179, 196, 225, 228, 244, 252, 253, 254, 273, 303, 339, 383, 436, 437, 483, 542, 558, 583, 584, 607, 623, 650, 762, 771, 782, 812, 863, 908
- IMPORTÂNCIA – 51, 52, 86, 101, 139, 167, 174, 190, 192, 205, 218, 227, 234, 239, 246, 253, 260, 266, 272, 276, 283, 317, 329, 332, 340, 347, 422, 445, 451, 528, 531, 535, 540, 547, 571, 573, 589, 594, 595, 615, 620, 630, 647, 673, 674, 679, 684, 705, 722, 736, 739, 743, 760, 765, 779, 788, 791, 811, 821, 832, 834, 839, 845, 846, 849, 872, 892, 903, 905, 907, 911, 938, 947, 964, 971, 980, 1007, 1017, 1019, 1020
- IMPrensa – 69, 93, 105, 107, 168, 227, 229, 275, 318, 378, 392, 407, 421, 433, 436, 549, 611, 628, 636, 638, 854, 887, 897, 923
- INCENTIVO(S) – 15, 74, 80, 93, 108, 131, 158, 213, 255, 323, 332, 371, 426, 435, 448, 477, 529, 531, 602, 644, 645, 676, 796, 909, 918
- INDISCIPLINA – 75, 228, 353, 354, 416, 496, 523, 583, 588, 661, 665, 764, 770, 775, 782, 809, 826, 878, 894, 903, 924, 926
- INDIVÍDUO(S) – 25, 42, 65, 67, 87, 127, 167, 172, 173, 205, 206, 257, 266, 267, 292, 298, 320, 328, 341, 342, 352, 356, 368, 430, 442, 446, 450, 462, 503, 528, 529, 531, 534, 549, 557, 558, 570, 580, 586, 596, 600, 654, 657, 664, 680, 690, 713, 725, 733, 778, 797, 808, 811, 819, 823, 825, 846, 861, 872, 909, 924, 928, 941, 943, 949, 959, 1015
- INFORMÁTICA – 113, 147, 228, 239, 269, 360, 377, 655, 707, 894, 953, 972
- INGLATERRA – 22, 49, 56, 89, 128, 155, 252, 291, 315, 423, 464, 632, 644, 692, 754, 797, 805, 881, 894, 962, 1022
- INGLÊS – 27, 85, 102, 103, 111, 194, 227, 269, 291, 297, 351, 401, 407, 442, 444, 502, 523, 598, 631, 767, 803, 843, 882, 883, 894, 897, 902, 915, 1014
- INSTITUIÇÃO – 32, 90, 123, 135, 145, 161, 170, 178, 205, 212, 224, 230, 248, 256, 261, 271, 273, 288, 301, 324, 340, 344, 357, 368, 369, 371, 383, 393, 412, 416, 420, 430, 433, 434, 447, 479, 485, 501, 510, 521, 526, 529, 530, 534, 545, 549,

550, 559, 590, 596, 597, 598, 602, 606, 613, 615, 625, 632, 664, 683, 736, 737, 742, 743, 745, 752, 770, 782, 794, 799, 800, 829, 832, 865, 884, 910, 921, 932, 951, 956, 978, 982, 1000, 1009, 1014, 1016

INTERAÇÃO – 40, 82, 85, 89, 97, 129, 143, 161, 167, 170, 211, 240, 246, 271, 276, 331, 385, 485, 648, 689, 702, 728, 730, 749, 770, 771, 792, 797, 800, 852, 872, 900, 947, 949, 959, 984, 989

INTERDISCIPLINARIDADE – 98, 120, 122, 340, 459, 673, 966, 977

INTERVENÇÃO – 67, 103, 146, 200, 288, 330, 441, 508, 581, 597, 638, 646, 721, 894, 914, 977, 978

ITÁLIA – 62, 190, 317, 353, 420, 772, 803, 904, 942, 1022

J

JOGO – 51, 64, 194, 203, 232, 237, 257, 293, 300, 322, 354, 372, 432, 433, 438, 462, 522, 523, 583, 596, 616, 626, 656, 671, 697, 707, 730, 739, 757, 778, 779, 821, 865, 878, 908, 932, 974, 981, 992, 1017

JORNAL(IS) – 16, 51, 103, 151, 179, 196, 214, 273, 275, 318, 374, 398, 414, 433, 503, 511, 534, 565, 638, 665, 693, 695, 704, 731, 753, 768, 840, 897, 919, 951

L

LÁPIS – 15, 185, 212, 247, 332, 366, 418, 606, 754, 885

LAZER – 25, 130, 164, 193, 199, 230, 348, 497, 543, 745, 790, 820, 831, 850, 921, 951, 1005

LDB – 65, 98, 152, 272, 353, 438, 439, 459, 460, 483, 661, 663, 673, 685, 751, 755, 892, 956, 968

LEI(S) – 33, 37, 48, 54, 55, 56, 66, 110, 157, 167, 180, 209, 232, 236, 255, 256, 258, 275, 303, 304, 306, 308, 309, 315, 326, 353, 369, 372, 384, 386, 393, 420, 424, 435, 444, 469, 473, 483, 487, 504, 516, 522, 554, 564, 566, 573, 588, 591, 595, 605, 623, 640, 663, 710, 752, 781, 809, 816, 819, 853, 862, 892, 912, 923, 941, 943, 954, 968, 978

LEITORES(AS) – 59, 83, 89, 97, 106, 119, 149, 152, 156, 204, 218, 240, 261, 284, 363, 430, 433, 466, 568, 569, 605, 608, 612, 694, 785, 825, 857, 858, 865, 899, 955, 973, 1021

LEITURA – 26, 30, 38, 42, 47, 49, 51, 59, 72, 73, 83, 85, 87, 91, 93, 94, 97, 101, 102, 106, 115, 119, 122, 133, 142, 152, 156, 163, 165, 167, 175, 204, 205, 214, 215,

- 216, 217, 230, 231, 233, 234, 236, 237, 242, 245, 262, 292, 294, 299, 357, 359, 363, 387, 395, 398, 399, 402, 407, 411, 430, 439, 448, 452, 467, 470, 474, 480, 501, 521, 526, 527, 532, 565, 566, 567, 568, 571, 583, 589, 594, 596, 605, 608, 612, 627, 646, 660, 664, 676, 682, 694, 716, 722, 745, 748, 755, 764, 778, 785, 791, 802, 808, 809, 812, 815, 839, 842, 846, 849, 852, 854, 857, 858, 861, 864, 867, 872, 873, 877, 879, 882, 885, 887, 897, 899, 900, 909, 916, 917, 918, 927, 929, 931, 938, 955, 956, 986, 989, 990, 1011
- LETRAMENTO – 245, 297, 425, 427, 628, 650, 794, 799
- LETRAS – 48, 109, 388, 430, 640
- LIÇÃO(ÕES) – 16, 40, 58, 61, 76, 119, 172, 174, 178, 294, 403, 407, 417, 425, 448, 466, 486, 516, 556, 557, 632, 667, 670, 677, 716, 764, 833, 848, 875, 906, 912, 921, 936, 948, 1000, 1014, 1021
- LICENCIATURA – 55, 88, 148, 316, 442, 673, 681, 798, 859, 866, 909
- LIDERANÇA – 60, 249, 266, 268, 326, 570, 695, 804, 909, 970, 983
- LIMITE(S) – 26, 33, 61, 66, 67, 70, 80, 121, 130, 134, 205, 209, 212, 253, 256, 269, 270, 273, 278, 309, 314, 345, 348, 356, 363, 377, 389, 390, 416, 433, 469, 486, 492, 497, 500, 553, 556, 669, 675, 686, 692, 694, 704, 757, 759, 774, 775, 790, 808, 819, 827, 829, 834, 852, 870, 873, 876, 894, 897, 929, 954, 992, 1014
- LÍNGUA PORTUGUESA – 25, 32, 35, 46, 112, 149, 158, 173, 228, 282, 366, 396, 423, 580, 667, 712, 736, 740, 977
- LINGUAGEM(NS) – 39, 40, 42, 61, 73, 85, 92, 101, 123, 131, 165, 188, 191, 197, 224, 228, 230, 236, 241, 243, 244, 246, 284, 335, 338, 351, 380, 390, 399, 440, 459, 467, 468, 473, 504, 518, 523, 536, 552, 565, 568, 575, 586, 589, 596, 643, 663, 667, 668, 673, 677, 714, 723, 725, 742, 748, 760, 763, 805, 837, 850, 865, 887, 897, 903, 908, 913, 930, 984, 990
- LITERATURA – 28, 30, 31, 34, 40, 54, 55, 77, 89, 101, 103, 105, 110, 112, 119, 120, 122, 126, 131, 192, 215, 278, 291, 309, 310, 321, 351, 399, 411, 412, 457, 465, 466, 468, 470, 482, 498, 504, 519, 562, 564, 567, 568, 575, 590, 593, 594, 597, 598, 638, 648, 667, 671, 682, 706, 715, 717, 736, 755, 771, 812, 833, 839, 848, 849, 852, 854, 855, 858, 864, 882, 899, 900, 901, 916, 931, 934, 939, 957, 965, 1008, 1021
- LIVRO(S) – 19, 21, 22, 28, 29, 30, 40, 48, 51, 52, 54, 61, 69, 72, 77, 81, 83, 85, 94, 96, 99, 102, 103, 105, 106, 111, 119, 120, 123, 125, 130, 138, 140, 146, 152, 163, 164, 167, 172, 175, 176, 178, 185, 189, 196, 200, 204, 214, 215, 216, 217, 218,

225, 226, 228, 231, 233, 236, 239, 242, 254, 257, 261, 262, 263, 270, 273, 275, 276, 279, 290, 299, 309, 326, 330, 335, 342, 344, 347, 351, 357, 359, 362, 363, 368, 371, 372, 374, 381, 386, 393, 395, 398, 399, 402, 404, 407, 412, 416, 423, 426, 429, 437, 441, 447, 448, 463, 466, 473, 475, 481, 496, 504, 510, 517, 518, 521, 541, 549, 553, 559, 564, 567, 568, 569, 571, 589, 593, 594, 598, 608, 622, 626, 632, 635, 637, 638, 643, 658, 659, 664, 665, 674, 682, 683, 687, 690, 698, 706, 714, 729, 743, 748, 753, 763, 764, 773, 778, 782, 792, 802, 809, 812, 814, 839, 840, 845, 849, 864, 865, 875, 877, 882, 885, 886, 887, 888, 889, 897, 899, 900, 904, 913, 923, 925, 927, 934, 935, 948, 951, 955, 973, 984, 986, 991, 996, 998, 1018, 1021

LIVRO(S) DIDÁTICO(S) – 19, 81, 85, 94, 96, 103, 119, 120, 125, 146, 175, 257, 309, 362, 371, 372, 426, 429, 437, 439, 466, 473, 481, 517, 559, 571, 606, 635, 640, 643, 663, 664, 687, 690, 706, 729, 784, 814, 827, 875, 925, 999

LOUSA – 65, 91, 151, 238, 319, 327, 400, 719, 764, 915, 945

M

MAGISTÉRIO – 39, 51, 52, 88, 95, 99, 272, 317, 350, 387, 408, 591, 604, 689, 797, 800, 810, 879, 909, 937, 947, 954, 962

MAIORES – 67, 70, 73, 92, 97, 98, 130, 139, 184, 193, 202, 214, 243, 318, 323, 336, 360, 372, 420, 421, 468, 472, 476, 529, 559, 562, 595, 612, 647, 656, 766, 809, 945, 1000, 1010

MANIFESTAÇÃO – 242, 279, 285, 302, 385, 497, 498, 622, 676, 763, 767, 819, 847, 932

MATEMÁTICA – 16, 18, 22, 25, 31, 33, 37, 41, 42, 43, 47, 55, 61, 78, 88, 89, 93, 105, 113, 124, 140, 147, 152, 159, 165, 171, 175, 213, 228, 234, 237, 250, 281, 319, 353, 357, 358, 362, 365, 366, 403, 421, 439, 440, 465, 466, 481, 494, 500, 507, 513, 522, 527, 546, 575, 579, 586, 599, 621, 626, 647, 650, 651, 664, 681, 682, 688, 697, 706, 714, 716, 723, 728, 734, 740, 751, 755, 757, 784, 812, 815, 816, 858, 864, 878, 894, 898, 905, 912, 914, 915, 917, 918, 922, 948, 950, 965, 977, 981, 987, 1007, 1023

MATÉRIA(S) – 28, 37, 61, 85, 96, 118, 171, 178, 223, 227, 231, 272, 311, 354, 433, 438, 443, 448, 457, 460, 466, 503, 507, 519, 573, 576, 582, 584, 589, 629, 673, 676, 682, 706, 739, 747, 770, 791, 793, 809, 860, 875, 878, 880, 898, 900, 905, 916, 961, 987, 998

- MEC – 54, 55, 84, 88, 151, 162, 251, 293, 303, 368, 373, 379, 418, 426, 427, 429, 437, 447, 474, 540, 582, 643, 647, 657, 662, 670, 770, 771, 841
- MEDIAÇÃO – 25, 42, 89, 243, 382, 499, 502, 531, 696, 709, 830, 858, 877
- MEDICINA – 61, 218, 257, 332, 368, 573, 638, 658, 680, 773
- MEIO AMBIENTE – 96, 124, 163, 185, 314, 347, 350, 463, 597, 632, 646, 778, 849, 988
- MELHORIA – 43, 53, 68, 69, 79, 94, 99, 142, 143, 177, 255, 291, 297, 354, 426, 436, 440, 451, 601, 640, 641, 662, 668, 688, 692, 728, 729, 781, 788, 797, 798, 802, 816, 822, 894, 910, 920, 952, 995
- MENORES – 39, 79, 92, 97, 131, 176, 188, 204, 214, 281, 282, 379, 389, 410, 472, 504, 516, 589, 638, 719, 796, 825, 900
- MENTE(S) – 93, 162, 188, 190, 204, 208, 233, 242, 311, 337, 341, 359, 362, 371, 380, 411, 417, 444, 466, 514, 528, 534, 550, 567, 606, 620, 621, 635, 668, 707, 762, 772, 853, 860, 891, 903, 948, 987, 992, 996
- MERENDA – 21, 92, 155, 254, 274, 357, 381, 456, 567
- MÉRITO – 302, 303, 430, 454, 568, 593, 598, 711, 746, 861
- MESTRE(S) – 34, 36, 39, 99, 114, 359, 395, 468, 525, 540, 544, 549, 575, 577, 584, 586, 588, 698, 702, 760, 773, 836, 854, 860, 873, 875, 878, 895, 902, 903, 908, 909, 912, 914, 926, 972, 986, 1013, 1021
- META(S) – 16, 42, 57, 67, 69, 75, 120, 136, 158, 164, 271, 303, 365, 374, 421, 422, 444, 519, 529, 592, 609, 814, 890, 892, 939, 990, 1006
- MÉTODO(S) – 20, 24, 25, 30, 34, 46, 85, 112, 130, 146, 153, 172, 199, 285, 287, 332, 369, 374, 382, 387, 389, 395, 404, 469, 489, 508, 540, 572, 589, 590, 617, 622, 625, 627, 637, 650, 660, 710, 712, 715, 721, 722, 727, 734, 744, 746, 748, 752, 764, 806, 818, 828, 854, 863, 866, 869, 870, 881, 888, 912, 944, 980, 1016
- METODOLOGIA – 25, 122, 146, 149, 153, 164, 212, 272, 360, 463, 525, 534, 590, 684, 719, 728, 749
- MINAS GERAIS – 215, 216, 396, 484
- MISÉRIA – 54, 124, 130, 344, 392, 401, 449, 512, 516, 652
- MONTEIRO LOBATO – 105, 300, 568, 671, 825, 872
- MOVIMENTO – 25, 65, 75, 131, 170, 172, 182, 197, 244, 272, 278, 280, 314, 317, 320, 330, 335, 362, 399, 405, 406, 408, 430, 445, 454, 471, 481, 540, 597, 656, 657, 661, 685, 686, 697, 711, 734, 770, 793, 805, 808, 874, 969, 984, 996, 1017

MUNDIAL(IS) – 68, 87, 125, 149, 166, 221, 222, 239, 244, 249, 331, 376, 386, 388, 424, 441, 444, 487, 525, 559, 652, 680, 705, 762, 793, 806, 813, 830, 840, 854, 927

MUNDO – 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 30, 33, 34, 40, 42, 43, 46, 48, 49, 50, 51, 56, 58, 63, 67, 71, 72, 76, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 92, 93, 96, 100, 104, 106, 107, 109, 110, 114, 115, 118, 121, 124, 127, 130, 133, 137, 140, 141, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 159, 160, 161, 164, 166, 169, 170, 172, 173, 174, 178, 180, 181, 183, 185, 188, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 199, 202, 203, 208, 209, 211, 213, 217, 221, 222, 224, 225, 227, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 239, 240, 242, 243, 245, 246, 247, 249, 250, 252, 253, 255, 260, 261, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 272, 273, 274, 276, 282, 283, 286, 290, 291, 292, 311, 317, 318, 327, 332, 333, 335, 336, 339, 341, 342, 343, 344, 346, 348, 349, 350, 351, 353, 357, 360, 361, 364, 366, 367, 371, 372, 375, 376, 377, 378, 381, 385, 387, 390, 395, 398, 403, 408, 410, 412, 417, 418, 420, 421, 423, 430, 431, 434, 438, 441, 443, 444, 445, 446, 450, 452, 454, 457, 460, 463, 464, 465, 466, 467, 469, 471, 472, 477, 478, 479, 480, 483, 487, 496, 498, 501, 502, 509, 513, 514, 517, 519, 520, 523, 525, 526, 528, 531, 532, 535, 538, 541, 545, 546, 549, 550, 554, 556, 559, 561, 562, 566, 569, 571, 574, 575, 579, 580, 581, 588, 591, 601, 606, 609, 612, 613, 614, 615, 617, 619, 620, 625, 629, 630, 631, 632, 635, 637, 638, 639, 641, 642, 644, 646, 649, 653, 655, 657, 659, 662, 663, 665, 667, 669, 670, 671, 672, 674, 676, 677, 678, 680, 683, 685, 686, 687, 697, 701, 703, 707, 709, 712, 713, 714, 716, 717, 718, 719, 722, 724, 726, 728, 734, 736, 741, 742, 743, 745, 749, 750, 751, 752, 755, 757, 758, 762, 769, 771, 773, 778, 784, 787, 790, 794, 795, 796, 802, 803, 805, 808, 809, 810, 812, 818, 821, 823, 826, 829, 830, 833, 834, 837, 839, 840, 841, 843, 844, 846, 847, 849, 851, 854, 857, 860, 861, 863, 866, 867, 868, 872, 873, 876, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 891, 894, 896, 897, 900, 904, 906, 912, 913, 915, 916, 917, 919, 921, 926, 933, 938, 945, 947, 952, 953, 955, 968, 971, 973, 975, 981, 989, 992, 996, 999, 1001, 1002, 1004, 1008, 1010, 1014, 1017, 1018, 1019, 1021, 1022

MUNICIPAL(IS) – 15, 21, 37, 96, 144, 300, 353, 426, 427, 447, 460, 474, 481, 584, 591, 596, 601, 686, 745, 885, 970

MUNICÍPIO(S) – 17, 21, 37, 47, 51, 57, 59, 63, 76, 84, 88, 93, 94, 95, 254, 267, 270, 273, 288, 372, 426, 427, 428, 439, 447, 485, 525, 577, 582, 591, 599, 608, 644, 685, 704, 716, 719, 769, 809, 811, 845, 920, 927, 969, 990

MUSEU(S) – 18, 27, 93, 168, 170, 188, 275, 279, 409, 424, 451, 634, 903, 939, 966, 1011

MÚSICA(S) – 21, 34, 40, 44, 48, 79, 85, 101, 109, 115, 122, 167, 184, 188, 215, 218, 228, 250, 268, 280, 282, 284, 291, 335, 336, 337, 340, 365, 377, 420, 439, 458, 467, 468, 481, 499, 502, 511, 543, 553, 558, 574, 575, 586, 600, 622, 623, 659, 710, 767, 772, 821, 833, 839, 851, 863, 864, 875, 882, 885, 886, 896, 914, 918, 919, 929, 930, 953, 954, 998, 1008, 1021

N

NAÇÃO – 57, 67, 136, 143, 178, 181, 264, 290, 294, 391, 428, 430, 444, 485, 516, 520, 530, 535, 559, 653, 773, 798, 917, 969, 1023

NACIONAL(IS) – 22, 47, 49, 72, 76, 97, 109, 137, 138, 155, 160, 178, 197, 250, 252, 269, 273, 282, 288, 293, 308, 309, 312, 362, 372, 383, 387, 426, 427, 429, 430, 444, 450, 451, 453, 471, 474, 488, 509, 516, 525, 532, 535, 538, 543, 547, 552, 565, 575, 583, 586, 604, 615, 617, 644, 645, 646, 688, 713, 719, 747, 749, 760, 769, 788, 794, 804, 813, 825, 828, 830, 869, 905, 939, 944, 962, 989, 999

NATUREZA – 26, 35, 86, 92, 110, 121, 134, 156, 162, 167, 169, 175, 224, 245, 310, 335, 338, 413, 463, 479, 504, 511, 551, 567, 568, 577, 597, 612, 619, 621, 622, 629, 680, 695, 703, 714, 717, 730, 739, 748, 754, 770, 773, 775, 778, 782, 809, 831, 833, 840, 841, 849, 851, 873, 876, 901, 929, 968, 977, 993, 1004, 1012

NEGÓCIO(S) – 60, 68, 125, 136, 211, 249, 261, 265, 266, 273, 298, 302, 350, 380, 381, 407, 427, 446, 538, 539, 574, 595, 653, 737, 804, 811, 916

NORDESTE – 57, 63, 66, 83, 187, 203, 417, 421, 423, 487, 493, 782, 942

NORMA(S) – 128, 148, 184, 250, 258, 367, 396, 417, 433, 434, 458, 465, 477, 501, 503, 513, 520, 523, 591, 606, 686, 690, 691, 706, 770, 782, 842, 851, 857, 873, 941, 953, 1026

NOTA(S) – 15, 16, 37, 120, 144, 209, 281, 302, 353, 370, 377, 393, 456, 506, 510, 515, 520, 616, 645, 659, 679, 697, 706, 707, 728, 786, 787, 814, 843, 855, 905, 906, 909, 914, 944, 956, 975, 998, 1022

NÚMERO(S) – 15, 18, 23, 25, 27, 29, 37, 40, 43, 52, 55, 63, 66, 68, 70, 75, 78, 88, 89, 96, 109, 125, 148, 161, 169, 190, 209, 231, 234, 262, 266, 268, 296, 302, 303, 311, 315, 319, 321, 326, 332, 338, 340, 356, 358, 362, 363, 373, 375, 388, 399, 401, 408, 423, 426, 433, 448, 452, 493, 517, 550, 558, 563, 570, 582, 640, 660, 671, 681, 689, 696, 706, 709, 722, 731, 734, 738, 751, 781, 793, 818, 834,

868, 872, 890, 896, 898, 908, 915, 927, 939, 942, 963, 966, 969, 998, 1010, 1013

O

OBJETIVO(S) – 16, 24, 25, 36, 42, 44, 52, 60, 137, 150, 166, 173, 175, 177, 211, 215, 221, 226, 227, 228, 231, 260, 282, 288, 297, 298, 320, 340, 357, 365, 371, 392, 402, 411, 417, 426, 428, 429, 463, 484, 490, 495, 515, 519, 528, 532, 533, 534, 536, 537, 541, 545, 559, 578, 584, 597, 602, 608, 613, 626, 633, 637, 655, 658, 663, 664, 686, 696, 700, 707, 720, 721, 736, 740, 814, 815, 816, 818, 819, 826, 846, 852, 863, 872, 875, 885, 886, 887, 890, 928, 941, 948, 978, 980, 987, 1002, 1008

OBRA – 27, 66, 79, 88, 109, 115, 175, 181, 209, 218, 239, 263, 285, 289, 292, 318, 351, 365, 386, 398, 454, 466, 471, 549, 567, 568, 604, 637, 640, 646, 649, 657, 683, 695, 698, 707, 717, 745, 763, 775, 819, 825, 849, 852, 927, 931, 940, 954, 956, 957, 990

OBSERVAÇÃO – 108, 154, 246, 320, 483, 522, 529, 619, 623, 624, 815, 823, 873, 885, 925, 930, 976

OBSTÁCULO(S) – 30, 138, 140, 390, 421, 571, 574, 700, 713, 749, 842, 847, 953, 1014

ÓBVIO – 18, 42, 46, 91, 93, 172, 277, 353, 372, 510, 522, 565, 827, 830, 921, 994, 1001

OLHAR – 85, 89, 108, 115, 120, 122, 125, 133, 137, 160, 161, 168, 177, 198, 210, 236, 253, 298, 299, 363, 377, 384, 390, 399, 402, 404, 414, 421, 475, 503, 507, 534, 544, 549, 567, 569, 599, 628, 633, 635, 647, 665, 683, 688, 728, 730, 734, 738, 768, 770, 779, 828, 834, 844, 851, 857, 863, 882, 902, 913, 931, 936, 941, 947, 958, 966, 976, 987, 1012, 1017, 1024

ON-LINE – 23, 43, 225, 234, 551, 632, 752, 789, 913

OPORTUNIDADE(S) – 18, 37, 43, 60, 67, 69, 96, 107, 115, 134, 135, 177, 193, 198, 200, 221, 222, 258, 279, 280, 286, 298, 300, 301, 311, 347, 349, 422, 460, 471, 472, 473, 478, 482, 484, 508, 525, 603, 621, 639, 713, 720, 738, 741, 884, 916, 1014, 21, 39, 48, 108, 128, 163, 187, 190, 192, 211, 272, 282, 298, 303, 311, 353, 396, 400, 409, 423, 468, 469, 472, 561, 573, 576, 610, 617, 619, 637, 710, 737, 790, 808, 825, 849, 881, 906, 908, 912, 929, 930, 934, 942, 951, 959, 965, 976, 986, 989, 993

ORDEM – 25, 36, 54, 64, 88, 120, 123, 134, 169, 190, 252, 288, 345, 350, 351, 352, 385, 399, 408, 436, 439, 450, 452, 469, 516, 526, 569, 577, 600, 619, 685, 691, 738, 754, 776, 788, 932, 941, 959, 1017, 1022

ORGANIZAÇÃO – 19, 27, 33, 40, 57, 98, 118, 120, 202, 261, 271, 335, 412, 432, 439, 445, 450, 484, 530, 539, 544, 572, 576, 582, 584, 585, 598, 613, 619, 631, 649, 656, 665, 666, 685, 706, 715, 736, 742, 757, 804, 825, 826, 847, 944, 952, 960

ORIENTAÇÃO – 57, 83, 128, 135, 140, 148, 228, 243, 264, 270, 288, 314, 320, 341, 348, 437, 438, 451, 461, 463, 479, 486, 527, 529, 615, 629, 637, 663, 696, 740, 781, 811, 812, 827, 831, 962

P

PADRÃO – 69, 151, 176, 188, 193, 206, 296, 308, 318, 336, 345, 356, 373, 436, 441, 464, 475, 495, 504, 552, 580, 622, 643, 652, 676, 704, 706, 708, 716, 719, 734, 762, 787, 881, 889, 897, 1014

PALAVRA(S) – 16, 20, 25, 27, 39, 40, 48, 49, 50, 60, 64, 89, 100, 103, 127, 128, 143, 150, 157, 164, 173, 180, 181, 188, 189, 194, 199, 252, 254, 263, 276, 301, 302, 303, 323, 327, 339, 353, 370, 374, 380, 387, 390, 395, 399, 404, 413, 416, 432, 433, 457, 463, 465, 466, 468, 480, 482, 489, 490, 493, 498, 525, 530, 532, 537, 538, 543, 552, 559, 561, 564, 565, 568, 575, 576, 584, 604, 613, 614, 619, 628, 630, 633, 637, 640, 643, 661, 671, 679, 685, 698, 715, 743, 766, 784, 795, 805, 818, 822, 825, 830, 837, 840, 843, 846, 849, 852, 854, 855, 867, 872, 875, 885, 888, 917, 926, 941, 948, 957, 964, 974, 977, 978, 983, 994, 995, 1000, 1003, 1013, 1021

PARÂMETRO(S) – 49, 68, 76, 150, 151, 285, 344, 348, 362, 401, 429, 463, 478, 483, 517, 565, 588, 615, 619, 644, 646, 649, 688, 707, 720, 725, 790, 894, 1010

PARTIDO(S) – 392, 427, 438, 460, 483, 484, 541, 619, 625, 628, 647, 720, 739, 747, 752, 922, 950

PATRIMÔNIO – 54, 179, 186, 217, 249, 384, 539, 554, 609, 610, 673, 715

PAULO FREIRE – 49, 99, 100, 121, 157, 199, 249, 290, 326, 327, 374, 481, 501, 525, 554, 556, 603, 607, 658, 667, 688, 701, 740, 769, 809, 836, 839, 854, 869, 890, 902, 903, 911, 929, 935, 940, 956, 963, 969

PCN – 15, 49, 463, 528, 902, 956

- PEDAGOGIA – 29, 34, 35, 44, 45, 53, 64, 95, 108, 109, 115, 143, 146, 151, 163, 212, 213, 221, 222, 278, 282, 284, 363, 388, 396, 404, 417, 443, 448, 459, 464, 468, 507, 527, 541, 554, 571, 574, 582, 600, 667, 677, 679, 687, 707, 710, 711, 713, 721, 734, 736, 742, 760, 791, 799, 821, 831, 839, 841, 845, 846, 851, 853, 854, 858, 863, 878, 894, 904, 929, 932, 944, 945, 956, 993, 1023
- PERCEPÇÃO – 51, 55, 69, 186, 231, 264, 387, 434, 479, 583, 625, 626, 630, 637, 718, 745, 770, 845, 858, 882, 917, 931, 936, 947, 1002
- PERGUNTA(S) – 19, 22, 34, 54, 72, 73, 91, 119, 127, 131, 154, 166, 177, 187, 210, 256, 326, 336, 356, 359, 360, 365, 390, 416, 423, 440, 515, 522, 531, 533, 552, 562, 563, 569, 575, 577, 598, 614, 617, 620, 625, 626, 632, 638, 656, 662, 665, 683, 692, 705, 726, 734, 737, 749, 751, 754, 757, 761, 767, 802, 808, 809, 818, 834, 843, 848, 849, 857, 867, 877, 880, 888, 896, 899, 901, 909, 918, 922, 932, 936, 947, 961, 963, 965, 968, 985, 991, 992, 1001, 1003, 1014, 1019, 1021
- PERSPECTIVA(S) – 33, 68, 82, 99, 109, 120, 124, 152, 160, 189, 191, 197, 199, 203, 209, 249, 251, 263, 266, 267, 309, 312, 342, 437, 448, 460, 469, 483, 491, 493, 507, 508, 512, 520, 543, 558, 569, 571, 578, 592, 621, 626, 637, 655, 658, 683, 694, 720, 728, 740, 747, 769, 791, 795, 814, 819, 824, 826, 854, 875, 887, 889, 909, 929, 932, 961, 974, 1017
- PESQUISA(S) – 18, 22, 26, 36, 37, 39, 46, 48, 53, 58, 60, 89, 92, 97, 105, 108, 126, 130, 131, 135, 139, 143, 158, 160, 162, 174, 175, 188, 191, 193, 200, 221, 223, 239, 246, 248, 260, 270, 272, 273, 285, 305, 311, 316, 318, 320, 327, 330, 333, 341, 355, 365, 384, 390, 402, 416, 423, 425, 481, 483, 494, 502, 505, 507, 520, 535, 548, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 576, 580, 593, 595, 603, 610, 624, 638, 650, 655, 660, 668, 681, 694, 697, 705, 718, 722, 724, 730, 746, 755, 763, 784, 789, 797, 813, 816, 820, 824, 837, 843, 848, 850, 884, 893, 896, 899, 902, 908, 909, 918, 930, 935, 945, 962, 963, 972, 981, 984, 993, 995, 997, 1001, 1010, 1016
- PESQUISADORES – 48, 184, 306, 318, 333, 338, 362, 411, 536, 692, 714, 782, 789, 896, 936, 1003
- PIAGET – 34, 41, 42, 78, 148, 163, 191, 202, 362, 392, 598, 635, 685, 721, 748, 893
- PISA – 34, 89, 93, 143, 150, 154, 234, 250, 255, 357, 390, 440, 442, 587, 651, 682, 714, 722, 725, 812, 828, 834, 895, 900, 921, 922

- PLANEJAMENTO – 19, 73, 94, 164, 167, 181, 221, 224, 255, 261, 321, 358, 383, 457, 530, 558, 575, 583, 595, 655, 656, 665, 714, 725, 795, 832
- PLANETA(S) – 39, 96, 110, 121, 122, 137, 162, 185, 254, 348, 387, 504, 514, 555, 591, 629, 630, 695, 698, 846, 932, 933, 1018, 1022, 1023
- PORTUGAL – 27, 69, 81, 89, 152, 193, 199, 287, 316, 367, 395, 423, 424, 491, 502, 549, 1022
- PORTUGUÊS – 22, 33, 35, 39, 94, 96, 112, 128, 140, 147, 308, 309, 407, 421, 424, 451, 457, 487, 494, 523, 562, 565, 619, 626, 631, 690, 710, 736, 835, 850, 854, 855, 882, 889, 912
- PÓS-GRADUAÇÃO – 36, 43, 306, 588, 650, 813, 902, 972
- POTENCIAL – 61, 79, 140, 183, 219, 311, 405, 436, 485, 494, 507, 542, 587, 622, 623, 632, 656, 666, 718, 726, 728, 738, 745, 790, 937, 964, 987
- PRÁTICA(S) – 17, 18, 21, 22, 24, 30, 37, 38, 41, 52, 53, 56, 59, 62, 66, 81, 97, 98, 101, 105, 118, 120, 122, 133, 143, 146, 149, 150, 152, 154, 169, 175, 185, 194, 195, 209, 225, 234, 240, 242, 256, 265, 278, 290, 300, 314, 321, 327, 333, 334, 340, 342, 343, 349, 357, 369, 377, 382, 387, 397, 398, 402, 413, 418, 431, 442, 443, 445, 447, 448, 449, 454, 456, 458, 461, 462, 464, 469, 472, 475, 477, 478, 490, 491, 496, 502, 510, 515, 518, 524, 526, 527, 528, 529, 532, 535, 539, 557, 562, 564, 572, 578, 579, 584, 586, 589, 593, 594, 596, 600, 601, 603, 607, 609, 613, 619, 628, 629, 638, 639, 640, 646, 650, 653, 655, 656, 658, 660, 663, 668, 674, 685, 687, 694, 700, 701, 704, 707, 708, 709, 710, 712, 713, 714, 718, 719, 721, 722, 728, 730, 734, 736, 737, 739, 740, 744, 746, 749, 752, 754, 755, 760, 761, 764, 770, 771, 773, 774, 782, 791, 798, 802, 809, 811, 813, 815, 816, 818, 819, 821, 823, 824, 830, 833, 842, 858, 879, 883, 885, 888, 893, 916, 923, 924, 925, 926, 931, 939, 945, 949, 952, 955, 960, 987, 1013
- PRÉ-ESCOLA – 23, 73, 95, 128, 199, 271, 305, 410, 422, 478, 522, 543, 573, 653, 663, 674, 679, 691, 703, 705, 748, 751, 760, 899, 980, 986, 1015
- PREÇO(S) – 19, 30, 75, 262, 263, 277, 295, 297, 361, 369, 414, 421, 424, 426, 476, 576, 670, 673, 715, 734, 775, 943, 953, 973, 998
- PREOCUPAÇÃO – 65, 84, 114, 146, 157, 163, 164, 208, 211, 252, 316, 335, 361, 368, 385, 398, 416, 424, 450, 516, 520, 528, 535, 544, 569, 640, 709, 737, 818, 923, 975
- PRESTÍGIO – 75, 78, 218, 290, 389, 392, 426, 576, 682, 773, 796, 839, 896, 960, 965

- PRINCÍPIO(S) – 22, 25, 61, 65, 74, 87, 100, 121, 140, 149, 151, 185, 187, 189, 218, 224, 278, 327, 332, 342, 345, 364, 374, 376, 402, 404, 436, 444, 447, 450, 459, 460, 463, 468, 472, 486, 490, 493, 502, 507, 508, 509, 510, 513, 518, 520, 523, 526, 529, 531, 539, 544, 550, 560, 606, 633, 634, 644, 659, 665, 668, 669, 701, 703, 728, 734, 743, 745, 769, 774, 808, 811, 837, 852, 876, 881, 885, 924, 943, 975, 977, 999
- PRIORIDADE(S) – 21, 30, 53, 78, 97, 145, 160, 176, 205, 258, 271, 279, 312, 329, 371, 424, 472, 474, 475, 485, 546, 599, 604, 630, 650, 694, 709, 719, 725, 748, 791, 796, 797, 825, 834, 871, 876, 927, 948, 1011
- PRIVADA(S) – 27, 37, 66, 70, 82, 111, 155, 211, 213, 225, 251, 252, 255, 256, 260, 267, 271, 297, 323, 348, 368, 378, 426, 429, 442, 445, 454, 474, 510, 521, 525, 532, 549, 585, 606, 670, 739, 752, 774, 808, 827, 924, 972
- PRIVADO(S) – 36, 111, 134, 248, 250, 274, 283, 351, 372, 375, 388, 393, 426, 429, 435, 438, 439, 444, 445, 447, 459, 466, 468, 484, 487, 496, 504, 510, 542, 549, 564, 568, 571, 572, 595, 597, 605, 606, 608, 626, 637, 640, 643, 646, 663, 664, 679, 688, 695, 698, 714, 715, 716, 717, 729, 736, 751, 755, 763, 764, 778, 781, 784, 796, 802, 827, 836, 842, 845, 849, 854, 857, 862, 864, 872, 877, 879, 885, 888, 897, 917, 926, 934, 936, 939, 945, 951, 955, 967, 985, 999, 1021, 1024
- PRODUÇÃO – 18, 27, 42, 51, 54, 60, 94, 96, 115, 133, 142, 164, 228, 230, 249, 259, 261, 263, 280, 284, 291, 360, 368, 391, 401, 404, 407, 414, 429, 442, 443, 444, 446, 456, 467, 480, 526, 535, 568, 570, 609, 637, 692, 707, 712, 721, 726, 730, 734, 736, 743, 760, 763, 794, 893, 896, 898, 923, 930, 956, 990, 1010, 1023
- PROFISSÃO – 29, 37, 39, 60, 72, 87, 88, 108, 109, 115, 126, 131, 137, 145, 162, 169, 177, 208, 214, 218, 259, 317, 335, 348, 357, 370, 374, 393, 433, 458, 467, 504, 517, 540, 546, 549, 561, 577, 578, 586, 595, 598, 601, 603, 605, 608, 615, 666, 680, 682, 724, 764, 768, 773, 793, 797, 806, 810, 815, 821, 822, 836, 845, 858, 859, 866, 878, 882, 884, 896, 898, 903, 909, 911, 920, 926, 933, 934, 939, 940, 942, 947, 954, 962, 969, 982, 983, 986, 992, 1009, 1010, 1014, 1015
- PROFISSIONAIS – 15, 20, 22, 24, 28, 29, 31, 38, 46, 52, 53, 75, 82, 85, 88, 103, 114, 139, 156, 161, 167, 174, 213, 257, 272, 282, 293, 306, 327, 348, 357, 358, 362, 380, 386, 387, 397, 411, 435, 436, 458, 481, 496, 513, 517, 526, 529, 531, 537, 538, 539, 541, 543, 547, 555, 573, 576, 577, 585, 586, 603, 604, 607, 608, 615, 628, 638, 641, 646, 666, 674, 701, 735, 737, 762, 776, 791, 798, 800, 801,

815, 819, 821, 842, 848, 883, 909, 920, 924, 926, 927, 933, 939, 942, 963, 974, 980, 1001, 1004

PROJETO(S) – 17, 19, 27, 36, 59, 61, 65, 68, 76, 91, 99, 100, 127, 133, 135, 140, 141, 149, 151, 152, 153, 158, 159, 162, 167, 178, 180, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 222, 224, 232, 236, 237, 239, 244, 257, 258, 262, 264, 266, 267, 278, 279, 285, 294, 295, 325, 330, 338, 354, 360, 384, 386, 429, 436, 441, 443, 447, 448, 449, 452, 454, 462, 463, 464, 468, 483, 490, 525, 530, 540, 542, 544, 546, 557, 559, 566, 577, 591, 604, 613, 615, 628, 631, 652, 655, 657, 661, 662, 664, 670, 687, 696, 709, 712, 714, 720, 727, 737, 741, 744, 767, 769, 791, 792, 795, 797, 798, 807, 809, 812, 818, 843, 845, 848, 861, 887, 890, 896, 918, 926, 928, 931, 932, 942, 950, 953, 956, 957, 960, 968, 970, 972, 978, 983, 984, 1002, 1010, 1011, 1012, 1023

PROPAGANDA – 93, 145, 182, 228, 229, 260, 275, 372, 423, 442, 591, 671

PROVA(S) – 22, 24, 34, 37, 39, 75, 81, 91, 97, 100, 101, 109, 118, 127, 152, 155, 158, 163, 166, 178, 306, 313, 315, 358, 380, 424, 467, 492, 494, 501, 515, 529, 598, 632, 643, 644, 645, 651, 664, 677, 679, 686, 697, 708, 728, 735, 752, 755, 761, 765, 806, 815, 855, 862, 864, 886, 888, 900, 921, 922, 932, 933, 953, 966, 975, 977, 986, 987, 989, 1001, 1020

PSICOLOGIA – 31, 115, 133, 169, 191, 384, 417, 434, 462, 492, 573, 603, 622, 623, 634, 652, 700, 709, 712, 713, 744, 855, 893, 963

PÚBLICA(S) – 15, 18, 21, 27, 31, 33, 36, 40, 43, 45, 55, 66, 68, 74, 75, 77, 82, 83, 88, 91, 92, 93, 94, 106, 110, 111, 123, 128, 137, 145, 155, 160, 168, 176, 177, 179, 193, 198, 217, 236, 239, 248, 251, 255, 265, 267, 272, 274, 279, 281, 283, 284, 287, 288, 289, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 300, 301, 302, 303, 310, 312, 315, 316, 319, 323, 329, 331, 347, 348, 367, 368, 373, 374, 384, 391, 393, 394, 397, 402, 404, 421, 426, 427, 429, 430, 435, 436, 442, 445, 450, 451, 453, 454, 468, 471, 475, 484, 486, 489, 497, 507, 510, 515, 521, 525, 526, 542, 543, 546, 547, 549, 558, 559, 566, 571, 585, 594, 597, 599, 604, 606, 611, 614, 642, 643, 651, 652, 653, 661, 668, 672, 683, 686, 688, 716, 723, 724, 738, 739, 740, 745, 746, 752, 758, 766, 767, 768, 769, 770, 773, 774, 776, 781, 788, 790, 793, 796, 797, 800, 804, 808, 809, 811, 816, 822, 825, 831, 833, 849, 861, 863, 867, 868, 869, 896, 897, 898, 899, 908, 909, 911, 921, 927, 931, 959, 967, 968, 972, 978, 1008, 1016

PÚBLICO(S) – 28, 30, 31, 36, 45, 63, 64, 71, 72, 85, 93, 94, 95, 96, 103, 109, 111, 130, 134, 142, 161, 176, 184, 196, 211, 227, 231, 240, 241, 251, 256, 260, 265, 273, 274, 276, 279, 281, 283, 294, 296, 314, 316, 318, 332, 348, 367, 368, 371, 373, 375, 378, 384, 388, 393, 394, 398, 401, 427, 429, 430, 433, 435, 436, 439, 445, 448, 451, 453, 454, 463, 472, 473, 476, 481, 483, 502, 526, 530, 534, 542, 544, 550, 558, 561, 581, 595, 597, 598, 600, 604, 605, 613, 628, 630, 641, 652, 671, 691, 693, 719, 725, 736, 746, 754, 755, 775, 782, 787, 789, 805, 808, 814, 816, 827, 831, 836, 840, 864, 891, 906, 909, 912, 936, 948, 950, 951, 967, 975, 1020

PUNIÇÃO – 49, 255, 343, 353, 501, 509, 579, 680, 922, 925, 951

Q

QUALIDADE – 15, 19, 23, 27, 30, 37, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 55, 62, 63, 68, 69, 72, 73, 75, 76, 81, 86, 88, 93, 94, 101, 106, 107, 109, 111, 119, 122, 142, 143, 155, 159, 160, 161, 164, 178, 210, 240, 247, 251, 254, 255, 256, 257, 262, 263, 264, 274, 278, 282, 287, 291, 293, 296, 303, 312, 317, 319, 330, 331, 347, 349, 357, 361, 363, 372, 373, 374, 375, 380, 387, 389, 395, 399, 407, 411, 414, 416, 421, 422, 426, 427, 429, 434, 435, 436, 438, 451, 453, 457, 466, 471, 472, 475, 476, 483, 485, 488, 489, 496, 502, 517, 518, 519, 521, 529, 531, 539, 551, 567, 571, 582, 587, 591, 594, 595, 598, 612, 622, 628, 629, 631, 640, 646, 648, 652, 657, 660, 662, 667, 668, 676, 683, 707, 716, 728, 730, 731, 737, 749, 751, 761, 776, 788, 794, 796, 799, 800, 802, 804, 809, 815, 816, 818, 830, 831, 879, 886, 887, 903, 908, 909, 913, 939, 942, 957, 958, 961, 962, 1002, 1007, 1008, 1017, 1021

QUANTIDADE – 16, 27, 40, 52, 70, 79, 85, 86, 91, 92, 93, 107, 122, 144, 191, 214, 237, 239, 257, 266, 274, 281, 295, 328, 333, 357, 369, 388, 399, 415, 417, 493, 510, 548, 623, 634, 636, 683, 689, 714, 767, 776, 791, 869, 885, 897, 965, 1021

QUESTIONAMENTO – 145, 569, 655, 662, 678, 703, 761, 770, 884, 908, 945

QUÍMICA – 16, 52, 88, 89, 103, 265, 279, 281, 358, 366, 442, 625, 821, 1023

R

RACIOCÍNIO – 46, 87, 179, 197, 226, 314, 335, 357, 359, 494, 562, 583, 585, 624, 629, 634, 700, 702, 714, 729, 751, 790, 894, 895, 1019

RAZÃO – 16, 31, 74, 78, 80, 82, 97, 126, 131, 138, 194, 197, 211, 232, 241, 242, 249, 300, 377, 407, 414, 462, 472, 499, 500, 530, 534, 539, 545, 558, 568, 579, 615,

- 629, 631, 637, 638, 640, 643, 644, 655, 656, 669, 678, 687, 697, 761, 764, 796,
824, 846, 847, 875, 876, 918, 944, 950, 960, 963, 1007, 1014, 1018
- RECONHECIMENTO – 31, 52, 82, 89, 94, 330, 370, 432, 437, 508, 549, 611, 654,
772, 790, 799, 801, 828, 835, 861, 875, 896, 909, 919, 943, 961, 975, 1009,
1022
- RECUPERAÇÃO – 150, 151, 225, 414, 504
- REFLEXÃO – 47, 51, 100, 124, 143, 146, 156, 173, 245, 246, 270, 275, 281, 341,
347, 373, 375, 463, 513, 514, 539, 562, 576, 603, 634, 655, 657, 668, 673, 681,
710, 716, 731, 738, 739, 742, 802, 824, 884, 957, 962, 975, 1007, 1013, 1014,
1016
- REFORMA(S) – 31, 34, 69, 78, 87, 111, 151, 162, 166, 177, 202, 249, 255, 258, 273,
291, 390, 417, 448, 459, 484, 492, 546, 566, 616, 659, 710, 714, 720, 725
- RELACIONAMENTO – 49, 191, 208, 225, 261, 276, 284, 498, 513, 543, 761, 769,
771, 788, 840, 846, 858, 904, 923, 974
- REPETÊNCIA – 23, 33, 51, 87, 91, 98, 130, 142, 251, 290, 305, 522, 637, 652, 691,
766, 820
- REPRESSÃO – 287, 288, 289, 341, 368, 383, 453, 544, 649, 739, 776, 875, 1021
- REPROVAÇÃO – 43, 353, 384, 438, 518, 593, 601, 682, 794, 815, 946
- RIO DE JANEIRO – 67, 107, 215, 284, 286, 447, 484, 547, 661, 664, 733, 845,
897, 942
- RITMO – 61, 97, 121, 145, 153, 164, 189, 298, 325, 336, 338, 348, 360, 399, 416,
479, 515, 532, 589, 756, 769, 1015
- ROTINA – 148, 177, 273, 381, 483, 527, 613, 664, 714, 797, 906, 921, 932, 984,
1005, 1012

S

- SALA(S) DE AULA – 18, 22, 26, 27, 33, 46, 51, 58, 64, 65, 75, 77, 85, 87, 88, 93,
95, 99, 102, 103, 108, 110, 111, 112, 119, 130, 141, 143, 146, 149, 150, 152, 158,
172, 173, 174, 175, 190, 202, 225, 228, 231, 233, 237, 238, 240, 266, 268, 269,
280, 288, 291, 315, 320, 327, 328, 330, 331, 337, 339, 341, 362, 363, 366, 367,
374, 378, 384, 387, 395, 397, 405, 415, 426, 432, 437, 441, 442, 443, 447, 456,
473, 483, 485, 489, 496, 505, 508, 509, 522, 529, 530, 537, 540, 543, 544, 545,
546, 560, 566, 574, 577, 579, 589, 592, 603, 606, 613, 617, 619, 620, 625, 629,
634, 642, 650, 652, 653, 667, 669, 673, 678, 682, 688, 689, 690, 697, 703, 705,

707, 708, 712, 718, 719, 720, 722, 725, 728, 729, 730, 734, 735, 737, 739, 740, 746, 751, 754, 758, 759, 760, 761, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 777, 789, 791, 796, 799, 800, 802, 807, 810, 811, 822, 824, 830, 839, 840, 858, 860, 863, 867, 869, 870, 871, 878, 880, 881, 888, 890, 913, 914, 918, 931, 936, 947, 949, 950, 962, 963, 967, 970, 974, 978, 984, 989, 993, 1013, 1014, 1016, 1021

SALÁRIO(S) – 18, 37, 43, 44, 45, 48, 51, 52, 53, 57, 67, 75, 78, 87, 93, 108, 124, 143, 155, 160, 165, 177, 179, 184, 197, 221, 252, 256, 259, 261, 271, 275, 283, 338, 369, 389, 410, 426, 430, 463, 498, 519, 529, 534, 551, 578, 600, 604, 605, 609, 614, 649, 659, 668, 707, 719, 739, 745, 754, 769, 773, 776, 795, 796, 798, 799, 800, 801, 810, 815, 856, 890, 891, 896, 909, 920, 940, 941, 942, 960, 961, 965, 968, 996, 999

SÃO PAULO – 21, 42, 68, 77, 93, 106, 111, 132, 149, 188, 196, 198, 252, 254, 291, 303, 306, 308, 350, 351, 372, 373, 394, 396, 409, 421, 448, 474, 484, 527, 544, 592, 637, 638, 645, 705, 738, 746, 869, 920, 923, 942, 984, 1016, 1023

SÉCULO XIX – 95, 152, 170, 238, 291, 317, 318, 338, 367, 386, 387, 422, 504, 527, 528, 538, 547, 573, 582, 678, 721, 722, 755, 825, 944, 1015

SÉCULO XX – 79, 81, 114, 134, 140, 152, 181, 206, 294, 338, 387, 452, 453, 457, 460, 538, 648, 649, 666, 721, 847, 940, 993, 1017

SEGURANÇA – 17, 99, 138, 193, 200, 225, 250, 266, 279, 280, 287, 288, 310, 331, 382, 390, 398, 411, 431, 436, 522, 583, 616, 655, 686, 703, 708, 713, 758, 772, 778, 786, 820, 852, 881, 920, 924, 949, 953, 960, 978, 1002

SENTIMENTO(S) – 76, 82, 91, 97, 116, 131, 140, 142, 152, 191, 206, 208, 212, 285, 291, 335, 371, 385, 410, 498, 499, 515, 517, 562, 567, 595, 600, 601, 610, 620, 638, 639, 659, 704, 750, 789, 793, 799, 823, 834, 836, 837, 846, 851, 852, 854, 856, 857, 867, 872, 884, 899, 902, 905, 906, 933, 938, 944, 961, 978, 981, 992, 993, 1002, 1008, 1017, 1020

SINDICATO(S) – 251, 271, 387, 393, 442, 550, 769, 966

SOCIALIZAÇÃO – 103, 158, 191, 230, 256, 450, 483, 615, 616, 628, 748, 749, 753, 800, 932

SOCIOLOGIA – 122, 176, 222, 376, 389, 446, 560, 567, 568, 631, 662, 700, 713, 791, 845

SOLUÇÃO – 69, 104, 147, 222, 242, 245, 258, 288, 295, 325, 333, 347, 352, 354, 386, 390, 405, 427, 434, 458, 484, 508, 511, 574, 588, 656, 709, 727, 770, 781, 788, 828, 864, 883, 941, 964, 970, 1019, 1020

STATUS – 82, 84, 208, 246, 306, 434, 485, 564, 734, 773, 796, 812, 829, 954, 986

SUCESSO – 25, 31, 67, 72, 83, 94, 102, 143, 145, 170, 172, 179, 202, 206, 268, 283, 297, 301, 305, 332, 345, 385, 395, 409, 462, 480, 489, 490, 539, 548, 601, 604, 615, 617, 621, 624, 641, 659, 670, 692, 696, 703, 719, 742, 775, 781, 788, 790, 797, 799, 811, 834, 836, 838, 840, 875, 879, 894, 920, 933, 941, 948, 951, 955, 968, 981, 986, 991, 1000, 1008

T

TABLET(S) – 50, 141, 240, 598, 642, 659, 865

TEATRO – 64, 114, 151, 178, 191, 217, 263, 338, 341, 355, 393, 420, 423, 457, 504, 543, 544, 640, 656, 664, 671, 837, 839, 882, 887, 914, 918, 927, 974, 1017, 1019, 1020, 1021

TENDÊNCIA – 42, 43, 66, 85, 91, 125, 145, 148, 176, 191, 201, 208, 245, 249, 295, 315, 350, 354, 431, 444, 445, 448, 501, 517, 573, 587, 603, 613, 615, 620, 638, 645, 661, 681, 688, 698, 710, 725, 743, 813, 830, 858, 860, 872, 887, 965

TEORIA(S) – 18, 33, 34, 38, 41, 60, 81, 104, 134, 137, 170, 200, 235, 265, 290, 291, 326, 350, 413, 428, 435, 449, 456, 462, 466, 528, 561, 606, 607, 624, 638, 649, 650, 673, 700, 701, 704, 708, 710, 712, 730, 733, 802, 884, 893, 923, 942, 963, 987, 996, 1022

TESTE(S) – 54, 60, 91, 96, 101, 144, 166, 246, 252, 253, 306, 360, 403, 440, 441, 445, 462, 492, 510, 514, 571, 585, 624, 659, 683, 707, 728, 747, 762, 765, 766, 821, 822, 885, 922, 962, 971, 987

TEXTO(S) – 16, 24, 30, 32, 40, 50, 59, 61, 69, 76, 96, 106, 115, 133, 142, 152, 155, 156, 157, 175, 192, 196, 197, 228, 233, 234, 237, 239, 242, 284, 305, 306, 317, 351, 359, 360, 377, 386, 398, 399, 402, 407, 424, 425, 441, 465, 466, 470, 471, 481, 504, 528, 531, 556, 565, 568, 569, 575, 588, 589, 601, 609, 613, 628, 632, 638, 640, 643, 644, 645, 659, 664, 665, 679, 694, 695, 700, 712, 716, 729, 736, 751, 785, 812, 815, 818, 837, 843, 846, 848, 849, 850, 852, 864, 874, 878, 882, 885, 894, 896, 909, 912, 914, 916, 917, 919, 931, 935, 975, 977, 984, 989, 990, 996, 1003, 1010, 1011, 1017

TICS/TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO – 222, 234, 598

TRABALHO – 15, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 32, 34, 40, 41, 43, 46, 48, 51, 53, 54, 55, 57, 60, 61, 66, 67, 68, 76, 77, 78, 88, 94, 96, 99, 110, 111, 114, 115, 120, 124, 125, 126, 136, 137, 139, 140, 143, 148, 154, 155, 157, 160, 162, 163, 164, 167, 170, 172, 174, 177, 178, 196, 197, 201, 202, 208, 210, 213, 221, 222, 228, 231, 234, 237, 238, 246, 248, 249, 252, 257, 258, 259, 261, 263, 266, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 277, 280, 283, 288, 291, 293, 297, 307, 312, 315, 317, 318, 321, 323, 327, 328, 329, 330, 335, 337, 341, 344, 347, 354, 355, 356, 359, 365, 367, 368, 369, 374, 376, 386, 390, 393, 394, 398, 399, 401, 405, 408, 415, 416, 417, 418, 422, 428, 431, 433, 436, 437, 439, 441, 445, 450, 452, 455, 472, 477, 482, 483, 485, 486, 491, 494, 495, 498, 503, 507, 510, 513, 516, 518, 527, 529, 540, 541, 542, 544, 546, 548, 549, 551, 553, 555, 557, 558, 565, 568, 573, 576, 577, 578, 589, 591, 592, 594, 597, 600, 601, 604, 606, 609, 611, 612, 614, 616, 629, 633, 637, 638, 641, 643, 653, 654, 666, 677, 678, 679, 683, 684, 686, 695, 700, 707, 709, 710, 712, 713, 714, 718, 722, 725, 727, 731, 734, 735, 736, 737, 739, 740, 743, 745, 748, 749, 752, 754, 767, 768, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 779, 780, 783, 784, 787, 788, 792, 794, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 803, 805, 806, 807, 811, 812, 818, 821, 824, 826, 827, 828, 829, 832, 835, 837, 839, 844, 847, 852, 853, 855, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 866, 867, 868, 869, 875, 876, 877, 880, 884, 888, 896, 897, 902, 904, 905, 906, 908, 909, 910, 911, 914, 916, 919, 920, 923, 926, 927, 928, 932, 933, 934, 942, 945, 947, 948, 951, 953, 955, 956, 957, 962, 963, 965, 969, 970, 972, 973, 974, 975, 977, 978, 980, 983, 984, 986, 987, 994, 996, 997, 998, 999, 1001, 1002, 1004, 1009, 1010, 1011, 1013, 1014, 1015, 1016, 1019, 1020

U

UNIFORME – 121, 151, 178, 208, 243, 367, 471, 930, 1016, 1024

UNIVERSITÁRIOS(AS) – 46, 105, 109, 134, 245, 257, 306, 402, 414, 452, 493, 647, 672, 797, 899, 903

URUGUAI – 27, 89, 251, 420, 450, 547, 598, 787, 796

V

VESTIBULAR(ES) – 40, 61, 118, 155, 170, 178, 211, 271, 297, 302, 305, 375, 404, 508, 510, 511, 559, 571, 635, 644, 673, 755, 788, 812, 834, 920, 932, 966, 1008

VYGOTSKY – 42, 163, 607, 893

X

XUXA – 263, 661, 760, 790, 864, 998, 1011

FONTES

- AB'SABER, Aziz. A geografia do bairro. **Nova Escola**, São Paulo, n. 139, p. 15-17, 2001.
- ABAURRE, Maria Luiza. O Enem na berlinda. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 49, p. 10-13, 2010.
- ABED, Anita Lilian Zuppo. Sujeitos na escola: em debate, o desenvolvimento das competências socioemocionais. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 144, p. 6-11, 2018.
- ABICALIL, Carlos. Recurso público, controle democrático. **Educação**, São Paulo, n. 86, p. 7-9, 2004.
- ABRAHÃO, Jorge. A educação movimenta a economia. **Educação**, São Paulo, n. 167, p. 6-8, 2011.
- ABRAMOVAY, Miriam. De frente pro crime. **Educação**, São Paulo, n. 72, p. 7-9, 2003.
- ABRAMOVAY, Miriam. Hora do diálogo. **Educação**, São Paulo, n. 235, p. 8-10, 2016.
- ABRAMOVICH, Fanny; VIANA, Vivina de Assis. De volta às escrituras. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 3, p. 5-19, 1995.
- ABRAMOWICZ, Mere. Um reflexo fiel da escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 147, p. 23-25, 2001.
- ABREU, Antônio Suárez. Hifens, tremas e acentos caídos. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 33, p. 8-11, 2009.
- ABREU, Cristiano Nabuco de. Violência.com. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 84, p. 18-21, 2017.
- ABRUCIO, Fernando. Médico não é igual a professor. **Educação**, São Paulo, n. 234, p. 8-14, 2016.
- ACKERMANN, Edith. Sob uma nova cultura. **Educação**, São Paulo, n. 194, p. 6-8, 2013.
- AGUERRONDO, Inés. Eu acredito no sucesso da educação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 170, p. 22-24, 2004.
- AGUILÓ, Alfonso. A formação do caráter na escola. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 187, p. 26-29, 2015.

- AISENBERG, Beatriz. “É preciso ensinar a ler em história e geografia”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 235, p. 38-42, 2010.
- AKKARI, Abdeljalil. Diversidade cultural e desigualdade educacional no Brasil. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 197, p. 24-27, 2016.
- ALARCÃO, Isabel. Refletir na prática. **Nova Escola**, São Paulo, n. 154, p. 45-47, 2002a.
- ALARCÃO, Isabel. “Se colocarmos a dimensão reflexiva não só no interior da sala de aula, mas também na escola, chegaremos à dimensão da intervenção social”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 23, p. 20-23, 2002b.
- ALARCÃO, Isabel. Escola como espaço de reflexão. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 124, p. 5-12, 2015.
- ALBANO, Ana Angélica. Arte para o desenvolvimento integral. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 37, p. 16-19, 2013.
- ALEXANDRE, Júlio César da Costa. O exemplo de Sobral. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 144, p. 12-14, 2011.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. Só a escola garante uma sociedade ética e próspera. **Nova Escola**, São Paulo, n. 209, p. 23-25, 2008.
- ALMEIDA FILHO, Naomar Monteiro de. Mudanças à vista no ensino superior. **Nova Escola**, São Paulo, n. 206, p. 32-36, 2007.
- ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel. Do pensamento desintegrador ao pensamento complexo: condições para compreender e transformar o mundo. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 148, p. 6-12, 2019.
- ALMEIDA, Elisa de. Bem-vindo ao mundo de Rosa. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 75, p. 8-10, 2013.
- ALMEIDA, Fernando José de. Ouvir antes de enunciar. **Educação**, São Paulo, n. 125, p. 6-8, 2007.
- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. A tecnologia precisa estar presente na sala de aula. **Nova Escola**, São Paulo, n. 233, p. 48-52, 2010.
- ALMEIDA, Paulo Sérgio. Educação: um direito de todo ser humano. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 155, p. 6-11, 2019.
- ALTENFELDER, Anna Helena. As curas para a educação. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 157, p. 14-16, 2012.

- ALTIMIR, David. Uma estratégia para estar à altura das inteligências das crianças. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 30, p. 16-18, 2012.
- ALVES, Rubem. “O bom professor é um criador de novos mundos”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 18, p. 18-21, 1987.
- ALVES, Rubem. Só aprende quem tem fome. **Nova Escola**, São Paulo, n. 152, p. 45-47, 2002.
- ALVES, Rubem. “Nós não somos máquinas”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 62, p. 10-11, 2004.
- ALVES, Rubem. Crônicas do cotidiano. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 122, p. 4-6, 2009.
- AMARAL, Maria Teresa Marques. Um velho problema, muito longe de uma solução. **Nova Escola**, São Paulo, n. 13, p. 56-60, 1987.
- AMARAL, Nelson Cardoso. O valor da educação. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 61, p. 10-12, 2011.
- AMORIM, Galeno. Do papel ao suporte digital. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 59, p. 18-20, 2011.
- AMORIM, Katia de Souza. A linguagem dos bebês. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 55, p. 8-11, 2014.
- ANDRADE, Eugênia Thereza de. O palco na sala de aula. **Educação**, São Paulo, n. 62, p. 7-9, 2002.
- ANDRÉ, Marli. “A equipe gestora deve acolher e ajudar o professor iniciante”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 266, p. 28-29, 2013.
- ANDREWS, Matt. Erros e acertos. **Educação**, São Paulo, n. 155, p. 6-8, 2010.
- ANDRUETTO, María Teresa. A literatura infantil barrada. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 38, p. 8-11, 2012.
- ANDRUETTO, María Teresa. Livro não precisa ter uma moral. **Nova Escola**, São Paulo, n. 300, p. 33, 2017.
- ANGULO, Guillermo. Educar em meio à guerra. **Educação**, São Paulo, n. 171, p. 6-8, 2011.
- ANSARI, Daniel. Entender o cérebro para ensinar melhor. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 61, p. 18-21, 2012.
- ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Educação do campo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 87, p. 7-11, 2009.

- ANTUNES, Celso. Retorno garantido. **Educação**, São Paulo, n. 230, p. 5-7, 2000.
- ANTUNES, Celso. A antiga escola moderna. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 49, p. 8-9, 2003.
- ANTUNES, Celso. Nem todos estão extintos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 99, p. 12-13, 2007.
- ANTUNES, Celso. Pela evolução da escola. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 173, p. 16-19, 2014.
- APARICI, Roberto. Câmeras de vídeo nas escolas públicas. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 25, p. 5-19, 1999.
- APOCALYPSE, Álvaro. Por uma arte menos pueril. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 9, p. 5-11, 1996.
- APPLE, Michael. A reconstrução cotidiana da cultura. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 11, p. 5-17, 1996.
- AQUINO, Julio Groppa. Ética e generosidade. **Educação**, São Paulo, n. 202, p. 5-7, 1998.
- ARAGÃO, Milena. O fim do castigo? **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 69, p. 10-13, 2015.
- ARAÚJO, Almério Melquíades de. Oportunidade para planejar um futuro melhor. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 32, p. 18-21, 2017.
- ARCHER, David. Ler, escrever, transformar. **Educação**, São Paulo, n. 131, p. 4-6, 2008.
- ARGÜERO, Celia Díaz. “A organização do texto vale tanto quanto vírgula e ponto”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 225, p. 34-38, 2009.
- ARMSTRONG, Dale. Uma visão contemporânea da avaliação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 57, p. 5-17, 2004.
- ARMSTRONG, Thomas. Razão e sensibilidade na escola. **Pátio**, Porto Alegre, n. 45, p. 20-21, 2008a.
- ARMSTRONG, Thomas. Um centro para incentivar a curiosidade. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 18, p. 18-20, 2008b.
- ARMSTRONG, Thomas. Múltiplas inteligências e competências. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 74, p. 18-21, 2015.

- ARNS, Flávio. De boas ideias a boas políticas. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 117, p. 4-6, 2009.
- ARROYO, Miguel. Educação popular com dignidade. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 41, p. 5-17, 2001.
- ARRUDA, Luiz Eduardo Pesce de. Contra a origem do mal. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 84, p. 10-13, 2014.
- ARTAXO, Paulo. O mundo não acaba. Mas vai piorar. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 14, p. 8-11, 2007.
- ASSIS, Regina de. A educação infantil dá retorno. **Nova Escola**, São Paulo, n. 132, p. 23-25, 2000.
- AYED, Choukri Ben. As marcas da desigualdade. **Educação**, São Paulo, n. 232, p.8-10, 2016.
- AZEVEDO, Ricardo. Histórias que todo mundo entende. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 14, p. 8-11, 2009.
- AZEVEDO, Susana. O professor: *coach* de seus alunos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 161, p. 24-26, 2013.
- BAGGIO, Rodrigo. Ele já formou 200 mil. **Nova Escola**, São Paulo, n. 155, p. 51-53, 2002.
- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 79, p. 5-11, 2008.
- BAGNO, Marcos. Gramática da nossa língua. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 104, p. 5-11, 2012.
- BAGNO, Marcos. Ensino de língua portuguesa é um fracasso. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 188, p. 26-31, 2015.
- BAJOUR, Cecília. Abertura para o novo. **Educação**, São Paulo, n. 162, p. 6-8, 2010.
- BALAGUER, Irene; PLANS, Tina Roig. “As crianças de zero a seis anos são pessoas e têm direitos pelo que são e não pelo que serão”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 7, p. 24-27, 1998.
- BANDEIRA, Pedro. “Sou o primeiro degrau do leitor”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 8, p. 6-9, 2009.
- BANDEIRA, Pedro. Por uma pátria de leitores. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 195, p. 20-25, 2015.

- BANIWA, Gersem. Da aldeia para a universidade. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 82, p. 5-9, 2008.
- BARBEIRO, Heródoto. Heródoto Barbeiro: professor, aluno e jornalista. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 102, p. 8-10, 2008.
- BARBIERI, Stela. Era uma vez o paradigma. **Educação**, São Paulo, n. 108, p. 6-8, 2006.
- BARBIERI, Stela. Por um professor nômade. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 21, p. 8-11, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. Caminhos para a conscientização. **Educação**, São Paulo, n. 97, p. 7-9, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte na escola ontem e hoje. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 80, p. 5-10, 2008.
- BARBOSA, Ana Mae. A arte mobiliza a imaginação da criança. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 7, p. 6-9, 2009.
- BARBOSA, Lúcia Maria. Português ensinado pela MPB. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 120, p. 4-5, 2009.
- BARCA, Isabel. “Ensinar história de modo linear faz com que os alunos se lembrem só dos marcos cronológicos”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 260, p. 24-25, 2013.
- BARREIRA, Sonia. Decisão estratégica. **Educação**, São Paulo, n. 238, p. 6-10, 2017.
- BARRETO, Hugo. A educação na telinha. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 185, p. 26-30, 2015.
- BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. “O sistema de ciclos é o mais adequado na escola para todos”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 189, p. 22-24, 2006.
- BARRIGA, Ángel Díaz. Professor: nem bandido, nem herói. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 20, p. 5-17, 1998.
- BARROS, Ricardo Paes de. Crise de interesse. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 7, p. 14-16, 2010.
- BARROSO, André Luís. A força das relações. **Educação**, São Paulo, n. 240, p. 8-12, 2017.
- BASSI, Lanfranco. “As crianças não separam as experiências e o saber”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 12, p. 16-19, 2006.

- BATALHA, Cláudio. “O nacionalismo pode até crescer, mas não levará a nada”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 61, p. 18-20, 1992.
- BATISTA, Antônio Augusto. Os perigos da reprovação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 302, p. 48, 2017.
- BAZIN, Maurice. Em busca de uma ciência acessível. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 17, p. 5-15, 1997.
- BECKER, Fernando. Entre as teorias e a prática. **Pátio**, Porto Alegre, n. 49, p. 20-22, 2009.
- BEHLAU, Mara. Como está a sua voz? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 88, p. 10-11, 2007.
- BELINKY, Tatiana. “Criança não quer estudar, ela quer aprender”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 5, p. 6-9, 2009.
- BELINTANE, Claudemir. A oralidade que faz escrever. **Educação**, São Paulo, n. 146, p. 5-7, 2009.
- BELLONI, Maria Luiza. “Não devemos nos deixar engambelar pela televisão”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 67, p. 18-20, 1993.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Tem de boicotar. **Educação**, São Paulo, n. 91, p. 7-9, 2004.
- BERGALA, Alain. “A escola deve promover o acesso aos bons filmes que desaparecem nas salas de projeção”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 90, p. 5-8, 2009.
- BERGALA, Alain. “Para as crianças, o cinema é uma possibilidade de experimentar a vida”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 255, p. 35-38, 2012.
- BERGER, Ruy. O técnico e o médio. **Educação**, São Paulo, n. 215, p. 3-5, 1999.
- BERGMANN, Jonathan. A sala de aula disruptiva. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 87, p. 18-21, 2018.
- BERTAZZO, Ivaldo. A dança que educa. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 42, p. 6-7, 2003.
- BERTOLETE, José Manoel. Um tabu incômodo. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 86, p. 12-14, 2014.
- BEVILACQUA, Ricardo. Quem procura, acha!. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 83, p. 14-15, 2006.
- BEZERRA NETO, Luiz. Um Brasil mais rural do que parece. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 35, p. 18-21, 2017.

- BIALYSTOK, Ellen. O cérebro bilíngue. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 39, p. 16-17, 2014.
- BIGNOTTO, Cilza. “O que os jovens gostam de ler geralmente não é aquilo que a escola espera que eles leiam”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 105, p. 5-10, 2012.
- BISHOP, Alan. Por uma educação matemática fundada em uma abordagem cultural. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 71, p. 5-21, 2006.
- BITTENCOURT, Circe. “O bom livro didático é aquele usado por um bom professor”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 269, p. 26-27, 2014.
- BLAYA, Catherine. A paz está na mão da escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 165, p. 20-22, 2003.
- BODIÃO, Idevaldo. Um balanço do Plano Nacional de Educação. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 58, p. 10-12, 2011.
- BOLOGNA, José Ernesto. Os jovens estão cada vez mais solitários. **Nova Escola**, São Paulo, n. 150, p. 45-47, 2002.
- BOLOGNA, José Ernesto. Os segredos de uma equipe docente eficaz. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 60, p. 8-9, 2004.
- BONAFÉ, Jaume Martínez. “Professor rebelde, pesquisador inquieto e apaixonado pela vida”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 86, p. 5-13, 2009.
- BORDIGNON, Genuíno. “Todo saber é saber, não importa sua natureza e origem”. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 152, p. 6-11, 2019.
- BORGES, Maria Luiza. O segredo de traduzir. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 24, p. 10-13, 2010.
- BORGHI, Battista Quinto. “O educador deve transmitir o senso da vida. Mas não basta amar a vida. Há que se ter um grande trabalho, um forte empenho pedagógico em sala de aula”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 5, p. 20-23, 2004.
- BOSCH, Eulália. Fora dos muros da sala de aula: a cidade educadora. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 47, p. 5-11, 2002.
- BOSSA, Nadia A. Entender o cérebro para educar melhor. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 35, p. 16-18, 2013.
- BRACHER, Beatriz. Eco de histórias. **Educação**, São Paulo, n. 242, p. 8-12, 2017.

- BRAGA, Ryon. Antes tarde do que nunca. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 66, p. 10-11, 2005.
- BRAGA, Ryon. A verdadeira novidade é a metodologia. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 24, p. 18-21, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Educar para transformar. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 3, p. 16-19, 2009.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Da escola para o mundo da imaginação. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 135, p. 10-13, 2010.
- BRANDÃO, Ignácio de Loyola. O ensino é uma calamidade. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 166, p. 12-15, 2013.
- BRAZELTON, T. Berry; SPARROW, Joshua. “As pessoas que trabalham em educação infantil têm de se apaixonar pelos bebês”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 7, p. 20-23, 2005.
- BRITO, Gláucia da Silva. Linguagem da Internet: isso é português? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 69, p. 8-9, 2005.
- BROCCOLICHI, Sylvain. Na zona das desigualdades. **Educação**, São Paulo, n. 201, p. 8-10, 2014.
- BROTTO, Fábio Otuzi. Bola dividida. **Educação**, São Paulo, n. 75, p. 7-9, 2003.
- BROUGÈRE, Gilles. “A educação infantil deve construir-se localmente, em relação com a cultura, a sociedade, os anseios dos pais”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 6, p. 22-24, 2004.
- BROUGÈRE, Gilles. “Ninguém nasce sabendo brincar. É preciso aprender”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 230, p. 32-34, 2010.
- BROUSSEAU, Guy. “A cultura matemática é um instrumento para a cidadania”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 228, p. 28-32, 2009.
- BROWNE, Mira. Educação personalizada e abrangente. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 78, p. 18-20, 2016.
- BRUENING, Pamela. Por valores e virtudes. **Educação**, São Paulo, n. 251, p. 11-14, 2018.
- BUARQUE, Cristovam. O sonho está nas ruas. **Educação**, São Paulo, n. 229, p. 7-9, 2000.
- BUARQUE, Cristovam. A criança em primeiro lugar. **Nova Escola**, São Paulo, n. 141, p. 13-15, 2001.

- BUARQUE, Cristovam. “O governo do PT tem uma mania por educação. Uma obsessão”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 25, p. 28-32, 2003a.
- BUARQUE, Cristovam. Primeiros passos. **Educação**, São Paulo, n. 77, p. 5-7, 2003b.
- BUARQUE, Cristovam. Educação: a real e a possível. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 87, p. 12-13, 2006.
- BUARQUE, Cristovam. Criando um movimento educacionista. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 107, p. 4-6, 2008.
- BÜCHER, Richard. “Para evitar a droga, o jovem precisa ter opções prazerosas”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 56, p. 20-23, 1992.
- BUCKINGHAM, David. “Questionar é fundamental na educação para as mídias”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 239, p. 42-44, 2011.
- BUENO, Rovilson José. A importância da astronomia. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 51, p. 5-11, 2003.
- BUMBACHER, Aude Valérie. Por uma educação mais humana. **Educação**, São Paulo, n. 143, p. 4-6, 2009.
- BURD, Leo. “Sem criatividade não vamos sair da crise”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 325, p. 14-17, 2019.
- CABANA, Carlos. A equidade como base da educação. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 80, p. 18-21, 2016.
- CABRAL, Vera. “Educação exige uma visão sistêmica”. **Educação**, São Paulo, n. 247, p. 8-11, 2018.
- CABROL, Marcelo. Em busca da profundidade. **Educação**, São Paulo, n. 175, p. 6-8, 2011.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. “A escola não deve reprovar ninguém”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 26, p. 26-28, 1988.
- CALDAS, Andrea. Para não retroceder. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 97, p. 10-13, 2015.
- CALIFE, Mariana; SOARES, Tufi Machado. A porta de saída da escola. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 180, p. 26-29, 2014.
- CALLEGARI, Cesar. Educação terá porcentagem do PIB. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 15, p. 8-11, 2010.
- CALLEGARI, Cesar. O fim da repetência no primeiro ciclo. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 140, p. 12-13, 2011.

- CALLIGARIS, Contardo. Os prejuízos da exclusão. **Educação**, São Paulo, n. 95, p. 7-9, 2005.
- CALLIGARIS, Contardo. O professor faz a diferença. **Educação**, São Paulo, n. 132, p. 6-8, 2008.
- CAMARGO, Dair Franco de. “O fracasso escolar começa na própria sala de aula”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 66, p. 18-20, 1993.
- CAMARGO, Rubens Barbosa de. “Qualidade na educação depende de investimento”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 231, p. 26-30, 2010.
- CAMNITZER, Luis. Todos deveriam ser artistas. **Nova Escola**, São Paulo, n. 205, p. 18-22, 2007.
- CAMPOS, Jair Abreu. Percepção: o diferencial competitivo dos profissionais de sucesso. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 68, p. 8-9, 2005.
- CAMPOS, Maria Malta. Crianças na escola hoje vale dinheiro. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 46, p. 5-17, 2002.
- CAMPOS, Maria Malta. Olhar atento. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 111, p. 4-6, 2008.
- CAMPOS, Maria Malta. “A creche ainda é uma estranha”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 16, p. 8-11, 2010.
- CANÁRIO, Rui. Reinventar a escola. **Educação**, São Paulo, n. 234, p. 7-9, 2000.
- CANDIDO [de Mello e Souza], Antonio. Eterno militante. **Educação**, São Paulo, n. 66, p. 7-9, 2002.
- CANTO, Flávio. Para formar campeões. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 178, p. 20-23, 2014.
- CANTON, Kátia. A história dos contos de fadas. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 20, p. 8-11, 2010.
- CAPELLA, Vladimir. Os adultos afastam a criança da dor. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 6, p. 6-9, 2009.
- CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho. Educação especial e currículo. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 151, p. 6-10, 2019.
- CAPOBIANCO, João Paulo. Os verdadeiros problemas ambientais brasileiros. **Nova Escola**, São Paulo, n. 51, p. 32-27, 1991.
- CAPUTO, Romeu Weliton. “O PNE é a nossa bandeira de trabalho”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 51, p. 8-9, 2013.

- CARA, Daniel. Sem alicerces. **Educação**, São Paulo, n. 246, p.8-14, 2018.
- CARDOSO, Fernando Henrique. A receita do novo presidente para sacudir o 1º grau. **Nova Escola**, São Paulo, n. 81, p. 10-13, 1994.
- CARDOSO, Ruth. Solidariedade contra a ignorância. **Educação**, São Paulo, n. 224, p. 4-7, 1999.
- CARLINI-COTRIM, Beatriz. “Estão atacando os alvos errados”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 49, p. 13-17, 1991.
- CARNEIRO, Roberto. É preciso ter uma ambição. **Educação**, São Paulo, n. 135, p. 6-8, 2008.
- CARNEIRO, Suelaine. Educação para as relações etnorraciais. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 115, p. 7-13, 2014.
- CARNOY, Martin. “Aproveitar melhor o tempo de aula é o caminho cubano”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 227, p. 40-42, 2009.
- CARNOY, Martin. Aprender a ensinar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 148, p. 10-12, 2012.
- CARPENTIER, Claude. O apartheid educacional. **Educação**, São Paulo, n. 140, p. 6-8, 2008.
- CARREIRA, Denise. Educação nas prisões. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 88, p. 5-11, 2009.
- CARRETERO, Mario. Um olhar sobre o construtivismo. **Nova Escola**, São Paulo, n. 163, p. 21-23, 2003.
- CARRETERO, Mario. O método não é tudo. **Educação**, São Paulo, n. 160, p. 6-8, 2010.
- CARRETERO, Mario. Uma narrativa em aberto. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 70, p. 18-21, 2014.
- CARVALHO, Érika. Pais e escola juntos na educação. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 189, p. 22-26, 2015.
- CARVALHO, José Murilo de. Pedagogia cívica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 119, p. 5-9, 2014.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Uma relação de interesses comuns e conflitos. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 17, p. 18-21, 2013.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. “Não se pode educar sem convicções”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 316, p. 12-13, 2018.

- CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. Direto ao ponto. **Educação**, São Paulo, n. 68, p. 7-9, 2002.
- CARVALHO, Marília Pinto de. Promover mudanças para um mundo mais igualitário. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 48, p. 16-19, 2016.
- CARVALHO, Olavo de. Uma inteligência particular. **Educação**, São Paulo, n. 219, p. 3-5, 1999.
- CASASSUS, Juan. O clima emocional é essencial para haver aprendizagem. **Nova Escola**, São Paulo, n. 218, p. 28-32, 2008.
- CASASSUS, Juan. Conexão com a emoção. **Educação**, São Paulo, n. 147, p. 4-6, 2009.
- CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. “O interesse é comercial”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 59, p. 8-11, 2014.
- CASTANHEIRA, Maria Lúcia. “A entrada na escola às vezes significa a saída da escrita”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 72, p. 23-25, 1993.
- CASTEDO, Mirta. Alfabetização: um desafio que se renova. **Educação**, São Paulo, n. 192, p. 6-8, 2013.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Do falado ao escrito. **Educação**, São Paulo, n. 113, p. 6-8, 2006.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Do oral ao escrito. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 11, p. 6-9, 2009.
- CASTILLO, Rosa María Torres del. “Ensino de qualidade tem a ver com relação pedagógica, e não com infraestrutura”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 245, p. 44-48, 2011.
- CASTOR, Belmiro Valverde Jobim. “É preciso avaliar cada escola”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 24, p. 22-24, 1988.
- CASTRILLÓN, Silvia. Abertura para o mundo. **Educação**, São Paulo, n. 174, p. 6-8, 2011.
- CASTRO, Claudio de Moura. Tem que dar lucro. **Educação**, São Paulo, n. 210, p. 3-5, 1998.
- CASTRO, Claudio de Moura. Só o exemplo constrói. **Nova Escola**, São Paulo, n. 131, p. 21-24, 2000.
- CASTRO, Claudio de Moura. Ensinar menos para aprender mais. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 41, p. 6-5, 2003.

- CASTRO, Claudio de Moura. Educação em números. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 112, p. 4-6, 2009.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Vem aí um canal de TV só para educação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 85, p. 52-53, 1995.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. O cérebro do MEC. **Educação**, São Paulo, n. 204, p. 5-7, 1998.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. A avaliação externa deve ser usada para melhorar o ensino. **Nova Escola**, São Paulo, n. 184, p. 22-24, 2005.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Reconhecimento para os bons. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 108, p. 4-6, 2008.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Uma nova arquitetura para o ensino médio. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 31, p. 18-21, 2016.
- CASTRO, Maria Helena Guimarães de. Temos urgências. **Educação**, São Paulo, n. 258, p. 10-16, 2019.
- CATARSI, Enzo. “A interação precoce com os livros é a base de um desenvolvimento linguístico rico e articulado da criança”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 8, p. 21-24, 2005.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. “A geografia deve ser nutrida com novas abordagens”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 238, p. 20-22, 2010.
- CAVALLINI, Ilaria; TEDESCHI, Maddalena. A comida e suas linguagens. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 47, p. 16-19, 2016.
- CELANI, Maria Antonieta. “O ensino de línguas é essencial”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 36, p. 27-29, 1989.
- CELANI, Maria Antonieta. “Não há uma receita no ensino de língua estrangeira”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 222, p. 40-42, 2009a.
- CELANI, Maria Antonieta. Os desafios de ensinar inglês. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 10, p. 6-9, 2009b.
- CENTENO, Miguel. Paradoxos da guerra. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 90, p. 10-12, 2014.
- CERICATO, Lauri. A evasão epidêmica. **Educação**, São Paulo, n. 257, p. 10-16, 2019.
- CESTARIOLO, Lia Ribeiro. “Com sua acomodação, os professores prejudicam a qualidade do ensino”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 23, p. 24-26, 1988.

- CHALITA, Gabriel. Pelos caminhos do coração. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 74, p. 10-11, 2005.
- CHARLOT, Bernard. Criança no singular. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 10, p. 5-15, 1996.
- CHARLOT, Bernard. O conflito nasce quando o professor não ensina. **Nova Escola**, São Paulo, n. 196, p. 15-18, 2006.
- CHARLOT, Bernard. Sentido e prazer para aprender. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 9, p. 14-17, 2011.
- CHARLOT, Bernard. É preciso reinventar a escola. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 18, p. 18-21, 2013.
- CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização na prática. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 20, p. 17-20, 2009.
- CHARTIER, Anne-Marie. “Saberes científicos e saberes de ação caminham juntos”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 236, p. 30-34, 2010.
- CHARTIER, Anne-Marie. “As tecnologias nos obrigam a criar novas formas de avaliação”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 288, p. 16-17, 2015.
- CHARTIER, Anne-Marie. Infância e desenvolvimento no contexto da cultura letrada do século XXI. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 145, p. 6-11, 2018.
- CHARTIER, Roger. Educação e história rompendo fronteiras. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 31, p. 5-15, 2000.
- CHARTIER, Roger. Os livros resistirão às tecnologias digitais. **Nova Escola**, São Paulo, n. 204, p. 22-26, 2007.
- CHARTIER, Roger. O mundo que lê. **Educação**, São Paulo, n. 177, p. 6-9, 2012.
- CHARTIER, Roger. “Nossa sociedade está vendo nascer um novo modelo de analfabetismo: o digital”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 262, p. 30-31, 2013.
- CHARTIER, Roger. O destino da leitura. **Educação**, São Paulo, n. 211, p. 8-10, 2014.
- CHASSOT, Attico. Ciência como produção cultural. **Educação**, São Paulo, n. 166, p. 6-8, 2011.
- CHAVES, Eduardo. “A escola precisa se reinventar?”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 61, p. 10-12, 2004.
- CHAVES, Eduardo. “A escola sempre foi chata”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 126, p. 10-12, 2010.

- CHIARELLI, Carlos; SILVA; Ledja Austrilino; SCHÜLLER NETO, Adolf. “Mais escolas e equipamentos, melhor salário aos professores”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 40, p. 18-22, 1990.
- CHRISPINO, Álvaro. Mediação de conflitos: solução para a maioria dos problemas de violência na escola. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 43, p. 6-7, 2003.
- CIPRIANO, Emília. Formação do educador centrada na realidade escolar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 133, p. 10-13, 2010.
- CIPRO NETO, Pasquale. De professor para professor: “Faça seus alunos pensarem”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 54, p. 12-14, 2004.
- CIPRO NETO, Pasquale. Em defesa da língua portuguesa. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 128, p. 8-9, 2010.
- CIZEK, Gregory. O teste da prova. **Educação**, São Paulo, n. 191, p. 6-9, 2013.
- CLAXTON, Guy. A academia de ginástica da mente. **Pátio**, Porto Alegre, n. 39, p. 20-23, 2006.
- CODEA, André. O educador e sua individualidade. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 159, p. 6-11, 2019.
- CODO, Wanderley. Sim ao trabalho, não ao emprego. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 6, p. 14-17, 2010a.
- CODO, Wanderley. Trabalhar é aprender. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 52, p. 12-15, 2010b.
- COELHO, Isabel Lopes. Clássico e moderno. **Educação**, São Paulo, n. 168, p. 6-8, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. Lições de vida nos livros. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 17, p. 8-11, 2010.
- COELHO, Rita. Entre o direito e o dever. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 38, p. 16-19, 2014.
- COLBERT, Vicky. “A escola rural pode ser tão boa a ponto de inspirar a urbana”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 185, p. 22-24, 2005.
- COLELLO, Silvia Gasparian. A difícil arte de ensinar a escrever. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 92, p. 12-13, 2007.
- COLI, Jorge. Por um olhar atento e lento. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 10, p. 6-9, 2006.

- COLL, César. “Os projetos de CA mais interessantes são os que promovem, de maneira articulada e coerente, processos de transformação e melhoria nas salas de aula, nas escolas e nas formas de organização comunitária”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 24, p. 26-30, 2002a.
- COLL, César. Pensamento global e atuação global. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 45, p. 5-11, 2002b.
- COLL, César. Currículos devem mudar. **Nova Escola**, São Paulo, n. 167, p. 18-20, 2003a.
- COLL, César. Fora da linha de montagem. **Educação**, São Paulo, n. 78, p. 7-9, 2003b.
- COLL, César. “Leitura é o coração do currículo”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 20, p. 8-10, 2007.
- COLL, César. Uma nova maneira de entender a aprendizagem escolar. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 37, p. 18-21, 2018.
- COLOMBO, Sonia Simões. Felicidade e rentabilidade caminham juntas. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 76, p. 18-21, 2015.
- COLOMER, Teresa. O papel da escola no domínio da escrita. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 66, p. 18-20, 2013.
- COLOMER, Teresa. “Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 274, p. 16-17, 2014.
- CORBUCCI, Paulo. No teto. **Educação**, São Paulo, n. 242, p. 7-9, 2001.
- CORDÃO, Francisco. Desenvolvimento pleno de adolescentes e jovens. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 8, p. 16-19, 2011.
- CORREA, Júlio. O que é preciso para a reforma dar certo. **Nova Escola**, São Paulo, n. 10, p. 52-57, 1987.
- CORROCHANO, Maria Carla. Estreitando os laços. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 28, p. 18-21, 2016.
- CORSARO, William. Cultura se constrói brincando. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 15, p. 18-21, 2007.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Contos de fadas em versão digital. **Pátio**, Porto Alegre, n. 44, p. 20-23, 2007.

- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. Narrar é viver. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 46, p. 16-19, 2016.
- CORTELLA, Mario Sergio. Nem triunfo, nem tragédia. **Educação**, São Paulo, n. 233, p. 7-9, 2000.
- CORTELLA, Mario Sergio. “Universalizar a permanência”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 12, p. 8-10, 2006.
- CORTELLA, Mario Sergio. Em defesa da humildade pedagógica. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 153, p. 12-14, 2012.
- CORTELLA, Mario Sergio. Gestão do conhecimento para o século 21. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 193, p. 24-27, 2015.
- CORTELLA, Mario Sergio. Onde está a escola? **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 153, p. 6-11, 2019.
- COSCARELLI, Carla Viana. Por uma escola significativa e crítica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 135, p. 5-12, 2017.
- COSENZA, Ramon M. Para atender os nativos digitais. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 28, p. 16-18, 2011.
- COSME, Ariana. Um projeto de educação para a cidadania. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 198, p. 22-27, 2016.
- COSME, Ariana; TRINDADE, Rui. “Fechar as crianças na sala de aula é brutalizar a infância”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 14, p. 18-20, 2007.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Temos de defender os jovens. **Nova Escola**, São Paulo, n. 133, p. 21-22, 2000.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. A elite que deseduca. **Educação**, São Paulo, n. 70, p. 7-9, 2003.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. Uma aventura pedagógica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 70, p. 5-11, 2006.
- COSTA, Gley. A nova família vai à escola. **Pátio**, Porto Alegre, n. 41, p. 20-24, 2007.
- COSTA, Luiz Cláudio. Efeito multiplicador. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 141, p. 10-12, 2011.
- COSTA, Luiz Cláudio. Enem para todos. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 78, p. 12-15, 2013.
- COSTA, Márcio da. Lógica de quase-mercado. **Educação**, São Paulo, n. 153, p. 4-6, 2010.

- COSTA, Maria Isabel Porto da; SILVA, Ana Paula Gonçalves da; KLEIN, Edna Scola; PRADO, Mônica Pinheiro do. Gente como a gente. **Nova Escola**, São Paulo, n. 146, p. 9-12, 2001.
- COUTINHO, Francis Rabelo. Mediação de conflitos na escola. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 142, p. 6-10, 2018.
- COUTO, Mia. Personagens em busca de um autor. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 50, p. 12-16, 2010.
- COX, Cristián. Nosso desafio é ter um currículo viável. **Nova Escola**, São Paulo, n. 175, p. 20-22, 2004.
- COZZOLINO, Silvia. Educação se põe na mesa. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 24, p. 8-10, 2008.
- CRAIDY, Carmem Maria. “Enquanto a educação infantil for vista como o primo pobre que vive das sobras, sua situação será precária”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 2, p. 21-24, 2003.
- CROSO, Camilla. É preciso pensar. **Educação**, São Paulo, n. 173, p. 6-9, 2011.
- CROWLEY, Matthew. Na contramão da moda. **Educação**, São Paulo, n. 165, p. 4-6, 2011.
- CRUZ, Eliane Márcia da. Escola integrada à cidade. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 110, p. 5-8, 2013.
- CRUZ, Priscila. Detalhando as metas do PNE. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 150, p. 12-15, 2012.
- CRUZ, Priscila. A educação como prioridade de todos. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 83, p. 18-21, 2017.
- CRUZ, Silvia Helena Vieira. Consolidando a identidade da educação infantil. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 49, p. 16-19, 2016.
- CUNHA, Luiz Antonio. Os males do ziguezague. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 6, p. 5-15, 1995.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. “A literatura é uma confissão de que a vida não basta”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 69, p. 5-11, 2006.
- CURY, Augusto. Preparando para a vida. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 91, p. 14-15, 2007.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Gestão popular e autonomia da escola pública. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 23, p. 5-19, 1998.

- CURY, Carlos Roberto Jamil. “É o Fundeb ou o caos”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 7, p. 8-11, 2006.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. O país precisa de uma lei de responsabilidade educacional. **Nova Escola**, São Paulo, n. 232, p. 32-35, 2010.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Do discurso para a execução. **Educação**, São Paulo, n. 207, p. 6-8, 2014.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. Tantos povos, tantas matemáticas. **Educação**, São Paulo, n. 199, p. 3-5, 1997.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. A cultura da paz começa na escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 160, p. 25-28, 2003.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. Acerto de contas. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 22, p. 8-10, 2007.
- D’ANTOLA, Arlette; ALONSO, Myrtes. “A escola de 1º grau não existe”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 29, p. 20-22, 1989.
- D’AQUINO, Cássia. Fuja do vermelho. **Educação**, São Paulo, n. 239, p. 7-10, 2001.
- DANTAS, Marcello. “Museus são catedrais contemporâneas”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 85, p. 5-8, 2009.
- DAUD, Miguel. Marketing na educação. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 38, p. 6-7, 2002.
- DAVIS, Claudia Leme Ferreira. As dificuldades de uma transição sem apoio. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 77, p. 18-21, 2016.
- DAYRELL, Juarez. Que jovem existe no aluno? **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 93, p. 5-11, 2010.
- DEBARBIEUX, Eric. “É preciso tratar das pequenas violências do cotidiano para evitar as mais graves”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 248, p. 26-28, 2011.
- DELVAL, Juan. “É essencial para o professor saber como o aluno aprende”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 221, p. 20-23, 2009.
- DEMO, Pedro. É errando que a gente aprende. **Nova Escola**, São Paulo, n. 144, p. 49-51, 2001.
- DIAS, Marco Antonio. Pertinência social. **Educação**, São Paulo, n. 240, p. 7-10, 2001.
- DIAS, Maria Carolina Nogueira. “Um líder eficiente cria uma cultura de altas expectativas”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 285, p. 72-73, 2015.

- DIAS, Marília Costa. Educar sem segregar. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 35, p. 8-11, 2012.
- DIAS, Reinildes; BLAKEMORE, Heather Jean. Língua estrangeira no primeiro ciclo: conhecimento importante no mundo globalizado. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 89, p. 5-9, 2009.
- DÍAZ-AGUADO, María José. “Não se ensina a não ser violento usando a violência”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 286, p. 14-15, 2015.
- DIAZ, Patrícia. Para formar leitores, o professor precisa ler. **Educação**, São Paulo, n. 256, p. 8-12, 2019.
- DICKINSON, David K. De 0 a 3 anos se aprende. E muito! **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 98, p. 14-15, 2007.
- DIDONET, Vital. “A educação pré-escolar deve começar a partir do nascimento”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 69, p. 16-19, 1993.
- DIDONET, Vital. É preciso escutar as crianças. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 40, p. 16-19, 2014.
- DIMENSTEIN, Gilberto. O aprendiz do futuro é o aprendiz do presente. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 19, p. 5-12, 1998a.
- DIMENSTEIN, Gilberto. O jornalismo é uma sala de aula. **Educação**, São Paulo, n. 206, p. 5-7, 1998b.
- DIMENSTEIN, Gilberto. A escola precisa invadir a cidade. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 55, p. 8-9, 2004.
- DINIZ, Debora. Livros didáticos de ensino religioso. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 95, p. 5-8, 2010.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Formação de leitores: descobrindo Portugal. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 62, p. 5-17, 2005.
- DOBLINSKI, Suzana; RUIZ, Albertina Costa. Mas sem frescuras. **Educação**, São Paulo, n. 248, p. 7-9, 2001.
- DOBRANSKI, Vanda Gusmão. Um novo jeito de ensinar ciências. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 183, p. 26-28, 2014.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Herança maldita. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 64, p. 8-11, 2012.
- DUBET, François. O desafio da igualdade. **Educação**, São Paulo, n. 158, p. 6-8, 2010.

- DUNKER, Christian. Sofrer, um caminho para a liberdade? **Carta na Escola**, São Paulo, n. 96, p. 12-15, 2015.
- ELIOT, Lise. Entre o rosa e o azul. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 36, p. 16-18, 2013.
- ENGUIITA, Mariano Fernández. Em busca de sentido na sociedade do conhecimento. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 14, p. 18-21, 2012.
- ENGUIITA, Mariano Fernández. O professor como curador e organizador da aprendizagem. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 36, p. 18-21, 2018.
- ESPINOZA, Ana Maria. É preciso ajudar os alunos a entender os textos de Ciências. **Nova Escola**, São Paulo, n. 208, p. 20-22, 2007.
- EVARISTO, Conceição. “É preciso romper com a história oficial”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 317, p. 12-13, 2018.
- EVARISTO, Macaé. Política pública construída pelo diálogo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 122, p. 5-9, 2015.
- FACCINA, Carlos Roberto. Razão e sentimento. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 93, p. 12-13, 2007.
- FAGUNDES, Léa. “Os caminhos da inclusão digital no Brasil pode servir a educação libertadora das atuais e próximas gerações”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 26, p. 26-29, 2003.
- FAGUNDES, Léa. Podemos vencer a exclusão digital. **Nova Escola**, São Paulo, n. 172, p. 24-26, 2004.
- FAGUNDES, Léa. Ensinar e aprender na era digital. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 137, p. 10-12, 2011.
- FAILLA, Zoara. Um despertar para a leitura. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 156, p. 6-9, 2019.
- FANTE, Cléo. Bullying nas escolas. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 19, p. 6-9, 2010.
- FARACO, Sérgio. “Tiradentes incomodava as pessoas a ponto de fugirem dele”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 47, p. 20-23, 1991.
- FAUSTO, Boris. O poder e o sorriso. **Educação**, São Paulo, n. 126, p. 6-8, 2007.
- FAUSTO, Ruy. Educação e democracia sob ataque. **Educação**, São Paulo, n. 259, p. 6-11, 2019.

- FAVA, Rui. O professor como *coach*. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 88, p. 18-21, 2018.
- FAZZIO, Adalberto. Analfabetismo científico. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 86, p. 14-15, 2006.
- FELINTO, Renata. Recontando nossa história. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 18, p. 6-9, 2010.
- FÉRES, Maria José. Toda criança aprendendo na escola. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 55, p. 5-17, 2004.
- FERNANDES, Domingos. “A escola não pode ser uma diversão permanente”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 116, p. 4-6, 2009a.
- FERNANDES, Domingos. Pela avaliação formativa. **Educação**, São Paulo, n. 145, p. 6-9, 2009b.
- FERNANDES, Florestan. “A nova LDB corre o risco de se transformar num frankstein”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 54, p. 22-25, 1991.
- FERNANDES, Reynaldo. Ideb: aluno aprovado e sabendo conteúdo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 77, p. 5-10, 2007a.
- FERNANDES, Reynaldo. O mentor da equação. **Educação**, São Paulo, n. 123, p. 4-6, 2007b.
- FERNÁNDEZ, Alicia. “A professora precisa não esconder que é mulher”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 78, p. 22-25, 1994.
- FERNÁNDEZ, Alicia. “Os professores devem buscar a resignificação de sua aprendizagem”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 4, p. 26-28, 1998.
- FERNÁNDEZ, Alicia. Crer é criar. **Educação**, São Paulo, n. 64, p. 7-9, 2002.
- FERNÁNDEZ, Alicia. Aprendizagem também é uma questão de gênero. **Nova Escola**, São Paulo, n. 207, p. 26-30, 2007.
- FERNÁNDEZ, Alicia. O desejo de aprender. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 172, p. 15-18, 2014.
- FERREIRA, Nilda Teves. No chão e nas estrelas. **Educação**, São Paulo, n. 67, p. 7-9, 2002.
- FERREIRA, Nilda Teves. Vivendo e ensinando. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 109, p. 6-8, 2008.
- FERREIRA, Sergio Henrique; MELLO, Ana Maria. Um encontro entre a ciência e a educação infantil. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 33, p. 16-18, 2012.

- FERREIRO, Emilia. “Meu trabalho não é um método”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 34, p. 18-19, 1989.
- FERREIRO, Emilia. Basta de etiquetas na educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 18, p. 5-16, 1997.
- FERREIRO, Emilia. O ato de ler evolui. **Nova Escola**, São Paulo, n. 143, p. 13-15, 2001.
- FERREIRO, Emilia. Alfabetização e cultura escrita. **Nova Escola**, São Paulo, n. 162, p. 27-30, 2003.
- FERREIRO, Emilia. A potência das diferenças. **Educação**, São Paulo, n. 195, p. 6-10, 2013.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. A escola descobre a escrita como prática cultural. **Pátio**, Porto Alegre, n. 12, p. 48-53, 2000.
- FERRÉS, Joan. “Não basta usar ferramentas tecnológicas, é preciso criar um ambiente multimídia em sala de aula”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 9, p. 24-27, 1999.
- FERRY, Luc. A revolução do sagrado. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 56, p. 18-20, 2010a.
- FERRY, Luc. Sem véu. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 131, p. 12-14, 2010b.
- FISBERG, Mauro. Fora de balanço. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 27, p. 8-12, 2011.
- FISCHMANN, Roseli. Consciência mundial, educação e pluralidade: fundamentos da cultura da paz. **Pátio**, Porto Alegre, n. 6, p. 49-52, 1998.
- FISCHMANN, Roseli. Tolerância, respeito e solidariedade para construir a paz. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 52, p. 16-19, 2017.
- FLORENTINO, Manolo. “Escravidão, um grande negócio”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 26, p. 8-11, 2008.
- FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. O sentido matemático do letramento nas práticas. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 64, p. 5-19, 2005.
- FONSECA FILHO, Arthur. Escola particular e pública têm a mesma meta: qualidade. **Nova Escola**, São Paulo, n. 176, p. 20-22, 2004.
- FONTANA, Roseli Cação. Descobrimo o gosto de ser professora. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 35, p. 5-17, 2000.
- FONTANI, Paolo. Falta articulação. **Educação**, São Paulo, n. 176, p. 6-8, 2011.

- FORBES, Jorge. Nossas respostas caducaram. **Educação**, São Paulo, n. 102, p. 7-9, 2005.
- FORTUNA, Tânia Ramos. Brincadeira é coisa séria. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 129, p. 5-14, 2016.
- FORTUNATI, Aldo. A saúde da criança como projeto educativo. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 26, p. 16-19, 2011.
- FOZ, Adriana. Janelas de oportunidades. **Educação**, São Paulo, n. 184, p. 6-8, 2012.
- FRAGELLI, Ricardo. Por um espaço de alegria e aprendizagem significativa. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 39, p. 18-21, 2018.
- FRANCO, Maria Helena. Como a escola pode ultrapassar o luto e fortalecer alunos e professores? **Nova Escola**, São Paulo, n. 322, p. 12-15, 2019.
- FRANCO, Mônica Gardelli. Mergulho no território digital. **Educação**, São Paulo, n. 245, p. 6-9, 2017.
- FRANCO, Simon. Os professores são os executivos mais valiosos que as empresas de educação têm. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 47, p. 6-7, 2003.
- FRASSON, Claude. Devagar, mas nem sempre. **Educação**, São Paulo, n. 76, p. 7-9, 2003.
- FRAWLEY, William; RATNER, Carl. “As diferentes bases da aprendizagem estão se tornando aspectos da mesma coisa”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 15, p. 26-30, 2000.
- FREEDMAN, Gordon. Cidadãos para o mundo do futuro. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 65, p. 18-20, 2013.
- FREI BETTO. “A escola deve formar cidadãos, e não consumistas”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 13, p. 30-32, 2000.
- FREI BETTO. Do corpo e do espírito. **Nova Escola**, São Paulo, n. 158, p. 61-63, 2002.
- FREI BETTO. Formação de pessoas críticas e felizes. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 156, p. 12-14, 2012.
- FREI BETTO. Foco na formação de alunos críticos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 199, p. 22-26, 2016.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. O índio fora do foco da história. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 22, p. 8-11, 2010.

- FREIRE, Madalena. “Todos aprendemos e construímos conhecimento em grupo”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 4, p. 20-23, 2004.
- FREIRE, Nita. Lembrando Paulo Freire: um diálogo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 21, p. 5-16, 1998.
- FREIRE, Nita. Pedagogia do encantamento. **Educação**, São Paulo, n. 73, p. 7-10, 2003.
- FREIRE, Nita. Paulo Freire, pensador do cotidiano. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 8, p. 6-9, 2006.
- FREIRE, Paulo. “Por uma escola séria e alegre”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 30, p. 22-25, 1989.
- FREIRE, Paulo. “Nós podemos reinventar o mundo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 71, p. 8-13, 1993.
- FREIRE, Paulo. Crítico, radical e otimista. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 1, p. 5-12, 1995.
- FREIRE, Paulo. O homem que amava intensamente. **Pátio**, Porto Alegre, n. 2, p. 32-37, 1997.
- FREITAS, Luiz Carlos de. “A avaliação institucional e a avaliação do sistema devem ter por referência o desempenho esperado da criança ao final de um período de aprendizagem”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 10, p. 15-17, 2006.
- FREITAS, Luiz Carlos de. “A lógica empresarial no ensino desmoraliza o professor”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 283, p. 14-15, 2015.
- FREITAS, Mayrce Terezinha da Silva. Educação infantil que a criança merece. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 101, p. 5-11, 2011.
- FRIEDMANN, Adriana. É hora de discutir o que queremos para nossas crianças. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 32, p. 16-19, 2012.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. No Brasil falta trabalho e não trabalhadores capacitados. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 27, p. 5-13, 1999.
- FURMAN, Melina. “Mais que conceitos, é preciso ensinar atitudes científicas”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 237, p. 28-32, 2010.
- FURTADO, Júlio César. Como reconstruir a identidade do professor. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 130, p. 8-10, 2010.
- FURTADO, Nina Rosa. Sem medo de dizer “não”. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 21, p. 18-21, p. 2014.

- GABROWSKI, Gabriel. Um Pronatec a curto prazo. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 76, p. 12-15, 2013.
- GADOTTI, Moacir. “Só a escola autônoma pode melhorar o ensino”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 53, p. 22-25, 1991.
- GADOTTI, Moacir. Aula magna. **Educação**, São Paulo, n. 214, p. 3-6, 1999.
- GAIA, Egberto da Costa. 57 milhões de livros. **Nova Escola**, São Paulo, n. 05, p. 50-51, 1986.
- GAIARSA, José Ângelo. Ambição e ganância. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 82, p. 10-11, 2006.
- GAINZA, Violeta Hemsy de. “Não basta ser músico para ensinar. É preciso entender de educação”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 241, p. 38-40, 2011.
- GALARDINI, Anna Lia. Formação continuada e reflexiva. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 31, p. 16- 18, 2012.
- GALIMBERTI, Umberto. Os perigos da técnica. **Educação**, São Paulo, n. 124, p. 6-8, 2007.
- GALLO, Sílvio. Você está apto para um mestrado? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 84, p. 10-11, 2006.
- GALLO, Sílvio; ASPIS, Renata Lima. Ato de criação. **Educação**, São Paulo, n. 152, p. 4-6, 2009.
- GARBARINO, James. A educação liberta do conceito do “ser violento”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 100, p. 12, 2008.
- GARCIA, Carla Cristina. “A escola é o espaço para discutir sobre feminismo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 320, p. 12-15, 2019.
- GARCÍA, Carlos Marcelo. Sem medo na era da conectividade. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 175, p. 22-25, 2014.
- GARCIA, Joe. Tentativa de diálogo. **Educação**, São Paulo, n. 172, p. 6-8, 2011.
- GARCÍA, Olga Franco. Educação infantil: o princípio de tudo. **Educação**, São Paulo, n. 96, p. 7-9, 2005.
- GARCIA, Regina Leite. O mundo fantástico do conhecimento. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 16, p. 5-17, 1997.
- GARCÍA-CARRIÓN, Rocío. Diálogo inspirador. **Educação**, São Paulo, n. 229, p.6-10, 2016.
- GARCÍA-CARRIÓN, Rocío. “As escolas que se abrem para a comunidade conquistam melhorias”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 324, p. 12-15, 2019.

- GARCÍA-HUIDOBRO, Juan Eduardo. Riqueza intuitiva. **Educação**, São Paulo, n. 134, p. 6-8, 2008.
- GARDNER, Howard. O guru das inteligências múltiplas. **Nova Escola**, São Paulo, n. 105, p. 42-45, 1997a.
- GARDNER, Howard. “O maior desafio é conhecer cada criança como ela realmente é”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 1, p. 34-37, 1997b.
- GARDNER, Howard. A arte de mudar as mentes. **Pátio**, Porto Alegre, n. 38, p. 20-22, 2006.
- GARDNER, Howard. “É difícil fazer o certo se isso contraria os nossos interesses”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 226, p. 41-42, 2009a.
- GARDNER, Howard. Mentas do futuro. **Pátio**, Porto Alegre, n. 52, p. 20-23, 2009b.
- GARDNER, Howard. “Não preparamos os alunos para o século XXI”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 123, p. 4-5, 2009c.
- GARDNER, Howard. “Educadores compreendem a criança de forma diferente hoje”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 318, p. 12-13, 2018a.
- GARDNER, Howard. Por um mundo melhor, sim!. **Educação**, São Paulo, n. 253, p. 8-12, 2018b.
- GARDNER, Sally. Salva pela dislexia. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 62, p. 10-13, 2014.
- GAROFALO, Débora. Uma professora para se inspirar. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 157, p. 6-10, 2019.
- GARROUX, Dagmar. Educação como ato de amor. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 121, p. 4-6, 2009.
- GATHER-THURLER, Monica. Formar para agir em situações cada vez mais diversas e complexas. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 62, p. 18-21, 2012.
- GATTI, Bernardete. A difícil condição docente. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 42, p. 8-11, 2009.
- GATTI, Bernardete. Por um olhar ampliado. **Educação**, São Paulo, n. 231, p. 8-14, 2016.
- GAUTHIER, Clermont. Teoria científica na prática da sala de aula. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 124, p. 4-5, 2010.

- GAZZOLA, Ana Lúcia. A educação é cara, mas os custos com a ignorância são maiores. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 100, p. 5-11, 2011.
- GEHRINGER, Max. Relacionamento não é tudo... Mas é quase 100%. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 67, p. 8-9, 2005.
- GENRO, Tarso. O tempo e a espera. **Educação**, São Paulo, n. 85, p. 9-11, 2004.
- GENRO, Tarso. “2005 será o ano da qualidade na educação”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 180, p. 22-24, 2005.
- GENTILI, Pablo. “A globalização libertadora tem de se sustentar em um conjunto de valores que a educação deve formar”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 28, p. 26-30, 2003.
- GERALDI, Corinta. O papel de acadêmicos em cargos públicos da educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 56, p. 5-15, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. Recuperando as práticas de interlocução na sala de aula. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 24, p. 5-19, 1998.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Dentro, mas fora. **Educação**, São Paulo, n. 107, p. 6-8, 2006a.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. Por uma formação mais humanística. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 85, p. 14-15, 2006b.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. O plano do heroísmo. **Educação**, São Paulo, n. 129, p. 4-6, 2008.
- GIACOPINI, Bruna Elena. Cada criança é um indivíduo. **Nova Escola**, São Paulo, n. 197, p. 68-70, 2006.
- GIANNETTI [da Fonseca], Eduardo. A chaga da desigualdade. **Educação**, São Paulo, n. 227, p. 6-9, 2016.
- GIORGETTI, Ugo. Uma copa distante. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 57, p. 8-11, 2014.
- GIROUX, Henry. Uma geração ameaçadora e ameaçada. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 5, p. 14-16, 2010.
- GLEISER, Marcelo. “A ciência se torna fascinante quando você não fica só na teoria”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 181, p. 22-24, 2005.
- GLEISER, Marcelo. “Ciência é narrativa, não quadro-negro”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 9, p. 6-8, 2006.
- GLEISER, Marcelo. A imperfeição é bela. **Educação**, São Paulo, n. 159, p. 6-8, 2010.

- GOLDENBERG, Margareth. Uma ONG educacional que funciona. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 103, p. 8-10, 2008.
- GOMES, Cid. Mais com menos. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 94, p. 10-15, 2015.
- GOMES, Laurentino. Um barril de pólvora chamado Brasil. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 53, p. 8-11, 2011.
- GOMES, Laurentino. História de maneira instigante. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 191, p. 26-30, 2015.
- GOMES, Laurentino. A história nos libertará. **Educação**, São Paulo, n. 262, p. 6-11, 2019.
- GOMES, Nilma Lino. Por uma cidadania multicultural. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 84, p. 5-12, 2008.
- GÓMEZ, Ángel I. Pérez. A missão de promover aprendizagens relevantes. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 73, p. 18-20, 2015.
- GÓMEZ, Ángel I. Pérez. Aprender é mudar o que já somos. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 34, p. 18-21, 2017.
- GONÇALVES, Luiz Alberto. “A escola discrimina o silêncio”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 20, p. 19-21, 1988.
- GOODSON, Ivor. A arte de contar a própria história. **Pátio**, Porto Alegre, n. 43, p. 20-21, 2007.
- GOTLIB, Nádya Battella. Os mistérios de Clarice. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 39, p. 8-10, 2009.
- GOULART, Antonio. Livro na cesta básica para alimentar a alma do trabalhador. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 48, p. 8-9, 2003.
- GRAJEW, Oded. Escola de cidadania. **Educação**, São Paulo, n. 236, p. 7-9, 2000.
- GRAVATÁ, André. Diário da educação. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 54, p. 8-11, 2013.
- GREEN, Judith. Interação na sala de aula e formação de professores. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 53, p. 5-13, 2003.
- GREGORI, José. Aprenda direitos. **Educação**, São Paulo, n. 217, p. 3-6, 1999.
- GRETZ, João Roberto. Professor motivado, aluno aplicado. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 64, p. 10-11, 2005.

- GROSS, Neil. A universidade não cria liberais. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 79, p. 12-13, 2013.
- GROSSI, Esther Pillar. “Em matéria de alfabetização damos um banho no Primeiro Mundo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 57, p. 20-23, 1992.
- GROSSI, Esther Pillar. Analfabetismo zero. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 49, p. 5-11, 2003.
- GRUNFELD, Diana. “As intervenções na alfabetização devem incluir as ideias do aluno”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 277, p. 20-21, 2014.
- GUILHÓN, Edite Maria Barbosa. Dois mestres se encontram. **Educação**, São Paulo, n. 218, p. 3-5, 1999.
- GUSSO, Gustavo. Atitudes para uma escola saudável. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 69, p. 18-20, 2014.
- GUTFREIND, Celso. Parceria entre pais e pesquisadores. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 23, p. 16-19, 2010.
- HAASE, Vitor. Eles não sabem calcular. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 32, p. 8-11, 2011.
- HABIMORAD, Maíra. Que jovem é esse? **Educação**, São Paulo, n. 203, p. 6-8, 2014.
- HADDAD, Fernando. Colheita amarga. **Educação**, São Paulo, n. 103, p. 7-9, 2005.
- HADDAD, Fernando. O país precisa acordar para a importância da educação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 202, p. 20-24, 2007a.
- HADDAD, Fernando. Uma nova arquitetura educacional. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 21, p. 8-10, 2007b.
- HADDAD, Fernando. A formação docente é prioridade para o ministério. **Nova Escola**, São Paulo, n. 216, p. 32-36, 2008.
- HADDAD, Sérgio. “Se a causa da educação for só dos educadores, perdemos”. **Educação**, São Paulo, n. 99, p. 7-9, 2005.
- HADDAD, Sérgio. Consenso superficial. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 28, p. 8-11, 2008.
- HADJI, Charles. Avaliar para melhor formar. **Educação**, São Paulo, n. 237, p. 7-9, 2001.
- HADJI, Charles. É preciso apostar na inteligência dos alunos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 198, p. 17-20, 2006.

- HADJI, Charles. Muito além dos indicadores. **Pátio**, Porto Alegre, n. 50, p. 20-22, 2009.
- HAMBURGER, Cao. “Toda a sociedade pela educação”. **Educação**, São Paulo, n. 248, p. 7-10, 2018.
- HAMBURGER, Ernst. A ciência junto com o abecê. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 16, p. 8-10, 2007.
- HAMBURGER, Ernst. Ciência para todos. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 71, p. 8-11, 2012.
- HANNOVER, Bettina. “É simplista dizer que o gênero explica o sucesso de um aluno”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 276, p. 22-24, 2014.
- HARDY, Marianne. “É preciso estar convencido de que toda criança pode aprender”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 30, p. 24-27, 2004.
- HARGREAVES, Andy. “No currículo como na vida, os danos às questões ambientais tendem a ocorrer mais por negligência do que deliberadamente”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 19, p. 30-32, 2001.
- HARGREAVES, Andy. Líderes para um novo mundo. **Pátio**, Porto Alegre, n. 46, p. 20-22, 2008.
- HARRIS, Douglas N. Escolha arriscada. **Educação**, São Paulo, n. 236, p. 8-10, 2017.
- HARTILL, Richard. Os desperdícios da economia. **Educação**, São Paulo, n. 115, p. 6-8, 2006.
- HATCHUEL, Françoise. A formação de professores inclui trabalho com emoções. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 52, p. 5-13, 2003.
- HATOUM, Milton. Relatos de um escritor. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 65, p. 12-15, 2012.
- HATTIE, John. Educação de alto impacto. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 81, p. 18-21, 2017.
- HÉBRARD, Jean. O objetivo da escola é a cultura, não a vida mesma. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 33, p. 5-17, 2000.
- HERAS, Antonio de Las. Do mundo virtual à realidade escolar. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 43, p. 8-10, 2010.
- HEREDERO, Eladio Sebastián. Questão de método. **Educação**, São Paulo, n. 220, p. 10-14, 2015.

- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando. Educação: caleidoscópio com imagens diferentes segundo seus movimentos. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 43, p. 5-11, 2002.
- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando. Um novo lugar para o educador na relação pedagógica. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 29, p. 18-21, 2016.
- HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando. Um convite a repensar o sentido da escola. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 38, p. 18-21, 2018.
- HERZOG, Clarice; BOLZE, Rosangela. “Cada jovem acha que ele, em especial, não vai pegar Aids”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 68, p. 20-23, 1993.
- HINGEL, Murílio. “Mais importante que tudo é dar atenção integral à criança”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 65, p. 16-19, 1993.
- HINGEL, Murílio. No ponto fora da curva. **Educação**, São Paulo, n. 260, p. 8-12, 2019.
- HIPÓLITO, Oscar. O gargalo do ensino superior brasileiro. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 55, p. 10-13, 2011.
- HIRSCH, Eric. Fortalecendo os professores. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 106, p. 6-9, 2008.
- HOCKLY, Nicky. Na língua da web. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 66, p. 8-11, 2015.
- HOLM, Anna Marie. Eco contemporâneo. **Educação**, São Paulo, n. 219, p. 6-8, 2015.
- HONORÉ, Carl. A infância sob pressão. **Educação**, São Paulo, n. 163, p. 6-8, 2010.
- HONORÉ, Carl. Desacelerar é preciso. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 11, p. 14-17, 2011.
- HONORÉ, Carl. Sob pressão. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 56, p. 8-11, 2014.
- HORN, Maria da Graça. Parceiro pedagógico. **Educação**, São Paulo, n. 112, p. 6-8, 2006.
- HORTÉLIO, Lydia. “Brincar é o último reduto da espontaneidade que a humanidade tem”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 3, p. 21-24, 2003.

- HÖVELMANN, Ulrike. Os músicos que viraram leitores. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 13, p. 6-9, 2009.
- HOYUELOS, Alfredo. Um olhar estético sobre a educação. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 19, p. 18-20, 2009.
- HULOT, Nicolas. Escola da diversidade. **Educação**, São Paulo, n. 139, p. 6-8, 2008.
- HUNT, Peter. “A missão da literatura infantil é expandir o universo dos pequenos”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 244, p. 40-42, 2011.
- IMBERNÓN, Francisco. “A educação do futuro não está tanto nos professores, mas no apoio da comunidade”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 16, p. 34-38, 2001.
- IMEN, Pablo. Reinventando a escola pública. **Educação**, São Paulo, n. 186, p. 6-8, 2012.
- IMENES, Luiz Márcio. Refazendo a conta. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 48, p. 8-11, 2013.
- IOSCHPE, Evelyn. Capacitar o professor para a arte. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 40, p. 6-7, 2003.
- IOSCHPE, Gustavo. Para sair do atraso. **Educação**, São Paulo, n. 94, p. 7-9, 2005.
- IOSCHPE, Gustavo. Por um ensino público melhor. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 105, p. 6-8, 2008.
- IOSCHPE, Gustavo. Na porta da escola e no calor da polêmica. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 149, p. 12-15, 2012.
- IRELAND, Timothy. “A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 223, p. 36-39, 2009.
- IZQUIERDO, Iván. Bastidores da memória. **Educação**, São Paulo, n. 227, p. 5-7, 2000.
- IZQUIERDO, Iván. Memória e aprendizado. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 23, p. 8-11, 2010.
- IZQUIERDO, Iván. É preciso divulgar melhor a ciência feita no Brasil. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 86, p. 18-21, 2018.
- JACKSON, Sonia. Um cesto de tesouros na creche. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 13, p. 17-19, 2007.
- JACKSON, Yvette. Crença na aprendizagem. **Educação**, São Paulo, n. 217, p. 6-8, 2015.

- JARDIM, João. Tão longe, tão perto. **Educação**, São Paulo, n. 119, p. 4-6, 2007a.
- JARDIM, João. Ver e não enxergar. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 15, p. 6-8, 2007b.
- JARDIM, Sonia Machado. Ponte para o hábito. **Educação**, São Paulo, n. 149, p. 6-8, 2009.
- JARES, Xesús R. “As escolas de educação infantil devem ser seguras e comprometidas com a tolerância zero à violência”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 11, p. 15-17, 2006.
- JENSEN, Claus. Lições e descobertas ao ar livre. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 34, p. 16-19, 2013.
- JENSEN, Jytte Juul. Uma formação especial para a primeira infância. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 53, p. 16-19, 2017.
- JIMÉNEZ, César Muñoz. Utópico sim, por favor. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 28, p. 8-11, 2011.
- JOHANNPETER, Jorge Gerdau. Sem educação não há competitividade. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 20, p. 18-19, 2014.
- JUBILUT, Paulo. A internet é uma sala de aula. **Educação**, São Paulo, n. 250, p. 8-12, 2018.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel. Por uma educação mais coesa. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 168, p. 14-17, 2013.
- KAGAN, Spencer. Trabalhar em grupo desenvolve capacidades socioemocionais. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 129, p. 10-11, 2010.
- KALINA, Eduardo. Drogadição na adolescência. **Pátio**, Porto Alegre, n. 8, p. 22-25, 1999.
- KAMII, Constance. Ensinar a raciocinar. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 29, p. 16-19, 2011.
- KAMII, Constance. “O algoritmo pode confundir mais do que ajudar”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 284, p. 14-15, 2015.
- KAUFMAN, Ana Maria. “Os construtivistas já podem avançar no ensino da gramática”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 75, p. 22-24, 1994.
- KEHL, Maria Rita. Nossa cultura mima os adolescentes. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 34, p. 8-11, 2009.

- KHAN, Salman. A maior sala de aula do mundo. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 19, p. 18-21, 2013.
- KILPATRICK, Jeremy. “A única saída é a capacitação”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 220, p. 27-29, 2009.
- KINCHELOE, Joe. “Devemos cruzar as fronteiras vocacionais, nacionais, raciais, étnicas e de classe para formar comunidades estabelecidas em valores democráticos”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 10, p. 23-25, 1999.
- KIURU, Krista. “Educação de qualidade é condição para o crescimento social”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 53, p. 8-11, 2013.
- KLEIMAN, Angela. Linguagem: construção de sentidos nas práticas do cotidiano. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 143, p. 6-11, 2018.
- KLEIN, Lúcia. O professor precisa de coerência entre o que sente, o que pensa e o que faz. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 57, p. 8-9, 2004.
- KOELLREUTTER, Hans-Joachim. Uma sinfonia de seres humanos. **Educação**, São Paulo, n. 207, p. 3-5, 1998.
- KONG, Lee Sing. Investimento no professor. **Educação**, São Paulo, n. 170, p. 6-8, 2011.
- KONG, Lee Sing. “Melhorar a compreensão social sobre o papel dos professores é imprescindível”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 249, p. 24-25, 2012.
- KONG, Lee Sing. O valor do reconhecimento. **Educação**, São Paulo, n. 230, p. 8-10, 2016.
- KOSNIK, Clare; BECK, Clive. Quem pode ser um bom professor. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 34, p. 8-11, 2011.
- KRAMER, Sônia. Dando vez ao mestre. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 4, p. 5-12, 1995.
- KRAWCZYK, Nora. O descompasso da urgência. **Educação**, São Paulo, n. 212, p. 6-9, 2014a.
- KRAWCZYK, Nora. Sob a lógica do mercado. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 87, p. 14-17, 2014b.
- KRENAK, Ailton. “O branco alfabetiza o índio para controlar o índio”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 44, p. 20-23, 1990.
- KRUMHOLZ, Felicia. O samba pede passagem. **Educação**, São Paulo, n. 65, p. 9-11, 2002.

- KRUPPA, Sônia Maria Portella. “Os professores precisam se aliar com toda a população”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 62, p. 21-23, 1992.
- KUNSCH, Clarice Krohling. Geração tédio. **Educação**, São Paulo, n. 202, p. 6-8, 2014.
- KYLLÖNEN, Marjo. Um passo adiante. **Educação**, São Paulo, n. 225, p. 6-8, 2016.
- LACERDA, Maria do Pilar. Por uma escola contemporânea. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 18, p. 6-8, 2007.
- LAGO, Samuel. Priorizar é o caminho. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 70, p. 10-11, 2005.
- LAHIRE, Bernard. Desigualdades sociais e escola. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 92, p. 5-10, 2010.
- LAHIRE, Bernard. O fator social. **Educação**, São Paulo, n. 181, p. 8-10, 2012.
- LAHIRE, Bernard. “A escola é a estrutura estável de quem vive numa família instável”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 278, p. 16-17, 2014.
- LAJOLO, Marisa. A leitura é um risco. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 2, p. 6-9, 2008.
- LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Uma perspectiva sociocultural para o uso das tecnologias digitais. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 109, p. 5-9, 2013.
- LARA, Luisa Castiglioni. “Por que as crianças não gostam da escola”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 43, p. 22-25, 1990.
- LARROSA [Bondía], Jorge. O professor ensaísta. **Educação**, São Paulo, n. 193, p. 6-12, 2013.
- LAUKKANEN, Reijo. Ações articuladas. **Educação**, São Paulo, n. 150, p. 4-6, 2009.
- LAZAREVICIUTE, Ieva. Novos desafios. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 67, p. 8-11, 2015.
- LÁZARO, André. Adrenalina do bem. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, n. 4, p. 14-16, 2010.
- LEAL FILHO, Laurindo Lalo. A melhor TV do mundo. **Educação**, São Paulo, n. 195, p. 3-5, 1997.
- LEE, Fernanda. O jeito certo de disciplinar. **Nova Escola**, São Paulo, n. 301, p. 8, 2017.

- LENGEL, Jim. Os desafios da educação 3.0. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 160, p. 14-15, 2013.
- LENT, Roberto. O jogo da aprendizagem. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 15, p. 5-13, 1997.
- LENT, Roberto. A ciência busca a educação. **Educação**, São Paulo, n. 210, p. 6-8, 2014.
- LENT, Roberto. Conhecimento compartilhado. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n.51, p. 16-19, 2017.
- LERNER, Delia. É preciso dar sentido à leitura. **Nova Escola**, São Paulo, n. 195, p. 13-16, 2006.
- LETRIA, José Jorge. A leitura é um esporte. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 41, p. 8-11, 2012.
- LEVIN, Esteban. “O corpo ajuda o aluno a aprender”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 179, p. 20-22, 2005.
- LÉVY, Pierre. “Aprender a navegar é uma condição fundamental da autonomia a aprendizagem e uma navegação sem fim”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 18, p. 28-31, 2001.
- LÉVY, Pierre. Estamos todos conectados. **Nova Escola**, São Paulo, n. 164, p. 22-26, 2003.
- LÉVY, Pierre. Memória e cibercultura. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 91, p. 5-8, 2010.
- LIBÓRIO, Renata. “Tem jovem que nem sabe por que posta fotos eróticas na web”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 271, p. 24-26, 2014.
- LIMA, Ana Lúcia. Analfabetismo funcional: “O ponto mais crítico está no Fundamental II”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 323, p. 12-15, 2019.
- LIMA, Elvira Souza. A função antropológica do ensinar. **Nova Escola**, São Paulo, n. 138, p. 9-11, 2000.
- LIMA, Elvira Souza. Cérebro humano e educação hoje. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 94, p. 5-10, 2010.
- LIMA, Elvira Souza. “Educar é ampliar a experiência de cada aluno”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 126, p. 5-13, 2015.
- LIMA, Jorge da Cunha. Televisão é cultura. **Educação**, São Paulo, n. 221, p. 3-6, 1999.

- LIMA, José Fernandes de. O novo ensino médio. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 57, p. 14-17, 2011.
- LIMA, José Fernandes de. Preparar para a cidadania, para o trabalho e para a vida. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 25, p. 18-21, 2015.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. “Os CIEPs são irreversíveis”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 52, p. 26-29, 1991.
- LIRA NETO. Getúlio, ame-o ou deixe-o. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 89, p.12-15, 2014.
- LLACH, Juan José. Vizinho sem fronteira. **Educação**, São Paulo, n. 228, p. 7-9, 2000.
- LOPES, Antônio José. Um professor cético, porém muito otimista. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 125, p. 5-12, 2015.
- LOPES, Maria Laura Mouzinho Leite. A eterna aprendiz. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 22, p. 5-13, 1998.
- LOPES, Roseli de Deus. Ciência investigativa e criativa. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 25, p. 8-10, 2008.
- LOTAN, Rachel. Docência como profissão. **Educação**, São Paulo, n. 190, p. 6-8, 2013.
- LOTAN, Rachel. Aprendizagem baseada na interação. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 82, p. 18-21, 2017.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Um diálogo entre pedagogia e educação ambiental. **Pátio**, Porto Alegre, n. 54, p. 18-21, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 72, p. 5-15, 2006.
- LOUZANO, Paula. Técnicas para lecionar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 138, p. 12-15, 2011.
- LOUZADA, Fernando. Complexidade à mostra. **Educação**, São Paulo, n. 241, p. 10-14, 2017.
- LUBART, Todd. Um ambiente para o pensamento criativo. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 79, p. 18-20, 2016.
- LUCAS, Peter. “Devemos ver o momento como uma oportunidade que a educação em direitos humanos tem para envolver e educar o público”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 21, p. 24-28, 2002.

- LUCCHESI, Rafael. Qualificação contra a crise. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 27, p. 18-21, 2015.
- LUCKESI, Cipriano. “O objetivo da avaliação é intervir para melhorar”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 191, p. 18-20, 2006.
- LUCKESI, Cipriano. A medida certa. **Educação**, São Paulo, n. 182, p. 6-8, 2012.
- LUCKESI, Cipriano; D’ÁVILA, Cristina. A didática na contemporaneidade: caminho para a emancipação do ser humano. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 146, p. 6-11, 2018.
- LUMINET, Jean-Pierre. Intuição a serviço da ciência. **Educação**, São Paulo, n. 137, p. 6-8, 2008.
- LUSTOSA, Isabel. O autoritário constitucionalista. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 29, p. 8-10, 2008.
- MACCARINI, Justina Motter. Matemática para todos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 174, p. 18-21, 2014.
- MACEDO, Beatriz. Tarefa coletiva. **Educação**, São Paulo, n. 110, p. 6-8, 2006.
- MACEDO, Lino de. “Disciplina é um conteúdo como qualquer outro”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 183, p. 24-26, 2005.
- MACEDO, Lino de. A “bola” da vez. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 26, p. 8-11, 2011.
- MACEDO, Roberto. Com uma prancha nas mãos. **Educação**, São Paulo, n. 200, p. 3-5, 1997.
- MACHADO, Ana Luiza. A educação no país evoluiu, mas ainda não é para todos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 210, p. 32-36, 2008.
- MACHADO, Ana Maria. A literatura deve dar prazer. **Nova Escola**, São Paulo, n. 145, p. 21-23, 2001.
- MACHADO, Ana Maria. Por incrível que pareça. **Educação**, São Paulo, n. 252, p. 7-9, 2002.
- MACHADO, Ana Maria. A busca pelo prazer de ler. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 170, p. 14-16, 2013.
- MACHADO, Angelo Barbosa Monteiro. Literatura, ciência e natureza. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 7, p. 5-13, 1996.
- MACHADO, Angelo Barbosa Monteiro. Literatura e ciência para jovens. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 103, p. 5-8, 2012.

- MACHADO, Nilson José. Mapa do saber. **Educação**, São Paulo, n. 245, p. 7-9, 2001.
- MACHADO, Nilson José. A matemática e a língua são complementares. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 4, p. 6-9, 2008.
- MACIEL, Francisca. Solettrar com esperança. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 128, p. 5-14, 2016.
- MADEIRA, Ricardo. “Não conhecemos as boas e as más práticas de uso de verbas”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 287, p. 68-69, 2015.
- MAGALHÃES, Marcos. Por uma educação mais eficiente. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 152, p. 12-14, 2012.
- MAGNANI, Sergio. A lição do maestro iluminista. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 29, p. 5-11, 1999.
- MAGNOLI, Demétrio. O gramático do mundo. **Educação**, São Paulo, n. 241, p. 7-9, 2001.
- MAIA, Maurício Holanda. Contrato exigente. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 64, p. 8-11, 2014.
- MAINARDES, Rogério. “Um marketing mais forte que a didática afunda a escola”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 52, p. 8-11, 2004.
- MALAJOVICH, Ana. “O que marca a excelência de uma escola de educação infantil é a qualidade das pessoas que lá trabalham”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 261, p. 30-32, 2013.
- MALDONATO, Mauro. Navegando o (des)conhecido. **Educação**, São Paulo, n. 189, p. 6-8, 2013.
- MANDELBAUM, Belinda. “É hora de rever o conceito de família desestruturada”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 234, p. 34-38, 2010.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. “Inclusão é o privilégio de conviver com a diferença”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 182, p. 24-26, 2005.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Pedagogia da diferença. **Educação**, São Paulo, n. 216, p. 6-8, 2015.
- MANTOVANI, Susanna. “Na etapa pré-escolar há a necessidade não de uma aprendizagem ou de um ensino formal, mas de construção de um contexto social”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 1, p. 20-21, 2003.

- MANTOVANINI, Maria Cristina. “Se a criança não aprende, muita gente acha mais fácil culpar uma doença”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 253, p. 36-40, 2012.
- MANZI, Jorge. “Nossas avaliações ajudam a reter bons professores, que passam a ganhar mais”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 250, p. 30-32, 2012.
- MARCHESI, Álvaro. Cidadania só faz sentido quando alunos são respeitados. **Nova Escola**, São Paulo, n. 201, p. 19-22, 2007a.
- MARCHESI, Álvaro. O desafio de formar cidadãos responsáveis. **Pátio**, Porto Alegre, n. 42, p. 19-21, 2007b.
- MARCHESI, Álvaro. A população crê na educação. **Educação**, São Paulo, n. 187, p. 6-8, 2012.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. “A educação brasileira deu um grande salto nos anos 1990”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 186, p. 20-21, 2005a.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. Raízes do atraso. **Educação**, São Paulo, n. 100, p. 7-9, 2005b.
- MARCOVITCH, Jacques. Vai muito bem, obrigado. **Educação**, São Paulo, n. 226, p. 5-7, 2000.
- MARKERT, Werner. “Não estamos formando os vencedores, mas os perdedores de amanhã”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 60, p. 18-20, 1992.
- MARTÍNEZ, José María Avilés. “Os conflitos são indispensáveis e existem, mesmo que não os desejemos”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 52, p. 7-9, 2013.
- MARTÍNEZ, José María Avilés. O mediador de conflitos. **Educação**, São Paulo, n. 215, p. 6-8, 2015.
- MARTINIC, Sergio. A escola e o tempo. **Educação**, São Paulo, n. 197, p. 10-12, 2013.
- MARTINS, Mirian Celeste. A arte explica a vida. **Nova Escola**, São Paulo, n. 151, p. 45-47, 2002.
- MARTINS, Roberto de Andrade. A ciência tem história. **Educação**, São Paulo, n. 209, p. 3-5, 1998.
- MASETTO, Marcos. Simples assim. **Educação**, São Paulo, n. 63, p. 7-9, 2002.
- MASI, Domenico de. Por um mundo mais criativo. **Nova Escola**, São Paulo, n. 136, p. 10-12, 2000.

- MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. Contadoras de histórias em tempo de internet e celulares que tiram foto. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 74, p. 5-12, 2007.
- MATOS, Kleber Gesteira. Desafios da educação indígena. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 54, p. 5-13, 2003.
- MATTAR, Hélio. A revolução do consumo. **Educação**, São Paulo, n. 249, p. 7-9, 2002.
- MATURANO, Ana Cássia. Criança não é miniatura de adulto. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 65, p. 10-11, 2005.
- McGAW, Barry. Ensino unificado. **Educação**, São Paulo, n. 178, p. 6-8, 2012.
- MEDINA, João Paulo. “A Educação Física deve ter um sentido social amplo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 76, p. 15-17, 1994.
- MEIN, John Edwin. Aprendizagem ou perfumaria. **Educação**, São Paulo, n. 104, p. 7-9, 2005.
- MEIRELLES, Renata. “Brincar não é só alegria”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 315, p. 12-13, 2018.
- MEIRIEU, Philippe. O desafio de democratizar a escola. **Pátio**, Porto Alegre, n. 47, p. 19-22, 2008.
- MEKSENAS, Paulo. “Sois responsável pela educação de um povo”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 56, p. 8-9, 2004.
- MELLO, Guiomar Namó de. Pelo marketing social da educação. **Educação**, São Paulo, n. 201, p. 5-7, 1998.
- MELLO, Guiomar Namó de. Escola boa é aquela em que todos aprendem. **Nova Escola**, São Paulo, n. 173, p. 24-28, 2004.
- MELLO, Guiomar Namó de. Novos desafios para o ensino médio. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 2, p. 16-19, 2009.
- MELLO, Guiomar Namó de. Os mitos em confronto com a realidade. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 60, p. 18-21, 2011a.
- MELLO, Guiomar Namó de. Requisito fundamental para melhorar a educação. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 143, p. 12-14, 2011b.
- MELLO, Yvonne Bezerra de. Um milagre por dia. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 113, p. 4-5, 2009.

- MENDES, Jadir de Souza. Criatividade em prol de uma boa aula. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 167, p. 22-24, 2013.
- MÉNDEZ, Juan Manuel Álvarez. “A avaliação é um processo natural, que nos permite ter consciência do que fazemos, da qualidade do que fazemos e das consequências que acarretam nossas ações”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 34, p. 24-27, 2005.
- MENDIA, Fábio. Liderança absoluta. **Educação**, São Paulo, n. 225, p. 5-7, 2000.
- MENDONÇA, Rita. “O educador ambiental ensina por suas atitudes”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 190, p. 20-22, 2006.
- MENEZES FILHO, Naércio Aquino. Não basta ter recursos, é preciso saber gerenciá-los. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 90, p. 12-13, 2007.
- MENEZES, Luís Carlos de. A física nossa de cada dia. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 28, p. 5-15, 1999.
- MENEZES, Luís Carlos de. Mais paixão no ensino de Ciências. **Nova Escola**, São Paulo, n. 159, p. 19-21, 2003.
- MENEZES, Luís Carlos de. “Na sala de aula, é preciso fazer a turma pensar, perguntar ‘Será que...?’ e experimentar”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 264, p. 41-42, 2013.
- MENIN, Maria Suzana. “A educação moral hoje visa a formação autônoma, e não a obediência cívica”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 257, p. 30-34, 2012.
- MERCADANTE, Aloizio. “Sem a valorização do professor não há qualidade na educação”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 252, p. 44-46, 2012.
- MÉSZÁROS, István. Em busca da dimensão humana. **Educação**, São Paulo, n. 105, p. 5-7, 2006.
- MEYER, Mônica. “O corpo tem que ter vivências para aprender sobre a natureza”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 98, p. 5-11, 2011.
- MEYER, Mônica. “O ambiente por inteiro”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 127, p. 5-13, 2016.
- MIGOYA, Fernando Valenzuela. Educar para um mundo sustentável. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 177, p. 22-25, 2014.
- MIGUEL, Emilio Sánchez. “Os professores devem ter orgulho de participar da aventura maravilhosa que é o desafio de alfabetizar toda a população”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 29, p. 26-29, 2004.

- MIRSHAWKA, Victor. Retenção de talentos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 71, p. 10-11, 2005.
- MITTLER, Peter. Inclusão escolar é transformação da sociedade. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 30, p. 5-15, 1999.
- MLODINOW, Leonardo. Infinito em todas as direções. **Educação**, São Paulo, n. 87b, p. 7-9, 2004.
- MÓL, Gerson. Química, ainda uma estranha no ninho. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 54, p. 10-13, 2011.
- MOLINA, Mônica Castagna. “A educação do campo é muito mais do que uma proposta pedagógica”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 258, p. 26-28, 2012.
- MOLINA, Mônica. “Eu abriria uma escola”. **Educação**, São Paulo, n. 249, p. 10-14, 2018.
- MOLINARI, Claudia. A diversidade ajuda no avanço de classes multisseriadas. **Nova Escola**, São Paulo, n. 219, p. 30-34, 2009.
- MOLL, Jaqueline. Uma educadora de muitos “fazimentos”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 133, p. 5-13, 2017.
- MOMM, Raquel. Alfabetização e os conceitos essenciais à aprendizagem. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 158, p. 14-16, 2012.
- MONTE, Nietta Lindenberg. Formação de professores indígenas. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 26, p. 5-11, 1999.
- MONTERO, Antonio Moreno. “A Espanha busca a escola autônoma”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 50, p. 20-25, 1991.
- MORA, Francisco. Ensinar bem é emocionar. **Pátio**, Porto Alegre, n. 55, p. 18-20, 2010.
- MORAES FILHO, João Cariello de. Banco de talentos. **Educação**, São Paulo, n. 212, p. 3-5, 1998.
- MORAIS, José. A missão de despertar o interesse pela leitura. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 15, p. 18-21, 2012.
- MORAIS, José. Alfabetização: qual o melhor método? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 186, p. 24-27, 2015.
- MORAIS, José; KOLINSKY, Régine. Alfabetização, neurociências e democracia. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 71, p. 18-21, 2014.
- MORAN, José Manuel. “O diploma vale, e o mercado precisa”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 45, p. 6-9, 2010.

- MORAN, José Manuel. Espaço de discussão. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 145, p. 12-14, 2011.
- MORDUCHOWICZ, Alejandro. Novo patamar. **Educação**, São Paulo, n. 157, p. 6-8, 2010.
- MOREIRA, José Carlos Teixeira. Chega de tédio. **Educação**, São Paulo, n. 71, p. 7-9, 2003.
- MOREIRA, Wagner Wey. Brincadeira antes do esporte. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 42, p. 8-11, 2012.
- MORETTO, Vasco. Planejamento a favor do aluno e do professor. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 96, p. 12-13, 2007.
- MOREY, Miguel. Entre o culto da letra e o cuidado com a palavra viva. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 44, p. 5-11, 2002.
- MORIN, Edgar. A escola mata a curiosidade. **Nova Escola**, São Paulo, n. 168, p. 20-22, 2003.
- MORTIMORE, Peter. Democracia e eficácia no ensino. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 5, p. 5-17, 1995.
- MOSS, Peter. “Uma boa escola deve reconhecer e responder à diversidade, pois, do contrário, ela não faz justiça às crianças, às famílias e aos professores”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 9, p. 15-19, 2005.
- MOSS, Peter. Diálogos da integração. **Educação**, São Paulo, n. 127, p. 6-8, 2007.
- MOYLES, Janet. A pedagogia do brincar. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 21, p. 18-21, 2009.
- MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. A droga da obediência. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 25, p. 8-11, 2011.
- MUCHANGOS, Aniceto dos. Em paz, Moçambique luta por ensino de qualidade para todos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 73, p. 20-21, 1994.
- MURNANE, Richard. Emprego do futuro. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 82, p. 12-15, 2013a.
- MURNANE, Richard. Os efeitos do incentivo. **Educação**, São Paulo, n. 200, p. 6-8, 2013b.
- MUSATTI, Tullia. Vida na creche: espaço de produção cultural. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 50, p. 5-15, 2003.
- NAGLE, Jorge. “A universidade desconhece a realidade do ensino básico”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 55, p. 20-23, 1992.

- NAJJAR, Eduardo. “Precisamos ter juízo”. **Educação**, São Paulo, n. 90, p. 7-9, 2004.
- NARANJO, Claudio. Transformar o professor. **Educação**, São Paulo, n. 218, p. 6-8, 2015.
- NDIAYE, Pap. “Não nascemos racistas, nos tornamos racistas”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 272, p. 20-21, 2014.
- NEGRI, Barjas. Pronto-socorro sem sala de espera. **Nova Escola**, São Paulo, n. 86, p. 56-57, 1995.
- NEIRA, Marcos Garcia. “Em vez de formar atletas, analisar a cultura corporal”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 224, p. 38-41, 2009.
- NEIRA, Marcos Garcia. Educação física sem norte. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 31, p. 8-11, 2011.
- NEIRA, Marcos Garcia. Corpo e cultura. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 50, p. 16-18, 2017.
- NEMIROVSKY, Myriam. “O docente que sabe o que vai fazer é mais seguro e capaz de intervir”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 246, p. 46-50, 2011.
- NERI, Marcelo Cortes. Poderemos ser a próxima Coréia? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 139, p. 12-14, 2011.
- NERY, Ana Clara Bortoleto. O passado que ensina. **Educação**, São Paulo, n. 156, p. 6-8, 2010.
- NEUBAUER, Rose. “Podemos combater as altas taxas de fracasso escolar do Brasil”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 178, p. 20-22, 2004.
- NEVES, Carmen Moreira de Castro. Pibid: integração entre universidades e educação básica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 117, p. 5-8, 2014.
- NEVES, Lucília. Ensino de história: mais substantivo e menos informativo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 96, p. 5-11, 2010.
- NEVES, Rodolfo Yamamoto. Pop arte sacra. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 37, p. 8-11, 2012.
- NISKIER, Arnaldo. Em tempo real. **Educação**, São Paulo, n. 232, p. 7-9, 2000.
- NOBRE, Carlos. Conhecimento global. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 31, p. 8-10, 2008.
- NÓBREGA, Clemente. O negócio escola. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 50, p. 8-9, 2003.

- NÓBREGA, Mailson da. Falta de investimentos ou verba mal distribuída. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 77, p. 10-12, 2006.
- NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. A escola atacada. **Educação**, São Paulo, n. 204, p. 6-8, 2014.
- NÓVOA, António. Professor se forma na escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 142, p. 13-15, 2001.
- NÓVOA, António. “Os professores estão na mira de todos os discursos. São o alvo mais fácil a abater”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 27, p. 25-28, 2003.
- NÓVOA, António. Educação: entre políticas, retóricas e práticas. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 60, p. 5-13, 2004.
- NÓVOA, António. Profissão: docente. **Educação**, São Paulo, n. 154, p. 6-9, 2010.
- NÓVOA, António. “A educação assumiu muitas tarefas. É o fenômeno da escola transbordante”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 256, p. 30-32, 2012.
- NÓVOA, António. Nada será como antes. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 72, p. 18-21, 2014.
- NÓVOA, António. Aprendizagem não é saber muito. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 95, p. 10-13, 2015.
- NÓVOA, António. Cooperação e participação para transformar a escola. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 33, p. 18-21, 2017a.
- NÓVOA, António. Em defesa da profissão docente. **Educação**, São Paulo, n. 239, p. 10-14, 2017b.
- NOWILL, Dorina de Gouvêa. “A idade ainda não me venceu”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 38, p. 8-11, 2009.
- NUNES, Antonio Ozório. Vínculos contra a violência. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 33, p. 8-11, 2011.
- NUNES, Clarice. História amplia horizontes da educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 36, p. 5-11, 2000.
- NUNES, Terezinha. É hora de ensinar proporção. **Nova Escola**, São Paulo, n. 161, p. 25-28, 2003.
- NUNES, Terezinha. Diálogo entre pesquisa e escola. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 57, p. 18-20, 2011.
- O'BRIEN, Thomas. Abaixo a matemática do papagaio. **Nova Escola**, São Paulo, n. 134, p. 12-14, 2000.

- OAKLEY, Barbara. Aprendendo a aprender. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 68, p. 8-11, 2015.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. As indissociáveis aprendizagens da criança e do adulto. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 56, p. 16-19, 2018.
- OLIVEIRA, Alfredo Gontijo de. Transdisciplinaridade é mais que mistura de disciplinas. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 61, p. 5-17, 2005.
- OLIVEIRA, João Batista de Araújo. Com pressa e à frente. **Educação**, São Paulo, n. 220, p. 3-6, 1999.
- OLIVEIRA, João Batista de Araújo. Um desastre completo. **Educação**, São Paulo, n. 88, p. 7-9, 2004.
- OLIVEIRA, João Batista de Araújo. É permitido copiar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 118, p. 4-6, 2009.
- OLIVEIRA, Romualdo Portella de. Uma opção “violenta” pela educação. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 44, p. 8-11, 2010.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Educação infantil: um olhar curioso e afetivo para as crianças. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 121, p. 5-9, 2015a.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Formação para a autonomia, a solidariedade e a sensibilidade. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 42, p. 16-18, 2015b.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. A aventura de planejar. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 45, p. 16-19, 2015.
- OTERO, Rebeca. Qualidade, a pedra no sapato. **Educação**, São Paulo, n. 226, p. 6-10, 2016.
- PACHECO, José. É possível fazer uma escola diferente. **Nova Escola**, São Paulo, n. 171, p. 24-26, 2004a.
- PACHECO, José. Incomodar os acomodados. **Educação**, São Paulo, n. 81, p. 5-7, 2004b.
- PACHECO, José. O professor ensina da maneira como aprende. **Pátio**, Porto Alegre, n. 40, p. 23-26, 2006.
- PACHECO, José. O arquiteto da Ponte. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 13, p. 8-10, 2007.
- PACHECO, José. Nova educação para um novo século. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 127, p. 10-12, 2010.

- PACHECO, José. Esperança de um Brasil melhor. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 67, p. 18-21, 2013a.
- PACHECO, José. Esta escola não serve. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 50, p. 8-11, 2013b.
- PACHECO, José. Excelência acadêmica com inclusão social. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 162, p. 30-33, 2013c.
- PAÍN, Sara. “Educar é ensinar a pensar”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 70, p. 20-24, 1993.
- PAÍN, Sara. “Educar é educar um ser cívico, participante na vida social”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 11, p. 29-30, 1999.
- PAÍN, Sara. Ensino passo a passo. **Nova Escola**, São Paulo, n. 137, p. 23-25, 2000.
- PAIVA, Aparecida. Barrados na escola. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 47, p. 8-11, 2013.
- PALFREY, John; GASSER, Urs. A escola na cultura digital. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 10, p. 14-17, 2011.
- PALLOFF, Rena; PRATT, Keith. “A internet exige que leiamos e nos comuniquemos através da escrita. Portanto, essas habilidades e tornarão mais importantes”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 33, p. 21-23, 2005.
- PANIAGUA, Gema. Uma resposta à diversidade. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 16, p. 18-20, 2008.
- PANIZZI, Wrana. O Estado tem de financiar o ensino superior. **Educação**, São Paulo, n. 205, p. 3-5, 1998.
- PAQUAY, Léopold. Caminho para o desenvolvimento profissional. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 63, p. 18-20, 2012.
- PARIS, Tania. *Bullying*: agressor e vítima precisam de ajuda. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 136, p. 5-12, 2017.
- PARR, Todd. “Tudo bem ser diferente”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 60, p. 8-11, 2014.
- PARRA, Evelio Cabrejo. “Os bons livros para bebês são aqueles que falam com eles, e não sobre eles”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 259, p. 30-32, 2013.
- PASCAL, Chris. Caminhos para transformar a educação infantil. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 57, p. 16-19, 2018.

- PASSADORI, Reinaldo. Aprender para fazer aprender. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 115, p. 4-5, 2009.
- PASSOS, Izabel Friche. O poder positivo. **Educação**, São Paulo, n. 148, p. 4-6, 2009.
- PAULINO, Graça. “Ainda não temos um Brasil literário, mas precisamos continuar lutando por isso”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 102, p. 5-10, 2011.
- PEIXOTO, Thiago. O ensino médio na berlinda. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 69, p. 12-14, 2012.
- PEREIRA, Amilcar Araujo. História negra, escola branca. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 81, p. 20-23, 2013.
- PEREIRA, Marlene Monteiro. Pelo fim da violência nas escolas. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 80, p. 10-11, 2006.
- PÉREZ, Esther. Para poucos. **Educação**, São Paulo, n. 238, p. 7-9, 2001.
- PEREZ, Maria Aparecida. Sociedade alternativa. **Educação**, São Paulo, n. 74, p. 7-9, 2003.
- PEREZ, Tereza. A desnaturalização da escola depredada. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 49, p. 8-11, 2013.
- PEREZ, Tereza. “Precisamos aprender a ouvir as famílias”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 326, p. 18-21, 2019.
- PERINI, Mário. Pelo estudo científico da gramática. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 123, p. 5-13, 2015.
- PERISSÉ, Gabriel. “Não existe uma única solução para a educação”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 114, p. 4-6, 2009.
- PERKINS, Brian. Clima de escola. **Educação**, São Paulo, n. 196, p. 6-8, 2013.
- PEROSA, Miguel. A época dos extremos. **Educação**, São Paulo, n. 106, p. 5-7, 2006.
- PERRENOUD, Philippe. Construindo competências. **Nova Escola**, São Paulo, n. 135, p. 19-21, 2000.
- PERRENOUD, Philippe. “A democratização do ensino exige nova linguagem em classe”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 177, p. 20-22, 2004.
- PERROTTI, Edmir. “A escola não está formando leitores críticos”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 41, p. 20-23, 1990.

- PERROTTI, Edmir. Biblioteca não é depósito de livros. **Nova Escola**, São Paulo, n. 193, p. 24-26, 2006.
- PERROTTI, Edmir. Um espaço de liberdade, imaginação e aventuras. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 24, p. 16-19, 2010.
- PETRILLO, Mila. Sob nova ótica. **Educação**, São Paulo, n. 246, p. 7-9, 2001.
- PIERRO, Maria Clara di. A EJA está mais juvenil. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 40, p. 8-11, 2009.
- PIMENTA, Cláudia Oliveira. Obsessão pela aprendizagem. **Educação**, São Paulo, n. 243, p. 8-12, 2017.
- PIMENTA, Selma Garrido. Inclusão lenta, gradual e restrita. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 27, p. 8-10, 2008.
- PIMENTEL, Marizinha. “Sem afeto, não há alfabetização”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 32, p. 22-24, 1989.
- PINAZZA, Mônica. Compromisso com a qualidade. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 43, p. 16-19, 2015.
- PINHEIRO, Murilo. O déficit da engenharia começa nas escolas. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 47, p. 6-9, 2010.
- PINHEIRO, Teresa. A doença do século XXI. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 91, p. 12-15, 2014.
- PINTO, Enio. Capacitação de Professores. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 37, p. 6-7, 2002.
- PIORSKI, Gandhi. “Brinquedos prontos levam à passividade”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 293, p. 8, 2016.
- PIRES, Luciano. A “despocotização” nossa de cada dia. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 78, p. 10-11, 2006.
- PIVA, Horácio Lafer. Temos de ter pressa. **Educação**, São Paulo, n. 247, p. 7-9, 2001.
- POCHMANN, Márcio. Como se não bastasse. **Educação**, São Paulo, n. 251, p. 7-9, 2002.
- POGRÉ, Paula. “A compreensão não é apenas um saber abstrato, mas um saber em ação”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 31, p. 24-27, 2004a.
- POGRÉ, Paula. Educação para a compreensão. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 59, p. 8-9, 2004b.

- POLON, Thelma. Escola + família = aluno nota 10. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 182, p. 26-29, 2014.
- PONTE, João Pedro da. Sozinhos, os professores não conseguem vencer os desafios. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 76, p. 5-13, 2007.
- PONTIERI, Regina. “A biblioteca pública deveria ser ‘o’ lugar”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 99, p. 5-9, 2011.
- PORTELLA, José Luiz. Uma FAE enxuta e ágil. **Nova Escola**, São Paulo, n. 84, p. 52-53, 1995.
- POSSENTI, Sírio. Existe a leitura errada? **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 40, p. 5-11, 2001.
- POSSENTI, Sírio. Língua, que bicho é esse? **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 29, p. 8-11, 2011.
- POSSENTI, Sírio. Ensino da língua. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 120, p. 5-18, 2014.
- POTYGUARA, Rita. Educação escolar indígena. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 114, p. 5-11, 2013.
- POZO, Joan Manuel del. “A educação não é a preparação para a vida: é a vida!”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 108, p. 5-11, 2012.
- POZO, Juan Ignacio. “Nas próximas décadas, devemos assistir a uma verdadeira explosão das contribuições da ciência cognitiva ao processo educativo”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 35, p. 24-27, 2005.
- POZO, Juan Ignacio. Redescobrimo a lentidão. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 26, p. 18-20, 2015.
- PRADO, Dom Lourenço de Almeida. Um sacerdote da educação. **Educação**, São Paulo, n. 198, p. 3-5, 1997.
- PRADO, Iara. Currículo básico nacional. O que vem por aí. **Nova Escola**, São Paulo, n. 83, p. 52-53, 1995.
- PRADO, Iara. MEC aposta na melhoria da qualidade do ensino. **Educação**, São Paulo, n. 193, p. 12-14, 1997.
- PREGO, Niso. Em 86, professores conquistam seu espaço. **Nova Escola**, São Paulo, n. 09, p. 40-45, 1986.
- PUIG, Neus Sanmartí. O motor da aprendizagem. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 23, p. 18-21, 2014.

- PUIGGRÓS, Adriana. Educação e identidade na América Latina. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 42, p. 5-13, 2001.
- PUNTONI, Pedro Luis. Obras raras a um clique. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 46, p. 6-9, 2010.
- QUADROS, Ronice. Educação de surdos. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 134, p. 5-11, 2017.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. “O professor deve ter ‘hálito’ de leitura”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 78, p. 5-9, 2007.
- QUEIROZ, Vanderlei Gomes de. Vencendo preconceitos. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 158, p. 6-10, 2019.
- RAICHVARG, Daniel. Teatro de ciências: a participação popular. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 37, p. 5-15, 2001.
- RAMOS, Mozart Neves. Educação na pauta da sociedade. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 58, p. 18-20, 2011a.
- RAMOS, Mozart Neves. Expondo as “feridas” do ensino. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 146, p. 12-14, 2011b.
- RAMOS, Mozart Neves. Educação: para o desenvolvimento humano e crescimento do país. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 113, p. 5-10, 2013.
- RAMOS, Mozart Neves. Um técnico a serviço da política nacional. **Educação**, São Paulo, n. 254, p. 8-12, 2018.
- RANIERI, Nina. Pela via da justiça. **Educação**, São Paulo, n. 136, p. 6-8, 2008.
- RATTANSI, Piyo. Aprendiz de feiticeiro. **Educação**, São Paulo, n. 243, p. 7-9, 2001.
- RAVELA, Pedro. Como avaliar? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 147, p. 12-13, 2011.
- REGUERA, Enrique Martínez. Origem da revolta. **Educação**, São Paulo, n. 101, p. 7-9, 2005.
- REIMERS, Fernando. “As escolas perdem tempo ensinando habilidades que foram úteis no passado”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 243, p. 32-34, 2011.
- REIS, Cristina D’Ávila. Sexualidade e gênero. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 118, p. 5-11, 2014.
- REPULHO, Cleuza. “Todos precisam saber fazer o planejamento estratégico”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 214, p. 22-26, 2008.

- RESENDE, Tânia. Dever para pai ver. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 39, p. 8-11, 2012.
- RESNICK, Mitchel. “A tecnologia deve levar o aluno a ser um pensador criativo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 273, p. 20-22, 2014.
- REYES, Yolanda. “Os jovens leem e escrevem bastante, mas têm pouco contato com os livros”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 254, p. 40-42, 2012.
- REYES, Yolanda. A sedução da leitura. **Educação**, São Paulo, n. 221, p. 6-10, 2015.
- RIBEIRO, Clayton. O dever da inclusão digital. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 101, p. 8-9, 2008.
- RIBEIRO, Darcy. Velha e sábia serpente. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 8, p. 5-13, 1996.
- RIBEIRO, Renato Janine. Os grandes nós. **Educação**, São Paulo, n. 228, p. 6-9, 2016.
- RIBEIRO, Renato Janine. Um roteiro para a sala de aula. **Educação**, São Paulo, n. 252, p. 8-12, 2018.
- RICOTTA, Luiza. Seja um transformador de valores humanos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 97, p. 12-13, 2007.
- RIFF, Alice. “O Bolsonaro conseguiu chegar nos alunos pelas redes sociais”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 321, p. 12-15, 2019.
- RIPLEY, Amanda. Como chegar no topo. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 65, p. 8-11, 2015.
- RIVAS, Axel. A raiz da equidade. **Educação**, São Paulo, n. 206, p. 6-8, 2014.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare. Falta cultura digital na sala de aula. **Nova Escola**, São Paulo, n. 200, p. 15-18, 2007.
- RIZZO, Gilda. Por leitores cidadãos. **Educação**, São Paulo, n. 83, p. 7-9, 2004.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. “A escola culpa a TV por falhas que são suas”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 42, p. 22-25, 1990.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A antropologia é útil na escola. **Nova Escola**, São Paulo, n. 169, p. 22-24, 2004.
- ROCHA, Anna Bernardes da Silveira. “Professor anda mais carente que aluno”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 21, p. 22-24, 1988.
- ROCHA, Tião. A escola debaixo da manga. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 63, p. 5-15, 2005.

- ROCHA, Tião. Ideias práticas merecem ser realizadas. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 104, p. 6-8, 2008.
- RODRIGUES, David. “Portugal é um caso de sucesso na Educação Inclusiva”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 319, p. 12-13, 2019.
- RODRIGUES, Neidson. O presente esquecido. **Nova Escola**, São Paulo, n. 16, p. 48-49, 1987.
- RODRIGUEZ, Antonio. Aprendizado antes, durante e depois da escola. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 194, p. 24-28, 2015.
- ROGER, Marc. Uma voz, um livro e muitas orelhas. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 11, p. 8-11, 2006.
- ROMÃO, Cesar. Mais vale o que se aprende do que aquilo que se ensina. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 46, p. 6-7, 2003.
- ROMÃO, José Eustáquio. Pedagogia de reencantamento. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 116, p. 7-12, 2014.
- ROMÁRIO. Pelo fair-play. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 83, p. 10-11, 2014.
- RONCA, Paulo Afonso. O conhecimento total. **Nova Escola**, São Paulo, n. 148, p. 39-41, 2001.
- ROSENBERG, Lia. “A sociedade deve cobrar mais da escola pública”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 17, p. 20-21, 1987.
- ROSENTHAL, Caio. “A escola não deve temer o convívio com portadores do vírus da Aids”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 59, p. 22-25, 1992.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. Tornar-se pessoa através dos outros. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 54, p. 16-19, 2018.
- ROSSI, Clovis. Política e educação combinam? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 73, p. 12-13, 2005.
- ROSSO, Mauro. Em busca do Machado perdido. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 35, p. 8-11, 2009.
- ROTH, Martina. “Ter computador na escola não basta. Deve-se buscar o bom uso da tecnologia”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 247, p. 38-40, 2011.
- RUIZ, Antonio Ibañez. Há vagas. **Educação**, São Paulo, n. 82, p. 5-7, 2004.
- SÁ, Olga de. Uma Clarice acessível. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 73, p. 10-13, 2013.
- SACRISTÁN, José Gimeno. Conhecimento crítico e felicidade. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 14, p. 5-11, 1997a.

- SACRISTÁN, José Gimeno. Mudanças curriculares na Espanha, Brasil e Argentina. **Pátio**, Porto Alegre, n. 0, p. 34-41, 1997b.
- SADOVSKY, Patricia. Falta fundamentação didática no ensino da matemática. **Nova Escola**, São Paulo, n. 199, p. 15-18, 2007.
- SAHLBERG, Pasi. Obsessão pela equidade. **Educação**, São Paulo, n. 180, p. 4-6, 2012.
- SALGADO, Raquel Gonçalves. A criança contemporânea. **Educação**, São Paulo, n. 208, p. 8-10, 2014.
- SALOMÃO, Adib. Estão criando um monstro. **Educação**, São Paulo, n. 197, p. 3-5, 1997.
- SALVADORA, Eustáquia. “Passei a associar a ideia da alegria à educação física”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 73, p. 5-15, 2007.
- SAMPAIO, Helena. A arte de discordar pacificamente. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 134, p. 10-12, 2010.
- SAMPAIO, Helena. “O Fies deveria ir para o estudante, não para a universidade”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 281, p. 12-13, 2015.
- SANCHES NETO, Miguel; BELÃO, Felipe; PELLANDA, Luís Henrique; Para formar escritores. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 179, p. 25-27, 2014.
- SANCHES, Carlos Eduardo. O real custo da educação. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 36, p. 8-11, 2012.
- SANCHO, Juana. Currículo é tudo o que acontece na escola. **Pátio**, Porto Alegre, n. 37, p. 20-23, 2006.
- SANTO, Ruy Cezar do Espírito. Você se conhece? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 95, p. 14-15, 2007.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. Trabalho cooperativo e coordenado. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 16, p. 18-21, 2013.
- SANTOS NETO, Elydio dos. O voo das águias. **Educação**, São Paulo, n. 211, p. 3-5, 1998.
- SANTOS, Evando dos. Mestre de obras. **Educação**, São Paulo, n. 250, p. 7-9, 2002.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Histórias que só as avós contavam. **Nova Escola**, São Paulo, n. 64, p. 28-29, 1993.

- SANTOS, Joel Rufino dos. Leitores se formam nas escolas em que há sincera afeição pela literatura. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 65, p. 5-12, 2005.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Não existe uma lista de livros imprescindíveis. **Nova Escola**, São Paulo, n. 211, p. 24-28, 2008.
- SANTOS, Joel Rufino dos. Palmares, a longa resistência. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 48, p. 12-15, 2010.
- SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. A pedagogia e a formação docente. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 67, p. 5-15, 2006.
- SANTOS, Milton. Pátria da mediocridade. **Educação**, São Paulo, n. 231, p. 5-7, 2000.
- SANTOS, Renata Maria Braga. Mais qualidade à construção do conhecimento. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 155, p. 20-21, 2012.
- SARAMAGO, José. Ideias claras, escrita clara. **Nova Escola**, São Paulo, n. 166, p. 22-26, 2003a.
- SARAMAGO, José. Refletir é crescer. **Educação**, São Paulo, n. 79, p. 7-9, 2003b.
- SARBIB, Jean-Louis. O homem de US\$ 3,5 bilhões. **Educação**, São Paulo, n. 89, p. 7-9, 2004.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. É preciso ouvir as crianças. **Educação**, São Paulo, n. 161, p. 6-8, 2010.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. “Os pequenos nos dizem muito sobre a sociedade”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 265, p. 32-33, 2013.
- SASSEN, Saskia. Um espaço para a experimentação. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 75, p. 18-20, 2015.
- SASSERON, Lúcia Helena. Aprendizizes investigadores. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 43, p. 8-11, 2012.
- SASSON, David. Educação cognitiva. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 72, p. 10-11, 2005.
- SATO, Michèle. É preciso ousar mudanças. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 64, p. 18-21, 2012.
- SATURNINO, Edmilson; SILVA, Andressa. Dúvidas e ceticismo. **Educação**, São Paulo, n. 237, p. 6-10, 2017.
- SATYARTHI, Kailash. “Chega de promessas”. **Educação**, São Paulo, n. 114, p. 6-8, 2006.

- SAVATER, Fernando. Da ética como método de trabalho. **Nova Escola**, São Paulo, n. 153, p. 45-47, 2002.
- SAVATER, Fernando. Abertura para o mundo. **Educação**, São Paulo, n. 128, p. 6-8, 2007.
- SAVIAN FILHO, Juvenal. Ensinar a pensar. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 63, p. 8-11, 2012.
- SAVIANI, Dermeval. Educação não é filantropia. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-15, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. Motor do desenvolvimento. **Educação**, São Paulo, n. 138, p. 6-10, 2008a.
- SAVIANI, Dermeval. Outro olhar sobre a nossa educação. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 32, p. 8-11, 2008b.
- SAVIANI, Dermeval. “SUS” da educação? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 119, p. 4-5, 2009.
- SAYÃO, Rosely. Contra a corrente. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 136, p. 8-10, 2011.
- SAYÃO, Rosely. A escola e a nova dinâmica familiar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 184, p. 22-25, 2015.
- SCHALL, Virgínia. Analfabetismo científico. **Educação**, São Paulo, n. 118, p. 6-8, 2007.
- SCHALL, Virgínia. Alfabetização científica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 97, p. 5-13, 2011.
- SCHLEICHER, Andreas. Qualidade em educação exige metas ambiciosas. **Nova Escola**, São Paulo, n. 217, p. 34-38, 2008.
- SCHLEICHER, Andreas. É preciso continuar avançando. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 12, p. 14-16, 2012.
- SCHMIDT, Tânia. “A criança se constrói na pré-escola”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 33, p. 24-25, 1989.
- SCHNEIDER, Maria Clara. O desafio do ensino técnico. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 68, p. 12-14, 2012.
- SCHNEUWLY, Bernard. O ensino da comunicação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 157, p. 19-21, 2002.
- SCHWARTZ, Gisele Maria. “A gente precisa reaprender a ser humano”. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 89, p. 12-13, 2007.

- SCHWARTZ, Yves. Trabalho e educação. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 38, p. 5-17, 2001.
- SCHWARTZMAN, Simon. Professores e alunos mais capacitados. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 36, p. 6-7, 2002.
- SCHWARTZMAN, Simon. Erros que se repetem. **Educação**, São Paulo, n. 117, p. 4-6, 2007.
- SCHWARTZMAN, Simon. Liberdade de docência. **Educação**, São Paulo, n. 133, p. 6-8, 2008.
- SELLI, Paula Hilst. Bebês no museu. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 61, p. 8-11, 2014.
- SEMLER, Ricardo. Dar-se à luz. **Educação**, São Paulo, n. 263, p. 6-13, 2019.
- SENNA, Viviane. Por um Brasil luminoso. **Educação**, São Paulo, n. 196, p. 3-5, 1997.
- SENNA, Viviane. Habilidades não cognitivas e o processo de aprendizagem. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 169, p. 22-25, 2013.
- SERRA, Beth. Arte no livro para crianças. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 12, p. 5-13, 1996.
- SERRA, Floriano. A terceira inteligência. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 75, p. 10-11, 2005.
- SETUBAL, Maria Alice. Portas para a cidadania. **Educação**, São Paulo, n. 216, p. 3-5, 1999.
- SETUBAL, Maria Alice. “A qualidade da educação é proporcional à qualificação dos professores”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 242, p. 34-38, 2011.
- SETUBAL, Maria Alice. Falta ousadia. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 46, p. 8-11, 2013.
- SETUBAL, Maria Alice. Por um SUS da educação. **Educação**, São Paulo, n. 261, p. 6-10, 2019.
- SETZER, Valdemar. Pane no disco rígido. **Educação**, São Paulo, n. 222, p. 3-8, 1999.
- SHOLL-FRANCO, Alfred. Por dentro do cérebro. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 45, p. 8-11, 2013.
- SILVA, Ana Maria Dias da; VASCONCELOS, Luciene Ricciotti. Fiscais da educação. **Educação**, São Paulo, n. 183, p. 6-8, 2012.

- SILVA, Ana Paula. Liderança docente: como ela contribui para a qualidade do ensino. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 154, p. 6-10, 2019.
- SILVA, Antônio Carlos Teixeira da. Inove ou evapore: despertar a criatividade para sobreviver no mercado de ensino. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 44, p. 6-7, 2003.
- SILVA, Carlos Pereira de Carvalho e. Municipalizar é indispensável mas exige recursos e participação. **Nova Escola**, São Paulo, n. 37, p. 20-23, 1990.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Políticos devem superar décadas de discriminação contra professores. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 59, p. 5-17, 2004.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. “Precisamos ir além da narrativa”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 36, p. 8-11, 2009.
- SILVA, João Luiz Pinto e. Jovens e mães. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 72, p. 12-15, 2012.
- SILVA, Marco. Falta interatividade. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 62, p. 8-11, 2011.
- SILVA, Marco. “Vivemos em um cenário midiático muito favorável à educação cidadã”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 106, p. 5-11, 2012.
- SILVEIRA, Cristina. Inclusão e aprendizagem. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 131, p. 5-11, 2016.
- SIMÃO NETO, Antonio. Aluno não é espectador. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 110, p. 6-8, 2008.
- SIMÕES, Armando. Efeitos de longo prazo. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 80, p. 14-17, 2013.
- SINGER, Helena. Escolas que se reinventam. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 3, p. 6-9, 2008.
- SIRO, Ani. “Propostas ruins geram desinteresse pela escrita”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 240, p. 28-30, 2011.
- SISS, Ahyas. Educação monocromática. **Educação**, São Paulo, n. 142, p. 6-8, 2009.
- SKJORTEN, Miriam. “A inclusão total é um sonho, mas devemos persegui-lo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 268, p. 19-19, 2013.

- SKOVSMOSE, Ole. Matemática crítica. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 83, p. 5-9, 2008.
- SMITH, Deborah Deutsch. É preciso estar atualizado para fazer a diferença. **Pátio**, Porto Alegre, n. 48, p. 20-21, 2008.
- SMOLE, Kátia Stocco. “Quem resolve só problemas simples, não sai disso”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 9, p. 8-11, 2009.
- SMOLE, Kátia Stocco. Leitura e escrita nas aulas de matemática. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 130, p. 5-14, 2016.
- SMOLE, Kátia Stocco. Educação e didática em matemática. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 149, p. 6-11, 2019.
- SOARES, José Francisco. Avaliar, o caminho para mudar a educação. **Educação**, São Paulo, n. 122, p. 6-8, 2007.
- SOARES, José Francisco. Direito à aprendizagem. **Pátio**, Porto Alegre, n. 53, p. 18-21, 2010.
- SOARES, José Francisco. Mais recursos, desde que bem utilizados. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 154, p. 10-12, 2012a.
- SOARES, José Francisco. Qualificar para decidir. **Educação**, São Paulo, n. 179, p. 6-9, 2012b.
- SOARES, Luiz Eduardo. Aprendizes da cultura da paz. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 68, p. 18-21, 2013.
- SOARES, Magda Becker. “A escola brasileira é contra o povo”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 19, p. 22-24, 1988.
- SOARES, Magda Becker. Os critérios para escolher bons livros de Português. **Nova Escola**, São Paulo, n. 79, p. 22-25, 1994.
- SOARES, Magda Becker. Para além do discurso. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 2, p. 5-17, 1995.
- SOARES, Magda Becker. “Não existe um currículo no Brasil”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 107, p. 5-13, 2012.
- SOARES, Magda Becker. Na prática, a teoria é outra. **Educação**, São Paulo, n. 198, p. 8-10, 2013.
- SOARES, Magda Becker. Luta contra os dogmas. **Educação**, São Paulo, n. 233, p.8-16, 2016.
- SOARES, Magda Becker. Alfabetização e letramento para além dos métodos. **Pátio – Ensino Fundamental**, Porto Alegre, n. 85, p. 18-21, 2018.

- SOARES, Wander. Duelo de titãs. **Educação**, São Paulo, n. 208, p. 3-5, 1998.
- SOLANO, Esther. Por trás da máscara. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 93, p. 10-13, 2015.
- SOLÉ, Isabel. “Na escola, não se aprende só a ler, mas também maneiras de ser leitor”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 14, p. 30-32, 2000.
- SOLÉ, Maria Borja. Uma vida dedicada ao brincar. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 27, p. 16-18, 2011.
- SOUSA, Mauricio de. Educação divertida. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 63, p. 10-11, 2004.
- SOUSA, Mauricio de. “A infância mudou muito”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 30, p. 8-11, 2011.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. A África também é aqui. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 41, p. 8-11, 2009.
- SOUZA, Aparecida Neri de. Pensar a profissão. **Educação**, São Paulo, n. 151, p. 4-6, 2009.
- SOUZA, Beatriz de Paula. Alunos defasados em leitura e escrita não são disléxicos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 270, p. 22-23, 2014.
- SOUZA, João Francisco de. “Os governos não levam a sério a alfabetização do adulto”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 38, p. 20-22, 1990.
- SOUZA, Paulo Renato. O que esperar e o que não esperar do MEC. **Nova Escola**, São Paulo, n. 82, p. 50-52, 1995.
- SOUZA, Paulo Renato. Mais dinheiro na sua escola e no seu contracheque. **Nova Escola**, São Paulo, n. 98, p. 44-45, 1996.
- SOUZA, Paulo Renato. O ministro está otimista. **Nova Escola**, São Paulo, n. 119, p. 4-8, 1999.
- SOUZA, Paulo Renato. Até o último instante. **Educação**, São Paulo, n. 61, p. 7-18, 2002.
- SOUZA, Paulo Renato. Quem faz a escola são os professores. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 53, p. 8-11, 2004.
- SOUZA, Paulo Renato. “Perdeu-se o foco no ensino básico”. **Educação**, São Paulo, n. 98, p. 7-9, 2005.
- SOUZA, Raquel Elizabete de. “Escola boa é a que transforma a vida do aluno”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 81, p. 5-11, 2008.

- SPOSITO, Marília Pontes. As armadilhas da integração escola-comunidade. **Nova Escola**, São Paulo, n. 48, p. 22-25, 1991.
- SPOSITO, Marília Pontes. A juventude no limbo. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 17, p. 6-8, 2007.
- STAINBACK, Susan Bray. “Até que exista amplo reconhecimento e aceitação da inclusão como valor, e não como procedimento, ela não será vista como importante para todos os alunos”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 32, p. 20-24, 2004.
- STROZZI, Paola. Um sistema educativo em todos os momentos. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 41, p. 16-19, 2014.
- SUASSUNA, Ariano. Todo professor deve ter um pouco de ator. **Nova Escola**, São Paulo, n. 203, p. 16-20, 2007.
- SUASSUNA, Ariano. Ontem era Canudos, hoje é a favela. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 23, p. 6-9, 2008.
- SUPLICY, Marta. “Para falar de sexo é preciso saber ouvir”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 35, p. 22-25, 1989.
- SUPLICY, Marta. A orientação sexual ao alcance dos professores. **Nova Escola**, São Paulo, n. 74, p. 16-18, 1994.
- SWANWICK, Keith. “Aprender música exige tocar, ouvir e compor”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 229, p. 22-26, 2010.
- TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. “A educação física deve mudar junto com a escola toda”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 46, p. 20-21, 1991.
- TAILLE, Yves de la. Acima do bem e do mal. **Educação**, São Paulo, n. 213, p. 3-5, 1999.
- TAILLE, Yves de la. Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras. **Nova Escola**, São Paulo, n. 213, p. 26-30, 2008.
- TAILLE, Yves de la. Como ser jovem em meio à crise de valores. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 1, p. 16-19, 2009.
- TAILLE, Yves de la. Na essência do conflito. **Educação**, São Paulo, n. 185, p. 6-8, 2012.
- TAILLE, Yves de la. O despertar do senso moral. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 44, p. 16-19, 2015.
- TAILLE, Yves de la. Afinal, qual o verdadeiro sentido da moral e da ética na educação? **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 150, p. 6-10, 2019.

- TARDOS, Anna. “O bebê pode aprender muito se acreditarmos nele”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 291, p. 12-13, 2016.
- TATIT, Paulo. Encantadores de crianças. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 12, p. 6-9, 2009.
- TAVARES, Gonçalo M. Leitura de puro prazer. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 59, p. 8-11, 2011.
- TEATINI, João Carlos. Opção pelas públicas. **Educação**, São Paulo, n. 144, p. 6-8, 2009.
- TEBEROSKY, Ana. “Debater e opinar estimulam a leitura e a escrita”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 187, p. 24-26, 2005.
- TEBEROSKY, Ana. “Mais vale a formação do professor do que o método que ele segue”. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 1, p. 6-9, 2008.
- TEBEROSKY, Ana. “O diálogo com a criança deve ser rico em vocabulário”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 279, p. 20-21, 2015.
- TEDESCO, Juan Carlos. O desafio da escola total. **Nova Escola**, São Paulo, n. 156, p. 23-26, 2002.
- TEDESCO, Juan Carlos. “A escola deve ser pré-competitiva”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 30, p. 8-10, 2008.
- TERZI, Nice; FIBROSI, Marco. A pedagogia do bem-estar. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 22, p. 16-19, 2010.
- THIÉL, Janice. Uma literatura em ascensão. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 58, p. 8-11, 2014.
- TIANA, Alejandro. Hora de avaliar a avaliação. **Educação**, São Paulo, n. 164, p. 6-8, 2010.
- TIBA, Içami. Educação: obrigação da escola ou da família? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 45, p. 6-7, 2003.
- TIBURI, Marcia. Contra a imbecilização do mundo. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 192, p. 24-29, 2015.
- TIBURI, Marcia. “Quem não tem nada a dizer acha que diz tudo quando agride”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 290, p. 12-13, 2016.
- TIRAMONTI, Guillermina. Alta intensidade. **Educação**, São Paulo, n. 222, p. 6-8, 2015.
- TOLCHINSKY, Liliana. Progresso com os números. **Nova Escola**, São Paulo, n. 87, p. 56-57, 1995.

- TOLCHINSKY, Liliana. Todos os professores deveriam se ocupar da leitura e da escrita. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 58, p. 5-13, 2004.
- TOLENTINO, Bruno Lúcio de Carvalho. Educar não é domesticar. **Educação**, São Paulo, n. 121, p. 6-8, 2007.
- TOLOSA, Dora Elisa Rodrigues. Com afeto. **Educação**, São Paulo, n. 69, p. 7-9, 2003.
- TONUCCI, Francesco. Olhos de criança e alma de “criançólogo”. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 17, p. 18-21, 2008.
- TONUCCI, Francesco. Um polêmico e irônico “criançólogo”. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 111, p. 7-13, 2013.
- TORO, Bernardo. O Banco Mundial apenas empresta dinheiro; os governos é que erram ao empregá-lo. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 39, p. 5-17, 2001.
- TORO, Bernardo. Precisamos de cidadãos do mundo. **Nova Escola**, São Paulo, n. 149, p. 47-49, 2002.
- TORO, Bernardo. Aprendendo a “ganhar-ganhar”. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 37, p. 8-11, 2009.
- TORO, Bernardo. Aprendizagem em primeiro lugar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 176, p. 24-26, 2014.
- TORO, Bernardo. Sem equidade não há qualidade. **Educação**, São Paulo, n. 213, p. 6-8, 2015.
- TORRE, Saturnino de La. A criatividade é um bem social. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 48, p. 5-9, 2002.
- TORRES, Carlos Alberto. “A cidadania só pode ser pregada em termos de um senso de solidariedade que une os indivíduos em torno de metas comuns”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 36, p. 23-27, 2005.
- TORRES, Carlos Alberto. A escola precisa debater as influências da globalização. **Nova Escola**, São Paulo, n. 212, p. 26-30, 2008.
- TORRES, Carlos Alberto. Contra a educação bancária. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 181, p. 26-31, 2014.
- TORRES, Haroldo. Iguais, mas desiguais. **Educação**, São Paulo, n. 109, p. 8-10, 2006.
- TORRESI, Sandra. Como aprendemos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 164, p. 24-27, 2013.

- TORTURRA, Bruno. Uma escola para a geração que já nasceu comunicadora. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 30, p. 18-21, 2016.
- TOSTA, Sandra Pereira. Observar a escola. **Educação**, São Paulo, n. 214, p. 6-8, 2015.
- TRAVASSOS, Carlos Lisboa. Primeiros contatos. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 63, p. 8-11, 2014.
- TRAVITZKI, Rodrigo. O que revela o ranking do Enem. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 77, p. 10-11, 2013.
- TRAXLER, John. Inovação sob medida. **Educação**, São Paulo, n. 223, p. 6-8, 2015.
- TUTTMAN, Malvina. Vestibular para professor. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 60, p. 12-14, 2011.
- UIP, David. Escola é arma contra AIDS. **Educação**, São Paulo, n. 194, p. 3-5, 1997.
- VALDEZ, Daniel. É preciso desenvolver culturas inclusivas. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 22, p. 18-21, 2014.
- VALENTE, José Armando. O medo de olhar para a frente. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 56, p. 14-17, 2011.
- VÄLIJÄRVI, Jouni. Onde todo mundo quer ser professor. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 125, p. 4-6, 2010.
- VALLADARES, Marisa. “A universidade crê que seu docente é superior aos demais”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 280, p. 18-19, 2015.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Disciplina e indisciplina na escola. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 112, p. 5-13, 2013.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Vigiar não é punir. **Educação**, São Paulo, n. 223, p. 4-7, 1999.
- VEIGA-NETO, Alfredo. “Precisamos nos situar no tempo para muito além do imediatismo do presente”. **Presença Pedagógica na sala de aula**, Belo Horizonte, n. 141, p. 6-13, 2018.
- VELHO, Carolina. O desafio de sair do papel. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 55, p. 16-18, 2018.
- VELOSO, Fernando. Prêmio e castigo. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 66, p. 8-11, 2012.

- VELZEN, Boudewijn van. “Não investimos o suficiente em nossos professores, não permitimos que assumam responsabilidade e façam o que profissionais devem fazer”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 17, p. 31-33, 2001.
- VELZEN, Boudewijn van. Recursos humanos vão à escola. **Educação**, São Paulo, n. 80, p. 7-9, 2003.
- VELZEN, Boudewijn van. Confiar para transformar. **Educação**, São Paulo, n. 111, p. 6-8, 2006.
- VERGER, Antoni. A lógica global. **Educação**, São Paulo, n. 205, p. 10-14, 2014.
- VERGNAUD, Gérard. Hoje há muito pouca gente que diz “não sou construtivista”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 5, p. 23-26, 1998.
- VERGNAUD, Gérard. Todos perdem quando não usamos a pesquisa na prática. **Nova Escola**, São Paulo, n. 215, p. 32-36, 2008.
- VERGNAUD, Gérard. A matemática além dos números. **Pátio – Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, n. 13, p. 14-17, 2012.
- VIANNA, Heraldo Marelím. “O ensino privado não é tão bom como se acredita”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 58, p. 16-19, 1992.
- VIANNA, Marco Aurélio Ferreira. A verdadeira missão da escola: formar seres humanos integrais. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 51, p. 8-9, 2003.
- VICENTE, José. Por que para o negro não? **Carta na Escola**, São Paulo, n. 67, p. 8-11, 2012.
- VIEIRA, Antonio Helio Guerra. Educador do ano. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 39, p. 6-7, 2002.
- VIEIRA, Constança Meirelles. Você já encontrou o seu mundo? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 81, p. 10-11, 2006.
- VIEIRA, Geraldinho. Jornalista amigo da criança. **Educação**, São Paulo, n. 235, p. 7-9, 2000a.
- VIEIRA, Geraldinho. Menino de rua é menino fora da escola. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 32, p. 5-15, 2000b.
- VIEIRA, Oscar Vilhena. Para enxergar o outro. **Educação**, São Paulo, n. 244, p. 8-12, 2017.
- VILLANI, Cédric. A matemática é pop. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 70, p. 12-15, 2012.
- VILLAS BOAS, Alda. “A escola espera demais da família”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 15, p. 20-21, 1987.

- VILLELA, Fábio. A escola sem significado. **Educação**, São Paulo, n. 199, p. 8-10, 2013.
- VINHA, Telma. Escolas tradicionais ajudam a formar cidadãos menos críticos. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 58, p. 8-9, 2004.
- VINHA, Telma. O conflito essencial. **Educação**, São Paulo, n. 141, p. 6-8, 2009.
- VINHA, Telma. Em busca da escola de qualidade. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 171, p. 12-15, 2013.
- VIOLA, Solon. Por uma nova ética. **Educação**, São Paulo, n. 116, p. 6-8, 2006.
- VIRILIO, Paul. Ruína da alma. **Educação**, São Paulo, n. 130, p. 4-6, 2008.
- VOGT, Carlos. Entre a escola e a universidade. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 74, p. 10-13, 2013.
- VOORWALD, Herman. Correção de rumo. **Educação**, São Paulo, n. 169, p. 6-10, 2011.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. Cenário de guerra. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 88, p. 14-17, 2014.
- WEBER, Silke. “Falta profissionalismo ao professor”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 22, p. 19-21, 1988.
- WEISZ, Telma. A culpa pelo fracasso não é do aluno. **Nova Escola**, São Paulo, n. 129, p. 9-12, 2000.
- WEISZ, Telma. “Os analfabetos funcionais são fruto de uma escola que produz não-leitores”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 251, p. 35-37, 2012.
- WERNECK, Hamilton. Avaliar ou examinar? **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 79, p. 10-12, 2006.
- WERTHEIN, Jorge. Abre-te, sésamo. **Educação**, São Paulo, n. 244, p. 7-9, 2001.
- WHITAKER, Dulce. “Estamos enganando nossas crianças”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 31, p. 24-26, 1989.
- WILLMS, Douglas. Além da “prestação de contas”. **Educação**, São Paulo, n. 188, p. 6-8, 2012.
- WILSON, Gary. Nenhuma criança pode ser deixada para trás. **Nova Escola**, São Paulo, n. 174, p. 20-22, 2004.
- WONGHON, Tomaz. “Nunca faremos a última greve”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 27, p. 22-25, 1988.
- XAVIER, Dartiu. Drogas e adolescência. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 51, p. 12-15, 2010.

- XUEQIN, Jiang. É preciso ensinar criatividade. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 200, p. 24-29, 2016.
- YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. “A educação especial excluí e discrimina as crianças”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 39, p. 22-24, 1990.
- YÁNEZ, Leonardo. A hora e a vez da criança pequena: uma questão de direitos humanos. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 68, p. 5-14, 2006.
- YOSHIDA, Kazushiro. Experiência milenar. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 151, p. 12-13, 2012.
- YOSHIKAWA, Hirokazu. O que vale é a interação. **Educação**, São Paulo, n. 224, p. 6-8, 2015.
- YUNES, Eliana. Ler não deve ser ato solitário. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 132, p. 10-12, 2010.
- YUS, Rafael. Um paradigma holístico para a educação. **Pátio**, Porto Alegre, n. 51, p. 20-22, 2009.
- YUS, Rafael. Da prática para o discurso. **Pátio – Educação Infantil**, Porto Alegre, n. 25, p. 16-18, 2010.
- ZABALA, Antoni. O construtivismo é para sempre. **Educação**, São Paulo, n. 203, p. 3-5, 1998.
- ZABALA, Antoni. “É necessário que a formação dos professores esteja estreitamente relacionada à prática real da sala de aula”. **Pátio**, Porto Alegre, n. 22, p. 32-36, 2002.
- ZABALA, Antoni. Fale com ele. **Educação**, São Paulo, n. 92, p. 7-9, 2004.
- ZABALA, Antoni. Educar para a vida. **Educação**, São Paulo, n. 120, p. 6-8, 2007.
- ZABALA, Antoni. Desafios globais. **Educação**, São Paulo, n. 209, p. 6-8, 2014.
- ZABALA, Antoni. Há muito por fazer, e o tempo todo. **Educação**, São Paulo, n. 255, p. 6-9, 2019.
- ZABALZA, Miguel. Plano e ação. **Educação**, São Paulo, n. 84, p. 7-9, 2004.
- ZAGURY, Tania. É preciso dizer não! **Nova Escola**, São Paulo, n. 130, p. 1-17, 2000.
- ZAGURY, Tania. O professor precisa ser ouvido. **Nova Escola**, São Paulo, n. 192, p. 20-22, 2006.
- ZAGURY, Tania. Uma parceria produtiva. **Profissão Mestre**, Curitiba, n. 94, p. 12-13, 2007.

- ZÁKIA, Sandra. Avaliações pouco avaliadas. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 19, p. 6-7, 2007.
- ZANCAN, Glaci Therezinha. O segredo é provocar os alunos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 140, p. 24-26, 2001.
- ZANETTI, Hermes. “Os congressistas não entendem de educação”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 45, p. 28-29, 1990.
- ZARDOYA, Irma. CEO escolar. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 40, p. 8-11, 2012.
- ZEICHNER, Kenneth. Formação de professores: contato direto com a realidade da escola. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, n. 34, p. 5-15, 2000.
- ZELIC, Marcelo. A reparação que não virá. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 85, p. 10-13, 2014.
- ZHAO, Yong. O céu e o inferno da educação. **Carta na Escola**, São Paulo, n. 92, p. 12-15, 2014.
- ZIEMER, Roberto. A lição do medo. **Educação**, São Paulo, n. 93, p. 5-7, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. “O jovem lê muito. Porque a escola manda”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 28, p. 26-27, 1989.
- ZIRALDO [Alves Pinto]. “A escola não está preparada para a mágica da leitura”. **Nova Escola**, São Paulo, n. 25, p. 26-29, 1988.
- ZISKIND, Hélio. Aprender por afeto. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 44, p. 8-11, 2012.
- ZORZI, Jaime Luiz. A escola ignora quem não consegue aprender. **Nova Escola**, São Paulo, n. 194, p. 24-26, 2006.

POSFÁCIO

Em 29 de fev. de 2020, às 14:47, Julio Groppa Aquino escreveu:

Queridíssima, fiquei 90 dias trancado, pelo menos 12 horas por dia, cuidando da finalização do tal Inventário. Sumi do mundo por completo. Estou quebrado. Corpo, alma e tudo que há entre um e outra. Resolvi aumentar o número de verbetes de 300 pra 310, e então pra 330 e, no final, pra 333. No momento, mais de 1000 páginas. E a conta não fecha. Ainda faltam três verbetes novos. E lá se vão alguns anos nisso. Esse Inventário tem sido infernal. Saudade de ti, toda ela. Mil bjs.

Em 29 de fev. de 2020, às 15:01, Sandra Mara Corazza escreveu:

Infernalmente amado, 333 trilhões de vezes vezes 333 trilhões...

Em 29 de fev. de 2020, às 15:02, Julio Groppa Aquino escreveu:

O que seria de mim sem você?

Em 29 de fev. de 2020, às 15:02, Sandra Mara Corazza escreveu:

Bruxo, me mandas um verbete para eu ter um naquinho?

Em 29 de fev. de 2020, às 15:03, Julio Groppa Aquino escreveu:

Mando. Vou escolher um bacana. Mas veja: meu trabalho todo foi de edição. Não há uma linha de interpretação em nada, apenas remontagem. Na verdade, é uma instalação discursiva gigantesca, uma espécie de documentário de enunciados sem fim. Só.

Em 29 de fev. de 2020, às 15:16, Sandra Mara Corazza escreveu:

Sugestão de subtítulo para o Inventário: "Ragnarok".

Em 29 de fev. de 2020, às 15:17, Julio Groppa Aquino escreveu:

Hehehe. Seria justo. Mas precisarei da sua ajuda para definir umas coisas finais. Me dê uma semana. Aí te envio a máquina toda. Ela só funciona no conjunto, creio. Uma parte dela isolada não dá o efeito necessário. Mesmo assim, vou te enviar a lista final dos verbetes pra você ter uma ideia e me dizer o que pensa sobre isso.

Em 29 de fev. de 2020, às 15:22, Sandra Mara Corazza escreveu:

Copy, baby.

Em 29 de fev. de 2020, às 15:28, Julio Groppa Aquino escreveu:

E-mail enviado. Bj.

Em 29 de fev. de 2020, às 15:29, Sandra Mara Corazza escreveu:

Meu gigante.

Em 29 de fev. de 2020, às 15:40, Julio Groppa Aquino escreveu:

Querida, eis a lógica do Inventário: 15 excertos de diferentes personagens/depoentes (mais de 800) e tempos (arco de 34 anos). Ao todo, 332 verbetes x 15 + 1 verbete x 20 = 5.000 passagens. Segue a lista dos verbetes segundo as categorias gerais que pensei. Haveria outra ordenação possível? Digame suas impressões, por favor. Você será cobaia da máquina. D'accord? Bjs.

Em 29 de fev. de 2020, às 20:25, Sandra Mara Corazza escreveu:

Bah, Bruxo! Difícil, pra mim, diante da Lista, outra sensação, que não o mistério estupefato da sua composição. E o estarecimento assombrado que o acompanha. Tanto mais impossível qualquer juízo sobre a poesia-lógica que ergueu os andaimes desse trabalho enciclopédico de garimpo e de escolha. Não me atrevo. Só tu sabes os motivos gigantescos das tuas inflexões e composições ordenatórias. A nós, resta aproveitar, se não formos bestas. Grata pela confiança. Mas não ousou nem pensar em sugerir movimentar qualquer peça. O tabuleiro está completo e perfeito, enquanto o jogo se fez. Mesmo que os seus caminhos tenham sido tortos. Viva o teu trabalho! Feliz por estar próxima. Bjs.

Em 1 de mar de 2020, às 15:42, Julio Groppa Aquino escreveu:

Querida, como te disse, estou nos estertores dos estertores dessa coisa ciclópica. Bem pazzo, pra dizer a verdade. Síndrome de Estocolmo da mais pura. Assim que eu tiver encerrado todos os verbetes, envio o pacote todo. Isso porque não tem muito como explicar; tem que pôr a traquitana em funcionamento, experimentá-la. Faltará a apresentação, apenas. Estou sem energia alguma pra isso. Aguardemos. E mil obrigados pela tua companhia. Sempre. Bjs.

PS: pensei em “Inventário Analógico do Discurso Educacional Contemporâneo”. Não queria nada de muito hiperbólico ou enigmático. Às vezes, penso na ideia de “Dicionário” também, já que ele efetivamente o é (a inspiração primeira foi do “Dicionário Analógico” do Azevedo). Talvez “Dicionário Analógico do...” ou “Inventário do...”. Que lo sea.

Em 1 de mar. de 2020, às 19:42, Sandra Mara Corazza escreveu:

1. Se tomas o gênero “inventário”, tens um tipo de procedimento de inflexão e textual; se “dicionário”, tens outro diverso. Penso que a escolha da forma/gênero não é sem consequências. 2. Título: veja com 2 pontos - “Discurso educacional contemporâneo: inventário analógico”. (Respira-se.) Beso.

Em 2 de mar. de 2020, às 08:42, Julio Groppa Aquino escreveu:

Sim, o respiro necessário. Gratidão sempre. Bj.